J. A. Telles da Silva
Lista nº 8 - nº 163

PORTVGALIA

TOMO PRIMEIRO.—FASCICULOS 1 A 4

1899-1903

PORTVGALIA

Materiaes para o estudo do povo portuguez

POLA GREY

TOMO I. — FASCICULOS 1 A 4

Director - Ricardo Severo
Redactor em chefe - Rocha Peixoto
Secretario - Fonseca Cardoso

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPRA
244191

PROSPECTO

Esta publicação não surge a proposito, como tantas outras, moldada de geito a preencher determinada lacuna; corresponde a um dado momento da vida nacional, representa uma geração temperada para realisar a sua Obra — cumprirá um destino.

Será desde o primeiro tomo um Archivo Nacional de *materiaes para o estudo do povo portuguez*, monographias de inquerito a toda uma collectividade desde as suas origens, considerando o individuo, as raças, os povos, na sua naturesa intima e modos de ser, usanças, civilisações, historia...

Admittida a nação portuguesa actual como um organismo ethnico com vida propria independente — com rasões de ser de ordem ethnologica e historica — procura-se estudal-o por todos os seus aspectos, definindo a naturesa e relações dos proprios elementos, a physiologia e mesologia da sua vida organica e *habitat*, accentuando os caracteres especificos que formam e explicam actualmente os typos nacionaes.

O problema, d'esta sorte enunciado, mostra-se de momentosa complexidade.

Os processos de investigação, porém, marcam limites, estabelecem o programma. Applicar-se-hão formulas precisas de analyse, por partes; e, de toda a

vasta nebulosa da questão, serão considerados em especial os nodulos que melhor condensam os elementos originarios do todo.

E eis o itinerario. Observar-se-ha simplesmente, e sobretudo, o fundo popular, A GREY, no sentido hierarchico e usual do termo.

Estudar-se-ha o povo portuguez, medindo-o, classificando-o em series e graphicos, separando-o em grupos de determinado aspecto ethnico; recolher-se-hão todas as manifestações da vida popular, de hoje e do passado, especialisando as formas e caracteres que naturalmente representam o typo physico, moral, intellectual do homem e das povoações que occupam os nossos valles e serranias.

São postas de lado as manifestações eruditas das sciencias, artes, lettras e industrias, embora n'ellas se presintam tonalidades da alma popular; consideram-se assumptos de especiaes monographias, constituindo em todo o seu desenvolvimento outros tantos capitulos da geral anthropologia portuguesa; e porque essas expressões superiores da vida de uma nacionalidade accusam sempre influencias extranhas de technica, estylo ou eschola, com elementos importados de erudição e de estudo — cada qual reclama extenso archivo e volumoso tratado.

Outros de nomeada competencia se teem consagrado com brilho ao exame de todas essas producções monumentaes. A nós caber-nos-ha por agora, e tam sómente, o *substractum* da nacionalidade, o que ha de primitivo e original, desde remotas origens até hoje — ahi colheremos os verdadeiros elementos da vida e do caracter nacional, a nossa rasão de ser e da nossa historia.

Propor-se-ha o renascimento da verdadeira alma popular — inicia-se com patriotismo e esperança obra tradicionalista de reivindicação pela grey portuguesa.

Obedeçam a este intuito todos os que no paiz pensam e estudam. Abrir-se-ha um novo periodo de RENASCENÇA dentro da propria nacionalidade, que será tambem a renascença de um velho povo.

Contamos, para seguir ao fim o caminho traçado, que collaborarão na benemerita obra todos os estudiosos do paiz; nada esperamos do publico, e, não obstante, proseguiremos.

Porto, 1 de Setembro de 1898.

RICARDO SEVERO.

COLLABORADORES LITTERARIOS

Adolpho Coelho, A. Duarte Silva, Albano Bellino
Alberto Sampaio, Alfredo Bensaude, Antonio Arroyo, A. Augusto Gonçalves
Armando da Silva, A. Goltz de Carvalho, A. Thomaz Pires
Basilio Telles, B. Dias Coelho, D. Carolina Michaëlis, F. Alves Pereira
Figueiredo da Guerra, F Loureiro, Gabriel Pereira, H. Botelho, J. A. Fonseca Pedrosa, J. Jardim
J. Magalhães Lima, J de Vasconcellos, José Caldas, J. Fortes, J. Pereira de Sampaio
J. Joaquim Nunes, Julio de Mattos, J. Moreira, J. Picão, D. Luiz de Castro
Luiz de Magalhães, Manoel Ramos, M. Vieira Natividade, Martins Sarmento
Mello de Mattos, Menezes Pimentel, P. Belchior da Cruz
P. Fernandes Thomaz, Rodrigues Monteiro, Santos Rocha, S. de Carvalho
Sousa Viterbo, Tavares Teixeira, Theophilo Braga, etc., etc.

COLLABORADORES ARTISTICOS

A. Costa, D. Aurelia de Sousa, A. Augusto Gonçalves, Augusto Cabral
Bielman, Carlos Villares, Christofanetti
D. Clotilde da Rocha Peixoto, Corrodi, E. Casanova, Fiorentini, F. Gil, H. Noronha, J. Arôso
Julio Costa, L. Battistini, M. Soá, Silva Rocha
Silvestro Silvestri, Torquato Pinheiro, Van Kricken, etc., etc.

MONOGRAPHIAS GERAES E PARCELLARES

SOBRE

PALETHNOLOGIA E PALETHNOGRAPHIA

Origens ethnicas do povo portuguez.
Civilisação primitiva desde os tempos ditos eolithicos.
Archeologia prehistorica. Os tempos protohistoricos: a edade dos metaes; as cividades e os castros; mappa da sua distribuição. A epocha luso-romana: vias e estações militares; monumentos; as necropoles. Mappa palethnologico do paiz.

ANTHROPOLOGIA E ANTHROPOMETRIA

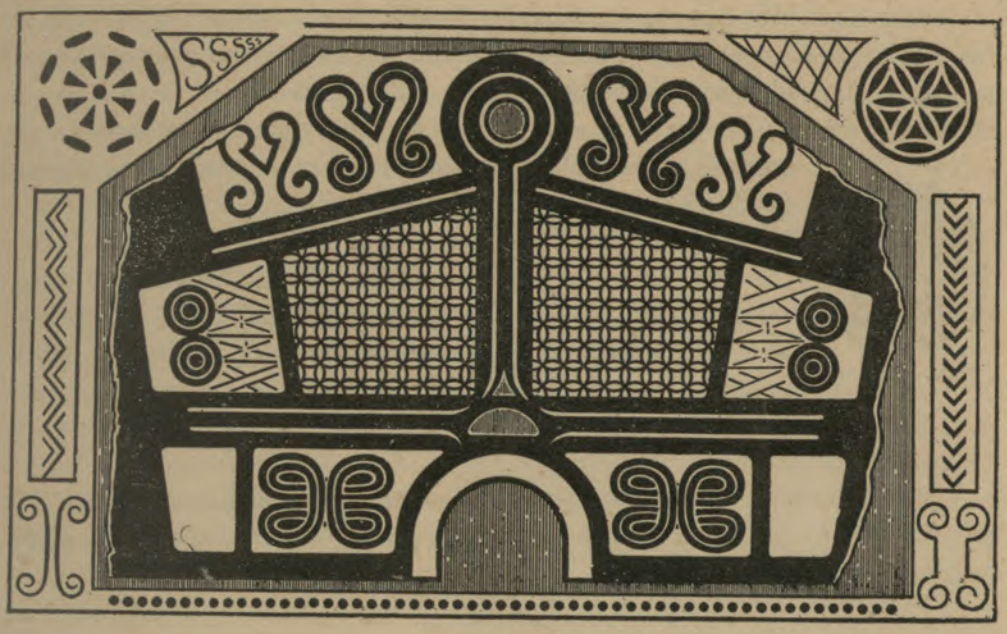
Raças primitivas da Lusitania. A população portuguesa.
Seus caracteres anthropometricos:
craneometria, estaturas, etc.; côres dos olhos, cabellos e pelle. Mappas dos caracteres anthropologicos das varias regiões do paiz.
Destrinça das influencias ethnicas que determinaram a formação do portuguez actual.
Esthesiometria. Demographia.

ETHNOGRAPHIA E FOLK-LORE

As tradições populares. Habitação do povo portuguez. Alimentação; recursos naturaes do solo. Vestuario. Mobiliario domestico. O trabalho.
A vida, a economia e a alfaia agricolas. A caça. A pesca.
As industrias populares no presente e no passado. Esthetica popular: a architectura, a esculptura, a pintura, a litteratura, a musica e a dança.
Formas sociaes. Formas da vida religiosa. Formas da vida especulativa.

ARCHEOLOGIA E HISTORIA

Estudos subsidiarios e complementares dos anteriores. Epigraphia. Numismatica.



A ARTE MYCENICA NO NOROESTE DE HISPANHA

or mais d'uma vez tenho alludido á surpreza, que sentiram alguns membros do Congresso Anthropologico de Lisboa, quando visitaram a Citania e, examinando os baixos relevos desenterrados nesta estação e na de Sabroso, descobriram estreitas analogias entre o estylo ornamental destas reliquias e as que Schliemann desenterrou em Tyrintho, Mycenas, etc. Pode ver-se principalmente — E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques d'Espagne et du Portugal*, pag. 273-94, e R. Virchow, no *Compte rendu de la neuvième session à Lisbonne*, do congresso já nomeado, pag. 647-62. O leitor, que folhear o escripto deste ultimo sabio, sentirá de certo que, além da reproducção das nossas esculpturas, elle não publicasse egualmente a das gravuras da obra de Schliemann, com que as compara, em vez de limitar-se a simples referencias. Vou eu encarregar-me desta tarefa, juntando as observações, que me parecerem uteis para o esclarecimento das questões, que esta comparação suscita.

Começarei pelo triscelo e tetrascelo; porque, sendo representações symbolicas alheias ao povo phenicio [1], ficamos livres do mais importuno concorrente, que podia ser lembrado como propagador d'uma arte qualquer entre os barbaros do extremo occidente. O triscelo e o tetrascelo, formas conhecidas do swastika, são vulgares na civilisação mycenia. Do livro de Schliemann, *Mycènes* (traducção francesa), tiramos ao acaso os dous exemplares seguintes (fig. 1 e 2).

Fig. 1.— Mycenas.

Em Sabroso encontra-se o triscelo (fig. 3); na Citania o triscelo e o tetrascelo (fig. 4 e 5). O tetrascelo (fig. 5) está associado com uma outra figura, cujos correspondentes M. Virchow indica, mas que porêmos de lado, para não alargar muito este escripto. Mais importante e curiosa é a sua associação e a do triscelo com uma cruz, a que chamariamos hoje cruz de Malta (fig. 6).

Isoladamente, esta cruz encontra-se n'outras partes da Europa [2]; mas não sei que até hoje tenha apparecido ligada ao swastika, senão na Citania e em Mycenas (fig. 7).

Isto não quer dizer que não venha a apparecer; é mesmo provavel que sim; as coincidencias apontadas são porém, para o nosso caso, d'um valor excepcional, sobretudo quando se adverte que o exemplar do nosso paiz não pertence a um desses objectos que podiam ser trazidos na corrente d'um commercio extrangeiro, mas consiste n'uma esculptura em pedra, denunciando por tanto uma tradição artistica perfeitamente naturalisada [3].

Fig. 2.— Mycenas.

Na Citania e em Sabroso o swastika, salva a excepção que logo notaremos, apparece em pequenas pedras e fóra do seu logar primitivo, sendo por isso impossivel determinar precisamente o sitio, que elle occupou na construcção desmoronada, de que fez parte. Ha porém boas razões para acreditar que todo o luxo architectonico das nossas estações se concentrava na frontaria das casas, ou melhor nas suas portadas, sendo por isso muito provavel que as pequenas pedras com swastika estivessem embutidas logo acima da padeeira, quando a padeeira era liza, que é o caso mais vulgar [4]. Se era ornamentada, e entre os ornatos figurava

---

[1] É a opinião hoje mais seguida. Consulte-se, entre outros, Goblet d'Alviella, *La migration des symboles*, pag. 94. Entende tambem este escriptor que o swastika é «quasi uma propriedade exclusiva da raça ariana.» M. Salomon Reinach acha impertinente que se lhe negue um caracter symbolico.

[2] Póde ver-se, por exemplo, G. Mortillet, *Musée préhistorique*, pl. XCIX e C.

[3] No mesmo caso estão todos os objectos de que neste escripto me occupo. Se alargasse o meu exame aos objectos de barro e de bronze, como fez M. Virchow, não me faltaria que dizer, embora deva accrescentar que as escavações da Citania e de Sabroso foram muito mais ingratas do que devia suppor-se.

[4] Na Citania encontram-se alguns triscelos vazados, deixando entrar o ar e a luz, por ex. fig. 4, e esta particularidade não contribuiu pouco para me suggerir a hypothese exarada no texto. A proposito de cousa muito differente, dizia-me ha dias, em carta, o snr. Pedro Augusto Ferreira,

o swastika, é natural que este occupasse o logar d'honra; e isso mesmo vemos nós n'uma pedra estreita e comprida, que era indubitavelmente uma padeeira (fig. 8).

O tetrascelo apparece aqui entre duas figuras muito rudimentares, que de certo queriam representar dous florões. Tão rudimentares são ellas, que se não prestam a qualquer comparação; mas aqui temos outra padeeira com duas figuras nitidamente insculpidas (fig. 9) e que tem em Mycenas similares quasi perfeitos (fig. 10.)

Certamente este ornato não é exclusivo da arte mycenia; mas, visto ser empregado nella, fôra desarrasoado procurar-lhe uma procedencia differente da dos outros ornatos que nos occupam. E agora, como o emprego dos florões é vulgar nas portadas de Mycenas — palavras de M. Perrot [1], o seu emprego nas portadas das nossas cabanas só poderia ser lançado á conta do acaso, sem as concordancias que ficam expostas e outras que já veremos. Está claro que ninguem pode exigir sempre e em todas as particularidades uma concordancia perfeita, quando ainda para mais entre as luxuosas construcções mycenias e as casinholas dos nossos occidentaes ha uma distancia enorme, e quem sabe quantos seculos d'intervallo! As differenças explicam-se muito bem; as coincidencias repetidas é que se não podem explicar pela intervenção do acaso.

Fig. 3. — Sabroso.

Posto isto, examinemos a ornamentação mais commum nas portadas das nossas cabanas. Encontra-se por mais d'uma vez nas hombreiras de Sabroso e da Citania (fig. 11).

Se comparamos esta ornamentação com a da porta d'um tumulo de Mycenas (fig. 12), achamos plena concordancia n'um ponto e algumas differenças n'outros. A da portada de Mycenas compõe-se quasi exclusivamente d'uma serie de

---

abbade de Miragaia, ter visto em Poiares (concelho de Freixo d'Espada á Cinta) algumas cabanas redondas com tecto de colmo ou giestas e com uma fresta por cima da padeeira da porta. Eu tenho dicto que, no meu entender, o passado está mais perto de nós do que geralmente se imagina, e, como se vê, não é o caso em questão que me faria mudar d'ideias.

[1] *Histoire de l'art dans l'antiquité*, vol. VI e pag. 641. A pag. 552 pode ver-se a ornamentação da portada d'um tumulo rupestre, unicamente composto de *rosaces* ou florões. Quando citar Perrot, é sempre a este volume da sua obra que me referirei, omittindo por brevidade o nome do seu collaborador Chipiez.

postes; na nossa hombreira ha, sim, uma serie de *postes*, mas em duplicado; ha além disso o torso duplo, que ás vezes, chegando ao nivel da soleira, quebra em angulo recto e se torna triplo, prolongando-se para ambos os lados da casa. Se porém se prova que nenhum destes motivos ornamentaes é alheio á arte mycenia, a sua accumulação nas nossas esculpturas não argue, antes pelo contrario, uma differença d'origem. Ora a serie de *postes* parallelos apparece a cada passo em objectos da civilisação do bronze [1], que é um ramo da mycenia, na opinião de M. Petrie e d'outros archeologos distinctos; apparece, e na sua forma mais primitiva, a espiral desenvolvida, n'uma vasilha de Mycenas (Perrot, fig. 464), omittindo outros exemplos, que podiamos procurar na obra citada de MM. Perrot et Chipiez. O torso em pedra, que se suppoz em tempo só pertencer a uma epocha relativamente moderna, provou Belger que se encontra em Mycenas e na acropole d'Athenas [2]. O torso duplo pode ver-se nas fig. 319 e 374 da obra de Schliemann [3]; o torso triplo, e tendo com o nosso a mais completa similhança, encontra-se n'uma stella, publicada por M. Zanoni, pertencente á civilisação ombria, isto é, á civilisação mycenia, importada pelos Ombrios para a sua patria adoptiva [4].

Fig. 4. — Citania.

Não ha pois outro remedio senão admittir que tanto na ideia d'ornamentar as portadas, como nos motivos desta ornamentação, ha entre os artistas occidentaes e os de Mycenas a influencia d'uma mesma tradição, e que as differenças, que possam apontar-se, não enfraquecem de modo algum esta verdade.

Fig. 5 — Citania.

Repare-se bem, e lá se verá o torso triplice na moldura central da Pedra Formosa; e nenhum dos ornatos deste monumento deixa de ter similares mais ou menos completos nos productos da arte mycenia. Assim M. Virchow compara o ornamento da parte inferior da nossa pedra com o da parte inferior d'uma stella de Mycenas (*Mycènes*, fig. 141); e, quanto ao da parte superior, lembrava as figuras curvilineas, que são um dos mo-

---

[1] Pode ver-se Mortillet, obra cit. pl. LXXIII; O. Montelius, *La Suède préhistorique*, pag. 42 e 62; e comparar Perrot, pag. 622 e 624.

[2] Vide S. Reinach, *Chronique d'Orient*, na *Revue Archéologique* de 1895, II, pag. 336-7.

[3] E compare-se tambem a fig. 215, um fragmento de marmore.

[4] *Gli scavi della Certosa di Bologna*, tav. CL. Sobre as affinidades da civilisação ombria e mycenia deve ver-se, entre outras, a obra de MM. Alexandre Bertrand e S. Reinach: *Les Celtes dans les vallées du Pó et du Danube.*

tivos favoritos d'aquella arte. E, de facto, se comparamos a ornamentação da parte superior da Pedra Formosa (fig. 13) com a do seguinte artefacto de Mycenas (fig. 14), as analogias saltam á vista, não sendo facil decidir desta vez qual dos dois trabalhos é mais barbaro.

Concordancia, pode dizer-se perfeita, ha-a sem a menor duvida entre as figuras 15 e 16.

A primeira representa o campo principal da Pedra Formosa; a segunda a parte principal d'um ossuario de Creta (Perrot, fig. 249), e considerado como um puro producto da arte mycenia.

As provas expostas bastam, creio eu, para convencer qualquer leitor, por mais desconfiado que seja, de que entre o estylo ornamental de Mycenas e o das nossas duas estações pre-romanas existem analogias verdadeiramente indiscutiveis. Creio tambem piamente que ninguem as explicará por um milagre do acaso, e força é então subscrever a doutrina admittida hoje por muitos investigadores, segundo a qual desde tempos remotissimos se derramou por toda a Europa uma civilisação tão unitaria e absorvente, como mais tarde foi a romana [1]. Qual fosse o centro da sua civilisação, se a Thracia, a Asia Menor, as ilhas do Mar Egeu, a ilha de Creta, é esse um problema, que ainda não está resolvido; assentou-se porém em dar-lhe o nome de mycenia, e assim lhe chamaremos sempre neste trabalho.

Fig. 6. — Citania.

Como e por quem foi ella importada para o extremo occidente é um outro problema; mas parece-me a mim que possuimos documentos e tradições historicas, que nos ajudam a resolvel-o com soffrivel segurança. Vou expor algumas das rasões, em que me fundo, ou melhor repetil-as mais uma vez, não sem um certo fastio, seja dito com franqueza [2].

Partirei do noroeste da Hispanha, e designadamente das nossas duas estações. Como em ambas a civilisação que nos interessa era a mesma, e ainda vigo-

---

[1] Vide S. Reinach, *Le mirage oriental* em *L'Anthropologie,* anno de 1893, paginas 539-78; 699-732; mas, para conhecer mais de perto a questão mycenia, mal pode dispensar-se a leitura da obra de M. Perrot, já muito citada neste escripto.

[2] Como os factos, que vou expor, já foram desenvolvidos nos *Argonautas* e na *Ora Maritima,* e ahi devidamente documentados, julgo-me desobrigado de avolumar este artigo com citações de textos.

rava n'uma dellas ao tempo do dominio romano [1], a sua importação só pode ser attribuida a um povo, que desde o seu estabelecimento nestas regiões conservou inalteravelmente a sua physionomia propria. Ora, segundo um documento historico de primeira ordem, o periplo phenicio, reproduzido por Avieno na sua *Ora Maritima*, o noroeste da Hispanha, por algum tempo deserto pela emigração dos Estrymnidos para o sul de Inglaterra, foi occupado pelos Ligures e Draganes, pouco depois do seculo VII a. C. Em seguida, já depois do tempo do periplo, provavelmente no seculo IV, um bando de Celticos, destacando-se dos seus irmãos do Ana, vieram fixar-se pelas immediações do promontorio Nerio. Sendo porém a civilisação mycenia a mesma que a do bronze, ver nos Celticos do seculo IV os seus importadores para qualquer ponto da peninsula iberica seria levar a celtomania além dos limites permittidos.

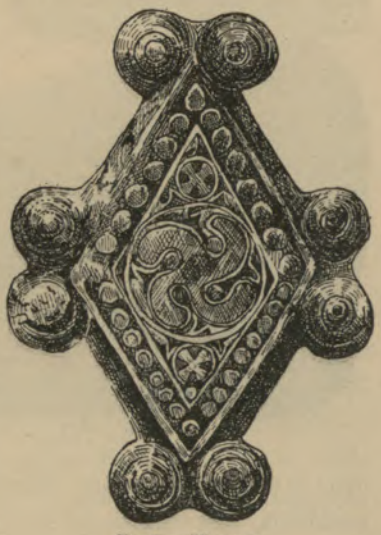


Fig. 7. — Mycenas.

Temos pois a pensar unicamente em Ligures e Draganes. Mas, conforme se infere do famoso periplo, os Ligures e Draganes haviam descido das regiões transrhenanas fugindo á feroz perseguição dos Celtas, que alli se mostraram subitamente. A nossa questão desloca-se deste modo, devendo inquirir-se como e por que caminho chegou ao alto norte a civilisação que os Ligures emigrados trouxeram comsigo para o noroeste da Iberia. Aqui temos nós a consultar principalmente os mythographos do 10.º trabalho d'Hercules, das Argonauticas e dos Errores d'Ulysses, que reproduzem cada qual a seu modo a primeira expedição dos Phenicios para a região do estanho, e que, supposto deturpassem em alguns pontos a velha narrativa phenicia, tão ingenuamente o fizeram, que a restauração della não offerece grandes difficuldades.

Destes documentos extrahem-se varios factos, que esclarecem vivamente a nossa questão. Em primeiro logar, é certo que a causa determinante da expedição, figurada pelos phantasistas gregos como uma conquista dos bois de Geryon, a conquista do velocino d'ouro, etc., não foi na realidade senão o ardente desejo, sentido pelos Phenicios, d'explorar directamente os mercados do estanho britannico, já então florescentes, e que haviam dado origem a um notavel movimento maritimo e commercial, tanto para o sudoeste da Hispanha pela estrada do Atlantico, seguida pelos aventureiros semitas, como para o interior da Europa pelas vias fluviaes do Rheno, Danubio e Rhodano. Assim fica documentada a opi-

[1] A Citania deve ter perdurado até o tempo de Constantino, visto terem-se alli encontrado moedas deste imperador. Em Sabroso não ha vestigio algum d'influencia romana.

nião de M. John Evans [1], quando sustenta que a civilisação do bronze na Inglaterra era muito anterior ao seculo XII, isto é, á chegada dos Semitas ao Mar do Norte.

Agora não é menos certo, em vista da Heraclea, que eram os Albiões os senhores dos mercados do estanho e os principaes impulsores da actividade maritima e commercial, que a argonautica nos revela a cada passo; e nenhuma duvida pode haver tambem que foram elles, os Albiões, que, chegando á sua ilha, descobriram as riquezas minerias, que a tornaram celeberrima, attrahindo a ella numerosos consumidores, e desenvolvendo um trafico consideravel nas duas direcções já apontadas acima. Como se abriram estas estradas commerciaes é ainda um facto, que a Argonautica nos põe a claro, desde que se adverte que aos Albiões hão de ser applicadas certas noticias, que ella applica aos Colchidios, em obediencia ao grande prejuiso que identificou a ilha Ea, innegavelmente a mesma que a Erythia

Fig. 8. — Citania.

do 10.º trabalho, com a Colchida, que aliás nem sombra tem d'uma ilha. Para confirmação plena da justeza da nossa critica basta o theor da seguinte noticia. A proposito da escapula pelo Rheno e Rhodano, ensinada aos Argonautas por um insular da supposta ilha Ea, conta-lhes elle que os seus habitantes eram uma das innumeraveis colonias, que um heroe anonymo, percorrendo a Asia, provavelmente a Asia Menor, e depois a Europa, tinha ido deixando ao longo do seu caminho, que só podia ser, como se vê, o do Danubio e Rheno [2]. Advirta-se que o amigo dos argonautas crê de seu dever mencionar esta tradição, para explicar as razões, por que elle e todos os seus compatriotas conheciam as fontes do Danubio, Rheno e Rhodano, a navegação destes rios, e os mares, em que elles desembocavam. A escapula pelo Rheno e Rhodano é um acontecimento historico d'uma certesa inabalavel; mas um colchidio, que a aconselhasse no seculo XII a. C., seria possivel sómente, se a Colchida por um milagre inaudito se tivesse mudado para o logar da ilha dos Albiões, a Inglaterra.

---

[1] J. Evans, *L'âge du bronze*, pag. 515, comp. com a pag. 521.

[2] Vide *Os Argonautas*, pag. 216 e seg.

O certo é que temos aqui uma tradição, cuja authenticidade historica ninguem será capaz de destruir, dizendo-nos positivamente que já muito antes do seculo XII, em que os Phenicios arribaram á Inglaterra, alli tinha chegado um povo, trazendo comsigo a civilisação do bronze, a que deu um extraordinario desenvolvimento, pelo facto de lhe baratear o estanho. Já observei por mais d'uma vez [1] que a famosa tradição argonautica se encontra quasi traço por traço nas tradições cambricas, onde se lê que os Kymros, que se davam como os primeiros civilisadores da Inglaterra, e são sem duvida os mais puros representantes dos Albiões, foram

Fig. 9. — Citania.

conduzidos á sua ilha por Hu Gadarn, tendo vindo do paiz d'Af (Constantinopla), inferindo já os antigos commentadores que o seu caminho só podia ser o do Danubio e Rheno. Nas tradições druidicas da Gallia parte da população deste paiz fôra alli condusida pelo Hercules *antiquoir*, e para mim é mais que provavel alludir-se aqui ao mesmo acontecimento, que as triadas cambricas nos poderam conservar, em virtude de differentes circumstancias, que n'outros escriptos temos discutido. Deve ainda lembrar-se a celebre noticia d'Herodoto ácerca desses Hyperboreus, emigrados para o alto norte, para além dos limites da Thracia e da Scythia, diz elle, mas que ficaram tão ligados á religião, e por tanto á civilisação dos Gregos, que por muito tempo enviaram donativos aos seus sanctuarios [2]. Por outro lado, para alguns archeologos, a civilisação de bronze já pelo seculo XVI a. C. [3] florescia nas cidades lacustres da Suissa; a mesma data é assignada por M. John Evans para a civilisação de bronze nas ilhas britannicas; e emfim M. Montelius admitte, fundado em certos factos, que desde uma alta antiguidade o estanho britannico e o ambar do Baltico tinham achado uma estrada para o sudeste da Europa [4].

Fig. 10. — Mycenas.

Conclue-se destes factos e destas opiniões que a celebre tradição argonautica ácerca da procedencia dos Albiões e da migração, de que elles faziam parte, é

---

[1] Nos dous escriptos, *Os Argonautas* e *Ora maritima*.

[2] Vide o *Compte rendu* do Congresso Anthropologico de Lisboa, pag. 407-10.

[3] G. Mortillet, *Le préhistorique*, pag. 618.

[4] *L'Anthropologie*, anno de 1892, pag. 459-60.

confirmada por varios modos; attendendo porém á sua origem e aos caracteres indiscutiveis da sua authenticidade, o seu valor nunca pode ser encarecido de mais. Não exagerei pois affirmando a existencia de documentos e de tradições historicas, a cuja luz podiamos conhecer como e por quem a civilisação mycenia havia sido importada para o extremo occidente. Não esqueço os meus Ligures. Á mesma migração, a que pertencem os Albiões, os introductores da civilisação de bronze na Inglaterra, pertencem sem duvida os Ligures do alto norte. Nós vemol-os associados aos Albiões na sua lucta contra Hercules, isto é, contra os aventureiros phenicios; de Ligures na foz e margens do Rheno falla-nos Hesiodo n'uma noticia, duplamente apreciavel, por nos dar indicações precisas sobre o arianismo da sua mythologia, mythologia de que Diodoro Siculo nos esboça mais tarde um curioso resumo [1]; pelo periplo phenicio, que já citamos mais d'uma vez, sabemos que os Ligures se tinham estendido até o Baltico, talvez até o sul da Scandinavia, e alli dominaram até o seculo VII a. C., em que foram escorraçados pelos Celtas, provavelmente de toda a direita do Rheno. São alguns bandos destes fugitivos que vieram refugiar-se no noroeste da Hispanha [2], e a elles attribúo sem a menor hesitação a propriedade das estações preromanas desta região, Sabroso, a Citania e todas as suas congeneres, que não possam remontar além do seculo VII a. C.

Fig. 11. — Sabroso.

Eu faço esta restricção chronologica, para poder accrescentar que de modo nenhum affirmo não deverem encontrar-se vestigios da civilisação e da arte mycenia no noroeste da Hispanha antes da chegada dos Ligures de periplo. Tenho, ao contrario, sustentado e sustento que os Oestrymnios, seus predecessores nesta parte da peninsula, pertenciam, como os Cynetos e os Tartessios, á mesma migração que os Albiões; tinham a mesmissima civilisação; d'onde resulta que tanto nas estações abandonadas pelos Oestrymnios, como nas dos Cynetos e Tartessios, as explorações archeologicas devem encontrar reliquias muito similhantes ás das duas estações minhotas. E certo é que em muitos objectos, desenterrados por M. L. Siret n'uma parte da antiga Tartessia, a

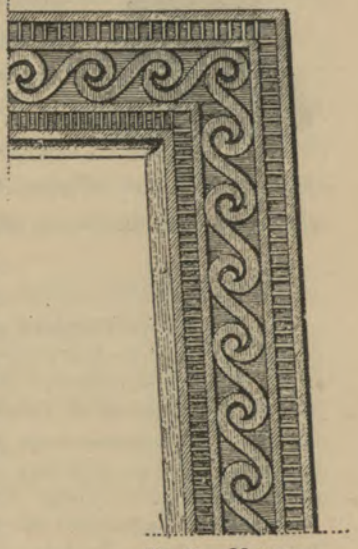


Fig. 12. — Mycenas.

[1] Sobre esta questão importantissima veja-se *Ora maritima*, pag. 112 e seg.

[2] Talvez deva accentuar-se que Plinio conhece tambem uns Albiones no noroeste da Hispanha. *H. N.* IV, III.

civilisação mycenia tem sido francamente reconhecida e, segundo a valiosa opinião de M. S. Reinach, esta civilisação desceu do norte [1]. As nossas grutas sepulchraes do typo das de Palmella tem sido approximadas intencionalmente dos tumulos de cupulas [2], vulgares na civilisação mycenia, devendo a ornamentação da sua ceramica ser comparada com a de Sabroso; e, para cortar uma digressão que nos levaria muito longe, eu não sei que entre a civilisação chamada de bronze e a romana seja demonstrada a existencia d'uma outra que mereça este nome.

Fig. 13. — Citania.

Voltando ao ponto, de que me ia afastando, se restringi as minhas observações ás estações gallegas posteriores ao seculo VII, é porque principalmente a Citania, além de nos fornecer valiosos materiaes d'estudo, não deixa a menor duvida, pelo facto de florescer ainda em tempos da dominação romana, de que os seus constructores e habitantes, muito familiarisados com a civilisação mycenia, não só eram posteriores aos velhos Oestrymnios, mas não podiam ser senão os Ligures e Draganes, conhecidos por um documento historico d'incomparavel valor. Adquirimos deste modo uns poucos de factos certos e positivos e uma orientação ethnographica segura. Se ella hade ou não ampliar-se ás outras partes do nosso paiz, as explorações archeologicas o dirão. Eu creio convictamente que sim.

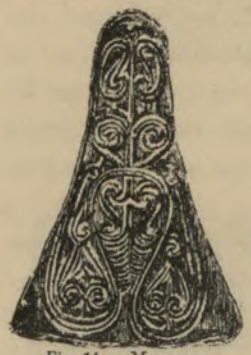


Fig. 14. — Mycenas.

Já affirmei atraz que a civilisação dos nossos Ligures persistiu durante a dominação romana [3], e vou citar um facto duas vezes digno de nota. Com a dominação romana entra na Citania, além d'alguns artigos de commercio, o uso da escripta. Assim nós vemos uma padeeira da Citania

---

[1] Vide *L'Anthropologie,* anno de 1892, pag. 387 e seg. É um artigo de M. L. Siret. Deve comparar-se com as observações, que lhe faz M. S. Reinach na *Revue Archéologique,* anno de 1893, I. pag. 93. Veja-se tambem o artigo já citado deste ultimo sabio, *Le mirage oriental.*

[2] É opinião de M. Perrot, obr. cit. pag. 602, e de M. Reinach, *L'Anthropologie,* anno de 97, pag. 19, que os monumentos sepulchraes de forma circular e terminando em cupula são uma imitação da cabana primitiva. No mesmo caso estaria uma urna funeraria em forma de cabana, encontrada perto da antiga Alba Longa, e muita vez reproduzida pela gravura. Pode ver-se em Antony Rich, *Dictionnaire des antiquités Romaines,* s. verb. *casa,* 1. Casas circulares existiam na Italia, na Gallia, nas cidades lacustres da Suissa, na Inglaterra, etc., e entre nós são conhecidas em muitas outras partes, além da Citania e Sabroso. Eu quero concluir que nenhuma rasão ha para as considerar como extranhas á civilisação mycenia, embora na Grecia, segundo parece, não tenham sido encontradas até hoje. M. Perrot inclina-se á ideia de que a solução do problema talvez venha a ser descoberto na Phrygia. No que convem insistir e muito é que na Citania e em Sabroso as casas ornamentadas são, regra geral, precisamente as circulares.

[3] Ia dizer—atravessou a civilisação romana; mas seria necessario citar factos, que não veem aqui a proposito. Nos seus escriptos M. S. Reinach sustenta a perpetuidade da arte mycenia, e não é o unico desta opinião.

com o nome de *Camali*, outra com a inscripção *Coroneri Camali domus* [1], mas as hombreiras, que sustentam estas padeeiras, são inteiramente mycenias pela sua ornamentação; e em geral, se abstrahimos do uso da escripta e dos artefactos commerciaes já mencionados, a Citania, salvas as proporções, tem o mesmissimo aspecto que Sabroso, onde a influencia romana se não fez sentir.

Escusado será dizer que considero como liguricos os nomes de Camalus e Coronerus, e egualmente os de Medamus, Viriatus, Caturo, Larus, que tambem se encontram na Citania. Na opinião corrente são elles tidos por celticos da melhor agua; mas como celtico da melhor agua era tido d'antes o nome de Bormanico, e depois que Mullenhoff e M. de Jubainville estabeleceram que elle era ligurico, não é de crer que a opinião velha volte á praça. Ora para regeitar a celticidade do nome de Bormanico ha as mesmas rasões, que para regeitar a dos nomes de Camalus, Coronerus, Medamus, etc. O deus Bormanico foi desceltisado, por se provar que elle era adorado na Liguria do Mediterraneo, onde os Celtas não exerceram a minima influencia; e eu não sei que alguem seja capaz de provar que os celtas exerceram a minima influencia na Citania. Aqui não podiam entrar outros celtas senão o bando, que se destacou dos Celticos do Ana, e, acamaradado com outro bando de Turdulos, fez para o norte uma excursão, cujo fim é ignorado. Mas Celtas e Turdulos, chegando ás margens do Lima, rompem em hostilidade aberta, dizimam-se mutuamente, e nós sabemos que os Celtas, destroçados e sem chefe, foram fixar-se nas immediações do promontorio Nerio, onde Plinio os conheceu, destinguindo-os positivamente dos outros povos do noroeste da Hispanha [2].

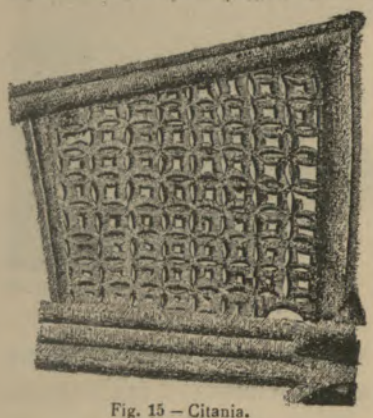


Fig. 15 – Citania.

Admittiremos que esta gente, que nem em campo aberto poude levar a melhor d'um bando de Turdulos, era capaz de levar d'assalto as cidades fortificadas, como a Citania, e tornar-se aqui tão predominante, que só os nomes dos seus magnates figuram nas inscripções que sabemos? Mas nesse caso a sua dominação hade revelar-se por algum signal. Que é delle? A ceramica é a mesma; a architectura a mesma; o mesmo tudo, e de tal sorte, que já vimos como as portadas das casas, onde algumas das incripções se encontram, são mycenias, digamos desta vez liguricas pela ornamentação, quando era agora occasião asada de vermos estes magnates intrusos mandar construir habitações novas com uma architectura sua propria.

---

[1] Na obra cit. de M. E. Cartailhac, pag. 290, vem a gravura desta padeeira. Chamo a attenção para um dos seus ornatos, uma espiral, dizendo já que a espiral em lages se encontra tanto na Citania, como em Sabroso.

[2] «*Lucensis conventus populorum est XVI, praecter Celticos.*» H. N. III, 3.

O nome de Camalus encontra-se tambem associado a um mahadeu, insculpido n'uma lage, e para mim é de fé que desta vez o nome é o d'uma divindade; mas o mahadeu [1], como os circulos concentricos, como as espiraes e outras gravuras, não esquecendo as covinhas (fossettes), remontam a uma tal antiguidade, que tem sido mesmo attribuidas aos homens da pedra polida. No nosso paiz tudo isso existia com certeza antes da chegada dos Celtas. Os Celtas apropriariam esta figura symbolica a um deus seu? Emfim uma inscripção de Vizella menciona um Medamus Camali fazendo um voto ao deus Bormanico [2], que já vimos é um deus ligurico. Aqui teriamos um Celta sacrificando a um deus ligurico. Isto não seria impossivel; mas juntemos tudo e commentemos: os Celtas appareceriam na Citania, quando a historia os mostra acantoados no promontorio Nerio; firmariam a sua dominação sobre os Ligures citanienses, mas perfilhando toda a sua cultura material, sem que mesmo por excepção deixassem o menor signal da sua cultura propria; perfilhariam tambem o culto dos vencidos, como se vê pela inscripção de Vizella, e tambem pediriam aos vencidos um symbolo para o appropriar a um dos seus deuses.

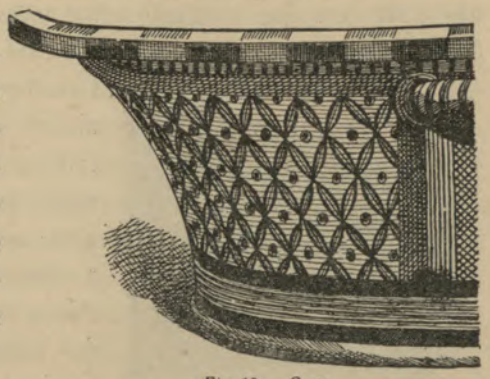


Fig. 16.— Creta.

Ora tudo isto, hade confessar-se, offende a historia, a archeologia e até o bom senso, e só uma prova d'extraordinaria grandeza poderia dar vida a uma creação tão phantastica. A prova, a unica prova, já o sabemos, é a celticidade dos nomes de Camalus, Medamus, Viriatus etc., sustentada pelos linguistas. Infelizmente para elles, os desastres que lhes tem succedido com Bormanico e outros nomes mais, não são muito proprios a abonar a sua infallibilidade; e em todo o caso a sua simples affirmativa em contraposição ás razões, que ficam acima expostas, não vale, a meu ver, absolutamente nada. Todos os nomes encontrados na Citania são tão liguricos, como o de Bormanico; e entendo mesmo que um dos grandes serviços, que nos presta o estudo desta cidade morta, é dar um golpe de morte na hypothese celtista, que tanta confusão tem lançado na nossa ethnologia.

Guimarães, Março de 1898.

F. Martins Sarmento.

---

[1] Sobre este signal symbolico veja-se A. Bertrand, *La réligion des Gaulois*, pag. 62 e seg.; sobre as outras gravuras em lages e penedos J. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania* etc. pag. 350 e seg.

[2] *Medamus Camali Bormanico v. s. l. m.* Na Citania encontra-se um *Medamus Camali*, e não é impossivel, antes provavel, que fosse elle o devoto, mencionado na inscripção de Vizella.

AS ARCAINHAS

DO

SEIXO E DA SOBREDA

COMMUNICAÇÃO PRESENTE Á

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

No concelho de Oliveira do Hospital exploramos, em companhia do nosso consocio sr. Annibal de Brito Paes, dois grandes dolmens, construidos com lages de granito, um situado nas visinhanças do Seixo e outro proximo do povoado da Sobreda.

Os proprietarios e visinhos, que assistiram aos nossos trabalhos, deram o nome de *arcainhas* aos monumentos, e tambem o applicaram aos sitios em que estes se achavam. O nome de *orca*, por que é designado o dolmen numa grande parte da Beira Alta, pareceu-nos ser alli desconhecido.

A exploração foi feita com difficuldade, ora debaixo de chuva, ora no meio d'um povo ignaro e desconfiado, que se apinhava para tudo vêr, interrompendo-nos constantemente, cobrindo-nos de chufas e procurando ás vezes prejudicar os trabalhos. No dolmen do Seixo um precioso fragmento de ceramica foi partido, para vêr se teria ouro dentro; e no da Sobreda, ao segundo dia de trabalho, encontramos dentro da crypta as pedras que haviamos feito extrahir na vespera.

Sem o auxilio d'algumas pessoas de Paranhos e do Seixo, a quem foramos recommendados, não teria sido possivel levar a cabo semelhante exploração. O povo acreditava que procuravamos *haveres* escondidos, guiando-nos por algum *roteiro;* e não podia conformar-se com a ideia de nós o irmos esbulhar d'essas riquezas.

Tumulus-dolmen do Seixo. — Este monumento está situado a SSO da povoação, distante dois kilometros approximadamente, na região montanhosa que se avisinha do Mondego.

O relevo do solo, que indicava o *tumulus*, tinha o diametro de 20^{m}. No meio erguia-se o soberbo megalitho, cuja crypta estava coberta por um monolitho com 14^{m} de perimetro e 0^{m},55 a 0^{m},6 d'espessura. Esta *mesa* colossal elevava-se a mais de 2^{m} acima do nivel actual do *tumulus* e 3^{m} acima do pavimento da crypta!

A planta da fig. 1.ª indica a fórma e o estado do monumento. O seu eixo maior era orientado de SE a NO, medindo 10^{m}; e a entrada era pelo SE.

A camara, de fórma polygonal, media approximadamente 2^{m},8 no comprimento e 3^{m},9 na largura. A abertura que dava para a galeria tinha 1^{m},30, e a largura d'esta ultima media 0^{m},7 pouco mais ou menos.

A galeria estava descoberta e inteiramente profanada. Conservava a lage n.º 20, [1] que servira de porta, seis lages de supporte no renque de E, n.ºs 11, 14, 15, 17, 18 e 19, [2] e tres no renque de O, n.ºs 12, 13 e 16, [3] todas cravadas de cutello, descobrindo uma altura de 0^{m},5 a 1^{m}, e apresentando espessura variavel entre 0^{m},2 e 0^{m},35. A lage n.º 6, que devia ter pertencido á cobertura da galeria, estava deslocada. [4]

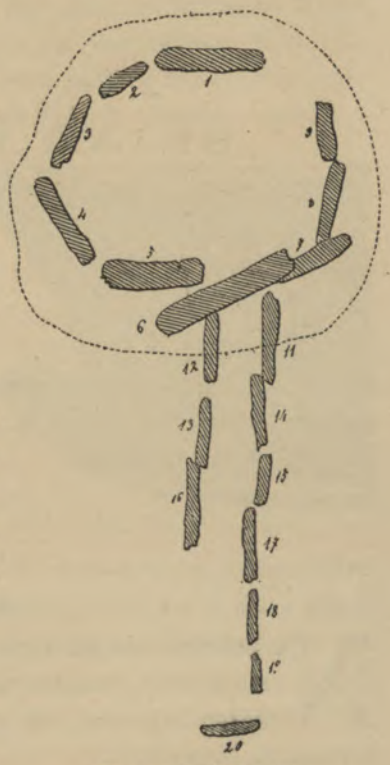


Fig. 1. — Escala de 1:100.

Na camara faltava um supporte do lado do NE, entre as dos n.ºs 1 e 9, e as dos n.ºs 4, 8 e 9 estavam partidas a meia altura approximadamente. [5] Os restantes supportes, n.ºs 1 a 3, 5 e 7, [6] attingiam 3^{m} d'altura acima do solo natural, que era formado por um granito brando, em que os constructores do monumento haviam aberto um fosso para cravarem os monolithos.

Em nenhuma das pedras notamos vestigios do trabalho dos metaes.

Sondando primeiramente o entulho no meio da camara, appareceram alguns carvões disseminados; indicio, para nós, de remeximento. A exploração provou em

---

[1] Media na largura 1^{m},2.

[2] Mediam na largura 0^{m},85 — 0^{m},9 — 0^{m},8 — 1^{m},2 — 0^{m},75 e 0^{m},4.

[3] Largura de 1^{m} — 0^{m},8 e 1^{m},2.

[4] Media no comprimento 2^{m}.

[5] Mediam na largura 1^{m},45 — 1^{m},25 e 0^{m},7 e na espessura entre 0^{m},21 e 0^{m},34.

[6] Mediam na largura 1^{m},5 — 0^{m},85 — 1^{m},25 — 1^{m},45 e 1^{m},3 e na espessura entre 0^{m},14 e 0^{m},46.

seguida que os depositos funerarios tinham sido extrahidos do monumento em data recente; e alguns comproprietarios do predio confirmaram o facto, declarando-nos que um dos interessados levara o proprio entulho carregado de carvões, acreditando que estes continham ouro!

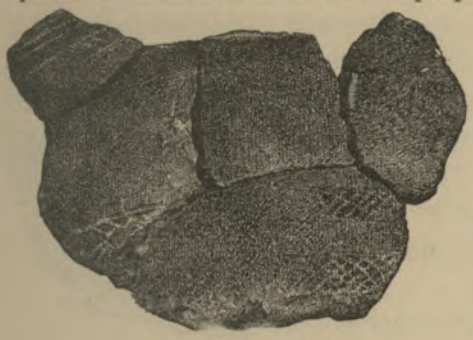


Fig. 2.

Um unico recanto do megalitho tinha escapado a esta devastação. Era o que ficava junto á base do supporte n.º 5; porque este achava-se tão inclinado para dentro, que os vandalos tiveram medo de o excavarem. O entulho alli, muito arenoso, estava fortemente cimentado, a ponto de que só com picaretas pôde ser atacado.

Escorada a pedra com robustos madeiros, fez-se a excavação com o maior cuidado, passando-se todo o entulho pelas mãos; e o resultado foi reconhecermos que os depositos funerarios tinham sido profanados muitos seculos antes da ultima devastação. Nós recolhemos alli um fragmento d'uma louça aspera, fabricada á mão, com impressões digitaes no bordo, que temos encontrado em grande abundancia nas estações lusitanas da epocha romana, e que era sem duvida a ceramica de fabrico indigena; indicio para nós muito forte, de que a profanação tivera logar nessa epocha.

Do espolio neolithico appareceram apenas alguns restos de vasos, mas tão interessantes, que forçoso é occuparmo-nos d'elles detidamente.

Nas fig.as 2 e 3 representamos parte de dois d'esses vasos, em que se notam os caracteres especiaes que se seguem:

1.º A pureza da pasta, que não apresenta as misturas de grãos de quartzo e de spatho calcareo tão frequentes nas louças neolithicas. Aquelles só apparecem raramente, disseminados pela pasta, como um resultado do acaso no fabrico.

2.º A pequena espessura em relação á fórma e capacidade dos vasos. A maior espessura, no corpo, mede apenas 0m,006, ao passo que o maior diametro do bojo não póde talvez calcular-se em menos de 0m,3, e a altura devia ser superior a 0m,23, como se reconhece completando a parte superior da peça da fig. 3 com a da fig. 2, pois que os dois vasos, além de semelhantes na fórma, deviam ter dimensões approximadamente iguaes.

Fig. 3.

3.º As pequenas irregularidades da espessura do corpo dos vasos, que apenas varia entre 0m,004 e 0m,006, havendo um fragmento do fundo onde a grossura mede 0m,008, mas com sensivel uniformidade.

4.º A ornamentação. Em um dos vasos (fig. 3) a parte superior do bojo é

circumdada por duas linhas pontuadas, parallelas e distantes entre si 0m,006 a 0m,007, tendo o espaço interno guarnecido com linhas transversaes e obliquas, tambem pontuadas. Por debaixo, a 0m,004 ou a 0m,005, outra linha pontuada, que fórma a base de grandes triangulos invertidos, todos traçados com linhas pontuadas e cheios por outras linhas parallelas á base. As linhas foram gravadas na pasta humida.

Do largo collo d'este vaso, como se mostra pela comparação com a peça da fig. 2, fazia parte o fragmento superior da fig. 4, ornado com duas faxas parallelas com a largura de 0m,015 e distantes entre si 0m,012; faxas guarnecidas de linhas pontuadas, que se cruzam, formando lozangos, e que circumdavam toda aquella parte do vaso.

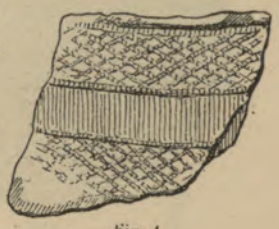


Fig. 4.

A peça da fig. 2 apresenta vestigios d'uma ornamentação semelhante.

De resto esta ceramica apresenta uma pasta de côr negra ou cinzenta, carregada de mica branca, trabalhada á mão, mal cosida e coberta com uma dissolução d'argilla fina, que foi polida e lustrada, como em alguns exemplares da necropole da Serra do Cabo Mondego.

A fórma não tem similar nas louças d'esta ultima necropole. A metade inferior dos vasos era bojuda, diminuindo successivamente de diametro para o fundo, que era plano, como se vê d'um fragmento, que recolhemos, pertencente ao vaso da fig. 3; e a metade superior formava como um largo collo concavo, que terminava em bordo ligeiramente inclinado para fóra, como mostra o exemplar da fig. 2.

Esta fórma e a ornamentação recordam as louças de Palmella e as que o snr. Cartailhac menciona, com caracteres semelhantes, provenientes da Bretanha, Altos Pyrenéos, Arles e Sicilia. [1]

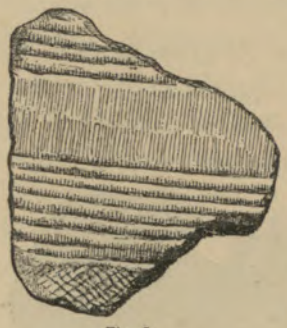


Fig. 5.

Nas fig.as 5 a 8 representamos quatro fragmentos, um dos quaes foi atacado pelo fogo, pertencentes a um ou dois vasos ainda mais finos e mais habilmente trabalhados do que os anteriores.

Nada podemos ajuizar sobre a sua fórma; mas a ornamentação de linhas pontuadas, executada com notavel perfeição, indica tambem essa ceramica que se admira nas grutas de Palmella.

A pasta é muito pura, negra na parte interna e coberta com argila vermelha, tendo esta ultima recebido uma aguarella de côr mais intensa, com que foi polida e lustrada. A sua espessura mede tres a quatro millimetros, excepto no fragmento da fig. 8, que parece ter pertencido á parte proxima do fundo, onde mede cinco a seis millimetros.

---

[1] *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 117, 123 e seg.

Tumulus-dolmen da Sobreda.—Fica situado em uma eminencia, a 600^{m} approximadamente para SE da povoação, em um maninho de Manoel Garcia Maceirinha, do mesmo logar. O diametro do relevo do solo, indicando o *tumulus*, media 20 metros. Compunha-se este megalitho, como o anterior, d'uma camara e galeria.

Fig. 6.

O seu eixo maior media 8^{m},6, pelo menos, e estava orientado a EO. A entrada era pelo lado de E. (Fig. 9).

A galeria tinha a largura de 1^{m},10. Subsistiam nella dois supportes do renque do norte e quatro do renque do sul. Uma lage com 2^{m},7 de comprimento estava collocada sobre os topos dos dois supportes da galeria que ficavam contiguos á camara. Tanto esta lage como outras duas que estavam removidas para os lados do sul e oeste do *tumulus*, fizeram provavelmente parte da cobertura da camara, attendendo ás suas dimensões. Os profanadores do monumento teriam lançado aquella primeira lage de cima da camara sobre os supportes da galeria, que ficavam mais baixos, afim de evitar o trabalho de a removerem para mais longe.

A camara tinha a fórma polygonal, medindo 2^{m},80 de E a O e 2^{m},60 de N a S. Só os supportes n.ºs 6 e 8 estavam partidos. Todos os outros attingiam a notavel altura de 3^{m},70, approximadamente, acima do pavimento lageado do recinto!

Estes supportes estavam calçados e acunhados contra a massa granitica que formava o fundo do monumento. [1] Nenhum apresentava vestigios de trabalho dos metaes.

Na face interna do supporte n.º 4, a menos de metade da sua altura, appareceram uns veios ou traços vermelhos, que representamos na fig. 10. Diversas manchas informes da mesma côr se encontraram na face interna d'outro supporte. Recolhida uma porção d'esta substancia, a analyse chimica, feita pelo sr. Joaquim dos Santos Silva, mostrou ser o oxydo de ferro.

Fig. 7.

Estes veios e manchas não penetram profundamente na rocha. Em alguns pontos a nossa pequena picareta pôde seguil-os até 0^{m},002 de profundidade; e n'outros eram apenas superficiaes.

Seriam manifestações da arte da pintura? Nós não o pensamos. Ainda que o fossem, como o monumento estava profanado, difficil seria attribuil-as com segurança á epocha da construcção do dolmen.

Dentro da camara encontraram-se tres lages deslocadas; e todo o entulho alli e na galeria estava muito remexido. Nós recolhemos provas d'um remeximento na

---

[1] A espessura dos supportes variava entre 0^{m},2 e 0^{m},4.

A largura:

Do supporte n.º 1. . . .	1^{m},10	Do supporte n.º 4. . . .	0^{m},30	Do supporte n.º 7. . . .	0^{m},90
» » » 2. . . .	0^{m},70	» » » 5. . . .	1^{m},70	» » » 8. . . .	1^{m}
» » » 3. . . .	0^{m},90	» » » 6. . . .	0^{m},40	» » » 9. . . .	1^{m},30

epocha luso-romana, consistindo em fragmentos de louça lusitana d'essa epocha e tambem de louça com feição romana; e d'um remeximento muito recente, que se manifestava na extraordinaria incoherencia dos entulhos. Este ultimo foi confirmado pelo proprietario e por alguns visinhos. Poucos annos antes um moleiro, sonhador de *haveres* enterrados, revolvera o interior do monumento, levando muitos vasos inteiros de barro e objectos de pederneira!

O entulho continha carvões vegetaes, pequenas pedras chatas, muitas lascas de quartzo e os objectos que passamos a descrever, tudo disseminado e em desordem.

Machado.—Um pedaço de schisto, com a fórma dos machados, simplesmente lascado e preparado para receber a polidura. Pertence ao typo trapesoidal, medindo no comprimento 85 millimetros.

Percutor (?)—Um seixo de quartzo avermelhado, lascado em parte, anguloso, com os bordos um pouco gastos.

Nucleos.—Diversos nucleos de quartzo, sendo quatro de crystal de rocha, com planos artificiaes de percussão, exceptuado um exemplar. Os dois maiores, de quartzo hyalino, medem na altura 43 millimetros; e os dois mais pequenos apenas 2 centimetros.

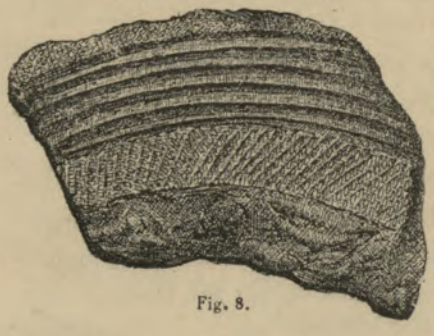


Fig. 8.

Raspador.—A peça de silex avermelhado que representamos na fig. 11. Tem uma fractura no bordo inferior da direita.

Se suppozermos, como tudo parece indicar, que esta parte do objecto era semelhante á do lado esquerdo, teremos um instrumento de fórma hexagonal irregular, retocado nos quatro lados inferiores, de modo a servir para raspar, e que pelo desengrossamento da parte superior, que tem a fórma triangular, parece ter sido destinado a ser embutido por esse lado em algum cabo. [1]

Pontas de dardo ou setta.—Recolhemos 21 exemplares, que representam tres typos muito conhecidos na necropole da Serra do Cabo Mondego, a saber: 1.° triangular, de base biconcava e pedunculada; 2.° triangular de base concava; 3.° trapesoidal irregular, isto é, o da setta ponteaguda e d'uma só farpa.

Do primeiro typo são manifestamente dois exemplares, um de silex castanho, retocado em ambas as faces, que são convexas, e outro de silex trigueiro, com uma face inteiramente retocada e convexa e a outra plana e sómente retocada junto ás arestas.

Ao mesmo typo póde ter pertencido outra ponta de silex violaceo, com uma fractura na base, e retocada em ambas as faces. O maior d'estes exemplares mede no comprimento $0^m,055$ e na largura da base $0^m,025$. O menor mede $0^m,037$ por $0^m,016$. As arestas lateraes são rectilineas ou ligeiramente convexas e rugosas.

---

[1] Mede este objecto no comprimento $0^m,058$, na maior largura $0^m,036$ e na maior espessura $0^m,006$.

Do segundo typo são 16 exemplares, todos de silex, geralmente vermelho, castanho, pardo ou negro, dez inteiros e seis com fracturas. Quinze são retocados em ambas as faces, que são convexas; e um é sómente retocado do lado da base e nas arestas lateraes, apresentando secção triangular.

A maior parte tem as arestas lateraes ligeiramente convexas; mas em alguns exemplares estas são rectilineas. Nota-se uma peça, unica nas nossas collecções, em que um dos bordos lateraes não termina em aresta viva, mas por uma superficie com a largura maxima de 3 millimetros. Quasi todas estas pontas apresentam as arestas rugosas.

O comprimento varia entre 0m,024 e 0m,06 e a largura da base entre 0m,016 e 0m,02, sendo mais geral esta ultima largura.

Do terceiro typo são dois exemplares, um de crystal de rocha e outro de silex trigueiro, ambos feitos de laminas de faca, apresentando o topo do trapezio á esquerda, quando assentes sobre a face plana e com a base voltada para o observador, como nos exemplares da Serra do Cabo Mondego e dos kjoekkenmoeddings do Valle do Tejo. [1]

Estas pontas são muito numerosas nas officinas lithicas de Fère-en-Tardenois (França), segundo a communicação do sr. Edmond Vislle na 10.ª sessão do congresso internacional de anthropologia e de archeologia prehistoricas. [2]

Só a peça de quartzo hyalino está inteira, e mede no comprimento 0m,023.

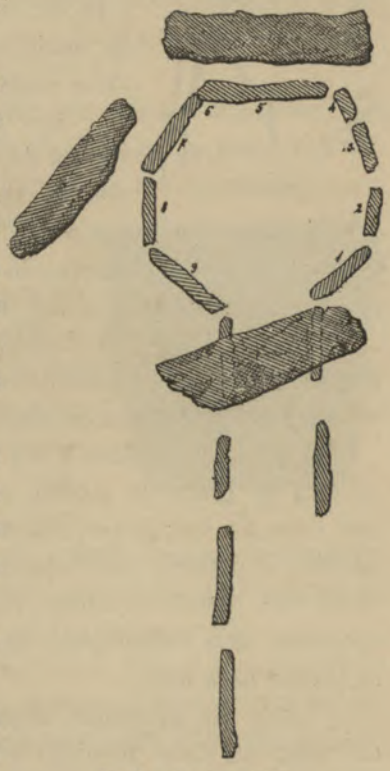


Fig. 9.—Escala de 1:100

Ceramica.—Recolhemos duas fórmas de vasos bem definidas. Uma é a da fig. 12. Assemelha-se ás dos nossos vasos communs para cultura de flôres, isto é, a um cone truncado e invertido. Proximo do bordo é adornado externamente com saliencias mamilares, e apresenta os vestigios d'uma asa annullar, já nossa conhecida na ceramica da estação neolithica do Forno da Cal, na Vinha da Rainha, [3] e que tem sido notada em vasos neolithicos d'outros paizes, como os da estação de Alba, na Italia. [4] As saliencias mamilares tambem se encontram na ceramica do Forno da Cal [5] e dos dolmens de outras regiões de Portugal. [6]

---

[1] *Ant. preh. do conc. da Figueira,* pag. 165.
[2] *Compte-rendu,* pag. 196 e seg.
[3] Vide as nossas *Mem. sobre a ant.,* pag. 100.
[4] Vide sr. Pigorini in *Bullettino di paletnologia italiana,* anno XIX, n.º 7-9.
[5] *Mem.* cit., pag. 101.
[6] *O Archeologo Port.,* t. I, pag. 122-123.

A pasta do vaso e fragmentos que colligimos com este typo é negra ou amarellada, contendo muita mica branca, alguns grãos de quartzo e maior ou menor quantidade de spatho calcareo. Foi trabalhada á mão e mal cosida, mas polida externamente; e um dos vasos apresenta vestigios de ter ido muitas vezes ao fogo.

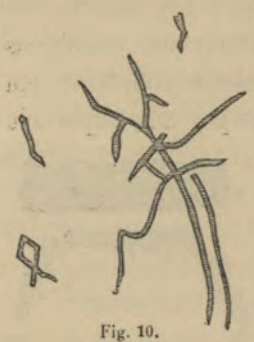


Fig. 10.

O exemplar que representamos mede na altura 0^{m},1 e no diametro do fundo 0^{m},08; no do bordo devia medir 0^{m},11 a 0^{m},12. A maior espessura em todos os fragmentos é do lado do fundo, onde chega a attingir 12 millimetros; mas no resto raras vezes excede 6 millimetros.

Este typo de vasos neolithicos parece representado na ceramica da *anta grande da Ordem*, concelho de Aviz, explorada pelo sr. Dr. Manoel de Mattos Silva. [1]

A fórma que indica a fig. 13 pertence a umas tigelinhas de fundo chato, com a altura de 0^{m},04, diametro de 0^{m},09 e espessura de 0^{m},003 a 0^{m},01. A maior espessura é sempre para o lado do fundo.

A pasta é negra, trabalhada á mão, ora branda, ora muito dura, com mistura d'areia. Em alguns fragmentos as superficies são muito asperas; mas n'outros foram cobertas por um banho de argilla e alisadas.

Appareceram restos d'um vaso tambem pequeno, de pasta negra, branda, com mistura de grãos de quartzo e de spatho calcareo moido, mas com as superficies cobertas por um banho d'argilla, alisadas e polidas, que indicam uma certa modificação na fórma das tigelas. O fundo devia ser convexo; e o corpo apresenta uma concavidade, de modo que do lado do bordo se inclina para fóra.

Fig. 11.

Vasos tão pequenos foram encontrados na necropole da Serra do Cabo Mondego e na referida *anta grande da Ordem*, [2] e parecem vulgares em França, nas grutas de Marne, onde «plusieurs vases sont si petits qu'ils possèdent à peine la capacité d'un verre à boire ordinaire», [3] e na Italia, em estações do bronze e do primeiro periodo do ferro, e que o sr. Pigorini considera objectos votivos.

O sr. Cartailhac tambem menciona d'esses vasos minusculos nas grutas de Cascaes, e pensa que não teriam servido a conter os comestiveis ou agua. Serviriam antes a perfumes, ou seriam brinquedos de crianças, consagrados pela ternura das mães. [4]

---

[1] Vide *O Arch. Port.*, vol. I, pag. 122, fig. 10.

[2] Vide *O Arch. Port.*, log. cit.

[3] *L'Arch. Préh.*, do sr. de Baye, pag. 326.

[4] *Les âges préhist. de l'Esp. et du Port.*, pag. 107.

A este grupo de vasos com fórma de pequenas tigelas parecem pertencer muitos outros fragmentos, que indicam, pelo menos, seis exemplares differentes, uns com o bordo vertical ou recurvado para fóra e outros com o bordo reintrante, nos quaes a pasta, ora negra ou parda, ora amarellada, com mistura de mica branca, quartzo e spatho calcareo moidos, é sempre trabalhada á mão, geralmente branda, tendo muitas vezes as superficies cobertas, alisadas e polidas, como em alguns dos exemplares anteriores.

Vasos com bordo reintrante já nós tinhamos recolhido nos dolmens da nossa região da Figueira. Entre esses fragmentos notam-se os d'um vaso com ornato d'incisões feitas na pasta humida, que representamos na fig.ª 14.

Pertencem talvez ao mesmo typo das tigelas, mas com maiores dimensões, tres vasos de que recolhemos alguns fragmentos, trabalhados á mão, cuja pasta, ora vermelha ou negra, ora escura na parte interna e avermelhada nas superficies, apresenta a mistura de quartzo ou spatho calcareo moido, e é bastante dura em um dos exemplares.

Fig. 13.

Dois d'estes vasos, com o bordo vertical, são interessantes. Um fragmento de cada um d'elles tem um orificio que atravessa a pasta a $0^{m},01$ ou $0^{m},02$ do bordo. Um dos furos é circular, aberto depois de cosida a pasta, por meio d'uma broca de madeira ou osso, operando por movimentos de rotação, do lado da face externa do vaso, e acabado pela face interna com uma ponta de pedra. A broca tinha o diametro de 5 millimetros approximadamente, e devia terminar por uma superficie convexa, em vez de ponta. Outro furo foi todo aberto pela face externa do vaso com alguma ponta de pedra, e está muito irregularmente excavado.

Qual o destino d'estes orificios nas louças neolithicas? Alguns pensam que os existentes junto aos bordos dos vasos seriam para suspender estes; e que os que se encontram muitas vezes nos bojos ou fundos serviam para o fabrico do queijo.[1] Outros opinam que tinham por fim ligar com algum fio ou fibra as partes dos vasos que se fendiam.

Como o nosso caso é de perfurações proximas do bordo, limitamo-nos, quanto á primeira, a observar o seguinte: 1.° que os bordos do orificio, do lado da bocca do vaso, não apresentam vestigios do attricto d'algum fio de suspensão; 2.° que no bordo interno do mesmo orificio, tanto do lado opposto á bocca do vaso como no sentido transversal, ha umas fracturas que, se não foram feitas quando se operou a perfuração, podem ter resultado d'uma ligadura; 3.° que se taes orificios fossem destinados á suspensão, era natural que apparecessem exemplares em que elles fossem abertos antes de a pasta ter sido cosida ao fogo.

Na segunda das perfurações indicadas não nos parece existirem vestigios que

[1] Vide por ex. as *Ant. mon. do Alg.*, t. I, pag. 231.

possam auctorisar qualquer das explicações. As fracturas apparecem em todo o contorno dos bordos do orificio, e foram manifestamente causadas pelo instrumento operador.

Recolhemos ainda restos de muitos outros vasos, todos feitos á mão, indicando que tinham bojo ou uma fórma hemispherica. Os principaes são os seguintes:

a) Vaso de côr parda, com mistura de quartzo e spatho calcareo moidos, mal cosido, com uma pequena asa de fórma trapesoidal. Esta peça foi atacada pelo fogo.

Fig. 13.

b) Vaso de pasta vermelha escura, misturada com spatho, alisada na superficie externa e rugosa na superficie interna, com a espessura de 2 a 7 millimetros. Devia ter o bordo reintrante e o diametro de 0^{m},15.

c) Vaso grande de pasta negra, com as misturas já indicadas, coberta superficialmente com argilla vermelha. A sua espessura media é de 0^{m},01.

d) Cinco vasos, alguns de pasta bem cosida e com as superficies externas alisadas, mas de estructura grosseira, como nos anteriores, indicando, pela fórma dos fragmentos, que o bordo se prolongava horisontalmente para dentro, a ponto de reduzir a bocca a uma pequena abertura.

Os restantes fragmentos parecem pertencer a 24 vasos differentes; o que dá a totalidade de 51 vasos, afóra os que o *moleiro* levou!

Ossos humanos.—Esparsos no entulho, recolhemos 32 fragmentos d'ossos humanos, *todos calcinados*. Este facto tem muito valor, porque parece indicar a pratica da incineração. Sem esta, como explicar satisfactoriamente tantos ossos calcinados, uns do craneo, outros das claviculas, costellas, ossos longos e da mão ou pé, e o facto de os profanadores só terem deixado nos entulhos os ossos n'esse estado? A calcinação exige um fogo muito violento, como o que seria necessariamente applicado á incineração dos cadaveres; e a falta de ossos não atacados pelo fogo é caso para pensar-se em excluir do dolmen da Sobreda o rito da inhumação.

Fig. 14.

Entretanto a verdade é que as provas da incineração não podem procurar-se em um monumento onde tudo foi revolvido e profanado por mais d'uma vez. Uma das profanações data da epocha romana; e não repugnava a hypothese de os romanos se terem aproveitado d'esta sepultura. Seriam elles que extrahiram os ossos do homem neolithico, como fizeram aos ossos d'algumas sepulturas luso-phenicias da Fonte Velha, em Bensafrim, que ficavam debaixo da sua necropole por incineração?

Nada podemos ajuizar com segurança; e a prudencia aconselha que aguardemos a descoberta de depositos intactos para esclarecer a questão.

A. Santos Rocha.

ANTHROPOLOGIA DO POVO PORTUGUEZ

O MINHOTO

DE

ENTRE CAVADO E ANCORA

O methodo anthropometrico adoptado para o estudo das raças humanas do globo tomou, n'estes ultimos annos, um desenvolvimento notavel, tendo sido d'uma applicação efficaz no desenredo dos differentes elementos ethnicos que entraram na composição das populações da Europa e do norte da Africa. É sobretudo nos quarteis militares e nas inspecções de recrutamento do exercito, onde se reune sempre um forte numero de representantes masculinos do paiz, que esse methodo se tem exercido, localisando-se depois, sobre as cartas chorographicas, os differentes caracteres anthropologicos da população, a qual nos mostra por vezes, em certos agrupamentos interessantes, os descendentes de raças dominadoras outr'ora nas grandes luctas da Humanidade.

Só a Anthropometria nos diz em que proporções se amalgamaram os differentes factores ethnicos, para produzirem os typos mestiçados e caracteristicos das actuaes nacionalidades, o grau de parentesco entre ellas, derramando assim uma grande luz nos problemas historicos pendentes sobre as invasões e as migrações dos povos e a sua influencia exercida nas modernas sociedades.

Escusado será pois encarecer mais a importancia da Anthropometria, de resto bem conhecida. Quasi todos os paizes da Europa teem trabalhos magnificos, cartas ethnographicas soberbas e, n'alguns, esses estudos se fazem com caracter official nas inspecções de recrutamento e nas escolas, como em França, Italia, Inglaterra, Alle-

manha, etc. Em Hespanha, os trabalhos dos snrs. Oloriz, [1] Aranzadi [2] e Hoyos, [3] são d'uma importancia capital. Entre nós, porém, nada se fez até agora, se excluirmos, como estudos de craneometria, os de Paula e Oliveira e dos snrs. Ferraz de Macedo e Silva Bastos, e em anthropometria açoriana o do mallogrado Arruda Furtado.

Desde 1891 que tenho reunido materiaes para o estudo anthropologico do povo portuguez. Quando se trabalha sob o patrocinio official, os estudos scientificos tomam um outro desenvolvimento e regularidade ; com a iniciativa particular, porém, faz-se o que se póde e nem sempre o que se quer. É por isso que só agora sahe este primeiro trabalho feito sobre uma região limitada do Minho — embora a mais caracteristica — quando o desejo era de apresentar o de toda a provincia.

O presente estudo é feito sobre 3:202 estaturas, extrahidas dos registos das inspecções de recrutamento do districto n.º 24, durante o quinquennio de 91 a 95 e nas medidas de cabeça e seus caracteres descriptivos, obtidos por mim em 110 recrutas do contingente de 1895.

Que me seja permittido testemunhar aqui o meu reconhecimento ao Ex.mo Snr. Pimenta da Gama, actual coronel do Regimento d'Infanteria n.º 3, pela amabilidade que teve, pondo ao meu dispôr todos os registos do districto de reserva do seu commando e acquiescendo da melhor vontade na medição dos seus recrutas. Egualmente agradeço ao snr. capitão Barbosa e a Dias Coelho e Cunha Lima os activos e valiosos auxilios que me prestaram.

A região sobre que é feito este estudo abrange os concelhos de Vianna do Castello, Ponte do Lima, Espozende e Barcellos, pertencendo os dois primeiros ao districto de Vianna e os dois ultimos ao de Braga. É pois a parte mais importante e populosa da provincia, achando-se representados ambos os districtos que são tambem dos que maior densidade teem no reino. Segundo o censo ultimo da população portugueza [4] a densidade por kilometro quadrado é: para Vianna de 92, para Braga de 124 habitantes, isto é, mais 39.6 e 71.6 do que a densidade média da população do paiz — 52.4. Essa densidade ainda é importante se a descriminarmos nos quatro concelhos, como se poderá vêr no quadro seguinte extrahido do citado censo.

---

[1] *Distribucion geografica del indice cefálico en España.* Madrid, 1894. — *La talla humana en España,* in *Discursos leídos en la Real Academia de Medecina.* Madrid, 1896.

[2] *Un avance à la antropologia de España,* de collaboração com Hoyos in *Anales de la Sociedad española de Historia Natural,* tomo I. Madrid, 1892. — *El pueblo euskalduna.* San Sebastian, 1889.

[3] *Los Campurrianos. Ensayo de antropometria,* in *Actas de la Sociedad española de Historia Natural,* tomo II. Madrid, 1893.

[4] *Censo da População do reino de Portugal no 1.º de Dezembro de 1890.* Lisboa, 1896.

Deprehende-se d'ahi que a população de Ponte do Lima é a menos densa de toda a região, sendo mais fortes os dois concelhos da beira-mar onde o terreno é menos accidentado. Quanto ao grau de instrucção do minhoto d'esta parte da provincia, nota-se, no mesmo quadro, que tambem excede—menos Barcellos, que apenas differe cinco decimas—a média do reino, a qual é de 79.2 para os analphabetos e 20.8 para os que sabem lêr. Dá-se aqui o mesmo facto que na densidade; a instrucção é mais aproveitada na população da orla maritima e de planicie do que na mais montanhosa. Póde-se portanto tirar a conclusão de que n'esta parte do Minho, a população do littoral maritimo é mais densa e mais instruida que a da montanha.

Concelhos	População		Densidade	Percentagem dos habitantes segundo a sua instrucção	
	Total	Masculina		Analphabetos	Sabendo lêr
Vianna do Castello.....	44:731	19:705	141	71.4	28.6
Ponte do Lima.....	32:071	14:352	97	78.8	21.2
Barcellos.....	45:157	20:394	120	79.6	20.3
Espozende.....	14:638	6:562	129	76.3	23.7
Total.....	136:597	61:013	121	76.4	23.6

Os 1:131 kilometros quadrados do paiz que estudamos, compõem-se do valle principal do Lima e dos secundarios do Cavado, Neiva e Ancora que se abrem para occidente sobre o Atlantico, tendo cada qual o seu systema de pequenos valles affluentes, recortando os macissos montanhosos que os limitam. Todos elles são d'uma grande fertilidade, produzindo abundantemente o milho e outros cereaes, o vinho, legumes e fructas e dando os seus rios as melhores especies de peixes fluviaes de Portugal, como o salmão, a lampreia e a truta. São celebres as longas veigas que se estendem pela costa e formam as duas margens do Lima, n'um vasto tapete de verdura que contrasta, flagrante, com o acinzentado das montanhas ou com o verde escuro dos pinheiraes que lhes cobrem os flancos.

As aldeias agglomeram a miudo a sua casaria sempre caiada e fresca pelas encostas, junto das linhas d'agua, dando tons mais alegres á paizagem. Para o lado do mar, nos concelhos de Vianna e Espozende, o terreno, como já descrevi, offerece mais planicie e a accidentação é mais fraca; porém, para o interior, ondeia em fortes serranias, das quaes as mais importantes são: a Peneda, Arga, Labruja e Miranda, ao norte do Lima; entre este rio e o Neiva: a Oural, Nora, Paradella, Villa Franca, com seus contrafortes; entre o Neiva e o Cavado: a do Borrelho, Corujeira, Tamel e Faro; e, emfim, a bacia do ultimo rio é limitada pelo sul, com a serra d'Oli-

veira. Estas serras, cujas altitudes marcam de 200^{m} a 900^{m}, cingem uma longa depressão de 34 kilometros approximadamente que vae encontrar o oceano.

Sob o ponto de vista geologico o solo é essencialmente granitico, com duas faxas schistosas dirigidas de sudeste para noroeste, passando uma por Ponte do Lima e outra por Espozende.

As boas condições mesologicas que acabo de descrever e que fizeram com que se denominasse vulgarmente este pedaço do nosso Paiz o «Jardim de Portugal», causaram o notavel desenvolvimento da sua população, attrahindo, por certo, as emigrações d'outras raças humanas que por vezes se fixaram e se fusionaram com o elemento autochthone. O minhoto é essencialmente agricultor, gozando com um certo bem estar a propriedade que na provincia é muito dividida. Esse bem estar se traduz na brandura dos seus costumes, n'uma alegria e garridice proprias, que, condizendo tão bem com a natureza do meio, o faz distinguir do habitante das outras provincias portuguezas.

Desde o periodo neolithico, pelo menos, que data a existencia do homem n'esta região d'entre o Cavado e o Ancora. Os dolmens da Barroza e de Ville no valle do Ancora; os de Espozende e Villa Chã, de Fragozo, na região montanhosa de Ponte do Lima e no visinho concelho de Arcos de Val-de-Vez, como o dolmen do Mesio, attestam bem a sua existencia.

A edade do Bronze está caracteristicamente representada com as suas duas epochas: a *Morgiana* em Pedra-Furada (Barcellos) com um machado de bordos simples (semelhante aos n.ºs 661 e 662, estampa LXVI, *Musée préhistorique* de Mortillet) e em Villa Chã (Espozende) com um machado de talão e duplo annel (n.° 687, estampa LXVII, idem) e emfim no visinho concelho de Caminha, em Villar de Mouros, com outro machado d'este typo; a *Larnaudiana* em Creixomil (Barcellos) com um machado de alvado e duplo annel (n.° 795, estampa LXXV, idem).

A edade do Ferro mostra-se abundantemente nas ruinas das fortificações lusitanas que corôam todos os montes minhotos de certa importancia estrategica, como as Cividades e os Castros, influenciadas mais tarde, na sua maior parte, pela civilisação romana.

Estes vestigios mostram bem quam rica é esta região sob o ponto de vista palethnologico. Todas as civilisações, quiçá a paleolithica, por ahi passaram. Infelizmente estes pergaminhos da vida do nosso povo teem sido tão desprezados pelos poderes publicos e as poucas explorações praticadas foram feitas com tão pouco cuidado e criterio que, melhor será esperar, sob a camada do humus protector, um palethnologista serio e consciencioso, que um dia,—talvez já tarde—venha estudar o que resta com o rigor do methodo scientifico moderno.

Assim não se possuem restos osteologicos dos representantes d'essas civilisações, apezar de abundarem as cryptas megalithicas e as sepulturas cavadas em rocha dos tempos proto-historicos; de modo que o anthropologista vê-se em serios embaraços para fazer o estudo comparativo com os typos actuaes, tendo que recorrer aos tra-

balhos de paleo-anthropologia da Extremadura, feito pelo saudoso extincto Paula e Oliveira. [1]

D'esse estudo conclue-se que, durante o periodo neolithico, existiram no nosso solo duas raças humanas: uma, de pequena estatura, com desharmonia craneo-facial, isto é, dolichocephala — 73.3 — e de face mesosema — 67.5 —; a outra, pequena tambem, brachycephala — 85.3 — e de face larga ou microsema — 62.5. A primeira, autochthone, era do typo de Cro-Magnon, ou antes, de Beaumes-Chaudes, essa raça habitadora da Europa occidental desde os tempos quaternarios; a segunda pertence ao typo chamado de Grenelle que, emigrando do Oriente, veio fusionar-se com o elemento indigena, trazendo-lhe uma outra civilisação. De facto, a comparação das médias dos nossos craneos neolithicos com os dois typos descriminados em França, [2] mostra bem a sua identidade.

	Dolichocephalo neolithico Baumes-Chaudes	Dolichocephalo neolithico portuguez	Brachycephalo neolithico de Grenelle	Brachycephalo neolithico portuguez
Indice cephalico.....	72.6	73.3	84.2	85.3
Indice facial superior.....	68.5	67.5	63.8	62.5

Vêr-se-ha, no decorrer d'este estudo, como estes dois typos se acham ainda representados no Alto Minho, formando o primeiro o fundo da população.

Nos cemiterios proto-historicos dos arredores de Cascaes, mostra-nos Paula e Oliveira [3] um outro elemento ethnico de alta estatura que elle identifica com o typo gaulez, celtas da historia, germanico ou kymrico de Broca, certamente o typo dos *Reihengraber*, d'Hallstatt, emfim, o *nordico*, alto, louro e dolichocephalo ou mesaticephalo, com harmonia craneo-facial. Este povo louro, eminentemente guerreiro, que por varias vezes irrompeu pelas populações do sul e oeste do nosso continente e do norte da Africa, deixou tambem na mesclagem do Portuguez uma parcella do seu sangue, embora mais fraca.

Os documentos historicos que possuimos não nos dão os caracteres descriptivos dos povos que viviam no Alto Minho quer antes, quer depois da conquista romana. Assim Avieno, na *Ora maritima*, indica-nos apenas, como habitando a região minhota, os Ligures e os Draganes, tendo por visinhos, no sul, os Cempses e

---

[1] *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Comission des travaux géologiques*, e a memoria posthuma e incompleta: *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes.*

[2] Philippe Salmon. *Dénombrements et types des cranes néolithiques de la Gaule* — G. Hervé. *Revue mensuelle de l'École d'Anthropologie de Paris*, VI de 93, XII e IV de 94 e I de 95.

[3] *Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*, in Communicações da *Comissão dos trabalhos geologicos de Portugal*. Tom. II, fasc. I, pag. 83.

Saefes, que «habitavam os asperos montes». [1] Plinio, Strabão e Ptolomeu, [2] denominam-os Callaicos bracaros; Pomponius Mela, [3] diz-nos que entre os Gronios, corriam os rios Avo, Celando, Nebis, Minius e Lima.

Foi esta a parte do territorio lusitano que mais resistencia offereceu á conquista romana; foi nas margens do Lethes, entre Vianna e Ponte do Lima, que Decio Juno Bruto, o conquistador da Gallaecia, teve de dominar a insubordinação dos seus soldados, quando, apoz uma porfiosa campanha em que se teve de fazer a tomadia, monte a monte, das cividades e castros que os coroavam, se viram de repente ante as formidaveis obras de defeza da serrania d'Arga e dos seus contrafortes. Strabão, que narra este facto d'um modo anecdotico, mostra-nos o indigena, montanhez, guerreiro e batalhador, com certos costumes e usos semelhantes aos dos gregos. Alguns historiadores ainda nos fallam do estabelecimento de colonias gregas e phenicias; e temos com mais certeza o dominio carthaginez, que o romano substituiu.

Apasiguado o paiz dos bracaros, os romanos, no seu proveitoso emprehendimento civilisador, construiram boas estradas que, partindo de Bracara ou Braga, se dirigiam em varias direcções para a região do mar Cantabrico. Duas d'essas vias passavam, na zona do nosso estudo anthropologico, pelos pontos estrategicos importantes em todos os tempos para qualquer invasão vinda do Norte: uma, alongando o mar por Vianna, sobre Barcellos; a outra, percorrendo o valle do Coura, sobre Ponte do Lima. Foi por ellas que, na decadencia do imperio romano, se deveria fazer a incursão dos guerreiros nordicos, — á imitação dos seus antepassados remotos — dos vandalos, dos suevos e dos wisigodos, na conquista das terras interamnenses. O estabelecimento d'estes conquistadores foi, alguns seculos depois, perturbado pela invasão arabe, vinda do sul, mas que não exerceu n'esta porção do nosso territorio um dominio estavel, effectivo, devido á reconquista dos descendentes wisigodos sahidos, ás ordens de Pelayo, do seu refugio das Asturias e dando origem, em terras interamnenses, ao condado portucalense que, alargando-se para sul, restabeleceu, mais tarde, a maior parte da Lusitania, com a denominação nova de «Reino de Portugal.»

Feito este ligeiro esboço do que se sabe ácerca da passagem dos differentes povos emigrantes ou conquistadores no territorio d'Entre Cavado e Ancora, vae-se vêr emfim se, pelos dados anthropometricos da sua população actual, conseguimos apurar quaes os elementos ethnicos que entraram na sua mestiçagem.

---

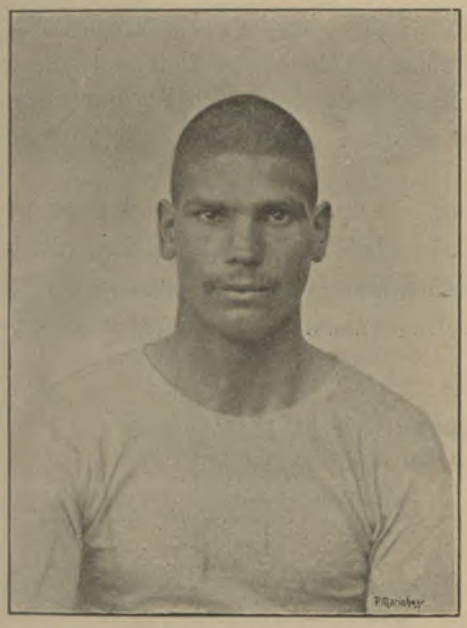
[1] Martins Sarmento. *Ora maritima*, estudo d'este poema, 2.ª edição, 1896.

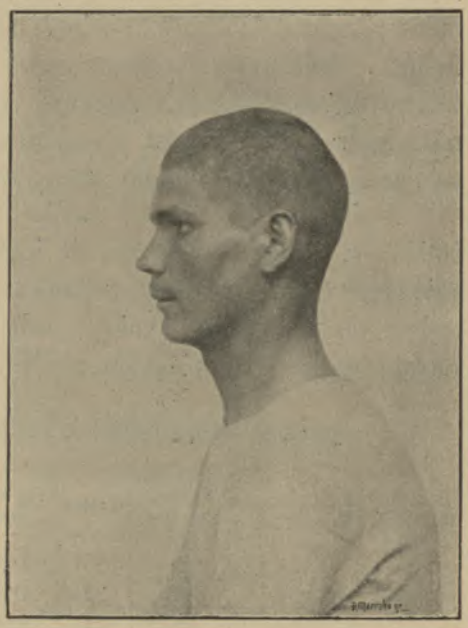
[2] *Historia Naturalis*, livro III. — *Geographia*, livro III. — *Geographia*, livro II; versões de Gabriel Pereira. 1878-1880.

[3] *De situ orbis*, livro II, cap. VI e livro III, cap. I; versão de Gabriel Pereira, pag. 30. Evora, 1880.

A ESTATURA

Se dou a primazia a este caracter anthropometrico não é por o julgar mais importante do que os outros. Quando se estuda uma população em que se tem de destrinçar differentes elementos ethnicos, os caracteres anthropologicos, taes como a côr, a fórma do nariz, os indices cephalico, verticaes, anterior do rosto e nasal e a estatura, são capitaes, imprescindiveis. É da sua combinação e agrupamento que se determinam as differentes raças, as quaes, fusionando-se outr'ora, formaram a ganga actual da população d'um paiz; um caracter por si só não basta. Por exemplo, o indice ce-





I — Hyperdolichocephalo (72.7) moreno, de face curta, mesorrhinico, orbitas microsemas. Representa o typo dolichocephalo archaico, de Laugerie.

phalico não póde extremar os dois elementos dolichocephalos, de Cro-Magnon ou Beaumes-Chaudes e o d'Hallstatt ou nordico, sem a intervenção do indice anterior para nos indicar então a desharmonia craneo-facial d'aquelle e a harmonia d'este; a estatura per si só é incapaz, no seio d'uma população de pequena estatura, de distinguir os descendentes da raça dolichocephala autochthone da brachycephala emigrante, se não se combinar com o indice cephalico; etc. É este methodo adoptado ultimamente pelo dr. Collignon, com tão bom resultado, no estudo da população franceza, [1] que eu sigo.

[1] Dr. R. Collignon. *Anthropologie de la France. Dordogne, etc.* — *Anthropologie du sud-ouest de la France*, in *Mémoires de la Société d'anthropologie de Paris*, 1894 e 1895. — *L'Anthropologie au conseil de révision, méthode à suivre, son application à l'étude des populations des côtes du Nord.* Paris, 1891.

A estatura tem n'este trabalho a preferencia: primeiro, porque fôra ella que lhe serviu de base, não tencionando eu então apresentar outros caracteres; segundo, porque é feita sobre 3:202 observações, o que me deu um estudo definitivo d'este caracter, podendo distribuil-o n'uma carta da região pelos quatro concelhos e suas freguezias. Ao passo que os outros caracteres, baseando-se sobre um numero restricto de observações — 110 — que apenas pude obter em trez concelhos, servem de complemento á estatura, confirmando e fortalecendo as conclusões a que o seu estudo deu logar. D'aqui, pois, a divisão natural d'este trabalho sobre o minhoto em duas partes: a *Estatura* e o *Estudo geral da cabeça.*

Nos cadernos das inspecções de recrutamento do nosso exercito, registam-se todas as estaturas dos homens apurados para o serviço militar e as dos não apurados por falta de altura, sendo essas estaturas approximadas até á terceira casa decimal. Medida esta excellente e que bom será se mantenha, pois utilisa tanto ao serviço de recrutamento e reservas, como á pesquiza do anthropologista que assim póde fazer com segurança e certeza as suas seriações e agrupamentos e obter as médias da população do paiz que estuda.

Assim, pois, a estatura média do minhoto d'Entre o Cavado e o Ancora, foi obtida em 3:089 observações de individuos da edade de 20 a 21 annos, distribuindo-se as 113 estaturas restantes pelos individuos de 22 a 23 annos, como se poderá vêr no quadro seguinte, onde se mostra tambem as differenças no desenvolvimento da estatura n'essas edades:

Quadro do desenvolvimento da estatura minhota nas edades dos 23 aos 20 annos

Numero de casos	Edades	Estatura media	Differenças
21	23	1^{m}.655	
92	22	1^{m}.645	— 0^{m}.010
592	21	1^{m}.635	
2497	20	1^{m}.624	— 0^{m}.011

É este quadro mais uma confirmação ás observações do dr. Topinard [1] sobre o erro que se comette utilisando a estatura de 20 a 21 annos, quando ella ainda não está completa e a necessidade, pois, de augmentar 12 millimetros ás medias d'essas estaturas. Em todas as medias da estatura minhota faço esse accrescimo para a tornar definitiva, trabalhando unicamente com as 3:089 estaturas d'aquella edade.

A estatura media do minhoto obtida nos registos foi de 1^{m}.626, a qual, accrescentada de 0^{m}.012 para o seu completo desenvolvimento, fica definitivamente de 1^{m}.638 ou 1^{m}.64.

---

[1] *Éléments d'anthropologie générale,* pag. 430. Paris, 1885.

O minhoto é, pois, baixo, mas approximando-se mais da media humana — 1^{m}.65. Nota-se o grau de complexidade de elementos que entraram na composição da sua estatura, a qual varia entre 1^{m}.39 e 1^{m}.81 ou sejam 42 unidades, se eliminarmos as estaturas que ultrapassam esses limites e lhe alteram a regularidade da seriação; do contrario essa variação elevar-se-hia a 58 unidades. As medias por

Seriações por concelhos a duas unidades

Estaturas	1.166 — Vianna — Percentagem	432 — Ponte do Lima — Percentagem	1.249 — Barcellos — Percentagem	242 — Espozende — Percentagem	3.089 — Minhotos (TOTAL) — Percentagem
1.84—83	.01	-	-	-	.03
1.82—81	.03	-	-	-	.10
1.80—79	.02	.45	.40	-	.29
1.78—77	.54	.45	1.20	.82	.90
1.76—75	1.72	1.60	1.36	1.64	1.55
1.74—73	3.00	2.07	1.60	4.51	2.41
1.72—71	5.49	4.62	4.81	5.34	5.49
1.70—69	6.71	6.48	8.01	4.12	7.01
1.68—67	9.51	9.71	9.03	6.16	9.51
1.66—65	12.69	11.77	12.66	14.39	12.68
1.64—63	12.85	11.33	12.40	12.36	12.42
1.62—61	12.79	14.11	12.82	9.46	12.71
1.60—59	10.30	9.71	11.93	12.34	11.09
1.58—57	8.57	9.25	8.72	8.63	8.73
1.56—55	6.42	7.47	7.12	5.35	6.76
1.54—53	3.50	3.46	2.16	4.51	3.03
1.52—51	1.81	1.76	2.16	5.35	2.19
1.50—49	1.19	1.53	1.60	2.05	1.49
1.48—47	.42	1.30	.40	2.05	.81
1.46—45	.43	.06	.56	.41	.51
1.44—43	.17	-	.40	-	.23
1.42—41	-	.02	.24	-	.12
1.40—39	-	.02	.16	-	.09
1.34—33	-	.02	-	-	.03
1.29—26	-	.02	.08	-	.03
Medias obtidas	1.631	1.620	1.626	1.621	1.626
Medias definitivas	1.642	1.632	1.638	1.633	1.638

concelhos differenceiam-se um centimetro, sendo a mais elevada no concelho de Vianna — 1^{m}.642 — e a minima no de Ponte do Lima — 1^{m}.632; — o de Barcellos representa a media geral — 1^{m}.638 — e o de Espozende approxima-se de Ponte do Lima — 1^{m}.633. — Portanto, na parte mais montanhosa da região, a estatura tende a baixar e, pelo contrario, onde predomina a planicie, eleva-se.

No quadro das seriações, que dispuz a duas unidades para obter uma melhor

condensação, nota-se, nos seus dois maximos de frequencia da seriação total, a influencia de dois elementos, um de alta estatura e outro de pequena, na formação da média 1^{m}.638. O primeiro predomina no concelho de Vianna; o segundo no de Ponte do Lima. Na seriação de Espozende destacam-se interessantemente esses dois elementos, dos quaes o mais pequeno se acoita no macisso montanhoso de Villa-Chã e o mais elevado se condensa no valle do rio Neiva e na foz do Cavado.

Quando se produziu a fusão d'estes elementos, qual d'elles é o autochthone, qual o emigrante, eis o que seria difficilimo resolver, por não se possuir, como já disse, restos osteologicos das populações prehistoricas do Minho; sequer existem os dados paleo-anthropologicos das estações neolithicas da Extremadura e das necropoles proto-historicas de Alcoutão e de Abujarda, tão bem estudadas pelo mallogrado Paula e Oliveira. É dos seus quadros osteometricos [1] que formei o seguinte quadro comparativo dos agrupamentos das estaturas d'esses nossos antepassados, restabelecidos por mim pelo processo de Manouvrier, [2] com os do minhoto actual:

Quadro comparativo das estaturas palethnologicas com a do Minhoto actual

Nomenclatura	Kjoekkenmoeddings de Arruda e Sebastião (NEOLITHICO)		Necropoles de Alcoutão e Abujarda (PROTO-HISTORICO)		Minhoto actual	
	Percentagem	Estaturas medias	Percentagem	Estaturas medias	Percentagem	Estaturas medias
Altas estaturas — 1^{m}.70 para cima.	-	-	32.1	1^{m}.73	13.5	1^{m}.75
Estaturas medias { altas — 1^{m}.69 a 1^{m}.65 ...	11.0	1^{m}.66	35.7	1^{m}.67	26.2	1^{m}.67
Estaturas medias { baixas — 1^{m}.64 a 1^{m}.60 ...	11.0	1^{m}.60	25.0	1^{m}.62	30.5	1^{m}.63
Pequenas estaturas — 1^{m}.59 para baixo.	78.0	1^{m}.56	7.2	1^{m}.55	29.8	1^{m}.56
Total.....	100.0	1^{m}.59	100.0	1^{m}.67	100.0	1^{m}.64

Não deixa duvidas a interpretação d'esse quadro, tão expressivos e concludentes são os seus numeros. No começo do periodo neolithico existiu uma população de pequena estatura. Essa população, sabemol-o já pelo citado trabalho de Paula e Oliveira, compunha-se de duas raças com caracteres craneometricos differentes: um, o autochthone, dolichocephalo e mesoprosopo, a raça de Beaumes-Chaudes ou Cro-Magnon, descendente directo do ultimo typo humano quaternario; o outro, emigrante, brachycephalo, a chamada raça de Grenelle. Na segunda columna, vê-se que, nos tempos proto-historicos, uma raça essencialmente de elevada estatura, se

---

[1] Paula e Oliveira. *Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Comission des travaux géologiques. — Antiquités préhistoriques et romaines des environs de Cascaes*, in *Communicações*. Tomo II, 1889, pag. 9, 10 e 102.

[2] *La determination de la taille d'après les grands os des membres*, in *Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*. Paris, 1892. Tomo IV.

estabeleceu no solo portuguez. Paula e Oliveira no seu incompleto trabalho, affirma: «...que les anciens invahisseurs de la Péninsule, designés comme Celtes par les historiens, et auxquelles j'ai attribué le rite funèbre révelés par les cimetières de Cascaes, étaient de véritables Gaulois par la race. Je vais montrer combien l'examen des ossements justifie cette conclusion.» [1]

Note-se, agora, na ultima columna, como o minhoto actual é certamente o mestiço das raças pequenas dolichocephala e brachycephala, com a raça alta nordica, a *gauleza* de Paula e Oliveira. Vêr-se-ha depois como o estudo geral da cabeça do minhoto esclarece e confirma bem estas conclusões.

Comparando agora a estatura minhota com as dos paizes estrangeiros denominados latinos, nota-se que ella se approxima da estatura media hespanhola, a qual, segundo o dr. Olóriz, [2] é de 1.635. Mas, se compararmos a percentagem das estaturas altas superiores a 1^{m}.71, que o mesmo anthropologo obteve para a sua distribuição chorographica, vê-se que as provincias limitrophes da nossa se differenceiam por uma percentagem menor que a da região minhota que estudo. Esta deveria ser colorida, na carta do dr. Olóriz, de côr de rosa, destacando-se portanto d'essas provincias que apresentam a coloração azul. Assim, agrupando as estaturas inferiores a 1.56 e superiores a 1.71, obtem-se o seguinte quadro comparativo:

Quadro comparativo da estatura minhota com a hespanhola

Paizes		Percentagem das estaturas	
		Inferiores a 1^{m}.56	Superiores a 1^{m}.71
Minhoto		12.14	10.39
Galliza	Orense	52.50	2.78
	Pontevedra	31.92	2.75
	Corunha	41.56	3.05
Zamora		26.28	4.93
Soria		23.72	10.12

A Galliza contem uma população de pequena estatura, bem como a provincia aragoneza que confina com o nordeste do nosso paiz, emquanto a nossa região minhota, destacando-se d'estas provincias pelo seu agrupamento intermedio, se approxima antes da região central da Peninsula, as duas Castellas e Aragão — para os Pyreneus. Afim de tornar o confronto mais frisante, apresento no remate do quadro o agrupamento hespanhol onde as altas estaturas predominam, isto é, a provincia de Soria.

---

[1] *Antiquités préhistoriques et Romaines*, pag. 99.

[2] *La talla humana en España*, in *Discursos leidos en la Real Academia de Medecina*. Madrid, 1896.

Seguindo pelos Pyreneus e penetrando nos departamentos francezes, a estatura minhota vae relacionar-se com a estatura da Dordogne, no valle do Lisle, onde ella se agrupa d'um modo semelhante á nossa, sobretudo em certos cantões dos *arrondissements* de Bergerac, Riberac, Perigueux e Nontron. [1]

Toda a região comprehendida entre o affluente Dronne e o rio Dordogne é habitada por uma população cuja estatura é constituida por elementos que entraram n'uma percentagem semelhante á do minhoto, ou por outros termos: o typo francez do valle do Lisle é, na estatura, igual ao nosso minhoto d'Entre o Cavado e Ancora. Esta conclusão é da maior importancia, pois sabe-se que as estações classicas magdaleneanas de Laugerie-Basse e de Chancellade e a neolithica de Cro-Magnon, pertencem á Dordogne, onde o celebre typo humano determinado por Broca vive ainda hoje na região, como affirma o dr. Collignon: «Nous nous croyons donc autorisé à conclure de cet ensemble de faits que *le type quaternaire de la Vezére survit encore en Périgord,* fort croisé assurément, mais cependant parfaitement reconnaissable.» [2]

Quadro comparativo da estatura minhota com o departamento da Dordogne (França)

Regiões	Percentagem das estaturas		Estatura media
	Inferiores a 1m.60	Superiores a 1m.70	
Minhoto	29.8	13.5	1m.638
Hautefort (Perigueux)	26.8	10.7	1m.632
Laforce (Bergerac)	21.7	13.1	1m.634
Riberac	25.4	13.6	1m.633
Mareuil (Nontron)	29.0	12.1	1m.630

Não quero antecipar as minhas conclusões sem que o leitor percorra todos os documentos comprovativos de que, realmente, esse typo sobrevive tambem na região minhota.

Segundo o dr. Livi [3] a estatura italiana é de 1.645, isto é, mais forte 7 millimetros do que a minhota; mas a proporção das altas estaturas com as pequenas differindo pouco, pois é de 18.2 % para as inferiores a 1m.60 e de 17.6 % para as superiores a 1m.70, mostra uma dosagem na composição da estatura italiana differente da nossa que é, como se sabe, de 29.8 % para as baixas estaturas e 13.5 % para as altas.

Se se quizesse obter affinidade na composição da estatura da população ita-

---

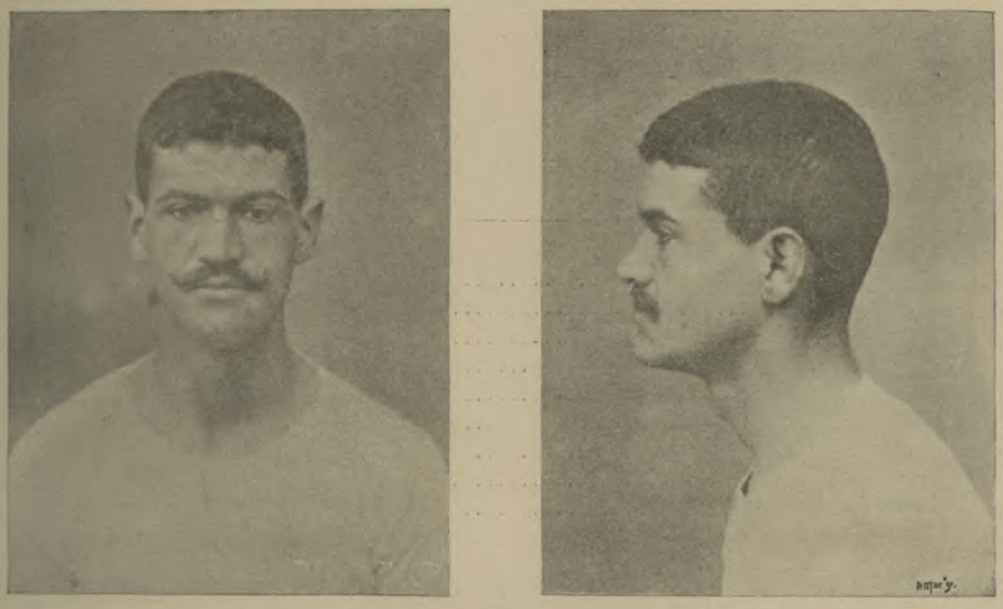
[1] Dr. Collignon. *Dordogne,* tableau, carte III, de la taille moyenne des conscrits de la classe de 1891.

[2] *Anthropologie de France. Dordogne,* pag. 57.

[3] *Antropometria militare.* Roma, 1896, pag. 32.

liana, com a nossa, tinha de se ir ao sul da Italia, aos antigos territorios de Lucania, Apulia e Brutium, hoje com as denominações de Basilicata, Puglie e Calabria. As suas populações apresentam uma mesma estatura — 1.63 — como se poderá vêr do quadro que adeante apresentamos. [1]

Infere-se pois de todos esses numeros expostos que, desde a Aquitania, pelo centro da Hespanha, norte minhoto de Portugal, ao sul d'Italia, vive uma população cuja estatura foi influenciada pelos dois elementos ethnicos alto e pequeno, n'uma mesma proporção, a qual é, *grosso modo*, de 25 % para as estaturas pequenas e de 10 % para as altas.



II — Dolichocephalo (75.8) moreno, mesorrhinico e mesopsida, estatura acima da media. Representa o typo de Cro-Magnon.

Atravessando o Mediterraneo vae-se encontrar na Tunisia, agrupando-se na região dolmenica de Ellez, uma população igual em estatura á que acabei de fallar. O dr. Collignon, que estudou excellentemente a população tunisiana, identifica o habitante de Ellez com a raça de Cro-Magnon, declarando-o descendente dos constructores dos monumentos megalithicos do paiz. [2]

Demonstradas, como me parece, as affinidades ethnicas do nosso minhoto, quanto á estatura, com os povos do sul da França e d'Italia, do centro da Hespanha e do norte d'Africa, na Tunisia, resta vêr como a sua estatura media se distribue na região que estudo, confirmando o trabalho anthropometrico.

---

[1] Extrahido da obra já citada do dr. Livi: *Antropometria militare.*

[2] Dr. R. Collignon. *Étude sur l'Éthnographie générale de la Tunisie.* Paris, 1887.

A carta que vae no fim d'este trabalho foi composta com as estaturas medias obtidas por freguezias—a menor unidade administrativa do nosso paiz. Para se poder fazer uma ideia do relevo geral da região, marquei as cotas mais elevadas do terreno, inscriptas n'um circulo.

Quando se considera a carta, o que logo impressiona é a distribuição das estaturas mais elevadas, serpenteando atravez dos grandes valles da região, occupando as principaes povoações e localisando-se sobretudo em tres pontos: o 1.° á beira-mar na freguezia de Carreço, nas bellas veigas que contornam o *Arvum Jugum* de Avieno;[1] o 2.° em S. Paio d'Antas, junto á foz do Neiva; o 3.° em Ponte do Lima. Aqui a influencia das altas estaturas fórma uma localisação interessante, como se fosse um

Quadro comparativo da estatura minhota com a do sul da Italia

Regiões		Percentagem das estaturas		Estatura media
		Inferiores a 1m.60	Superiores de 1m.70	
Minhoto d'Entre Cavado e Ancora		29.8	13.5	1m.638
Puglie	Bari	25.2	11.1	1m.632
	Faggi	23.4	11.5	1m.635
	Lecce	21.8	13.5	1m.638
Calabria	Catanzaro	24.1	11.1	1m.631
	Cosenza	25.2	10.0	1m.631
	Reggio Calabria	25.5	11.6	1m.635
Basalicata		28.6	8.6	1m.626
Ilha da Sicilia		23.8	13.0	1m.635
Ilha da Sardenha		32.8	5.7	1m.619

braço destacado da corrente geral que, ou subindo o valle do Lima, ou descendo do norte atravez do valle do Coura, se detivesse em Ponte do Lima.

O que é certa é a influencia especialmente maritima d'um povo de alta estatura que, alongando o oceano até Vianna, abrangeu o valle de Portozello, seguiu por Deão, Portella Suzã, Alvito, Gallegos e Barcellos, continuando d'ahi para sudoeste.

Occupou pois a parte menos accidentada da região. Os altos valles, o paiz essencialmente montanhoso, emfim, é occupado pelas pequenas estaturas. Ellas dominam com effeito no concelho de Ponte do Lima, estendendo-se n'uma grande massa para leste. No concelho d'Espozende, entre o Cavado e o Neiva, mostra-se o nucleo das mais pequenas estaturas, dominando a região montanhosa de S. Gonçalo e de Villa Chã. Aqui o grupo de estaturas de 1m.59, oppõe-se ao das elevadas que dominam na foz do Neiva. Este facto dos dois elementos, um em presença do outro, explica a razão dos dois maximos de frequencia na seriação de Espozende, como se viu atraz. Note-se tambem que este territorio é o mais importante e promette-

[1] Segundo o snr. dr. M. Sarmento, no seu estudo sobre a *Ora maritima*, pag. 32.

dor em restos archeologicos e monumentos megalithicos, como já o fizera vêr o snr. dr. Martins Sarmento. [1] Em Midões, na região montanhosa entre o Cavado e o Este nota-se um outro agrupamento de pequenas estaturas que decerto se vae ligar para sul com a parte montanhosa do concelho de Villa do Conde.

Emfim, dir-se-hia que uma população de pequena estatura habitára toda a região que estudo e, posteriormente, uma raça alta retalhára n'uma forte corrente invasora essa população, a qual se acoitou em todas os macissos montanhosos. Sabemos já que esse povo pequeno era composto de duas raças fusionadas: a dolichocephala de Baumes-Chaudes ou Cro-Magnon e a brachycephala de Grenelle. Pelos tempos proto-historicos deu-se a invasão, no nosso paiz, da raça grande, *nordica*. Eram os *Tamahus* dos egypcios,—brancos, de olhos azues—que, irrompendo pela Europa chegaram a invadir o norte d'Africa, indo bater á fronteira occidental do paiz dos Pharaós.

Mas a população minhota vencida era em maior numero, de modo que a alta estatura foi-se pelo tempo obliterando com os cruzamentos na massa indigena. A pequena estatura vae pois tomando o seu ascendente. Com effeito, comparando os agrupamentos das estaturas dos annos de 91 a 95, formei o quadro seguinte que parece mostrar bem esse curioso phenomeno ethnico:

Quadro dos agrupamentos annuaes das estaturas de 1891 a 1895

Nomenclatura	1891 — Percentagem dos casos	1892 — Percentagem dos casos	1893 — Percentagem dos casos	1894 — Percentagem dos casos	1895 — Percentagem dos casos
Altas estaturas — 1m.70 para cima.....	17	11	12	14.8	13.0
Estaturas medias { altas — 1m.69 a 1m.65.....	28.3	27.3	25.4	22.8	26.2
Estaturas medias { baixas — 1m.64 a 1m.60.....	31.5	31.5	32.0	31.1	26.7
Pequenas estaturas — 1m.59 para baixo....	23.2	30.2	30.6	31.3	34.1
Somma.....	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0
Numero das estaturas.....	655	737	554	512	631
Estaturas medias obtidas.....	1m.635	1m.622	1m.626	1m.627	1m.624
Estaturas medias definitivas.....	1.642	1.634	1.638	1.639	1.636

Ora é facto que n'estes ultimos annos se tem sentido a falta de homens de estatura elevada para os corpos de cavalleria do nosso exercito. E o anno passado essa falta tornou-se tão sensivel que, do ministerio da guerra, dimanou uma ordem para que fossem alistados em cavalleria homens d'estatura menor do que a regulamentar, os quaes foram abatidos aos regimentos d'infanteria.

---

[1] *Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, pag. 62.

ESTUDO GERAL DA CABEÇA

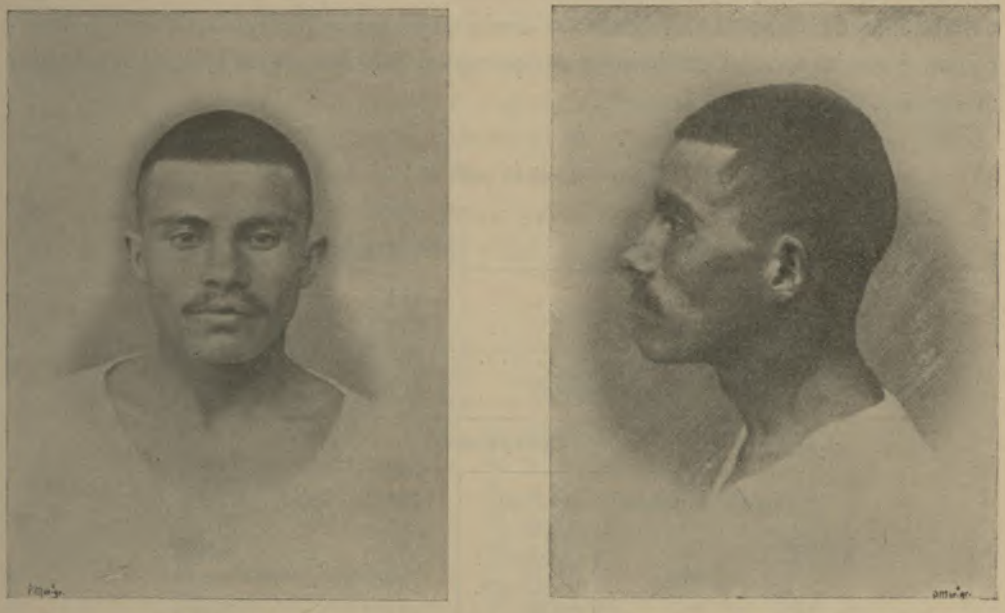
CARACTERES DESCRIPTIVOS.—A CÔR—As observações que se seguem, tanto para os caracteres descriptivos, como para as medidas de cabeça, foram, como disse, obtidas em 110 individuos, soldados do recrutamento de 95, os quaes se distribuem pelos trez concelhos de Vianna, Ponte do Lima e Barcellos. No de Espozende apenas pude obter uma observação, infelizmente, motivo porque elle não é representado n'esta segunda parte. Em cada concelho consegui exceder a «serie sufficiente» de Broca, isto é, formada de 20 individuos, exceptuando porém o de Ponte do Lima em que ella é justa.

Quadro da percentagem da côr dos olhos e do cabello no minhoto

Numero d'observações	Concelhos	Côr dos olhos			Côr dos cabellos					Semi-somma dos olhos e cabellos		Excesso do typo moreno sobre o louro
		Claros	Medios	Escuros	Ruivos	Louros	Medios	Escuros	Negros	Escuros	Claros	
39	Vianna	10.3	17.9	71.8	-	2.6	17.9	66.7	12.8	75.6	6.5	69.1
20	Ponte do Lima	25.0	5.0	70.0	-	15.0	15.0	50.0	20.0	70.0	20.0	50.0
51	Barcellos	5.9	23.5	70.6	3.9	2.0	21.6	66.7	5.8	71.6	5.9	65.7
110	Total (Minhoto)	10.9	18.2	70.9	1.9	4.5	19.1	63.6	10.9	72.7	8.7	64.0
	Comparação											
França (Dr. Collignon)	Dordogne	34.2	42.2	23.6	.6	14.4	18.7	54.2	12.1	45.3	24.6	20.4
Italia (Dr. Livi)	Puglie	7.6	18.8	73.6	.4	5.7	-	57.2	36.7	55.2	6.6	49.6
	Calabria	5.5	16.0	80.4	.2	3.8	-	52.1	43.9	62.2	4.6	57.6
	Basalicata	6.7	16.4	76.9	.5	4.8	-	59.5	35.2	56.0	5.8	50.2
	Sicilia	7.7	14.1	76.3	.4	5.0	-	56.3	38.3	57.3	6.3	51.0
	Sardenha	4.0	6.9	86.1	.2	1.7	-	43.5	54.6	70.4	2.9	67.5

A distribuição da côr pelos trez concelhos, indica-nos: que a sua população é morena essencialmente; que o elemento louro influenciou mais nas regiões onde a estatura elevada se evidenceia. Assim Vianna apresenta-se com esse elemento louro mais accusado do que Barcellos, onde elle é minimo, condensando, pelo contrario, mais fortemente o typo intermedio. O que causa surpreza á primeira vista, é a percentagem loura de Ponte do Lima como a mais forte. Este concelho é realmente notavel n'este ponto, destacando-se nitidamente o elemento louro do moreno. Viu-se, porém, quando analysei a estatura, que um forte agrupamento de alta estatura domina a villa e seus arredores, emquanto o elemento pequeno se separa n'uma massa, no resto do concelho para sul e leste.

Ora 30 % dos individuos que observei pertencem á villa e ao arrabalde, exactamente no dominio d'esse elemento alto. Além d'isso a fusão das duas populações far-se-hia com difficuldade, ambas arredadas dos grandes centros do paiz e acantonadas cada qual no seu habitat; uma dominando o valle, a outra mantendo-se superiormente na montanha. Ainda hoje o habitante de Ponte do Lima teme o montanhez do Soajo e é com terror que elle nos falla das suas antigas incursões, o que prova que as duas populações se não relacionavam, mantendo puros por mais tempo os seus caracteres ethnicos. Nos outros concelhos, devido á sua situação topographica, essa mesclagem fez-se mais rapidamente e portanto a percentagem das medias é mais notavel no meu quadro. Parece-me, pois, explicada esta interessante



III — Brachycephalo (88.3) moreno, mesorrhinico, de pequena estatura.
Representa a raça de Grenelle.

distribuição da côr, que, de resto, não invalida, antes fortalece, as conclusões anteriores; isto é, que uma população alta e loura occupou, em tempos remotos, a orla maritima e os valles mais importantes da região minhota. E ainda, para consolidar mais esta affirmativa, vou-me valer d'um caracter de importancia secundaria, é certo, mas que ora me vae servir de bom auxilio. Sabe-se que o typo ruivo — que é considerado um ramo do louro — além dos caracteres peculiares a este typo, apresenta a pilosidade fulva e umas manchas na pelle a que no nosso paiz se dá o nome de *sardas*. As sardas são hereditarias transmittindo-se e fixando-se como os outros caracteres; de modo que um individuo moreno que apresente no rosto ou nas mãos essas manchas caracteristicas, inconfundiveis, deixa-nos antevêr a influencia do sangue da gente ruiva ou loura. Ora eu tive o cuidado de notar, quando estudei a mi-

nha serie minhota, todos os individuos que apresentavam signaes de sardas. Eis a sua percentagem distribuida pelos trez concelhos:

Vianna	Ponte do Lima	Barcellos	Minhoto (total)
Sardas 15.4 %	15 %	3.9 %	10.0 %

Comparando este agrupamento com o quadro da côr vê-se que condiz flagrantemente com a distribuição do typo louro. Os sardentos dominam mais em Vianna e Ponte do Lima, onde se patenteiam os nucleos de altas estaturas, do que em Barcellos; aqui a sua influencia é minima.

O minhoto é mais moreno do que o aquitanio e o homem do sul da Italia, que lhe são no emtanto proximos parentes, mostrando n'este caso mais affinidades com o habitante da Sardenha. Não tendo ainda apparecido o estudo da côr na Hespanha, é-me impossivel estabelecer comparações, mas por certo as suas affinidades devem ser muito intimas tambem.

Quadro da percentagem do perfil do nariz no Minhoto

Concelhos	Concavos	Rectos	Convexos
Vianna	23.1	60.0	17.9
Ponte do Lima	25.0	55.0	20.0
Barcellos	19.6	74.5	5.9
Total (Minhoto)	21.8	65.5	12.7
Comparação			
França (Dr. Collignon) — Dordogne	16.0	38.1	45.0
Italia (Dr. Livi) — Puglie	23.3	-	10.0
Italia (Dr. Livi) — Calabria	23.1	-	9.5
Italia (Dr. Livi) — Basalicata	16.9	-	9.7
Italia (Dr. Livi) — Sicilia	21.3	-	10.0
Italia (Dr. Livi) — Sardenha	27.3	-	8.7

FORMA DO NARIZ — Broca dividia este bom caracter em trez classes: o nariz concavo, o recto e o convexo; o primeiro era caracteristico na raça brachycephala, pequena, a segunda na raça dolichocephala, morena, e a terceira na loura, dolichocephala, alta. Na população minhota notar-se-ha que este caracter nos evidenceia pela primeira vez a presença de trez raças: uma de nariz concavo exercendo maior influencia na região ao norte do rio Lima, em Vianna e Ponte do Lima; a outra com elle recto, formando a massa da população dos trez concelhos, mas preponderando no de Barcellos; a terceira de nariz convexo tendo uma influencia insignificante em Barcellos, mas importante nos de Vianna e de Ponte do Lima. Comparando-se, porém, as suas percentagens com a côr e com a estatura conclue-se que, realmente, onde se destaca o typo louro e alto dominam os narizes convexos; onde predomina o moreno e de

baixa estatura, accentuam-se tambem as duas fórmas recta e concava, esta n'uma proporção menor. E' uma confirmação da classificação de Broca, sobretudo para o typo louro, pois é um facto, desde já assente, que uma população de raça nordica exerceu maior dominio no littoral de Carreço, Areosa até ao Neiva e, sobretudo, na villa de Ponte do Lima e seus arredores.

A comparação do nosso minhoto, n'este caracter, com as populações europeias que tenho apontado, corrobora ainda as suas affinidades ethnicas. Elle é no emtanto mais puro que o habitante da Dordogne, o qual tem um tanto mais de sangue louro, como já se viu.

CARACTERES ANTHROPOMETRICOS.—O INDICE CEPHALICO—Nas medidas de cabeça segui o methodo francez geralmente adoptado e que sempre tenho usado em todos os meus trabalhos anthropometricos ou osteometricos, servindo-me portanto dos instrumentos respectivos, fabricados na casa Collin de Paris.

Quanto á nomenclatura do indice cephalico, fundando-me nas experiencias methodicas, realisadas pelos illustres anthropologistas Abel Hovelaque e Georges Hervè [1] e na necessidade de se contar com duas unidades para se tornar comparaveis o indice cephalometrico com o craneometrico, segundo tambem as minhas proprias observações, adopto definitivamente, em todos os meus trabalhos anthropologicos, a seguinte nomenclatura:

	No vivo	No craneo
Ultradolichocephalos	69 para baixo	67 para baixo
Hyperdolichocephalos	70 a 73 incl.	68 a 71
Dolichocephalos	74 a 77 »	72 a 75
Mesaticephalos	78 a 81 »	76 a 79
Brachycephalos.....	82 a 85 »	80 a 83
Hyperbrachycephalos.....	86 a 89 »	84 a 87
Ultrabrachycephalos	90 para cima	88 e mais

Subdivido ainda os mesaticephalos em duas classes: dos *mesaticephalos dolichoides*, indices no vivo de 78 a 79 e seus correspondentes no craneo; dos *mesaticephalos brachyoides*, indices de 80 a 81 e seus correspondentes no craneo. As duas expressões que indicam essas classes não são, de resto, novas na technologia anthropologica embora com outro sentido; no emtanto ellas dão bem nitidamente a influencia dolichocephala ou brachycephala na mesaticephalia das populações muito mescladas. Assim, por exemplo, o minhoto com o seu indice cephalometrico de 78.1 é um mesaticephalo dolichoide, por opposição ao cantabrico que, tendo um indice medio de 80.5 (Olóriz), é um mesaticephalo brachyoide.

---

[1] *Recherches ethnologiques sur le Morvan,* in *Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris,* 1893.

O indice cephalico medio do nosso minhoto é, como disse, de 78.1, no extremo, se póde dizer, da dolichocephalia, o que confirma o craneometrico de 75.7, obtido em 30 craneos minhotos e indicado pelo snr. Silva Basto. [1] Differe apenas uma decima do indice medio hespanhol — 78.2 [2] — distanciando-se do italiano que é de 82.7 [3] e do francez 83.6. [4] É um mesaticephalo-dolichoide, como disse.

Quadro do indice cephalico por concelhos — unidades

Indices	39 — Vianna — Casos %	20 — Ponte do Lima — Casos %	51 — Barcellos — Casos %	110 — Total — Casos %
69	-	5.0	-	0.9
70	-	-	-	-
71	-	5.0	-	0.9
72	5.2	-	3.9	3.6
73	2.6	-	-	0.9
74	2.6	-	3.9	2.7
75	5.2	15.0	15.7	11.8
76	10.4	10.0	9.8	10.0
77	15.6	15.0	11.8	13.6
78	18.0	10.0	19.6	17.2
79	12.5	20.0	13.7	14.5
80	10.4	-	11.8	9.1
81	5.2	10.0	3.9	5.6
82	-	-	3.9	1.8
83	7.8	5.0	-	3.6
84	-	-	-	-
85	2.6	-	-	0.9
86	-	-	-	-
87	-	-	-	-
88	-	5.0	-	0.9
89	2.6		2.0	1.8
Medias	78.4	77.8	78.1	78.1

Analysando o seu quadro de seriações por concelhos póde-se deduzir quaes os elementos que poderiam influir mais na mesaticephalia moderada do minhoto, mesclagem que se apresenta com uma variação de indices, de 20.6.

Dois elementos se destacam: um dolichocephalo nos arredores de 75, outro brachycephalo nos arredores de 84, concorrendo para a formação da media 78.

---

[1] *Indices cephalicos de portuguezes,* in *O Instituto.* Coimbra, 1897, pag. 479.

[2] D. F. Olóriz. *Distribucion geográfica del índice cefálico en España.* Madrid, 1894.

[3] Dr. R. Livi. *Antropometria militare.* Roma, 1896.

[4] Dr. R. Collignon. *Indice céphalique des populations françaises,* in *L'Anthropologie,* 1890.

Note-se como a curva é mais firme para o lado da dolichocephalia. No concelho de Ponte do Lima, que é o mais dolichocephalo, nota-se o maximo de frequencia em 79. É curioso observar que esse maximo coincide com a percentagem do typo louro e com a dos narizes convexos. Não faz pensar n'essa influencia d'uma população nordica que se vem notando desde a estatura? O indice de 79 é, como se sabe, privativo d'essa raça septentrional europeia. No concelho de Vianna preponderam tambem os dois elementos brachycephalo e o mesaticephalo. Em Barcellos realisa-se com mais accentuação o typo mixto, evidenciando-se no emtanto o seu segundo maximo de frequencia dolichocephalo. Comparemos agora os agrupamentos do indice minhoto com o das populações que já temos notado nos outros caracteres.

Quadro comparativo do indice cephalico

Concelhos	Dolichocephalos (De 77 para baixo) %	Mesaticephalos (De 78 a 81) %	Brachycephalos (De 82 para cima) %	Indices medios
Vianna	41.2	45.8	13.0	78.4
Ponte do Lima	50.0	40.0	5.0	77.8
Barcellos	45.1	49.0	5.9	78.1
Total	44.5	46.4	9.1	78.1
Comparação				
Hespanha (Olóriz) — Total	48.7	40.6	10.6	78.2
Hespanha (Olóriz) — Região Gallaica	40.6	46.9	12.1	78.8
Hespanha (Olóriz) — » Castelhana superior	54.3	38.2	7.4	77.7
Hespanha (Olóriz) — » Alta Andaluzia	52.2	38.4	9.4	77.8
Hespanha (Olóriz) — » Cantabrica	30.0	41.3	28.7	80.5
França (Collignon) — Dordogne norte	34.6	46.5	18.9	78.2
França (Collignon) — Dordogne total	26.5	39.2	43.2	80.7
Italia (Livi) — Puglie	28.6	39.0	32.3	79.8
Italia (Livi) — Calabria	43.2	36.8	19.9	78.4
Italia (Livi) — Basalicata	19.8	38.0	42.2	80.8
Italia (Livi) — Sicilia	29.1	42.0	28.9	79.6
Italia (Livi) — Sardenha	52.4	32.4	15.2	77.5

A invasão brachycephala que dos Pyreneus contornou a costa norte de Hespanha até á Galliza, continuou d'ahi para o Minho, mesclando fortemente o typo autochtone. Assim o concelho de Vianna, que conserva a par do typo louro o brachycephalo n'uma proporção mais forte que os outros dois concelhos, liga-se naturalmente á região gallaica, e dá-nos assim a explicação que as duas raças que mais influenciaram na mestiçagem no minhoto seguiram a mesma via d'invasão. Ponte

do Lima onde os dois elementos alto, louro e dolichocephalo e o pequeno, moreno e dolichocephalo estão em presença, com predominio d'este, liga-se antes para leste com a região Castelhana superior e deixa-nos antever, como de resto já nos mostra o mappa das estaturas, que pela região do Soajo e Bouro e em Traz-os-Montes, é onde se deverá conservar em maior grau de pureza, a velha raça autochtone portugueza. O snr. Silva Basto já nos faz a mesma observação ao notar a forte dolichocephalia craneana do transmontano. [1]

Emfim o minhoto é proximo parente do typo humano da Dordogne norte e do sul da Italia, como já se viu ao estudar os outros caracteres, apresentando, no emtanto, o elemento dolichocephalo mais accentuado. Elle é por sua vez menos puro que o norte da Africa, onde o typo de Ellez tem, de indice cephalico medio, 74.5, o tunisiano em geral 76.7 e os kabylas de Alger 76.4.

INDICES VERTICAES — São correspondentes aos dois indices verticaes do craneo, e foram determinados pela primeira vez pelo dr. Collignon no estudo da população da Dordogne. [2] Obteem-se comparando a altura sub-auricular — do vertex ao trago — com os dois diametros: antero-posterior e transverso maximos.

Quadro dos agrupamentos dos indices verticaes por concelhos

Concelhos	Indice vertico-longo				Indice vertico-transverso			
	Hypsicephalos (70 para cima)	Mesocephalos (69 a 67)	Platycephalos (66 para baixo)	Indices medios	Hypsicephalos (86 para cima)	Mesocephalos (85 a 83)	Platicephalos (82 para baixo)	Indices medios
	%	%	%		%	%	%	
Vianna.....	13.0	22.8	64.2	66.7	38.4	36.0	25.6	85.2
Ponte do Lima....	5.0	30.0	65.0	65.6	35.0	30.0	35.0	84.4
Barcellos.....	9.9	21.6	68.6	65.8	31.4	29.4	39.2	84.2
Minhoto (Total)....	**10.0**	**23.6**	**66.4**	**66.1**	**34.9**	**31.8**	**33.3**	**84.5**

O *indice vertico-longo* é, no minhoto, de 66.1, isto é, platycephalo. O seu agrupamento por concelhos mostra-nos que essa platycephalia foi moderada no concelho de Vianna pela hypsicephalia talvez da raça brachycephala cujo agrupamento do indice cephalico coincide com este. Os outros dois concelhos são nitidamente platycephalos, sobretudo o de Ponte do Lima.

A comparação com o *indice vertico-transverso* vae-nos confirmar a tendencia hypsicephala do concelho de Vianna. Com effeito o seu indice medio de 85 no limite superior da mesocephalia e a sua mais forte percentagem de hypsicephalos, dizem-

[1] *Indices cephalicos portuguezes*, pag. 479.

[2] *Anthropologie de la France — Dordogne*, etc., pag. 48-53.

nos bem que os habitantes d'este concelho teem o craneo antes elevado. Já no resto da região que estudo, a dolichocephalia anda associada a uma platycephalia propria. Este facto foi notado, como caracteristico da raça perigordina pelo snr. dr. Collignon, que fez assim salientar a importancia do estudo dos dois indices verticaes, quando associados com o cephalico, na destrinça das raças no seio d'uma população mesclada, como geralmente é a europeia.

INDICE ANTERIOR — Quando se observa o rosto de frente, no seu contorno geral, este indice, determinado pela relação centesimal da largura maxima bizygomatica para a altura total do vertex ao mento, confirma-nos a impressão que temos d'um rosto longo ou curto. O seu estudo é tão importante como o do indice cepha-

IV — Louro caracteristico, de alta estatura (1^{m}.716).
Representa a raça nordica.

lico na fórma geral do craneo. Assim, o rosto do minhoto é antes curto do que longo, isto é, de indice mesopsida — 62.6 e essa fórma na media mantem-se em todos os concelhos — 62.6 no de Vianna, 62.6 no de Barcellos, accentuando-se ainda mais no de Ponte do Lima — 62.7. Ora esta associação d'uma face relativamente larga a um craneo longo, esta desharmonia craneo-facial é, como se sabe, caracteristica unicamente na velha raça de Baumes-Chaudes ou Cro-Magnon. Vê-se pois que o *indice anterior* associado com o cephalico, determina só por si e confirma o que os outros caracteres já tinham indicado: *a supervivencia, no Alto Minho, do typo autochthone da população dos nossos kjoekkenmoeddings do valle do Tejo, descendentes directos, por sua vez, da ultima raça humana quaternaria, isto é, a raça de Baumes-Chaudes.*

O illustre dr. Collignon foi o primeiro que demonstrou esta supervivencia da celebre raça humana prehistorica: na população de Ellez, na Tunisia; em França, na população que habita o littoral maritimo do norte da Bretanha entre a foz do rio Guer e a do Trieux e no habitante do valle do Lisle, na Dordogne. [1]

Notemos, emfim, no quadro de agrupamentos d'este indice a maior percentagem dos dolichopsidas e dos brachypsidas em Vianna. Nos primeiros estão certamente representados os invasores *nordicos*, altos e louros, cuja influencia no littoral maritimo d'este concelho já tenho feito notar. Essa raça loura distingue-se, cephalometricamente, da raça desharmonica de Baumes-Chaudes, em ser pelo contrario harmonico o seu todo craneo-facial, isto é, tem o craneo longo e o rosto tambem longo. Nos segundos, os emigrantes primeiros que mais intimamente se fusionaram com o indigena, dá-se o mesmo facto; tambem são caracterisados pela sua harmonia

Agrupamentos do indice anterior por concelhos

Nomenclatura	Vianna	Ponte do Lima	Barcellos	Minhotos (Total)
	%	%	%	%
Dolichopsidas (61 para baixo).....	43.6	40.0	39.2	40.9
Mesopsidas (62 a 65).....	41.0	50.0	49.0	46.2
Brachypsidas (66 para cima).....	15.4	10.0	11.8	12.6
Indices medios.....	62.6	62.7	62.6	62.6

craneo-facial: brachycephalos e brachypsidas. No concelho de Ponte do Lima a par da preponderancia dos rostos relativamente largos, destaca-se a frequencia dos dolichopsidas, certamente na villa e seus arredores que é onde a influencia da raça nordica se fez mais sentir. No de Barcellos as suas percentagens intermedias, como sempre temos visto, indica-nos bem a fusão mais intima dos seus elementos ethnicos.

O *indice facial* — mento-ophryaco-bizygomatico — corrobora as conclusões do indice anterior. É de 100.0 no minhoto medio, o que indica uma face larga. Nos trez concelhos este indice é de 100.3 no de Vianna; de 100.4 no de Ponte do Lima e de 104.5 no de Barcellos; isto é, chamœprosopos.

INDICE NASAL — Com este indice completa-se e comprova-se d'um modo seguro o que tenho deduzido precedentemente. O indice medio no minhoto de 64.2 é leptorrhinio moderado, devido por certo á influencia da forte leptorrhinia d'uma população invasora, que lhe modificou a sua primitiva mesorrhinia.

---

[1] *Étude sur l'ethnographie générale de la Tunisie*, pag. 315 — *L'anthropologie au conseil de révision. Études des populations des Côtes-du-Nord*, pag. 58 — *Dordogne*, etc., pag. 57 e 64.

Com effeito, considerando a distribuição do indice pelos trez concelhos, notam-se as seguintes variações:

Agrupamentos do indice nasal a cinco unidades

Nomenclatura	Vianna	Ponte do Lima	Barcellos	Minhotos (Total)
	%	%	%	%
Hyperleptorrhinios..— 54 para baixo...	10.3	5.0	3.9	6.5
Leptorrhinios..... 55 a 59....	20.5	15.0	11.7	15.7
Leptorrhinios..... 60 a 64....	30.8	30.0	29.4	30.1
Leptorrhinios..... 65 a 69....	30.8	20.0	35.3	30.9
Mesorrhinios..... 70 a 74....	7.6	20.0	11.7	11.0
Mesorrhinios..... 75 a 79....	-	10.0	4.0	3.9
Mesorrhinios..... 80 a 84....	-	-	4.0	1.9
Indices medios.....	62.3	68.2	65.4	64.2

No concelho de Vianna elle é essencialmente leptorrhinio, apresentando a mais forte percentagem de hyperleptorrhinios. Isto mostra que a raça nordica que maior dominio exerceu na população indigena d'este concelho, fez quasi desapparecer com os seus cruzamentos o nariz mais largo do velho minhoto, dando-lhe em troca o longo e fino nariz que todos nós conhecemos no typo louro. Porém, nos outros dois concelhos, o nariz recto e largo na sua base manteve-se com pouca modificação. Em Ponte do Lima o indice de 68.2, indica maior pureza; póde-se dizer mesorrhinico, apezar da visinhança dos leptorrhinios nordicos que nós sabemos terem occupado a villa e o seu arrabalde. E, a proposito, eu tive a curiosidade de verificar este facto das duas raças em presença: a dolichocephala loura e dolichocephala morena, separando na minha serie o grupo dos habitantes da villa, dos do resto do concelho. Eis o resultado, apezar da pequenez das series:

	Indice anterior medio		Indice nasal medio
Habitante da villa de Ponte do Lima...	60.0	—	59.7
Habitante do resto do concelho.....	63.9	—	68.9

Não ha que duvidar; na villa o habitante é dolichopsida e hyperlepthorrhinio; no resto do concelho o habitante tem o rosto curto associado a um nariz largo; são duas raças oppostas em presença, como se notou ao estudar a distribuição da côr. Este fundo de mesorrhinia não é só devido á mestiçagem do brachycephalo; a região montanhosa de Ponte do Lima, que apresenta a raça dolichocephala mesopsida com mais pureza, mostra-nos tambem o indice nasal mais elevado, como caracter proprio. A associação dos trez caracteres: dolichocephalia, mesopsia e mesorrhinia é

privativa da raça de Baumes-Chaudes—Cro-Magnon. Não admira pois a accentuação d'este caracter nasal, no minhoto, quando nós sabemos que elle é a supervivencia da velha raça neolithica, attenuada pelos cruzamentos, mas conservando-se, no emtanto, relativamente mais pura nos altos valles do concelho de Ponte do Lima.

Recapitulando, os indices cephalometricos medios do minhoto que tenho analysado, apresento-os comparados com os do habitante da Dordogne e da região de Ellez, a fim de fazer assim sobresahir a sua grande affinidade ethnica.

As medias geraes das trez regiões indicadas no quadro recapitulativo, mostram bem á evidencia a intimidade do seu parentesco. Se buscarmos, porém, a

Quadro recapitulativo e comparativo das medidas anthropometricas minhotas

Regiões		Estatura	Indices				
			Cephalico	Vertico longo	Vertico transverso	Anterior	Nasal
Região minhota (F. Cardoso)	Media geral	1.638	78.1	66.1	84.5	62.6	64.2
	Concelho de Ponte do Lima	1.632	77.8	65.6	84.4	62.7	68.2
Dordogne (Collignon)	Media geral	1.623	80.7	68.4	84.8	62.0	69.0
	Arrondissement de Riberac	1.622	78.7	67.1	85.0	62.1	68.6
	Canton de Laforce (Bergerac)	1.634	77.9	66.1	84.8	62.0	68.8
Tunisia (Collignon)	Media geral	1.662	76.7	-	-	60.4	71.5
	Ellez—Medjerdah	1.634	74.5	68.7	91.6	61.8	72.0

comparação dos caracteres anthropometricos da população de Ponte do Lima, com um dos cantões da Dordogne norte, considerado, ethnicamente mais puro, o de La Force, por exemplo, a identidade das suas medias é tão frisante que faz desapparecer qualquer hesitação que por ventura reste ainda no nosso espirito.

Emfim, os numeros fallam, por si sós, tão claramente, que me abstenho de repisar em mais considerações.

Proporções da cabeça.—Como complemento ao estudo sobre a cabeça minhota, resta-me analysar as suas proporções verticaes e transversas. A altura da cabeça proporcionalmente á sua estatura é de 13.1, differindo apenas do canon europeu de Topinard [1] que é 13.3, a insignificante quantidade de 0.2.

Vê-se nas proporções verticaes: que a parte superior da cabeça é mais elevada no minhoto do que na população tunisia, mas menos do que nos parisienses; que a porção media do rosto, entre as sobrancelhas e a bocca, é mais desenvolvida no tunisio em geral que no minhoto, mas este sendo-o mais com relação ao parisiense; que a porção mandibular é approximadamente egual em desenvolvimento nas trez

[1] *Éléments d'anthropologie générale*, pag. 1092.

populações, notando ainda n'este caso a perfeita identidade do minhoto medio, com o francez dolichocephalo moreno do sul.

Registe-se ainda, como o habitante de Ponte do Lima — o concelho que apresenta em maior pureza os caracteres da raça autochthone — se destaca dos outros dois concelhos, pelo maior acanhamento da altura da cabeça e pelo maior desenvolvimento sob-boccal.

Nas proporções transversas observa-se que a porção parietal onde termina

Quadro das proporções da cabeça no minhoto — Altura da cabeça = 100

CONCELHOS	PROPORÇÕES VERTICAES			PROPORÇÕES TRANSVERSAES						
								Differença com o bizygomatico do		
	Altura opbryaca	Do opbryon á bocca	Da bocca ao mento	D. transverso maximo	D. biorbitario externo	D. bizygomatico	D. bigoniaco	Biorbitario externo	Bigoniaco	Transverso maximo
Vianna	37.6	42.3	20.0	69.7	53.6	62.6	46.0	— 9.0	— 16.6	+ 7.1
Ponte do Lima	36.4	41.8	21.4	68.9	54.3	62.7	47.9	— 8.4	— 14.8	+ 6.2
Barcellos	37.7	42.5	19.8	69.4	54.0	62.6	48.1	— 8.6	— 14.5	+ 6.8
Minhoto (Total)	37.4	42.4	20.3	69.5	54.0	62.6	47.5	— 8.6	— 15.1	+ 6.9
Comparação										
Região de Ellez — Medjerdah	34.9	45.9	19.2	64.8	55.8	61.8	55.7	— 6.0	— 6.1	+ 3.1
Tunisios (Collignon)	35.2	45.5	19.3	65.2	54.5	60.4	54.1	— 5.9	— 6.3	+ 4.8
Parisienses (Topinard)	40.9	39.8	19.1	-	50.4	60.8	47.8	— 10.4	— 13.0	-
Francezes dolichocephalos morenos do sul	-	-	20.0	-	-	-	-	-	-	-

o diametro transverso maximo é mais ampla no minhoto do que no tunisio; n'este a oval do rosto é mais regular do que n'aquelle. O rosto do minhoto é mais largo e accusado na largura zygomatica, retrahindo-se depois a oval inferiormente. No habitante do concelho de Vianna a largura no nivel dos zygomas, é um pouco mais attenuada, bem como na parte goniaca, o que lhe dá maior finura e estreiteza ao rosto. Esta attenuação é devida certamente á influencia do typo louro, que exerceu um certo dominio na orla maritima do concelho. Ponte do Lima confirma a sua largura de face, associada á dolichocephalia do seu craneo.

CONCLUSÕES

O minhoto d'Entre Cavado e Ancora é pois: de estatura media baixa; de olhos e cabellos escuros; nariz recto, leptorrhinio, um tanto largo na base; a cabeça medianamente longa, baixa e ampla na região parietal, mesaticephalo-dolichoide e platycephalo; o rosto curto e largo no nivel das zygomas, mesopsida; a glabella saliente, a fronte recta e o mento accusado. A linha de perfil da cabeça ergue-se com a fronte, arqueando regularmente até á altura do obelion, cahindo depois obliquamente para o ponto iniaco.

Apezar de mestiçado representa ainda pela reunião de seus caracteres a raça que existiu em Portugal no periodo neolithico, do typo de Baumes-Chaudes ou Cro-Magnon. É mui proximo parente ethnico do habitante do valle do Lisle, [1] na Dordogne e do bretão do littoral maritimo d'entre o Gruer e o Trieux; esse parentesco liga-se com o italiano insular do Mediterraneo e o das terras de Otranto e com o berber do planalto de Ellez e do valle de Medjerdah ao norte d'Africa e certamente com o seu visinho hespanhol baixo, moreno e dolichocephalo.

Trez raças principaes se destacam, como concorrentes na composição do seu typo actual:

1.ª A *raça pequena dolichocephala* (Baumes-Chaudes).—Estatura baixa, morena, dolichocephala, mesopsida e mesorrhinica. Ella forma o fundo autochthone da população—a percentagem dos seus representantes mais puros na minha serie é de 30 %—predominando ainda na região montanhosa do concelho de Ponte do Lima. A esta raça deve-se talvez juntar, como variedade ou sub-raça, um certo typo moreno de elevada estatura, mesorrhinico, com o mento saliente, isto é, differindo apenas pela sua estatura, o qual se nota espalhado pela população minhota sem uma localisação definida, pelo menos não a pude determinar, lembrando muito o typo grande de Cro-Magnon. Ou será um mestiço da raça dolichocephala, pequena e morena, com a alta e loura, apresentando todos os caracteres da primeira e apenas a estatura da segunda?

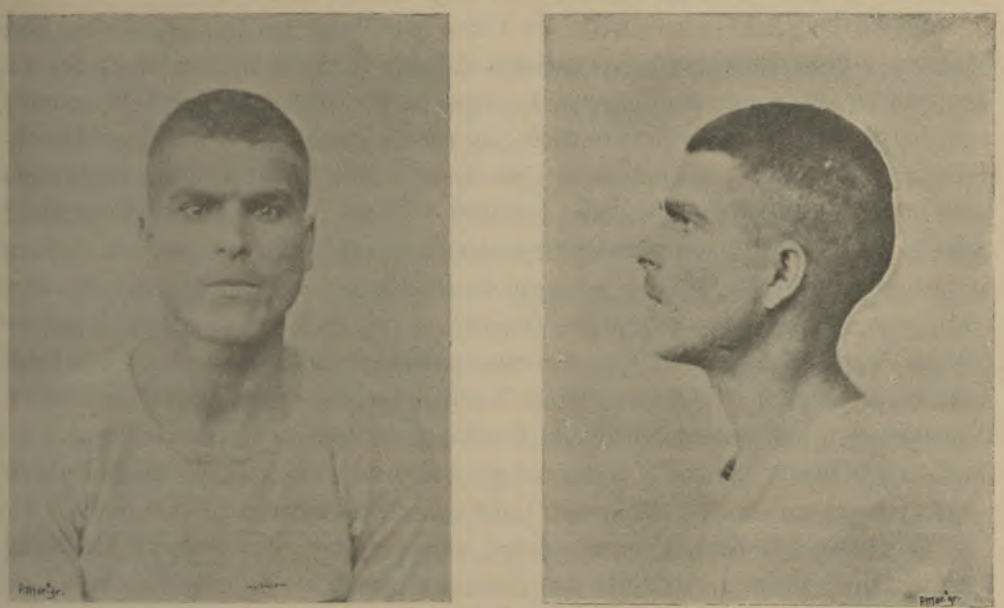
2.ª A *raça brachycephala* (Grenelle).—Pequena estatura, morena; a cabeça

---

[1] Por umas provas photographicas de typos francezes que o illustre anthropologista francez, snr. J. Deniker, teve a amabilidade de me enviar ultimamente, tive a satisfação de constatar o que a comparação anthropometrica me dera; a similhança do typo humano perigordino com o nosso minhoto medio, é flagrante, não deixando duvidas no nosso espirito.

Observarei que as photogravuras d'este trabalho foram cuidadosamente obtidas em individuos descendentes directos de velhas familias minhotas.

globulosa (ind. ceph. medio de 84.7) com a linha antero-posterior um tanto convexa na fronte e cahindo mais verticalmente na sua parte occipital; o rosto curto e largo (ind. ant. medio 65.2) com os pomulos bem accusados, o nariz concavo e mesorrhinico, a glabella pouco saliente e as orelhas destacadas. Esta raça, a primeira emigrante no nosso solo, ligou-se intimamente com a autochthone, dando causa á mesaticephalia do minhoto de hoje. Os seus representantes actuaes, misturados com os outros elementos ethnicos na massa da população, formam, no emtanto, um certo agrupamento interessante na parte montanhosa do concelho de Vianna. A sua percentagem na minha serie é de 10 %, mas como se sabe, ella foi mais forte no nosso



V — Mesaticephalo-dolichoide moreno, mesopsida e leptorrhinico, de baixa estatura. Representa o typo medio do minhoto actual.

paiz nos tempos neolithicos, de 29.0 % segundo a serie estudada pelo mallogrado Paula e Oliveira. Quando observei certos representantes mais puros d'esta raça, uma coisa me impressionou: foi a apparencia, o ar *mongoloide*, permitta-se-me a expressão, á falta de melhor, que todos elles tinham. Impressão semelhante teve-a tambem Paula e Oliveira ao estudar o craneo brachycephalo de Mugem, n.º 1, da serie neolithica do museu da Commissão geologica. [1]

3.ª A *raça loura, ou nordica.* — Alta estatura; dolichocephala ou mesaticephala, dolichopsida e de nariz longo e fino, leptorrhinio, normalmente convexo, olhos claros e cabellos louros ou ruivos.

---

[1] *Note sur les ossements humains existants dans le musée de la Comission des travaux géologiques*, in *Communicações*. Tomo II, fasc. I, pag. 7.

Esta raça, que invadiu o nosso paiz, pela primeira vez, nos tempos proto-historicos, occupando de preferencia os grandes valles, exerceu sobretudo a sua maior influencia na orla maritima, nas veigas de Affife, Carreço, talvez na foz do Neiva, e na villa de Ponte do Lima e arrabaldes, onde forma um agrupamento notavel. A sua intensidade na mestiçagem do minhoto foi um tanto menor do que a brachycephala. Na minha serie os representantes entram com a percentagem de 9 %.

Da fusão d'estas trez raças resultou uma profunda e variada mestiçagem em que, quasi sempre, preponderam os caracteres da raça aborigene como a mais numerosa e resistindo melhor no seu meio.

Broca, baseando-se na divisão da Gallia por Cesar em tres populações bem limitadas e differentemente caracterisadas, a Belga ao norte, a Celta ao centro e a Aquitana no sul, conseguiu determinar o typo celtico como brachycephalo, moreno e de baixa estatura. Esta determinação, apesar de combatida por alguns historiadores e archeologos que querem o celta louro e alto, foi plenamente confirmada pelos excellentes estudos dos snrs. Aranzadi y Hoyos [1] e Olóriz em Hespanha. [2] Sabe-se que Strabão, com outros historiadores e geographos antigos, nos indicam a existencia de povos celticos: no norte de Hespanha — no cabo Nerio, pela Cantabria e Asturia, — entre o Tejo e o Guadiana e no sul da Betica. Pois os anthropologos hespanhoes notaram que é n'estes paizes que a brachycephalia e a baixa estatura preponderam, differençando-se assim do resto da população hespanhola, talqualmente o habitante do centro da França com relação á Celtica de Cesar. Esta dupla concordancia dos dados anthropologicos com os historicos, não deixa duvidas, a meu vêr, ácerca do typo ethnico do Celta definido por Broca.

O mesmo Strabão na parte da sua «Geographia» que trata da Lusitania, tenta assim explicar a existencia dos celtas nos arredores do cabo Nerio: «Conta-se com effeito que um bando d'estes ultimos (os Celtas das margens do Anas, proximos parentes dos Celtas Nerios) emprehendera outr'ora uma expedição em companhia dos turdulos contra os povos d'esta parte da Iberia, e entrára em desordem logo na margem ulterior do Limeas e, perdendo em tal occasião, para cumulo de desgraça, o chefe que o commandava, se espalhou no paiz decidido a permanecer ahi, o que fez dar ao Limeas a denominação de rio do Lethes ou do Olvido.» Esta passagem tem para nós apenas o valor de nos indicar: 1.° que na população do Alto Minho deve existir mesclado o elemento celta; 2.° que a massa d'essa população não era celta. Ora, quanto á primeira parte, este estudo confirma, como se viu, a existencia d'esse elemento, cuja brachycephalia deu causa, nos seus cruzamentos com o indigena, á mesaticephalia do minhoto actual. Com respeito á segunda parte, fi-

[1] *Un avance à la antropologia de España*, pag. 19.

[2] *Distribucion geográfica del indice cefálico em España*, pag. 268 — *La talla humana en España*, pag. 37.

cou tambem demonstrado que a população autochthone não era realmente celtica, mas sim d'um typo differente dolichocephalo. Que nome teria, no mundo antigo, esta população que occupára toda a Peninsula Iberica e a região ao norte dos Pyreneos, espalhando-se para leste para o paiz banhado pelo Rhodano, pelo littoral do Mediterraneo, tendo até representantes na peninsula bretã, na Inglaterra e na Irlanda?

Avieno falla-nos dos Ligures habitando a região minhota; o snr. Martins Sarmento sustenta energicamente o ligurismo da nossa população; Gabriel de Mortillet diz-nos que «les Ibères se relient plus intimement avec les Ligures qu'avec les Celtes» [1] e nota-nos ainda que os Ligures precederam chronologicamente os outros dois povos.

Os caracteres descriptivos dos Ligures que os antigos escriptores nos deixaram são bem insignificantes para um anthropologista poder restabelecer o seu typo ethnico. Diodoro Siculo diz-nos que o Ligure era montanhez de pequenas proporções, magro, mas robusto; Tacito compara o Ibero com o Silure do oeste da Inglaterra, notando que este tem a côr morena como aquelle. Vê-se pois que o Ligure era de baixa estatura e moreno; mas como estes dois caracteres servem tanto aos brachycephalos como aos dolichocephalos, o anthropologo tem que resolver esta questão: se o Ligure era brachycephalo ou dolichocephalo. Ora Livi, na sua excellente e monumental obra anthropologica sobre a Italia, *Antropometria militare*, ao estudar o typo craneano da população da parte meridional dos Alpes, isto é a antiga Liguria, e notando o seu fraco indice cephalico com relação á brachycephalia caracteristica do italiano, declara: «Il tipo craniale di questo popoli (Ligures) è ormai dimostrato essere stato dolicocefalico, forma que vediamo ancora persistere nei Liguri moderni.» [2] E mais adeante, a proposito da Liguria actual: «il tipo craneale degli antichi Liguri dovette essere non brachicefalo, ma piuttosto dolicocefalo o mesaticefalo.» [3] Esta confirmação ás conclusões de Sergi [4] resolve portanto a questão de que o ligure era realmente baixo, moreno e dolichocephalo. E assim devia ser, visto que os Ligures precederam chronologicamente as populações brachycephalas, celtas.

Quanto a mim, e creio que bem fundamentado, as tres grandes raças que entraram na composição da população actual europeia eram assim representadas no mundo antigo:

A raça dolichocephala de Baumes-Chaudes dos anthropologistas, pelo Ligure.

A raça brachycephala de Grenelle, pelo Celta.

A raça de Hallstatt ou nordica, pelo Kymri, Galata ou Germano.

---

[1] *Formation de la nation française*, pag. 60.

[2] *Antropometria militare*, pag. 138.

[3] *Idem*, pag. 141.

[4] *Liguri e Celti nelle valle del Po*, in *Archivi per l'Antropologia italiana*, vol. XIII.

Os resultados da fusão d'estes trez elementos ethnicos em dosagens differentes, são os typos actuaes das populações da Europa.

O minhoto da região d'Entre Cavado e Ancora seria Ligure influenciado por uma dosagem do elemento Celta e uma parcella menor de sangue Galata.

E o grego, o carthaginez, o romano, o arabe, e o godo? Esses, afora algumas curiosas localisações que porventura existam de antigas colonias suas, exerceram antes uma influencia civilisadora do que ethnica, no sentido anthropologico da palavra.

Porto. Julho, 98.

FONSECA CARDOSO.

CARTA

da estatura media do minhoto

Legenda

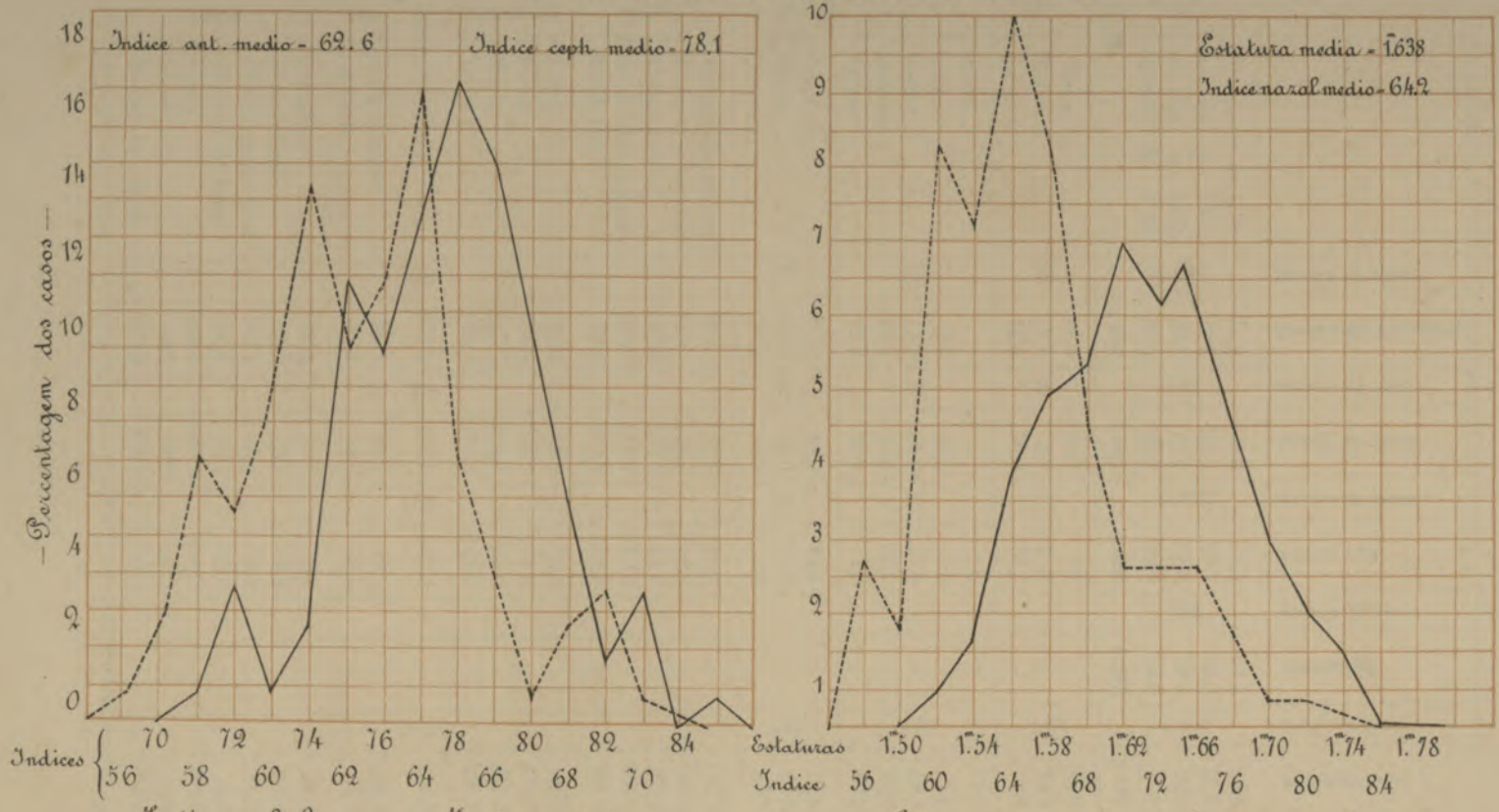
De 1,68–1,67 | De 1,66–1,65 | De 1,64–1,63 | De 1,62 | De 1,61 | 1,60 e 1,59

Limite de Concelho — +++++ Os algarismos dentro d'um circulo indicam as altitudes maximas da região.

PORTVGALIA Tomo I. Fac. 1.

GRAPHICOS

O Minhoto de Entre Cavado e Ancora.



QUADRO RECAPITULATIVO DO MINHOTO D'ENTRE CAVADO E ANCORA

			Numero de casos	VIANNA DO CASTELLO	Numero de casos	PONTE DO LIMA	Numero de casos	BARCELLOS	Numero de casos	ESPOZENDE	Total dos casos	MINHOTO (total)
ESTATURA	%	Superiores de 1.70	1:166	14.9	432	12.5	1:249	12.6	242	14.4	3:089	13.5
		De 1.69 a 1.65		27.6		24.9		26.7		22.6		26.2
		De 1.64 a 1.60		30.5		29.6		31.3		28.4		30.5
		Inferior de 1.59		27.9		35.9		29.4		34.6		29.8
	Media			1.642		1.632		1.638		1.633		1.638
OLHOS	%	Claros	39	10.3	20	25.0	51	5.9	-	-	110	10.9
		Medios		17.9		5.0		23.5		-		18.2
		Escuros		71.8		70.0		70.6		-		70.9
CABELLO	%	Ruivos	39	-	20	-	51	3.9	-	-	110	1.9
		Louros		2.6		15.0		2.0		-		4.5
		Medios		17.9		15.0		21.6		-		19.1
		Escuros		66.7		50.0		66.7		-		63.6
		Negros		12.8		20.0		5.8		-		10.9
NARIZ	%	Concavos	39	23.1	20	25.0	51	19.6	-	-	110	21.8
		Rectos		60.0		55.0		74.5		-		65.5
		Convexos		17.9		20.0		5.9		-		12.7
MEDIDAS DA CABEÇA	Diametros	Antero-post. maximo	39	190	20	191.2	51	189.8	-	-	110	190.3
		Transverso maximo		149		148.7		148.3		-		148.8
		Bizygomatico		133.8		135.4		133.9		-		134.2
		Biorbitario externo		115.6		117.2		115.5		-		115.9
		Bigoniaco		99.4		103.4		102.9		-		101.8
	Alt. do vertex do	Ophryo		80.3		78.5		80.5		-		80.0
		Bocca		170.6		168.7		171.4		-		170.7
		Mento		213.7		214.8		213.8		-		214.1
		Trago		126.9		125.5		124.9		-		125.7
	Altura da face			133.4		137.3		133.3		-		134.2
	Nariz	Comprimento		50.4		49.3		49.7		-		50.0
		Largura		31.4		32.7		32.5		-		32.1
	Indices	Cephalico		78.4		77.8		78.1		-		78.1
		Vertico-longo		66.7		65.6		65.8		-		66.1
		Vertico-transverso		85.2		84.4		84.2		-		84.5
		Anterior do rosto		62.6		62.7		62.6		-		62.6
		Facial		100.4		100.4		104.5		-		100.0
		Nasal		62.3		68.2		65.4		-		64.2
		Modulo de Smith		155.3		155.1		154.3		-		154.9

A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS

Numa nota publicada na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* [1] fizemos sentir a necessidade de estudar a vida do povo sob todos os aspectos, não restringindo a investigação apenas a certas manifestações dessa vida, como até agora se tem geralmente feito, e traçámos um programma para esse estudo, o qual depois alargámos, quando a Commissão das festas do centenario do descobrimento do caminho maritimo da India pensou em fazer uma exposição ethnographica portuguesa. [2] Ainda quando abstrahamos das minudencias que ninguem pode ter a pretenção de exgotar, esse programma é sem duvida incompleto; mas que enorme trabalho não é necessario para o preencher, limitando-o até ao que pode fixar-se pela escripta e pela reproducção graphica, emquanto não se tratar a serio de recolher os objectos materiaes mencionados!

A presente revista contribuirá, segundo é nossa convicção, de modo notavel para preencher as grandes lacunas existentes na investigação do nosso povo e sua vida, no passado e no presente. Forças juvenis congregam-se aqui, animadas de santo zelo, para realisar uma tarefa a que dedicámos uma parte de nossa actividade, colhendo apenas algumas parcellas que offerecemos aos novos trabalhadores sómente no intuito de lhes poupar um pouco de trabalho, repetindo investigações

---

[1] Anno IV, pag. 113 e seg.

[2] *Exposição ethnographica portuguesa. Portugal e ilhas adjacentes.* Lisboa, Imprensa Nacional, 1896. Ha alguns exemplares disponiveis que enviaremos aos estudiosos que no-los peçam.

já feitas ou procurando de novo indicações já achadas. Elles farão, e melhor do que fariamos, o que não pudemos levar a cabo.

Entre os assumptos do nosso programma, estava incluida a educação na familia popular. [1] É um dos menos tratados em toda a parte, quasi intacto entre nós. Temo-nos referido a elle em conferencias publicas. Num livrinho publicado em 1883 [2] examinámos o valor para a educação geral de certos elementos da tradição popular — os contos e jogos. Mas esses elementos estão longe de ser os unicos do seu genero e demais considerámo-los então por um lado exclusivo — porque tinhamos em vista uma questão de pedagogia pratica e combater certos preconceitos bastante arreigados em o nosso pais, principalmente pela influencia dum pseudo-positivismo que ha annos o invadiu. — Tinhamos demais de nos conter num estreito espaço, imposto pela natureza da collecção a que pertencia o referido opusculo. Urgia tratar o assumpto de novo, de modo mais completo e do ponto de vista ethnographico, ainda que sem esquecer, como é natural, o pedagogico. A difficuldade crescente de seguir em Portugal o movimento de qualquer ramo d'estudos e muito mais dalguns ramos ao mesmo tempo, tem sido a causa principal de hesitarmos em dar a lume parte das nossas investigações folk-loricas. Como, porém, tanto quanto sabemos, pouco ha sobre o assumpto de que começamos hoje a occupar-nos, com relação, entende-se, a outros povos e, pelo que respeita ao povo português, está como dissemos, a materia quasi intacta, não corremos muito perigo de nos apresentarmos atrasado.

Se mencionarmos o que H. Ploss nos ministrou no seu livro sobre *A Creança*, o que os pedagogistas teem escrito sobre o valor do canto, do conto, do enigma, do jogo popular na educação; o que nas historias da pedagogia ha sobre os periodos primitivos e algumas observações avulsas aqui e alli, podemos dizer que nada mais conhecemos publicado que respeite á educação do povo pelo povo, á educação na familia popular.

A obra de Ploss é geral, como indica o seu titulo; [3] uma grande parte della occupa-se do tratamento physico da creança, das superstições que lhe respeitam, das festas a que dão logar as phases da sua existencia, etc. O capitulo XXVI tem por objecto a acquisição da linguagem; o seguinte versa sobre o jogo e a canção

---

[1] Na citada *Revista*, IV, pag. 116.

[2] *Os elementos tradicionaes da educação*. Porto, Magalhães & Moniz. *(Bibliotheca d'educação nacional*, III). Numa traducção hispanhola publicada em 1884 no *Boletin de la Institucion libre de Enseñanza*, de Madrid, fizemos alguns accrescentos ás indicações bibliographicas.

[3] Dr. H. Ploss. *Das Kind in Brauch und Sitte der Völker. Anthropologische Studien*. Zweite Auflage. Berlin, 1883. Creio haver já 3.ª edição. Um dos auctores que consagrou maior numero de observações á educação entre os povos incultos foi Theodor Waitz na sua *Anthropologie der Naturvölker*. Ha muito pouco tempo publicou Ch. Letourneau um novo volume da sua serie sobre a evolução, intitulado *L'évolution de l'éducation*, em que se occupa da educação dos povos incultos, mas não trata da educação do povo pelo povo nos paises cultos.

infantis. O capitulo XXVIII é que se occupa particularmente da *Educação das creanças:* tem 42 paginas e as seguintes divisões:

1. Importancia pedagogica do jogo infantil.
2. Importancia pedagogica do medo e temor.
3. Importancia pedagogica da religião.
4. Importancia pedagogica da lenda e do conto.
5. Importancia pedagogica do enigma, da sentença e da canção.
6. Importancia pedagogica da disciplina.
7. Importancia pedagogica do castigo.
8. A superstição na educação.
9. A educação nos povos incultos.
10. A educação nos povos da antiguidade.
11. A educação entre os germanos.
12. A educação entre os orientaes.
13. A educação entre os povos cultos modernos.

Ainda que haja noutras partes do livro materia que respeita ao objecto particular desse capitulo, vê-se que a extensão com que o auctor a tratou é muito exigua, dada a importancia della. Sob a rubrica 5 não só se não acha nada relativo a «sentença», mas Ploss não diz em todo o capitulo uma palavra sequer sobre os proverbios, cujo valor na educação popular poremos em relevo. Devemos todavia ser gratos á memoria do consciencioso investigador allemão por ter, pelo menos, esboçado um assumpto tão novo e tão pouco cuidado dos folk-loristas que em varios questionarios para o estudo das tradições populares não se lhe consagra sequer uma palavra especial. [1]

Como primeira tentativa de estudo desenvolvido de pedagogia tradicional dum povo terá o presente trabalho algum direito a indulgencia para suas lacunas e outras imperfeições.

---

[1] Vid. por exemplo *Instructions et questionnaires*, par Paul Sébillot em *Annuaire des traditions populaires* (Paris, 1887); *Cuestionario del Folk-lore gallego, estabelecido en la Coruña* (Madrid, 1885).

INTRODUCÇÃO

I

Antes de entrar na materia tenho que tentar esclarecer uma questão previa.

O termo *popular* parece não offerecer nenhuma difficuldade ao espirito do leitor. As expressões *usos*, *poesia*, *jogos*, *festas*, *cantos*, etc. *populares* são frequentissimas e não se disputa em geral ácerca do seu sentido. Para os ingleses é egualmente sem ambiguidade o composto *folk-lore*. Fallamos tambem de *classes populares* e entendemo-nos todos a esse respeito. *Popular* é o que respeita ao povo, pertence, caracterisa o *povo*. Mas se abrirmos um diccionario para acharmos lá explicada a accepção da palavra *povo*, nesses e casos similhantes, ficaremos sabendo menos que antes.

Littré, por exemplo, define *povo (peuple)* no uso alludido: «la partie de la nation considérée par opposition aux classes où il y a soit plus d'aisance, soit plus d'instruction». O menor grau de instrucção e de meios de vida seriam pois os caracteristicos essenciaes do *povo;* mas, do modo por que se exprime o sabio lexicologo, parece que esses caracteristicos podem ser considerados separadamente. Vejamos, pois, primeiro o que interessa á abastança.

É evidente que um lavrador rico não deixa *ipso facto* de pertencer ao povo. Podemos-lhe oppôr muitos que attingiram um ponto elevado de cultura intellectual e moral e vivem todavia em lucta com a miseria. Assim os haveres não parecem meio de distincção seguro entre os individuos que consideramos como formando o *povo* e os que não pertencem a essa classe ou grupo de classes.

Pelo que respeita á instrucção é mister notar que a ha de diversas naturezas. Encontram-se muitos filhos das classes que não se consideram populares, instruidos em escolas, mas cujo material d'instrucção, bem apreciado, apparece como valendo menos que o de muitos lavradores, que nunca se sentaram nos bancos duma aula. Reconhece-se, pois, a insufficiencia da definição de Littré, repetida, mais ou menos aproximadamente, por outros lexicologos.

Definiu-se tambem *povo* o conjuncto dos membros duma nação que se consagram aos trabalhos manuaes, incluindo nestes os da industria agricola com as que de perto se lhe ligam. Pode objectar-se que ha profissões das chamadas liberaes, cujos cultores não são considerados como gente do povo, em que o trabalho manual tem importancia, por exemplo a esculptura, a pintura, etc. Tambem o cirurgião carece de subtil pericia manual e raro é o exercicio da actividade humana em que as mãos não prestam serviço. Todavia, na falta de melhor, podemos distinguir as industrias manuaes das liberaes, dizendo que nas primeiras o elemento manual, mechanico, prepondera sobre o intellectual, até se reduzir este, em muitos casos, a um

puro automatismo, emquanto nas segundas prepondera ou chega a ser exclusivo o elemento intellectual. Deve notar-se ainda que ha industrias ou occupações não liberaes em que o trabalho manual tem pouca ou nenhuma importancia, por exemplo, algumas industrias de transporte.

Se reconhecermos o facto de que na vida não ha distincções absolutas (já os limites entre o reino animal e o vegetal são impossiveis, em rigor), de que se passa dum aspecto para outro por transições insensiveis e de que as differenças mais seguramente apreciaveis nos surgem quando comparamos momentos distantes ou mesmo extremos duma escala de variações, devemos admittir que ha realmente *povo* e não *povo* em as nações civilisadas, como, sem pretender applicar a palavra *culto*, *cultura* num sentido absoluto, ha povos *incultos* e povos *cultos*, ou, se se prefere, *atrasados* e *adeantados*. E é em verdade essa distincção entre relativamente *incultos*, *atrasados* e *cultos*, *adeantados* a que subsiste entre *povo* e não *povo*, *classes populares* e *não populares* ou dirigentes, dentro duma mesma nação. Os homens que mais se aproximam do *primitivo* são os que melhor denominaremos povo; os mais cultos são os que mais fundadamente consideraremos como constituindo as classes não populares. Entre uns e outros ha innumeros cambiantes.

Mas o que é o *culto?* É o homem (empregamos a palavra no sentido especifico, não sexual) cujo espirito se formou pela acquisição de elementos do saber geral, penetrados com clareza, ordenados organicamente e correlacionados estreitamente com todas as espheras da sua actividade interna e externa; nelle a reflexão sobre si attinge grao elevado; o sentimento e a vontade estão sob a influencia continua das ideias. As suas convicções são ganhas á custa de trabalho critico sério. A personalidade humana acha-se nelle desenvolvida. O homem culto é pois *compos sui;* luctará contra o proprio temperamento e buscará fazer a obra mais preciosa que aos individuos da sua especie é dado, quando as condições o permittem, levar á realisação: construir o proprio caracter, no melhor sentido desta palavra. O culto pode não ser um sabio, não possuir, tendo aliás conhecimentos geraes seguros, conhecimentos especiaes de nenhuma sciencia, e não é tambem o *santo*, porque vive nas condições reaes da sociedade e fomenta os seus interesses seculares: como Herder, pensará em realisar o reino de Deus na terra. A *santidade* condiciona-se em abstracções: emquanto a cultura busca suscitar no homem todas as energias da sua natureza, sem sacrificio de nenhuma. Dirigindo-se ás vezes, porém, muito exclusivamente para os aspectos intellectual e esthetico, a cultura pode esquecer em parte o aspecto moral: e então surgem homens cultos, de virtude dubia ou declarada immoralidade, como no periodo do renascimento italiano; mas a cultura perfeita deve dar ao espirito perspicacidade, reflexão sobre si, capacidade de juizo recto, finura de senso esthetico e firmeza moral. [1]

---

[1] O nosso conceito de cultura aproxima-se muito do de *Bildung* de diversos philosophos e pedagogistas allemães, como M. Lazarus, *Das Leben der Seele: Bildung und Wissenschaft.* I, 3-123

Vejamos agora o que psychicamente caracterisa o homem do povo, no sentido mais rigoroso desta expressão.

Como dissemos, pode ser instruido, pode ter um conjuncto mais ou menos consideravel de conhecimentos que lhe communicam a tradição e a experiencia propria; mas a esses conhecimentos falta a elaboração scientifica, não constituem um todo organico. No homem do povo a vida theorica mal desponta, se desponta, sob a vida pratica. A espontaneidade prepondera nelle sobre a reflexão, em todas as formas da sua actividade mental: o que se exprime tambem dizendo que tem pouca capacidade d'inhibição. Ha, portanto, muito d'instinctivo, d'impulsivo em seus actos. As suas convicções são um producto da tradição, do habito, da autoridade externa, d'experiencias brutas. A personalidade acha-se nelle apenas embryonaria, se se acha. Exprime-se esse facto pela palavra indifferenciação, que, em verdade, pode ser empregada como acabamos de fazê-lo, para significar a falta d'individualisação dos homens do povo, comparados uns com os outros, ou para exprimir a pouca especialisação nos processos mentaes.

Os homens do povo teem, em cada nação, um peculio commum de habitos, de conhecimentos, de conceitos, de tendencias, de sentimentos, que os aproximam estreitamente uns dos outros (abstrahimos aqui das differenças secundarias provinciaes, de classe e individuaes) e os separam ao mesmo tempo da gente do povo das outras nações; ao contrario os homens cultos das diversas nações aproximam-se em virtude da generalidade dos elementos da cultura e, ao mesmo tempo e dentro até da mesma nação, experimentam differenciações individuaes muito consideraveis. Lembremos, para exemplo, a unidade das crenças religiosas da gente do povo numa nação e as distincções profundas nas concepções philosophicas dos homens cultos; e que estes, em qualquer nação, podem sentir profundo interesse pela musica artistica ou popular das outras nações, emquanto o homem do povo fica alheio a toda a musica que diverge muito da sua. Numa palavra, a gente do povo tem qualidades mais caracteristicas no aspecto collectivo, nacional; os homens cultos teem qualidades mais caracteristicas no aspecto individual: naquella ha o momento da nacionalidade, nestes o elemento da individualidade. E eis como as duas accepções principaes da palavra povo veem por fim a fundir-se: o *povo*, conjuncto dos incultos (no sentido relativo desta palavra), representa o povo, a nação inteira, no que ella tem de verdadeiramente *nacional*, proprio, caracteristico. [1]

2.te Auflage (Berlin, 1876) e Otto Willmann, *Didaktik als Bildungslehre*. 2.te Auflage (2 vols. Braunschweig, 1894-95), toda a obra e especialmente I, 21 segg. Sobre esse conceito, difficil d'exprimir numa palavra em português, estes dois auctores foram a nossa luz principal.

[1] Nada ha de caracteristico, no ponto de vista nacional, em operas portuguesas, como o *Eurico* de Miguel Angelo, cujos auctores se educaram no estudo dos maestros italianos, franceses e allemães; mas ha caracteristico nos fados populares. «Pois a litteratura (culta), diz Paul Heyse, comprehende os mais oppostos elementos, o essencial junto do casual, o patrio junto do extrangeiro, verdade e mentira estreitamente unidas, é uma das mais difficeis tarefas reconhecer a ver-

Entrevê-se, por assim dizer instinctivamente, essa verdade quando ao estudo da vida do povo no sentido que discutimos se dá o nome de ethnographia. A analyse a que procedemos era, porém, necessaria e serve, cremos, para destruir varios erros correntes.

Comprehende-se, em primeiro logar, que a cultura não chegará facilmente a obliterar, pelo menos em todos os individuos, os caracteristicos *populares*, nacionaes. O homem culto pode até, pela propria reflexão, fazer avivar um traço do caracter nacional, ir ás tradições do seu povo buscar elementos para uma obra da arte, e contribuir assim para um rejuvenescimento do seu país. Não pode negar-se, todavia, que o progresso da cultura tende a produzir a desnacionalisação.

Em tempos passados, na idade media, por exemplo, em que a cultura tinha elementos menos numerosos e era distribuida a muito menor numero de individuos e menos intensamente que hoje, as differenças psychologicas de classes eram muito menos consideraveis do que no presente. A poesia medieval que chamamos popular não era, pois, como mais de uma vez se tem pretendido, o producto exclusivo das classes que pelas suas occupações correspondiam ás que hoje chamamos populares: era muitas vezes um fructo do espirito dos aristocratas que se encontravam, pela falta de cultura differenciadora, ao mesmo nivel psychologico dos mesteiraes, mas tinham mais ocios para se consagrarem á producção poetica. Nas epopeas homericas apparecem-nos como aedos de profissão Phemio e Demodoco; mas tambem guerreiros como Achilles, filho do rei da Phthia, são cantores epicos. A poesia ministra-nos assim documentos da sua propria historia: na elaboração epica popular collaboravam individuos das diversas classes do povo grego no periodo correspondente. É só depois que surge, ainda que evolvendo de elementos populares, a poesia individual dum Archiloco, dum Mimnermo, dum Alceu. A doutrina sobre a poesia popular apresentada pelo celebre historiador da litteratura hispanhola Ferdinand Wolf [1] pareceu-nos sempre a verdadeira, como tambem acceitamos a maior parte das ideias de H. Steinthal sobre o assumpto. Este psychologo eminente escreveu: «É perfeitamente indifferente para a natureza propria da poesia popular em que circulo espiritual ella vive — que seja uma communidade de lavradores, ou uma

---

dadeira physiognomia dum povo, a signatura da sua posição no mundo por meio da litteratura (culta).» O contrario se dá, como mostra esse escriptor, na poesia popular *(Ueber das italiänische Volkspoesie* in *Zeitschrift f. Völkerpsych*, I, 181-212). Comquanto os elementos fundamentaes das litteraturas populares sejam aproximadamente os mesmos, cada povo lhes imprime o seu cunho particular. Tocaremos ainda neste ponto noutra parte do nosso estudo.

[1] No prefacio a R. Warrens *Schwedische Volkslieder;* vid. tambem *Studien zur Geschichte der spanische und portugiesische Nationalliteratur*, pag. 27. Ideias semelhantes foram expressas por Milá y Fontanals, *De la poesia heróico-popular castellana* (Barcelona, 1874), pag. 395. Opinam no mesmo sentido Sv. Grundtvig, o grande colleccionador dos cantos populares dinamarqueses, e Gaston Paris, o profundo romanista. Vid. Léon Pineau, *Les vieux chants populaires scandinaves*. I (Paris, 1898), pag. IX-XI, onde a questão não é todavia tratada sufficientemente, mas apenas indicada.

sociedade de nobres, ou uma ordem religiosa ou uma escola de prophetas; mas o ponto essencial consiste sómente em que um mesmo espirito domine a totalidade dos interessados e a individualidade não se manifeste.» [1] Nada pois mais absurdo do que a affirmação de que na litteratura portuguesa desde o seculo XII o espirito aristocratico suffocou o espirito popular.

Um escriptor hispanhol, enthusiasta dos estudos folk-loricos, Machado y Alvarez (Demófilo), que a morte infelizmente roubou cedo a esses estudos, exprimiu relativamente ao povo e á poesia popular algumas ideias exactas, faltando-lhe apenas o conceito verdadeiro da collectividade. [2] Citamo-lo de preferencia, como já citamos Fontanals, por ser da nossa peninsula, sem pretendermos catalogar aqui todos os auctores que tiveram mais ou menos perfeita comprehensão do que é povo, litteratura popular.

Se quisessemos reduzir a uma formula estreita a differença caracteristica entre o que chamamos povo e os homens cultos, diriamos que essa differença consiste em haver do lado do primeiro predominio do que se chamou o *mechanismo psychologico* sobre o *logismo*, do lado do segundo predominio do logismo sobre o mechanismo psychologico. A expressão mechanismo psychologico pode, porém, prestar-se a más interpretações. Herbart concebeu a ideia duma estatica e duma mechanica psychica, em que a palavra mechanica é empregada (em sentido figurado, entende-se) para designar o conjuncto de processos d'inhibição, assimilação, complicação, fusão das representações mentaes. Steinthal serviu-se ainda na sua *Introducção á psychologia e á sciencia da linguagem* da mesma expressão. Emfim falla-se de *automatismo psychologico* e Paul Janet escreveu até um volume sobre esse thema, no qual estuda principalmente certas formas inferiores de actividade psychica, desenvolvidas sobretudo em condições pathologicas ou nos estados hypnoticos. Nesse sentido *automatismo* não corresponde bem ao que chamamos aqui *mechanismo* e que comprehende uma esphera mais vasta de phenomenos. Ch. Richet empregou *automatismo* no sentido de *espontaneidade* e para varios auctores toda a vida psychica é automatica, sendo a consciencia um simples epiphenomeno. [3] Morgan quer que a expressão automatismo designe o conjuncto dos actos habituaes que são apenas uma repetição d'actos anteriores, quer sejam acompanhados de consciencia quer não, mas que não exigem adaptação nova. Distinguem-se dos actos automaticos os voluntarios e reflectidos, que resultam dum exforço especial de adaptação do individuo e são uma acquisição nova. Os movimentos necessarios, por exemplo, para a execução musical no piano começam por ser perfeitamente voluntarios e reflectidos e acabam por se tornar automaticos.

---

[1] As ideias de Steinthal acham-se expostas em varios artigos da sua publicação *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* (vid. o index no vol. XX).

[2] *Poesia popular*, por Demófilo. Sevilla, 1883, pag. 48 segg.

[3] Sobre a theoria do espirito automato, vid. p. ex. W. James, *The Principles of Psychology* (London, 1891) t. I, pag. 128-144.

Wundt, na ultima forma que conhecemos da sua psychologia, [1] divide os processos de ligação dos phenomenos ou formações *(Gebilde)* psychicas, cuja connexão constitue a natureza da consciencia, em duas categorias: as associações e as ligações apperceptivas. As primeiras produzem-se num estado passivo da attenção; as segundas num estado activo da mesma; isto é, as primeiras não dependem da vontade, ao contrario das ultimas.

Nas ligações associativas distingue o eminente psychologo as simultaneas e as successivas. Nas simultaneas considera duas formas: associações entre os elementos de representações semelhantes, que chama *assimilações*, e associações entre os elementos de representações differentes, que chama *complicações*. Wundt anteriormente juntava ás associações simultaneas o que denominava *synthese associativa*, e de que agora se occupa fóra do quadro das associações. As associações successivas comprehendem o que mais usualmente se conhece com o nome *d'associações das representações*, ou, segundo a mais vulgar designação, d'associações das ideias; mas a que se juntam agora as associações de sentimentos, d'emoções, esquecidas pelos intellectualistas.

As ligações apperceptivas ou funcções da appercepção divide-as Wundt em simples e compostas: nas simples distingue a relação e a comparação *(Beziehung und Vergleichung)*; nas compostas a synthese e a analyse.

Pelo que respeita aos movimentos estabelecera Wundt [2] duas categorias. A primeira comprehende movimentos que teem por origem evidente condições exclusivamente physicas e dividem-se em *a) movimentos automaticos*, movimentos exteriores que emanam de irritações internas das regiões centraes motrizes, e *b) movimentos reflexos*, movimentos em que a excitação motriz central é determinada por irritação sensorial peripherica. A segunda categoria comprehende os movimentos em que, além das condições physicas, são percebidos ao mesmo tempo em nós certos estados de consciencia como causas psychicas do movimento exterior ou devem ser suppostos esses estados pela observação objectiva, em virtude das circumstancias que os acompanham, e nesta categoria distingue *a)* os *movimentos instinctivos*, que no seu aspecto physico se assemelham aos reflexos, mas divergem delles em serem acompanhados de processos de consciencia e que relativamente a estes são acções cuja origem está num motivo determinante univoco da vontade; e *b)* os *movi-*

---

[1] *Grundriss der Psychologie* (Leipzig, 1896), pag. 262-323. Ha já segunda edição, que não vimos. Nas primeiras edições da *Physiologische Psychologie*, na 1.ª da *Logik* (Leipzig, 1880), a exposição da theoria das associações diverge notavelmente em varios pontos da do *Grundriss*. Os limites em que temos de nos encerrar não nos permittem desenvolver a exposição das ideias de Wundt sobre o assumpto, aliás capital na questão que nos occupa: enviamos os nossos leitores para o *Grundriss*, de que ha traducção inglesa.

[2] *Éléments de psychologie physiologique*, 2.ª ed. trad. fr. cap. XXI. Sentimos não ter á mão a edição mais recente do original.

mentos voluntarios (propriamente dictos), que resultam duma escolha entre diversos motivos.

Vê-se que as associações e os movimentos instinctivos entram no que, com outros, chamamos o mechanismo psychologico.

Um escriptor recente, [1] partindo da psychologia de Wundt, e applicando essa doutrina que respeita á psychologia individual, á psychologia collectiva ou social, busca determinar as differenças que separam os selvagens, os povos da natureza *(Naturvölker)* ou incultos dos povos cultos ou civilisados. Para essa distincção busca um centro psychologico — a actividade, em torno do qual agrupa os factos sociaes e na actividade assignala as duas formas examinadas e discriminadas por Wundt — a do instincto e a da vontade. A primeira caracterisa a vida dos povos da natureza, a segunda a dos civilisados. A esses dois graus de actividade correspondem dois grupos nos processos intellectuaes — ao primeiro, ao instincto, a associação de sua natureza passiva; ao outro, á vontade, a appercepção de sua natureza activa. Entre os dois estados ha intermediarios. Vierkandt não pode desconhecer que se trata, não do exclusivo dominio, mas sim do predominio do instincto e da associação nos incultos, e da vontade e da appercepção nos cultos. Wundt falla da insufficiencia das determinações de limites psychicos e admitte que os processos associativos passam continuamente para os apperceptivos e que já nos animaes superiores ha processos activos d'attenção e de escolha; [2] estes, com muita mais frequencia, devem pois apresentar-se e de facto se apresentam nos homens incultos. Vierkandt procede, a julgar pela analyse que temos presente, na applicação do principio de distincção aos numerosos factos colhidos no seu volume, de modo demasiado systematico e exclusivo, o que o põe fóra das condições de bem explicar muitos factos importantes. Todavia não podemos deixar de reconhecer que, com as restricções indicadas, as suas ideias concordam bastante com aquellas a que tinhamos chegado antes de ter noticia do seu livro. [3]

Poderiamos dizer simplesmente que a distincção entre os primitivos, os incultos e os cultos está em que, de modo geral, nos primeiros predominam os processos psychologicos sobre os logicos, nos segundos os processos logicos sobre os psychologicos. [4] Vierkandt, applicando o seu principio, affirma não ter havido na antigui-

---

[1] Alfred Vierkandt, *Naturvölker und Kulturvölker. Ein Beitrag zur Social psychologie* (Leipzig, 1896). Só conhecemos, por emquanto, esta obra duma analyse em *L'année sociologique. Première année* (Paris, 1898), pag. 288-295; mas não podiamos deixar de alludir aqui a ella.

[2] *Grundriss der Psychologie*, pag. 330-332. Sobre o desenvolvimento da vontade no individuo e na raça, veja-se James Mark Baldwin, *Le développement mental chez l'enfant et dans la race*, trad. fr. de Nourry (Paris, 1897), cap. xiii.

[3] Essa noticia tivemo-la só depois deste artigo ter sido enviado á redacção, intercalando nelle posteriormente a curta analyse de Wundt, necessaria para intelligencia de Vierkandt e a referencia (de segunda mão) a este.

[4] Sobre as differenças, que não excluem a interdependencia, entre as leis psychologicas e as leis logicas, vid. W. Wundt, *Logik* I [1], 83-85.

dade senão uma sociedade verdadeiramente culta, a hellenica do v seculo antes de Christo; ora é então que com Socrates surge a logica, consciente dos seus meios e dos seus processos.

Alguns exemplos farão comprehender a differença entre os processos psychologicos e os processos propriamente logicos.

Um homem no estado de espirito que chamamos popular crê que o sangue de drago é hemostatico. Eis do que resulta a attribuição áquella droga de semelhante qualidade. Á côr do sangue de drago e ao proprio nome associa-se a côr do sangue humano e, intervindo o principio geral, verificado muitas vezes, outras supposto, da correlação de phenomenos naturaes, admitte-se sem mais exame que a droga deve ter influencia sobre o sangue, estancá-lo até. Sem duvida a conclusão envolve um syllogismo:

O semelhante tem acção curativa sobre o semelhante:
O sangue de drago é semelhante ao sangue humano;
Logo o sangue de drago tem acção curativa sobre o sangue humano (estanca-o).

Mas a primeira premissa não foi obtida por um processo logico de inducção, e sim por uma simples associação de imagens, dominada pela tendencia symbolica do espirito popular, que converte a semelhança em nexo causal. Aquella premissa lembra o principio dos homeopathas *similia similibus curantur* e exprime-se no proverbio *curar a mordedura do cão com o pelo do mesmo cão*. A experiencia mostra a vaidade da conclusão.

Nada logicamente mais absurdo que a distincção grammatical dos generos; mas essa distincção produziu-se num periodo em que os povos, cujas linguas no-la offerecem, não podiam oppor resistencia á acção das associações que a determinaram. E hoje o habito, manifestação capital do mechanismo psychologico, oppõe-se a qualquer reforma reflectida nesse sentido. Só as condições proprias da evolução espontanea das linguas poderiam, como em parte succedeu em inglês, destruir essa categoria grammatical, que não deve confundir-se com a designação, por palavras diversas, dos sexos, que são um phenomeno natural. Sabe-se que já se tem tentado construir linguas *logicas* por opposição ás tradicionaes e populares.

Porque nos vestimos de lucto por morte de parente, etc.? Por um costume cujas raizes estão em puras associações sem base logica: da noite com a morte, apesar de não se morrer mais de noite que de dia, a do outro mundo com a noite, a do preto com a escuridão nocturna, apesar do preto ser preto de dia e de noite, etc. Sem duvida tem nesse caso grande influencia as associações do somno e da noite e do somno e da morte. E por essas ingenuas correlações de velhos tempos somos obrigados por vezes a fazer despesas que nada logicamente justifica e que só

o habito do meio social exige. Que importam as palavras postas na boca dum typo de *culto*, de Hamlet, por Shakespeare?

'Tis not alone my inky cloak, good mother,
Nor customary suits of solemn black,
Nor windy suspirations of forced breath,
No, nor the fruitful river in the eye,
Nor the dejected haviour of visage,
Together with all forms, moods, shows of grief,
That can denote me truly: These, indeed, seem,
For they are actions that a man might play;
But I have that within, which passeth show;
These, but the trappings and the suits of woe.

As differenças entre o espirito popular e o culto objectivam-se naturalmente em todos os seus productos; e como muitas vezes vale mais um exemplo typico bem commentado que uma definição, apontamos pelo que respeita á poesia popular um artigo de Steinthal, em que compara uma curta poesia do povo allemão, uma variante da qual serviu de base á composição de Ludwig Uhland *Der gut Kamerade*, e a forma que de novo a boca popular deu aos versos desse poeta. [1]

II

Não conhecemos nenhum estudo sobre o espirito do povo tão completo quanto fôra de desejar. Convem aproveitar todos os elementos que possam esclarecer esse assumpto, e entre elles conta-se sem duvida a investigação da psychologia das multidões, objecto dum pequeno livro de G. Le Bon, [2] cujas ideias carecem de ser submettidas a um exame serio. Em verdade a maior parte dos caracteristicos das chusmas ou multidões em geral, apresentados por esse auctor, observam-se nos homens do povo, não só em multidão, mas tomados individualmente, d'accordo com o que já expusemos, como a impulsividade, a mobilidade, a irritabilidade, a exaggeração, o simplismo, a suggestibilidade, a credulidade, o auctoritarismo, o conservatismo, a logica rudimentar. Le Bon escreve: «Notar-se-ha que, entre os caracteres especiaes das multidões, ha muitos taes como a impulsividade, a irritabilidade, a incapacidade de raciocinar, a falta de recto juizo e de espirito critico, que se observam igualmente nos seres que pertencem a formas inferiores da evolução, taes como a mu-

---

[1] *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, XI, 28-42, 139-140. Nesta mesma publicação allemã, num artigo de Fr. Krejči, *Das charakteristische Merksmal der Volkspoesie*, applica-se a ideia do mechanismo psychologico a essa caracteristica.

[2] *Psychologie des foules*, 2.ª ed. Paris, 1896. Vid. tambem SIGHELE, *La foule criminelle;* G. TARDE, *Foules et sectes au point de vue criminel* em *Revue des Deux-Mondes*, 1893, 15 novembre.

lher, o selvagem, e a creança.» A comparação com a mulher em geral, o selvagem e a creança podem tambem lançar luz sobre o assumpto; mas deve fugir-se das proposições muito absolutas para que Le Bon e outros anthropologos e psychologos facilmente pendem. Noutro logar [1] disse aquelle mesmo escriptor: «Sob a relação intellectual a mulher é verdadeiramente o homologo do homem das civilisações primitivas. A mesma incapacidade de raciocinar ou de se deixar influir por um raciocinio, a mesma incapacidade de attenção e de reflexão, a mesma ausencia d'espirito critico, a mesma inaptidão para associar ideias e descobrir relações e differenças entre ellas, o mesmo habito de generalisar os casos particulares e de tirar delles consequencias inexactas, a mesma falta de cohesão nos pensamentos, a mesma indecisão nas ideias, a mesma ausencia de precisão, a mesma falta de poder para dominar os reflexos, e, por conseguinte o mesmo caracter impulsivo e a mesma facilidade em tomar por guia os instinctos do momento.»

Tal caracteristica já em parte não se applica exactamente á generalidade das mulheres, e fica falsa se pretende applicar-se á totalidade. Não falta nem ao inculto, nem á mulher em geral a faculdade de associar imagens: ao contrario o poder da associação é grande nelles, por maior acção do mechanismo psychologico: o que lhe escasseia é o processo logico da escolha, que determina o adequado da associação, e faz della um juizo verdadeiro. O homem inculto pagão associou a imagem da Via lactea com a ideia da ida dos deuses para a sua mansão celeste e chamou-a estrada dos deuses; o homem inculto christão associa (em a nossa peninsula) áquella mesma imagem a de Sant'Iago e vê nella o caminho seguido pelo apostolo para o ceu. Ha aqui um processo facil d'associação que em geral o culto tem em menor grau ou pelo menos em não tão larga liberdade; o culto, porém, procedendo logicamente, analysa apenas, valendo-se dos meios de observação que a sciencia tem ido adquirindo, e resolve a Via lactea em innumeras estrellas.

A caracteristica de Le Bon, dissemos, fica falsa se pretende applicar-se á totalidade das mulheres. Elle proprio o reconhece implicitamente quando diz: «Do ponto de vista psychologico, a mulher inglesa me parece ser a que se aproxima mais do homem; é tambem a que anatomicamente se aproxima mais delle.» Ha pois graus na distancia mental dos dois sexos, e nada mais natural portanto que o desapparecimento dessa distancia. A verdade, simples e imparcial, que factos bem averiguados permitte affirmar, é que ha muitos homens intellectualmente inferiores a muitas mulheres; que estas podem attingir um desenvolvimento logico muito notavel, provado, por exemplo, pela sua capacidade na cultura das mathematicas e doutras sciencias de methodos severos. Não encontramos nenhuma verdadeiramente notavel nas altas especulações philosophicas: algumas que nestes ultimos tempos se teem consagrado á philosophia cairam nos systemas superficiaes, como o materia-

[1] *Psychologie des femmes et les effets de leur éducation actuelle* em *Revue scientifique*, 1890, 11 octobre.

lismo e o positivismo. Mas nada nos auctorisa a negar a possibilidade duma mulher que nesses dominios faça tanto relativamente como uma Sappho na poesia, que venha emfim a ser emula dos grandes pensadores. O que mais aproxima a mulher, fóra das classes trabalhadoras, das condições mentaes do povo em geral é a falta de cultura de que tem sido victima e o que muitas vezes a faz descer abaixo da mulher do povo, senhora das boas virtudes tradicionaes, é uma pseudo-cultura que a deprava. Ha, sem duvida, differenças mentaes entre os dois sexos, como as ha physicas; a grande difficuldade consiste, dadas as condições más da educação feminina, em distinguir o que resulta da educação e o que provem da organisação sexual. O predominio maior na mulher da vida emocional parece dever ser acceite como o principal distinctivo.

Um sociologo e psychologo allemão penetrante, G. Simmel, referindo-se ao paradoxo da falta de logica das mulheres diz: «Quando se tem a impressão de que lhes falta a capacidade da conclusão logica, trata-se, como eu achei sempre depois de analyse detida, de erros materiaes que se tinham insinuado nas premissas,—pela maior parte por quanto o predominio da vida emocional vicia a sua comprehensão dos factos—e falseiam o resultado. Das premissas uma vez postas, entre as quaes se devem contar sem duvida as meio conscientes ou inteiramente inconscientes, julgam ellas, como creio, não mais illogicamente que a maior parte dos homens... Aquella superstição do illogismo das mulheres deriva do erro geral frequente de tomar por logico formal o conteudo material, factos e illusões, do pensamento.» [1] Mas no estabelecimento exacto das premissas, no predominio do raciocinio sobre as suggestões da associação e da emoção vemos nós manifestações do logismo e não só no concluir de premissas falsas ou verdadeiras, segundo os principios da logica formal, e em coformidade com esse modo de vêr fallamos acima de logismo.

Romanes escreveu: «Com respeito á capacidade de julgar, penso não haver real questão em que o espirito feminino está consideravelmente abaixo do masculino. É muito mais apto para se contentar com exame superficial de circumstancias que pedem decisão e é mais sujeito a ser guiado pela parcialidade. Do lado das emoções exerce-se mais frequentes vezes influencia perturbadora, e, em geral, todos os elementos que constituem o que se entende por um espirito caracteristicamente judicioso são (na mulher) de desenvolvimento comparativamente fraco. Em verdade refiro-me aqui a casos typicos medios. Seria facil achar numerosos exemplos de mulheres desenvolverem melhor juizo que homens, exactamente como em casos analogos de trabalho scientifico ou artistico.» [2]

Como se vê, ha na comparação, conforme diziamos, materia instructiva para a

---

[1] G. Simmel, *Zur Psychologie der Frauen* em *Zeitschrift für Völkerpsychologie*, xx, 6-46.

[2] George L. Romanes, *Mental Differences between Men and Women* em *The Nineteenth Century*, 1887, n.º 123, May.

questão principal destas observações introductorias, para a qual não é sem interesse o que Fr. Paulhan diz dos espiritos indifferenciados. [1]

A indifferenciação dos homens do povo, no ponto de vista da personalidade, não implica a exclusão de differenças de temperamento, de tendencias, de sentimentos, de graus diversos de intelligencia, que ao contrario os factos mais superficialmente observados affirmam. Os aedos homericos tinham um talento poetico que muitos que os ouviam não possuiam e divergiam uns dos outros mais ou menos pelos elementos desse talento. Nos narradores populares d'hoje vêmos uns motivarem bem os incidentes da historia, não esquecerem os pontos essenciaes, combinarem com felicidade episodios, outros recitarem apenas descosidos contos, omittindo pontos essenciaes, etc.

Da falta d'individualidade no povo resulta o phenomeno caracteristico da collaboração na producção do conto, da lenda, do poema popular. O proverbio

Quem conta um conto
Sempre acrescenta um ponto

refere-se com verdade a essa collaboração. Quasi se pode dizer por isso que um producto da arte popular não tem nunca forma definitiva: ora é melhorado pela variante, por accrescento ou suppressão; ora deteriorado por esses processos.

Ao contrario, na arte individual, a collaboração não pode produzir nenhuma obra verdadeiramente nobre, pelo menos realmente unitaria. Steinthal diz: «Goethe não podia acabar nenhuma tragedia, que Schiller tinha começado ou planeado; e do mesmo modo nenhum poeta artistico pode intrometter-se no trabalho doutro.» [2] A. Binet e J. Passy referem as seguintes palavras de A. Dumas filho: «Se um dos collaboradores (dum drama) não reconhece a sua inferioridade e não deixa o mais forte executar inteiramente, a collaboração é impossivel. Quando Labiche e Augier quiseram fazer ambos uma peça, o *Prix Martin*, como cada um quis fazer a sua parte, produziram uma obra execravel. Se cada um a tivesse feito só por si, tê-la-hia feito melhor.» Os dois psychologos acrescentam, porém: «Pela nossa parte, não somos absolutamente da mesma opinião; cremos que se podem conceber collaborações differentes daquellas em que um dos auctores faz tudo, reduzindo o outro ao papel de termo inerte. M. Dumas, que só conhece essa situação, cae no erro commum de generalisar um caso pessoal. Suppomos que ha collaborações melhor ponderadas, em que auctores que apenas teem talento incompleto juntam seus exforços para produzir uma obra que cada um, tomado isoladamente, nunca teria executado.» [3] Mas em que factos se baseia essa supposição? Os auctores citados não

---

[1] *Les types intellectuels. Esprits logiques et esprits faux*, (Paris, 1896), liv. I, cap. 1.

[2] *Zeitschrift f. Völkerpsych.* XI, 39.

[3] *L'année psychologique*, I, pag. 83-84.

no-lo dizem; ao contrario lembram os resultados comicos da collaboração de Labiche com Godinet. A verdade é que a historia da litteratura não nos apresenta exemplo de nenhuma obra prima da arte individual nascida duma collaboração. Abstraho de casos duvidosos e alem disso parciaes, como o de Garrick ser auctor do final de *Romeo and Juliet*.

Numerosos trabalhos puseram, a nosso vêr, fóra de contestação o caracter popular, a origem popular e collectiva de numerosas obras poeticas de grande valor; todavia ha quem ou por ignorancia desses trabalhos ou por não se render á evidencia apresente ideias oppostas ás que enunciamos. Por exemplo, um sociologo francês, auctor de trabalhos de merito, G. Tarde, num artigo que acima citamos, affirma que, «emquanto, moralmente as collectividades são susceptiveis dos dois excessos contrarios — a extrema criminalidade ou o extremo heroismo, não se dá o mesmo intellectualmente; e, se são susceptiveis de descer a profundidades de loucura e d'imbecillidade desconhecidas do individuo tomado á parte, é-lhes interdicto elevarem-se ao grau supremo da intelligencia e da imaginação creadora.» [1] Por definição, o povo não se eleva a esse grau de trabalho mental em que se produzem as grandes concepções philosophicas, se descobrem as grandes leis scientificas e se elaboram as obras artisticas marcadas com o cunho da reflexão individual, — aliás não seria povo; — mas imaginação creadora tem-na elle, assim como capacidade para attingir muitas verdades geraes. Ainda mais — todas as grandes litteraturas propriamente dictas ou litteraturas reflectidas, por opposição ás populares, se baseiam sobre uma elaboração previa de elementos epicos (historicos ou lendarios), lyricos, dramaticos, pelo povo. O snr. Tarde desconheceu esse facto, aliás completamente demonstrado por importantissimos estudos de historia litteraria. «Mas ás demencias e ás idiotias collectivas (diz ainda) ...podem oppor-se actos de genio collectivo? Não. Só pode responder-se sim, adoptando sem prova a hypothese banal e gratuita segundo a qual as linguas, as religiões, obras geniaes certamente, teriam sido a creação espontanea e inconsciente das massas, e, ainda mais, não das massas organisadas, mas das multidões incoherentes... Viu-se por ventura alguma vez uma obra prima d'arte, na pintura, na esculptura, na architectura, assim como na epopea, imaginada e executada pela inspiração collectiva de dez, de cem poetas ou artistas? Sonhou-se isso a respeito da *Iliada*, numa certa epocha de má metaphysica: hoje só causa riso tal modo de vêr. Tudo o que é genial é individual, até no dominio do crime.»

Não acceitamos que as linguas e as religiões sejam producto das massas incoherentes; mas cremos provado que o são das collectividades organisadas. Qual seria o genio individual que deu aos pecherés, aos australianos as suas linguas? Não se comprehende nada da evolução das linguas, quando se suppõe que ellas foram obra de genios, que as impuseram a collectividades. Desse modo recae-se em velhas ideias,

---

[1] Le Bon, *ob. cit.* exprime ideias analogas pag. 17. Entre este auctor e Tarde manifestaram-se dissentimentos sobre varias questões de psychologia das multidões.

que havia razões — toda a moderna sciencia da linguagem — para julgar completamente desacreditadas. Emquanto á *Iliada*, é certo que ainda ha quem creia na unidade pessoal do seu auctor; mas a theoria da sua formação collectiva não é um producto de metaphysica boa ou má, mas simplesmente um resultado da investigação philologica, e bem longe de tal theoria ser hoje objecto de riso, é ella defendida (sem duvida com variantes, que resultam necessariamente da incerteza sobre muitos pontos da historia das epopeas homericas), nas mais importantes historias da litteratura grega publicadas nestes ultimos annos em França e Allemanha (em França na dos irmãos Croiset, que a ensinam nas universidades onde são professores); demais essa theoria é apenas um caso particular da theoria geral da formação das epopeas populares, cuja historia, no seu conjuncto, é preciso conhecer para poder fallar sobre o assumpto.

O estudo psychologico das condições da producção litteraria está ainda na infancia. Ha varios dados dispersos nas biographias e sobretudo em autobiographias d'auctores que fôra necessario reunir. O inquerito de P. Passy e A. Binet nos auctores dramaticos, [1] o estudo de E. Tolouse sobre E. Zola [2] são interessantes, mas insufficientes, para assentar conclusões geraes. Os genios supremos como um Shakespeare, um Goethe não estão ao alcance immediato dos investigadores todos os dias. Aquelles dois primeiros investigadores chegaram á seguinte conclusão, entre outras: «O trabalho de creação artistica suppõe em geral que se esteja completamente senhor de si; baseia-se não só na imaginação, mas tambem no raciocinio e no bom senso. Ha no creador ao mesmo tempo um inspirado e um critico, e ambos caminham quasi sempre juntos; a sua collaboração é necessaria para fazer obra capaz de viver.»

Ora o que é preciso estudar melhor é o que se chama imaginação creadora, a inspiração, sobre que se tem escripto mais do que se tem realmente adeantado no seu conhecimento profundo. Sem duvida entra a inspiração no que se chama o mechanismo psychologico. Falla-se tambem, a proposito da inspiração, em ideação inconsciente (ou cerebração inconsciente) ou actividade sub-consciente do espirito (ou do cerebro). [3] Foi o psychologo inglês Carpenter quem primeiro deu attenção um tanto detida a certos phenomenos reaes ou pretendidos de ideação, cujo resultado ou termo final só é que se tornaria consciente, e aos quaes já tinham alludido Laycock, W. Hamilton, Stewart, James e Stuart Mill. Puseram-se nessa categoria, entre outros, os seguintes phenomenos: desenvolvimento inconsciente de juizos; exercicio inconsciente da faculdade de invenção; acção inconsciente do mechanismo do

---

[1] *L'année psychologique*, I, 60-173.

[2] *Enquête médico-psychologique sur les rapports de la supériorité intellectuelle avec la nevropathie*. I. *Introduction générale. Émile Zola*. Paris, 1896. Vid. particularmente pag. 268-276.

[3] Não é aqui o logar para discutir as expressões de *cerebração, actividade inconsciente do cerebro*.

pensamento. [1] Parece que os dois casos primeiros se reduzem ao terceiro e a um mechanismo psychologico e ainda a uma actividade logica que se pretende ser inconsciente, o que encerra uma *contradictio in adjecto*. Pretendia-se, por exemplo, que quando, como muitas vezes parece succeder, depois de se ter procurado em vão a solução dum problema, e de ter deixado algum tempo de pensar nelle, essa solução se apresentava de subito, se tinha dado um processo inconsciente que levara ao desejado fim. Alguns auctores teem adoptado para designar os phenomenos dessa natureza e outros que se dão na invenção artistica ou scientifica a expressão de *sub-conscientes*, que prova, como a de *inconscientes*, a obscuridade que paira sobre o assumpto, pelo menos no espirito de varios auctores. O dr. Paul Chabaneix deu ha pouco a lume um opusculo [2] que interessa ao estudo desses phenomenos e que é precedido duma prefação do professor Régis, da faculdade de medicina de Bordeus, de quem Chabaneix segue as doutrinas sobre a materia. «Ha individuos, diz Régis, que entram, em certos momentos, quer de dia, quer de noite, num estado particular, difficil de definir, entre o somno e a vigilia, entre o consciente e o inconsciente: especie de somno somnambulico, ou como se diz, sub-consciente. Nesse estado, a cerebração automatica (sic), exerce-se em plena liberdade e pode produzir ao lado de imagens vagas e confusas, concepções seguidas, scenas vivas e coordenadas, até producções acabadas do espirito que apparecem as mais das vezes ao individuo como nascidas fóra da sua vontade ou até fóra delle... Era interessante saber se os homens de talento e de genio eram particularmente sujeitos ao sonho sub-consciente e, no caso affirmativo, que parte esse sub-consciente podia ter nas suas creações.» É o problema que o auctor do opusculo pretendeu resolver e suppõe ter resolvido affirmativamente. A investigação que fez parece-nos um tanto superficial e não sufficientemente conclusiva, pelo que respeita á composição artistica, sobretudo pelo que se refere ao que se chama inspiração dar-se em regra no estado de semi-somno de que falla Régis, comquanto um tal estado e o verdadeiro somno possam produzir semi-sonho, ou perfeitos sonhos em que haja trabalho artistico. A carta celebre de Mozart, em que o grande compositor busca indicar o que se passava nelle na invenção, mostra apenas que se lhe afigurava que as suas ideias musicaes lhe surgiam no espirito, sem que elle pudesse explicar como: «não tenho nenhuma parte nisso», dizia. Com a sua extraordinaria memoria musical, fixava mentalmente todas as ideias, melodia, contra-ponto, instrumentação — até constituirem a partitura inteira, que depois só passava ao papel, em geral sem grandes modificações. Mas o modo de compôr de Beethowen divergia bastante do que Mozart diz ter sido seu: Beethowen elaborou durante annos algumas das suas mais prodigiosas composições, escolhendo, aproveitando, combinando, ou regeitando as ideias musicaes que lhe

---

[1] Vid. p. ex. G. Sergi, *La psychologie physiologique* (trad. fr. Paris, 1888), pag. 296-304.

[2] *Physiologie cérébrale. Le subconscient chez les Artistes, les Savants et les Ecrivains*, (Paris, 1897).

surgiam no espirito. No proprio Mozart tambem esse trabalho d'escolha, essa intervenção do juizo, da auto-critica na inspiração existiu sem duvida, embora mais rapido em geral do que no auctor das 9 symphonias. Alem disso é mister ter em consideração o que ha de *adquirido* em todo esse processo de composição,—que os estudos feitos, a experiencia ganha, eram elementos sempre promptos a actuar, como que automaticamente, na invenção.

Ribot crê ser a inspiração baseada no inconsciente, seja qual fôr, diz elle, a opinião que se profere sobre a sua natureza. «Esse estado, continua, é um facto positivo, acompanhado de caracteres physicos e psychicos que lhe são proprios. Antes de tudo é impessoal e involuntario, actua á maneira d'instincto, quando e como lhe apraz; pode ser sollicitado, não conquistado. Pelo que respeita á creação original, nem a reflexão nem a vontade supprem a inspiração. Ha numerosas anecdotas relativas aos habitos dos poetas, pintores, musicos, emquanto compõem: andar a passo largo, estar deitado na cama, procurar a obscuridade completa ou a luz em cheio, ter os pés na agua ou no gelo, a cabeça ao sol, beber vinho, alcool, bebidas aromaticas, hachich ou outros venenos da intelligencia. Áparte algumas exquisitices, difficeis d'explicar, todos esses processos teem o mesmo fim: crear um estado physiologico particular, augmentar a circulação cerebral para provocar ou manter a actividade inconsciente.» [1]

O que ha de verdade em tudo isso é que com effeito não se é inspirado porque se quer sê-lo, embora, dadas condições sem duvida innatas, de que depende a possibilidade de o ser em maior ou menor grau, sejam necessarias algumas circumstancias especiaes para que a inspiração realmente surja, circumstancias que, pelo menos em parte, podem ser livremente procuradas.

Wundt enunciou a respeito da phantasia ou imaginação, a que a final se reduz a inspiração, algumas ideias que se nos afiguram mais nitidas e exactas do que muita coisa mais que se tem escripto sobre o assumpto.

Segundo esse celebre psychologo, todo o funccionar da imaginação parte duma representação geral qualquer, que, no começo, está na consciencia só com contornos geraes pouco nitidos; depois as differentes partes surgem com mais nitidez; a representação primitiva organisa-se e ordena as suas partes. Distinguem o funccionar da phantasia do pensamento logico: 1.° a vivacidade sensorial e a clareza intuitiva das representações; 2.° a ausencia de elementos abstractos e dos symbolos glossicos, substituidos pelas representações sensoriaes. A phantasia é pois um *pensamento em imagens*. Na evolução geral, como na evolução individual do espirito, esse funccionamento da imaginação é, sem duvida, a forma primitiva do pensamento, que em consequencia de processos psychologicos, ligados ao desenvolvimento da linguagem, se converte gradualmente em pensamento logico. Todavia, independentemente deste

---

[1] Th. Ribot, *Psychologie des sentiments* (Paris, 1896), pag. 354.

ultimo, persiste a acção instinctiva da imaginação; e prepara, com frequencia, o funccionar do pensamento logico, antecipando em forma concreta os encadeamentos mais geraes desse pensamento. Pode pois dizer-se com fundamento que a imaginação contribue até para as creações scientificas, como já tinham reconhecido Claude Bernard e outros homens de sciencia. Emquanto á actividade artistica, consiste a sua significação elevada em que nella as funcções intellectuaes se effectuam absolutamente na forma do trabalho da imaginação.

Wundt distingue depois o funccionamento *passivo* e o *activo* da imaginação. A imaginação é passiva quando nos abandonamos ao jogo das representações, excitadas no espirito por uma representação geral qualquer; é activa, se a nossa vontade escolhe entre as representações que se offerecem e junta as que escolhe em conformidade com um plano para organisar um todo (veja-se o que dissemos acima a proposito de Mozart). Essas duas direcções da imaginação não são oppostas, porque a imaginação passiva ministra á imaginação activa os materiaes de que esta forma as suas producções. A imaginação passiva exerce o seu effeito, tanto mais vivo e irresistivel quanto o pensamento logico se acha mais retirado no segundo plano: isto observa-se particularmente no homem selvagem e na creança.

O funccionamento activo da imaginação, diz ainda Wundt, é a base de toda a creação artistica; e, num certo grau, contribue para todas as producções creadoras do espirito humano, tanto para as invenções da technica como para os descobrimentos da sciencia. [1]

Mas voltemos á questão principal que nos occupa, esclarecendo-a com os dados que acabamos de reunir. Entre o povo e o artista reflectido ha o elemento commum da imaginação passiva, a que mais particularmente pode dar-se o nome d'inspiração; no povo essa forma da imaginação predomina sobre a activa. O exforço voluntario e intencional é pois neste menor que naquelle, por isso poude dizer-se que o povo não creava a sua poesia, que esta se creava ou cantava nelle, o que coincide em verdade com o que Mozart dizia de suas proprias composições musicaes. É no artista popular que a inspiração tem aspecto impessoal; ao contrario do que parece

---

[1] W. Wundt, *Éléments de psychologie physiologique*, trad. fr. de Élie Rouvier (Paris, 1886) II, 362-364. Essa traducção é feita sobre a 2.ª edição do original allemão, que tem já mais duas edições. Sobre a imaginação, vid., entre outros trabalhos psychologicos recentes, James Sully, *The Human Mind* (London, 1892), vol. I, cap. X, pag. 362-387. Sully refere-se á «producção sub-consciente», pag. 363. Cf. do mesmo *Illusions*, cap. X. Lucien Arréat, *Mémoire et imagination* (Paris, 1895) traz algumas observações não desenvolvidas sobre o que se chamou *cerebração inconsciente*, que merecem consideração: «Une sorte de restauration psychologique n'est pas moins nécessaire au penseur, préoccupé d'une question difficile, qu'au tireur fatigué de viser la cible et de soulever son arme. L'attention peut alors rester latente, inaperçue; elle est effective néamoins, et s'exprime en travail. Mais il intervient, dans l'execution artistique, une condition nouvelle, je veux dire l'aboutissement continuel de l'effort et la reconnaissance, à mesure, de l'idéal qui se réalise. L'attention s'en trouve allégée, au point de paraître absente aux bonnes heures d'entrain et de santé.» etc. (pag. 135 seg.).

dizer Ribot, na passagem acima citada, é ella pessoal no artista reflectido. Assim Mozart, apesar das plavras já referidas, escreveu: «Como succede que durante o meu trabalho as minhas obras tomam a forma ou a maneira que caracterisam Mozart e não lembram nenhum outro? Isso succede creio, como se dá que o meu nariz é grosso e adunco, o nariz de Mozart, emfim, e não o duma outra pessoa.» O grande compositor, embora se apresentasse como extranho, por assim dizer, á sua inspiração, reconhecia nella a sua personalidade, a sua individualidade.

III

Os grandes periodos de producção da arte popular são aquelles em que as condições psychologicas de todos os membros dum povo divergem pouco, como na Grecia monarchica anterior ao seculo VII a Chr.; como em grande parte da idade media, quando a cultura greco-romana tinha decaido profundamente e apenas muito limitado numero d'individuos eram iniciados no que se conhecia dos escriptores classicos e aquelles mesmos sem verdadeira comprehensão destes, resultando dahi que até em latim, no latim caracteristico da idade media, se compuseram poesias inspiradas pelo espirito verdadeiramente popular. Pouco a pouco, pelo progresso da cultura e sua divulgação, depois sobretudo de surgir a aurora do renascimento, que não foi o descobrimento material da antiguidade classica, mas sim a sua intelligencia, depois da invenção da imprensa, que multiplica os instrumentos de cultura e se torna um meio poderoso de divulgação, a classe dos homens cultos separa-se do povo cada vez mais accentuadamente; e como todos os que não careciam de ganhar a vida pelo trabalho de suas mãos e só esses em geral podiam aspirar á coparticipação naquella cultura, as classes chamadas trabalhadoras, por excellencia, lavradores, artifices, pescadores, serviçaes, etc. vieram a representar em especial o elemento indifferenciado das nações modernas, o *povo*, no sentido psychologico, acima explanado, do termo, o que, repetimos não exclue o facto de haver individuos naquellas classes que excedem pelo desenvolvimento mental outros que pertencem ás classes chamadas superiores: Spinosa, para apresentar um exemplo memoravel, viveu do trabalho manual. Mas este trabalho, exercido com a continuidade exigida pelas condições em que vivem os individuos que por via de regra a elle se dedicam, é na maior parte dos casos um obstaculo á acquisição, em grau elevado, dos bens espirituaes da cultura; muitas vezes até tende ao embrutecimento, á transformação em quasi automato dos que o realisam. E assim se justifica a definição de *povo* como conjuncto dos individuos duma nação que se entregam aos trabalhos manuaes, com as restricções que já indicámos.

Quis-se fazer compartilhar o povo, dentro dos limites possiveis, da moderna cultura: inventou-se para isso a chamada instrucção primaria ou popular, em que

a arte de ler, escrever e contar tem a primazia, se não constitue por completo aquella instrucção, que apesar de tudo em alguns paises que se dizem cultos está ainda insufficientemente desenvolvida, distinguindo-se Portugal neste ponto pela sua extrema miseria. Varios factos auctorisam-nos a affirmar que no imperio romano a instrucção elementar chegou a estar mais divulgada que nos referidos paises; todavia os romanos não faziam discursos no senado, recheados de philantropia, para demonstrarem a necessidade da instrucção do povo, nem tinham cartas constitucionaes em que se promettesse aquella instrucção, a todos os cidadãos e no seio da sua sociedade havia muitos homens privados de direitos civis e politicos: foi o bom senso pratico que entre elles levou áquelle resultado.

Em verdade nalguns paises mais adeantados busca-se por varios meios elevar o nivel mental do povo e pode prever-se uma transformação profunda nesse sentido. Entre nós ha um facto que convem estudar: a existencia dum povo, por cuja educação os governos que se teem succedido desde a revolução chamada liberal quasi nada fizeram até hoje, e que todavia tem boas qualidades, que contrastam por vezes singularmente com as dos chamados dirigentes. O nosso povo encontra-se a um nivel em geral relativamente elevado, se o comparamos com as condições dos povos chamados incultos; é isso o resultado dum crescimento natural, de modo que espontaneamente as novas gerações attingem o nivel em que se acham os seus paes ou mesmo o excedem, ou ha aqui o resultado dum trabalho d'educação da parte da geração que precede sobre a que segue? O subsequente estudo responderá, mostrando a existencia, no povo, duma pedagogia digna d'attenção, ainda que d'accordo com os traços fundamentaes da caracteristica psychica delle, como os apresentamos.

Lisboa, 1 de maio de 1898.

F. Adolpho Coelho.

Habitação

OS PALHEIROS DO LITTORAL

I

Como em varias formas cultuaes, no vestuario, em certo mobiliario domestico, n'uma parte da alfaia agricola e maritima e em muitas outras manifestações tradicionaes do genio popular, observa-se na habitação um elemento de apreciavel valor para o conhecimento das faculdades elaboradoras do povo, da sua energia na apropriação dos recursos naturaes em cujo meio se agita, dos seus habitos, occupações e tendencias. Apagam-se, porém, n'um crescente sentido de uniformisação ou de incaracteristica architectura cosmopolita, os typos tradicionaes creados sob a imposição da geologia e do clima, do espirito ou do costume, dos traços conjunctos que imprimiam destaque aos aspectos geraes das formas de habitação erectas por uma mesma familia ethnographica.

A casa urbana é aquella em que essa transformação se realisa accentuadamente progressiva e rapida. Só em esquecidas povoações do interior a sobrevivencia, como em varios ritos e praticas consuetudinarias, aviva a imagem de localidades d'outr'ora: Constantino de Panoias, em Traz-os-Montes, [1] por exemplo, Bobadella, [2] Trancoso

---

[1] Gabriel Pereira. *Casa portuguesa,* in *Arte portuguesa* (Revista illustrada de archeologia e arte moderna), n.º 1, pags. 21-2. Lisboa, 1895. Estudo reprodusido no *Occidente,* xix, pag. 132. Lisboa, 1896.

[2] Martins Sarmento. *Relatorio* da Secção Archeologica. *(Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881),* pag. 13. Lisboa, 1883.

e Celorico, [1] na Beira, outros trechos, rareando sempre, n'outras villas. Do caracter que um detalhe exterior, a gelosia, marcava á casa de algumas localidades minhotas e que á Braga conventual e mystica dava uma negra impressão de carcere [2] pouco resta depois das breves modificações de ha trinta annos. E com a exteriorisação vae-se a disposição interior, os annexos, a decoração, os traços accessorios infinitamente variados mas estreitamente logicos que exprimiam a intimidade da existencia passada.

Emtanto a desnacionalisação da moradia mal invade e se generalisa por muitos centros ruraes, ou seja em virtude d'uma obstrucção tenaz ao seu ingresso por tradição e habito, ou ainda por circumstancias locaes que determinam a persistencia d'uma architectura regional. É então que o estudo d'este elemento da vida popular reveste, sob multiplices aspectos, uma consideravel significação.

A geologia, primeiramente, dicta subordinações que logo se tradusem no aspecto geral d'um burgo e pormenores. N'um solo granitico onde a agua surge de nascentes com affluencia restricta, as casas dispersam-se; no calcareo em que aquellas são mais raras mas copiosas, agglomeram-se. [3] É o caso extremenho, é o caso minhoto, por exemplo. Se a cal abunda, a povoação emerge alva e vivaz, como no Algarve; se falta, dilue-se, confusa e esparsa, por entre a vegetação sombria (Traz-os-Montes, Beira).

As ondulações do solo granitico, nas regiões serranas principalmente, aproveitam-se muitas vezes n'uma parte da parede ou manteem-se no pavimento tortuoso; e os blocos com que o predio se ultima, em harmonia com a naturesa que o cerca, dispõem-se quasi sem apparelho, sem preoccupações de fiadas, nem rebocos. Se a rocha não sobeja, só a parte terrea a utilisa; se escasseia deveras, fabrica-se uma, o adobe, com materiaes da região, areia e cal (Aveiro, Mealhada, Figueira, etc.).

Á naturesa do solo está naturalmente ligada a vegetação de alto fuste apropriavel como elemento constructivo. Do castanheiro, sobro e pinho todos conhecem o papel; mas como as madeiras de construcção rareiem no Algarve, os forros obteem-se com ripados de canna que cordas de palma prendem e reunem. [4]

A adaptação ao clima obriga a providencias e previsões que se exhibem em escala variavel no exterior do edificio. O telhado de beiral allongado e balcão avançando attenua, em algumas regiões, [5] os effeitos das ardencias e nevadas (Bragança, Guarda, etc.); para que os gelos se não demorem tem a cobertura um rapido

---

[1] Filippe Simões, ap. Henrique das Neves. *Casa portuguesa,* in *Occidente,* xix, pag. 102. Lisboa, 1896.

[2] D. Antonio da Costa. *No Minho,* pag. 81. Lisboa, 1874.

[3] Paul Choffat. *Poços artesianos,* pag. 5. Lisboa, 1898.

[4] *Inquerito industrial de 1890,* i, pag. 258. Lisboa, 1891.

[5] Henrique das Neves. *Ob. cit.,* pag. 110.

declive (Marão); e os ventos desabridos da montanha, a despeito da escolha em recantos de encosta abrigada, demandam as fiadas de pedras fixando a telha (Baião, etc.), as grossas placas de schisto cobrindo o telhado egualmente schistoso (Povoa, Telhada, Montes, no Marão) ou os barrotes e grossas vigas fixando os colmos (Campeã). Nevando ou ventando muitos dias nem os raros postigos se abrem (Gralheira, Marão) embora haja que supportar penosamente os productos da fogueira. Se a ventania, porém, é violenta e com ella o abaixamento de temperatura constituem um flagello (Castro Laboreiro) mudam-se as residencias para as inverneiras, outras habitações situadas n'um valle profundo e abrigado da tormenta. [1]

Mais que a adaptação ao meio cosmico os estylos da habitação testemunham materialmente o genio do povo e até, pela persistencia de alguns typos, representam o espelho fiel da vida n'outras eras. Os «fornos» do Gerez, abrigos de pastores onde só muito baixado se penetra [2] e as barracas de «sochão» abertas na rocha das escarpas (trajecto dos Arcos para o Soajo e Peneda) suggerem breve alguns aspectos da vida troglodytica. E das habitações lusitanas de alguns castros veem-se no valle do Mondego, como despojos evocantes, casas circulares colmadas, á mistura com outras quadradas em que a cobertura, boleando pouco a pouco, acaba nitidamente conica. [3] Ainda n'um recanto da Beira, em Bobadella, a povoação viva, junta á cidade extincta, renascendo uma das ruinas da outra, deixam perceber, das civilisações pre-romana, romana e post-romana, os elos d'um encadeamento successivo. [4]

Na montanha a habitação, tradusindo a simpleza dos misteres e occupações do habitante, mantem-se n'uma elementar rudesa constructiva. Collocam-se os blocos sem cimentos ou dispõe-se o schisto em assentadas, deixando fendas por onde o fumo se esvae ou a luz entra. Tres, dois, mesmo um só compartimento aloja animaes e pessoas, cohabitação esta que, de resto, existe quasi sempre: gallinhas sobre os catres, ovelhas estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura (Soutello, no Marão). Outras vezes, quando sob o pavimento o rebanho se agglomera recolhido, as emanações evolam-se pelas largas fendas do sobrado (Tibo, alturas da Peneda, Gavieira) e um ou outro desmando da oviaria é corrigido fallando-lhe ou castigando-o através das juntas mal vedadas da madeira; n'uma canastra a creança e o cão dormitam juntos.

Na ribeira, por vezes, a casa terrea é ainda pouco mais que uma cabana, em roda da qual ou annexadas estão as córtes de ovelhas e de bois, o cobêrto e o

---

[1] Alfredo Campos. *Jornadas em Portugal. Castro Laboreiro.* In *Jornal de viagens e aventuras de terra e mar,* IV, pag. 53. Ferreira Brito ed. Porto, 1881.

[2] Hermenegildo Capello e Leonardo Torres. *Viagens á Serra do Gerez e suas caldas em setembro de 1882,* in *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa,* pag. 533, n.º 11, 4.ª serie. Lisboa, 1883.

[3] Martins Sarmento. *Ob. cit.,* pag. 25.

[4] Martins Sarmento. *Ob. cit.,* pags. 13-4.

celleiro; não raro um, dois aposentos, para cosinha, para comer, para dormir. A mesma simplicidade da montanha se vê ainda na disposição da pedra bruta, na cobertura a telha vã, nas janellas desguarnecidas e com o desagasalho da ausencia de vidraças. Esta habitação minhota com os seus annexos dá a impressão da casa rural romana nas primeiras epochas. [1] Então tambem a vivenda era de madeira ou de massiços blocos sem lavôr, edificada certamente ao gosto e por artifices vindos da Etruria. [2]

«Absorvido pela terra que o alimenta a si e á sua familia, o cultivador do Minho pede á casa só um abrigo, sem luxo nem conforto». [3] Mas a amplitude da lavoura e a prosperidade dos casaes, desenvolvendo necessidades mais instantes e um parallelo desafogo, origina a accentuação mais viva dos caracteres que o predio então assume.

Erguendo um andar, a casa exteriormente nem sempre denuncia o que augmentou em proporções. A fachada mostra-se com duas, tres, quatro janellas, sob as quaes se abrem oculos ou frestas que vão illuminar e arejar os estabulos ou os armasens de provisões. O ingresso, vindo de fora, faz-se muitas vezes pela porta intermediaria do predio e do muro que veda o quinteiro enramado (Maia, Bouças). Lateralmente ao edificio, ou ainda na face opposta á frontaria, uma escada de pedra sobe junta á parede até ao nivel do sobrado. Outras vezes a escada mostra-se na fachada, partindo d'um alpendre superior e a um dos lados, seguindo para baixo com guarda ás vezes lavrada e de cujo remate se eleva, para o beiral, uma columna jonica de fuste esguio e longo.

Em volta d'este typo architectonico em que os baixos arrecadam e armasenam e no andar existem os aposentos de viver, com a escada exterior encostada á fachada ou lateral, sólheira, guardada ou não, grupam-se varias modalidades que a fortuna e a região explicam quasi sempre. No seu aspecto mais rudimentar esta casa faz pensar nas ruinas das construcções exhumadas em Mycenas, onde os muros, que a principio se julgavam fundações, circumscreviam os annexos de reservas e de arrumo. Acima erguer-se-hia o andar para onde dava a escada exterior e encostada, no topo superior da qual era a entrada; ao lado, e fora do predio, outra porta communicava por via d'um quinteiro — como ainda hoje, na Argolida, se veem as casas das aldeias. [4]

A habitação rural toma outro aspecto com as longas varandas ao correr. (Famalicão, Barcellos, Braga, etc.). A communicação faz-se por fora, com escada

---

[1] Oliveira Martins. *Historia da Republica romana*, I, pags. 9-10. Pereira ed. Lisboa, 1885.

[2] Choisy. *L'art de bâtir chez les Romains*, ap. E. Guhl et W. Koner. *La vie antique*. II, *Rome*. Nota da pag. 96. Rothschild ed. Paris, 1885.

[3] Alberto Sampaio. *A propriedade e cultura do Minho*, pag. 126. Porto, 1888.

[4] Georges Perrot et Charles Chipiez. *Histoire de l'art dans l'antiquité*. VI, *La Grèce primitive*, pags. 353 e 682. Hachette ed. Paris, 1894.

perpendicular ou encostada; nos baixos recolhe-se uma parte da alfaia e está a adega, ás vezes celleiros e até córtes. Em roda a eira, as mêdas ou moreias, o poço, as córtes, os telheiros com as barras onde se guardam os empalhos de inverno para os gados (Ancêde) ou se livram das chuvadas os pães que seccam no eirado.

No Minho a varanda salienta-se geralmente da fachada; em Traz-os-Montes este annexo subsiste e, como além, não raro se firma em esteios da rocha regional, granito ou lousa (Sanhoane). Mas tambem succede que o andar recolhe dentro (Fontes, Medrões) e a balaustrada se nivela com a frente.

Na Beira a varanda tem egualmente apoio na parede mestra, grossa no pavimento inferior e reintrante no segundo; não variando a parede, todavia, de prumada, a varanda subsiste firmada em esteios ou pilastras [1]. N'este caso e muito prolongada para a frente abriga, no sul, dos ardores d'um sol faiscante de verão; no outro, e muito ampla para traz (Algarve), é um terraço de frescura e repouso para as noites de calma, no estio.

Vê-se, por este summario, como a disposição dos balcões e das escadas imprime já caracteres diversos no exterior; pois se descermos a outros pormenores, a variedade das minudencias mais diversifica os typos e os aspectos.

Ha as coberturas de palha centeia nas chamadas casas-palhoças (Amarante, Marco, etc.), de feno secco (Cabana Maior), de giesta [2] (Castro Laboreiro), de schisto (Serra d'Arga, Marão), de telha vã, abrigos estes que só nas casas mais remediadas são interiormente revestidos pelos tectos de forro ou de masseira (Minho).

Dos telhados, resaltando á frente sobre cachorros de madeira recortada e ligados ao frechal (Arcos de Val de Vez, Ponte da Barca, Guimarães) sobem chaminés de typos varios, como a bombaça (Minho e Douro) ou as que semelham tumulos (Alemtejo), minaretes e zimborios [3] (Algarve); n'outros nem existem: é na serra, onde as paredes parecem uniformemente vestidas de fuligem.

O pavimento é terreo no norte ou ladrilhado a tijolo no Alemtejo; os peitoris salientam-se um decimetro para fora (Guimarães); as padieiras e humbreiras são lavradas (Ponte do Lima, Vianna, etc.), ou só lisas, se é que, em muitos casos, estas guarnições nem se destacam; o forno é um annexo indispensavel na cosinha ou um accessorio independente [4] no exterior (Algarve); a lareira ou é a grande lage usada na ribeira ou a cova funda [5] adoptada na montanha (Castro Laboreiro).

Por fim as grimpas ou veletas figuradas (Azurara, Villa do Conde), as pom-

---

[1] Gabriel Pereira. *Ob. cit.*, in *Arte* cit., n.º 6, pag. 142. E ainda *Occidente* cit., pag. 132.

[2] José Augusto Vieira. *O Minho pittoresco*, I, pag. 19. Pereira ed. Lisboa, 1886.

[3] Leite de Vasconcellos. *Museu ethnographico portuguez*, in *Revista Lusitana*, III, pag. 226. Lopes ed. Porto, 1895.

[4] *Inquerito* cit., pag. 259.

[5] José Augusto Vieira. *Ob. cit.*, pag. 19.

bas (Douro, Traz-os-Montes), as chimeras, os leões e as aves em olaria para os angulos dos beiraes (Eixo, Aveiro), as cabeças de saurios, ao alto, nas paredes (Povoa, Villa do Conde), as portas com ornatos em relêvo e polychromos (Maia), os galeões, de velas pandas, lavrados em calcareo, nos cunhaes (Lisboa), os escudetes recortados para os fechos, os retabulos de azulejos, os nichos e as cruzes de pedra embutidas nas fachadas, as ferraduras (Porto) como impedimento ao mau olhado e outros amuletos, tudo isto contribuirá para, estudando systematicamente as casas portuguesas, mais intima e seguramente se apreciar a vida do povo que as habita.

II

Através dos povos mais ethnicamente differenciados e nas regiões da terra mais distantes é frequente ainda a habitação em que o material constructivo procede exclusivamente das florestas regionaes. Dos tempos neolithicos, da edade do bronze, como em breve lembraremos, deparam-se-nos vestigios de analogas construcções nas aldeias lacustres; de epochas historicas já remotas sabe-se que em cabanas de madeira se iniciaram povoações, mais tarde investidas, como Londres, n'um destino proeminente; na Roma antiga, na dos primeiros tempos, as casas eram de madeira e cobertas de ripas ou de colmo, distribuindo-se sem ordem pelas encostas das collinas da cidade. [1]

Cabanas, no onomastico locativo portuguez, é ainda denominação de algumas freguesias e aldeias que, na tradição popular e erudita, tiveram a sua origem em barracas de taboado. Cabanellas, cabaninhas e cabanões formam uma toponymia de similar procedencia e contam-se em numero superior a uma dezena. O exemplo de Cabanas de Torres, na Estremadura, confirma talvez a interferencia do elemento tradicional na explicação denominativa. No seculo XIII uma peste assolou Torres Novas e Villa Verde dos Francos, levando as populações a emigrarem para Montejunto onde um bispo mandou construir cabanas para abrigo do povo. Ahi ficou o nucleo da povoação futura, cuja denominação herdou das iniciaes construcções de asylo. [2]

Mas historicos que sejam a origem toponymica da freguesia e o facto que a explica, para outras localidades de cuja designação se não ha obtido esclarecimento authentico, semelhante tradição existe, sendo para notar, principalmente, as que se referem a povoações do interior.

Quanto ao littoral nem a tradição carece de ser corrente, tam illustrativos e

---

[1] Oliveira Martins. *Ob. cit.*, I, pags. 19-20.—Batissier. *Art monumental*, ap. Guhl et Koner, *ob. cit.*, nota de pag. 96.

[2] Pinho Leal. *Portugal antigo e moderno*, II, pag. 7, voc. *Cabanas de Torres*. Lisboa, 1874.

numerosos se apresentam ainda os exemplos de habitação de madeira que, em tempos pouco remotos, constituia a unica especie de casa da beira-mar.

Sabe-se que no logar da Costa, na Caparica, ainda em 1823 ou 24 o monarcha se hospedou na unica casa de cantaria que se destacava em toda uma povoação de cabanas de pescadores. [1] Pelos meados d'este seculo Espinho era uma agglomeração de palheiros [2] de que ainda hoje os exemplos são bem patentes e em numero. Um chorographo estimado decalca mesmo uma imaginosa etymologia n'esse typo de habitação: diz que Buarcos era uma povoação de gallegos, os quaes, achando n'aquella costa boas pescarias, fundaram cabanas de «brunhos e arcos» em que viviam, e, corrompidas estas palavras com os vicios do tempo, se denominou depois assim a localidade alludida. [3]

Ora independentemente d'estas referencias e de muitas outras que existem esparsas por varios ensaios chorographicos e memorias locaes, frequentemente obtidas nos archivos das camaras, dos cartorios e das confrarias, restam ainda, vivazes, povoações completa e exclusivamente formadas de palheiros.

No littoral minhoto os grupos de barracas ou telheiros que mesclam a praia constituem, as mais das vezes, abrigos para os utensilios destinados á colheita das algas e propositadamente edificados sob esse intento, mercê do papel attribuido áquella especie de adubo agricola. São principalmente as que vemos na Ponta do Cabedello, Moledo e Cahide (sul da foz do Minho), Moinho do Bispo, Fão e Gramadoura. D'ordinario constituem dependencias de casas de lavoura, só utilisadas, fora do abrigo referido, nas epochas de procura do sargaço e em vista da arrecadação volante d'este ou como residencia temporaria do sargaceiro.

Mas em outros logares da costa estabeleceram residencia permanente,—e, em muitos casos, desde tempos immemoraveis—varias populações para as quaes a apanha dos moliços, salva uma ou outra excepção conhecida, é uma subsidiaria occupação lucrativa apenas apreciavel. Cortegaça, Furadouro, Torreira, S. Jacintho, Tocha e outras praias do littoral extremenho e algarvio são povoações em que o labor quasi exclusivo dos habitantes é a pesca. N'estas predomina o palheiro de taboado, excluindo-se quasi toda a habitação erguida com qualquer outra naturesa de materiaes. E em variada proporção se encontra, quasi n'uma immutavel traça, em Sedovem, Villa Chã, Granja, Espinho, Cortegaça, Maceda, Quiaios, Buarcos, Lavos, Leirosa, Pedrogão, Ericeira, no Algarve, por fim. Naturalmente a invasão da casa de cantaria, de adobe, de tijolo e mixta, substituindo o palheiro barato e facil, corresponde a um desenvolvimento material das localidades a que são estranhas, quasi sempre, as populações de pescadores.

---

[1] Pinho Leal. *Ob. cit.*, II, pag. 98, voc. *Caparica.*

[2] Pinho Leal. *Ob. cit.*, III, pag. 62, voc. *Espinho.*

[3] P. Antonio Carvalho da Costa. *Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal*, II, pag. 66. Lisboa, 1708.

Furadouro, onde em 1881 um incendio destruiu para cima de tresentas cabanas, [1] poderia ser escolhida como typo de povoação exclusivamente formada de palheiros. Buarcos e principalmente a região comprehendida entre o sul da freguesia e o limite norte da Figueira, apresenta um aspecto mixto onde as habitações de taboa alternam com as de alvenaria, ou ainda as primeiras, com os seus enchimentos exteriores, estabelecem já uma passagem para a substituição de materiaes. Na Povoa de Varzim, por ultimo, o predio de taboado desapparece rapidamente, mal se encontrando já um ou outro disperso e até, as mais das vezes, adaptado a armasens de sal e de pescado.

Sob qualquer d'estes tres aspectos se encontram bastantes povoações maritimas ou ribeirinhas, dominando emtanto aquellas que se denunciam, costa fora, pelos seus arraiaes de palheiros agglomerados nos comoros ou nas depressões das praias. Por vezes o pescador vive em logares affastados da beira-mar e aqui possue apenas, como vimos para alguns lavradores do noroeste, barracas de habitação temporaria, de armasenagem e retem; é o que se observa, principalmente, na Apulia, na Aguçadoira, em Aver-o-Mar e em outras localidades onde o mister rural se alterna com o da piscicaptura. Mais raro e ephemeramente acodem a alguns logares da costa, em certas epochas, grupos de pescadores que residem a bordo n'esses curtos periodos de safra.

Mas no caso mais frequente do isolamento á beira d'agua, os contactos com as povoações do interior limitam-se ás simples transacções mercantis, excluidas raras necessidades instantes, uma romaria ou um voto. O pescador, e nomeadamente o das pequenas circumscripções que elle proprio erigiu em estancias de residencia e labor, mantem-se systematicamente affastado e indifferente aos aspectos da vida das populações visinhas. Não lhe conhece e, consequentemente, não appetece o que, para o observador, tradusiria progressos já sensiveis de conforto e regalo. A sua casa, pois, o seu palheiro, é a imagem do seu viver, sobrio, estrictamente limitado ás necessidades que, em quota infima, carece de satisfazer para a manutenção d'uma existencia quasi barbara.

A sala, á qual dá ingresso immediato a porta externa, com um postigo, ou uma janella, ou mesmo duas lateraes, armasena rêdes, utensilios, material para o encasque, caixas do vestuario e a barra do casal, não raro duas. Taipaes de forro e ripa isolam este de um ou dois compartimentos que alojam frequente e promiscuamente a descendencia. Uma cosinha, que ainda arrecada alfaias profissionaes de mistura com a olaria e outro mobiliario domestico, remata a habitação, ampliada por vezes com uma pequena area de serventia para a ruella conjuncta e onde a couve ou a sardinheira medram.

Quando melhora, o palheiro augmenta em mais duas ou tres as dependencias, supprime da saleta anterior o leito ou leitos, alarga a cosinha e cobre de cal

[1] Pinho Leal. *Ob. cit.*, ix, pag. 618, voc. *Torreira.*

os tapamentos. A traça mantem-se simples, alinhando-se as saletas da frente ao fundo, bipartindo-se uma ou outra do interior, communicando-se por vezes mutuamente e dando todas, d'um lado, ao corredor commum, de fora a fora. (Fig. 1). O vermelhão vela exteriormente a côr do pinho; e quando, ladeando postigos e janellas, uma guarnição de madeira as emmoldura, destaca-se pelas côres azul ou branca. Ao alto o numero camarario, para o vexame d'um imposto exorbitante. D'uma cobertura de duas aguas, telhada, raro colmo, irrompe, para escoante do fumo da cosinha, uma bombaça, quando não é uma simples abertura ou mesmo nada. E lateralmente, em direcções verticaes ou horisontaes, conforme o taboado se dispõe, a vedação faz-se por talas. Nem ornatos, nem enfeites.

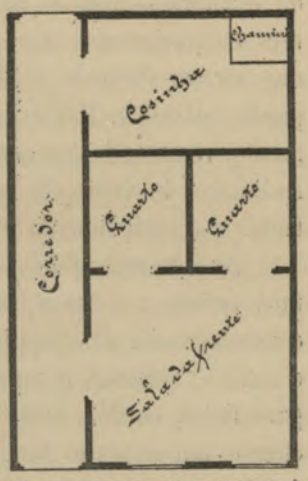


Fig. 1.—Planta d'um palheiro. Buarcos.

Evolucionando ainda, a construcção assenta sobre alicerces de rocha regional e por sobre o primeiro pavimento ergue-se outro, com duas janellas de sacada, uma varanda, madeira tudo. Então é maior o desafogo, mantendo-se todavia o desalinho. Este proprietario já tem barcos e dominio ou é um pequeno mercador que afflora, imagem subalterna do alto traficante citadino prosperando sob o regimen do emprestimo, do fiado, da usura, mercê de paralysações violentas e forçadas no trabalho e até da imprevidencia da classe se os lucros de tal faina dessem para arrecadar mealhas e sobejos.

Mas quando, por circumstancias varias, a localidade se desenvolve e começa a infiltração de estranhos, edificando com adobe, tijolo ou cantaria, os palheiros de mais vulto encobrem-se sob rebocos externos que progressivamente invadem o interior até se substituirem lento e lento por material mais duradouro. Só aqui ou além restam os despojos do arraial primevo.

Motivos de ordem meteorologica, entre outros, não darão ensejo a transformarem-se muitas das paragens littoraes onde se estabeleceram colonias piscatorias. Ellas conservarão, em toda a sua exemplificação e ensinamento, o quadro d'uma existencia atrasada de seculos com varios dos aspectos que assignalam modos de viver remotos. Ainda na Costa Nova do Prado é frequente destelharem-se os palheiros para os condusirem a distancia sobre tóros, fugindo ao impeto das marés. Acalmada, porém, a vaga, deslocam-se de novo para mais perto. E com a violencia herculea d'este esforço assim evitam o trabalho mais assiduo de manejo, ao sahir ou aportar.

N'outras é a duna que detem os invasores. Só o pescador resiste assentando a habitação sobre estacas altas para vasante das areias e marcando assim, no povoado, um novo aspecto da sua adaptação e engenho.

III

Datam dos tempos neolithicos habitações semelhantes sobre estacaria. Pelos meados do seculo, em Meilen, no lago Zurich, foram descobertos os despojos d'uma povoação que deveria, como se averiguou em breve, assentar sobre supportes de madeira — troncos de arvores dispostos verticalmente e altos de sorte a isolarem os pavimentos das casas da toalha de agua lacustre. O grupo de habitações que teriam formado a aldeia communicava com a terra firme por uma ou mais pontes estreitas. E n'essas cabanas, circulares ou quadradas, [1] colmadas provavelmente, rematando em cone ou em cobertura de dois pendores, encerrava-se todo um mobiliario de civilisação relativamente avançada, como o denunciam as armas, os artefactos e principalmente os vestigios d'uma vida já activa e periodica de lavoura.

As dusentas aldeias [2] que se contam no paiz classico das palafittas offerecem uma variada e extensa serie de documentos com os quaes se reconstrue facilmente o estado social das populações que as habitaram: facas e pontas de lança, harpões e anzoes, alfinetes e espatulas, olaria grosseira mas bastante ornamentada, pentes para linho, cordas, estofos de linho e canhamo, vestuarios de pelles, cereaes, fructos e um ossuario tam rico como elucidante acerca dos animaes que o homem então conseguira domesticar. [3]

Effectivamente todos estes rebotalhos lançados á agua, dando margem a conhecerem-se com sufficiente individuação os mammiferos selvagens e domesticos que constituem a fauna mammalogica da Europa central [4] esclarecem-nos sobre a duração e occupação de semelhantes povoações, considerado o tempo decorrido e necessario para uma domesticação progressiva mas lenta, e, ainda mais, a formação de rebanhos [5] de cuja existencia a authenticidade é irrecusavel. Por outro lado a cultura de cereaes determinando a fixação ao solo d'uma parte sequer das populações, despertando-lhes o habito do trabalho periodico, embora n'um periodo mais ou menos restricto do anno e indusindo-os derivativa e previdentemente a accumularem, desenvolve costumes sedentarios em substituição dos habitos nomadas peculiares a tribus inicial e essencialmente entregues á caça e ao pastoreio. As arvores

---

[1] John Lubbock. *L'homme préhistorique,* I, pag. 175. Alcan ed. Paris, 1888.

[2] Lubbock. *Ob. cit.,* I, pag. 174.

[3] Alexandre Bertrand. *La Gaule avant les gaulois d'après les monuments et les textes,* pags. 172-3, Leroux ed. Paris, 1891. — N. Joly, *L'homme avant les métaux,* pags. 108-9, Baillière ed. Paris, 1879.

[4] Gabriel de Mortillet. *Origines de la chasse, de la pêche et de l'agriculture.* I, *Chasse, pêche. Domestication,* pags. 98-100, Lecrosnier et Babé eds. Paris, 1890.

[5] Marquis de Nadaillac. *Mœurs et monuments des peuples préhistoriques,* pag. 130. Masson ed. Paris, 1888.

de fructo, por fim, a vinha mesmo, [1] já para a epocha do bronze, mais radicarão ao logar os grupos primitivamente pastoraes. Ver-se-ha pois e assim substituida a tribu pelo municipio agricola; a cidade será possivel — a cidade d'onde sahirá a nação. [2]

Agricultores, industriaes, commerciantes, [3] revelando pela riquesa dos seus legados toda a civilisação neolithica em boa parte inedita, mantendo-se em desenvolvimentos graduaes e crescentes, até a edade do bronze, até epochas historicas conhecidas, quem eram esses homens, d'onde procediam, que motivos determinavam essas formas estranhas de construcção, a escolha propositál de logares arredados do solo por massas de agua mais ou menos volumosas e distantes?

Bertrand, consignando que as palafittas poderiam ser uma innovação local motivada pelo clima, prefere explicar por uma tradição estranha a edificação das povoações sobre lagos. Um texto de Herodoto, que reproduz, [4] refere que, ao tempo da expedição de Megabyze, na Thracia, certos povos, não inteiramente subjugados, viviam em casas construidas sobre estacas muito altas, enterradas nos lagos; em certos logares da Phrygia encontram-se vestigios de habitações semelhantes; d'outros velhos textos se infere a existencia, para lá, de povoações lacustres. Duas correntes de emigração concebe, pois, que se realisassem na epocha da pedra polida: uma, hyperbolica; a outra na direcção de leste, seguindo a via do Danubio, d'um lado, a do Dniéper do outro. E a esta se ligariam as cidades lacustres.

Tendo sido sempre o valle do Danubio a grande arteria de communicação entre o Oriente e Occidente, são para notar, do mesmo passo, as varias povoações lacustres n'este percurso e, entre ellas, a do lago de Laybach, na Carniola, uma das estações lendarias dos argonautas. Alliando estes factos com a distribuição das terramares, concluir-se-hia uma migração do Caucaso, terminando na Gallia, pelo valle do Danubio, com derivação muito variavel sobre a Italia. [5]

A esta interessante explicação, ephemera e limitadamente acceite, cumpre acrescentar a de Worsaë, Keller, Virchow e outros que attribuiram a aborigenes do norte e oeste da Europa a construcção de povoações sobre lagos, não tanto em face de dados anthropologicos, mas por inducções sobre o mobiliario, a dispersão geographica e outras. A erecção das sepulturas proximas mas fora, naturalmente, do ambito das aldeias lacustres e a raridade dos despojos humanos [6] explicam o mutismo da anthropometria na determinação da origem e caracteres das populações que elevaram casas acima d'agua. Imaginaram-se ainda estas estações como

---

[1] Mortillet. *Les boissons fermentés.* Ext. in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris,* VIII, fasc. 5, pag. 430. Masson ed. Paris, 1897.

[2] Zaborowski. *L'homme préhistorique,* pag. 137, 3.ª ed., Baillière ed. Paris.

[3] Joly. *Ob. cit.,* pag. 108. — Lubbock. *Ob. cit.,* pag. 213.

[4] Bertrand. *Ob. cit.,* pag. 178. Encontram-se ainda referencias ou transcripções do mesmo texto em: Joly, *ob. cit.,* pags. 113-4; Nadaillac, *Les prémiers hommes et les temps préhistoriques,* I, pag. 242. Masson ed. Paris, 1881.

[5] Bertrand. *Ob. cit.,* pags. 163-6, 178-81.

[6] R. Verneau. *Un nouveau crâne humain d'une cité lacustre,* in *L'Anthropologie,* V, pag. 54. Masson ed. Paris, 1894.

sendo estabelecimentos de pesca, semelhantemente ao que succede hoje com as construcções, para analogo destino, á beira-mar; supposeram-as ou logares de reuniões temporarias, ou templos consagrados ao culto das aguas. Mas a profusão do mobiliario e a sua varia multiplicidade e evidentes destinos, assignalavam manifestamente uma estabilidade prolongada e ainda, cotejando os despojos, uma identidade de costumes taes que as affinidades das populações constructoras das estações prehistoricas helveticas e outras de semelhante typo pareciam incontestaveis. Talvez mais tarde é que as palafittas da epocha do bronze se destinassem a armasens de commerciantes que, procedentes dos estados escandinavos, negociavam com os indigenas, hypothese esta presumivel ante os numerosos utensilios de bronze que se encontraram sem vestigios de emprego. [1]

Seria pois uma mesma raça—a da migração de Bertrand, a de Keller, outras ainda—que edificou semelhantes habitações em todos ou quasi todos os lagos da Suissa, no Mecklemburgo e na Escossia, [2] em varias regiões da França, [3] na Italia do norte, [4] na Austria, na Hungria, na Pomerania? [5] E á raça a que se attribuam as aldeias lacustres, ainda se refeririam os habitantes das estações que persistiram até á edade do ferro, mesmo á epocha romana, ás da Irlanda já mencionadas em documentos da sua historia antiga, [6] ás dos tempos carlovingios, [7] ás da Allemanha, no seculo XIII da nossa era, [8] mesmo ás actuaes em certo rio da França? [9] A similitude constructiva, os logares eleitos para a residencia permanente e a simultaneidade de progressos nas artes, nas industrias, na lavoura permittem acariciar desvanecidamente a ideia d'uma unidade ethnica. Outros factores, porém, entram com o seu peso—os mesmos que explicam construcções analogas nos logares mais distantes: as casas sobre estacas da Nova Guiné, as de Cambodge, na Indo-China, [10] as das Celèbas, Mindanao, Borneo e Carolinas, [11] as da Cochinchina, [12] as de Sião, [13] as da America. [14]

---

[1] DÉSOR. *Le bel âge du bronze en Suisse*, ap. BERTRAND, *ob. cit.*, pags. 209-10, nota. Vid. ainda LUBBOCK, *ob. cit.*, pags. 208-9.

[2] LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 170-1.

[3] ÉMILE CARTAILHAC. *La France préhistorique*, pag. 136, Alcan ed. Paris, 1889.—NADAILLAC, *Mœurs* cit., pag. 129.

[4] LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 170-1.

[5] JOLY. *Ob. cit.*, pag. 106.

[6] LUBBOCK. *Ob. cit.*, pags. 172-3.

[7] PHILIPPE SALMON. *Dictionnaire des sciences anthropologiques*, pag. 845, voc. *Palafittes*. Doin ed. Paris.

[8] NADAILLAC. *Les prémiers hommes*, pag. 251.

[9] M. BOULE. *Les anciennes habitations lacustres de Lignières (Cher)*, in *L'Anthropologie*, VIII, pag. 52. Paris, 1897.

[10] JOLY. *Ob. cit.*, pag. 115.

[11] LUBBOCK. *Ob. cit.*, pag. 171.

[12] SALMON. *Ob. cit.*, pag. 845.

[13] LUCIEN FOURNEREAU. *Le Siam ancien*. 1.ère partie. In tom. XXVII dos *Annales du Musée Guimet*, pag. 205, Leroux ed. Paris, 1895

[14] JOLY. *Ob. cit.*, pag. 115.

A massa d'agua mais ou menos consideravel defende, em regra, estas aldeias das incursões dos povos visinhos e impede os ataques dos animaes selvagens: agora, como então, considerados o estado social e a fauna perigosa existente. O abrigo permanente é um asylo; o asylo é uma defesa de animaes, de homens, até das aguas nas grandes innundações. [1]

E tal opinião, universalmente partilhada já, com intervenção ou exclusão de raças que imprimissem ás suas povoações uma certa architectura adaptada a meios especiaes, explica sufficientemente a identidade das faculdades humanas nas dif-

Cl. da R. P.

Fig. 2.— Um aspecto da Cova de Lavos.

ferentes manifestações do seu proceder, nos processos de defesa, por exemplo, em face de obstaculos semelhantes, mesmo quando é um azteque que se defende do inimigo, o helvetico d'um mammifero feroz, o habitante da terramare da Alta Italia das innundações do pantano e o pescador do littoral portuguez, como vamos ver, das areias da duna.

Que as habitações sobre estacarias não são devidas ao genio proprio d'um povo vê-se facilmente quando se attende á distribuição d'ellas pelas paragens mais affastadas onde residem homens das mais diversas raças. Mas imaginal-as [2] for-

---

[1] Salmon. *Ob. cit.*, pags. 1043-6, voc. *Terramares.*

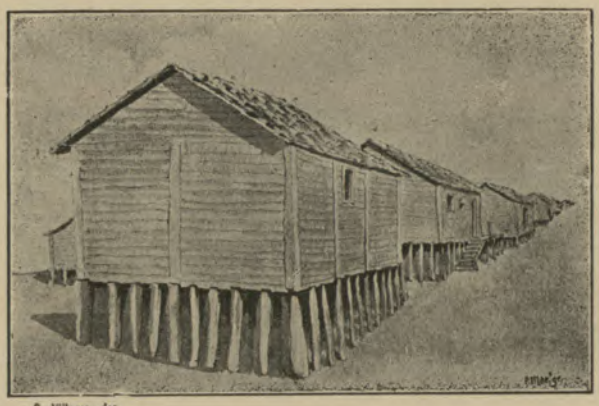
[2] Charles Garnier et A. Ammann. *L'habitation humaine,* pag. 57. Hachette ed. Paris, 1892.

mas universaes da casa e correspondentes a phases que atravessou a humanidade, desconhecendo ou negando a influencia das circumstancias locaes, eis uma deploravel leviandade.

Esta divagação vae legitimar-se como esclarecimento subsidiario do que segue.

IV

No littoral portuguez a area dos terrenos cobertos pela areia era, nos meados do seculo, de 72:000 hectares. Entre Ovar e Quiaios e na região limitada pelas fozes do Mondego e Liz a duna avança, desde muito, seis metros por anno, em media, contando-se logares onde a invasão das areias chegou a conquistar 40 me-



C. Villares, des.

Fig. 3. — Uma rua na Cova de Lavos.

tros de terra habitada ou aravel. Lavos já hoje não existe na sua antiga situação mercê da duna que invadiu o logar onde assentava a povoação primitiva; Quiaios teria o mesmo destino sem um pinhal de defesa plantado a tempo.

Impedir essa formação crescente de medões para o interior e evitar o seu natural cortejo de prejuisos tem sido, desde o principio do seculo — para só alludir ás provisões e trabalhos mais modernos — uma occupação intermittente e diminuta da administração florestal do paiz. [1]

O pescador, porém, como o manejo da sua pesada alfaia o obrigue a não se

[1] Rocha Peixoto. *A Terra Portugueza*, Chardron ed. Porto, 1897. No capitulo *As dunas* (pags. 167-177) é este assumpto tratado resumidamente nos seus varios aspectos. Para maiores explanações contamos, na nossa litteratura silvicola, varios trabalhos de valor e alguns mesmo notaveis: *Relatorio ácerca da arborisação geral do paiz* (pags. 37-69), Lisboa, 1868, de Carlos Ribeiro e Delgado; *Relatorio da administração geral das mattas* relativo ao anno economico de 1879-80 (pags. 6 e seg. e 29 e segs.), Lisboa, 1881; *Pinhaes, soutos e montados*, 1.ª parte: *Pinhaes*, (pags. 59-89), Lisboa, 1882, de Sousa Pimentel; *Curso de silvicultura* (pags. 280-87 do tomo I), Lisboa, 1886, de Pereira Coutinho, etc.

distanciar muito da costa quando, caso mais frequente, a pesca é a sua exclusiva occupação, adaptou o palheiro á instabilidade do solo em que habita. Vencer ou attenuar esta acção da dynamica terrestre e principalmente na região onde ella se accentua com mais intensidade foi o que conseguiu com as habitações sobre estacaria. Mira, na extremidade do braço da ria de Aveiro que se prolonga para o sul, Cova de Lavos ao sul da foz do Mondego e distante d'esta uns dois kilometros, Vieira, nas proximidades de Leiria, são as tres povoações onde dominam os palheiros construidos d'esta sorte. Na Costa Nova, em Quiaios e em Buarcos encontram-se ainda alguns; na Figueira resta a lembrança de construcções semelhantes; n'outros logares é possivel ainda o seu encontro, dada a extensão da zona em que são os mesmos os effeitos dos ventos mareiros.

Taes cabanas não differem das já descriptas, tirante os supportes em que se

C. Villares, del.

Fig. 4. — Palheiro junto á linha das altas marés.

firmam. Em Mira a habitação comprehende tres a seis compartimentos e na disposição que conhecemos; a frente mede seis a dose metros, a altura limita-se entre tres e quasi cinco, o fundo vae de quatro a nove ou seja, proximamente, o que se observa nos outros palheiros littoraes. Se descessemos a minucias veriamos, nas portas e janellas, estas fixas, de par ou de correr, na pintura exterior e no abrigo, a mesma conformidade.

Na Cova de Lavos contam-se 500 d'estas habitações, segundo uma informação local, numero este em desaccordo manifesto com a população dada pelas estatisticas e da qual se destacam apenas duas centenas de homens que formam as companhas de artes de arrastar e tripulam as embarcações de pesca costeira.

Não obstante, e como em Mira, encontram-se na Cova habitações sem estacas, principalmente na região mais distante do mar e já sob o abrigo das que se dispõem em frente; mas aqui o numero de palheiros que a estacaria supporta é bem maior embora não attinja, ao que parece, o numero dito.

Disseminados (fig. 2), ás vezes em arruamentos (fig. 3), abrangendo emtanto uma area vasta, os que mais perto ficam d'agua, firmam-se sob pilares que, á

vista, medem tres metros e até mais (fig. 4). D'ordinario, porém, a altura, como em Mira, oscilla entre um metro e dois, e nunca attinge, como em Vieira, cinco e além.

Sem excepção a forma é rectangular e o accesso faz-se por escadas que dão para uma ou duas portas do edificio (fig. 5). A cobertura, primitivamente de colmo, conforme a tradição, está toda substituida, e n'um ou n'outro caso raro que ainda havia (fig. 6) realisou-se vae em pouco. Em Mira o palheiro é, uma ou outra vez, pintado exteriormente; na Cova quasi todos — a vermelhão no corpo geral do predio, a côres claras nas guarnições.

Como geralmente em todas as povoações costeiras, ter casa propria, na Cova de Lavos, é uma aspiração suprema e quasi sempre realisada, ou ella seja modesta

Cl. de R. P.

Fig. 5. — Palheiro isolado com dois accessos.

e custe vinte libras, ou vasta e folgada e vá até ás cem. Depois ha os reparos e a substituição frequente das estacas, e, se a prosperidade ajuda, tingem-se de cal interiormente.

Dentro o aceio, de que a bilha de agua sempre coberta com um panno alvo de linho é um traço já proverbial nas immediações, manifesta-se no aspecto de soalhos e paredes, na disposição dos moveis e na exclusão dos petrechos de pesca menos limpos. Para estes destinam-se velhos barcos já inuteis, como em Buarcos; e por fim, como subsidio previdente a uma industria de naturesa essencialmente aleatoria, o pescador da Cova cultiva terrenos areentos proximos que aluga ou de que se apossa e d'onde obtem alguns legumes, cereal, tuberculo, a vinha mesmo.

Ora o aspecto d'esta povoação, com o solo incessantemente revolvido, mas installada como n'uma depressão, dá a imagem, talvez approximada, d'uma aldeia

lacustre. [1] Esta suggestão já foi até exarada em livro. [2] E varios observadores teem suspeitado mesmo que na região e em outras do littoral recortadas por estuarios e bahias, existiriam, em eras longinquas, verdadeiras habitações lacustres. Das localidades referidas só na Costa Nova os palheiros se encontram em situação tam proxima da agua que, nas marés vivas, esta avança e passa sob as casas. De resto nem na tradição sequer se lograria encontrar indicios de semelhantes construcções á beira d'agua, nas fozes dos rios ou nos lagos e pantanos littoraes.

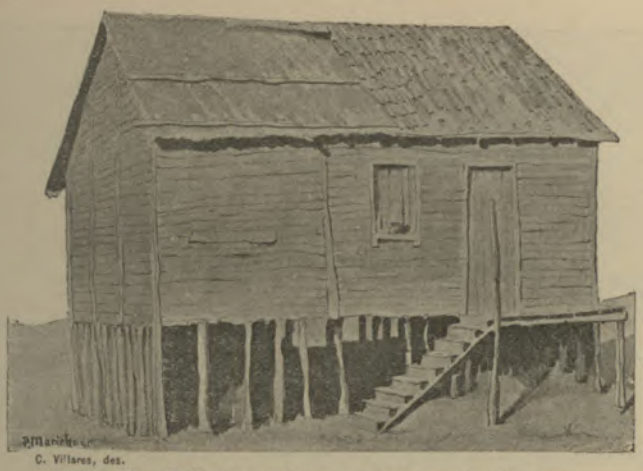


Fig. 6.—Palheiro onde se iniciava a substituição da cobertura de colmo pela de telha.

Lendas de cidades da peninsula subvertidas encontram-se no interior do paiz, [3] e principalmente em toda a Galliza [4] onde por ventura, em Santa Cristina, se teriam obtido outr'ora, dos fundos d'um lago, olarias, pedras trabalhadas e objectos de ferro denunciando uma povoação extincta. A tradição das cidades submer-

---

[1] Das aldeias lacustres prehistoricas e das habitações actuaes construídas sobre estacaria encontram-se reproducções nos seguintes trabalhos de facil encontro: Bertrand, *ob. cit.*, figs. 152-3 de pags. 176-7; Fournereau, *ob. cit.*, pls. lix-lxi e lxx; Garnier et Ammann, *ob. cit.*, figs. de pags. 55, 59, 66 e 849; Joly, *ob. cit.*, pag. 99 e fig. 36, pag. 115; Modigliani (E.). *Un viaggio a Nias*, ap. commentario bibliographico de J. Deniker, in *L'Anthropologie*, I, figs. 7, 8 e 9, pags. 349-51; Mortillet (G.). *Le Préhistorique*, fig. 51, pag. 486. Reinwald ed. Paris, 1885; Mortillet (G. e A.), *Musée préhistorique*, fig. 752, pl. lxxii. Reinwald ed. Paris, 1881; Raffray (A.). *Viagem á Nova Guiné*, in *Á volta do Mundo*, figs. vars. nos toms. II e III. Sousa Pinto ed. Lisboa, 1882-3; Salmon (Ph.), *ob. cit.*, figs. 261, 263 e 266, pags. 1043, 1045-6. Etc.

N'um livro de vulgarisação (Henri du Cleuziou. *La création de l'homme et les prémiers âges*, Marpon ed. Paris, 1887), só recomendavel com restricções, encontram-se algumas estampas boas, outras mediocres. Vid. pags. 13, 41, 297 (em frente), 300-1, 304 e 517.

[2] Leite de Vasconcellos. *Religiões da Lusitania*, pag. 59. Lisboa, 1897; *Museu* cit., d'onde o A. extracta, para o livro precedente, o que se refere a este assumpto.

[3] Leite de Vasconcellos. *Portugal pre-historico* (Bibl. do povo e das escolas) pag. 60. Lisboa, 1885.

[4] Émile Cartailhac. *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 71-2. Reinwald ed. Paris, 1886.

sas em castigo da má acolheita a varias figuras religiosas generalisa-se por numerosas localidades da provincia hespanhola. [1] Ainda mulheres encantadas habitam palacios debaixo das ondas; [2] e nos nossos contos populares é frequente surgirem os lagos por sobre os castellos e palacios em ruina. [3]

Documentação authentica, porém, a assegurar a existencia das palafittas exhistoricas na peninsula não existe. As nossas habitações sobre estacaria, á beira-mar, com o seu aspecto semelhante ás povoações lacustres reconstituídas nas me-

F. Gil, sop.

Fig. 7. — *Tabula votiva* da capella da Encarnação de Buarcos, representando um naufragio em frente da Cova de Lavos.

morias especiaes, teem, como já vimos, outra explicação. Pela similitude de apparencia, este facto, entre muitos, nos denota, e como indicamos já, a similaridade de proceder em face de perigos cuja defesa pode investir-se n'uma mesma expressão. E certo é que por todas as condições de existencia em que se manteem as populações ribeirinhas, não só as cabanas littoraes tradusem situações de vida bastante remotas: os processos de industria, a alfaia, as formas de vida social e religiosa affastam-nos, ao estudal-as, para estadios de civilisações idas que um isolamento relativo, como nos serranos, prolongou até agora.

Porto. Setembro, 1898.

Rocha Peixoto.

---

1 Manuel Murguía. *Galicia (España. Sus monumentos y artes. Su naturaleza é historia)*, pags. 29-44. Cortezo y C.ia eds. Barcelona, 1888.

2 Murguía. *Ob. cit.*, pag. 39.

3 Theophilo Braga. *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, I, pag. 44. Ferreira ed. Lisboa, 1885.

AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL

—

PROLOGO

Não é uma novidade para muitos leitores o estudo que vae seguir-se; publicado pela primeira vez em resumo na *Revista de Portugal*, depois com mais desenvolvimento na *Revista de Guimarães*, menos um capitulo que sahiu na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, e outro que apparece agora, tem soffrido correcções e accrescentamentos em tal extensão, que só esta deve ser considerada a unica edição definitiva. As alterações feitas foram na verdade importantes: pois as difficuldades, inherentes ao assunto, que nunca tinha sido explorado entre nós, e a deficiencia de conhecimentos, produziram erros e lacunas que levaram longo tempo a corrigir e a preencher; e quantas incorrecções, não obstante os cuidados repetidos, terão escapado ainda n'esta edição!

Dado o methodo de partir dos documentos medievaes para o dominio romano, era necessario fundamentar as investigações com extractos d'elles; em vez de os transcrever em notas, pareceu-me preferivel incluil-os no texto; a leitura seguirá assim sem interrupção, qualquer que seja o barbarismo dos dizeres e da orthografia; o mesmo se adoptou para as citações mais relevantes, juridicas e dos historiadores.

É superfluo encarecer a importancia das questões que se ventilam n'este trabalho; o auctor crê todavia que a poucos leitores agradará uma historia sem personagens, faltando-lhe portanto o attractivo que nasce do drama das paixões e do jogo dos interesses; elle porém dar-se-ha por satisfeito se os entendidos a julgarem d'algum valor, pequeno que seja, para o conhecimento das origens; se dos ele-

mentos que colligiu resultar um esboço, embora rude, do estabelecimento da propriedade e systema cultural no norte do paiz; e se emfim conseguir por esta maneira alargar um pouco o horisonte historico.

Taes sendo pois os intuitos do presente estudo, elle devia terminar no dominio romano ou suevo-wisigodo; julguei comtudo mais conveniente prolongal-o até á restauração, chamada «neo-wisigothica», pois assim não só havia mais meios de verificação, mas tambem ficava mais saliente o encadeamento historico, e mais facil a continuação n'esses e nos tempos seguintes até á actualidade. Para se obter este resultado, não era preciso discutir minuciosamente a epoca asturiana-leoneza; bastava indicar, e foi o que se fez, os pontos cardinaes, que formam por um lado a ligação com o passado, e são pelo outro as adiantações do futuro. Pudesse o auctor completar a sua obra, como desejava; mas as difficuldades eram taes, que por força ha-de ser sempre imperfeita. Outros mais competentes farão melhor; é esta a sua esperança.

CAPITULO I

INTRODUCÇÃO

As investigações historicas relativas ao noroeste da peninsula hispanica, desde os tempos mais remotos, além do interesse geral como questão d'origens, terão sempre um attractivo especial para os seus habitantes, por isso que elles representam ainda hoje a raça antiga, cuja emigração remonta a épocas longinquas.

Esta região, limitada d'uma maneira geral entre o oceano e o Douro, posto que pelo lado de Portugal, sob o ponto de vista ethnico, possa estender-se até ao Vouga, caracterisa-se distinctamente tanto pelos accidentes physico-geographicos, como pela população, cuja sociedade se constituiu espontanea e isoladamente, depois que a invasão dos arabes a separou durante seculos da communidade moral e politica das outras regiões peninsulares.

Na sua historia, a conquista romana é o acontecimento de maior vulto, quer pela diuturnidade, quer pela revolução total que operou nas condições anteriores; oppondo-lhe uma resistencia tenaz, foi a ultima parcella da Hispania a submetter-se-lhe; vencida porém, recebeu então de vez a norma do seu modo de ser social. O dominio de Roma, implantado aqui por Augusto [1] (fallecido em 14 d. de C.),

[1] A submissão de todo o noroeste não se operou definitivamente no tempo de Augusto, pois não era ainda completa no segundo e terceiro seculo (Mommsen, *Römische Geschichte*, tom. v, pag. 57-61, ed. de 1894): não aconteceu porém o mesmo na parte regional de que me occupo, visto ser circumjacente de Braga, a capital da Galliza: aqui a pacificação estabeleceu-se com certeza immediatamente ás victorias d'Agrippa.

subsistiu até 409, tomando a data do ingresso nos Pyreneus das primeiras hostes germanicas; permaneceu portanto a sua acção directa por quatro seculos, durante os quaes os nossos antepassados assimilaram por completo a civilisação latina.

Ao dominio dos romanos seguiu-se a occupação dos suevos primeiramente, dos wisigodos depois. Homens da mesma ascendencia, os costumes de todos são identicos e igual o procedimento com os vencidos; moralmente inferiores aos romanisados, em especial os primeiros, longe de alterarem a estructura social que encontraram, aceitaram-na, fundindo-se n'ella. Decorreu este periodo desde 409 a 712; durou portanto tres seculos; e se em tão largo tempo não ha a notar alterações, como no outro, tambem a influencia d'esta gente não deixou de ter alguma importancia, pela longa duração do seu governo e pela diffusão d'algumas gottas de sangue germanico — algumas gottas apenas, que o fundo antigo absorveu.

No principio do seculo VIII, a batalha do Chryssus ou Guadalete (Julho de 711) [1] abriu as portas da peninsula aos arabes, diante dos quaes succumbiu em breve praso o imperio wisigothico. D'este successo resultaram as consequencias mais decisivas para a historia peninsular. Os musulmanos espraiam-se rapidamente pelo sólo hispanico, cedendo por toda a parte as forças imperiaes desorganisadas. Como em 712 [2] Muza estava na Galliza, podemos datar d'este anno a chegada dos sarracenos ao norte. Mas elles pelo seu curto dominio não exerceram nenhuma influencia, social ou ethnica, n'esta região da peninsula. Logo em 718 ou 719 Pelaio levantou heroicamente a bandeira da guerra contra os invasores, que Affonso I (739-757) expulsou além do Douro. Segundo a lista das trinta e uma cidades que elle retomou, mencionadas no *Chronicon Sebastiani*, [3] a expulsão effectuou-se até Vizeu-Salamanca-Segovia. N'essas campanhas de exterminio nos primeiros annos activos do seu reinado, levando implacavelmente os inimigos a ferro e fogo — *omnes quoque arabes occupatores supradictarum civitatum interficiens*, varreu-os de toda a região.

O grande rei, é certo, não conseguiu estabelecer de vez o dominio asturiano dentro da linha das suas conquistas, mas os inimigos não poderam jámais fixar-se pacificamente ao norte do Douro: não repartiram terras, não assentaram colonias, não denominaram logares, nem edificaram cidades. Mesmo entre Douro e Vouga, posto que no tempo d'Almansor (985-1002), essa estreita cinta voltasse ao poder sarraceno, os vestigios d'este apagaram-se ahi quasi de todo pela segunda reconquista, [4] podendo considerar-se actualmente a continuação ethnographica da Galliza. Do sul, pelo contrario, os musulmanos fizeram uma patria; lá construiram mo-

---

[1] PAQUIS. *Hist. d'Esp. et de Port.*, tom. I, pag. 249.

[2] PAQUIS. *Obr. cit.*, I, 155-156.

[3] *España Sagrada*, XIII, ap. VII.

[4] HERCULANO. *Hist. de Port.*, III, pag. 204, 419 e seg. (2.ª ed.).

numentos, introduziram grandes massas de gentes orientaes, [1] governaram e povoaram por muitos seculos.

Não assim aqui. Os unicos tenues vestigios de arabismo, que quasi nem valia a pena notar, encontram-se só em alguns termos populares, dos quaes uns foram introduzidos pela legislação [2] e influencia da côrte, outros foram importados directamente pelos christãos emigrados, ou pelos conquistadores astur-leonezes, de volta ás suas montanhas nos breves intervallos d'essa longa campanha secular. D'este modo vieram a formar-se na peninsula espanhola duas Espanhas differentes — ao norte a *Espanha romano-gothica*, ao sul a *Espanha arabisada*, cada uma com o seu genio e costumes caracteristicos. Se a historia tivesse obedecido ás leis naturaes, teria dividido a terra peninsular n'estes dois estados; mas as circumstancias fortuitas foram infelizmente mais fortes.

Por isso a historia relativa aos periodos romano e germanico não tem para o sul um interesse fundamental, como para aqui. Após as colonisações orientaes, todo o modo de ser anterior soffreu lá grandes modificações, na raça, na sociedade, nos costumes e até na propria toponimia. É certo que entre os novos senhores e povoadores ficaram vivendo sempre homens da antiga estirpe, que se exforçaram por conservar no seio dos estrangeiros as tradições romano-godas; pelo decurso porém de gerações successivas, estabelecida a convivencia mutua, relações de amizade e parentesco, fundiram-se, unificando-se as antigas e novas populações; então a civilisação oriental, tornada preponderante, penetrou e envolveu todos os elementos ethnicos: os christãos chamaram-se ahi *mozarabes*, [3] nome que exprime a sua arabisação.

No norte do Douro deram-se depois de Affonso I invasões mortiferas, feriram-se batalhas sanguinolentas, mas os agarenos nunca mais se demoraram senão os breves instantes d'uma expedição, e portanto não alteraram a população e organisação social.

Exempta assim da mistura e preponderancia d'essas raças estranhas, a sociedade astur-leoneza, chamada neo-goda, aggremiada por Pelaio e consolidada pelo braço valoroso de Affonso I, vinte e sete annos apenas depois da invasão sarracena,

---

[1] Herculano. *Obr. cit.*, I, pag. 65; II, pag. 33; III, pag. 200-201; Opusc. V, II, pag. 44, 174. Paquis. *Obr. cit.*, I, pag. 267, 284, etc. E a respeito dos sarracenos que ficaram vivendo em grande numero na peninsula meridional, póde consultar-se tambem Herculano, *Hist. de Port. passim*, especialmente III, pag. 206 e seg.

[2] Taes são, por exemplo, os nomes de pesos e medidas, *alqueire, almude, arroba, arratel*; — os de certas auctoridades, *alcaide, amotacel, almoxarife*, etc. Em todo o caso, convem notar alguns termos da primeira categoria no uso popular, que nada têm com a etymologia arabe: — *rasa* por alqueire, *libra* por dois arrateis, *cantaro* por meio almude.

[3] «Par ce nom on désignait les chrétiens qui vivaient au milieu des Maures... Il dérive de... (mostá rib) arabisé». Dosy. *Gloss.* Cf. Gayangos, cit. por Herculano. *Hist. de Port.*, III, pag. 179, nota 2.ª

não é mais que a sequencia da germanica, a qual a seu turno se moldára na romana. Passado esse instante de occupação militar, reapparecem logo as pessoas e coisas do tempo precedente, todo o seu modo de ser anterior, como se vê das vendas, doações e trocas dos *Diplomata* e *Chartae* da nossa alta Idade-média. As alterações superficiaes, que se observam, não foram produzidas por se subverterem os principios constituitivos ou por se introduzirem novos elementos de população, mas por causa das circumstancias peculiares da época. Se o estado de guerra permanente devia produzir mudanças no regime governativo, violencias e desordens incessantes, os fundamentos sociaes só pela lentidão dos annos se foram modificando, pelo proprio desenvolvimento d'elles mesmos. Os homens d'então não tinham outra norma de vida social, senão essas tradições que vinham, como n'uma longa cadeia, desde os romanos e que se conservaram em parte até hoje.

Para se comprehender pois a historia subsequente d'esta região, é indispensavel o estudo da situação dos habitantes principalmente no dominio de Roma; os povos germanicos, que o destruiram, vencedores pelas armas, foram vencidos pela civilisação com que se defrontaram; emquanto que os romanos, por meio das suas instituições que impuzeram aos vencidos, *romanisaram-nos*, como se costuma dizer. Entre os dois factos ha uma differença essencial; a germanisação atacou apenas a superficie; a romanisação foi pelo contrario uma completa absorpção, formando-se sob o seu influxo definitivamente a organisação social, os costumes e a propria lingua — transformação profunda com tantas faces, como a mesma vida.

Do amplo circulo, porém, que ella abrange, occupar-se-ha o presente estudo unicamente do regime rural. Esta secção é todavia da maior importancia: com a agricultura está intimamente ligada a propriedade territorial que tem sido a base das instituições do Occidente; e por isso que sobre ella se fundou a sociedade, as variações d'aquella provocaram sempre uma mudança n'esta; sem se remontar portanto ao estabelecimento d'essa instituição fundamental, não é possivel notar na sequencia as modificações, nem explicar com justeza as diversas transformações até ao presente.

Das investigações, a que se vae proceder, resultará o conhecimento da origem da maior parte da nossa constituição agraria; veremos então que ella não nasceu d'hontem, mas provém dos romanos, que lhe lançaram as fundações perduraveis; encontrando porventura um terreno adequado, a nova civilisação foi recebida pelos nossos antepassados, é de crer, como evolução da sua primitiva; por tal motivo sem duvida se radicou, desenvolvendo-se depois segundo o impulso dado por aquelles.

Se deixarmos de lado este periodo, e começarmos no seculo VIII, quando se organisa, em virtude das campanhas dos reis asturiano-leonezes, a Espanha medieval, partir-se-ha a filiação historica, e muitos factos fundamentaes não poderão ser comprehendidos ou serão erradamente avaliados. Do Imperio romano sahiu a Idade-média, d'esta o mundo moderno. No chão eternamente movimentado das socie-

dades, as instituições modificam-se, mas de grau em grau, mediante a experiencia e o poder progressivo que ellas continham; grande numero de costumes têm as raizes n'esse fundo antigo, sobre o qual tem passado muito seculos; umas e outros nunca se entenderão, sem se remontar pelo menos á sua fonte mais proxima.

Infelizmente densas trevas cobrem a vida rural dos antigos; d'ella não se preoccuparam os historiadores, attrahidos pela historia politica e da administração; por isso o trabalho presente não é mais que uma tentativa, tamanhas são as difficuldades e tão limitados os recursos do auctor.

As informações obscuras dos escriptores latinos nada nos elucidam a respeito da vida rural que se seguiu á conquista. Se na linguagem, no direito consuetudinario, assim como nos marcos miliarios, columnas de templos, lapides funerarias e votivas, e em tantos outros restos de monumentos que se encontram vulgarmente, temos provas irrefragaveis da completa generalidade da nova civilisação—passam despercebidos os factos communs e ordinarios, a vida intima da sociedade romanisada que se desenvolveu sobre a antiga.

Faltando-nos documentos contemporaneos, possuimos comtudo por fortuna titulos de doação, troca, compra e venda de propriedades rusticas, emanados da sociedade astur-leoneza, á medida que se vai reorganisando: como esta não era mais que a continuação das anteriores—romana e germanico-romana, esses *Diplomata* e *Chartae* retratam as duas épocas precedentes, uma vez que penetrêmos através dos escombros barbaros, que formam a camada superior, até á ultima, onde jaz o antigo edificio.

Este methodo, porém, não daria nenhum resultado sem uma comparação com o direito agrario romano e sobretudo com os usos e costumes ruraes. Se é grande a escuridade sobre a vida rural do norte da peninsula, o mesmo acontece tanto na Italia como nas outras provincias do imperio. Os escriptores agricolas, Columella, Cato e Varro, são em geral omissos a respeito do que mais nos interessa n'este ponto, e a legislação não é bastante. Não nos podemos contentar com este ou aquelle auctor, com um ou outro texto; é necessario comparal-os e critical-os todos—os historiadores e poetas, agronomos e agrimensores, as leis e inscripções. Este longo e penoso trabalho de concentração está hoje quasi feito, senão feito, nos trabalhos historicos e de erudição: essas investigações, executadas com uma critica clara e comprehensiva, resultante do grande movimento d'esta ordem de conhecimentos no seculo actual, servirão de guia nas densas trevas que cobrem esse periodo—guia segura, por isso que a Hispania era, como a Gallia e a Italia, uma parte do mundo romano.

O estudo actual, porém, ficará circumscripto a um pequeno tracto, destacado da grande região peninsular do noroeste, em consequencia dos acontecimentos politicos do seculo XII e hoje comprehendido em parte na denominação de Portugal: —em parte, porque a área de investigações fica limitada pelo Minho e Vouga. Tomando para base d'ellas os *Diplomata* e *Chartae* não era possivel avançar para

o sul além do Mondego; esses documentos terminam aqui. Entendi, porém, que não devia ultrapassar o Vouga; entre estes dous ultimos rios, os costumes e a cultura do norte modificam-se sensivelmente, e tambem já algum tanto a população geral; a tudo isto seria necessario attender, e assim perturbar-se-hia a homogeneidade do estudo presente. Quanto ao exame da região ao norte do rio Minho, posto que identica, segundo creio, pertence comtudo aos nossos visinhos. No estado actual, faltando os trabalhos de detalhe, cada um tem de organisar os elementos da sua obra. A investigação ha de pois proceder por zonas conhecidas do escriptor. Determinada a nossa, se os factos, desenterrados do ultimo jazigo dos documentos medievaes, estiverem de accordo já com os occorridos nas duas secções do Imperio—a Italia e a Gallia, já com os costumes hodiernos, então elles adquirirão o maior grau de certeza, exigivel em questões tam obscuras.

Posto que incompleto e deficiente, como será pela força das circumstancias, nem por isso o estudo, que vae seguir-se, deixa de ter um interesse supremo; base da historia dos primeiros tempos da formação do estado portuguez, sem elle em vão se procurará fazer idéa clara d'esta época, da qual se derivou o desenvolvimento ulterior que chega ainda á actualidade: conhecida porém a situação romana e a wisigothica, o periodo immediato—neo-godo, antecedente á fundação da monarchia, perderá a sua confusão apparente, e o que é hoje obscuro, e tantas vezes inexplicavel, illuminar-se-ha á grande claridade das origens.

Elle devia portanto principiar com a conquista romana; mas sendo certo tambem que anteriormente havia aqui uma população assás densa, ficaria uma grave lacuna, se saltasse por cima d'ella, que foi, por assim dizer, a massa sobre que operaram os vencedores. Por escassas que sejam as noticias a respeito da sua organisação social primitiva, dos seus costumes e maneira de viver, ainda assim as poucas que restam, elucidar-nos-hão sobre o genio do povo, ajudando-nos a comprehender, como se fundou a nova situação. Antes pois de entrar precisamente no nosso assumpto, convém colligir todas as informações possiveis, relativas a essa sociedade que succumbiu ás armas de Augusto.

CAPITULO II

AS CIVIDADES

Dos antigos habitantes, subjugados com tanto custo, restam-nos sómente fugitivas noticias. O norte da peninsula era o cabo do mundo: «para lá chegar por terra ou por mar é necessario transpôr uma grande distancia» — diz Strabo; [1] e depois da sujeição aos romanos, posto que fosse frequentemente visitado por elles, [2] não nos deixaram esses viajantes descripções de que se possa extrahir um quadro completo; nem os escriptores classicos precisam os factos que desejamos conhecer. Não temos nada comparavel á Germania de Tacito, nem Augusto ou os seus generaes escreveram d'esta conquista, como Cesar da Guerra Gauleza. A narração do geographo grego está tambem muito longe de ser sufficiente; exceptuada uma ou outra indicação mais caracteristica, carece dos detalhes indispensaveis para se fazer uma idéa clara da vida d'estes povos; pois os costumes são sempre referidos por elle d'um modo tão vago, como se a descripção fosse formulada sobre informações genericas.

Segundo o recenseamento estatistico, feito por Agrippa, no tempo de Augusto, e sobre o qual Plinio baseou a sua exposição, [3] sabemos que na *Hispania Terraconensis* existia ainda n'essa época em pleno vigor a constituição cantonal. O auctor da *Naturalis Historia* começa a descripção da provincia, dizendo que estava repartida em sete *conventus*, circumscripções juridico-administrativas; depois de os designar accrescenta immediatamente — «accedunt insulæ, quarum mentione seposita civitates provincia ipsa præter contributas aliis CCXCIII continet, oppida CLXXVIIII, in iis colonias XII, oppida civium Romanorum XIII, Latinorum veterum XVIII, fœderatorum unum, stipendiaria CXXXV». [4] D'esta exposição deduz-se que havia duas distribuições da população; uma, a divisão official, como hoje diriamos, — a dos *conventus*, introduzida pelos conquistadores para facilitar o governo d'essa extensa região que vinha desde o Mediterraneo e Pyreneus até á Foz do Douro no occidente; outra — a antiga que persistia por baixo d'ella, formada no decorrer de seculos, em consequencia quer de guerras internas ou de affinidades ethnicas, representada nas *civitates* e *oppida*, e que subsequentemente se foi delindo, até que desappareceu, fundindo-se nos sete districtos romanos. Convém portanto examinar, como devemos entender estes dois ultimos termos.

---

[1] *Geogr.*, l. III, c. III, n.º 8, trad. d'Am. Tardieu.

[2] *Ibid.*

[3] J. Marquardt. *Römische Staatsverwaltung*, I, pag. 18. Leipzig, 1873.

[4] Texto revisto por Detlefsen. J. Marquardt. *Obr. cit.*, I, pag. 104.

Postas de lado as significações, que não nos interessam agora, «*civitas*, diz Marquardt, [1] segundo a sua noção juridica é uma communa politicamente independente»; e a passagem de Plinio, acima transcripta, é por elle interpetrada assim [2] — «na provincia terraconense, não contando as ilhas, havia 293 *civatates* autonomas, a saber, 179 communas urbanas *(oppida)*, das quaes 12 eram *coloniæ*, 13 *oppida civium Romanorum*, 18 *oppida* com *ius Latii*, 1 *urbs fœderata*, 135 *civatates stipendiariæ*, e 114 communas sem *oppidum*. Esta interpretação resalta da propria narração de Plinio. Na descripção detalhada dos *conventus*, *civitas* é empregada juntamente com *populus* e uma vez referindo-se a «cidade» escreve *urbs*: do *conventus* de Astorga dependiam 22 *populi*, differenciados em *Augustanos* e *Transmontanos;* Astorga era uma cidade magnifica — «Asturica urbe magnifica»: o *conventus* de Lugo comprehendia 16 *populi* além dos *Celticos* e dos *Lebunos;* o de Braga 24 *civitates*, das quaes, para não causar *fastidium* aos leitores, nomeia sómente os *Bibali*, *Cœlerini*, *Gallœci*, *Hequœci*, *Limici*, *Querquerni*.

As *civitates* eram pois pequenos povos com organisação politica autonoma, cujo numero aproximado é referido pelo citado auctor latino no detalhe de cada districto. Ellas cobriam toda a provincia e por ellas se repartiam os seus habitantes. Ora possuiam um *oppidum*, como centro de governo, de defeza e de habitação dentro do seu territorio; ora viveriam em logares abertos ou casas dipersas nos limites d'este; as ultimas estariam mais atrazadas, emquanto que para aquellas despontava já a aurora da vida urbana. Cada *conventus* abrangia muitas d'essas pequenas nações: o de Braga, como acaba de vêr-se, comprehendia uma área, na qual assistiam 24 *civitates*, *populi*.

Quando tinham um *oppidum*, naturalmente esse logar, onde se concentrava a vida da população, representava toda a *civitas;* não admira por isso que, depois da conquista, elle a denominasse, segundo os diversos regimes que foram impostos — diversidade proveniente da maior ou menor resistencia aos conquistadores, da maior ou menor facilidade com que receberam o seu governo.

Oppidum, posto que d'uma maneira geral designasse *municipia*, *coloniae*, *praefecturae*, [3] tinha comtudo uma significação precisa; era uma praça forte, habitada, maior que o *castellum*, defendida quer pela posição, quer por obras de arte, fossos, muros, baluartes, etc. [4] *Oppidum*, como mostram as ruinas ultimamente exploradas, denominava com justeza essas povoações fortificadas que tamanho obstaculo puzeram á reducção definitiva do paiz; effectuada esta, ficaram sujeitas áquelles cinco regimes diversos.

Sabemos portanto que a população se repartia em grupos distinctos — *civitates*.

---

[1] J. Marquardt. *Obr. cit.*, I, pag. 28, not. 4; cf. pag. 4, 18, 30, 41, 62, 117, etc.

[2] J. Marquardt. *Obr. cit.*, pag. 104-105.

[3] J. Marquardt. *Obr. cit.*, I, pag. 6.

[4] Rudorff. *Die Schriften der Römischen Feldmesser*, II, pag. 293-294.

Quando possuiam logares fortificados—*oppida*, estes serviam não só para defeza, mas tambem para habitação; se fossem simples refugios, passada a aggressão, ficariam abandonados, e em tal caso não podiam prestar a denominação ás differentes situações.

A autonomia d'esses povos minusculos e obscuros desappareceu para sempre, restando das *civitates* apenas uma vaga memoria em poucos escriptores antigos; não assim as ruinas dos *oppida*, conhecidas hoje tradicionalmente por *cividades*, *citanias*, *castros* ou *crastos*. A primeira palavra seria logo no principio da formação do neo-dialecto a traducção de *civitas* e é hoje a de uso mais vulgar; [1] perdendo o sentido abstracto subsequentemente, quando cessou a organisação primitiva da sociedade, ficou subsistindo para designar esses povoados, onde os naturaes continuaram a residir por muito tempo, como a *cividade* de Bagunte, a *civitas* albarelios... [2] A etymologia da segunda não está ainda precisamente determinada. [3] As ultimas duas são derivadas de *castrum*, que substituiu a antiga *dum*, [4] como se deprehende do nome d'uma povoação com este suffixo—Caladuno. [5]

Deve-se ao Snr. Francisco Martins Sarmento o conhecimento systematico d'estas antigas residencias entre Minho e Douro; pelas suas admiraveis explorações em Briteiros e Sabroso, pela determinação de grande quantidade de ruinas similares no mesmo territorio, com a sua sabia critica de larga envergadura, desvendou-se o véo mysterioso, que as cobriu durante seculos.

Graças aos seus trabalhos, sabemos hoje, que essas fortificações cobriam muitos cimos montanhosos entre os dois rios, como as citanias de Briteiros, S. Fins de Ferreira, Monte da Saia, a cividade de Bagunte... com os seus castros—Sabroso, Capello-Vermelho...

Não só era assim ao sul do Minho, mas tambem ao norte. Tuy fôra primitivamente uma citania: «começou, diz Florez, [6] como outras cidades antigas no alto

---

[1] F. Martins Sarmento. *Materiaes para a Arch. do Con. de Barcellos*—na Rev. de Sciencias Naturaes e Sociaes, vol. III, n.º 12.

[2] *Dipl. et Chartae, Port. Mon. Hist.* n.º 16.

[3] O Snr. Martins Sarmento inclina-se á derivação de *civitas, cividanes, civitanes, ciutanes; log. cit.*

[4] «Le système défensif des Gaulois se complétait... par de petites citadelles... Elles étaient les postes avancés et comme les sentinelles de l'oppidum... c'est ce que César appelait des chateaux, et ce que nous appelons ici le *Dunum*... On le reconnait particulièrement sur les sommets que conservent encore aujourd'hui le nom gaëlique de Dun».—Bulliot et Roidot. *La Cité Gauloise*, pag. 148-149 e seg.—«If the residence of the Briton was on a plain, it was called Laun... If on an eminence, it was termed Dun, the origin of the Latin dunum...» James Logan, *Scottish Gaël* or *Celtic Manners*. vol. II, pag. 5.

[5] Argote. *De Antiq. Com. Bracarang.*, pag. 122.

[6] *España Sagrada*, tom. XXII, pag. 9, n.ºs 26-27; cf. pag. 4 e seg., e pag. 93.

da montanha. Depois baixou á fralda... e foi o rei D. Fernando que no anno de 1170 a collocou no sitio actual.» No Viso, perto das nascentes do Lima, ha uma planura chamada *la ciudad*, onde esteve a cividade dos Limicos,—uma das *civitates* do *conventus* de Braga, já nomeada. Encontram-se ahi sepulturas, inscripções, pedras lavradas, tijolos... [1] A antiga Britonia era igualmente situada sobre uma ampla montanha, restando d'ella no seculo passado um logar de 120 moradores. [2] Perto de Vigo, n'um monte sobranceiro á enseada, onde está hoje um posto fiscal —Castillo d'el Castro, vêem-se as ruinas d'uma citania—o *Vicus Spacorum* sem duvida, as quaes pareceram ao Sr. Sarmento exactamente identicas ás do sul do rio Minho: [3] e Numancia, para não citar mais que este oppido famoso, ficava tambem n'um alto, sobre as margens escarpadas do Douro. [4]

Se sahirmos por um momento da Terraconense, veremos que semelhantes construcções cobriam n'esta época na Europa occidental os cerros montanhosos. Na Irlanda ainda hoje são visiveis as ruinas d'ellas, tão parecidas com as de cá, avaliando pelas photographias e gravuras da obra monumental do conde de Dunraven; [5] na Escocia e Britania acontecia o mesmo; [6] na Gallia os *oppida* occupavam geralmente situação igual. Pelo mesmo periodo de civilisação tinham já passado os povos das duas peninsulas mediterraneas; [7] e na Italia conservava-se ainda essa tradição no tempo de Hyginio; diz este escriptor [8]—«Antiqui enim propter subita bellorum pericula non solum erant urbes contenti cingere muris, verum etiam loca aspera et confragosa saxis eligebant, ubi illis amplissimum propugnaculum esset.» Finalmente Mr. H. Martin exprime a sua impressão a respeito das ruinas de Briteiros nas seguintes palavras—«Il me parait probable que Citania a été fondée par les Celtes ou Gaulois primitifs de la Galice.» [9]

Era facil augmentar á vontade esta rapida digressão: ella basta comtudo para nos mostrar que em certos tempos antigos uma mesma raça habitava a Europa occidental e meridional, e que a mesma civilisação se estendia por toda ella até este ultimo canto do occidente—a civilisação de Mycenas: [10] mas os povos que estavam em situação geographica mais vantajosa, como os Italiotas e Gregos nas duas peninsulas do Mediterraneo, progrediram mais depressa. Cesar entrando na Gallia e

---

1 *España Sagrada*, tom. XVII, pag. 12.

2 *Ibid.*, tom. XVIII, pag. 6-8.

3 FR. MARTINS SARMENTO. *Log. cit.*

4 APPIANO. *De Reb. Hisp.*, c. VI, 76 e 91, etc., ed. Didot: OROSIO. L. V, cap. 7.

5 *Notes on Irish Architecture.*

6 J. LOGAN. *Obr. cit.*, passim e especialmente I, pag. 376-377.

7 J. MARQUARDT. *Obr. cit.*, I, pag. 3-4 e 15. MOMMSEN. *Röm. G.* I, pag. 36-37, ed. de 1888.

8 *Die Schr. der Röm. Feldmesser*, I, pag. 178-179.

9 *Revue Archeologique*, 1880, n.º XI.

10 Cf. FR. MARTINS SARMENTO, n'este mesmo numero.

Britania tinha diante dos olhos uma sociedade archaica, analoga á que os legados de Augusto venceram aqui. [1]

Esse viver antigo conservava-se ainda no noroeste da Hispania no principio do Imperio. Segundo revelam as explorações das ruinas d'alguns oppidos — Briteiros e Sabroso, cingiam-nos duas ou tres ordens de grossas muralhas de pedraria, de cuja construcção se póde fazer idéa por um panno ainda intacto no ultimo. As casas geralmente redondas, algumas quadradas, tinham um só compartimento, com o lar provavelmente ao meio. As pedras talhadas eram assentadas a secco; pois o uso da argamassa desconhecia-se aqui, como em todas as construcções do *mundo* chamado *celta*. Posto que uma ou outra vez se vejam arruamentos, as edificações affectam comtudo uma disposição particular; juntam-se em grupos de poucas casas, com um pateo commum ladrilhado, não raras vezes em xadrez ou quinconce — disposição muito caracteristica e que deve ser tomada na maior consideração, pois indica que a população se repartia em pequenas unidades.

A pouca distancia dos oppidos grandes é vulgar verem-se restos d'outros mais pequenos, muitos dos quaes são ainda hoje denominados *crastos* na linguagem popular. Eram os *duns* de que já se fallou; — «subtus *ciuitas* albarelios et *castro* de boue,» diz um documento medieval. [2] N'este systema de fortificações os pequenos logares-fortes auxiliavam os outros, e de tal modo se dispunham todos, que o paiz apresentava-se como revestido de couraças successivas. Era assim tambem nas outras terras já ditas. [3] Sabroso, pensa o Sr. Sarmento, não seria mais que um *dun* de Briteiros; subjugado o territorio, o castro perdera todo o valor, e talvez a população fosse obrigada a alojar-se alli. Capello-Vermelho, por explorar, com certeza um *dun* da citania de S. Fins tambem não explorada, localisava-se maravilhosamente, como sentinella a norte, este e oeste. A disposição das casas em Sabroso é todavia a mesma.

Quando hoje se observam as ruinas que se succedem a cada passo, muitas vezes onde menos se esperam, nota-se que a relação de Plinio menciona apenas um pequeno numero dos oppidos, que deviam ter existido; deixando ainda de lado os *duns*, elle é sempre diminuto. Era facil um erro n'este ponto, que aliás, por ser accessorio, não invalida o facto principal.

Mas seriam elles em geral de população fixa? O material commummente preferido n'esta época para as habitações era a madeira — troncos de arvores, ramos, verga, com revestimento de barro, e os tectos de cannas, colmo ou outras quaesquer plantas. Em Sabroso, o snr. Sarmento, relacionando o pequeno numero de casas de pedra com o perimetro das fortificações, pensa que havia muitas das outras.

---

[1] Sobre a identidade da organisação cantonal na Hispania e Gallia, v. Mommsen. *Obr. cit.*, v, pag. 64-66, ed. de 1894: Marquardt. *Obr. cit.*, i, pag. 18.

[2] *D. et Ch., P. M. H.* n.º 16.

[3] *La Cité Gauloise*, pag. 148 e seg.

Era comtudo conhecida a arte de construir com pedra, o que é indubitavel em face das nossas ruinas, e das dos paizes citados; d'estes, as da Irlanda e da Escocia dão-nos sufficiente testemunho: na *Cité de Limes*, os auctores da *Cité Gauloise*, apesar de sustentarem uma these contraria, mencionam [1] vestigios de casas redondas: e segundo a interpretação dada pelo snr. D'Arbois de Jubainville [2] ás differentes passagens da obra de Cesar, os oppidos da Gallia eram defendidos por grossas muralhas de pedra, dentro das quaes havia casas e uma população fixa, emquanto que os da Britania eram sómente logares de refugio, no meio de florestas tornadas inacessiveis pelos vallos e fossos com que os cercavam. Fallando d'esta ultima diz James Logan [3] — «Póde-se presumir com segurança que as fundações da cabana primitiva fossem de pedra em todos os sitios da ilha, onde ella abundava. Pequenos *vestigia* circulares vêem-se geralmente nos *muirs* da Escocia, que são com certeza os restos das cabanas celtas. Encontram-se algumas vezes em numero consideravel e frequentemente apparecem dentro da área das fortificações.» Não é de estranhar pois que, conservando o mesmo typo architectural, empregassem cá a pedra, tanto na construcção dos muros de defeza, como nas proprias habitações; o emprego d'este material provinha não principalmente da abundancia, mas da habilidade de o manejar, o que indica maior progresso, bem visivel nas numerosas povoações fortificadas e portanto na fixidez da residencia.

Esta era um facto realisado entre nós, quando chegaram os romanos. As habitações sendo em grande parte de pedra, a sua distribuição especial, a designação de *cividade* dos oppidos de Bagunte e Alvarelhos, e os diversos regimes d'elles, anteriormente referidos — tudo nos indica que continham uma população permanente. Se acontecesse o contrario, não seria preciso talhar as pedras e assental-as com tanto cuidado, nem o operario poria ahi todo o seu saber e gosto artistico; não teriam motivo os moradores de fazerem gravar inscripções relativas aos seus casebres, dispôl-os d'um modo especial, nem adoptar a telha de rebordo que se vê em muitas ruinas, faltando todavia em outras, onde a cobertura teria continuado a ser de colmo ou de quaesquer plantas.

Não é crivel que os conquistadores introduzissem nos oppidos transformações fundamentaes. O typo das construcções nada tem de romano; exceptuada a telha, nenhuma alteração mais é observavel n'este ponto; a acção d'elles insistia sobretudo na creação de cidades abertas — *urbes*, convenientemente localisadas, como eram já no tempo de Plinio as capitaes dos *conventus*. Fazer descer a população dos pincaros estava tanto na sua politica, como nos habitos da sua sociedade; passar-se-hiam todavia largos tempos antes que tão notavel acontecimento se realisasse por com-

---

[1] *Obr. cit.*, pag. 25.

[2] *Recherches sur l'origine de la propriété foncière et des noms de lieux habités en France*, pag. 79-81.

[3] *Obr. cit.*, II, pag. 6-7.

pleto; n'esse intermedio os homens que continuavam a viver lá, introduziram um ou outro aperfeiçoamento accidental, como a telha de rebordo, e compraram nos *emporia* os objectos de adorno, importados pelos negociantes estrangeiros; mas os seus povoados, emquanto duraram, continuaram a ser no fundo o que tinham sido.

Além dos oppidos, as cividades possuiam em sitios opportunos, dentro do seu territorio, logares abertos e casas dispersas, como os *vici* e *ædificia* da Gallia: d'uns e outras faz menção Appiano; dos primeiros, quando conta o episodio militar succedido em certo *vicus*, pertencente a Numancia; [1] das segundas, quando diz, referindo-se aos Cauceos que se salvaram da matança de Lucullus, — «Caeteri barbari *ex cumpertribus*...» [2] Mas, vista a falta de ruinas, essas casas haviam de ser de madeira; e quer a cividade tivesse oppido ou não, precisavam todas d'estas habitações dispersas, necessarias para a exploração agricola-pastoril do territorio.

Assim dividido em pequenos povos, vivendo cada um sobre si, com a sua politica externa privativa, ora guerreando-se ou alliando-se mutuamente, ora colligando-se com os invasores, o noroeste da Hispania apresenta-nos no principio do imperio uma sociedade muito parecida com a da Gallia e Britania. Já se notou a analogia do systema de defeza militar nas tres regiões: quanto á organisação social das nossas *civitates*, Plinio é totalmente omisso; servindo-se d'esta palavra, entendeu que não tinha mais explicações a dar. Cesar usára da mesma em relação á Gallia. D'ella se haviam servido outros escriptores, e no tempo do nosso basta citar Tacito: o emprego pois do mesmo termo, em referencia ás populações autonomas gaulezas e gallicianas, convence-nos da identidade de condições sociaes nos dous paizes.

Todavia, se attendermos ao arranjo interno dos oppidos, tiraremos uma illação directa a respeito da organisação das cividades; viu-se, ha pouco, a distribuição das casas em grupos; talvez em cada um habitasse primitivamente uma *gens* (familia no sentido lato) com igualdade juridica de todos os membros d'ella — familias no sentido restricto; mas se foi assim na origem, antes da conquista romana deram-se já mudanças, cujo resultado foi crear desigualdades de posição; bastava para isso que os fortes impusessem aos fracos uma repartição desigual dos productos. Appiano, [3] contando a evasão nocturna de Rhetogenes atravez das linhas que sitiavam Numancia, diz que elle emprehendera o feito com *amicis quinque, totidemque famulis.* N'estas palavras exprimem-se claramente duas classes d'homens — uns que eram iguaes do heroe, outros que estavam ao serviço e na dependencia d'elle; havia ahi portanto ricos e pobres ou nobres e plebeus, facto que não podia deixar de ser

---

[1] *De R. H.* c. 89.

[2] *Ibid.* c. 52.

[3] *Ibid.* c. 94.

commum ás outras cividades, pois se todas eram dominadas pela mesma civilisação, todas haviam de ter organisação identica.

Em taes circumstancias, embora o territorio da cividade continuasse a ser theoricamente collectivo, o uso real d'elle teria sido usurpado por um pequeno numero; condições, que originaram as duas classes, teriam destruido de facto o collectivismo: e cada grupo de casas, formando uma molecula social, continha pessoas não juridicamente iguaes, mas era antes um agrupamento de dependentes, posto que alguns tivessem maior dependencia que outros; a muitos devia quadrar a phrase de Cesar a respeito de certos pobres gaulezes — *Plebs poene servorum habetur loco.* Os senhores formariam a classe aristocratica, obedecendo ella mesma a um chefe, como o Camal das inscripções de Briteiros, que sel-o-ia de toda a cividade representada por este oppido. A casa n'estas ruinas, cercada de bancos de pedra, comportando poucos logares, unica no genero, figura bem o sitio do conselho dos magnates, grosseiro esboço de senado. Se pois as cividades eram governadas por um chefe (como *Camal)* assistido por uma nobreza (personificada em *Rhetogenes)* á qual serviam pobres (os *famuli* acima citados) — essa organisação assemelha-se extremamente, se não é identica, á das *civitates* gaulezas.

N'esta sociedade primitiva, muitos seculos atrazada da dos conquistadores, viviam os nossos maiores, immobilizados pelo isolamento na chamada *civilisação do bronze,* [1] provavelmente a que trouxeram comsigo, quando se estabeleceram aqui. E quanto era simples a sua vida, dizem-no á primeira vista a rudeza e localisação dos povoados.

As vivendas nos fundos não podiam ser importantes; as mais das vezes teriam apenas caracter transitorio. O principal d'ellas estava nos altos; para lá devia convergir toda a actividade. Orosio, referindo-se á campanha de Augusto, deixa-nos a impressão que os exercitos se moviam por entre selvas e montes erriçados de fortificações — «Præterea ulteriores Galleciæ partes, quae montibus siluisque consitæ oceano terminantur, Antistius & Firmius legati, *magnis grauibusque bellis* perdomuerunt.» [2] Para opporem tanta difficuldade ao desenvolvimento da campanha, as mattas não podiam estar senão nos valles, onde naturalmente abundavam os pantanos, formados pelas aguas extravasadas na occasião das cheias; e de facto no incidente do *vicus,* Appiano diz que era — «fere undique limosa palude cinctus»: [3] o mesmo auctor tinha ponderado antes — «Numantia autem, propter duo flumina et valles silvasque densissimas circumjectas, aditu difficilis erat,» [4] Os montes apre-

---

[1] Fr. Martins Sarmento. *Os Argonautas,* c. xii, esp. pag. 254 e seg.: *Ora maritima,* 2.ª edição, pag. 141.

[2] L. vi, c. xxi.

[3] *De R. H.* c. 89 e 76.

[4] *Ibid.* c. 89 e 76.

sentar-se-iam então como ilhas, emergindo d'um mar de arvoredo inextricavel. Em taes circumstancias as culturas annuaes haviam de fazer-se nos altos, onde o amanho era mais facil e o resultado mais seguro, por causa das guerras incessantes. Observa-se o mesmo na Escocia e na Irlanda em periodo identico; são tantos ahi os vestigios da cultura nos cimos, que se julgaria a população mais densa n'essa época, não se reflectindo que as terras baixas estavam abandonadas ás florestas. [1]

Nas planuras portanto dos montes e outeiros, principalmente perto das fortificações, é que se deviam produzir os cereaes. Strabo [2] affirma que bebiam uma especie de cerveja feita de cevada; Orosio [3] conta que os Numantinos se prepararam para o supremo ataque contra os soldados de Scipião, ingerindo grande porção de *celiam*, bebida habitual, pelo que se infere do seu dizer, preparada com *succo tritici*, malt de trigo, segundo consta da laconica descripção: Plinio [4] diz que na Celtiberia se semeava a cevada em abril e dava duas colheitas por anno: e Appiano enfim, na narração da campanha numantina, a cada passo allude aos grãos panificaveis. [5]

Nos montes de Coura, junto dos gigantescos penedos, chamados «Castello da Furna,» vêem-se, no meio de terras soltas, paredes antigas, formando vedações continuas. Estes terrenos fechados são conhecidos na localidade pelo nome tradicional de «Campos dos Mouros.» A designação toponimica de «mouros» indica aqui sempre uma proveniencia pre-romana. Na vertente norte do monte, onde existem as ruinas da citania de S. Fins de Ferreira, e logo por baixo do castro de Capello-Vermelho, a meia encosta, divisam-se, no meio de bouças, muros de supporte, destinados a formarem taboleiros de cultura, hoje cobertos de matto; a tradição perdeu-se a respeito d'estas construcções, mas o seu aspecto indica uma remota antiguidade. Procede talvez d'esta cultura primitiva, que os cimos dos montes, onde ha frequentemente terra muito boa, ficaram desarborisados. Quando a população mudou de habitos e residencia, inverteram-se os termos da economia rural. O que d'antes tinha sido seara passou a pastagem; as pequenas plantas indigenas, herbaceas e arbustivas, resistindo ao dente do gado, conseguiram tapetal-os de verdura; mas a arvore, uma vez arrancada, não mais voltou.

N'uma informação de Strabo [6] temos outra prova que a cultura se limitava aos altos desabrigados: «O vinho é raro... Em vez de azeite servem-se de man-

---

[1] J. Logan. *Obr. cit.*, II, pag. 85.

[2] *Geogr.*, l. III, c. III, n.º 7.

[3] L. V, c. VII.

[4] *Nat. Hist.*, l. XVIII, 18, ed. Littré.

[5] «Rursus in quosdam *frumentatum* egressos impetu facto... Denique et redeuntibus *frumentatoribus*... c. 78; et quod a Vaccæis numantini *frumento*... adjuti... c. 81; ...*frugesque*, licet non satis maturas, secabat...c. 87; In *campo quodam* Pallantini agri... c. 88: *de R. H.*

[6] G. l. III, c. III, n.º 7.

teiga» — diz o geographo grego. A vide e a oliveira, exigindo sitios soalheiros, defendidos dos ventos frios, não podiam prosperar nas montanhas: tal devia ser a razão da raridade do primeiro producto e da falta do segundo.

N'este estado a vida agricola era com certeza muito limitada. As melhores terras estavam abandonadas, e as casas, segundo mostram as explorações do Sr. Sarmento, não comportavam os celleiros, necessarios a uma lavoira de grande producção; se os compartimentos contiguos eram destinados a estabulos de gado miudo, conforme parece, as provisões de cereaes não seriam avultadas. Ainda que a extensão cultural fosse relativamente grande, a rudeza dos processos obteria quantidades insufficientes. Strabo [1] diz que se nutriam de pão de glandes durante os trez quartos do anno: confirmarão a noticia as que se acharam carbonisadas em Briteiros, ou seriam destinadas a outro uso? Se o nosso geographo foi bem informado sobre este ponto, mais que as glandes, as castanhas, que são indigenas, cubririam de preferencia as deficiencias da agricultura. As mós manuaes tam vulgares nas nossas ruinas, com forma semelhante ás contemporaneas da Gallia e Irlanda, serviriam para moer uns e outros — os grãos ou os fructos sylvestres, sendo certo que estes utensilios indicam um verdadeiro progrésso; a moagem succedera já á trituração primitiva.

Em todo o caso o fundo da alimentação seria constituido pelos despojos dos animaes, como em Barrozo é ainda hoje pelo leite e seus derivados. [2] Com menos cultura, temos na vida simples, que ali se conservou, um simile do que devia passar-se então geralmente, e em maior escala. O clima chuvoso, produzindo abundancia de pastagens, permittia a sustentação de rebanhos numerosos, de que os homens se nutririam principalmente.

Povos autonomos, amando sobretudo a independencia, bellicosos, habitando um paiz montanhoso coberto de florestas, *barbaros*, regendo-se por costumes proprios — eis o unico quasi apagado ecco que deixaram na historia. Já em 138 a. de C. Decio Junio Brutus, quando atravessou o Douro, tinha notado a extrema bravura dos Bracaros: [3] e na narração da campanha cantabrica, anteriormente alludida, Orosio [4] começa por dizer que Augusto se resolveu á empreza, considerando que pouco valeriam os feitos de duzentos annos na Hispania, se deixasse os Cantabros e Astures — *suis uti legibus*. O imperador dirigiu elle mesmo as operações militares contra estes povos gallegos — *Cantabri et Astures Galleciae provinciae portio sunt;*

---

[1] *G.* l. III, c. III, n.º 7.

[2] *Recenseamento ger. dos Gados no contin. do reino de Port. em 1870.*

[3] «Et haec gens *bellicosissima* est, et hi quoque mulieres armatas secum in pugnam ducebant; et adeo fortiter pugnabant omnes, ut praesentem mortem potius occumberent, quam terga verteret quisquam, aut vocem ullam indignam emitteret...» Appiano, *De R. H.* VI, 72.

[4] L. VI, c. XXI.

depois os dous legados subjugaram o resto — *magnis grauibusque bellis*. Grandes e graves guerras realmente: o monte *Medullium*, sobranceiro ao rio Minho — diz o mesmo auctor, foi preciso cercal-o com um fosso de quinze mil passos, para vencer a multidão que se fortificára n'elle; a gente era *trux natura et ferox*, preferindo a morte voluntaria á servidão. Mas apezar da sua heroicidade, tiveram emfim de ceder ás armas romanas. Pobres, desconhecendo absolutamente a riqueza, habitavam em casebres desprovidos de todo o conforto: todavia os lavores das pedras, os restos de ceramica e outros objectos extrahidos dos escombros, testemunham bem que possuiam noções artisticas e que desejavam embellezar a vida com os seus poucos recursos.

CAPITULO III

A CONSTITUIÇÃO DA PROPRIEDADE

Cada cividade occupava pois uma circumscripção — *ager* (no sentido de territorio) maior ou menor, segundo a sua importancia; essa superficie proporcionava-lhe a alimentação, quer em grãos cerealiferos, despojos dos animaes domesticos ou bravios quer em fructos; no ponto mais elevado havia geralmente um oppido, que servia de refugio no caso de invasão, tendo tambem uma população fixa; ahi as casas dispunham-se em pequenos grupos, cada um dos quaes havia de ter um senhor cortejado de clientes, de que serve de exemplo Rhetogenes e os seus *famuli*. Mas quaes seriam as relações entre estes homens? Conheceriam elles a propriedade mais ou menos identica á estabelecida na terra romana por Numa ou Romulus? Certamente que não. Se ella existisse, os exercitos commandados pelos legados d'Augusto, em vez de marcharem por entre selvas, como sabemos pelas palavras d'Orosio, teriam atravessado valles e encostas cobertos de casaes. Estes povos achavam-se n'um estado muito primitivo para conhecerem essa instituição: como elles, tambem os latinos a desconheciam, quando se estabeleceram no Latium; [1] do mesmo modo a Gallia, quando foi conquistada por Cesar: [2] e a semelhança da organisação politica e militar, n'esse tempo entre este ultimo paiz e o nosso noroeste, leva-nos naturalmente a concluir pela identidade das instituições civis. Em todo o caso veremos se é possivel recompor alguns traços da vida rural pre-romana, não

---

[1] Cap. VI.

[2] JUBAINVILLE. *Rech. sur l'or.* etc., pag. 4-6.

obstante a falta de monumentos escriptos. Se os vestigios d'ella desappareceram em geral na provincia, no macisso do Gerez existem ainda bastantes. Ahi, em virtude de condições topographicas particulares, manteem-se usanças archaicas, que nos deixam divisar as linhas principaes.

A producção agricola em todo este tracto montanhoso não é muito abundante: um pouco consideravel nas duas margens do Cavado, diminue em Barrozo, onde se limita a algum centeio, batatas e maïz em diminuta quantidade. Em face d'esta agricultura pouco desenvolvida avulta comtudo a creação dos gados, especialmente bovino, a sua principal riqueza: as pastagens são a parte mais valiosa do solo; n'ella abundam os prados naturaes, possuidos collectivamente por varias freguezias e logares, emquanto que as terras de cultura, d'extensão muito restricta, são d'exclusiva propriedade particular. D'uma nota, fornecida por um informador da localidade, resulta o seguinte resumo.

Durante o verão, as freguezias de Villar da Veiga, parte de Ruivães e Cabril, apascentam os gados na serra do Gerez; — as de S. João da Cova, Ventosa, Caniçada, Louredo e Salamonde na serra da Cabreira, assim como os logares de Espindo e Zebral; — Soutellos, Santa Leocadia e Bótica na serra do Rebolar (prolongamento da Cabreira), tendo por consocios n'essa pastagem Campos e Lamalonga (S. Vicente de Campos); estes, todos os annos no 1.º domingo de maio, reunidos no sitio do Foral do Carvalhal de Santo Antonio de Lamalonga, elegem um pastor, chamado *Vaqueiro*, que dá um fiador para garantia do gado que recebe e que pastoreia no Rebolar nos mezes de maio, junho, julho e agosto até 20 de setembro; — as freguezias de Barrozo apascentam na serra que se estende de Sidrós ao Larouco, mas as de Parada d'Outeiro, Paradella e Pitões tambem no Gerez, e a ultima tem no verão a Mourella, onde deitam as vacas com crias; na serra do Gerez os gados descançam de noite em *curraes*, glebas cercadas de paredes que só produzem centeio; cada curral tem uma *cabana*, geralmente em fórma redonda, para o pastor dormir e cozinhar.

Eis aqui, n'este rapido esboço, uma economia rural bem differente da que domina no resto da provincia; se, como se disse, nas margens do Cavado a cultura tem alguma importancia, em Barrozo desce ao grau mais inferior; ahi o regime pastoril torna-se tão preponderante que sem exagero se póde dizer que a população vive sobretudo dos rebanhos, que n'um largo periodo do anno se criam em montes ricos de pastagens e no uso collectivo dos visinhos.

Esta maneira de criar gados não era antigamente só privativa d'esse cantão montanhoso: fazia-se do mesmo modo em toda a provincia, pois por toda ella abundavam as pastagens communs, quer nos montes, quer nas terras fundas.

As dos montes extinguiram-se ainda no tempo presente, em consequencia da divisão d'elles; mas antes, quando estavam indivisos, eram d'uso collectivo; todos os contemporaneos de pouco mais de meia idade viram pastar ahi os gados d'uma freguezia ou d'um logar, como hoje no macisso gereziano os actuaes, pro-

vavelmente descendentes, pelo menos na maioria, da estirpe dos antigos. [1] Uma das palavras com que se nomeam os terrenos vagos e incultos — *manninho*, mostra a extensão do regime desde tempos longinquos: segundo Cornu, [2] deriva-se de *mannus* — o garrano: á primeira vista mal se concebe a relação entre as duas cousas; mas se considerarmos o costume de criar manadas de garranos — a raça cavallar typica da região, n'esses locaes, o que ainda agora se vê nos montes de Coura, facilmente se comprehenderá que o animal denominou as terras onde se criava; outro termo equivalente, quasi popular é *baldio*, que parece provir do adjectivo allemão — *bald;* [3] dada tal origem, *baldio* mostra a importancia do costume no governo dos povos germanicos.

Das pastagens communs nas terras fundas, posto que a sua extincção não seja tam recente, sobrevivem comtudo d'ellas vestigios irrecusaveis. Taes são os que afloram em certas aguas indivisas, chamadas de *torno tornas* ou de *torna tornas;* este regime, desconhecido pelo Codigo Civil e pelas Ordenações precedentes, têm-se mantido apesar das *leis portuguezas*. As aguas assim denominadas pertencem a um grupo de lavradores, d'um ou mais logares, como os montes manninhos ou baldios; os compartilhantes tomam d'ellas a parte de que precisam, governando-se por costumes especiaes; em sitios, quem primeiro *torna* a agua, aproveita-se d'ella emquanto a guarda; — em outros, deixa no *talhadoiro* ou *pigeiro* o chapéo ou um ramo de carvalho, e emquanto existem ali aquelles symbolos de apropriação ninguem a desvia: — em outros, a agua tornada corre sempre até cobrir a gleba; — emfim tambem ha localidades em que cada um torna livremente, quando quer, sem mesmo se importar com a presença do visinho que está fazendo uso d'ella; mas as aguas assim indivisas no outomno, inverno e parte da primavera, são divididas no estio; apropriadas n'esta ultima estação, voltam a ser communs no resto do anno. N'um paiz, onde a agua é com razão considerada como o agente principal da fertilidade, esta singularidade não é explicavel sem nos retrotrahirmos a uma época, em que na extensão regada pasciam em commum os rebanhos dos antepassados d'esses que hoje ainda se aproveitam d'ella; as aguas fertilisavam então prados communaes, como os do Gerez; depois que essa superficie se retalhou em campos e appareceu a propriedade individual, a agua foi igualmente dividida no tempo da cultura, mas

---

[1] O cavallo, gabado por Plinio (L. VIII, 67) pelo trote d'andadura, pertence ao typo *galliziano*, cujo habitat comprehende todo o noroeste da peninsula. O porco é o chamado *celtico* por Samson, por ser o que existia tambem na Gallia, Ilhas Britanicas etc., distincto do *romanico* (alemtejano e napolitano) do sul da Europa e costa norte d'Africa. As cinco raças de bois bem difinidas, typicas, parecem privativas da região. Quanto ao gado meudo, nas ovelhas sobretudo, é de crer que tenha havido alguma introducção d'outro sangue. *Recenseamento g. dos gados no cont. de P. em 1870*, I, pag. 30, 108-110, 56-59, 61, 62, 72, etc.

[2] *Die Portuguiesische Sprache*, § 151 — «Maninho für *manio* wahrscheinlich eine Ableitung von *mannus*: cf. § 16.

[3] KÖRTING. *Lateinisch-romanisches Wörterbuch.*

conservou-se no pé anterior, quando as mesmas glebas voltavam nas restantes estações á producção primitiva. N'um periodo portanto muito proximo da actualidade, grande parte dos campos, e com certeza os considerados hoje mais valiosos agricolamente, eram simples pastagens; os valles fundos e terras humidas, antes do maïz, não tinham outro destino: a creação dos gados era a exploração agricola predominante, como é presentemente em Barrozo. [1]

Que ella vinha dos tempos proto-historicos dizem-no as escassas informações escriptas que restam. Sem a grande abundancia de rebanhos não era possivel o emprego usual da manteiga, como affirma Strabo: de Numancia refere Orosio que no caso de guerra os guardavam n'um cerrado de trez mil passos; [2] e em Pallantia representavam papel tam importante que Appiano [3] lhes faz allusão expressa na narrativa do assedio d'esta citania. A mesma riqueza zootechnica continuou depois da romanisação, como mostram os documentos da época asturiana. Na grande doação de Mummadona ao mosteiro de Guimarães diz-se — «Vaccas quantas habemus in uarzena et in suagio et alias quantas habemus... oues et boues et pecora promiscua quantas habemus per has villas que in isto testamento resonat.» [4] N'essa grande somma de predios doados, que de modo nenhum podiam ser cultivados por conta propria da doadora, o que é explicito do mesmo texto, ella possuia gados seus proprios em tal quantidade, que os mencionou expressamente. Em geral porém elles eram incluidos nos diplomas na phrase — «cum omni sua prestantia» ou outras equivalentes: todavia podem-se citar alguns titulos em que se lêem as passagens — «caballos equas boues et uaccas pecora promiscua;» [5] — «medictatem de gregibus equis meis.» [6] Todos estes gados não eram os dos cultivadores, porque esses não podiam ser alienados pelo proprietario da villa; mas dentro d'ella tinha elle animaes seus, que se criavam nos logradouros communs, que havia ahi, juntamente com os d'aquelles.

As pastagens communaes nunca faltam na vida primitiva dos povos; ficaram existindo no Latium, depois da divisão das terras, e em toda a Italia; [7] por toda a

---

[1] A abundancia de gados, em consequencia da applicação exclusiva das terras fundas a pastagens, explica o fabrico corrente da manteiga e queijo em toda a provincia no seculo XIII, tal é a multiplicidade de pensões e rendas n'estes generos nas *Inquirições* — fabrico que durou com certeza até a introducção do maïz; desapparecendo depois em geral por causa da nova cultura, conservou-se apenas na região montanhosa, até que hoje volta a rejuvenescer sobretudo na industria da manteiga.

[2] «Unde credibile est, quia hoc spacii cura alendorum custodiendorumque pecorum, vel etiam exercendi ruris commodo cum bello premerentur, incluserint.» L. V, c. 7.

[3] «Iamque jumenta omnia perierant.» *De R. H.* L. VI, c. 82.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 76, pag. 47.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 99.

[7] RUDORFF. *Die Sch. d. röm. F.*, II, pag. 311, 395, etc.: CH. MAYNZ. *Eléments de dr. rom.*, I, pag. 22.

parte continuaram a subsistir a par das apropriadas. Entre nós deu-se o mesmo: depois da constituição da propriedade, posto que pertencentes ao *possessor* e incluidas nos limites das villas, ficaram comtudo com a applicação anterior, limitada aos habitantes de cada uma. Os diplomas designam-nas sempre com o nome de *terras irruptas, pascua, padules*. E como tinham sido deixadas para logradouro commum dos lavradores dos predios, quando estes se desmembraram, não se lhes mudou o regime, e assim chegaram á actualidade.

Nos tempos pois em que começa a historia d'estes povos, a sua maior riqueza era formada pelos gados que se criavam em terras collectivas; os vestigios ainda existentes são testemunhos que não erram. A respeito da parte cultivada deve inferir-se que tinha tambem a mesma natureza juridica; essa porção era tam restricta, que impossivelmente seria governada por um regime diverso; antes o das outras, que comprehendiam quasi o todo, é que devia impor-se, como regra geral. A cultura cerealifera, que apenas dava pão para um quarto do anno, era muito acanhada e rudimentar, para exigir nas terras, em que se fazia, uma jurisprudencia especial.

Na Gallia, admittem os historiadores, a terra estava usurpada pelos nobres, quando foi conquistada pelos romanos. Cesar lançou-lhe um tributo geral de 40 milhões de sestercios, que as cividades rateavam entre si, obtendo esta somma das contribuições pagas pelos ricos em relação á área explorada por cada um; Augusto, estabelecendo o *census*, substituiu aquelle por um imposto de quotidade que o detentor da terra pagava ao fisco romano; no ponto de vista fiscal a cividade desappareceu logo, e o occupante adquiriu, em virtude do imposto e pelo mesmo facto da inscripção n'esse registo, a propriedade ou quasi-propriedade, que depois se tornou definitiva. [1] D'esta maneira, os senhores tornaram-se possuidores legaes das secções que antes occupavam por titulo precario, dentro das quaes foram tambem assignadas aos dependentes parcellas mediante certas prestações; por isso as villas gaulezas comprehenderam tres partes distinctas — a do senhor, *terra indominicata* da França feudal, a dos plebeus que abrangia a maior extensão, e os communaes. [2]

Não podia ser outra a administração fiscal estabelecida aqui por Augusto; quem reformou na Gallia a do seu antecessor, não mandaria administrar o noroeste da Hispania de modo diverso, tanto mais que este paiz se prestava melhor ao seu modo de vêr, visto não ser preciso mudar uma administração anterior. É de presumir pois com a maior probabilidade que o fisco romano, immediatamente á victoria pelas armas, taxasse os proceres pela terra que tinham em seu uso; pelo imposto pago, a *possessio*, seja-me licito empregar este termo, foi reconhecida pelos

---

[1] Jubainville. *Rech. s. l'or.* etc., pag. 6-7. F. de Coulanges. *Hist. des Inst. pol. de la Fr.*, première partie, pag. 189-190, ed. de 1875.

[2] Jubainville. *Rech. s. l'or.* etc., pag. 12-13.

conquistadores. [1] Mas n'essa terra, cuja natureza juridica ia mudar, trabalhavam os clientes—os *famuli* de Rhetogenes: no primeiro momento as coisas não podiam alterar-se sensivelmente; mas á medida que se desenvolvia a agricultura, a situação economica primitiva tinha de se transformar; a exploração sobretudo pastoril restringiu-se dentro de cada área (villa) aos terrenos de cultura mais difficil ou desnecessarios para o numero dos individuos das clientellas; d'estes, os que estavam perto da servitude e se transformaram em *servi*, nada tinham que reclamar; não assim os outros, cuja dependencia era muito menor, os quaes o senhor teve d'installar em secções isoladas, junto d'aquella que tomou para si proprio, e das terras que deixou para uso commum, segundo adiante se exporá; e por isso que o chefe pagava um imposto ao fisco, esses cultivadores ficaram a pagar-lhe uma prestação annual. D'esta maneira explicam-se as desigualdades das villas, como se hade vêr, e das sub-unidades d'ellas, e o estabelecimento do systema parcellario n'uma época, em que a pequena cultura tinha desapparecido da Italia. Se os predios fossem formados sem attenção a costumes anteriores, se não houvesse pessoas que devessem ser collocadas em pequenos lotes, ou se as fundações fossem feitas por meros especuladores estrangeiros, a distribuição das terras havia de ser outra; naturalmente appareceriam os *latifundia*, agricultados só com esquadras de *servi*, como acontece modernamente com a grande lavoira, servida por machinas.

Estabelecida a nova administração fiscal, estava iniciada a transformação nos seus principios fundamentaes; para se consumar porém decorreram ainda largos tempos. As rudes colmeias humanas, couraçadas de muralhas, que coroavam as elevações orographicas, não se dispersaram n'um dia: durante muito tempo continuaram a ser habitadas, consoante demonstram os objectos de procedencia romana, descobertos em muitas ruinas. Exceptuadas algumas raras deslocações forçadas, em consequencia de occorrencias especiaes, como aconteceu á população de Numancia, [2] as outras cividades em geral continuaram a subsistir, e dentro d'ellas, concebe-se bem, mudanças radicaes não eram possiveis nas primeiras gerações: os proceres taxados pelo fisco deixaram-se ficar nos seus povoados; as casas com inscripções, como a *Coroneri Camali Domus* das ruinas de Briteiros, provam essa residencia dos magnates; e a medalha de Constantino descoberta lá, mostra igualmente que a habitação d'esta citania se prolongou até ao IV seculo; esse facto não é excepcional, pois em quasi todas as ruinas abundam restos de procedencia romana; emquanto porém os ricos continuavam a ter ali a sua residencia, pelo menos em parte do anno, presos por habitos seculares, conservando talvez junto de si um pequeno pessoal, os seus cultivadores, dada a paz e a segurança publica, poderam fixar-se nas áreas que lhes foram deferidas ou que exploravam sob as ordens

---

[1] Cap. IX.

[2] «Numantino agro inter vicinos diviso... « App. *De R. H.*, cap. 98.

dos seus senhores, até que estes mesmos desceram tambem dos pincaros e vieram residir entre os seus homens, governando e dirigindo cada um o retalho que lhe tocou da cividade.

Depois d'uma conquista, Roma lançava sobre as populações subjugadas um enxame de funccionarios e especuladores, que exploravam, se não exhauriam os recursos do paiz. Não fallando nos administradores que enriqueciam no exercicio dos seus cargos, appareciam logo os *argentarii*, banqueiros que faziam as transferencias dos valores, os *feneratores*, que emprestavam a juros exorbitantes, muitas vezes a 48 %, os negociantes, os emprezarios constructores de estradas, pontes, edificios publicos, templos, aqueductos, fabricantes de telha e tijolo, industriaes emfim, occupando-se de todas as obras que a civilisação inferior dos vencidos não sabia executar: a nobreza tomava tambem parte na expoliação, arrematando os impostos, cuja cobrança se fazia com extorsões inexoraveis. [1]

Se as provincias eram exploradas ferozmente pelos dominadores, como são hoje as colonias pelos estados europeus, a influencia romana, fomentada pelo governo imperial, [2] infiltrava-se por toda a parte. Em contacto com essa turba de especuladores, os habitantes das cividades abandonaram lentamente a sua maneira social e receberam a romanisação. Foram aquelles sem duvida que com grande usura lhes subministraram os meios para as primeiras construcções, que por bom preço lhes venderam a telha, e nas feiras *(emporia)* a multiplicidade de adornos que a picareta levanta dos entulhos; que lhes ensinaram a lingua latina, a arte da cultura systematica, o modo de demarcar os campos, os seus costumes agrarios, a sua jurisprudencia e emfim toda a sua civilisação.

Só ao cabo de algumas gerações, é provavel, a nova ordem de coisas pôde ser comprehendida pelos antigos collectivistas; só então os fragmentos dos territorios das cividades, occupados d'antes por titulo precario, foram chamados Villae, predios em dominio pleno, cujos limites obliterando por completo os das circumscripções dos povos, se fixaram tão profundamente que ainda hoje existem. Os grupos de clientes installados ahi de vez, esquecendo-se da cividade, concentraram a sua vida e trabalho n'esse estreito recinto; differenciados pelo novo direito, uns ficaram reduzidos á pura servitude, emquanto que outros conservaram a sua ingenuidade, como lavradores parcellarios; ensinados pelos conquistadores, sob a acção directa do *dominus*, principiaram e realisaram o desbravamento dos matagaes, laquearam as aguas e cobriram de campos ferteis os valles e as encostas.

---

[1] Marquardt. *Das Privatleben der Römer*, II, 382-383, ed. de 1882.

[2] Mommsen. *Röm. G.*, tom. V, pag. 64.

CAPITULO IV

A TERMINOLOGIA E AS DEMARCAÇÕES

A constituição das villas assentava fundamentalmente n'uma nova jurisprudencia, sem a qual não sahiriam do collectivismo das cividades as secções dos seus territorios, que os chefes tinham occupado, mas sem titulo definitivo; d'estes recebia agora o fisco romano directamente o imposto, reconhecendo-os desde logo por detentores legaes d'esses terrenos, de que mais tarde viriam a ser senhores exclusivos. Para exprimir pois as relações resultantes da nova ordem de cousas, era necessaria tambem uma terminologia juridico-agraria, que não podia ser senão a dos conquistadores.

Nos primeiros tempos, até Vespasiano pelo menos, [1] as villas haviam de ter a natureza juridica das *possessiones*, que eram as partes do *ager publicus* occupadas precariamente: os bens immoveis nas provincias estavam sujeitos a um regime parecido ao d'este, por ellas pertencerem ao estado em virtude da conquista, segundo as theorias dos jurisconsultos; só depois de lhes ser conferido o *jus Latii* é que os immoveis ahi se converteram em propriedade effectiva; por isso é de crer que *possessiones* e *possessores* fossem os primeiros termos introduzidos; *possessio* no singular e no sentido technico significava o *usus;* [2] para esta expressão a nova linguagem formou *posse* e de *possessor* derivou *possuidor*.

Mas desde que as provincias foram igualisadas á Italia, tanto no ponto de vista fiscal como juridicamente, então os mesmos direitos, que tinham sido o apanagio dos cidadãos romanos, tornaram-se geraes; e com elles generalisou-se tambem a terminologia que lhes era propria; n'esta exprimia-se o direito pleno ao solo por *dominium, proprietas;* o senhor d'elle por *dominus, proprietarius;* ás duas primeiras corresponderam no neo-dialecto—*dominio* (exclusivamente no sentido abstracto) e—*propriedade*, significando quer o direito, quer a terra objecto d'elle: de *dominus* derivou-se *dono*, e *dom*—titulo honorifico; de *proprietarius*—*proprietario* que se tornou o termo mais corrente para esta especie.

Se duas palavras bastaram para designar o poder absoluto do homem em relação á terra, as áreas apropriadas tiveram pelo contrario uma nomenclatura copiosa; notando só a que se usou aqui e passou á nova linguagem, ha a mencionar —*fundus, praedium praediolum, ager agellus, villa villare villula;* em outras linguas romanicas ella foi ainda mais abundante; limitando-nos porém á nossa, convem con-

---

[1] Capitulo IX.

[2] ...«Possessio ergo usus.»—Dig. L. 50, tit. 16, l. 115.

siderar separadamente cada um d'esses termos, tanto a respeito da sua significação, como do seu emprego.

Fundus, diz o texto de Digesto, [1] *est omne, quidquid solo tenetur;* equivale portanto a *immovel;* e talvez porque se principiou a usar d'esta ultima palavra, aquella foi posta de lado, e não deu nenhum derivado directo popular na accepção de que se trata, na qual comtudo foi empregada modernamente por Herculano. [2] Não obstante o seu desuso actual, na Idade-media estava em circulação entre os redactores dos diplomas, o que é explicito d'algumas passagens, como—*fundum;* [3]—*in loco nuncupato Morarie fundo.* [4]

Praedium *utriusque suprascriptae* (fundus, possessio, ager) *generale nomen est;* [5] e na verdade elle conserva em *predio* a generalidade da significação, a respeito tanto de terras de cultura ou de bravio, como de terrenos com construcções; designando sempre um immovel, não os especialisa nem distingue uns dos outros, a não ser os rusticos dos urbanos; pois a distincção que faziam os latinos «*praedia rustica, urbana*» fazemol-a nós tambem; entre elles podia ser uma *possessio,* emquanto que entre nós é sempre de propriedade plena, e é o termo que preferimos hoje nos titulos de contractos; nos diplomas lê-se—*predia* [6] e *prediolo.* [7]

Ager *est, si species fundi ad usum hominis comparatur:* [8] esta denominação só convinha pois aos immoveis agricultados e susceptiveis de dominio—*proprietas loci;* d'este modo *ager* era um nome especial dos predios rusticos em exploração, de propriedade plena. E de facto, postas de lado as outras accepções não juridico-agrarias, *ager* significava ou a totalidade do predio, ou o campo—a gleba cultivada; da primeira que foi a mais usual não nos restam vestigios; na ultima, e tambem na de sub-unidade, apparece repetidas e frequentes vezes em *agro* e *agra* não só nos diplomas, [9] como mais tarde no portuguez litterario, onde falta na actualidade, conservando-se todavia na linguagem popular, commum e toponimica. *Agellus* quasi equivalia a *ager;* apesar de diminuitivo, Horacio serve-se d'elle, quando se refere á sua propriedade aliás consideravel: hoje existe só no onomastico local em *Agrello* e *Agrella.*

Resta emfim a *villa.* [10] Esta palavra denominou primitivamente a vivenda do

---

[1] Dig. L. 50, tit. 16, l. 115.
[2] Opusculos IV, III, pag. 44.
[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 76.
[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 138.
[5] Dig. L. 50, tit. 16, l. 115.
[6] *D et Ch., P. M. H.*, n.º 76.
[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 76.
[8] Dig. L. 50, tit. 16, l. 115.
[9] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13, 29, etc.
[10] ...«quo fructus convehebantur, villae;» Verro, *De ling. lat.* L. V, 35:—«uilla a uallo, id est aggere terrae, nuncupata, quod pro limite constitui solet;» Isid. in *Gromatici Veteres, Die Sch. der Röm. Feldm.*, I, pag. 369, 2-3.

dominus, mas despois na Italia, na Gallia e na Hispania comprehendeu quanto se continha dentro d'um predio rustico [1] — a habitação do proprietario, a dos trabalhadores, os estabulos e celleiros, os terrenos cultos e incultos, constituindo tudo uma unidade rural. No mesmo sentido persistiu aqui a palavra emquanto durou o systema agricolo-economico romano. Todos os documentos dos tempos da restauração asturiana não escrevem outra, quando nomeiam uma propriedade rustica na sua totalidade, trocada, vendida ou doada; e poucas vezes falta na mesma transmissão de fracções, para mostrar a localisação d'ellas: como um ecco longinquo encontramol-a ainda empregada no seculo XIII. [2]

O diminuitivo *villula* foi tambem usado: [3] de *villare* fallar-se-ha adiante, por que elle designou sómente sub-unidades; e então se tratará não só d'esta, mas de todas as outras, formadas dentro dos fundos primitivos; a todas se dará o necessario desenvolvimento, visto o papel importante que representaram mais tarde, transformando-se em verdadeiros predios independentes.

A denominação rural de *villa*, posto que tenha desapparecido por completo, foi todavia a mais geral. Se nos faltassem os monumentos escriptos, restava-nos ainda o testemunho decisivo da toponimia, onde essa palavra se gravou em mil exemplos e nas fórmas as mais variadas: [4] esta circumstancia mostra á evidencia, que se ella foi d'uso corrente entre os notarios, não circulou menos entre o povo, sem o que de modo nenhum passaria ao onomastico de tantas localidades, que a cada passo se encontram assim denominadas.

As villas mencionadas nos *Diplomata et Chartae* dos *Portvgaliae Monumenta Historica* desde o seculo IX por diante e os referidos em alguns documentos mais antigos, publicados na *España Sagrada*, são de facto predios rusticos pertencentes a particulares, a mosteiros ou á corôa. Os titulos quasi nunca se esquecem de declarar que os seus limites são os antigos — *per suos terminos antiquos;* uma alteração d'elles é muito rara, de que ha comtudo exemplos — *cum suis locis nouissimis et antiquis:* [5] mas em geral doa-se, vende-se ou troca-se a villa no todo ou em parte com as demarcações estabelecidas *ab antiquo* ou *ab antiquis*.

Ora os antigos para os homens dos seculos VIII, IX e X, eram a anterior sociedade germanica que se fundira completamente na romana. Os suevos e wisigodos, apoderando-se d'um paiz romanisado, não destruiram os costumes, nem alteraram o regime e limites das propriedades. Sobre esta questão lança luz intensa o Codigo

---

[1] F. DE COULANGES. *L'Alleu et le domaine rural*, pag. 16, 367.

[2] *Inquirições; passim:* ed. *P. M. H.*

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 61.

[4] Villa-verde, Villa-meam, Villa-cham, Villa-cova, Villalba, Cabo-de-villa, Fundevilla, a Villa, Casa-da-Villa, Cima-de-villa, Cauvilla....

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 484.

Wisigothico. [1] O titulo III do livro X, occupando-se especialmente das demarcações, começa na lei I com a seguinte disposição geral: — « Antiquos terminos et limites sic stare iubemus, sicut antiquitus videntur esse constructi, nec aliqua patimur commotione divelli »: depois na lei II estabelecendo as penas pela arrancagem dos marcos, diz — « Qui studio pervadendi limites complanaverit aut *terminos fixos* fuerit ausus evellere. . . »: na lei III, considerando o caso de litigio a proposito dos limites, recommenda que se investiguem os marcos postos antigamente — « id est *aggeres terrae* sive *arcas*, quos propter fines fundorum apparuerint fuisse *congestas* atque *constructas; lapides* etiam, quos propter indicia terminorum notis evidentibus *sculptos* constiterit esse difixos »: finalmente na lei V estatue que se antes do advento dos godos qualquer parte d'um fundo tivesse sido destacada para diverso, por venda, doação, divisão ou outro contracto — « id in eius fundi, ad quem á *romanis antiquitus probatur adiunctum*, iure consistat. » De todas estas determinações vê-se que os povos germanicos conservaram cuidadosamente as limitações anteriores, o que estava no seu interesse, pois assim mais facilmente se effectuaria o lançamento dos tributos.

Esses marcos mantiveram-se e existiam ainda no periodo astur-leonez, visto serem mencionados nos titulos d'esta época.

Os exemplos que se seguem, convencer-nos-hão a este respeito:

Affonso III doára em 877 [2] ao bispo Savaricus o mosteiro de Dume com o seu territorio. No tempo do filho, Ordonho II, foi necessario por qualquer motivo identificar a demarcação antiga; [3] fez-se uma *congregatio magna;* o bispo apresentou o seu documento; nomearam-se peritos — *qui solent antiquitum compravare;* recompôr o passado era a preoccupação d'essa sociedade. Os peritos em presença dos magnates seculares e ecclesiasticos determinaram as linhas de demarcação com a maior facilidade. Ahi acharam repetidas vezes — *petras fictas, qui ab antico pro termino fuerunt constitutas,* — *archa petrinea ab antiquis constructa,* — *congesta petrinea,* — *agirem;* e outros marcos, como — *petra scripta, ubi dicet terminum,* — *terra tumeda, qui fuit manum facta.*

As *petras fictas* correspondem d'uma maneira geral aos *terminos fixos* do Codigo Wisigothico: os *termini* podiam ser de pedra ou de madeira; [4] o codigo não os distingue na lei primeira, insistindo unicamente na circumstancia da fixidez (lei segunda), emquanto que o diploma, escrevendo como muitos outros — *petras*, indicava a materia de que eram feitos, e com o epitheto de *fictas* (*lapides. . . sculptos* da lei terceira) acentuava claramente que eram *termini* no rigor da linguagem

---

[1] Ed. *Port. Mon. Hist.*

[2] *Esp. Sagr.*, t. 18, pag. 313-314: esta doação indica os limites do territorio de Dume, mas não tam detalhadamente como o diploma abaixo citado de 911.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 17.

[4] *Gromatici Veteres, Die Sch. el. R. F.*: pag. 126, 19-127, 3; 218, 4-5; etc.

gromatica, isto é, que tinham as fórmas artisticas que se costumavam dar aos *lapidei*, fórmas que variavam segundo as differentes situações em que eram collocados. As *petras fictas* ou *fictiles* mencionam-se em mais documentos, o que mostra terem sido empregadas vulgarmente; e foram de tam longo uso popular, que originaram designações locaes, como a — *villa petrafitta*, [1] hoje a freguezia de Perafita em Bouças, e em outros sitios.

A *arca* era um marco especial, composto de quatro paredes, como as guardas d'um poço, que os agrimensores edificavam nos quadrifinios e perto das nascentes; [2] nos trifinios construiam a *arcella:* [3] a *arca* foi muito frequente, pois é fallada em muitos titulos; — «*et inde ad archa qui sta super ipsa uilla*» [4] — «*et inde per illa archa;*» [5] — «*per arcas antiquas;*» [6] — «*petra da arca quomo verte agua contra Ameedela.*» [7] D'esta palavra vem provavelmente a designação local de *Arca* (freguezia de Nespereira, Guimarães), *Arcella* (Guimarães), *Arca d'Agua* (Porto) etc. Uma *villa de arca* é referida no segundo documento citado.

As *petras fictas e arcas*, de que se está tratando, não se devem entender como monumentos pre-historicos — menhirs e dolmens; se as primeiras nas demarcações diplomaticas representam os *terminos fixos* do Codigo Wisigothico, assim o declara o diploma — *ab antico pro termino fuerunt constitutas*, e portanto n'estas não pode haver duvida, de modo nenhum havel-a-ha tambem nas *arcas* que o mesmo codigo diz que foram expressamente construidas para servirem de marcos, e por isso não podiam ser outras, senão as dos agrimensores romanos.

As *congesta petrinea* equivalem á *congeries petrarum* [8] ou *congestiones petrarum*, [9] acervos de pedras, destinados a determinar as limitações.

Os *aggeres terræ* expressados no Codigo Wisigothico *(agirem* do diploma, por *aggerem)* eram a mesma coisa que o *terreus agger* de Varro, [10] um combro de terra, formado pela que se tirava da construcção do fosso, parallelo, para escoamento das aguas: «Agger is bonus, diz o auctor citado, qui intrinsecus junctus fossa, aut ita arduus, ut eum transcendere non sit facile.» Isidoro [11] define-o em poucas palavras

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 197.

[2], [3] *Gr. Vet.*, pag. 341, 16; 352, 9-10; 308, 25; 352, 13-14; 363, 28-29: Isidoro (ib. pag. 367, 4-7) diz: — «Arcam ab arcendo uocatam: fines enim agri custodit eosque adire prohibet. Trifinium dictum eo quod trium possessionum fines attingit. hinc et quadrifinium quod quattor.» Cf. Rudorff. in *Grom. Vet.* II (Die Sch. d. R. F.) pag. 264.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 81.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 138.

[7] *Inquirições:* pag. 332.

[8] *Gr. Vet.*, pag. 401, 3.

[9] *Gr. Vet.*, pag. 255, 19.

[10] *Rer. rust. de Ag.*, L. I., XIV.

[11] *Gr. Vet.*, pag. 369, 2.

—«*uallo*, id est aggere terræ.» Na Maia ainda hoje é costume fazerem-se estas vedações de terra e torrão que se chamam *vallos:* eram muito communs no tempo em que se redigiam os diplomas; foram provavelmente as primeiras introduzidas, por mais economicas e de mais facil execução. Depois, quando os capitaes augmentaram pelo desenvolvimento da riqueza, os *vallos* transformaram-se em muros ou paredes. Continuaram porém a subsistir onde era rara a pedra e sobretudo se as vedações não precisavam ser muito fortes.

A *petra scripta* representa as *petras signatas*, [1] *scriptas* [2] ou os *terminos inscriptos*, [3] pedras com signaes ou palavras entalhadas; e algumas vezes seriam até naturaes—*petræ naturales notatæ;* [4] se as havia d'estas occasionalmente nas limitações, ficavam ahi a servir de marcos.

A *terra tumeda, qui fuit manum facta*, um montão de terra feito intencionalmente, é o *tumor terræ in effigiem limitis constitutus* [5] ou *monticellus;* e não o *tumulus* pre-historico, pois os diplomas distinguem este ultimo, chamando-lhe *mamola* [6]—a *mamua* d'hoje. Faustus e Valerius dizem em que condições punham esse marco; —«in limitibus uero, ubi rariores terminos constituimus, *monticellos plantauibus de terra.*» [7]

Os limites antigos, romanos, ahi estavam claros sobre o solo. O mosteiro de Dume fora fundado por S. Martinho no meado do seculo VI; e o seu termo, pelo que vimos, havia de comprehender uma ou mais villas do periodo romano, cujos marcos deixaram ficar e se conservavam ainda no tempo d'Ordonho II; na primitiva limitavam os predios rusticos, depois determinaram o termo do mosteiro e as villas circumjacentes pelos lados confinantes.

O diploma discutido, excepcionalmente interessante para a questão presente, porque especialisa os diversos marcos que se encontravam nas linhas divisorias, é quasi unico no seu genero: em geral os titulos não os mencionam, a não ser de passagem; nem precisavam d'isso; as villas estavam delimitadas desde tempos remotos, e tam definitivamente que se confrontavam umas com outras: só quando havia duvidas, o que era muito raro, segundo parece, é que se recorria a esse exame minucioso, ou quando o notario queria descer a minudencias, o que era mais raro ainda; está n'este caso a doação de *Moraria* (Moreira de Conegos) feita em 983 ao mosteiro de Guimarães por Gundesalvus, como se vê da seguinte transcripção:— «ipsa Villa superius comprehensa per omnes suos terminos, per *arcas antiquas*, *petras concavas*, seu *burgatas*, et *sculptiles*, cum *ageris terrarum*, saltim *fictiles petrarum*

---

[1], [2], [3] *Gr. Vet.*, pg. 400, 23-24; 402, 1-2; 139, 14.

[4] *Gr. Vet.*, pag. 142, 27-28.

[5] *Gr. Vet.*, pag. 401, 19-20.

[6] «Agro de *mamola,*» *D. et Ch. P. M. H.*, n.º 91; «*mamola* de adaulfi,» ib. n.º 303; «*mamolas* antiquas,» *Esp. Sagr.* Tom. XL, cap. 12, pag. 366.

[7] *Gr. Vet.*, pag. 308, 1-2.

hinc atque ultra ribus in ea discurrentia, quos ipsi termini intercludunt. » [1] Se nada ha a acrescentar ao que se disse a respeito das *arcas* e *ageris terrarum*, resta examinar os outros termos; — as *petras concavas* haviam de corresponder ao *terminus cauatus*, [2] um cubo de pedra com uma cavidade rectangular superior, ou ao *subcauus*, [3] com igual cavidade de lado; e provavelmente havel-os-hia ahi d'ambas as especies; — as *sculptiles*, e *fictiles petrarum* ou *petras fictiles* [4] exprimem, vista a sua significação fundamental, o mesmo que as *petras fictas*, e os redactores dos diplomas empregavam aquelles termos, antes para variação e embellezamento do estylo á sua maneira, do que para indicarem diversidades; mas ainda que as houvesse, eram sempre os *termini lapidei*, cujas esculpturas ou ornatos variavam tambem entre os Gromaticos: [5] exceptuando as *petras burgatas*, tudo o mais é nosso conhecido.

Não eram só a pedra e madeira talhadas ou as pedras nativas, que denotavam demarcações; serviam do mesmo modo para isso arvores expressamente destinadas a esse fim — as *arbores antemissæ* dos Gromaticos: [6] como exemplo d'arvores demarcantes temos os *VII^em^ suberes* que estavam n'uma das linhas divisorias de Crestuma em 922; [7] esta maneira de indicar os limites é ainda hoje corrente, e a sua origem ficamol-a conhecendo.

No exame que precede apuramos a existencia de variadas especies de marcos romanos, os mais caracteristicos, visiveis ainda na restauração astur-leoneza: estes vestigios, bastantes para o nosso fim, têm subido valor, porque nos prestam mais um esclarecimento sobre a origem das villas, e n'uma epoca em que já estavam em adiantada decomposição; os contornos exteriores, são estes unicamente que nos interessam por emquanto, continuavam a subsistir, muito embora dentro d'elles se estivesse elaborando uma nova evolução agraria; quando pois os titulos nos dizem que a villa estava limitada pelos *suos terminos antiquos*, sabemos agora qual era essa antiguidade; — a unidade rural antiga, que elles assignalavam, tinha sido fundada e demarcada primitivamente no periodo romano.

(Segue) ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 138.

[2] *Gr. Vet.*, pag. 308, 25; fig. 248.

[3] *Gr. Vet.*, pag. 305, 20; fig. 236.

[4] Cf. *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 42.

[5] *Gr. Vet.*, pag. 305-306, 340-342, etc.

[6] *Gr. Vet.*, pag. 128, 2; 129, 18; 138, 19, etc.: 143-145. Cf. RUDORFF, *Die Schr. der röm. Feldm.*, pag. 267-268.

[7] *D. et. Ch., P. M. H.*, n.° 25.

GR. NAT.

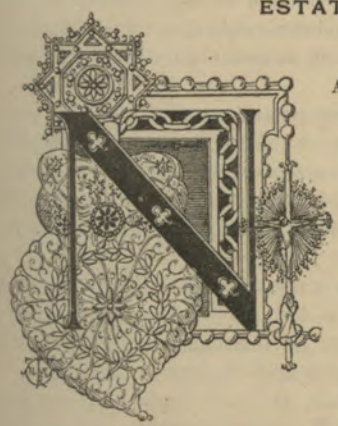
JUPITER

ESTATUETA ROMANA DE SOUTELLO

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

ESTATUETA ROMANA DE SOUTELLO



A bouça e logar de Soutello, freguezia de Fornello, termo da Maia, appareceu ha boa duzia de annos esta pequena esculptura de bronze.

Em passeio de pesquizas ao longo da bacia do Ave com Fonseca Cardoso — isto foi pelo mez de Setembro de 1888 — tivemos conhecimento do achado e rebuscamos o local de onde surdira o precioso thesouro. A terra fôra remechida, soltas e fragmentadas algumas telhas de rebordo, e nada mais que indicasse pousio de antiga gente. O *santinho de bronze* era o unico objecto indicador, então aferrolhado pelo proprietario, um embarcadiço de boa feição, que por fim o cedeu, não sem obrigar poderosas influencias locaes, e ouvido um contraste da rua das Flores que attestou não ser ouro, apenas metal de baixa liga.

É esta a peça que vem figurada em duas posições na estampa que acompanha esta nota. Trata-se de uma pequena estatua de bronze, medindo 115 mm. de altura e 200 gr. de peso, fundida de um só jacto, e que não foi posteriormente polida ou retocada, aprimorando melhor os detalhes anatomicos que o molde apenas denuncia sem relevo. A simples inspecção da estampa descobre essas imperfeições de acabamento; no emtanto parece que assim foi utilisado este idolo de antigos cultos, porque ha vestigios de usura em diversos pontos e na mão esquerda que deveria segurar especial attributo de divindade.

Prolongada inhumação concorreu tambem com as suas mutilações para lhe corroer as formas, sendo, não obstante, harmonica de proporções e nobre de aspecto; não tem a rigidez das classicas esculpturas orientaes, sahiu de modelagem mais naturalista e avançada, quando já tinham vida exterior as figurinhas de barro, pedra ou metal, quer fossem representações mythologicas, ex-votos ou brinquedos.

Representa esta pequena estatua uma divindade greco-romana: o corpo nu, soltos os cabellos e barba espessa, na mão direita a paveia de raios, a esquerda um pouco aberta para tomar o sceptro ou bastão symbolico, e sobre este braço cahe livremente um panno, suspenso desde o hombro, que poderia ser o *pallium* ou *clamide*, ligando-se as duas pontas sobre o hombro direito por meio de um botão. «Sceptrum regium in manum tenes, silicet sinistra: ex altera vero silicet dextra, fulmine ad infero mittens.» [1] O feixe de raios *(fulmine)*, talvez o sceptro, distinctivos de JUPITER, auctorisam esta classificação da estatueta entre as innumeras personificações do polytheismo ou pandemonismo romano.

Esta é uma das mil variantes do mesmo motivo — cada tribu, phratria ou familia, tinha o seu Jupiter — não obstante, vêem-se formas similares em diversos museus nas quaes predominam eguaes modos de ser. Assim, temos os exemplares n.os 1 a 7 da descripção do *Museu de S. Germain-en-Laye* pelo Sr. S. Reinach, [2] os de n.os 2846 a 49 do *Museo Arqueologico Nacional* de Madrid, [3] e a serie muito mais numerosa do *Museo Nazionale* de Napoles, retirada das excavações em Pompeia e Herculanum. [4]

O nosso exemplar distingue-se de outros porque não tem, como vulgarmente se encontra, o braço esquerdo alçado, levantando o sceptro, ou apoiado sobre a *asta* ou bastão. A mão esquerda está baixa, á altura da direita, e suspenderia o regio sceptro em attitude de o mostrar, como a dextra, que empunha o fuso de raios, os mostra apenas e não os despede. É calma e bondosa a expressão d'esta pequena estatua, que avança serenamente expondo á veneração dos crentes os symbolos do seu poder omnipotente, e não tem a energica attitude de um deus justiceiro que espalha o castigo sem clemencia.

Ha muito de humano n'esta figurinha de bronze, nada de fogo divino ou idealisação religiosa, mesmo poesia. A estreita individualisação physica que caracterisa a religião greco-romana manifesta-se claramente n'estas suas formulas rituaes e de culto. Os genios, penates, lares e manes dos romanos são outras tantas personificações de forças naturaes, espiritos bons ou malevolos, almas de antepassados; e tão intima a ligação entre o espirito e a forma material de encarnação, a alma e o corpo, que em todo este mundo de divindades, cada deus, dos *publici* ou *majores, privati, minores* ou *familiares*, tinha vida material no seu meio liturgico, dentro do proprio culto ou forma.

Interessante, sobretudo, o aspecto familiar e vulgar do nosso pequeno Jupiter, que não suggere sequer approximal-o do Jupiter Optimo Maximo, omnipotente divindade do Capitolio romano; mas recorda sem duvida o *juvans pater, opitulator, custos, tutor, salutaris*, deus de todo o auxilio e de todo o favor. [5] Foi certamente o penate de qualquer familia, venerado dentro da sua *cella* no *lararium* da habitação, derramando no interior todos os beneficios, deus *penetralis* e *hospitalis*, guardando a felicidade do lar.

Na habitação do romano estas imagens de culto domestico eram conservadas no *tablinum*, a seguir ao *atrium*, e Jupiter, adorado como penate, conservava ao lado de *Vesta* um logar primacial, que lhe competia pela sua posição hierarchica na mythologia greco-romana. Assumpto d'esta nota, a imagem do nosso penate abre esta secção de VARIA, justificando o principio, consoante a maneira classica, por ordem de nobreza, e collocado no tablinum da nossa publicação, ahi fica tambem como documento e como fétiche, *juvans pater* e *hospitalis*, patrono domestico de infinita bondade.

RICARDO SEVERO.

---

[1] Apud: *De' Bronzi di Ercolano e contorni incisi con qualche spiegazione*. Tomo segondo de' Bronzi. Napoli, MDCCLXXI. Citação de *Staveren ad Albrico*.

[2] *Antiquités nationales — Bronzes Figurés de la Gaule Romaine.*

[3] *Catalogo del Museo Arqueologico Nacional*, siendo comissionado especial para este trabajo D. J. de Dios de la Rada y Delgado — Seccion primera, Tomo I. Madrid, 1883.

[4] A obra já citada *De' Bronzi di Ercolano* apresenta cinco estatuetas de bronze de dimensões entre 185 e 65 mm., apresentando estes attributos, a mais a patera; umas em completa nudez, outras com *clamide* ou *paludamentum* pendente do braço esquerdo, o direito levantado para tomar o bastão ou sceptro curto, que era de costume terminar por um pequeno globo ou outro dos ornamentos attribuidos a Jupiter.

[5] L. PRELLER. *Les Dieux de l'ancienne Rome*, pag. 147. Paris, 1866.

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

Primeira sessão de 19 de Março de 1898

PRESIDENCIA DO SNR. FRANCISCO FERREIRA LOUREIRO

COMMUNICAÇÕES [1]

Mobiliario neolithico disperso no valle inferior do Mondego e immediações, a E. do concelho da Figueira

POR A. SANTOS ROCHA

CALDAS DA AMIEIRA. Procurando os vestigios do homem neolithico ao sul do Mondego, nas proximidades da Figueira, tinhamos já notado que elles deviam seguir para E da freguezia do Paião, atravessando os campos banhados pelo rio de Pranto nas immediações do Bicanho e da Vinha da Rainha, e penetrando mais além no concelho de Soure; e a descoberta da estação do Forno da Cal, ao norte da igreja matriz da Vinha da Rainha, veio apoiar a nossa supposição. [2]

Agora temos mais uma prova do facto. É um machado de pedra polida encontrado no monte que fica sobranceiro, pelo lado de E, ao estabelecimento das Caldas da Amieira. Devemos este objecto ao snr. José Augusto Raposo, administrador do mesmo estabelecimento.

É feito de schisto amphibolico (?), imperfeitamente polido, com a forma d'um trapezio alongado, de secção quadrangular e gume convexo; e mede no comprimento 0m,15. Este typo de machados é vulgar nas estações do concelho da Figueira.

EREIRA. A pequena eminencia que forma o chamado *monte da Ereira,* no meio dos campos do Mondego, pertencentes ao concelho de Montemór-o-Velho, e que na epocha das inundações é transformada n'uma ilha, contém vestigios inequivocos da presença do homem neolithico. Nós possuimos já tres machados de pedra, alli recolhidos, que tambem nos offereceu o snr. José Augusto Raposo; e consta-nos que semelhantes objectos não são raros n'aquelle sitio.

Um dos exemplares é de quartzo, perfeitamente polido, com forma triangular e secção elliptica, tendo o gume gasto e o topo fracturado. Mede no comprimento 0m,095. Outro é d'uma rocha negra, que parece basalto, em forma de trapezio alongado, tendo secção elliptica e gume convexo. Mede no comprimento 0m,11.

O terceiro parece feito de diorite. Está fracturado do lado do topo; e indica o mesmo typo do anterior.

Os machados com estas formas tambem são vulgares nas estações neolithicas do concelho da Figueira.

S. MARTINHO D'ARVORE. N'esta povoação extrahi de um muro não rebocado, onde haviam sido empregados como material de construcção, um machado de schisto, achatado, polido, com forma trapezoidal irregular, e um d'esses instrumentos polidos, em forma de hacha sem gume, tão vulgares nas estações da Figueira.

---

[1] A communicação do socio Dr. A. Santos Rocha, *As Arcainhas do Seixo e da Sobreda,* vae inserida n'este fasciculo, secção das «Memorias originaes,» de pags. 13 a 22.

[2] Vide as nossas *Mem. sobre a ant.,* pag. 91 e segg.

Nós tratamos largamente d'estes ultimos objectos na quarta parte das *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira;* e por isso nos abstemos de aqui os discutir. Sómente diremos que semelhantes instrumentos teem sido encontrados na Hespanha, na Italia e na Asia Menor. Schliemann recolheu-os nas quatro primeiras estações prehistoricas de Hissarlik, todas pertencentes á idade dos metaes; e pensa, com Franks e Virchow, que serviriam de polidores.

Esta opinião explica effectivamente um grande numero de exemplares.

Cantanhede. Em um pinhal proximo da villa, onde está o cemiterio, foi encontrado um bellissimo machado de schisto, que devemos ao snr. conselheiro José Luiz Ferreira Freire. Está perfeitamente polido, e tem a forma d'um triangulo espherico alongado. A sua secção é elliptica. Mede no comprimento 0m,16. Este typo de machados encontra-se com frequencia na Serra do Cabo Mondego.

De todos os objectos que ficam mencionados só os da Ereira nos fazem suspeitar a existencia d'alguma estação neolithica na localidade. Os outros seriam provavelmente perdidos ou abandonados pelo homem nas suas divagações por aquelles logares.

Primeiros vestigios da epocha do cobre nas cercanias da Figueira

por A. Santos Rocha

É sabido que as grutas artificiaes de Palmella encerravam depositos funerarios pertencentes á transição da pedra polida para a epocha do cobre, que é a primeira da idade dos metaes. De facto, ao lado d'um mobiliario neolithico, encontraram-se alli objectos de metal, que as analyses chimicas demonstraram ser o cobre.

Um caso semelhante foi notado em sepulturas por inhumação, com forma trapezoidal e revestidas de lages toscas, que se descobriram em Odemira e em Villa Nova de Milfontes. [1]

Esses objectos de cobre recolhidos em Palmella e alguns encontrados n'estas ultimas sepulturas eram pontas de setta com um espigão. A semelhança entre uns e outros exemplares é bem manifesta, se compararmos os desenhos respectivos, que Estacio da Veiga apresenta na estampa junta a pag. 124 do 3.º volume da sua obra.

Dois dos exemplares, que podem considerar-se typicos d'estas armas, são os n.os 12 e 13 d'aquella estampa, pois que muitos outros apenas variam na proporção entre a largura e o comprimento ou na irregularidade do contorno. O snr. Cartailhac reproduziu este typo na sua obra sobre a prehistoria da Peninsula. [2]

A esse interessante mobiliario metallico estava associada, nas grutas de Palmella, uma ceramica notavel, de que o illustre palethnologo francez apresenta os desenhos, e na qual se notam certas taças largas e baixas, com o fundo convexo e um largo bordo reintrante. A ornamentação, tambem figurada pelo snr. Cartailhac, é excepcionalmente bem feita; e este escriptor approxima-a da que se encontra na ceramica neolithica da Irlanda e do cromlech d'Er-Lanic (Bretanha). [3]

Em Portugal tambem esta ceramica era já conhecida entre povos que viviam em plena epocha neolithica, como provam os fragmentos que recolhemos na necropole da Serra do Cabo Mondego, [4] na estação do Forno da Cal, proxima da Vinha da Rainha [5] e no dolmen do Seixo, concelho d'Oliveira do Hospital, onde faltavam absolutamente os vestigios dos metaes. [6]

---

[1] *Antig. mon. do Alg.*, vol. 3.º, pag. 126 e 128; *Les âges prèh. de l'Esp. et du Port.*, pag. 210.

[2] Vide pag. 134, fig. 183, e pag. 135.

[3] Ob. cit., pag. 124 e segg.

[4] *Antig. preh. do conc. da Figueira*, pag. 151.

[5] Vide as nossas *Mem. sobre a antig.*, pag. 101.

[6] Vide o nosso estudo sobre este dolmen.

Por isso difficil será, quando os fragmentos d'esta ceramica não se acham em relação com alguma estação reconhecidamente neolithica ou da epocha do apparecimento do cobre, saber se porventura pertencem a uma ou outra d'estas epochas.

Mas, se no meio de restos d'uma civilisação muito posterior, a que são inteiramente estranhos, se encontram vestigios d'essa ceramica, algum objecto com feição neolithica e algum outro de metal, caracteristico dos primeiros tempos do cobre? Parece rasoavel, relacionando-os entre si, attribuil-os, não á epocha neolithica, mas á da transição para o cobre, pois que nas grutas de Palmella e nas sepulturas de Odemira e de Villa Nova de Milfontes, onde appareceram as settas de cobre, existiam tambem machados de pedra polida.

Fig. 1.

Taes foram os dados de que partimos para explicar certos objectos encontrados na exploração do *Crasto*, pertencente á freguezia de Brenha.

O Crasto é uma estação lusitana da epocha romana, em pleno uso do ferro, estabelecida no cimo d'um outeiro. Pelo norte era defendida com um entrincheiramento de terra e pedras; e ao longo d'este, que está orientado a EO, abrimos, pelo lado de dentro, uma grande excavação, que nos demonstrou que os constructores da obra tinham deixado alli um largo e extenso fosso, resultante, em parte, da configuração natural do terreno, e, em parte, d'uma excavação, talvez para extrahirem entulhos destinados á mesma obra. Este fosso estava cheio d'um deposito negro, lodoso, carregado de substancias gordurosas, onde se encontrou toda a especie de rebotalhos das habitações que sobre elle foram construidas.

Este grande deposito apenas nos pareceu profanado na superficie. Para o fundo tudo se achava intacto, como o deixaram os habitantes do logar.

Para o lado do O, explorando uma parte do entulho, em companhia do nosso consocio e amigo snr. José Maria Luiz d'Almeida, descobrimos no nivel inferior do deposito negro, em contacto com o solo natural, que era de terra vegetal, algumas pedras agglomeradas e em desordem. Não eram manifestamente materiaes d'alguma casa feita pelos habitantes. Só a habitação que occupava o meio do planalto do *Crasto*, e que devia ser a d'algum chefe, tinha envasamento d'alvenaria secca, e esta composta de pedras muito mais pequenas do que aquellas; e por outro lado qualquer construcção dos senhores do *Crasto* devia ter-nos deixado, pelo menos, algumas pedras em certa ordem, como nessa habitação central.

A ideia que nos suggeriram estas circumstancias e a de o deposito negro ter coberto, sem interrupção, durante muitos annos, essas pedras abandonadas, foi que os habitantes, excavando o fosso, haviam encontrado alli alguma tosca construcção, e a destruiram.

Pelo lado do sul de taes pedras, quasi sobre a terra vegetal do fundo, jazia um fragmento de tibia humana; e nós pensamos que osso e pedras seriam provenientes de alguma sepultura.

Fig. 2.

Nos trabalhos posteriores a esta descoberta, avançando a excavação para E, recolhemos, esparsos nos niveis mais baixos do deposito negro, á mistura com innumeros objectos caracteristicos da estação, dois pequeninos fragmentos de ceramica, cada um pertencente a vaso diverso, uma ponta de setta de metal, um machado de schisto polido, que serviu de pedra d'amolar, e um fragmento d'outro objecto de pedra tambem polido.

Nas figs. 1.ª e 2.ª representamos os fragmentos ceramicos, e na fig. 3.ª a ponta de setta, tudo em tamanho natural. Esta ultima é de cobre puro, como consta do seguinte relatorio, que nos enviou o nosso consocio snr. Sotero Simões d'Oliveira.

«Sendo a ponta de setta muito delgada, de modo que apenas pesava 5 grammas, tive de cortar na parte central uma porção da lamina, que me desse um gramma de metal limpo d'oxydação; e, operando sobre esta quantidade, pelo methodo da *Analyse chimica qualitativa* do ex.mo snr. Joaquim dos Santos e Silva, verifiquei ser o cobre.»

Tudo isto é absolutamente estranho á civilisação dos homens que deixaram alli o deposito negro.

As suas louças, de que recolhemos mais d'uma tonelada de fragmentos, não se assemelham áquella, que apresenta a forma do bordo dos vasos e a ornamentação propria das taças das grutas de Palmella. O fragmento da fig. 1 prova até que permaneceu durante muito tempo em um meio completamente diverso, porque apresenta aggregações terrosas que contrastam singularmente com a côr do deposito, sendo muito para notar que aquellas teem o aspecto da terra pura que encontramos no fundo do fosso.

Fig. 3.

Os lusitanos da epocha romana tambem não usavam frageis pontas de setta de cobre. Só deviam usal-as os que não trabalhassem o bronze e o ferro; e aquelles povos trabalhavam estes metaes, como provam os restos que colligimos. As suas pontas de dardo eram de bronze. Nós lá as encontramos, rudemente trabalhadas, ao lado de miudos artefactos do mesmo metal, mais aprimorados, de fabrica romana, e ao lado das escorias de ferro forjado.

Os que usaram armas semelhantes ao nosso exemplar foram os homens das grutas de Palmella e das sepulturas de Odemira e de Villa Nova de Milfontes, esses que viram raiar a aurora dos metaes, como se mostra pela comparação d'aquella peça com as da obra de Estacio da Veiga; e por isso deviam ser homens no mesmo estado de civilisação que deixaram no *Crasto* esse interessante vestigio, muito antes de construida a fortificação que alli encontramos.

Os lusitanos tambem não usavam machados de pedra, posto que empregassem, como nós, o martello, o pilão e outros grosseiros utensilios de pedra, recordando os primitivos. O exemplar encontrado serviu apenas áquelles que viveram sobre o immundo chiqueiro do fosso, para afiarem os seus instrumentos cortantes, assim como muitos calhaus rolados que alli recolhemos com vestigios semelhantes.

Por outro lado tão raros vestigios d'uma epocha anterior não podem significar que um povo habitou o Crasto n'essa epocha. As nossas excavações foram numerosas, e desceram até ao solo virgem, quer fosse a rocha viva ou uma argilla dura, quer a terra vegetal que cobria esta ultima, em alguns pontos, por debaixo dos depositos negros; e não conseguimos descobrir qualquer outro objecto que podesse seguramente relacionar-se com aquelles!

Assim a proveniencia de taes objectos pode licitamente attribuir-se á sepultura de que fallamos, semelhante ás de Odemira — uma sepultura de transição. Tinha contido um mobiliario proprio da epocha — o machado e a ceramica dos ultimos tempos da pedra polida e a ponta de setta dos primeiros tempos do cobre. Esse mobiliario, utilisado em parte pelos habitantes do Crasto, teria sido em seguida abandonado e alguns restos lançados na vasa infecta do grande fosso, onde nos vieram surprehender 2:000 annos depois!

Eis o resultado a que chegamos pela observação dos factos. Teremos sido victimas d'algum erro? É possivel; mas o criterio que applicamos ao estudo dos depositos do Crasto, tem já sido muitas vezes applicado por nós ao estudo de outros. Elle explicou-nos como em uma das pobrissimas casas que no tempo de D. João II existiram no sitio de Porto Sabroso, proximo de Brenha, havia artefactos neolithicos, sem o risco de termos de prolongar a idade da pedra até á epocha d'aquelle monarcha; [1] como no mobiliario d'algumas casas da actualidade podem encontrar-se machados de pedra, etc., etc. Nós possuimos exemplares que estavam servindo para pregar bro-

[1] *Ant. preh. do conc. da Figueira*, pag. 46 e segg.

chas nos tamancos ou para afiar as podôas e as navalhas. Em S. Martinho d'Arvore dois instrumentos neolithicos faziam parte da alvenaria d'um muro. Nós poderiamos multiplicar os exemplos.

Desde que se demonstra que certos objectos são caracteristicos d'um estado de civilisação anterior ao do meio em que foram encontrados, é licito concluir que houve deslocação. Pode ignorar-se a causa d'esta; mas a ignorancia da causa não auctorisa a negar o proprio facto. Assim nós não temos a certeza de que os objectos recolhidos no Crasto sejam provenientes da sepultura a que alludimos; mas verificamos bem, não só pelo estudo do mobiliario do proprio Crasto, mas pelos trabalhos que fizemos em estações da mesma epocha, como as dos Chões e de Santa Olaya, que taes objectos não pertencem ao estado de civilisação em que se achavam os povos de todas estas estações; e por outro lado temos reconhecido que objectos similares se encontraram reunidos em monumentos d'uma epocha muito anterior, a de transição do neolithico para o cobre, explorados em outras regiões de Portugal.

Isto basta, a nosso vêr, para poder affirmar-se a deslocação d'esses objectos.

Vestigio da epocha do bronze em Alvaiázere

POR A. SANTOS ROCHA

O snr. Polycarpo Marques Rosa, de Alvaiázere, offereceu-nos o fragmento d'arma que representamos na figura junta, com a nota de haver sido encontrado entre pedras d'uma sepultura que explorára naquella localidade.

Fig. 4.

Infelizmente não conseguimos uma explicação satisfactoria d'esta descoberta. Ignoramos a estructura e forma do monumento, se o objecto estava dentro d'este e associado a outro mobiliario, se foi bem verificado não existirem no entulho os restantes fragmentos, se a sepultura era por inhumação, etc., circumstancias muito interessantes, que podiam esclarecer um objecto semelhante que fôra descoberto no nosso paiz, e sobre o qual ha bastantes duvidas.

Este objecto similar é representado pelo snr. Cartailhac, [1] que o classifica como espada, embora as dimensões pareçam indicar apenas uma adaga; e eis como elle narra a sua descoberta:

«Á un quart de lieue de Porto de Mós, au nord-est du lieu appelé Fonte de Marcos, un paysan qui travaillait au bas d'une colline mit au jour un petit dépôt d'objets très oxydés. On n'a sauvé que le fragment d'une épée (fig. 302) et l'on m'a dit qu'il avait avec lui des lingots et des plaques informes.» [2]

Era esta arma de bronze? Não o diz o sabio francez; mas é certo que a considera pertencente aos tempos anteriores á introducção do uso do ferro na Peninsula.

A peça d'Alvaiázere mostra indubitavelmente que as fracturas da lamina e do espigão são muito antigas, porque se acham no mesmo estado d'oxydação que as faces do objecto. Seria uma arma inutilisada, fazendo parte, como a de Porto de Mós, do material d'um fundidor prehistorico, encerrado em algum esconderijo? Nada pudemos dizer, senão que os depositos occultos d'objectos d'industria, pertencentes ás primeiras epochas da idade dos metaes, são vulgares na Europa, abundantes até na Inglaterra, e alguns teem tambem apparecido em Portugal. [3]

A sua composição é uma liga metallica. Assim o estabelece a analyse chimica feita pelo nosso consocio snr. Sotero Simões d'Oliveira, como consta do seu relatorio que transcrevemos.

«Procedendo á analyse chimica d'uma pequena parte do fragmento d'esta lamina, pelo methodo indicado no tratado de analyse chimica qualitativa do ex.mo snr. Joaquim dos Santos e Silva,

---

[1] *Les âges préh. de l'Esp. et du Port.*, pag. 222, fig. 302.

[2] Obr. cit., pag. 221.

[3] Obr. cit., pag. 199-200, 220-221 e 236; *L'Âge du bronze*, de J. EVANS, pag. 500, 506 e segg.

verifiquei que o metal era uma liga do cobre e estanho, entrando este na proporção de 1 decigramma por 15 de metal empregado na operação.»

Temos, pois, uma liga de cobre e estanho, caracterisando o bronze.

A proporção de 1 por 14 é mais uma prova de que na composição do bronze prehistorico não entravam sempre as mesmas quantidades dos dois metaes. O snr. Burnouf cita muitas analyses que deram a proporção de um decimo d'estanho approximadamente, excepto em certos objectos de bronze mais duro, nos quaes a proporção era de um quarto. [1] O snr. J. Evans menciona outras em que o estanho appareceu em proporções muito variaveis, sendo umas vezes superior a 18 % e outras inferior a 5 % do peso total dos objectos; e explica as differenças, quer pela raridade accidental do estanho, quer pela desigualdade com que o estanho se distribuia na massa fundida ou pela perda que soffria este ultimo metal nas refundições. [2]

A forma que apresentam a nossa peça d'Alvaiázere e a de Porto de Mós não parece privativa da epocha do bronze no territorio de Portugal. O *Museu Prehistorico* dos snrs. de Mortillet, na fig. 920, estampa 82, representa uma arma semelhante, tendo tres orificios no espigão, como o exemplar de Porto de Mós. Eis a descripção que os auctores fazem d'esse objecto: — «Lame d'épée à languette, à trois rivets, coches latérales à la base, forte côte dans toute la longueur. Sépulture de Courtavant (Aube).» São precisamente os caracteres geraes das duas armas de Portugal.

Os snrs. de Mortillet attribuem a espada franceza á segunda das epochas em que dividem os tempos do bronze, isto é, á da estação ou thesouro de Larnaud, no departamento do Jura. Segundo as ideias expendidas por outros, a peça deveria antes pertencer aos primeiros tempos do bronze, por causa do espigão. Ouçamos, por exemplo, o snr. Burnouf. «Les épées, diz elle, et les poignards des prémiers temps du bronze étaient à soie et non à poignée métalliques. On nomme *soie,* dans la coutellerie, la pointe de métal qui traverse le manche sur sa longueur et qui est ordinairement rivée à son extrémité. Souvent dans ces armes primitives la soie ne pénétrait pas profondément dans la poignée; elle était large, courte et percée de deux ou de plusieurs trous que des rivets de métal traversaient.» [3]

Não comprehendemos, porém, como, sendo a arma da sepultura de Courtavant da epocha de Larnaud, e concordando o snr. Burnouf que esta epocha é a segunda e ultima do periodo do bronze, [4] podem os caracteres da mesma arma ser precisamente os da primeira epocha d'este periodo, a não admittir que semelhantes armas se usaram em todos os tempos do bronze.

A proveniencia da espada franceza está perfeitamente esclarecida, ao contrario do que acontece com o nosso exemplar. Os snrs. de Mortillet, na sua referida obra, representam a sepultura em que foi encontrada (est. 92, fig. 1139); e descrevem tudo nos termos seguintes: — «Sépulture par inhumation de Courtavant, à Barbuise (Aube). Le squelette était couché dans une caisse formée de murs en pierres sèches, ayant vers l'épaule droite une épingle en bronze; sur la poitrine une défense de sanglier; sur le bassin un couteau en bronze (fig. 877), entre les jambes une longue lame d'épée (fig. 920), avec bouterolle; aux pieds les tessons de deux vases en poterie, et sur le coté droit de la jambe de petits débris de métal.»

O comprimento da peça d'Alvaiázere desde os entalhes lateraes da base, onde começa o espigão, mede 0m,165. Seguindo a direcção dos bordos lateraes ou gumes, poderá talvez calcular-se em 0m,47 o comprimento total da lamina. A sua maior largura mede apenas 0m,034.

Para dar a uma lamina de taes dimensões o nome de espada, será preciso admittir, com os snrs. de Mortillet e outros, que «*les prémières épées ne sont que de grands poignards.*» [5]

---

[1] *Mém. sur l'ant.*, pag. 38.
[2] *L'âge du bronze*, pag. 456 e 460.
[3] Obr. cit., pag. 41.
[4] Obr. cit., pag. 29-30.
[5] *Mus Préh.*, pl. XIX.

Estação luso-romana da caverna do Bacelinho, na Serra de Alvaiázere

POR A. SANTOS ROCHA

Em outubro de 1896 contou-nos o snr. Polycarpo Marques Rosa, de Alvaiázere, que na serra proxima d'esta povoação fôra descoberta uma caverna; e que, penetrando n'ella, rompera em certo ponto a camada stalagmitica e encontrára debaixo carvões e ossos.

Esta noticia causou-nos profunda sensação. Quizeramos partir immediatamente, a fim de procedermos á exploração da caverna; mas nem n'essa occasião, nem depois, durante quasi um anno, pudémos realisar os nossos desejos.

Foi no mez d'outubro de 1897 que as circumstancias se dispozeram de modo favoravel a este projecto; e nós partimos então para Alvaiázere com os nossos consocios snrs. Francisco Ferreira Loureiro e Annibal de Brito Paes, animados das melhores esperanças no resultado da expedição.

Chegados no dia 5 d'esse mez á entrada da caverna, sentimos vontade de desistir perante o trabalho de desobstrucção, trabalho enorme, que se nos afigurava levar muitos dias. Entretanto a boa vontade dos serviçaes venceu as difficuldades; e nós conseguimos no mesmo dia começar a exploração.

De facto, em algumas horas desembaraçou-se a entrada e afastou-se para os lados o entulho do corredor immediato, de modo a pôr a descoberto o pavimento de rocha viva. Assim facilitado o accesso ao interior da caverna, fizemos atacar o solo em tres sitios, um em frente e a 6^{m} da entrada, outro pelo norte da extremidade da parede septentrional do corredor, e o terceiro na extremidade da galeria que segue para o norte, onde o snr. Marques Rosa tinha ferido a camada stalagmitica.

Como o tecto da caverna é muito baixo, a ponto de não podermos tomar a posição vertical, a não ser na sala central e em outra que lhe fica ao O, não nos servimos de archotes inflammados, para obtermos a claridade indispensavel. Preferimos a luz de grossas velas d'espermacete, agrupadas e fixas em placas de madeira.

Explorados aquelles sitios até á rocha viva, atacamos no dia 6, em alguns pontos, o solo do pavimento da sala central, e em seguida o da sala que se estende para a esquerda do corredor d'entrada.

Os resultados, porém, não recompensavam o trabalho, a despeza e o sacrificio que todos faziam em passar os dias em tal meio; e por isso no proprio dia 6 démos por finda a nossa exploração.

Todos os trabalhos, com excepção dos que se executaram n'aquella ultima sala, foram feitos na nossa presença; e não poucas vezes nos associamos aos serviçaes, empunhando as nossas picaretas. Só sahiamos da caverna para tomar alguma refeição ou o ar puro da montanha, ou para limparmos o rosto do pó ferruginoso que nos adheria á pelle. Por isso ficamos com a convicção de que nos pontos atacados ao O e N do corredor d'entrada nada mais poderia colher-se além do que nós encontrámos.

Provavelmente não seriamos mais felizes nos outros logares da caverna. A nossa escolha recahira em quatro sitios dos menos humidos, d'aquelles que o homem prehistorico teria naturalmente preferido para habitação ou para sepultar os seus mortos. As excavações provaram que essa escolha fora acertada, porque appareceram vestigios de que o homem estacionára alli; mas este não era o da idade da pedra, nem o do cobre, do bronze ou dos principios do ferro. Era o lusitano da epocha romana!

Foi provavelmente este que deixou na abobada do corredor d'entrada os vestigios do trabalho de picão que nella se notam, feito, sem duvida, para destruir fortes saliencias da rocha, que difficultariam o accesso ao interior da caverna.

Esta estação subterranea fica na Serra d'Alvaiázere, a NO da povoação, um pouco acima do logarejo da Porta, em um predio denominado Bacelinho, pertencente a Fernando Firmino, d'Alvaiázere. É aberta em um grés ferruginoso, tendo a entrada, que nós desobstruimos, voltada a E. Esta entrada é muito baixa e acanhada, tendo sido necessario, para tornar menos incommoda a descida, desfazermos um pedaço do resalto da rocha do pavimento.

As creanças e os caçadores da visinhança tinham já descoberto outra entrada, ainda mais difficil, para o lado do sul da nossa, por onde se havia penetrado no interior; e nós encontrámos lá dentro, para o lado do norte e na distancia d'alguns metros apenas, vestigios de mais duas aberturas obstruidas.

Em seguida á entrada está uma especie de corredor largo e baixo, orientado a EO e muito inclinado para O, medindo pela parede do norte 5^m, e pelo lado do sul, onde a abobada se abate sobre o pavimento, apenas 2^m approximadamente. Este corredor abre sobre um grande recinto, tambem muito baixo, que se alarga para a esquerda, isto é, para o sul, onde forma uma vasta sala; e para o norte parte uma larga galeria, que termina a 10^m approximadamente do mesmo corredor.

Tanto aquella sala como esta galeria cercam uma sala central, cuja abobada se eleva, em partes, a mais de $2^m,5$ e parece apoiar-se sobre pilares naturaes. Esta sala tem uma ramificação para O, e cerca pelo N e E uma outra sala, em nivel muito mais baixo, onde o solo estava em lama, postoque nos achassemos no mez d'outubro e a estiagem tivesse sido muito longa. Era este o logar mais humido da caverna.

Na sala onde desemboca o corredor d'entrada encontrou-se em frente d'esta um grande lar. Entre os carvões e cinzas recolheram-se ossos de carneiro ou cabra e de cabrito, veado e javali, fragmentos de telha de rebordo romana *(tegula)* e de vasos de barro feitos á mão, cuja pasta, misturada com grãos de quartzo e de spatho calcareo, apresenta os caracteres das louças encontradas nas estações lusitanas da epocha romana, que temos explorado no concelho da Figueira. Recolheram-se tambem alguns objectos de ferro, a saber: — uma ponta de lança *(cuspis)* com alvado e nervura longitudinal, muito deteriorada pela oxydação, que devia medir no comprimento mais de $0^m,25$, parte d'uma folha de faca *(culter)*, parte d'um gancho, um instrumento ponteagudo e uma pequena placa estreita e alongada.

Para o sul d'este lar, no meio da sala, onde o solo estava muito humido, abundavam os carvões, os fragmentos d'ossos d'animaes e de telhas romanas. Alli recolheram-se tambem alguns pedaços do bordo de varios dolios, esses grandes vasos de barro que serviam aos romanos para conterem vinho, azeite e fructos seccos.

Na galeria que se estende para o norte, junto á extremidade da parede septentrional do corredor d'entrada, encontrou-se outro lar, em que a espessura do deposito de carvões attingia mais de $0^m,4$. Ahi recolheram-se fragmentos de louça lusitana trabalhada á mão e de telha romana, um pequeno chocalho *(tintinnabulum)* feito de folha de ferro, com a respectiva aza, pela qual passava a correia que o suspendia ao pescoço do animal, tres fragmentos d'um instrumento cortante de ferro, largo e curvo, que parece ser uma fouce *(falx)*, parte d'uma placa de bronze e um instrumento de ferro, com largo alvado, que tem a fórma do *rallum*, ainda hoje usado pelos lavradores em algumas regiões do nosso paiz. A lamina é trapezoidal, e alvado conico.

Esta ultima peça, tambem faz lembrar algumas hachas com azelhas da epocha do bronze.

Na extremidade septentrional da galeria encontrou-se outro lar, por debaixo d'uma camada stalagmitica com a espessura média de $0^m,005$. No meio dos carvões appareceram fragmentos de louça lusitana trabalhada á mão e d'um vaso com pasta semelhante trabalhada á roda. Nas estações lusitanas da epocha romana, exploradas no concelho da Figueira, são vulgares os restos d'estes vasos indigenas trabalhados á roda, verdadeiras imitações da ceramica romana.

Em fragmentos d'um dos vasos trabalhados á mão existem grossos traços a tinta negra, conjugados entre si, mas sem uma disposição comprehensivel para nós.

No mesmo deposito recolheu-se um bocado de chumbo, cahido em estado de fusão sobre a areia do solo da gruta. A natureza do metal foi verificada pela analyse chimica que fez o nosso consocio snr. Sotero Simões d'Oliveira.

Na sala central fizeram-se duas excavações, uma do lado do NE, junto á bancada de rocha que se segue no meio do pavimento, e outra do lado do sul, onde o solo estava juncado de pedras.

Na primeira encontramos o solo muito duro, coberto superficialmente, junto a uma pequena anfractuosidade da rocha, por uma camada stalagmitica, com a espessura maxima de $0^m,02$. Esse solo era formado, como no resto da caverna, pela areia ferruginosa resultante da desaggregação

da rocha, areia que envolvia grandes fragmentos cahidos provavelmente do tecto da caverna. Por debaixo da camada stalagmitica encontramos carvões e alguns fragmentos de ossos de animaes com vestigios de fogo. Avançando com a excavação para um pilar proximo, recolheram-se pedaços de dois pratos côvos romanos, feitos de barro vermelho, com o bordo vertical, indicando um diametro superior a 0m,3, que se achavam a mais de 0m,4 de profundidade.

Na excavação do sul apenas se recolheram, entre as pedras, alguns fragmentos de ceramica lusitana trabalhada á mão.

Estas descobertas são bastantes para provarem que a caverna serviu muitas vezes de abrigo a gente lusitana, pastores, caçadores ou guerreiros, na epocha romana.

Novos vestigios romanos no valle inferior do Mondego e immediações

POR A. SANTOS ROCHA

Em fins do ultimo anno e principios do corrente dirigimos as nossas pesquizas para S. Martinho d'Arvore, sobre os campos do Mondego, e para o povoado de Portunhos, sito em um valle do concelho de Cantanhede, que vae desembocar nos mesmos campos.

Informações do nosso socio snr. José Maria Luiz d'Almeida nos guiaram nos trabalhos que fomos emprehender naquella primeira estação; e foi o snr. conselheiro José Luiz Ferreira Freire que nos assignalou diversos vestigios da antiguidade na segunda e suas immediações.

Graças a estes cavalheiros nós podemos agora addicionar á noticia que haviamos publicado sobre os vestigios romanos no valle do Mondego e suas visinhanças, [1] mais duas estações luso-romanas, cujos restos vamos descrever.

S. MARTINHO D'ARVORE. Ao sul da povoação, no sitio da Amoreira, em um terreno plantado de oliveiras, que foi do fallecido Dr. José de Moura, encontramos numerosos fragmentos de *tegula* e de *imbrex*, isto é, de telha de rebordo e de telha curva romanas, assim como alguns restos de vasos, que tambem nos pareceram romanos.

As excavações feitas em diversos pontos mostraram que o seio da terra fora expurgado de diversas substrucções. Nós descobrimos ainda um resto de muro d'alvenaria secca, junto do qual estavam telhas de rebordo partidas e diversos pesos de tear, feitos de barro, com forma quadrilonga ou trapezoidal, de secção quadrangular, e com um ou dois orificios de suspensão, semelhantes aos que já tinhamos colligido no concelho de Nellas. [2]

Soubemos alli que essas substrucções eram depois de muitos annos exploradas para obter pedra d'alvenaria; e um arrendatario da parte occidental do terreno affirmou-nos ter destruido muitas sepulturas cobertas com grandes lages. De facto em diversos sitios encontramos fragmentos d'ossos humanos.

Proximo d'esse local, junto ás casas do povoado, encontraram-se em montes de pedras e empregados nos muros, além de fragmentos de telhas e diversos pesos de tear, grandes pedaços do *opus signinum*, essa especie de pavimento feita com argamassa e miudos cacos ou cascalhos, que temos visto em muitas estações romanas. [3]

Encontraram-se alli tambem restos de mós de moinho *(mola manuaria)* e alguns tijolos triangulares com um dos lados convexo. Cada um d'estes tijolos forma a sexta parte d'um circulo. Serviam aos romanos, como é sabido, para construirem columnas.

Nós já haviamos colligido esta variedade de tijolos em ruinas romanas do Algarve; mas ahi cada tijolo formava um quarto de circulo. [4]

---

[1] Vide as nossas *Mem. sobre a ant.*, pag. 243 e seg.
[2] Vide *Mem.* cit., pag. 239-240.
[3] *Mem.* cit., pag. 165, 179, 183, 217, 219 e 249.
[4] Obr. cit., pag. 184.

No proprio olival onde fizemos as excavações, em um monte de pedras arrumado contra uma das arvores, recolhemos ainda uns fragmentos de ceramica, que não sabemos explicar. Teem a configuração de pedaços de telha curva, mas com extrordinaria espessura e de grande diametro, muito superiores aos dos maiores telhões romanos que conhecemos.

Estes objectos seriam restos d'uma *arca* de barro, em que fora sepultado algum cadaver? Rich cita caixões mortuarios d'esta especie.

PORTUNHOS. A 200 metros approximadamente para o sul da igreja matriz d'esta povoação, ao lado direito do caminho e em predio de Francisco Gomes Leitão, puzemos a descoberto as ruinas d'um forno romano de fundição de ferro.

Era o *caminus* ou a *fornax æraria* de que fallam os auctores antigos? Rich, fundando-se em Plinio, parece dar indistinctamente estes nomes a todo o forno de fundição de metaes; e, embora possa dizer-se que o escriptor romano só refere o segundo ao forno de fundição do cobre, [1] e o termo *caminus* a alguma parte da obra, [2] é certo que aquella nomenclatura é fielmente reproduzida por outros archeologos. [3]

Fig. 5.

Nós damos a planta, desenhada por approximação, d'essas interessantes ruinas. O recinto media mais de 2m no seu eixo maior de E a O. Achava-se estabelecido sobre a rocha viva, que nos pareceu ser o grés, com ligeira inclinação para o lado do O.

Subsistia apenas parte do envasamento da construcção. O recipiente onde se collocava o mineral, por cima da fornalha, fôra destruido pouco tempo antes. O snr. conselheiro Ferreira Freire ainda o viu, e informou-nos que tinha a forma e o aspecto d'um grande vaso de barro. Devia ter occupado uma posição elevada ao meio do recinto, a seguir para E do canal *b*, onde abundavam os carvões e as pesadas escorias da fundição.

O envasamento das paredes, *a, a, a,* era formado em parte pela parede da propria excavação na rocha viva, e em parte por pedras de grés ou tufo, alguns tijolos e *adobos*, e principalmente fragmentos de telhas, tudo cimentado com argilla, e com manifestos vestigios de fogo e de haver soffrido uma alta temperatura. Era sem duvida a fornalha.

O emprego dos adobos em fornos luso-romanos já nós tinhamos notado no concelho da Figueira. [4]

O canal *b*, pertencente á bocca da fornalha, era formado por duas pedras aparelhadas, com o comprimento de 0m,47, afastadas entre si 0m,5 na extremidade do O e 0m,65 na de E.

No sitio *c* descobriu-se uma especie de cano feito com telha curva *(imbrex)* envolto em argilla. Serviria para dar passagem ao metal em fusão? A falta de vestigios do fogo não nos permitte adoptar a affirmativa.

Mais para o sul, no sitio da Pardala, em uma encosta voltada a E, pertencente ao predio de Maria Garrida, descobrimos uma excavação circular no grés, com o diametro de 2m,8 approximadamente e profundidade de 1m a 1m,25, tendo uma abertura para E, que media 0m,8.

No fundo encontrámos carvões e restos de *tegula* e de *later*.

Era o envasamento d'um forno de coser telha e tijolo.

Com a forma circular é o segundo forno luso-romano de coser telha que temos encontrado. [5]

---

[1] *Hist. Nat.*, XI, 42.
[2] Obr. cit., XXXIII, 21, 4.
[3] Vide por ex. a *Dicc. gén. de l'archéol.*, de E. BOSE.
[4] *Mem.* cit., pag. 264.
[5] *Mem.* cit., pag. 259 e seg.

Signaes gravados em lages

POR GOLTZ DE CARVALHO

O retabulo e altar da Senhora do Carmo, na igreja matriz de S. Pedro de Buarcos, descançam, em parte, sobre uma lage onde se veem meio descobertos uns signaes gravados que, pela exquisitice da forma, chamaram a minha attenção, parecendo-me encontrar n'elles alguma analogia com os *signaes esculpidos em pedra* de que o erudito archeologo snr. dr. J. Leite de Vasconcellos largamente se occupou no seu interessante livro — *Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 350 e seguintes — e tambem com alguns dos que veem publicados nas *Antigüedades prehistóricas de Andalucia*, de Don Manoel de Góngora y Martinez.

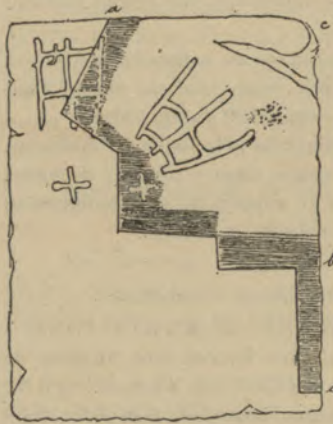


Fig. 6. — Lage da igreja de S. Pedro
a, *b*, *c*, parte occulta pelo retabulo da Snr.ª do Carmo; *b*, *d*, altar

A lage é de calcareo e mede 0m,79 de comprimento por 0m,63 de largura com 0m,09 de espessura, tendo sido previamente apparelhada antes de receber os signaes que foram grosseiramente abertos com instrumento de metal n'uma profundidade média de 0m,005. Para os copiar tive de entrar dentro do retabulo, que é de madeira e obra do seculo passado, pela abertura da urna onde encaixa a pedra de ara. Não se pode admittir que estes signaes tenham qualquer relação com a obra do altar, nem mesmo que fossem feitos como ornato, ou por mero divertimento. É de crer que antes da reedificação da igreja a lage existisse já com as gravuras que actualmente tem em outro logar, de onde depois a removessem para o sitio em que está.

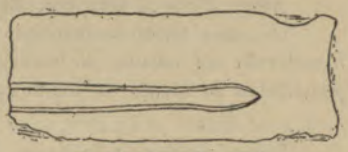


Fig. 7. — Lage da capella de Nossa Senhora da Conceição

A meio da capella da Senhora da Conceição da mesma localidade, defronte da porta travessa, encontra-se tambem uma pequena lage de calcareo com 0m,66 de comprimento e 0m,25 de largura com um signal em forma de lança.

Não descobri indicio algum do fim para que estes signaes fossem feitos, nada conseguindo tambem da tradição popular; comtudo parece-me pelos locaes em que ambas as lages se encontram, que estas em tempo serviram para cobrir algumas sepulturas e que os signaes que ainda conservam fossem empregados como emblemas de remotissima tradição religiosa.

Inscripções e emblemas existentes nos sinos das egrejas do concelho da Figueira

POR PEDRO FERNANDES THOMAZ

São extremamente modestos, pouco offerecendo de notavel, os monumentos de architectura religiosa existentes no concelho.

Á excepção das ruinas da egreja do antigo convento de Seiça, obra grandiosa do seculo XVII, epocha em que o edificio, fundado no seculo XII por D. Affonso Henriques e por elle doado aos monges de Cister, foi reedificado, e de alguns fragmentos decorativos que escaparam n'uma ou n'outra egreja mais antiga aos estragos do tempo e á ignorancia dos restauradores (Egreja de Santo Antonio na Figueira, Matriz e Misericordia de Buarcos, etc.), o artista ou archeologo pouco encontram que lhes prenda a attenção.

Apesar da antiguidade de algumas povoações do concelho, de que ha noticias já no seculo IX (Quiaios) e XI (Tavarede, Buarcos), a pobresa tradicional dos habitantes do littoral entregues continuamente aos rudes labores da pesca, nos das povoações do interior a lucta com um solo pouco productivo, que mal daria para o sustento das pobres familias de então, juntas ao atraso intellectual d'estes povos, affastados das terras d'onde irradiava uma tal ou qual civilisação, explicam talvez a falta de monumentos artisticos coévos.

Do pouco que existe procuraremos comtudo dar noticia em differentes communicações, que encetamos hoje com a descripção e registo das inscripções e emblemas existentes nos sinos das differentes egrejas do concelho.

A invenção dos sinos parece datar de epocha bastante remota, referindo-se a elles muitos escriptores da antiguidade, entre elles varios historiadores gregos e romanos.

Parece todavia que elles eram empregados mais em usos profanos do que sagrados, servindo em Roma, por exemplo, para indicar a abertura dos mercados, banhos publicos, etc.

Como se sabe não existiam sinos nos templos consagrados aos Deuses, mesmo porque eram inuteis, visto ser individual o exercicio do culto, e ter cada um o seu dia destinado para os sacrificios e praticas religiosas. Isto explica tambem as pequenas dimensões que tinham a maior parte d'estes templos.

Foi o christianismo, cujo culto é collectivo, que, tendo necessidade de annunciar aos fieis a occasião das praticas religiosas, lançou mão, para este fim, dos sinos, sendo tradição que foi Paulino, bispo de Nola, quem introdusiu nas egrejas o seu uso, pelos annos 400 da era christã.

Antes d'isso a hora dos officios divinos era geralmente annunciada pelo toque de matracas.

Os sinos foram ao principio collocados n'um pequeno campanario sobre o telhado, de forma a poderem ser tocados do interior da egreja. As primeiras torres só apparecem em monumentos posteriores ao seculo VII, tendo variado muito a sua posição com relação ao edificio.

Egreja matriz da Figueira. *Sino grande.*—Tem os seguintes dîseres e emblemas:

1.º—Uma cinta ornamentada; 2.º—uma cinta que diz: ⊞ jHS—⊞ MARIA JOSE—⊞ 1782; 3.º—na face externa uma cruz ornamentada; 4.º—na face interna uma imagem da Virgem em relevo; 5.º—n'um quadrado a seguinte inscripção: FEITO SENDO D.ºm ABB.e Or.mo P.e M.e D.º Fr. BERNARDO DO SALVADOR; 6.º—Segue uma cinta com estes diseres: ⊞ FUGITE ⊞ PARTES ⊞ ADVERSAE ⊞ ECCE ⊞ CRUCEM ⊞ DOMINI—

Em um pequeno quadrado o nome do fabricante do sino—JOANNES FERREIRA LIMA=ME FECIT=BRACHARAE

Logo abaixo uma cinta ornamentada.

Sino mais pequeno.—1.º—Uma cinta ornamentada; 2.º—outra cinta com estes diseres: POR ORDEM DOS MESARIOS DA CONFRARIA DAS ALMAS DA VILLA DA FIGUEIRA=ALMAS=SEBASTIÃO SARILHO—ME FES—MES OUTUBRO—1820; 3.º—outra cinta com os diseres: IN=HOC=SIGNO=VINCES.

Sineta.—Tem apenas uma cinta que diz: JHS—MARIA JOSE—1783.

Capella da Ordem Terceira. *Sino grande.*—1.º—Uma cinta ornamentada; 2.º—outra cinta com os diseres: IN <> HOC <> SIGNO <> VINCES <> 1850; 3.º—uma cinta ornamentada; 4.º—na frente do sino uma cruz ornamentada; 5.º—por baixo outra cinta ornamentada; e um pequeno quadrado com o nome do auctor: JOSE AMARO DIAS DE CAMPOS—Em volta outro lettreiro que já não se percebe.

Sino mais pequeno.—Tem os mesmos diseres.

Sineta.—Tem uma cinta com os seguintes diseres: DELAKANAL <> DEIESOS <> 1684. Duas cruzes, uma em frente, outra na parte opposta.

Egreja matriz de Tavarede. *Sino grande.*—Tem na parte superior uma cruz e a inscripção—IHS—ao lado direito—MARIA JOSE... ANNO DE 1791

Sino pequeno.—Em volta tem a seguinte inscripção: IN HOC SIGNO VINCES—1830 Ao centro, uma cruz.

Buarcos—Egreja matriz *(S. Pedro). Sino grande.*—Do lado interior da torre as chaves de S. Pedro, em cruz; do lado exterior, uma cruz; por cima d'estes emblemas a seguinte inscripção: * SANCTE * PETRE * ORA * PRONOBIS * ANNO * DE * 1740.

Por baixo das chaves e da cruz tem a seguinte inscripção: ECCE CRUCEM * DOMINI * FUGITE * PARTES * ADVERSÆ * (Este sino está quebrado).

Sino pequeno.—Da parte de fora tem uma cruz em relevo. Por cima da cruz tem a seguinte inscripção: IHS * MARIA * JOSE 1800 ****

Por baixo da cruz, esta inscripção:

SEBASTIÃO
SORILHA ❋
ME FES ❋ CA
NTANEDE

Egreja de Santa Cruz *(Extincta matriz da villa de Redondos). Sino grande.* Para o lado exterior tem uma cruz em relevo, e para o lado voltado para o interior da torre tem uma imagem em relevo da virgem com o menino Jesus nos braços e tres anjos aos pés; por baixo differentes animaes; na parte inferior um coração em relevo, com os seguintes diseres: IHS—FANCI —SCO LOPES ME FES + DE CATAMH + EDE—Em volta do coração:

DE CAN + TANEDE

Por cima da figura da Virgem tem esta inscripção:

IN * SIGNO * VINCES * ANNO * D * 1854 *

Sino pequeno.—Pela parte de fora tem uma cruz em relevo, e pela parte virada para dentro um coração egual ao do sino grande. Por cima da cruz tem a seguinte inscripção: BELLA CRUZ * DE * BUARCOS * IN * HOC * SIGNO * VINCES * ANNO * D * 1854

Capella da Misericordia. Tem uma cruz em relevo, e por cima d'ella a seguinte inscripção: NISERICORDIA * DOMINUS * INETERNON * 1786

Egreja matriz de Quiaios. *Sino grande.*—Uma cinta ornamentada e por baixo os seguintes diseres:

LAUDATE × DOMINUM × JN × CIMBALIS ×
BENE × SONANTIBUS × ANNO DE 1787 ×

Por baixo d'esta inscripção:

ANDRE × E × JOAM DOS × ARCOS × ME × FISERON *

Os dois sinos mais pequenos, teem ambos uma cruz, com os seguintes diseres:

IN × HOC × SIGNO × VINCES *

Por baixo:

JOAQUIM DIAS DE CAMPOS × ME FES

Egreja matriz de Brenha. *Sino grande.*—Uma cruz em relevo, e por baixo os seguintes diseres:

IN + HOC + SIGNO + VINCES + 1828

Sino pequeno.

SANTEOTONIO × DE × BRENHA * ANNO DE 1788

Egreja matriz das Alhadas. *Sino grande.*—Uma cruz em relevo, com os seguintes diseres:

IN × HOC + SIGNO × VINCES + 1876 + JOA
QUIM SORRILA + DE CAMPOS + ME FES

No sino do nascente os seguintes diseres: 1843 + IN + HOC + SIGNO + VINCES uma cruz em relevo, e a inscripção:

JOSE AMARO DIAS DE CAMPOS + DE CANTANEDE + ME FES

No sino do norte, uma cruz, e a seguinte inscripção:

1882—IN + HOC + SIGNO + VINCES

Egreja matriz da Ferreira. *Sino grande.*—Na frente do sino, uma custodia em relevo, com dois castiçaes e dois vasos de flores aos lados. Por baixo esta inscripção:

ECCE CRUCEM + DOMINI + JOAQUIM AMARO DA FONSECA +
MISEREMINI MEI + AMICI MEI—
IRMANDADE DAS ALMAS DA FERREIRA + 1868

Sino medio.—Tem a seguinte inscripção:

ECCE CRUCEM + DOMINI + EGO CIMBALUM PANIS VIVI
+ QUI DE COELO DESCENDIT +
SANTISSIMO DA FERREIRA + 1868 +

Sino pequeno.—Tem esta inscripção:

ECCE CRUCEM + DOMINI QUOTIESCUMQUE SONVERO
+ MISERICORDIAS DEI ANNUNTIABO +
PAROCHIA DA FERREIRA + 1868

Egreja matriz de Maiorca. Tem 4 sinos, tres dos quaes com uma cinta ornamentada em volta, uma cruz em relevo, e a seguinte inscripção egual em todos:

CANDIDO RODRIGUES BELLAS—LISBOA 1856

Sino pequeno.—Tem a seguinte inscripção:

FRANCISCO CARDOSO MOTTA + FIGUEIRA DA FOZ + 1896 +

Egreja matriz de Villa Verde. *Sino grande.*—Uma cruz em relevo, com a seguinte inscripção:

IN HOC SIGNO VINCES + ANNO DE 1882
ANTONIO DIAS DE CAMPOS ME FES AIM CANTANHEDE

Sino pequeno.—Uma cercadura em relevo, e os seguintes diseres:

JOSE MARIA AMARO—ANNO DE 1783

Egreja matriz de Lavos. *Sino grande.*—Uma imagem em relevo da Virgem com o menino ao collo.—Em baixo uma cruz em relevo, e as seguintes inscripções:

IN + SIGNO + VINCES—1878
A JUNTA DE PAROCHIA DE LAVOS ME MANDOU FAZER

Em volta d'uma grinalda em relevo, um pouco mais abaixo:

ANTONIO DIAS CAMPOS SORRILHAS + ME FES EM CANTANHEDE

Sino medio.—Os mesmos diseres e ornatos com excepção da data que é 1887.

Sino pequeno.—Uma cruz em relevo com os diseres:

IHS + MARIA & JOSE ANNO DE 1763—

Egreja matriz de Paião. *Sino grande* (1.º).—Tem uma cruz em relevo, e por baixo a seguinte inscripção:

ECCE CRUCEM DOMINI—1867

Sino medio (2.º).—O mesmo ornato e inscripção do antecedente, e a data 1878.

Sino medio (3.º).—Uma cruz em relevo e a inscripção:

JESUS + MARIA + JOSE—1878 CANTANHEDE

Sino pequeno.—Uma cruz em relevo e a data 1878. Do lado opposto a inscripção:

IN HOC SIGNO VINCES

Foi isto o que mais interessante encontrei de inscripções e ornatos nos sinos das differentes egrejas do concelho, e que sem alteração reproduzi.

Um azulejo do seculo XVII

POR FERREIRA LOUREIRO

O azulejo é uma imitação do mosaico. Os pequenos cubos de vidro e de faiança esmaltada de mil cores e reflexos metalicos com que, desde a maior antiguidade, se fabricavam os admiraveis mosaicos, representando um sem numero de assumptos, foram mais tarde substituidos pela placa de revestimento — o azulejo. Os arabes, muito habeis em se apropriarem das industrias dos outros, aprenderam na Syria o fabrico das faianças esmaltadas e transportaram-o para os paizes que foram conquistando.

Foi em Hespanha onde esta industria tomou maior desenvolvimento. Os azulejos, n'este paiz, datam da invasão dos arabes; e, quando em 1038 os Almoravides e Almohades se estabeleceram em Granada, encontraram já a Mesquita de Cordova revestida com azulejos do mais bello effeito.

Mais tarde Mohamed-ben-Alhamar, primeiro rei de Granada, construindo no fim do seu reinado, em 1273, o encantador palacio da Alhambra, empregou na sua ornamentação placas esmaltadas, primorosamente ornadas com a divisa dos reis mouros *Só Deus é forte.*

É certo que os hespanhoes, successores afinal, herdaram dos mouros a industria da ceramica, pois que se deu alli justamente o caso de serem os conquistados que civilisaram os conquistadores.

Malaga, situada na embocadura do Guadajara, visinha de Granada, com relações por todo o Oriente, foi o maior centro de ceramica.

Um documento de Ibn-Batoutah de Tanger escripto em 1350 diz que se fabricava em Malaga a bella louça dourada, a qual se exportava até aos paizes mais longinquos.

Em 1564 o reino de Valencia possuia um grande numero de fabricas. A cidade de Biar tinha 14; Trazguera, 28; Manisés, segundo resa um documento de 1617, fabricava faianças tão bem douradas e pintadas com tanta arte que seduziam o mundo inteiro.

Os escriptores dos ultimos dois seculos citam particularmente esta cidade como a principal productora de azulejos ou *razolas* — placas de revestimento.

Fig. 8.

É innegavel que Portugal, n'este ramo d'industria tratado com tanto successo como em Hespanha, possuia grande numero de fabricas. Por toda a parte, ainda hoje, se encontra a applicação do azulejo. As igrejas, os conventos, os edificios publicos, grande numero de casas particulares eram quasi inteiramente revestidas com azulejos.

Representavam-se scenas sacras e historicas, o genero, as batalhas, a paizagem, as marinhas, caçadas, ramos de flores, arabescos, etc. E note-se que alguns d'estes quadros ceramicos eram verdadeiras obras d'arte, já pelo desenho, já pela composição e expressão.

Seriam os portuguezes os proprios iniciadores d'esta fabricação, ou antes d'esta arte, que era inaugurada ao mesmo tempo por todas as nações esclarecidas? Viria de Hespanha? Da Italia?

O passado d'esta industria está envolvido em densas trevas, e assim permanecerá até que um segundo barão de Davillier venha estudar a nossa ceramica e dar-lhe certa luz como aconteceu com a ceramica *Hispano-mouresca.* O portuguez é geralmente applicado e estudioso; mas falta-lhe o espirito de unidade no trabalho: guarda, quasi sempre, para si o resultado das suas investigações, e quando apparece alguem com desejo de profundar certos ramos de conhecimentos, acha-se completamente só, sem o mais leve indicio que lhe aponte o rumo a seguir.

É por isso que as associações, em que todos os socios concorrem com os seus estudos e descobertas, são de grande alcance, e honra seja ao nosso consocio e amigo Dr. Rocha de quem partiu a iniciativa d'esta sociedade.

Ao norte de Portugal o typo de azulejos, que mais predomina, é o do seculo XVII, com pintura azul e amarella sobre fundo branco. Foi d'Italia que proveio a applicação d'esta ul-

tima côr ás placas de revestimento, e que por isso ainda hoje, vulgarmente, se chama — amarello italiano.

É para um d'estes exemplares, cujo desenho aqui juntamente apresento, que tenho a honra de chamar a attenção dos meus consocios.

Haverá cerca de poucos annos extinguiu-se, na Villa de Caminha, a ultima freira que existia ainda no convento de Santa Clara. Por essa occasião estavamos nós n'aquella Villa, e, sendo-nos franqueada a entrada do convento, fomos vêl-o.

Este edificio não seguia ordem alguma architectonica: voltado a Hespanha, a sua construcção pesada, as suas grossas e elevadas paredes de cantaria, a côr escura do granito, as heras, que em longos festões pendiam dos cunhaes e architraves, davam-lhe aspecto mais de antiga fortaleza, que de habitação religiosa. Interiormente não tinha uma columna, um capitel, um simples ornato. As paredes completamente nuas, os telhados a desabarem, os solhos rôtos, os emmadeiramentos carcomidos. Extensos corredores ladeados por cellas, que out'rora haviam sido habitadas pelas monjas, cahiam em pedaços. Foi n'um d'estes corredores, em que havia varias cruzes, feitas nas paredes com azulejos, que encontramos aquelle em que acabamos de fallar.

Mede elle 14 centimetros por lado, com 10 a 12 millimetros d'espessura. Metade da sua superficie está aguarellada a azul cobalto e, na parte superior, ha um ornato traçado por linhas escuras e com pintura amarella. Na parte inferior, occupando um terço da superficie total, existe uma faixa esmaltada a branco e circumscripta por linhas horisontaes, onde se lê, em azul escuro, a era 1681.

Ora se attendermos á imperfeição com que foram dadas as aguadas coloridas, á pouca firmeza das linhas horisontaes, ao tremido das curvas do ornato, que mostram claramente não terem sido traçadas com estampilhas, mas sim por mão inexperiente, poderemos concluir que, em 1681, o fabrico do azulejo no nosso paiz, ou pelo menos n'algumas fabricas do nosso paiz, estava em decadencia.

As moedas recolhidas nas sepulturas do sitio da Egreja Velha, no Negrote

POR ANTONIO A. DUARTE SILVA

Foram offerecidas á Sociedade Archeologica da Figueira pelo nosso amigo José Assalino, do Negrote, 36 moedas de cobre e uma de bilhão encontradas em sepulturas do sitio da Egreja Velha, no Negrote.

Muitas d'estas moedas estão adherentes a um tecido grosseiro de linho, n'outras ha vestigios d'elle e nas restantes cobre-as uma espessa camada de oxydo. Limpei algumas para melhor as poder classificar, sendo o resultado da classificação o seguinte:

1 dinheiro de D. Sancho II. 1223-1248	1 ceitil de D. Manoel 1495-1521
3 ceitis de D. Affonso V. 1438-1481	4 moedas de tres reaes de D. João III. 1521-1557
2 ceitis de D. João II. 1481-1495	1 moeda de dez reaes de D. Sebastião. 1557-1578

5 moedas de cinco reaes de D. Sebastião. . . . 1557-1578

Encontra-se apenas uma moeda de D. Sancho II, 1223-1248, havendo depois um enorme salto para D. Affonso V, 1438-1481, seguindo-se os quatro reinados immediatos, todos regularmente representados, o que me leva a crêr que a necropole data do seculo XV — 1438-1481 e foi até ao seculo XVI — 1557-1578, ou mesmo além de 1578, porque as moedas de D. Sebastião estão muito gastas pelo uso, e as moedas d'este rei correram ainda no reinado de D. Antonio, como se vê da lei de 14 de julho de 1580, que mandou recolher toda a moeda de oiro e prata dos reinados anteriores para ser fundida, impondo as penas dos que usavam moeda falsa áquelles que, de 15 de agosto em deante, pagassem ou recebessem a dita moeda antiga, e conclue determinando que continuassem na circulação as moedas de cobre até então correntes.

Não se encontra tambem documento, nem o menor indicio de Filippe I ou II haverem em Portugal cunhado moeda de cobre; apenas no tempo do III se mandaram fazer alguns ensaios, — 1621-1640.

As moedas, que se conservam por limpar, são exemplares eguaes aos classificados, de D. Affonso V a D. Sebastião, mas o maior numero d'este rei.

NOTAS ETHNOGRAPHICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA

A PESCA EM BUARCOS

A industria da pesca exerce-se com mais ou menos intensidade nas differentes povoações do concelho da Figueira situadas no littoral, empregando-se neste mister centenas de familias que dos proventos da pesca, por veses tam escassos, tiram a sua magra subsistencia.

Os pescadores constituem uma numerosa e interessante população, laboriosa e docil, em que prodominam as boas qualidades, apesar da pouca ou nenhuma instrucção que possuem, e de viverem afastados de todo o convivio social, entregues unicamente ao improbo labôr quotidiano, em lucta constante com as ondas, sepultura ignorada de muitos d'elles.

Fig. 1. — Lancha poveira

A população de Buarcos, pequena villa situada a 3 kilometros da Figueira, ao fundo da linda enseada que se estende até ao sopé do monte que forma o Cabo Mondego, compõe-se quasi toda de individuos que exclusivamente se entregam á industria da pesca e d'ella se sustentam.

Nos processos por elles empregados para o exercicio d'esta industria, bem como nos barcos e apparelhos respectivos, poucas innovações tem havido, conservando-se o typo tradicional de uns e outros desde epocas muito remotas.

A povoação de Buarcos data, com effeito, de grande antiguidade, havendo noticia da sua existencia muitos seculos antes de começarem a povoar-se as terras junto á foz do Mondego, terras em que depois se edificou a actual cidade da Figueira.

Ha mesmo referencias a Buarcos como *praia abundante em pescaria* em documentos muito anteriores á constituição de Portugal como nação independente.

Nas ligeiras notas que vão ler-se, procuramos dar uma idéa da maneira como se exerce actualmente a pesca naquella povoação, quaes os barcos e apparelhos empregados, tanto na pesca do alto como na costeira, quer seja feita com rêdes de arrasto, quer com outras rêdes, anzoes, fisgas, etc.

I — PESCA DO ALTO

A pesca do alto consiste principalmente na captura da pescada, de fevereiro a novembro, e na safra da sardinha, de novembro a principios de fevereiro. O peixe de outras especies é pescado durante todo o anno pelos mesmos pescadores que tripulam os barcos da pescada e da sardinha.

Barcos. — Os barcos usados em Buarcos para a pesca do alto são de duas especies: *Lanchas poveiras,* ou simplesmente *Poveiras* e *Lanchas* ou *Barcos da pescada.*

As Poveiras, assim chamadas por serem de egual typo ás usadas pelos pescadores da Povoa de Varzim, são barcos de duas prôas com a roda de prôa curva, abertas, e com um pequeno baileu.

Teem só um mastro, onde armam uma grande vela latina quadrangular de lôna, de 70 a 80

metros, envergada n'uma verga muito comprida, e 6 bancadas onde armam 12 remos. São tripuladas por 18 a 25 homens.

As dimensões destes barcos são ordinariamente 12 a 13 metros de comprimento, 4 de bocca e 1m.50 de pontal.

Ha umas lanchas mais pequenas, os *Bateis*, que teem a mesma armação, vela, etc. As suas dimensões ordinarias são de 10 a 11 metros de comprimento, 3m.50 de bocca e 1m.30 de pontal, e são tripulados por 10 a 18 homens.

Barcos da pescada (Lanchas).—Estes barcos, que se empregam principalmente na captura da pescada, são abertos, teem duas prôas, com a roda de prôa um tanto curva, a borda alta, e a roda de ré ou cadaste cahindo com pequena inclinação sobre a quilha.

O seu apparelho consiste em dois mastros bastante inclinados para vante, um onde arma a vela grande, outro onde arma a mesêna, ambas de forma quadrangular. Em calmaria, ou para aportar a terra, armam 10 remos, cinco por banda.

A tripulação varia conforme o numero de rêdes que os barcos levam para a pesca, não sendo todavia inferior a 10 homens, nem superior a 25.

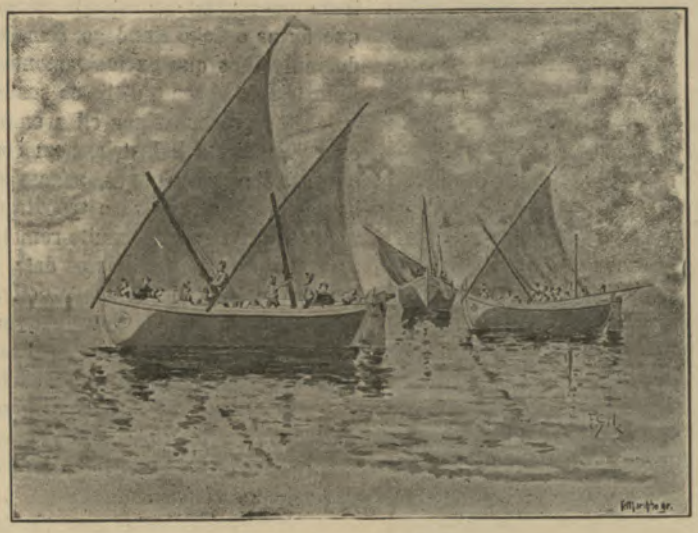


Fig. 2.—Barcos da pescada

Ha em Buarcos dois typos d'estes barcos: um, o maior, tem 12 a 13 metros de comprimento e 1m.40 de pontal; o outro, mais pequeno um pouco, tem de comprimento 10 a 11 metros, e 1m.20 de pontal.

Rêdes. Rèdes de emalhar permanentes. — *Rêde da pescada (Volante).* — Tem a forma rectangular, e 50m de comprimento, pouco mais ou menos, ficando a rêde, depois de entralhada, redusida quasi a metade. Mede 7m de altura, e o lado da malha 0m.06 approximadamente.

Tem 46 fluctuadores de cortiça dispostos na tralha superior, e na inferior, de espaço a espaço, 18 pedras, e mais 3 maiores, uma no meio e duas nas extremidades.

Estas rêdes são lançadas muito longe da costa, ás veses a 50 e mais kilometros e a profundidades que variam entre 90 e 150m, e são dispostas verticalmente em longas caças ou apparelhos de 50 a 80 rêdes cada um, a cujas extremidades estão presos cabos, e nelles amarradas grandes boias de cortiça (3 em cada caça—uma ao centro e duas aos lados) tendo espetadas varas, em cujas pontas se atam molhos de carqueja, de loureiro, etc. para marcarem o sitio onde estão as rêdes, e distinguir as das differentes companhas. A tralha inferior assenta no fundo, e á superior estão presas as grande boias, que se chamam—*do Norte, do Sul* e *Sámenina.*

Estas rêdes são lançadas de dia, indo os pescadores levanta-las passado um ou dois dias, guiando-se, para as encontrarem, pelos signaes collocados nas boias, e por outros signaes de terra que marcam á ida, e que lhes servem depois para se orientarem no rumo que devem seguir.

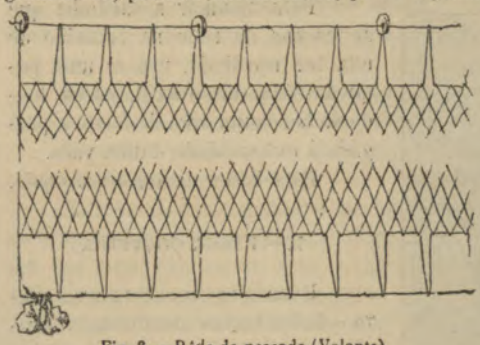


Fig. 3.—Rêde da pescada (Volante)

Cada barco leva, pelo menos, 18 d'estas rêdes, pertencentes aos donos, e cada pescador tem o direito de levar 2, sendo o producto do que nella apanhar para si. Se quiser levar mais duas, ha de dar meio quinhão ao dono do barco.

Rascas.—Rêde de emalhar, de forma rectangular, e de malha maior do que o *volante* ou rêde da pescada. É entralhada pelo lado maior com cabos de 40 metros, e a sua altura é approximadamente de 6m. É lastrada na parte inferior com 9 pedras, e tem na tralha superior 35 fluctuadores de cortiça.

São lançadas exactamente como os volantes ou rêdes da pescada, e ás mesmas distancias.

Branqueiras.—Rêdes de 3 pannos, tendo o do centro o comprimento de 25 a 30 metros, e altura de 3 a 4 metros, e os dos lados, chamados *albitaneas*, o mesmo comprimento, mas menor altura (2m a 2m.50). Estes tres pannos são ligados e sobrepostos, ficando a rêde com a altura das *albitaneas*. A tralha superior tem fluctuadores de cortiça, e a inferior pesos de chumbo, chamados *chumbadas*.

As malhas no panno do centro teem 0m.02 e nas albitaneas 0m.10.

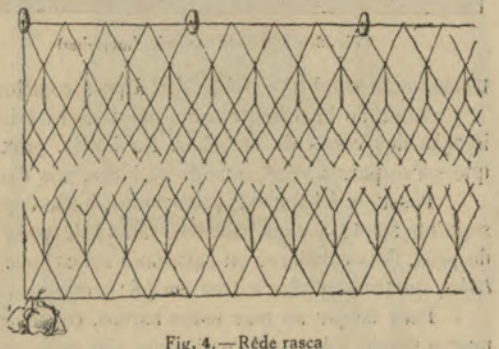


Fig. 4.—Rêde rasca

Estas rêdes são lançadas com dois cabos: um fica preso ao barco, o outro a uma boia, e são dispostas ou em linha recta, ou formando cerco.

Meijoeiras.—Rêdes de tres pannos de malha um pouco mais apertada, e com as mesmas dimensões que as *Branqueiras*. São lançadas pela mesma forma.

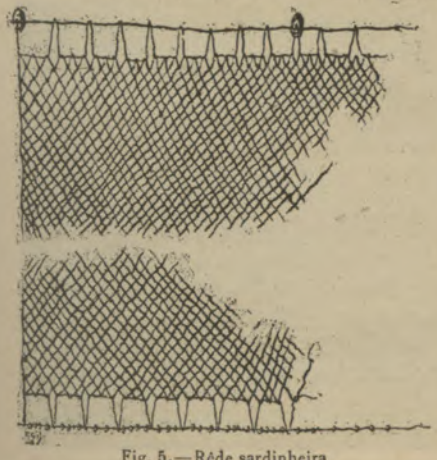


Fig. 5.—Rêde sardinheira

Petisqueiras e Sávaras.—Rêdes de 3 pannos sobrepostos com malha de 0m.06 no panno do centro, e 0m.24 nas albitaneas. Teem de comprimento 40m e de altura, o panno 5m.50 e as albitaneas 3m.20 a 3m.30.

São lançadas em compridas caças, e aguentadas por boias de cortiça e chumbeiras.

RÊDES DE EMALHAR FLUCTUANTES.—*Sardinheiras.* Rêde rectangular de um só panno, de 35 metros de comprido pouco mais ou menos, tendo de altura 5 metros, e malha de 0m.018 de lado. Tem, de 50 em 50 centimetros, fluctuadores de cortiça, e na tralha opposta chumbos enrolados em volta.

Contam-se, além d'isto, grandes boias de cortiça para a conservarem em fluctuação.

São deitadas em grandes lanços, compostos de muitas rêdes, sendo largadas ou á toa de

agua, ou bastante mergulhadas, conforme se apresenta o *cardume* da sardinha, e dispostas quer em linha recta, quer formando cerco.

Fig. 6.—Barco da sardinha (meia-lua)

Para apanhar a sardinha que se escapa da rêde na occasião de ella ser recolhida, usa-se uma pequena rêde em forma de sacco, tendo na bocca um arco de ferro, e pregado á extremidade d'uma vara.

Esta rêde chama-se *ganapão.*

II—PESCA COSTEIRA

Barcos grandes de fundo chato.—Estes barcos, destinados exclusivamente para a pesca da sardinha, teem a forma de meia-lua, o bico da prôa alto e muito curvo, e grande chão de caverna com o qual o costado forma um angulo approximadamente de 90°. Estes barcos são extremamente solidos, e reforçados á prôa com braçadeiras de ferro assentes no forro exterior.

Teem no bico de prôa um pequeno castello, e arganéus na pôpa e na prôa, e amuras para a ligação dos cabos de encalhar. Na borda, proximo á alhêta de estibordo, ha um varão de ferro que serve para a rêde, quando se larga, não damnificar o casco do barco.

Possuem 4 bancadas para remos, e são tripulados por 34 a 36 homens distribuidos pela forma seguinte: sete a cada *castello* (remos de prôa e de ré), nove a cada remo do meio, um vareiro de prôa, dois caladôres ou safadôres e o arraes. A posição dos homens quando remam é: aos *castellos,* quatro sentados e tres em pé; aos remos do meio, cinco sentados e quatro em pé.

Para lançar ao mar estes barcos, collocam na praia grandes rolos *(panaes)* em direcção ao mar, e pondo sobre elles os barcos, são estes empurrados por toda a companha até á extremidade da praia, embarcando ali todos os tripulantes; o resto do pessoal prolonga-se pelos lados do barco, fasendo-o entrar na agua, ao passo que os outros o empurram pelo lado da prôa com um grande forcado de ferro chamado *mulêta.* O barco é aguentado por meio de dois cabos passados aos ferros da ré *(bóças)* e dirigidos um para o norte e outro para o sul, e auxiliado pelos remos, que sempre que vem a onda, puxam a vante.

Logo que o barco larga da praia, o *vareiro de prôa* auxilia, por meio d'uma grande vara, o trabalho de conservar o barco aproado á vaga, até ficar bem a nado.

Fig. 7.—Mulêta

Bateiras (fundo chato).—Existem em Buarcos, Figueira e praias limitrophes varios typos d'estes barcos, sendo dois os mais vulgares: uns teem a forma de meia-lua, como os barcos da sardinha, mas a prôa é mais elevada do que a pôpa, e possuem um pequeno castello; outros teem as extremidades menos curvas elevadas, tendo comtudo o casco quasi a mesma forma.

O tamanho d'estes barcos varia tambem, mas encontram-se mais vulgarmente as seguintes dimensões: Typo maior—10^{m} de comprimento, e 1^{m}.80 de bocca; typo médio, 8^{m} de comprimento e 1^{m}.60 de bocca; typo menor, 5 a 6^{m} de compri-

mento, e 1m.70 a 1m.30 de bocca. São tripulados por 2, 3, ou 4 individuos e movidos por 2 ou 4 remos, ou por uma vela latina.

Ás bateiras maiores chamam tambem em algumas praias *Varinos*, e ás mais pequenas *Mulêtas*. Estas ultimas teem pouca curva e elevação nas extremidades.

Rêdes. RÊDES DE EMALHAR FIXAS OU PERMANENTES. — *Meijoeira.* Réde de 3 pannos, chamados, os de fora, *albitaneas* e o de dentro *miudo*.

Na tralha superior tem onze boias de cortiça chamadas *barquinhas*, e na tralha inferior tem pesos de chumbo, *chumbeiras*.

Esta rêde serve para pescar muito perto da costa, e é collocada na beira-mar por um homem que escolhe de preferencia sitio em que haja montes de arêa, e em que a agua lhe chegue até ao peito. Ali enterra duas estacas onde fica presa a rêde por cordas, com folga bastante para poder andar ao sabor da vaga, á qual fica perpendicular.

A rêde assim collocada permanece no sitio escolhido durante toda a maré, sendo retirada depois.

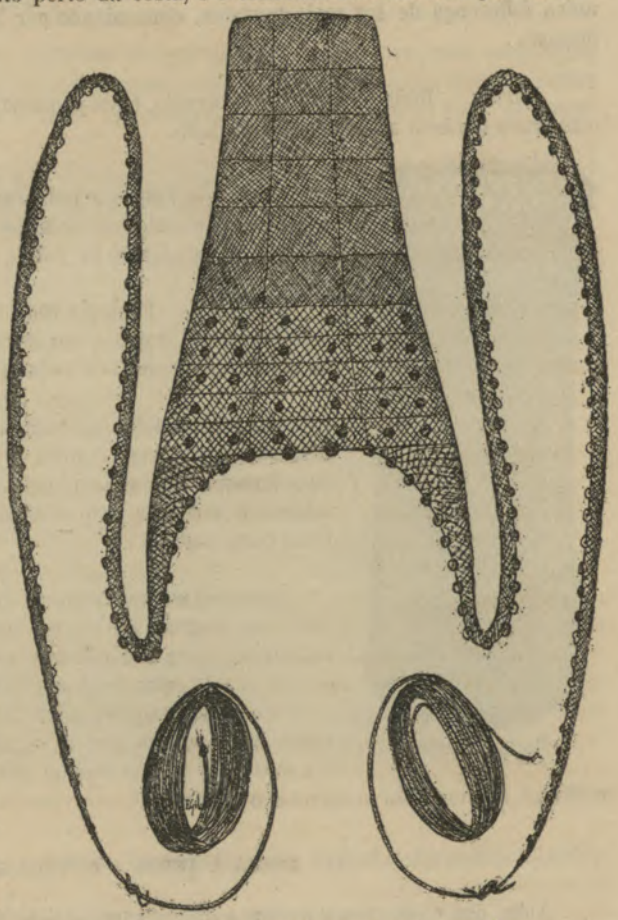


Fig. 8. — Arte ou rêde da sardinha (de arrasto)

RÊDES ENVOLVENTES DE ARRASTO. *Arte ou rêde da sardinha.* — Este apparelho é formado de um *saco*, de duas rêdes quadrangulares chamadas *mangas* e das *cordas* que servem para o puchar de terra, arrastando-o.

O *saco* tem na bocca a circumferencia de 60 a 70m e a profundidade de 30 a 40m, e é composto de rêdes de malhas differentes, que o dividem em cinco partes denominadas — *cuáda* — *meios bastos* — *meios meinhos* — *meios alegras* — *alegras*. A bocca do saco é tambem formada de rêdes de malhas differentes chamadas *muros*.

As mangas partem da bocca do *saco* em posições oppostas, e cada uma dellas mede 200m de comprimento e 25 de altura, diminuindo gradualmente até ficarem redusidas a 20m na ponta da manga ou *calão*.

As *mangas* são tambem compostas de rêdes de differentes malhas, que se chamam — *alcanela* — *caçarête* — *regalo* — *misena* e *claro*.

Das *mangas* partem linhas a que estão presos, na parte superior, fluctuadores de cortiça; na parte inferior pesos de chumbo que sustentam a rêde.

Aos *claros* que constituem as extremidades das rêdes, prendem as *cordas*, cabos de linho cada um com 30 ou 40m de comprimento, aos quaes, de distancia em distancia, estão ligados odres, destinados a alliviar o apparelho, tornando mais facil o arrasto.

Estas rêdes são lançadas em semi-circulo e a pouca distancia da praia (mil a mil e quinhentos metros) e vão para o mar nos barcos proprios (meias-luas ou barcos da sardinha) ficando em terra um dos cabos ou cordas da rêde que se chama *roçoeiro*, e indo o outro, que se

chama *mão da barca*, conjunctamente com a rêde. Esta é lançada devagar, e finda esta operação o outro cabo é trasido para terra.

Começa depois a faina de puxar a rêde, serviço que é feito por homens, mulheres e creanças, que em duas compridas filas vão alando lentamente o apparelho prendendo ás cordas um *cinto* tambem de corda, que põem a tiracolo, até que o saco chegue á beira da praia.

Logo que isto succede, abrem-n'o e tiram o peixe que elle contem, para dentro d'umas pequenas rêdes especiaes em forma de saco, tendo na bocca um arco de ferro, chamadas *enxalavares*, e depois amontôam-n'o na praia, onde é vendido em leilão, ou removido para os armasens.

Neta. — É uma rêde com a mesma configuração, malha, divisões, etc. que tem a *Arte*, com a unica differença de ser mais pequena, demandando por isso a sua manobra limitado numero de pessoas.

Varina. — Rêde envolvente de arrasto, mais pequena do que a *Neta*, e de malha mais miuda, mas tendo tambem a mesma configuração.

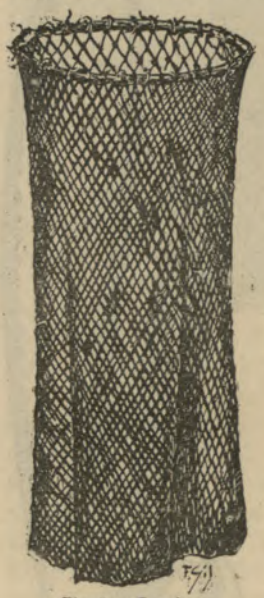


Fig. 9. — Enxalavar

Zôrro. — Pequena rêde envolvente de arrasto, tendo em logar de *saco*, um pequeno seio chamado *copo*. Emprega-se principalmente na apanha do caranguejo ou *pilado* para adubo das terras.

Chincha. — Pequena rêde envolvente de arrasto, de malha muito estreita, tendo *copo* em vez de *saco*, e que se emprega principalmente na captura do camarão e peixe miudo.

Rêde-pé. — Rêde de arrasto de um só panno que se lança muito perto da praia, e está presa a duas varas de madeira. É lançada por dois homens, que entram pelo mar até lhes chegar a agua ao peito, e estendem a rêde a todo o comprimento, puxando-a em seguida para terra pelas varas.

Apparelhos de rêdes de suspensão. — D'estes apparelhos o mais usado em Buarcos é o *copo* — que serve para a pesca do camarão, principalmente para o captarem entre os rochedos na baixa-mar, em que o emprego de outra qualquer rêde se tornaria difficil.

Consiste este apparelho em um saco de rêde de malha apertada, tendo na bocca um arco de madeira ou de ferro onde entralha a rêde, e a que estão presas tres ou quatro cordas, que se atam e reunem nas pontas, e servem para suspender o apparelho.

III — PESCA A ANZOL E OUTROS APPARELHOS

Além das rêdes e apparelhos a que nos temos referido, empregam os pescadores de Buarcos, tanto na pesca do alto como na costeira, os anzoes, quer reunidos em grande numero n'uns apparelhos denominados *espinheis*, quer isolados em linhas de pescar.

O *espinhel* consiste n'uma corda bastante comprida, ou n'uma porção de linhas de pesca presas umas ás outras, a que estão ligados de distancia em distancia *pesqueiros* de linha mais fina com um anzol cada um, podendo ter cada apparelho 300 a 400 anzoes assim dispostos.

De distancia em distancia estão collocadas boias de cortiça, que vão prender por cordas delgadas ao apparelho, e em cada extremidade deste existe uma pedra ou um peso de chumbo destinados a fase-lo mergulhar até uma certa altura, que deve ser entre duas aguas, para a pesca ser proveitosa.

Ha uma variedade de espinhel, a que chamam *gorazeira*, e que apenas differe daquelle em ter as linhas mais finas, e maior numero de pesos ou pedras, espalhados em differentes sitios.

Linhas de congro. — Teem comprimento variavel entre 25 e 35 metros, e são providas de uns dois pesqueiros, a que estão presos anzoes proprios para a captura do pargo, congro, ruivo, cação, raia, etc.

Linhas da faneca. — Só differem das do congro, em terem os anzoes, que são dois ou tres, mais pequenos.

Fisga. — Consiste este apparelho numa especie de garfo de ferro, com os dentes em forma de farpa, encabado numa comprida vara, e que serve para captar, cravando-os, certos peixes, como o rodovalho, a sôlha, o linguado, etc.

Bicheiro. — É um gancho de ferro collocado na extremidade de uma comprida vara, e que serve ou para fisgar o peixe que foge das rêdes quando ellas se colhem, ou para apanhar certas especies piscicolas taes como o polvo, o safio, as enguias, etc. que se occultam entre os roche-

Fig. 10. — Barcos utilisados para armasens e depositos de rêdes

dos, e que os pescadores, armados com o *bicheiro,* introdusem entre as fendas das rochas na baixa mar, e d'alli os arrancam á força.

O bicheiro é empregado em Buarcos principalmente na captura do polvo.

IV — ENCASQUE E SECCAGEM DAS RÊDES

Para que a duração das rêdes seja maior, usam os pescadores, depois d'ellas servirem, mergulha-las numa infusão bastante concentrada de casca de salgueiro, para o que possuem os donos das companhas grandes vasos de cobre *(caldeiros)* onde as rêdes são mettidas, permanecendo na infusão durante algum tempo.

Depois são postas a seccar, estendidas em duas compridas varas de madeira (pinheiros, ordinariamente) dispostas parallelamente, e a que chamam *tranqueiras,* onde tambem são concertadas, quando d'isso carecem.

Seccas e concertadas, e quando a pesca se interrompe por qualquer motivo, são recolhidas

com os outros utensilios e apparelhos piscicolas em armasens, uns, os edificados mesmo na praia, de madeira, outros de alvenaria.

Utilisam-se tambem para este fim os barcos velhos e inuteis para a navegação, pondo-lhes uma cobertura de madeira, e a alguns até um verdadeiro telhado e abrindo-lhes uma porta, o que lhes dá o aspecto extravagante de casas fluctuantes.

Encontram-se em Buarcos curiosos *specimens* da utilisação dos barcos como armasens, de que a nossa gravura dá uma idéa.

V—COMPANHAS—VENCIMENTOS

As *companhas* são grupos de pescadores que se reunem para exercerem a industria da pesca e se compõem de um chefe, o *arraes,* e dos *companheiros.* A maior parte das *companhas* estão ao serviço de um homem, o *patrão* ou *senhorio,* que é o proprietario dos barcos e de grande parte das rêdes.

Para a pesca da sardinha cada *senhorio* tem a sua *companha,* tanto para a pesca com rêde de arrasto, como para a pesca do alto.

Nas *artes* ou rêdes de arrasto, durante a safra, o arraes ganha uma quantia nunca superior a 50$000 réis por todo o tempo que ella dura, tendo obrigação de dirigir os trabalhos da pesca; os pescadores vencem entre 3 a 4$000 réis por mez; mulheres, de 1$500 a 2$000 réis e rapases de 800 a 1$500 réis por egual tempo.

Estes salarios são pagos, a maior parte das veses, em pequenos adeantamentos, de forma que muitos pascadores antes de começar a safra já teem recebido ainda mais do que o que lhes compete.

Do producto de cada pescaria deduz-se immediatamente o imposto para o Estado, uma pequena quantia para vinho, e o resto é dividido em duas partes eguaes, das quaes uma pertence ao *patrão.*

Da outra parte, que pertence aos pescadores que formam a companha, tira-se *um terço* para a *caldeirada,* e o resto divide-se em quinhões eguaes, quatro dos quaes são para medico e botica, e cabendo um quinhão a cada pescador da companha.

O producto da *caldeirada* é tambem dividido em quinhões eguaes, cabendo não só um a cada tripulante do barco, mas até aos companheiros que por doença ou velhice não podem tomar parte na *faina.*

Quando termina a safra a partilha do producto da pesca é ao *terço,* isto é, o patrão recebe a terça parte, e dos outros dois terços tira-se a *caldeirada* sendo o resto dividido em quinhões eguaes pelos pescadores.

Na pesca do alto com as *sardinheiras,* as rêdes pertencem a um só individuo, que vende a pescaria colhida, e do producto, depois de pago o imposto, faz os *quinhões* que são: seis para o dono do barco e das rêdes, 1 $^1/_2$ para o arraes, 1 para cada tripulante e 2 para dividir pelos rapases empregados na companha, mas que ainda não vão ao mar.

Na captura da pescada, o dono do barco (senhorio) tem direito a levar 18 rêdes, 3 o arraes, 2 cada um dos tripulantes ou companheiros, e 1 os filhos menores do sexo masculino, embora não vão ainda ao mar. Se qualquer dos pescadores quiser levar mais rêdes do que as que lhe competem, tem de dar, por cada uma que levar a mais, meio quinhão ao senhorio. Cada pescador fica com o peixe que colheu nas suas rêdes, e o senhorio com o que as suas apanharam.

Na pesca com as outras differentes rêdes *(rasca, branqueira, petisqueira,* etc.) tem cada pescador tambem direito a levar um certo numero d'ellas, sendo o producto da pesca dividido quasi na mesma proporção do da pescada.

Na pesca com *meijoeiras, zôrro, rêde-pé,* etc., e bem assim na pesca a anzol *(espinhel—anzol simples)* o producto é dividido em partes eguaes por todos os pescadores, cabendo tambem um quinhão ao barco e outro ao apparelho de pesca empregado.

PEDRO FERNANDES THOMAZ.

NOTICIAS

—

A Sociedade Carlos Ribeiro

O ultimo fasciculo da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* annuncia a dissolução da *Sociedade Carlos Ribeiro*. A noticia serve, a um tempo, de pretexto para annotações referentes ao pensamento, intentos e trabalhos da aggremiação scientifica alludida.

Iniciada no Porto, em 1887, por um grupo de estudantes, aos quaes adheriram mais tarde alguns homens de estudo, esta associação teve o natural destino das instituições creadas sob a instabilidade de semelhante origem e n'um meio que, por insciente, resulta hostil. Coube-lhe portanto a sorte de instituições similares ou affins, n'esta sede mal emergentes e breve extinctas: *Gremio artistico, Sociedade de instrucção, Sociedade de geographia commercial,* outras mais. A acrescer ainda o desamparo em que a instituição surgiu e proseguiu por ser de moços e que talvez, por isso mesmo, não deliquesceu logo. O seu orgão emanou do intento que a gestou; a publicação presente ainda enraiza n'essa phase embryonaria já remota.

Por espirito de continuidade importa, pois, este registro. Da associação extincta apenas resta, materialmente, a revista que foi o seu orgão e sequer, embora sem ulteriores resultados efficazes, a propaganda relativa ao museu do municipio e o platonismo do seu triumpho.

Mais d'um aspecto torna instructiva, por ventura, a historia da despercebida *Sociedade Carlos Ribeiro.*

R. P.

O Museu municipal do Porto

Está nomeada uma commissão incumbida de estudar, entre outros assumptos, a reorganisação do Museu municipal do Porto e seu alojamento em edificio proprio. A resolução camararia procede das considerações presentes em sessão de 16 de setembro de 1897 e acompanhadas da respectiva proposta pelo então presidente do municipio, illustre naturalista e lente, snr. conselheiro Wenceslau de Lima. Constituem-a: snrs. Lima Junior e Sampaio Baptista, vereadores, Eduardo Allen, Ferreira da Silva e Ricardo Jorge, chefes de serviço, e Rocha Peixoto, naturalista.

A lastimavel situação do Museu, tam geralmente conhecida e deplorada, ligitima esta acertada deliberação, se por ventura, como precedentemente succedeu, a camara do Porto não abandonar a proposta alludida ao habitual desdem sob que a instituição permanece ha 49 annos! Data effectivamente de 1850 a acquisição das collecções de João Allen pelo municipio, ainda actualmente alojadas no predio construido para tal fim, em 1838, pelo primitivo fundador. Aberto ao publico em 1852, já então se consignava a estreiteza da installação; e posto que o desenvolvimento do Museu em pouco tenha avultado, é ainda no mesmo espaço que se exhibe, como precisamente as dotações, brevemente acrescidas, se manteem n'uma inverosimil exiguidade. Umas cem libras annuaes para renda do predio, honorarios, acquisições, substituição de mobiliario, expediente, etc.!

Assim se explica o tumulto, a deterioração e o consequente alheamento publico por uma instituição de tam alto valor educativo, estabelecida muitos annos antes da creação d'outras dependencias municipaes mais afortunadas. Até no logar destinado á ampliação do edificio da bibliotheca publica, com o intento de então se installarem as collecções municipaes, as vereações preferiram erigir canis e cavallariças!

Este desamparo tem motivado a perda de excellentes ensejos que a cidade e o paiz aproveitariam, comprando e archivando notaveis documentos de sciencia e arte.

A collecção de faianças peninsulares e hispano-mouriscas que o snr. Guerra Junqueiro vendeu por fim a um particular de Coimbra, e d'entre as quaes a secção portugueza representava uma serie com numerosos exemplares já *introuvables,* deixou-a o municipio sem interesse e não obstante as reclamações que publicamente se lhe fizeram. Casos semelhantes podiam ser multiplicados.

Mas o que ainda aggrava este lastimavel desdem é a organisação crescente de museus locaes em terras de recursos incomparavelmente escassos. O exemplo do municipio da Figueira da Foz, dispensando ao seu museu as amplas installações a que em outro logar se refere esta publicação, não fructificou aqui. Alcacer do Sal, Beja, Bragança, Elvas, Evora, Extremoz, Santarem constituem já as suas collecções com os documentos regionaes do passado, da arte e industria actuaes, da historia natural. Corporações particulares organisam e desenvolvem outras: Coimbra e Guimarães, por exemplo. No Porto, até agora sem respeito pelo passado, embora tam proximas estejam regiões varias onde dia a dia se destroem e desapparecem antiguidades, nem sequer o interesse utilitario procedente de semelhantes instituições moveu iniciativa e esforço.

Em 1888, depois d'uma vigorosa campanha, ainda se nomeou uma commissão, votando-se uma verba de 40 contos de reis para o edificio. Nada foi viavel, afinal, como já acontecera antes, como depois succedeu ainda.

Resta ver agora se a patriotica e lucida proposta do snr. conselheiro Wenceslau de Lima alcançará da corporação os resultados appetecidos: ou reorganisando e installando convenientemente o Museu municipal ou extinguindo esse affrontoso bric-à-brac da Restauração.

Os commentarios a que tem dado logar este estabelecimento e outros factos historicos a elle relativos podem conhecer-se atravez da noticia e annexos sobre a extincta *Sociedade Carlos Ribeiro,* exarados no n.º 20 da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes.*

R. P.

A Sociedade Archeologica e o Museu Municipal da Figueira da Foz

Noticiava a Gazeta da Figueira, no seu numero de 15 de dezembro, em 1897, que se preparava a organisação de uma Sociedade Archeologica, sympathica congregação de individuos, decididos a trabalhar e *promover por todos os meios o estudo e progresso dos diversos ramos que constituem as sciencias archeologicas;* e n'esta local se lançava o convite para que concorressem á inscripção para socios *todos os homens intelligentes, sem distincção de classes, tanto da Figueira, como a ella extranhos,* que quizessem auxiliar esta iniciativa de estudo e vulgarisação.

Em qualquer outra cidade de mór volume, que não a alegre capital da ria do Mondego, esta noticia era de molde a levantar suspeições, que a inconcussa e sabia indifferença dos doutos confirmaria; tanto mais o convite, ingenuamente impresso em jornal de provincia, chamando os homens intelligentes de todas as classes a cooperar em obra de desinteresse e de sciencia.

O insuccesso era de prever, com solido fundamento n'este caso, pela experiencia de muitas tentativas em centros de maior densidade. Seria pois mais um caso de miragem, fruste projecto a notar na historia das nossas instituições ou collectividades similares, que viveram apenas no alvará official ou no estatuto, outras terminando em breve por falta de energia, socios ou subsidio.

Entretanto o numero seguinte da Gazeta da Figueira noticiava que estavam definitivamente lançadas as bases para a constituição do novo gremio, de que eram socios fundadores os snrs.: dr. A. dos Santos Rocha, dr. A. Alvares Duarte Silva, dr. José Jardim, Francisco Ferreira Loureiro, Augusto Goltz de Carvalho e Pedro Fernandes Thomaz.

Communicava que a aggremiação contava já bom numero de valiosas adhesões, e terminava reproduzindo os estatutos: alguns poucos artigos de expressiva simplicidade em que se expõem os fins da sociedade e meios de trabalho. Resume-se o programma no «estudo dos diversos ramos das sciencias archeologicas, procurando contribuir para a solução dos problemas da prehistoria e da historia antiga do Occidente da Peninsula; e, em especial, auxiliar o desenvolvimento do Museu Municipal da Figueira, onde se acham colligidos numerosos e importantes elementos para estes estudos». Para a consecução do seu fim a «Sociedade fará pesquizas e excavações, registando fielmente todas as circumstancias d'estes trabalhos, organisará collecções, promoverá pelos seus delegados em todas as freguezias do concelho da Figueira a acquisição ou conservação dos monumentos da antiguidade que se descobrirem, coordenará todos os materiaes que colligir, dando-lhes publicidade, e entrará em relações com outras instituições de indole semelhantes». Subscreve os estatutos a direcção, composta do Presidente, dr. A. dos Santos Rocha, Vice-

presidente, Francisco Ferreira Loureiro, Secretario geral, Pedro Fernandes Thomaz e Thesoureiro, Augusto Goltz de Carvalho.

Ora, a pequena cidade da Figueira da Foz possuia já, havia annos, o seu Museu Municipal, actualmente installado no sumptuoso edificio dos Paços do Concelho, com secções varias de archeologia prehistorica e historica, ethnographia geral, industrias e mistéres concelhios; todos os objectos ordenados e classificados em mobiliario de feição, sob um plano de rigoroso methodo, conforme o caracter scientifico que compete a uma collecção que se propõe um duplo fim, como archivo de materiaes de estudo e museu de vulgarisação.

E este facto de per si colloca em excepção o pequeno meio; caso singular de um Municipio que acolhe, dentro do seu orçamento e propria habitação — ao velho modo, com franca hospitalidade — os extranhos materiaes scientificos que dizem respeito a problemas nacionaes de mera especulação. Que os outros congeneres estabelecimentos, pelo paiz fóra, nem mesmo curam das necessidades materiaes mais comesinhas e urgentes, de interesse urbano ou privado, por demais absorvidos em questões menos especulativas que implicam a marcha eleitoral das pequenas facções da politica local.

Assim se explica como de tal nucleo de eleição poderia resultar, fundamentadamente e com visos de realidade, o projecto de uma sociedade scientifica, trabalhando ao lado do seu museu pela historia do concelho, pela interpretação e conservação dos seus monumentos archeologicos, cuidando em recolher os minimos materiaes de investigação, na intima consciencia do proprio e erudito valor de todos esses elementos.

Estes phenomenos que implicam a propria psychologia da collectividade resistiriam ao natural esclarecimento pelo valor excepcional da mentalidade do grupo, se não apparecesse, como razão de principio, o inicial impulso de todas estas manifestações de elevada cathegoria.

A Figueira possuia ha annos o seu museu, porque devotado investigador, Antonio dos Santos Rocha, começára a formar esse poderoso nucleo original, em torno do qual se vieram juntar mais elementos e mais esforços. Possue o feliz concelho da Figueira esse apostolo, fanatico pelos seus dogmas, que chamou a si, convertendo-os, bons homens que viviam dispersos pelos seus mistéres, espiritos sãos de vontade e de dedicação; assim reunidos os que commungáram a mesma ideia de iniciativa, preparado o templo ou museu de todos os idolos do novo apostolado, entrou com elles em congregação para estabelecer o rumo dos trabalhos, e melhor reunir os esforços sob a mesma inspiração.

D'esta sorte se aclara o motivo dos factos que noticiava singelamente a Gazeta da Figueira, e melhor se justifica o intuito do seu convite aos homens de todas as classes para cooperar na obra commum pelo engrandecimento da terra e das sciencias archeologicas.

Houve uma vontade unica inicial, animando toda a obra. Assim é a explicação d'estas manifestações superiores em meios de menor incentivo e vitalidade; talqualmente o caso analogo e raro, do Museu e Sociedade Martins Sarmento, em Guimarães, de que nos occuparemos em breve.

O Museu da Figueira está installado no pavimento superior dos actuaes Paços Municipaes, em duas salas principaes que ladeiam o salão nobre do edificio, ainda em construcção. Em uma das salas está a Secção de Prehistoria e Epocha Luso-Romana, com a Secção de Comparação, e na outra as secções de Archeologia historica e Industria actual. Á organisação e disposição de todos os objectos presidiu methodo e bom gosto; o museu tem um aspecto alegre e confortavel, muita clareza em tudo pela nitidez da classificação, pela franca luz muito viva das amplas janellas abertas sobre a Ria.

A Secção de Prehistoria, onde ha para cima de tres mil objectos expostos, compõe-se quasi exclusivamente dos materiaes obtidos por Santos Rocha nas suas continuas explorações na bacia do Mondego e pelo Algarve. Estão representadas todas as epochas, por vezes com especimens raros e caracteristicos, feitas cuidadosamente as montagens e reconstituições, dispostas as louças com unica e meticulosa classificação pelas pastas, tudo ordenado de forma a mostrar os minimos aspectos de interesse. São conservadas as peças osteologicas de algumas estações, tendo ao lado peças actuaes de comparação e moldagens typicas, visto que o museu é tambem de consulta e vulgarisação.

Passa-se a secção de archeologia historica — em que ha objectos de bric-á-brac e peças historicas de alta valia — para chegar á sala da industria actual onde estão expostos artefactos produzidos no concelho.

Reconstitue-se assim em pouco espaço, sobre o material exposto, toda a historia da industria no concelho da Figueira, desde o simples instrumento paleolithico até aos utensilios completos da industria moderna. O visitante é naturalmente levado a generalisar e a fazer a synthese do esforço humano pelas diversas phases, desde quando foi empregada a pedra como materia prima das armas e utensilios, em seguida os metaes, com todas as influencias de civilisações extranhas, invasoras e de importação, por ultimo a phase dos tempos historicos e actuaes.

Cliché de R. S.

A secção de prehistoria no Museu Municipal da Figueira

Assim comprehendeu o distincto organisador de uma forma decisiva e justa qual o papel do seu museu; assim o interpretou tambem o publico que o tem visitado, despertado pelo attrahente aspecto d'este estabelecimento de sciencia. No seu relatorio de 22 de julho de 1897 communica Santos Rocha á Commissão Administrativa do Museu da Figueira que fôra de 7.000 o numero dos visitantes, havendo alguns centenares que não inscreveram o nome no livro de registo. E a Camara da Figueira justamente considerou que occupava logar proprio na Casa Municipal a exposição de todo este material de vasta significação, que pertence ao concelho e muito interessa á sciencia nacional.

No salão nobre, ao centro das collecções, funcciona provisoriamente a Sociedade Archeologica, e da sua actividade dá completa ideia a serie de communicações que foram apresentadas na primeira sessão plenaria de 19 de março de 1898, inseridas integralmente n'este fasciculo da PORTVGALIA de pag. 131 a 146. Pela razão de sympathia no mesmo campo de lucta, merecemos a esta distincta sociedade a honra de sermos considerados o seu orgão official. Podemos pois annunciar para breve a publicação do relatorio da segunda sessão de 24 de outubro de 1898.

Não tem quedado a actividade inicial que manifestou o pequeno grupo da Figueira, animado pelo seu infatigavel director, alma d'este movimento scientifico, tanto mais curioso e sympathico quanto é circumscripto, o que é condição essencial e pratica para conquistar um resultado seguro em materia scientifica.

Tem realisado a Sociedade explorações em cavernas, dolmens e crastos do concelho, tem adquirido objectos e monumentos archeologicos e conseguido de outros a devida protecção a estes monumentos. A influencia benefica d'esta propaganda, assim cumprida, vae colhendo immediatos resultados, como não teem conseguido varias leis proteccionistas e commissões adrede nomeadas de caracter official e de ephemero successo.

O seu programma de propaganda completa-se ainda por outros meios de vulgarisação. Nas sessões plenarias, nem sempre a memoria apresentada é, pela especialisação do assumpto, de molde a prender a attenção da assembleia; iniciou então Santos Rocha, parallelamente á apresentação da communicação, curtas prelecções em que é explicada a terminologia scientifica, o interesse da descoberta, o valor da questão ou problema. Com uma tal orientação de rigoroso methodo consegue realisar a Sociedade Archeologica da Figueira, obra duradoura e definitiva.

E assim se comprova como a existencia de impulso proprio original é, apezar do meio, por mesquinho ou adverso, factor indispensavel de toda a iniciativa, de toda a producção no campo das artes e sciencias. A obra do dr. A. dos Santos Rocha é um brilhante exemplo, incentivo ou modelo, para os que sentirem dentro de si um pouco de energia potencial, caracter proprio e coragem para luctar, quando mesmo não sejam propicios os augures ou as condições exteriores do meio.

R. S.

Commissão Archeologica do Porto

Alludindo ás queixas da imprensa sobre o desapparecimento de monumentos antigos, o snr. conselheiro Wenceslau de Lima propoz em sessão camararia de 27 de janeiro de 1898 que uma commissão composta dos engenheiros snrs. C. Machado, V. Laranjeira e Antonio Arroyo, do director do Museu Municipal, Eduardo Allen, do director do Museu Industrial, Joaquim de Vasconcellos e de Ricardo Jorge e Rocha Peixoto, publicistas, fosse encarregada de abrir um inquerito ácerca dos monumentos existentes na cidade do Porto afim de habilitar a camara a entender no assumpto.

As referencias da imprensa a que se allude n'esta nobre proposta foram motivadas pela demolição de parte da casa da rua das Flores, já descripta e figurada em varias publicações, e bem assim pelos perigos a que parece exposta a existencia do velho templo de Cedofeita. Infelizmente a commissão pouco terá a inventariar no Porto, visto que esta cidade se encontra ha muito despojada das suas mais interessantes antiguidades. Apenas, além dos poucos monumentos conhecidos, poderiamos chamar a attenção sobre alguns velhos predios dos bairros de Miragaya e Sé, muito attendiveis como typos de habitação d'outras eras, mas para a conservação dos quaes a interferencia camararia não será por ventura muito desvelada nem legitima.

A lembrança poderia, emtanto, fructificar, attribuindo á commissão referida e adherentes outras faculdades mais amplas, isto é, convertendo-a em districtal e organisando-a de sorte a intervir na conservação, registro e descripção dos monumentos historicos e prehistoricos. Suppondo possibilidade burocratica n'esta remodelação haveria muito perto do Porto occupação multipla e varia. Citemos, para exemplo, Leça de Balio, e, sob alguns aspectos, o mosteiro de Grijó. No que diz respeito á pre e protohistoria é do conhecimento dos interessados a importancia d'algumas regiões que administrativamente estão ligadas ao Porto, como o concelho de Marco de Canavezes, por exemplo.

O inventario, as escavações, as estampagens e os decalques realisados no estrangeiro pelas sociedades, museus e delegações das commissões archeologicas centraes, apenas desabrocha entre nós, ou seja por intervenção de associações particulares, como a *Sociedade Martins Sarmento* e a *Sociedade Archeologica da Figueira*, ou por iniciativas pessoaes, de que temos, como exemplo mais recente, os emprehendimentos do snr. Albino Lopo, em Bragança. Graças aos clamores da imprensa, bem pouco frequentes, de resto, a tal respeito, e á proposta derivante, a occasião é opportuna para emfim se encetar n'esta cidade uma ordem de investigações já de ha muito reclamadas inutilmente.

R. P.

Os archivos dos municipios

Em sessão da camará municipal de Guimarães, realisada a 6 de abril de 1898, propoz o seu presidente, snr. Anthero Campos da Silva, o seguinte:

1.º — Que a camara de Guimarães mande publicar todos os seus documentos, incluindo os que existem na Torre do Tombo e das eras mais remotas que se poder obter, formando volumes denominados *Annaes do Municipio de Guimarães*;

2.º — Que se insira no orçamento uma annuidade de 200$000 reis para custear as despezas que provierem d'esta publicação;

3.º — Que a execução d'este trabalho se offereça á Sociedade Martins Sarmento, visto que a sua indole se harmonisa bem com o assumpto d'esta proposta.

Antecedem o alvitre, unanimemente acceite, algumas palavras justificativas, pondo em relêvo o logar do velho senado vimaranense entre os municipios portuguezes, o seu papel nas primeiras epochas da monarchia portugueza e os subsidios que semelhante archivo deve fornecer para o conhecimento de mais d'um ponto historico interessando a nacionalidade. Lembra ainda o proponente o exemplo dos municipios de Lisboa, Serpa e Mesãofrio e, a um tempo, a portaria de 8 de novembro de 1847 que determina a realisação de publicações semelhantes em todos os municipios do paiz. Essa portaria, como é de uso, ficou lettra morta.

A Sociedade Martins Sarmento, em sessão de 15 do mesmo mez, acceitou o encargo de dar viabilidade á publicação dos importantes diplomas alludidos, executando-a aos fasciculos, conforme as forças do subsidio.

Exceptuando o Porto, onde uma deliberação similar deu já ensejo á publicação inicial e bem conhecida do illustre e erudito publicista, snr. José Caldas, parece que Entre Douro e Minho nenhuma outra corporação official se decidiu a emprehender a exhumação systematica dos seus archivos. Apenas, mercê de iniciativas individuaes e, a bem dizer, desamparadas de todo o interesse das vereações, são conhecidos fragmentariamente alguns importantes documentos aproveitados em memorias varias, como as do snr. Figueiredo da Guerra, para Vianna, do snr. José de Souza Machado, para Braga e de varios outros monographistas, para as respectivas localidades de residencia. E por todo o paiz, se não fôra esta decisão privada de indagadores que espontaneamente assumiram semelhante labor, não contariamos a serie já vasta e por vezes muito instructiva de memorias concelhias e outras.

Explica-se a obscuridade em que ainda estamos relativamente a muitos capitulos da vida local, ao considerarmos o desdem dos governos pela ordem d'elles dimanada e, ainda mais, pelos perigos que corre o proprio archivo da Torre do Tombo, ainda ha poucos annos em risco de extincção total, hoje desamparado como sempre, com pessoal restricto e mal remunerado e, por tudo isto e ainda mais, com a productividade limitada que todos sabemos. E não obstante proclamam-o os estrangeiros como dos mais ricos e notaveis da Europa!

A deliberação da camara de Guimarães merece todo o applauso; assim desafiasse o exemplo!

R. P.

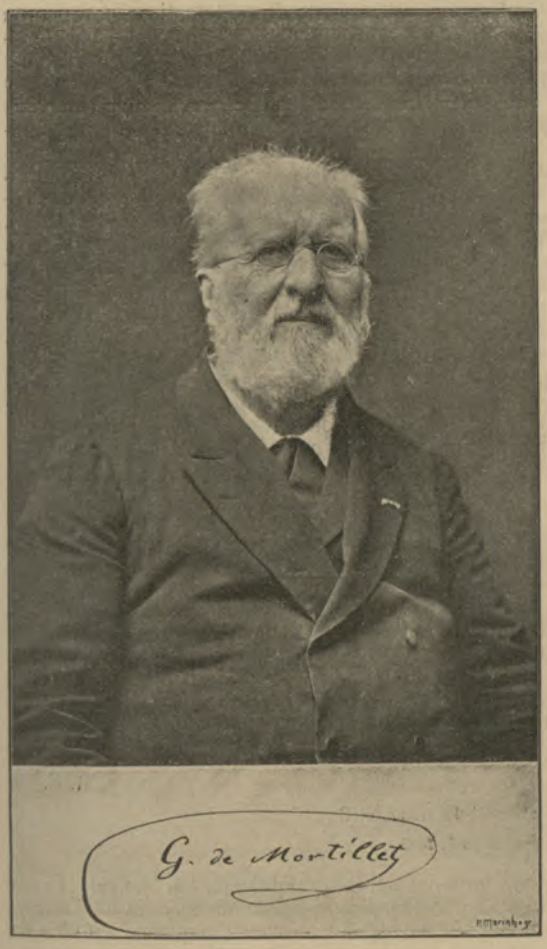
OS MORTOS

GABRIEL DE MORTILLET

1821 † 1899

Gabriel de Mortillet foi considerado pelos seus contemporaneos um mestre, chefe de escholla, dos mais notaveis fundadores da Prehistoria. Da longa serie de panegyricos publicados pelas sociedades e revistas scientificas — discursos e noticias necrologicas — resulta o papel dominante que desempenhou este homem, notavel pela fecundia e actividade. Todo o movimento das sciencias anthropo-archeologicas em França e pelo estrangeiro, desde 1864, gira em torno do seu nome; a historia das suas luctas — como a de Broca, outro mestre extincto — é a historia da propria sciencia pela qual trabalhou de coração até aos seus ultimos dias.

Os estudos prehistoricos constituem hoje um corpo de doutrinas systematisado e legislado; coube-lhe esse papel de fundador, e só um espirito revolucionario e corajoso, como o seu, poude resistir á campanha dos reaccionarios contra a original precocidade das suas classificações e theorias.



O facto, porém, é que, de todo o material esparso sem rotulo, de todas as tentativas sem programma e de todas as hypotheses mal formadas a respeito das origens do homem, construiu Mortillet o arcabouço de uma sciencia, ligadas todas as peças com racional arranjo, preenchidos alguns vazios com material são, de consciencia e verosimilhança. Em verdade, esta sciencia foi medrando e conquistou situação official. Muito do que havia de menos solido, material argamassado de ligação, como theorias proprias e hypotheses particulares, foi entrando definitivamente no todo; algumas das suas conclusões de intemerata presciencia, lançadas na convicção dos principios e dos methodos, obtiveram pratica e material realisação; exemplo, o caso do *Anthropopithecus*, depois confirmado pelas descobertas de Trinil, e o caso do *hiatus* paleo-neolithico, em seguida preenchido por varias estações intermedias.

O illustre sabio francez era sobretudo um espirito investigador, de rigoroso methodo; ordenava os factos e materiaes de trabalho com precisão, sujeitando-os a meticulosa observação pelo processo fundamental das sciencias de analyse. Assim era de seu mister, como havia dado prova em todos os trabalhos sobre zoologia e geologia, ao todo uns quarenta, publicados de 1850 a 1864, quando engenheiro-geologo dos caminhos de ferro da Alta-Italia.

A sciencia *paleoethnologica* não era considerada pelo mestre como sciencia historica, mas, ao lado da *anthropologia*, um ramo das sciencias naturaes. Este modo de vêr justifica a orientação de todos os seus trabalhos e explica a sua obra; por este motivo não foi comprehendida pela maior parte. O novo ramo de estudos — que melhor se intitularia *paleo-anthropologia* — exigia, pelo seu programma, technica especial e vastos conhecimentos adquiridos das sciencias concretas; ora os que de começo cultivaram a velha sciencia archeologica de amadores, não attingiam por insufficiencia propria o arrojado programma da nova sciencia, e muitos lhe foram contrarios.

No campo dos trabalhos palethnologicos deu maior realce á personalidade do fundador o seu feitio de missionario fazendo obra de propaganda, que foi universal, e constituiu um dos mais relevantes serviços prestados á sciencia da humanidade.

Começou (em 1864) pela revista *Matériaux pour l'histoire positive et philosophique de l'homme*, em que eram publicadas noticias desenvolvidas de todas as descobertas e de todos os trabalhos, publicação periodica em que se cuidava sobretudo de vulgarisar estes estudos e os methodos.

Entretanto, a *revista* de todas as descobertas e estudos não era bastante como meio de propaganda e para interessar, approximando-os, todos os trabalhadores ou curiosos d'este genero de estudos. Restava ensaiar os congressos internacionaes, e coube ainda a Mortillet a gloria de fundar esta utilitaria instituição. Foi na reunião da Sociedade Italiana de Sciencias Naturaes, em Spezzia, no mez de setembro de 1865, que conseguiu uma sessão publica consagrada unicamente a questões de prehistoria; devia abrir a sessão conferenciando sobre o estado geral dos *estudos ante-historicos* e foi n'essa occasião que propoz a fundação de um *Congresso ante-historico internacional;* do acontecimento se lavrou acta e iniciou-se a realisação d'esses congressos palethnologicos, que os tem havido frequentes em todas as capitaes da Europa continental, com grande concorrencia de estudiosos, e franco apoio das collectividades officiaes.

Em substituição do sabio Lartet, começou em 1867 a trabalhar no Museu de Antiguidades Nacionaes de *Saint Germain-en-Laye,* onde esteve até 1885, epocha em que foi eleito deputado. Durante estes annos organisou as collecções da edade da pedra, e trabalhou continuamente no arranjo dos valiosos documentos que possue este archivo monumental, um dos mais ricos e afamados.

Foi professor da Eschola de Anthropologia desde 1865; os seus cursos, muito frequentados, constituiram extensa obra de propaganda. Conforme o seu espirito de systematisação, procurou sempre reduzir a formulas e quadros, por classificações archeologicas, os materiaes, por vezes desconnexos, que documentam chronologicamente a historia do homem. D'esse periodo nasceu o seu livro celebre Le Préhistorique (que já teve duas edições) com um volumoso atlas Le Musée Préhistorique; esta obra conseguiu entrar em muitas escholas como compendio, justificando-se por esta victoria sobre a compacta pedagogia official o grande successo d'este manual de palethnologia.

Foi presidente da Sociedade d'Anthropologia de Paris (1876), da Sociedade franceza para o adeantamento das sciencias, da Commissão dos monumentos megalithicos. Fundou ainda duas revistas palethnologicas de menos duração que os *Materiaux: L'Indicateur de l'Archéologue* (1872), que apenas durou 2 annos, e *L'Homme* (1884), que foi publicada quizenalmente durante 4 annos. Os seus trabalhos especiaes sobre questões de prehistoria são em numero de 80, espalhados por varias revistas, memorias e relatorios de sociedades e congressos. Entre as obras de conjuncto, além das citadas, resta a notar: *Sur le signe de la croix avant le christianisme* (Paris, 1866—184 pag., 8.º, 117 fig.); *Les origines de la chasse, de la pêche et de l'agriculture* (Paris, 1890—576 pag., 8.º, tom. 1); *La Formation de la Nation Française* (1897), na *Bibliothèque Internationale.*

Eis ahi uma vasta obra de reedificação, com velhos materiaes de complexa textura e difficil arranjo. Conseguiu, porém, o constructor, pelos seus predicados de resistencia e tenacidade, nomeada e triumpho sobre toda a animosidade que provocou o seu feitio energico e inquieto de *frondeur* e iniciador. Em França deixa com reputação firmada muitos dos mais affeiçoados discipulos, se bem que alguns, por falta de coragem propria, foram esmorecendo na defeza das suas theses mais avançadas e positivistas.

Em Portugal foi muito limitada a sua influencia, sendo digno de registo o seu empenho no estudo do *Terciario* portuguez; entretanto alguns novos lhe estudaram a obra e d'ella aproveitaram lições de methodo e de observação. Conquistou, porém, *Le Préhistorique* logar de compendio expositor em um curso de eschola superior, embora, como em França, não despertasse a sympathia dos espiritos theoricos de especulação, cujos processos de estudo e criterio scientifico não teem a orientação que dá o trabalho de observação, a educação experimental e a technica dos laboratorios.

Assim era de prever, pelo caracter superficial do meio, em que faltam especialistas, pela tendencia nacional para o dilettantismo, sem especialisação de rumo ou mistér.

No emtanto em França, na Sociedade d'Anthropologia, Gabriel de Mortillet é considerado por M. Capitan, o actual presidente, verdadeiro mestre e legislador da Prehistoria, e a sua morte é julgada, «pour notre Société, une des pertes les plus sensibles qu'elle ait faites depuis longtemps».

R. S.

D. CECILIA SCHMIDT BRANCO

† 26 de dezembro de 1898

Subscreveu esta escriptora recem-fallecida uma monographia publicada em Madrid, *A rosa na vida dos povos,* uma serie de artigos intitulados *Introducção ao estudo dos monumentos nacionaes,* na *Revista de educação e ensino, Contos populares portuguezes* e outros pequenos estudos na *Revista Lusitana,* e varios artigos dispersos por jornaes e revistas. O trabalho sobre a archeologia monumental do paiz contava a illustre escriptora terminal-o, possuindo já reunidos numerosos materiaes para tal intento. Egualmente era conhecido o seu proposito acerca da publicação, entre outros, d'um estudo sobre o *Symbolismo das côres.*

Muito culta, conhecendo o latim, o grego, as linguas neo-latinas, o inglez, o allemão e o hollandez, esta senhora foi devidamente apreciada por muitos homens illustres, d'entre os quaes Oliveira Martins lhe tributou publicamente os mais legitimos elogios. Por modesto emtanto, o seu nome mal ou nada conhecido foi para além do restricto circulo de homens que consideravam as suas excepcionaes faculdades de intelligencia e trabalho. A morte precoce, emfim, annullou tanto esforço accumulado, impedindo que d'esta senhora ficasse um rastro mais duradouro do valor que a dotava.

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

Por ser tardia, não deixa de ter justo cabimento, como principio á nova secção de «Bibliographia», a apresentação da obra do illustre archeologo e historiador, dr. **F. Martins Sarmento**: R. FESTUS AVIENUS —ORA MARITIMA—*Estudo d'este poema na parte respectiva ás costas occidentaes da Europa*, 2.ª edição. Porto, 1896.

Cumpre a esta parte da publicação em inicio a liquidação do movimento scientifico pelo paiz e terras do estrangeiro que interessa directamente o programma no seu objectivo de publicar *Materiaes para o estudo do povo portuguez*. É obra essencialmente portugueza que pretendemos edificar; tem pretensões a nossa iniciativa e o orgulho de archivar trabalhos illustres que se occupam do paiz e da sua grey. O intuito não é, pela forma, á moda da epocha; estulto é tal arrobo de patriotismo e—quem sabe—acção de moços mal avisados no cautelloso e egoista preceito do viver. E' todo nosso, porém, sem imbricadas dependencias, o atrevido empenho e sonhado emprehendimento; que fique pois archivada de modo effectivo, embora menos pese a contemporaneos e vindouros, a impressão duradoura d'este esforço, e o integro caracter nacional da nossa empreza.

Não é de creações a epocha que vae correndo, se bem que desesperada a ancia pelo novo e original *motivo;* em torno de velhas formas esquecidas volteiam as minimas locubrações como em estreito circulo de paradoxos ou logares-communs, e n'esta lucta afóra dos classicos enunciados deliquesce o moral e o intellecto por desgaste, á mingoa de crença.

Affirmaremos nós outros, em especial missão de propaganda, e limitado campo de actividade, veneração pelo passado, crença no renascimento pelo trabalho, o culto dos homens sãos e da verdade, a religião do Saber. E isto feito, continuaremos proseguindo o nosso caminho.

A proposito veio, bem nos parece, para digno começo de uma secção do temerario programma, a obra de um sabio investigador muito illustre, contribuição de indiscutivel merecimento para a ethnologia da Europa Occidental e muito particularmente de Portugal.

Vem de longe a vastissima obra de exhumação sabiamente realisada, apoz annos de pezado labor, pelo dr. F. Martins Sarmento. Da numerosa serie das suas investigações archeologicas ficaram celebres as excavações do *Crasto de Sabroso* e *Citania de Briteiros;* e d'entre as suas outras excavações na classica erudição de gregos e romanos resultaram duas reconstituições de extraordinario vulto, *Os Argonautas* e a *Ora Maritima*. Não se completam estas duas obras, se bem que uma seja seguimento da outra, pela confirmação e desenvolvimento de doutrinas primeiramente expendidas. O conjuncto, a mais numerosos trabalhos dispersos, formam um todo, e esta obra magistral tinha um destino, obedecendo desde a origem ao unico designio de estudar o problema historico nacional.

Das naturaes fugas ao longo de itinerarios dos povos e commentadores resultou a constatação de verdades geraes de universal alcance. Não se trata especialisadamente de questões subsidiarias, determinação de phenomenos ethnicos locaes, desconcordancias geographicas ou historicas, mas do magno problema que remonta á genese das civilisações e raças occidentaes. O assumpto principal dos seus trabalhos não é apenas de interesse nacional, mas diz respeito a todo o mundo aryano; a sua obra não é só de investigações e analyse de materiaes, mas de reedificação e de synthese. Quizera o auctor unificar em volume as suas numerosas investigações e conquistas no campo da archeologia, ethnologia e historia, realisando a synthese dos seus trabalhos, que produziria, pelo luminoso criterio das suas inducções, rigoroso quadro ethnologico da Europa Occidental.

Quedaremos por agora tam sómente no ultimo dos seus trabalhos, em que é estudada a mysteriosa narrativa de Festus Avienus. Admitte o auctor, de começo, que Avienus «forrageou largamente em um periplo phenicio de respeitavel antiguidade» e n'este ponto acompanha a opinião de Müllenhoff. Acrescenta, no emtanto, e assaz o demonstra, que o poeta reproduziu textualmente o precioso documento, que foi para elle «um verdadeiro livro de sete sellos», e o seguiu ás cegas.

O auctor anonymo do periplo phenicio tomava para ponto de partida o Golpho Œstrymnico, ou Mar da Mancha, onde ficavam as columnas septentrionaes. Avienus, que apenas conhecia as columnas de Hercules em Gibraltar, no Golpho Atlantico, colloca ahi a origem da sua narração, operando uma deslocação de todos os factos geographicos, desde o Mar da Mancha até ao Golpho Atlantico. E porque ignorava os factos que precisamente descrevia o velho phenicio, á falta de sciencia propria e erudição que os elucidasse, commetteu erros e incongruencias, deturpando a original realidade do seu codex. D'ahi resultou toda a sua cahotica geographia. O snr. Martins Sarmento decifra o enygma e reconstitue o mappa geographico d'esta zona, desde as columnas septentrionaes ás do meio-dia.

Fixadas as columnas — *duro perstrepunt septentrione* — nas duas margens do Passo de Calais, na passagem para o Mar do Norte, o *Golfo Œstrymnico* será o Mar da Mancha, e o *Promontorio Œstrymnis* o Finisterræ da Bretanha. Substituindo a denominação de *Ilhas* dada ás *Regiões Œstrymnicas — laxe jacentes et metallo divites stanni atque plumbi* — teremos a sua localisação exacta na parte meridional da Inglaterra, banhada pelo Mar da Mancha, que se estende desde o Passo de Calais até á ponta da Cornwall. O mesmo criterio applicado á *Ilha dos Albiões,* e resultará que a Terra dos Albiões — *propinqua rursus insula albionorum patet* — será a parte da Inglaterra, proxima ás Œstrymnicas, que se estende pelo poente, desde o Canal de Bristol até a extremidade norte. Em frente a *Ilha dos Hiernos* que é a Irlanda.

D'esta sorte se vae aclarando o mysterio, e prosegue o auctor firmemente no caminho das identificações, com a mesma clareza e rigor.

Magnus Sinus é o Golfo de Gasconha, um dos lados do qual, as costas cantabricas, é denominado *Ophiusae latus,* e *Ophiusæ frons* as costas que voltam para sudoeste. *Veneris Jugum* é o promontorio Corobedo nas costas da Galliza perto da Corunha; *Aryum Jugum* será pois o Monte Dor, um pouco ao norte da foz do Lima. A *Pelagia insula* colloca-a justamente o snr. Martins Sarmento na Ria de Aveiro; e de facto ahi existem ainda exemplares d'essas ilhotas de curiosa formação, conforme a descripção do antigo texto, «formadas por vegetação marinha tão densa e consistente na superficie descoberta, como deslaçada e por isso elastica na base emmergida, de sorte que bastava o movimento das aguas produzido pelo andamento d'um navio que d'ella se approximasse, para lhe imprimir oscillação sensivel».

Achale insula ou *Pœtanion* ficaria mais ao sul, na foz do Sado — *patulus portus* — e seria a lingueta de terra onde estão as ruinas de Troia. Aqui tinham começo os dominios dos Cynetos, que se estendiam desde a margem esquerda do Sado até as margens do Ana. *Cyneticum Jugum* é o Cabo de S. Vicente, e, passando o *Cautes Sacra* ou Cabo de Santa Maria, chega-se ao rio Ana que era natural divisa entre Cynetos e Tartessios.

É extraordinario de precisão o criterio com que o snr. Martins Sarmento faz o restabelecimento geographico de toda esta parte da Europa Occidental; a modesta singeleza de seus conceitos e raciocinios — sobre factos, postulados ou theorias — tem a virtude de convencer, desperta-nos o sentimento de que esse é justamente o direito e natural rumo da verdade.

Restabelecida a geographia original do periplo, analogo trabalho de identificação requer a historia e onomastica dos povos que viveram por essas regiões; e o auctor demonstra que o periplo, n'esta parte mais laconico, é tambem exacto nas suas narrativas.

Todo este raro material de confusa significação é, nas mãos do nosso historiador, expressivo documento para a reconstituição da extensa zona percorrida pelo Anonymo.

Este estudo, agora de caracter historico-ethnographico, constitue a segunda parte do seu livro. Julgamos que era preferivel, e melhor utilisava a todos, reeditar em lingua de maior curso as suas conclusões ethnographicas, cuja importancia geral vae muito além do que interessa ao nosso acanhado meio, onde, por ignorancia ou indifferença, não são lidos estes livros.

D'esta forma expômos á consideração de um maior numero obra de tal vulto, ao passo que archivamos, fazendo corpo com a nossa publicação, e com ella correndo mundo, selecto fragmento que illustra e ennobrece a obra commum de patriotismo. Reduzir a notas bibliographicas este trabalho do sabio portuguez, era inutilisar o seu original valor; e sendo de nosso intento, e d'esta secção, este modo singelo de distinguir obras nacionaes de real merito, assim inauguramos cabalmente a justa imposição do nosso programma.

R. S.

R. FESTUS AVIENUS—ORA MARITIMA

ÉTUDE DE CE POÈME DANS LA PARTIE CONCERNANT LES CÔTES OCCIDENTALES DE L'EUROPE

PAR **F. Martins Sarmento**

Extrait de la partie ethnographique

CONCLUSION. Résumons quelques points de cette seconde partie de notre essai, en ajoutant les observations destinées à éclaircir les conclusions que nous allons tirer.

Dès à présent nous pouvons affirmer que dans toutes les régions que l'Anonyme [1] nous a fait parcourir, l'état des choses qui prédominait était égal à celui du temps des argonautes phéniciens; c'était la continuation de la civilisation du bronze bien caractérisée par ses traditions de l'art mycénien, civilisation que R. de Belloguet se glorifiait d'avoir découverte chez les Ligures, et qui depuis s'est révélée par des preuves plus nombreuses que ce consciencieux investigateur n'avait supposé, parce qu'il ignorait encore que ces peuples étaient d'origine aryenne.

Ce fait, pour la première fois démontré par M. d'Arbois de Jubainville, donne une valeur incontestable à notre document. C'est le principal service qu'il nous rend; mais si d'autres civilisations s'étaient succédées entre la civilisation en question et la romaine, alors les indications fournies par le périple et d'autres fragments de documents, gagneraient une importance extraordinaire; malgré cela le monde que nous venons d'esquisser resterait à l'ombre à côté de l'éclat des civilisations postérieures. Si, au contraire il est exact, comme dit M. S. Reinach, que jusqu'à l'avénement de la civilisation romaine, il n'y en a aucune qui ait pu sensiblement altérer celle dont nous nous occupons, alors il est évident que les indications fournies plus tard par la géographie, l'histoire, les inscriptions et les monuments archéologiques doivent être considérées comme continuation de celles fournies par l'Anonyme, toutes les fois qu'elles se rapportent aux manifestations d'une culture qu'on ne saurait confondre avec la romaine.

On ne peut pas faire d'objections sérieuses à l'opinion de M. Reinach. Même si l'on voulait citer la civilisation des Phéniciens (Tyriens et Carthaginois), on doit être étonné qu'au sud de la péninsule ibérique, où ils se sont maintenus presque sans interruption depuis le douzième siècle, avant J. Ch., jusqu'à la deuxième guerre punique, les vestiges de leur occupation et de leur civilisation soient tellement insignifiants que, sans le témoignage de l'histoire, on ne dirait pas que leur séjour dans ce pays fût aussi prolongé. Nous avons vu que même dans la Tartessie qu'ils visitaient le plus assidument, ni l'onomastique [2] ni les narrations de l'Anonyme n'accusent aucune trace évidente de leur prépondérance matérielle ou morale. Le grand Hamilcar ouvre l'époque des conquêtes violentes qui n'apportent pas la félicité à l'intérieur de la péninsule, soit dit en passant. Les Tartessiens, complètement subjugués, n'en conservaient pas moins leur langue, leur mythologie, leur littérature, qui plus tard seulement se perdirent dans la civilisation romaine. Etait-ce le manque d'habileté pour la propagande propre à la race sémitique, comme dit Renan, [3] ou l'incompatibilité de races et de naturel?

Il est certain que les Phéniciens n'exercèrent sur la péninsule aucune influence morale visible, aussi peu que les Arabes du VIIIe siècle de notre ère. Pour nous, ce silence de l'histoire n'est pas un argument négatif, quand nous observons sa loquacité à propos de la sympathie des Tartessiens pour les Grecs, [4] et des traditions grecques existant chez les Tartessiens, [5] les Galliciens et les peuples de l'extrême nord. [6]

---

[1] *L'Anonyme* quant à M. MARTINS SARMENTO est l'auteur inconnu du périple sur lequel F. Avienus aurait calqué son poème.

[2] Comp. E. HUBNER, *Monumenta linguae Ibericae*, pag. XCIII.

[3] Dans son *Histoire générale et système comparé des langues sémitiques*, il dit (pag. 16): «Ainsi la race sémitique se reconnaît presque uniquement à des caractères négatives», et pag. 52, à propos des colonies phéniciennes: «Ces colonies, si on excepte celles qui couvrirent la côte septentrionale de l'Afrique, n'eurent jamais le caractère de véritables faits ethnographiques, et ne fondèrent nulle part un établissement définitif de la race sémitique.»

[4] Vide HÉRODOTE, I, 163, sur l'accueil fait aux Phocéens par Arganthonio, roi des Tartessiens; et PHILOSTRATE, *Apollonius de Thyane* (traduction française), v. 4-5.

[5] Par exemple, les traditions sur Ulysses et une ville qui portait son nom, chez Strabon; sur l'Athénien Ménesthée, sur Ajax, fils de Telamon, chez Philostrate (ouvr. cité).

[6] Pour prouver ce que nous avançons, il nous semble inutile de citer les passages de Justin, Strabon, Tacite, Plutarque et autres.

Mais le manque de preuves dans le domaine de la culture matérielle est encore plus sensible que dans le domaine moral. M. Siret pensait en avoir trouvé beaucoup dans les résultats de ses célèbres explorations; de l'autre côté M. S. Reinach, un des savants les plus compétents dans cette matière, soutient que l'influence phénicienne y est presque nulle, et que nous nous trouvons toujours en présence des caractères de l'art mycénien qui, selon lui, doit être descendu dans la péninsule par le nord. [1] En effet, si dans les explorations des «*castros*» du nord on rencontre de rares objets importés par les Phéniciens, tout y révèle clairement la présence des Aryens.

Aussi extraordinaire que soit la soi-disante domination des Phéniciens en Espagne, c'est un fait reconnu par la presque totalité des investigateurs; voilà pourquoi la prétention de Nilson [2] d'avoir découvert des vestiges évidents de la domination sémitique non seulement ici, mais jusqu'en Scandinavie, et que F. Rougemont défendait chaleureusement, [3] ne trouve plus de sérieux adeptes aujourd'hui.

Après avoir mis hors de compte les Phéniciens, il ne nous resterait que les Celtes; car depuis le VIIe siècle av. J. C. ces peuples parcoururent si audacieusement l'Europe dans toutes les directions, et ils remplissent à tel point l'histoire de l'Occident, qu'ils sembleraient avoir été les seuls maîtres de cette partie du monde, jusqu'à ce que les Romains le sont devenus de fait. Et, si ce peuple avait possédé une civilisation supérieure ou même identique à celle des Ligures, il y aurait aux moins une grande difficulté à les distinguer l'une de l'autre. Mais, selon l'opinion unanime des historiens anciens, les Celtes n'étaient que des barbares qui ignoraient toutes les commodités de la vie, dit Polybe, [4] et nous avons déjà vu que les deux écoles qui admettent une civilisation celtique, l'une en s'appuyant sur l'archéologie et l'autre sur la linguistique, non seulement se divisent par rapport aux points essentiels — signe de mauvais augure — mais elles ne présentent pas les arguments nécessaires pour réfuter le témoignage des historiens anciens.

L'une de ces écoles attribue aux Celtes la même culture matérielle, que les Ombriens et d'autres peuples de la première migration aryenne ont apportée dans l'Europe centrale et occidentale; mais ils basent cette hypothèse sur l'existence d'un peuple celtique inventé par les archéologues; voici pourtant le témoignage historique du périple, qui, d'accord avec tous les documents ayant rapport aux Celtes, nous démontre clairement que ce peuple n'a rien de commun avec la migration des Ombriens et des Aryens primitifs; ils prouvent que les «Celtes d'archéologie» ne peuvent être que les Ligures de Belloguet et de M. d'Arbois de J.; et que les véritables Celtes, les «Celtes de l'histoire,» étaient ces bandes nomades et errantes qui passèrent, semblables à des ouragans, ou à des nuées de sauterelles, dans la Cisalpine et la vallée du Pô, par exemple, détruisant tout et n'édifiant rien; [5] c'étaient les Celtes dépeints par les historiens anciens.

L'autre école, à la tête M. d'Arbois de J., admet expressément l'existence d'une civilisation ligurique qui se serait répandue dans l'Europe centrale et occidentale; elle admet aussi que la langue et la mythologie liguriques étaient aryennes; mais les Celtes ne seraient pas, selon lui, ces hordes nomades et errantes dépeintes dans l'histoire, et comme telles reconnues par les partisans de la première hypothèse; ils formeraient au contraire un empire unifié et bien organisé, au point de pouvoir octroyer leur langue aux peuples liguriques qu'ils avaient subjugués ou qu'ils s'étaient associés. L'unité de l'empire celtique est donc déduite de l'unité de la langue celtique, c'est-à-dire de l'unité d'une langue révélée par l'onomastique qui se laisse déchiffrer par le cambrien. [6] Or nous prenons la liberté de faire observer à M. d'Arbois de J., qu'il ne peut pas affirmer que le cambrien ait été la langue des Celtes, puisque l'histoire dit seulement qu'elle était la langue des Ligures de la Silurie.

La supposition d'une civilisation celtique n'est pas plus soutenable sur le terrain de la lin-

---

[1] *Anthropologie*, 1892 p. 387-404; 1893 pag. 729-32.

[2] Dans son livre: *Les habitants primitifs de la Scandinavie.*

[3] Dans son livre: *L'âge du bronze et les Sémites en Occident.*

[4] POLYBE II, 17. Les Celtes qui envahirent la Grèce sont réprésentés par Pausanias comme des sauvages d'une férocité extraordinaire

[5] C'est d'eux que M. Al. Bertrand écrit dans son *Archéologie celtique et gauloise*, pag. 398: «Leur nom n'est attaché à aucun groupe de monuments, à aucune usage, à aucune divinité locale ou de tribu, dont on puisse lui faire honneur.»

[6] Le cambrien et ses congénères, bien entendu.

guistique ou de l'archéologie. L'histoire ne la connaît pas; bien au contraire, l'histoire nous fait voir les Celtes comme des hordes errantes et nomades qui, depuis le VIIe siècle av. J. Chr., remplirent presque toute l'Europe du tumulte de leurs irruptions, et ont contribué à la civilisation ligurique autant que les Germains du Ve siècle de notre ère à la romaine, comme nous l'avons déjà dit.

Á ce propos se présente naturellement la question, si les Celtes et les Germains ne seraient pas le même peuple. Il est clair qu'ici nous ne pouvons pas pénétrer au fond de cette question importante et irritante; mais elle se rattache si étroitement à notre investigation, qu'il est indispensable d'en dire quelques mots.

Dans la question de l'identité des Celtes et des Germains combattent en première ligne les linguistes avec leur érudition spéciale et leur fougue naturelle qui intimident les laïques; ils donnent une certaine autorité à l'opinion que les Celtes étaient un peuple différent de la race germanique. Mais voici, comment ils arrivent à cette conclusion. Entre la langue des Celtes et celle des Germains ils découvrent une différence assez grande pour marquer une ligne de séparation entre les deux peuples qui les parlent; mais pour ces savants la langue celtique est représentée par le cambrien et ses congénères, langue parlée par les Silures de l'Angleterre et les habitants de la Gaule centrale; or César nous dit positivement que cette langue était différente de celle des Belges, Celtes purs. De cette manière les arguments de cette école ne font qu'accentuer davantage la divergence des opinions.

Voici pourtant une autre objection. Comment expliquerait-on qu'à l'aide du cambrien on déchiffre d'une façon satisfaisante quelques noms génuinement germaniques, tels que les noms des chefs celtes, galates, etc.? A cette objection, tant de fois répétée, répondent les adversaires mêmes, bien qu'indirectement. Quand on leur fait observer que des chefs germaniques portaient des noms égaux aux noms celtes, ils répondent qu'entre le cambrien et le germain il y avait des racines communes et beaucoup de points de contact, comme il y en avait dans toutes les langues aryennes. Il en résulte que, à l'aide du cambrien, on déchiffre des noms celtiques et germaniques. Mais il n'est aucunement prouvé que le cambrien soit la langue des Celtes; et tant que l'histoire, seule en état de nous répondre, ne fournit pas cette preuve, l'argument ci-dessus ne peut que retarder la solution du problème. [1]

Or il est bien certain que cette preuve ne sera jamais donnée.

Est-ce peut-être à défaut de textes historiques qu'on ne saurait prouver l'identité entre Celtes et Germains? Les personnes versées dans cette matière savent que nous disposons d'un grand nombre de ces textes qui donnent aux Germains le nom de Celtes, et aux Celtes celui de Germains; qui donnent le nom de germaniques aux principales tribus des Belges continentaux, qui étaient des Celtes purs, comme nous avons déjà dit, et aux Belges de l'Angleterre, [2] seuls Celtes qui aient envahi cette île. Dans cette question les preuves de nos adversaires ressemblent plutôt à des arguties d'interprétation qu'ils opposent aux arguments. Voici, par exemple, le texte de César, qui affirme cathégoriquement la différence entre la langue des Belges et celle des habitants de la Gaule centrale. Ils prétendent ôter la force à cet argument par l'explication étrange que l'historien romain se rapportait à deux dialectes de la même langue. [3]

De même on ne saurait nier que les indications anthropologiques des anciens accusent toujours la plus intime affinité entre le Celte et le Germain, [4] dans des circonstances où il est impossible d'appliquer ce caractère à d'autres peuples différents des deux cités.

D'ailleurs ils nous semble que seulement l'aveuglement des préjugés peut empêcher de reconnaître les rôles représentés dans l'histoire par ces deux peuples, en obéissant à un même dessein, consciemment ou inconsciemment. Avec les Celtes, dit Zeuss, [5] commence en Europe le

---

[1] BECKER, *Versuch einer Lösung der Celtenfrage*, pag. 123.

[2] Vid. *Lusitanos, Ligures* e *Celtas*, pag. 84-88.

[3] Explication d'autant plus étrange que la distinction faite par César comprend la langue et les institutions; et personne n'osera soutenir que les institutions druidiques, communes aux habitants de la Gaule centrale et de la Silurie, aient eu chez les Belges quoi que ce soit de semblable.

[4] Point hors de question aujourd'hui.

[5] Commencement du livre *Die Deutsche*, etc.

duel entre les peuples du nord et ceux du midi; et il nous semble évident que l'invasion germanique du ve siècle de notre ère est la continuation de ce duel, comme l'expansion de la conquête romaine n'était qu'un de ses incidents les plus saillants.

Voyons plutôt. Au viie siècle av. J. Chr. les Celtes débordent de la Scandinavie; fiers de leurs forces, de leur stature gigantesque et de leurs coutumes guerrières, ils se ruent sur le midi en différentes bandes, chassant ou subjugant les populations qu'ils rencontrent, et que les coutumes de la vie sédentaire et les divisions en petites autonomies rendaient incapables d'opposer aux envahisseurs une résistance sérieuse. [1] Toute l'Europe occidentale serait tombée au pouvoir de ces barbares, si leur force numérique n'était pas insuffisante en comparaison de la grande extension des pays qu'ils voulaient occuper, [2] et si ces mêmes masses n'avaient pas eu la coutume de se diviser en petites expéditions, courant d'un bout à l'autre de l'Europe, au sac et à la rapine.

En tout cas une partie du monde ligurique, du Rhin à la Méditerrannée, dut subir le joug des envahisseurs qui s'y fixèrent; citons une seule de leurs entreprises, le sac de Rome et le siège du Capitole, pour constater la première manifestation d'une haine qui malheureusement sépare encore aujourd'hui la race dite latine de la race dite germanique.

Quelques siècles plus tard et la scène est changée. Les Romains sont dévenus une puissance guerrière de premier ordre, et déjà au commencement de notre ère la domination des hommes du nord avait complètement disparu de la Méditerrannée au Rhin. Les Celtes de la Cisalpine avaient été exterminés, en expiation de la haine qui les avait amenés dans la ville éternelle; [3] les Celtes de la Gaule Centrale qui formaient la classe aristocratique et guerrière de ce pays, rudement châtiés et réduits à servir l'Empire, aussi bien que les Belges, et les Suèves (Germains), qui du temps de César déjà faisaient valoir leur droit de conquête sur une partie des Gaules, avaient été forcés à reculer au-delà du Rhin.

Mais au-delà du Rhin s'agitaient toujours les géants du nord, connus maintenant sous le nom de Germains, dont quelques-uns étaient venus de la Scandinavie, [4] avec les mêmes caractères physiologiques que les Celtes, possédant la même organisation politique, comme dit Strabon, la confiance dans leur force physique et leur esprit guerrier, le même instinct effréné de se jeter sur les peuples du midi; et dans un moment donné une onde énorme de barbares renouvelle le spectacle de l'invasion celtique. Pour reproduire le tableau, un chef germanique mit impunément à sac la ville de Rome, comme quelques siècles auparavant avait fait le chef celtique, et marque le second triomphe de la barbarie sur la civilisation. L'invasion celtique au viie siècle avant notre ère, et l'invasion germanique au ve siècle de notre ère, sont-elles des drames représentés par deux peuples de race différente, ou bien deux faits constituant les événements les plus importants de l'histoire d'un même peuple?

Accentuons encore leur tendance persistante à s'emparer des pays méridionaux, aussi pleins de richesses et de merveilles que mal gardés par des hommes chétifs qui provoquaient leur mépris. Nous croyons avoir des raisons suffisantes pour admettre sans hésitation la dernière hypothèse.

Il nous reste encore à montrer quel parti nous pouvons tirer de cette digression en faveur de nos conclusions. Comme les deux invasions, la celtique et la germanique furent faites par le même peuple sous des noms différents et dans des époques différentes, nous pouvons, par les effets de la seconde qui est bien éclaircie par l'histoire, nous faire une idée exacte des conséquences de la première. Il semble que l'invasion germanique ait complètement inondé le monde romain dans la partie occidentale de l'Europe. Il est pourtant certain que l'élément germanique disparaît presque totalement pour laisser reparaître l'élément ligurique, même sans que les hommes

---

[1] En Espagne, par exemple, où les Celtes se virent forcés de s'entendre et de se rallier aux indigènes.

[2] Fait reconnu par M. d'Arbois de J. par rapport à l'occupation de la Gaule Centrale (dans la *Revue Celtique*, xiv, pag. 17-18); on lit avec plaisir ses observations quant à la facilité avec laquelle une minorité d'envahisseurs peut subjuguer la population d'un vaste pays aussi épaisse qu'elle soit.

[3] Comp. Polybe, ii, 18. 22, et suiv. Dans sa proclamation aux légions, le consul qui dirige la guerre contre les Galates de l'Asie-Mineure, les rend solidaires de l'injure faite à Rome du temps de Brennus; et il eut soin d'ajouter que cette injure avait été bien vengée sur les Celtes de l'Europe. Liv. xxxviii, 17.

[4] Comme dit expressément Jornandes, en parlant des Goths. Il appelait la Scandinavie «vagina nationum — officina gentium.»

du midi aient reconquis leur pays par les armes. Ainsi en France, où la question anthropologique a été étudiée assidument, Belloguet a établi la doctrine que la grande majorité des habitants de ce pays est d'origine ligurique, ou d'un type qu'il appelle ligurique (ce qui revient au même pour nous), et sa théorie a été pleinement corroborée par les investigations de Broca et des anthropologistes qui les ont suivis.

Dans le domaine moral les résultats furent plus ou moins les mêmes. Outre la déplorable haine entre le Français et l'Allemand, le Germain n'a laissé en France aucun vestige de son influence. Et comment l'aurait-il fait? Il n'avait point de civilisation; aux premiers chocs il détruisit celle qu'il trouvait établie; dans la suite il se mettait à copier la civilisation romaine, c'est-à-dire celle des hommes du midi; de sa langue il n'a laissé que quelques douzaines de termes.

La façon dont les choses se sont passées en France nous donne la mesure des événements chez touts les peuples du domaine dit romanique; nous relèverons seulement ce qui est arrivé en Espagne.

Dans ce pays, la race germanique est représentée principalement par les Suèves et les Goths. On a écrit, avec exagération peut-être, mais en tout cas avec un fond de vérité, que dans toute l'Espagne la domination germanique disparut dans une seule bataille, celle du Guadalete, alors que le Sémite abordant de nouveau sur ces plages, se proposait de lui disputer sa proie. Et il est vrai qu'en Espagne la domination germanique n'a laissé rien qui soit digne de mention. Notre pays, comme la Gallice, où le Suève s'établit de préférence et que le Goth a aussi visités, ne pourra offrir à l'anthropologiste que de rares exemplaires du type germanique; de leur langue il n'est resté que quelques mots, et de la civilisation gothique il ne vaut pas la peine de parler; on sait que le conquérant s'est approprié la civilisation qu'il a rencontrée, c'est-à-dire la ligurique, perfectionnée par la romaine.

Cette rapide esquisse nous prouve que les Germains, tout en étendant leur domination sur les peuples du midi, n'ont altéré leur constitution physique ni leur caractère moral, selon deux lois connues: la loi physiologique, qu'une race étrangère, toujours moins nombreuse que les indigènes, est en quelques siècles absorbée par les populations dans lesquelles elle est venue s'infiltrer; la seconde, la loi morale, qui oblige le barbare à se laisser fasciner par la civilisation qu'il voulait d'abord écraser dans sa haine.

Voilà où nous en voulons arriver. Si les Germains du ve siècle de notre ère ont presque totalement disparu dans l'ancien monde romanisé occidental, qui n'était que le monde ligurique, alors les Celtes, certainement moins nombreux que les Germains et plus barbares qu'eux, ne se seraient soustraits à ses lois que par miracle, et n'auraient pas même pu imposer leur langue aux peuples avec lesquels ils étaient en contact, peuples beaucoup plus nombreux et plus civilisés qu'eux.

Nous pouvons maintenant sans hésiter tirer nos conclusions. Deux suffiront.

La civilisation qui dominait chez les peuples mentionnés par l'Anonyme, sans doute la même que celle du temps des argonautes phéniciens, ne restera pas dans la demi-obscurité dans laquelle il l'a laissée. Cette civilisation, quoique détruite en certaines régions par les Celtes barbares, persistait dans beaucoup d'autres, et finit par s'imposer à ses premiers destructeurs, et à se développer autant que possible jusqu'à l'avénement de la civilisation romaine sans être sensiblement altérée par d'autres.[1] Il n'est pas moins certain que cette civilisation ne peut pas se confondre avec la romaine. Sans doute dans l'Europe continentale elle tendait à se fondre dans la romaine, fait facile à expliquer. Durant des siècles, le Romain n'en connaissait pas d'autre, et si plus tard il s'est assimilé les progrès de la civilisation grecque et orientale, il le faisait toujours sans se défaire de sa nature ni sacrifier son propre génie. Ainsi la domination romaine non seulement délivrait les peuples ligures, frères des Romains, des menaces d'un cataclysme semblable à celui de l'époque celtique[2] et qui devait seulement arriver au cinquième siècle de notre ère,

[1] N'oublions pas que la civilisation galatique de M. Al. Bertrand, qu'on pourrait citer, était, selon ce savant, celle des hordes nomades et errantes, appelées tout simplement barbares par les anciens.

[2] Nous nous rapportons principalement à l'invasion des Cimbres qui, passant devant les légionnaires de Marius, leur demandèrent ironiquement s'ils avaient quelques ordres à leur donner pour Rome, et à l'invasion de la Gaule par les Suèves, qui sommèrent César de sortir d'un pays qui leur appartenait par droit de conquête.

mais elle leur apportait aussi une série de progrès pour lesquels ils étaient plus ou moins préparés, sans leur octroyer aucune réforme ayant pour suite l'abolition de leurs institutions nationales. Les coutumes religieuses fournissent une des meilleurs preuves de ce fait. Non seulement le culte des dieux liguriques continue avec celui des dieux romains, mais encore ces divinités portent à côté de leur nom indigène un nom romain, [1] preuve évidente, que ces deux entités étaient les mêmes dans leur origine. Voilà ce que César affirme positivement en parlant des Gaulois qui, dit-il, adoraient les mêmes dieux que les Romains et les Grecs—fait constaté déjà par rapport aux peuples dont s'occupe notre document.

Il est évident qu'entre les langues liguriques et latine devaient exister des affinités assez intimes [2] pour faciliter la formation des langues romanes. De l'autre côté on explique, comment le Belge du nord, par exemple, Celte pur, et le Basque, compris tous les deux dans la même sphère de l'influence romaine que le Belge méridional et les peuples hispaniques, ont conservé leur langues primitives. [3]

La tendance du monde ligurique vers une complète romanisation s'explique donc naturellement; mais elle n'avait pas le temps de se réaliser; la preuve en est, qu'il n'y a pas un seul archéologue qui confonde la civilisation ligurique avec la romaine, comme le démontrent les dénominations courantes—civilisation gallo-romaine, luso-romaine, etc. [4] Cela prouve que l'étude de la civilisation, esquissée dans ses contours par le périple, dispose d'une plus grande somme de matériaux qu'on ne suppose, et possèdera un champ bien délimité quand la brume de la celtomanie qui l'obscurcit, aura disparu. L'étude comparé des Ligures continentaux et insulaires est indispensable pour l'investigation approfondie de ce monde passé. Nous avons déjà fait voir que les Ligures insulaires sont aujourd'hui représentés par les Cambriens et les Irlandais, auxquels nous pouvons ajouter les Gaëls de l'Ecosse et d'autres peuples d'importance secondaire. L'Irlandais, toujours à l'abri des révolutions produites par l'invasion celtique et par la conquête romaine, est évidemment le type le plus pur du ligure occidental; et sa littérature opulente, malheureusement dégradée par diverses circonstances, peut encore être considérée comme l'Ancien Testament du monde ligurique; de même sa langue fournirait le meilleur dictionnaire de la langue primitive des civilisateurs de l'occident; seulement les linguistes devraient diriger leur attention sur la langue primitive d'il y a au moins 23 siècles.

La seconde conclusion que nous voulons tirer c'est qu'il n'est pas plus difficile de déterminer la filiation des peuples liguriques que celle des peuples germaniques.

En premier lieu il faut se défaire de la vieille idée que les anciens peuples aient disparu dans les cataclysmes qui les ont surpris: la critique historique avec le secours de l'anthropologie de l'archéologie, de la linguistique, de la mythologie et des traditions populaires, a détruit aujourd'hui ce préjugé. [5] Ce sont les conquérants qui disparaissent dans la tourmente des con-

---

[1] Marte-Camalus, Apollo-Borvo, par exemple.

[2] Fait prouvé même par les celtistes, avec la différence qu'ils donnent le nom de celtique au cambrique et ses congénères, que nous appelons ligurique par des raisons connues.

[3] On sait que la langue de la Belgique septentrionale est germanique, et celle de la Belgique méridionale est romane. On sait aussi que les Belges se sont conservés jusqu'aujourd'hui dans les conquêtes qu'ils avaient faites dès le commencement en-deçà du Rhin. Les linguistes qui attribuent aux Belges une langue différente de la germanique, la langue celtique-cambrique, se voient forcés d'admettre qu'ils ont abandonné leur langue nationale, ceux du nord pour adopter la langue germanique, et ceux du sud le latin. Ils ne s'appuient sur aucune raison, et il serait difficile d'en découvrir une. On peut comprendre qu'un seul et même peuple, complètement romanisé, ait changé sa langue contre celle des Romains dont la civilisation l'a ébloui; mais on ne saurait comprendre qu'une partie des habitants abandonne la sienne pour adopter celle des barbares germaniques. L'énigme se déchiffre assez facilement en admettant, comme nous le faisons, que la Belgique septentrionale était la région d'où, selon le témoignage de César, les Belges avaient chassé les populations primitives, et qu'elle était alors occupée par des Celtes, qui parlaient une langue germanique, pendant que dans la Belgique méridionale l'élement celtique était en grande minorité, comme dans la Gaule centrale, et que dans ces deux régions l'élément ligurique était prépondérant.

[4] Le fait suivant, reconnu par des observateurs dignes de foi comme l'est M. E. Hübner, est assez remarquable. A' *Citania*, qui doit avoir existé jusqu'à l'époque de Constantin, à en juger par une monnaie de cet empereur trouvée dans les ruines, la physiognomie de la bourgade est tellement caractéristique qu'il n'y a que les inscriptions, les monnaies et quelques produits de l'industrie romaine qui attestent que le souffle de la civilisation romaine y a passé. Il en est de même des autres *castros* que nous avons examinés.

[5] Suivi par Alexandre Herculano; remarquons cependant qu'au temps de notre savant historien les sciences auxiliaires que nous avons citées n'étaient pas constituées.

quêtes, parce qu'ils sont toujours peu nombreux relativement aux vaincus, et qu'ils sont presque toujours décimés par d'autres envahisseurs qui leur disputent la proie, tandis que le peuple vaincu, courbé sous ses fers et travaillant toujours pour eux, se conserve à l'écart de ces boucheries, ou bien, dans le courant des siècles, ils sont absorbés dans la grande masse de la population indigène. [1]

Examinons les peuples cités dans le périple, pour voir si nous pouvons affirmer avec raison qu'un d'entre eux ait cessé de prolonger sa vie historique à travers les siècles.

Dans les Iles Britanniques, les invasions toujours renouvelées des géants du nord, principalement après la chute de l'empire romain, réussirent à y établir une domination effective, et, par des raisons qu'il est inutile d'exposer ici, le conquérant conserve les caractères de la race germanique. C'est l'Anglais d'aujourd'hui; mais il ne faut pas confondre l'Anglais avec le Cambrien, le Gaël du Highland et l'Irlandais. Entre ces derniers et les Anglais existe la même haine qu'entre le Français et l'Allemand; et probablement la croyance á un Arthur vengeur qui viendrait chasser les usurpateurs des deux îles sœurs, n'est pas tout-á-fait éteinte chez ces trois peuples qui conservent si religieusement leurs traditions mystiques, historiques, et leur ancienne langue. [2] Or, ces caractères nous feront reconnaître dans les Cambriens, dans les Gaëls et dans les Irlandais, les descendants des Albions, des Œstrymniens, des Ligures et des Hiernes du périple.

Les populations de la Bretagne française sont si étroitement liées par la langue, les traditions et le naturel avec les Cambriens et les Irlandais, qu'il serait absurde de les prendre pour un peuple différent de celui qui du temps de l'Anonyme accusait des rapports identiques sous le nom de Œstrymniens.

Les côtes occidentales de l'Espagne furent infestées par différentes bandes germaniques qui, selon leur coutume, se décimaient dans des luttes fratricides, et furent dans la suite presque totalement exterminées par les Arabes. Nous avons déjà vu quelles traces ces envahisseurs ont laissées derrière eux—aucune ou presqu'aucune. L'invasion arabe, mieux douée de force et de culture, soumit presque toute l'ancienne Lusitanie et a inquiété souvent la Gallice; mais il n'est pas moins sûr qu'au fur et à mesure que les nouveaux Sémites furent chassés, on voit se lever, depuis les confins de l'Algarve jusqu'aux frontières de la Gallice, un peuple possédant la même manière de sentir et de penser, la même langue, conservant la toponymie pré-romaine, et liant à ses castros, ses dolmens, ses fontaines, etc., une infinité de traditions, qui sans doute ont leurs racines dans la civilisation pré-romaine. Á notre avis, ce serait fermer les yeux á l'évidence que de ne pas reconnaître dans ce peuple le Lusitanien et le Gallicien de l'époque romaine, et dans ceux-ci les Ligures, les Cempses et les Cynètes du périple.

En terminant nous avouons que nous nous croirions récompensés de notre tâche ingrate de piocheur—si à l'instar de ce qu'on a prouvé pour la France, après Belloguet—nous réussissions à établir le principe que notre origine est ligurique, sans mélange celtique aucun ou tellement insignifiant qu'il ne vaudrait pas la peine d'en parler.

Comme les Français, comme tous les peuples liguriques, y compris le peuple Romain, nous ne devons au Celte et au Germain que la bonne volonté de nous réduire á l'esclavage. Nous devons tout à ces anciens émigrés aryens qui ont répandu dans toute l'Europe une civilisation identique á celle des Grecs et des Romains primitifs, qui l'ont défendue en même temps que leur liberté, aussi longtemps qu'ils ont pu, et exactement des attaques du Celte et du Germain.

---

[1] Á propos, vid. ALBERTO SAMPAIO, «As Villas do Norte de Portugal», in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, n.º 10.

L'édition définitive de cette remarquable étude de M. Alberto Sampaio, sera publiée intégralement dans la *Portvgalia*, à commencer par le fascicule présent.

[2] Il faut ajouter—et leur civilisation qui a adouci peu à peu la barbarie des conquérants. Sous ce rapport spécial l'Irlande mérite une attention particulière. Complètement inaccessible à l'influence romaine, leur culture due certainement à la vieille civilisation ligurique toute pure, se manifeste d'une manière extraordinaire, non seulement dans leur littérature et dans leur art, mais aussi dans l'influence que très tôt elle exerçait sur les barbares du nord. Ainsi, selon Sophus Müller (Sophus Bugge, *Studien über die Entstehung der nordischen Götter-und-Heldensagen)* pag. 28, le célèbre art scandinave n'est pas redevable de peu à l'art irlandais, dont les traditions mycéniques sont visibles. Quant à l'influence de l'Irlande sur la littérature et même sur la mythologie de l'extrême nord, l'ouvrage cité de S. Bugge et quelques articles insérés dans la *Revue Celtique* font pressentir les résultats surprenants d'une critique sans préjugés.

José Leite de Vasconcellos. RELIGIÕES DA LUSITANIA, *na parte que principalmente se refere a Portugal.* Vol. I, 440 pags. Lisboa, 1897.

Constitue este trabalho um livro volumoso sobre assumpto scientifico, o que entre nós é raridade, facto para archivar, merecedor desde já de elogiosa referencia, como exteriorisação de avultado esforço e pessoal iniciativa.

A obra do snr. Leite de Vasconcellos é bem ordenada, minuciosa nos seus capitulos e paragraphos pelos quaes são classificadas as componentes do seu programma. Abre com extensa introducção em que nos expõe methodos de analyse e pontos de vista geraes. Começa por precisar o que venham a ser Lusitanos e Lusitania, e quando falla nas affinidades entre o Portugal historico e a Lusitania dos antigos declara que: veem consequentemente de remota origem, luso-romana ou pre-romana, a lingoa que fallamos, toponymia e onomastica, feições do caracter nacional, usos e costumes, emfim, «os meudos elementos tradicionaes da nossa sociedade, no estudo dos quaes nos achamos constantemente em estreitas relações com o passado, ainda o mais remoto».

Aparte o que ha de geral e commum n'estas considerações, apraz-nos cital-as, pela mesma impressão intuitiva da nossa integridade nacional, e pela affirmação de continuidade historico-ethnologica, garantindo vida e caracteres proprios ao organismo ethnico portuguez.

Insiste depois o snr. Leite de Vasconcellos sobre a originalidade e difficuldade do seu assumpto; de facto, para levar a cabo a sua obra, percorreu e fez explorações por todo o paiz, fornecendo «em primeira mão» materiaes colhidos *in loco;* e applicando analogo processo ao trabalho de erudição e bibliographia, «não citando livro que não tivesse lido,» confirmando ou ampliando sempre os factos citados com observações proprias, procurou dar á sua obra outro caracter que não o de «*apanhado* do que já existia sobre o assumpto.» Crêmos que não conseguiu cabalmente o Auctor este seu primordial intento, se bem que os processos applicados de pessoal investigação e exactidão scientifica sejam predicados indiscutiveis do seu caracter e da sua notoria dedicação pela sciencia nacional.

Naturalmente obrigado a seguir a classificação archeologica, pela especial feição do seu estudo, separa o livro em tantas partes quantas as epochas de classificação pela industria humana, desde os tempos prehistoricos aos tempos chamados proto-historicos, precedendo a sua analyse das religiões de então por minuciosa bibliographia e previas considerações sobre palethnologia portugueza.

Admitte de começo que o sentimento da religiosidade existiu desde as mais remotas origens e que a primeira manifestação d'este sentimento não está no culto dos mortos, mas que, «primeiramente constituirão materia religiosa as cousas naturaes, consideradas como conscientes (Naturalismo elementar), depois acreditou-se na existencia individual de espiritos (Animismo), que ora andavam soltos pelo espaço (Espiritismo), ora se fixavam em certos objectos (Feiticismo)», ao que acrescenta a concepção de amuletos e symbolos.

Quanto ao periodo paleolithico, como carecia de documentos a cathegorica affirmação de Mortillet de que «il n'y a pas trace de pratiques funeraires dans les temps quaternaires», e tam pouco existam factos que abonem a proposição em contrario do Auctor, conclue que «não temos elementos bastantes para podermos affirmar scientificamente que o homem na epocha paleolithica não possuia religião»; e não insiste mais n'este ponto, contentando-se em «ter deduzido a possibilidade da existencia de uma religião quaternaria muito simples», singelas crenças despertadas pelos elementos dominantes da natureza physica.

Affirma a necrolatria nos kjoekkenmoeddings, e segue-se a esta, a parte mais extensa da sua obra, em que se occupa de todas as formas de religiosidade no periodo neolithico.

E' longa e minuciosa toda esta exposição atravez crenças e cultos das povoações que habitaram a terra portugueza, e das numerosas opiniões ou theorias a respeito de assumpto que implica com a mysteriosa psychologia humana. A documentação para o desenvolvimento das suas observações é fornecida pelas monographias portuguezas—não fallando das numerosas obras estrangeiras consultadas, entre as quaes segue o Auctor de mais perto o trabalho do snr. E. Cartailhac que se refere á Peninsula—pelas descobertas posteriores, por todos os vestigios materiaes espalhados no paiz, que mostram caracter religioso, formas cultuaes, amuleticas ou votivas.

As pesquizas do Auctor são a este respeito minuciosas e extensas, e aponta-nos mesmo alguns factos de novidade no campo archeologico; todo este material ordenado constitue um valioso repositorio de material scientifico, o que dá á sua obra utilitario merecimento de archivo.

A descripção ou critica do volumoso livro publicado pelo snr. Leite de Vasconcellos levar-nos-ia longe; discordando de alguns pontos de vista geraes e particulares, não nos anima a discussão, pelo pouco que d'ahi resultaria e, muito especialmente, porque, da contraposição de opiniões, não surdiria certamente a luz da verdade; ao final das contas o desperdicio era certo, e porque, assim julgamos, nunca da discussão de principios, mas da justa interpretação dos factos, é que espontaneamente resultará a verdade scientifica.

Ao concluir, apresenta o Auctor um pequeno quadro provisorio do que lhe foi possivel apurar quanto ás ideias religiosas que dominavam no periodo neolithico:

I CONCEPÇÃO (Naturalismo e animismo): *a) a lua e o sol; b) o mar e os peixes; c) outros animaes; d) os espiritos da Natureza e dos mortos.*

II CULTO: *a) sacerdocio rudimentar; b) lugares sagrados* (cemiterios); *c) ceremonias* (funebres); *d) necrolatria; e) amuletos; instrumentos e vasos symbolicos; idolos ou feitiços* (figurados e pintados) *de animaes e do homem; signaes esculpidos em pedras.*

Este quadro é, pela sua disposição, muito proprio a dar-nos a justa nota da orientação do Auctor quanto ás questões primordiaes e parcellares, e salvo factos ahi comprehendidos e não citados, como a trepanação prehistorica, de que se occupa largamente, tudo está bem summariado n'este curioso resumo.

É destinado á epocha dos metaes o menor capitulo. Nos primeiros tempos encontra sómente um elemento religioso, o culto dos mortos, e não nota quanto á concepção da vida futura differença fundamental do periodo neolithico, apenas modificações secundarias no que diz respeito a ritual e modo de enterramento.

Termina annunciando o segundo volume da sua obra em que, pela abundancia e relativa nitidez dos documentos, se sente caminhar em terreno mais firme, «sem tratar tantas vezes hypotheticamente ou de relance o assumpto». Esta declaração final desperta-nos interesse pelo novo volume ao qual não faltará certamente o caracter original de estudo a respeito das Religiões da Lusitania.

Quanto ao presente livro, sem menosprezar o seu valor real, parece-nos que o Auctor não conseguiu imprimir-lhe nitidamente, conforme o seu intento, caracter de estudo original e proprio — os phenomenos religiosos foram sempre cuidados e desenvolvidos nas memorias especiaes de Prehistoria, sem poder destacar-se o seu estudo dos proprios factos archeologicos ou ethnographicos.

R. S.

Alvaro José da Silva Basto. INDICES CEPHALICOS DOS PORTUGUEZES, in 8.°, 67 pags. Coimbra, 1898.

É uma dissertação preparada pelo auctor para o seu acto de licenceado na Faculdade de Philosophia da Universidade de Coimbra. Dissertação bem util esta que vem augmentar a nossa tão pobre litteratura anthropologica, lançando ao mesmo tempo uma boa claridade sobre o problema ethnico nacional. De facto, o estudo do indice cephalico feito pelo snr. Silva Basto, sobre 106 craneos portuguezes — 67 masculinos e 39 femininos — conjunctamente com os 1.000 do snr. Ferraz de Macedo, já nos habilita a substituir essa negra interrogação que o snr. Ripley collocou sobre o nosso paiz. [1]

Nos dous primeiros capitulos do seu trabalho, o snr. Silva Basto trata de generalidades e da technica anthropologica: explica-nos como se determinam os differentes elementos ethnicos; lamenta, como de costume, o estado de atrazo em que se acham os estudos anthropologicos entre nós e, a proposito da necessidade urgente da creação d'uma sociedade d'Anthropologia para o seu incitamento e desenvolvimento, allude depois em nota á constituição da Sociedade d'Anthropologia de Coimbra (1897) devida á iniciativa do snr. Bernardino Machado; historia-nos o *indice cephalico* desde Retzius; apresenta as nomenclaturas de Broca e a quinaria de Topinard que o auctor declara seguir; falla-nos das variações do indice cephalico no individuo e nas raças, da evolução morphologica do craneo e expõe-nos os methodos analyticos da *seriação* e dos *agrupamentos*, e o synthetico das *medias*.

Depois entra no capitulo III, que verdadeiramente nos interessa: *Indices cephalicos de portuguezes*. Apezar de se utilisar subsidiariamente da serie dos mil craneos do snr. Ferraz de Macedo, a *serie portugueza* estudada pelo snr. Silva Basto é, ainda assim, bastante deficiente para a distribuição chorographica do seu indice cephalico, porque essas duas series conteem, n'uma grande maioria, craneos exclusivamente extremenhos. Das outras provincias, apenas o Minho e o Douro excedem o numero sufficiente de Broca, que a nosso vêr deve ser elevado pelo menos a 50 casos do sexo masculino para cada districto. No emtanto o indice cephalico medio distribue-se assim pelas oito provincias:

Minho	75.7	Beira Baixa	73.4
Traz-os-Montes	72.5	Extremadura	74.3
Douro	73.8	Alemtejo	74.8
Beira Alta	72.6	Algarve	75.3
Indice medio do reino			74.5

Vê-se pois que as provincias mais dolichocephalas são as de Traz-os-Montes e Beira, augmentando o indice, á medida que se approxima do littoral maritimo, sobretudo nas provincias do Algarve e do Minho, onde elle attinge a mesaticephalia.

O auctor suppõe, e com razão, que é nas duas provincias mais montanhosas do nosso paiz, notavelmente na transmontana, que se deve conservar o *substractum* da nossa população, e que pelo contrario, a elevação do indice no Minho é devido talvez a uma certa influencia do elemento brachycephalo celta, que predomina, segundo Olóriz, no littoral do golpho cantabrico.

No estudo anthropologico que se exara na primeira secção d'esta revista, nós confirmamos essa mesaticephalia minhota, pois o nosso indice cephalico differe apenas 0,4 — com a devida reducção — do obtido pelo snr. Silva Basto.

O auctor confronta o indice cephalico medio do reino com os da Hespanha — 76.2 — da França — 81.6 e da Italia — 81.0. Como estes indices eram cephalometricos, o snr. Silva Basto fez

---

[1] W. Z. RIPLEY, *Notes et documents pour la construction d'une carte de l'indice céphalique en Europe*, em *L'Anthropologie*, fasc. 5. Paris, 1896.

a necessaria transformação, subtrahindo-lhes duas unidades para os tornar comparaveis. E d'essa comparação tira as seguintes conclusões:

«Os portuguezes teem o indice medio (74.5) inferior em trez unidades ao termo medio da humanidade (77.5). São dolichocephalos, ainda que em pequeno grau, emquanto que os Hespanhoes são mesaticephalos e os Italianos e Francezes brachycephalos. O povo portuguez tem pois a cabeça mais alongada do que os outros povos latinos.»

Fica assim levantada a interrogação que pesava sobre o nosso territorio e é destruida tambem a opinião do anthropologista norte-americano, [1] fundada n'um trabalho de Welcker:

«Le Portugal nous fournit des données incertaines; il y a cependant l'indication évidente d'un indice légèrement plus élevé que celui de l'Espagne et les tableaux de ce dernier pays eux-mêmes tendent à appuyer cette opinion.»

O snr. Denicker, na sua recente nota preliminar sobre as raças da Europa, já colloca no logar que lhe compete, o nosso paiz, como o mais dolichocephalo do velho continente. [2]

Fazendo o estudo analytico das duas series portuguezas pelo methodo da seriação, notam-se as duas influencias dolichocephala e brachycephala, com predominio d'aquella, na formação do portuguez actual. Com effeito, o maximo de frequencia gravita em torno de 74 e tambem não devemos desprezar o segundo maximo nos arredores de 76. Elle indica, quanto a nós, a presença d'um outro elemento de cabeça moderadamente alongada e que poderá ser a nordica.

No quadro comparativo do agrupamento cephalico portuguez com os dois povos latinos, hespanhol e italiano, o snr. Silva Basto falseia um tanto as suas affirmativas, devido a que por esquecimento, de certo, comparou o seu agrupamento *cephalico* com os *cephalometricos* obtidos por Olóriz e Livi. Para os tornar comparaveis é necessario subtrahir duas unidades aos indices cephalometricos, como o auctor praticara ao confrontar os indices medios dos povos latinos, ou addicional-as aos nossos cephalicos.

Utilisando-nos dos Quadros I e II que o auctor apresenta no fim da sua dissertação, restabelecemos, nos seus devidos termos, as proporções centesimaes dos *agrupamentos* da pagina 29, usando do segundo processo, isto é, augmentando duas unidades aos indices obtidos pelo snr. Silva Basto:

GRUPOS	PORTUGAL				HESPANHA	ITALIA
	Indices cephalicos de Silva Basto	Indices cephalometricos				
		Masculinos	Femininos	Total		
Dolichocephalos — inferiores a 75	56.8	29.9	25.6	**28.3**	12.7	3.7
Mesaticephalos — de 75 a 80.....	36.1	55.2	69.2	**60.4**	60.3	22.2
Brachycephalos — superiores a 80.....	6.0	14.9	5.2	**11.3**	26.9	74.1

Resulta pois:

Que Portugal é realmente o paiz que tem na sua população uma maior percentagem do elemento de cabeça alongada, o que é escassamente representado em Hespanha e ainda menos em Italia; que a percentagem dos mesaticephalos é maxima e sensivelmente egual nas duas nações da Peninsula iberica, ao passo que na Italia forma a quinta parte da sua população; que dos trez povos latinos, o que apresenta menor percentagem do elemento brachycephalo é o portuguez; vem depois o hespanhol em que esse elemento forma a quarta parte e o italiano que se distanceia com os seus $^3/_4$. O portuguez é, emfim, mais dolichoide do que o hespanhol que soffreu maior absorpção do elemento brachycephalo. E é esta uma das distincções do descendente lusitano para com o celtiberico.

Na historia do indice cephalico portuguez, o snr. Silva Basto serve-se do excellente estudo de paleo-anthropologia do nosso mallogrado Paula e Oliveira. É desde o começo dos tempos neolithicos que a união dos brachycephalos com os dolichocephalos autochtones, se realisou e a sua mestiçagem já se faz sentir nitidamente nas grutas do Carvalhal e de Montejunto.

Quanto á presumida antiguidade da raça brachycephala no nosso solo, desde o paleolithico, será bom pôr-se de parte. Esse craneo *provavelmente* quaternario, do valle de Areeiro, dotado de todos os caracteres da raça neolithica de Furfooz, deve ter o mesmo destino que a maxilla de Moulin-Quignon e outras descobertas semelhantes: ser riscado de vez da nossa palethnologia, como não sufficientemente authenticado. Mais vale esta eliminação do que enchermos constantemente a sciencia d'um dado incerto que faz conduzir a conclusões falsas.

A communidade de origem dos nossos brachycephalos emigrantes neolithicos e dos francezes e inglezes, que o snr. Silva Basto julga muito verosimil, parece-nos ter ficado realmente demonstrada na memoria sobre o Minhoto que atraz apresentamos.

O que parece certo é a permanencia, na população de hoje, da nossa raça dolichocephala neolithica que Paula e Oliveira identificou com a de Cro-Magnon. É ella certamente que dá a im-

---

[1] W. RIPLEY. Obra retro-citada, pag. 254.

[2] J. DENICKER. *Les races de l'Europe*, em *L'Anthropologie*, fasc. 2. Paris, 1898.

portante percentagem nos agrupamentos e a firmeza da sua curva no graphico, apresentados pelo snr. Silva Basto. A sobrevivencia d'essa raça n'um estado de relativa pureza, explica-se pelas condições d'isolamento e de resistencia a que satisfaz o nosso territorio e que o auctor muito bem faz sobresahir, ao tratar, n'um ultimo capitulo, da composição ethnica do nosso povo.

Por ultimo, o auctor falla-nos ligeira e prudentemente dos differentes elementos ethnicos que tiveram talvez uma certa influencia na composição do actual typo portuguez.

Duvida que os Bascos, esse curioso povo, fallando ainda uma lingua agglutinativa, sejam os representantes mais puros das primitivas populações ibericas. E de facto, o seu typo brachycephalo desharmonico, segundo o dr. Collignon, não faz mais do que fortalecer bem essa duvida.

Os Ligures que o auctor diz terem a cabeça redonda, concorreriam para brachycephalisar as populações austro-orientaes da Hespanha, fundando-se na opinião de Olóriz. Até ha bem pouco tempo julgava-se na verdade que o Ligure era brachycephalo; os recentes trabalhos, porém, de Livi, confirmando os de Sergi, demonstraram o contrario: que o Ligure era realmente dolichocephalo. E para nós é esse povo, caracterisado pela sua pequena estatura, côr morena e dolichocephalia, que representava na antiguidade, a raça neolithica de Baumes-Chaudes e que forma portanto o grande fundo ethnico da nossa população actual.

A brachycephalisação dos povos primitivos da Hespanha foi realisada pelo Celta como justamente cuida o snr. Basto, que infere d'ahi a hypothese, se seria a esse emigrante que se deve a elevação do indice cephalico minhoto. E no Algarve, não seria tambem o elemento celta das margens do Anas, de que nos falla Strabão, o causador da sua mesaticephalia?

Quanto ao phenicio, ao romano, «a sua influencia ethnica foi antes civilisadora» diz o auctor.

E sobre a influencia do elemento nordico, acrescenta: «Apezar de tudo, a invasão dos povos do Norte explica o elemento loiro, que, em pequena proporção é verdade se encontra em toda a Peninsula. «É certo, que desde remota antiguidade parece terem existido loiros aqui, embora dispersos, segundo contam os historiadores. Mas a invasão germanica deve ter augmentado a proporção e sobretudo explica a existencia de agglomerações de loiros em certos pontos de Hespanha, que teem impressionado muitos viajantes.»

E com mais algumas considerações a este proposito, remata o auctor o seu trabalho. Documenta-o, no fim, uma serie de quadros de seriações e medias das duas series da Universidade e do snr. Ferraz de Macedo com os respectivos graphicos.

Que o snr. Silva Basto produza mais trabalhos d'este genero é o que desejamos.

F. C.

Luis de Hoyos Sáinz. L'ANTHROPOLOGIE ET LA PRÉHISTOIRE EN ESPAGNE ET EN PORTUGAL EN 1897. Ext. de *L'Anthropologie,* tom. IX, 8.°, 16 pags. Paris, 1898. — ANUARIOS DE BIBLIOGRAFÍA ANTROPOLÓGICA DE ESPAÑA Y PORTUGAL. 1896 Y 1897. Ext. dos *Anales de la Sociedad Española de Historia Natural,* tom. XXIV, 8.°, 22 pags. Madrid, 1898. (Complemento da noticia precedente).

Accusando os progressos da anthropologia e sciencias accessorias na peninsula iberica o illustre cathedratico hespanhol dá um resumo do seu movimento, em 1897, na revista franceza acima indicada, completando-o no orgão da sociedade hespanhola com a lista das publicações vindas á luz durante esse periodo. Effectivamente as explorações archeologicas, os trabalhos anthropometricos e as investigações ethnographicas teem occupado, nos dois paizes, o esforço e a dedicação d'um numero progressivo de estudiosos.

Vae longe o tempo em que a fundação d'um instituto destinado ao estudo de Historia Natural do Homem despertou tal ruido e protestos que foi necessario esperar a queda d'um ministerio para definitivamente o constituir. Mas dos desenvolvimentos accusados no que era licito esperar em paizes cuja percentagem de diplomados cresce desmesuradamente, não nos parece que o numero de estudiosos, no departamento scientifico que nos occupa, seja, ao menos, sufficiente. E quanto ao espirito publico lettrado, em Portugal e na Hespanha, não se nos affigura por emquanto interessado nas conclusões, sequer, obtidas pelos especialistas.

Emtanto certo é que alguns progressos contamos, cá e lá. Temos uma cadeira de anthropologia na Universidade, com um gabinete annexo e trabalhos iniciaes para notar; temos o Museu ethnologico de Lisboa e varios museus de provincia instituidos para o archivo e estudo das antiguidades regionaes; temos publicações periodicas, emfim, destinadas á propaganda, á informação e á monographia. E semelhante movimento filia-se directamente na grande solemnidade sabia de 1880 em que Portugal acolheu com brilho algumas das mais illustres figuras da sciencia europeia.

A Hespanha, onde viveu frouxamente uma ephemera sociedade anthropologica, conta hoje um laboratorio de anthropologia no Museu de Historia Natural de Madrid, outro na Faculdade de Medicina, algumas cadeiras consagradas á anthropologia na Escola de estudos superiores, um serviço de identificação anthropometrica, magnificos museus, aos quaes cumpre accrescentar o recente Museu proto-historico da Iberia, e as notaveis publicações especiaes bem conhecidas.

D'entre os nomes illustres de reputação europeia assegurada avultam os dos snrs. D. Anton y Ferrandiz, D. Federico Olóriz, D. Luis de Hoyos e D. Telesforo de Aranzadi, os quaes, ou em cursos, ou em memorias de conjuncto e regionaes, ou em trabalhos de programmatisação, ensino e technica, teem firmado assignalados progressos na anthropologia hespanhola. E não registramos já outros nomes pela esperança que temos de muito em breve e frequentemente se nos deparem ensejos de mais larga referencia.

D. Luis de Hoyos nota que o numero das publicações distribuidas em 1896, nos dois paizes da peninsula, foi de 113 e, no anno seguinte, de 124. Este ultimo numero decompõe-se em 33 para a anthropologia geral, 33 para a ethnologia e a sociologia, 9 para a linguistica e 49 para a prehistoria. Dos trabalhos que reclamam reparo emitte commentarios; e sobre a obra portugueza tem expressões muito lisongeiras, de que compartilha o nosso archeologo Santos Rocha, que é não só um devotado, a bem dizer, sectario, mas trabalha á custa de consideraveis dispendios pessoaes.

Precede este trabalho o historico do movimento em cursos. Apenas nos referiremos aos da escola superior atrás alludida e na qual o professor Anton se occupou da anthropologia de Hespanha (regeitando a existencia, em Portugal, do homem terciario), o professor Salillas de anthropologia criminal, o doutor Simarro de psychologia physiologica, Menendez Pidal das origens da lingua castelhana, o illustre musicographo Pedrell da influencia dos cantos populares sobre a formação das nacionalidades musicaes, etc.

Apezar da lista muito extensa de trabalhos portuguezes, não é ella ainda completa, provavelmente por carencia de publicações nossas que não chegam a Madrid ou lá apparecem insufficientemente. A notar: *Revista de Guimarães, Revista Lusitana*, etc. Mas tal qual está já esta tentativa é muito elogiavel e promettedora — se a estreiteza das relações, até agora quasi nullas, proseguir n'um mesmo alevantado interesse para os dois paizes visinhos.

R. P.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes. Cinco volumes (I, 192 pags. e IV pls.; II, 192 pags., 1 grav. e VIII pls.; III, 216 pags. e III pls.; IV, 216 pags.; V, 221 pags. e II pls.) 8.º Porto, 1890-1898.

Terminou esta publicação com o fasciculo 20. Comporta cinco tomos completos e foi primitivamente orgão dos trabalhos da *Sociedade Carlos Ribeiro*, instituição scientifica a que ainda sobreviveu alguns annos.

O presente archivo procede da revista extincta por mais d'um titulo: pensamento inicial, corpo de redacção e ainda a mesma particularisação de intuitos, revelada, na publicação finda, em escolha preferente dos assumptos que interessam ao problema ethnico portuguez. O fasciculo de encerramento, exhibindo, n'uma taboa remissiva e systematica, os trabalhos publicados nos cinco tomos, dá vulto ao predominio dos estudos ethnicos por sobre as materias d'um quadro vasto e multiplo que o mesmo titulo denuncia.

Por esta estreita unidade e n'um intento de facilitação bibliographica, reproduzimos seguidamente os titulos e referencias subsidiarias dos estudos originaes que importam á indole do actual archivo, remettendo para a publicação extincta quem desejar conhecer outras notas menores, commentarios bibliographicos, noticias de museus e escriptos de propaganda que ainda sobre o mesmo assumpto foram inseridos nos referidos cinco volumes.

Anthropologia — FONSECA CARDOSO, *O indigena de Satary* V
Archeologia — FIGUEIREDO DA GUERRA, *A estatua callaica de Vianna* IV
FONSECA CARDOSO, *Nota sobre uma estação chelleana do valle de Alcantara* (com 2 phototyp.) III
MARTINS SARMENTO, *Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos*. III
Id. do districto de Vianna IV
A proposito das estatuas callaicas IV
A estatua do Pateo da Morte IV
RICARDO SEVERO, *Primeiros vestigios da epocha neolithica na provincia de Angola* (1 phot.) I
SANTOS ROCHA, *A questão da anthropophagia nas estações neolith. da Serra do Cabo Mondego* I
Uma obra de arte primitiva (com 1 zinco-gravura) I
Pequenas hachas de pedra das estações neolithicas do concelho da Figueira . II
A profanação das antas na epocha romana III
A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira. IV
Necropole prehistorica da Campina, nas visinhanças de Faro. IV
A necropole prehistorica da Fonte Velha, em Bensafrim, concelho de Lagos . IV
O rito da inhumação nos dolmens da Serra do Cabo Mondego IV
Alguns vestigios da epocha do cobre, colligidos no Museu municipal da Figueira (com 1 plancha) V
Ethnographia — ADOLPHO COELHO, *O quebranto* III
A caprificação IV
ROCHA PEIXOTO, *Notas sobre a malacologia popular*. I
A tatuagem em Portugal (com 8 planchas lithographadas) II
Ethnologia — ADOLPHO COELHO, *Sobre os conhecimentos ethnicos dos gregos e dos romanos* . . . I
O supposto escandinavismo de Anthero de Quental V
MARTINS SARMENTO, *Os Atlantes de Diodoro Siculo* I
THEOPHILO BRAGA, *O mytho de Istar em uma lenda popular extremenha e asturiana* . . V
O mytho chaldeo-babylonico dos amores de Istar na tradição occidental II
Philologia — LEITE DE VASCONCELLOS, *Notas sobre a linguagem vulgar do Porto*. II

R. P.

EDITOR — RICARDO SEVERO.

O OSSUARIO

DA

FREGUEZIA DE FERREIRÓ

—

ESTUDO ANTHROPOLOGICO

Como subsidio para o estudo anthropologico do povo portuguez, este pequeno trabalho tem diminuta representação. Refere-se a uma serie limitada de observações em campo circumscripto de pequena area.

Ponderemos que, quando se trata de formular considerações sobre agrupamentos, seriações, ou medias de factos e observações, a extensão da serie é questão primordial, se bem que a sua harmonia ou homogeneidade seja, acima de outras, condição necessaria para a boa solução do calculo ou estudo.

O caracter de confusa mesclagem, que actualmente demostram os agrupamentos humanos, exige um maximum de coordenação de quantos elementos de toda a ordem possam interessar o problema ethnico que se considera. Por vezes, comtudo, o processo de integração tem que reduzir-se a limites forçados, não porque menos peze essa justa razão de quantidade, mas porque bastam, pelo que valem, condições especiaes de localisação.

Assim, o nosso caso. Consta de observações sobre material retirado de um cemiterio, no centro de uma população de exigua extensão, cuja permanencia desde longa data attestam os registos demographicos. Houve que limitar o trabalho aos unicos elementos da occasião que nos forneceu o pequeno ossuario, e da collecção e interpretação d'esses poucos elementos resultou este trabalho de caracter local, representando subsidio de algum interesse para o estudo dos povos de Entre Douro e Minho, empreza já iniciada n'esta publicação e que prosegue.

A freguezia de Ferreiró está situada na margem direita do Rio Ave, a uns quinze kilometros do seu desaguadouro, caminhando segundo a directriz sinuosa do rio. Assenta nas ondulações que constituem o proprio válleiro e que se ligam ao systema orographico da bacia do Ave, para a qual concorrem pequenos valles de somenos importancia; e todo este systema de collinas deriva de um ponto culminante, o monte da Cividade de Bagunte que se eleva 206 metros acima do nivel do mar.

São de baixas altitudes todas estas ondulações do terreno, mas seguem-se e repetem-se com estreitos valles de permeio, dando ao terreno um aspecto irregular e variado, como é vulgar em toda a facha minhota do centro, áquem das varzeas á beira-mar, e das regiões mais agrestes e elevadas do interior.

É commum a paisagem e caracteristica do centro do Minho nas regiões de sub-solo granitico ou gneissico, se bem que Ferreiró seja limitada ao nascente por affloramentos da facha de schistos primarios, que seguem para noroeste, circumdando o macisso granitico culminante do nosso systema. O schisto luzente de côres claras apparece no extremo da freguezia e em pouco concorre para a formação dos terrenos de transporte que enchem as bacias sobre as quaes se estende a nossa aldeia, assim como não se prestou ás construcções dos casaes. D'esta sorte o povoado de Ferreiró, nos seus actuaes limites, não tomou aspecto algum extranho ao caracter do seu terreno cultivavel e sub-solo, e entra na vulgar cathegoria das povoações minhotas, do Baixo-Minho.

Semelhante aspecto das veigas cultivadas, que se repartem em campos de pequenas areas, separados por beiraes de carvalheiras com videiras de enforcado, rodeados sempre de pinheiraes que se estendem até onde o terreno sobe não permittindo melhor amanho ou cultivo. A mesma apparencia dos casaes terreos, *castellos* ou *torres* (assim se chamaram as casas de sobrado), com seus quinteiros e eirados; as paredes são de alvenaria miuda a pedra secca, quando em muros divisorios, e argamassada com barro, por vezes gateada ou rebocada a cal nas casas de melhor frontaria; os tectos são de telha curva feita de barro vermelho que vem das olarias das Necessidades, caminho de Barcellos, pois rareiam as coberturas de colmo, mesmo nos diminutos annexos do predio. E todos estes aspectos são geraes a esta parte do valle do Ave, generalisando-se pela zona intermedia da provincia minhota.

Pertence actualmente esta freguezia ao concelho de Villa do Conde, mas em outros tempos esteve encorporada em diversas circumscripções administrativas, quaes os coutos de Vermoim e de Barcellos.

Em pouca conta foi olhado o povoado de Ferreiró pelas chronicas, resenhas e diccionarios chorographicos que compulsamos, e nada foi possivel averiguar quanto á constituição historica d'esta aldeia que, alguem nos contou, por ser de tradição, se formára em torno de uma antiga commenda ou solar de pequena importancia, cujo primitivo nucleo fôra de gente vinda de fóra da terra. Não vão longe os archivos parochiaes, e nada tem de interessante o *Livro dos usos e costumes* pelo qual se regem dizimos, premissas e mais impostos parochiaes; foi escripto este codigo tradicional em maio de 1744, em assembleia dos homens mais velhos da freguezia, reunidos e juramentados a esse fim, consoante ordenança do prelado visitador; nada consta porém de anterior data.

Fig. 1. — Bacia do Ave. — Situação de Ferreiró

Esc. $\frac{1}{120.000}$

Pouco mais nos informam os vestigios archeologicos de remota origem prehistorica, colhidos em povoações circumvisinhas, pois que, propriamente em Ferreiró, nada se tem encontrado que possa documentar a sua pobre historia.

Deveremos entretanto apontar que em Fornello, aldeia fronteiriça da outra margem, em logar elevado e sobranceiro, apparecem machados de pedras polidas, feitos de rochas extranhas á região, e em relativa quantidade que denuncia a proximidade de estações neolithicas de alguma importancia. De resto, d'esta civilisação classificada pelo emprego da pedra polida, existem vestigios em toda a bacia, mais para nascente ou Alto-Ave. Na outra vertente da collina, que forma o valle do Este, affluente do Ave, cuja juncção se faz poucos kilometros abaixo de Ferreiró, ha tambem vestigios que denunciam contemporanea occupação: é a *Anta* do Folão, hoje destruida, e mais longe, passando o monte de S. Felix, na varzea que se avisinha do mar, as *Mamoinhas* de Laundos. Fica pois bem demonstrada a permanencia de povoações neolithicas em torno da nossa aldeia, e portanto a remota origem prehistorica dos povos que occuparam a bacia do Ave, desde a sua foz.

Estão representadas, em varios achados dispersos ao longo do Ave, as civilisações proto-historicas do bronze e epochas posteriores — lusitanas e luso-roma-

nas — de que são documentos as *Cividades* e *Castros*, estações caracteristicas dos povos que habitaram o Noroeste da Peninsula.

Em Ferreiró existe um castro, beirando o Ave, e logo a juzante fica o Crasto de Santagões, de maior importancia, onde ha vestigios de uma povoação occupando area mais extensa, que não simples cabeço fortificado em culminancia estrategica. Ao longo do rio, em uma e outra margem, continuam a apparecer vestigios de occupações pre-romanas e romanas; segue-se a fileira dos *Castros* e *Oppidums*, entre os quaes se notam por claros vestigios os de Touguinhó, Touguinha, Retorta, e em Villa do Conde o combro sobre que assenta o monumental Convento de Santa Clara, com o seu aspecto de real fortaleza a attestar o antigo caracter do local. Dominando esta cohorte vigilante de pequenos cumes povoados com suas muralhas de defeza, collocados como em linha de fortificações seguindo os valles, está no centro a Cividade de Bagunte entre os dois rios Este e Ave, occupando posição elevada d'onde se descortina toda a bacia do Ave com uma extensa facha maritima, mais ao longe o monte de S. Felix, e junto ao mar a Cividade de Tarroso, fechando o circuito.

Estes vestigios bastam para garantir a permanencia de povoações na zona considerada da bacia do Ave, desde o periodo neolithico, sobre as quaes actuaram correntes migratorias e civilisadoras de epochas posteriores até á dominação romana. E a presença aqui das legiões dos romanos não necessita de provas locaes, pertence á historia; entretanto attestam o facto os evidentes vestigios da sua passagem na cividade de Bagunte onde encontramos uma moeda de Faustina Junior, varios outros achados pelo concelho, e a estatueta de Jupiter que se descobriu em Fornello. [1]

Encravada n'esta parte mais escusa do Ave, em um cotovello do rio, distante de váu ou estrada de grande transito, esta aldeia permaneceu sempre alheia á vida das restantes povoações, pobre de aspectos e de pobre torrão. O thalweg cahe aqui em mais forte desnivel, e este facto permittiu o aproveitamento da queda por amiudados açudes, sobre os quaes se installaram azenhas e engenhos de serrar ou esmagar o linho; e foi esta, durante tempo, a mais productiva fonte de riqueza local, pois vinham de longe, de todo o termo da Faria ou mesmo da Maia continuas carradas de cereal e de linho para as moendas. O vinho foi sempre pouco e mau, e a terra de productividade abaixo da media, mesmo nas grandes annezas.

Não ha muitos annos que o aspecto da aldeia de Ferreiró era ainda o que devêra ser primitivamente, pois são modernas as alterações que hoje se notam; esta relativa immobilidade attesta-a a estatistica quanto á população, o que constitue o caracter local primeiramente notado da permanencia d'este povoado de exigua extensão, desde longa data acantonado á beira do rio.

---

[1] *Portvgalia*. Tomo I, fasc. 1, pag. 129.

Conforme apontamento que retiramos dos actuaes registos parochiaes, consta a freguezia de Santa Marinha de Ferreiró de 69 fogos com 279 habitantes, dos quaes 124 varões e 155 femeas; o censo de 1890 conta 263 habitantes e 62 fogos, o de 1874, ou anterior, 203 freguezes (cf. a *Chorographia de João M. Baptista*), e 61 fogos, consoante o *Diccionario Chorographico de Almeida*.

R. S. phot.

Fig. 2. — Typo dolichocephalo desharmonico — Perfil

Vê-se que pouco cresceu a população, e n'estes ultimos annos, que representam a unica epocha em que alguma coisa progrediu a localidade. Verificadas estas considerações, augmenta o interesse scientifico do estudo que vae seguir-se, pela valorisação da serie craneometrica e pela importancia dos aspectos caracteristicos d'esta localisação, como ao deante se verá.

A egreja parochial foi a primitiva capella de Santa Marinha, verdadeira capella solarenga, collocada no centro de um pequeno valle, que constituia o passal, e junta á velha casa do abbade, certamente o antigo solar da tradição.

O seu aspecto é dos mais primitivos e singellos, sem torre nem galilé ou alpendre; não obstante, o pequeno ambito d'este pobre templo chegou de sobra para abrigar os freguezes durante as ceremonias do culto, e para necroterio dos antepassados. Fizeram-se em todo o tempo os enterramentos dentro da capella, mais tarde no adro, em cumprimento da ultima lei; havia sempre logar para inhumações, porque era diminuta a população e saudavel a gente ou o clima, a ponto de que annos se contam, e numerosos, em que o registo não accusa obito algum de adulto.

R. S. phot.

Fig. 3. — Typo dolichocephalo desharmonico. Norma verticalis

A velha matriz foi abandonada ha annos, transferindo-se para a capella da Trindade, que foi devoção particular, e como se construiu cemiterio á beira da estrada nova de macadam, houve que trasladar

para ahi os restos dos antepassados. Aproveitamos nós a occasião para o estudo d'este ossuario, e assentamos laboratorio na antiga sacristia em ruinas, onde realisamos as observações craneometricas e osteometricas que adeante se registram. Muitas outras exhumações semelhantes se teem realisado pelo paiz, que podiam ter sido egualmente aproveitadas para o estudo do nosso povo, se entre nós se cuidasse d'estas coisas e tudo isto não fosse frivola occupação ou entretem, que não diz respeito a outras mais subidas attribuições da sciencia official.

Devido ao prestimoso auxilio do muito digno Abbade da freguezia, P.e Constantino Lopes Pójeira, conseguímos que nos fossem reservados todos os esqueletos á medida que se iam exhumando; em virtude, porém, da natureza do terreno, humidade do local, e pouca profundidade das sepulturas, nem todas as peças se aproveitaram. Obtivemos no emtanto 32 craneos e ossos longos pertencentes a 50 individuos.

Uma grande parte dos craneos estava em máu estado, faltavam geralmente as maxillas inferiores, quasi sempre partidas, assim como as demais peças do esqueleto de menor solidez, e todo este material defeituoso foi posto de lado, nem tanto pelo estado de deterioração, como tambem pelas deformações que lhe produziu a desegual pressão e movimento das terras, em muitas peças bem apparente.

O trabalho foi dividido pelos dois observadores conforme as series naturaes das observações, e collaborando de forma a serem attenuadas no maximo possivel todas as causas de erro accidentaes ou systematicas, harmonisando o proprio erro pessoal, que procuramos reduzir pela repetição alternada das verificações e provas, empregando sempre os mesmos apparelhos a miudo rectificados.

CRANEOMETRIA

Caracteres descriptivos geraes. — Dos 32 craneos que estudamos, são 21 pertencentes a individuos do sexo masculino e 11 femininos.

Constituem uma serie sufficiente, dentro dos limites naturaes do nosso estudo, para a diminuta população considerada, visto como especialmente se trata de observações e medidas sobre o esqueleto, com a precisão anatomica e mathematica que lhes compete.

Ordenados os craneos consoante a directa inspecção das *normas*, e classificados á vista, destrinçamos os tres grupos de ovoides longos, medios e largos, denotando o caracter mestiço do nosso grupo em que entram elementos extremos e medios. Assim catalogados, sobresahe bem definido o typo medio de influencias completamente fusionadas e com os aspectos que consideramos de caracteristicos ao nosso typo minhoto, como mais adeante explicará a propria sequencia da analyse craneometrica. As series constituidas grosso-modo pela simples observação das peças,

não são deseguaes de forma a accusar supremacia de determinada influencia, antes são ponderadas, indicando uma combinação de elementos harmonica e relativamente symetrica.

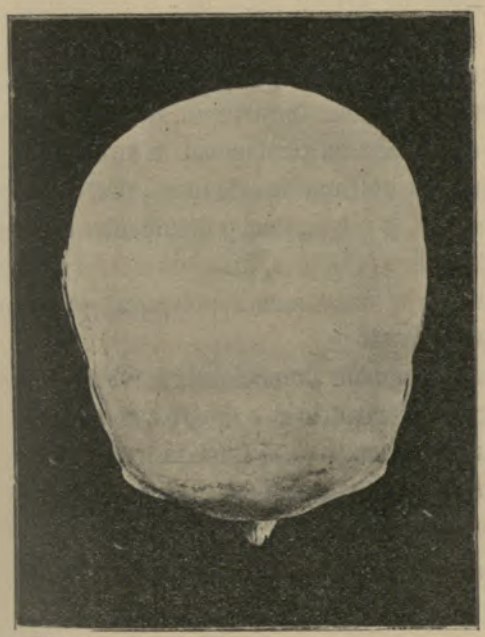
R. S. phot.

Fig. 4. — Typo brachycephalo — Perfil

Os craneos foram registrados isoladamente, annotando-se todos os caracteres que cumpria descrever, e não se observaram deformações ethnicas ou anormalidades que devessem constituir grupo ou conjunto a destacar da serie geral.

Predominam os craneos maduros e velhos, mas de aspecto são e robusto, e em nenhum dos exemplares notamos irregularidades ou anomalias pathologicas; as peças são normaes e harmonicas, algumas representando bellos typos de caixa cerebral quanto a configuração anatomica.

Entre os ligeiros desvios de caracter zoologico, que dizem respeito á morphologia das peças examinadas, e de importancia mais individual que seriaria, temos a notar os poucos casos de metopismo, anomalias do ptérion, e, no que diz respeito ao restante do esqueleto, a platycnemia de algumas tibias e perfuração dos humerus, caracteres estes que a seu tempo registraremos no capitulo que lhes diz respeito.



R. S. phot.

Fig. 5. — Typo brachyceph. — Norma verticalis

Encontra-se a sutura *medio-frontal* ou *metopica* em 4 exemplares, dos quaes, dois masculinos e dois femininos. Nos primeiros existe o metopismo em craneos velhos, mesaticephalos, de indices 76.1 e 76.8, cuja fórma é normal, sem denunciar qualquer razão de hydrocephalia.

No grupo feminino a sutura medio-frontal apparece em um craneo adulto com indice 78 e um craneo velho com indice 84.1, portanto hyperbrachycephalo. Approximaremos a coincidencia de apparecer o metopismo em craneos mesaticephalos e brachyoides; poder-se-ha no em-

tanto, para este ultimo caso, em que a sutura é livre em toda a extensão, fazer intervir uma causa pathologica, cuja influencia, porém, não é nitidamente accentuada.

Quanto ás anomalias do *pterion*, registraremos a observação do typo normal bem definido de pterion em H, ou *spheno-parietal*, em 9 craneos masculinos e 3 femininos e raros os desvios, como seja um caso de pterion com um osso wormiano, apenas 2 casos de pterion em K e um outro de fórma invertida ou *temporo-frontal* como o n.º IV do quadro de Topinard. [1]

Existem *ossos wormianos* em 11 craneos e de dimensões classificadas de n.os 1 a 4 (Broca), predominando os ossos intercalares de grandeza n.º 2, mais frequentes na sutura lambdoide.

A glabella, espinha nasal e inion, saliencias que é de uso descrever no registro craneologico, foram classificados em conformidade com os quadros de Broca.

A *glabella* encontra-se com perfis de n.os 1 a 4 na serie masculina e de n.os 0 a 2 na serie feminina, predominando as configurações de n.os 2 a 3 —47,6 %—nos homens, e de n.º 0—81,8 %—nas mulheres, isto é, sem glabella accentuada.

A espinha nasal é de n.os 1 a 4 na serie masculina, predominando o perfil n.º 3—42,8 %—, e de n.º 2 na serie feminina—80 %.

O *inion* é de n.os 0 a 3 nos craneos masculinos, mais frequentes os perfis n.os 1 e 2—77,8 %—e de n.os 0 e 2 nos craneos femininos com maior frequencia do n.º 0—80 %—, isto é, de escama occipital lisa, caracter commum e de sexo.

Procedendo a uma analyse mais demorada da *norma verticalis*, e realisando um ensaio de classificação, encontramos quatro fórmas que se destacam de entre todas, dando-nos a impressão geral dos typos que constituem a nossa serie e que as observações craneometricas mais adeante confirmam. Separaremos desde já o typo dolichocephalo primitivo de constituição angulosa ou pentagonal, a forma brachycephala oval, globulosa, com larga fronte, uma outra norma de fórma oval allongada, dolichocephala, mas de linhas arredondadas, e o typo medio dominante, realisando uma curiosa combinação em que transparece, não a fusão da norma oval curta com a fórma longa primitiva, mas sim com a fórma menos polygonal do terceiro typo, em que predomina tambem a fronte larga.

Nada mais adeantam as observações simplesmente craneologicas, e estes caracteres descriptivos geraes serão mais adeante desenvolvidos e destrinçados á medida que os formos precisando pelo processo craneometrico, e quando tivermos de enunciar as conclusões que houver de produzir este nosso estudo.

CRANEO.—INDICE CEPHALICO.—O indice medio da serie geral é de 77.3, sendo de 77.5 o indice medio da serie masculina, e de 77.2 da serie feminina, e varia entre os limites extremos de 71.2 e 84.1.

---

[1] *Éléments d'Anthropologie Générale*, pag. 796.

Organisando a seriação do indice cephalico a uma unidade de intervallo, notamos quanto á serie masculina um maximo de frequencia dos indices de 79, e cujos limites se podem considerar de 76 a 81; na serie feminina o maximo localisa-se nos algarismos 76, 77 e 78, o graphico representativo dar-nos-hia uma horisontal dentro dos limites 76 e 78; ha apenas um caso de algarismo superior,

Seriação do indice cephalico a uma unidade

Indices	Homens		Mulheres		Serie total	
	Numero de casos	Percentagens	Numero de casos	Percentagens	Numero de casos	Percentagens
71	1	4.7	1	9.1	2	6 3
72	3	14.3	1	9.1	4	12.5
73	-	-	-	-	-	-
74	-	-	-	-	-	-
75	1	4.7	1	9.1	2	6.3
76	3	14.3	2	18.2	5	15.6
77	1	4.7	2	18.2	3	9.4
78	3	14.3	2	18.2	5	15.6
79	4	19.1	-	-	4	12.5
80	2	9.5	-	-	2	6.3
81	3	14.3	-	-	3	9.4
82	-	-	1	9.1	1	3.1
83	-	-	-	-	-	-
84	-	-	1	9.1	1	3.1
Sommas	21	-	11	-	32	-

de 84, e apparece um outro grupo entre 71 e 72; são pois mais frequentes os indices de mesaticephalia com maior influencia de indices inferiores a 78, isto é, dolichoides. Na serie total desapparece esta impressão e a curva representada será mais symetrica.

O agrupamento dos indices confirma estas considerações. Com effeito, na serie dos craneos masculinos entram por egual os elementos dolichocephalos e brachycephalos na proporção commum de 23,8 %, accusando 52,4 % de mesaticephalos. Na serie feminina é mais elevada a percentagem dos dolichocephalos representados por 27,3 %, sendo 18,2 % de brachycephalos e 54,5 % de mesaticephalos. Predomina pois n'esta serie o elemento dolichoide, influencia que egualmente se nota na serie total, em que é superior a percentagem dos dolichocephalos.

Conclue-se, pois, a proposito da serie em estudo, que para constituir o indice medio geral de 77.3, se fundiram os dois elementos antitheticos representados por craneos longos e curtos, predominando a influencia dos primeiros, e sendo mais accentuada na serie feminina esta influencia dolichoide.

O indice medio dos portuguezes é, consoante conclue o snr. Silva Bastos, [1] de 74.5; e de todas as provincias destacam-se a do Minho com o indice de 75.7 e a do Algarve com o indice de 75.3, algarismos superiores, denotando maior influencia brachyoide para a constituição da sua assignalada mesaticephalia. Comparando o indice da nossa serie com estes dados, vemos que ainda é representado por algarismos de maior vulto, o que confirma a observação do snr. Bastos quanto á provincia do Minho. Notaremos de passagem a coincidencia do nosso indice de 77.3 com o indice 77.32 de 10 gallegos contemporaneos, medidos pelo Dr. Ferraz de Macedo, [2] o que approxima de modo expressivo os dois caracteres craneometricos.

Agrupamento do indice cephalico

Nomenclatura	Homens			Mulheres			Serie total		
	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Dolichocephalos — 75 para baixo.	5	23.8	72.4	3	27.3	72.7	8	25.0	72 5
Mesaticephalos — 76 a 79	11	52.4	77.7	6	54.5	77.0	17	53 2	77.5
Brachycephalos — 80 para cima .	5	23.8	80.0	2	18.2	83.0	7	21.8	81.3
Sommas....	21	-	-	11	-	-	32	-	-

É claro que a influencia brachyoide, que constitue nota predominante n'este rapido esboço comparativo, representa aqui o elemento de comparação, e em nada invalida a influencia dolichoide que nos denuncia a nossa serie para a constituição do seu typo medio e que é modo de ser proprio e caracteristico.

INDICES VERTICAES. — O indice medio vertico-longo é de 73.1, sendo 73.2 na serie masculina e 72.4 na serie feminina, e o indice medio vertico-transverso de 94.3, sendo 94.6, e 93.6 respectivamente para cada uma d'estas series, o que desde já nos indica maior influencia platycephala na serie feminina.

O equilibrio anteriormente notado no agrupamento do indice cephalico dos craneos masculinos verifica-se semelhantemente quando agrupamos os indices vertico-longos, que se repartem de egual modo, diminuindo apenas de 2 casos o numero de craneos mesocephalos. Assim, temos, para os homens, 28,6 % de hypsicephalos com indice 76.2, a mesma percentagem de platycephalos com indice 69.7 e 42.8 % de mesocephalos com indice de 73.

Na serie feminina a influencia dominante é platycephala e bastante accentuada com 50 % de indice 70.2, concorrendo para a mesocephalia de 72.7 apenas 20 %

---

[1] *Indices Cephalicos dos Portuguezes.* Coimbra, 1898.

[2] *Crime et Criminel.* Lisboa, 1892, pag. 182.

de hypsicephalos com indice de 75. Addicionando estas observações ás anteriores, temos na serie feminina accusada platycephalia a juntar á influencia dolichoide.

E este caracter, que na serie masculina se equilibra perfeitamente com o aspecto hypsicephalo de egual numero de individuos, accentua-se mais quando se trata do indice vertico-transverso. Ahi augmenta a percentagem dos mesocephalos emquanto que diminue a dos hypsicephalos, como se vê pelo respectivo quadro.

Ha a notar pela expressão dos proprios algarismos que o indice de hypsicephalia não é demasiado elevado, emquanto que mais se accentua o caracter platycephalo.

A serie dos craneos femininos concorre para este caracter do indice vertico-transverso e seu agrupamento, como no caso do indice vertico-longo.

Agrupamentos dos indices verticaes do craneo

NOMENCLATURA	INDICE VERTICO-LONGO										INDICE VERTICO-TRANSVERSO									
	Limites dos indices	Homens			Mulheres			Serie total			Limites dos indices	Homens			Mulheres			Serie total		
		N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias		N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Hypsicephalos....	75 p.ª cima	6	28.6	76.2	2	20.0	75.0	8	25.8	75.9	98 p.ª cima	4	19.0	97.8	1	10.0	-	5	16.1	101.5
Mesocephalos....	74 a 72	9	42.8	73.0	3	30.0	72.7	12	38.7	72.9	97 a 92	11	52.4	95.0	7	70.0	93.7	18	58.1	94.5
Platycephalos....	71 p.ª baixo	6	23.6	69.7	5	50.0	70.2	11	35.5	35.5	91 p.ª baixo	6	28.6	89.3	2	20.0	90.0	8	25.8	89.5
Sommas....		21	-	-	10	-	-	31	-	-	Sommas...	21	-	-	10	-	-	31	-	-

E teremos assim a concluir já d'este conjunto de observações, que uma influencia *dolicho-platycephala* predomina na nossa serie sobre o caracter brachyoide, para entretanto constituir uma serie francamente mesaticephala e mesocephala.

INDICES FRONTAES SUPERIORES. — Adoptamos para a constituição d'estes indices a relação tomada entre o diametro frontal superior ou stephanico e os diametros transverso e anterior-maximo. Julgamos que d'entre os methodos usados para relacionar as larguras frontaes com o restante da cabeça ossea, por este processo se obtem mais nitida impressão do desenvolvimento da região frontal relativamente ao craneo cerebral, cujas medidas fundamentaes são aquelles dois diametros que vão formar o denominador d'este indice.

Formam-se assim dois indices, que chamaremos fronto-transverso e fronto-longo para encurtar denominações, e reunimos os indices em grupos pelo processo que temos adoptado.

Por falta de especial designação, e seguindo o processo etymologico geral-

mente empregado para a terminologia anthropologica, adoptamos os termos *Stenometopia*, *Mesometopia*, *Eurymetopia*. [1]

Conforme se vê no respectivo quadro predominam frontes eurymetopicas nas duas series e com maior frequencia na serie masculina. Quanto á serie total, é nos dois casos concordante, dando a mesma percentagem de frontes largas nos dois indices e ligeiro acrescimo de mesometopia relativamente ao diametro antero-posterior. O indice medio fronto-transverso é de 83.6, sendo 83.8 nos homens e 83.2 nas mulheres, e o indice medio fronto-longo é de 64.8, sendo de 64.9 e 64.3 respectivamente para as duas series. Estes indices dão-nos o caracter mestiço geral da serie em que nos apparece sempre como conclusão a fórma media, para a qual concorrem, como já notamos, maior percentagem de elementos de larga fronte, o que está em harmonia com a influencia anteriormente notada de craneos largos e baixos.

Agrupamentos dos indices frontaes superiores

INDICE FRONTO-TRANSVERSO										INDICE FRONTO-LONGO									
Nomenclatura	Homens			Mulheres			Serie total			Limites dos indices	Homens			Mulheres			Serie total		
	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias		N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Stenometopia-79 e men.	4	19.1	77.1	2	18.2	75.5	6	18.8	76.5	59 p.ª men.	3	14.3	57.7	2	18.2	58.5	5	15.6	58.2
Mesometopia-80 a 85..	8	38.1	82.0	5	45.4	82.6	13	40.6	82.2	60 a 65	7	33.3	63.1	7	63.6	63.4	14	43.8	63.3
Eurymetopia-86 e mais	9	42.8	87.1	4	36.4	86.8	13	40.6	87.0	66 e mais	11	52.4	68.2	2	18.2	70.5	13	40.6	68.5
Sommas....	21	-	-	11	-	-	32	-	-	Sommas...	21	-	-	11	-	-	32	-	-

INDICE FRONTO-ZYGOMATICO. — Consideramos já este indice, embora comprehenda um elemento da face no seu contorno posterior, porque justifica impressão de aspectos e caracteres proprios da região frontal do craneo na parte cuja analyse nos tem occupado até aqui.

Tomada a relação da largura bi-stephanica para o diametro bi-zygomatico reduzido a 100, encontramos o indice medio de 91.2 para os homens e 92.7 para as mulheres, isto é, de arcadas zygomaticas ligeiramente visiveis sobre os dois lados da norma verticalis, ou *phenozigias*, no dizer de Busk.

Este caracter da nossa serie é perfeitamente moderado, entrando na media europeia, e approxima o respectivo algarismo dos que encontrou o Dr. Topinard nas series de Parisienses, Hollandezes e Puiseux (Kymris). [2]

---

[1] Foram-nos indicadas estas designações pelo distincto professor o snr. Julio Moreira, cuja proveitosa collaboração muito nos apraz registrar.

[2] *Él. d'Anthropologie Générale*, pag. 937.

A situação d'este indice é mais proxima da serie dos Savoyards, que teem o indice maximo do grupo celtico ou celto-slavo do quadro de Topinard, afastando-se da serie de craneos primitivos neolithicos da Europa. Esta observação é concordante com a influencia brachycephala notada na nossa serie, e por outro lado confirma o caracter dominante de mesometopia, pela ligeira influencia de frontes largas, como concluimos do estudo na serie dos indices frontaes superiores.

R. S. phot.

Fig. 6.—Typo dolichocephalo harmonico—Face

CURVA HORIZONTAL MAXIMA.—A medida perimetrica d'este contorno do ovoide craneano é na nossa serie de 533,4 m.m. para os homens, variando entre os limites 490 e 580, e de 500,3 m.m., entre os limites 490 e 525, para as mulheres.

Tanto no seu valor medio como nos limites de variação, estas observações concordam com outras de series europeias. A media da serie masculina excede 8 m.m. a media europeia de 525, o que provem da frequencia de craneos mais volumosos com circumferencia horizontal superior a este valor medio. A media feminina concorda, apenas superior em 0,3, com o valor medio de 500.

R. S. phot.

Fig. 7.—Typo dolich. harm.—Norma verticalis

CAPACIDADE DOS CRANEOS.—A medição anterior, dando-nos um aspecto do volume exterior do craneo cerebral, nem sempre concorda com as medidas da superficie ou capacidade interna do craneo. Esta desconnexão, que pode considerar-se lei, não se dá no nosso caso quanto ao valor medio, pois que, á observação de um ovoide de media circumferencia exterior, corresponde um volume interno tambem de valor medio; existem porém curiosas divergencias de importancia individual que são vulgares em todas as series estudadas.

A cubagem dos craneos realisou-se em 12 craneos masculinos e 8 femininos, os unicos em condições de supportarem

esta operação para a qual se empregou o chumbo granulado n.º 8, e realisou-se em conformidade com as rigorosas prescripções de Broca.

As observações dos craneos masculinos poder-se-hão agrupar da seguinte forma:

1	observação.....	1950 c.c. a 1650
10	»	1650 c.c. a 1450
1	«	1450 c.c. a 1150

É maior a frequencia de craneos de medio volume, cuja capacidade media é de 1554 c.c., entre os limites 1365 e 1690. Na serie feminina a media é de 1393 c.c. variando de 1372 a 1530.

Se quizermos relacionar quaesquer d'estes caracteres com a classificação de typos, que parecem dominar na serie de observações realisadas, vemos que raro concordam e por vezes divergem.

Assim o craneo masculino de menor capacidade—1365—tem o indice cephalico de 81,7, isto é, nitidamente brachycephalo, e a curva horisontal é de 510. O craneo de maior capacidade—1690—é dolichocephalo; com 72.9 e curva de 536 m.m. Considerando cada peça individualmente, tudo se explica pela maior ou menor altura do ovoide, fronte mais ou menos longa, maior ou menor desenvolvimento anterior ou posterior do craneo; estas considerações, porém, não constituem elementos idoneos para acondicionar no processo de seriação.

FACE.—INDICE FACIAL SUPERIOR.—Consideramos apenas o indice *ophryo-alveolar-zygomatico*, por faltar na maioria dos craneos o maxillar inferior, e seguimos as indicações de Broca referindo á largura bi-zygomatica o comprimento ophryo-alveolar, o que nos dá o contorno inferior da face.

Agrupamento do indice facial

Nomenclatura	Homens			Mulheres			Serie total		
	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Chamœprosopos — 65 e menos...	3	15.0	61.7	1	10.0	65.0	4	13.3	62.5
Mesoprosopos — 66 a 69....	8	40.0	68.1	4	40.0	67.3	12	40.0	67.7
Leptoprosopos — 70 e mais...	9	45.0	73.1	5	50.0	75.0	14	46.7	74.0
Sommas....	20	-	-	10	-	-	30	-	-

O indice medio é de 69.8 para os homens, com os limites extremos de 61.3 e 76.3, e de 71.8 para as mulheres, entre os limites 65.6 e 79.5.

O agrupamento indica a maior frequencia de indices superiores a 69, isto é, de faces longas ou leptoprosopos, para constituir uma media abundante de mesoprosopos. O indice medio está no limite superior da mesoprosopia, sendo para

notar que a somma de elementos de faces curtas ou chamœprosopos é relativamente diminuta — 13,5 % na serie total.

É interessante este caracter da pequena população á beira do Ave, que directamente provém das observações craneometricas, o qual denota *harmonia craneo-facial* muito curiosa, evidenciando desde já a interferencia na nossa serie de um elemento novo, que não concorre com os caractéres do craneo desharmonico, dolicho-platycephalo, chamœprosopo, anteriormente notado.

Com effeito, a impressão dominante das observações anteriores — assim o dizem as medidas — resumiu-se no aspecto geral de mesaticephalia e mesocephalia, mesclados caracteres da nossa serie, para as quaes fórmas intermedias haviam concorrido sobremodo elementos dolichoides e platycephalos, mais accentuados entre o grupo feminino, com menor frequencia dos elementos brachycephalos, hypsi ou mesocephalos.

R. S. phot.

Fig. 8. — Typo dolichocephalo harmonico — Perfil

Concluimos, por agora, do estudo d'este indice qual a mesoprosopia da nossa população; e verificamos a intervenção de craneos com longa face, mais notavel no grupo feminino, grupo em que predominava tambem a influencia dolicho-platycephala.

Teremos, pois, approximando estes caracteres, a impressão clara da influencia de um typo *dolicho-leptoprosopo*, que nos limitamos por emquanto a accentuar, registrando a harmonia craneo-facial d'esta influencia, muito importante na combinação de aspectos que constituem o semblante da população em estudo.

INDICE ORBITARIO. — Esta relação entre os dois diametros principaes da orbita é representada no grupo masculino da nossa serie pelo valor medio 80.4, entre os limites 72.5 e 92.5, e por 83.1 no grupo feminino, variando de 71.5 a 90.

O agrupamento mostra a maior percentagem dos indices inferiores a 82, ou microsemos, nas series masculina e total; na serie feminina é superior a somma dos indices medios, para a qual concorrem no emtanto maior numero de elementos microsemos.

O indice medio geral é de 81.7 que marca a nossa serie com o caracter nitido de microsemia; approximando este aspecto da já notada influencia dolicho-platicephala,

vamos reconstituindo elementos concordes que nos definem um typo primitivo de accentuada influencia.

Agrupamento do indice orbitario

Nomenclatura	Homens			Mulheres			Serie total		
	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Megasemos — 89 e mais.....	3	15.0	91.3	1	9.1	90.0	4	12.9	91.0
Mesosemos — 88 a 83.....	4	20.0	85.3	6	54.5	85.5	9	29.0	85.4
Microsemos — 82 e menos.....	13	65.0	77.1	4	36.4	76 2	18	58.1	77.2
Sommas....	20	-	-	11	-	-	31	-	-

INDICE NASAL. — O seu valor medio é de 46.5, sendo de 46.5 para os homens e 56.7 para as mulheres, entre os limites extremos de 40 e 60 na serie total de observações.

A serie é pois francamente leptorrhinia, o que confirma o quadro respectivo nos grupos dos homens e mulheres, assim como na serie geral em que a percentagem dos leptorrhinios é de 67,8 %, havendo apenas 9,6 % de platyrrhinios.

Agrupamento do indice nasal

Nomenclatura	Homens			Mulheres			Serie total		
	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias	N.º de casos	Percentagens	Medias
Leptorrhinios — 47 e menos.....	13	65.0	44.2	8	72.7	45.3	21	67.8	44.7
Mesorrhinios — 48 a 52	6	30.0	48.8	1	9.1	51.1	7	22.6	49.1
Platyrrhinios — 53 e mais.....	1	5.0	60.0	2	18.2	53.0	3	9.6	55.3
Sommas....	20	-	-	11	-	-	31	-	-

Na ordenação dos caracteres geraes da serie, o valor d'este indice de leptorrhinia determina um modo de ser bem definido e com a mesma importancia que o anterior caracter orbitario, do qual se afasta em desharmonia, que se póde considerar caracteristica e distinctiva. O aspecto normal medio da serie faria suppor para estes caracteres de orbita e de nariz expressões symetricamente medias. A mesosemia e mesorrhinia que deveriam completar o caracter mestiço da população de Ferreiró, foram porém modificadas pela permanencia de caractéres dominantes e extremos, pertencentes cada um d'elles a typos diversos de craneos, um com orbitas estreitas, outro de nariz longo, embora por egual dolichoce-

phalos, conforme é a influencia principal na serie. E anteriormente notamos tambem como o caracter mesaticephalo mesocephalo era produzido pela maior influencia de craneos platycephalos e leptoprosopos, persistindo entretanto o aspecto commum dolichocephalo, que se differenciava desde logo em dois typos, um de concorde harmonia no seu conjunto, outro de nitida desharmonia craneo-facial.

Dos dois ultimos caracteres craneometricos, um, a microsemia, pertence e adapta-se á norma primitiva dolichocephala, outro, a leptorrhinia, é caracter normal ao typo dolichocephalo harmonico de posterior influencia. E se o primeiro pode considerar-se na categoria dos empiricos, o segundo, que define a forma do nariz, é caracter ethnico de primeira importancia.

OSTEOMETRIA

CARACTERES DESCRIPTIVOS GERAES. — Os ossos longos que recolhemos em estado de serem medidos referem-se a 30 individuos do sexo masculino e 20 do sexo feminino. Medimos apenas os comprimentos dos humeros, radios, fémures e tibias, observações que, dando-nos as proporções dos membros superiores e inferiores, e respectivamente de cada peça, nos podem fornecer elementos directos para reconstituir a estatura da população de Ferreiró.

Quanto ás particularidades osteologicas dignas de nota, temos a apontar de começo 5 casos de humero com perfuração da cavidade olecraneana, em ossos que pertenceram a individuos do sexo masculino, o que nos dá sobre a quantidade dos humeros observados a percentagem de 23,8 %, percentagem relativamente grande, comparada á serie da Europa central, podendo apenas cotejar-se com as series das grutas dos arredores de Paris do periodo neolithico, e das Grandes-Canarias.

É um caracter primitivo, que se torna distinctivo, pela sua frequencia, da raça dolichocephala autochtone e cujos elementos representantes se encontram ainda hoje como substractum, quando se cuida de fazer o balanço dos quantos elementos ethnicos constituem os povos da Europa occidental e meridional.

Não notamos femures em pilastra, mas, quanto á tibia, extraordinaria frequencia de ossos platycnemicos.

Na serie de ossos masculinos a platycnemia apparece na percentagem de 59 % e na serie feminina de 62 %. Esta frequencia é bastante notavel para que a consideremos um caracter seriario proprio da população em estudo, independentemente das considerações que produz a discussão da importancia ethnica attribuida a esta particularidade osteologica; é, entretanto, um caracter de inferioridade, que mais frequentemente se encontra nas raças prehistoricas. No nosso caso haveria que notar o parallelismo com outras observações anteriores, pelas quaes destrinçamos o typo primitivo dolichocephalo, e ahi teriamos coincidencia que bem poderia servir de prova testemunhal confirmativa.

ESTATURA. — Aproveitando as medidas realisadas nos ossos longos, reconstituimos pelo methodo de Manouvrier as estaturas, como consta dos respectivos quadros.

A estatura media do esqueleto é de 1.666 ou 1.646, no vivo, para os homens e de 1.561 ou 1.541 nas mulheres. Estes numeros representam uma estatura que nos homens é mediana e nas mulheres acima da media. Na serie masculina ha o predominio das estaturas baixas, sendo limitada a influencia das altas estaturas; o algarismo determinado approxima-se do que encontrou F. Cardoso para a população minhota do concelho de Vianna do Castello, 1.643; todavia é aqui ainda mais elevado.

Quadro da estatura

Num.		Maximo	Minimo	Media	Estatura media
Ossos masculinos					
34	Femures.....	481	406	442 + 2	1m.663
20	Tibias.....	411	324	367 + 2	1m.668
15	Humeros.....	350	289	324 + 2	1m.660
9	Radios.....	255	235	247 + 2	1m.686
78		78 ossos Estatura media cadaverica = 1m.666—0,02			E. v = 1m.646
Ossos femininos					
26	Femures.....	450	367	406 + 2	1m.543
21	Tibias.....	360	310	342 + 2	1m.578
6	Humeros.....	330	279	301 + 2	1m.571
13	Radios.....	233	201	212 + 2	1m.556
66		66 ossos Estatura media cadaverica = 1m.561—0,02			E. v = 1m.541

A interferencia do elemento de estatura elevada, embora não seja predominante, é na nossa serie bem expressiva; o caracter da primitiva população de baixa estatura foi alterado pela intervenção de elementos de estatura alta ou superior á media geral, e a combinação deu-se intimamente de forma a constituir um typo medio, de estatura ligeiramente mais elevada que a media minhota de Entre Cavado e Ancora, 1.638—superior mesmo á media hespanhola de 1.635 e á italiana de 1.645. Temos pois em Ferreiró uma localisação curiosa a notar no mappa especial das estaturas do minhoto, em que o algarismo é superior de 8 unidades, apontando mais nitida influencia de altas estaturas.

De um modo geral, no campo circumscripto do nosso estudo, observam-se, em conclusão, accentuados vestigios das grandes correntes ethnicas que se cruzaram por toda a Europa: a raça pequena do Meio-dia, morena, dolichocephala, a raça de estatura media baixa, brachycephala, e a grande, loura, dolichoide, que veio do Norte. E n'esta pequena mancha, os caracteres fundem-se intimamente, como por toda a

parte, deixando entrever, comtudo, atravez do tom medio caracteristico e local, os elementos constituintes originaes. Quaesquer que sejam as designações geographicas, historicas e ethnographicas d'estes typos ethnicos que se consideram primitivos

Agrupamento das estaturas, segundo o comprimento femural

MASCULINOS				FEMININOS			
Comprimentos femuraes	Estaturas medias correspondentes	Numero de femures	%	Comprimentos femuraes	Estaturas medias correspondentes	Numero de femures	%
490 et supra	1m.740 et supra	0	-	440 et supra	1m.590 et supra	2	7,7
490 a 470	1m.740 a 1m.690	1	2,9	440 a 420	1m.590 a 1m.548	4	15,4
470 a 450	1m.690 a 1m.655	13	38,3	420 a 400	1m.548 a 1m.506	9	34,6
450 a 430	1m.655 a 1m.617	9	26,5	400 a 380	1m.506 a 1m.450	8	30,8
430 a 410	1m.617 a 1m.575	9	26,5	380 et infra	1m.450 et infra	3	11,5
410 et infra	1m.575 et infra	2	5,8				
	Somma....	34	100.0		Somma....	26	100.0

e fundamentaes, esta é entretanto a conclusão dos estudos geraes e parcellares sobre os diversos povos da Europa, por maiores dissemelhanças que apparentem os processos de analyse e investigação anthropologica.

CONCLUSÕES

Pela seriação e agrupamento das medidas que realisamos sobre os 32 craneos e demais peças exhumadas do antigo Cemiterio de Ferreiró, suas relações, indices e medias, poderemos concluir que se destacam quatro typos ethnicos bem definidos, cada qual representado por correspondente exemplar, e que no seu conjunto e intima combinação nos explicam o modo de formação do pequeno povoado do valle do Ave.

Photographamos esses craneos typicos e são as reproducções em simile-gravura d'esses clichés, tirados em tamanho natural, que estampamos n'este nosso trabalho, certos de que, se não reproduzimos em rigoroso figurado os caracteres estudados, contribuimos no emtanto para dar uma impressão assaz approximada dos quatro typos.

I. — TYPO DOLICHOCEPHALO DESHARMONICO. — Estão representadas as tres normas do craneo typico nas fig. 2 e 3, e no cabeçalho d'este artigo, no craneo que tem o n.° 17. O craneo considerado é dolichocephalo, mesocephalo, mesoprosopo, mesorrhinio e microsemo. Caracteres medios uns e extremos outros, como já nota-

mos anteriormente, quando insistimos na influencia dolichocephala e platycephala que constituiria certamente o primitivo caracter inicial, e que de novo se accentua na formação dos caracteres mais attenuados d'este craneo typico.

R. S. phot.

Fig. 9. — Typo mesatycephalo — Perfil

A influencia de uma raça de longo craneo, baixo, de face curta e de accentuada microsemia, afasta-nos para longe, até ao periodo paleolithico, quando existiu a primitiva raça dolichocephala — forma ancestral que constitue o fundamento ou alicerce da população occidental europeia. Todo o confuso labyrintho das raças e dos povos assenta sobre esta base de solidos elementos bem determinados. Recordamos esta afastada influencia prehistorica, porque surge agora, um tanto attenuada nos seus aspectos, mas representando uma raça cuja area de expansão foi vastissima por todo o mundo antigo do Occidente, comprehendendo os archipelagos do Mediterraneo e atlanticos. É a raça de Beaumes-Chaudes — Cro-Magnon, raça caracteristica de baixa estatura, craneo dolichocephalo platycephalo, face curta, microsemo e mesorrhinio.

R. S. phot.

Fig. 10. — Typo mesat. — Norma verticalis

Olhando a norma verticalis do nosso craneo, notamos a forma pentagonal caracteristica d'esta raça, apenas arredondada na região occipital; a linha antero-posterior dá-nos egual impressão: a glabella saliente, a que se segue uma fronte curta, abatida, depois a curva disfarça ligeiramente até ao bregma, d'ahi em deante é quasi horisontal com um ligeiro achatamento e curva-se para o lambda, d'onde sobresahe a escama occipital em forma de bossa ou *chignon*, protuberancia que se pode considerar deformação ethnica caracteristica. A face é curta e larga, com zygomas salientes, as orbitas estreitas com o bordo superior quasi horisontal.

Da comparação do nosso craneo typico com o craneo de Cro-Magnon deduzem-se muito proximas relações, que mais se accentuam, quando o confrontamos com o typo medio das Canarias (de Orotava e Telde) estudado por Lajard. [1]

Explica-se o facto pela consideração da mestiçagem que produziu os dois typos considerados. O craneo das Canarias é mesosemo—86.5, menos dolichocephalo—74.5, mas approxima-se quanto ao indice vertical—73.5, indice facial —67.04 (Orotava)—indice nasal—49.5 (Orotava). É o mesmo aspecto craneologico, mostrando a reunião dos similares elementos constituintes. Ora os habitantes das Canarias são os representantes da mesma raça dolichocephala que desde os tempos prehistoricos marcou com a sua influencia as populações do sul da França, a Peninsula Iberica, as Canarias, a Corsega e a Sardenha, o norte d'Africa, parte da Inglaterra e Irlanda. Mostra-se este typo ethnico desde os Trogloditas da Lozère, raça descendente talvez da primitiva forma de Neanderthal, que vem desde o paleolithico inferior com as denominações de raça de Laugerie, de Chancelade, depois Cro-Magnon, e mais tarde chamada *raça mediterranense*, para muitos ligurica, iberica ou berberica.

No nosso paiz esta raça de pequena estatura e de longo craneo desharmonico constitue primitivo fundo, e sobremodo influenceia o typo medio portuguez, cujos geraes caracteres não o afastam dos povos que por estreitos laços de parentesco formam um grupo originario d'este typo commum prehistorico.

II.—TYPO BRACHYCEPHALO.—O craneo que separamos da serie como exemplar d'este typo está representado pelas suas normas verticalis e lateralis nas figs. 4 e 5. O ovoide craneano é de contorno arredondado, globuloso, caracteristico d'esta forma de craneo largo, com maior largura na região posterior, e a curva antero-posterior ergue-se até ao bregma, fazendo uma fronte levantada, sem accusar saliencia das arcadas supraciliares e bossas frontaes; tem ahi uma parte achatada ou horizontal de pequena extensão e dirige-se quasi verticalmente para o lambda, onde forma ligeira depressão, para seguir com a mesma curvatura até ao inion, inflectindo-se para a parte inferior do craneo. É esta curva que se encontra em todos os craneos representativos da raça denominada *celtica*, e que pelo seu aspecto caracteristico classifica o nosso typo.

O craneo que apresentamos não é puro de caracteres, pois que soffreu influencia de elementos pertencentes ás raças dolichoides; o typo brachycephalo virtual que resulta das nossas medidas é mais caracteristico, visto que encontramos no nosso exemplar-typo orbitas mesosemas, nariz mesorrhinio, e outros elementos distinctivos que preparam o conjunto mongoloide d'esta raça.

Comparado com os nossos craneos prehistoricos brachycephalos de Mugem, Liceia e Casa da Moura, ha clara semelhança de muitos dos caracteres. Existe en-

[1] *La Race Ibère*—In. Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris. Tomo III, serie IV, 3.º fasc., pag. 294.

tretanto maior paridade com o craneo das grutas de Carvalhal, em que não se nota tão extraordinario desenvolvimento da região parieto-occipital, conservando fronte mais larga e arredondada.

É mais notavel, porém, a semelhança com os craneos francezes de Grenelle e as curvas concordam, com ligeira depressão bregmatica no craneo que nos serviu de comparação, retirado da Gruta de Montaigne, em Orrouy.

Salvo, pois, ligeiras modificações de natureza individual, produzidas pela influencia das raças dolichocephalas primitivas e das que chegaram em subsequentes emigrações, a serie dos craneos brachycephalos (21,8 %) dá-nos em conjunto a mesma impressão que os craneos representantes da primitiva raça de Grenelle, raça emigrante que apparece no valle do Tejo nos tempos mesolithicos e que se encontra depois, de norte a sul, ao lado das raças dolichocephalas, como agora, na aldeia de Ferreiró.

Comparados com typos actuaes, os craneos da serie em estudo assemelham-se aos da raça chamada *celtica* ou *celto-slava*, de cabeça globulosa e pequena estatura, que, subindo o Danubio, se espalhou por todo o Occidente europeu, fixando-se mais pura nos seus caracteres atravez as populações descendentes da Europa central. São os Bas-Bretons, Auvergnats, Savoyards que em França representam esta raça de aspectos mongoloides, vinda do Oriente, e que nos offereceram elementos precisos para a caracterisação do nosso grupo brachycephalo.

III. — TYPO DOLICHOCEPHALO HARMONICO. — Vimos como os caracteres estudados, nem sempre realisavam a mesma formula, caracteristica do primitivo substractum dolichocephalo — com face curta, de pequena estatura. Notamos, desde o estudo do indice facial, que um novo elemento ethnico de craneo dolichocephalo leptoprosopo invadiu a nossa serie, accentuando a sua influencia com estes caracteres do craneo e face, a mais o distinctivo das orbitas mesosemas e nariz leptorrhinio; no agrupamento das estaturas verificamos parallelamente a influencia de altas estaturas. A combinação d'estes caracteres constitue a formula representativa de um novo typo ethnico, que se differencia na massa da população de Ferreiró do typo dolichocephalo primitivo.

Está figurado o craneo representativo d'esta nova raça nas fig. 6, 7 e 8.

A norma verticalis é de contorno oval allongado, sem a pronunciada forma polygonal que compete ao craneo da primitiva raça mediterranense, de fronte mais estreita; todo o contorno, nas suas curvaturas unidas e bossas disfarçadas, contrasta com a norma da raça neolithica. A glabella saliente, a fronte levanta-se menos obliqua, com bossas frontaes demarcadas, e a linha começa a declinar desde o bregma, sem pronunciado achatamento, descendo obliquamente para o lambda, e curva-se para a parte posterior naturalmente sem protuberancia, ou bossa occipital, como se vê no craneo da fig. 8.

Esta norma de craneo alto é nitidamente caracteristica da raça dos *Reihengraber* ou das necropoles com sepulturas alinhadas, dos povos representantes da

raça chamada *kymrica, belga, germanica* ou *nordica*, de cabellos louros, olhos claros, alta estatura, e craneo allongado com longa face.

O craneo que representamos, d'um sacerdote da familia Casavedra, é realmente typico; e os seus caracteres confundem-se completamente com os do *typo germanico* dos Reihengraber deduzido por Hölder. [1] É dolichocephalo—73, hypsicephalo, leptoprosopo—75, mesosemo—86.1, leptorrhinio—44.1, e com o caracteristico prognatismo alveolo-sub-nasal.

É este certamente o mesmo typo que Paula e Oliveira [2] encontrou nos cemiterios com sepulturas enfileiradas dos arrabaldes de Cascaes (Necropoles de Alcoutão, Abujarda e Murches) e que affirmava pertencer á *raça gauleza.* [3]

Addicionando esta observação ás nossas, augmenta em extensão o commentario da nova formula ethnica deduzida e que de modo notavel se accommoda ao typo caracteristico da *raça europeia septentrional*, cuja influencia se estendeu até ao Occidente da Peninsula.

Fonseca Cardoso no seu trabalho sobre o minhoto de Entre Cavado e Ancora, encontra-se de face com a influencia de uma raça de alta estatura, côr rosada, cabellos louros e olhos claros, e conclue por esta influencia de elementos do grupo kymrico ou nordico. O estudo, agora mais minucioso, embora circumscripto, sobre os esqueletos de Ferreiró, confirma aquella observação sobre o vivo; as caracteristicas d'esta influencia, que de longe vimos apontando, são demasiado nitidas e precisas para dispensarem a longa disposição dos quadros comparativos com as series merovingias, propriamente germanicas e gaulezas, que nos serviram de prova e de comparação.

IV. — TYPO MESATICEPHALO. — Consideramos como representante do typo medio da população de Ferreiró o craneo das fig. 9 e 10 e que no cabeçalho está marcado com o n.° 10 sobre o frontal.

A norma verticalis tem a forma ovalar intermedia entre o typo II e III; de facto, a região parieto-occipital confunde-se com a do ovoide allongado do typo III, conservando a forma de fronte larga e arredondada do typo II. A linha antero-posterior do perfil tem a glabella saliente e ergue-se até ao vertex como no typo I, ou dolichocephalo primitivo, a que se segue achatamento com ligeira depressão; conserva-se horizontal no primeiro terço, e obliqúa para a parte posterior como no craneo Casavedra. De face, tem as orbitas baixas do primeiro typo, com o bordo superior em direcção inclinada, e a abertura nasal estreita e longa como é caracteristico do terceiro typo.

---

[1] TOPINARD. *El. Anthrop. Gen,* pag. 890 e 918, fig. 161 e 162.

[2] *Communicações da Commissão dos Trabalhos Geologicos de Portugal.* Tomo II, fasc. I, pag. 99.

[3] Ricardo Severo, visitando ultimamente as collecções do Museu Anthropologico da Commissão dos Trabalhos Geologicos, teve occasião de verificar, por uma rapida analyse craneologica, quanto era justa a observação de Paula e Oliveira.

O craneo é mesaticephalo-dolichoide, mesocephalo, leptoprosopo, leptorrhinio e microsemo. Todos estes caracteres concorrem para o aspecto mestiço do typo medio da população em estudo, e do modo como cada qual intervem, podemos ajuizar o pezo de cada uma d'estas influencias.

Poder-se-hia concluir finalmente que, sobre uma população mixta de pequena estatura, formada pela combinação da raça dolichocephala autochtone ou mediterranense com a raça brachycephala, incidiu a influencia de uma raça alta, dolichocephala, com a harmonia craneo-facial propria do emigrante nordico, gaulez ou germanico, que intensamente actuou sobre a população então existente para lhe dar o seu actual aspecto.

Quadro geral das medias craneometricas

Medidas do craneo		Homens	Mulheres	Medidas da face		Homens	Mulheres
		cc	cc				
Capacidade		1554	1393	Larguras	biorbitaria externa	107.4	98.3
Diametros	antero-posterior maximo	184.3	174.4		bizygomatica	132.2	121.0
	antero-posterior metopico	178.9	173.1		bijugal	106.8	112.4
	transverso maximo	142.9	134.8		bimaxillar	94.1	92.8
	basilo-bregmatico	135	126.2	Altura ophryo-alveolar		92.3	90.4
	stephanico	119.7	112.2	Região orbitaria	altura	33.3	33.0
	biglenoidiano	94.8	91.9		largura	41.5	39.7
Linha naso-basilar		98.2	98.8		espaço inter-orbit.°	22.3	20.2
Circumferencia horisontal		533.4	500.3	Região nasal	altura	52.5	48.6
Buraco occipital	comprimento	36.7	31.9		largura	24.5	22.6
	largura	34.7	29.5				
Indices				**Indices**			
Cephalico		77.5	77.2	Facial superior		69.8	71.8
Vertico-longo		73.2	72.4	Orbitario		80.4	83.1
Vertico-transverso		94.5	93.6	Nasal		46.7	46.5
Frontal superior	longo	64.9	64.3				
	transverso	83.8	83.2				
Occipital		86.9	85.0				
Fronto-zygomatico		91.2	92.7				

E eis o que produziu o nosso estudo sobre o material recolhido no cemiterio de Ferreiró; as observações ahi ficam coordenadas, esperando que muitas outras series se lhes juntem, para então se deduzir a formula precisa que integra o problema geral do povo portuguez.

Ricardo Severo

Fonseca Cardoso.

A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS [1]

CAPITULO PRIMEIRO

As phases da educação e a linguagem

I

Na serie animal são muito variadas as relações entre os paes e os filhos: podem ellas limitar-se ao acto da geração ou extender-se a cuidados mais ou menos complexos nos primeiros tempos da vida da prole, cuidados que chegam a durar annos, ou até essa vida toda, em diversos casos, na especie humana. Ha, por exemplo, insectos cujas femeas põem ovos de que hão nascer filhos quando os paes já não existam; mas ainda neste estadio das relações paternaes nos apparecem por vezes cuidados especiaes da mãe para assegurar a conservação dos ovos e a primeira alimentação da prole, como se observa com o ichneumon, que põe os ovos no corpo duma larva escondida nas escamas duma pinha. Em muitas especies os filhos carecem mais ou menos de cuidados de protecção no primeiro periodo da vida, embora aptos para a marcha e acquisição do alimento desde a nascença; em muitas outras a falta dessa aptidão exige que sejam alimentados pela mãe ou por ambos os paes. Emfim nos mammiferos ha a funcção especial da amammentação, de cujo orgão deriva o nome desse grande grupo: aqui as relações entre a mãe e o filho tornam-se mais intimas e prolongam-se mais, accrescendo ainda muitas vezes os desvelos de protecção da parte dos paes, desvelos já tão interessantes nos simios. Assim nas relações dos paes para com os filhos

[1] Vid. *Portvgalia*, I, pag. 57-78.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

achamos primeiro a simples propagação da especie, depois uma actividade que tem por fim pôr ao abrigo da destruição e promover o crescimento da prole até que esta possa tratar de si propria, procurar os meios de satisfazer ás suas necessidades. Mas essa actividade tem primeiro acção puramente mechanica e physiologica; como, porém, o instincto, ajudado da experiencia individual, não basta para emancipar muitas especies dos cuidados dos paes, vemos complicarem-se esses cuidados com actos doutra natureza, rudimentos dum ensino consistindo em instigações, na pratica de movimentos suscitando os filhos á imitação, na repressão até de certos movimentos da parte delles. Assim a ursa mãe ensina os seus a andar, a trepar, a comer, e para conseguir resultados efficazes recorre até aos castigos, taes como patadas, bofetadas, e ainda ligeiras dentadas. D'accordo com a natureza mental dos animaes, manifestada na falta de verdadeira linguagem (a linguagem proposicional), essa educação é puramente concreta e pratica. [1]

Pretende-se que nalgumas raças humanas inferiores (polynesios, boschimanos, habitantes da Terra do Fogo) todos os cuidados da mãe pela prole se limitam á protecção até os filhos se moverem á vontade, e á amammentação, muitas vezes prolongada annos: a creança, nesses grupos humanos, attingiria o baixo nivel moral e intellectual dos seus paes por pura imitação, isto é, sem nenhuma disciplina e ensino intencionaes da parte destes. Mas nos auctores que se occupam do assumpto não ha concordancia: o que, por exemplo, Ploss [2] diz dos polynesios (das ilhas de Tonga, Samoa, Nukahiva, etc.), os quaes deixariam os filhos entregues a si e á natureza, diverge do que Letourneau colligiu sobre a educação entre essas mesmas gentes. Sabe-se que graves difficuldades encontra a ethnologia nas asseverações dos viajantes que não se baseiam muitas vezes em observação sufficientemente attenta. Da lingua dos boschimanos, por exemplo, pouco se sabe; [3] mas as suas producções graphicas fazem crer que o seu intellecto não é tão rude como se tem

---

[1] Sobre a educação nos animaes, vid. Ch. Letourneau, *L'évolution de l'éducation*, cap. I, obra interessante, mas superficial e escripta dum ponto de vista geral que considero falso.

[2] H. Ploss, *das Kind*, II, 336.

[3] Friedrich Müller, *Grundriss der Sprachwissenschaft*, I, II (Wien, 1877) pag. 25-29 apresenta apenas umas curtas listas de palavras e um muito escasso numero de factos grammaticaes da lingua dos boschimanos, na qual, diz, a expressão dos numeros vae só até dois; a expressão para «tres», accrescenta, significa propriamente «muito» e emprega-se em ligação com a linguagem dos dedos para significar os numeros até 10; mas nos additamentos á obra monumental citada, cujo auctor foi arrebatado pela morte, ha cerca dum anno, ás sciencias que tanto lhe deviam [vol. IV, I (Wien, 1888), pag. 1-18] encontra-se já um interessante esboço grammatical duma lingua daquella gente, o qual porém representa a falla dum só individuo, sendo assim ainda muito insufficiente; nelle dá Müller numeraes até 3 e um que se emprega para qualquer numero acima de 3, distincto do que exprime este numero, e indica expressões compostas para 4 e 5; talvez ulteriores investigações descubram mais alguma coisa neste sentido. Os textos reunidos ao esboço grammatical referem-se a coisas muito concretas, sobretudo á caça. Faltam proverbios: não os terão os boschimanos? Note-se porém a seguinte especie de dictado: «A mulher do boschimano

dicto. A verdade é que até nas raças menos desenvolvidas apparecem já certos meios d'educação moral, esthetica e technica, embora não sejam ou só raramente sejam empregados expressamente para esse fim: taes são a linguagem, só por si de grande importancia educativa, como noutro capitulo será posto em relevo, os proverbios, os germens de religião, as industrias rudimentares, e ainda, na maior parte dos povos, os jogos, os cantos, os contos. Assim entre os hottentotes, vizinhos e parentes proximos dos boschimanos, considerados em verdade como achando-se em estado de desenvolvimento superior ao dos ultimos, colheram-se contos d'animaes, muito interessantes, analogos pela materia aos que circulam entre outros muitos povos, incluindo os da Europa. [1]

Nos povos em condições rudimentares de desenvolvimento, a creança vence facilmente a distancia do ponto em que se acha entregue á sua espontaneidade e o meio social existente; dahi resulta a homogeneidade dos grupos atrasados, em que chega a não haver nenhuma infracção dos habitos moraes creados e os homens teem um saber egual. No limitado da technica reside tambem a explicação do modo perfeito por que é adquirida (por ex., o fabrico d'instrumentos de pedra, das finas esteiras dos negros, o emprego do arco e frecha por varios incultos, o arremessar do bumerang do australio).

Ao passo que a cultura se torna mais complexa, o trabalho de adaptação que é mister exercer sobre as novas gerações vae-se tornando mais consideravel necessariamente, e os seus differentes aspectos distinguem-se, separam-se de modo mais ou menos nitido, e as funcções desse trabalho que primeiro incumbiam exclusiva ou quasi exclusivamente aos paes, e pela maior parte á mãe, distribuem-se por outros individuos — a acção educativa social, alargados os grupos ethnicos, torna-se mais intensa e extensa e vem a preponderar sobre a da familia. [2] A ama apparece ao lado da mãe, recebendo do seu seio a creança, a quem amammenta (contra a

---

não ama outro homem. A mulher do boschimano ama só o seu homem.» Quanto isto está longe da sonhada promiscuidade primitiva! Wilhelm Schneider, *Die Religion der afrikanischen Naturvölker* (Münster, 1891) pag. 48 e seg., nota que tem havido exaggeros na pintura, feita por ethnographos, dos boschimanos, como seres infimos, muito proximos dos simios; e dá algumas indicações ácerca dos conceitos religiosos dessa gente, as quaes carecem porém de confirmação ao abrigo de toda a duvida.

[1] Vid. W. H. J. Bleek, *Reineke Fuchs in Afrika* (Weimar, 1870).

[2] Os modernos estudos sociologicos vieram mostrar que a sociedade propriamente dicta não é pura e simplesmente um alargamento da familia, que esta não é, como ainda pretende muita gente, a base directa daquella, que entre familia e sociedade ha muitas vezes até desaccordo. Vejam-se, por exemplo, J.-L. de Lanessan, *La lutte pour l'existence et l'association pour la lutte* (Bibl. biol. intern.) (Paris, 1882), especialmente pagg. 22-26, 46-54, 70-80; Gaston Richard, *La sociologia comparada y el problema de la integración social* (trad.) em *Boletin de la Institución libre de Enseñanza*, tomo xix e xx (Madrid, 1895-96); Th. Ribot, *Psychologie des sentiments* (Paris, 1896) pagg. 278-279, 280-284. Este ultimo auctor conclue: «O grupo familial e o grupo social saiu cada um de tendencias differenciadas, de necessidades distinctas, cada um tem a sua origem psychologica especial e independente e não ha derivação possivel dum para o outro.»

opinião de medicos e philosophos, desde a antiguidade); o pedagogo, o aio cura da direcção moral; o mestre ou os mestres do ensino litterario, scientifico, philosophico, gymnastico, technico do novo ser; ainda se lhes junta o sacerdote, que doutrina nos preceitos e conceitos religiosos; os espectaculos, os actos solemnes do culto, da vida politica, os monumentos, as bibliothecas, os museus e mil outros objectos convergem ao fim educativo. E emquanto nas phases primitivas ou atrasadas dos grupos humanos todo o trabalho d'adaptação das novas gerações, ou puramente espontaneo ou determinado mais ou menos intencionalmente pelos paes ou já tambem por outros individuos, tem por mira exclusiva levar as creanças até ao nivel de desenvolvimento attingido pelo conjuncto dos adultos, nas sociedades cultas mais ou menos adiantadas, esse trabalho pode ser feito com tal fim de mera adaptação ao existente (educação conservativa); com um fito no passado, levando os novos a crenças antiquadas e ao respeito de formas sociaes anteriores ao momento historico presente (educação reaccionaria); ou com aspiração para um melhor futuro (educação progressiva) e não como tendo por fim a adaptação mais ou menos passiva do educando, mas sim o desenvolvimento autonomico da sua actividade espiritual.

O sentimento da necessidade da educação, tão fraco, pela pressão das circumstancias, nos grupos humanos rudimentares, faz-se sentir com intensidade proporcional ao progresso da cultura, mas tem, como todos os sentimentos, ante si um caminho de crescimento são, e outro de degenerações.

II

A complicação das relações entre paes e filhos e entre estes e o grupo social assimilador, do simples acto physiologico reproductor da especie até á actividade educativa no sentido mais extenso, reflecte-se naturalmente na linguagem, no desenvolvimento semantico de certos termos, que vieram a comprehender nos seus diversos significados os aspectos principaes do processo da renovação da sociedade.

Em grego *παῖς*, gen. *παιδός*, significa «creança, menino, menina». As antigas formas *ποῦς*, *παῦς* permittem ver como typo fundamental * *pavi[d]s*, que, como o latim *puer* por * *pover*, vem da raiz indogermanica *pau* «gerar» (compare-se latim *pūbes*, etc.). [1] Aquella palavra grega significa, pois, propriamente o «gerado»; «creança» traduz em verdade a mesma ideia, como melhor se verá mais abaixo. Na mesma lingua *γεννάω* e *τίκτω*, «gerar, dar á luz (parir)», não se desenvolveram semanticamente de modo que viessem a significar o trabalho que a prole exige depois do nascimento; mas do derivado da raiz *pau* formou-se o verbo *παιδεύειν*, que parece

[1] W. Corssen, *Kritische Beiträge zur lateinischen Formenlehre* (Leipzig, 1863), pag. 248; G. Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, n.º 387.

deveria significar «dar á luz (parir)», como em francês *enfanter*, de *enfant;* mas em realidade quer dizer «educar e ensinar», isto é, seguiu o sentido mais espiritual do processo. O substantivo, derivado tambem de *παιδός, παιδεία* traduz-se geralmente por «educação» em sentido lato, por «educação e ensino», e ainda só por «ensino».

O termo *παιδεία* veiu a ter um sentido muito determinado que os philosophos nos definem. Segundo Platão a *pedia* comprehende duas partes—a que respeita ao corpo: gymnastica,—e a que respeita ao espirito: musica. Sabemos em que consistia a gymnastica dos gregos; emquanto á musica comprehende para aquelle philosopho mais do que entendemos geralmente por esta palavra, pois elle explica logo, no passo a que me refiro, que na musica entram os «discursos», as lettras. [1] Mas para Platão mesmo a *τροφή*, alimentação, liga-se á *pedia*, que, pode dizer-se, comprehendia o que hoje alguns chamam a educação physica, moral e intellectual; porque nas lettras e na musica não se buscava só um instrumento d'educação intellectual (e esthetica), mas ainda um meio d'educação moral, para que a gymnastica tambem contribuia. O elemento moral é, numa palavra, o predominante no conceito pedagogico do citado philosopho.

No dialogo platonico de auctor incerto, *Theages*, as partes da *pedia* são: as lettras, a execução na cithara (musica), a lucta e os outros jogos (gymnastica). [2]

Aristoteles emprega tambem a palavra *παιδεία* em sentido que os traductores latinos exprimem por *educatio* e *παιδεύειν* em sentido que traduzem por «educare, instituere». Esse philosopho enuncia já a questão se a *pedia* deve dirigir-se antes á intelligencia ou aos costumes d'alma, isto é, se deve ser predominantemente intellectual ou moral, e distingue nos meios que se empregam para educar *(παιδεύειν)* quatro, a saber: as lettras, a gymnastica, a musica e o desenho *(γραφική)*, que alguns juntavam aos tres precedentes. [3]

Notarei que *παιδεία* tomou um sentido mais geral ainda, de modo que, por exemplo, Theophrasto a emprega para significar a cultura das plantas.

Doutro lado certas formulas usadas pelos escriptores gregos indicam a tendencia para distinguir por termos especiaes os aspectos diversos da actividade educativa,—a formação do espirito no sentido moral e ainda intellectual (e esthetico), o desenvolvimento do corpo sob o dominio do espirito, a communicação dos conhecimentos, do saber, o que chamamos instrucção: assim diziam *ασκεῖν καί διδασκεῖν* «formar, exercitar e ensinar, instruir»; *παιδεύειν καὶ ασκεῖν*, «ensinar e formar, exercitar»; tambem *ἄγειν καὶ παιδεύειν*, «conduzir (agere, ducere) e instruir»; *τροφή καὶ παιδεία*, [4] «educatio et disciplina» nos traductores latinos, *παιδεύματα*

---

[1] Platonis *Republica*, lib. II (*Opera*, ed. Didot, II, 35).

[2] Theages (*Ibid.*, I, 95).

[3] Aristotelis *Politica*, VIII, 1 (*Opera*, ed. Didot, I, 624, 625).

[4] Platonis *Alcibiades* I, c. 17 (*Opera*, ed. Didot, I, 480), *Leges*, VII (*Ibid.* II, 374).

καὶ μαθήσεις, [1] «institutiones et disciplinas»; *παιδείαις ἐλευθερίοις ἄγειν τε καὶ τέφειν* «com disciplinas liberaes conduzir (educere) e nutrir», diz Luciano. [2]

Pedagogia (παιδαγωγία) é propriamente a acção de conduzir as creanças, primeiro no sentido material dos cuidados corporaes, e logo no espiritual da educação, no conjuncto dos elementos que formam o homem interior e o exterior sob a dependencia do interior.

A relação entre «dar á luz, trazer á luz» e «fazer produzir o espirito a verdade» foi, numa bella metaphora, estabelecida por Socrates: a *μαιευτικὴ τέχνη*, propriamente «arte de parteira,» era para o philosopho o methodo que consistia, não em apresentar os principios como dogmas feitos, aos discipulos, mas sim em fazêlos sair do intimo delles por interrogações. Esse parto dos espiritos era o complemento verdadeiro do parto do corpo.

A serie d'actividades que tem por centro a creança, a começar no nascimento, foi expressa por Varrão nas palavras: «Educit obstetrix, educat nutrix, instituit paedagogus, docet magister.» [3] Mas os termos latinos *educere* e *educare* teem um sentido mais complexo do que o dado naquelle passo do polygrapho romano.

Ducere (raiz indoeuropea *duk*) quer dizer «levar, conduzir, guiar»; *educere* (levar de), «tirar, fazer sair, trazer á luz» e designa assim a funcção da parteira e tambem o acto da mãe no nascimento — «parir;» depois exprime «ministrar a alimentação ao recemnascido, amammentar» (que tambem se dizia *lactare*, etc.), prestar ainda outros cuidados d'ordem physica: nestes ultimos sentidos dizia-se tambem *educare* (educat nutrix); mas *educere* teve demais o sentido que damos a «educar» como mostra o facto de que se empregava tambem com referencia ao pae. Uma personagem masculina, Micião, diz em Terencio, fallando d'um sobrinho:

> Eduxi a parvulo: habui, amavi pro meo. [4]

Frontão usa *eductor* no sentido de preceptor, ao lado de *magister*. [5]

Educare significa nutrir, amammentar, criar, e diz-se nessas accepções tanto do homem como dos animaes inferiores; depois exprime a ideia de «formar (moral e intellectualmente), instruir.» O francês *élever* tradu-lo na maior parte desses usos.

O verbo *instruere*, de *in* e *struere* (juntar partes para formar um todo), significa primeiro o mesmo que «edificar, construir;» depois «prover;» o sentido de «ensinar» vem talvez do de «prover» e não do de «construir», que seria aliás

---

[1] Aristotelis *Politica*, viii, 2 (*Opera*, ed. Didot, I, 626).

[2] Luciani *Anacharsis*, cap. xx.

[3] Varronis *Catus de liberis educandis*, fragm. em Nonii Marcelli *Compendiosa doctrina*.

[4] Terentii *Adelphi*, I, 1, v. 23. Cf. Cicero, *De Oratore*, II, 28, 124. Crasso a Antonio: «Neque enim est boni neque liberalis parentis, quem procrearis et eduxeris, eum non et vestire et ornare», etc.

[5] Frontonis *Epistolae ad amicos*, I, 15.

uma bella translação; note-se, por exemplo, a phrase «instruere juvenem praeceptis.» *Instituere* exprime fundamentalmente um ideia analoga á de *instruere*.

Deixarei de lado outras palavras latinas, que aliás interessam ao assumpto, como *docere, edocere, doctrina; discere, disciplina; praecipere, praeceptum, alumnus* (de *alere*, alimentar), e passarei ás linguas romanicas dalem Pyrineus, limitando-me á francesa e á italiana.

Na primeira achamos sete termos principaes referentes á materia que nos occupa: *élever, dresser, former, éduquer (éducation), enseigner (enseignement), instruire (instruction), apprendre*.

O verbo *élever* (do lat. *e* e *levare*) significa propriamente «levantar a cima de, levantar mais alto;» abstrahindo doutras accepções que não veem ao caso, achamos depois nelle a de «amammentar, criar (no sentido physiologico) uma creança» e vemo-lo empregado tambem relativamente aos animaes e ás plantas: «tratar dos, criar animaes,» «cultivar plantas;» emfim toma o sentido moral e intellectual de «educar, instruir.»

Dresser (dum lat. hypothetico * *directiare* = português *dereçar* em *endereçar*, etc., de lat. *directus*) quer dizer propriamente «pôr direito; pôr, conservar a prumo, levantado;» depois «estabelecer, dispôr, preparar;» de que se passa para o sentido de «instruir, adextrar» e diz-se do homem e dos animaes inferiores: ex. *dresser la jeunesse au métier des armes; dresser un chien à la chasse. A dressage* diverge pois muito da verdadeira «educação,» comquanto muitas vezes se tome por educação o que não passa de *dressage*.

Former tem ora um sentido muito mais geral, ora muito mais especial que «educar.» No emprego que nos interessa define-o Littré: [1] «faire contracter, par une certaine éducation, de l'habilité, des habitudes, des manières, des mœurs.» Nesse sentido pode dizer-se: «l'éducation a pour but de former des hommes;» isto é, desenvolver na creança todos os germens das qualidades que caracterisam o verdadeiro homem social; mas com essa accepção não se emprega nem *former*, nem *formation* de modo absoluto, ao contrario do que se dá em «educar» e «educação» *(éducation)*.

O verbo *éduquer* é pouco usado e não tem a approvação dos puristas: prefere-se-lhe *élever;* mas o derivado *éducation* tem direito de cidade, comquanto fosse introduzido apenas no seculo XVII, substituindo *nourriture*, que Voltaire ainda recommendava, e que ficou com o seu sentido original de «alimento, amammentação,» emquanto *éducation* perdeu essas significações; mas diz-se tambem dos processos para produzir em animaes e plantas certas qualidades; o seu emprego mais usual é entretanto o da nossa palavra *educação*.

Instruire, que se encontra pelo menos já no seculo XII, perdeu o sentido ma-

---

[1] *Dictionnaire de la langue française*, s. v. *former*.

terial de «construir,» para significar só «a acção de transmittir conhecimentos, desenvolver aptidões.»

Enseigner, já exemplificado no seculo XI, mas que remonta sem duvida ao latim popular, reflecte-se nas outras linguas romanicas e provem dum lat. hypothetico * *insignare*, de *signum*, sinal: á lettra «assignalar, indicar;» dahi «fazer saber, conhecer, exercitar, tornar habil (numa arte, numa industria).» O derivado *enseignement* existia já pelo menos no seculo XIII.

Apprendre (do lat. *apprehendere*), tambem já exemplificado no seculo XI, diz-se primeiro da actividade do que recebe, adquire conhecimentos e depois da actividade do que transmitte os conhecimentos.

Vejamos que differenças estabelecem lexicologos entre os tres ultimos termos franceses referidos.

«*Instruire*, diz Littré, é dar instrucção, tornar instruido» (má definição em verdade). «*Enseigner* é dar lições dum objecto determinado: ensinam-se latim, mathematicas a uma creança. *Apprendre* tem ó mesmo uso que *enseigner*, mas de modo mais vago e não se referindo tão exactamente á lição que se dá. On instruit quelqu'un de son devoir, en le lui exposant. On lui enseigne un devoir, en lui faisant la leçon. On lui apprend son devoir, en le lui faisant connaître d'une façon quelconque.» [1] «Ha em *enseigner* alguma coisa que respeita menos ao resultado e mais aos meios; é o contrario com *instruire*. Noutro ponto de vista, *instruire* diz-se mais exclusivamente do ensino intellectual, e *enseigner* do ensino moral: «allez e enseignez toutes les nations;» mas dir-se-ha a um professor: «instruisez mon fils.» Em muitos casos estas duas palavras teem sentido analogo e confundem-se.» [2] Guizot escreveu que *enseigner* é unicamente dar lições; *apprendre* dar lições com proveito (para quem as ouve); *instruire* é pôr ao facto das coisas por memorias esmiuçadas (em casos especiaes, sem duvida); *enseigner* e *apprendre* teem mais relação com tudo o que é proprio para cultivar o espirito, para formar uma bella educação; *instruire* tem mais relação com o que é util á direcção da vida e ao exito dos negocios. «Le professeur *enseigne*, dans les écoles publiques, ceux qui viennent entendre ses leçons. L'historien *apprend* à la posterité les événements de son siècle. Le prince *instruit* ses ambassadeurs de ce qu'ils ont à negocier: le père *instruit* aussi ses enfants de la manière dont ils doivent vivre dans le monde.» [3] Sem duvida essas observações nem exgotam, nem frisam talvez muito nitidamente a distincção entre os termos referidos; mas explificam como as linguas tendem a differenciações, muitas vezes subtis, no emprego de palavras, cuja noção fundamental é aliás a mesma.

---

[1] Littré, *Dict. de langue française*, s. v. *apprendre*.

[2] Idem, *ibidem*, s. v. *enseigner*.

[3] Guizot, *Dictionnaire universel des synonymes de la langue française* (ed. 1864), pag. 283.

O italiano offerece-nos os termos *allevare* (latim *ad-levare;* compare-se francês *élever*), *educare, insegnare, instruire, ammaestrar.* Comquanto Thomaséo, seguindo Gatti, diga que *educare* comprehende «e lo allevamento e l'*istruzione* e l'*ammaestramento,*» [1] a verdade é que *allevar* ora se refere exclusivamente aos actos que teem por fim o simples crescimento physiologico dum ser vivo, ora se confunde no sentido com *educare;* dahi *allievo* com o sentido do fr. *élève*, alumno, discipulo.

Na mesma lingua *creare* tem não só o sentido fundamental do latim *creare* e outros, derivados immediatamente desse, faltando-lhe, porém, o de «dar á luz (parir)», mas desenvolveu os de «*nutrire* (as creanças e os animaes) e *instruire, ammaestrare.*» Estas ultimas significações são desconhecidas no francês *créer;* mas achamo-las no hispanhol *criar*, como no português *crear.*

No germanico, a raiz indoeuropea *duk* (de que saiu lat. *ducere*, composto *educere*) tomou a forma *duh;* em gotico ha o verbo *tiuhan*, em antigo allemão *ziohan*, allemão moderno *ziehen* (participio *gezogen*), com as significações de «puxar, tirar; cuidar das creanças, do gado, etc., durante o seu desenvolvimento, crear;» dahi o composto *erziehen* «educar», com o seu derivado «*Erziehung*», que corresponde pois bastante exactamente, pelos elementos e sentido, a *educação*, e ainda, comquanto não tão de perto, a francês *élever*, italiano *allevare*, cuja raiz é diversa.

Um outro rebento dessa mesma raiz germanica *duh* é o medio alto allemão *ziugan*, allemão moderno *zeugen*, procrear, gerar. Aqui achamos de novo a ideia de educação estreitamente ligada á de geração. [2]

O que exprimimos por ensinar, instruir, dizem os allemães *unterrichten*, da preposição *unter*, «sob», e *richten*, propriamente «pôr direito (*recht*, recto, direito), dispôr, dirigir» (compare-se o francês *dresser*, em que ha o mesmo thema participal da raiz *reg*).

Em inglês a mesma ideia de «ensinar, instruir» traduz-se por *to teach*, do anglosaxão *taecean*, da raiz indoeuropea *dik* «indicare,» que tinha ao lado uma forma *dig* (comparem-se em latim *dicere, indicare e dignum, pro-digium);* assim, pela significação fundamental, *to teach* aproxima-se de *ensinar* (mostrar, indicar). Um outro derivado da mesma raiz *dik* é o allemão *Zeichen* «signal» (antigo alto allemão *zeihhan*), de que provém o verbo *zeichnen* «desenhar.» [3] A nossa palavra *desenhar*, francês *dessiner*, vem semelhantemente do latim *designare*, de *signum* «signal.» Assim se estabelece uma muito intima correlação de sentidos entre *to teach, zeichnen* e *ensinar, desenhar*, apesar da differença das raizes.

Em allemão *Zucht* (antigo *zuht*) liga-se a *ziehen* (vide acima) e significa «a criação (fr. élevage) de creanças, de gado, a cultura d'arvores; educação, disciplina.

---

[1] Niccolo Thomaséo, *Nuovo Dizionario dei sinonimi della lingua italiana* (Milano, 1858-59), I, 289.

[2] Friedrich Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, 5.te Auflage (Strassburg, 1894), s. v. *ziehen* e *zeugen.*

[3] Idem, *ibidem*, s. v. *Zeichen.*

Na mesma lingua *lehren* traduz o nosso *ensinar;* provém do antigo *léren*, no anglosaxão *laéran*, em gotico *laisyan*, duma raiz *lis* «ir», dahi «ser experimentado» (como o que anda por muitas terras). O substantivo allemão *Lehre* provém do antigo *léra*, em anglosaxão *lár*, donde inglês *lore*, com que se formou o composto *Folk-lore* (saber popular). O allemão *lernen* «apprender» provém dum derivado participal, que em gotico seria * *lisnan* ou *liznan*. [1]

Comquanto nos termos *Zucht* dum lado, *Erziehung* doutro, se comprehendam por vezes os conceitos das diversas actividades educativas, o allemão apresenta-nos tambem, como o grego, etc., formulas em que ellas se separam em grupos secundarios, como *Zucht und Unterricht*, *Lehre und Leitung*, ensino, doutrina e direcção. «A multiplicidade total das actividades que nos interessam aqui não é susceptivel de exprimir-se numa formula summaria; mas o uso da lingua permitte empregar os conceitos: *Lehre und Zucht* para designar as principaes categorias, alargando o seu circulo de significação de modo que este comprehenda: exercicio e habito, disciplina, direcção e instrucção, guia e moralisação, etc. Pelo ensino (*Lehre*) opera-se a transmissão do conteudo espiritual, comprehendendo o saber e a capacidade pratica (Können), a materia da crença e a concepção do universo, e a assimilação mental da prole é elevada até á acção com fim consciente; pela disciplina (*Zucht*) completa-se a introducção da prole na vida moral e a sua inserção nos laços sociaes e determina-se o seu circulo de interesses em conformidade com o *ethos* da communidade.» [2]

Os allemães teem ainda o termo *bilden*, der. *Bildung*, a que me referi na *Introducção*, e terei ainda logar de me referir, na sua relação com a actividade educativa.

Os unicos termos verdadeiramente populares e antigos da lingua portuguesa correspondentes aos que acabamos de examinar nalgumas das principaes linguas europeas extra-peninsulares e que se referem á actividade educativa são *crear* e *ensinar*, e o correlativo *apprender*, abstrahindo dos que tem um sentido puramente physiologico, como *amammentar*. *Formar*, comquanto talvez do fundo da lingua, é já, na applicação em que mostramos acima o francês *former*, de caracter litterario, e temos na linguagem escolar as phrases particulares *formar-se em uma faculdade* (direito, medicina, etc.); *bacharel formado em direito*, etc. *Educar*, *instruir*, *instituir* (esta ultima forma usada hoje relativamente á educação) pertencem ao vocabulario erudito, comquanto as duas primeiras estejam muito vulgarisadas. A expressão tradicional por *instrucção primaria* é *primeiras lettras;* ainda no seculo passado se fallava em *estudos menores* pelo que hoje chamamos *instrucção primaria e secundaria*.

---

[1] IDEM, *ibidem*, s. v. *lehren* e *lernen*.

[2] O. WILLMANN, *Didaktik*, I, 13.

No uso popular o verbo *crear*, além do seu significado geral de «produzir, dar existencia», tem o de «gerar», nas expressões como *crear filhos*, *crear familia;* perdeu a accepção de «parir» e adquiriu a de «amammentar»; dahi o substantivo *cria* para designar o animal que está sendo amammentado, substantivo que inclue tambem a ideia de filiação. No antigo português, *creança* designava os filhos de qualquer animal, e assim se dizia a *creança do peixe*, «os peixes pequenos» (a que se referem, por exemplo, as leis prohibitivas do arrasto, etc.); nesse mesmo sentido diremos hoje *creação*, principalmente com referencia ás aves domesticas. O conde de Barcellos escreveu no seculo XIII:

Natura das animalhas
Que sam dũa semelhança
É o fazerem creança. [1]

A palavra *creança* acabou por designar sómente o filho pequeno da mulher.

Crear passou depois a significar tambem «alimentar, cuidar dos animaes até a idade adulta (*crear gado*, etc.); prestar ás creanças todos os cuidados necessarios ao seu desenvolvimento physico, ao seu crescimento normal»; a palavra tornou-se por fim extensiva ao dominio da educação moral e intellectual. A expressão *bem creado* pode tomar-se no sentido somatico de «bem desenvolvido, bem nutrido»; depois no de «que tem boas maneiras, é polido, cortês», sem duvida porque essas boas maneiras são tomadas por o signal externo duma boa educação, e ainda na accepção plena de «bem educado». Ás vezes o povo emprega ironicamente a phrase para exprimir, não que a creança a quem a applica é *bem educada*, mas sim *nutrida*. O substantivo *creação* acompanhou essa evolução semantica, vindo a significar exactamente o mesmo que *educação*. No sentido absoluto *creação* veiu até a corresponder *a boa, fina educação:* dizia-se assim *homem de creação* por «homem bem educado.» Não só no emprego popular, mas ainda no dos doutos, se dava a equivalencia de *creação* e *educação*, incluindo nesta a instrucção. João de Barros diz, jogando com os sentidos da palavra: «depois que os mininos saem das leteras, que é o leite de sua *criaçam*, começam a militar em costumes pera que lhe convem armas convenientes aos vicios naturaes de sua idade». [2] E Antonio Nunes Ribeiro Sanches: «Entender e saber a Lingua Latina com algũa perfeição não se estima ordinariamente por qualidade necessaria; mas he notado de má creação e he reputado por ignorante, quem a não estude». [3] Não deve esquecer-se que o verbo *crear* significa tambem «tornar perito, adextrar (alguem), desenvolver (em alguem) determinadas aptidões»; assim se diz: «no campo é que se criam os

---

[1] Cancioneiro da Vaticana, ed. Monaci n.º 1040.

[2] João de Barros, *Dialogo da viciosa vergonha*, (1540), 2.ª ed. (pag. 240) da *Grammatica*, etc.

[3] Ribeiro Sanches, *Cartas sobre a educação da mocidade* na *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*, t. III (1883), pag. 60.

lavradores; os soldados na guerra; os bons marinheiros no mar.» Vê-se, pois, que este sentido se refere á educação technica.

O verbo *ensinar* corresponde pelo sentido e origem ao francês *enseigner;* a sua significação fundamental de «indicar» apparece ainda em phrases como *ensinar o caminho;* nos seus sentidos mais frequentes refere-se não só á communicação do saber theorico, mas tambem á technica, á direcção dos exercicios que levam á acquisição de aptidões, á transmissão dos preceitos moraes, etc. Chega ainda a ter o sentido de «castigar, escarmentar».

Da exposição precedente vê-se, com a clareza dos factos, que as principaes expressões que significam «educar», nas linguas alludidas, começam por se referir ao acto puramente physiologico da reproducção da especie ou da amammentação para se extenderem depois aos aspectos espirituaes dos cuidados dos progenitores para com os filhos, ao processo inteiro da assimilação social das novas gerações. A nossa palavra *crear*, assim como o seu derivado *creação*, é das mais instructivas para representar a serie completa das significações que nos interessam, na sua evolução, que reflecte a evolução mesma dos processos respectivos. Um quadro fará vêr melhor como se correlacionam os sentidos do verbo *crear* com as phases da actividade que tem por centro a prole.

1. Sentido fundamental: 2. *Gerar, procrear.*	*produzir, dar o ser.* 1.º momento physiologico em que collaboram os dois sexos e que pode ser o resultado do simples instincto sexual, mas que no curso da evolução humana se complica com emoções elevadas e factores sociaes importantes. Como consequencia da fecundação ha a gestação, que não está representada explicitamente nas significações de *crear*. Na India (já nos Vedas), na Grecia, como nos tempos modernos, apparece a ideia de que a educação deve extender-se á vida fetal.
3. *Dar á luz (parir).* (Esta significação, que existia em latim, falta em português.)	2.º momento physiologico, seguido por vezes da destruição voluntaria ou da exposição da prole, actos sem reprovação em certos grupos, ou doutros accidentes que limitam ao nascimento as relações entre paes e filhos.
4. *Amammentar, nutrir a prole; prestar-lhe os cuidados necessarios ao seu crescimento physico.*	3.º momento physiologico, complicado com o desenvolvimento do amor ou exclusivamente do lado mãe, ou tambem da parte do pae que protege, para com a prole, e um germen do momento seguinte.
5. *Educar,* no sentido complexo da palavra.	1.º momento humano-social: a educação não se acha ainda differenciada segundo as classes, ou grupos numa mesma sociedade.
6. *Educar,* em conformidade com um certo typo julgado superior, proprio das classes mais elevadas.	2.º momento humano-social: as classes sociaes acham-se mais ou menos profundamente differenciadas e ao lado da educação popular ha uma outra julgada superior, fina (cf. acima: homem de *creação*), propria das classes mais elevadas. [1]

[1] Só uma historia geral da cultura pode determinar bem os factores que produzem a evolução educativa.

Perante a historia da linguagem justifica-se, pois, completamente que com um só termo se exprima o conjuncto dos processos, que, como vimos, se designam tambem por formulas como «disciplina e ensino»; por isso adoptamos simplesmente o vocabulo consagrado «pedagogia» para titulo deste estudo, comquanto tenha de considerar nelle não só o lado moral, mas ainda o intellectual (e o esthetico), e além disso o technico e o physico, da influencia assimilatoria exercida entre o povo sobre as novas gerações. Se quisessemos empregar nesse titulo a terminologia popular teriamos posto nelle: *Da creação dos filhos no povo português*. É certo que encontramos em a nossa linguagem popular um outro vocabulo — *ensinar* e o seu derivado *ensino* (antigo *ensinança)*, que por certo não é inutil e tem correspondentes noutras linguas ao lado do termo que significa *educar;* mas *ensinar* não exprime, em regra, opposição para com *educar*, nem sequer uma ideia coordenada, mas simplesmente um aspecto subordinado da acção educativa, não em todos os casos, mas em muitos; e digo que não em todos os casos, porque nem todo o ensino é educativo.

A maior parte dos mais notaveis theoricos da educação justificam as intuições populares no emprego dos termos referidos, subordinando o ensino, como meio, á educação, fazendo da didactica (theoria do ensino) parte da pedagogia: lembraremos nesse grupo, dentre os ingleses John Locke, Herbert Spencer, Alexander Bain; dentre os allemães Kant, Herbart, Waitz, Ziller, Stoy, Schleiermacher, Rosenkranz, Palmer. Niemeyer e Beneke separaram os principios da educação dos do ensino e o segundo foi um dos theoricos que buscou distinguir mais nitidamente educação e ensino. Dos escriptores allemães mais notaveis dos ultimos tempos, sobre a materia, Hermann Schiller subordina a didactica á pedagogia, emquanto Wilhelm Schrader e Otto Willmann as coordenam. O ultimo tem concepções particulares sobre o assumpto: para elle a didactica é a theoria da *Bildung*, palavra que litteralmente quer dizer «formação», mas não é traduzivel pelo nosso termo nem perfeitamente por «cultura»; [1] mas Willmann nota a correlação intima da *Erziehung* e da *Bildung* e como do dominio duma se passa para outra. Entre os escriptores franceses mais notaveis que se occuparam da educação, a começar em Rabelais e Montaigne, passando pelo auctor do *Emile*, nenhum escreveu tratado systematico sobre a educação, por isso não incluimos na lista acima nomes franceses. Devemos notar, todavia, que em França se tem pretendido estabelecer uma opposição accentuada entre educação e ensino ou instrucção, o que resulta de causas especiaes que não cabe aqui expôr; essa corrente chega até ao nosso pais, em que se leem sobretudo livros franceses.

Notaremos ainda que a distincção entre «ensino educativo» e «ensino não educativo» foi criticada por Theobald Ziegler, a nosso ver, com mais subtileza que rigor; mas essa questão e as que se lhe ligam serão tratadas convenientemente noutro logar.

---

[1] Na obra citada em a *Introducção, «Portvgalia»*, fasc. I, pag. 61, nota 1.

No dominio das litteraturas é these acceita que as formas artisticas, reflectidas, se desenvolvem das populares, espontaneas. No dominio da sciencia manifesta-se repugnancia por acolher concepção analoga, mas a verdade é que o saber popular, o *folklore* é a base de muita aristocratica sciencia, que, valha a verdade, vive ainda com excesso de pedaços dessa sabedoria, apenas embrulhados em formulas pomposas. Nos *recipes* dos medicos, por exemplo, repercutem-se descobrimentos de pobres selvagens e muitas vezes do alto das suas cathedras os illustres filhos d'Esculapio não vão mais longe nas suas explicações do que o bacharel de Molière na sua famosa theoria das virtudes do opio. Na linguagem, sobretudo, ha como que quadros impostos pela elaboração popular ao espirito scientifico, os quaes este muitas vezes acha mais vantajoso respeitar do que destruir. No decorrer deste trabalho apontaremos outros exemplos, além do que nos ministram os termos *crear* e *ensinar*, tirados tambem do campo da linguagem, dessas relações da tradição popular com a sciencia, as quaes comprovaremos ainda com factos doutra natureza, e que não são sempre proficuas, chegando por vezes a tornar-se até notavelmente nocivas. [1]

Herbart observou com razão que: O homem não é nada fora da sociedade. O puro individuo não o conhecemos nós, sabemos somente com certeza que lhe faltaria a humanidade (o que caracterisa verdadeiramente o homem). No individuo continua-se uma producção espiritual, cujo começo não está nelle. [2] A psychologia individual não pode separar-se consequentemente da psychologia collectiva a não ser por abstracção; o mesmo se dá pelo que respeita á psychologia do povo e á dos outros elementos da sociedade a que pertence, ao estudo de qualquer aspecto da vida popular e ao estudo do aspecto correspondente da vida das classes que se dizem cultas. A sciencia para bem estudar os phenomenos começa por separar, abstrahir, o que não tem inconveniente, se se está prompto sempre a reintegrar a realidade. Nesta minha investigação não esquecerei nunca, espero, esse principio de são methodo e por isso a pedagogia e a sabedoria do nosso povo serão estudadas na sua relação com a pedagogia das classes cultas, ou que se julgam taes, e a sciencia propriamente dicta.

A applicação proficua do *divide et impera* ao trabalho scientifico deve ser completada com a dum superiormente proveitoso *compara et intellege*.

---

[1] Dei já algumas indicações sobre a relação entre crenças supersticiosas populares e theses d'homens de sciencia no artigo *O quebranto* na *Revista de Sciencias naturaes e sociaes*, vol. III (Porto, 1895), pagg. 117-124, 169-185 e darei outras num artigo novo sobre *Esp'ritos e spiritos*.

[2] J. Friedrich Herbart, *Gesammelte Werke*, herausgegeben von Hartenstein IX, 186.

CAPITULO SEGUNDO

Dos fins e meios da educação popular

I

«Deve-se conhecer o fim antes do caminho», diz Jean Paul; mas em traços humoristicos mostra-nos este escriptor como os paes vulgares teem, não uma imagem fundamental, um ideal determinado na educação dos filhos, mas sim uma collecção d'ideaes contradictorios, que alternam com a maior facilidade. E as mães? «Essas, diz elle, não se parecem bem com aquelle Arlequim que se apresentava no theatro com um rolo de papeis debaixo de cada braço e que perguntando-se-lhe o que trazia sob o direito, respondia: — Ordens; e perguntando-se-lhe o que trazia sob o esquerdo, dizia: — Contraordens; as mães seria melhor compará-las a um gigante Briareu com cem braços e um papel debaixo de cada um». [1]

As causas dessa situação dos paes relativamente á educação dos filhos não residem só no espirito delles mesmos como individuos — proveem muito principalmente das correntes d'ideias, sentimentos, tendencias, preconceitos, modas, necessidades diversas e muitas vezes oppostas que na sociedade se cruzam, sobrepõem e juxtapõem, e combinam, em muitos casos monstruosamente. Exemplificaremos. Em Portugal o artigo 6.º da carta constitucional estabelece que o catholicismo é a religião do estado, mas que é permittido aos extrangeiros seguir quaesquer outras religiões, com um culto domestico ou particular; e no artigo 145.º diz-se que ninguem pode ser perseguido por motivos de religião, uma vez que respeite a do estado e não offenda a moral publica, artigo que evidentemente não está d'accordo com o primeiro citado artigo, segundo o qual parece que todo o português é obrigado a ser catholico. Comprehende-se que podem surgir questões sobre o que seja respeitar a religião do estado; [2] mas deixarei esse ponto. Um protestante, um judeu, por ventura um musulmano, um budhita podem ter cargos publicos, ser professores em o nosso pais (ignoramos que processo se segue nesse caso relativamente ao juramento ao tomarem posse), mas sendo-o de nascença ou pelo menos antes de se naturalisarem portuguêses; porque o Codigo penal no art. 135.º estabelece que «Todo o português que, professando a religião do reino, faltar ao respeito á mesma religião, apostatando ou renunciando a ella publicamente, será condemnado na pena fixa de suspensão dos direitos politicos por vinte annos», e accrescenta «que se o apostata fôr clerigo d'ordens sacras será expulso do reino sem limitação de tempo; mas que essas penas cessarão voltando o apostata ao gremio da igreja». É certo que

---

[1] JEAN PAUL RICHTER, *Levana*, § 21.

[2] O que o Codigo penal dispõe em o art. 13.º pode dar logar a variadas applicações.

em muitos casos conhecidos essa lei tem sido lettra morta; mas pode dum momento para outro deixar de o ser. Vê-se pois que o que de nascença foi, por exemplo, considerado protestante gozará dos direitos politicos, o que foi baptisado catholico, quando não podia ter crença nenhuma, e mais tarde foi por suas convicções levado a acceitar outra confissão, se o declarar publicamente, está incurso na pena referida, de que se livra se declarar hypocritamente que volta ao gremio do catholicismo, mudando de crença como quem muda de casaco. Nos regulamentos militares ha outras disposições, contrarias ao principio do artigo 145.º, como ha pouco foi lembrado pelo facto de ser condemnado a jejum de pão e agua um soldado que não se quis confessar, allegando ser evangelista. Os regulamentos são fetiches a que se sacrifica a razão e a justiça, quando não ha fetiches mais fortes a que os regulamentos se sacrificam.

Assim nos codigos que nos deu o liberalismo ficou latente uma Inquisição, atenuada nas suas torturas. Note-se ainda que na instrucção primaria se julga indispensavel o ensino do cathecismo catholico; mas que da secundaria os mesmos legisladores excluem o ensino religioso, emquanto na superior ha tolerancia (extra-legal) para quem professa systemas philosophicos contrarios ao espirito da Igreja, incluindo o proprio materialismo (permittido sobretudo aos medicos): no ensino dum pais catholico a unica philosophia admissivel seria a thomista, parece. O estado demais não só permitte, mas até quer que se ensinem nas suas escolas doutrinas scientificas que estão em opposição manifesta com as Sagradas Escripturas, apesar de todos os esforços que se teem feito para as conciliar: o ponto está em não se applicarem essas doutrinas á critica dos livros santos. Os revolucionarios que deixaram na Carta o catholicismo como religião do estado, por varias razões, sem duvida faceis d'explicar, extinguiram as ordens religiosas, que eram o fecho da abobada da Igreja; os partidarios da liberdade de consciencia celebram a lei de Pombal que expulsou os jesuitas e a de Aguiar que extinguiu as ordens religiosas, e esquecem que essa mesma liberdade de consciencia pode ser invocada para que se agremiem em congregações e façam os votos os que para isso forem levados pelas suas convicções; mas como os congregacionistas são inimigos da liberdade de consciencia alheia, explica-se que os liberaes alludidos queiram tambem essa liberdade só para seu uso. O facto é que as congregações religiosas, na forma que os tempos impõem, se teem infiltrado no pais e os liberaes mandam os seus filhos para os collegios dos jesuitas, se teem dinheiro para isso. E doutro lado é o povo português catholico, ainda nas suas camadas mais aferradamente religiosas? Veremos num dos capitulos seguintes que na religião popular ha um nucleo fundamental prechristão, muito primitivo até, a que adhere mais ou menos superficialmente ou de modo puramente formal o que o catholicismo lhe juntou.

Esses e outros factos muito numerosos provam a falta de unidade da nossa cultura, unidade que não será por certo attingida pela acção da mirifica disciplina mental dos positivistas rilhafolleseos, que por ahi apregoam estar de posse desse es-

pecifico precioso, contribuindo para augmentar o estado chaotico da nossa sociedade, no meio do qual os paes, das classes que se dizem illustradas, teem apenas um fim claro ante os olhos, objecto capital de suas preoccupações, a que o resto adhere mais ou menos fortuitamente: abrir a seus filhos, o mais depressa possivel, as portas da vida publica, do emprego mais ou menos rendoso, da invejavel influencia. Como o diploma escolar é, não meio indispensavel, mas conveniente para alcançar esse fim, mandam-se os filhos para as escolas, em que por via de regra impera a doce rotina e se harmonisam commodamente as coisas irreconciliaveis e se deseja sobretudo não ser perturbado com innovações.

O primeiro cuidado na creação dos filhos é o que respeita á alimentação, á protecção contra os agentes exteriores, numa palavra ao seu crescimento physico: esse cuidado renova-se sob uma outra forma relativamente ao futuro no decurso da creação: é mister pôr a prole em condições de ganhar a sua subsistencia, o vestuario, a habitação e d'acudir a outras necessidades que a sociedade impõe. Nada mais legitimo do que esse fim posto ao trabalho educativo. Tornar tão segura quanto possivel a base physiologica da vida é a condição de toda a existencia social: ha aqui uma verdade de M. de la Palice. Por isso a educação tem necessariamente um lado d'utilidade material. Mas para que serve a vida? O animal não conhece essa interrogação: vive sem saber porque nem para que. O homem só é verdadeiramente homem porque faz a si proprio essa pergunta e busca dar-lhe uma resposta, que, a nosso ver, é simples: o homem vive para realisar os mais altos fins espirituaes. Estes, expressos em diversas formulas, segundo os pensadores, resumem-se cremos em — amor, justiça e verdade. A arte é um modo especial de manifestação desses tres motores. Esses é que são os fins realmente uteis da vida e portanto da educação: nelles estão os mais altos interesses do homem. O fim utilitario vulgar do ganha-pão só se justifica perante taes fins espirituaes; ainda mais, todo o trabalho só é legitimo quando determinado na sua forma e conteúdo por esses tres principios. É velha a formula *vivere post philosophare;* mas superior é est'outra: *vivamus ut philosophemus* e melhor: *vivamus philosophando*, tomando a palavra num sentido geral de reflexão sobre a vida, accessivel a todo o espirito são.

É innegavel que esses fins superiores não são nunca totalmente esquecidos por nenhum homem que vive em sociedade, porque nenhuma sociedade pode subsistir sem amor, sem justiça, sem verdade; mas podem obscurecer-se, reduzir-se, a um minimo, resultando dahi perturbações sociaes mais ou menos graves, segundo o grau desse obscurecimento, dessa reducção. Sem duvida ha individuos que tiram vantagens materiaes, e acham satisfação de sentimentos inferiores no meio daquellas perturbações; mas o mal da collectividade faz-se por isso sentir ainda mais fortemente. Chegam a constituir-se nos estados o que chamaremos cleptocracias, grupos mais ou menos largos de individuos sem consciencia que, assenhoreando-se do governo, expoliam esses estados em proveito seu e dos que lhe dão força, e esmagando os que tentam oppor-se-lhes. Não é portanto uma educação que pretenda

desenvolver o caracter moral, mas uma *dressage* que produza almas sem caracter a creadora de sujeitos aptos para se enfileirarem nessas cleptocracias, em que se obteem os meios de gozo de tantos suspirados.

Quando se examinam psychologicamente os individuos que vivem numa sociedade como a nossa reconhece-se em grande numero delles uma enorme vacuidade moral, que causaria assombro se não se apresentasse como o producto de factores bem evidentes.

Se nas classes que suppõem ser cultas ha apenas um conceito vago, turvo ou pervertido dos fins da educação, poderemos esperar coisa melhor no povo? É de immediata intuição que este não vive separado dos restantes elementos da nação por um impenetravel dique: attingem-no por diversos canaes as correntes que revolvem esses outros elementos; doutro lado se aquellas classes não vêem claro nos fins da educação ou quando o vêem a consideram como tendo por mira a adaptação á vida productiva de meios materiaes, de influencia e de gozo, as populares, com menos capacidade de reflexão, que conceito poderão ter daquelles fins? O problema, nesses termos, fica mal enunciado, como pensou por certo o leitor que tenha honrado com alguma attenção a parte introductoria deste estudo. Se os que se consideram cultos teem obrigação d'estabelecer claramente na consciencia os fins dos seus actos, o povo, como o definimos, não está em condições de o poder fazer. Mas porque na consciencia não apparece claro o fim dum acto, não se segue que esse acto não tenha um fim: teem-no actos instinctivos, tem-no actos puramente automaticos e reflexos.

É mister distinguir duas coisas muito diversas: a educação dos filhos do povo pelo povo e para o povo e a educação dos filhos do povo para sairem das classes populares: é da primeira que aqui se trata, comquanto tenhamos de consagrar algumas observações á segunda.

Naquella primeira educação, que chamamos simplesmente popular, os fins estão immanentes na tradição; caminha-se para elles como por instincto, espontaneamente, apenas amparado na imitação de actos que se viram praticar a outros e guiado por sentenças da sabedoria tradicional, que não é preciso repensar, porque se lhes dá uma adhesão immediata e incondicionada.

Quanto mais simples são as condições de vida tanto mais perfeitos no seu mechanismo são os processos que servem á sua conservação e reproducção. Nos animaes inferiores ao homem reconhece-se com suprema clareza essa verdade; lembremos, como exemplos, o favo da abelha, o casulo do bombyx, a vida inteira desses animaes. Nas phases inferiores da humanidade os processos de creação da prole teem ainda o caracter de perfeita adequação aos fins simples a que se tende. Em momentos já mais adeantados ainda a educação caminha com bastante firmeza, e sem hesitações para um fim que em geral alcança. Exemplos são a Grecia antes

do quinto seculo anterior á nossa era e Roma antes da influencia profunda da educação grega da decadencia. Assim a mãe romana dos bons tempos da republica não hesitava no emprego dos meios para desenvolver nos filhos a alma energica necessaria para serem instrumento do destino da cidade. Na Grecia antes do v seculo, como em Roma antes do meado do III a. Chr., não se discutiam systemas ou processos d'educação: havia uma pratica educativa adequada ás condições sociaes, nascida dellas, motriz dellas, causa e effeito, parte integrante das instituições, a qual divergia de Athenas para Esparta, de Esparta para Roma, é verdade, mas que dentro de cada estado tinha apenas variantes muito secundarias. A vida grega complicou-se, porém, em virtude de causas historicas conhecidas; na sociedade produzem-se differenciações psychicas de cada vez mais intensas entre as classes e dentro das classes nos individuos. Com Socrates surge o que se chamou «a personalidade subjectiva»: [1] a unidade da educação nacional está quebrada (veja-se a lucta do *Justo* e do *Injusto* nas *Nuvens* d'Aristophanes) e os philosophos começam a discutir com que fim se deve educar. Na Europa moderna, desde o renascimento, o problema da educação tem-se vindo complicando de cada vez mais e no momento presente affirma-se que ha crise aguda nessa educação, a qual é apenas a consequencia do estado contradictorio e incerto dos espiritos.

Resulta dessas condições que a educação popular é muito mais adequada aos seus fins do que a das classes chamadas cultas aos verdadeiros fins que estas devem ter em vista. Não esqueceremos, porém, que ha circumstancias de que resulta ter caracter muito relativo aquella adequação dos processos educativos populares. Primo, a natureza tradicional desses processos, sejam quaes forem as modificações secundarias que tenham experimentado, está em desaccordo com tendencias do tempo, a que, como já lembramos, o povo não pode ficar extranho. Secundo, com a suppressão das antigas corporações dos mesteres, a educação technica, a que andavam ligados elementos de valor geral, decaiu notavelmente. Tertio, o regimen chamado liberal veiu dar ao povo, na lettra da lei, direitos politicos, para cujo exercicio a sua educação propria não o prepara. Quarto, as aspirações do homem do povo relativamente ás funcções sociaes de seus filhos transcendem muitas vezes os limites accessiveis á sua educação familial — elle pretende fazer saír esses filhos das condições da sua classe, levá-los ás carreiras chamadas liberaes, ao funccionalismo; produz-se assim entre a educação domestica e a que leva a essas carreiras uma scissão tanto mais prejudicial para o educando quanto a educação escolar do seu lado compensa menos, no sentido moral, as faltas da domestica. Se ha espiritos que resistem á desharmonia dessas educações, a maioria, que é dos mediocres e menos de mediocres, sossobra e produzem-se *déclassés* ou diplomados, com a petulancia caracteristica dos que, sem meritos, de pouco chegaram a muito na escala social.

---

[1] Vid. H. Steinthal, em *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, t. II, pagg. 279-342.

Traçamos noutra parte [1] um esboço da historia da tendencia manifestada pelo povo para fazer subir seus filhos na escala social, tendencia a que chamamos «ascencional» e outros denominam «capillaridade social», [2] e numa memoria, que esperamos dar em breve a lume, estudaremos esse phenomeno sob varios aspectos: aqui contentamo-nos com algumas indicações summarias em relação com o nosso assumpto principal.

É evidente que nenhum direito ha de estabelecer medidas repressivas contra a referida tendencia. Não esqueçamos demais que nas classes não populares o valor da educação domestica é muitas vezes insignificante ou negativo. Temos para nós como principio essencial de todo o progresso serio das sociedades que cada um receba a educação de que é susceptivel. Para isso é necessario organisar (se tal coisa é possivel) uma selecção escolar segura, sobre a base duma distribuição sufficiente do ensino nos seus diversos graus.

Mas são os factos e não os principios que nos importa estudar aqui, por isso registraremos um, interessante no ponto de vista desta publicação: é a influencia da educação domestica dominando a das escolas, a ponto de produzir reggressão á vida popular. Conhecemos alguns casos typicos, que lembram perfeitamente os de certos selvagens que, educados nos meios cultos europeus, voltaram depois á selvageria. [3] Assim um bacharel formado em direito, natural de C., vendia cereaes e outros generos semelhantes pelas feiras, no meio das regateiras. Um condiscipulo nosso, da escola primaria, filho duma pobre vendedeira de rua, a qual emprehendera a ardua tarefa de fazer delle um doutor em theologia, sonhando nelle talvez um bispo, um cardeal, quem sabe se até um papa, chegado á universidade, ao voltar das aulas, largava a batina, como insupportavel peso, e ia pescar para o Mondego, porque toda a sua queda era para a primeira profissão de S. Pedro. Para certos bachareis que não conseguiam despir-se da rudeza original havia a caracteristica designação de «doutor broa». O proprio povo fazia critica do contraste entre a educação campesina e as aspirações a bacharel, em contos como o do *Carvoeiro estudante (Doutor Grillo)*.

Dentro do seu circulo proprio d'acção, os processos educativos populares teem por fim, em primeiro logar habituar para o trabalho, fazer dos filhos «homens para a vida», segundo a expressão consagrada; das filhas «mulheres para o governo da casa», inculcar-lhes a moral tradicional dos paes, fim eminentemente pratico-utilitario no sentido vulgar, a que se juntam todavia outros mal definidos—estheticos, in-

---

[1] *Para a historia da instrucção popular*, em *Revista d'educação e ensino* t. x (Lisboa, 1895).

[2] Vid., por exemplo, Fr. S. Nitti, *La population et le système social* (Paris, 1897), paginas 177-182.

[3] Ch. Letourneau, *ob. cit.*, pag. 44, refere o caso do australio Benilong que, depois de europaisado na Inglaterra, tendo voltado á sua patria, foi viver a vida miseravel dos da sua raça. Oscar Peschel, *Völkerkunde* (Leipzig, 1877) colligiu factos analogos (pagg. 155 e seg.).

tellectuaes; a educação religiosa collabora essencialmente para aquelle fim pratico-utilitario (a salvação é ainda uma vantagem pratica para a eternidade). A concepção do universo que ministra a religião paira na peripheria dos interesses do espirito popular. Capitulos subsequentes desenvolverão o que fica dicto.

II

Não haverá ou não terá havido em a nossa nação, considerada no seu conjuncto, um ideal d'homem, um typo que sirva ou servisse de medida para apreciar os homens reaes, que seja ou fosse considerado como o fim mais alto que a educação possa ou pudesse attingir, deixando assim aberto o caminho a uma aspiração dominadora dos fins immediatamente pratico-utilitarios no sentido vulgar? Esse ideal seria um derivado da ideia ethica [1] da perfeição, que reveste varias formas, segundo os povos e as epochas dum mesmo povo, mas não falta a nenhum, ainda que muito obscura por vezes ou pervertida; e portanto podemos asseverar á *priori* a sua existencia entre nós. Para nos guiarmos na sua investigação, vejamos o que se dá com os povos cujos vocabulos relativos á educação examinámos no capitulo anterior.

O grego antigo tinha por typo ideal o homem «bello e bom», καλός καὶ ἀγαθός, união de qualidades que se exprimia no termo composto *calocagathia;* como as noções de bello e bom se approximam e fundem muitas vezes (o que se dava particularmente entre os gregos), esse termo é traduzido simplesmente por «probidade»; mas é evidente que havia uma distincção synonymica entre os seus elementos. Sabe-se que importancia tinha o lado esthetico no espirito grego. O «bello» naquella formula referia-se ás qualidades externas da habilidade, da dextresa, da elegancia, ao *corpus sanum*, o «bom», ao lado interno, á energia moral, á virtude, á *mens sana*. A formula que Juvenal foi buscar, ao que parece, a Democrito d'Abdera ou antes a Cleobulo de Lindo, um dos sete sabios: [2]

Orandum est, ut sit mens sana in corpore sano [3]

é uma outra traducção, portanto, da mesma ideia.

Esse ideal só podia naturalmente ser attingido pelos «optimates,» era o ideal da cultura. Não saber «nem nadar nem escrever» era em Athenas o cumulo de

---

[1] Sobre a ideia ethica da perfeição vid. H. STEINTHAL, em *Zeit. für Völkerpsych*, t. XI, pagg. 161-222 e O. FLÜGEL, *Das Ich und die sittlichen Ideen im Leben der Völker*, 3.ª Aufl. (Langensalza, 1896), pagg. 116-119.

[2] Attribue-se a Cleobulo um gnoma cujo sentido é: «Curandum est ut corpore et animo bene valeamus»; MULLACH, *Fragmenta philosophorum graecorum* (Paris, Didot) I, 212.

[3] JUVENALIS, *Sat.* X, v. 356.

ignominia e até os homens rudes do povo buscavam, adquirindo essas artes, ter seu quinhão, embora pequeno, naquella cultura. O proprio salsicheiro dos *Cavalleiros* de Aristophanes responde a Demosthenes que lhe perguntára se elle era dos «bellos e bons», que sabia ler, ainda que mal, o que na opinião desse Demosthenes, lhe podia ser nocivo na sua marcha até ao poder. [1] A peste dos ignorantes e vis arvorados em dirigentes é velha, como se vê.

Passando a Roma encontra-se um ideal diverso. Cicero menciona as virtudes distinctivas do romano: «gravitas, constantia, magnitudo animi, probitas, fides». O lado esthetico-intellectual não apparece ou está no ultimo plano: «Graecia, diz o mesmo escriptor, nos et omni litterarum genere superabat». [2] O costume (a moral tradicional), a utilidade do estado eram o escopo da vida do velho romano: «maiores nostros, escreve ainda Cicero, semper in pace consuetudini, in bello utilitati paruisse». A educação romana era pois pratico-utilitaria, porém não do ponto de vista individual, nem sequer familial, mas sim do da cidade: «salus populi».

Que profunda differença no ideal do homem na epocha do renascimento italiano! Então a qualidade que se aspira a ter é a *virtù*, «palavra, diz E. Gebhart, intraduzivel em qualquer outra lingua». Machiavelli deu a theoria della no *Principe*. O perfeito *virtuoso* é ao mesmo tempo leão e raposa, despota até á crueldade, velhaco até á mais vil trapaça; a lealdade ou a doçura nada tem que ver com a *virtù*. Esta só quer acções ruidosas, difficeis, urdidas com paciencia, levadas a effeito com sangue-frio, e, por maior que seja o crime que envolvem, consumadas com serenidade d'alma e de rosto... Vencido, sem esperança, o *virtuoso* não abaixará o seu orgulho. «Quando tiver agua até as goelas, dizia Cesar Borgia a Machiavelli, não implorarei a amizade dos que não são meus alliados desde hoje...» Sob o cutello do carrasco, o moço Olgiato, o assassino de Galeás Maria Sforza, exclamou: «Mors acerba, fama perpetua!...» Paulo III dizia de Cellini, que matava gente ás vezes nas ruas: «Os artistas do valor de Benevenuto são superiores ás leis communs». [3]

A expressão *galantuomo* engloba ainda os caracteristicos do ideal italiano do homem: comprehende a cultura na sua extensão total, mas predominando o lado esthetico e intellectual.

O ideal do allemão lembra mais o do romano e exprime-se pela formula *rechtsgeschaffene Mann*, á lettra, «o homem rectamente (segundo o direito) formado;» nesse conceito predomina, pois, o lado moral e juridico.

---

[1] ARISTOPHANIS *Equites*, vv. 185-189.

[2] CICERONIS *Tuscul.* I, 1.

[3] E. GEBHART, in *Histoire générale du IVe siècle à nos jours*. Tomo IV (Paris, 1894) pagg. 2-3. Vid. algumas observações interessantes sobre a differença de concepção moral entre os italianos e os povos do norte em MACAULAY, *Critical and Historical Essays*, vol. I, (Leipzig, 1850), pagg. 78-81.

O inglês tem no *gentleman* o ideal a que aspira a sua educação. As boas e finas maneiras são apenas o lado externo do *gentleman*. Deve notar-se que a amabilidade delle é reflectida e só surge verdadeiramente quando o gelo da reserva inicial das relações se quebrou. Mas, pelo lado interno, o *gentleman* ha de ter a capacidade do *selfhelp*, ser confiado a si proprio, ser independente, do *selfgouvernement*, de se dirigir a si proprio, em que entra o poder de inhibição, que lhe faz dominar os impulsos irreflectidos; distingue-se pelo *humour*, que o leva a achar contrastes comicos, as fantasias originaes, os apodos causticos, não raro sem a medida dum delicado senso esthetico, com mais força que graça (vide Hogarth na pintura, Swift na litteratura, etc.), caindo muitas vezes no paradoxo, e indo na acção até á exquisitice (excentricity). Isso não é apenas o resultado dum temperamento herdado, mas em grande parte o producto da educação. *To be honourable, to have confort* são pelo aspecto moral e pelo aspecto material as aspirações do inglês: a boa educação deve pois collocar os novos nas condições de serem *honourable*, de serem perfeitos *gentlemen* e de terem *confort*. Este consiste sem duvida em meios materiaes, mas que são tambem instrumentos da cultura esthetico-intellectual e condição da verdadeira firmeza moral: o inglês sabe tão bem que effeito depressivo tem nas almas a miseria como Theognis, que já no VI seculo A. Chr. fallara desse effeito. [1]

No seu livro recente sobre a psychologia do povo francês não nos diz o snr. A. Fouillée qual o typo d'homem que acima de tudo prezam os seus compatriotas; mas apresenta-nos uma caracteristica que está d'accordo nos pontos essenciaes com o que sempre nos pareceu ser esse typo: é o *homme d'esprit*. Ter espirito vivo, fino, que abrace facilmente os immediatos aspectos das coisas, a capacidade do dicto agudo, do conceito engenhoso, ligar o gosto esthetico á mobilidade da intelligencia, eis o que se nos afigura prezar mais no *homem* a nação francesa: nesses caracteristicos domina o momento intellectualista. «O francês, diz o citado escriptor, gosta de rir» (dos bons dictos); gosto que Fouillée deriva da sua sociabilidade; «a facilidade é o seu primeiro dom intellectual», mas dom que leva á superficialidade. «A aptidão para descobrir relações, caracteristica do genio francês, explica o prazer que experimentamos em fazer jogo com as ideias, a combiná-las de mil maneiras, a pô-las ora em harmonia, ora em contraste. Se a relação descoberta é ao mesmo tempo justa e inesperada, a nossa facilidade em vêr assim o difficil e exprimi-lo sob uma fórma aguda *(piquante)* constitue o «espirito». O *humour* germanico ou britannico, com sua aspereza e azedume, exprime antes a independencia do eu sensitivo e voluntario, que se apresenta em frente dos outros eus para se affirmar; o «espirito» francês tem o quer que seja mais puramente intellectual e, na sua ma-

---

[1] «Que é um *gentleman*?», escreveu Thackeray: «É um homem recto, doce, corajoso e prudente e que exerce todas essas qualidades com graça». Só depois de ter enviado á Redacção o presente capitulo, é que li o bello livro de Elster, *Principien der Literaturwissensch'aft*, Bd. I, em que ha um profundo estudo do *humour* na litteratura (pagg. 341-358).

licia até, mais desinteressado: é menos um choque de personalidades que um choque d'ideias de que saltam faiscas». [1] Esses caracteres não são pura e simplesmente o resultado duma transmissão hereditaria — são em grande parte um producto social, um effeito duma educação (no sentido mais largo) conforme com o ideal do homem que os possua na sua maior intensidade.

O ideal do homem para os hispanhoes era o *hidalgo*, caracterisado pela solemnidade da falla e do gesto, o bombastico, a sobranceria, um certo tom ironico para o seu semelhante, a convicção dum alto destino a cumprir, que, nos bons tempos levou a actos heroicos, um sentimento igualitario do artifice ao duque, que fez dizer que a Hispanha era um povo de *hidalgos*.

Talvez porque se vê mais facilmente o que caracterisa os extranhos do que o que nos caracterisa a nós proprios como individuos ou como nação, não achamos em a nossa lingua um termo, uma formula analoga ás que acabamos de examinar. Extrangeiros ouvindo a palavra «senhor» muito repetida aos seus ouvidos, entre nós, supposeram haver nella alguma coisa dessa natureza. Sem duvida, diz-se duma mulher de maneiras distinctas «é uma senhora»; mas o termo «senhor» tem um sentido por assim dizer desbotado: não se lhe ligam evidentemente ideias analogas ás que exprimem *galantuomo*, *gentleman*, *homme d'esprit*, etc. Diz-se, para significar um homem bem vestido, com certas maneiras não vulgares, mas sem implicar nenhum conceito relativo ao intimo — «um senhor» (veiu cá um senhor; está alli um homem). Todavia ha uma expressão que de si se refere ao passado e que vae sendo ouvida de cada vez menos, a qual entra sem duvida no grupo que analysamos: é «português velho». [2] Dizer dum homem que é um «português velho» é na bôca conservativa do povo ou dos que são semi-povo, o maior elogio, que não envolve a ideia das graças da cultura, das boas maneiras, sequer, mas se refere todo á franqueza, lealdade, tenacidade, coherencia nas acções, não excluindo portanto de modo nenhum a rudeza. É o typo que na historia nos apresentam os Nunos, Albuquerques e Pachecos, typo em que os poetas (com Camões á frente) notaram exactamente geral falta de cultura, mas que, quando vinham a tê-la attingiam o ponto culminante do verdadeiro caracter moral, como em Sá de Miranda, que dá a formula:

Homem dum só parecer,
Dum só rosto e dũa fé,
Dantes quebrar que volver...

Na sua fórma mais simples, determinada pela espontaneidade duma natureza sincera e energica, esse typo apparece ou apparecia nas camadas populares.

---

[1] Alfred Fouillée, *Psychologie du peuple français* (Paris, 1898) liv. III, cap. I, especialmente pagg. 190-191.

[2] Manoel Joseph de Paiva, *Infirmidades da lingua* (Lisboa, 1759) traz a phrase: «He Portugal, o velho» pag. 130.

III

Os meios empregados pelo povo na educação são na maxima parte tradicionaes.

Esses meios, emquanto á sua forma, dividem-se em tradição oral, tradição de actos, gestos, movimentos, e tradição de productos materialisados das industrias e artes populares.

Na tradição oral distinguem-se pela maior ou menor variação na forma, tres grupos d'elementos: o primeiro apresenta muito poucas modificações num espaço bastante longo de tempo; o segundo admitte mais ou menos consideraveis variantes na combinação da materia transmittida e na sua expressão; o terceiro — é emfim mais livre, de forma puramente occasional.

No primeiro grupo encontramos principalmente o proverbio, que é o que ha de mais fixo na tradição popular (sem deixar de haver renovações de forma e producção, mais rara, de proverbios novos), depois alguns elementos poeticos, e parte da doutrina religiosa; no segundo grupo vemos de novo productos poeticos, como a lyrica e a epopeia popular, o enygma, a adivinha, as rimas dos jogos; depois veem as lendas, os contos, a expressão das crenças supersticiosas; no terceiro grupo apparecem preceitos, regras, exhortações, conselhos, a expressão de conhecimentos diversos, cujo conteudo deriva da sabedoria tradicional. Esta ultima forma revestem naturalmente tambem os productos novos, pouco numerosos, da invenção individual, os resultados da experiencia de cada um, comquanto tambem possam tomar as formas do proverbio, etc. Comprehende-se que estas distincções não tem caracter de rigor.

A linguagem, meio importantissimo da educação, não apresenta no povo, desde o seculo XII, em que se manifesta na escripta numa forma sem duvida muito pouco diversa da palavra viva, senão modificações secundarias, ainda que numerosas: o conjuncto das formas nominaes, pronominaes e verbaes (abstrahindo dos *vocabulos*) tem permanecido quasi intacto, assim como o essencial da syntaxe. As modificações da linguagem extendem-se naturalmente a todos os elementos oraes da tradição; mas nalguns destes conservam-se vocabulos e modismos antiquados no uso geral.

Ha um grande numero d'actos, gestos, movimentos tradicionaes, que se reproduzem pela imitação de geração em geração, por processos psychologicos analogos áquelles pelos quaes se reproduz a linguagem e tudo o que reveste a forma desta (a linguagem mesma foi denominada um systema de «gestos phoneticos»): entram nessa categoria os movimentos dos jogos, danças, os especiaes á technica das profissões, etc., e ainda *actos moraes* propriamente dictos. Em tudo isso ha reproducção muitas vezes, por assim dizer, estereotypica. Até no dominio dos actos moraes

despertados por situações particulares de cada individuo, se manifesta as mais das vezes, na forma de simples repetição, o poder do mechanismo psychologico. Observem-se, por exemplo, no povo as manifestações de dôr por morte de parentes, as scenas dos amores da aldeia, etc.; nesses, como em muitos outros casos, vêem-se os individuos reagir á impressão moral com precisão que lembra a do acto reflexo.

Como o material pedagogico do povo é, segundo fica indicado, preponderantemente tradicional e, como será mostrado no correr desta investigação, até em grande parte muito antigo, o estudo dessa pedagogia particular abraça ao mesmo tempo longos seculos da vida do povo e não ha aqui uma historia divisivel, pelo menos nitidamente, em periodos: consideramos por tal razão apenas em logar secundario o momento chronologico, aproveitando para o conhecimento do assumpto as collecções e indicações de diversos tempos. É certo que cáe tudo assim num mesmo plano, mas em regra, sem incongruencias, graças á tenacidade da tradição, á permanencia de feições do espirito popular. Encarados pelos seus aspectos geraes, remontam muito além da idade media, os processos da nossa educação popular; mas como num estudo desta natureza ha que examinar não só os processos geraes, mas tambem o material mesmo (ainda que não na sua totalidade, pois seria absorver nesta investigação todo o «folklore») que esses processos envolvem, pode dizer-se que é sobretudo ao periodo que decorre do fim do seculo XV até ao nosso tempo que se referem as observações aqui reunidas.

Eis as razões dessa limitação. A lingua portuguêsa experimentou do fim do seculo XIV ao começo do XVI as maiores modificações que podemos estudar nos seus monumentos escriptos. Os romances epicos populares penetraram em Portugal, segundo todas as probabilidades, no seculo XV e com elles outros elementos tradicionaes. É no seculo XVI que começa a colleccionação dos proverbios portugueses. No seculo XV e sobretudo no XVI produz-se a regulamentação do ensino technico nas corporações dos mesteres.

Estudando os fins e os meios e depois os processos por que se applicam esses meios e os principios geraes que dirigem o espirito popular na educação, não é possivel deixar de generalisar, abstrahindo de differenças particulares que a creação dos filhos do povo offerece em virtude de diversas circumstancias, ora apresentando-se-nos com as suas melhores qualidades, ora descendo a formas tão rudimentares que lembram a dos grupos humanos mais inferiormente collocados.

(Segue)

F. Adolpho Coelho.

INDUSTRIAS POPULARES

AS OLARIAS DE PRADO

PRELIMINAR

O estudo das olarias limita a indagação da vida antiga nos monumentos onde outros despojos se extinguiram através d'uma existencia millenaria. Armas e tecidos, adornos e amuletos, mobiliario de textis, madeiras e metaes inutilisaram-se, por vezes, alterados, desappareceram pela cupidez do roubo ou destruiram-se pela naturesa da substancia e do jasigo; a obra de argilla, porém, resistiu á acção dos factores que restringiram a fragmentos ceramicos toda a documentação d'um passado obscuro e longinquo.

Pelos vasos abandonados em estações habitadas outr'ora, e principalmente nos que os ritos de muitos povos obrigaram a incluir nas necropoles, se reconstituem algumas formas da idealidade e crença antigas, traços ignorados do viver domestico, aspectos das vicissitudes sociaes que o mutismo de então deixara olvidar e perder. Nos oitenta mil vasos legados pelos gregos, os mythos religiosos, a ideia e os attributos dos deuses, as lendas pre-homericas, a vida intima e guerreira, o mobiliario, o vestido, as armas e a infinidade de minucias accessorias teem uma representação mais vasta do que em todos os outros monumentos, mais clara, não raro, do que as adensadas narrativas dos textos.

E como semelhantemente succedera em outras civilisações antigas e distantes, assim as pinturas, as inscripções, a variedade dos empregos, extensivas ás praticas religiosas, aos usos domesticos e ao ornamento—em objectos frageis mas duraveis, de fabricação simples e infinita multiplicidade formal—encerram materiaes consideraveis para a historia dos povos primitivos e extinctos.

A arte do oleiro nasceu provavelmente logo que o homem surgiu provido contra o inimigo e o clima, isto é, armado e vestido. [1] Fabricados os silex e tecido grosseiramente o vestuario, uma outra necessidade fundamental o levou a submetter a materia plastica que porventura observara nos limos depostos pelas aguas, [2] facil de modelar, soldando-se naturalmente, endurecendo pela deseccação e podendo encerrar, em reserva, agoa e provisões.

As primeiras formas inspirar-se-hiam nos modelos fornecidos pelas curcubitaceas, pelos ovos, [3] pelas conchas e pelos bambus, [4] effectuando-se a moldagem directa sobre os fructos, como se observa nos vestigios do pericarpo de alguns e nas formas ovadas de certas olarias prehistoricas, [5] no emprego actual das conchas entre povos barbaros, na adaptação dos orificios das arvores a recipientes. [6]

A modelação realisar-se-hia ainda sobre fôrmas tecidas com juncos mais ou menos finos que deixaram a impressão no barro humido; [7] e de resto, mesmo cavando com a mão um punhado de argilla deposto na outra, appareceria assim uma vasilha primitiva. [8]

Estes inicios conjecturaes imaginam-se extensos a populações sem affinidade ethnica, distantemente separadas, ignoradas umas das outras e apenas applicando dextreza e transformando pelo trabalho um recurso natural de utilidade generica. Em toda a parte onde o homem deixou vestigios de existencia remota as olarias, se as ha, apresentam o mesmo caracter de fabricação, [9] dominando a satisfação d'uma mesma necessidade, servida por uma só ideia, uma aptidão restricta, similares recursos e processos rudimentares analogos. Como nas outras industrias primitivas a ceramica denuncia a identidade do trabalho humano, tanto mais estreita quanto menos avançados em civilisação se encontram os povos comparados. A utilisação dos barros, pois, para o fabrico da loiça, além de proceder de populações que isoladamente a descobriram, vem de longe, talvez do primeiro periodo

---

[1] Alex. Brongniart, *Traité des arts céramiques ou des poteries*, I. 3.ª ed. Assellin ed. Paris, 1877.

[2] A. Salvétat, *Leçons de céramique*, I., pag. 3. Mallet-Bachelier ed. Paris, 1857.

[3] Gabriel et Adrien de Mortillet, *Musée préhistorique*. Reinwald ed. Paris, 1881.

[4] N. Joly, *L'homme avant les métaux*, pag. 280. Baillière ed. Paris, 1879.

[5] Carlos Ribeiro, *Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*, pags. 48-50. Lisboa, 1880. — Estacio da Veiga, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, III, pags. 231-2, pl. XVI. Lisboa, 1889. — Nery Delgado, *La grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte-rendu* do *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*, pag. 228. Lisbonne, 1884; etc.

[6] Edouard Garnier, *Histoire de la céramique*, pag. 3. Mame & Fils eds. Tours, 1882.

[7] Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica portuguesa*. Serie II, nota da pag. 94. Porto, 1884.

[8] Philippe Salmon, *Dictionnaire des sciences anthropologiques*, pag. 922, voc. *Poterie*. Doin et Marpon eds. Paris.

[9] E. Guignet et Edouard Garnier, *La céramique ancienne et moderne*, pag. 124. Alcan ed. Paris, 1889.

lithico, [1] mas definitivamente da epocha robenhauseana [2] e em todo o caso d'uma era remotissima que legitima a affirmação da sua vetustez entre os primeiros ensaios industriaes do homem.

Obtida e apropriada a materia prima, a pasta não é despojada a principio dos detrictos que a acompanham; imperfeitamente amassada, sem crivagem, com fragmentos de alguns millimetros de diametro na espessura dos vasos, [3] ou grãos de areia [4] e de spatho calcareo, palhetas de mica, [5] palhas e vegetaes dos pantanos, a textura das peças de olaria primitiva é quasi sempre grosseiramente identica.

Por vezes, e emquanto ignoradas as vantagens da cocção, os detrictos impediriam limitadamente as fendas occasionadas pela seccagem; mas ainda depois, e descoberto este primeiro progresso que supprimia o inconveniente da desintegração da massa, destruindo-lhe a plasticidade do mesmo passo que lhe augmentava a resistencia, as pastas só tardiamente apparecem mais finas e escolhidas.

Ainda a cosedura, triumpho a notar, se effectuou imperfeitamente por toda a parte. As pastas não cosidas, que precederam as submettidas mais tarde ao calor do sol e principalmente do fogo, eram improprias para encerrarem a agoa e d'uma fragilidade que lhes diminuia extremamente o emprego como recipientes de solidos. Sob um ceu como o da Asia Menor o calor solar, incidindo durante semanas nos verões torridos da região, bastaria para se conseguir uma consistencia já prestante em alguns limites. [6] Mas nem o sol cose nem os seus effeitos são os mesmos em toda a terra; a acção do fogo, ao ar livre ou em covas, alimentado por madeira, e mesmo com applicação diminuta de tempo, já fornece uma duresa á pasta que lhe multiplica os usos. Todos os barros primitivos são mal cosidos; n'uns o calor brando não penetra na espessura do vaso; [7] n'outros apenas se denuncia fracamente, por vezes em uma só das superficies. [8]

Manufacturados os primeiros vasos sob a inspiração floral ou dos fructos, apodes, sem aselhas e cabos [9] ou apenas munidos de orificios e mamillos para serem suspensos, [10] uma primeira decoração apparece, summaria nos meios e aspectos. Os motivos são geometricos, consistindo em linhas interrompidas, cheias e ondula-

---

[1] A. de Quatrefages, *Introduction à l'étude des races humaines*, pag. 74. Hennuyer ed. Paris, 1889. — Joly, *Ob. cit.*, pag. 282.

[2] G. et A. de Mortillet, *Ob. cit.*

[3] Carlos Ribeiro, *Noticia da estação humana de Liceia*, pags. 36-7. Lisboa, 1878.

[4] Nery Delgado, *Ob. cit.*, pag. 228. — *Noticia ácerca das grutas de Cesareda*, pags. 61-2. Lisboa, 1867.

[5] Santos Rocha, *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira*, I. Coimbra, 1888.

[6] Georges Perrot et Charles Chipiez, *Histoire de l'art dans l'antiquité*. II, *Chaldée et Assyrie*, pag. 114. Hachette ed. Paris, 1884.

[7] Carlos Ribeiro, *Noticia* cit., pag. 41.

[8] Nery Delgado, *Noticia* cit., pags. 61-2.

[9] Carlos Ribeiro, *Noticia* cit., pag. 39. — Estacio da Veiga, *Ob. cit.*, pags. 231-2.

[10] Nery Delgado, *La grotte* cit., pag. 228.

das, angulos, losangos e curvas combinadas, entre-cortadas, oppostas e invertidas. Incisas na pasta ainda molle por meio d'um puncção ou estylete de silex, de pau ou de osso, [1] estes ornamentos marcam já progressos sobre as primeiras tentativas effectuadas com as unhas ou limitadas a zonas e a series de impressões digitaes. [2]

Com estes aperfeiçoamentos já na edade do bronze as formas são mais regulares e mais cuidadas, melhor escolhidas as pastas, mais ousadas as dimensões, mais solidos os fundos, que de ovoides passarão a planos, mais commodo e portatil um vasilhame provido já de asas, pegas ou orelhas. Entretanto a espessura das paredes, irregular ou excessiva, denota a factura á mão ou então levantada sobre fôrma e molde, processos estes que explicam a assymetria da curva e certas deformações, não obstante um acabamento que allivia e desempena as peças ainda frescas. [3]

Até que surge a roda do oleiro. De origem antiquissima e inaveriguavel, o singelo prato de madeira que precedeu certamente o torno [4] apparece figurado pela primeira vez n'uma pintura de Beni-Hassan [5] trasido plausivelmente ao Egypto do Extremo-Oriente e passando successivamente para as colonias phenicias, para a Asia Menor e para a Grecia. [6] Estava assim resolvido o meiô que permittia obter as superficies de revolução com a maior celeridade e exito certo [7] e ainda no simples apparelho a origem da variedade inexgotavel de formas subsequentemente obtidas, cuja maravilha se afere pelas desenas de milhares de vasos hellenicos conservados e onde não se separam dois verdadeiramente semelhantes.

Munidos da roda e depois do torno vertical, os povos, segundo as faculdades imaginativas que os dotavam, ou variaram infinitamente as formas ou limitaram os typos no grau vario da sua força creadora. Alguns d'estes eternisaram-se e mais ou menos se expandiram, tam intelligente fôra a adaptação aos usos a que os destinaram. Entretanto, por mais restricta que se manifestasse a expontanea originalidade conceptiva na architectura das olarias antigas, a ceramica attingiu progressos geraes na variação das formas, na sua ondulação rythmica e até nos processos da technica. A propria estabilidade, tam precaria nos vasos em calote, ganha com a exclusão definitiva dos typos apodes e a generalisação das bases planas e dos supportes tripodes.

A escolha, a lavagem e os preparos finaes da pasta, melhorados como natural

---

[1] Carlos Ribeiro, *Noticia* cit., pag. 39. — Nery Delgado, *Noticia* cit., pags. 61-2.

[2] Émile Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, pags. 61-2 e 116. Reinwald ed. Paris, 1886.

[3] Carlos Ribeiro, *Monumentos* cit., pags. 48-50. — *Noticia* cit., pags. 38-9. — Nery Delgado, *Noticia* cit., pags. 61-2. — Santos Rocha, *Ob. cit.*, I, pag. 15 e III, pag. 179.

[4] Brongniart, *Ob. cit.*, nota da pag. 20.

[5] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, I, *L'Égypte*, nota da pag. 819. Paris, 1882.

[6] Garnier, *Histoire* cit., pag. 8.

[7] Salvétat, *Ob. cit.*, pag. 82.

consequencia da adopção d'uma machina mais remuneradora mas por egual exigente, não completam, todavia, as vantagens necessarias. Anteriormente á acquisição da roda de oleiro, ou como ornamentação ou primeiro ensaio de exito, já alguns productos ceramicos primitivos são brunidos, [1] alisados por um polidor e lustrados em uma ou nas duas faces, [2] revestidos mesmo por um induto provavelmente destinado a diminuir a avidez do barro pela agoa. [3] Só mais tarde, porém, talvez muito mais tarde e partindo dos povos orientaes, é que a vitrificação exterior ou interna vem corrigir a permeabilidade das olarias, até então absorventes e penetraveis pelos liquidos e pelos corpos gordos. A textura porosa das massas, n'uns casos, a insufficiencia da cocção, em outros, originam as infiltrações que os indutos crystallinos, uma vez descobertos, veem então interceptar.

A carreira evolutiva d'estas bases iniciaes e humildes em que se funda a olaria e que ulteriormente, na antiguidade classica, primeiro, e muito mais perto de nós, ao deante, originou uma industria tam complexa como maravilhosa, é evidentemente theorica. Na propria Hellade se regressou e a contiguidade e o dominio não concedeu aos oleiros de Roma as faculdades que avultaram, n'uma especial originalidade, os artistas da Campania e da Etruria.

Emquanto em algumas regiões os primeiros esboços d'uma arte geometrica já adeantavam a manufactura de certas populações neolithicas, outras contemporaneas ignoravam os mais grosseiros processos, não obstante terem á vista os barros e até os effeitos do fogo sobre as propriedades da substancia. [4] Alguns povos de hoje ignoram ainda a arte do oleiro. E nos paises em que a industria attingiu progressos differenciaes e inconfundiveis, encontram-se estadios da arte primitiva que memoram nitidamente os passos da sua extensissima jornada.

Em algumas das nossas olarias rusticas actuaes ainda se observa o preparo grosseiro das pastas onde frequentemente os grãos de quartzo mesclam o barro. A mica distribue-se pela pasta lusente em certas loiças negras transmontanas e do districto de Aveiro; na vermelha de Guimarães applica-se na decoração em relevo como ornamento, semelhantemente a processos analogos de epochas pre e protohistoricas. Os oleiros actuaes das proximidades de Nisa introdusem na pasta fragmentos angulares de quartzo branco, precisamente como os antigos homens de Liceia juntavam ao barro os fragmentos de spatho que davam á sua loiça negra o aspecto das rochas porphyroides. [5]

---

[1] Santos Rocha, *Ob. cit.*, III.

[2] Santos Rocha, *A arte nas estações neolithicas do concelho da Figueira*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, pag. 22. Porto, 1896. — Este trabalho foi reprodusido posteriormente nas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 57. Figueira da Foz, 1897.

[3] Carlos Ribeiro, *Noticia* cit., pag. 40.

[4] Carlos Ribeiro, *Les kioekkenmoeddings de la vallée du Taje*, in *Compte-rendu* cit., pag. 287.

[5] Carlos Ribeiro, *Noticia* cit., pag. 378.

Submettidos ao dominio de Roma e quando para a peninsula expediam as tam conhecidas olarias vermelhas de pasta fina e homogenea, lustre-coral e a linda ornamentação de vegetaes e medalhões emmoldurando gladiadores, madonas e divindades, algumas populações (Marim, no Algarve) desconheciam certamente o torno. [1]

Os actuaes paneleiros de Gôve (Baião) adoptam ainda hoje a roda primitiva; a ornamentação é digital, por pressão, e a cosedura, a monte, faz-se ao ar livre, poucas horas e uma noite de rescaldo. A insufficiente cocção, junta á inferior naturesa dos barros, determina, nas loiças negras, uma porosidade que é necessario corrigir antes do uso domestico. Para adoptar a de Visalhães (Villa Real) cumpre introdusil-a previamente no fôrno, deixando-a aquecer até ao rubro; seguida e subitamente, tirada para fóra, enche-se de farello e agoa, mechendo logo, afim de se alcançar a vedação indispensavel.

O alisado e o polido prehistoricos subsistiram, mais ou menos alterados, como se observa em olarias de Extremoz, de Ossella (Oliveira de Azemeis) e de Mollelos (Viseu). E obtida a vitrificação plombifera, justamente condemnada, encerrou-se na industria popular a applicação dos vernises. A ornamentação por ultimo, como as formas do vasilhame, permaneceu ante uma fidelidade quasi immutavel pelos typos tradicionalmente legados.

Este é o aspecto generico da ceramica rustica portuguesa, o que confirma a affirmação proclamada das estreitas ligações entre o passado e o presente n'uma arte cujos productos, sendo os mais populares, os mais baratos, os que todos os dias se vendem, se servem e se quebram, ininterruptamente resuscitam. [2]

I

A TECHNICA

Summario macroscopico das peças. — Area geographica de fabrico, geologia da zona e analyse chimica dos barros. — Installação geral da olaria. — O telheiro e accessorios; preparação e dosagem das pastas. — O torno; a manufactura das grandes peças. — Ornamentação. — A mistura vitrificante. — O forno e o combustivel: a cocção. — Identidade operatoria fundamental nas trez categorias ceramicas: vitrificada e decorada, fosca e monochroma e negra e lusente. — Extensão dos preceitos simplistas de fabrico á loiça rustica de Prado. — Tentativas singulares de imitação de terra-cotas; invasão consequente de formas alheias aos typos tradicionaes.

Sob a denominação generica de loiça de Prado encontra-se em varios mercados do norte do paiz o vasilhame popular fabricado nos trez concelhos de Barcellos, Braga e Villa Verde. É uma ceramica rustica de tom laranja-tostado, passando ao vermelho, vitrificada interna, externamente ou em parte com o emprego

---

[1] Santos Rocha, *Noticia de algumas estações romanas e arabes do Algarve*, in *Memorias* cit., pag. 167.

[2] Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica* cit., pags. 70 e 74.

da galena e á qual juntam algumas veses uma diminuta quantidade de oxydo de cobre ou de ferro. Estas substancias determinam em escala diversa a variação chromica do barro cosido, ou seja em toda a superficie que recebeu o induto crystallino ou accessoriamente na ornamentação geometrica que decora a loiça e que, ordinariamente, se apresenta amarella.

Com esta olaria, destinada aos usos domesticos mais communs e abrangendo uma serie de typos correspondentes ás necessidades familiares em que semelhante mobiliario pode ter emprego, associam-se varios outros objectos sem applicação na cosinha e na reserva e ainda dois outros grupos ceramicos constituídos por loiça mate e negra, respectivamente de uso mais restricto, e sobretudo a ultima. Á excepção d'esta, com o aspecto do schisto ardosifero lusente e fabricada em varios logares de Parada de Gatim (Villa Verde), a ceramica mate e a envernisada produsem-se indifferentemente em logares varios dos concelhos alludidos, tomam a denominação d'uma freguesia em que o fabrico é diminuto e só excepcionalmente, em mercados distantes, recebem o nome de loiça de Braga ou de Barcellos.

Este centro de fabricação ceramica, que dá logar a uma expansão commercial do producto extenso, no norte, até á Galliza, no sul, até á Figueira e para leste até Traz-os-Montes e ás Beiras, independentemente d'outras modestas infiltrações para além Mondego, origina-se nos jasigos de barros em que o logar abunda.

A região onde assentam estas olarias populares comprehende-se em parte e em parte trasborda da facha de terreno cambrico, profundamente alterado sob o aspecto semi-crystallino, que se destaca entre o dominio granitico de leste e que se estende quasi parallelamente á linha de costa. Centrando esta zona paleozoica por alturas e intermediaria ás freguesias de Cervães e Cabanellas, ambas do concelho de Villa Verde, uma mancha de pliocenico emerge. É aqui que buscam, principalmente, os barros apropriados á ceramica rustica. O pliocenico estende-se ainda até Barcellos, á beira Cavado, prolongando-se, no sul até á Apulia e talvez a Estella, já no concelho da Povoa de Varzim, e para norte até Vianna e mais além. É sempre terreno apaúlado, por vezes extremamente alagadiço, como succede em Alvarães, nas proximidades de Vianna. D'aqui procede até a argilla particularmente destinada ás applicações ornamentaes; da Tijosa (Prado) extrahe-se o barro procurado pelos oleiros de Gatim. De modo que estas duas localidades referidas e Cabanellas, na mancha citada já, fornecem, com pequenas excepções, as materias primas das denominadas loiças de Prado.

A naturesa dos barros empregados resulta das analyses [1] inscriptas no qua-

---

[1] As analyses dos barros utilisados no fabrico das olarias populares que estudamos foram obsequiosamente effectuadas pelo illustre chimico e professor, Sr. Charles Lepierre, para quem são familiares estes trabalhos, mercê d'uma alta competencia assignalada e dos seus largos estudos sobre as argillas portuguesas. Com muita satisfação lhe renovo publicamente os meus agradecimentos.

dro que segue, acrescentado apenas com o ensaio d'uma argilla de applicação muito limitada a «loiça fina».

I. LOIÇA VIDRADA

1. — Argilla da freguesia de Cabanellas

(Pasta fundamental)

Côr primitiva. . . . . Cinzento-clara.
Côr depois de calcinada. . . . . Tijolo-clara.
Não contem carbonatos.
Residuo obtido por levigação. . . . . 5 %

Conclusão: argilla ferruginosa, plastica, pura.

1-a. — Argilla do logar do Coruto (freguesia de Cabanellas)

(Experimentada pelos oleiros locaes mas não adoptada)

Côr primitiva. . . . . Lousa, quasi negra.
Côr depois de calcinada. . . . . Cinzento-clara, quasi branca nas partes mais aquecidas.
Não contem carbonatos.
Residuo por levigação (negro) . . . . . 16 %

Conclusão: argilla negra, pouco ferruginosa, com materias organicas; bastante pura.

2. — Argilla de Cabanellas

(Para diluir em agoa e seguidamente immergir no liquido a loiça destinada a ser vidrada)

Côr primitiva. . . . . Amarello-clara.
Côr depois de calcinada. . . . . Tijolo-escura.
Não contem carbonatos.
Residuo . . . . . 9.4 %

Conclusão: ocre amarello, bastante puro.

3. — Argilla de Alvarães (proximidades de Vianna)

(Para diluir em agoa e effectuar com este liquido os ornamentos que, depois da cocção, ficam amarellos)

Côr primitiva. . . . . Branca.
Côr depois de calcinada. . . . . Branca.
Não contem carbonatos.
Residuo por levigação, constituido por mica branca (moscowite). . . . . 19 %

Conclusão: argilla branca finissima, um pouco micacea. Muito plastica.

(O elemento K introdusido pela mica branca [6 S i 0^2. 3 Al^2 0^3. $K^2$0. 2 $H^2$0] actua como fundente).

II. LOIÇA FOSCA

4. — Argilla de Cabanellas

(Para loiça não vidrada)

Côr primitiva. . . . . Amar.-esverdeada (laivos avermelhados).
Côr depois de calcinada. . . . . Atijolada.
Não contem carbonatos.
Residuo por levigação (ferruginoso). . . . . 46 %
Conclusão: argilla ferruginosa, relativamente pouco plastica.

5. — Argilla de Cabanellas

(Para dosear com a precedente n.º 4)

Côr primitiva. . . . . Cinzento-esverdeada.
Côr depois de calcinada { ao rubro sombrio . Avermelhada. / ao rubro vivo . . . Cinzento-escura.
Não contem carbonatos.
Residuo por levigação (esverdeado) . . . . 56 %
Conclusão: argilla ferruginosa, impura, *arenosa*, que introduz o elemento desengordurante na argilla n.º 4.

III. LOIÇA NEGRA

6. — Argilla de Tijosa (Prado)

(Empregada só ou misturada com a seguinte)

Côr primitiva. . . . . Pardo-esverdeada.
Côr depois de calcinada. . . . . Cinzento-avermelhada.
Residuo por levigação. . . . . 39.6.
Conclusão: barro ferruginoso, bastante puro.

7. — Argilla de Tijosa

(Usada só ou addicionada á precedente)

Côr primitiva. . . . . Esverdeada.
Côr depois de calcinada. . . . . Castanha.
Residuo por levigação. . . . . 35.2.
Conclusão: barro ferruginoso e manganesico.

IV. LOIÇA FINA (terra-cota)

8. — Argilla do logar da Cova (freguesia de Cervães)

Côr primitiva. . . . . Alaranjado-clara.
Côr depois de calcinada. . . . . Cinzenta, ligeir.te avermelhada.
Não contem carbonatos.
Residuo por levigação (amarellado). . . . . 17 %
Conclusão: argilla ferruginosa, muito plastica.

São estas as materias primas de que teem disposto os oleiros distribuidos por uma superficie relativamente vasta e os processos de fabrico, por egual, os mesmos, descontando pormenores insignificantes e adstrictos á differenciação de categoria ceramista. Tomando, pois, para typo uma localidade da região onde se fabrique cada um dos grupos de loiça mencionados, teremos elementos completos para a apreciação d'esta industria popular extensiva a muitas freguesias dos trez concelhos referidos.

A ceramica vitrificada, á qual cabe mais particularmente a denominação vulgar que a distingue no commercio, embora se lhe associe frequentemente a do grupo fosco, é provavelmente a de exploração mais intensa e ainda a que offerece maior variedade de productos.

Comprehende a installação d'uma olaria onde se fabrica loiça vidrada — S. Thiago de Francellos, por exemplo — o *telheiro*, o *torno* e o *forno* além do material elementar que successivamente passaremos em revista, (fig. 1). Adquirida a argilla necessaria nas *barreiras* de Cabanellas (n.º 1) é ella disposta n'um *eirado* de granito, de contorno mais ou menos circular, e opportunamente triturada pela pisa de bois, como succede em alguns logares na malha de cereaes. Effectuada esta fragmentação ainda grosseira, o barro passa para um tronco ou raiz de arvore cavada e denominada o *masseirão;* e n'este utensilio humilde e simples se procede depois á preparação da pasta, redusindo os fragmentos, primeiro com o *mascôto*, que é um maço de madeira, depois á mão e vertida a agoa necessaria para a obtenção do barro plastico. A massa está então prompta para ser applicada no fabrico.

O torno, onde a uns punhados de massa se vae dar uma forma tradicional e definida, consiste inferiormente n'uma roda de madeira, com cerca d'um metro de diametro, junta ao solo, n'esse logar pavimentado com uma lage de granito. D'ella parte um eixo que atravessa superiormente uma viga de madeira horisontal, o *jugo*, e finda com o *rodalho*, que é o disco onde as peças se modelam. D'um lado o oleiro sentado fabrica o vasilhame auxiliando-se com as mãos e produsindo o movimento com um dos pés na roda inferior; do opposto o jugo firma-se na extremidade sobre um espeque e supporta alguma massa, uma peça recem-acabada, a bilha de agoa.

Estamos pois em face d'um apparelho já mais perfeito que a roda primitiva, a *tournette* ainda usada em algumas aldeias bretãs, e na qual, emquanto a mão direita guia a curva, com a esquerda se dá o impulso necessario. Em Gôve (Baião) é esta a roda ainda empregada.

No apparelho descripto obteem-se as vasilhas de dimensões medias; as grandes talhas de provisões são fabricadas, até ao meio do bojo, com o auxilio d'uma fôrma de madeira, em tronco de cone de base invertida: sêcca esta primeira parte fabricam-se successivamente as restantes nos dias seguintes, isto é, depois d'uma seccagem sufficiente que garanta a estabilidade das partes inferiores. O processo

é, pois, o dos *colombins* [1] adoptado geralmente para as vasilhas de grandes dimensões.

Organisadas as peças separam-se a cordel e dispõem-se depois em *estadas* ou *palanques*, ou sejam os taboleiros situados fora ou dentro do cobêrto; assim seccam durante alguns dias, depois do que se mergulham n'uma massa bastante fluida em que entra um dos barros precedentemente indicados, (n.° 2) obtendo-se ulteriormente á cosedura, na parte assim coberta, uma côr vermelha mais tostada. Procede-se seguidamente á ornamentação empregando-se agora o *gesso* de Alvarães, (n.° 3) barro adoptado na loiça de faiança que usára a fabrica de Darque, creada em 1774, á mistura com o barro e areias de procedencia inglesa ou de Lisboa. [2]

Cliché de R. P.

Fig. 1. — Olaria em S. Thiago de Francellos (Prado)

Com esta substancia diluida e antecipadamente peneirada traçam-se os ornatos por via de grosseiros estyletes de madeira ou folha de ferro, estampam-se circumferencias com cannas, ou, sendo curvas em todo o bojo, emprega-se então a roda do oleiro. Obtida a seccagem resta, para enfornar, a applicação do verniz.

---

[1] Salvetat, *Ob. cit.*, II, pags. 81-2.

[2] Figueiredo da Guerra, *A fabrica de loiça de Vianna em Darque*, in *Archivo Viannense*, I, pags. 78-9. Vianna do Castello, 1895. — *Vianna*, in *Exposição de arte ornamental do districto de Vianna em Agosto-Setembro de 1896*, pag. 7. Porto, 1898.

Para isso o oleiro mistura a uma arroba de sulfureto de chumbo, obtido na Galliza ou no Porto, oito arrateis de areia do matto. Vae isto ao moinho e dissolve-se em seguida em agoa, mergulhando-se depois os vasos interior, exteriormente ou em parte no fluido assim obtido. As olarias tomam a côr da ardosia, vão a seccar e esperam o momento de irem para o forno.

Este accessorio, (fig. 2) annexo ao cobêrto ou independente, é de alvenaria, forrado a tijolo e cal e rematado superiormente em abobada. A base, denominada *grade*, é de barro e atravessada de orificios pelos quaes subirá a chamma que envolverá a olaria. A fornalha, inferior e cavada no solo, abre-se lateralmente. É a imagem dos fornos romanos encontrados em Pompeia, Rheinzabern, etc., com a fornalha egualmente no sob-solo, o pavimento penetrado de orificios e ao alto o tecto abobadado. [1]

Cheio de loiça o forno, quasi completamente, é barrada a porta com telhas e argilla deixando-se superiormente uma pequena abertura de tiragem. Na fornalha lançam-se então as *canhotas* (troncos grossos) e o *capacho* (varas delgadas), combustivel de pinho local, unico adoptado.

A fornada em regra comporta tres carros de loiça, para os quaes são necessarios tres carros de lenha e oito arrobas da mistura de chumbo e de areia. Seis horas deve durar a cocção cujo fim, de resto, se observa através de duas aberturas lateraes que ha no forno, os *miradores*, inspeccionando o estado do verniz. Esta fraca cosedura, em tão curto espaço e com um combustivel inferior, determina e justifica o emprego da galena como substancia vitrificavel, uma das poucas fusiveis a tam baixas temperaturas, embora depois alteravel facilmente pelos acidos fracos e ainda com os outros inconvenientes que reune a loiça rustica.

A estatuaria, cujo centro principal de fabricação é em Gallegos, no concelho de Barcellos, modela-se á mão, só raro ajudada com estyletes grosseiros de madeira; e uma ou outra vez, quando nas peças se veem ornatos geometricos em relêvo, empregam-se fôrmas de gesso e as *conteiras* de ferro que imprimem as cercaduras regulares. As flautas, aqui fabricadas, em Lama e n'outras aldeias, obteem-se penetrando um cylindro da pasta preparada com uma vara delgada de pinheiro, executando-se seguidamente os orificios e applicando depois a substancia que as córa. Mesma pasta, mesmo processo de cosedura, mesmo material e, como para as loiças, o uso da limalha de cobre obtida em Guimarães ou das escorias de ferreiro quando ao verniz se quer dar a côr vêrde ou de castanha.

Observando em Cabanellas uma olaria de loiça fosca depara-se-nos o mesmo material de fabrico. As duas argillas que empregam (n.os 4 e 5) são pulverisadas e passam pela peneira separadamente, depois do que se doseiam n'uma proporção de palpite. O torno é o mesmo, a seccagem effectua-se á sombra ou ao sol e o

---

[1] E. Guhl et W. Koner, *La vie antique.* II, *Rome,* pag. 382. Rothschild ed. Paris, 1885.

forno reproduz o typo já descripto. Em S. Vicente de Areias cosia-se uma fornada que duraria dez horas e cujo combustivel indispensavel orçava por dez carros da lenha alludida.

N'esta loiça, de paredes menos espessas, e, consequentemente, mais fragil, é frequente vêrem-se as manchas negras produsidas pelo contacto directo das chammas.

Os cantaros, que são as peças mais ousadas d'este typo, fabricam-se em duas partes, addicionando-se-lhes seguidamente as asas, por leve pressão; do rodalho separa-se cada uma facilmente, tendo antes deposto no disco uma camada de areia ferruginosa, obtida em Santo André, que evita a adherencia da pasta.

Cliché de R. P.

Fig. 2. — Olaria e forno em Francellos

São ainda estes mesmos barros que se empregam para as cornetas, organisando-as com quatro peças separadas. A exclusão de ornatos pintados e de vitrificação simplifica naturalmente a manufactura da loiça mate; e a sua maior levesa é permittida uma vez que, dispensando o verniz plombifero usado na loiça vidrada, basta uma temperatura mais inferior ou menos demorada para se effectuar a cocção.

Semelhantes processos e mesmas formas de vasilhame se encontram nos oleiros de Parada de Gatim que fabricam, com um ou dois barros, (n.ºs 6 e 7) a loiça negra, de uso mais restricto. Qualquer decoração ligeira é, como na loiça mate, obtida com impressões digitaes. E a abertura deixada, ao alto, no forno, quando se cosem os dois typos de loiça precedente, é aqui redusidissima, senão nulla.

Os processos technicos adoptados nos trez typos de olaria fabricados n'esta vasta região ceramica redusem-se, pois, a preceitos modestos e simplistas, desde o preparo das pastas até ao verniz adoptado e ao fraco grau de cocção capaz de garantir a resistencia necessaria. Destinado á cosedura de alimentos e a provisões o vasilhame de Prado, postoque não deformado, bem soante e com textura regularmente homogenea, supporta mal a brusca differença de temperaturas, a varia distribuição de calorico á superficie, a continuidade do uso ao fogo e a presença frequente dos corpos gordos ou acidificados. São estes, de resto, os caracteres de toda a loiça rustica assim obtida.

A circumstancia de existir no logar da Cova, freguesia de Cervães, uma argilla muito plastica (n.º 8) cujas propriedades e applicações não passaram despercebidas a alguns oleiros, originou o fabrico da denominada loiça fina de Prado, especie de terra-cota que apparece já nos mercados sob as formas generalisadas e antigas de vasos de jardim e de suspensão, jarras, moringues e brinquedos. O barro empregado passa muitas vezes pelas peneiras que, para o fim, já são de seda; todo o outro material é ainda o mesmo; o forno, porém, accusa, sobre os outros, progressos a annotar. Do pavimento, não em grade mas continuo, parte uma chaminé em tubo que finda a meia altura; da abobada parte outra para o exterior. Uma parede circular de telhas, bem vedada, dispõe-se interiormente; e é entre ella e a chaminé que fica a loiça não recebendo, pois, o contacto directo do fogo cujos productos se evolam pelo tubo e pelo espaço comprehendido entre as telhas e a parede externa d'este forno (logar de Cervainhos, freguezia de Cervães).

Os productos inspirados em artigos de Sacavem, da Vista Alegre e em gravuras, são obtidos no torno commum, alisados depois, e decorados com flôres, armas, grupos, cabeças de animaes, tudo obtido com as fôrmas de gesso conhecidas. Não teem, pois, o caracter popular, e ou denunciam um aprendisado n'uma fabrica exterior, ou, no local, a imitação servil pelo contacto.

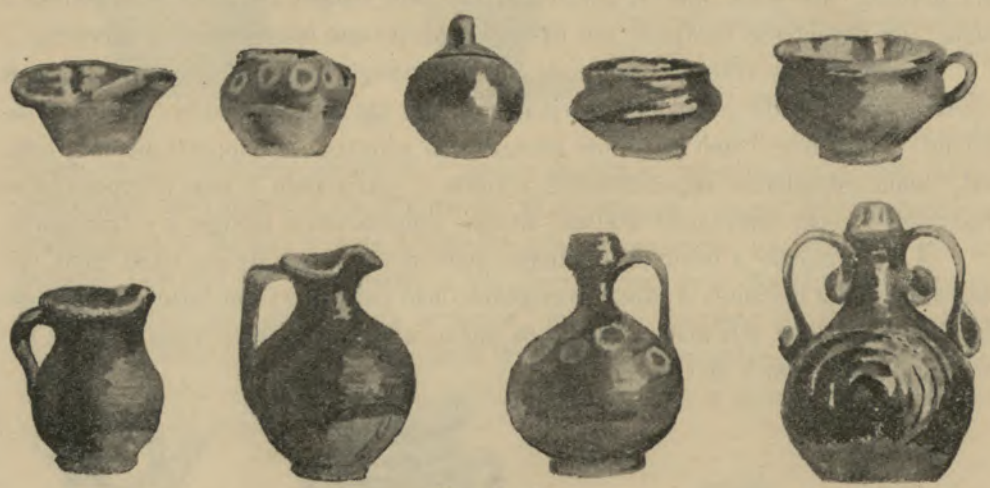
A introducção recente d'estas formas cultas e o seu fabrico extensivo recentemente a outras localidades da região, mercê d'um exito mercantil convidativo, não diminue certamente a producção do artefacto tradicional, mas nem, tam pouco, determina influencias progressivas na architectura e ornamentação da baixella rustica. Os modelos de copia, já inicialmente mal reprodusidos, obliteram-se sob uma phantasia indisciplinada e estreitamente restricta em limites que, ao deante, teremos occasião de apreciar.

II

AS FORMAS

As ascendencias das olarias populares firmam-se ordinariamente em dados precarios e insubsistentes. — Difficuldades na descriminação dos parentescos; formas procedentes do romano, assimiladas por elle e abastardadas no tempo e nos logares. — Typos universaes: a apropriação a destinos communs gestou e fixou galbas schematicas geraes. — A mesma ondulação linear e a identidade ornamental tradusem frequentemente influencias e não origens. — Ceramoscopia de Prado; similitudes morphologicas com olarias larnaudianas, mycenicas, etruscas e orientaes; a romanisação. — Peças anthropomorphicas. — Penuria inspiradora e inamovivel dependencia das formas herdadas. — Sobrevivencia ou regressão aos typos primitivos.

A identidade d'algumas formas da olaria popular com outras de procedencia estranha já antiga tem dado logar a que se estabeleçam filiações nem sempre confirmadas nas descobertas ulteriores de ceramica mais remota. Attribuiu-se o mo-



Figs. 3 a 11

ringue a uma importação da India e americana, aos arabes o alguidar, a aljofaina e a almotolia, a gregos e romanos outros typos communs e generalisados. [1] E afinal, em laços fundos e mal apercebidos, muitos d'esses productos descendem d'uma arte ancestral depois conhecida e mais longinqua.

A acção lenta da romanisação introdusiria, além das formas que seriam proprias do romano as que, nas suas assimilações frequentes, este adoptara e propagara mercantilmente; mas nem por isso se deve assentar n'esta ascendencia predominante ou unica, excluindo a anterioridade d'alguns modelos creados ou transmit-

[1] Ramalho Ortigão, *A fabrica das Caldas da Rainha*, pag. 7. Typographia Occidental ed. Porto, 1891.

tidos pelas civilisações que precederam a latina. Em alguns vasos é facil descriminar, pela decoração e pela galba, as origens bem afastadas das que denunciam o artigo com que o mercador romano seguia as legiões.

As fontes, todavia, encontram-se por vezes: são as mesmas, buscadas por modo e em tempo vario; as transacções commerciaes, por outro lado, vulgarisaram, em todas as epochas, olarias mais ou menos abastardadas e já de ascenden-

Figs. 12 a 15

cia perdida. De sorte que as approximações nem sempre decidem, com justesa e rigor, um parentesco indagado sob base geralmente tam insubsistente e precaria.

Ainda muitas vezes a similitude formal, attingidas certas soluções de geral conveniencia, exhibir-se-ha, necessariamente, com um mesmo caracter de universalidade; concebe-se como na calote primitiva se adoptasse o supporte plano e estavel; como estendendo superiormente a pasta e estreitando o bojo a exposição se restringia; como annexando aselhas, ficasse simplificado o manejo e o transporte.

A apropriação a destinos communs generalisou assim alguns typos cujas raises multiplas e distantes a nossa averiguação não desvenda; são formas fundamentaes, iriamos diser schematicas, onde os inicios se perdem entre quasi todos os povos que praticaram a olaria.

Figs. 16 e 17

Figs. 18 e 19

Pondo em presença vasos de egual ondulação linear e ornamentação com o mesmo ar familial, extremam-se mais provavelmente as influencias do que as fontes primordiaes, tal a multiplicidade de vehiculos, tam obscura a certesa indubitavel das origens. Mas nem outra via, com menor numero de percalços, pode condusir, por ventura, ás filiações presumiveis que mais se approximem da verdade.

A malga, primeiro vaso que o oleiro de Prado consegue fabricar, é a calote

de todos os povos primitivos, apenas modificada vantajosamente na substituição do fundo ovoide pela base plana. Seguem-se-lhe outras formas simples, entre as quaes certo alguidar em tronco de cone invertido, com o rebordo mais ou menos distendido para fora e, quando para o forno, amolgado dos dois lados (fig. 3).

A curva da calote, subindo sempre, quasi fecha (fig. 4), finda toda (fig. 5), ou bruscamente se interrompe rematando o vaso com uma cinta (fig. 6). Esta forma tem similar larnaudiano nas palafittas de Grésine e bem assim a seguinte, já asada (fig. 7), em estações da mesma epocha. [1]

Figs. 20 a 24

As infusas, de bojo mais ou menos dilatado e collo estreitando em vario grau, affectam formas muito antigas. Ha a chaldaica e a proto-hellenica (fig. 8), que depois os gregos mantiveram; [2] outra, (fig. 9) com a asa menos ousada, recorda o œnochoé; [3] d'esta se passa a outro typo (fig. 10) que lembra o aryballe, já na forma romanisada. [4] O cantil (fig. 11) apparece-nos, asado ou não, na olaria chaldaica, [5] menos deprimido lateralmente e com maiores dimensões em Chypre, [6] de bronze na alfaia etrusca [7] e por fim attribuido aos arabes da Asia Menor, [8] onde é tido em grande veneração e a lenda diz que fôra bebendo por elle que Noé tomara a bebedeira memoravel. Na olaria popular este vasilhame tem uma importancia primaria; infusas e pucaros são de uso tradicional e merecem uma estima que nem D. Sebastião desdenhara, preferindo, n'um banquete a um cardeal-legado, o pucaro de Extremoz á peça correspondente da sua baixella de oiro! [9]

---

[1] Gabriel et Adrien de Mortillet, *Ob. cit.*, figs. 1086 e 1084, pl. xc.

[2] G. Patroni, *La civilisation primitive dans la Sicile orientale*, in *L'Antropologie*, fig. 31, pag. 303, tom. viii. Masson ed. Paris, 1897. — Guhl et Koner, *Ob. cit.*, i, *La Grèce*, estampa da pag. 208. — Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, ii, *Chaldée et Assyrie*, fig. 356, pag. 711.

[3] Ed. Pottier, *La peinture industrielle chez les grecs*, fig. i, pag. 63. May ed. Paris. — Guhl et Koner, *Ob. cit.*, i, *La Grèce*, estampa da pag. 208.

[4] Guhl et Koner, *Ob. cit.*, ii, *Rome*, figs. de pag. 242.

[5] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, ii, *Chaldée et Assyrie*, fig. 363, pag. 711.

[6] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, vi, *La Grèce primitive*, fig. 468, pag. 917.

[7] Jules Martha, *L'art étrusque*, fig. 64 e pag. 59. Firmin Didot ed. Paris, 1889.

[8] A. Jacquemart, *Les merveilles de la céramique*, i, pags. 15 e 190. Hachette ed. Paris, 1883.

[9] Joaquim de Vasconcellos, *A fabrica de faianças das Caldas da Rainha*, pag. 2. Typ. Occidental ed. Porto, 1891. — Theophilo Braga, *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições*, i, pag. 161. Ferreira ed. Lisboa, 1885.

As formas cylindricas são communs (figs. 12 e 13) e em algumas (fig. 14) reconhece-se ainda a galba romana. [1] Por ultimo as infusas assumem, ou o caracter mixto das formas esphericas e cylindricas (fig. 15), ou então um mais bello modelado, sem fuga dos typos chaldaico e proto-hellenico, os mais antigos, agora conhecidos, em que se podem filiar (fig. 38).

Figs. 25 a 29

Os supportes accentuados e distinctos do corpo do vaso (figs. 16 e 17) são menos frequentes e mesmo dispensaveis. O córte brusco na curva garante sufficientemente a estabilidade e ainda mesmo no vasilhame de grandes dimensões. Este destina-se (fig. 18) para as provisões d'agoa e de azeite, salgas e conservas. Grosseiramente, com menor abertura e maior estreitamento basilar, approxima-se a talha minhota de certas amphoras da Grecia primitiva [2] que, de resto, cotejadas segundo as procedencias e os tempos, [3] davam logar á intercalação da vasilha portuguesa. Os *dolia*, as *amphoræ* e os *cadi*, grosseiramente trabalhados, sem asas ou com duas muito pequenas e de pança bombeada, [4] tinham identicos destinos e sem duvida enraisavam já em formas mais distantes.

Para mais ephemera provisão de agoa fabrica-se ainda o moringue (figs. 19 e 40), forma generalisada em toda a nossa olaria popular e ordinariamente attribuida a uma origem americana. Cumpre, todavia, comparal-a com o typo, fundamentalmente o mesmo, que apparece entre a ceramica mycenica e já foi mesmo exhumado n'um tumulo de Creta. [5]

Figs. 30 e 31

Passando d'esta ceramica vidrada á loiça fosca, vemos derivar-se d'uma só forma espherica inicial o numero restricto de typos que comporta. A galba ele-

---

[1] Guhl et Koner, *Ob. cit.*, II, *Rome*, figs. de pag. 242.

[2] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, VI, *La Grèce primitive*, fig. 466, pag. 915.

[3] Garnier, *Ob. cit.*, fig. 6, pag. 12.—Marquis de Nadaillac, *Les prémiers hommes et les temps préhistoriques*, I, fig. 117 esq., pag. 42. Masson ed. Paris. 1881.

[4] Guhl et Koner, *Ob. cit.*, II, *Rome*, pag. 249.

[5] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, VI, *La Grèce primitive*, fig. 168, pag. 454.

mentar, bombeada e rotunda, rompe bruscamente n'um rebordo que logo curva para fora (fig. 20); a base é chata ou tripode (fig. 21) e bem assim nas formas descendentes, menos dilatadas, e com uma separação mais sensivel e distincta do bojo para a cinta superior (figs. 22 e 23). N'outra forma (fig. 24) o gargalo adelgaça para o alto em curva mais suave. Em todas, pegas cylindricas por asas.

Figs. 32 a 36

Destaca-se n'estas formas a persistencia da remota base tripode, já adoptada na ceramica etrusca, [1] na de Hissarlik [2] e na que Schliemann exhumou em Troia, [3] em quantidade consideravel.

Ovalado e asado este contorno fundamental dá as vasilhas (figs. 25 e 26) que gradativamente, pela distincção mais nitida das gollas (figs. 27 e 28), passam á infusa do typo já descripto. O cantaro (fig. 29) é ainda uma d'ellas, mais amplo, mais alto, munido da aselha adjuvante para o transporte e, no rebordo circular, com a ornamentação digital bem conhecida. Por fim, dobrando symetricamente a asa (figs. 30 e 31) reprodusem-se formas anteriores que recordam —annote-se de passagem— as olarias bretãs e actuaes da Finisterra.

Esta limitação formal, cuja estreita variedade dimana d'uma breve alteração nos accessorios, accentua-se por egual na loiça preta. Reprodusem-se os mesmos typos (fig. 32) ou simplificam-se mais ainda (fig. 33); multiplicam-se as bases tripodes; modelam-se certas (fig. 34) que, approximadamente, reeditam formas prehistoricas; [4] outras derivam facilmente do schema immutavel que explica toda a serie (figs. 35 e 36).

Pouco frequentemente no vasilhame de Prado, de ondulação tam restricta, algumas peças de raridade affectam aspectos anthropomorphicos. Data de longe a ideia natural de comparar ao vaso o homem e a mulher principalmente;

---

[1] Martha, *Ob. cit.*, figs. 18-9, pag. 49.

[2] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, vi, *La Grèce primitive*, fig. 66, pag. 252.

[3] Henri Schliemann, *Ilios*, numerosas gravs. entre pags. 432-44. Firmin Didot ed. Paris, 1885.—Nadaillac, *Ob. cit.*, i, fig. 114, pag. 425 e fig. 117, pag. 427.

[4] G. et A. de Mortillet, *Ob. cit.*, fig. 529 da pl. lv.

no Egypto modelaram-os sob formas humanas e de animaes; o mesmo succedeu na Phenicia, em Troia, em Chypre, indicando-se, sequer, olhos, nariz, bocca e seios; a industria moderna tambem fabricou e fabrica vasos anthropoides: *jacquelines* em França, outras peças semelhantemente pittorescas na Flandres e na Hollanda, bebados na Inglaterra, [1] na Hespanha e entre nós o homem sentado de tricorneo e rabicho, a mulher rotunda, outras vasilhas figurando aves, peixes e reptis.

O oleiro de Prado tambem modela cantaros que representam a cabeça e busto d'alguem alegre que tange viola. Mas fóra da estatuaria a sua imaginativa finda aqui.

Circumscriptas, no numero e nas galbas, as peças de olaria que bastam ao viver das populações para as quaes fabricam esses ceramistas rusticos, emerge d'este quadro pobre uma impressão de estreitesa inspiradora e de inamovivel dependencia ante as formas tradicionalmente herdadas. Encontramol-as immutavelmente pre-historicas; deparam-se-nos, em maior numero, as que lembram outras pre-hellenicas; exhibem-se varias que Roma introdusiu generalisando-as. Mas, comquanto os ares familiaes permittam rasoavelmente vislumbrar fontes presumiveis, muitas formas certamente se degradaram perante a miseria inspiradora através da qual sobreviveram, fixos e universaes, alguns dos typos mais grosseiros das olarias primitivas.

III

A ORNAMENTAÇÃO

Fundamento da decoração linear. — Limitação ou multiplicidade das combinações. — Ornatos por pressão digital, por incisão e pintados. — Padrões ornamentaes de Prado; as combinações elementares; a decoração em SS; a cruz gammada; outras composições. — Confrontos com a decoração neolithica, grega, etrusca e gaulesa; similaridade d'alguns motivos de Prado e da Citania de Briteiros. — Estreitesa dos recursos decorativos nos louceiros minhotos e inferioridade ante os d'outras populações consideradas barbaras. — As faculdades ornamentaes dos oleiros de Prado medem-se pelas que se exhibem nos productos medios da edade do bronze.

Na decoração linear que ornamenta o vasilhame de Prado, a combinação das linhas é redusida a motivos muito simples que se repetem em series horisontaes no mesmo vaso, com alternações frequentes de eguaes ornatos e onde raramente se suspeita a penosa imitação e busca dos assumptos floraes.

O ornamento geometrico foi obtido por todos os povos; a differenciação procede apenas do engenho com que restringiram ou multiplicaram as combinações, frustes ou complexas, limitadas a angulos, parallelas, losangos e circulos, ampliadas ao xadrez, ás espiras, ás volutas, aos meandros e ás gregas, e elevadas á sua maxima expressão pela sciencia possivel que os arabes alcançaram das linhas. Dos esboços artisticos mais simples e que constituem os elementos d'uma arte na infancia,

[1] Garnier, *Ob. cit.*, pags. 320-1.

o fundamento é o ponto, a recta e a curva. Cortando-se duas rectas dão o angulo, tres, o triscelo; angulos em serie produsem o zig-zag; oppostos, symetricos, alternados e em zonas parallelas são outros tantos motivos dedusidos d'um mesmo elemento inicial; e combinando-os com curvas em disposições similares, os elementos crescem para com ellas se variar infinitamente uma decoração que assim repousa n'esta modesta essencia. [1]

Fig. 37

Na sua grande maioria as populações ex-historicas, ornamentaram as olarias a puncção, penetrado na pasta fresca, e ainda, em não poucos casos, pela incisão das unhas e pelas pressões digitaes. D'estes processos temos ainda o exemplo vivo na curva sinuosa, a estylete de madeira, gravada ao alto, no bojo das loiças de Gatim. E como succedera já nos tempos neolithicos, [2] os rebordos da loiça mate e monochroma apenas se enfeitam com uma simples impressão dos dedos, regular e symetrica (fig. 29); precisamente na epocha robenhauseana existira esta decoração, ou nos bordos, [3] ou logo abaixo, em festões.

Mas excluidos estes casos, a ornamentação é pintada, embora reprodusa motivos alcançados pelos processos da incisão e da pressão. Buscando os mais elementares temos, em primeiro logar, as filas de pontos e as linhas parallelas, que ou se distribuem em series horisontaes ou obliqúam n'um sentido, ou ainda em sentidos oppostos, originando zig-zags, angulos e (fig. 37 *a* e *b*) por fim o vulgarissimo *chevron* (*c*). É a decoração das loiças neolithicas, de varias olarias lacustres e dolmenicas, [4] da ceramica gaulesa [5] e da nossa de Briteiros. [6]

---

1 Felix Regnault, *Essai sur les débuts de l'art ornamental géométrique chez les peuples primitifs*, in *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, vii, pags. 533-5. Masson ed. Paris, 1896.

2 Cartailhac, *Ob. cit.*, pags. 61-2.

3 G. et A. de Mortillet, *Ob. cit.*, fig. 535 da pl. lvi.

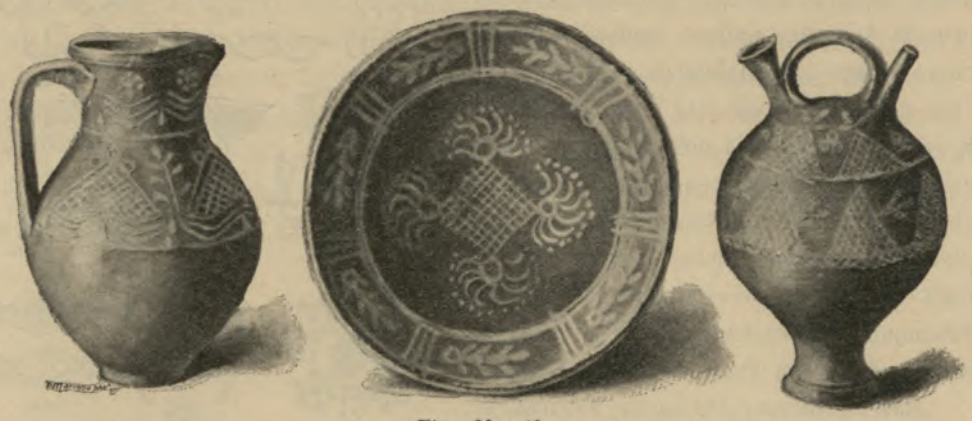
4 Victor Gross, *Les protohelvètes*, pag. 5 e fig. 8 da pl. i; pag. 94 e vars. figs. das pl. xxxii e xxxiii. Asher et C.ie eds. Berlim, 1883. — Carlos Ribeiro, *Monumentos* cit., figs. de pag. 77. — Delgado, *La grotte* cit., fig. 97, pl. xii; fig. 118, pl. xiii. — Santos Rocha, *Ob. cit.*, iii, pag. 180.

5 Paul du Chatellier, *La poterie aux époques préhistorique et gauloise en Armorique*, pls. iii, iv e ix. Pilhon et Hervé eds. Paris, 1897. — Pontnau et Cabié, *Un cimetière gaulois à Saint-Sulpice* (Tarn), in *L'Anthropologie*, v, fig. 5, pag. 651; etc.

6 *Excursion dans le nord du pays. Braga et Citania de Briteiros*, in *Compte-rendu* cit., fig. 20, pl. ii.

Em segundo logar podemos considerar as curvas, originariamente como que reprodusindo uma impressão anteriormente obtida com a unha (*d*), depois formando series com pontos (*e*), com rectas (*f*) e entre parallelas (*g*); ou, mudando de sentido, reprodusindo os mesmos motivos (*h*, *i*), associando-se com rectas (*j*), cortando-se (*k*), imbricando-se, alternando-se com pontos (*l*) e por ultimo dando a curva ondulada (*m*) que engrinalda commummente ainda hoje os bojos e gargalos e que já afestoava as olarias dolmenicas e as loiças da Citania de Briteiros. [1]

Obtido o circulo (*n*), crescem as associações com os outros elementos (*o*, *p*) e produsem-se as figuras inclusas (*q*), uma das quaes (*r*) representa essencialmente um motivo encontrado nas olarias de Palmella. [2] Vem seguidamente os S S em todo um bordo ou em grupos, e que teem sido considerados como symbolos helia-



Figs. 38 a 40

cos; é uma ornamentação de data prehistorica, frequente nos gregos e gauleses e que, alternando com swastikas, forma especies de grinaldas em alguns vasos funerarios da Etruria. [3] (*s*)

A orla (*t*), já mais complexa, apparece duplicada nas loiças de Briteiros. [4] E em banda, alternando com *chevrons*, encontramos a figura (*u*) que se identifica com a swastika, assim traçada n'uma stella irlandesa, em loiças de Hissarlik e de Mycenas, n'outras mais. [5] Este signal, symbolico ou ornamental, de origem e significação tam discutidas, já apparece em argillas d'uma estação do fim da edade do bronze, em cippos anepigraphos, talvez gallo-romanos, erectos provavelmente a uma

---

[1] *Excursion* cit., figs. 16 e 19, pl. II.

[2] CARTAILHAC, *Ob. cit.*, figs. 159 e 160, pags. 124-5.

[3] ALEXANDRE BERTRAND, *Nos origines.* III, *La réligion des gaulois*, pags. 242-3. Leroux ed. Paris, 1897. — *Excursion* cit., fig. 17, pl. II.

[4] *Excursion* cit., fig. 15, pl. II.

[5] BERTRAND, *Ob. cit.*, pls. VI, XIII e XV.

divindade solar [1] e entre nós, frequentemente, nas pedras da Citania, ou sob a forma vulgar da cruz gammada, ou affectando a de triscelos e tetrascelos. [2]

Associando estes elementos, que podemos considerar rudimentares para as combinações que ha de gestar, o oleiro cobre os bojos com fachas, ora simples, ora duplas (*v*, *x*, *y*, *z*), repetindo os mesmos typos ou alternando-os nos limites das suas estreitas creações. Os ensaios de decoração floral redusem-se á mais timida expressão (*aa*); as composições mais complexas (*bb*, *cc*, *dd*), nitidamente revelam a indigencia proclamada, pois essas ornamentam as peças que lhe resumem todo o engenho (figs. 38, 39 e 40).

Por ultimo as decorações em relêvo, isoladas ou unidas, como as praticaram frequentemente os romanos [3] e semelhantemente realisadas com puncções ou moldes, representam cercaduras varias, as armas reaes, ás vezes uma cabeça animal por imitação, estrellas e rosaceas.

D'este exame, theoricamente systematisado, infere-se que a decoração das olarias de Prado dispõe de recursos incomparavelmente inferiores aos de muitas populações consideradas barbaras. O estadio pode considerar-se parallelo aos alvores da edade do bronze e pouco mais; já n'esta epocha se dispõem as figuras segundo um plano duplo de symetria, apparece a grega [4] e ainda outros motivos por egual mais complexos. Embora, porém, os elementos observados sejam, em grande parte, communs aos primeiros passos do ornamento geometrico em muitos povos de civilisação atrasada, é para annotar a frequencia, a persistencia e a especie de sympathia pelos motivos que encontram similares nas olarias da Citania de Briteiros. O parentesco d'estas com outras da Gallia e da Irlanda, a sua affinidade com as da arte egeana, antes de evolver resoluta para a caracteristica e desenvolta ornamentação accentuadamente curvilinea, a lembrança que suggeriu de que os antigos *oppida* lusitanos cedo receberam, segundo as ideias correntes, uma supposta influencia do Oriente [5]—pois que na propria Europa radica plausivelmente a civilisação pre-homerica—são para considerar em documentos que, embora de significação um pouco frivola, convem não desdenhar completamente.

---

[1] Bertrand, *Ob. cit.*, pags. 143-5.

[2] Martins Sarmento, *A arte mycenica no noroeste de Hispanha*, in *Portvgalia*, I, pag. 2. Porto, 1899.

[3] Brongniart, *Ob. cit.*, pag. 424.—Ch. Daremberg et Edm. Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, voc. *Forma*, pags. 1245-6. Hachette ed. Paris, 1894.

[4] Regnault, *Ob. cit.*, pag. 542.

[5] Virchow, *Excursion* cit., pag. 661.—Salomon Reinach, *Le mirage oriental*, in *L'Anthropologie*, IV, principalmente pags. 699-732. Paris, 1893.

IV

A ESTATUARIA

Evolução do ornato geometrico para a decoração floral e zoomorphica. — Debute da faculdade plastica; inicios similares e divergencias ulteriores. — Motivos de preferencia nos coroplastas de Prado: a fauna local; o mobiliario; iconica rural, domestica e religiosa; o Rei; a satyra rustica; caricaturas e monstruosidades; as miniaturas da loiça e os instrumentos musicos. — Similes pre e protohistoricos: Laugerie, Hallstat, La Tène, Grecia primitiva, Etruria e Oriente. — Indigencia plastica concordante com a penuria eurythmica e ornamental. — Outros progressos na estatuaria ceramica do paiz; os barristas do seculo XVIII esculpindo uma interessante hagiographia e iconographia populares. — Influencia nulla nos estatuetistas de Prado; sua permanencia no estadio inicial.

A indigencia já revelada nos meios de expressão ornamental deveria naturalmente accentuar-se quando de louceiro o ceramista de Prado passa a coroplasta; e entretanto, da imitação da naturesa que o cerca, ao manifestar-se-lhe o instincto plastico, obtem mais recursos, embora n'um ambito estreito de assumptos e aspectos, do que nos timidos ensaios da decoração floral.

Fig. 41

Gravar e esculpir, como primeiros passos de copia ou interpretação das formas vivas datam de epochas remotissimas. A evolução dos motivos ornamentaes levou naturalmente á imitação florica e das formas animaes, de inicial execução summaria, rigida pela ascendencia geometrica, inexperiente e rude, limitadissima aos aspectos mais singellos da naturesa envolvente. As primeiras gravuras e depois, nas epochas do bronze, as figurinhas de olaria são principalmente zoomorphicas, — como ainda hoje nas populações serranas, certos pastores esculpem, em madeira, cabeças dos animaes que os cercam, trechos de impressões simplistas recebidas e repetidas na sua occupação contemplativa.

Estudando-se a evolução da faculdade plastica, averigua-se que um mesmo debute ingenuo e humilde caracterisa os principios em todos os povos. Esboçando o corpo humano, a arte rustica primeiro modela a cabeça e o tronco; risca os olhos; encobre os membros no vestuario cujas ondulações accusa a traços; destaca-os em pequenos appendices lateraes; separa os membros inferiores em modelado hirto; particularisa, emfim, por linhas, os cabellos e as prégas dos vestidos. Assim começou, sob estas formas elementarmente summarias, a arte plastica em Tiryntho, em Ialysos, em Melos, em Tanagra, em Athenas, [1] ca-

Figs. 42 e 43

[1] Maxime Collignon, *Histoire de la sculpture grecque*, I, pags. 52 e 108-9. Firmin Didot ed. Paris, 1892. — Ch. Letourneau, *Dictionnaire* cit., voc. *Sculpture*, pag. 983. — Garnier, *Ob. cit.*, pags. 95-6 e 100. — Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, VI, *La Grèce primitive*, pags. 738-9.

recida de arranjo de vestuario, de ligação de membros, de proporções anatomicas, sem articulações indicadas, sem dedos distinctos, ausente o sentimento da forma e do movimento, muda, a bem dizer, de valores expressivo e narrativo. [1]

Fig. 44

Fig. 46

Mas depois, adquiridas e vencidas, pelas mesmas vias e com eguaes expedientes, as difficuldades de inicio que nivelam as obras plasticas de todos os povos, cada um concebe, realisa e evoluciona variamente, conforme as aptidões, o meio social e numerosas circumstancias fataes ou fortuitas contrariam ou desenvolvem a marcha encetada.

Das formas rigidas e quadradas que exprimem os primeiros e geraes esboços plasticos chega-se na Grecia *á arte divina;* mas tambem succede que pouco mais se avança e a arte figulina nos surge ainda hoje, exactamente como as lendas e ritos, sob o aspecto de sobrevivencias passadas immunemente através das influencias e dos progressos dos tempos.

A pequena estatuaria dos oleiros de Prado, modelada á mão e com um grosseiro estylete de madeira, ou radica n'uma arte plastica já tradicional e longinqua, ou, se relativamente moderna, exhibe-se, por todos os aspectos, primitiva e barbara, isto é, em estreita unidade com as qualidades eurythmicas das formas e os meios expressivos da decoração.

Fig. 45

Como o troglodyta, [2] procurando os assumptos das suas primicias artisticas nas faunas locaes, o oleiro minhoto modela principalmente os animaes que conhece de sempre e cujos serviços e influencia, bemfaseja ou nefasta, aprende e transmitte.

Figs. 47 e 48

N'essa região onde mais esplendem certas superstições condemnadas e punidas em constituições de prelados, se a fauna é a mais copiada, tambem ella é objecto, como veremos adeante, das divagações que a phantasia emprehende ou suggere.

---

[1] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, vi, *La Grèce primitive*, pags. 734-8.

[2] Nadaillac, *Ob. cit.*, i, pag. 129.

A cabra-loira (fig. 41) e o sapo (figs. 42 e 43) são menos frequentes; o sardão (fig. 44), que persegue as mulheres e avisa dos perigos os homens incautos, já é mais commum. O gallo, porém, (fig. 45) excede em numero e em variedade todas as especies da fauna. É a melhor tratada em nobresa de porte, em insistencia de detalhes em apuro final de modelado. Na impressão que as aves exercem destaca-se a que produz esta, visivelmente pelos costumes dominadores e masculos. Altivo e magestoso, vigilante e cupido, todo o povo o celebra, em contos, em superstições, em cantares:

Figs. 49 a 52

Este gallo é malvado,
Deshonrador das gallinhas;
Inda bem não amanhece,
Já anda pelas curtinhas. [1]

Foi elle quem affirmou a divindade de Jesus quando os apostolos, á mesa, duvidavam; é elle quem se antecipa a annunciar as alvoradas:

Canta o gallo, abre a luz.

E grande ainda é o seu poder sobre as entidades maleficas das trevas, já celebrado nos hymnos da Egreja e nos cantos populares, [2] antigo e extenso, na symbolica grega, por exemplo, no Avesta em que o canto do gallo obriga os demonios a fugir, desperta a aurora e faz erguer os homens. [3]

Veem depois, sós ou associados, a toupeira (fig. 46), onde nitidamente se indica a cegueira illusoria, o carneiro (fig. 47), o porco, o boi, o cavallo, o ouriço carregado com as maçãs que, alegremente chiando, buscou nos pomares, o cão (fig. 48) e o gato. E a esta copia singella dos seres mais conhecidos associa-se a dos objectos mais communs ou sejam accessorios de vestuario (figs. 49, 50, 51, 52) ou de mobilia, como as cestas, o ferro de brunir, a cadeira, o berço, a commoda, o santuario.

Fig. 53

Fig. 54

A vida entre populações agrarias, de cujo mister frequentemente compartici-

---

[1] Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, pag. 149. Clavel ed. Porto, 1882.

[2] Theophilo Braga, *Ob. cit.*, II, pag. 153.

[3] Angelo de Gubernatis, *Mythologie zoologique*, II, pag. 297. Durand et Lauriel eds. Paris, 1879.

pa, faz brotar da sua arte toda uma iconographia domestica e rural: o fabrico do pão, detalhado em grupos ou em passagens singellas (fig. 53); a exhaustão da agoa (fig. 54); a lavagem do bragal (fig. 55); a alimentação dos cevados (fig. 56);

Figs. 55 a 57

a fragmentação das lenhas (fig. 57). Certas icones, emtanto, apparecem mais pormenorisadas, quando tradusem sobretudo alfaia ou operações nas quaes, pela sua significação e valor, mais incidem a estima e a consideração da lavoura. Por vezes o tradicional carro de bois (fig. 58) exhibe-se em rara particularisação de minudencias. No chadeiro e a vincos limitam-se as chêdas do resto do leito e da cabeçalha; esta obliqúa naturalmente até encontrar o tamoeiro; os fueiros ornam as chêdas; nos logares respectivos indicam-se as cantadouras; no rodeiro accentua-se o miul; nas cambas, ás vezes, apparecem as meias-luas. Dos jugos destaca-se breve a decoração profusa que os caracterisa na região, os arcos, ensogaduras e tendilhas, a chavelha e o pigarro na cabeçalha, a sôga por fim.

Semelhantemente e representando uma bessada (fig. 59) a composição, por mais summaria, sempre mostra os elementos fundamentaes: rabiça e pegadouras, o temão e o ateiró, alguem guiando, outrem tangendo; mas em exemplares de mais minucia, vê-se a relha e a seita e as aivecas resaltam, sulco alargado, virada a leiva.

N'uma região onde dois rios correm, mediocremente interessam o oleiro os vehiculos d'agua; raro modela um barco (fig. 60) que entretanto ornamenta com um florão (fig. 61) á pôpa, o mesmo motivo, obtido por molde, applicado no vasilhame e n'outras peças. E por egual pouco communs são os assumptos religiosos, n'uma população que em festividades de egreja encontra os pretextos das suas ephemeras alegrias collectivas: esboços summarios de alminhas, dos andores tradicionaes (fig. 62), grande armação, santo ao alto, fitas voejando, palhão e espelhos faiscando e aureolando o orago.

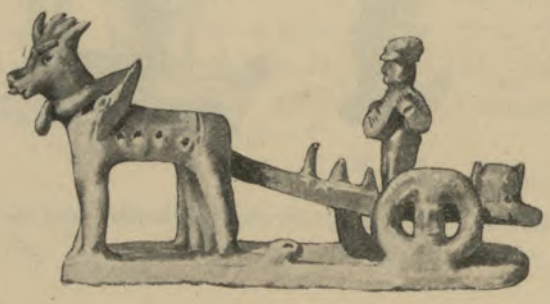


Fig. 58

Outras figuras secundarias e de mais breve anatomia apparecem, por isso mesmo, em grande numero, como os musicos (fig. 63), de que ha series representando a maioria das figuras d'uma banda, o devoto (fig. 64), o mendigo caracteristico das romarias do Minho, hediondamente deformado, rastejando, mão em supplica e na evidencia exaggerada dos aleijões ante a piedade que passa.

Afóra estes assumptos locaes, outros de accaso ou já exteriores á vida rural dão ensejo a novas composições, umas limitadas a copias, certas já com algum pro-

Fig. 59

posito burlesco: a madama n'um burrico, a madama e o marido, ou a madama sómente (fig. 65), ainda inferiores de factura, est'ultima, principalmente, n'uma attitude que a arte primitiva creou perpetuando-a — os dois braços afastados do corpo, arredondando em seguida e por fim approximando-se na cinta. [1] Reproducções da diligencia que varias vezes ao dia percorre as estradas de rodagem, do «americano», que o oleiro viu em Braga, e da bicycleta (fig. 66) são ainda frequentes; e o que succede com os bicyclos, por exemplo, tem logar, geralmente, quando algumas innovações surgem, ou, pela sua difficil explicação popular, intrigam e ma-

Fig. 61

Fig. 60

Figs. 62 a 64

ravilham; é o caso francez dos pequenos assobios em olaria representando uma locomotiva, [2] outros mais.

---

[1] Salomon Reinach, *La sculpture en Europe avant les influences grèco-romaines*, in *L'Anthropologie*, VI, pag. 305. Paris, 1895.

[2] Paul Sébillot, *Les travaux publics et les mines dans les traditions et les superstitions de tous les pays*, pags. 305-6, fig. 174. Rothschild ed. Paris, 1894.

O viajante (fig. 67), inglez geralmente, figura antipathica e exotica, que dava rios de dinheiro por certa antigualha da matriz, é objecto de reproducções accentuadamente vigorosas, como a força, a riqueza e a omnipotencia que traduz; assim o cavallaria (fig. 68) que domina os tumultos nos arraiaes, dispersa as multidões desavindas e defende as maroteiras do senhor administrador nas eleições.

Fig. 65

Fig. 66

Estes motivos já dão logar á exhibição da verve rustica que, confinada nos assumptos locaes, se limita a exaggeros, a um ou outro facto natural (fig. 69) ou, ainda que rara, a qualquer grosseira scena pornographica.

O engenheiro das estradas (fig. 70), odioso pelo poderio de quem procede com as ordens e acquiescencia do governo, é um dos alvos da ingenua troça em barro. Como o «instrumento» é difficil e difficil a posição em que inquire, basta-lhe um oculo e, para a estabilidade, addiciona-se-lhe outra perna. Este o recurso frequente do oleiro e sobretudo quando esculpe em phantasia; então, alliviado da subordinação ás formas naturaes, a sua imaginação mais não dá que typos compositos e geralmente monstruosos. Assim succedeu aos barristas primitivos, aos de Troia, por exemplo, modelando animaes de seis patas [1] depois de terem exhaurido a sua inicial esculptura barbara copiando a naturesa. Augmentando membros e exaggerando feições, (fig. 71) eis a graça; e esta caricatura, na sua concepção fundamental, recorda, entre outras, o deus Bes da verve egypcia, anão ventrudo de riso bestial, olhos grandes, beiços grossos, pernas curtas e nadegas salientes. [2]

Fig. 67

Fig. 68

Cumpre, todavia, reconhecer que a necessidade de equilibrio explica o expediente. Já na fig. 63 e agora em outra (fig. 72), se observa que, executado o busto, o resto do corpo fica como que n'uma

---

[1] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, vi, *La Grèce primitive*, pag. 831, fig. 4. — Reinach, *Ob. cit.*, vii, pag. 171.

[2] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, i. *L'Egypte*, figs. 535-6, pag. 805; fig. 549, pag. 821

bainha rigida, solução commum na arte primitiva [1] que assim simplifica a tarefa [2] e garante a estabilidade da peça, como semelhantemente procedera e procede supprimindo outras minucias anatomicas (figs. 67, 68, etc.). A arte mycenica offerece a tal respeito [3] exemplos numerosos.

Fig. 69

A intenção da graça mostra-se ainda no romeiro de chapeu braguez, cavalgando e tangendo viola (fig. 73), no casal que prosegue no leito a esturdia da tarde (fig. 74), no medico grotesco á cabeceira d'um enfermo monstruoso, n'outros passos que assim resumem a satyra rustica; mais dicaz dá os typos hybridos, como o violoncellista das solemnidades liturgicas (fig. 75) ou o sineiro do campanario rural (fig. 76). Esta associação da forma humana com a cabeça animal é frequentissima e ainda uma expressão que reveste a esculptura barbara, perpetuada, entretanto, nas civilisações orientaes. No Egypto assim succedera; no pantheon chaldaico o artista punha n'um corpo humano uma cabeça de touro, de leão ou de aguia para d'est'arte attribuir á divindade em vista a qualidade que distinguia o animal figurado; [4] allegorias semelhantes foram ainda as da Grecia antiga nas suas figuras metade humanas, metade animaes e pertencentes a um cyclo restricto de heroes. [5] Legada e degradada n'uns povos, expontanea n'outros, esta maneira arbitraria de modelar seres heterogeneos veio tambem a exprimir as mais vivas manifestações de motejo de que são capazes as tribus selvagens, alludindo, em esculptura, aos europeus, ou os coroplastas de Prado ás figuras e aos misteres que lhes provocam a graça ingenua.

Figs. 70 a 72

A phantasia caricatural pára ante a imagem d'um rei (fig. 77): é ainda um guerreiro e um heroe, mais sabido pelas passagens dos rimances ou do agiologio dos presepios do que pela democratica realidade actual; assim o barrista corôa-o, ajaeza o cavallo com florões, arma-o de alfange, presentes na alma as tradições sempre vivases dos mouros que habitaram os castros, confusas, em detalhe, com as dos tres do Oriente vindos a adorar o Deus-menino, como se figura e canta, em lôas, no Natal.

---

[1] Collignon, *Ob. cit.*, I, pag. 106; figs. 52-5 de pags. 108-9.

[2] Reinach, *Ob. cit.*, VII, pag. 173.

[3] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, VI, *La Grèce primitive*, fig. 250, pag. 574; figs. de pags. 742-5-8; fig. 396, pag. 820.

[4] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, II, *Chaldèe et Assyrie*, pags. 61-5.

[5] Guhl et Koner, *Ob. cit.*, I, *La Grèce*, pag. 200.

Ao adquirir o exemplar reprodusido objectou-se o exaggero do custo.

— Caro, meu senhor? Um rei por oito vintens?!

Fig. 73

Effectivamente era um preço vil para um monarcha. Comprou-se o soberano. Mas o argumento mais intimo para o oleiro não fôra tanto a altura da estatueta, — quatro decimetros, se tanto — como a magestade que figurava.

Os productos d'esta imaginativa barbara attingem o maior relêvo nas formas e combinações animaes, esgotando-se, com os typos que restam, a capacidade phantasista dos oleiros minhotos; é tambem n'essas singulares e rudes concepções que as semelhanças com as esculpturas primitivas sobretudo avultam. Uma das composições mais vulgares (fig. 78) tem similes pre-historicos, em Laugerie-Basse, por exemplo; os dois animaes symetricamente oppostos e n'um corpo unico, como as duas aves, dois touros, touro e carneiro são extremamente communs nas estações ex-historicas e Reinach lucidamente os explica pelo gosto primitivo ante a symetria, ou seja uma simples applicação da tendencia geometrica a elementos que o não são. [1] Nos barros de Prado as composições aviarias, muito communs, apresentam-se isoladamente, geminadas ou em pinha (figs. 79 e 80); e esta categoria de decoração zoomorphica, além da sua frequencia nos tempos já alludidos, foi principalmente representada na civilisação de La Tène e mais ainda na de Hallstatt. [2]

Fig. 74

O touro (fig. 81), com o collar de chocalhos e a armação ornamentada, tem um pronunciado ar oriental; é vêr, entre muitos, a vacca Hathor, do museu de Bombaim. [3] E o leão (fig. 82), que o oleiro só conhece, por ventura, de o haver visto figurado na imaginaria, em obras de talha, nas egrejas, ou nos quatro angulos d'alguns tumulos, apresenta uma estylisação da juba que importa accentuar por virtude da identidade com a bella chimera etrusca, em bronze, do museu de Florença [4]

---

[1] Reinach, *Ob. cit.*, vi, pags. 665-6, 670-1; figs. 324, 328 e 329 de pag. 671.

[2] Victor Gross, *La Tène, un oppidum helvète*, pag. 23 e pls. Fetscherin et Chuit eds. Paris, 1886. — Reinach, *Ob. cit.*, vii, pag. 172.

[3] Gustave Le Bon, *Les prémières civilisations*, fig. 8, pag. 20. Marpon et Flammarion eds. Paris, 1889.

[4] Martha, *Ob. cit.*, fig. 208, pag. 310.

e principalmente com a dos leões babylonicos, [1] tratada, de resto e sempre, como as asas das aves e dos monstros.

Fig. 75

Um animal alheio a toda a fauna (fig. 83) é ainda outra phantasia intencionalmente burlesca no sceptico gesto popular, mixto de quadrupede e bipede, com expressões humanas o «que succedia no principio do mundo, quando os bichos fallavam.» Tal maneira de graça, já antiga, já do caricaturista egypcio, [2] estende-se ao saurio montado (fig. 84) em que o barrista distendeu sufficientemente os membros anteriores com o mesmo vulgar expediente primitivo que allongava as mãos por motivos identicos. [3] Esta pequena esculptura e a seguinte (fig. 85) approximam-se, sob varios aspectos, d'uma estatueta do antigo estylo cypriota, [4] composta, no entender d'alguns archeographos, como brinquedo de creança. O sauriano que alguem cavalga integra-se afinal na mesma especie de phantasia que concebeu os cavallos alados da Etruria e do Oriente; mas a reunião do equideo com outra cabeça animal, lembrando, é certo, os cavallos associados a aves, na Italia e nas moedas gaulesas [5] é, todavia, singularmente aberrante, como por egual, na esculptura seguinte, (fig. 86) a barbarie não pode ser excedida.

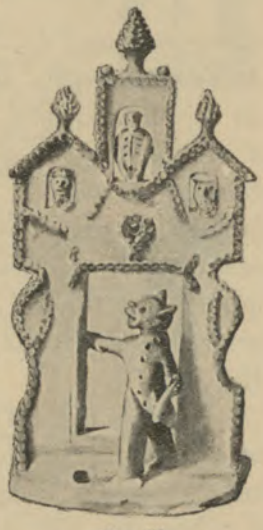


Fig. 76

Ora toda esta estatuaria, em que as figuras de mais vulto attingem apenas alguns decimetros, apresenta sempre estes dois inamoviveis accessorios: um assobio e orificios para palitos. Dão-lhe assim ingenuamente este prestimo para adultos; as creanças, porém, determinam a acorrencia de clientes e para ellas fabricam ainda os oleiros todos os typos de vasilhame em miniatura, outros estranhos ás formas lá commummente fabricadas (figs. 87 e 88), mealheiros, castiçaes, armadilhas para toupeiras, flautas (figs. 89 e 90), assobios de agoa (fig. 91), especies de ocarinas imitando o cuco, cornetas (figs. 92 e 93) emfim. A fabrica-

---

[1] Perrot et Chipiez, *Ob. cit.*, II, *Chaldée et Assyrie*, figs. 267-8-9 de pags. 567-8-9; fig. 273, pag. 578, etc.

[2] Le Bon, *Ob. cit.*, fig. 196, pag. 336.

[3] Reinach, *Ob. cit.*, VI, pags. 299 e 300-2.

[4] Garnier, *Ob. cit.*, fig. 60, pag. 105.

[5] Reinach, *Ob. cit.*, VII, fig. 406, pags. 181-2.

ção com destinos infantis, é, de resto, bem antiga; já verosimilmente nas palafittas da edade do bronze, já nos tumulos das creanças de todas as regiões hellenicas se encontram objectos proprios para ellas. [1]

Fig. 77

E os instrumentos musicos em olaria — trombetas, flautas, chocalhos, campainhas — tiveram e teem um fabrico, a bem dizer, universal, [2] deparando-se-nos ainda na olaria portuguesa as campainhas de Ovar, os assobios de Estremoz e os rouxinoes que apparecem em Lisboa nas festas de junho, cujo som é modulado e variado, como succede nos de Prado, por meio da agoa agitada com o sopro do tocador. [3]

Todos estes productos de modelação rustica, no seu naturalismo ingenuo, nas suas formas humanas redusidas ás indicações essenciaes, no apertado ambito de attitudes e gestos, na concepção dos seres ficticios e das monstruosidades, confirma a penuria anteriormente denunciada e estabelece uma indubitavel coherencia esthetica com as faculdades decorativas e a opprimida variedade formal. O oleiro realisou quasi todas as composições que o esculptor ceramico emprehende sob a inspiração das festividades e dos typos populares, dos costumes, das tradições, da fauna local, exceptuando, todavia, as imagens de devoção, facto para registro entre a população d'uma provincia onde «a religião constitue o fundo de toda a sua vida moral». [4] Procedendo, comtudo, semelhantemente aos oleiros modeladores que, para os mesmos elementos, usos e successos, buscam a traducção em barro, ficaram no estadio inicial, como impedidos de evolver, como sequestrados do exame e convivencia com os productos similares que o paiz fabricou.

Figs. 78 a 80

E emtanto uma productividade consideravel de estatuetas ceramicas, em faiança e em barro vermelho, inundou as habitações.

Darque, com as suas faianças, distribuiu as conhecidas figuras comicas e outras de costumes; Devezas e Afurada multiplicaram os seus typos populares, episodios de

---

[1] Gross, *Les Protohelvètes* cit., pag. 92. — Garnier, *Ob. cit.*, pag. 109.

[2] Brongniart, *Ob. cit.*, pag. 489. — Garnier, *Ob. cit.*, pag. 517.

[3] F. Ferraz de Macedo, *Ceramica popular portuguesa: Assobios de agoa*, in *Revista Lusitana*, III, pags. 82-4. Lopes ed. Porto, 1893.

[4] Alberto Sampaio, *A propriedade e a cultura no Minho*, pag. 129. Porto, 1888.

romaria e scenas rusticas; Aveiro modelou os lindos brutescos para os beiraes; Vista Alegre reproduziu os costumes de Aveiro e Ilhavo; as Caldas dispersaram abundantemente as suas formas tradicionalmente herdadas e mantidas. Com meritos desiguaes, é certo, sob influencias diversas, ora cultas, ora pendentes de aptidões individuaes, ora subordinadas a modelos legados, essa estatuaria não excede comtudo os limites d'uma arte accentuadamente popular. E popular foi ainda a esculptura em barro do seculo XVIII que produsiu os retabulos, as imagens, os ex-votos e todas as deliciosas figurinhas de presepio que encheram os conventos e os oratorios particulares. Radicando em origens cultas, ou seja nos artistas que realisaram as grandiosas composições de Alcobaça, pelos meiados do seculo XVI [1] ou na escola de Mafra, [2] os estatuetistas procedentes, no sul e em Aveiro, [3] absorveram-se n'uma hagiographia popular e n'uma iconographia de costumes que, através do convencionalismo geral da epocha, marcam inconfundivelmente a alma portuguesa.

Fig. 81

Fig. 82

Nos barros que sobejam da antiga fabricação de Aveiro está representada toda a familia pastoril dos presepios, o martyriologio de Jesus, certas passagens do

Figs. 83 a 85

evangeliario e dos santoraes populares sob a impressão ingenuamente naturalista que no povo bebeu as fontes inspiradoras. E nos despojos do museu das Janellas

---

[1] JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *Exposição de arte religiosa em Aveiro,* annexo ao *Catalogo da Exposição de arte religiosa em Aveiro,* pag. 138. Aveiro, 1895.

[2] RAMALHO ORTIGÃO, *Exposição de arte sacra ornamental. Catalogo da sala de Sua Magestade El-Rei,* pag. 13. Lisboa, 1895.

[3] JOAQUIM DE VASCONCELLOS e MARQUES GOMES, *Exposição districtal de Aveiro em 1882. Reliquias da arte nacional,* pag. 40. Aveiro, 1883. — VASCONCELLOS, *Ob. cit.,* pag. 138.

Verdes se exhibe ainda, mutilada, a representação de presepios e lapinhas, «com a graça festeira d'uma romaria minhota, pobres de estradas, zagaes, almocreves, scenas ruraes ou urbanas, como a matança do porco, os galanteios junto do chafariz. É uma pagina imagetica de folk-lore e de religião, ao mesmo tempo psychologica e decorativa, dando o maneirismo artistico do seculo passado que modelou em preciosos requebros de sala o mais humilde gesto plebeu e fixou em figurinhas de presepio o christianismo paganisado que resuma do antiquissimo elemento hellenico.» [1]

Fig. 86

Immutaveis nos primeiros ensaios, embora timidamente busquem os mesmos motivos que serviram a olaria d'um seculo distante, desprovidos de influencias cultas e por ventura dotados estructuralmente de faculdades plasticas muito restrictas, o meio social acaba de nos explicar porque os oleiros de Prado, á hora que é, exprimem nos seus productos uma phase artistica proto-historica.

V

CONSPECTO SOCIAL

Centros de producção ceramica no norte de Portugal; sua multiplicação por virtude da abundancia de argillas.—Categorias filiadas na expansão mercantil.—As olarias de Prado representam a industria ceramica popular mais ampla do paiz.—Incoherencia e cahos dos documentos officiaes. Recurso da averiguação individual e interessada.—Commercio directo e por intermediarios; os mercados; as feiras.—O lucro do mercador é uma iniquidade.—Situação do oleiro; a casa; o mobiliario; a horta.—Como aprendeu.—Regimen do trabalho: por conta propria, de jornaleiro e tarefeiro.—Especialisação no fabrico.—O meio: indigencia pessoal, paysagem mesquinha, arte religiosa, unica que conhece, dissolvente e nefasta.—Conclusões: decadencia artistica e industrial; parallelismo esthetico com uma civilisação proto-historica.

A despeito da insufficiencia consideravel de dados em que se nos exhibem os inqueritos ás industrias do paiz, geraes ou parcellares, sobejam os elementos dispersos, colhidos nas indagações locaes, para se affirmar que as olarias comprehendidas na denominação generica de Prado constituem a industria ceramica popular mais ampla de Portugal, não obstante uma decadencia accentuadamente manifesta. Os artefactos de barro produsem-se no paiz, ou em aldeias isoladas comportando um numero restricto de profissionaes e irradiando commercialmente em zonas muito limitadas, ou então em regiões cuja occupação essencial é a do fabrico da loiça, extenso a areas relativamente mais vastas e com horisontes mercantis mais dilatados. A abundancia da argilla explica a somma consideravel de olarias que, desde tempos mais ou menos remotos, se manteem no paiz com melhor ou peior

[1] João Barreira, *Os barristas do seculo XVIII*, in *Jornal do Commercio* de 2 de dezembro de 1898. Lisboa.

exito; o accesso commercial dos productos de determinados fócos provem naturalmente da qualidade das loiças, filiada, por sua vez, na naturesa mais apreciavel da materia prima.

N'este ultimo grupo incluem-se, no Minho, as olarias de Prado, no Douro as de Ovar, Aveiro e Miranda do Corvo, na Beira as de Tondella. Est'ultima, mais justa e frequentemente denominada de Mollelos, tem uma expansão mercantil cujos limites são a raia do paiz ao norte e a Figueira para o sul; a de Miranda do Corvo abastece uma larga zona beirã e regiões extremenhas littoraes adjacentes; as do districto de Aveiro, além da população muito densa a que utilisam, invadem alguns mercados do interior do paiz e, no norte, chegam até ao Porto. Simultaneamente concorrem os artigos dos pequenos focos. São, em Aveiro, a olaria de Ossella (Oliveira de Azemeis), a de Aradas, antiquissima, á qual já se referem documentos do seculo xvi,[1] a de Angeja, a de Vagos, a da Feira; na Beira e em Traz-os-Montes as de Rezende, Visalhães, Villa Pouca, Alijó, Moncorvo, Chaves, Mirandella e Bragança; no Entre Douro e Minho, Amarante, já na serra, Baião, Guimarães, com a sua producção redusida a metade,[2] Amares, Caminha e Vianna.

Figs. 87 e 88

Na separação em dois grupos, segundo a latitude mercantil e consideradas apenas as officinas situadas áquem Mondego, ha uma escala gradativa de importancia cujos termos limites são a séde das loiças de Prado, d'uma banda, e na outra o oleiro de Soalhães (Marco de Canavezes), unico productor aqui existente (maio de 1898) e destacado das olarias de Lordello (Baião). Estabelecel-a não é possivel em virtude das lacunas accusadas; mas presente-se que as olarias de Mirandella e de Villa Real, por exemplo, n'uma provincia onde não existe um grande centro productor, teem outra significação industrial que as de Caminha e de Vianna, mercê, n'este caso, da absorpção exercida pela proxima manufactura do Baixo Minho. As mesmas considerações cabem ás officinas do districto de Aveiro onde os productos da cidade e de Ovar excedem, em valor e numero, os das restantes olarias rusticas da mesma cirumscripção administrativa.

Categorisadas, portanto, em dois grupos, n'um a grande producção com a amplitude mercantil correlativa, no outro uma fabricação diminuida em vario grau, a loiça de Prado assume o alto da escala, não só áquem Mondego, por onde restringiremos estas notulas, mas em todo o resto do paiz. Administrativamente a olaria de Prado pertence aos tres concelhos de Barcellos, Villa Verde e Braga;

---

[1] *Catalogo da Exposição de Aveiro,* promovida pelo *Gremio moderno,* em 1882, pag. 75. Porto, 1883.

[2] *Relatorio da Exposição industrial de Guimarães em 1884,* promovida pela *Sociedade Martins Sarmento,* pag. 22. Porto, 1884.

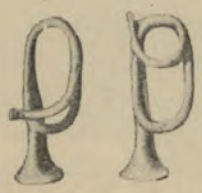
mas realmente é toda uma como materia prima e formas, o que já não succede no districto de Aveiro onde as loiças de Ovar se distinguem das da cidade, muito mais das de Aradas, ainda mais das de Ossella.

E sobre tudo isto, emquanto os oleiros da bacia do Vouga não manteem laços realmente desnecessarios em face da «individualidade industrial» de cada grupo, os dos tres concelhos minhotos constituem uma grande corporação solidaria na tradição formal e decorativa, na apropriação da argilla d'um mesmo e grande jasigo—o da mancha pliocenica já alludida—na technica, por fim. O sentimento do facto determinou vulgarmente a generalisação d'um só nome á loiça fabricada n'uma area relativamente vasta, quando afinal em Prado a manufactura é muito restricta e hoje quasi limitada aos productos das telheiras.

Poderão os numeros officiaes corroborar as affirmações procedentes d'um inquerito privado? Effectivamente o valor attribuido aos artefactos ceramicos de Barcellos e Braga, excluindo o de Villa Verde em que os documentos são mudos,

Fig. 91

Figs. 89 e 90



Figs. 92 e 93

attinge uns 40 contos annuaes, numeros redondos; [1] vem seguidamente Miranda do Corvo com cerca de 12 contos, 8 para Tondella, 8 para Ovar, 4 para Aveiro, menos successivamente para outros centros productores. [2]

Grosseiramente estes algarismos tradusem um aspecto bastante imperfeito dos factos, embora a proporção seja approximada por, em todos os inqueritos locaes, as lacunas manterem, por egual, similar proporcionalidade: carencia de resposta aos quesitos, por exemplo, encobrimento da verdade por desconfiança de tributação. Mas importa reparos o tumulto e a incoherencia dos documentos archivados pelos concelhos e seguidamente dados á luz pela administração central, ainda que por esta depurados de fraudes e erros manifestos. Assim, emquanto no concelho de Braga o valor dos artefactos é computado em cerca de 20 contos, attribuindo-se ao barro empregado pouco mais de 4, no de Barcellos a importancia dos productos não attinge 21 e não obstante o barro custára mais de 7! [3] Ora o barro é sempre o mesmo, por assim dizer, e invariavel o preço do carro.

---

[1] *Inquerito industrial de 1890*, III, pags. 137-252. Lisboa, 1891.

[2] *Inquerito* cit., III, pags. 373 e segs.; V, pags. 201-96.

[3] *Inquerito* cit., III, mesmas pags.

Ainda: para fabricar artigo no valor pouco excedente a 20 contos ha no concelho de Barcellos 101 officinas; para manufacturar a mesma mercadoria com um proximo computo dos mesmos 20 contos ha no de Braga só 19. [1] O criterio firmado sobre taes bases condusiria a inferencias inteiramente alheias á realidade, quando é certo que pelos mesmos processos, regimen de trabalho, material e barros procedem os oleiros de toda a região.

Organisar quadros comparativos é impraticavel, como se disse, ante a cahotica anarchia das cifras. O inquerito local effectuado por uma entidade particular de toda a competencia attribue á olaria de Guimarães uma importancia de cerca de dez contos annuaes [2] e o inquerito official limita-a a setecentos e cincoenta mil reis. [3] Esta disparidade inexoravelmente impede o jogo com taes numeros; e o que succede em documentos de conjuncto encontra-se por vezes em outros mais redusidos: no inquerito industrial do districto do Porto, documento interessante por muitos titulos, indica-se a somma de fornos de ceramica para Baião e ignora-se o de operarios — o que ainda se comprehende —, do mesmo passo que se registra o algarismo representativo dos oleiros de Gaya, á beira Porto, e desconhece-se a quantidade de fornos — o que mal se explica. [4]

Cingindo-nos, pois, á averiguação individual no foco productor e nos centros de consummo, resulta que o fabrico se effectua em muitos logares de mais de duas desenas de freguesias dos concelhos apontados, avultando nomeadamente a producção nas duas freguesias de Gallegos, nas de Oliveira, Lama, Areias e Pousa, (Barcellos) e nas de Cabanellas, Prado, Oleiros, Cervães e Parada de Gatim (Villa Verde); Palmeira, S. Pedro e S. Paio de Merelim (Braga), Manhente (Barcellos), Soutello e Moure (Villa Verde), teem hoje a sua producção ceramica limitada a telha, exclusivamente. Os productos d'algumas d'estas freguesias destinam-se a um consummo certo e fixo: Pousa, por exemplo, fabrica principalmente para o Porto. Mas não se adstringe a um só mercado a producção d'um local; bastante se manufactura para apparecer nas feiras e romarias, embora certas correntes estabelecidas de ha muito determinem, naturalmente, a affluencia permanente, n'um mesmo mercado — Braga, Barcellos, Famalicão, Vianna, etc. — do artigo da mesma origem.

Nas feiras, independentemente dos productos d'outra séde, o vasilhame de Prado, ou domina, ou, como em Coura, Monsão, Melgaço, ainda avulta, não obstante a concorrencia das olarias de Vianna e de Caminha. Invadindo todos os mercados do interior, desde as feiras quinzenaes de Ponte, da Barca e dos Arcos (fig. 94) até ás alturas da Peneda, na romaria de setembro, penetrando na Galliza,

---

[1] *Inquerito* cit., mesmo tom. e pags.

[2] *Relatorio* cit., pag. 22.

[3] *Inquerito* cit., id. id.

[4] *Relatorio apresentado... ao presidente da Commissão districtal do inquerito ás industrias pela sub-commissão encarregada das visitas aos estabelecimentos industriaes*, pags. 8-9. Porto, 1881.

acudindo a Lamego e Vizeu, mantendo uma procura constante no Porto, ainda para o sul do Douro surge a par com o d'outras procedencias.

Nas feiras da Oliveirinha (Aveiro) a loiça de Prado, vidrada e fosca, apparece (outubro de 1898) junta com a vermelha mate de Albergaria e a negra de Quintans; no mercado da Figueira, amplamente fornecido pelas vasilhas de Miranda do Corvo, pela ceramica vidrada de Amieiro (Cantanhede) e de Alfarellos (Soure), pela negra de Mollelos (Tondella) e ainda pela de Estremoz, tambem está representada a de Prado (julho de 1898) em pequena quantidade, é certo, e como procedente de Braga.

Fig. 94. — Feira da loiça em Arcos de Val de Vez

O consummo nas feiras representa um dos mais consideraveis recursos de venda, mesmo nos logares em que se mantem um commercio permanente; nas proximidades do Porto (Mattosinhos) uma romaria annual pretexta numerosas transacções durante mais de duas semanas, renovando-se frequentemente o mostruario que se exhibe no local e onde acodem, mesmo para fornecimentos de anno, populações dos concelhos de Bouças e da Maia.

Em feiras grandes o oleiro ou a familia vendem directamente o artigo; por vezes entre o fabricante e o publico ha um intermediario local, tambem oleiro, mas, por mais traficante e aventuroso, tendo previamente encommendado, a tarefas, uma certa quantidade de vasilhas que depois vende distante. Este e o mercador de

profissão colhem um lucro de 300 a 600 por cento, o que constituiria uma monstruosa iniquidade se esta mercancia, como todas, na moral vigente, não fosse um commercio honrado!

O euphemismo que vela uma descaroavel expoliação, da mesma sorte encobre, em todo o paiz, a mingua que assim explica a ruina impune das olarias ruraes. A proposito da loiça de Estremoz, hoje em indefectivel decadencia, já se observou que as vendas se effectuavam, tam pouco, com 600 por cento de usura, e ainda com 200 as das Caldas da Rainha. [1]

O mercador, que afinal é quem, d'ordinario, vende ao publico, a concorrencia d'outras loiças, por ventura a funilaria em minima parte, determinam a ruina progressiva da industria que, ainda apesar dos seus consideraveis mercados, vem sendo proclamada já de longe. «A sua telha (de Prado) cobriu, por assim dizer, todos os telhados do Minho; a sua loiça invadiu todos os mercados da provincia; hoje, porém, essa florescencia decahiu...» [2]

Penetrando na habitação d'um oleiro o quadro denuncia breve toda a sua existencia miseranda. No hortejo que cerca a casa um telheiro diminuto, a pedra solta, encerra o torno, abriga o barro, reserva as peças já promptas para o forno. Rente ou proximo, o predio de viver é terreo, com suas barras de pau, roupas em desalinho, pobre e rude mobiliario onde mais logar occupam algumas caixas que guardam loiça, para feirar. Fumo e barro como que tudo envolvem—mulheres, creanças, onde se reflecte a dupla miseria social e organica, o pavimento terreo, o solo da horta onde medram apenas uns pés de vinha, uma arvore de pomar e a estiolada flora hortense que o rebotalho d'uma argilla sáfara permitte áquelle sólo avaro. Ao de cima um ar desolado da amarga vida, remuneração exigua, intercadencias no trabalho, expoliação sabida e irreparavel!

—Damos aos de Braga por um vintem o que elles lá vendem por quatro e seis!

Os de Braga são os honrados mercadores da cidade augusta!

Em volta d'este rustico miseravel e resignado os filhos crescem e, pouco a pouco, vão fazendo espontaneamente o aprendisado, sem indicações nem estimulos paternaes, na hora vaga em que o oleiro não tem obra nem tarefa, ou trabalha fora por jornal. Adeante reprodusirá inalteravel a mesma vida, manufacturando algumas fornadas por conta propria, mas occupando-se principalmente, em jornaleiro, nas olarias de mais venda, ou em casa fabricando por tarefas.

Estas dá-lh'as o oleiro que vende longe ou o que, annexa á lavoura, tem uma officina onde, com os filhos, mantem subsidiariamente a pequena industria. São os mais desafogados; a terra sustenta-os em parte; as relações abrem-lhes a collocação facil do producto; e assim, lavrador e barrista, carece frequentemente do jor-

---

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica* cit., pag. 97.

[2] José Augusto Vieira, *O Minho pittoresco*, I, pag. 408. Pereira ed. Lisboa, 1886.

naleiro aos dias, ou incumbe-o do fabrico em sua casa. Para a obra de encommenda escolhe os *feitores*—porque os ha especialistas: uns que só fazem certas infusas, outros certos alguidares, outros, até, que exclusivamente são forneiros.

Por sobre a exiguidade dos beneficios d'esta industria [1] veem ainda os periodos de actividade violentamente inoccupada; já o telheiro, em penuria de labor, vende cevados no inverno até ao entrudo ou é «taxinha» no arredor de Braga; ao oleiro, porém, a existencia aggrava-se-lhe se o trabalho é escasso. De sorte que n'esta vida miseravel, enquadrada n'uma paysagem mesquinha e curta e sobre uma terra que a agoa por vezes converte em brejos, a imaginação mais fertil tombaria, como acontece, no automatismo d'um fabrico herdado, sem fugas, sem creações, sem devaneios, submettida á interdependencia d'esses factores nefastos. Uma ou outra tentativa de melhoria de artefactos mallogra-se ao nascer, por imitações e por copias, estas mesmo em breve obliteradas. [2] E o «meio artistico» acaba por suffocar irreductivelmente qualquer aptidão embryonaria.

---

[1] Para a realisação d'uma fornada o oleiro carece, além do barro que compra a 400 ou 500 reis o carro, de 8 arrobas de mistura de galena de chumbo e areia e tres carros de lenha; cada um d'estes obtem-o a 800 ou 1$000 reis; o chumbo, que mistura na proporção d'uma arroba de minerio para 8 arrateis de areia do matto, adquire-o, no Porto ou na Galliza, á rasão de 4$200 reis cada 50 kgs. Pela moagem de cada arroba paga 100 reis; pela argilla de Alvarães, empregada nos ornatos, paga a 3$000 reis o carro. Ora sem entrar em conta com dois factores primordiaes,—a quantidade de barro gasto e a mão de obra, caseira ou de jornal, que n'este caso oscilla entre 140 e 240 reis diarios, com mantimento—sem incluir a parcella referente á quantidade de barro utilisado na decoração e bem assim dos oxydos de cobre e de ferro frequentemente empregados, com maior motivo excluindo os valores representativos das peças inutilisadas e da argilla perdida por causas fortuitas, só o chumbo, a moagem d'este e a lenha para uma fornada custam 13$280 reis. Esta fornada representa 3 carros de loiça que o oleiro venderá a 12$000 reis cada. De sorte que, dedusindo dos 36$000 reis os 13$280 indicados, restam 22$720, que pagarão o trabalho ou jornaes e a materia prima! E, em regra, só pode effectuar 12 fornadas annuaes—quando é o lavrador-oleiro remediado!

[2] No logar de Cervainhos, freguesia de Cervães, concelho de Villa Verde, um oleiro fabricava a especie de loiça em terra-cota a que se alludiu anteriormente. Este homem, o *Carapanta*, que estivera em Sacavem, na Vista Alegre e no Brasil, manufacturava com o barro de Cova (n.º 8) a chamada loiça fina de Prado, reproduzindo as formas conhecidas e vulgarisadas pelas fabricas de faianças e outras e marcando-as com as suas iniciaes—F. C. A materia prima empregada pagava-a a 1$800 reis o carro, o forno, como se viu, marcava já influencias progressivas e o preparo da pasta e o acabamento das peças obrigavam a uma mão d'obra muito mais cuidada e lenta. Vivo, edoso, educando um filho já casado, seu unico cooperador, lastimava-se da falta de cultura, que reconhecia, da carencia de livros e saber. Tinha outras curiosidades; e como se desmontasse um apparelho photographico para a obtenção d'alguns clichés da sua officina, pediu explicações, que lhe foram dadas, e examinou attentamente a machina e o seu jogo. Affirmou nunca ter produsido peça que o satisfizesse, bem perfeita, lamentando emtanto a inanidade dos seus esforços ante a mesquinhez da recompensa. Ao emprehendimento d'este oleiro não são estranhas, é claro, as influencias das viagens e da sua passagem pelas fabricas de loiças. Mas outros ha, em Lama, por exemplo, que rivalisam com elle em semelhante producção, embora alheios ás influencias referidas. Taes artigos denunciam a possibilidade de alguns progressos sob um dominio educativo.

«Basta lembrar as romarias e alguns santuarios celebres do paiz, como o Bom Jesus em Braga... Que arte a d'estes templos, d'essas capellas atulhadas de figuras horrendas! As scenas da Paixão e as dôres da Virgem, interpretadas da maneira mais grotesca, uma caricatura ignobil das scenas mais sublimes da escriptura!... E pensar a gente que essa farça dos Passos do Bom Jesus, traçada na pedra n'um seculo de profunda decadencia moral, litteraria e artistica, é admirada todos os annos por desenas de milhares de romeiros populares, que são esses os unicos modelos da figura humana que elle contempla e fixa na memoria!... O homem do povo faz um museu de pessimo gosto em casa, uma galeria horrivel; vae á egreja e encontra exemplares da arte mais bastarda; segue para a romaria e dá de frente com santuarios, como os já citados de Braga e Lamego; volta para casa e acha o caminho coalhado de leprosos e aleijados, com chagas fingidas ou verdadeiras, com pernas e braços proprios de theatro anatomico. Que quereis que elle pense? Que quereis que elle faça?» [1]

Os mesmos homens denominados cultos que ministram e administram semelhante arte são, estheticamente, os que teem determinado as famosas deturpações nos estylos dos templos e, n'um egual sentimento logico, os que promovem as festividades locaes de analoga influencia dissolvente. A dança do rei David, o carro dos pastores e a cascata em S. João da Ponte, por exemplo, constituem uma inverosimil torpesa artistica.

Nem a graça espontanea, nem a originalidade populares interveem; dicta apenas semelhante burla um indouto e amoral proposito interesseiro com que a cidade maravilha e deslumbra as populações ruraes que a visitam então. O ensinamento generalisa-se na provincia pela imitação e concorrencia, erguendo-se santuarios e reprodusindo-se festejos sob a norma funesta com que Braga interfere na desolante miseria esthetica regional.

Semelhante perversão, inconsciente em vario limite — pois que a incultura geral excede a mais provavel indigencia — assim concorre para que uma arte popular tam generalisada avilte o gosto n'uma população que, na ourivesaria, na ferraria, na tecelagem, na ornamentação dos jugos, na estucaria, na obra em pedra, exprime faculdades latentes capases de melhores successos.

Na habitação popular da provincia as imagens de romaria em quadros, nas paredes, e as estatuetas de Prado resumem afinal, com um indumento humilde, os seus unicos objectos d'arte. A imaginaria que as confrarias fornecem não pode ser mais fruste; e a ceramica, ou é como a esculptura que vimos, ou de quadro formal oppresso e restricto.

Ora sendo a olaria a nossa arte mais popular e de maior accesso por virtude do seu emprego domestico imprescriptivel e comparticipando implicitamente de grande numero de funcções caseiras, outro poderia ter sido o aproveitamento das

---

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica* cit., pags. 64 e 70.

disposições tradicionaes dos ceramistas rusticos, desdobrando, com os minimos recursos exigidos, as formas ou inamovivelmente mantidas ou visivelmente deturpadas.

Escola de desenho e modelação, ensinamento de dosagens e vernises, cooperação na defesa contra um trafico cruel e exhaustivo e ainda varias soluções enfeixam-se, como outros tantos devaneios, n'uma só chimera, ingenua e grata.

Pobrissimo, rude, exilado e expoliado, a existencia do oleiro dá-lhe travos de martyrio e apenas, em lampejos breves, a magoa se dilúe tenuemente nas romagens — unicos ensejos da sua lastimavel formação educativa!

A conjugação d'estes multiplos factores explica porque não evolveram os ensaios plasticos dos oleiros de Prado, e antes uma decadencia recente, por ventura irremissivel, degrada mais essa arte barbara. [1] Data ella de longe? Conforme a tradição, alludindo Bartholomeu dos Martyres, no concilio de Trento, á venalidade carnal dos padres da sua diocese, dissera:

— Só em Prado conheço os que não peccam, mas esses são de barro e, se Vossa Santidade quer, para cá lhe mando alguns assim formados. [2]

A allusão transparente á estatuaria rustica, se em alguma certesa assenta a phrase attribuida ao arcebispo, recúa já até ao seculo XVI a modelação em barro na provincia. É presumivel, comtudo, a sua longevidade, embora as referencias antigas incidam apenas sobre as loiças; mas, ou relativamente moderna, ou sobrevivencia de formas archaicas através de todas as influencias e progressos, o seu caracter é estreitamente logico com o estadio parado e primevo da morphologia dos vasos e da decoração que os ornamenta. A indigencia plastica vae de passo com a penuria eurythmica e com o ornato geometrico ou timidamente phytomorphico.

Não esquecendo a similitude de proceder nas raças mais differenciadas, nomeadamente quando eguaes necessidades determinam um mesmo pensamento, e excluídas em consequencia as formas geradas por ventura e independentemente de imitações e influencias, a reunião e convergencia dos documentos ceramographicos de Prado exprime uma phase de civilisação que quasi se integra em tempos antehistoricos.

As identificações estabelecidas por analogia, a despeito d'um ou outro antago-

---

[1] Passam dois ou tres annos que os oleiros começaram a apresentar nas feiras alguns especimens da sua estatuaria, simplesmente cosidos, sem vidro, e pintados depois a verde, azul e vermelho. É irreprimivel o espanto em presença d'essa verdadeira arte de preto. Entretanto logrou uma compensadora acolheita. Perto do Porto, em Mattosinhos, não só o povo adquiriu logo as primeiras remessas: a «gente fina» brindou profusamente as creanças com «a novidade». Cumpre fixar, todavia, que esta clientella desafogada é da mais pobre origem, procedendo directamente dos humildes — moços de lavoura e moços de bordo, — que, em varios traficos, alcançaram dinheiros. Estheticamente confundem-se; distanceia-os apenas a affectação e o regalo da fortuna.

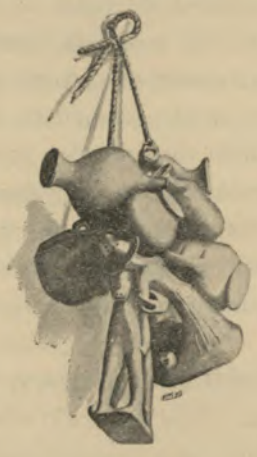
[2] José Augusto Vieira, *Ob. cit*,. I, pag. 408.

nismo de ordem ethnica nas procedencias dos motivos comparados, apparente ás vezes, explicavel n'outras, indusiriam a derivar illações de parentesco, já emergentes na descripção e comparação transcorridas. É prudente, no emtanto, esperar por mais factos, obtidos em outras manifestações das faculdades e do trabalho popular.

Da systematica interpretação dos documentos, mesmo inclusos os que, denunciando influencias actuaes, não se afastam do mesmo grau de sentimento e faculdade technica, indifferentes os minimos avanços de fabrico, como por egual as insignificantes sobrevivencias neolithicas indicadas, um asserto resulta: é que as actuaes olarias de Prado representam estheticamente uma civilisação proto-historica, bem enlaçada sobretudo a alguns aspectos que nos exhibe a arte de varias estações da edade do bronze.

Porto. Outubro, 1899.

Rocha Peixoto.



ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO

(Concelho d'Elvas)

I

AS HERDADES

Os campos do Alemtejo, áparte os arredores das povoações, são, na sua quasi totalidade, divididos em grandes tractos de terreno que se denominam *herdades*. Por via de regra cada herdade ou grupo de herdades annexas sustenta uma exploração agricolo-pecuaria chamada *lavoira*.

O dono da lavoira conhece-se pelo nome de *lavrador*, accrescentando-se-lhe o sub-titulo de *rendeiro* se as herdades que disfructa são propriedade de outrem a quem elle as arrendou. O lavrador typico alemtejano é o lavrador rendeiro. Ao proprietario da herdade, que não é lavrador, chama-se-lhe *senhorio*.

O conjuncto de herdades que constituem uma lavoira designa-se por *cómmodo*. O centro do *cómmodo* é o «monte», vocabulo por que se denomina a casa de habitação da herdade, a qual casa serve simultaneamente de séde do grangeio agricola. O monte accommoda em si o *casco* da lavoira, isto é, toda a *ucharia*, representada por mantimentos, forragens, alfaias agricolas, etc.

Das herdades em que se não installam centros de lavoira por estarem distantes d'aquella que o lavrador respectivo adoptou para séde permanente do *cómmodo*, diz-se que andam de *cavallaria*.

Das que se annunciam para arrendamento, e que ficam por arrendar, usa-se dizer: — «estão á vara».

Todas as herdades teem nome proprio, algumas bastante adulterado. Exemplo: Meimõas por Amimôas; Alvaro Annes por Alvaranha; Cochixólla por Quexólla.

O nome de muitas deriva dos primitivos pessuidores. Exemplo: os Falcatos; a do Brito; a do Chaves; a do Pinto; a do Gaspar; a dos Duques; monte dos Frades; a da Misericordia; etc.

De uma sei que, pelo facto de ha seculos estar arrendada a descendentes do antiquissimo rendeiro, o vulgo só conhece pelo appellido de familia dos arrendatarios e não pelo proprio que é egualmente o nome do senhorio. É a Torre do Siqueira, vulgarmente conhecida por Torre do Picão.

Outras distinguem-se pelo diminuitivo da herdade visinha mais em evidencia. Exemplo: Alcobaça, Alcobacinha; Passo, Passinho; Algueireiras, Algueireirinhas; Cagoas, Cagoinhas, etc.

É frequente haver duas contiguas com egual nome. Exemplo: Pereira de Cima, Pereira de Baixo, Abegoaria de Cima, Abegoaria de Baixo, etc.

Na nomenclatura das herdades, assim como se notam nomes extravagantes e singulares, tambem se registram outros vulgarissimos a ponto de os vermos empregados em duas ou tres do mesmo concelho. Nos vulgares predominam as «Pereiras», os «Azinhaes», as «Casas Brancas», os «Reguengos», etc. Ha tambem muitas Torres, que se distinguem por um sub-titulo qualificativo. Exemplo: Torre do Mouro; Torre de Palma; Torre Arcas; Torre dos Clerigos, etc.

Topographia.—Como em quasi todo o Alemtejo as herdades da região elvense abrangem vastas planicies e extensas encostas de terrenos mais ou menos ondulados. Umas e outras são cortadas pelo rio Caya e pelas ribeiras d'Algalé, Torrão, Cêtto, Cayolla e Varche.

Todos deixam de correr no rigor do estio apesar de o Caya e Algalé serem caudalosos no inverno. O Guadiana ainda banha extensas e fertilissimas varzeas servindo de baliza a Portugal e Hespanha.

Ás planicies que ficam a Leste, entre Elvas e Badajoz e aquella cidade e Campo Maior, chamam-se-lhes *barros* em virtude da natureza do solo, em geral bastante argilloso. Estes campos, completamente nús, seccos no fim do verão, são singularmente propicios á cultura cerealifera que n'elles se explora com vantagem e em larga escala. E porque elles dão trigo e cevada em abundancia, entende-se com justo criterio que não vale a pena arborisal-os ou utilisal-os com qualquer outra cultura mais dispendiosa e menos lucrativa.

É isto o que o bom senso aconselha, embora não agrade a muitos viajantes que as atravessam no caminho de ferro em agosto, por occasião dos touros a Badajoz. A elles, ao notarem a apparente desolação d'aquella zona, por vezes temos ouvido commentarem assim: «Que vergonha haver ainda em Portugal tanta terra inculta!...» «Que deserto!...» «Nem uma arvore, sequer!...» «Este Alemtejo é peior que a Africa!» E por aqui fora com dislates semelhantes, sem ao menos suspeitarem que o que elles chamam «um vergonhoso deserto inculto», é terra excellente e semeada quasi todos os annos. É nada menos que a terceira região cerealifera do paiz, produzindo annualmente alguns milhares de moios de trigo e outros cereaes e legumes!... Aqui está um exemplo frisante da consciencia com que se faz critica em Portugal.

Para o sul e poente apresentam-se terrenos de natureza diversa, vendo-se her-

dades de montados de azinho e algum sobro; simultaneamente produzem cereaes e pastagens. Ao noroeste e norte observam-se planicies e encostas de terrenos mais delgados, de analogas producções, que se prolongam até aos limites de Barbacena, S. Vicente e Ventosa, com a visinha freguezia de Santa Eulalia, vasta zona um pouco accidentada, granitica e arenosa. As herdades aqui são as maiores do termo. Ao norte, nordeste e leste de Santa Eulalia, os montados estão velhos e caducos, quasi extinctos, sem arvoredo novo que os substitua. Ao sul e poente escasseiam, e ao sudoeste ostentam-se vigorosos, com tendencia a augmentarem pela creação espontanea de milhares de chaparros.

O terreno é, como já vimos, essencialmente arenoso, produzindo bem em centeio e pastagens de bamburral. As folhas das herdades, estas, são cortadas por valles pantanosos, muitos incultos; outras arroteiam-se e esgotam-se para melanciaes e meloaes, semeiando-se-lhes trigo, cevada e aveia no outomno seguinte.

Por este processo bastantes se teem «mettido a pão» nos ultimos tempos, e com vantagem, sobretudo nos annos seccos ou de pouca chuva.

De qualquer maneira as herdades a que nos vimos referindo estão limpas de mattagaes, se exceptuarmos pequenissimas nodoas de esteva em terrenos inferiores da freguezia de Tirrugem e o piornal basto que se observa em certas folhas do Reguengo de Barbacena.

Tudo mais encontra-se livre de manchas não havendo terras que se possam considerar incultas ou maninhas. As moitas de piorno e giesta, que muitas tinha, em maior ou menor escala, e que outr'ora constituiam couto de caça e feras, estão reduzidas a proporções minimas, quasi nullas. Das que ainda existem, só medram nos arrifes pedregosos, inaccessiveis á lavoira. Isto, entende-se, pelo que respeita as herdades do concelho d'Elvas. Nas dos outros concelhos visinhos, ainda ha extensos mattagaes de carrasco, piorno e outros arbustos silvestres, principalmente nos termos de Arronches e Campo Maior.

No de Arronches, na herdade da Chainça, persistem enormes manchas de esteva, (vara) medronheiro, aroeira, joina, murtinheiro, alecrim, etc., que dão uma feição selvagem áquella zona agreste, ainda habitada por javalis e lobos.

Resumindo: as herdades do Alemtejo, analysadas de relance sobre um ponto de vista geral, constituem vastissimos horisontes em que, a par dos arvoredos de azinho e sobro nos terrenos «dobrados» e montuosos, se veem planicies enormes applicadas ás culturas cerealiferas ou a pastagens para gados manadios.

De verão a agua escasseia em quasi toda a parte, encontrando-se apenas de longe em longe nos *pégos* das ribeiras maiores, n'um ou n'outro poço ou nas nascentes fracas que regam as hortas.

Por esta circumstancia as terras transtaganas tornam-se aridas e monotonas no rigor do estio, tristes no inverno e floridas na primavera. Entre abril e maio a natureza perde o tom severo que a caracterisa para se exhibir sorridente e engalanada com o verdejar opulento das searas, que se estendem pelos campos fora, e com a

matisagem das flôres que realçam aos montões nas pastagens dos pousios: quadro festivo de pouca duração que se abraza aos primeiros calores de junho.

Em cada herdade de vulto, geralmente, existem as edificações proprias e indispensaveis á exploração da lavoira. Passando-as em revista, encontram-se: o «monte» e suas dependencias, a eira ou eiras para debulha dos cereaes, o bardo das cabras e as malhadas dos porcos em numero de duas ou mais, cada qual em *folha* differente.

Perto do monte, como accessorio util bastante apreciado, cada herdade de vulto tem em geral annexa uma horta ou quinta e, por vezes, olival e vinha. Esta ultima é comtudo rarissima. Ás terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferregiaes. Semeiam-se todos os annos, por serem adubados com os estrumes das cavallariças e lixo da limpeza. São os *monturos*, como se diz em certas escripturas de arrendamento.

Convem notar que em herdades atravessadas por ribeiras de importancia existem, nas margens respectivas, moinhos, azenhas, hortas e quintas, que pertencem a senhorios extranhos e diversos.

Os habitantes d'estas vivendas manteem as melhores relações com o visinho lavrador, de que precisam. Em geral obteem d'elle terras para semearem pequenas searas de que pagam *quarto* ou *quinto*, e ainda a concessão gratuita ou onerosa de lhes consentirem os *vivos* nas terras do seu cómmodo. Pelo termo de «vivos» designam-se genericamente os gados e aves que possuem:—umas bestitas quaesquer, alguns porcos, uma ou duas ovelhas, gallinhas, patos, perús, etc.

Divisão territorial.—As divisorias que limitam e separam as herdades chamam-se *lindas* ou *extremas*. Consistem n'uma estreita facha de terra inculta, um pouco saliente sobre os terrenos marginaes. Para melhor esclarecer quaesquer duvidas, muitas herdades são tambem limitadas por marcos de cantaria, aos centros das lindas, com as iniciaes do senhorio ou do dono do predio.

Geralmente cada herdade divide-se entre tres a seis parcellas que se semeiam alternadamente e que se denominam *folhas*. Se a herdade é grande e de terreno agreste em que predominam os montados ou pastagens, as folhas costumam ser de 5 a 6 applicando-se mais ao sustento dos rebanhos do que á producção de searas. Se, pelo contrario, é pequena ou mesmo grande, mas apropriada ás culturas cerealiferas, o afolhamento é menor limitando-se a duas ou tres, quando muito quatro. N'esta hypothese a seara predomina sobre o gado. A delimitação das folhas nem sempre obedece a regras fixas, invariaveis.

Causas multiplas, como alargar ou restringir a seara, diminuir ou augmentar os gados, modificam accidentalmente o afolhamento das terras, que, em todo o caso, é geralmente demarcado por ribeiros, estradas, arrifes, etc.

Nas herdades de tres folhas cultivam-se e disfructam-se por forma que, em

cada anno uma das folhas se lavra de alqueive na primavera para se semear no outomno seguinte; outra está semeiada ou de rastolhice e a terceira fica de pousio e de pastagens para os gados afim de no anno seguinte ser lavrada, alternando assim com as outras. Nas que se dividem em maior numero, cada anno semeiam-se uma ou duas folhas, *alqueivam-se* e *roçam-se* outras tantas, e as excedentes ficam pousias disfructando-se-lhes os pastos e roedornos com gados manadios, até lhes chegar a vez de serem limpas e cultivadas. Ao tratar da lavoira explicarei desenvolvidamente este assumpto, de que, por agora, só basta dar uma ideia.

As folhas subdividem-se em *tornas*. *Torna* é a classificação dada ás fracções de terreno em que se reparte uma folha por vontade do lavrador ou por effeito de divisorias naturaes ou extranhas, como regatos, valles, vertentes, estradas, etc. Chama-se-lhes *tornas* porque cada uma é lavrada em separado, *tornando* o arado ou charrua ao sitio onde começou.

A maior parte das folhas e tornas teem nome proprio que as distingue. A origem d'esses nomes provem da topographia local ou de circumstancias correlativas. Exemplo: a folha do Curral; a da Atalaya: a do Outeiro da Moira, etc.

Area e lotação. — Ha herdades muito grandes, medianas e pequenas. Entre as maiores, algumas conhecem-se pelo augmentativo de *defeza*, ou por tal se denominam quando se querem engrandecer. As pequenas distinguem-se pelo diminuitivo de *malatécas* ou *charaviscáes*, quando por ventura se pretende amesquinhal-as.

No numero das primeiras ha algumas de mil e tantos hectares, muitas de seiscentos a novecentos e muitissimas d'ahi para baixo. De entre as ultimas poucas são inferiores a 70 hectares. Mas qualquer que seja o tamanho da herdade usa-se computal-a não em hectares, mas em moios de semeadura de trigo, cereal typo.

De uma herdade enorme diz-se: «Aquillo é uma *defeza*; leva oitenta moios ou mais. E para gado então: «bem lhe podem chair rebanhos!...» De outra de menores dimensões commenta-se: «É muito grande; dá para 60 moios cobertos; faz oito ou dez rebanhos sem se verem uns aos outros.» Das pequenas desdenha-se assim: «Uma *malatéca;* leva dois moios se levar; um chapéo de terra, que não lhe cabe dentro um chafardel de ovelhas.»

Á lotação em semeadura addiciona-se-lhe qualquer outra especifica, como, por exemplo, os montados (arvoredo de azinho e sobro) e pastagens, que em muitas herdades é a receita principal, senão a unica importante.

A avaliação dos montados faz-se por *cabeças*, quer dizer, pelo numero de porcos adultos que engorda a bolota em cada anno. O montado de uma herdade grande costuma fazer, em media, 100 a 150 cabeças; outras 60 a 100; as pequenas d'ahi para baixo, até as menores que oscillam entre 10 e 20.

As pastagens avaliam-se pelo numero de rebanhos e cabeças de tal ou tal especie, que podem sustentar em cada anno, durante determinada epoca. Ordinaria-

mente as maiores herdades são as dos montados e terrenos inferiores, assim como as pequenas constam quasi sempre de terrenos cerealiferos de producção superior. Isto, porém, repito, é regra geral que, de resto, tem muitas excepções em qualquer das hypotheses.

Dimensões. — É tudo quanto se pode conceber de mais irregular e arbitrario. Ha até herdades que a certa altura estreitam bastante, prolongando-se por entre duas visinhas. A estes prolongamentos chama-se-lhes *mangas* ou *aguilhões*. Em outras notam-se particularidades mais curiosas, verdadeiras anomalias que devem desapparecer.

É o caso da herdade A ter dentro encravada de todo uma courella pertencente á visinha herdade B. E a B é por sua vez devassada por uma outra courella nas mesmas condições que pertence inteiramente á herdade A.

Possuidores. — Antigamente os donos das herdades resumiam-se, a bem dizer, nas tres classes predominantes: as ordens religiosas, os titulares e os morgados.

Com a abolição dos vinculos e leis de desamortisação extinguiu-se o monopolio da propriedade, e, consequentemente, terminaram todos os seus defeitos e vantagens: que uma e outra coisa havia n'esse regimen, por muitos guerreado, por alguns defendido. A emphyteuse tem diminuido bastante, embora subsista nas herdades de dominio directo pertencente a particulares. Os das misericordias e outras corporações de beneficencia e piedade estão vendidos quasi todos, poucos pelo seu valor real, muitissimos com reducções de 10, 20 e 30 por cento. Uma insensatez (para não lhe chamar outra coisa) que as leis permittem mas que se não coaduna com os dictames da razão...

Hoje vemos as herdades nas mãos de senhorios de differentes camadas sociaes, pertencendo ainda muitas a varios representantes da antiga nobreza que as herdaram dos seus maiores. Em virtude d'esta circumstancia ha titular que não vende as suas herdades por coisa alguma. Mas a maioria d'ellas está na posse dos grandes capitalistas de Lisboa, dos proprietarios ricos da provincia e de um ou outro lavrador da zona respectiva.

O supremo desejo do lavrador remediado é adquirir um dia uma herdadita que o ponha ao abrigo de certas contingencias. Todos os seus esforços e sacrificios convergem para esse *desideratum* que alguns logram obter, mas que muitos não conseguem. O lavrador empenha-se tanto em possuir uma herdade que não hesita em recorrer ao emprestimo para a comprar, pagando-a mesmo por preço superior ao seu valor intrinseco. Acima de quaesquer considerações fascina-o a ideia, aliás louvavel, de cultivar terras suas que possa melhorar á vontade, sem receio de que esse melhoramento redunde em prejuizo proprio, por effeito da cubiça desalmada e menos escrupulosa do collega assambarcador.

Que, note-se, entre lavradores, os visinhos ou collegas amigos constituem o maior numero, dispensando-se obsequios reciprocos, respeitando-se mutuamente e

dando-se visinhança uns aos outros. «Dar visinhança» é tolerar e permittir que os gados de cada qual entrem uma ou outra vez nas terras do visinho que não estejam guardadas. Emfim, a maioria dos lavradores alemtejanos guarda as conveniencias de classe, o que lhes é honroso. Mas a par dos que cumprem com esses deveres, ha quasi sempre o ambicioso desmedido para quem todas as herdades parecem poucas afim de satisfazer os seus planos vingativos, egoistas e absorventes.

Áparte excepções, os grandes senhorios fidalgos e capitalistas ainda teem umas certas e valiosas considerações pelos seus rendeiros, que é de justiça reconhecer e registrar. Se os ha que não escrupulisam em acceitar «levantes» de rendas propostas para satisfação de vinganças odientas, ou por ambições desvairadas e egoistas, muitos mais se conhecem que repellem com nobre altivez essas propostas aviltantes.

As casas Cadaval, Conde de S. Martinho, Marquez de Penalva, Duque de Albuquerque e outras timbram em conservar e proteger os seus rendeiros antigos como procedimento dignissimo que caracterisava a velha fidalguia portugueza.

De entre os grandes proprietarios modernos tambem se encontram espiritos guiados pela mesma louvavel orientação. O fallecido capitalista de Lisboa, Antonio José de Andrade, foi um grande protector dos seus arrendatarios lavradores, exemplo nobremente seguido pelo seus dignos descendentes.

Jacintho da Silva Falcão, tambem de Lisboa, era outro amigo valioso da lavoira alemtejana. E como estes, mais alguns que não querem tudo para si, entendendo, com razão, que o rendeiro deve auferir lucros proporcionaes ao seu trabalho e capital.

Arrendamentos.—Realisam-se por escriptura publica, a prasos curtos, de 2 a 6 annos. Para interesse reciproco do senhorio e rendeiro deviam ser mais duradoiros, nunca inferiores a dez annos. A extensão do praso garantia ao lavrador a estabilidade, e, consequentemente, este abalançava-se a emprehendimentos dispendiosos, como plantações, limpeza, arroteamentos, drenagens, tudo na mira em lucros maiores, que tambem melhorariam a propriedade valorisando-a muito mais.

Com os arrendamentos a curto praso os rendeiros receiam entrar em tentativas de tardio resultado, cujos lucros talvez aproveitassem a outro que não fosse elle, visto não ter a certeza de continuar na herdade. Isto é intuitivo. Não carece de demonstrações. Nos arrendamentos figura um fiador e principal pagador, que toma a responsabilidade da renda e outros compromissos. Alguns senhorios, poucos, exigem, além da escriptura, letras de cambio acceites pelo rendeiro, a pagar no dia do vencimento da renda em cada anno.

As condições da escriptura variam muito, sendo feitas ao sabor e vontade do senhorio com a acquiescencia do rendeiro. Ha escripturas de 20 e 30 condições; e algumas são assaz violentas, podendo servir de pretexto ao senhorio para se desfazer do rendeiro, toda a vez que assim o queira.

As principaes condições impostas ao rendeiro são: pagamento da renda em

determinado praso, em casa do senhorio ou seu representante; lavrar e semear as folhas correspondentes a cada anno; fazer os córtes dos montados na epoca propria e nas folhas respectivas, não podendo cortar e desbastar arvores, chaparros e pernadas reaes sem licença do senhorio, e, quando o faça, pagar tal ou qual multa; conservar as lindas bem visiveis, aceirando-as de verão, quando seja herdade de pastagens e arvoredos; trazer o monte asseiado e os prejuizos que n'elle causar reparal-os á sua custa; responsabilisar-se pelos prejuizos occasionados pelos seus domesticos; concorrer para os concertos e melhoramentos que haja a fazer nos montes transportando todos os materiaes á sua custa e dando pousada aos operarios; não reclamar bemfeitorias; não poder sublocar ou encampar sem licença do senhorio; não entrar com relvas e monturos mas sahir com elles; não poder allegar esterilidade, incendios, seccas, inundações, invasões de guerra ou outro qualquer successo previsto ou imprevisto que o possa eximir ao pagamento da renda no todo ou em parte; renunciar ao foro do seu domicilio obrigando-se a responder no juizo da comarca em que reside o senhorio quando dê logar a pleitos judiciaes; considerar-se despedido toda a vez que não cumpra pontualmente as condições do contracto, etc. N'alguns arrendamentos de herdades com sobreiros a cortiça é para o senhorio, se isso representa verba avultada; sendo coisa pouca, quasi sempre fica para o rendeiro.

As rendas vencem-se no dia 31 de dezembro de cada anno. Quanto á epoca do pagamento é conforme as clausulas do contracto. As das herdades de montados e pastagens obrigam-se os rendeiros a satisfazel-as no dia do vencimento, embora alguns as paguem dias, semanas ou mezes depois, por condescendencia obsequiosa do senhorio. As das herdades que só produzem cereaes, apezar dos arrendamentos serem tambem por annos civis, só se vencem no dia de Santa Maria de Agosto, immediato ao anno findo em 31 de dezembro ultimo. Exemplo: o rendeiro Fulano, que completou um anno de arrendamento a 31 de dezembro de 1899, paga essa renda no dia 15 de agosto de 1900. A móra dos 7 mezes justifica-se pela natureza da herdade, que tendo por unica producção a seara, só em esta se colhendo se pode obter receita para satisfazer o encargo. Ainda mais: antigamente todas as herdades de producção cerealifera eram arrendadas a moios de pão. D'ahi o costume de se satisfazerem nas colheitas.

Hoje ainda se realisam muitos arrendamentos por este modo, que, de resto, é um systema racional que por vezes equilibra os interesses do senhorio e rendeiro. Quando o cereal colhido é inferior ou misturado de impuridades, não se considera «de recibo»; portanto o rendeiro tem de ir compral-o bom, ou satisfazer a renda a dinheiro, reputando o grão pelo preço da estiva camararia ou por outro que convencione com o senhorio. As escripturas previnem estas hypotheses, consignando a forma de as resolver.

A maioria dos senhorios impõe ao rendeiro a obrigação de pagar todas as contribuições, foros e outros encargos que pezam sobre o predio arrendado, sem

que sejam abonados ou descontados na renda. Outros, poucos, englobam a renda e os encargos, pagando o rendeiro uma verba só.

As *pitanças*, que outr'ora se estatuiam na maioria dos arrendamentos pouco se usam hoje. Em geral constam do seguinte: carradas de lenha, de duas a seis no tempo do *córte;* um ou dois porcos gordos ou arrobas de carne cheia por occasião das matanças e *fumeiros* (entrudo); um borrego ou chibo pela Paschoa; perú pelo Natal; queijos na primavera; gallinhas e frangões em indeterminada epoca; carradas de palha pela colheita; velos de lã churra para enchimentos pela *tosquia*, etc.

É claro que isto tudo não figura na pitança que pesa sobre qualquer arrendamento, antes são raras as que constam de mais de dois ou tres artigos. Mas como quer que seja essa usança está caduca, prestes a desapparecer.

A entrada e sahida de um rendeiro para qualquer herdade regula-se pelos usos e costumes locaes, que constituem lei acatada por todos. Na região de que principalmente me venho occupando, e nas outras limitrophes, observa-se o seguinte: os despedimentos e alteração de rendas, do senhorio da herdade para com o rendeiro, ou do rendeiro para com o senhorio, é d'uso secular, assente e acceite por todos, participarem-se respectivamente durante o mez de maio do anno em que termina o arrendamento.

Não havendo de parte a parte nenhuma participação n'esse sentido, subentende-se prorogado o contracto por um anno mais, pois que, legalmente, em passando maio, nem o rendeiro se pode despedir do senhorio, nem o senhorio despedir o rendeiro. Sobre este ponto teem-se suscitado questões civeis resolvidas por sentença que se conformam em absoluto com esses usos e costumes.

O novo rendeiro toma posse no dia 1.º de janeiro sahindo o antigo na vespera, 31 de dezembro. O novo entra para a herdade encontrando-a devoluta, mas com a folha correspondente semeiada pelo rendeiro antigo, para lhe colher o producto no proximo verão, sem que por isso tenha de pagar quantia ao senhorio ou ao novo rendeiro. Isto não excedendo os limites da praxe. Abusando arrisca-se a pagar *quarto* ou *quinto* da producção obtida na terra que semeiou a mais, se não soffrer correctivos maiores preceituados nas escripturas de arrendamento.

Além da folha do estylo que o rendeiro despedido tem direito a deixar semeada (um terço da herdade ou menos, segundo as folhas em que ella se divide) o mesmo rendeiro, na maioria dos casos e em analogas circumstancias, pode tambem semear as «relvas e monturos» de area egual á que encontrou occupada pelo seu antecessor. Por isso dizem as escripturas: «entra sem relvas e monturos mas sahe com elles».

Como *relvas*, no caso em questão, entende-se a terra de rastolhice, que por ter sido estrumada no *alqueive* se lhe queima o rastolho no anno seguinte para de novo se semear no proximo outomno, produzindo assim dois annos consecutivos. As relvas em semeadura só devem abranger uma torna contigua á folha do alqueive.

Por *monturos* classificam-se os ferragiaes contiguos ao monte; ou os *bafos* do

monte, como tambem alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição propria dos ferragiaes. De maneira que o novo rendeiro tem de respeitar a seara do antigo, não se oppondo aos serviços de que ella carecer até estar ceifada e retirada do rastolho.

Por sua vez o antigo, isto é aquelle que sahiu em 31 de dezembro, cumpre-lhe retirar a sua seara em rama até ao dia 15 d'agosto. Digo «em rama», porque o mesmo antigo rendeiro não tem direito de debulhar a seara dentro da herdade que deixou. Só o pode fazer mediante licença do rendeiro novo, o que nunca se pede por não convir ao dono da seara, que precisa de palhas no local para onde se mudou.

De qualquer forma o rendeiro antigo só tem direito a um córte na terra que semeiou. Quer dizer: não pode cortar o rastolho ou bamburral que escapou á ceifa, o que seria evidentemente segundo córte. Pode porém gadanhar os fenos creados nos valles, nesgas, sanjas das terras pantanosas, incultas, existentes na folha de seara e nas nodoas da mesma seara em que não ceifou coisa alguma. Em resumo: no sitio em que ceifou não pode gadanhar; no local onde gadanhou não pode ceifar.

Entretanto o rendeiro antigo tem ainda o direito de aproveitar o agostadouro da seara ultima a que me venho referindo, comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o numero de bois ou bestas estrictamente necessarias ao acarreto respectivo.

Na hypothese de se empregarem bois no acarreto teem elles de ser no quadruplo do numero de carros occupados. Por exemplo, se os carros forem quatro, e o serviço se effectuar de revezo, como se costuma, podem pastar no rastolho 16 bois, metade de dia e todos de noite.

Se, porém, o transporte se effectuar com muares ou cavallares estes só podem comer no agostadouro durante a noite, visto trabalharem o dia todo, excepto á hora da merenda, ao meio dia, em que é de uso serem arraçoados.

Passado o dia 15 de agosto tem que estar a rastolhice despejada e o gado fóra, para o novo rendeiro ficar no pleno disfructo de toda a herdade.

Nas herdades de montados ao rendeiro que sahe cumpre-lhe levantar a bolota até ao dia 31 de dezembro, salvo se ha qualquer accordo ou contracto especial que prolongam esse praso.

(Segue)

José da Silva Picão.

AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL

CAPITULO V

A DENOMINAÇÃO

Demarcando o terreno, desbravando-o, no todo ou em parte, e fazendo as primeiras construcções, o instituidor do predio romano gravava quasi sempre n'elle a sua personalidade, com a imposição do proprio nome; transmittindo-se depois atravez as diversas successões, como a memoria do fundador d'uma cidade, elle servia por isso para o identificar mais que a mesma localisação.

Formava-se este nome ordinariamente adjectivando o gentilico do proprietario com o suffixo—*anus*. Assim se lê na *Tabula Alimentaria* de Veleia, para não citar outros monumentos. O maior numero dos *fundi* inscriptos n'ella—o *Acilianus, Aemilianus, Afranianus, Antonianus, Appianus, Atilianus, Aurelianus*... derivam a sua denominação dos gentilicos—*Acilius, Aemilius, Afranius, Antonius, Appius, Atilius, Aurelius*. [1] Da Italia passou o mesmo costume para a Gallia, generalisando-se de tal modo que a maior parte dos nomes das communas e logares actuaes—antigas villas, provêm d'um gentilico latino, com a differença que ahi o suffixo é em regra —*acus*. Os gaulezes, romanisando-se, adoptaram o onomasticon dos conquistadores, do qual procede a multiplicidade de nomes latinos na toponimia franceza. [2] Quando a civilisação romana se defrontava com outra inferior, absorvia-a por completo, imprimindo a sua forte individualidade em todas as manifestações da vida social do povo vencido.

As numerosas inscripções, relativas ao dominio romano, recolhidas na penin-

---

[1, 2] Jubainville. *Rech. sur l'orig. de la propr. etc.*, pag. 125 e seg.; F. de Coulanges. *L'All et le dom. rur.*, pag. 34 e passim.

sula, incluindo o territorio comprehendido na minha area d'investigações, mostram á saciedade identica adopção de nomes pessoaes latinos, que deviam ter servido, como na Gallia, para denominar os fundos organisados segundo a nova jurisprudencia; e se estes são uma das mais expressivas manifestações da romanisação, o que é indubitavel em face de todas as evidencias que n'elles encontrámos, não se póde admittir a omissão d'um signal tam caracteristico.

Faltando-nos documentos contemporaneos, temos de recorrer aos do periodo astur-leonez; mas logo á primeira vista ficámos enleados sobre este ponto; ao contrario das *chartae* da França, mal se divisa nas nossas um nome topónimo, derivado d'um gentilico latino. Eis-nos pois em face d'uma questão historica do maior interesse — como e quando se expungiram essas denominações primitivas?

Visto o cuidado que os povos germanicos tiveram em conservar tudo na situação anterior, os nomes latinos existiram até á queda do seu imperio; na Gallia não os apagaram; deixando-os ficar pelo contrario, perduram ainda na maioria actualmente. «As invasões e o dominio dos reis germanicos — diz Coulanges, [1] não mudaram os nomes de propriedades. Não se vê em nenhuma provincia vestigios d'uma transformação geral de nomes nos seculos quinto e sexto.» Não havendo razões para suppor que os Suevos e Wisigodos procedessem áquem dos Pyrineus de maneira differente, somos obrigados a concluir que as denominações romanas foram conservadas por elles. O codigo wisigothico por seu lado, não permittindo mudança nos marcos antigos, cuja antiguidade já se determinou, dá-nos a prova mais convincente que nenhumas alterações se fizeram no regime agrario que existia; e este facto ajuda a corroborar a opinião, hoje geralmente seguida, [2] que não houve partilha de terras entre invasores e invadidos, pois se a tivesse havido, com a divisão ter-se-iam alterado as demarcações; ora se os hispanos continuaram a possuir as suas propriedades, da mesma maneira seria guardado o nome do predio, que ninguem tinha interesse em mudar. É possivel que se dessem algumas expulsões de proprietarios, e aqui ou alli mudança de nome, mas só por excepção: a regra geral foi a conservação do estado existente.

A substituição nos nomes — facto tam expressivo d'uma alteração na parte mais intima da sociedade, não teve com certeza logar n'esta época, mas na immediata, do que nos convencem os acontecimentos d'ella; e na verdade só seria realisavel em face d'uma nova theoria juridica, como a que imperava nos reis d'Oviedo e Leon, quando resgatavam os territorios occupados pelos mussulmanos.

Volvidos uns vinte e sete annos depois da queda do Imperio Wisigothico, Affonso I, continuando as tradições de Pelaio, principiou com o maior exito as suas

---

[1] F. DE COULANGES. *L'A. et le d. r.*, pag. 225: cf. o cap. VII, pag. 220 e seg.: ed. de 1889.

[2] F. DE COULANGES. *Hist. des Inst. p. de l'a. F.*, I, pag. 400 e seg., 534-543: ed. de 1875.

guerras de restauração christan; mas ao mesmo tempo que expulsava os africanos d'uma região e se apoderava da soberania politica, com ella tomava tambem para a corôa o direito de propriedade; [1] se o primeiro acto não influia na sociedade, não assim o segundo que, pela aprehensão dos immoveis *(presuria)*, derogava direitos constituidos legalmente, derogação que se fazia no meio d'uma profunda desordem, pois as provincias retomadas careciam d'auctoridades que estabelecessem com firmeza a ordem e a segurança publica.

Foi d'estas expedições que o chronista disse, que o grande rei, depois de matar os arabes, «christianos secum ad patriam duxit»; [2] frase exagerada até ao extremo, pois era absolutamente impossivel que toda a gente desde Lugo até á linha Vizeu-Salamanca-Segovia — termo das campanhas d'Affonso I, o acompanhasse ao seu dominio do norte. Com o rei victorioso emigrariam muitos de boa ou má vontade, mas não o grande numero, que fica sempre, quaesquer que sejam as tormentas, retrahido, escondido, na passagem dos exercitos amigos ou inimigos, dando ao paiz a apparencia d'um deserto. Isto originou sem duvida a frase emphatica do chronista, e as expressões contemporaneas — *ermo, deserto, terra deshabitada.* Mas que nunca houve ermamento conhece-se com toda a clareza dos documentos da epoca.

Consideremos em primeiro logar os relativos a Lugo. Foragido, acompanhado d'um sequito de parentes, servos e outras pessoas, o bispo Odoario recolheu-se a esta cidade, quando soube das victorias d'Affonso I, que o incumbiu de a restaurar, a ella e á provincia. Executada esta incumbencia, passou a fazer o mesmo em Braga, fallecendo então. [3]

A restauração e repovoamento de Lugo e seu districto effectuar-se-ia só com os companheiros do bispo? O sequito não podia ser muito numeroso. Na propria exposição por elle feita, diz — *Cum nostris multis familiis, & cum cœteris populis tam nobiles quam inobiles.* [4] *Familiis*, sabe-se, eram pessoas da classe mais ou menos servil, senão aqui tambem clientes ou dependentes; o resto seriam visinhos, amigos, parentes. Treze d'esses, fundando uma egreja em Villamarci, dizem que sahiram da sua terra com o bispo — elles *simul cum cœteris plurimis.* [5] Não era uma multidão; nem as palavras *cœteris populis* e *cœteris plurimis* a designam, nem tam pouco a boa razão admitte que uma tal podesse permanecer por desvios durante muito tempo — *fecinus moram per loca deserta multis temporibus.* [6] Pois com um punhado de seguidores, Odoario, encontrando a cidade «*desertam et inhabitabilem*»

---

[1] V. cap. XI, onde se deu ao assumpto o desenvolvimento necessario.

[2] *Esp. Sagr.*, tom. XIII, ap. pag. 481.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pag. 103-104.

[4] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pg. 365.

[5] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pg. 353.

[6] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pg. 365.

restaurou-a *intus & foris* [1] — *quam ex radici restauravi.* [2] Simultaneamente com a mesma facilidade, reorganisou a vida agricola. Apoderando-se d'uma grande quantidade de villas, fez renascer em todas a cultura, e attribuiu o senhorio d'algumas aos seus companheiros. Com os predios distribuiu-lhes logo — *boves ad laborandum & jumenta ad serviendum eis.* [3] Já se vê que não estava n'um paiz deserto; aliás com esses individuos, bem poucos em relação ao territorio, em tam curto praso era-lhe impossivel restaurar a cidade com a sua provincia; nem poderia obter os *boves & jumenta* que menciona.

A verdade era outra. A população existia, mas fugidiça, sem ponto d'apoio, justamente medrosa pelas violencias, a que estava sujeita n'uma terra sem leis nem auctoridades. Desde que teve quem a protegesse appareceu immediatamente para a vida social; por isso os trabalhos progrediram com rapidez; e tam diminutos seriam os estragos, que tudo se recompoz em poucos annos, pois quando falleceu, Odoario effectuava em Braga igual reorganisação.

Considerando os documentos ao sul do rio Minho temos a mesma impressão — que não estavam ermas as villas tomadas de *presuria*. Dos *diplomas* [4] 5 e 6 vê-se que ella se fizera *cum cornu et cum aluende de rege*. Esta circumstancia deixa logo perceber que por essas insignias militares se impunha silencio aos direitos anteriores, e se validava a sua derogação violenta. Se não houvesse ahi habitantes, seria inutil fazer a occupação em acto de guerra; bastava apoderar-se do que estava abandonado; no caso contrario aquellas insignias sanccionariam a apprehensão feita pelo recem-chegado. Consta do n.° 5 que os *presores* edificaram uma egreja, dotando-a com terras, casas, cubos, cubas — *omnia edificia cum intrinsecus suis.* A doação valiosa mostra que encontraram os moveis, as edificações e que o predio estava em exploração regular; pois não é de crêr que dessem tudo, nem de presumir que com o trabalho de poucos annos adquirissem tantos objectos e valorisassem d'esse modo um terreno ermo. Do n.° 6 (anno 870) vê-se que a presuria se effectuára pelos *priores*, paes ou segundos avós quando muito, avaliando pela data; e todavia a villa estava cheia de cultivadores, gados e moveis em tal abundancia que o *casale* referido era quasi uma reproducção da antiga vivenda do senhorio, trabalho superior ao de tres gerações se tivessem de fazer tudo.

Na investigação dos limites de Dume, nas proximidades de Braga, a grande cidade regional, já se viu [5] com que facilidade se determinou a antiga demarcação; sem a sequencia de gerações, habitando ahi desde o tempo suevo-wisigothico até á

---

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pag. 365.

[2] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pag. 357.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XL, pag. 365.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*

[5] Capitulo IV.

restauração neo-goda, seria impossivel obter as informações precisas, constantes do documento.

Dos factos adduzidos resulta que nunca houve despovoamento — as *cinctas de desertos*, como entendia Herculano, opinião que já segui tambem. Pelo contrario, a critica que o illustre historiador faz a respeito da Beira no tempo d'Almanssor, [1] é igualmente verdadeira para o norte do Douro n'este periodo.

O que houve foi uma desordem profunda e prolongada, resultante da ausencia de governo regular, das guerras incessantes, e da nova comprehensão dos direitos da corôa sobre os predios, [2] de que se derivou a *presuria* e a substituição de senhores; mas quer ella se exercesse sobre a parte que estes exploravam por sua conta, quer sobre a outra dividida em lavoiras parcellarias, o *presor* tinha o maior interesse em conservar os trabalhadores, aliás cessaria o rendimento. Por isso ora fugindo ora voltando ás suas casas, elles persistem: mas o senhorio, apprehendido pelo rei, ou cedido por elle aos seus homens, ou tomado por qualquer chefe sem consentimento regio, frequentes vezes é do mais forte. Cite-se ainda um exemplo: no tempo d'Affonso I, Odoario fez a Sé do Lugo senhora de parte do territorio de Braga, que elle apprehendera, e onde reorganisou a vida civil. Succedem-se os annos, passam-se innumeras convulsões, até que vem emfim a segurança. Descobre-se então (reinado d'Affonso V de Leon) que os condes se tinham apoderado á força d'essas terras. [3] As camadas dos senhores faziam-se e desfaziam-se, consoante a sorte da guerra com os estrangeiros ou das luctas intestinas.

Foi n'esta época de *presores* [4] e *presuria* que se effectuou com a substituição dos proprietarios a transformação geral dos nomes dos predios. Os documentos de Lugo vão elucidar-nos immediatamente, emquanto não produzem prova mais decisiva os mesmos nomes que ficaram.

A treze companheiros que pediram a Odoario uma villa *ex ipsis quas ipse prendiderat*, deu-lhes — *unam Villam prenominatam Villamarci, quam ipse prendiderat & dederat Marco sobrino suo, a quo nomen accepit Villamarce.* [5] Antes da apprehensão ella havia de ter um nome que o bispo substituiu pelo do sobrinho. Este facto não é singular nem accidental. N'outro documento [6] Odoario conta que concedeu a seis dos seus homens as villas — Avezani, Guntini, Desterit, Provecendi, Sendoni, Macedoni, e que as denominou pelos nomes d'elles — Avezano, Guntino, Des-

---

[1] *Hist. de Port.*, vol. III, pag. 421 e seg. (2.ª edição).

[2] Cap. XI já citado.

[3] ARGOTE. *Memorias Ar.* etc., tom. III, Doc. 7.

[4] Em face dos documentos citados e a citar, não podemos concordar com a opinião do illustre Herculano a respeito dos *presores*: *Hist. de Port.*, vol. III, 2.ª ed., pag. 318.

[5] *Esp. Sagr.*, tomo XL, pag. 354.

[6] *Esp. Sagr.*, tomo XL, pag. 365.

terigo, Provecendo, Sendo, Macedonio. Relativamente á primeira accrescenta uma phrase que se não deve omittir — *misimus ad eam nomen Avezani de nostra praesura*, palavras muito significativas no seu laconismo; pois explicam a razão dos novos nomes; a tradição romana não se tinha obliterado: a imposição do novo nome pessoal seria como uma ficção juridica, pela qual se julgaria, expungido o antigo, fundar a villa novamente. A romanisação era ainda a vida moral d'essa epoca, antecessora da nossa: a terra continuava a ser como a extensão da personalidade do homem que a possuia.

Estes factos, que nos revelam os documentos medievaes ao norte e sul do rio Minho, isto é na região cedo incorporada na corôa d'Oviedo e Leon, explanam o motivo, porque na denominação dos predios encontramos hoje nomes pessoaes d'origem goda, ou antes neo-goda, e latinos d'esta classe muito poucos: dada a derogação dos direitos tradicionaes, os senhores mudaram, e com elles em geral a denominação das villas; por isso que a mudança do nome não lhes alterava o organismo, o novo adquirente impunha-lhe o seu proprio, signal da sua occupação juridica. Não aconteceu o mesmo com os marcos, cuja conservação era essencial, por exprimirem a extensão da propriedade: e assim elles se enraizaram ao solo, juntamente com os cultivadores, usos e costumes.

Apezar de tudo podem citar-se tres exemplos typicos, nos quaes o gentilico se adjectiva em — *anus* na denominação do predio;

— *villam Cornelianam* (D. 18 e 19) [1] de Cornelius, hoje a freguezia da Correlham (Ponte do Lima);

— *v. Campaniana* (D. 409) de Campanius, h. a freg. de Campanham (Porto);

— *v. Valeriani* (D. 112) * *Fundum Valerianum*, de Valerius, h. a freg. de Vairão (Villa de Conde).

Não obstante o emprego de *villa* em vez de *fundus*, de que aliás se encontram muitos exemplos, [2] é manifesta a forma classica, que se repete tambem em nomes da restauração:

— *v. palmatianas* ou *palmacianus* (D. 158, 362) * *Fundum Palmatianum*, de Palmatius (D. 5) antiga Palmazão, logar que ficava na freg. de Alvarellos (Santo Thirso);

— *v. aldiani* (D. 420, pag. 260) * *Fundum Aldianum*, de Aldia (D. 49), h. a fr. d'Aldão (Guimarães).

Além d'este suffixo usaram-se outros na Idade-media, e entre elles — *arius;* [3]

---

[1] Para evitar acumulação de notas, designam-se os *Diplomata et Chartae* dos *Portug. Monum. Historica* pela letra D antes dos numeros incluidos nos ( ) que seguem os nomes: a letra F na mesma posição indica a obra de Förstmann, *Altdeutches Namenbuch, Personennamen* e o numero a pagina respectiva: a letra E está por *España Sagrada*, indicando o primeiro numero o tomo, e o segundo a pag.

[2] JUBAINVILLE, *Obr. cit.*, pag. 613, 536.

a freguesia actual de S. Salvador de Briteiros — *Villa britteiros* (D. 420, pag. 259) teria sido um * *Fundus Brittarius*, de Brittus, [1] nome pessoal hispanico. Britto. —*v. britti* (D. 420, pag. 259) é h. uma freguesia; com o suffixo —*elo*, Brittello— *britelo* (D. 111) uma quinta na freg. de Gandarella; com a mesma denominação existem duas freg. na provincia.

Os nomes pessoaes porém, que originam denominações de predios na época asturiana, apresentam-se em geral nos diplomas terminados em—*i*, antigos genitivos da segunda declinação, fixadas em patronimicos. Nomes de pessoas, formados d'este modo, é certo, encontram-se já nas inscripções [2] do periodo romano, abundando sobretudo nas assignaturas diplomaticas. [3] Se esta maneira foi d'emprego commum no dominio romano, o uso do genitivo entre os astur-leonezes prender-se-ha a um costume remoto: em todo o caso foi elle que produziu na maioria as designações locaes que chegaram á actualidade. Outros em muito pequeno numero, terminados em—*es* por—*is*, representam talvez o genitivo da terceira declinação, e encontram-se tambem n'uma inscripção romana; [4] servem para exemplo d'estes os cinco penultimos da lista que se segue; o ultimo apparece sem modificação. A radical é quasi sempre germanica, mas como a maioria se encontra nos *Diplomata et Chartae*, designando quer as partes contractantes quer as testemunhas, taes nomes pertenciam com toda a probabilidade aos senhores da restauração.

Por elles explicam-se de facto as denominações de muitas villas;

—*villa nandini* (D. 41, 180) de Nandin (F. 952), nas Inquir. d'Affonso II —Nandim, hoje a freguezia de Landim (V. N. de Famalicão);

—*v. sindini* (D. 195) de Sendinu (D. 26) * *Sendinus*, h. Sendim, logar da freg. de Nevogilde (Bouças);

—*v. uermudi* (D. 440, 263) de Vermudus (D. 17), nas Inquir. d'Affonso II —Vermui, h. a freg. de Vermuim ou Vermoim (V. N. de Famalicão);

—*v. lusidii* (D. 76, 53) de Lucidus (D. 67) ou Lucidius (D. 76, not. 159) h. a freg. de Luzim (Penafiel);

—*v. de avezani* (D. 410, 223) de Avezano (E. 40, pag. 365) * *Avezanus*, nas Inquir. d'Affonso II—Avezam h. a freg. de S. Thomé d'Abação (Guimarães);

—*v. cresimiri, crexemir, creysimir* (D. 31, 223, 326) de Creximirus ou Creixemiro (D. 46, 75) h. a freg. de Creixomil (Guimarães);

---

[1] Jubainville, *Obr. cit.*, pag. 613, 536.

[2] Inscripções da citania de Briteiros—CATVRO VIRIATI; CORONERI CAMALI DOMUS; MEDAMUS CAMALI; inscr. de Vizella—MEDAMUS CAMALI.

[3] *Vermudus Lucidi* (D. 17); *Lucidus Vimarani* (ibid.), *Vimaranus* (Esp. Sagr. 40, pag. 393); *Vimarani* lê-se tambem no D. 76 como unico nome: *Froila gundesindi* (D. 31), Gundesindus (Ibid.); *Ingladius rudesindi* (D. 31), Rudesindus (D. 36); *Menendus menendi* (D. 99), e tambem em—*iz*, Menendu menendiz (D. 225); *Arias dagaredi* (D. 35), Dagaredus (Esp. Sagr. 40, pag. 368); etc. etc.

[4] Inscr. de Idanha Velha—QUINTUS. MODIISTIS: PLACIDIA. MODIITIS; Hubner, C. I. L. n.º 455.

—*v. Argemir* * *Argemiri* (D. 595) de Argemirus (E. 40, pag. 393), h. Argemil, logar da freg. de Santo Thirso;

—*v. recaredi* (D. 192) de Recaredus (D. 175) h. Recarei, logar da freg. de Leça do Balio (Bouças);

—*v. Vimaredi, uimarei* (D. 595, 796) de Vimaredo (D. 75) * *Vimaredus*, h. a freg. de Guimarei (Santo Thirso);

—*v. segefredi* (D. 402) de Segefredo (D. 400) * *Segefredus*, h. a freg. de Jesufrei (V. N. de Famalicão);

—*v. uiliauredi* ou *uiliabredi* (D. 115, 216) de Uiliabredus (D. 58) h. a freg. de Guilhabreu (* *Guilhabrei?*) (Maia);

—*v. gundiuadi* (D. 188, 213) de Gundiuado (D. 75) * *Gundivadus*, h. Gundivae, logar da freg. de Leça de Palmeira (Bouças);

—*v. fromarici* (D. 67) de Fromaricus (D. 5) h. Fromariz, logar da freg. de Villa de Conde;

—*v. romarici* (D. 711) de Romarigo (D. 46) ou Romaricus (E. 19, pag. 361) h. a freg. de Romariz (Arouca);

—*v. alduari* (D. 156, 159) de Aldoard (F. 52) h. a freg. de Aldoar (Bouças);

—*v. atanagildi* (D. 76, pag. 46) de Atanagildo (D. 87) * *Atanagildus*, h. a freg. de Tagilde (Guimarães);

—*v. de ataulfu* * *ataulfi* (D. 76) de Adaulfus, Ataulfus (D. 88, 81) h. a freg. de Adaufe (Braga);

—*v. gemundi* (D. 465) de Gesemundus (E. 40, pag. 356) ou de Gemmund (F. pag. 514, 515) h. a freg. de Gemmunde (Maia);

—*v. uiliulfus* * *uiliulfi* (D. 496) de Viliulfus (D. 5) h. a freg. de Guilhufe (Penafiel);

—*v. randulfi* (D. 420, pag. 262) de Randulfus (D. 6) h. a freg. de Randufe ou Rendufe (Guimarães);

—*v. cagiti, caidi, caydi* (D. 201, 223, 420, pag. 259) de Cagidu (D. 98) * *Cagidus*, h. o logar de Caide, antiga freg., actualmente annexada á d'Atães (Guimarães);

—*v. gunzalbi* (D. 731) de Gunzaluus (D. 73) h. o logar de Gonsalves, freg. de Leça de Palmeira (Bouças);

—*v. gatonis* ou *gatones* (D. 188, 277) de Gaton (D. 6, 8) h. o logar de Gatões, freg. de Guifões (Bouças);

—*v. arones* (D. 223) d'Aron (D. 14) h. as freg. d'Arões (Fafe);

—*v. Vimaranes* ou *vimaranis* (D. 71, 99) de * *Vimaranes* (Vimara, D. 6; Vimaranus, E. 40, pag. 393) h. a cidade de Guimarães;

—*v. quintilanes* (D. 420, pag. 259 e 262) de * *Quintilanes* (Quintilla ou Quimtilla, D. 81, 577) h. o logar de Quintiães, freg. de Randufe (Guimarães);

—*atanes* (D. 223) de Atan (D. 440) h. a freg. d'Atães (Guimarães);

—*v. marecus* (D. 324) de Marecus (D. 63) h. a freg. de Marecos (Penafiel).

Estes personagens neo-godos denominam não só predios, mas tambem montes, extensos territorios e monumentos prehistoricos:—*mons gundemari* (D. 170) de Gundemarus ou Gondemaro (D. 101, 156)—Gondomar, na actualidade um concelho e duas freguezias; com Adaulfus desappareceu o nome antigo do tumulus, ao qual o D. 103 chama «*mamola de adaulfi*».

Os exemplos citados mostram que na restauração astur-leoneza predios foram denominados com nomes de pessoas, sendo de presumir que estas eram os novos senhores, como nos deixa inferir com segurança o incidente narrado pelo bispo Odoario. Seria um costume novo? Evidentemente não; bastavam os vestigios da verdadeira forma latina, já mencionados, para nos convencer que a denominação pessoal se introduziu aqui tambem na epoca romana; esses nomes novos, prestam antes um testemunho do acontecido em tempo mais antigo; por elles, que apparecem agora sob formas barbaras, remonta-se até á era em que os gentilicos se adjectivavam com o suffixo—*anus;* o recem-chegado, adquirindo com violencia uma terra, impunha-lhe o seu nome, seguindo o costume romano que tinha á vista, pois foi elle mesmo quem substituiu o nome antigo, conforme confessa o proprio Odoario. A transformação das denominações começou portanto com a reconquista asturiana, quando a *presuria* se tornou uma forma juridica de adquirir, jurisprudencia que chegou até ao seculo XII: [1] em 1045 conta de *tauoadelo* o D. 340, como Ordonio Ranemiriz *pressit ipsa villa per potencia.*

Não sendo o fim d'este estudo investigar a origem da toponimia moderna escolheram-se para exemplo alguns predios que os diplomas confrontam, e cujas denominações se conservam ainda; assim, apenas se tocou n'este abundante jazigo começado a explorar agora, [2] e que recompensará com generosidade a quem o seguir em todas as suas ramificações; ficaram igualmente de lado os nomes que se explicam da mesma maneira, mas não são mencionados nos poucos documentos medievaes que restam.

Juntamente com as designações pessoaes encontram-se nos *Diplomata et Chartae* outras que não devem ser esquecidas, provenientes de varias origens.

Durante o periodo romano tinha-se estabelecido o uso de formar termos topo-

---

[1] V. Capit. XII.

[2] O 1.º artigo do resumo d'*As «Villas» do Norte de Portugal* com o capitulo «*A Denominação*» foi publicado pela primeira vez na *Revista de Portugal*, vol. IV, n.º 23, em Abril de 1892: o 2.º artigo (resto do resumo) no n.º seg., Maio do mesmo anno. O capitulo «*A Denominação*» foi republicado com maior desenvolvimento na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, n.º 10, em 1894: os outros cap., mais desenvolvidos, sahiram, á excepção dos ultimos, na *Revista de Guimarães*, 1893-1897.

nimicos de nomes communs por meio de suffixos: [1] depois extendeu-se aos predios ruraes a mesma nomenclatura, que será indicada somente, consoante já se fez com a anterior.

Os nomes communs usados nas denominações das villas foram derivados, uns de plantas, animaes, mineraes e de diversos; outros, empregados sem modificação. Alguns podem remontar á epoca romana, mas o maior numero pertence visivelmente á Idade media, e não poucos quando o neo-dialecto estava em via de formação. Observe-se ainda que esta maneira de denominar os predios não é privativa nossa, mas de todos os paizes de linguas romanicas. [2]

Derivados de plantas (tres suffixos):

—*v. moraria* (D. 99 *ripa arrogio auizelle*) de *morus*, h. a freg. de Moreira de Conegos (Guimarães); —*v. moraria* (D. 481 *subtus mons pedras rrubias*) h. a freg. de Moreira (Maia);

—*v. mazanaria* (D. 216, 451) de *matiana*, h. a freg. de Macieira (Villa de Conde);

—*v. mortaria* (D. 223, 291) de *murtus* ou *myrtus*, h. o logar ou quinta da Morteira de baixo e de cima, freg. de Matamá (Guimarães);

—*v. cornaria* [3] (D. 263 *subtus castro uermudi discurrente rribolum aue*) de *cornus*, h., em parte pelo menos, o logar de Corneira ou Corneiras, entre Landim, S. Miguel e S. Paio de Seide (V. N. de Famalicão);

—*v. ulvaria* (D. 504) de *oliva*, h. a freg. d'Oliveira do Douro (V. N. de Gaya);

—*v. nesperaria* (D. 111, 223) de *mespila*, h. a freg. de Nespereira (Guimarães);

—*v. pinario* (D. 275) de *pinus*, h. a freg. de Villar de Pinheiro (Maia);

—*v. laureto* (D. 210) de *laurus*, h. o logar de Louredo, freg. de S. Mamede de Coronado (Santo Thirso);

—*M. de zersedo* (D. 420, pag. 259) nas Inquir. d'Affonso II—*Cerzedo*, de *quercus*, [4] h. a freg. de Cerzedo (Guimarães);

—*v. laurito* (D. 326) de *laurus*, h. o logar de Lourido, freg. de S. Martinho de Candoso (Guimarães);

—*v. moreirola* ou *moreiriola* (D. 281, 462) de *morus*, h. o logar de Moreiró, freg. da Labruge (Villa de Conde).

Derivados de animaes e mineraes:

—*luparia* (D. 223, 420, pag. 262) de *lupus*, h. a freg. da Lobeira (Guimarães);

—*territorio ferraria* (D. 755) de *ferrum*, h. talvez parte ou todo o concelho de Ferreira (Paços): —*sancto andre de ferraria* (D. 542).

Derivados de diversos (cinco suffixos):

---

[1], [2] Jubainville, *Obr. cit.*, pag. 602-634, *passim*.

[3] A respeito da denominação d'esta villa, v. nota no fim.

[4] Sobre esta etymologia, cf. J. Leite de Vasconcellos, *Rev. Lus.*, vol. I, pag. 240; e tambem Cornu, *Die port. Spr.* § 114.

—*villarelio* (D. 223) de *villar*, h. Villarelho, logar da freg. de Sarafão (Fafe);

—*montelios* (D. 17) de *mons*, h. a Quinta de Montelhos, freg. de Dume (Braga);

—*sautello* (D. 81) de *sautus* (*saltus*);

—*v. quintanella* (D. 67) de *quinta*, h. o logar de Quintella, freg. d'Argivae (Povoa de Varzim);

—*v. monasteriolo* (D. 415) de *monasterium*, h. a freg. de Mosteirô, ou logar na mesma (Maia);

—*v. eglesiola* (D. 26) de *ecclesia*, h. a freg. de Grijó (V. N. de Gaya);

—*v. teroso* (D. 281) * *terroso*, de *terra*, h. a freg. de Terroso (Povoa de Varzim);

—*v. uillarinu* (D. 501) de *villar*.

Sem modificação terminal:

—*v. fornos* (D. 134);

—*v. retorta* (D. 198) h. a freg. da Retorta (Villa de Conde);

—*v. plana* (D. 281) h. a freg. de Villa-Cham (Villa de Conde);

As listas precedentes, aridas apezar de reduzidas quanto possivel, e na verdade de difficil leitura, serão desculpadas pela benevolencia de quem percorrer estas paginas, se reflectir que a falta de trabalhos especiaes sobre o assumpto no nosso paiz, obrigaria necessariamente a indicar pelo menos os elementos constituitivos da nomenclatura dos predios, que é uma parte integrante de este estudo: tambem por alguns dos nomes pessoaes rastreamos um facto historico de grande importancia—a substituição de senhores durante a formação do estado astur-leonez.

Resta emfim mencionar ainda outra ordem de denominações, que deixaram uma impressão indelevel e caracteristica n'esta parte da toponimia—as dictadas pela religião christan. Dos tempos pagãos temos a *villa fano* (D. 77) de *fanum;* [1] é um dos poucos nomes d'esta especie, senão o unico que se lê nos diplomas, o que se explica pela absorpção que d'elles fez a igreja, substituindo-os naturalmente pelos dos Santos; e não raras vezes estes absorvem toda a designação anterior, como—*villa de sancto torquato* (D. 223), hoje a freg. de S. Torquato (Guimarães);—*v. de sancti tome* (D. 377) hoje a freg. de S. Thomé de Negrellos (Santo Thirso); e muitos mais, que é inutil citar. Esses nomes christãos, que ora substituem por completo qualquer outro, ora precedem sempre pelo menos o já existente, e esta é a regra geral quando as villas se desconjuntam, bastam para nos dizer da maneira a mais expressiva, sob que influencia se operou a transformação dos antigos predios nas novas agremiações de lavradores, pois na denominação de cada uma d'ellas não faltará nunca o nome do santo padroeiro —o orago da freguesia.

---

[1] Cf. José Leite de Vasconcellos, *Rev. Lusit.*, I, pag. 245.

CAPITULO VI

A EXTENSÃO

Antes de ter sido retalhada em unidades singulares rigorosamente demarcadas, a terra romana, no principio apropriada collectivamente, dividia-se em districtos, pertencentes ás associações de familias que os occupavam; possuida e cultivada em communidade agraria, os productos repartiam-se pelos fogos que demoravam dentro da circumscripção; e o *heredium*, ou terreno de direito privativo, não era mais que um pequeno campo junto á casa, ou quintal de dois *jugera* [1] (50 ares). Segundo a tradição, foi Numa quem repartiu *viritim* as terras que Romulus conquistára, ou este mesmo; mas fosse um ou outro, antes da constituição de Servius já se havia operado a transformação da propriedade collectiva em individual, pois n'esta época cada familia (no sentido restricto) possue isoladamente uma área sua propria em que trabalha e de que se sustenta; a extensão d'esta, segundo Mommsen, [2] deveria ter sido de 20 *jugera* (5 hectares).

Juntamente com esta pequena propriedade de cultivadores, que constituiam uma forte classe média rural, aparece logo a grande, sobre a qual se fundou o patriciado. Originára-se ella quer da mesma divisão que teria dado maiores superficies, quando os membros da *gens* (familia no sentido lato) eram em menor numero, quer em virtude de acquisições, facultadas pela accumulação de capitaes. [3] A sua extensão foi comtudo no principio muito restricta, mais exactamente uma propriedade média; no tempo de Cato regulava entre 200 a 240 *jugera* (50 a 60 hectares), nos vinhedos descia a 100 *jugera* (25 hectares). [4] Preferia-se então possuir muitos fundos medianos, em vez d'um só mais largo; e n'essa propriedade dominava a pequena cultura, pois os patricios collocavam ahi em parcellas os seus clientes, entre os quaes viviam, administrando e dirigindo. [5] Só mais tarde tornando-se absenteistas, o regime cultural tomou um caracter differente.

Por muito tempo coexistiram as duas especies de proprietarios; a força principal de Roma estava no seu exercito formado exclusivamente de lavradores, que, segundo a frase de Mommsen, [6] asseguravam com o arado as terras adquiridas

---

[1] O *jugerum* equivalia a 25 ares: Jub., *Rech. s. l'or. de la pr. fonc.* etc., pag. 5. «Actus duplicatus iugerum facit. ab eo quod est iunctum, iugerum nomen accepit». Isid. in *Gr. Vet.* pag. 368, 2-3.

[2] Na presente exposição segui o illustre historiador allemão na sua *Römische Geschichte*, 8.ª ed. de 1888, vol. I, especialmente pag. 35, 36, 93 e 182-184.

[3] Mom., *R. G.*, I, pag. 188.

[4] Mom., *R. G.*, I, pag. 831.

[5] Mom., *R. G.*, I, pag. 188, 189, 190 e 443.

[6] Mom., *R. G.*, I, pag 442.

com a espada. Á medida que a conquista se estendia sobre os povos italicos, ia augmentando tambem o *ager publicus*, em consequencia do confisco de um terço pelo menos das terras dos vencidos; ahi fundava o povo romano *colonias* ou fazia *assignações* viritanas; na parte não assignada ou distribuida — *ager occupatorius*, os ricos talhavam *possessiones*, no principio reversiveis ao Estado e sujeitas a um imposto, a área das quaes foi fixada pela *Lei Licinia* em 500 *jugera* para os paes de familia e 250 para os filhos. No tempo antigo comtudo os *possessores* em vez de agricultarem as *possessiones* como um unico predio, dividiam-nas em dois ou tres.

D'estes diversos typos de extensões culturaes veiu por fim a prevalecer o maior — o das *possessiones*, consideravelmente amplificadas, e convertidas em verdadeiro dominio particular. Não pertence ao estudo presente descrever as luctas seculares que sobre este objecto se combateram em Roma, terminadas pela victoria da grande ou grandissima propriedade; nem enumerar as condições sociaes que prepararam essa funda revolução economica. Basta-nos saber, que as guerras e confiscos de Sulla (fallecido em 77 antes de C.) completaram o desapparecimento da pequena agricultura italiana, dando-lhe o golpe definitivo, preparado desde largos tempos. [1] A terra passára ao poder dos capitalistas; só elles tinham os meios de operar a transformação cultural, exigida pelo extremo abaixamento do preço do trigo. Hyginius, [2] que escrevia quasi no fim do primeiro seculo da éra christan, falla da absorpção dos pequenos fundos, como caso que vinha de longe; e Plinio, quando formulava a famosa frase — *latifundia perdidere Italiam*, criticava um facto consummado, havia muito tempo.

Se entre as grandes propriedades ficaram existindo ainda algumas pequenas, o que era natural, na generalidade aquellas ternaram-se o typo commum, dominando o regime agrario. Esta tendencia, que começa antes do fim da republica, vai augmentando sempre cada vez mais: os 300 *fundi* da Inscripção de Veleia (104 depois de C.) pertenciam já a cincoenta e um proprietarios sómente. [3] São estas unidades ruraes, fundadas no Imperio, as que chegam á Idade-média tanto na Gallia, [4] como aqui; são os limites d'ellas que encontramos hoje entre nós, como vamos vêr, em entidades diversamente denominadas.

As pequenas propriedades burguezas, do tempo de Augusto, tomando por typo a de Horacio, [5] á qual elle mesmo chamava *agellus*, eram imcomparavelmente maiores que as antigas de cultivadores, ha pouco referidas. Consoante o dizer do poeta, o seu agellus, além da habitação dominical, jardins e uma pequena matta,

---

[1] Marquardt, *Röm. Staatsverwaltung*, I, pag. 444: ed. de 1873.—Mommsen, *R. G.*, II, cap. II.

[2] *Gr. Vet.*, pag. 130, 12-14.

[3] F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 27.

[4] F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 30-31.

[5] Hor., *Satir*, L. II, 7, v. 117-118; *Epist.*, L. I, 14, v. 1-3; *Carm.*, L. III, 16, v. 30. Sobre a interpretação dos versos citados, veja-se Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 65, 81-82.

estava dividido em duas secções — uma cultivada de conta propria por oito *operae*, dirigidos pelo *villicus* — a outra por cinco arrendatarios livres *(quinque boni patres)*: dava portanto trabalho a oito homens com o feitor, e a cinco familias cada uma com a sua casa. Se a extensão a cargo de cada familia se aproximava ao typo antigo dos 20 *jugera*, com menos difficilmente poderia viver, só esta parte montava a 100 *jugera*; e se não ha exagero em suppôr que a secção cultivada pelos oito *operae*, incluindo a matta, a villa urbana e suas dependencias, fosse igual á dos arrendatarios, concluiremos por uma totalidade aproximadamente de 200 *jugera* ou 50 hectares.

A fundação das nossas villas, datando da conquista, effectuou-se desde Augusto por diante; ora a tendencia, como se viu, era a formação de grandes predios, que se prestavam melhor quer á collocação de capitaes, quer á especulação. Se attendermos só aos costumes da época, um prediosinho aproximar-se-hia ao agellus de Horacio; seria o typo minimo, visto o poeta relembrar frequentes vezes a modestia do seu immovel; o maximo iria até aos latifundia. Podia-se prevêr que os fundadores, se não houvesse razão especial em contrario, tomariam o maior typo, vista a pouca cultura e a situação agraria do paiz, onde lhes era facil talhar á vontade, sem o obstaculo de limites antigos, consagrados pelo costume e pela religião, como na Italia.

A leitura diplomatica porém faz-nos suppôr que nem sempre se seguiu aqui a ultima regra; não se deve duvidar que pequenos predios, relativamente aos costumes do tempo, se misturaram com os grandes; e estes mesmos nunca chegaram á extensão maxima. A desigualdade não é explicavel pela maior ou menor fertilidade do sólo, onde se fundava a villa; adiante citar-se-ha uma em terreno montanhoso, mais restricta que outra em terra fertil. É antes muito mais preferivel a hypothese da occupação pre-romana a titulo precario d'um retalho do territorio da cividade por cada um dos nobres, retalho maior ou menor, segundo a riqueza e influencia d'elles; essas áreas, preoccupadas não juridicamente mas de facto, ou usurpadas, tornaram-se detenções legaes, immediatamente depois da conquista, em virtude do imposto ao fisco romano; [1] d'este modo, a desigualdade precedia já a jurisprudencia que transformou em *dominium* a occupação precaria anterior.

A hypothese proposta, discutida desenvolvidamente no Capitulo III, está d'accordo com todas as revelações da investigação; e a desigualdade dos fundos, muitas vezes assaz consideravel, é um argumento que me parece decisivo. Por outro lado, a historia não conservou qualquer tradição d'uma divisão agraria official dos territorios das cividades, feita por agrimensores *(gromatici)*, nem o nosso espirito a pode aceitar, por ser d'um trabalho quasi inexequivel, vista a larga extensão em

---

[1] Capitulo III.

que se havia d'operar; emquanto que, tendo-se limitado os romanos a sanccionar um facto pre-existente, tudo se faria sem a menor difficuldade ou embaraço. Os proceres ficaram com o que tinham tomado; o fisco recebeu d'elles o imposto, reconhecendo-os como *possessores* das áreas occupadas. São estas as que se chamaram *villae* no governo romano; os suevos, que foram o primeiro povo germanico, estabelecido n'esta região, não lhes tocaram, visto estarem intactas no tempo dos wisigodos, consoante provam as disposições do seu codigo em relação aos limites; e continuaram assim, até de todo se extinguir o systema economico-agricola da primitiva. Por isso as villas mencionadas nos *diplomata* eram as superficies ruraes, exploradas irregularmente desde o tempo das cividades, e legalisadas depois pelos romanos que lhes impuseram o cunho da sua forte civilisação. É certo que no tempo em que se redigiam os nossos documentos medievicos, accentuando-se já a corrente do desmembramento, raras vezes aparece a indicação das confrontações completas; a villa começava a ser um termo generico de identificação de uma gleba ou sub-unidade; mas como existiam ainda villas integras, posto que raras, e algumas confrontadas pelas visinhas ou accidentes topographicos, por essas podemos fazer uma idéa do termo medio das extensões.

Um diploma [1] do anno de 953 fornecer-nos-ha alguns exemplos de predios sufficientemente confrontados. Comecemos pelo mais pequeno; diz o texto — «uilla uocitata *quintanella* ab intecro per suos terminos quomodo diuidet cum uilla *fromarici* et uilla *tauquinia* et perge ad archa de peori et diuide cum uilla *argeuadi* et cum uilla *anserici*». A villa *quintanella* confinando com Fromariz *(fromarici)*, Touguinha *(tauquinia)*, Argivae *(argeuadi)*, é hoje o logar de Quintella, comprehendido n'esta ultima freguesia, concelho da Povoa de Varzim. Para completar a confrontação falta, é verdade, a *uilla anserici*, que desappareceu: mas esta omissão não póde occasionar erro, por isso que, dadas as confrontações acima ditas, só fica a descoberto o poente, occupado hoje pelo Casal do Monte, pouco mais amplo que 1 hactare; e demais, como a seguir na mesma direcção está Regufe *(regaulfi)*, [2] Quintella não podia estender-se sensivelmente para este lado: devemos portanto admittir que a superficie actual contém a da villa do seculo x. Com o seu terreno fresco e abundante de nascentes, era uma pequena propriedade, regulando por 60 hectares, repartidos agora por quatro casaes de lavoira e cinco cabanas. Uma gleba denominada — *campo do paço (palatium)*, está a revelar a sua organisação romana; n'elle esteve a *villa urbana*, a antiga habitação do *dominus*, do primeiro proprietario d'este predio.

Passando á limitrophe villa de Fromariz, encontramol-a sufficientemente limitada; acabamos de a vêr confinando com Quintella: e o mesmo diploma [3] dá-nos

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.
[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 281.
[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

uma segunda confrontação — *uilla de comite quomodo diuidet cum uilla fromarici;* temos portanto dois limites diplomaticos — pelo norte Quintella, pelo poente Villa de Conde; ao sul fica o rio Ave, em cuja margem opposta demorava a *uilla retorta;* [1] a nascente era então a *uilla tanquinia*, hoje a freguesia de Touguinha. Com estas limitações, que são tambem as actuaes, a área de Fromariz regulará por 100 hectares: contém sete casaes de lavoira e algumas cabanas, além do terreno occupado por uma fabrica de fiação e tecelagem. Em 953 era um predio unico: depois fragmentando-se e perdendo a unidade juridica, converteu-se em freguesia, cuja egreja parochial ainda existe: mas não podendo com os encargos da nova situação, annexou-se á de Villa de Conde.

Eis aqui pois duas propriedades d'extensão pouco consideravel, sobretudo a primeira. E havel-as-hia ainda inferiores a esta?

Confinantes com o mosteiro de Dume [2] mencionam-se algumas villas, que não chegaram a formar logares; entre ellas a de *Infidias;* será representada na actualidade pela quinta de Infias? Recordemos tambem a designação de *villa medeana* (Villa Meam), que se repete frequentemente aqui e na Galliza, nos documentos e na toponimia; é crivel que predios denominados por este epitheto fossem antes pequenos na origem, que fracções destacadas dos grandes; não estava nos usos da linguagem chamar «villas» a simples retalhos d'ellas. Da mesma sorte, lê-se ás vezes nos diplomas a palavra *villula;* mas Coulanges [3] adverte que nem sempre no estylo deplomatico o diminuitivo indicava pequenez, servindo principalmente para tornar o termo mais gracioso. No colmello de divisão dos bens entre Mummadona e seus filhos diz-se: — «extra iam duobus prenuncupatis *uilludis*»; [4] uma d'estas é a freguesia de Silvares, cuja área primitiva não é determinavel com precisão, porque só está confrontada com Creixomil. [5] Á villa *vimaranes* (Guimarães) chama *prediolo* o n.º 76. [6]

Quanto aos fundos de superficie extensa, que foram, segundo creio, o typo mais commum, deve citar-se em primeiro logar Villa de Conde, cujas limitações são bem explicitas no mesmo diploma; [7] — «*uilla de comite* quomodo diuidet cum *uilla fromarici* et cum *uilla euracini* et inde per aqua maris usque in suos terminos antiquos ab intecro uobis concedimus cum suas salinas et cum piscarias et ecclesia que est fundata in castro uocitato sancto iohanne». Villa de Conde é limitada ainda, como então, a nascente e norte por Fromariz *(fromarici)* e Povoa de Varzim

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 198.
[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 17.
[3] *L'A. et le d. r.*, pag. 212-213.
[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 61.
[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 31.
[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 76.
[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

(euracini); pelos outros lados fica o mar e o rio: em 953 possuia uma igreja no sitio, occupado hoje pelo extincto mosteiro, consoante reza a tradição, de accordo n'este ponto com o dizer do titulo; no fundo d'esse monticulo ha a fonte de S. João, cujo nome contém uma reminiscencia da denominação do castro. Era um grande predio, pois a sua superficie deve ser de 550 hectares, pouco mais ou menos. O sólo não seria muito fertil na maior parte, mas tambem na facha littoral não estava assoreado n'essa época, como se vê agora; a camada das areias tem uma pequena profundidade, abaixo da qual se encontra boa terra aravel que já foi cultivada; paredes de vedação e casalejos envolvidos pelas dunas estão a mostrar que não muito remotamente esses terrenos eram productivos. Nos tempos historicos portuguezes, a antiga propriedade rustica, em virtude da sua situação junto á foz do Ave, transformou-se na povoação urbana que conserva ainda o nome, pelo qual era conhecida no seculo x.

No anno de 926 Ramiro II doa a Ermenegildo e Mummadona a — «*villa* nominata *creximir* que est secus fontano *selio* territorio inter ambas aues... et diuidet ipsa uilla cum villa *silvares* villa *candanoso* et *colgeses:* [1] a identificação e confrontação não offerecem difficuldades; *creximir* é a freguesia de Creixomil no suburbio de Guimarães, junto ao rio Selho, limitada pelas de Silvares, Candoso (*candanoso*) e Urgezes (*colgeses*): faltam apenas designarem-se as confrontações do norte e nordeste, aliás muito restrictas; e além d'isto como por aqui defrontam hoje Guimarães e Fermentões que foram a *villa vimaranes* [2] e *Farramundanes*, [3] podemos admittir sem erro sensivel que as duas ultimas tivessem então por estes lados as mesmas limitações da actualidade. Localisada n'um valle extremamente fertil, de funda terra cultivavel, a área da villa de Creixomil devia regular por 600 hectares, tal é aproximadamente a da freguesia hodierna que se divide em duas partes distinctas: — a rural que contém cincoenta e quatro quintas ou casaes de lavoira, — a fabril que comprehende, distribuida em grupos, uma numerosa população, cujas cabanas, não fallando de algumas habitações puramente burguezas, são mais de quinhentas. Com estas dimensões era uma propriedade muito grande; mas a sua producção não seria tamanha, como foi depois da introducção do milho maiz. A quinta do *Paço*, que existe n'ella, mostra a constituição do predio na época romana.

Ao contrario de Creixomil, a proxima *villa de auezani* servir-nos-ha de exemplo de um fundo em terreno montanhoso (saltus). Um diploma do anno 1058 [4] indica as confrontações por todos os lados tão detalhadamente, que nenhuma duvida resta de que ella occupava o terreno da actual freguesia de *S. Thomé d'Abação*. Dos no-

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 31.
[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 76.
[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 223.
[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 410.

mes ahi indicados, é certo, desapareceram alguns; mas essa falta não occasiona erro, por isso que os conhecidos limitam-na precisamente. A *villa de auezani* confinava, como hoje S. Thomé d'Abação, com *pinario* (Pinheiro), *colgeses* (Urgezes), *sancti mameti* (logar de S. Mamede, na freguezia da Costa), *matamala* (Matamá), *caluos* (Calvos), *montecello* (Montezello), *sancto christofori* (S. Christovão d'Abação) e *tauoadello* (nas Inq. d'Aff. II, Santa Eulalia de Taboadello, hoje Santa Eulalia de Pentieiros). A sua superficie é um pouco menor que a de Creixomil, apesar do terreno ser de qualidade inferior, pois ha de comprehender uns 525 hectares,[1] divididos na actualidade por trinta quintas ou casaes de lavoira e uns sessenta fogos, habitações de operarios com horta ou quintal.

Entre as villas, de que rezam os nossos documentos, escolheram-se os exemplos acima relatados, por terem as demarcações completas ou quasi, o que não é vulgar; geralmente diz-se apenas que a villa fica perto d'esta ou d'aquella, junto de tal rio, monte ou castro. Basta, é certo, em geral a identificação, podendo-se dispensar a exigencia das confrontações, porque estas conservaram-se quasi inalteradas: as de Quintella, Fromariz, Villa de Conde, Creixomil e S. Thomé d'Abação, que acabam de ser examinadas, são as mesmas da actualidade—nas tres primeiras desde o anno de **953**, na quarta desde o de **926**, e na ultima desde o de **1058**, datas dos respectivos diplomas; com estes titulos á vista temos a certeza que essas superficies se não alteraram em periodos, de **943** annos para Quintella, Fromariz e Villa de Conde, de **970** para Creixomil, de **838** para S. Thomé d'Abação—isto é desde a data dos diplomas até ao presente, época das mais fundas mudanças, visto ter sido n'ella que se operou a desmembração juridica das villas; na immediata anterior, que decorre da queda do imperio wisigothico (711) menos seria possivel qualquer mudança, tam vivas estavam as tradições que a preoccupação era, como já se expoz, conservar os limites antigos—*antiquitum compravare*,[2] do mesmo modo que havia acontecido no tempo germanico:[3] devemos portanto ter por certo que os termos das villas, indicados nos nossos documentos medievaes, eram os do tempo da sua organisação legal no governo romano: por isso preferiu-se para exemplo as detalhadamente demarcadas, para com mais segurança se fazer idea das superficies attribuidas então aos predios regionaes.

O primeiro—Quintella, não excedia muito o agellus de Horacio, mas, apezar

---

[1] Na falta da carta agronomica regional, as áreas de Quintella, Creixomil, Abação e Fromariz, foram deduzidas de informações locaes; a de Villa de Conde foi calculada com aproximação dos seus limites sobre a Carta n.º 7 da *Direcção ger. dos trab. geodes.* Apesar de faltar ás superficies citadas exactidão rigorosa, creio comtudo que os erros não devem ser de grande monta, nem invalidarão as conclusões geraes.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 17.

[3] Cap. IV.

da sua pequenez relativa, representa o que hoje se chama a grande propriedade, segundo a classificação franceza: [1] Fromariz era quasi o dobro: e os ultimos tres— Villa de Conde, Creixomil e S. Thomé d'Abação com as áreas de 550, 600 e 525 hectares constituem a grandissima propriedade; mas ainda assim estavam muito longe d'aquelles *latifundia* que um cavalleiro não podia circuitar n'um dia, segundo o dizer de Columella. [2]

Estas antigas superficies agrarias são ainda na maior parte visiveis: as relações de parentesco e amizade, que se estabeleceram durante seculos entre os cultivadores de cada uma, não permittiram o desaparecimento das demarcações primitivas; fraccionadas, e deixando de ser o *dominium* de um unico individuo, as villas não perderam por isso a sua individualidade historica; o tempo tinha-lhes dado a cohesão moral necessaria para persistirem como nucleos sociaes, apezar de todas as transformações juridicas. A comparação entre certos documentos em diversos periodos—os Diplomas, as Inquirições e a Circumscripção parochial da actualidade, mostra-nos que as maiores se converteram isoladamente em *freguesias*, e que as pequenas se annexaram entre si ou a alguma maior para o mesmo fim, mas conservando ainda n'este caso a sua pristima individualidade, pois formaram então *logares*, nome que o povo lhes conferiu por analogia com as secções dos predios, de que adiante se fallará.

Por isso que as villas, quando se deu a sua desmembração, se converteram em *freguesias* e *logares*, cujas superficies são aproximadamente as mesmas, não é difficil avaliar na generalidade a extensão que tiveram na primitiva; a grandissima propriedade nunca excedeu aqui certos limites, misturando-se aliás com a grande e media, e em todas apareceu logo a pequena cultura, como se dirá no capitulo immediato. Portanto a área maxima devia regular pela d'uma freguesia media actual; a minima foi muitas vezes inferior á d'um predio rural provinciano dos nossos dias, um pouco espaçoso.

E assim a *freguesia rural*—molecula fundamental da sociedade portugueza, foi uma creação espontanea popular, nascida das relações seculares entre os cultivadores d'um mesmo predio ou visinhos, remontando ao tempo, em que Roma ensinou aos habitantes das cividades as suas leis e a sua civilisação.

---

[1] Très petite propriété (0 à 2 hect.).
Petite propriété (2 à 6 hect.).
Moyenne propriété (6 à 50 hect.).
Grande propriété (50 a 200 hect.).
Très grande propriété (plus de 200 hect.).
(Alfr. de Foville, *Le Morcellement*, pag. 91).

[2] *De Re rust.*, L. I, 3—«more præpotentium, qui possident fines gentium, quos ne circumire equis quidem valent».

CAPITULO VII

AS CONSTRUCÇÕES E SUB-UNIDADES CULTURAES

No tempo da conquista do noroeste da Hispania, as villas da Italia dividiam-se na generalidade, quanto á exploração, em duas secções principaes; — uma era cultivada por conta do proprietario com esquadras de *servi*, trabalhando em commum sob as ordens do *villicus*, que aqui se chamou *factor*, [1] pois *feitor*, seu derivado, é o unico termo correspondente na linguagem popular; — retalhava-se a outra em parcellas, ou sub-unidades culturaes, agricultadas isoladamente por homens livres ou da classe serva, mediante a prestação de certa renda, com ou sem serviços pessoaes. Este systema foi tambem introduzido na Gallia; [2] segundo Jubainville, no tempo de Augusto; [3] e entre nós na mesma epoca.

Havia no predio muitas construcções; mas a que se destacava sobre todas era residencia usual ou temporaria do proprietario — a *villa urbana;* unidas a esta, como accessorios obrigados, estavam — a *rustica*, onde se alojavam os *servi* que trabalhavam juntos e os animaes, — a *fructuaria*, onde se guardavam os productos agricolas. Dispersas por todo o perimetro havia emfim as *casae* ou *casulae* dos cultivadores sobre si, dispostas em grupos ou isoladas.

Na Italia, na Gallia e Britania a vivenda do *dominus* era vulgarmente luxuosa, luxo que talvez nunca teve n'este canto do mundo: em todo o caso é fora de duvida, como se vae vêr, que houve nas nossas villas uma habitação dominical, e por isso tambem uma secção reservada para a cultura por conta do proprietario, segundo o costume; as duas são correlativas e não se concebe uma sem a outra.

Nos documentos tomados para base d'este estudo, as habitações, pois é só d'estas de que se está fallando, são designadas por tres palavras indifferentemente — *domus*, *casa*, *edificium*, e em regra pelas duas primeiras, pouco importando que se trate da morada d'um proprietario ou d'um lavrador dependente: se em alguns documentos [4] — *domus habitacionis* se refere á d'aquelle, em outros designa a d'um lavrador talvez adstricto — *domus aruetani;* [5] com *casa* dá-se a mesma indistincção. Mas nos nossos titulos nunca se lê, como nos medievaes francezes — *casa* ou *domus*

---

[1] *Factor* era termo conhecido em terminologia rural: designava o operario que fazia o azeite (Cato, *de r. r.*, 145): e no sentido de *gerente*, segundo Quicherat, lê-se em Inscripções (*Dic. lat. —fr.*).

[2] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 36 e seg.

[3] *Rech. sur l'or, de la pr. f.* etc. pag. 5-14.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 28, 409.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13: sobre os tres termos, Cf. n.os 31, 99, 19, etc.

dominica, [1] que correspondia á *habitatio dominica* ou *villa urbana* dos tempos romanos: a omissão entre nós é muito significativa, pois mostra que nenhuma vivenda, parecida com esta, existiu aqui desde a alta Idade-media, ao contrario do que acontecia na França feudal; e não se perca de vista que essa falta caracterisa por si só a sociedade neo-goda. [2]

Uma vêz porém que a *villa urbana* por força havia de ter existido, visto ser um elemento essencial d'ordem no regime romano e wisigothico, a sua denominação propria só podia expungir-se, quando este se afundiu: e por isso havemos de ir procural-a no ultimo jazigo dos diplomas. E de facto fixado na toponimia, encontra-se já no anno 747, nos documentos da Galliza, um nome commum antigo—*palatium*, cuja significação se adapta a essa vivenda dominical—*per terminum Palatio—& praesimus loca Palatii*, [3] e na nossa collecção em—*villa palatiolo* (anno 922, 924...) [4]—*palatio* (anno 950...). [5] Esta palavra fôra de pratica seguida e prolongada, sem o que não se teria gravado no onomastico local: contendo uma noção d'auctoridade ou de governo, [6] adoptou-a aqui o povo no tempo romano para exprimir a habitação do proprietario, pois era este realmente quem governava todos os habitantes da villa; do mesmo modo então ella se chamava tambem *praetorium*, [7] cujo sentido no fundo é quasi identico.

Depois da queda dos wisigodos, as relações anteriores soffreram uma profunda modificação, por causa da nova doutrina juridica dos reis asturianos. [8] Os novos senhores, que elles crearam, ficaram n'uma posição de dependencia, e as suas habitações não poderam jámais chamar-se com o nome que exprimia uma auctoridade que não tinham; por isso os notarios deixaram de o empregar, e só o povo o conservou quer onde estiveram os antigos edificios, quer nos existentes, onde morava o representante da auctoridade, como adiante se verá. Mas que *palatium* e *palatiolum* designaram as *villae urbanae* primitivas, está a dizel-o, além do mais, a toponimia; *paço* e *paçô* encontram-se vulgarmente nas freguesias, como nomes locaes: na de S. Vicente d'Oleiros (Guimarães) descobriu-se, ha annos, uma hypocausis romana, [9] n'um campo perto da casa do Paço, que é hoje uma habitação

---

[1] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.* pag. 439.

[2] Cap. XII e cap. XIII.

[3] *Esp. Sagr.*, tom. XL. *Ap.*, pag. 358 e 365.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 25, 29, etc.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 81, etc.

[6] F. DE COULANGES, *Hist. d. Inst. pol. de l'an. Fr.: Pr. partie*, ed. de 1875.—«Dans la langue ordinaire du quatrième siècle, l'administration centrale s'appellait le palais, *palatium*,» pag. 435; —«Le mot palais ou maison, *palatium*, *domus* resta employé dans leur langue officiel pour désigner, non pas l'habitation du roi, mais l'administration centrale»—*ibid.* pag. 436.

[7] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 92.

[8] Cap. V e XI.

[9] Foi verificada pelo Sr. Sarmento.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

de lavradores: ahi esteve uma villa urbana, talvez luxuosa, na qual pelo menos o proprietario passava o inverno com o conforto d'um calorifero. *Palatiolum* em França deu origem á denominação de duas localidades — *Palaiseau*, perto de Paris — *Palz*, perto de Trèves. [1]

Segundo as explorações archeologicas feitas em outros paizes, a *villa urbana* era em geral um edificio ao rez-do-chão, formado de quatro corpos unidos que fechavam um jardim, sobre todos os lados do qual corria uma varanda ou claustro: da sua planta fundamental ou contornos geraes dá-nos idéa o andar terreo dos conventos, que a tomaram por modelo. Estes quatro corpos dividiam-se internamente de modo a comprehender os aposentos necessarios para moradia, e muitos d'elles só se communicavam por meio da varanda. As fundações eram de pedra até ao nivel dos pavimentos; d'ahi para cima faziam as paredes de taipa, podendo ser que algumas fossem todas de pedra, que não se encontra hoje, por ter sido removida; a regra mais geral era porém aquella. Apesar da fragilidade da construcção, adornavam-nas muito, com mosaicos, placas de marmore, baixos relevos em argamassa e pinturas. Os seus aposentos eram comtudo pouco espaçosos, visto serem casas d'um só andar: e se o maior numero, como é natural, havia de ser modesto, não faltavam luxuosas, com salas de recepção e bibliothecas, occupando então um perimetro extenso. Foi a estas vivendas terreas, que o povo chamou *palatium (paço)*, menos pela apparencia grandiosa que não tinham, mas por estar n'ella a administração do seu pequeno mundo e ahi residir o *dominus*, quasi o seu soberano. Contigua ou proxima ficava a *villa rustica* e a *fructuaria*, composta de tres ou quatro corpos tambem ao rez-do-chão, que fechavam um eido ou eirado (cohors): em volta d'elle dispunham a cosinha e aposentos dos servos, as córtes dos gados, os compartimentos para a guarda dos productos, tudo emfim o que era necessario para a exploração agricola da terra, directamente por ordem do proprietario. [2]

A maior ou menor distancia d'esta construcção que dominava o predio, estavam ou em grupos ou isoladas as *casae* que primitivamente foram a habitação dos cultivadores parcellarios. «*Casa* — diz Isidoro, [3] est agreste habitaculum palis, atque virgultis, arundinibusque contextum, quibus possint homines tueri a vi frigoris, vel caloris injuria». D'ella a cada instante fazem menção os nossos documentos; — *kasa tractemiri;* [4] *cum casa una murea teliata... alia casa murea coperta a genesta.* [5] Distinguia-se, segundo o mesmo escriptor, [6] do *tugurio* e da *cabana* — «Tugurium casula est, quam faciunt sibi custodes vinearum ad tegmen sui... Hanc rustici Ca-

---

[1] F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 229.

[2] De Caumont, *Ab. d'Arch., Ère gallo-romaine*, pag. 376-410; m. auct. *Arch. civ. milit.*, pag. 7-9.

[3] *Etymol.*, L. xv, cap. xii.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 149.

[6] *Etymol.* L. xv, cap. xii.

pannam vocant». Nos documentos de França, é commum o uso de *casa* no sentido de vivenda nobre; ao contrario, porém, do que aconteceu nas duas peninsulas, foi lá substituida por *maison*, de *mansio*.

A casa era pois uma construcção romana — a habitação isolada de quaesquer trabalhadores (*casarii*). Depois de Constantino veio a designar a mesma superficie que o trabalhador cultivava, e *casales* ou *casalia* eram os marcos que a limitavam (*termini, signa*). [1] Muito diversa da *villa rustica*, onde se alojavam os servos e animaes para fazerem a cultura por ordem e conta do proprietario, referia-se ás construcções, dispersas pelo perimetro do predio, habitadas por homens da classe serva ou não, cultivando pequenas áreas. N'ella vivia uma familia, agricultando a sua parcella, mediante o pagamento de certa renda, com ou sem prestação de serviços pessoaes, segundo a classe a que pertencia, os termos do arrendamento ou da concessão.

Além dos agricultores propriamente ditos, na *casa* moravam tambem os jornaleiros e artifices ligados á lavoira, carpinteiros, ferreiros, pedreiros... que vêmos ainda na actualidade nas freguesias ruraes, construindo e reparando as habitações rusticas, a sua mobilia e apeiria.

O systema parcellar em parte das villas, adoptado em geral na Italia e na Gallia, introduziu-se aqui tambem logo na fundação das nossas. A infinidade d'essas sub-unidades culturaes nos seculos IX e X, e as suas denominações, dizem claramente que vinham dos romanos e que não tinham nascido na vespera; um desenvolvimento tão extenso de pequena cultura não podia ter-se effectuado, senão durante seculos de trabalho perseverante: nos diplomas encontram-se as sub-unidades com as designações principalmente de — CASALES, QUINTANAS OU QUINTAS, e VILLARES.

Todas estas quatro palavras exprimem fracções de villas, transformadas já na alta Idade-média em predios independentes: a leitura diplomatica não nos deixa perceber nenhuma differença entre ellas, mesmo quando a desaggregação era a regra geral. A nova sociedade não estava ainda constituida, por isso conservava-se o mesmo fundo antigo. E a synonymia, existente ainda n'esta época, permitte-nos induzir com a maior probabilidade que vinha da primitiva, significando cada uma d'essas expressões a superficie concedida pelos primeiros proprietarios a servos ou clientes pobres, para ser agricultada, mediante certas prestações.

Das quatro a mais commum é — CASALE. Nos primeiros seculos da Idade-média havia-os de grandezas muito variadas, sendo até alguns já possuidos por gente da classe nobilitada. Primitivamente porém teria sido uma pequena extensão cultural com *casa;* e se esta denominou aquella entre os romanos, aqui foram os

---

[1] RUDORFF, *Die Sch. der röm. Feldm.*, II, pag. 235: *Grom. Vet.* pag. 315, 31, etc.

marcos — *casales*, que prestaram o nome. De *casariius* se derivou *caseiro* com que no principio se chamaram os cultivadores d'essas parcellas e na actualidade os seus representantes — os arrendatarios de bens rusticos e os foreiros.

Na divisão da villa de Santa Eulalia [1] mencionam-se CASALES que deviam ser do typo originario, pois alguns, agricultados por *homens* claramente da classe servil, eram tam pequenos que não soffreram partilha; emquanto que Cartemiro e Astrilli, [2] descendentes dos *pressores* da villa de *Sonosello*, denominam CASALE a sexta parte d'esta, a qual continha gado graudo e miudo — *cubus et cupas lectos et catedras mensas sautos et pumares amexinares uineales terras ruptas uel barbaras casas lacar*... tudo n'uma superficie continua, como se vê da descripção. Era um predio importante: mas a palavra conservava a significação fundamental, posto que agora amplificada. Havia-os cercados de paredes — *casale nostrum propriu per sua clausura et cum paretes*, [3] ou eram apenas circuitados por valles — *medietate de illo* CASARE... *comodo iace concluso per suo uallo*: [4] n'outros emfim habitavam já os seus proprietarios — *mediatatem de meos domus ubi modo auito de ipso casalem in omnique giro comodo est conculsu.* [5]

Das innumeras passagens que lhes dizem respeito, assim como das descripções que apparecem aqui e alli, vê-se que os CASAES eram verdadeiras sub-unidades culturaes, contendo terrenos variados, provavelmente de todas as producções que havia nas villas. Na desmembração d'estas transformaram-se em predios rusticos independentes, persistindo atravez de todas as convulsões sociaes. Mas desde que se tornou effectiva a nova organisação da sociedade, a palavra ficou restricta ao predio rustico não nobre: e talvez, porque se prendia mais á vida do povo, veio a designar em geral o patrimonio da familia, e n'este sentido foi recebida pelo direito civil: passou tambem á toponimia, e foi muito usada nas outras linguas romanicas; na espanhola tem a mesma significação da nossa; em italiano diz-se por um logarejo, e em Sickel, lê-se — *de casale Paterniano.* [6]

QUINTANA e QUINTA apparecem-nos logo tambem. Em 933 Viliulfo e mulher vendem — *septima portione de quintana de teuuili... in villa... alvarenga... de ipsos suos pumares cum casas et lagar petrinio terras... i que giru sunt sit et in molino.* [7] Na doação em 949 de Godon a Mummadona declara-se — *et extra mea quintana conclusa cum uinea.* [8] Em 1029 Mendo Garcias vende na villa de Loureiro — *in loco predicto bustelo quinta per suos locis et terminos antiquis ut ila potue-*

---

1 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.
2 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6.
3 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 207.
4 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 151.
5 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 79.
6 Cit. por JUBAINVILLE, *Rech*, pag. 483.
7 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 38.
8 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 59.

riti inuenire in casas pomares sautos uineas pomiferas pascuos padules: [1] — *kasa con sua quintana:* [2] — *Id sunt quintana ubi parentes nostros auitarunt domus auitacionis in pumares sautus,* etc. [3] — *in terra de penafiel una quinta:* [4] — *1.ª larea de terra qui iace in illa quinta de codesindu consalbiz.* [5] Juntamente com estas duas fórmas encontra-se QUINTANALE, — *ilo quintanale ubit auitabit gundilsalbo... comodo est concluso in omnique giro... in uilla nanandinit* (nandini, Landim). [6]

Dos textos adduzidos, sendo inutil citar mais, infere-se que QUINTANA e QUINTA eram, como os casaes, sub-unidades agricolas, formadas dentro das villas; compunham-se, como elles, de habitações de cultivadores ou proprietarios, pomares, terras lavradias, soutos, vinhas, etc. QUINTANALE seria um diminuitivo, correspondente ao QUINTAL da actualidade — a gleba horticola junta a uma casa, que tambem se chamaria QUINTANA. [7]

D'estas tres denominações, subsistem hoje duas — *Quinta* e *Quintal*, designando cada uma superficies culturaes de diversa extensão. Filiam-se todas em *quintana, quintãa,* a originaria, segundo Cornu, [8] da qual se derivou *quinta,* pela queda do «*n*» e retrocesso simultaneo do accento, ou desde o principio seriam as duas empregadas? De *quintana* derivou-se não só *quintal,* como mostra a fórma *quintanale,* mas tambem a denominação toponimica — *Quintã, Quintães,* nomes vulgares de muitos sitios e predios rusticos. O facto pois de se ter conservado o accento n'estas ultimas, faz crêr que se conservaria do mesmo modo na palavra commum, se fosse a unica originaria, o que nos leva a aceitar de preferencia a segunda hypothese: nos documentos de França encontra-se uma villa denominada «MEDIA-QUINTA». [9]

Quintana e *Quinta* eram pois sub-unidades de meros cultivadores, como os *casales,* e assim foram sempre até depois da completa desorganisação das villas: ainda nas *Inquirições* não eram outra cousa, visto havel-as de herdadores e de cavalleiros. Só mais tarde, desaparecendo a primeira — *quintana,* a segunda serviu para designar o predio rustico com uma habitação nobre; e por fim hoje voltou á significação da primitiva, e tanto designa este, como qualquer outro.

Estas duas denominações parecem remontar ao periodo da fundação das villas: a sua origem, posto que obscura, não será como a recordação da agrimensura romana? No estabelecimento das colonias os Gromaticos, depois de traçarem o *De-*

---

1 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 266.
2 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 306 e 371.
3 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 409.
4 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 441.
5 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 519.
6 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 180.
7 Cf. *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 306 e 371.
8 *Die port. Spr.*, § 123.
9 F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.* pag. 222.

cumanus maximus (E. a W.) e o *Kardo maximus* (N. a S.), passavam a demarcar as centurias com linhas parallelas ao primeiro, seguindo o antigo systema decimal; o numero *cinco* tinha por isso uma grande importancia; cinco centurias formavam um QUINTARIUS *qui quinquem centurias cludit;* [1] o QUINTUM *quenque limitem* determinar-se-ha *diligenter* — diz Higinio, e o QUINTARIUS deve ser marcado por uma lapide. [2]

Nada mais possivel que os fundadores das villas, na medição d'ellas, seguissem o systema decimal; então apareceriam naturalmente as designações de *qüintarius, quintana* ou *quinta;* talvez no principio a terminologia fosse rigorosamente empregada; a primeira palavra designaria uma superficie de *cinco* ou d'um multiplo de cinco medidas agrarias; as segundas, uma qualquer quinta divisão, onde se poria um marco especial. Essa medição serviria para o proprietario conhecer a extensão da sua villa, como hoje fariamos, medindo em hectares; beneficiando posteriormente alguns dos seus trabalhadores com uma parcella cultural, se esta demorava no sitio d'essa divisão, facilmente receberia o nome de *quintana* ou *quinta* que já tinha antes. Repetindo-se o facto era natural inverterem-se as significações: — *quinta* e *quintana*, em vez de linha numeral, passou a designar a parcella agricola, e *quintarius*, conservando a idéa fundamental de superficie limitada, daria origem a *quinteiro*—nome em muitos sitios do pateo interior da vivenda rustica, synonymo de *eido, aido, eirado* ou *rua;* isto é, o termo que significava uma área extensa, ficou para denotar outra muito restricta.

Póde ser tambem que *quinta* ou *quintana* fossem quer uma subdivisão decimal de qualquer medida agraria, quer uma medida completa, mas provavelmente não tão pequena, como a indicada por Ducanje. Em todo o caso, segundo parece, o termo deve provir da agrimensura. [3]

VILLAR era uma outra sub-unidade de cultivadores, como o casal ou a quintana; — *uillare spasandi.* [4] Esta palavra teria sido derivada do adjectivo *villaris.* pertencente á villa. Escreve-se no singular, mas mais geralmente no plural, representando um grupo de secções agricolas. Hoje perdeu a significação commum; conserva-se unicamente na toponimia. *Villare* lê-se tambem no *Codex Wissemburgensis*; [5] segundo F. de Coulanges, podia referir-se a predios iguaes ás villas. [6] Qui-

---

[1] *Grom. Vet.*, pag. 174, 16.

[2] *Grom. Vet.*, pag. 112, 9-12.

[3] Nos acampamentos militares, *quintana,* com o mesmo sentido decimal, era uma estrada parallela á *via principalis*, dividindo primitivamente o *quinto* do *sexto manipulus;* designava ahi tambem uma feira por traz do Praetorium: a primeira accepção estendeu-se depois a qualquer via larga carrossavel, a segunda a pequenos mercados. RUDORFF, *Obr. cit.*, pag. 350, not. 299; FESTUS, v. *Quintana* e not.; ISID., *Etym.*, lib. XV, cap. II, n.os 23 e 24; DUCANJE, v. *Quintana*, 5.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.

[5] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 119, not. 2.

[6] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 212.

cherat [1] considera *villare, villier*, augmentativo de villa. Aqui pelo contrario exprimiu apenas fracções, significação que lhe é dada sempre pelos nossos diplomas.

Antes de concluir a discussão d'estas denominações, convem lembrar ainda duas que foram muito usadas; uma — *chors, tis* ou *cohors, tis*, significava em latim classico o recinto das construcções rusticas; Varro [2] aconselha nas grandes explorações duas *cohortes*, uma das quaes, pela descripção que faz, corresponde com justesa ao nosso *eido, eirado* ou *quinteiro;* por extensão veiu a significar uma sub-unidade — «*in uilla dagaredi... salinas... uendimus uobis medietate de ipsa corte;* [3] — *ipsa corte inter corte de ceidi teudaldiz et de alia parte corte de cidi pelagiz... in uilla matesinus.* [4] *Corte* não se fixou n'este sentido, que aliás apenas se lê, creio, applicado ás salinas, mas sim no seu antigo ligeiramente mudado e em certas glebas.

A outra denominação tambem usada foi — *ager, agri, agellus* (agro, agra, agrello, agrella,) como se vê das seguintes referencias — «*agro ubi ansemundus habitat*» [5] — «*agrelo ubi atanagildus habitat.* [6] A palavra porém não se conservou n'esta significação, mas sim na de gleba cultural, como se dirá no capitulo immediato.

Estas sub-unidades, sob qualquer das denominações anteriores, misturando-se com as dos simples operarios, diffundiram-se por todo o perimetro das villas. Mas estariam as casas destacadas umas das outras, ou unidas? e no ultimo caso de que maneira seria o agrupamento? A este respeito os documentos repetem constantemente dois termos — *vicus* e *locus;* algumas vezes — *villar;* — *uigus uel uilares;* [7] — *llocis et uigus,* [8] — *uicos et locis;* [9] — *in uigo que dicent minudal;* [10] — *uillam... cornelianam cum uiculis.* [11]

Quando os textos dizem *villares*, já sabemos que devemos entender um grupo de sub-unidades culturaes, tendo a distribuição dos *logares*, talvez com a differença que seriam exclusivamente de cultivadores, e não tambem de artifices, como estes ultimos. Em todo o caso não constituiam arruamentos, por isso que as localidades assim chamadas hoje não affectam esta disposição.

---

[1] *De la formation française des anciens noms de lieu*, pag. 15.

[2] *De r. r.*, I, XIII.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 35.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 274; cf. *Inquirições*, pag. 332, 1.ª e 2.ª col., onde se lê *corte* em referencia a salinas que então se chamavam *sainas* ou *saynas*.

[5, 6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.

[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 64.

[8] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 112.

[9] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 159.

[10] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 43.

[11] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 18.

Vicus [1] pelo contrario, exprimia habitações agrupadas; podia ter seis significações bem diversas; — grupo de casas de servos ou de cultivadores da villa, rua, confluencia de ruas, bairro de uma cidade, grandes burgos transformados posteriormente em cidades; e emfim povoados de proprietarios com residencias contiguas, formando uma communa rural, especie de associações, com administração propria limitada a certos fins, sob a denominação de *vicani*. N'estas ultimas circumstancias haveria um povoado perto de Amarante, como deixa inferir a inscripção [2] ahi descoberta; da penultima temos um exemplo em Vigo (*Vicus Spacorum*). Não é evidentemente a nenhuma d'estas especies, nem ás tres anteriores, ás que se referem os titulos, pois a existencia d'ellas seria de todo o ponto impossivel em tal quantidade dentro das villas; mas sim á primeira — aos grupos de *casae* ou *casulae* dos agricultores parcellarios: a palavra popular então usada devia ser *vigo*, consoante nos permitte induzir a fórma diplomatica *vigo*, que se encontra em Vigo, na actual cidade maritima da Galliza. A palavra no sentido commum perdeu-se, talvez porque taes agglomerações eram raras; os notarios escrevel-a-hiam por fórmula de tabellionato ou por hesitação de linguagem, e não porque o facto fosse vulgar, aliás o termo teria subsistido, como *logar*.

As raras e poucas agglomerações existentes, antigamente chamadas *vigos*, são designadas agora por *aldeia*, que se não lê nos diplomas; esta omissão e a sua origem arabe na significação de *bourgade*, [3] estão a dizer que foi importada posteriormente do sul, onde é corrente esta fórma de povoados. Apesar de ser estrangeira tornou-se popular, visto encontrar-se na toponimia, dizendo-se quando não ha presentemente agglomeração — *logar d'aldeia*, ahi onde, é de crêr, houve um vigo em tempos remotos. [4]

A maneira usual e commum de dispôr as habitações dos lavradores e industriaes devia ser em *locis; — per suis terminis et locis antiquis;* [5] *— per llocis et uigus et terminos antigus;* [6] *— uel uicos et locis antiquis.* [7] Havia pois certas secções que os notarios indicavam por *locus* que distinguiam de *vigus*. Que aquelle termo na pura linguagem juridica designava uma parte do *fundus*, não póde haver duvida: Ulpiano diz [8] — «Locus est non fundus, sed portio aliqua fundi»: e na *controversia de loco* indagava-se se certa gleba em litigio pertencia a tal ou qual predio. [9] En-

---

[1] F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 38-40: Marquardt, *Röm. Staatsv.* I, pag., 7 e 8.

[2] Hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães: — IOV MA || XUMO || VICANI || ATUCAUSE (uses?).

[3] Dozy, *Gloss.*

[4] É claro que se não consideram aqui outras significações derivadas e litterarias, como *estar n'aldeia*, aldeia — *predio rural*, etc. etc.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 10.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 112.

[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 159.

[8] *Dig.*, l. L, tit. XVI, l. 60.

[9] Rudorff, *Die Schr. der röm. Feldm.*, pags. 235, 438, 442.

tre nós, mantendo a sua significação fundamental — parte da villa, *portio fundi*, denominou especialmente os sitios dentro d'ella, onde se reuniam as parcellas culturaes, como se vê da distincção entre *vicus* e *locus*, feita pelos notarios nos exemplos citados — distincção confirmada pela accepção popular de *logar* n'este sentido. Um *locus* ou *localis* foi desde a introducção do parcellamento, como é ainda hoje, uma superficie preoccupada por vivendas de cultivadores e artifices, não contiguas, mas separadas por glebas. Se são muito raros os arruamentos *(vigos, aldeias)* — os *logares* constituem a generalidade, a fórma typica, que se reproduz sempre, até onde as construcções são recentes.

Esta distribuição por *logares*, feita logo pelos primeiros *possessores* das villas, segundo a palavra está a dizer, foi a que se radicou. O casal, que começou talvez com poucas e diminutas glebas, foi augmentando posteriormente, mediante o sentimento profundo que prende o homem á terra, até que adquiriu, no decurso do tempo, o limite maximo da sua expansão — a área cultivavel por uma familia.

Cada uma das casas dos casaes era no principio aquelle *habitaculum agreste*, de que falla Isidoro, podendo apenas defender os inquilinos da intensidade do frio ou do calor; mas quando as pequenas glebas se tornaram fecundas, deu-se naturalmente um grande aperfeiçoamento, ainda durante o regime romano. A influencia d'elle é bem visivel, tanto no delineamento geral, como nos compartimentos principaes da habitação rustica, que se constituiu então, como hoje a vêmos, pelo menos nos seus pontos fundamentaes; a parte mais importante d'ella foi com certeza a cosinha *(culina, * cocina)*, que serviu ao mesmo tempo de *atrium*, pois o nome de *lar* ou *lareira* dado á pedra sobre que se faz o fogo indica, que essa plataforma se destinava quer para preparar os alimentos, quer para queimar o incenso aos *lares*, segundo o costume primitivo da Italia, onde a vida commum da familia rural no *atrium* durou até ao imperio. [1] Essa distribuição antiga, desconhecida já n'esta época nas vivendas ricas, conservou-se nas pobres, e foi aqui introduzida, consoante as palavras mostram: *âtre* (d'*atrium*), *foyer* (de *focus*) levam-nos a suppôr identica introducção em França. E se então, não se póde deixar de presumir, as nossas habitações ricas possuiam um compartimento especial destinado á cosinha, na qual a plataforma do lume se chamava propriamente *caminus* [2] — o termo usado nas habitações do povo, tornando-se o unico geral, absorveu-o, como casa absorveu *domus* e *palatium*. Do mesmo modo são de origem latina — *trasfegueiro, cantareira, forno*.

Ahi, n'essa cosinha terrea, sem chaminé, segundo o uso romano, passou-se, como se passa ainda, quasi toda a vida do cultivador, de portas a dentro; ahi tem velado os serões das longas noites de inverno, e descançado as horas da sesta na

---

[1] Marquardt, *Das Privatleben der Römer*, I, pag. 213-214, ed. de 1879.

[2] Rich, *Dic.*, cf. as palavras — *atrium, focus, caminus 3, culina, domus*.

força do estio; ahi dormiram as mulheres e as crianças emquanto não pôde construir o *sobrado*, pois aos adultos masculinos bastava um ninho de palha nas *barras*, sobrepostas aos estabulos. Á entrada ou pateo central chamou, conforme as localidades—*eido* [1] ou *aido* (de *aditus*), *eirado* (de eira), *quinteiro* (de *quintarius*), *rua* (de *ruga*); em volta ou ao lado levantou o alojamento dos animaes—as córtes (de *chors*, *chorstis*). N'um coberto qualquer, pegado ao *eido*, fabricou o vinho, e ahi deixou as cubas, antes de possuir uma *cella vinaria*, que só seria construida mais tarde, como *loja*, de origem germanica, faz suspeitar. Na *eira (area)* debulhou os cereaes, levantando ao lado d'ella, para os defender dos chuveiros do verão ou dos orvalhos da madrugada, um abrigo ligeiro—o *alpendre (ad pendulum)*. Fez tudo á pressa, com pouca solidez, porque lhe faltavam os capitaes do proprietario; mas bem ou mal alojado, o cultivador estava em sua casa. Teimoso e pertinaz, passaram sobre elle calamidades sem numero, mas não o desalojaram; o *paço* cahiu em ruinas, a *casa* ficou. A palavra que entre os latinos tinha um sentido servil, nobilitou-se na Espanha e na Italia. Ao mosteiro de Guimarães chamava já *casa* a linguagem popular em 983. [2]

Se na *casa* os sacrificios se faziam ainda na cosinha á maneira antiga, no *palatium* tinham os *lares* o seu *sacrarium* proprio ou *lararium*, como por toda a superficie se diffundiram tambem os templos e templosinhos, que se ligavam tam intimamente á vida rural e cujos vestigios se encontram hoje aqui e alli, nos valles e montes. Todos esses templos possuiam terras de cultura, e mattas sagradas, quer para o uso dos sacerdotes, quer para o exercicio das festas. Em volta d'elles estavam os *fines templares e sepulturarii*, [3] que depois da prégação do christianismo reapparecerão sob outro nome. As egrejas, capellas e ermidas christans, substituindo os antigos templos, não poucas vezes occuparam os mesmos sitios, segundo attestam os restos ahi descobertos. Das terras destinadas ao velho culto, se todas ou a maior parte foram secularisadas, as instituições christans accumularam bem depressa grandes haveres territoriaes, mediante a piedade dos fieis. As novas fundações religiosas estendem-se e disseminam-se constantemente. As doações succedem-se, tornando-se tão valiosas, que as egrejas vieram a representar um papel culminante na aggremiação dos homens que viviam no perimetro das villas. Quando estas se desmembrarem, convém notar desde já, dentro das suas demarcações primitivas e em volta do campanario emergirá uma nova sociedade de lavradores.

---

[1] Por extensão, veiu a significar tambem um pequeno predio rustico: nas *Inq.* lê-se a pag. 323, 1.ª col.—«eido de Balteiro cum seu cortinal est regaengo».

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 138.

[3] Rudorff, *Die Schr. du röm. F.*, pag. 262-264.

CAPITULO VIII

AS GLEBAS E PLANTAS CULTIVADAS

A discussão das sub-unidades, que acaba de fazer-se no capitulo anterior, deixou a claro que a cultura em vez de se estabelecer em grande, ao que davam margem as áreas de 500 a 600 hectares, [1] foi pelo contrario desde o principio instituida parcellarmente. Mas os casaes, quintanas e villares não representam a ultima divisão, a necessaria para a rotação e differenciação das plantas cultivadas; essa, estando no fundo da escala, encontra-se nas *glebas;* é ahi onde o lavrador vai exercer o seu trabalho e tirar o pão de cada dia; n'ellas está o fundamento da vida e regime rural; na grande lavoira estendem-se a perder de vista, na pequena restringem-se á actividade d'uma familia, como aconteceu no nosso systema agrario. Por isso reunem-se n'um mesmo capitulo as glebas que produzem, e as plantas produzidas.

Quasi todos os diplomas fallam de *terras irruptas* ou *barbaras, bustelos* ou *bauzas,* e *saltus.* Posto que estas palavras designem em geral falta de cultivo, ha comtudo differença na sua significação especial. Pelas duas primeiras entendem-se terras que nunca receberam amanho — *barbaras,* de que se derivou *bravo* [2] e *desbravar;* o mesmo sentido ficou na frase corrente — *terrenos de bravio. Bustelo* e *bauzas* eram parcellas destinadas á producção de matto, semeado ou espontaneo, tanto para pastagem como para a cama dos animaes. *Bauza* é ainda termo usual na fórma — *bouça,* por intermedio de *bouza;* [3] *bustelo* só existe na toponimia. *Saltus* exprimia terrenos montanhosos, cobertos de arvoredos sylvestres; este sentido conserva-se em *souto,* matta de castanheiros ou carvalhos, que além da plantação não exigem nenhuma cultura mais.

As bouças e bravios não denotam um retrocesso agricola, mas antes existiram sempre, tão intimamente se ligaram ao systema cultural, que ainda hoje são a base fundamental d'elle. A sua vegetação espontanea era uma riqueza natural a que recorreram os fundadores, destinando-a ora á pastagem e preparação de estrume (*stramen,* * *strumen*), [4] ora ao fornecimento de madeira e lenha para as construcções e usos domesticos. Os terrenos de bravio representaram sempre um papel importante; sendo pouco ferteis, não pagavam outra cultura: dentro das villas distribuiram-se pelas peores secções, aqui e alli, irregularmente, como os vemos na actuali-

---

[1] Cap. VI.

[2] J. Leite de Vasconcellos, *Rev. Lus.,* II, n.º 4, pag. 304 e 361.

[3] *Inquirições,* pag. 301, 1.ª col., pag. 332, 1.ª, *passim.*

[4] J. Leite de Vasconcellos, *Rev. Lus.,* II, pag. 368.

dade: d'elles havia uns privativos de cada sub-unidade, outros ficaram no uso commum dos lavradores d'uma mesma villa, ou de mais, pois que, quando ellas se extinguiram, essa communidade passou aos habitantes da freguesia ou freguesias que substituiram os predios.

Para as terras cultivadas (*ruptas*) o termo geral é *campo*, cuja derivação é bem conhecida: mas como elle podia ter diversas situações e culturas, a terminologia havia tambem de differenciar estas e aquellas.

Junto das casas estavam as *cortinhas*, ainda hoje vulgarmente na mesma situação — *illa cortina integra comodo iace conclusa con suas cidrieiras* [1] *et con suas mazanarias et con suas... arias iuxta domum...* [2] — «*siue de omne casale quomodo iacet cum suas cortinas...*» [3] ou — de *illa alia cortina qui iacet tras casa...* [4] D'estes textos vê-se que a cortinha era uma gleba vedada perto das habitações, o que confere com alguns exemplos referidos por Ducange; hoje aparece com o mesmo nome em quasi todos os casaes, assim como *cortêlho*, seu affim. Filiam-se ambas em *cohors cortis, curtis* — o recinto fechado em volta do qual estavam as construcções agricolas incluindo os estabulos, aos quaes agora a linguagem popular chama — *córtes*, de que *cortêlho* é tambem um diminuitivo no mesmo sentido. De *curtis*, significando o conjuncto das edificações com um pateo, [5] derivou-se litterariamente *córte*. No sentido rural porém *cohors* ou *curtis* nunca entre nós denominaram todo o predio, ao contrario do que aconteceu em França.

Ahi tambem, perto das habitações ou ás vezes a distancia, quando o terreno era mais adequado, estavam as glebas destinadas é horticultura — o quintal ou a horta, que haviam de produzir os legumes e as plantas herbaceas de consumo directo. No capitulo anterior citou-se o diminuitivo de quintana — *quintanale*, [6] de que procede a forma *quintal*. Não se póde affirmar se ambas tiveram identica significação, mas é de crêr, porque *quintanale* exprime uma reducção da quintana; pelo menos as duas palavras, que designam as glebas horticolas, remontam á fundação das villas.

Nos valles fundos e terrenos abundantes de aguas, eram cultivadas as hervagens, dando-se d'elles uma ou mais parcellas a cada casal. Lá estavam os *pratis pascuis padulibus*, [7] os prados ou lameiros, as pastagens ou paues, que alimentavam

---

[1] Esta arvore parece ser a cidreira *(citrus medica, propriamente dita)*. A respeito d'ella diz DE CANDOLLE, *Origine des plantes cultivées*, pag. 143: «On estime que l'espèce a été cultivée en Italie dans le IIIe ou le IVe siècle, après des tentatives multipliées. Palladius, dans le Ve siècle, en parle comme d'une culture bien établie». Não admira pois que existisse aqui em 986, data do diploma.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 151.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 206.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 419.

[5] F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 440-441.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 180.

[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 56, etc.

o gado, sobretudo na força do estio, quando as hervas amadurecem e seccam nos montes; não só os prados naturaes, mas os preparados artificialmente pela sementeira de hervas e distribuição da agua por conductos — *ductibus aquarum.* [1] N'esse tempo as terras humidas não serviam para outra producção, exigindo os cereaes terras enxutas: aquellas porém não eram de pouca monta. Por isso as fontes e todas as correntes foram cuidadosamente aproveitadas; expressões como *aquas cursiles uel incursiles,* [2] — *fontes aquis aquarum,* [3] repetem-se constantemente; percebe-se que o conhecimento d'esta riqueza era tradicional e sobre ella exercia-se, conforme a jurisprudencia romana, um direito de propriedade, analogo ao da terra — *illo* (agro) *concedo cum sua aqua de aqua leuita que ipso agro inrigat.* [4]

Nas margens dos rios, as glebas tomavam muitas vezes a denominação de *varzena* ou *varza;* — *hereditate... ad foze de pauia. Id sunt illas uarzenas integras de ambas partes in ripa de pauia;* [5] — *cum suas uarzas de ambas partes durio;* [6] — *varzena... in ripa leza quomodo est conclusa de illo arrugio.* [7] Esta palavra é de origem obscura; foi comtudo muito commum, porque existe vulgarmente na toponimia em *Varzea, Varge* ou *Barge.*

Por isso que n'esta época as aguas não estavam laqueadas, nem se tinha operado a terraplenagem artificial de grande parte de glebas, o que só foi possivel mais tarde com o augmento de capitaes, escolheram-se para a producção cerealifera os terrenos com uma certa seccura e de superficie plana ou quasi, onde o arado podesse trabalhar com facilidade; pois os cereaes então usados não eram cultivaveis em terras carregadas de humidade. As chans das encostas, as planuras dos outeiros, as planicies enxutas dos valles, realisavam naturalmente estas condições, sem exigirem obras d'arte: os terrenos d'esta qualidade, comprehendidos na demarcação das villas, receberam a denominação de *ager, agri,* na significação restricta de que depois a neo-linguagem formou *agro, agra, agrello, agrella,* que se fixaram na toponimia, designando ainda hoje ora terrenos na situação indicada — *Agra do Salvador, Agra de Lustosa...,* ora sitios ou logares a que se estendeu a denominação primitiva d'uma parte d'elles; — *Agra* (S. Torquato, Guimarães; Palmeira, Santo Thirso, etc.), *Agrella* (Santo Thirso, etc.) Com o uso popular estão de accordo os documentos que a cada passo mencionam estas parcellas.

Mas como as villas se repartiram logo em sub-unidades, a cada uma d'ellas necessariamente devia ser deferido um retalho d'esse campo cerealifero, muitas vezes o unico que existia no perimetro do predio; por tal motivo foi dividido em pe-

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 56, etc.
[2] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 58.
[3] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 64.
[4] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 291.
[5] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 49.
[6] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 101.
[7] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 193.

quenas áreas—*leiras*, palavra que se lê nos nossos titulos sob varias fórmas—*larea* e *lariolla*; [1]—*laria*; [2]—*laira*; [3]—*leira*. [4] A sua etymologia é opiniativa; de —*lira*, *area*, *glarea*? [5]

As agras pertencem hoje a muitos proprietarios, que representam juridicamente os antigos cultivadores dos casales, quintanas e villares; quando as villas se extinguiram, cada uma das sub-unidades ficou com a parte que alli lhe tinha sido attribuida; e como estas persistiram, persistiu tambem a divisão em *leiras* d'esses terrenos que foram, dopois dos cimos montanhosos, os primeiros cultivados em cereaes.

Comprehendiam estes duas classes—de inverno e de verão. Pertenciam á primeira o centeio (*centenum*, adj.), [6] a cevada (*cibat (us, a) um*), [7] aveia (*avena*), trigo (*triticum*): quanto ás variedades d'este, póde ter-se como certa a cultura do *far*, o cereal mais antigo do Latium [8] e o unico empregado no Ritual romano, cuja recordação ficou gravada no diminuitivo *farello*. [9] Todos estes nomes procedem do latim, perdendo-se infelizmente os indigenas, pois algumas especies, senão todas, eram já cultivadas em volta das citanias; os diplomas fallam á miudo d'elles, menos da aveia, que me não lembra vêl-a mencionada. Os de verão eram o milho alvo (*milium*, *panicum miliaceum*, Lin.) e o painço (*panicium*, *panicum italicum*, Lin.); sobre este ultimo são tambem ommissos os titulos da alta Idade-média, talvez por ser cultivado principalmente por causa da palha. Basta citar as seguintes referencias:—*civaria*; [10] *ciuada*; [11] *inter milio et centenum*; [12] *milio... tritico*. [13] Modernamente *milho* ou *milhão* veiu a designar o *maiz*, que se tornou o cereal preponderante. Todavia em muitas localidades ainda hoje, quando se diz *milho*, entende-se *milho alvo*. [14]

---

1 *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 91, 141, 142, 153, etc.

2 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 404.

3 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 401.

4 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 142.

5 Cornu, *Obr. cit.*, § 18; Körting, *Lat.-rom. W.*, art. 716. Observe-se que as leiras se encontram de preferencia em terrenos ferteis; por isso mal se lhes adapta a significação de *glarea*, areia grossa, cascalho: *area* traduz com justeza o sentido de leira—*Humus in areas dividitur*; Colum.

6, 7 Körting, *Lat.—rom. W.*

8 «Primus antiquis Latio cibus,» Plin., *N. H*, L. xviii, 19, ed. de Littré: esta variedade, segundo Alph. de Candolle, *Or. d. pl. cult.*, era talvez o *Tr. dicoccum* ou *Tr. monococcum*.

9 Cornu, *Obr. cit.*, § 5.

10 *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 140, 142, 151, etc.

11 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 153.

12 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 91.

13 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 212.

14 Este cereal era usado na Campania. Marquardt, *Das Privatleben der R.*, ii, pag. 404, nota 1 (ed. de 1883).

Relaciona-se com os cereaes o *restibo*, a segunda cultura no mesmo anno, significação um pouco alterada de *restibilis*, que se dizia d'uma terra cultivada annualmente.

Se attendermos aos costumes, o pão foi preparado com o trigo, centeio e milho alvo; com cada um dos dois primeiros isoladamente, ou misturados entre elles ou com o ultimo; mas o mais commum havia de ter sido a mistura de centeio e milho alvo; pois as frases populares tradicionaes dizem—*pão de mistura*, depois de feito; *pão meado*, em grão. O trigo, vista a sua producção pouco abundante, era reservado para a gente rica, emquanto que ao povo restavam os outros dois cereaes, ordinariamente misturados; e de tal modo se radicou o habito da mistura, que se faz modernamente com o maiz e centeio.

No tempo das cividades, os cereaes eram moídos nas pequenas mós manuaes, já referidas; [1] os romanos, é de crêr, não introduziram as suas, cuja fórma de ampulheta é bem conhecida, movidas a braços ou a força animal, aliás ter-se-hiam encontrado aqui ou alli restos d'esses utensilios; a completa ausencia d'elles faz antes suppôr que os cereaes continuaram a ser moídos nas mós antigas, [2] emquanto não foram importados os novos moinhos d'agua, que não tardaram muito, e deveram vulgarisar-se rapidamente, em consequencia da abundancia de correntes aproveitaveis para este fim. Segundo os textos adduzidos por Marquardt, [3] elles existiam na Italia no tempo de Plinio, e conforme os nossos usos de linguagem, o engenho introduzido pelos romanos foi o que se chama *moinho* (turbina primitiva) que conserva a raiz latina (*molinus, a, um*), [4] emquanto que a roda hydraulica, n'esta applicação pelo menos, foi empregada muito mais tarde, pois *azenha*, nome technico, deriva-se do arabe. [5] Com a linguagem estão conformes os documentos; na nossa região, no seculo x, existia sómente o primeiro, mencionado ora na fórma quasi definitiva—*molino*, [6] ora em *sesegas* ou *sesigas* [7] *molinarum* ou *molinantium* [8] e em

---

[1] Cap. II.

[2] Em Villa Chã (Espozende) parece que existem ainda em casa dos lavradores utensilios parecidos com estes.

[3] *Das P. d. R.*, II, pag. 406, n.º 7.

[4] KÖRTING, *Obr. cit.*

[5] DOZY, *Gloss.*, v. *aceña*.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13 e 82.

[7] *Sesegas* ou *sesigas molinarum* exprimem o local onde estava o moinho. DUCANJE (*Gloss.* VI, pag. 322 e 458) cita as fórmas parecidas—*sessa, sessus, sesses*, provenientes de *sedes*: compare-se com esta a usada ainda na linguagem popular—*sessegas*, pedras ou arvores que indicam uma limitação, e portanto uma área determinada. A noção fundamental vem pois a ser o espaço occupado por qualquer coisa. V. *Elucid.* HERCULANO, *Hist. de Port.*, I, not. 21, pag. 505, entende que a palavra se restringe ao local das moendas. Nas *Inquirições* lê-se—«*quod daret* ei illam sesegam et quod faceret ibi molendinum,» pag. 538, 1.ª col.;—«Sesiga molendini», *ibid.*, pag. 537, 2.ª col No mesmo sentido de *sessegas* diz o n.º 64 dos *D. et Ch.*—*stateras molinarum*.

[8] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 14, 26, 56, etc.

sesicam molinariam; [1] no territorio de Coimbra porém, além dos *molinos,* [2] havia então mais a azenha (*azenia*): [3] emquanto pois o norte só possuia o moinho, turbina de madeira, a roda hydraulica já tinha sido applicada no sul pelos arabes á moagem.

Das leguminosas temos a certeza da cultura de quatro especies: — a fava (*faba*), a ervilha (*ervilia, ervum*), [4] as lentilhas (*lenticula*), [5] e o chicharo (*cicer*). [6] As duas ultimas desappareceram da parte littoral, mas conservam-se na transmontana. Do feijão (*phaseolus*, ital. *fagiolo*, antigo espanhol *faseolo*) Alph. de Candolle [7] entende que entre os romanos a palavra não designava a planta actual, mas uma leguminosa parecida, pois o feijoeiro vulgar é oriundo da America. Observa-se comtudo que no seculo XII se cultivava muito um grão, a que as *Inquirições* chamam *feygiones* [8] ou *feygioes*. [9] O *tremoço* exige mais explicações: esta palavra, derivada do grego Θερμος, entrou no portuguez e no espanhol *atramuz* ou *altramuz*, segundo Dozy, [10] por via da arabe *al-tormos*. Candolle [11] indica duas especies — o *Lupimus albus* com a variedade *Lup. hirsutus*, e o *Lup. thermis*, ambas tão semelhantes que já houve lembrança de as reunir n'uma só; na opinião do mesmo auctor a planta é cultivada na Espanha desde tempos remotos, onde existe quasi espontanea. Mas admittindo-se a procedencia do nome directamente do arabe, como as duas especies são muito parecidas, e não se póde entender que a palavra fosse aceite para caracterisar o *Lup. thermis*, havemos de concluir que a planta era desconhecida na nossa região, na época romano-goda, ou muito pouco cultivada; só assim era possivel a introducção d'um termo novo. Como explicação, convém dizer que o tremoceiro apenas se cultiva hoje por excepção, nas bordas d'um ou outro campo de centeio, raramente.

O linho (*linum usitasisimum*, Lin.) teve uma cultura muito extensa, pois é raro o documento que se não refira a *linarelios* e *linares;* [12] exigindo regas amiudadas, cultivava-se perto das nascentes — *ad fontes uno linar.* [13] A especificação d'estas glebas perdeu-se modernamente, porque os linhaes entraram em rotação com o maiz.

---

1 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 25.

2 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 113, etc.

3 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 179.

4, 5 Körting, *Lat.—rom. W.*

6 Cornu, *Obr. cit.*, § 168.

7 *Or. des pl. cult.*, pag. 270.

8, 9 *Inq.*, pag. 327, 1.ª col. e 365, 1.ª col. E Rui Fernandes, escrevendo em 1531-1532 a *Descripção do ter. em r. da cid. de Lamego*, diz — « E de legumes a saber; favas, feijões... os feijões vam muitos pera Tralos montes, e pera Castella...» (*Inedit. da Hist. port.*, v., pag. 555). A extensão da cultura com o seu commercio já fixado faz duvidar que estes feijões fossem americanos, pois Colombo aportou a Lisboa em 1493 e o Brazil foi descuberto em 1500.

10 Gloss., v. *atramuz*.

11 *Or. des pl. cult.*, pag. 260-261.

12 *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 13, 166, etc.

13 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 755.

As *fuseolas*, que aparecem em grande abundancia nas ruinas das citanias, identicas ás usadas domesticamente na actualidade, serviriam então como agora, para torcer os fios do linho? Se foi assim, o emprego textil da planta remonta entre nós a tempos bem antigos: em todo o caso, é de suspeitar que a intensidade da cultura se realisou depois dos romanos; uma das variedades pelo menos, *o linho de inverno*, foi com toda a probabilidade importada por elles, visto ser conhecida unicamente como cultivada em algumas provincias da Italia; [1] e ao mesmo tempo que a cultura se fixou firmemente, nasceram as industrias caseiras de fiação e tecelagem; disseminadas por toda a provincia, foram de muita importancia, e ainda são d'alguma, na economia domestica; provavelmente datam dos romanos, pois na Italia os pannos grossos de linho para uso familiar eram do mesmo modo preparados em casa. [2] A terminologia tem tambem a mesma procedencia; assim—bragal, [3] designando tanto a roupa branca como o panno que lhe é destinado, e braga, bragas (de *braca*, palavra gallo-latina), massar (*massare*, esmagar as hastes do linho), estopa (*stuppa*), tomentos (*tomentum*), espadella (diminuitivo de *spatha*), espadar ou espadelar (bater com a spatha ou espadella), estriga (*striga*), fuso (*fusus*), maunça ou mainça (de *manuncia*, pl. de *manuncium*, ou de *manicia*, pl. de *manicium*), [4] e roca (*rukka*, got., em esp. *rueca*, em ital. *rocca*)—todos estes termos provêm do latim, excepto o ultimo, cuja origem germanica nas tres linguas é bem singular.

A pomicultura que nos fins da republica era já uma exploração agricola remuneradora, [5] foi desenvolvida aqui com intensidade, determinando-se-lhe glebas especiaes—pomares (de *pomo*). As castas mais finas, depois de introduzidas nas visinhanças de Roma, espalhavam-se pelas provincias; foram estas provavelmente as que, transportadas para cá, absorveram os nomes de especies mais inferiores que com certeza deviam preexistir no paiz. [6] Os pomares actuaes, exceptuando as laranjas, limões, tangerinas e nesperas japonicas, [7] não produzem outros fructos,

---

1 Alph. de Candolle, *Obr. cit.*, pag. 97.

2 Marquardt, *Das Priv. der R.*, II, pag. 463-470.

3 A respeito d'esta palavra e d'algumas seguintes, v. Körting, *Obr. cit.*

4 Cornu, *Obr. cit.*, § 123, cita sómente *maunça*, que deriva do pl. de *manucium*; mas como esta palavra se escrevia tambem *manicium*, do seu pl. deve derivar-se *mainça*.

5 Marquardt, *Das Priv. der R.*, II, pag. 410-413.

6 A respeito da antiguidade da cultura das fructeiras na Europa occidental, cf. Ed. Piette, *L'anthropologie*, VII, I.

7 Sobre a introducção na Europa do limoeiro, larangeira azeda e doce, v. Alph. de Candolle, *Obr. cit.*, pag. 139-149; segundo elle, estas especies foram propagadas pelos arabes: os portuguezes importaram unicamente da China uma qualidade superior da ultima. E de facto, Rui Fernandes, na *Obr. cit.* de 1531-1532, diz—«Ha n'este circoito muitas arvores d'espinho... muitas laranjas, limões, e alguãs limas, muitas cidras e zamboas, que abastam a terra, e carregam os almocreves para toda a beira...» (*Inedit. da Hist. port.*, V, pag. 556-557). O preço das primeiras regulava pelo das maçãs *(ibid.)*. As larangeiras e as outras citreaceas cultivadas assim n'esse tempo em tanta abundancia em Lamego não podiam ter sido importadas pelos portuguezes da

senão esses, cultivados antigamente — pera (*pira*, pl. de *pirum*), maçã (*matiana*, pl. de *malum matianum*), [1] ameixa (*damascena*), abrunho (* *pruneum* ou * *pruneus*), noz (*nux*), cereja (* *ceresea*), figo (*ficus*), pecego (*persicum*), nespera (*mespila*), avellã (*avellana*), marmelo (*melimelum*), amendoa (*amygdala*), amora (*mora*, pl. de *morum*). [2]

As plantações estenderam-se e prosperaram, disseminando-se geralmente, pois d'ellas tirava o agricultor uma parte da sua alimentação; tamanha era a attenção que se dava ás fructeiras, que são raros os titulos que as não nomeiam: examinando diversos d'estes, [3] parece que muitas vezes se agrupavam arvores da mesma especie; como exemplo das fórmas dialectaes, citarei as seguintes: — *figarias figares, ceresales cersales, avellanales, mazanarias mazaneiras, pesegales pesequarios, nogales, perarias perares, ameixenarias amexales*... Cumpre notar comtudo que a pomicultura nunca attingiu aqui o grande aperfeiçoamento a que chegou nas proximidades de Roma; o pomicultor regional limitava-se a plantar e a enxertar, deixando crescer a arvore naturalmente; tal é a lição que se deduz da pomicultura tradicional.

Mas de todas as fructeiras nenhuma tinha talvez tanto valor como a macieira; além de vir sempre mencionada, havia glebas exclusivamente plantadas com esta especie — *larea... cum XV mazanarias;* [4] *II^as mazanarias cum suo terreno;* [5] *stant in ipsa larea XV mazanarias.* [6] Esta importancia resultaria do maior agrado ou conservação do fructo, ou seria elle tambem applicado ao fabrico do vinho de maçãs? Que os romanos o conheciam não ha duvida: Plinio [7] diz — «vinum fit... et e piris, malorumque omnibus generibus». Hoje ainda em alguns sitios todos os annos, e por toda a parte quando ha falta de uvas, prepara-se esta bebida, que não tem nome privativo. Em todo o caso a maçã é a fructa mais popular.

O castanheiro, sem duvida espontaneo, [8] havia de ser conhecido e explorado antes dos romanos. Esta especie, prosperando em toda a pujança nos paizes grani-

---

India, visto mediar apenas 32-33 annos entre o regresso de Gama (1499) e a composição do livro. A introducção da tangerineira data do principio do seculo XIX, DE CANDOLLE, *Obr. cit.*, pag. 149. A vulgarisação da nespereira japonica é contemporanea, mas talvez já exista na provincia desde o principio d'este seculo.

[1] «Mala Matiana ou Mattiana eram consideradas as mais finas por Athenäus e derivaram o seu nome de C. Matius, contemporaneo de Augusto». MARQUARDT, *Das P. der R.*, II, pag. 411.

[2] Sobre a maior parte das etymologias das palavras anteriores, v. CORNU, *Die port. Spr.*, §§ 122, 176, 234, 124, 164, 93, 7, 148, 120, 129, 5; J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Rev. Lusit.*, II, pag. 373 e 370. KÖRTING deriva nespera do *Mespilus, — um.*

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, especialmente os n.ºs 67, 79, 80, 90, 91, 134, 286, 329, 334, 358, 359, 364, 377, 382, 410.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 359.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n. 382.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 477.

[7] *N. H.*, XIV, 19.

[8] DE CANDOLLE, *Obr. cit.*, pag. 283; cf. *L'anthropologie*, VII, I.

ticos, avantaja-se ás outras fructeiras pela rusticidade da producção e sua facil conservação. Propagado extensamente, era quasi o pão diario dos lavradores durante quatro a cinco mezes; um *fungus*, segundo se crê, destruiu nos nossos dias esta especie preciosa pela sua madeira e pelos fructos, tanto mais que dispensava quaesquer amanhos; por isso os castanheiros (*castinarias, castineiras*) não se plantavam em pomares, mas em soutos—*terras pumares et sautos.* [1] Feita e plantação, nenhum trabalho mais era preciso. Os soutos, que são mencionados em quasi todos os diplomas, dispunham-se repetidas vezes nas terras de bravio, nas chans ahi de melhor qualidade, e quasi sempre arborisando os largos nos logares em frente das vivendas rusticas, hoje substituidos na mesma situação por carvalhos. Os nomes pre-romanos perderam-se, pois os actuaes são de origem latina; e até pela semelhança do *Ericius* chamou-se *ouriço* á capsula armada de espinhos que envolve os fructos.

Mais interessante é a terminologia agricolo-industrial da oliveira, que apresenta a singularidade de ser em parte latina e em parte arabe;—*oliveira, olival, olivedo* pertencem á primeira,—*azeite, azeitona,* á segunda; as duas series aparecem tambem no espanhol e são bem difficeis de explicar, pois não se observam na nomenclatura de nenhuma outra planta. Esta arvore foi na antiguidade propagada no norte do mediterraneo pelos hellenos, no sul pelos egypcios e phenicios, [2] que talvez a introduzissem na Hispania; mas as palavras semitas citadas não pertencem provavelmente aos ultimos; as que vieram com a arvore, haviam de ser absorvidas pelos romanos. Que ella já existia na peninsula anteriormente a estes, é certo; em 151 antes de C., tendo L. Lucullus, na campanha de Numancia, atacado d'improviso e vencido os Caucæi, os *seniores* d'este povo foram pedir-lhe paz—*cum ramis ac coronis oleæ:* [3] mas evidentemente os romanos levaram a sua cultura a grande florescencia: o azeite da Betica era famoso no tempo de Plinio: [4] os arabes nada tiveram a accrescentar; como se deu pois a mudança nos nomes? As duas series demonstram a concorrencia de duas linguas differentes, prevalecendo na denominação da arvore e seus derivados a raiz latina, na do fructo e seu producto a arabe: este facto anormal será só explicavel, admittindo-se que *azeite,* sendo um termo especial, não só tornou oleo (*oleum*) uma palavra generica, mas ajudou tambem a sustentar *azeitona;* juntamente com esta ha ainda em espanhol *oliva,* que esteve do mesmo modo em uso aqui, pois o nome toponimico de Modivas é expresso por *mola de olibas* n'um diploma; [5] uma vez que este é do anno 1033, e já então ha exemplos de traducções de nomes de logares, o que só se tornou frequente no seculo

[1] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 76, etc.

[2] De Candolle, *Obr. cit.,* pag. 222-227.

[3] App., *De reb. hispaniensibus,* liv. VI, 52.

[4] *N. H.,* liv. XV, 3.

[5] *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 281: cf.—«*quintana* Molis Olivarum,» Inq., pag. 480, 2.ª col.;—«vila... *Mola Olivarum* Superna» *Ibid.,* pag. 486, 2.ª

XIII, [1] devemos aceitar a possibilidade da traducção; mas como occorreria ao espirito do notario a decomposição de Modivas em Mó-*d-ivas*, se o final lhe não recordasse *olivas?* Das considerações precedentes, pode-se concluir que a nomenclatura latina completa — *oliveira, oliva, oleo,* foi em parte supplantada por duas palavras arabes, em virtude das razões expostas.

A oliveira nunca representou nenhum papel importante na nossa economia rural, nem os diplomas a mencionam; ella existia comtudo disseminada pela região na época romano-goda; a citação anterior d'Appiano mostra a sua existencia no norte antes dos romanos; e em 747 o seu nome já estava gravado na toponimia — «Villa Olivatello majore et alio Oliveto Ripa Sile (Galliza)»; [2] ao sul do rio Minho aparece posteriormente *oliuaria* [3] (anno 1066) e *uluaria,* [4] hoje a freguesia de Oliveira do Douro (Gaya); a fórma *ulveira* é a usada nas *Inquirições.* [5]

Não só então era pouco cultivada, mas tambem hoje; em muitas localidades da provincia falta quasi absolutamente. Em 1190, [6] Gelmirez, arcebispo de Compostella, obteve de Affonso VII a doação d'uma propriedade em Talavera, afim de ter azeite, dizia elle, para allumiar o apostolo no inverno; n'esta quadra vinham alli poucos romeiros e não chegava a cêra que levavam. No Minho consta que grande numero das oliveiras existentes data do principio do seculo, plantadas por iniciativa d'um arcebispo de Braga, que premiava as estacas enraizadas. [7]

Ao contrario da oliveira, a vide occupa em todos os documentos da alta Idade-média logar proeminente. Quando se trata d'um predio de certa extensão, nunca se esquecem as *vineas,* colligindo-se da redacção que havia muitas em cada um. É de crêr que o arbusto fosse conhecido no tempo das cividades, segundo o dizer vago de Strabo; mas a viticultura em grande só se estabeleceu muito depois. Até Probus (fallecido em 282) havia uma tal ou qual limitação viticola nas provincias, para obstar á concorrencia que os novos vinhos podiam fazer aos italianos: [8] Cicero falla especialmente das Gallias, mas que ella mais ou menos comprehendia algumas regiões da Hispania, deduz-se do texto de Vopiscus, referente a este imperador — «Gallis omnibus et Hispanis ac Britannis hinc permisit, ut vites haberent vinumque conficerent;» a prohibição não era todavia absoluta, mas sobretudo re-

---

[1] «C'est un fait qui s'est produit depuis que la langue vulgaire a prévalu, c'est-à-dire depuis le dixième siècle. Il a été surtout fréquent au treisième.» QUICHERAT, *De la formation française des anciens noms de lieu,* pag. 78.

[2] *Esp. Sagr.,* tom. XL, pag. 357.

[3] *D. et. Ch., P. M. H.,* n.º 451.

[4] *D. et. Ch., P. M. H.,* n.º 504.

[5] *Inq.,* pag. 15, 17, 61, 68, etc.

[6] *Esp. Sagr.,* tom. XIX, pag. 308.

[7] SOARES FRANCO, *Dic. d'Agr.,* I, pag. 145.

[8] MARQUARDT, *Das Priv. der R.,* II, pag. 430 e seg.; da prohibição deviam ser excluidas a Betica e outras localidades da Terraconense, cujos vinhos eram bebidos em Roma; *ibid.,* pag. 437.

lativa a novas plantações; em todo o caso havia de impedir a expansão natural da vide e particularmente n'esta região que, é de presumir, ficou no regime prohibitivo, visto ter sido a ultima parcella hispanica vencida; d'esta fórma, a grande extensão da viticultura deve datar-se aqui do terceiro seculo por diante.

Uma vez livre e desafogada de peias officiaes, foi-se estendendo e propagando sem cessar por toda a superficie, do que servem de prova os diplomas, assim como os nomes mostram que foi no dominio romano que ella se estabeleceu e radicou: taes são — vide, videira, vinha (*vitis, vinea*) troncho de vide (*trunculus*), cacho (*caplus*), bago (*baculum*), uva, vinho, vindima (*uva, vinum, vindenia*) podar, podão, podoa (*puto,—are*), fouce (*falx*), mergulha (*mergus*), cuba, copo, cubilhete (*cuppa, * cupa,—am*), pipa, pipo (*pipo,—are*), aduella (*doga*): [1] o lagar (*lacar*, [2] — *lagar petrinio*) [3] provém, quaesquer que sejam as modificações, do *lacus* que era o receptaculo do mosto: o cantaro é evidentemente uma reminiscencia de *cantharus*, com o sentido um pouco desviado; e adega emfim formára-se de *apotheca*, que tem comtudo antes um caracter litterario, pois a linguagem popular usa de preferencia de *loja*, de origem germanica, [4] e com mais propriedade, porque n'ella não existem os refinamentos da apotheca.

As vasilhas de madeira eram só usadas na Gallia; [5] d'esse uso ficou em francez *tonneau* (de *tunna*), [6] em italiano *tonello*, ás quaes corresponde na nossa lingua *tunel*. Os romanos pelo contrario serviam-se exclusivamente de vasilhas de barro; envasilhavam o vinho novo em *dolia;* depois trasfegavam-no para *amphoras*, que serviam para o transporte, e d'ellas o tiravam para gasto diario. Restos de amphoras aparecem em grande quantidade nas ruinas da citania de Briteiros e em muitas outras; não assim dos *dolia* que parecem faltar. Da ausencia d'estes vasos poderá concluir-se que o vinho n'esse periodo não se fabricava cá, sendo importado o que se consumia? Uma resposta precisa é temeraria; em todo o caso, vistas as restricções á viticultura até ao imperador Probus, é mais conjecturavel a importação. Note-se ainda que as vasilhas de madeira — *cubus et cupas, cubos cubas*, [7] eram já communs entre nós no seculo IX; algumas d'estas serviam para guardar cereaes, outras eram destinadas ás bebidas — *cubas cum bibere cubos cum cibaria*. [8]

Não é possivel distinguir hoje por qualquer informação precisa, qual era a fór-

---

1 Sobre estas etymologias, cf. CORNU., *Obr. cit.*, §§ 136, 134, 263, e KÖRTING, *Obr. cit.*; observe-se que o auctor no artigo *mergus* não refere a fórma portugueza, a qual todavia não tem outra origem, como se vê das francezas, citadas por elle — *marcotte, margotte*, e das italianas — *margota, margolato;* cf. DIEZ, *Etym. Wört.*

2 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6.

3 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 38.

4 KÖRTING, *Obr. cit.*, art. 4704.

5 MARQUARDT, *Das Priv. der R.*, II, pag. 445.

6 KÖRTING, *Obr. cit.*, art. 8230.

7 *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 6, 5, etc.

8 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 114.

ma adoptada nas *vineas* e *vineales* no tempo dos diplomas e chartas: que então a viticultura estava consignada a glebas especiaes, é fóra de duvida; a frase — *vinea integra*, lê-se em muitos d'elles. Mas uma vinha tanto podia ser formada de vides baixas, como de vides trepadeiras encostadas a arvores: em Basto veem-se hoje muitas d'estas. É de crer que as houvesse d'ambas, sendo talvez predominantes as baixas, que com toda a probabilidade só desappareceram quasi modernamente, desde depois o meado do seculo passado, em seguida á legislação do Marquez de Pombal, que privilegiou n'este ponto a parte transmontana do Douro. O que é certo é que as *Inquirições* estão cheias de depoimentos relativos a vinhas baixas, e d'ellas ha ainda noticias irrefragaveis no seculo XVII. [1] Em todo o caso a viticultura alta [2] havia de existir, aliás a baixa impossivelmente soffreria essa transformação. Dada porém a existencia d'aquella, desde que certas leis tolheram o desenvolvimento d'uma e outra em geral, é natural que então se conservasse só a que era mais barata, embora o producto fosse inferior, visto que essas leis prohibiam a sua sahida para fóra da localidade.

A consignação de parcellas especiaes para a viticultura trepadeira não deve admirar, tam meticulosos eram os viticultores romanos na escolha dos sitios para plantação de vides. Por um texto anteriormente citado, temos noticia d'uma cortinha, cercada de cidreiras, macieiras e d'umas outras arvores, cuja leitura é incompleta, mas não de vides, segundo parece. Este texto, confrontado com a especialisação de glebas viticolas, permitte concluir, que nem na fundação das villas, nem no seculo X os campos estavam cercados *d'uveiras:* nem talvez o estivessem na epoca das *Inquirições.* [3] A diffusão das vides trepadeiras em volta das glebas culturaes, substi-

---

[1] São decisivas as seguintes duas passagens do praso d'um dos casaes do Reguengo, freg. de Cabeçudos, V. N. de Famalicão: o praso é de 1660, reforma d'outro de 1500 e existiu em poder do fallecido Sr. Fortunato J. da Silva Basto (Guimarães): — «Um bacello que serve de dar vinho e está plantado de vides e vinho de chamão (*chantão,* sem duvida) e latadas baixas e tem figueiras e outras arvores de fructo... levará trez homens de cava e dará de vinho cinco almudes.» — «Outro bacello que tem outras 45 varas... levará trez homens de cava e dará cinco almudes de vinho.» No alto Minho a forma baixa é ainda hoje a preferida, e da sua grande extensão encontram-se vestigios claros em terras actualmente de pinhaes. Cf. sobre este ponto da provincia — FORRESTER, *The Prize-Essay on Portugal,* pag. 91 e seg. No foral de Guimarães, de D. Manuel, falla-se da pena imposta aos que traziam os cães soltos no tempo das uvas. Cf. TAVEIRA, *Portugal (Circums. do norte) Noti. a. dos s. vinhos,* — Fascic. II, pag. 160.

[2] Esta forma cultural em arvores e ramadas altas, existia em 1531-1532 no concelho de Lamego, onde produzia a decima parte do vinho (RUI FERNANDES, *Obr, cit.,* pags. 553, 559 e 579), e era corrente na provincia do Minho, como se deprehende da mesma obra e paginas citadas.

[3] Nas *Inquirições,* tanto nas de 1220 como nas de 1258, são constantes as referencias a vinhas baixas, e é por isso inutil fazer citações, emquanto que me não lembro de ler allusões a vides altas. Mas nos *Documentos Ineditos do Mosteiro de Souto* publicados, a expensas da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, pelo Sr. Oliveira Guimarães, ha um de 1335 (n.º 109, pag. 114) em que se diz — «*vinho da vinha e duueiras*», differenceando-se assim as duas culturas. Provavelmente, como o producto das uveiras era inferior, os foros das *Inquirições* pagavam-se com o das vinhas baixas, e d'ahi a omissão do outro. Nos cit. *Doc. de Souto,* são muito numerosos os dizeres relativos a vinhas baixas.

tuindo as macieiras e outras arvores fructiferas, não se realisou por ventura, pelo menos com a extensão da actualidade, senão no periodo precedentemente indicado, quando pela legislação do seculo XVIII a viticultura baixa da provincia recebeu o golpe mortal.

As ramadas altas existiam no tempo dos suevos. Reinando Miro, diz-se, havia em frente da cathedral de Orense uma galeria coberta de vides, cujas uvas costumavam ser consagradas a S. Martinho: era a *pergula* (*pergola*, it.) muito usada para adorno dos jardins. O chronista, [1] que conta o milagre do santo na occasião em que um jogral do rei pegou n'um cacho, ficando-lhe a mão adherente á ramada com o braço immovel, serve-se d'um termo generico—*dextra ejus adhærens cameræ*, e não do technico. Qualquer que fosse o motivo do abandono d'este, é certo que as palavras—ramada, latada ou lata, [2] com que veiu a designar-se esta maneira de cultivar, posto que não recentes, são comtudo posteriores ao tempo romano.

Com a viticultura porém assim diffundida e diversificada, n'um paiz cujas condições de terra e clima se lhe adaptavam, o vinho foi suplantando as outras bebidas fermentadas, até se tornar a unica popular. É certo que no seculo X a *sicera* (vinho de maçans) ainda se fabricava em grande escala. Um diploma de 965 computa o preço de certos bens em «XXXX et V quinales de sicera et XXXX VI modios inter milio et centenum et uno quinal de uino.» A relação de quantidade entre os dois liquidos permitte induzir que aquella era então talvez mais commum, e com isto está d'accordo a vulgarisação da macieira, a que acima se alludiu. Mas já nos primeiros reinados portuguezes, as vinhas tinham-se estendido tanto e com tal exuberancia de producção sem duvida, que os cultivadores dos reguengos não raras vezes as arrancavam para semearem cereaes. [3]

Podemos fazer agora uma idéa muito aproximada, como estavam distribuidas as culturas dentro das villas no seu estado de completo desenvolvimento. Em cada uma demarcaram-se os casaes de modo a partilharem todos das differentes quali-

---

[1] *Esp. Sagr.*, tom. XVII, pags. 34, 35-241.

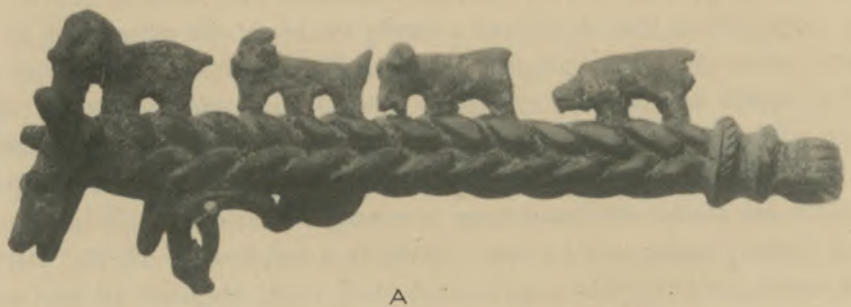
[2] «—o qual vinho seu natural é em ramadas altas» RUI FERNANDES (1531-1532) *Obr. cit.*, pag. 559. Quanto a *latada*, v. a nota 1.ª da pag. anterior.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 91. J. P. RIBEIRO, (*Diss. C. e C.*, IV, P. 11, pag. 113) entendia *sicera* por cerveja—interpretação inexacta, pois SICERA,—AM deu em ital. *sidro*, em francez *cidre*, e em espanhol *cidro;* emquanto que cerveja provem de * CERVISIA,—AM (KÖRTING, *Obr. cit.*) A falta no portuguez popular d'um derivado de *sicera*, para o vinho de maçans, mostra que elle deixou de ser vulgar. Quanto á cerveja, se era usual no tempo das citanias, depressa cahiu em desuso, visto não haver a seu respeito nem tradição, nem nenhuma referencia diplomatica. A opinião gratuita de VITERBO, (*Elue.* v. AZENA), sobre o emprego corrente d'ella nos principios da monarchia, pela raridade do vinho, é contradictada pela multiplicidade das vinhas, registadas nas *Inquirições* e pelo facto da substituição d'ellas:—«Et estes devanditos campos forom vinas velias... et talarom as.» *Inq.*, pag. 393, 1.ª col.: *passim.*

dades de terrenos que ella continha, embora ficassem constituidos por glebas descontinuas, pois só assim podia dar-se a cada familia uma área que a sustentasse nas multiplas necessidades da vida; é esta ainda a regra geral para os casaes existentes. A parte do chefe ou senhor sujeitou-se á mesma norma, visto não encontrarmos hoje nas freguesias extensões typicas, diversas essencialmente das sub-unidades. D'esta maneira, não obstante o systema parcellar, foi possivel igualisar a todos na distribuição das terras: as planas e enxutas de facil cultivo (*agros, agras*), foram destinadas aos cereaes, alternando-se annualmente, os de verão com os de inverno; junto das nascentes ficavam os linhaes (*linares*) que davam o bragal; nos sitios mais seccos e abrigados as vinhas (*vineas, vineales*), formadas ou de vides trepadeiras encostadas a arvores, ou mais geralmente de arbustos baixos; intermeados com ellas, os pomares (*pumares*) aproximando-se todavia das casas, junto das quaes estavam as cortinhas e as hortas; aqui e alli os soutos (*saltus*) de castanheiros, que ha cincoenta annos ainda dominavam a paizagem; nos locaes altos ou pedregosos, pouco ferteis, as bouças (*bauzas, bustelos*) que forneciam o matto para a cama dos animaes e a lenha; nos fundos os lameiros (*pascua, padules*) destinados á pastagem e sustentação dos gados no estio. Ao lado dos terrenos, que o senhor reservára exclusivamente para si e para cada casal, estavam os de logradouro commum — os communaes, onde todos os moradores da villa podiam pastorear o gado, cortar matto e lenha para os usos domesticos. As casas dos cultivadores, jornaleiros e industriaes viam-se agrupadas em logares e dominadas pelo *palatium*, que representava o governo d'este pequeno mundo. Se supprimirmos o maiz, cuja introducção é do tempo portuguez, e em volta das glebas lavradias a orla das uveiras, que eram então macieiras ou outras arvores fructiferas, se substituirmos o campanario pelo paço, era tudo quasi como hoje, com menos população, manchas sem cultura um pouco mais extensas, mas em todo o caso o aspecto geral não mudaria muito.

(Segue)

ALBERTO SAMPAIO.



A

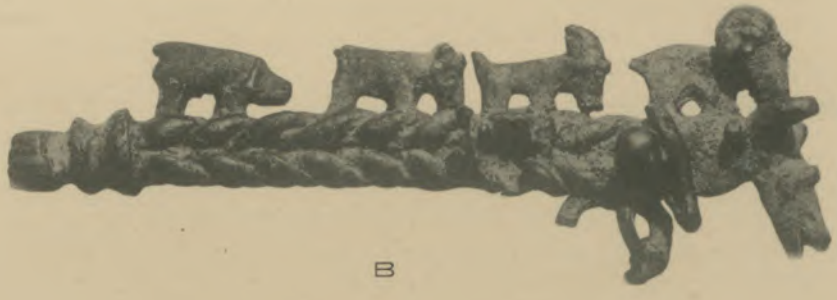
EX-VOTO

(BRONZE)

Soutello de Arnoia

—

COLLECÇÃO DE MANOEL NEGRÃO



B

Cliché de R. S.

Gr. nat.

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

EX-VOTO DE BRONZE DA «COLLECÇÃO MANOEL NEGRÃO»

O objecto de bronze representado na estampa IV pertence á collecção archeologica do fallecido Manoel Nicolau Osorio Pereira Negrão, illustre varão de heraldica linhagem, erudito e dedicado investigador, que aos poucos foi recolhendo no seu nobre solar de Mosteirô, á beira Douro, freguezia de Ancêde, quantos vestigios encontrava, e lhe traziam, dos antigos povoadores do concelho de Baião e circumvisinhos.

Por este modo organisou uma pequena collecção de consideravel importancia e interesse local, em que ha especimens de real merecimento, desde utensilios prehistoricos de pedra lascada, mobiliarios de varias epochas, de castros e necropoles, monumentos epigraphicos do tempo dos romanos, e outros objectos de valor historico; um agglomerado interessante de velharias, a que não falta o curioso aspecto de conjuncto que tomam estes resguardados thesouros de zelosos collecionadores.

Visitei o pequeno museu de Mosteirô o anno passado, pelo verão, em companhia de Rocha Peixoto; acolheu-nos ahi com fidalga hospitalidade Carlos Negrão, irmão do illustre archeologo, tambem fallecido de ha pouco, a cuja memoria prestamos grata homenagem, recordando as gentilezas e favores que houve por bem dispensar-nos por modo distincto e muito amavel.

Conhecia de tradição a peça de bronze, da qual fiz os dois clichés reproduzidos na estampa adjunta, porque d'ella me fallara por mais de uma vez com vivo interesse e enthusiasmo o sabio amigo Martins Sarmento. Em volta d'este caso, funebres recordações se reunem, transformando-o em luctuosa memoria de queridos e sympathicos vultos. Cumpre notificar estas circumstancias que se ligam á historia do interessante *ex-voto,* symbolo de um velho culto domestico, de intimo naturalismo, companheiro e similar do primitivo culto pelos mortos, cujos genios ou manes per-

manecem junto ás nossas queridas recordações, para que lhes illustremos a memoria consagrando-lhes a nossa profunda saudade.

Foi na Povoa de Varzim, ha bem tres annos, que Martins Sarmento me relatou a curta historia d'este precioso achado, manifestando o seu muito empenho em adquirir este raro exemplar de velha data, sem regatear o alto preço em que o avaliava para o seu museu de Guimarães. Tinha sido encontrado em 1890, proximo ao Soutello de Arnoia, no concelho de Celorico de Basto. D'ahi o trouxera o Dr. Augusto Vasconcellos Monterroso, que o recebera de um pobre cliente, pequeno lavrador de fracas posses, o qual d'esta sorte presenteou por modo franco e generoso o seu medico, em paga de bastos serviços sem recompensa. O Dr. Monterroso deu-o por sua vez ao seu velho amigo Manoel Negrão, que o conservou piedosamente, avaro do seu thesouro, resguardando-o das vistas cubiçosas de especialistas e colleccionadores.

Martins Sarmento havia observado o objecto de bronze ligeiramente, e conservava apenas a impressão de que representava simulacro de sacrificio, em que se mostravam os animaes destinados a serem immolados e o proprio sacrificador, tendo ás costas o machado para abater as victimas. Aconselhava-me a que estudasse o curioso bronze, sobre o qual ao depois conversariamos para esclarecer pontos de vista e interpretações.

Visitei a collecção Negrão, mas, de volta, faltou-me por completo a lição do querido mestre extincto e a lucida orientação do erudito homem de saber.

Bem pode ser que commetta falta, pela qual me caiba dura penitencia, trazendo a publico o valioso *Ex-voto*, acompanhado de alguns apontamentos elucidativos. Assim faço, em cumprimento do plano anteriormente enunciado, cujo fim é mostrar estas peças isoladas de merecimento incontestavel, que dizem respeito á historia antepassada do nosso povo, e nos pertencem de direito.

O objecto em questão está figurado na estampa IV nas suas duas faces lateraes. É constituido por uma trança de quatro cordões e de forma quadrilatera, terminando em uma das extremidades por uma cabeça cornuda de bovino, a opposta acabando em annel de suspensão, com nervuras circumdantes que bem poderiam indicar os dedos de mão fechada; o orificio interior é parallelo ás faces em vista na phototypia.

Sobre o dorso d'esta peça de original arranjo poisam ou caminham quatro animaes: um porco, uma cabra, dois carneiros, um dos quaes se detem superiormente á cabeça terminal; na face normal a esta, que se vê de frente na posição B, está um busto de homem, collocado sobre a beira, na metade inferior da peça, com o braço direito segurando o cabo do machado que lhe assenta sobre o hombro, o outro braço dobrando-se para a parte inferior sobre a cabeça de uma cobra, de que apenas existe uma parte, com a cabeça, pois falta o restante pedaço da cauda; ao lado e abaixo da figura que representa a cabra, está uma cesta ou vaso, especie de balde com duas azas, que cobre com o seu diametro exterior toda a largura da peça.

Eis de modo elementar no que consta o exquisito objecto de bronze da collecção de Mosteirô. No seu aspecto geral e extranho conjuncto, esta peça afasta-se dos objectos symbolicos, até certo modo construidos para similar applicação, que se teem encontrado nos escombros de moradias, sepulturas, templos e cidades, de antigos tempos e antigos povos gregos, etruscos ou romanos. Nada ha de egual ou semelhante, embora, pelo caracter e destino, outros especimens se possam collocar parallelamente como termos de classificação e documentos elucidativos. A peça da collecção Negrão é original e unica.

O conjuncto é extravagante e despropositado; o arranjo das figurinhas é improprio e falto do equilibrio e harmonia que demostram as composições artisticas mais elementares de classica origem helleno-latina. De qualquer maneira que tomemos o bronze votivo, não tem estabilidade, foge á lei fundamental de todo o edificio; quando mesmo pendurado pelo seu orificio superior, cahe doidamente sem assento, mostrando indifferentemente qualquer das faces, sobre as quaes estão collocadas figurinhas de animaes e objectos em flagrante instabilidade. Entretanto o seu destino foi esse, e de começo estabelecido: para se collocar suspenso.

Esta consideração implica desde logo um outro caracter da sua utilisação, e esclarece-se, pela forma incommoda e impropria, pelas fortes saliencias asymetricas, e pela disposição dos

chifres que ornam a cabeça terminal, que não cuidou o artista de modelar um objecto ornamental, para ser trazido ao pescoço, suspenso de qualquer fio ou collar, como *ligatura* ou *amuleto*, preservando o portador dos extranhos maleficios escondidos, ou malignas influencias das pessoas, animaes e cousas.

Eliminado este modo de utilisação, veremos como, da consideração *in partibus* do interessante bronze, poderemos concluir qual a ideia que originou esta combinação symbolica e qual o proprio destino ou mais adequado.

Fig. 1.

O aspecto geral do todo, e separadamente a linha ou galba de cada figura componente, impressionam pelo caracter rustico e ingenuo, como acontece com as primigenias manifestações artisticas que nos teem descuberto as investigações atravez as edades prehistoricas. Sente-se uma arte primordial e rudimentar, com o caracter francamente naturalista dos primeiros esboços que o homem traçou da natureza ambiente, livre de influencias eruditas, de moldes estranhos ou tendencias para estylisação. Entretanto ha fidelidade de observação e a linha de contorno surprehende instantaneamente situações naturaes e proprias do assumpto, abrangendo formas caracteristicas e fundamentaes.

Assim é que, o modo de ser grosseiro do desenho e modelação não impede que immediatamente se classifiquem com precisão as formas originaes do modelo. No nosso caso encontramos claramente na fila superior dos animaes: um porco *(Sus ibericus)*, de focinho erguido na disposição de caminhar, á sua frente um carneiro *(Ovis aries)* com a cabeça baixa como seguindo ronceiramente um trilho, adeante uma cabra *(Capra domestica)* de altos cornos, por fim um grande carneiro com a cabeça desproporcionada, curto de corpo, especimen de animal feito, avançando sobre a cabeça de bovino que se liga ao corpo principal da peça. Nada tem de anormal a cabeça de touro, boi ou vitello (assim dizemos pela consideração dos cornos pouco desenvolvidos e apparencia franzina da cabeça), com a fronte recta formando angulo no topete, os cornos curtos, horizontaes, recurvados para a frente, os olhos salientes, a bocca ligeiramente aberta como a soltar um mugido. Faz lembrar o *Taurus brachyceros* ou *Bos longifrons*, conhecido e domesticado desde o neolithico e primeiras estações da edade do bronze, e approxima-se muito do nosso typo actual do *boi gallego*.

Nenhum d'estes animaes tem semblante bravio; olhando este grupo de figurinhas sente-se nitidamente a impressão de que representam mansos servidores do homem—*bestiae domesticae, pecudes*—; é um pequeno rebanho que caminha obediente para o trabalho ou para o sacrificio, innocentes victimas de silencioso destino, conduzidas pelo homem, impellidas pela superior auctoridade do seu guia e companheiro.

A cobra que está collocada inferiormente, debaixo do busto que representa o homem de machado ao hombro, não tem o aspecto selvagem da serpente venenosa cuja mordedura sempre despertou justos terrores. É a cobra vulgar inoffensiva *(Coluber flagelliformi, constrictor* ou *viriflavus)* que vive nas habitações dos homens e junto aos curraes, animal familiar—*bestia mansueta, cicur bestia*—, collocada na posição enrolada de descanço, submissa aos pés do sacrificador, sem mostrar a attitude hostil da serpente raivosa e bravia; o homem domina-a ou afaga-a com o braço direito sem repulsão ou terror.

O conjuncto dá-nos pois a calma impressão de um grupo representando qualquer scena da vida indigena, qualquer acto privado e normal; muito embora da organisação do grupo sobresaia um proposito symbolico ou simulacro religioso, não nos afasta este caracter para longe dos moldes naturalistas e autochtones, do singelo fetichismo das primeiras crenças e artes.

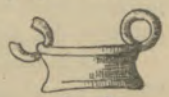


Fig. 2.

O agrupamento e combinação d'estes elementos de apparencia heterogenea, explica-nos de certo modo a sua razão de ser; e a proposito lembraremos a opinião de Martins Sarmento, quando a interpretava como scena de sacrificio a qualquer divindade propicia do pantheon greco-latino.

De facto, desde a Grecia archaica que o sacrificio de animaes era formula cultual, adrede applicada para muitos dos actos normaes ou accidentaes da vida collectiva e individual, em que era indispensavel a permanente assistencia e collaboração das divindades.

E, desde o começo que os sacrificios se resumiram em simples offertas ou votos, ἀνάθημα, para acalmar a colera dos deuses, reclamar a sua clemencia e protecção, ou como recompensa de serviços e beneficios recebidos.

Constaram estes votos primeiramente de fructos da terra, libações de agoa, vinho, azeite, mel ou leite, mas foram-se complicando com o andar do tempo e das civilisações; os deuses, como os homens, tornaram-se exigentes; o culto rodeou-se de um ceremonial luxuoso e complexo, introduzindo-se os sacrificios de victimas animaes, cuja escolha dependia da profissão ou qualidade do doador, da natureza da divindade e seu culto.

Raramente eram sacrificados animaes selvagens ou damninhos, embora alguns fossem attributos divinos, e quasi sempre os animaes domesticos ou familiares que representavam para o homem real beneficio e valor, na proporção do qual era avaliado o sacrificio realisado com a immolação e consagração da victima. O ceremonial d'estes simples actos do culto foi augmentando de imponencia consoante a riqueza dos individuos que cumpriam a promessa ou expiação, e conforme as proprias circumstancias em que eram realisadas estas ceremonias, muitas vezes decretadas solemnes e nacionaes, a cargo das collectividades ou cidades. Assim se chegou á *Hecatombe*, sacrificio de cem victimas, *Chiliombe*, de mil.

Entretanto encontra-se relação de sacrificios com menor numero de victimas, de seis ou de tres victimas, por exemplo: duas ovelhas e um boi, de um boi, uma cabra e uma ovelha, um porco, uma cabra e um pombo trocaz, [1] etc. N'esta categoria mais modesta entra o nosso caso, em que temos cinco animaes, afóra a serpente, que nos parece desempenhar papel áparte, sem entrar no sacrificio como hostia consagrada. No entanto todos estes animaes são consagrados, nas diversas formas de cultos e religiões, como proprias divindades ou fetiches na zoolatria primitiva, ou como symbolos, attributos, simulacros, modos de ser de outras potencias divinas, omnipotentes, multiformes e universaes.

O anthropomorphismo da phase posterior das religiões, substituindo ao culto fetichista symbolos que compartilhavam intimamente da forma e natureza humana, veio operar grande transformação nos primitivos cultos naturaes. O homem entrou em relação quotidiana com as divindades, seus semelhantes, celestes ou infernaes; e consoante de homem para homem, começou de sujeitar á forma commum e commercial as relações com os seus deuses, constantes de trocas mutuas de beneficios e sacrificios, favores e dadivas ou presentes; simplificou os processos de adoração, supplicas e sacrificios, estabelecendo um contracto de mutuos interesses, segundo formulas, como as doações a titulo oneroso ou gratuito.

O sagrado collegio de sacerdotes na Grecia ou Italia, regulamentava estas contas correntes de caracter religioso, implacavel para os ricos, mais tolerante para com os pobres. Áquelles que não podiam immolar um animal, era-lhes concedido presentear a divindade com a imagem da victima, [2] em farinha, argilla, madeira ou metal; obtinha-se d'este modo o favor do deus ou uma moratoria para o pagamento. Assim se foi perdendo o caracter obrigatorio da offerta, voto, *donarium* ou anathema (ἀνάθημα), que se reduziram a *ex-votos* ou offerendas symbolicas, representando e substituindo as *primitiae* devidas aos deuses, condensando em si as tres formas cultuaes da oração, sacrificio e dadiva, como piedosa homenagem ás divindades superiores. E, como hoje, toda essa serie de symbolos votivos tem um triplo destino propiciatorio, expiatorio ou gratulatorio, sendo estas imagens consagradas pela forma que o eram os proprios objectos ou animaes representados. Junto á offerta symbolica muitas vezes collocavam uma *tabula* com inscripção explicativa do milagre, prece ou voto, como actualmente se encontram, de identica forma e caracter, em torno das santas imagens de devoção popular.

Entra n'esta categoria o nosso especimen. Deverá considerar-se como um simulacro de sacrificio, em cumprimento de um voto, feito talvez por qualquer lavrador ou pastor, ás divindades que protegem os rebanhos e as terras, e trazem a abundancia.

Destinam-se ao sacrificio as quatro rezes que caminham ao longo da peça; o sacrificador

---

[1] Robinson, *Antiquités Grecques*, trad. Paris, 1838, tomo I, pag. 396.

[2] — *Ob. cit.*, tomo I, pag. 396.

empunha o machado para abater as victimas, tendo ao lado o vaso utilisado, talvez para recolher o sangue e demais partes do animal sacrificado.

Na fig. 1 representamos em desenho schematico o busto do homem com o machado ao hombro; o machado, *securis*, é de forma vulgar ainda hoje usada; o vaso, especie de balde com duas azas á maneira de argolas, fig. 2, é uma forma curiosa que mais lembra, com ligeiras alterações, o *χανουν*, [1] *canum* ou *canistrum*, especie de cesta em que se collocavam os aprestos e instrumentos para a solemnidade; nada tem de semelhante com outros vasos usados n'estas ceremonias do culto, como amphoras, crateras, phiales, pateras, etc.; é possivel que constitua uma forma indigena que cuidaremos de notar.

Inferiormente ao sacrificador está a serpente, fig. 3, cuja attitude submissa e tranquilla de começo apontamos. Não faz parte do sacrificio, é um elemento do *ex-voto*, que intervem para o conjuncto pelo mysterioso e fatidico symbolismo do seu todo.

A serpente occupou sempre logar primacial no fetichismo primitivo, e nem todos os cultos a consideraram, como nos mythos do extremo oriente, ser malfeitor ou infernal. Pelo velho continente raras eram as especies venenosas, por isso entre os povos da Europa meridional e occidental, onde sobejam as cobras mansas inoffensivas, outra foi a influencia fascinadora que o reptil exerceu sobre o espirito do homem, como ser mysterioso de forma extranha, deslisando pela terra para a sua morada escura e desconhecida, existindo para fins vagos de confuso destino, rodeando as moradas dos homens e dos animaes. Por todos estes aspectos, a mais o terror pelas mordeduras fataes da pequena vibora insidiosa, natural é que a serpente occupe um alto logar no pantheon terrestre da religião naturalista, com seu culto proprio, ophiolatria, intimamente ligado ao culto das arvores, das fontes, dos logares sagrados, de todos os outros animaes da terra, e que vivem sobre a terra.

Fig. 3.

As religiões autochtones conservaram este vestigio do antigo culto fetichista de longiqua origem, que se conserva até hoje, encontrando-se por todos os povos de todos os continentes.

Habitante subterraneo, a cobra symbolisou de começo poderes chthonicos, considerada divindade dos mysterios, que conhecia os thesouros escondidos, as fontes vivas, podendo enriquecer quem por sorte merecesse os seus favores. [2]

A serpente representou durante muito tempo o *Daemon* dos gregos e o *Genius* dos romanos, divindades geradoras e conservadoras; o seu culto, considerado *agathodæmon, genius loci*, é dos tempos classicos, parallelo ao culto dos lares e penates, das mais antigas concepções religiosas. Como genio bemfeitor collocavam-n'a junto aos altares, fontes, nas casas, nos templos e nas cidadellas; como divindade funeraria, attribuiram-lhe a guarda das sepulturas, participando das faculdades dos manes, immiscuindo-se no culto dos mortos, que vem desde as primeiras edades do homem, [3] e figurava sobre os tumulos como symbolo do culto heroico prestado ao morto, de gloriosas virtudes, transformado em *Ηρως*, heroe consagrado de caracter nacional ou familiar.

A ideia de potencia fatidica, influindo nos presagios, relacionada com o mundo infernal e subterraneo, não fez desmerecer a importancia tradicional da serpente na religião naturalista dos primeiros tempos; mais geralmente se encontra com a *facies* benigna do genio tutelar e familiar, protector dos homens, dos animaes e dos logares.

As suas qualidades pacificas e beneficas são consagradas na subsequente phase anthropomorpha da religião grega; assim vêmol-a como attributo de *Esculapio* e *Hygeia*, symbolo dos adivinhos, da sciencia medica, curando as mysteriosas molestias por meio de remedios provenientes da terra e das plantas ou dos animaes; encontra-se junto a *Bonna-dea*, deusa da fecundidade, a *Silvano*, deus protector das colheitas, a *Fortuna*, velha divindade do *Latium*, que sym-

---

[1] Robinson, *Ob. cit.*, tomo I, pag. 401.

[2] Girard de Rialle, *La Mythologie Comparée*, tomo I, pag. 81.

[3] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, tomo III, vocabulo *Draco*.

bolisava o destino incerto e caprichoso; como animal adivinho era consagrado a *Apollo*, symbolo de *Apollo Pythiense*.

Houve tempo que em Roma o culto domestico das serpentes, como genio protector da familia, tomou tal incremento, que as cobras superabundavam pela cidade, multiplicando-se á solta, sob a vigia do homem, a ponto de que, assim o conta Plinio, teriam invadido toda a cidade se os repetidos incendios não as fossem dizimando. [1]

Em Lavinium foi adorada como deus protector da virgindade; no meio de um bosque sagrado havia uma caverna que servia de templo á serpente divina, sustentada pelas sacerdotisas virgens que lhe traziam bolos como offerenda. [2]

Percorrendo a iconographia christã, a cada passo encontramos a serpente; no começo da biblia como demonio, symbolo do mal, consoante o mytho aryano, depois como divindade benefica, tal a serpente de Moysés, cuja imagem de bronze collocada no deserto foi adorada pelo povo de Israel; mais tarde vêmos a cobra esguia e mysteriosa enrolada sobre a cruz, confundindo-se com a allegoria do christianismo, em uma mesma concepção religiosa e mesmo culto, [3] symbolo do Christo, *Filium Hominis* e senhor dos homens, imagem luminosa da suprema bondade e piedade.

É com este caracter de genio domestico, benefico e tutelar, ou poderoso feitiço, que encontramos entre muitos povos, nas crenças e tradições populares, a permanencia da ophiolatria, culto primitivo de natureza autochtone e indigena, como o fetichismo dos antigos tempos e dos selvagens actuaes, religião universal da natureza ambiente, espontanea e humana, nascendo nos diversos povos pela mesma razão psychologica de interpretação e culto em face das forças e phenomenos do universo.

A serpente collocada sobre amuletos ou *ex-votos*, como symbolo ou ornamento, é devido, explica E. Pottier, á ideia que colloca uma potencia prophylatica na figura do animal nascido no seio da terra e confidente dos seus segredos, ou então uma virtude de encantamento e magia fascinadora. [4]

Sobre o nosso *ex-voto* de Arnoia a serpente tem certamente este destino, e um sentido religioso e prophylatico; é um feitiço, preservando de maleficas influencias, genio domestico acompanhando o homem quotidianamente nos seus labores, e no proprio acto ceremonioso de culto a uma divindade superior, quando sacrifica em cumprimento de um voto, ou para invocar a protecção divina, as primicias do seu rebanho.

Seguindo este curso de ideias vamos até ao ponto de suppor que a trança de quatro cordões seja constituida pelos corpos de quatro serpentes, terminando na cabeça do novilho ou touro, animal intimamente ligado á terra productora como a serpente, companheiro tambem e auxiliar do homem no amanho dos campos, animal consagrado sobre a vasta ara da terra-mater, velho symbolo religioso de todos os tempos. O artista construiu uma peça fóra de preceito, combinando elementos heterogeneos segundo um arranjo asymetrico e instavel, mas produziu um todo de harmoniosa concepção, em obediencia ao proposito que estabelecêra, e d'accordo com o caracter intimo do seu culto.

Conforme acima foi dito, esta peça não tem eguaes entre os objectos feitos para uso semelhante; póde entretanto approximar-se, pela mesma impressão de conjuncto, dos carros e barcas votivas da Sardenha e Etruria. E d'entre esta pequena serie de objectos symbolicos, citaremos especialisadamente a celebre barca encontrada na sepultura *Del Duce*, na Vetulonia.

Consta de uma barca terminando á prôa por uma cabeça de veado de ramosos cornos, na borda da qual estão dispostos diversos animaes, uteis ao trabalho do campo e damninhos outros, animaes domesticos e familiares — cães, porcos, carneiros, toupeiras, ratos, etc. —; no centro, a meio da pequena nau, está uma junta de bois collocados sob o jugo, tendo superiormente uma

---

[1] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, tomo IV, pag. 1490.

[2] Girard de Rialle, *Ob. cit.*, pag. 82.

[3] Temos entre nós o curioso exemplo do cruzeiro de Villa Viçosa, d'entre os braços do qual se debruça uma serpente alada.

[4] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, tomo III, pag. 413.

argola de suspensão. Para alguns auctores seria uma peça simplesmente votiva; não a considera como tal o sr. Milani, director do museu archeologico de Florença, [1] que a classifica como objecto do ritual, consagrado a Apollo, destinado a servir de *lucerna*, suspenso pelo annel superior, ardendo emquanto dura a oração, acabada a qual se extingue e serve como vaso para aspergir de agua lustral as cinzas do defunto.

Qualquer que seja o seu destino, o arranjo da peça recorda o *ex-voto* da collecção Negrão; é um simulacro religioso, significando homenagem a uma divindade celestial, deus solar, luminoso e puro, que faz germinar e fructificar as sementeiras, deus protector velando pelos destinos do homem, caçador e pastor, vigiando e defendendo os rebanhos, guardando o limiar das habitações, ensinando os caminhos.

Apollo, divindade superior, é das mais antigas e importantes entre o pantheon grego; personifica na sua vasta e complexa religião os estadios da civilisação nos povos que o consagram e adoram, desde os periodos barbaros, pastoris e agricolas, até que representa o supremo architecto das primeiras cidades, creador das artes e lettras, deus da ordem, da harmonia e do progresso.

A proposito tambem do nosso exemplar, recordamos este velho culto hellenico, que, introduzido em Roma, tomou tal incremento e foi tão popular como o de Jupiter Capitolino, espalhando-se por todo o vasto mundo latino. É bem possivel que seja esta a divindade a que se destinava o sacrificio simulado no *ex-voto* de Arnoia; nada se nos apresenta que o confirme, apenas impressiona o conjuncto symbolico, pretextando a interpretação meramente pessoal de qual o intento da supplica, voto ou prece, moldada em metal para que ficasse indestructivel como a propria crença.

Strabão, referindo-se aos usos e costumes dos lusitanos, encontra affinidades com os dos gregos, particularmente nas ceremonias religiosas; d'esta sorte se justifica a orientação da analyse esboçada, e a natural tendencia em recolher esclarecimentos, cotejando as formulas archaicas da ethnographia grega ou helleno-latina.

Quanto á importancia local que compete ao bronze representado na estampa IV, nada poderemos esclarecer, pois são desconhecidas as principaes circumstancias da descoberta e jazida. Frizaremos o proprio caracter singello, elementar, da modelação e contornos; approximando-o dos bronzes figurados do pequeno museu nacional, encontram-se apparentes concordancias, modos de ser familiares ou concomitantes, que poderiam explicar-se pela mesma maneira indigena e feitura autochtone.

É uma conjectura; e se erramos no conceito, foi para bem o intento, a que nos conduziu a persuasão de que nem todas as manifestações artisticas se originam em influencias extranhas; ha que contar com o meio e outros factores locaes, elementos indigenas de importancia capital na constituição do trabalho de arte; deverá considerar-se o natural polygenismo de muitas das producções do genio humano.

Denominaremos *luso-romano* o objecto votivo de extranha apparencia que trouxemos a publico, attribuindo distinctamente a cada um dos dois termos de classificação o respectivo significado archeologico e chronologico ou historico.

Poder-se-hia reconstituir a definitiva applicação ou utilisação do *ex-voto*, se houvesse noticia das condições em que se encontrou o precioso achado. Entretanto, infirmando a possibilidade de ser uma peça avulsa, perdida ou abandonada, a sua presença pode considerar-se como vestigio de antiga habitação, sepultura ou templo. A approximação tem certa verosimilhança, pois que na casa, dentro do *lararium* ou *sacrarium*, no interior do templo—suspenso no *aediculo* ou *cella*—, sobre o monumento ou tumulo erigido em homenagem ao morto heroificado e junto a qualquer *ara* ou altar consagrado a divindade publica ou familiar, tinha proprio logar o *ex-voto* de bronze, como *anathema* ou *donarium*, symbolisando de modo imperecivel uma oração permanente dirigida á divindade boa e piedosa clamando protecção e auxilio.

RICARDO SEVERO.

---

[1] *Museo Topographico dell'Etruria*, 1898, pag. 30 a 34.

O PENEDO DE SANTA COMBA

No logar de Santa Comba, freguesia de Villa Fonche, concelho dos Arcos de Val de Vez e não muito distante d'esta localidade, encontra-se um bloco de granito, n'uma das faces do qual, e ainda superiormente, se veem cavidades de varias dimensões e em numero. Foram evidentemente praticadas com intenção, embora se denunciem os effeitos erosivos que naturalmente explica a exposição sob que a rocha jaz. A altura do bloco deve exceder cinco metros.

Superiormente observa-se uma cavidade relativamente profunda e extensa, ladeada por quatro outras de muito menor diametro e proximamente eguaes. Na face que dá para o castello de Rio Frio as cavidades são em maior numero, de dimensões e contornos variaveis, avultando uma situada ao alto e á esquerda, que representa um papel na lenda local. Apesar d'um exame muito rapido creio poder assegurar que não se reconhece obediencia a qualquer intenção de symetria ou interdependencia nas insculpturas referidas.

No logar esta rocha insculpida é denominada *Penedo de Santa Comba* por n'elle ter apparecido a imagem da santa que dá o nome ao monolitho. Uma vez descoberta transportaram-a para os Arcos afim de a recolherem n'uma egreja; mas eis que no dia seguinte ella surge de novo no penedo! Concluiram pois que a imagem desejava ficar na freguesia e removeram-a para a matriz de Villa Fonche onde ainda existe e representa o orago.

A maior cavidade, a que particularmente alludí referindo-me á lenda, era onde a santa se sentava; e havia outro bloco mais abaixo, actualmente destruido, onde me informaram que se viam cavidades semelhantes nas quáes Santa Comba collocava as maçarocas.

Trata-se pois d'um monumento, em meu parecer inedito, congénere de muitos outros já assignalados e descriptos pelos archeologos. A lenda popular que lhe explica os signaes é ainda semelhante a outras bastante conhecidas: a do *Penedo de S. Gonçalo,* com as marcas dos joelhos do santo e as cavidades onde punha o pucaro e a saleira; [1] a do *Penedo da Senhora,* com as concavidades onde esta se sentava e pousava o cotovello; [2] a das *Pegádas de Santa Eufemia* [3] e de tantas outras figuras religiosas; a dos regos do *Penedo da Meadinha* onde a Senhora da Peneda (Gavieira) vinha estender as meádas a córar, etc.

Na lenda local confunde-se a santa authentica com a imagem; e ainda a resistencia d'esta em manifestar pela fuga que desejava ficar no local onde appareceu é uma explicação muito frequente, entre nós, da origem de numerosas capellas.

Dista pouco do castro de Rio Frio o *Penedo de Santa Comba;* e em conformidade com a opinião mais corrente e verosimil o penedo em questão é um d'esses monumentos pre ou proto-historicos de sentido religioso, bastante obscuro, de resto, e provavelmente contemporaneo dos primitivos habitantes do castro fronteiro.

As pedras com insculpturas foram já objecto [4] d'um copioso e extenso commentario; e ainda recentemente as do concelho dos Arcos motivaram uma especial referencia, sem que, todavia, esta fosse incluida. [5] A actual noticia, que nada accrescenta de novo, importará apenas como um numero a mais no registro das rochas insculpidas, bastante frequentes no Minho e n'outras provincias do paiz.

R. P.

---

[1] Martins Sarmento, *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães,* in *Revista de Guimarães,* I, pag. 188. Porto, 1884.

[2] Martins Sarmento, *Ob. cit.,* in *Rev.* cit., pag. 163. Porto, 1896.

[3] José Augusto Vieira, *O Minho pittoresco,* I, pag. 470. Pereira ed. Lisboa, 1886.

[4] Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania,* I, pags. 350-90. Lisboa, 1897.

[5] F. Alves Pereira, *Insculpturas em rocha em castros de Val de Vez, ou varios penedos com pias,* in *O Archeologo portuguez,* IV, pags. 289-303. Lisboa, 1898.

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

Segunda sessão de 24 de Outubro de 1898

PRESIDENCIA DO SNR. DR. FRANCISCO MARIA DE LIMA NUNES

COMMUNICAÇÕES

A caverna dos Alqueves

POR A. SANTOS ROCHA

Pelo nosso consocio sr. Annibal de Brito Paes soubemos que nos suburdios de Coimbra, freguezia de S. Martinho do Bispo, para E do logar da Povoa e em frente d'esta aldeia, na encosta denominada dos Alqueves, existia uma espaçosa caverna, que em tempo estivera aberta e fôra visitada por diversos individuos, e depois havia sido obstruida com grande quantidade de pedras.

Encarregamos aquelle cavalheiro de examinar bem o local e registar todas as circumstancias interessantes, pedindo-lhe tambem que tomasse minuciosas informações do proprietario do solo ou dos visinhos sobre o seu estado anterior.

Assim o fez: e fundados nos esclarecimentos por elle obtidos resolvemos que a nossa Sociedade emprehendesse a exploração.

No dia 11 de julho ultimo, acompanhados pelo mesmo senhor e pelo nosso consocio sr. dr. Joaquim Pereira Jardim, fomos com o collector da Sociedade, Francisco Dias Cardoso, visitar o sitio e traçar o trabalho da desobstrucção; e logo no dia seguinte este serviço foi executado, abrindo-se uma passagem para o interior da caverna, de modo que pudemos começar as pesquizas n'esse mesmo dia.

Quando o trabalho da desobstrucção já estava adeantado, os nossos consocios entraram na primeira sala a sondar o pavimento; e logo descobriram á superficie, do lado direito, alguns fragmentos d'ossos humanos. Nos outros logares nada appareceu que lhes despertasse suspeita. O pavimento tinha uma forte inclinação e estava em lama ou coberto por uma enorme quantidade de pedras, que haviam sido lançadas pela entrada.

O exame d'aquelles ossos deixou-nos a convicção de que haviam soffrido fortes fricções no entulho e tinham chegado á camada superficial em consequencia d'um remeximento prolongado. Qual seria a causa d'este remeximento? Foi o que em seguida procuramos averiguar.

Preparado tudo e munidos de lampadas de petroleo com reflectores, descemos com os nossos companheiros e serviçaes á primeira sala. Dos logares onde a terra apparecia á superficie, o menos humido e o unico que se apresentava quasi plano e horisontal era aquelle em que os ossos tinham sido encontrados. Acrescia a circumstancia de ser contiguo á parede da caverna; circumstancia interessante para nós, que na necropole neolithica da Serra do Cabo Mondego tinhamos observado o facto de os ossos dos esqueletos estarem agglomerados junto dos supportes dos megalithos, indicando que os corpos tinham sido inhumados de cocoras e encostados aos mesmos supportes.

Encetada a excavação do sitio, verificou-se que a terra estava leve e como que granulada. O nosso collector, que é um caçador eximio, e que conhecia bem o trabalho dos texugos, declarou que o remeximento era obra d'estes animaes; e com effeito descobriu em seguida, junto da parede, a entrada d'um covil. Os outros serviçaes confirmaram a declaração, accrescentando dois, que eram visinhos da Povoa, a noticia de a entrada da caverna ter sido obstruida precisamente por causa d'estes animaes, que alli se refugiavam.

Pela nossa parte notamos não haver mau cheiro nem vestigios de excrementos do animal; o que parecia apoiar a hypothese de o covil ser d'um texugo, lembrando-nos do asseio que este plantigrado costuma sempre manter na sua habitação.

Momentos depois foram recolhidos ao pé da entrada do covil alguns ossos que nos pareceu pertencerem ao mesmo animal.

D'este modo a causa do remeximento ficou esclarecida, adquirindo-se ao mesmo tempo a certeza de que n'aquelle sitio existiam depositos funerarios.

A exploração seguiu uma parte do covil, encostada á parede da caverna, sem nos descobrir esses depositos. Para continual-a era preciso tirar uma grande porção de pedra amontoada para o lado da entrada da sala; e nós fizemos executar este trabalho com muita rapidez. Foi então que se verificou que uma pedra muito estreita e comprida que ficava parallela á parede, era uma lage cravada de cutelo na terra.

Esta lage foi para nós um indicio importante. Reconhecendo a sua posição intencional, que fazia lembrar a existencia d'algum cisto ou cousa semelhante, pensamos que entre ella e a parede da caverna estariam os depositos atravessados pelo covil do texugo.

Por isso a excavação avançou sobre este recinto com grande anciedade de todos, reconhecendo-se pouco depois que o animal, seguindo a parede da caverna, encontrara em frente uma brecha muito dura, formada pela estalagmite, e que, depois de tentar desviar-se para O, atravessando o recinto, sem que pudesse romper para fóra por causa da referida lage, continuara o pequeno tunel por cima d'aquella brecha, sempre encostado á parede.

Na parte do recinto excavada até á brecha recolheram-se restos d'um deposito mortuario. Evidentemente estava alli uma das origens dos vestigios que tinhamos encontrado esparsos no entulho contiguo á entrada do covil.

Em seguida arrancamos a brecha e exploramos o resto do recinto.

Voltando ao ponto de partida, abrimos outro fosso parallelo á parede da caverna, por fóra da referida lage, abrangendo todo o espaço comprehendido entre o alinhamento d'esta e um enorme extracto calcareo que, cahido talvez do tecto da sala, occupa uma grande parte do pavimento.

Quando este fosso ultrapassou a lage, verificou-se que o covil do texugo continuava para O, atravessando diversos depositos mortuarios, e terminava por uma excavação mais ampla, onde era a habitação do animal.

Assim se confirmou plenamente o que haviamos pensado ácerca dos vestigios recolhidos ao principio na camada superficial do entulho.

Nenhum remeximento devido á mão do homem foi por nós notado; mas pareceu-nos manifesto, pelo estado em que encontramos certos depositos fóra do alcance do referido covil, que não fora esta a unica obra dos texugos. Outros covis tinham sido abertos por estes animaes em tempos mais remotos, alterando parte dos depositos e fazendo deslocar e disseminar fragmentos de ossos e d'outros objectos, que hoje se acham provavelmente no poço, á borda do qual se ergue o terreno da necropole e até onde se estendiam os destroços que recolhemos.

Se o homem tivesse excavado aquelle sitio, o entulho superficial não estaria tão dividido, e as faltas que notamos dos depositos não seriam limitadas a certas porções, ficando as restantes intactas. Este ultimo facto é sem duvida o resultado do trabalho d'um animal que só deslocou o que se achava na sua passagem, isto é, no espaço preciso para o seu pequeno tunel.

Tanto n'alguns depositos não atacados pelo texugo como no que restava dos outros, pudemos fazer uma observação bastante rigorosa sobre o modo de inhumação. Foi isto devido á pratica que temos seguido de só empregarmos as ferramentas pesadas até ser assignalado qualquer deposito mortuario. Depois só usamos de facas e pequeninas picaretas d'aço, e o serviço não é mais confiado aos trabalhadores. Com esses instrumentos descobrem-se os ossos principaes, tanto quanto é necessario para os reconhecer e estudar a sua posição relativa; e só depois é que se procura desembaraçal-os completamente da terra e recolhel-os.

A maior parte d'este fatigante trabalho, na caverna, foi executado pelo nosso consocio sr. Annibal de Brito Paes, que o desempenhou com notavel zelo e aptidão, sendo ás vezes substituido pelo sr. dr. Jardim e pelo collector da Sociedade.

Nós vigiamos pessoalmente todo o serviço importante da exploração. Desde que penetravamos na caverna não mais sahiamos até terminar o trabalho do dia: e tivemos a satisfação de ver que os nossos companheiros procederam do mesmo modo; de sorte que tudo presenciaram, e podem hoje dar informações tão exactas como nós.

Devemos notar que no segundo dia de trabalho tivemos a assistencia do nosso consocio rev. José Joaquim Nunes, de Lagos, que fora reunir-se a nós em Coimbra para tomar parte nos nossos estudos.

Estamos presuadidos de que não esgotamos a necropole no logar da exploração. Os depositos devem prolongar-se por debaixo das pedras que estão ainda amontoadas do lado da entrada da sala; mas não nos parece provavel que se encontrem em outros logares da mesma sala, onde algumas sondagens só descobriram lama ou pedra. Existirão porventura tambem no corredor que parte d'essa sala para a outra, ou n'esta? Nada podemos dizer senão que o collector foi de rastos até esse ultimo recinto, e informou-nos que o pavimento estava muito humido. A exploração d'estes logares exige trabalhos consideraveis para que não estavamos preparados.

A caverna dos Alqueves é aberta no calcareo jurassico do monte que se ergue a E e proximo do logar da Povoa. Demora a mais de meia encosta, e o seu eixo maior segue approximadamente o rumo magnetico de NE a SO.

Um espaçoso vestibulo, que encontramos completamente obstruido, precede a primeira sala, com a qual communica por uma abertura em parte tambem obstruida. Á esquerda, isto é, pelo lado do O d'esse vestibulo, existe outra entrada, que se acha inteiramente entulhada com pedras.

Nós abrimos passagem pela primeira. Por debaixo do amontoado de pedras soltas existia um solo muito duro, que resistia ás ferramentas; e por isso apenas fizemos excavar o bastante para podermos entrar um pouco curvados. Dois dos serviçaes, que conheceram bem o vestibulo antes de ser entulhado, affirmaram que aquelle solo, apezar de endurecido, era de recente data, proveniente de entulhos extrahidos d'uma pedreira que alli abriram e que a pequena profundidade se encontra a rocha viva.

A sala tem a forma elliptica; e mede no eixo maior 17m, e no menor 7m,5 a 8m. O pavimento desce desde a entrada com uma forte inclinação para NE, e depois para E, terminando n'um poço. Até dois terços pouco mais ou menos do seu comprimento, a contar da entrada, a parte média estava coberta de pedras soltas, e por debaixo d'estas, occupando um espaço consideravel, encontrou-se uma grande rocha, que parecia ter cahido do tecto.

Junto da parede da esquerda, isto é, do lado do O, existe um barranco que vem da outra entrada da caverna; e ao longo da parede opposta, a contar da orla do poço para o lado do SO, entre a mesma parede e a grande rocha que occupa a parte média do pavimento, estava uma pequena faxa de terra escura, em parte tambem coberta de pedras.

O restante do pavimento, para diante da grande rocha, incluindo o fundo do poço, é um solo esbranquiçado, resultante sem duvida da decomposição dos estratos calcareos.

O tecto da sala attinge, na sua maior altura, 3m approximadamente acima do pavimento. Faz lembrar uma especie de abobada, formada por grandes lages, que avançam umas sobre as outras até fecharem o recinto.

É na extremidade NE d'esta sala que existe uma cavidade muito baixa pela qual se entra em um longo corredor que vae desembocar em outra sala. Nós não penetramos n'estes logares; mas foram visitados pelo nosso collector, que nos informou ser muito baixo o tecto de todo o corredor e bastante espaçosa a sala interior.

Para nós o ponto mais interessante da caverna foi desde logo aquella pequena faxa de terra, que não media no comprimento mais de 5m, encostada á parede da primeira sala, e que começava pelo NE, na orla do poço, seguindo a direcção da entrada da mesma sala. Alli, proximo do mesmo poço e encostado á parede da caverna, começamos a abrir um primeiro fosso com a largura de 0m,8 pouco mais ou menos; e recolhemos no entulho revolvido pelos texugos fragmentos de craneos e d'outros ossos humanos, assim como uma serra e uma ponta de dardo fracturada, ambas feitas de silex. Por debaixo d'este entulho existia uma forte camada de argilla, em que as sondagens foram estereis.

A excavação proseguiu no espaço comprehendido entre a parede e a lage cravada de cutelo, verificando-se que esta era uma tosca placa do calcareo da propria caverna, e tinha uma das faces coberta de camada estalactitica, indicando que havia cahido do tecto e fôra utilisada pelo ho-

mem tal como a tinha encontrado sobre o pavimento. Media approximadamente no comprimento 1m,40, na altura 0m,60 e na espessura 0m,14, e estava cravada a 0m,70 de distancia da parede.

Ao principio encontramos fragmentos de ossos humanos esparsos no entulho remexido e alguns empastados na argilla do fundo, restos, sem duvida, d'um deposito mortuario que o texugo destruira. Do mobiliario d'este deposito subsistia um fragmento de vaso de barro cosido, encostado á parede da sala. Em seguida, por debaixo d'uma placa de calcareo da caverna, que parecia ter sido alli collocada como cobertura, mas que tambem podia ter cahido do tecto, porque a face coberta da camada estalactitica estava voltada para baixo, e além d'isto esta pedra não se apoiava sobre a lage vertical, descobriu-se parte d'um esqueleto humano cimentado pela estalagmite. Junto d'esta brecha existia um vaso de barro cosido, de que infelizmente só se salvaram pequenos fragmentos.

Os ossos salientes da pasta eram, na camada superficial, a parte superior de um humero, voltada para o lado da entrada da caverna, e em nivel mais baixo, á nossa esquerda, mais da metade inferior d'um fémur, e á nossa direita um craneo fragmentado.

Calculando o espaço que devia abranger este deposito mandamos metter por debaixo, na argilla do fundo, as pontas das ferramentas, e, fazendo funccionar estas como alavancas, a brecha foi arrancada.

Conduzida para a entrada da caverna, afim de a examinarmos á luz do dia, notamos que faltavam na base da pasta os ossos illiacos, e ao lado direito a maior parte do craneo, assim como a parte inferior do outro fémur, cuja cabeça apparecia na face inferior da mesma pasta; mas já não foi possivel encontrar senão os illiacos e outros pequenos ossos que estavam contiguos. Os restantes foram misturados nos entulhos de que se tornara necessario desembaraçar a excavação, removendo-os para o poço.

A agglomeração dos ossos n'essa pasta prova claramente que o corpo fôra inhumado de cocoras, como era pratica seguida nos dolmens da Serra do Cabo Mondego. Depositado o cadaver n'essa posição sobre a camada de argilla do sub-solo, começaram por assegurar-lhe o equilibrio, mettendo-lhe por debaixo alguns calços de pedra; e em seguida cobriram-n'o com terra calcarea da caverna. Com a decomposição o deposito foi abatendo, as articulações romperam-se, cahindo um fémur para cada lado, e sobre estes os humeros, emquanto a cabeça seguia a deslocação da extremidade inferior de um dos fémures, extremidade de que ella devia ter ficado muito proxima n'esse modo de inhumação.

Os illiacos ficaram na base do deposito, junto á cabeça do fémur que dissemos ter apparecido na face inferior da pasta. Com o illiaco esquerdo estão cimentados uns pequenos ossos, alguns dos quaes nos parecem dos pés.

A disposição de todos estes ossos na brecha indica seguramente que o corpo foi inhumado com as costas voltadas para a entrada da caverna, e por conseguinte com a face para NE.

Logo adiante d'este deposito estava uma bella faca de silex enterrada em posição vertical.

Seguiu-se a descoberta d'outro deposito, que tambem estava debaixo da referida placa de calcareo. Começamos a exploral-o; mas, como eram horas de terminar o trabalho do dia, foi o collector encarregado de proseguir no dia seguinte antes de nós chegarmos á caverna: e elle assim o fez. Recolheu fragmentos do esqueleto, alguns formando brecha, como no deposito anterior.

A excavação avançou ainda ao longo da parede até encontrar em frente a rocha, mas sem outro resultado que não fosse o reconhecimento de que o covil do texugo seguia d'alli para O, deixando-nos ver á direita do fosso alguns ossos humanos.

Verificando que havia alli outra sepultura, por fóra do alinhamento da lage vertical, mandamos abrir o segundo fosso, em direcção áquelle ponto. N'este trabalho fomos pondo a descoberto, sobre a argilla do sub-solo, quatro esqueletos humanos, postos quasi em fila, n'uma linha approximadamente parallela á parede da sala. Todos estes depositos, quasi contiguos, tinham sido mais ou menos atacados pelos texugos; mas no primeiro d'elles o remeximento pareceu-nos insignificante, levando apenas parte d'um vaso e alguns fragmentos de ossos; e por isso pudémos alli observar a disposição das peças mais importantes, tal como havia resultado do modo de inhumação.

Os ossos estavam agglomerados sobre algumas pequenas pedras chatas, que serviram talvez de calços para manter-se o corpo acocorado em equilibrio. Um humero, fortemente empas-

tado, occupava a parte superior do deposito. Seguiam-se os dois fémures, com as cabeças muito proximas e as extremidades inferiores afastadas entre si 0m,25 approximadamente e em nivel um pouco mais alto do que as extremidades superiores, junto das cabeças dos fémures os illiacos.

Por debaixo da metade inferior dos fémures descobriram-se as duas tibias e os peroneus, e ao lado jazia o outro humero. O craneo, fragmentado, estava adiante das tibias e em nivel um pouco mais baixo; e junto d'elle encontrou-se parte d'um vaso de barro cosido. O entulho que envolvia os fragmentos do vaso e do craneo estava manifestamente remexido.

Como se vê, a inhumação aqui tambem fôra feita de cocoras; e a agglomeração dos ossos que restavam dos membros superiores e inferiores, dos fragmentos craneanos e de maxillares nos outros tres depositos, ainda empastados sobre a argilla, provou-nos que esse modo de inhumação existira em todos.

Igualmente se averiguou, pela disposição dos ossos no primeiro d'estes quatro depositos, que o corpo fôra inhumado com as costas voltadas para a entrada da caverna.

No segundo deposito recolheram-se uma faca de silex e um grosso tubo de osso, que era provavelmente uma peça de collar, e no quarto uma serra de silex.

Junto ao quarto deposito, na extremidade SO da lage vertical e por fóra d'ella existiam restos d'outro esqueleto humano. O trabalho do texugo era evidente, porque o covil de que fallamos passava alli; mas as porções dos humeros e das tibias que as unhas do animal não arrancaram da argilla, demonstraram que as peças do esqueleto estavam agglomeradas e sobrepostas.

Para diante da lage vertical appareceu a rocha, como dissemos; e para O e ONO surgiu outro estrato que parecia ser a continuação do que tinhamos seguido até alli. No espaço ou fenda existente entre estas rochas e quasi no alinhamento dos quatro depositos que acabamos de mencionar encontraram-se mais dois sobre a argilla do sub-solo. Um, que estava coberto por uma placa de calcareo que apresentava n'uma das faces a camada estalactitica, fôra atravessado pelo covil do texugo. O animal deslocara muitas peças do esqueleto humano, fraccionando algumas; mas pela situação dos ossos em um pequeno espaço pudemos reconhecer que o corpo fôra inhumado de cocoras, como os anteriores. N'este deposito recolheram-se uma grande concha de *Triton nodiferus* e um percutor.

O outro deposito estava encerrado n'uma especie de cisto. Um dos lados d'este era formado pelo estrato calcareo que estava para diante da lage vertical; e dois dos outros lados por pequenas lages brutas, cravadas de cutelo, com altura de 0m,40 approximadamente. O lado por onde se fez a exploração só estava tapado com terra.

O recinto não media em largura mais de 0m,35 e em comprimento mais de 0m,50, e estava coberto por uma tosca lage calcarea.

O esqueleto era d'um individuo novo, e não apresentava indicios de remeximento. Os humeros estavam sobrepostos aos fémures e por debaixo d'estes existiam as tibias. O craneo rolara para diante d'estes ossos, e, graças á protecção do cisto, era o melhor conservado da necropole.

Para O d'este pequeno monumento, se assim podemos chamar-lhe, seguia-se outra fenda entre os estratos; e n'ella se descobriram ainda dois depositos mortuarios, quasi contiguos, cobertos por lages brutas de calcareo, cujas extremidades se apoiavam sobre os mesmos estratos.

Na primeira d'estas sepulturas notamos um facto singular. Um dos fémures estava em posição horisontal; e o outro, tendo a extremidade inferior sobreposta á do primeiro, inclinava-se muito para o fundo, de modo que a cabeça baixara 0m,25 approximadamente do nivel da cabeça do seu congenere. N'esse nivel mais baixo jaziam uma das claviculas e fragmentos do craneo.

Os outros ossos estavam tão fortemente empastados que se fizeram em pedaços sem que pudessemos reconhecer muitos d'elles. Comtudo a agglomeração era manifesta; e pareceu-nos que o corpo fôra inhumado com a face voltada para O.

Na ultima sepultura o esqueleto estava disposto de tal modo que não podia descobrir-se um osso sem sacrificar outros. Por outro lado os ossos estavam completamente apodrecidos pela excessiva humidade, e a faca cortava-os conjunctamente com a terra. A exploração, por isso, foi rapida, recolhendo-se parte d'um puncção de osso muito deteriorada, um alfinete de osso quasi inteiro e parte d'outro, perdendo-se os restantes fragmentos d'este ultimo.

Em nenhuma sepultura encontramos ossos com vestigios de fogo.

Tambem não descobrimos lar algum. Apenas carvões miudos, esparsos aqui e alli, que podiam ser provenientes dos proprios fachos com que era esclarecida a caverna quando se faziam os enterramentos.

Em algumas sepulturas abundavam no entulho pequenos caracoes; e observamos que esse entulho continha terra com detrictos vegetaes. Isto provou-nos que ás vezes se levava terra de fóra da caverna para cobrir os corpos.

O mobiliario recolhido apresenta os caracteres que passamos a descrever.

Percutor. Um calhau de quartzite lavrada, com apparencia de martello, mas sem vestigios d'isso.

Facas. Uma lamina de faca, feita de silex cinzento, com manchas de *patine*, tendo o dorso formado por quatro planos longitudinaes, medindo no comprimento 0m,162.

Fig. 1.

—Parte d'outra faca, feita de silex pardo-escuro, muito irregular no dorso. Este exemplar attinge em alguns pontos a largura de 0m,031 e espessura superior a 0m,01.

Serras. Uma serra dupla, feita de silex pardo-claro, com secção trapesoidal, medindo no comprimento 0m,09 e na maxima largura 0m,02.

—Parte d'outra serra dupla, feita de silex vermelho com manchas de *patine*. Mede na maxima largura 0m,02.

Punção. Parte d'um furador d'osso, polido, de secção circular, muito deteriorada.

Arma. Um dardo triangular, feito de silex louro, com a ponta partida. Está perfeitamente retocado em ambas as faces, que são connexas. Mede no comprimento até ao ponto da fractura 0m,054 e na largura da base 0m,021.

Adornos. A peça de osso de que damos o desenho na fig. 1. Tem secção elliptica, e mede no comprimento 0m,045 e no eixo maior da ellipse 0m,039. Parece um objecto de collar; e as suas dimensões não surprehendem, porque muitas contas de barro usadas pelos lusitanos da epocha romana eram mais compridas, e algumas pouco menos largas.

—Um alfinete d'osso, polido, de secção circular, medindo no comprimento 0m,125.

—Parte d'outro alfinete, tambem de osso, achatado e bem polido.

Ceramica. Parte d'um vaso de barro negro com mistura de spatho calcareo, em fórma de calote espherica e com o bordo reintrante. É trabalhado á mão; mas a regularidade das curvas indica a intervenção de molde.

—Fragmentos d'um pequenino vaso de barro negro no interior e vermelho por fóra, com mistura de spatho calcareo, tambem trabalhado á mão. O bordo é vertical.

—Fragmentos d'um vaso de barro castanho-escuro, com a mesma mistura de spatho calcareo e trabalhado á mão.

As principaes peças osteologicas, que todas são incompletas, pertencem ao craneo, face e ossos longos, cujo estudo, immediatamente inserto, foi effectuado pelos nossos consocios, srs. Ricardo Severo e Fonseca Cardoso.

Nota sobre os restos humanos da Caverna neolithica dos Alqueves

POR

Ricardo Severo e Fonseca Cardoso

Os restos humanos exhumados, das doze sepulturas da Caverna dos Alqueves, accusam, a avaliar pelos fragmentos craneanos, um total de nove individuos. O esqueleto d'um d'elles, em posição acocorada, acha-se empastado no bloco stalagmitico, que foi transportado para o Museu.

Todas as peças osseas estão fracturadas e reduzidas por vezes a pequenos fragmentos de impossivel restauro, se bem que alguns ossos do craneo se limitem pelas proprias suturas em alguma extensão. Assim, apenas podemos utilisar para estudo tres calotes craneanas, um fragmento de maxillar superior, uma mandibula que conseguimos restaurar e um femur completo.

Craneo cerebral.—As tres calotes compõem-se: a primeira—pertencente a individuo muito velho—de dois fragmentos de parietaes, com a sutura sagittal oblitterada e um fragmento do frontal do lado direito; a segunda—de individuo adulto—de uma porção do frontal com su-

tura metopica, os dois parietaes e a parte lambdoide do occipital; a terceira, de uma porção do frontal com apophyse orbitaria externa esquerda; ha mais dois parietaes fragmentados e a parte lambdoide do occipital.

As caixas craneanas de que ellas fizeram parte deviam ser volumosas. O seu contorno, segundo a *norma verticalis*, é nitidamente dolicho-pentagonal, embora a calote n.º 3 seja um tanto mais reduzida no seu diametro antero-posterior; a orla glabellar mostra-se moderadamente accusada; a fronte é ampla com as bossas bem accentuadas; para a parte posterior o contorno alarga-se até ás bossas parietaes que se destacam nitidamente.

A sua linha de perfil ergue-se verticalmente, sem excessiva saliencia da glabella (n.º 2, Broca) segue regularmente pela sutura sagittal, fazendo-nos suppôr uma certa platycephalia, e desce por fim obliquamente para a região lambdoide. A calote do velho sobresahe das outras duas pelo seu aspecto mais macisso e rude, com notavel espessura ossea, que é de 0m,011 na escama frontal, 0m,004 a 0m,005 nas partes mais delgadas dos parietaes. Pela parte posterior, a partir do bregma, a seu perfil coincide nitidamente com o do velho de Cro-Magnon [1]; na parte anterior porém, a fronte é mais fugidia e neanderthaloide. O craneo do velho da Caverna dos Alqueves deveria ter sido de forte arqueadura, como o seu congenere do valle do Vezere.

Os indices que pudemos calcular com certa approximação indicam-nos uma raça dolichocephala, embora o craneo n.º 3, pelo seu indice cephalico 77.7, nos mostre já que a população neolithica do valle da Figueira não fôra estranha á mestiçagem d'essa raça de craneo curto, que desde os tempos mesolithicos emigrara para o nosso solo.

Os indices frontaes superiores indicam-nos que devia ter grande desenvolvimento essa região, protectora do lobo anterior do cerebro; e na conformação d'esta parte do craneo mais uma vez se liga o nosso exemplar com a raça de Cro-Magnon.

Se compararmos, emfim, as medidas e indices d'estas calotes, com as tomadas por Paula e Oliveira nos craneos neolithicos da bacia do Tejo, vê-se quanto ellas são affins dos typos dolichocephalos d'estas estações prehistoricas.

Craneo facial.—Os fragmentos osseos que conservam a porção externa da arcada supraciliar denunciam, pela sua inclinação e grau de achatamento, que fizeram parte de orbitas microsemas.

Os ossos do *maxillar superior* são robustos, macissos, com um forte prognathismo alveolo-sob-nasal semelhante ao do velho de Cro-Magnon.

A *mandibula* concorda pelos seus caracteres de robustez e de inclinação sob-alveolar com os do maxillar superior. A apophyse coronoidea é curta, bem como o condylo, que não apresenta o collo bem distincto, sendo a proeminencia do mento fortemente accusada. A usura dos dentes é muito accentuada, produzindo por vezes o desapparecimento dos tuberculos e mesmo de toda a corôa (usura 2 e 3 das Instrucções de Broca).

Comparando este maxillar inferior com a moldagem da mandibula do velho de Cro-Magnon, notamos uma grande similhança de caracteres, que deveremos registar.

Ossos longos.—Entre os fragmentos dos ossos longos abundam os dos femures; no emtanto apenas um femur se conserva completo e em estado de ser medido. Além d'estes, temos mais quatro fragmentos de tibias, 3 de humeros e alguns de peroneos.

Os *femures* são macissos, com fortes incisões musculares, linha aspera bem pronunciada e as dyaphises geralmente arqueadas, platymericas. Dois fragmentos de femures são de pilastra, sendo este caracter accentuadissimo n'um d'elles.

A condizer com estes caracteres temos a platycnemia dos fragmentos de *tibias* que n'um d'elles é excessivamente accentuada, e nos fragmentos de peroneos a profunda canellura da sua face anterior. A estatura, que podemos determinar pelo processo Manouvrier no unico femur completo, é a seguinte:

Um femur masculino—comprimento 436 + 0m,002.
Estatura cadaverica = 1m,650. Estatura no vivo = 1m,630

---

[1] Utilisamos para este estudo comparativo uma excellente moldagem d'este craneo que possue o Museu archeologico da Figueira.

Estes algarismos indicam-nos uma estatura abaixo da media; entretanto este resultado do calculo de modo algum pode ser considerado como definitivo e caracteristico visto que se fundamenta apenas sobre uma observação osteometrica.

Caverna neolithica dos Alqueves — Quadro comparativo das medidas craneometricas

CRANEO CEREBRAL		Caverna dos Alqueves		Hugem		Casa da Moura	Cascaes	Carvalhal	CRANEO FACIAL — Mandibula		Cav. dos Alqueves	Hugem	
		2 M	3 M	1 M	6 M	3 M	1 M	1 M			1 M	1 M	6 M
Diametros	Antero-poster. max.	186?	175?	172	185	189	185	175	Ramo poster.	Altura ...	66	64	62
	Transverso maximo.	137?	136?	142	136	140	137	154		Largura ...	34	32	38
	Stephanico.....	118	111?	120	111	121	115	124		Indice	51.5	50.0	61.2
INDICES									Angulos	Goniaco....	117°	118°	116°
Cephalico.....		73.7?	77.7?	82.6	73.0	74.1	74.0	88.0		Symphisiario	69°	60°	78°
Frontal super.	Longitudinal.....	63.4?	63.4?	69.8	60.0	64.0	62.2	70.8					
	Transverso.....	86.1?	81.6?	88.2	81.6	86.4	83.9	80.5					

Conclusões.—Todos os caracteres, que conseguimos emfim deduzir do estudo dos restos humanos da Caverna dos Alqueves, são identicos aos observados por Paula e Oliveira nos esqueletos dos kjoekkenmœddings e das grutas neolithicas da bacia do Tejo; ser-nos-ha permittido portanto concluir que a parte do nosso paiz, desde a bacia do Mondego para o Sul, era habitada por uma mesma população, na qual predominavam sobre tudo os caracteres da raça humana de Cro-Magnon.

Estação neolithica da Ereira

por A. Santos Rocha

Em uma das nossas communicações anteriores, descrevendo tres machados de pedra polida colligidos no povoado da Ereira, que fica no meio dos campos do Mondego, entre Montemor-o-Velho e Verride, lembramos a hypothese de ter sido alli uma estação humana na epocha neolithica.

Os factos vão apoiando esta conjectura. Em uma excursão que fizemos com o nosso consocio rev. Joaquim da Costa e Silva, que é natural d'alli, obtivemos de diversos moradores do logar mais algumas hachas de pedra polida, que haviam sido encontradas por occasião dos trabalhos agricolas.

É crença entre o povo d'aquelle sitio, como entre quasi todos os povos, que taes objectos são pedras de raio, coriscos ou cousa cahida das nuvens. Um dos nossos exemplares fôra submettido ao fogo, na persuasão de ser de metal; e uma pobre mulher trazia comsigo outro, confiada em que ficava isenta dos raios; o que não impediu que o offerecesse de bom grado, quando lh'o pedimos.

O numero dos exemplares de que nos deram noticia é consideravel; e nós esperamos reunil-os todos em nosso poder. Entretanto mencionaremos já os que possuimos, que são cinco, e que juntos aos colligidos anteriormente formam uma serie de oito.

Entre elles é notavel uma hachasinha, que nos parece feita de quartzo, achatada em fórma de triangulo espherico, perfeitamente polida, medindo no comprimento $0^m,055$.

Triangular, mas com um dos bordos lateraes rectilineo e o outro convexo, é tambem uma das restantes peças, que parece feita de fibrolithe, medindo no comprimento $0^m,082$.

Outro exemplar, que parece de basalto, bem polido e fracturado do lado do topo, indica a fórma conica, e devia medir no comprimento $0^m,2$ approximadamente.

De rocha semelhante é um outro em fórma de triangulo isósceles, egualmente bem polido, roliço e com secção elliptica, medindo $0^m,12$ approximadamente no comprimento.

O quinto exemplar parece feito de schisto amphibolico, e só está bem polido junto ao gume. Tem a fórma d'um trapezio alongado e a secção quadrangular; e mede no comprimento $0^m,135$.

Em todos o gume é convexo, tendo tres a curva sensivelmente regular em relação á linha média longitudinal.

Estes cinco typos são já conhecidos nas estações neolithicas do concelho da Figueira. A fórma conica é verdadeiramente rara; mas as outras são vulgarissimas.

O exemplar de menores dimensões pertence a essa serie de hachasinhas que são ainda um problema da sciencia. Nós já nos temos occupado detidamente d'ellas em um escripto publicado nas nossas *Memorias sobre a antiguidade;* e por isso sómente diremos aqui que conservamos a opinião de que esses objectos minusculos eram verdadeiros instrumentos cortantes, como as grandes hachas, devendo divergir d'estas apenas no modo de encabamento.

Novo vestigio da epocha do cobre nas visinhanças da Figueira

POR A. SANTOS ROCHA

Adquirimos ultimamente uma ponta de dardo, feita de metal, que nos parece ter uma importancia consideravel no estudo da prehistoria da nossa região.

Foi encontrada no alto da Serra do Cabo Mondego, para O de Brenha, no sitio da Cumieira, onde existiu um dolmen de que démos noticia nas nossas *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira.*

Disseram-nos que o dono do terreno a descobrira em 1887 ou 1888, quando destruia os restos d'aquelle monumento. Pertenceria ao mobiliario funebre do dolmen? No caso affirmativo seria forçoso admittir que ao tempo em que o monumento servia de sepultura já a aurora dos metaes tinha raiado para as populações neolithicas da Serra. Mas difficil, se não impossivel, é provar aquella hypothese: nós não temos meio seguro de estabelecer relação entre o objecto metallico e o mobiliario que os constructores do megalitho consagraram aos seus mortos.

A peça tem a configuração indicada no desenho, isto é, a d'uma folha lanceolada. Está fracturada de recente data na ponta; mas devia medir no comprimento total 0m,09 approximadamente. Até ao ponto da fractura mede 0m,075, na maior largura 0m,024, na maior espessura 0m,002.

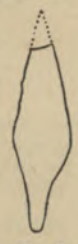


Fig. 2.

A sua fórma tem similares notaveis nas pontas de cobre das grutas de Palmella e da Furna da Ponta da Lage (Oeiras), como se vê na est. II, fig. 11, e est. XVIII, fig. 12, do 4.º volume das *Antiguidades monumentaes do Algarve* de Estacio da Veiga.

Os bordos lateraes, a contar do ponto em que a peça é mais larga, para o lado superior, são acuminados.

Nós julgamos reconhecer n'este objecto os vestigios de ter sido forjado, e não fundido. As móssas deixadas pelo percutor ou martello são ainda visiveis em uma das faces, do lado do pedunculo; e deve-se provavelmente ao trabalho do martello, que comprimiu fortemente as moleculas metallicas, a notavel dureza que a lamina apresenta.

A analyse chimica feita pelo nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira demonstrou que o metal é o cobre. Eis como elle se exprime no seu relatorio:

«A peça metallica que me foi submettida pelo nosso presidente sr. Santos Rocha, é uma lamina bastante delgada, mas dura, em fórma de folha, acuminada na metade superior das arestas lateraes, terminando inferiormente por um pedunculo, e estando fracturada na parte superior, que devia ser ponteaguda.

«O seu aspecto indica uma ponta de dardo.

«Extrahi d'ella uma gramma approximadamente de metal limpo de oxydação, e submetti-o á analyse chimica qualitativa, pelo processo que tinha seguido nas analyses anteriores, e que se acha minuciosamente indicado no meu relatorio que vem publicado na obra do nosso presidente, *Memorias sobre a antiguidade,* pag. 138 e 139.

«O resultado foi encontrar o cobre puro.»

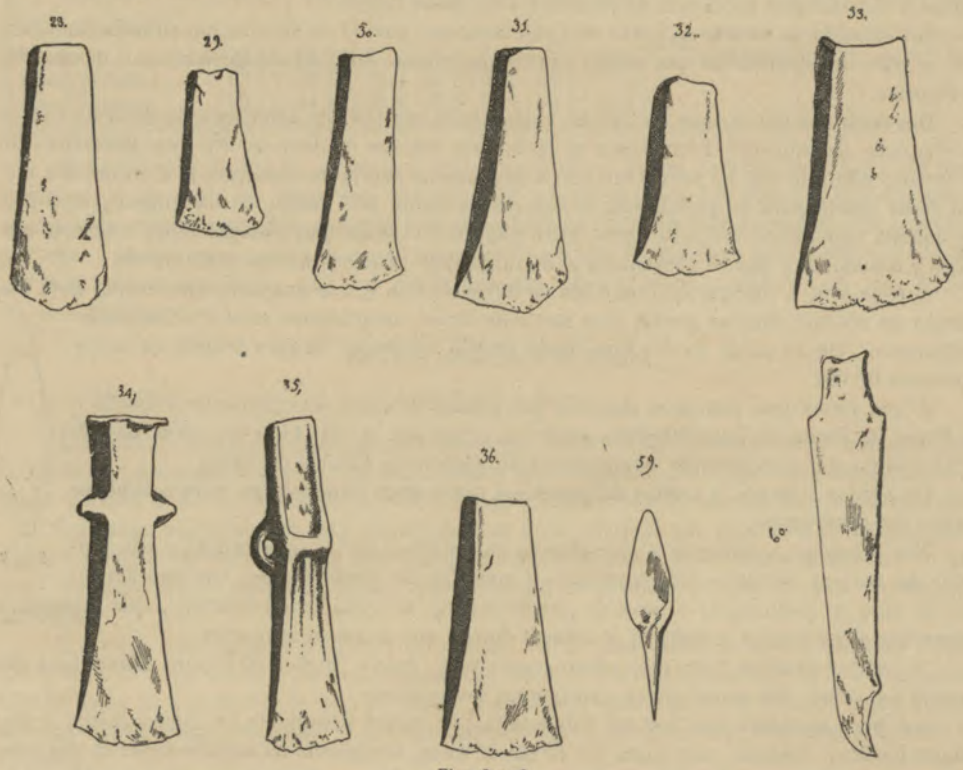
Em face d'estes dados interessantes, se attendermos que tanto as grutas artificiaes de Palmella como a Furna da Ponta da Lage não continham outro metal senão o cobre, associado a um mobiliario reconhecidamente neolithico, parece-nos licito concluir que o nosso exemplar, como os d'aquellas estações, pertence á primeira epocha da idade dos metaes, isto é, á epocha do cobre.

Primeiras epochas dos metaes

POR A. SANTOS ROCHA

Apresentação da «Nota sobre algumas hachas e objectos metallicos do Museu de Badajoz» do socio sr. D. Francisco de Sales Franco y Lozano

Tendo-me sido offerecida pelo nosso illustrado consocio sr. D. Francisco de Sales Franco y Lozano, director do Instituto de ensino secundario de Badajoz, um exemplar do inventario ou catalogo do museu archeologico d'essa cidade, notei com muito interesse, na serie prehistorica, os objectos descriptos com os n.os 28 a 36, 59 e 60, a saber: nove hachas, uma ponta de dardo e uma faca, tudo de metal. As primeiras, diz o catalogo que não foram analysadas chimicamente, mas que, predominando n'ellas o cobre, se reputam feitas d'este metal. As outras diz que são de cobre, sem explicar se o metal foi analysado.



Figs. 3 a 13.

Da proveniencia d'estas peças não se dão esclarecimentos bem detalhados. O catalogo declara que a ponta de dardo foi encontrada em Azuaga e a faca em uma estação mal definida do termo de Badajoz; que a hacha n.º 36 veio de Olivenza; e que das restantes hachas se ignora a origem, tendo sido compradas a vendedores ambulantes, que negociavam em metal velho, mas que, segundo as declarações d'estes, haviam sido levadas de territorio portuguez fronteiro á provincia de Badajoz.

Esta hypothese tem alguma verosimilhança. Estacio da Veiga já nos tinha dito em diversos logares da sua obra sobre as antiguidades monumentaes do Algarve, que muitas hachas de metal encontradas n'esta provincia haviam com effeito sido adquiridas por mercadores ambulantes de metal velho, ciganos ou gente semelhante, que as levaram para fóra do paiz.

Eu pedi ao sr. Lozano que redigisse uma communicação á nossa Sociedade sobre estas importantes peças, acompanhada dos respectivos desenhos e fundada na analyse chimica de cada

uma d'ellas; e o nosso consocio teve a amabilidade de enviar-me a nota e desenhos que venho apresentar-vos, declarando-me que por emquanto era impossivel obter a analyse chimica desejada.

Como vêdes, sete das hachas, as dos n.os 28 a 33 e 36, são machados chatos de fórma trapesoidal, como os de cobre que existem no nosso Museu municipal; a do n.º 34, em fórma de trapezio alongado, com duas protuberancias lateraes para melhor se fixar no cabo, parece ser uma *herminette;* e a do n.º 35 é um machado de talão com annel lateral.

As primeiras podem ser de cobre ou de bronze. Tanto em Portugal como em outros paizes as hachas d'esse typo, posto que geralmente de cobre, são muitas vezes de bronze. Como era natural, as primeiras hachas de bronze seguiriam a fórma da epocha do cobre, como as d'esta epocha haviam seguido a mais commum da epocha neolithica.

O simples aspecto de taes objectos não pode servir para classificar o metal, porque é sabido que o cobre e o bronze prehistoricos se confundem muitas vezes á simples vista. O nosso consocio sr. Sotero Simões d'Oliveira já nos analysou chimicamente objectos com aspecto de bronze, que eram de cobre impuro, e outros com aspecto d'este ultimo metal, que eram de bronze.

Do segundo typo de hachas só tenho noticia de exemplares em bronze, um hespanhol e outros irlandezes, havendo comtudo algumas differenças entre elles na fórma das protuberancias lateraes.

Das hachas de talão com annel lateral tambem não conheço exemplar algum em cobre: todos são de bronze.

Por isso as peças d'estes dois ultimos typos, existentes no Museu de Badajoz, pertencem provavelmente á epocha do bronze.

Quanto aos outros objectos, a ponta de dardo é do typo das que em Portugal se attribuem á epocha do cobre; mas a faca parece representar um typo novo, embora da mesma epocha.

Nota sobre algumas hachas e objectos metallicos do Museu de Badajoz

Excmo. Sr.

Al recibir el diploma de socio correspondiente de esa benemérita y culta sociedad arqueológica es un deber y descargo de mi alma reconocida mostrar mi gratitud por la honra inmerecida, que se me otorga, inscribiendo mi nombre tan modesto como humilde entre las humbreras cientificas de ese noble pais, ligado al mio por vinculos que Dios ha estabelecido é incapases de borrar por la accion del tiempo, ni mudanzas de dinastias ni cambio de instituciones.

El digno cuanto ilustrado Sr. Presidente me confia en atenta carta una delicada mision, la cual sólo en parte me ha sido dable cumplir con no pequeño sentimiento del que desearia contribuir de un modo adecuado y conveniente á los fines cientificos de esa ciudad como prueba de indeleble y perdorable reconocimiento.

En el Museu Arqueológico de esta población existe una colección de objetos de notable valor histórico por servir como de jalones á la historia del desarrollo de la actividad humana en sus diversas manifestaciones con relación ála industria.

Han llamado entre otros la ilustrada atención de nuestro honorable Presidente las hachas de la serie prehistorica y apéndice á la misma señaladas con los n.os 28 al 36; 59 y 60, respectivamente en el «Inventario» recientemente publicado por el Secretario dela Corporación.

Entre los principales instrumentos, que mencionan los arqueologos figuron las «hachas,» de forma más ó menos aplanada, de corte casi ovalado, de lados mais ou menos rectos, con una extremidad más ancha y afilada que la otra, pudiendo ser de diferentes sustancias, como el «silex,» el «bronce» y el «hierro.»

De la segunda clase, ó sea, á la edad de bronce pertenecen las de este Museo, cuya descripción muy al detalle se hace con singular y raro acierto en el «Inventario» de que hemos hecho mérito, sintiendo con su autor no conocer el análisis químico de referidos objetos como en carta de 7 del actual nos manifiesta el catedrático de Fisica de este Instituto, el cual se limita á consignar la imposibilidad de hacer el analisis cualitativo ni el cuantitativo, consignando tan sólo que, á simple vista, el metal de las hachas parece ser bronce, ó bien, una aleación de cobre e estaño, dominando el cobre.

Pero ya que por dificultades insuperables no ha sido posible obtener el ansiado análisis, en cambio es fácil apreciar la forma y figura de los dichos objetos por los dibujos fieles, exactos remitidos en 4 del corriente á esa Presidencia, secundando asi el ruego por la misma formulado, y al que hame sido muy grato el deferir.

Por lo expuesto puede estimarse que no á falta de voluntad, sino á la de mis conocimientos y falta de medios en la localidad debe atribuirse la deficiencia con que corresponde el subscribiente á los loables deseos de la Presidencia.

Dios guarde á V. E. muchos años. Badajoz 8 Mayo 1898.

FRANCISCO FRANCO Y LOZANO

Excmo. Sr. Presidente de la Sociedad Arqueológica de Figueira da Foz (Portugal).

Estação romana de Formoselha

POR A. SANTOS ROCHA

Entre os vestigios romanos do Valle do Mondego tinhamos já notado os das Adémias, em Formoselha, na propriedade do sr. José Antonio de Sousa. [1]

Agora, em excavações que recentemente fizemos n'esta propriedade e em outras proximas, adquirimos a certeza de que a estação romana abrange todos os terrenos entre a povoação e a linha ferrea, e estende-se ainda muito para SO de Formoselha, pelos terrenos do povoado do Casal.

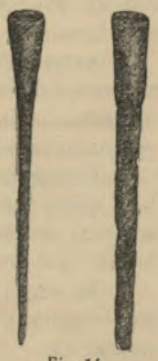


Fig. 14.

Todos os poços de sondagem que fizemos abrir nas Adémias descobriram fragmentos de telhas romanas e uma camada mais ou menos espessa de terra negra, contendo carvões vegetaes e restos de cosinha; mas só um nos descobriu, por debaixo d'uma grande agglomeração d'aquelles fragmentos ceramicos, restos d'um muro d'alvenaria secca, fragmentos d'um dolio e d'outros vasos menores, parte d'uma *patera*, escorias de forja ou de fundição em ferro, um peso de tear, de barro *(pondus)*, e um bello exemplar d'escopro *(scalprum fabrile)*, com alvado, de que damos o desenho.

Este ultimo objecto, feito de ferro, e que mede no comprimento 0m,50, tem fórma semelhante á de certos escopros da epocha do bronze, mas diversa das que se notam nos exemplares romanos representados no diccionario de Rich. É um typo novo, pelo menos, em Portugal.

O alvado prova a existencia d'um cabo de madeira; e este indica que o instrumento, como os formões actuaes, era destinado a trabalhar madeiras, provavelmente só as de grandes dimensões.

Entre os objectos genuinamente romanos appareceram alguns raros fragmentos de ceramica indigena, trabalhada á mão ou á roda, com a pasta carregada de spatho calcareo, com as das louças que predominavam nas estações lusitanas da epocha romana, que temos estudado no concelho da Figueira.

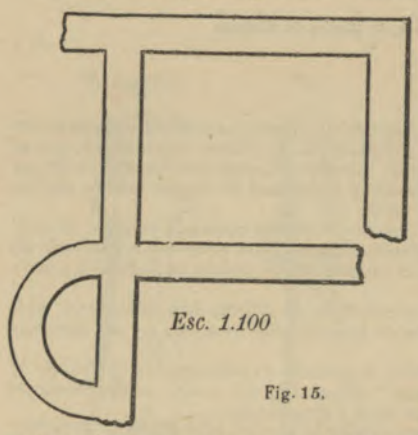


Fig. 15.

A falta de substrucções nas Adémias, quando os fragmentos de telhas abundam na camada superficial do solo, foi-nos explicada pelo facto de os cultivadores, imaginando que alli ha riquezas enterradas, teem revolvido tudo, destruindo alicerces e aproveitando a pedra.

No sitio do Casal é que puzemos a descoberto restos dos alicerces d'um edificio, de que damos a planta. São feitos com seixos e argamassa de cal e areia; especie de alvenaria que ainda actualmente se usa na localidade, por falta de pedra de construcção. Dentro do recinto só encontramos restos de telhas romanas. Nós ignoramos o destino d'este edificio.

Fragmento de vidraça pintada em esmalte, proveniente do Mosteiro da Batalha [2]

POR FERREIRA LOUREIRO

Na sua origem, a applicação do vidro pintado ás janellas e rosaceas das egrejas, era simplesmente decorativa, concorrendo assim, bem como as estatuas e mais accessorios, para o effeito geral da architectura.

Foi no meado do seculo IV que esta decoração começou a usar-se, e que consistia na reunião de pequenas placas de vidro córadas na massa por oxydos metallicos de differentes côres, e unidas entre si por filetes de chumbo formando simples ornatos e arabescos.

---

[1] *Memorias sobre a antig.*, pag. 247.

[2] Obras consultadas: *La verrerie*, par A. SANZAG; *L'architecture gothique*, par SORROYER; *Arts en Portugal*, par RACZYNSKI; *Dictionnaire des arts décoratifs*, par P. ROUMAIX.

A luz coada atravez dos vidros de varias côres produzia um effeito harmonioso e mystico, que attrahia a attenção sem comtudo a absorver completamente.

Mais tarde o artista não se limitou, como até então, a recortar simplesmente o vidro para o adequar ás inflexões do desenho que havia traçado: sobre o vidro de tons variados, o pintor applicava um traço escuro contornando as figuras para accentuar o desenho e dar-lhe relevo; este traço era sustentado por uma meia tinta, constituindo um modelo rudimentar, que a distancia produzia effeito exacto.

No seculo XI já esta arte estava muito desenvolvida, como se póde avaliar pelo que o monje Theophilo, que viveu nos fins d'este seculo, deixou escripto na sua obra *Diversarum artisem schedula*.

É, pois, um erro em que laboram aquelles que affirmam que o antigo processo de colorir o vidro se havia perdido.

Foram os artistas do seculo XII que comprehenderam perfeitamente o fim da vidraça pintada. O seu estylo simples e sobrio; o emprego de côres cujo brilho temperado convinha á architectura robusta d'aquella epoca; as formas austeras das figuras e os fundos sem ornamentação; a simplicidade ingenua do desenho; o traço negro e duro que contornava as figuras, e até a armação de ferro com a sua côr escura e angulos rectos, concorriam admiravelmente para o fim puramente decorativo a que aquella pintura era destinada.

No seculo XIII o brilho da vidraça pintada augmenta com a diminuição da austeridade do edificio, sem comtudo prejudicar a harmonia geral. Os assumptos religiosos são, muitas vezes, substituidos pelos assumptos profanos.

No seculo XIV o vidro é mais claro; as figuras começam a perder as posições hieraticas e affectam movimentos accentuados, lembrando já um começo de realismo.

Foi no fim d'este seculo, que se descobriu o amarello pelos saes de prata e a facilidade de o empregar ao fogo da *mufla*. Esta descoberta, aliás muito importante, tornou-se, mais tarde, abusiva.

No seculo XV a transformação é completa. Os cabellos das figuras, as barbas, os adornos da cabeça e os bordados dos vestidos são pintados d'amarello. Os fundos são compostos com vasta ornamentação architectonica. A perspectiva apparece.

No seculo XVI a pintura em vidraça transforma-se, por assim dizer, n'um quadro translucido, sem respeito pelas formas d'architectura.

A arte do vidraceiro, mais desenvolvida, apresenta chapas de maiores dimensões, e o pintor, auxiliado pela descoberta dos esmaltes, e podendo empregar 3 a 4 côres na mesma placa, pinta sem se importar com o traço escuro que contornava as figuras e lhes dava o relevo, e desprezando as leis a que esta arte estava sujeita, grandes scenas animadas, fundos em perspectiva com ornamentação architectonica, paisagem, etc.

Comtudo a execução rasgada do desenho e a belleza dos tons do vidro imprimem a estas pinturas um aspecto tão bello e especial, que fazem esquecer-lhes os defeitos.

No seculo XVII a decadencia d'esta arte, como decoração, continua até ao XVIII, onde apenas apparecem os ultimos reflexos da vidraça pintada, tão profusamente empregada durante seculos.

Em Portugal a vidraça pintada em esmalte parece-nos rara: nós, pelo menos, só conhecemos a do Mosteiro da Batalha, que é admiravel.

D. João I construindo, no fim do seculo XIV ou principios do seculo XV, o Mosteiro de Santa Maria da Victoria (vulgarmente da Batalha), legou ao nosso paiz um monumento digno em tudo do seu grande nome.

Padrão que attesta as nossas glorias passadas, este Mosteiro, obra quasi toda portuguesa, construido no mais bello estylo gothico, a que póde chamar-se gothico classico, e cuja construcção, feita d'um só jacto, nunca foi alterada, é, sem duvida, o mais perfeito e completo edificio religioso do paiz.

O templo tão artisticamente delineado e executado com tanta perfeição em todos os seus detalhes, possue, como era de esperar, vidraça pintada em esmalte, de primorosa execução. A salla do Capitulo, na unica janella por onde recebe a luz, tem uma vidraça onde está representada, em pintura a esmalte, a paixão de Christo.

As personagens, diz Raczynski, na *Arts en Portugal* «sont aussi beaux que ce que j'ai vu de plus remarquable en ce genre». As restantes janellas e rosaceas do templo foram muito damnificadas pela invasão francesa em 1810.

Haverá cerca de 30 annos ainda nós encontramos, por baixo d'algumas janellas, bocados de vidro pintados, provenientes das vidraças que os invasores tinham quebrado.

O fragmento que possuimos, e cujo desenho aqui apresentamos na fig. 16, é muito apreciavel e caracterisa bem a epoca em que foi feito.

Mede 18 centimetros de comprido por 8 de largo.

O cherubim e ornato, cujo desenho é bastante correcto, destacam sobre um fundo em rêde ou pontilhado a côr de castanho, e são esmaltados com aquelle amarello de prata em que já fallamos, e que, visto á transparencia, apresenta um tom vivo, brilhante e quasi dourado. Os contornos e sombras são feitos com a mesma côr do fundo mais escuro.

Com respeito aos mestres da vidraça da Batalha, pouco podemos colligir. Frei Francisco de S. Luiz, nas suas memorias historicas sobre os trabalhos do Mosteiro de Santa Maria da Victoria cita, como mestres da vidraça, em 1.º logar Mestre Guilhelme, do qual rezam documentos de 1448 e 1473.

Em seguida mestre João — documentos de 1487 e 1528, epoca da sua morte. Depois apparecem 3 Antonios Taca. O 1.º em documento de 1532 e 1536: o 2.º (o môço), provavelmente filho do primeiro — documento de 1569 e 1596, e o 3.º em 1608, (este era provavelmente neto do primeiro).

Fig. 16.

Por ultimo encontra-se Antonio Vieira como mestre da vidraça em documento de 1617, e outro documento de 1669 dá-o como morto n'este mesmo anno.

Querendo fazer obra por estes documentos, chegaremos á conclusão de que no Mosteiro da Batalha houve 4 mestres de vidraça com appellido estrangeiro, mestre Guilhelme e 3 Tacas; e dois portugueses, mestre João e Antonio Vieira.

Para completarmos esta pequena noticia, vamos apresentar aqui, em resumo, o processo actualmente usado para a pintura de vidraça em esmalte, que pouco differe d'aquella que antigamente se usava.

Os vidros que se empregam são de 3 variedades.

1.ª — o vidro incolor destinado a ser attenuado por um oxydo, a fim de perder a sua grande limpidez.

2.ª — o vidro incolor sobre que se pinta o esmalte.

3.ª — o vidro tinto na massa pelos oxydos metallicos que dão as seguintes côres: amarello, azul, castanho, purpura, côr de laranja e verde.

O esmalte é composto com um oxydo metallico, que dá a côr, e pelo fundente crystal incolor, que fixa a pintura.

Feito o desenho na escala natural, o pintor colloca sobre elle uma successão de vidros apropriados aos detalhes, e corta-os com o diamante seguindo os contornos do desenho. Em seguida sobre o vidro incolor assenta os esmaltes que detalham a composição.

Terminada a pintura levam-se estes fragmentos de vidro a um forno especial de barro refractario a que os francezes chamam *moufle* e nós outros forno de mufla, para serem cosidos.

Os esmaltes que, em virtude do fundente, teem uma fusibilidade muito maior de que o vidro, fundem e encorporam-se na vidraça sem que esta soffra modificação alguma.

Depois da cosedura segue a montagem. Os vidros são novamente justapostos e unidos uns aos outros por uma rêde de chumbo, que se consolida por meio da soldadura.

Como esta simples rêde não tenha solidez sufficiente para sustentar uma grande vidraça, emprega-se então, n'este caso, uma armação de ferro com o fim de a consolidar.

Esta armação é construida por modo que os seus angulos rectos, dividindo as differentes scenas da pintura, concorra para o effeito geral do assumpto.

Amuletos de Buarcos

POR AUGUSTO GOLTZ DE CARVALHO

O povo menos lido vive na crença de que tudo o que acontece de bom ou de mau tem uma origem sobrenatural. As enfermidades, os desastres e outros infortunios são attribuidos á influencia de quem tem o segredo e o poder de fazer mal. O bem é um favor de Deus, ou a consequencia da virtude mysteriosa de certas praticas ou objectos contra os quaes os maleficios não teem poder. São estes remedios e são estes objectos supersticiosos, que preservam do mal ou o causam, que se chamam amuletos.

Em Buarcos tratei de colher noticias dos que estavam mais em uso, e esse pouco que consegui averiguar apresento-o n'esta communicação.

Amuletos protectores — São protectores os amuletos que preservam ou defendem quem os usa do mal que outro lhe pretende causar.

A este grupo pertencem:

A FIGA, um dos amuletos mais empregados contra o mau olhado e a acção malefica das bruxas ou mulheres de más artes. Tem o feitio da mão fechada com o pollegar entre o index e o dedo grande. Traz-se geralmente ao pescoço ou coze-se em parte occulta de qualquer peça de roupa. Tambem a penduram ao pescoço dos novilhos.

O SINO SAIMÃO, que é formado por cinco rectas eguaes ligadas entre si pelas extremidades em angulos de 36.º tomando a disposição de uma estrella de cinco pontas. Tem largo emprego nas cortiçadas dos apparelhos de pesca associado a outros signaes para se reconhecer de quem são os apparelhos onde figuram. Vê-se commummente ao pescoço das crianças, só ou acompanhado de outros amuletos, como na fig. 19. Tem a mesma applicação do amuleto antecedente.

A MEIA LUA, que tambem é um amuleto que costumam collocar ao pescoço das crianças. Pode ser de oiro, de prata ou de outro metal.

O CORNO, que é collocado em qualquer logar da casa, occulto ou patente, e nos moinhos de vento. Tambem se usa ao pescoço, cosido na roupa (fig. 18) e pendurado nas machinas de costura. É muito vulgar vêr-se este amuleto pendente na cabeça dos machos e debaixo da tilha de algumas embarcações de pesca.

A antiga MOEDA DE PRATA DE TRES VINTENS, com um pequeno furo para se poder trazer ao pescoço e a pequena CHAVE DE AÇO, que tambem são objectos de grande valor para combater os inimigos.

A PEDRA DE RAIO OU CORISCO (machado neolithico) e o CEPO DO NATAL, que preservam as habitações onde os ha das descargas da electricidade atmospherica.

A FERRADURA, que se vê pregada nas portas das habitações e nas pias dos mastros grandes dos barcos para o mesmo fim da pedra de raio.

O CORAÇÃO e a ANCORA, que symbolisam com a CRUZ as virtudes theologaes e formam a CAMBULHADA. São de vidro, azeviche ou qualquer metal, preferindo o aço.

A NOZ DE TRES QUINAS (fructo trivalve da *Juglans regia*, L.) e o ALHO (bolbo do *Allium sativum*, L.), que são objectos de grande utilidade para evitar que possa acontecer mal a quem os traz comsigo.

Muitos objectos do culto catholico que tambem se empregam á maneira de amuletos protectores, taes como: a CRUZ, a PEDRA DE ARA, a ESTOLA, as RELIQUIAS DOS SANTOS, as MEDALHAS, as FITAS, os BENTINHOS, etc., etc. Accender a VELA BENTA DE QUINTA-FEIRA SANTA ou collocar na janella um AGNUS DEI é muito conveniente quando está trovoada.

Estes amuletos, para terem virtude, devem ser achados ou roubados.

Amuletos medicinaes — São estes amuletos protectores como os antecedentes, mas, com emprego especial na cura de doenças de que as mais das vezes já se padece quando o seu uso começa.

São elles:

AS MEIADAS, que postas debaixo do travesseiro sem que o doente o saiba, tiram as dôres de cabeça e conciliam o somno.

O AZEITE DAS LAMPADAS DAS IGREJAS, que tambem acalma as dôres onde é applicado.

O BREVE DE N. S. DE MONSERRATE, que facilita o parto.

AS REZAS, que feitas por ecclesiastico ao proprio doente ou a qualquer peça de roupa que lhe pertença, curam um sem numero de doenças. Tambem mulheres entendidas fazem differentes rezas para restituir a saude a muitos doentes.

Amuletos reveladores — Classifico como amuletos reveladores os que teem a virtude de dar a conhecer o que está occulto ou para succeder.

Entram n'esta classe os seguintes:

A ALCACHOFRA (capitulo da *Cynara cordunculus*, L.), que se passou pelo fogo na vespera de S. João e expoz ao ar livre durante a noite para revelar o grau de amizade que tem certa pessoa a outra, conforme o crescimento que mostrarem na manhã seguinte as flôres chamuscadas da alcachofra.

A PENEIRA, em cujos arcos se cravam os bicos de uma tesoura pelos anneis da qual duas pessoas suspendem com os dedos a peneira, para a consultarem sobre qualquer coisa. Virando-se a peneira para um lado affirma, para outro nega, segundo a convenção estabelecida.

Figs. 17 a 19.

O OVO DEITADO N'UM COPO DE AGUA, que prediz ás raparigas a profissão do seu futuro marido pela configuração que a albumina tomar na agua. Esta consulta só póde fazer-se na noite de S. João.

A MOEDA DE CINCO REIS DEITADA NA FOGUEIRA NA NOITE DE S. JOÃO e dada na manhã seguinte ao primeiro pobre que vier á porta; pelo nome do pobre ficam as raparigas sabendo qual é o do seu futuro esposo.

A VARINHA DE CONDÃO, que descobre thesouros occultos.

O BARALHO DE CARTAS, que tem a virtude de revelar o que se passa perto ou distante e até o que outros pensam fazer.

Amuletos coactivos — São coactivos os amuletos que obrigam certa pessoa ou coisa a proceder como se pretende.

Pertencem a este numero:

A CABEÇA DA VIBORA (*Vipera ammodytas*, L.; var. *Latastei*, Bosca), que paralysa os trabalhos de prestidigitação e attrahe freguezia ao commerciante que tem a fortuna de a possuir.

Algumas gottas de AZEITE DAS LAMPADAS DAS IGREJAS, que lançadas á borda do mar, aplacam a agitação das ondas.

A COCA (fructo da *Anamirta Cocculos*, W. et Arn.), que se emprega para obrigar alguem a fazer o que se tem empenho que faça.

BENZER AS REDES pelo padre para que tragam muito peixe.

ABRAÇAR DOIS BONECOS FEITOS DE PANNO, representativos de homem e mulher que se pretende venham a casar.

OS PÓS DE BEM-QUERER, que as raparigas dão aos namorados que desejam captivar.

Amuletos maleficos — Maleficos são os amuletos que teem a virtude de fazer certo mal a quem elle se deseja.

D'esta categoria annotamos:

O SAPO (*Bufo vulgaris*, Laur.), que com os olhos cosidos com retroz verde e dentro em uma panella, se esconde na casa onde reside a pessoa a quem se quer mal.

LANÇAR PENNAS Á PORTA DE ALGUEM A QUEM SE DESEJA MAL, para lhe causar desgostos interminaveis.

ROGAR PRAGAS Á MISSA ENTRE A ELEVAÇÃO DA HOSTIA E DO CALIX para causar muitas desgraças a quem as pragas foram rogadas.

Dois bonecos de panno em attitude de um subjugar e ferir o outro (fig. 17), é um amuleto que se emprega para causar mal á pessoa figurada no boneco prostrado.

Epigraphia do concelho da Figueira

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

Já tivemos occasião de dizer na communicação apresentada na sessão plenaria d'esta sociedade, em Março passado, tratando das inscripções dos sinos, que são raros os monumentos artisticos de alguma importancia existentes no concelho, e aquelles que as injurias do tempo e a ignorancia dos homens pouparam; estão uns completamente transformados por successivas reedificações, a que nem sempre presidiu gosto apurado ou direcção sensata e intelligente, outros em vesperas de completa e inevitavel ruina.

Certo que por estes motivos desappareceu d'elles quasi tudo o que se poderia ali encontrar de interessante para o artista ou para o archeologo, e que as inscripções existentes principalmente nos templos, não escaparam á sorte dos outros vestigios da antiguidade.

De algumas consignam as chronicas a existencia, de que não é possivel averiguar-se o destino: outras foram utilisadas com as lapides em que estavam gravadas, como simples pedras de alvenaria para a reconstrucção dos edificios em que se encontravam, ou arrancadas e atiradas fora como objectos inuteis.

Registramos n'este modesto trabalho aquellas de que tivemos conhecimento, e que suppomos serem quantas existem no concelho.

Começêmos pela Figueira, e pelo seu mais antigo monumento, a egreja do extincto convento de Santo Antonio, hoje Misericordia, fundada, segundo a opinião auctorisada de Fr. Fernando da Soledade *(Chronica Seraphica)* por Fr. Antonio de Buarcos, monje franciscano, pelos annos de 1527.

Para a edificação d'este mosteiro concorreu com valiosos e importantes donativos Antonio Fernandes de Quadros, senhor das casas de Villa Verde e Buarcos, e da villa e Couto de Tavarêde, onde residia e tinha o seu solar, e D. João III que então reinava, e que no dizer do chronista muito prezava as virtudes do fundador Fr. Antonio de Buarcos, *tomando á sua conta a maior parte das despesas, concorreu com esmolas grandiosas, com as quaes brevemente se acabaram os edificios* (*Chronica* cit.).

Concluida a edificação da egreja e convento, e povoado este de frades, concederam elles a Antonio Fernandes de Quadros o padroado da capella mór, para si e seus successores, construindo-se n'aquelle local uma cripta subterranea, onde o bemfeitor foi sepultado em 1540, e depois d'elle alguns dos seus descendentes. Sobre esta cripta ou jazigo, existia uma lapide funeraria, com o epitaphio de Antonio Fernandes de Quadros, cujas lettras desappareceram com o volver dos seculos, lendo-se n'ella comtudo, ainda ha poucos annos, as palavras—*Cav. da Ordem de Christo.*— A Chronica Seraphica refere-se a este epitaphio, mas não o reproduz, nem d'elle ficou mais ampla noticia.

No capitel d'uma das columnas do arco cruzeiro, está a data *1536*—provavelmente a da conclusão da obra.—O templo e convento foram reedificados no seculo XVIII, lendo-se no arco abatido da grande porta de entrada a data—*1725*.

O convento foi ha annos demolido para a construcção do hospital, e a egreja soffreu novamente grandes reparações.

N'uma capella lateral d'esta egreja, onde ha annos foi collocada uma imagem chamada = *Do Senhor da Vida* = existe uma lapide sepulchral onde se lê o seguinte epitaphio:

AQI IAZ EMSEPVLTA
DOS IOANHO HOME
N FRADE SVA MOL
HER MARIA CARD
OZA DALBARGARI
A MANDARANFAZ
ER ESTA CAPELA PA
RA SVA SEPVLTVRA
E D SEVS DCENDE
NTES ELE FALESEO
EM <> 5 <> DAGOSTO D
613 ELA EN <> 14 D M
ARCO D 622

Se outras inscripções houve n'esta egreja, desappareceram, ou apagadas pelo tempo, ou destruidas por occasião das differentes reconstrucções que soffreu.

O edificio particular mais importante da cidade é o Paço que foi dos Condes da Figueira, actualmente em poder de outro possuidor que o adquiriu por compra.

Esta casa foi edificada pelo bispo de Coimbra, D. João de Mello, em fins do seculo XVII (1678-1684), que o vinculou em morgado e deixou a seu sobrinho D. Antonio José de Mello, cujos descentes foram feitos Condes da Figueira.

No terraço do torreão d'este palacete existe uma inscripção meio apagada pelo tempo, de que apenas são legiveis as seguintes palavras:

....EX VENIT IN PACE....
....MO FACTUS EST VERB....
....ET CHRISTUS DE VIRGINE I....
....DIUM ILLORUM IBAT IN PAC....
....TUS MORTUS EST CHRIST....
....ASCENDIT CHRISTUS IMPERA....

Na estrada que da cidade conduz á fonte da Varzea, e não longe da antiga cerca do convento de Santo Antonio, existe um cruzeiro de pedra com uma inscripção latina.

Este singelo monumento foi erigido em 1812 junto ao local onde se acham sepultadas perto de cinco mil pessoas, que tantas foram, ao que se conta, e a inscripção declara-as victimadas em 1810 por uma terrivel epidemia que se desenvolveu na Figueira.

Por occasião da ultima invasão franceza em 1810, pelo exercito commandado pelo Marechal Massena, muita gente das cercanias da Figueira aqui se refugiou, como já tinha succedido nas invasões anteriores. A excessiva agglomeração de fugitivos, que foi tam grande que não havia onde se recolherem, junto ás enormes privações de toda a especie que soffriam estes infelizes, cheios de fome e de miseria, produziu uma terrivel epidemia, que alastrando-se rapidamente fez um tam grande numero de victimas.

Para perpetuar a memoria de semelhante calamidade, mãos piedosas levantaram aquella memoria, onde foi gravada a inscripção que reproduzimos, e que é tradição ter sido composta por um dos frades que então habitava o convento:

ANNO MDCCCX
MAGNA PARTE LUSITANIAE
PRAEPOTENTI AC FORMIDANDO
GALLORUM EXERCITU
OCCUPATA
CUNCTISQUE GENTIBUS
NON MODO E VICINA, SED ETIAM
E LONGIQUO
AT MAXIMAS BELLI CALAMITATES
FUGIENDO VITARENT;
HOC IN OPPIDO TUMULTUOSE
FESTINANTIBUS
NULLUMQUE, AUT CERTE EXIGUUM VITAE SUBSIDIUM
SECUM AFFERENTIBUS
DIRA IN AVENAS DOMINATA EST FAMES,
INDE VERO EXORTA CONTAGIONE
SUPRA QUINQUE MILIA MENSIBUS JANUARIO
FEBRUARIO MARTIOQUE
ANNI INSEQUENTIS
EXTINCTA SUNT,
SUORUM PLERIQUE JUBENTI REGIO MAGISTRATU
QUE, ALIIS QUOQUE OPITULANTIBUS,
ALIMENTA, QUAMDIU POTUIT,
QUAM PLURIMIS PRAEBUIT,
HIC TANDEM, AUT NON LONGE
SUNT SEPULTI.
INCERTOS CASUS, ADVERSOS QUE TREME
QUI LEGES:
IMMO VERO DOMINI JUDICIA
SUPER FILIOS HOMINUM
RECTA ILLA QUIDEM;
SAEPE TERRIBILIA
MORTALIS NUNQUAM SCRUTANDO
REVERETOR

Na capella da fortaleza de Santa Catharina, junto á barra, mandada edificar pelo Conde de Lippe em fins do seculo passado, existe uma inscripção na verga da porta, já muito deteriorada, e podendo apenas lêr-se o seguinte:

ESTA CAPELA MANDOV . . . .
VSER . . . SA TA CRVZ

Buarcos. Apesar da sua grande antiguidade, pois que existem vestigios da sua existencia em seculos anteriores á monarchia, não são demasiado ricas em monumentos epigraphicos as duas villas de Buarcos e Redondos, hoje reunidas sob a unica denominação de *Buarcos*.

Certo que para esta pobresa influiram as mesmas rasões que se produziram em relação á Figueira, e que succintamente exposemos já.

As inscripções ainda hoje ali existentes são:

Na egreja da Misericordia, cuja fundação é coéva ao que parece da instituição d'aquellas benemeritas agremiações no reinado de D. Manoel, mas que successivas reedificações pouco teem deixado da primitiva traça, vê-se sobre uma porta lateral que fica por baixo da tribuna, o seguinte distico, tendo no meio um craneo e a data 1576.

TALE Vi Co Mo TI TAL SERAS Co Mo MI

(Tal vivi como ti, tal serás como mi)

Na egreja matriz de S. Pedro, e na porta travessa da casa da fabrica, lê-se o seguinte:

FVNDADA NO ANO 1766

Na capella da Senhora da Conceição, existe sobre o arco da capella mór a seguinte inscripção em azulejo:

ESTA OBRA MANDOV FA
ZER O DOVTOR DVARTE
DE BRITO ERA DE 1714

E na porta travessa do lado do Norte, está gravado em uma pedra o seguinte:

REPARADA EM 1893
POR INICIATIVA DE
JOÃO JORGE MIGUEIS

Na capella da Senhora da Encarnação, sobre a porta principal, pelo lado de fóra, estão gravadas as letras:

T. P. E. M.
(Tota Pulchra es Maria)

Na escadaria que do exterior dá accesso a esta capella, encontra-se uma pedra tendo gravada a seguinte inscripção:

Aº S DE Oº D GLZ
(Sepultura de Diogo Gonçalves)

Foi evidentemente transportada para ali de qualquer sitio aquella pedra, pois não é natural que n'aquelle local se abrisse uma sepultura.

Na antiga capella da Senhora do Rosario, demolida ha poucos annos, existiam algumas inscripções que foram solicitamente recolhidas pelo nosso intelligente e dedicado consocio sr. Goltz de Carvalho que d'ellas fez presente ao museu, onde se conservam.

Aqui vão fielmente reproduzidas:

1.ª O DE Γ N Q

2.ª) A V v ɹ E
; NO : TA M̂ :

Tavarêde. A egreja matriz d'esta antiga povoação indica, pelo estylo architectonico, ser do seculo XVIII, reconstrucção sem duvida de templo que ali existisse desde epocha mais remota, facto que as inscripções que n'elle se encontra parece demonstrarem claramente.

Na parte inferior do pulpito lê-se o seguinte distico, que provavelmente designa o nome do esculptor d'aquella obra:

CO MĪZ
V

que parece dever lêr-se—*Vasco Martins.*

N'uma pia de agoa benta, que está junto á porta lateral, existe a seguinte inscripção:

1600

Oº I F R I Z

Maiorca. Na egreja matriz d'esta antiga villa, e na capella do Sacramento, existe uma lapide collocada em frente do altar, e abaixo dos degraus do subpedaneo, com a seguinte inscripção:

AQUI IAS A BEMFEIT
ORA DESTA IGRJA D. IOSEP
HA MARIA FREIRE LEITAM
MEMORES ERUNT NOMINIS TUI IN OMNI GENERATIONE ET GERATIONEM
LIBER
PSALMORUM PSALMUS 18

Lavos. Na frontaria da egreja matriz da freguezia vê-se um nicho com uma pequena imagem da Virgem, e os seguintes disticos:

ANNO DE 1744
J. P. 1878

Paião. No arco da capella mór da antiga egreja, acha-se gravada esta inscripção:

MARIA DE FARIA PEREIRA
FALECEO A X DE MAIO DE 621
DEIXOV POR SVA ALMA 4 MISSAS
EM CADA ANO NESTA CAP.ª DE S
PEDRO DE SEOS AVOS HONDE IAS E P.ª
ELES DEIXOV AS SVAS TERAS DE BORR
ALHA E AS GVAFAS A SEO MARIDO JOAM
LVIS E HERDROS DELE

Na capella de S. Thiago da mesma freguezia, existe por cima da verga da porta principal a data — 1602.

N'uma capella em ruinas na Quinta do Canal existe tambem por cima da porta a data — 1713.

Seiça. O velho mosteiro de Monges Cistercienses, denominado de Seiça, na freguezia de Paião, era o monumento mais notavel que existia no concelho da Figueira.

Coévo da fundação da monarchia pois a sua primitiva fabrica se devia a D. Affonso Henriques, que o fundou em cumprimento de um voto, segundo affirma a tradição, a imaginação dos ingenuos chronistas cercou a sua origem de lendas piedosas, attribuindo a resolução do rei conquistador de mandar edificar em sitio tam aspero e solitario um mosteiro, a influencia divina, manifestada em um assignalado milagre na occasião em que percorria aquelles bosques no divertimento, tam seu favorito, da caça.

Fronteira e a pouca distancia do convento, fica uma capella á qual anda tambem ligada uma antiga lenda — a do *Abbade João de Montemór* — que n'ella está sepultado, segundo affirmam varios historiadores e chronistas.

Certo é que n'esta capella existem ainda uns quadros antigos, do seculo XVI talvez, em que é reproduzido na téla por ignorado artista o assombroso milagre que se diz succedera em Montemór, e ao qual se refere a inscripção latina que adeante transcrevemos.

Diz pois a lenda, que cercada a villa de Montemór ahi pelos annos de 850 da era de Christo por um poderoso exercito de mouros, o abbade D. João, irmão d'El-rei D. Ramiro, que de Lorvão, em cujo convento habitava, tinha vindo áquella villa, pondo-se á frente dos christãos, a defendera tenazmente; que sendo muitos os inimigos e durando por muitos mezes o cerco apertado, os sitiados faltos de viveres e a braços com os horrores da fome, tomaram, por conselho do abbade D. João, a desesperada resolução de degolarem as mulheres e as creanças, para não cahirem em poder dos mouros, e sahindo da villa accommettel-os pela ultima vez vendendo caro as vidas; que, contra o que esperavam os christãos, os inimigos tomados de subito e inexplicavel pavor debandaram, morrendo muitos ás mãos dos christãos e fugindo os outros; que estando o abbade D. João e os seus companheiros no local onde depois se edificou a capella, descançando da perseguição e matança dos inimigos, e lamentando-se arrependidos de terem degolado tam cruelmente as mulheres e as creanças, visto que o bom exito que tinham alcançado tornára inutil aquelle sacrificio, chegára correndo um emissario de Montemór, a noticiar que as victimas tinham milagrosamente resuscitado, o que elles não acreditaram, senão quando por seus olhos verificaram tam estupendo successo; que o abbade D. João em agradecimento a este tam assignalado milagre resolvera erigir no sitio em que d'elle recebera noticia, uma capella, e alli passar o resto dos seus dias em aspera penitencia, o que cumpriu, sendo sepultado debaixo do altar mór da capella.

Com o decorrer dos seculos arruinou-se completamente o pequeno templo, sendo substituido por uma elegante capella octogona, cercada em toda a volta por um alpendre, com columnas de pedra. Na porta principal lêem-se as letras

— E. R. A. D. 1602 —

George Cardoso no vol. II do seu *Agiologio Lusitano*, diz que a capella desabara em 1590, *por causa da sua muita antiguidade*. O mesmo auctor, transcreve na obra já citada o epitaphio do abbade D. João, que diz existir na capella na occasião em que escrevia (1652), mas de que hoje não resta vestigio algum, e que era concebido nos seguintes termos:

> *Joannes Monasterii Laurbanensis, quondam Abbas Ranmiri I. Legionem Regis patruus, qui anno Dni D.CCC.L. Montem maiorem tutsturus Abderramen II Cordubae Regem (trucidatis LXX Sarracenorū millibus) parua christianorū, manu, debellauerat, mulieresq acparuolos suo consilio, occisos huius sacrae Virginis interuentad vitam restitutos conspexerat, hic tumulatus jacet.*

O que lá existe ainda é a narração do assignalado milagre, gravado em uma pedra, embutido n'uma das paredes da capella, por baixo d'um dos quadros, e que resa assim:

EN LORVANENSIS TIROQUE ABBASQUE IOANNES.
MONTIS MAIORIS QUI FUIT ARCE POTENS.
IMBELLIS PIUS OCCIDIT NE PREDA FUISSENT.
MAURIS QUOS MIRE PERDIDIT ANTE FUGA.
SUBSTITIT HIC VICTOR, REDIVIVA QUE PIGNORA PALMAM.
CONCELEBRANT: COLO SIGNO DOLORIS ERANT.
GRATES ILLE DEO SOLVIT MARSAE QUE SACELLO.
CONSTRUCTO HIC OBIENS, NUNC SUPER ASTRA MICAT.

O convento, mandado construir por D. Affonso Henriques, achava-se completamente arruinado em fins do seculo XVI.

Foi reconstruido, e da fabrica grandiosa que devia ser, apenas resta hoje a magnifica frontaria da egreja, e algumas paredes arruinadas.

Quiaios. Uma das povoações mais antigas do concelho, que figura já em documentos do seculo X.

Tinha uma egreja antiquissima, mas que está por tal forma arruinada que nada se pode alli verificar.

Na egreja matriz, construcção do seculo XVII, mas que tem soffrido differentes reparações, existe por cima do arco cruseiro a seguinte inscripção:

—ANO 1689—

N'uma capella de S. Sebastião, na mesma localidade, lê-se no pulpito de pedra, na parte inferior:

S.AR GLZ O FES 1636

No tecto da mesma capella existe a seguinte inscripção:

ESTA PINTURA MANDOV FAZR A
COMPANHA DOS FUNGOES A SVA
CVSTA
EM 1799 ANOS

Villa Verde. Existe n'esta povoação uma casa chamada *Casa Grande* onde se lê a seguinte inscripção gravada na archivolta d'uma porta:

1818
EPISCOPAL
RECOLHIMEN-
TO DO PASSO
DO CONDE

Sobre a porta da capella do *Senhor da Columna* da mesma povoação, existe a seguinte inscripção:

1851
FOI MANDADA REEDIFICAR ESTA CAPELLA POR JOAQUIM
PEREIRA PESTANA PARA JAZIGO DE SUA MÃI

Notas ethnographicas sobre os povos de Timor

Communicação do socio correspondente João dos Santos Pereira Jardim e apresentação de A. Santos Rocha

Tendo lido um extenso manuscripto do nosso consocio sr. João dos Santos Pereira Jardim ácerca da administração do territorio portuguez em Timor, onde o illustre official estacionara por algum tempo, e para onde voltou ha poucos mezes, obtive d'elle auctorisação para extrahir d'essa obra todas as passagens interessantes ao estudo ethnographico dos indigenas d'aquella ilha, reunindo-as sob a fórma d'uma communicação, feita em seu nome, a esta Sociedade.

Tal é o trabalho que tenho a honra de apresentar-vos.

O motivo d'esta communicação é obvio. O estudo do selvagem da actualidade é uma das mais poderosas alavancas da archeologia prehistorica. Esta sciencia, para restaurar as civilisações primitivas, encontra excellentes materiaes nas civilisações dos povos que nos tempos modernos teem vivido ou vivem ainda em circumstancias analogas ás do homem da idade da pedra na Europa. É por isso que os livros de palethnologia estão cheios de factos observados pelos viajantes entre os selvagens de todas as partes do mundo, para servirem á interpretação dos vestigios que nos restam d'essa remotissima idade onde não penetra a luz da historia nem a tradição.

Tão importante é este estudo que na Universidade de Roma, por exemplo, o programma do curso da palethnologia, seguido pelo illustre professor sr. Luigi Pigorini, contem já a explanação, a proposito de cada epocha da idade da pedra, dos usos e costumes de certos selvagens modernos.

Eu devo ao sabio italiano, entre outros escriptos seus, um que se intitula *Primo anno del corso di paletnologia nell'Universitá di Roma*, onde esse programma se acha exposto com lucidez. Alli o estudo do homem quaternario é precedido do conhecimento dos usos, costumes e artes dos indigenas da Australia Occidental. O da epocha de transição do periodo paleolithico ao neolithico é precedido do conhecimento das populações polares da actualidade, precedendo o do homem neolithico das cavernas e dos *fundos de cabanas* o conhecimento da civilisação dos indigenas de Taïti e dos ritos funebres e praticas religiosas d'outros selvagens ou barbaros modernos.

Isto justifica, a meu vêr, plenamente a existencia d'uma *Sala de comparação* que no Museu da Figueira se acha em seguida á secção da prehistoria e da protohistoria. Alli se vão colligindo elementos para o estudo ethnographico dos selvagens da actualidade, a fim de esclarecerem os objectos recolhidos n'esta ultima secção.

Um facto interessante, occorrido ha pouco tempo na minha presença, bastará para dar ideia do alto valor que tem o criterio archeologico baseado n'este estudo comparativo. Quando eu explorava uma estação lusitana em que abundavam os restos de ceramica com feição primitiva, um pobre homem de Brenha, recentemente chegado do Brazil, e que estivera em contacto com certas tribus de indios da região do Amazonas, tomando na mão alguns cacos e partindo-os exclamou: —«Senhor! isto é louça dos indios!» Em seguida perguntou: —«Elles tambem estiveram aqui?!»

Sem duvida o indigena de Timor não é hoje, sob muitos pontos de vista, um selvagem como os dos tempos neolithicos na Europa. Elle usa dos metaes e até de armas de fogo; está sujeito ás leis portuguezas, e recebe o ensino das missões e os artefactos europeus.

Mas as indicações dadas pelo sr. Jardim provam que elle conserva no seu modo de pensar e nos seus usos e costumes muito da sua simplicidade primitiva: é ainda um selvagem, embora adornado com certos atavios da nossa civilisação.

Esta verdade sobresahirá ainda mais quando, o distincto official de marinha, estudando especialmente a ethnographia dos indigenas de Timor, que no seu referido manuscripto só tratou sob um ponto de vista generico, vier descrever-nos circumstanciadamente os processos de trabalho, o que são a habitação e os usos e costumes— quanto aos trajos, adornos, utensilios, armas, alimentos e modo de os preparar, etc., d'esses insulares.

Elle prometteu-me que ia emprehender este estudo; e eu espero que no seu regresso o meu saudoso amigo virá honrar os nossos humildes trabalhos com uma copia de esclarecimentos que completem a noticia agora apresentada.

Segue a communicação do sr. Jardim.

Toda a area da parte portugueza da ilha de Timor está dividida em pequenas aggremiações de aldeias, obedecendo cada aggremiação a um chefe unico, que é o responsavel pela ordem e pela obediencia do seu *reino* perante o governo portuguez.

Esse chefe, a que se dá o nome de regulo, transmitte, por hereditariedade, o seu cargo aos seus descendentes directos—masculinos ou femininos—sendo preferidos os varões, embora não primogenitos. Prevendo o caso de não haver descendencia e para evitar a desordem, a intriga e a guerra que fatalmente adviriam da ambição das familias principaes na falta de herdeiro directo—tem sempre o regulo, com assentimento do povo, o cuidado de travar allianças com outros *reinos*, alliança a que se dá o nome de *vassal-manu*, para que dos membros da familia reinante d'eses *reinos* lhe seja nomeado um herdeiro.

Os regulos ao tomarem conta do seu cargo, recebem do governo a patente de coroneis de segunda linha, conservando-se no emtanto, n'algumas familias, o posto de *brigadeiro*, tradicionalmente inherente ao logar. Coroneis são, pois, os regulos, qualquer que seja o seu sexo; de modo que actualmente existe uma ou um coronel-rainha de Maubara, e um ou uma coronel-rainha de Laculá.

Simplesmente os indigenas, desconfiando, com razão, das qualidades guerreiras e administrativas d'estas coroneis elegem d'entre os *principaes* uma especie de ajudante de ordens da rainha, que é afinal de contas o verdadeiro regulo, e que recebe do governo, tambem por tradição, a patente de tenente-coronel.

Cada aggremiação d'aldeias ou reino subdivide-se em aggremiações mais pequenas ou *sucos*, que obedecem a um chefe—chefe de *suco*,—que é responsavel para com o regulo pelo socego e ordem dos seus administrados.

Além d'estes postos principaes ha ainda uns sujeitos denominados *majores do reino*, commandantes das guardas do regulo, dando-se alguns reinos o luxo de um *major de infanteria*, que não corresponde a cousa alguma.

De resto ha uma infinidade de capitães, tenentes e alferes, sem se saber porque, que todos teem o privilegio de transmittir taes postos aos seus herdeiros.

Esta infinidade de *officiaes* são os principaes do reino, e formam como que o conselho governativo, sem a approvação do qual o regulo não tem direito de legislar. E se, por acaso, algum se sente com veleidades de resistencia, não ha ceremonias em o demittir. No emtanto a demissão não é valida sem a approvação do governo districtal. De modo que, como nas monarchias constitucionaes, o regulo reina, mas não governa.

E isto é tanto mais approximado da verdade, quanto um conselho de principaes se identifica, na vivacidade do gesto e na fluencia dos tropos e figuras, com uma sessão parlamentar. Assim o regulo mau é como o coração do porco montez, como o milhafre ladrão e covarde, como uma espingarda falsa, que rebenta nas mãos do que a tomou por defeza; o regulo bom é como a seara do arroz madura, como a arvore de *goudão*, que dá sombra e frescura, como a *canipa* doce, [1] que faz dançar os guerreiros e cantar as mulheres.

A não ser o regulo e alguns dos principaes, o indigena não possue propriedade, afóra a cubata em que habita. A terra é do reino, e lávra-se em commum, cabendo ao chefe do *suco* e aos seus delegados em cada uma das aldeias—cabos de *suco*—a distribuição do producto da cultura, segundo as necessidades das familias ou a percentagem de trabalho com que cada uma cooperou.

Mesmo o regulo não é, em regra, senão usofructuario da terra que o conselho dos principaes lhe assignou, e para o arroteamento da qual o reino é obrigado a destacar uns tantos homens todos os annos.

Afóra isto ainda a maior parte dos regulos recebe dos administrados um certo vencimento diario, ordinariamente em generos, e que constitue como que a *lista civil*. Assim o regulo de Ma-

---

[1] Mistura de alcool e melasso

natuto vence pela manhã uma gallinha ou seis ovos, e de tarde duas gallinhas ou o seu equivalente em ovos, arroz ou milho.

O Timor é, como todo o selvagem, imprevidente e preguiçoso. Incapaz de qualquer energia cerebral ou muscular, sobrio em extremo, intensamente voluptuoso, e desconhecendo o bem estar e o conforto da habitação, que o clima quasi torna inutil, despresa o trabalho, que lhe não augmenta os gosos, e dormita lazzaronicamente ao sol, mascando a areca e o betel, ou sorvendo, a pequenos goles, o bambú de *tuaca* (suco da palmeira) vivificante.

Ao pôr do sol, quando o terral refresca a atmosphera, estira os membros, lassos de repouso, e sente necessidade de jantar. Qualquer coisa lhe basta: uma colher de arroz cosido, um punhado de milho torrado ou meia duzia de goiabas furtadas n'um cercado.

Depois começa a vida de noctambulo: horas e horas de batuque, com brutalidades de copulas ao relento, cantigas de *bataúda*, dôces, monotonas e cortadas de soluços, e notas *rimanzadas* longamente... Pouco a pouco a embriaguez assoberba-o... Libações de *canipa* ou bambús de *tuaca* fermentada fazem-n'o vêr vermelho, ou despertando-lhe a ambição de possuir mulher ou dinheiro, de matar a sêde ou o cio... É a hora das violações, dos assassinatos e dos roubos.

O Deus dos christãos, não o comprehende, embora tentem explicar-lh'o. Será christão, se quizerem; chamar-se-ha José ou Antonio no baptismo; usará rosarios, medalhas, bentinhos; irá mesmo confessar-se, se o obrigarem a isto: mas á sua alma primitiva o fetichismo aflora irresistivelmente, e verá em cada pedra signaes de divindade, e no *posual* [1] a arca santa. [2]

Convertido ou não, fará sempre da mulher a mesma ideia — um animal de trabalho, da igualha do bufalo ou do cavallo, igualmente bôa para o pontapé e para a luxuria. E d'estes animaes terá sempre os que as suas posses lhe permittirem. Se fôr christão, casa-se com uma e *barlaqueia-se* com quatro; se o não fôr barlaqueia-se com cinco, e ahi está a differença.

O *barlaque* é a compra da mulher, que vale tanto mais quanto maior fôr a gerarchia a que pertence. Uma mulher do povo vale, em geral, uma espada, uma espingarda e uma lua d'ouro [3] — total 70 rupias; uma *principal* dez ou doze bufalos, duas espingardas, duas espadas e tres luas.

O *barlaque* é, consumado, um acto de posse absoluta. Varar uma mulher a zagaiadas, ou rebental-a sob a pata, é coisa em que ninguem se intromette desde que quem a rebenta a pagou. Paes e irmãos calam-se, sobretudo se o homem nada ficou a dever do estipulado, e se o negocio se concluiu com os estylos da praxe.

Os estylos são sempre a mesma coisa; e servem para todos os actos solemnes, casamentos, *barlaques*, baptisados ou mortes. É uma folia desencadeada com *canipa* a rôdo, comesaina á farta — carneiro ou bufalo assado em tassalhos — e *bataúda* e batuque por uma pá velha.

Sómente na guerra é que o estylo varia um pouco, se ha morte de homem d'um partido e o partido contrario lhe levou a cabeça. Então ha treguas; e emquanto os vencedores tripudiam n'uma algazarra infernal, os vencidos descem em silencio a um ribeiro proximo e lavam a bandeira. Pigarreia n'esta occasião o *pomaleiro* (feiticeiro) certas coisas, tendentes a afastarem maldições e pragas, emquanto de volta do corpo decepado indigenas passeiam gravemente, formando roda.

No emtanto nos arraiaes contrarios vae uma alegria intensa. É que o Timor tem a crença que o guerreiro de que possue a cabeça esparge o seu espirito pela tribu que o matou, ou vae encetar nova vida de façanhas no corpo do recemnascido que soltou os primeiros vagidos, quando o olhar se lhe vitrificou na agonia.

---

[1] Logar onde se guardam as coisas sagradas, louças, pedras, zagaias, amuletos, etc.

[2] O regulo de Matael, Lucas Martins, um dos discipulos queridos dos missionarios, medianamente illustrado, consultava ha dois annos os figados d'um porco, para saber a que deveria attribuir a loucura d'um seu filho.

[3] Disco de prata com algum ouro batido a martelo sobre a superficie. O diametro é de 0^{m},1 pouco mais ou menos. Faz-se com 40 rupias e uma libra.

Por aqui se infere a importancia que se dá ao corte de cabeças durante o combate. É esta operação que decide da victoria, e tanto assim, que aquelle que possue a cabeça d'um inimigo, embora não tenha causado outro damno aos contrarios, é o victorioso do dia, mesmo que conte por centenas o numero dos seus mortos e... intactos. D'aqui a originalidade das operações de guerra. Não se combate de noite, porque o inimigo abatido não se veria cahir, nem se poderia decapitar. Não se combate a peito descoberto, para que o adversario não atine com o logar dos que morreram. É d'entre as hervas altas ou detraz dos muros de pedra solta, levantados á pressa, do cimo das arvores ou dos troncos das palmeiras que o tiroteio parte, por surpresa. E como o Timor é cobarde, e não se decide á lucta corpo a corpo senão quando tem de escudar com o peito a cabeça d'um dos seus, as luctas duram muitos dias, infructiferas e inuteis, até que algum mais aventuroso ou mais audaz caia a descoberto varado por uma bala ou por uma zagaia.

Então d'entre o matto irrompem, em carreira desordenada, as duas hordas em peleja. Vencer em celeridade os contrarios, chegar primeiro ao logar em que baqueou o guerreiro, é o fito de todos, amigos e inimigos, uns para lhe defenderem a cabeça, outros para a deceparem e alcançarem o triumpho. N'essa occasião ninguem trepida, ninguem deixa de affrontar resolutamente a morte. Descargas á queima roupa varrem massas compactas; as lanças embebem-se fundo nas costas palpitantes; e nenhuma zagaia, por pouco destro que seja o atirador, erra o alvo. A victoria é de quem leva a cabeça cubiçada, e poude arrastar a salvo os seus mortos para dentro dos arraiaes.

Por isso as guerras entre reinos se alastram, annos e annos, interminaveis, sem que o fim ultimo da peleja—escalar e incendiar a povoação inimiga—se realise. Ordinariamente só por um assédio estreito se remata a lucta, quando a fome ou a sêde entrega a população em massa.

O indigena não possue leis escriptas. Cidadão portuguez, perante a carta, as leis que lhe são applicaveis, quando recorre ao poder judicial, são as codificadas na legislação geral do paiz.

No emtanto todas as vezes que o póde fazer (e é quasi sempre) declina a honra de cidadão que lhe querem impor, e recorre á justiça tradicional do seu paiz—o seu braço, ou, quando o braço não alcança, o seu regulo. Quando é o braço o juiz, uma zagaiada, no escuro da noite, ao dobrar d'uma vereda, entre o bambual cerrado, põe ponto á questão. Agora quando é o regulo, ha mais formulas. A primeira das quaes, a principal e a imprescindivel, é esportular-se cada parte com um tanto. O regulo recolhe os presentes, e passa a ponderar o caso. Ordinariamente quem mais dá é que tem razão.

A penalidade varia pouco: ou multa ou morte. Se o condemnado tem por onde pagar, está muito bem: pague, e vá em paz. Mas, se não tem, ou não quer, a coisa muda de figura: —«vá o amigo até ali abaixo áquella encruzilhada, que o capitão das guardas quer dizer-lhe uma coisa.» O homem vae, de rastos ordinariamente, e o capitão das guardas, muito limpamente, porque tem muita pratica, decepa-lhe a cabeça d'um só golpe. Agora os parentes que o enterrem, se quizerem: não teem mais do que recolhel-o n'uma valla feita ali ao pé.

Quando se trata, porém, de ladroeira—roubo de bufalo, de carneiro ou de cavallo—os parentes não teem direito á cabeça do delinquente, a qual, posta a uma banda do caminho na ponta d'uma vara, olha fito a cabeça do animal roubado, dependurada d'um tronco de espinheiro. Quem passar que tire a moralidade do caso, como nós a tiramos. Ou os caminhos não fossem tão poucos e as cabeças tantas!

Afóra estes casos de roubo, em que o Timor é severo, porque precisa de defender-se, quasi todos os outros delictos são expiados á ingleza, a contento de ambas as partes. Violou a mulher do proximo? São tantas luas d'oiro, tantas espingardas, tantas rupias; e acabou-se. Desde que *tapou a vergonha* ao marido (como lá se diz) está muito bem, e póde recomeçar quando quizer. O sujeito, em geral, ou faz melhor as coisas, ou não recomeça, porque, afinal de contas, por aquelle preço é caro.

Ha tambem uns criminosos por feiticeria—*suang* (como quem diz—pessoa de mau-olhado); e esses, coitados, absolutamente innocentes, pagam fatalmente com a vida o crime de possuirem alguns haveres. Victimas da ambição perfida dos visinhos ou da cobiça dos principaes, ninguem os defende, nem tribunal algum os julga... Uma noite, depois da canipa e da bataúda,

meia duzia de malandros reunem, sob um *goudão,* em conciliabulo suspeito. E como o alcool não deixa esfriar a coragem, a decisão é rapida... *Suang! Suang!* Um encontrão brusco deita abaixo a porta da cubata, e seis zagaias ferem vertiginosamente na sombra, multiplicando inutilmente os golpes, porque os primeiros foram fataes. Homens, mulheres, crianças não encontram piedade: foram d'antemão condemnados. *Suang! Suang!*

Depois segue-se a pilhagem, a busca febril, a terra revolvida a ponta de lança em cata de thesouros... E ahi pela volta da madrugada a labareda crepitante consome a cabana, arredando para a penumbra dos palmares os assassinos retardatarios, que ainda, no hiato de luz que estoira das paredes esventradas, julgam vêr luzir manilhas e luas de bom preço.

Fiat justitia! Ninguem, nem amigos, nem parentes ousam protestar contra tal acto, porque defender um *suang* é tornar-se *suang* tambem.

E não se pense que só nos reinos do interior, afastados do convivio europeu, se dão estes casos. Ha dois annos, a 13 kilometros a leste de Dilly, uma familia inteira foi assassinada a golpes de machado pelo crime de *suang.* E apesar de o regulo vir frequentemente á praça e de a permuta de generos commerciaes trazer diariamente a Dilly dezenas de pessoas, só quatro mezes depois é que a justiça poude tomar conta do caso, sob uma fortuita denuncia d'um africano embriagado. É que é tal o terror que a suspeita de *suang* acarreta sobre o indigena que todos guardam a mais restricta reserva sobre taes casos. E ainda depois de encarcerados os criminosos a custo se alcançam das testemunhas depoimentos razoaveis, pois que, dominadas pelo temor das consequencias, effabulam versões estupidas para justificarem os auctores dos assassinatos.

EXCAVAÇÕES NAS RUINAS DE CONIMBRIGA

(Condeixa-a-Velha)

A quantidade e diversidade dos objectos encontrados—architectura, olaria, utensilios e pedaços corroidos de instrumentos de ferro, dará um relatorio extenso que, para ser util, exige meditação e estudo. Por agora, porém, só pretendo destacar dois grandes mosaicos, cuidadosamente transferidos e assentes no museu de antiguidades do Instituto.

Verificou-se que o terreno não estava infelizmente virgem da faina de alviões barbaros, de moderna data.

Em 1873 o acaso poz a descoberto a cantaria do envasamento d'um templo. Vendida a um proprietario de Condeixa, a quantia auferida foi um estimulo á exploração da pedra. E, quasi ao mesmo tempo, todos os agricultores se deitavam a revolver o solo, ás cegas e com furia; e, visto que só a pedra tinha estimação, fôram triturados, ao embate das enxadas, todos esses mil objectos miudos de ferro e barro, de que restam os infinitos fragmentos recolhidos. Todavia investigações praticadas em mais larga escala poderám sem duvida offerecer mais vasta colheita.

O projecto da excavação suscitou as sympathias da Rainha, a Sr.ª D. Amelia, que o impulsionou com recursos monetarios importantes. Sem esse auxilio seria mais difficil de conduzir a bom exito um emprehendimento que exige tam dispendiosos preparativos.

A primeira parte da tarefa está pois terminada; agora é mister proseguir. E a secção de archeologia do Instituto, animada pelo valor das premissas, não deixará de dedicar á continuação da empresa, que honrosamente iniciou, todos os esforços da sua solicitude e da sua provada e corajosa perseverança.

O passeio de quinze kilometros a Condeixa-a-Velha despertaria uma tentadora e constante curiosidade, se os arredores de Coimbra não fossem tam abundantes de formosos attractivos e paisagens incomparaveis. Assim, só os raros contemplativos de evocações archeologicas de longe em longe visitam esse melancholico cemiterio d'uma civilisação passada, theatro onde tantas vezes se desenrolaram os episodios barbaros de luctas sangrentas e as allucinações pavorosas da ferocidade humana.

O circuito de muralhas, marcando em toda a extensão o perimetro da cidade extincta, as-

senta sobre um promontorio, que se estende de leste a oeste, e domina a paisagem circumjacente escalvada e, por assim dizer, informe.

A configuração abrupta e quebrada das rochas, destacando sobre as massas arredondadas dos montes que limitam o apertado horisonte, tem uma impressão commovente de desolação e de destroços.

Sem côr, sem animação e sem alegria, o aspecto de todo esse quadro é taciturno e estranho e tanto mais impressivo, que pouco antes se encontram, em contraste incisivo, os campos verdejantes e matisados de Condeixa-a-Nova, tam ferteis de seiva e de frescura. Parece que a propria vegetação se recusa a brotar, como se por ali tivesse passado a maldição biblica, que arrasava cidades e feria de esterilidade a terra!

Depois de tantos seculos de abandono, só agora despertam aqui e acolá algumas pequenas tentativas para o aproveitamento d'essa dilatada região pedragosa e arida.

Nos arredores do antigo e florescente povoado romano isto não poderia ter sido sempre assim. E quem sabe se a maior parte das extensões, actualmente em penedias núas, foi em outros tempos coberta de searas ferazes e arvoredos frondosos.

Não se evidenceia aos olhos de hoje quaes preferencias commerciaes ou estrategicas aconselhassem a escolha d'este logar escondido entre montes, sem que a sua principal funcção de atalaia vigilante podesse exercer-se n'uma vasta area de paiz.

Pelo lado sul a posição é quasi inexpugnavel. A rocha escarpada a prumo tornava em tempo de guerra o assalto temerario pela facilidade natural da defesa.

A montanha é fendida quasi perpendicularmente; e no leito d'este corte profundo corre um pequeno riacho de duração intermitente, só alimentado pelas aguas pluviaes.

Dos flancos da estreita garganta despedaçados blocos se têm destacado, e, rolando pesadamente, acham-se sustidos em equilibrios inverosimeis; e ameaçam a cada momento precipitar-se de novo. [1]

Pelo occidente, a muralha avançando em angulo ergue-se sobranceira a um valle extenso.

Pelo nascente, o terreno é em declive suave; apenas uma leve depressão existe junto aos muros, especie de fosso viavel, que cada vez mais se profunda e alarga tornejando para o norte.

E pelo lado oriental, menos defensavel, é que corria a distancia um segundo parapeito de solidas muralhas, de que restam vestigios evidentes.

Voltado ao rio ainda se vê um panno de fortificação reforçado de gigantes pouco distanciados uns dos outros e tam bem conservados, que se notam as manilhas de barro para dar escoante ás aguas infiltradas na massa das terras que supportam.

No dorso das rochas d'uma e outra margem encontram-se numerosas grutas naturaes, mais ou menos desmoronadas e obstruidas, mais ou menos vastas e pittorescas.

E além d'isso, ha que ver os restos do aqueducto que abastecia a população com as aguas de Alcabideque; restos de estrada militar; viaductos construidos de tijolo, d'uma assombrosa segurança, um dos quaes mede de espessura quatorze metros! E esse respeitavel cinto de muralhas calcinadas, mordidas pela acção corrosiva dos seculos e pela mão destruidora do homem, é o que resta e se vê d'essa velha Conimbriga, tam discutida e mysteriosa.

Desconhece-se o grau de importancia civil, commercial ou militar que a cidade luso-romana attingiu; como se ignora quaes circumstancias e catastrophes lhe determinaram a decadencia e o abandono. É n'estes casos que hypotheses mais ou menos phantasistas, em affirmações de boa apparencia, sôem de salvar a situação precaria. É por isso que n'esta conjunctura, só pretendo alcançar a especie mais comesinha d'uma noticia ligeira.

Não é facil, pela angulação caprichosa e accidentes da peripheria da cêrca, de conjecturar com clareza quantas e quaes as entradas da cidade. Todavia, n'uma simples inspecção, parece se inculcam indicios de duas unicas portas: uma pelo oriente, proximo do aqueducto, de que ainda

---

[1] É conhecida a configuração caprichosa d'um d'esses penedos, que desabou já, e parecia um frade collossal em pé e coberto com o capuz. Foi photographado por Carlos Relvas.

restam porções notaveis; a outra pelo norte, onde teve logar um desabamento de epocha bem recente.

Facto deploravel; mas para admirar é que estes estragos se não tenham reproduzido em muito maior escala. A estructura dos muros formados de massame de alvenaria *(opus incertum)* é revestida nas superficies interior e externa de silharia regularmente affeiçoada, em parallelipipedos de rijo calcareo, a despertar a cubiça para construcções modernas.

De fórma que, em grandes extensões, á altura do arranque facil, tem sido roubado,—sem se saber a quem!—o revestimento da cantaria, deixando sem o apoio indispensavel as fiadas e lanços superiores, que só pela homogeneidade e dureza da argamassa se mantem. Resta saber no estado actual das cousas como impedir a continuação do damno.

Cliché de J. Henriques

Mosaico romano. *Opus vermiculatum*. Das ruinas de Conimbriga

Por muitos seculos o vasto campo limitado pela cêrca,—a Almedina, como por lá se diz,—permaneceu maninho e despresado, raso de destroços provenientes de antigas construcções desfeitas, pedras d'alvenarias e quantidade infinita de fragmentos miudos de olaria vermelha, telhas, tijolos e vasilhame.

Até que, em tempos modernos, dizem, alguns ousados agricultores, cingindo o alvião, lá se foram de arrancada á conquista do *oppidum* outr'ora bellicoso, cravando na terra subjugada, não o imprescindivel *pendão da cruz*, o das conquistas, mas as esgarçadas oliveiras, symbolicas das delicias da paz, em que ficavam gosando a posse futura dos despojos e fructos da façanha!

Com o tempo, novas partilhas, divisão em multiplas courellas, e afinal todo o *castrum* [1] aproveitado á cultura de milho, centeio e tremoços.

---

[1] *Castrum* ou *oppidum*, ou uma e outra cousa. Porque não? Que os archeologos decidam. Entre elles já foi ferida a nota de polemica sobre este comesinho thema.

É na verdade, perante estas ironias do destino, que, bem se pode dizer: — *«encontra ensejo «o homem pensador para mui graves reflexões sobre a caducidade e inconstancia das cousas huma- «nas.»* [1]

Em duas palavras se gizam as vicissitudes historicas por que, dizem, passou a velha *civitas.*

As narrativas sam cheias de incertesas e a exposição erudita dos successos tem por base um pequeno numero de elementos, mais ou menos fecundados pela imaginativa e engenho litterario dos doutos.

Quando a invasão dos vandalos, alanos e suevos incitados pela felonia d'um general rebelde, se precipitou sobre a Iberia as populações soffreram atrocidades e ignominias nunca experimentadas. Os horrores praticados pelas hordas aggressoras descreve-as Idacio: os inimigos em furia, os massacres, os incendios, a peste, a fome e as feras, um cortejo de execraveis crimes, reduzindo os habitantes a uma espantosa miseria. [2]

Mais tarde, em 468, irrompe na peninsula a invasão de Eurico, que começa por accometter a Lusitania, assenhoreando-se de Merida, Lisboa e Conimbriga ainda sujeita á dominação dos suevos. Ora por este tempo parece averiguado que duas cidades luso-romanas Conimbriga e Aeminium se assentavam quasi fronteiras, a duas leguas de distancia, sendo de presumir que ambas soffressem os mesmos damnos e assolações.

Por mais extranha que pareça a coexistencia das duas povoações, tam proximas e collocadas em tam differentes condições de vida e vantagens topographicas, o facto é demonstrado e incontestavel, tanto quanto o póde ser na confusão d'esses tempos obscuros e tumultuosos. [3]

Depois segue-se, nos principios do seculo VIII, a batalha do Guadelete que abriu as portas da Hespanha á torrente arabe, que se alastra impetuosa e em tres annos domina toda a peninsula, á excepção dos Pyreneus asturianos, onde Pelayo, o heroe da Hespanha goda, lançou os germens d'um poder destinado mais tarde aos mil combates da reconquista.

Ainda Conimbriga, mais uma vez devastada e gotejando sangue das largas feridas, se refez dos estragos e recuperou a sua importancia «com a vitalidade das cidades populosas, fortes e opulentas.» [4]

Ha noticia de que em 772 a cidade tinha por governador Ali-Boacem. Mas, cem annos volvidos, novo vendaval lhe abala os muros e tem de render-se sob a espada vencedora do conde Hermenegildo, em nome de Affonso III de Leão. Será talvez n'essa investida devastadora, que deva suppôr-se que Conimbriga cahiu tragicamente, para nunca mais se erguer?

As assolações d'essas pelejas podiam têl-a reduzido a um tal estado de destruição, que a decrepita cidade,—não obstante tentativas de repovoação,—tenha succumbido de vez. Porque parece que com este acontecimento coincide a troca do nome Aeminium em Conimbriga ou Colimbria, ficando no esquecimento, decahida e despresada, a cidade originariamente romana.

D'ahi por diante é Colimbria, a cidade do Mondego, que fica exposta aos revezes da invasão de Al-Mansor, nos fins do seculo X, e geme sob o jugo mahometano pelo espaço de 70 annos, até ser reivindicada por Fernando-o-Magno.

A estas affirmações, muito pelo alto e um pouco incertas e vagas, se reduzem, *mutatis mutandis,* o que a memoria dos homens tem registrado sobre os estupendos successos.

Pouco mais do que isto se sabe, ou julga saber, da historia e razão de existencia d'essas duradouras muralhas, testemunhas silenciosas durante longos seculos de luctas diuturnas e inexoraveis e da inconstancia ingrata e temerosa da sorte das armas.

---

[1] SIMÕES DE CASTRO, *Guia do Viajante,* pag. 263.

[2] *«Et ita quatuor plagis, ferri, famis, pestilentiae, bestiarum, ubique in toto orbe saevientibus, praedictae a Domino per Prophetas suos adnuntiantes implentur.»*

[3] FILIPPE SIMÕES, *Alguns passos n'um labyrintho.* — BORGES DE FIGUEIREDO, *Boletim da Soc. de Geogr.,* 5.ª serie, 1885. — DR. A. DE VASCONCELLOS, *Instituto,* 1896.

[4] FILIPPE SIMÕES, *Ibid.*

Os dois mosaicos encontrados em Conimbriga, aqui reproduzidos, são no genero dos chamados *vermiculata pavimenta*.

Eu dispenso-me de n'este momento rapsodiar tiradas emphaticas doutas, que invariavelmente, sempre que se falla de mosaicos, se cevam em restrictos textos de technica e de historia,—desde o livro de Esther e os mosaicos de Assuéro, até ás magnificencias de Byzancio, etc.! Basta sómente recordar que o mosaico estava de tal forma radicado nos costumes sumptuarios dos romanos, que até usavam mosaicos portateis para adornar as tendas de campanha dos grandes capitães, nas longiquas expedições militares que emprehendiam.

Como se vê pelas gravuras juntas, o caracter da composição é bem romano; a execução perfeita. O segundo principalmente é pelo desenho e pela polychromia, um exemplar a todos os respeitos caracteristico e apreciavel.

De tassellos regularmente cubicos, sete são as côres das pedras empregadas: o branco, cinzento claro e escuro, negro, amarello e vermelho. [1]

Cliché de J. Henriques

Mosaico romano. *Opus vermiculatum*. Das ruinas de Conimbriga

No primeiro todo o padrão é branco e negro; sómente no ornato medio das rosaceas e no quadro central, a contar da orla que lhe pertence, entra a mais o amarello e vermelho.

As porções aproveitadas são apenas quartas partes de grandes pavimentos. A superficie do primeiro, no maior comprimento e largura mede $4^{m},57 \times 3^{m},79$, a do segundo $4^{m},40 \times 2^{m},56$.

A profundidade a que foram encontrados não seria superior a $1^{m},40$.

E a terriça e pedras que sobre elles pesava percebia-se serem provenientes de alvenarias decompostas e paredes ruidas. [2]

Em tempos mais ou menos proximos a extensão restante, que falta para o integral comple-

---

[1] Em ambos, os artifices pretenderam dar a representação perspectiva de modilhões, ao inverso. Nada mais falso e irracional que simular n'um pavimento relêvos que embaracem a marcha; e no emtanto esta extravagancia é de todos os tempos. Como os tapetes de hoje com paisagens, tigres e leões em sanha!

[2] Parece serem innumeraveis os indicios de devastações e incendio. Além de massas confusas e consideraveis de substancias carbonisadas, ha quem tenha descoberto e conserve porções de trigo queimado.

mento d'esses pavimentos, foi destruida. Encontraram-se vestigios d'essa destruição de proposito ou casualmente perpetrada.

A extracção d'estes objectos é uma operação difficil, que demanda precauções e recursos especiaes. E viu-se que essa tentativa inhabil,—se assim foi,—só serviu para prejudicar o ulterior aproveitamento d'esses interessantes especimens.

Aviso aos imprudentes que, como tantas vezes acontece, aos impulsos bem intencionados do seu zelo desalumiado, praticam sevicias e vandalismos irreparaveis. [1]

Sabe-se quanto o poder militar romano teve de luctar para conter na obediencia os lusitanos conquistados mas não submettidos, bem como se sabe que o meio mais seguro de que se serviu Roma, desde que teve exercitos permanentes, isto é, desde os primeiros tempos do imperio, para manter na obediencia os povos vencidos, foi a fixação de corpos de legionarios nos pontos mais importantes dos territorios subjugados.

E porque as circumstancias, como no tempo da republica, já não exigiam dos exercitos a agitação constante de guerras interminaveis, para evitar a desmoralisação das tropas na ociosidade, eram os soldados occupados, durante a paz, em obras de fortificação e defeza, estradas e construcção de edificios religiosos e civis, etc.

A sua actividade constructora foi enorme. A elles se attribue não só as grandes fabricas de pontes, diques, canaes e vias militares, que atravessavam todas as regiões; mas ainda palacios, templos, e os trabalhos de arte e decoração, de que tam frequentes vestigios se encontram por toda a parte onde se affirmou o poder de Roma. [2]

A Lusitania foi dividida em cinco colonias, umas fundadas por Cesar e outras por Augusto. Mas o systema adoptado para affrouxar a turbulencia dos lusitanos consistia em obstar á accumulação dos centros populosos, por meio da disseminação em agrupamentos de habitações pouco numerosas. Strabão claramente o affirma. E é, portanto, facil de conjecturar o estabelecimento de postos militares e administrativos intermediarios ás localidades capitaes distantes.

Por esta consideração se justifica a descoberta de frequentes mosaicos e antigualhas romanas em logares que outros indicios não teem da existencia de povoado, de importancia correspondente á sumptuosidade d'esses achados.

Ha poucos mezes, coincidindo com a apparição dos pavimentos de Condeixa-a-Velha, outros foram achados, a quatro ou cinco legoas de distancia, no lugar de Ançã, d'um trabalho igualmente esmerado, de semelhante desenho, e na mesma concepção decorativa.

Na peninsula os exemplares descobertos são numerosos e de occorrencia frequente,—em Portugal e Hespanha. Com a differença de que por cá a destruição tem-se exercido ainda em maiores proporções; e os raramente aproveitados são pouco conhecidos. [3]

A producção artistica dos legionarios é um facto que não deve perder-se de vista, quando se trata da apreciação de grandes trabalhos decorativos e de architectura romana, sob o ponto de vista da critica e do movimento da arte.

---

[1] Sirva de exemplo o que ultimamente aconteceu com os mosaicos de Ançã. Inteiramente perdidos!

[2] O esquecimento d'este facto talvez tenha dado logar a equivocos de consequencias singulares. Sobre o templo romano de Evora, por exemplo.

[3] Não ha muitos annos escrevia o antiquario sr. M. Assas:

«De Portugal, antigamente Lusitania, no recordaremo más que dos: el pavimiento de mosáico encontrado hácia el año de 1857 en un campo de la aldea de Arnal, situada cerca de una legua al NO de Leiria, donde se supone haber-se asentado la antigua ciudad romana Callipo, regida por su pro-consul, á horilhas del rio Liz, que pouco depues se junta con el denominado Sena: hizo este descobrimiento el doctor en teologia Sr. D. B. Rusell, rector en teologia do *Corpo Santo* de Leiria, con motivo de examinar la formacion geológica y carácter mineralógico del terreno adyacente á esta ciudad; y comprando el derecho de hacer excavaciones, puso operarios y obtuvo el resultado de desembarasarle de la tierra que sobre el posaba, á cosa de tres piés de profundidad.

Casi al mismo tiempo, tambien á corta distancia de Leiria, aunque en otro lugar, parecio el otro fragmento á que nos hemos referido, y es de elegante labor: compróle y le trasladó á Lisboa él Sr. J. Z. O'Sullivan, ministro de los Estados Unidos cerca de la corte portuguesa.»

As dissertações especulativas systematicamente produzidas, quanto á epocha provavel d'esta ordem de artefactos, fundada nas suas affinidades estheticas reconhecidas pela comparação, são quasi sempre e extremamente falliveis.

Estas obras executadas nos confins das possessões romanas, representam d'ordinario e portanto, o trabalho de artifices populares incompletos, depositarios de fórmas e processos de tradição, mas incultos e mais ou menos indisciplinados pela propria energia das aptidões naturaes.

Não quer isto dizer que sejam menos dignas de admiração e de apreço: ao contrario.

O que pretendo é duvidar, por arbitrarios, dos processos de classificação tantas vezes usados, e das conclusões criticas apregoadas, quanto ao estylo e á chronologia, das construcções de origem romana.

A. Gonçalves.

Nota.—Depois de escripta esta noticia, foram descobertos dentro dos muros de Conimbriga mais dois pavimentos incompletos do mesmo genero de mosaico, branco e negro, e transferidos ao museu de antiguidades do Instituto. Um d'elles, o mais valioso, representa um labyrintho, circumdado de muralhas: ao centro, n'um pequeno quadrado, a cabeça polychromica de Minotauro. A. G.

AS CANDEIAS

NA

INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

A 2 de fevereiro, quarenta dias depois do nascimento de Christo, celebra a egreja a apresentação do Menino-Deus no templo, decorrido o periodo da purificação da Virgem, segundo o rito judaico. Esta festa tem a denominação popular de *Nossa Senhora das Candeias*, porque é costume levar nas procissões d'este dia uma vela benta accesa ou candeia. Crê-se que é ainda uma das ceremonias religiosas que o christianismo herdou do mundo pagão.

Mas não era unicamente n'este dia que se accendiam candeias; o costume tinha-se generalisado a outras festas, e talvez fosse commum a todas, como ainda hoje succede nas romarias, em que os devotos levam uma vela de cera na mão, accesa ou apagada, conforme a promessa.

No *Cancioneiro da Vaticana* vem esta tradição commemorada n'uma lindissima cantiga de Pero de Viviães, que a põe na boca das moças formosas que vão á festa de S. Simão de Val de Prados. Emquanto as mães se entreteem a queimar candeias por ellas e pelas filhas, estas dançam deante dos seus amigos, seduzidos pela graça com que bailam e saracoteam as suas apaixonadas.

A cantiga tem o quer que seja do rythmo e da cadencia coreographica.

Pois nossas madres van a San Simon
De Val de Prados candeas queimar,
Nós as meninas punhemos d'andar
Con nosas madres, e ellas enton
Queimen candeas por nos e per si.
E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos todos lá irán
Por nos veer: e andaremos nós
Bailando ant'eles, fermosas, sós;
E nossas madres, pois que alá van,
Queimen candeas por nos e per si
E nós meninas bailaremos y.

Nossos amigos iran per cousir
Como bailamos, e poden veer
Bailar moças de bon parecer,
E nossas madres, pois lá queren ir,
Queimen candeas per nos e per si,
E nós meninas bailaremos y.

Este o texto que nos offerece Varnhagen a pags. 112, 113 do seu *Cancioneirinho*, publicado em Vienna d'Austria em 1872. No *Cancioneiro da Vaticana*, edição de Lisboa do sr. dr. Theophilo Braga, vem sob o n.º 336. O mesmo illustre escriptor transcreve a primeira estrophe a pag. 263 do 2.º vol. do *Povo Portuguez* no artigo consagrado á *Candelaria*. Adduz ainda outra cantiga, a 265, em que uma rapariga falla em ir á romaria de Santiago, para queimar as suas candeias e vêr o seu amigo. Diz a ultima estrophe:

Quer'eu ora mui cedo provar se poderey
hir queymar mhas candeas con grã coita qu'ey;
e por veer meu amigo logu i,

Afóra a poesia trovadoresca, temos ainda outros documentos, de caracter historico, não menos interessantes e instructivos, e que ao mesmo tempo que são subsidios de informação para as tradições religiosas e populares são tambem achegos para a historia das nossas industrias.

Fig. 1. De Mirandella

Gonçalo Pires, cerieiro, morador na Azambuja, protegido por fr. Vasco Martins, prior do mosteiro das Virtudes, alcançára de D. Duarte (carta de 20 de março de 1442) privilegio para só elle vender candeias aos romeiros e devotos que concorressem ás festividades celebradas no convento das Virtudes.

Os cerieiros de Santarem, João Coelho, Luiz Martins e Manuel Gil, aggravaram-se com este privilegio e dirigiram-se ao mesmo monarcha, queixando-se de que todo o anno vendiam candeias no dito convento antes d'elle ser mosteiro, e que depois d'isso lhe não era permittido fazel-o por causa do privilegio concedido a Gonçalo Pires, favorecido do prior. El-rei attendeu em parte ao seu requerimento e mandou que elles podessem vender tambem as suas candeias na festa e nas oitavas de Nossa Senhora de Setembro, isto é, quatro dias antes e quatro dias depois. D. Affonso v confirmou a carta de seu pae a 21 de maio de 1446.

Aqui transcrevemos os dous documentos:

«Dom Afonso & A quantos esta carta virem fazemos saber que G.º Pirez, morador na Azãbuja, enuiou perante nos mostrar huũa carta que tijnha do muyto alto elRei meu senhor e padre &, da qual o theor tal he: «Dom Eduarte & a uos juizes da Azanbuja e a outros quaaes quer que esto ouuerem de veer, saude. Mandamos uos que nom leixees nem consentaaes a molher nem a outra persoa nenhũua que seja que uenda em Santa Maria das Uertudes quandeas, saluo a Gonçalo Pirez, morador no dito logo da Azambuja, portador desta carta, por quanto se obrigou de dar hi quandeas aa venda el e sua molher, saluo quando for pello dia de Santa Maria que entom as posam elles uender sem a ello poerdes outro ẽbargo nenhũu. Unde al nom façades. Dada em Almeyrim xxx dias de dezembro — ElRey o mãdou — Aluaro Afonso Aranha a fez era de iiij^{c} xxxiiij anos E se esta carta seellada non for mandamos que nom valha. E pedionos o dito Gonçalo Pirez que lhe confirmasemos a dita carta & Dada a confirmaçom em forma em Santarem xx de março per autoridade do senhor Iffante dom P.º etc. Martim Gil a fez ano de iiij^{c} Rij.» [1]

Fig. 2. Do Porto

«Dom Afomso & A quamtos esta carta virem fazemos saber que Joham Coelho, Luis Mīz, Gil Frz e Manoel Gil, moradores em Santarem, nos mostrarom hũua carta delRey meu Snõr e padre, cuja alma D.ª aja, da quall o theor tall he: «Dom Eduarte & a uos juizes de Santarem e dAzambuja e a outros quaes quer a que o conhecimento desto perteencer per quall quer guissa a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Joham Coelho e Luis Mīz e Gill Frz e Manuel Gill, cerieiros, moradores em essa villa de Santarem, nos enviarõ dizer que em tempo de U^{co} Doiz, (Vasco Domingues) sendo prioll do moesteiro de Santa Maria das Uertudes, que os candieiros moradores da dita villa vendiam suas candeas na dita igreja per todo ano quando queriam e por bem tynhom nom seendo ao dito tempo moesteiro como ora he e que depois que moesteiro fora G.º Pirez, morador no dito logo da Azambuja, per fauoreza dos frades do dito moesteiro ouuera hũu nosso aluara que nenhũu nom vendesse em todo o ano hi candeas saluo o dito G.º Pirez reseruando as festas que podesse (?) vender quem quizesse e que agora mãdauamos e defendiamos que outro nenhũu as nom vendesse no dito moesteiro em algũu tempo nem festa saluo o dito G.º Pirez, no que elles dizem que som muito agrauados, pedindonos por mercee que sem embargo do dito nosso aluara mandassemos que elles podessem vender as ditas candeas pella festa de Santa Maria de Setembro e nas outras suas festas segundo anthe soiam, e nos veendo o que nos asy dizer e pedir enuiarom e visto como he serviço de D.ª no dito dia venderẽsse candeas, teemos por bem e damos licença e lugar a quaees quer candieiros que as possam vender no dito dia e oytauas — s — quatro dias ante

[1] Torre do Tombo, Chancellaria de D. Affonso v, L.º 37, fol. 130.

da festa e quatro depois. E porem vos mandamos que por elles venderem as candeas no dito moesteiro pello dito dia e oytauas — s — os ditos quatro dias antes e outros quatro depois lhe nom façaaes nem consentaaes fazer mall nem outro algũu desaguissado e esto sem embargo do dito nosso aluara. Unde al nom façades Dada em a cidade de Lixboa IX dias doutubro el-Rey o mandou per Afonso Giraldez e Luis Mīz seus vassallos e do seu desembargo Fillipafonso a fez ano de nosso senhor Ihu x.º de mjl iiijᶜ xxxbij anos. A quall carta asy apresentada perante nos os sobreditos Joham Coelho e Luis Mīz e Gill Frz e Manuell Gill nos pedirom por mercee que lhe confirmassemos a dita carta e lha mandassemos guardar asy como se em ella continha, e nos veendo o que nos asy diziam e pediam, querendolhe fazer graça e merce, temos por bem e confirmamos-lhe a dita carta e mandamos que lhe seja conprida e guardada em todo e per todo asy e pella guissa que em ella he contheudo sem lhe sobrello seer posto outro algũu embargo em nenhuua maneira que seja. Unde al nom façades. Dante em Santarem xxbj dias de mayo elRey o mandou pello douctor Ruy Gomez dAlvarēga e per Luis Mīz seus vassallos e do seu desembargo e petiçõoes — Afonso Anes a fez ano do Senhor de mil iiijᶜ Rbj.» [1]

Fig. 3. De Bragança

As candeias fabricadas em Portugal não eram sufficientes para o consumo, e entre as que vinham de fora eram especialmente reputadas as *candeas de rezar de Aragão*. D. Affonso V, em carta de 24 de agosto de 1456, concedeu a sua prima D. Fillipa a dizima de diversos objectos importados pela alfandega do Porto, entre as quaes se mencionam as *Candeas d'Aragon para rezar*. Julgamos de toda a vantagem transcrever a respectiva carta na integra, não só por ser uma pagina curiosa para a historia do commercio portuense no seculo XV, mas porque nos offerece um contingente importante para o nosso lexicon, dando-nos ao mesmo tempo uma ideia de certos objectos industriaes e artisticos. Antes de transcrever o documento extrahiremos d'elle a lista dos objectos que comprehende e que é como segue, na sua ordem alphabetica:

Açafates	*Candeas de Aragão para rezar*	Manilhas d'ouro e prata e azeviche
Aguilhoos	Cordas para cardar algodão	Ouro fiado
Alambres	Cendaes	Pandeiros
Aljofar	Chaperetas tecidas	Pentes
Annees (Anneis)	Chapins	Prata fiada
Arcas	Contas	Retroz
Boetas grandes e pequenas	Enxaravias de seda e linho	Rocas
Bonecas	Espelhos	Seda
Botões d'azeviche	Folha de ouro, de prata e d'alfrezes	Sedeiros de seda e linho
Cabelleiras	Izquinynos (Escaninhos?)	Trenas
Camicassas	Luvas	Veos

Eis agora a carta:

«Dom Afomso & A quantos esta carta virem fazemos saber que nos querendo fazer graça e mercee a dona Philipa, minha muyto prezada e amada prima, Teemos por bem e queremos e mandamos que ella aja de nos, da feitura desta nossa carta em diante; em quanto nossa mercee for, das coussas que veem aa nossa alfandega do Porto, a dizema que a nos perteence de todo o aljofar e cendaaes, ouro fiado, prata fiada, anees, arcas, izquinynos, espelhos, pentees, folha douro e prata e dalfrezes e trenas seda, retros, aguilhoos, contas, alanbres, botoões dazeuiche, camicassas, veeos, enxarauias de seda e linho, cabeleiras, chaperetas tecidos, chapyns, manilhas douro e prata e azeuiche, cordõos, forcaduras, almeizares, crespinas douro e seda, *candeas dAragam para rezar*, açafates, rocas, buetas grandes e pequenas, sedeiros de seda, linho, cardas pera cardar algodã luuas, bonecas, pandeiros. E porem mandamos a Luis Aluarez de Sousa, do nosso Comselho e veedor da nossa fazemda em a dita cidade, e ao almoxarie e espriuaeẽs da dita alfandega e a quaecesquer outros nossos oficiaaes e pessoas a que esto pertencer que façaaes entregar e entreguees a certo recado da dita minha prima todallas ditas coussas nomeadas sem falecer coussa alguua e asy como as nos aueriamos se se pera nos as ditas coussas e cada huua dellas recadassem e mandamos aos ditos escpriuaaes que registem esta carta em alguu liuro da dita alfandega honde pertencer pera se saber como lhe teemos a dita mercee feita e ella teenhaa pera sua guarda. Dada em Sintra xxiiij dias do mes dagosto — Afonso Pirez a fez — ano do nacimento de nosso Senhor Ihu x.º de mill iiijᶜ lbj. Johã Vogado a fez escpreuer.» [2]

---

[1] T. do Tombo, Chanc. de D. Affonso V, L.º 5, fol. 52 v.º

[2] Torre do Tombo, Chanc. de D. Affonso V, L.º 13, fol. 21 v.

Se o *Cancioneiro da Vaticana* nos forneceu, com as suas cantigas, elementos para a historia da *candelaria* portugueza, no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende vamos encontrar uma passagem que nos vem demonstrar quanto estavam em voga as *candeas de Aragão*. N'uma carta em verso de João Gomes de Abreu, em que dá novas de Lisboa a D. Duarte de Menezes, que estava com el-rei em Aragão, ha a seguinte comparação:

O Noronha de Rruam
he da Silua namorado,
a *candea d'Aragão*
foi por ella apodado.

Achava-o talvez mortiço, como chamma bruxuleante de candeia. Elle todavia é que se não importaria de ser candeia, comtanto que ella o espevitasse.

Não era sómente do Aragão que importavamos *candeas de rezar*. Vinham tambem, muito tempo antes de D. Affonso v, ahi pelo reinado de D. Diniz, da capital de França. As donzellas enamoradas iam a S. Clemenço, ou S. Clemente, queimar *candeas de Paris*. O santo era uma especie de confidente dos segredos do seu coração. Era o seu nome que ellas invocavam no seu desespero quando se viam trahidas pelos seus amantes.

Sam Clemente, senhor,
se vingada nom for,
non dormirey!
Se vingada não for
do falso e traedor
nom dormirey!

A cantiga 807 do *Cancioneiro da Vaticana* é a prova documental da proveniencia das candeas francezas. Transcrevemol-a na integra, porque é uma pagina curiosa para a historia da *Luminaria*. Por as palavras sublinhadas se vê que ahi se allude tambem a *estendaes* e *bogias*. Reza assim:

Nom vou eu a S. Clemenço
orar e faço gram razon,
ca el nom mi bolhe acoyta
que trago no meu coraçom,
nem m'aduz o meu amigo
pero lho roguo e lho digo.

Non vou eu a S. Clemenço
nem el nom se nembra de mi,
nem m'aduz o meu amigo
que sempre amy des que o vy:
nem m'aduz o meu amigo
pero lho roguo e lho digo.

Ca se m'elle adussesse
o que me faz penando andar
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o seu altar:
nem m'aduz o meu amigo,
pero lho roguo e lho digo.

Ca se el m'adussesse
o porque eu moyro d'amor,
nunca tantos *estandaes*
arderam ante o meu senhor:
nem m'aduz o meu amigo
pero lho roguo e lho digo.

Poys eu e mha voontade
de o nom veer sõ bem fis,
que porrey par caridade
ante el *candeas de Paris*:
nem m'aduz o meu amigo,
pero lho roguo e lho digo.

Em mi tolher meu amigo
filhou comigo perfia,
por ind'ardera, vos digo
ante el *lume de bogia*:
nem m'aduz o meu amigo
pero lho roguo e lho digo.

Na cantiga seguinte (808) ainda a mesma apaixonada fazia oração a S. Clemenço na esperança de ver o seu amado:

Estava con Sam Clemenço
e fôra candeas queeimar
e disseme o mandadeiro
premosa de bom semelhar:
agora verrá aqui o vosso amigo.

Da candeia á lampada Jablokoff que distancia! São dous marcos milliares na estrada da civilisação. No emtanto com saudade recordamos que foi á luz bruxuleante da candeia que muitas vezes ouvimos, da bôca d'uma ama ou d'uma creada, rudes mulheres aldeãs, na insaciavel curiosidade infantil, os contos das mouras encantadas, as historias tetricas dos lobis-homens e as endechas sentidas do rimance da Sylvaninha!

Lisboa, 9-6-99.

SOUSA VITERBO.

Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substancias textis

NO

DISTRICTO DE VIANNA DO CASTELLO

O Culto da Arte em Portugal, do nosso eminente escriptor Ramalho Ortigão convida-nos a transladar as seguintes linhas, que tanto se relacionam com o presente estudo:

«..... entre Vianna do Castello e Ponte do Lima, ha ainda algumas das mulheres mais lindas e das mais bem educadas de todas as portuguezas, que fiam e tecem em suas casas o linho, a lã, o algodão e se vestem completamente, da maneira mais elegante, com os tecidos mais consistentes e mais bellos de sua fabricação exclusiva em todas as phases porque passa a materia prima, desde que é cegada no campo ou tosqueada no carneiro até se converter em vestido»

E, na verdade, ainda hoje constitue modesta occupação caseira a fiação e tecelagem do linho e da lã e tingidura d'esta por processos e com apparelhos não supplantados pelos da grande industria moderna quanto á boa qualidade e perfeição dos artefactos.

Sabe-se que aquelles processos e apparelhos teem sido usados por muitos povos da Europa, Asia e Africa, sem, comtudo, se ter podido assignalar aonde e quando tiveram a sua remotissima origem; que a fiação se conservou estacionaria durante muitos seculos, ao passo que a tecelagem adquiriu grande progresso na Edade Media; que a tingidura se elevou á perfeição entre os povos antigos, decahindo entre os romanos; e que ha pouco mais de um seculo se aperfeiçoaram e simplificaram os processos longinquos.

Em virtude, pois, do caracter de generalidade tradicional d'estes e no interesse da anthropologia e ethnographia, nos parece util indicar, embora d'um modo summario, os processos ainda usados ruralmente no districto de Vianna do Castello para a transformação do linho e da lã em fios e d'estes em tecidos. Para tal fim dividimos o presente estudo em tres partes, tratando a primeira do linho, lã e accidentalmente do algodão; a segunda da fiação das duas primeiras substancias textis e tingidura da lã; e a terceira da tecelagem das tres substancias textis referidas.

1.º Linho, lã e algodão — *Linho.* — Para a cultura do linho, em todo o districto, o lavrador lavra, grada, esterroa e aduba bem o terreno, que ha de receber a semente, até ficar bem fôfo, e esta é lançada á terra em porção variavel, conforme o grau de finura que se deseja do fio de linho.

Ha tres especies de linho — *da terra, mourisco* e *gallego*, sendo as duas ultimas mais conhecidas. *O mourisco* é semeado no outomno e chama-se *sequeiro* ou *temporão;* o *gallego* na primavera e chama-se *serodio.* Ou se tem em vista um linho *fino, mediano* ou *grosseiro* e conforme os casos assim a *arranca* se faz na *florescencia*, entre esta e a *maturação*, ou depois d'esta, quando a semente está bem amarella, afim de ser aproveitada em novas sementeiras, ou na industria para o *oleo de linhaça.*

A *arranca* do linho faz-se á mão, pondo-se este a seccar em pequenos mólhos ao sol, até que fique bem esbranquiçado e em seguida ripa-se-lhe a semente. Por ultimo enfexa-se o linho e n'este estado passa ás preparações para ser fiado.

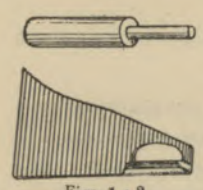
Lã. — A lã é uma secreção que passa atravez dos póros da epiderme dos carneiros e ovelhas. N'um d'estes animaes é constante o espaçamento entre os póros e o respectivo diametro, bem como a sua fórma interior; porém de individuos para individuos póde haver variações de que resulta diversidade de caracteres na lã, formada de fios mais ou menos *grossos, direitos* ou *ondeados.* Além d'estes caracteres distingue-se ainda a lã pelo seu maior ou menor *comprimento, fortalesa*, doçura ao tacto, *asperesa* ou *elasticidade.* Segundo o conjuncto de caracteres, a lã classifica-se em tres especies: — *fina, extra-fina* e *grosseira*, ou ainda em lã de vello *merino*, se as mechas são finas, cylindricas e frisadas; *feltroso* se as mechas são um conjuncto de pellos finos envolvidos de pellos de cabra, formando mechas cylindricas; *longal* se as mechas teem pellos longos, corredios e lisos.

O districto de Vianna do Castello possue a lã de vello *feltroso* e da peor qualidade, tosqueando-se os carneiros e as ovelhas em maio.

Algodão.—As plantas algodoeiras são cultivadas em muitos pontos da terra.

No districto de Vianna do Castello é muito usado o algodão, que se compra já fiado e é assim applicado na tecelagem.

2.º FIAÇÃO.—Dividem-se os trabalhos de fiação em *preparações* destinadas a dispor convenientemente as fibras e *fiação*, ou formação de fios, facilitada pelas preparações das mesmas fibras.



Figs. 1 e 2.

Preparações.—1.ª A *enlaga* tem por fim dissolver na agua uma especie de gomma resinosa, que liga entre si as fibras do linho e a casca. A agoa e o ar fazem fermentar e apodrecer a gomma e fender a casca ou parte lenhosa do linho.

O linho depois de secco ao sol é posto em feixes chamados *massámes* ou *agoadoiros*, geralmente em covas praticadas no fundo arenoso de agoas correntes, segurando-se os feixes com pedras e paus.

A lã não necessita de ser *cortida* como o linho e simplesmente é *lavada* em agoa de sabão, se não tiver de ser tingida, não se empregando o sabão no caso contrario.

2.ª A *secca* do linho e da lã é a operação seguinte á *enlaga* do primeiro ou lavagem da segunda, e faz-se expondo ao sol em *seccadoiros* estas materias textis até estarem bem seccas.

3.ª O *esmagamento* é uma operação que tem por fim abrir os *filamentos* das materias textis, dividir as substancias extranhas e separar estas d'aquelles, ou em outros termos, é uma operação que tem por fim separar e limpar os filamentos e tornal-os elasticos. Consegue-se isto em primeiro logar *batendo* o linho com as *maças*, ou esmagando-o em engenhos chamados *do linho* e em segundo logar *espadelando-o*.

No districto de Vianna do Castello não se procede, como n'outras partes, ao esmagamento da lã, limitando-se a carpeal-a, isto é, a estender, abrir e alisar á mão os filamentos.

A *maça* (fig. 1), é um cylindro de madeira, tendo uma *péga* em forma tambem de cylindro. Regula por 0m,3 o comprimento total de qualquer maça e por 0m,06 o seu maior diametro. A maça e outros apparelhos representados n'este estudo são copia dos typos mais antigos usados n'este districto. Bate-se o linho com a *maça* sobre uma pedra, a que, vulgarmente, se chama *maçadoiro*.

O *engenho* de esmagar o linho consiste n'um cylindro de madeira de 0m,9 de comprimento e 0m,7 de diametro, movendo-se em torno do seu eixo horisontal sob a acção de motor hydraulico e cuja superficie é canelada longitudinalmente. Gira dentro d'outro cylindro ôco, fixo, tambem de madeira, excedendo em muito pouco as dimensões do primeiro cylindro ou tambor, com o qual tem o eixo commum.

Mette-se o linho por uma fenda longitudinal e estende-se sobre o tambor que o arrasta esmagando-o contra a superficie interior da caixa. D'este modo tritura-se a *filaça*, ou filamentos do linho, e é extremamente dividida a casca em pequenos fragmentos designados pelo nome de *arestas*, que na maior parte ficam nas *mantadas*, isto é, camadas chatas de linho que sahem por uma segunda fenda longitudinal da caixa.

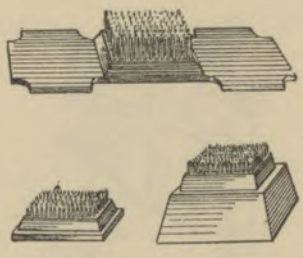
Em seguida fazem-se das mantadas pequenas porções, que se possam abranger na mão, conhecidas pelo nome de *manadas* e procede-se á *espadelagem*, ou operação de bater o linho com a *espadela*, para proseguir o trabalho do esmagamento continuando a separação dos filamentos e a divisão e separação das *arestas*.

A *espadela* (fig. 2), é uma especie de podôa de madeira em que se distingue a *cota*, o *fio* ou *gume* e o *punho*.

Péga-se na espadela pelo punho com a mão direita e n'uma manada de linho com a mão esquerda; bate-se o linho com a espadela de encontro á *beira* superior e externa d'um cylindro vertical de casca de sovereiro, chamado *cortiço*, tendo pouco mais ou menos 1m de comprimento e 0m,3 a 0m,4 de diametro.

De cada manada resulta um feixe de fibras inteiras já bastante separadas, constituindo o *linho dobrado*; na base do cortiço uma porção de arestas, em parte misturadas com os filamentos partidos e exteriores da filaça, formando o que se chama *tomentos*. Estes ainda se classificam em *tomentos de cascar* obtidos durante a primeira metade da espadelagem de cada manada e *tomentos de obrar*, os formados durante a segunda metade da mesma operação.

4.ª A *assedagem* é uma operação que tem por fim alisar, endireitar e apurar os filamentos, continuando a separar d'elles quaesquer substancias estranhas, como as *arestas* do linho. Faz-se em *cardas* ou *pentes*, as primeiras geralmente destinadas ás materias textis de *filamentos curtos* e os segundos ás de *filamentos longaes* ou compridos.



Figs. 3 a 5.

As cardas do linho teem o nome especial de *sedeiros*. As figs. 3, 4 e 5 representam tres sedeiros de madeira, successivamente mais finos, com as puas ou dentes usualmente de latão. Regula por um quadrado de 0m,15 a superficie do sedeiro maior, na qual são cravadas as puas, tendo estas em média 0m,02 de altura.

Segurando por uma extremidade na mão direita um feixe de linho dobrado assenta-se este sobre as puas e puxa-se para obrigar os filamentos a passar por entre aquellas e assim se alisarem e separarem. Resulta um feixe de fibras apuradas, uma porção muito consideravel de fibras superficiaes da filaça partida e uma quantidade maior ou menor de arestas. Dobram-se os feixes preparados sobre si mesmo, formando *estrigas*. Ao linho fragmentado chama-se *estopa*, a qual se distingue em *restella*, a que sahe do sedeiro mais grosso, e *sedeira* a que sahe dos outros dois sedeiros. O linho e a estopa são tanto mais finos quanto mais delgadas e proximas forem as puas.

O *pente* (fig. 6), é de madeira e tem dentes de ferro. Ha n'elle uma *péga* que se une a uma superficie em que estão cravados os *dentes*, regulando o comprimento d'aquella por 0m,2 e a sua largura por 0m,01. Os *dentes* com o feitio de pregos teem a altura de 0m,07 e servem para apurar a filaça comprida separando as arestas e a estopa.

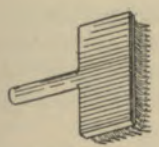
A denominação vulgar do *pente* é *restello* e geralmente empregado em *pentear* a estopa, isto é, em alisar e endireitar os filamentos e separal-os das arestas; depois de penteada fazem-se d'ella pequenos volumes chamados *manelos*.

A *carda*, unico apparelho usado no districto para assedar a lã carpeada, é similhante ao sedeiro, do qual differe, apenas, em ter *péga*, maior extensão superficial, ser forrada de carneira na face em que estão cravadas as puas e estas serem curvas sem perderem o parallelismo.

A fig. 7 representa uma das peças eguaes d'um par de cardas.

Introduz-se a lã lubrificada de azeite, mais ou menos emmaranhada, mesmo depois de ser aberta á mão, entre as puas d'uma das peças do par, a qual se empunha em seguida com a mão esquerda de modo que a carda assente no braço tambem esquerdo. Em seguida pega-se na outra peça do par com a mão direita, insinuando-se os dentes d'esta entre os da primeira de modo que as curvas das puas fiquem em sentido inverso e puxando as duas peças do par para o lado contrario; forçam-se os filamentos da lã, em repetidas tentativas, a desemmaranhar-se, estendendo-se e passando por entre as puas da peça fixa.

Quando estendidas as fibras, colloca-se de novo a segunda peça do par sobre a primeira com as *pégas* do mesmo lado e dá-se um pequeno geito em sentido opposto ás duas peças deslocando-as lateralmente e separando-as, do que resulta a sahida da lã.



Figs. 6 e 7.

Fiação.— A fiação propriamente dita tem por fim reduzir a fio, isto é, a um cylindro flexivel, delgado, homogeneo e do mesmo diametro em toda a sua extensão, um numero maior ou menor de fibras de qualquer substancia textil convenientemente preparadas nas operações antecedentes.

A fiação faz-se na industria caseira com uma machina bem simples composta de duas peças, o *fuso* e a *roca*, universalmente conhecidos e cuja origem se perde na noite dos tempos.

A *roca* é uma simples haste de pequeno diametro, geralmente madeira, tendo um ligeiro alargamento perto d'uma das extremidades em que se envolve uma ou mais estrigas de linho, ou um manelo de tomentos, ou de estopa, ou de lã, seguro por uma correia. O *fuso* é um cone que tem de comprimento 0m,2 e de diametro na base 0m,008; é de madeira em dous terços do seu comprimento, e o terço restante, chamado *ferreta*, é de metal. No vertice da ferreta nota-se um sulco em helice destinado a prender o fio, ou a soltal-o facilmente.

A fiandeira põe a roca á cinta, depois de *carregada;* puxa uma mecha cylindrica, cuja extremidade livre prende á da ferreta do fuso; dá rotação a este, em posição vertical, entre os dedos pollegar, indicador e medio da mão direita, a qual rotação se communica á mecha entre a extremidade do fuso e os dedos pollegar e indicador da mão esquerda, que vão puxando successivamente mecha da roca á medida que vae augmentando o comprimento do fio resultante da torsão das fibras sobre si. Obtido cerca de 0m,5 de fio solta-se este da ponta da ferreta, enrola-se no fuso, prende-se de novo o fio e recomeça-se o trabalho precedente, e assim até se haver enrolado no fuso uma porção sufficiente de fio, que se chama *massaroca.*

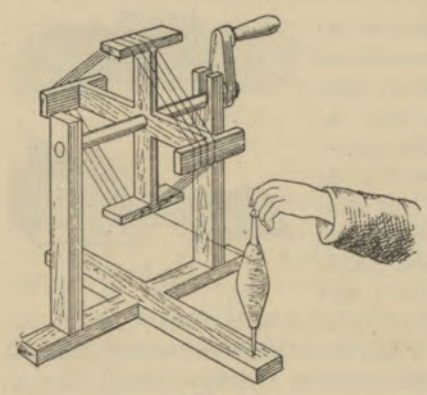


Fig. 8.

Depende da habilidade a perfeição do fio, cujos caracteres são resistencia uniforme, grossura constante e torsão adequada á grossura. Deve attribuir-se, pelo preenchimento d'estas condições, a qualidade de habeis ás fiandeiras d'este districto.

O fio das massarocas, quer de linho, quer de lã, destinado á tecelagem, é dobrado formando-se *meadas.*

O *sarilho* é de madeira tendo uma base horisontal em cruz. Nas extremidades dos braços d'esta ha duas hastes verticaes com intervallo egual ao comprimento d'um fuso, cujas pontas se apoiam em martagens existentes na parte superior d'aquellas hastes. No pé da cruz elevam-se dois prumos atravessados na parte superior por um eixo horisontal movel e ligado n'um extremo a uma *manivella* e no intervallo dos dois prumos duas varas em cruz, que formam raios perpendiculares entre si d'uma roda cujo plano vertical passa pela arvore da cruz referida e por uma terceira haste vertical existente na mesma arvore e em cuja cabeça existe um orificio destinado a guiar o fio entre o fuso e a roda. A fig. 8 representa um sarilho com supressão das hastes descriptas, em que o fuso com o fio enrolado se vê disposto a prumo sobre a arvore. É uma curiosa variante d'alguns modelos antigos e de construcção mais simples.

Para formar as meadas mette-se uma massaroca no fuso, que é movel; faz-se passar uma ponta do fio existente na parte superior da haste, supprimida na presente figura, e puxando a ponta assenta-se o fio nas extremidades dos raios indicados. Movendo a manivella dobra-se o fio sobre si á medida que se vae desenrolando no fuso, e d'este modo se vae formando uma meada contendo fios de massarocas successivas.

É evidente que um apparelho similhante a este póde servir para fiar, pois basta passar uma corda sem fim pela roda e pelo fuso. Dando á manivella imprimir-se-ha rotação ao fuso e este a seu turno á mecha presa por um extremo áquelle e passando pelos dedos indicador e pollegar da mão esquerda. Este simples apparelho vae-se começando a usar na fiação da lã.

Depois de feitas numerosas meadas mettem-se dentro d'um vaso contendo uma lixivia de cinza vegetal e agoa a ferver com o fim de fazer desapparecer a gordura e em seguida lavam-se em agoa fria e põem-se a córar ao sol.

Resta ennovellar as meadas quando estiverem brancas e seccas; é o que se faz com a *dobadoura* (fig. 9).

As meadas mettem-se na dobadoura, collocadas de forma que o eixo vertical fixo occupe o seu centro sendo esticadas, internamente, por varas verticaes que passam em furos de duas crusetas de ramos eguaes e parallelos, formando um só corpo movel em torno do referido eixo. Pegando n'uma ponta do fio das meadas e puxando-o enrola-se este sobre si mesmo, *doba-se* e formam-se os *novellos.* É n'este estado que o linho e a lã se empregam na tecelagem.

Tingidura da lã.—A lã de côres empregada em saias e aventaes de luxo é a chamada lã do Porto, designando-se assim toda a lã fina comprada nos mercados.

Para dar aos fios e algumas vezes ao tecido de lã grosseira e branca uma côr uniforme e fixa, fazem-se no districto banhos de tinta e *mordente,* isto é, dissolvem-se as substancias córantes conjunctamente com o mordente, o qual é constituido por substancias que formam com as

primeiras compostos insoluveis de grande afinidade para as fibras da lã com as quaes se combinam. As formulas usuaes dos banhos são as seguintes:

CÔR PRETA PARA UMA SAIA

Sulphato de ferro	0k,300	Extracto de campeche	0k,050
Sulphato de cobre	0k,030	Gomma arabica	0k,010

(Usado em todas as freguesias do concelho)

CÔR VERMELHA PARA 459 GRAMMAS DE LÃ

Cochonilha	0k,060	Estanho.	0k,015
Cremor de tartaro	0k,020	Acido sulphurico.	0k,008
Acido muriatico	0k,100	Agua forte	0k,010

(Usado nas freguezias do Amonde, Santa Martha, Meadella, S. Lourenço, Deão, Cardiellos e Lanhezes)

CÔR VERDE PARA 459 GRAMMAS DE LÃ

Anil	0k,025	Oleo de vitriolo	0k,180
Cremor de tartaro	0k,015	Gengibre amarella	q. b.

(Pouco usado)

TINTA PRETA PARA 459 GRAMMAS DE LÃ

Anil	0k,030	Urina.	q. b.

(Usado em Perre, Outeiro, Amonde, S. Lourenço, etc.)

Entre as substancias mencionadas são *mordentes mineraes* o sulphato de ferro, de cobre, acido muriatico associado ao estanho, acido sulphurico ou oleo de vitriolo e agua forte, e unico *mordente organico* o cremor de tartaro; *substancias corantes* o extracto de campeche, cochonilha, gengibre amarella e anil.

O verde é obtido pela composição das duas côres simples *azul* do anil e *amarella* de gengibre.

A côr azul é obtida pela composição do indigo, ou azul da Prussia, (córantes) e campeche com mordente de saes de cobre.

A côr amarella é obtida pela gengibre e curcuma com *mordentes* de alumen e tartaro.

A côr preta é composta, ás vezes, de saes de ferro (capa rosa) noz de galha e casca de salgueiro.

A côr azul, que o anil cede facilmente, é modificada pela urina, que fixa a frio, durante alguns dias, uma côr preta de tom azulado

Geralmente os banhos são feitos a quente, disolvendo-se as substancias antecedentes em uma caldeira de agoa a ferver, dentro da qual se suspende uma sacca de panno contendo as substancias córantes vegetaes. Logo que os banhos estejam bem concentrados immerge-se n'elles a lã, que se mexe bem para se impregnar de tinta completamente.

Esfriada a lã tira-se da caldeira, passa-se pela agoa e secca-se ao ar livre.

3.° TECELAGEM.—*Tecelagem* é o conjuncto de operações para fazer tecidos. Vamos indical-as nas duas operações de *urdir* e *tecer*, precedendo-as de considerações geraes, necessarias á sua intelligencia e seguindo-as d'uma apreciação dos productos de tecelagem obtidos no districto.

Generalidades.—Um tecido é uma superficie flexivel e elastica resultante do entrelaçamento regular de fios textis submettidos a uma certa tensão e que sobrepostos determinam a espessura do tecido. Para o entrelaçamento dispõem-se duas series: uma de fios longitudinaes, isolados uns dos outros, parallelos entre si, egualmente tensos e existentes n'um mesmo plano; outra de fios transversaes perpendiculares aos da primeira serie e entrelaçando com elles, isto é, cruzando successivamente, ora por cima, ora por baixo d'aquelles fios e enchendo portanto os espaços vasios entre si.

Os fios da primeira serie teem o nome de *urdidura* e os da segunda de *trama*.

Urdir.—Assim se designa a operação que tem por fim formar a urdidura. Faz-se empregando: 1.° dois prumos de madeira em que, á mesma distancia do chão, estão cravados tornos em linha vertical no mesmo numero, horisontaes e parallelos; 2.° uma regoa de madeira, chamada *espadilha*, com tantos furos em linha recta, no sentido do seu comprimento, quantos os tor-

nos d'um dos prumos; 3.º tantos vasos de louça, largos e pouco fundos, quantos os furos indicados.

Lança-se um novello em cada vaso, faz-se passar ordenadamente o extremo do fio de cada novello pelos orificios da espadilha; prendem-se estes extremos ao primeiro torno superior d'um dos prumos; caminhando a urdidura para o segundo prumo, levando a espadilha na mão em cujos furos deslisam os fios que se desenrolam dos novellos; passam todos os fios exteriormente sob o primeiro e o segundo tornos superiores; retrograda ao primeiro prumo onde assenta exteriormente os fios no terceiro e quarto tornos; passam-se estes egualmente pelo quinto e sexto tornos do segundo prumo, setimo e oitavo do primeiro e assim successivamente até restar um unico torno n'um dos prumos, por onde passam do mesmo modo os fios. O desenvolvimento até este torno do conjuncto (*cadilha*) de fios da espadilha tem o nome de *signal*.

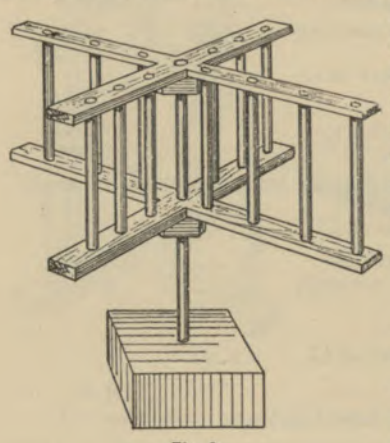


Fig. 9.

Logo que a urdideira chega ao ultimo torno faz seguir aos fios, em sentido inverso, o seu caminho precedente e chegando ao primeiro torno completa segundo signal e analogamente se fazem tantos signaes quantos os necessarios para se obter o numero de fios que se desejam na urdidura.

Resta colher os fios urdidos desprendendo-os do primeiro torno e apanhando successivamente a urdidura ás braçadas, caminhando para o primeiro e segundo tornos do segundo prumo e em seguida para o terceiro e quarto do primeiro e assim consecutivamente. D'este modo fica a urdidura disposta para se *carregar* o tear.

Tecer.—A operação de tecer, isto é, de entrelaçar a trama na urdidura, faz-se em machinas ou apparelhos de antiguidade desconhecida chamados *teares ordinarios*.

Tear ordinario.—Apresentamos o modêlo do tear que por toda a parte se encontra na industria caseira. É representado perspectivamente na fig. 10, tendo-se escolhido um ponto de vista d'onde melhor se faça ideia do conjuncto. A fig. 11 indica um perfil sem escala, que deverá esclarecer a figura precedente.

As differentes peças do tear, em geral de madeira, teem a seguinte nomenclatura vulgar:

Ás duas *pernas de prumo da frente*, **1**, **2**; as duas *pernas de prumo das costas*, **3**, **4**; as duas *mezas*, **5**, **6**; os dois *capiteis*, **7**, **8**; as duas *tramações dos capiteis*, **9**, **10**; os dois *pombos* do orgão do panno, **11**, **12**; o *orgão do fiado* ou das costas, **13**; o *orgão do peito*, **14**; o *orgão do panno*, **15**; os dois *malhetes do orgão do peito*, **16**, **17**; os dois *pombos do orgão das costas*, **18**, **19**; a *roda dentada do orgão do panno*, **20**, e sua *espera*, **21**; as duas *varetas das queixas*, **22**, **23**; a *maçã* ou *péga das queixas*, **24**; as duas *peças das queixas*, **25**, **26**; o *eixo das queixas*, **27**; os dois *moitões para as lisseiras*, **28**, **29**; o *travessão dos moitões*, **30**; as quatro *chavelhas para o orgão das costas*, **31**, **32**, **33**, **34**; as duas *apanhas, premedeiras* ou *pedaes*, **35**, **36**; *tempereiro*, **37**; os dois *compostouros*, **38**, **39**; as *lisseiras*, **40**, **41**, **42**, **43**.

Das differentes peças mencionadas umas são *fixas*, como caixilho formado pelas pernas, travessas e mezas, **1**, **2**, **3**, **4** até **10**, para servirem de apoio ás outras peças que se denominam *moveis*. O *orgão do peito*, **14**, parallelipipedo de secção quadrada com movimento de rotação em torno do seu eixo, o qual se apoia nos respectivo *malhetes*, **16**, **17**, é uma peça de tensão sobre a qual escorrega o tecido á medida que se vae formando para se enrolar no *orgão do panno*, **15**, que é um cylindro tendo rotação em torno do seu eixo, apoiado nos respectivos *pombos*, **11**, **12**. Este cylindro serve para enrolar o panno e dar-lhe tensão, fazendo girar a *roda dentada*, **20**, que se fixa portanto ao cylindro em qualquer posição, por meio d'uma *espera*, **21**, que engranza nos dentes d'aquella roda. O *orgão das costas*, **13**, com a forma d'um cylindro girando em torno do seu eixo apoiado nos respectivos *pombos*, **18**, **19**, é uma peça de tensão, que serve para n'elle se enrolar o fiado por meio de *chavelhas* ou *cavilhas*, **31**, **32**, **33**, **34**, que se pódem metter em furos existentes nas extremidades do cylindro, afim de facilitar a rotação d'este. As *lisseiras*, **40**, **41**, **42**,

43, são quatro regoas horisontaes destinadas, duas a duas, a conservarem entre si uma serie de cordeis verticaes, chamados *lissas*. As figs. 11 e 12 fazem comprehender bem a disposição d'estas e dos orificios chamados *nós*, pelos quaes passam os fios da urdidura, collocados em cada serie de lissas em linha horisontal entre cada par de *lisseiras*. É variavel o numero de *pares* d'estas, bem como a forma e numero de nós; porém, na industria caseira faz-se uso por toda a parte das disposições que representamos nas ultimas figuras para o unico fabrico de tecidos simples e unidos. Prende-se junto de cada uma das *lisseiras superiores*, 40, um cordel que passando na *gala da roldana* de cada um dos *moitões*, 28, 29, suspenso do respectivo *travessão*, 30, vae prender-se em cada uma das extremidades correspondentes da outra *lisseira superior*, 41, e ligam-se as duas extremidades de cada uma das *lisseiras inferiores*, 42, 43, em separado a cada um dos pedaes, 35, 36, ou alavancas interpotentes tambem por meio de cordeis. Inspeccionando a fig. 10 reconhe-

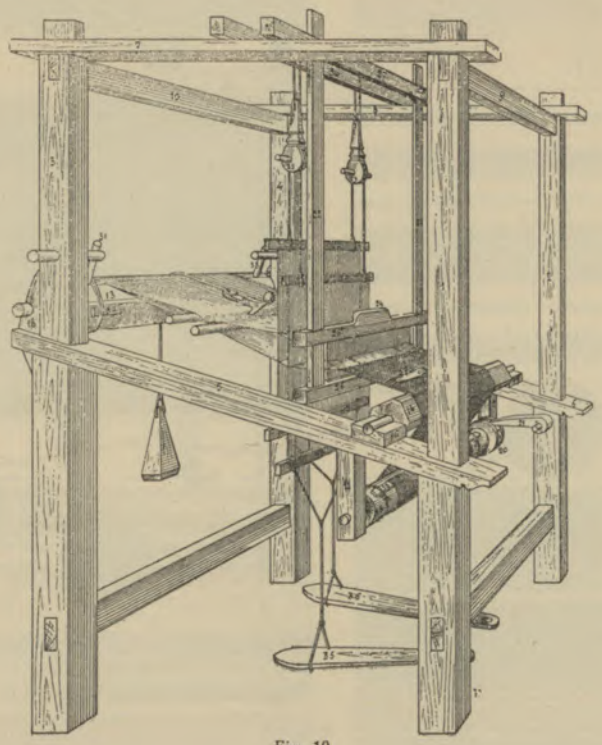


Fig. 10.

ce-se em frente das lissas um batente, ou alavanca interpotente, como qualquer dos pedaes, formada de duas *varetas*, 22, 23, fixas ao *eixo das queixas*, 27, o qual tem movimento de rotação apoiado nos *fulcros* existentes nos capiteis, 7, 8, e de duas regoas horisontaes, chamadas peças das *queixas*, 25, 26, que conjunctamente com as varetas, pelas quaes são atravessadas na sua parte inferior, forma um rectangulo em que se enquadra o pente. Este é formado de laminas delgadas, vulgarmente de canna, verticaes e mais ou menos espaçadas entre si, conforme a maior ou menor grossura do panno que se deseja obter, passando todos os fios da urdidura, um a um, ou dois a dois, etc. pelos intervallos d'aquellas laminas ou dentes; o numero ou graduação d'estes varia na rasão inversa da finura do tecido, sendo de 18 a 30 para o *burel, mantas* e *panno de tomentos*, de 30 a 45 para o *panno de estopa* e de 45 a 60 para o *panno de linho fino*.

Ao meio da peça superior das *queixas*, 25, existe uma saliencia chamada *péga*, 24, para se poder manobrar o batente, e, finalmente, existem duas regoas chamadas *compostouras*, 38, 39, junto do orgão do panno e das costas, em que se prendem respectivamente as extremidades da urdidura com os fios convenientemente *compostos*, isto é, separados e o *tempereiro*, 37, ou regoa

de ferro com dentes agudos nas suas extremidades que se fixa transversalmente no tecido, junto dos ultimos fios da trama, para os segurar, evitando que se desapertem.

Para entrar em funcção carrega-se primeiramente o tear, isto é, prende-se das extremidades da urdidura fio a fio n'um dos compostouros; segura-se este por meio de cordeis ao orgão das costas tendo todos o mesmo comprimento egual á distancia d'esta ultima peça ás lisseiras; enrolam-se com bastante pressão successivamente os cordeis, compostouro e urdidura no orgão das costas, fazendo uso das chavelhas, dividem-se todos os fios em pares e impares, passando uma vareta, (figs. 10 e 11), que póde ser de canna, sobre os primeiros e por baixo dos segundos, e em seguinda outra vareta por cima d'este e sob os primeiros; para tornar fixa a posição das duas varetas emprega-se o *morcêgo*, isto é, uma pequena haste terminada n'um dos extremos em gancho e presa no outro extremo a um cordel que se liga a um *peso das cruzes;* o gancho segura

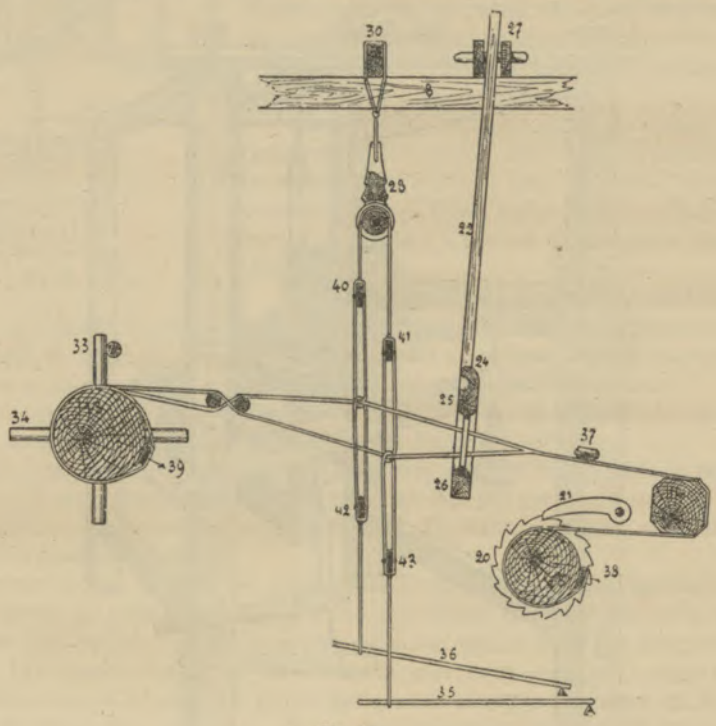


Fig. 11.

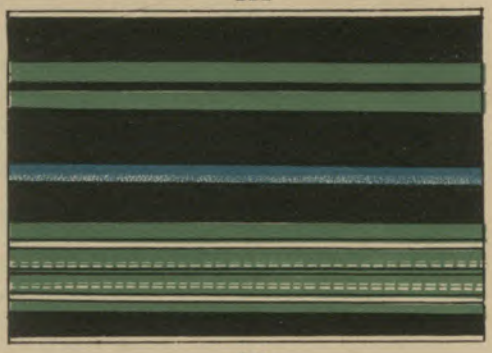
a segunda vareta pelo meio, passando o cordel por cima do orgão das costas, suspendendo o peso; esta disposição fórça a segunda vareta a encostar-se á cruzeta formada pelos fios em frente da primeira evitando o seu escorregamento para o lado do orgão do peito. Depois enfiam-se os fios pares nos nós d'uma das lissas, os impares nos da outra e passam-se dois a dois, etc., pelos dentes do pente, de forma que se conserve sempre o parallelismo entre os fios, prendem-se as extremidades d'estas ao segundo compostouro, que está ligado ao orgão do panno, do mesmo modo que o outro ao orgão das costas, dirigindo os cordeis sobre o orgão do peito; finalmente dá-se posição a este compostouro junto do pente e sufficiente esticamento á urdidura e ao segundo compostouro.

Carregado o tear préme-se um dos pedaes; é evidente que todos os fios pares, por exemplo, que passam pelos nós, em linha horisontal, d'uma das lissas descem e ao mesmo tempo os impares, passando pelos nós tambem em linha horisontal, da outra lissa sobem. Os fios pares e impares da urdidura formam um parallelogrammo tanto menos alongado quanto mais fôr premido o pedal. É no vertice que se aloja a *trama* depois de passar a lançadeira, cuja translação faz desenrolar o fio que ella contem em frente do pente e entre as duas series de fios pares e im-

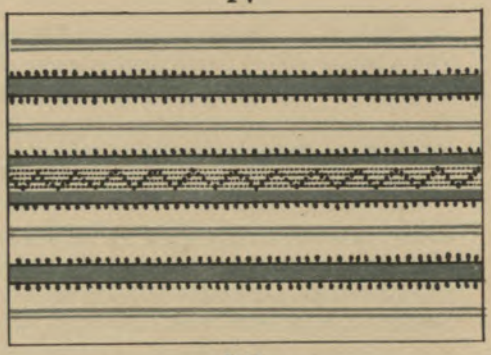
I

II

III

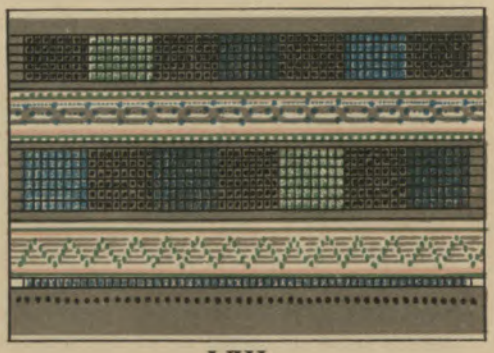


IV



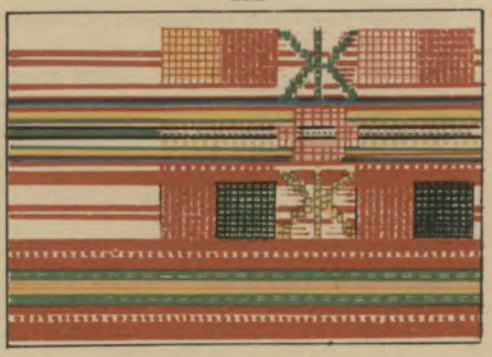
V

VI



VII

VIII



Hugo de Noronha des.

TECIDOS DE VIANNA

pares. *Bate-se* depois este fio bruscamente com o pente para o apertar e por tanto dar consistencia ao tecido. Em seguida préme-se o outro pedal, o que faz tomar aos fios da urdidura uma posição inversa, isto é, subir os pares e descer os impares e passa-se a lançadeira em sentido contrario, a qual deixa transversalmente novo fio, que se aperta como o precedente. Premindo alternadamente os pedaes reproduzem-se os movimentos indicados e d'este modo se vae formando o tecido, que se enrola no orgão do panno, logo que se não possa operar convenientemente com o batente, desenrolando por consequencia uma porção de urdidura.

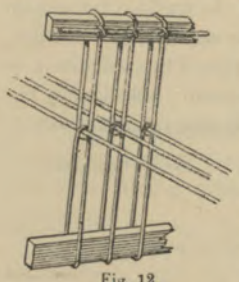


Fig. 12.

Vê-se na fig. 13 o modo de cruzamento de fios com grossura e espaçamento exaggerados, para bem se comprehender o entrelaçamento dos fios da trama com os da urdidura; e no córte a disposição dos fios no fim de cada movimento. Não ha differença nos córtes de duas laçadas successivas do tecido senão na sua posição relativa, pois que os fios transversaes apparentes n'uma face são occultos na outra face do tecido, por causa do crusamento regular e alternado fio a fio.

A fig. 11 representa amplificadamente de que maneira dois fios successivos da urdidura passam nas lissas e a ordem d'estas nos pedaes. N'ella se veem as duas *lissas,* os dois *pedaes* e dois fios contiguos, notando-se que estes correm alternadamente n'uma e n'outra e que isto mesmo se repete em todos os fios successivos da urdidura.

Tecidos.—Podem dividir-se em duas classes os tecidos manufactúrados pela industria caseira no districto, pertencendo á primeira os tecidos *feltrosos* chamados *burels* e á segunda os *não feltrosos* para saias, aventaes, lençoes, etc.

A lã no districto é propria para o burel, que antes de ser submettido á *fula* é um tecido de lã simples, raro a ponto de se contarem facilmente os fios por entre os quaes se vê o dia e pouco consistente. Depois de submettido á *fula* diminue em extensão superficial, augmenta muito de espessura, perde a transparencia, torna-se consistente e apresenta uma intima ligação de fibras.

A *fula* é uma operação feita nos engenhos chamados pisões ou *mascôtos.* Taes engenhos consistem n'uma tina de madeira, assente em cantaria, e dentro d'aquella dois grandes mascôtos, movidos alternadamente pela força da agoa, batem no fundo da tina o tecido raro de lã immerso em agoa a ferver. Fabrica-se o burel na freguezia do Amonde, onde existe um engenho de pisões.

Dos tecidos não feltrosos colleccionamos varias amostras apresentando algumas no presente estudo em figuras coloridas com a numeração romana de I a VIII.

A amostra, (fig. I), pertence a riscas especialmente chamadas *sirguilhas,* para saias usuaes São urdidas com algodão e tapadas com lã e estopa, predominando esta. Tecidas e usadas nas freguezias de Affife, Ancora, Carreço, Amonde, Outeiro, etc.

As numeradas de II a V, urdidas com algodão e tapadas com lã do Porto e alguma do districto, pertencem a riscas de saias de luxo, sendo muitas as variedades em côres e desenhos, conforme o gosto e phantasia da tecedeira.

As numeradas de VI a VII são riscas de lã para aventaes e respectivas barras, notando-se variada e artistica disposição das côres simples e compostas e da côr preta. São todas tecidas com as lãs do Porto fazendo a trama, em que se puxam os *topes,* relevos e feitios de facil execução.

Tanto as saias como os aventaes referidos são usados e tecidos nas freguezias de Meadella, Santa Martha, Serrelleis e Cardiellas, etc.

Resta fazer menção da *liteira* urdida com estopa e tapada com a mesma lã preta natural; é manufacturada em Outeiro e muito usada em calças para o serviço da lavoura. Estes formosos productos, d'uma industria quasi extincta, teem por área de consumo a maior parte do districto e concorrem aos mercados semanaes ou quinzenaes de Vianna do Castello, Ponte do Lima, Couto, Barcellos, etc.

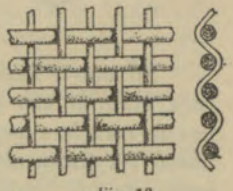


Fig. 13.

Familias, especialmente inglezas, que visitam esta parte do Minho, adquirem por um preço remunerador, vestuarios completos, que muito apreciam. E um vestuario de luxo, constando de saia, avental, collete e camisa apropriada, poderá custar vinte mil reis; um vestuario médio, doze mil reis; o usual ou ordinario regula por seis mil reis.

Em Vianna do Castello, meninas da melhor sociedade, em dias de carnaval, vestem-se a moda aldeã—camisa de puro linho, meia branca e chinelinha, saia, avental, algibeira e collete decotado.

Conclusão.—Deixamos tratada summariamente a industria caseira de fiação e tecidos no districto de Vianna do Castello, não nos limitando á simples indicação de apparelhos e tecidos, mas accrescentando-a com explicações que nos pareceram indispensaveis para d'uns e d'outros se fazer completa ideia. Não sabemos se conseguimos o fim que nos foi proposto; affirmamos, porém, ter dedicado todo o nosso zelo ao estudo findo, para que elle sahisse o mais regular possivel.

Vianna do Castello, 12 d'Abril de 1898. B. D. Coelho.

PESOS DE TEAR

Nos teares primitivos, que ainda em grande numero se encontram espalhados pelas nossas villas e aldeias, ha um peso que serve para retesar os fios. No geral, é um calhau, uma pedra, um pedaço de madeira, com o peso sufficiente para satisfazer o fim desejado.

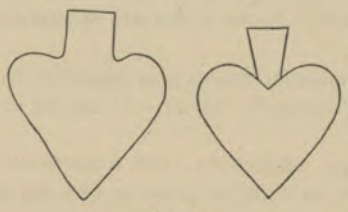


Fig. 1.

Ha, porém, varias localidades onde os pesos dos teares teem formas especiaes. Os dos teares da villa de Maiorca e logar d'Anta (concelho da Figueira da Foz), que ainda ali se encontram em grande numero, teem a forma d'um coração e são, uns perfeitamente lisos, tendo na parte superior uma argola de metal para por ella se dependurarem, e outros pintados e com varios desenhos e muitas vezes com disticos. De ordinario são feitos de calcareo e dados pelos rapazes ás escolhidas do seu coração.

Possuimos alguns d'esses pesos *(corações*, como as tecedeiras lhes chamam) que, por intermedio de dois amigos, com bastante custo obtivemos, pois que as tecedeiras não os cedem facilmente. Dois d'elles são interessantes: um, fig. 2, tem n'uma das faces o seguinte letreiro: SOA TI AMO e por baixo uma flôr pintada a preto e vermelho; na outra face, um quadrado perfeito vasado na pedra e em volta umas flôres. O outro peso, fig. 3, já bastante antigo, pois a dona era uma boa velha que nos disse que aquelle *coração* fôra offerecido, como ouvira dizer ás vezes á mãe, á avó d'esta pelo seu namorado; tem n'uma face tambem um quadrado vasado, e por cima, entre linhas parallelas, o seguinte letreiro, naturalmente o nome da pessoa a quem foi offerecido: ANNADA PIADA^{DE} e na outra face um ramo, grosseiramente esculpido.

Fig. 2.

Fig. 3.

No Museu Ethnologico Português ha varios pesos, do mesmo feitio, provenientes de Alcobaça, Porto de Moz e Aljubarrota. São de calcareo e de loiça, vidrados e pintados a côres, tendo uns um coração e uma chave (amuleto muito usado pelo nosso povo) e outros a inscripção: JESUS, MARIA. Na ornamentação d'estes pesos predomina o sentimento religioso, emquanto que nos primeiros de que fallamos predomina o sentimento do amor.

Hoje o prosaismo do progresso vae banindo estes costumes tão singelos e que eram o encanto dos nossos avós.

P. Belchior da Cruz.

NOTAS ETHNOGRAPHICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA

II

A PESCA FLUVIAL

É principalmente a numerosa população que habita as povoações que demoram ao sul da Figueira, a Galla e Cova de Lavos, do outro lado do Mondego, em frente da cidade, que se entrega com mais afan á pesca fluvial e onde existe maior numero de barcos, rêdes e outros apparelhos piscicolas.

Os pescadores de Buarcos occupam-se quasi exclusivamente na pesca do alto ou na captura da sardinha, quer no mar largo, na occasião de safara, quer na costa com as artes ou rêdes de arrasto. O numero de pescadores que actualmente habitam a cidade é insignificante. É pois nas povoações acima mencionadas onde se recruta a maior parte dos individuos que no vasto estuario do Mondego se entrega a esta industria.

Fig. 1.—Varinos pescando

As especies piscicolas que mais abundam no Mondego são os linguados, sôlhas, tainhas, robalêtes, enguias, fanecas, etc., que se pescam durante todo o anno, e as lampreias, saveis, savélhas o corvinas, de Janeiro a Abril, quando estes peixes sobem os rios para a desova. Nos bancos e covões de arêa que se espalham pelo leito do rio, e ficam a descoberto na vasante das marés, apanha-se o berbigão, o mexilhão, a navalha, o lingueirão, etc.

Principalmente de inverno, quando a agitação do mar impede a sahida dos barcos para a pesca do alto, e por este motivo se torna impossivel tambem o emprego das rêdes de arrasto, a pesca fluvial attinge extraordinaria importancia, abastecendo ella só os mercados da Figueira, Coimbra e outras povoações limitrophes.

Na primavera numerosos grupos de pescadores da Galla e Cova vão todos os annos exercer a sua industria no Tejo, onde a pesca é mais remuneradora, empregando-se na captura do sa-

vel e corvina, que nos mezes de Março, Abril e Maio abundam extraordinariamente n'aquelle grande rio. Terminada a safara, eil-os que voltam de novo ao Mondego, até principios de Novembro, epoca em que o apparecimento dos primeiros *bancos* de sardinha os chama ao mar largo.

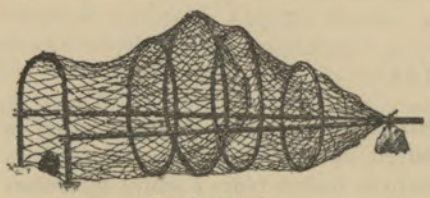


Fig. 2.—Botirão

Barcos.—Os barcos que se empregam na pesca, no rio Mondego, são os *Varinos, Bateiras* e *Mulêtas*. Já tratamos dos dois ultimos e os descrevemos na primeira parte d'estas notas; por isso nos limitamos a apresentar o desenho dos differentes typos d'estes barcos. Quanto aos varinos são barcos de fundo chato, com a prôa mais levantada e curva do que a pôpa, e tendo um pequeno castello. As suas dimensões ordinarias são 9^{m} de comprido e 2^{m} de bôca. São movidos á vella ou a 2 remos, e tripulados por 2 a 4 pescadores. (Fig. 1).

Rêdes. Rèdes de emalhar volantes.—*Tresmalho.*—É uma das rêdes mais vulgares no Mondego, empregando-se de preferencia a outra qualquer, principalmente para a captura do savel. Compõe-se de tres rêdes sobrepostas chamadas, as de fóra, *alvitanas* e a de dentro *miudo*. A altura d'esta rêde é ordinariamente de 1^{m},5 e o comprimento de 12 a 15^{m}. Em cima tem pequenas boias ou fluctuadores de cortiça, e em baixo pesos de chumbo de entralhe a entralhe.

São lançadas de preferencia em volta dos cabeços de aréa ou ao longo da corrente do rio.

Lampreeiras.—Rêdes de tres pannos, chamadas, como as dos tresmalhos, *alvitanas* e *miudo*, medindo toda a rêde 50^{m} de comprimento, pouco mais ou menos. A altura das *alvitanas* regula entre 2^{m},50 a 2^{m},70 e a do *miudo* entre 4^{m} a 4^{m},30.

Teem, na parte superior, boias ou fluctuadores de cortiça, e na inferior pesos de chumbo.

Lança-se atravessada á corrente, sem tocar no fundo, e os pescadores vão-n'a levantando e tirando o peixe á proporção que elle vae cahindo n'ella, tornando-a depois a deitar. Fluctua sempre á superficie da agoa, para o que se empregam grandes boias de cortiça.

Apparelhos de rêde envolvente fixos.—*Botirão.*—É uma das mais vulgarmente usadas em todo o curso do Mondego, onde póde exercer-se a pesca, e consiste em uma rêde em fórma de sacco cónico, tendo de circumferencia na bôca 16^{m}, pouco mais ou menos, e 13^{m} de altura. Dentro, e a 6 ou 7 metros da bôca, tem outro sacco mais pequeno tambem em fórma de cóne truncado, a que chamam *nasso*, de approximadamente 2 metros de diametro, e que tem por fim impedir que o peixe possa fugir depois de entrar no apparelho. A malha é mais larga desde a bôca (0^{m},04 de lado) até ao *nasso*, onde começa a ter 0^{m},015, diminuindo gradualmente, até que na extremidade não tem mais do que 0^{m},005.

Os botirões (fig. 2) são lançados ou presos a estacas que lhes aguentam a bôca, que fica com esta disposição, formando um quadrado, ou são apenas presos a uma só estaca que os segura. São collocados de fórma que a bôca fique voltada para o lado d'onde vem a corrente, e o lado inferior assenta no leito do rio.

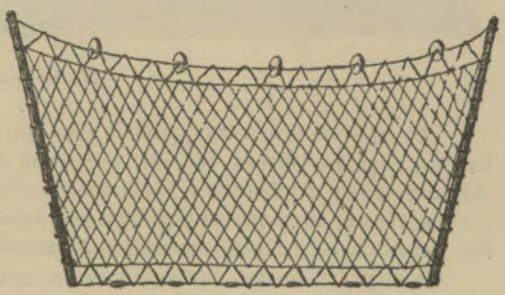


Fig. 3.—Côa

Apparelhos de rêde envolvente volantes.—Empregam-se na pesca fluvial alguns dos apparelhos de rêde envolvente volante que se usam na pesca maritima, taes como a *Varina, Zôrro* e *Neta*, já descriptas na primeira parte d'estas notas.

Além d'estas usam os pescadores do Mondego uma outra a que chamam *Côa das pichas* (fig. 3) por ser destinada á captura d'este marisco e ainda do camarão, enguia e outros peixes de pequeno tamanho, e é composto de um panno de tres metros de comprido por um de largo, formando no

meio um *copo* ou *seio* onde se vae depositando o peixe á proporção que a rêde é arrastada. Ás extremidades das rêdes prendem duas varas, onde ella entralha; na parte superior tem fluctuadores de cortiça e na inferior pesos de chumbo. Esta rêde é deitada por dois homens, indo um por dentro da agoa, junto á margem, e outro por terra, arrastando ambos a rêde pelas varas.

Ha tambem uma *rêde das pichas* mais pequena, que é lançada por um só homem o qual, segurando as varas uma em cada mão, a vae arrastando.

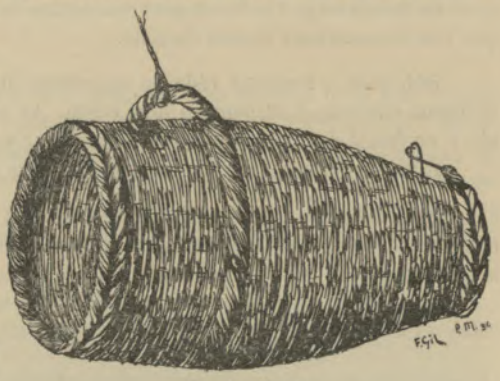


Fig. 4.—Nassa

Rêdes do pilado.—São compostas de um sacco, com 3 a 4 metros de comprimento, e 10 a 12 de bôca, do qual partem, em posições oppostas, dois pannos de rêde denominados *mangas*, de 25 a 30 metros de comprido. A malha do sacco vae estreitando gradualmente da bôca para o fundo, onde tem apenas 0m,015; a das mangas é toda egual (0m,035).

São empregados na pesca do *pilado*, não só pelos pescadores da Cova e Galla, mas tambem pelos de Buarcos.

Apparelhos fixos.—*Estacada ou atalhos.*—Este apparelho consiste n'uma ou muitas rêdes de um só panno, que se collocam em posição vertical, fazendo ordinariamente cerco em volta das corôas ou cabeços de areia que existem no leito do rio. O comprimento de cada panno varia entre 30 a 35 metros, e as rêdes são mantidas na posição vertical por meio de fortes estacas cravadas no fundo do rio, e onde prendem os pannos. Os atalhos são collocados na baixa-mar, e só se levantam na vasante seguinte, sendo este serviço desempenhado por muitos pescadores, conforme o tamanho das rêdes, que teem de ser levantadas ao mesmo tempo, para evitar a fuga do peixe.

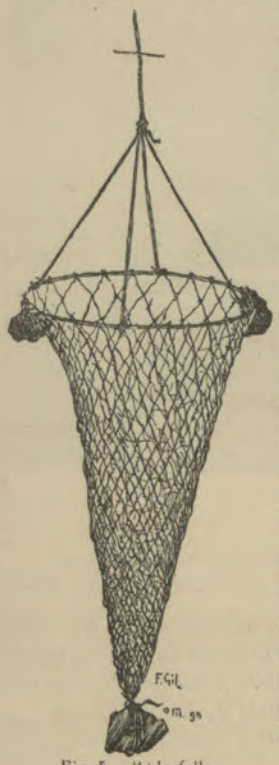


Fig. 5.—Rêde-folle

Apparelhos de verga em fórma de ratoeira.—*Cófos.*—O cófo é uma armadilha feita de verga ou de canna entrançada, e tendo a fórma de um cône truncado. A base maior serve de abertura, e é guarnecida de cannas agudas, dispostas como nas ratoeiras ordinarias, de fórma que o peixe entrando é-lhe impossivel tornar a sahir. Do lado opposto, na base menor, tem uma especie de porta por onde se tira o peixe que cae no apparelho. Esta armadilha deita-se no fundo do rio, provida da competente *isca*, a fim de atrahir o peixe, e segura por meio de pedras.

Nassa.—É outra armadilha (fig. 4) semelhante ao *cófo*, feita quasi sempre de verga, com a malha mais miuda, e que se emprega ordinariamente para a captura da enguia nas vallas e pequenos cursos d'agua. A forma d'este apparelho é mais *oval* do que a do cófo, mas a disposição interior é a mesma. É collocado tambem no fundo do rio com a bôca virada para a corrente, e egualmente seguro por meio de pedras que se lhe amarram aos lados.

Outros apparelhos.—*Ancinho.*—Rêde de suspensão que se emprega principalmente para a captura do berbigão e mexilhão que se accumulam nos bancos de areia tanto á entrada da barra como no leito do rio, perto da foz.

O ancinho é um apparelho que consta de uma verga de ferro em fórma de *pente*, com 30 a

35 dentes, e não differindo dos utensilios agricolas que teem o mesmo nome. Ás extremidades do pente liga-se um arco de ferro, onde entralha uma rêde destinada a receber o marisco. Este apparelho é encabado n'uma vara de 3 a 4 metros de comprimento.

Os pescadores revolvem com os dentes do ancinho a areia onde está enterrado o marisco, que vae cahindo para dentro da rêde.

Rêde-folle.— Pequena rêde de suspensão (fig. 5), composta de um sacco cosido a um arame de forma circular, e suspenso a uma corda. Ao arco prendem duas pedras, para servirem de lastro, e no fundo do sacco está outra amarrada com o mesmo fim.

É usado pelos rapazes á beira do rio, para a pesca do caranguejo e de peixes pequenos.

Esteiralhos.— Apparelhos empregados para a pesca da tainha e de outros peixes saltadores; consistem n'uma porção de esteiras de *bunho* ligadas umas ás outras, e que um ou dois barcos arrastam sobre a superficie do rio, á mercê da corrente. (Fig. 6).

As tainhas, assustadas com a sombra que faz o apparelho, saltam para fóra da agua, cahindo sobre as esteiras, onde os pescadores as apanham.

Fig. 6.—Pesca ao esteiralho

PESCA Á ANZOL E OUTROS APPARELHOS

Linhas de pesca.— Teem 40 metros de comprimento, pouco mais ou menos, com tres estropos de crina a que chamam *broscas*, em cada um dos quaes está espetado um anzol de pequenas dimensões iscado com minhoca, lula ou mesmo sardinha. Ao chicote anda preso um pequeno pêso de chumbo. Como na pesca maritima, empregam-se tambem os espinheis de muitos anzóes.

Para a pesca do peixe miudo empregam-se linhas de 5 a 6 metros, munidas da respectiva canna, e com um ou mais anzóes de pequenas dimensões.

Sertella.— Consiste este apparelho, destinado á pesca da enguia, em enfiadas de minhocas colhidas em aduchas, cujas extremidades são ligadas entre si. Collocam-se na extremidade de uma vara, se a agoa é pouco profunda, ou então amarra-se a qualquer linha de pesca.

Apanha de plantas marinhas.—Empregam-se principalmente as mulheres e as creanças na apanha e corte do sargaço desde o principio de Julho e na vasante das marés, servindo-se para isto de pequenas foices de ferro e na apanha dos limos durante todo o anno, quando o mar embravecido arroja á praia grande quantidade d'elles ou entre os rochedos onde estão adherentes.

A apanha dos limos é feita com enxadas de ferro ou com ancinhos de madeira.

Concerto e encasque das rêdes.—O concerto e encasque das rêdes é feito pelo mesmo systema do que em Buarcos, auxiliando muito este serviço as mulheres. Para as rêdes de arrasto, tanto da sardinha como de outra pesca que se damnificam mais facilmente do que as outras, ha mesmo um certo numero de individuos a que chamam *redeiros, atadores* ou *concertadores,* que exclusivamente se dedicam a este serviço na epoca de mais abundancia de peixe, em que se empregam simultaneamente os apparelhos de pesca do alto, costeira e fluvial, principalmente nos mezes decorridos de Março a Maio.

Fig. 7.—Cahique

NOTAS

Os pescadores da Cova de Lavos habitam em casas de madeira, chamadas *palheiros,* construidas sobre estacaria ao longo da praia, junto ao mar. Eguaes habitações occupam os pescadores da *Costa de Lavos* e da *Leirosa,* povoações situadas ao sul da Cova de Lavos, e cujos habitantes se dedicam exclusivamente ao exercicio da pesca, com as rêdes de arrasto no tempo da safara, indo tambem grande quantidade d'elles para a pesca do savel no Tejo, na epoca propria.

Na Galla, povoação que é atravessada pela estrada a macadam da Figueira a Leiria, ha já bastantes casas de alvenaria, mas continuam a usar-se as casas de madeira, ou *palheiros,* para deposito e salga da sardinha e armazenagem e preparo do *pilado.*

A pesca do *pilado* (caranguejo) destinado ao adubo das terras, tem attingido em alguns annos uma grande importancia, empregando-se na captura d'este marisco dezenas de barcos, e constituindo este genero de pesca uma boa fonte de receita para os pobres pescadores.

Quando a abundancia de *petinga* (sardinha pequena) é grande, e que por isso não encontra facil venda para consumo, aproveitam-n'a tambem para adubo das terras.

Havendo abundancia de peixe (pescada, raia, cação) ou quando este não está em condições de ser consumido fresco, é secco ao sol e depois vendido, principalmente no mercado da Figueira, durante o inverno, quando escasseia o peixe fresco.

De Cesimbra e de differentes portos do Algarve vem durante o inverno grande quantidade de peixe salgado (cavalla ou sarda e chicharro grande principalmente), que, entrando pela barra da Figueira, é depois vendido não só na cidade mas em Coimbra e n'outras povoações da Beira.

Este peixe é transportado em pequenos navios de cabotagem, chamados *cahiques* (fig. 7) que são muito usados no Algarve, não só para o transporte de peixe, mas ainda para o de figo, alfarroba, etc.

A pesca longinqua é tambem exercida na Figueira por 3 navios de alto bordo, 2 lugres e 1 hiate, que todos os annos apparelham n'este porto com destino á Terra Nova, onde vão pescar bacalhau. A tripulação d'estes navios é quasi toda da Figueira, excepto os pescadores, que são dos Açores onde os navios os vão buscar na ida para a America, deixando-os ali outra vez no regresso á Europa.

No concelho da Figueira não existe instituição alguma destinada a soccorrer os pescadores nas suas doenças ou total impossibilidade. As unicas instituições de caridade que os soccorrem, na medida dos seus pequenos recursos, são as Misericordias de Buarcos e Figueira.

No hospital d'esta ultima localidade tratam-se alguns quando atacados de qualquer doença. Nas freguezias do littoral ha o costume de, quando algum pescador adoece, a familia se dirigir ao parocho, que nomeia um ou mais individuos a que chamam *pedidores* e que percorrem as povoações esmolando em favor do doente.

Os pescadores fazem á sua custa, quasi todos os annos, a festa de S. Pedro, em Buarcos e na Cova de Lavos, e a da S.ª da Conceição n'uma capella que existe na praia da Costa de Lavos.

PEDRO FERNANDES THOMÁS.

COSTUMES ALGARVIOS

(Notas e observações)

—

O AGUADEIRO

Não é propriamente d'essa entidade que, sob o nome que nos serve de epigraphe, constitue em algumas partes um verdadeiro typo que vamos occupar-nos, mas sobretudo dos varios systemas usados na provincia do Algarve para abastecer d'agua as habitações. Temos a distinguir n'este abastecimento duas differenças capitaes: ou a povoação é rural ou urbana. Nas povoações ruraes são geralmente as mulheres que tomam sobre si esse encargo, sendo o cahir da tarde a hora escolhida de preferencia para tal mister. Munidas quando não do cantaro (que é um vaso provavelmente successor da amphora romana de 0m,5 d'altura, da bôca ao fundo, de grande bôjo, cuja maior grossura é de 1m, de fundo chato e com duas azas que, tendo inicio na extremidade do gargalo, veem terminar a meio do bôjo) então da quarta, que ora é um cantaro de inferiores dimensões, ora um vaso em extremo bojudo e apenas com uma asa, lá se encaminham, por vezes em alegres ranchos, para o deposito publico, fonte ou poço e, emquanto a agua vae cantando dentro da vasilha, entreteem-se em taramelar geralmente sobre a vida alheia ou as ultimas novidades da terra.

Cheio o vaso, dão-lhe um pequeno safanão para que a agua esvasie um pouco e não tresborde depois na sua conducção para casa; em seguida enrolam um panno velho a que dão o nome de *sogra*, collocam-n'o sobre a cabeça á laia de turbante, depois com a maior agilidade assentam

sobre elle o vaso e finalmente, por um prodigio de equilibrio, sem o segurarem com as mãos, lá o levam para as suas habitações, sempre palrando e chalaceando umas com as outras, ou em alegres descantes. Outras, em vez de pôrem o cantaro á cabeça, collocam-n'o sobre o quadril direito e, passando o braço pela asa de fora, lá o transportam, na apparencia sem o menor custo, apesar de muitas vezes terem de subir a encosta da montanha sobre que assenta a povoação. É um espectaculo em extremo attrahente vêr esses ranchos de moçoilas de seios opulentos, braços carnudos e feições rosadas, a respirarem saude por todos os poros, de saia de frisa curta, deixando muitas vezes vêr as extremidades das pernas nuas, com os pés mettidos em grosseiros sapatos, irem cantarolando ou chalrando, na mais completa indifferença pelos cuidados da vida, como quem só procura gozar a mocidade.

É como uma d'estas raparigas que a nossa phantasia se compraz em figurar a formosa Rebecca do bonito episodio biblico, dando de beber aos camellos do servo de Abrahão.

Mas, ainda nos campos, se a fonte que abastece a povoação vem pela estiagem a seccar-se, forçando assim os seus habitantes a irem mais longe procurar a agua desejada, ou quando se não seque, fica a grande distancia, servem-se para a sua conducção de um animal que na maioria dos casos é o burro, sendo então o homem que geralmente o conduz. Collocam-lhe por sobre a albarda as *cangalhas*, nome que aqui se dá a um objecto feito mais vezes de madeira que de ferro, constituido por dois paus quasi curvos, a formarem uma especie de angulo obliquo, unidos no extremo externo e no vertice do angulo por dois outros horisontaes, os quaes passam por dois furos abertos n'aquelles. Nos extremos oppostos ha outros dois furos que prendem por um annel de corda, com a outra parte do utensilio inteiramente identica a esta. É no espaço deixado vasio entre as travessas que assentam o cantaro, por cujas asas ás vezes passam, para melhor o segurar, uma pequena corda a prendel-o ás extremidades das cangalhas; por sobre a albarda, na parte que fica entre as duas peças de que são formadas as cangalhas, [1] vae assentado o conductor do animal.

Nas povoações urbanas o systema mais em voga é a pipa montada sobre um carro, com ou sem capoeira, puxado por uma muar; n'estes casos o cantaro que vem pendurado a um dos varaes, em vez de ser de barro, é de lata, mas sem a arqueadura do bojo tão desenvolvida como n'aquelle.

Aqui (Lagos), além da pipa e do jumento, usa-se tambem do carro de mão que é formado por dois paus polidos, unidos na extremidade pelo eixo em que vae a roda; logo a seguir ao eixo ha duas ou tres travessas separadas ao meio por uma terceira, formando assim duas ou quatro cavidades de fórma quadrada onde se introduzem os cantaros. Na parte inferior e extrema da ultima travessa existem uns supportes de madeira ou ferro que dão ao utensilio, quando em descanço, o feitio de um plano inclinado.

É na extremidade dos dois paus polidos, um tanto curva, que segura o individuo que se serve do carro, ao qual, como em geral a todo o que vive de vender agoa, seja qual fôr o meio de conducção de que use, se dá o nome de aguadeiro. Ha ainda aqui outro carro puxado por um burro de que se servem tambem os aguadeiros e é constituido, além dos varaes em que se junge o animal e do respectivo eixo com duas rodas, da mesma fórma que o antecedente com a differença apenas de, em vez de duas ou quatro cavidades, ter dez, podendo assim transportar maior quantidade d'agoa, ainda que os cantaros n'elle usados são de capacidade inferior aos geralmente em voga. Annos atraz, era costume entre a gente pobre ir um dos homens de casa, marido ou filho, buscar a agoa ao deposito publico, para o que se servia d'um cantaro que, depois de cheio e tapado com uma placa de coiro, trazia inclinado ao hombro.

---

[1] Ha ainda outra variedade de cangalhas que serve para transporte de lenha ou palha; n'este caso os dois paus de que ellas são formadas teem a fórma convexa e no extremo exterior dois furos verticaes onde entram umas varas de mais de um metro d'altura, as quaes prendem por uma corda ás outras oppostas, segurando no espaço intermedio o objecto a transportar — lenha ou palha.

MOÍNHOS

São de duas especies os usados n'esta provincia para a moeção de cereaes, a saber—o *de vento* e o *d'agoa*. Começaremos pelos primeiros. Vistos de fóra teem aquelles a fórma d'um verdadeiro cylindro terminando por um cone. No vertice d'este ha em geral um catavento. Considerado no seu interior divide-se o moínho em questão em dois ou tres compartimentos separados entre si por um sobrado e communicando por uma escada de pedra em caracol. Examinemos cada um d'estes compartimentos em especial, começando pelo ultimo. Sobre a extremidade superior da parede do moínho, toda coberta de lageas com um pequeno cano ao centro, assenta uma peça de madeira circular munida de rodas a que dão o nome de *frechal;* d'aqui parte um ripado que, indo terminar em ponta, é coberto por palha de centeio e algumas vezes folhas de lata; chama-se a *capoeira*. Servem as rodas annexas ao frechal (além da peça circular de que fallamos, tem tambem este nome a cantaria onde ella gira) para, consoante o lado d'onde sopra o vento, fazer rodar por sobre o caneiro a capoeira, que n'um dos lados tem uma abertura em forma e com o nome de *trapeira*, pela qual sahe uma trave enorme denominada *mastro*, poisque na sua parte exterior, a alguma distancia da parede do moínho, é atravessada de lado a lado por quatro compridas varas, onde se enrolam as velas. Da extremidade do mastro veem cordas ás das vergas que tambem se prendem entre si de forma identica. Ao mastro, que gira sob o impulso do vento e vem na extremidade interna entrar por um ferro de ponta conica a que dão o nome de *aguilhão*, n'um orificio aberto no frechal, chamado *rala*, adhere uma roda dentada, a *entrosa*. Inferior ao mastro e presa tambem ao frechal ha outra trave do diametro do moínho a que se chama *ponte*. A meio d'esta prende-se por parafusos uma chapa de madeira denominada *taco*. Entre este e a ponte passa um ferro da grossura pouco mais ou menos d'um pulso de homem, o qual, sendo circular, logo ao sahir do taco tem quatro quinas. Esta fórma é indispensavel para melhor adherir ao *carrête*, que são duas chapas de madeira, circulares, forradas no exterior de folha de ferro e presas uma á outra por sete ou oito pausinhos redondos de um palmo de comprido e collocados a pequena distancia uns dos outros: são os *fusellos*. O ferro ou veio de que acabamos de fallar continua com a sua fórma quadrangular, que só torna a mudar para circular ao atravessar uma pequenina trave de palmo e meio collocada n'uma abertura feita no sobrado do ultimo andar, e vae inserir-se na parte mais grossa da *segurelha*, o *castello*, depois de transpor a mó superior. Eis como funcciona o mechanismo: o mastro, ao girar impellido pelo vento, arrasta comsigo a roda, cujos dentes vão passando por entre os fusellos, imprimindo assim um movimento de rotação no ferro que atravessa o carrête e portanto a todo o moinho.

Voltemos ainda ao ultimo andar. Á ponte e ao frechal adherem quatro pequenas traves, chamadas *estroncas*, distanciadas entre si, as posteriores á ponte e do lado da entrosa mais do que as da frente. Estas, a quatro palmos do frechal, ligam-se entre si por uma trave mais pequena a que está fixo o *sarilho*, que é um pau circular excepto meio palmo a partir da trave, onde entram quatro outros da grossura d'um pulso e egualmente redondos: são os *braços do sarilho*. Este, na extremidade opposta, vae fixar-se n'uma grande chapa de madeira que quasi tapa toda a trapeira, o *moente*, e adhere na parte inferior ao frechal, sustentando na superior o mastro que só d'aqui em deante toma a forma circular, sahindo para fóra pelo restante espaço que aquelle deixa a descoberto. Eis como funcciona o sarilho. Na parede do moínho ha varias pedras embutidas, chamadas *cachorros*, as quaes terminam por um furo. Passa-se um calabre através este e o sarilho e, quando se precisa de fazer rodar a capoeira, anda-se com os braços do sarilho, esticando e estreitando por esta forma o calabre até se levar a cobertura ao ponto a que se deseja.

No segundo pavimento ficam as mós, a de baixo muito mais grossa do que a de cima. A meia altura d'ellas ha uma travessa, d'uns quatro dedos de largo, a rodeal-as, excepto no sitio em que cahe a farinha; chamam-lhe os *arredores;* por sobre estes assenta, em toda a sua extensão, um anteparo de madeira a que dão o nome de *cambeiras;* a ligar com os dois extremos dos arredores estão os *paraes*, que são duas taboas de meio metro de largura, pouco mais ou menos, collocadas verticalmente e um tanto inclinadas para traz; é na parte do sobrado que fica entre elles que vem depositar-se a farinha, ao sahir de entre as mós.

A um poste que fica junto ás mós chamado *pião* ou a uma grade de madeira fixa sobre as cambeiras está presa a *tolda* que tem a configuração d'uma pyramide quadrangular invertida e é feita de madeira: aqui se lança o trigo. A tolda communica na parte inferior com uma especie de telha, tambem de madeira, presa áquella por umas correias e á qual se dá o nome de *taboleiro*. Este, inclinado sobre o olho da mó, é posto em movimento por um pausinho circular, o *cadello*, que, vindo terminar na face superior da mesma, recebe d'esta, em virtude da sua rotação e aspereza, uma tremura que faz com que o grão vá cahindo a pouco e pouco, para ir depois sahir já convertido em farinha.

No terceiro pavimento existem duas traves collocadas verticalmente, as quaes servem de supporte ao sobrado e ás mós que este sustenta. Entre estas traves e um tanto abaixo do sobrado passa outra em sentido horisontal chamado *orreiro* (?); n'este ha inserto, n'uma pequena cavidade, um quadradinho de ferro denominado *mealho*, do meio do qual sahe um ferro que, sendo conico no seu inicio, atravessa a mó inferior, que está fixa, e entra no extremo opposto n'um pedaço de ferro, de um palmo de comprido pouco mais ou menos, a *segurelha*, que por sua vez vae adaptar-se a uma cavidade aberta na mó superior. Vimos atraz que na parte mais grossa d'esta, o castello, adhere á extremidade inferior do ferro que passa por entre o carrête; o seu movimento, pois, faz girar a segurelha e com ella o ferro inferior que a sustenta. N'este costumam ás vezes metter, um pouco acima do orreiro, uma rodella de madeira e passando-lhe uma correia de dois dedos de largo, aproveitar o seu movimento para fazer girar outro ferro identico, mas mais pequeno, tambem com sua rodella e orreiro e conjunctamente umas pequeninas mós de um meio metro de diametro, com sua toldazinha e mais pertences: servem-se d'ellas para moer milho. Tambem para a moeção d'este cereal em casa, tem quasi toda a gente, especialmente a pobre, uma molineta, instrumento este que é constituido por duas mós de cerca de meio metro de diametro: no centro da inferior ha um espigo de ferro onde entra a segurelha de madeira; na superior existe a cavidade para ella e em continuação a esta um orificio circular onde deitam o milho. A um dos lados está fixo um pausinho redondo que serve para, á mão, imprimir á mó de cima o movimento rotatorio.

Mas tornemos ao moinho. No logar onde cahe a farinha ha no sobrado um orificio ao qual, quando é o arroz o cereal a moer-se, se adapta um tubo de lata que vem terminar n'uma peça cylindrica, chamada *joeiro*, formada por uma rêde muito compacta de arame. É através esta rêde que passa o farello do arroz, indo o grão cahir pela abertura inferior do dito tubo. N'estas circumstancias é d'uso, antes de deitar n'ella o arroz, forrar primeiro de cortiça a mó inferior.

Communica o ultimo andar ou pavimento do moinho com o exterior por duas frestas ou janellas pequenas; no segundo ha tambem uma janella de eguaes dimensões e uma porta da qual se póde sahir para fóra por uma escada de cantaria encostada á parede exterior do moinho: chamam-lhe o *portaló*. No andar inferior ha tambem uma porta de entrada.

Quando se carece de ferrar ou soltar as velas ao moinho, consoante o vento é muito ou pouco, prende-se o mastro a uma argola fixa na parede, servindo-se para isso d'um calabre chamado *cabresto*. O feitio das velas em todos os moinhos que temos visto no Algarve é triangular, fazendo lembrar, quando todas desenroladas, a cruz da ordem de Christo.

N'esta provincia abundam muito os moinhos de vento, não havendo povoação ou logarejo que não possua mais d'um. A sua vista é certamente um consolo ou um lenitivo para o viandante, sobretudo quando a noite, ou a chuva ou o calor o salteia na sua peregrinação através da serra, pela esperança de breve encontrar um logar de refugio, esperança que não tarda a confirmar-se, quando, ao transpôr a eminencia em que elle se encontra, vê alvejar ao longe a torre da egreja da aldeia assentada no valle.

Passemos agora ao moinho d'agoa. Este não tem, como o de vento, fórma exterior especial; existe quasi sempre em numero superior a dois, na mesma habitação do moleiro. Junto d'esta e a montante ha uma especie de lagoa formada por agoa doce ou salgada represada; communica esta por meio d'uma comporta, a que alguns dão o nome de *atocho*, com um canal que vae entrar n'uma especie de poço circular d'um metro de diametro, d'onde continua por outro conducto para a parte opposta. Do pavimento da casa desce-se ao poço por uma escada de pedra formada por tres degraus. No fundo d'este poço, em uma cavidade aberta nas lageas que o forram, está uma

trave que tem o nome de *orreiro;* n'uma das extremidades d'este, chamada as *orelhas do orreiro,* entra uma vara de ferro denominada a *agulha,* a qual, collocada em sentido vertical, vem terminar um palmo, pouco mais ou menos, acima do sobrado, por uma rosca em que se insere uma manivella: serve para abaixar ou levantar as mós. A meio do orreiro ha uma pequena cavidade onde entra uma placa de ferro quadrada; é a *mealha.* N'esta penetra por meio d'um espigão do mesmo metal a *pella,* que é um madeiro com quatro faces até ao meio e d'ahi para cima redondo, tendo na extremidade superior um ferro que atravessa a mó inferior e por meio d'uma segurelha, mettida n'uma cavidade, sustenta a superior. Na parte inferior da pella entra o *rodête,* que é uma peça circular com um orificio ao centro e seis raios; o espaço, porém, existente entre estes é tapado de madeira que, a principio da grossura do raio d'onde parte vae diminuindo em espessura até, perto do outro raio, deixar um pequeno espaço vasio por todo o comprimento d'elle. Eis como funcciona o mechanismo: a agoa precipitando-se da represa no canal vae bater no rodête, pondo-o em movimento e conseguintemente a pella e a mó superior.

As mós e mais peças respectivas são em tudo identicas ás dos moinhos de vento e portanto remettemos o leitor para a descripção atrás.

É esta a especie de moinhos d'agoa mais em voga n'esta provincia, mas ha tambem os chamados *de rodizio* e as azenhas ou *acenhas* que apenas divergem do descripto em terem aquelles uma roda com palhetas em vez de rodete e estas uma grande roda na parte exterior do edificio, sobre a qual vem cahir a agoa trazida por um conducto. Embora menos numerosos que os de vento são ainda assim bastante frequentes os moinhos movidos a agoa, podendo bem dizer-se que se não encontra ribeiro ou braço de rio onde não appareçam alguns.

Tem o nome de *acarretador* o individuo que anda recolhendo o trigo para o moinho, para cuja conducção se serve ou d'uma muar ou d'um carro onde transporta os saccos. A medida aqui em uso é o alqueire (variavel em capacidade de terra para terra) que o acarretador recebe raso e sem volta ou abono, dando depois a farinha com *cogulo.* De cada alqueire de trigo tira o moleiro a maquia, medida equivalente a um litro cogulado, a qual dividida em partes desiguaes entre elle, o proprietario do moinho e o acarretador, constitue o ganho do moinho. Como é natural, com a introducção das farinhas vindas de fóra tem esta industria decrescido muito, ha annos a esta parte, deixando de ser uma rasoavel fonte de receita para os possuidores de moinhos.

(Segue)

Lagos (Algarve) J. NUNES.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

1.—Gerinaldo

Princeza:

Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Pagem d'El Rei mais querido,
Porque não fallas d'amor,
Quando te encontras commigo?!

Gerinaldo:

Não fôra eu seu creado
Que não mangava commigo!

Princeza:

Eu não mango, Gerinaldo,
Que eu bem deveras t'o digo!

Entre *las* dez e *las* onze,
Quando o pae 'stiver dormido,
Vem descalço, pés de pernas,
P'ra não sermos presentidos.

Menestrel:

Inda as dez não eram dadas
Já Gerinaldo a caminho,
Com sapatinhos na mão
Para não fazer rugido.

Princeza:

Oh! Quem bate á minha porta,
Quem arromba o meu postigo?!

Gerinaldo:

Sou Gerinaldo, senhora,
Não falto ao promettido!

O rei, desconfiando:

Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Alcança-me o meu calçado...
Ou Gerinaldo é morto,
Ou elle me é refalseado!

Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Alcança-me o meu vestido...
Ou Gerinaldo é morto,
Ou elle se me é pervertido!...

O rei, sabedor de tudo:

Vou matar Gerinaldo,
Criei-o de *pequechinho;*
Para matar a princeza
Fica-me o reino perdido!

Princeza:

Gerinaldo, ó Gerinaldo,
Nós somos presentidos!
O punhal d'ouro do pae
Entre nós está mettido!

Levanta-te, Gerinaldo,
Vae-lhe a fallar humilde,
O castigo que te ha de dar
E' de casares commigo!

O rei:
D'onde vens, ó Gerinaldo?!

Gerinaldo:
Venho da caça perdido;
Só achei uma garça
Dentro d'aquelle *castillo!*

O rei:
Essa garça, Gerinaldo,
Foi creada no meu trigo;
Ama-a tu como mulher
E ella a ti como marido.

Recolhido em Maçores, em 98.

—

2. — Albaninha

«Albaninha, ó Albaninha,
Filha do conde d'Alvar;
Quem te dera, ó Albaninha,
Tres horas ao meu mandar!»
— Tres horas não era nada,
Se te não fosses gabar.—
De manhã ao outro dia
Ao jogo se foi gabar:
«Eu dormi c'uma menina,
Eu dormi c'uma donzella.»
— Diz um irmão para o outro:
Quem seria, ai! quem era?!
Era a nossa Albaninha,
Que não ha outra na terra!—
Hoje lhe cortam a lenha,
Amanhã a vão queimar!
«Quem me leva uma carta
Ao conde de Mont'Alvar?!
Quem me dera um passageiro
Ou um irmão que fosse leal!»
— O irmão aqui o tens
P'ra o que quizer's mandar;
Escreve-lhe tu uma carta,
Que eu lh'a vou já lá levar.—
«Tu és muito pequenino,
Não lhe saberás fallar!»
— Ensina-me tu, Albana,
Como eu lhe hei de fallar.—
«Se elle estiver a comer,
Tu has de deixal-o acabar;
Se elle estiver a dormir,
Has de deixal-o despertar;
Se elle estiver a jogar,
Começarás a fallar:
Deus os ajude, senhores,
E ao Conde de Mont'Alvar.»
— D'onde é esse cavalleiro
Que tão bem sabe fallar?!—
«Sou irmão da Albaninha
Que carta lhe venho dar;
Hoje lhe cortam a lenha
E ámanhã a vão queimar!»
— Não se me dá que a queimem,
Nem que vão a queimar;
Tenho pena do seu ventre,
Que era de sangue real!—
«Oh! mal-o haja a taes homens
Que só as sabem perder
E não sabem resgatal-as;
Mal-o haja a taes mulheres
Que n'elles se vão fintar!»
— Vós como sois minha mãe
Algum conselho m'haveis dar.—
«Veste-te tu já de frade
E faz que a vaes confessar!»
— Alto! Alto, cavalleiros;
Comvosco quero fallar:
D'onde vae essa donzella,
Que inda vae por confessar?!—
«Ella já vae confessada
De curas e frades do logar!»
— Um peccado que ella leva
A mim m'o ha de confessar!—
Agarrou-a pela mão
Levou-a p'ro pé do altar:
«Tens dormido com alguem
De gosto ou de pezar?!»
Sómente foram duas noites
Com Carlos de Mont'Alvar;
Uma fóra de meu gosto
E outra de meu gran pezar.»
— Dá-me um beijo, Albaninha,
Que eu gosto de te beijar!—
«Ou vós sois o meu amor,
Ou não sabeis confessar!»
— Eu sou esse teu amor,
Da morte te vim livrar!
Quedem-se com Deus, senhores,
Justiça d'este logar,
Que a donzella era minha,
Com ella quero casar!—
«Se a levaes bem levada,
Vem cá para t'a dotar,
Se a levaes mal levada,
Deus não t'a deixe gosar.»
—Oh! paes que queimaes as filhas,
Bom dote lhe quereis dar!—

Recolhida em Baçal, concelho de Bragança.

(*Segue*)

CANCIONEIRO

1.ª
Nem no mundo ha dois mundos
Nem no Céo ha dois Senhores;
Nem ha coração que possa
Ser constante a dois amores!

2.ª
A paixão que me domina
Dura emquanto a vida dura;
O amor que nasce d'alma
Só tem fim na sepultura.

3.ª
Procurae ao sete-estrello,
Que bem o ha de saber,
Em que ponto vae a lua
Quando quer amanhecer.

4.ª
Ó alto balcão d'Italia,
De flores reverdecido,
Eu sempre pensei que fosses
Das minhas penas allivio.

5.ª
Fui ao jardim da sciencia
Encontrar o teu amor;
Encontrei o teu retrato
Na mais delicada flór.

6.ª
Das flóres que ha no campo
O junquilho é o rei;
Tiveste penas por mim,
Choraste, que eu bem o sei.

7.ª
Chamaste amor perfeito
A' herva que o campo cria;
Amor perfeito é só Deus,
Filho da Virgem Maria.

8.ª
Tenho um copo d'esmeralda,
Feito por mãos de Cupido;
Fechado com chaves d'ouro
Para me fechar comtigo.

9.ª
Lindos prados enverdecem
Para passear e ver;
Quem ama ao bom Jesus
Do mundo se ha de esquecer.

10.ª
O amar a Deus é doce,
Esp'rança firme e doçura;
Amargos zelos padece
Quem outros amor's procura.

11.ª
Tudo quanto em ti diviso
O mundo me faz 'squecer;
Eu trago-te na memoria,
Suspiro só por te ver.

12.ª
Os mimosos passarinhos
Puxando c'o bico vão;
C'uma cadeia que liga
O teu ao meu coração.

13.ª
Vós chamastes-me cereja
E eu cereja não sou;
Sou a Custodia dos Anjos,
Aonde o Verbo encarnou.

14.ª
O meu coração e o teu,
O teu e o meu coração,
Bem unidos e enleiados
N'este lenço os fiz então.

15.ª
N'este lenço deposito
Tristes lagrimas que choro;
Por não poder expirar
Nos braços de quem adoro.

16.ª
Quando te dei o meu sim
No lameiro de verdura,
Então havia de eu dar
O meu corpo á sepultura.

17.ª
Amor puro e verdadeiro
Só em ti o consagrei;
Hei de te amar até á morte,
Por ti a vida darei.

18.ª
Ausente d'um bem que adoro
Que alegria posso ter?!
Quanto mais vivo, mais peno,
Mais me valera morrer!

19.ª
Aqui 'stou entre caminhos
Onde a desgraça me tem;
Fallo, ninguem me responde,
Olho e não vejo ninguem.

20.ª
Atirei e tu atiraste
Ajuntaram-se as pedrinhas;
Quando se as pedras ajuntam,
Que farão nossas fallinhas?

21.ª
O amor que eu em ti puz
Mais valera pol-o na agua;
A agua passa e não molha,
Não deixa pena nem magua.

22.ª
Todas as flores em maio
Se ajuntam á *solindra;*
Tambem eu me assubjeitei
A' tua feição, que é linda.

23.ª
Negro céo lua não tem,
Tem relampagos, trovões;
Negra vida não tem goso,
Só tem crimes e paixões.

24.ª
'Stá d'anil o céo sereno,
Vae ao campo e colhe flores;
Não me importa o céo sereno,
Que o céo muda suas côres.

25.ª
As estrellas do céo correm
De tres em tres para o norte;
Menina, se ha de ser minha,
Para que se põe tão forte?!

26.ª
Soffro o frio de janeiro,
Vae-se junho e fica agosto;
Só tu podias ser causa
D'eu soffrer tanto desgosto.

27.ª
Eu bem vi nascer o sol,
Eu bem o vi arraiar;
Eu bem vi uma menina
Pelos seus amor's chorar.

28.ª
Já vem o sol arraiando,
Aljofre sobre boninas;
Nem todos quantos namoram,
Namoram perolas finas.

Maçores, 99. (*Segue*)

—

VARIA

1. — Tru-lu-ru Ligarez

Tru-lu-ru por aqui vão freiras
" " " pelas carreiras.
" " " Que vão buscar?
" " " Pedras de sal.
" " " P'ra que é o sal?
" " " Para amassar o pão.
" " " Para que é o pão?
" " " Para dar ao cão.
" " " Para que é o cão?
" " " Para guardar o gado.
" " " Para que é o gado?
Tru-lu-ru Para dar o leite.
" " " Para que é o leite?
" " " Para fazer o queijo.
" " " Para que é o queijo?
" " " Para dar á pita.
" " " Para que é a pita?
" " " Para pôr os ovos.
" " " Para que são os ovos?
" " " Para dar ao clerigo.
" " " Para que é o clerigo?
" " " Para dizer a missa.
" " " Para que é a missa?
" " " Para nos salvar.

(*Segue*)

2. — Tru-lu-ru Maçorano

Tru-lu-ru Casou Maria.
" " " Com quem seria?
" " " C'um sapateiro.
" " " Que lhe daria?
" " " Umas chinellas.
" " " De que seriam?
" " " De cordavão.
" " " Quanto custariam?
" " " Meio tostão.

TAVARES TEIXEIRA.

NOTICIAS

Noticia da Estação Romana na Quinta da Ribeira em Tralhariz

I

Pelo mez de Fevereiro do corrente anno noticiavam alguns jornaes a descoberta, perto de Tralhariz, em Traz-os-Montes, de sumptuoso edificio soterrado, cujos escombros mysteriosos davam que scismar no povoado. E como é de costume affluiam em romaria os povos circumvisinhos, attrahidos pela extranha influencia fascinadora d'estas velhas ruinas, com as quaes se casam intimamente as lendas populares, muitos outros levados pela avidez dos thesouros escondidos, consoante marcam as imaginosas narrativas tradicionaes.

O caso é que o bom do proprietario já não passa sem a fama de ter recolhido a grossa maquia em qualquer esconderijo do casario em ruinas, thesouro escondido debaixo de calhau, em cofre ou panella de barro, importando em boas peças sonantes e ouro em barras. Assim corre usualmente a versão aldeã d'estes achados.

Alguns dias depois, respondia muito amavelmente esse feliz proprietario, o Ex.mo Sr. Candido de Frias Sampaio e Mello, ao meu pedido de informes; e, a seu convite, partiamos de companhia no dia 6 de Março para o local da descoberta.

Quem desce na estação de Tralhariz, caminho de ferro de Tua a Mirandella, retrocede alguns centenares de metros, seguindo a linha, e sobe a encosta ingreme e agreste por um carreiro de pé posto que leva a caminhar uns trinta minutos. Trepa-se a collina da margem esquerda do Tua em um ponto apertado do pittoresco valle, cujos declives são n'esta região asperos e penhascosos, em plano de linhas sinuosas e quebradas, a miudo interceptadas por estreitos talwegs de agoas tumultuosas e intercadentes. Está-se em pleno paiz de montanhas, como é toda esta vasta bacia do Douro, constituida por um complexo systema orographico de enredados valles e montes; o Tua, que affluc d'entre duas altas cortinas e abruptas, segue ainda n'esta parte um valle mais profundo e caracteristico de margens por vezes quasi a prumo.

É n'uma d'estas encostas, do Monte da Chã ou Chão 2.º, sobranceiro á estação de Tralhariz e algumas dezenas de metros acima do nivel do rio, que está situado o pequeno plaino ou socalco onde se descobriram as ruinas em questão, junto á casa do feitor, na Quinta da Ribeira, pertencente ao sr. Candido de Frias. Ainda mais acima, uma meia hora de rija subida, está a povoação de Tralhariz onde é o solar do proprietario, no qual me aguarda farta e confortavel hospedagem; a proposito, cumpre-me aqui inserir o meu agradecimento e os justos louvores que bem merecem a generosidade e dedicação do sr. Candido de Frias, que, outro fôra, não mais tomaria em cuidado um tal achado por embaraçoso, de prejudicial e dispendiosa exploração.

Quando preparavam um calço para uma oliveira, encontraram os trabalhadores pedaços de mosaico, do qual desfizeram para cima de um metro quadrado, suspeitando que esse fosse o manto sob que se escondiam grandes riquezas dos antigos tempos da moirama. E tanto que durante dias occultou o caseiro o seu achado, até que afinal se resolveu a communical-o ao proprietario, que immediatamente procedeu a cuidadosas pesquizas locaes, descobrindo o resto do pavimento guarnecido a mosaico, defendendo-o pela reconstrucção de algumas paredes, e guardando-o da imprudente curiosidade das populações visinhas, que accudiam a vêr a extranha antiguidade, destruindo para apanhar os pequenos cubos de calcareo de varias côres.

Generosamente poz o sr. Candido de Frias ao meu dispôr os meios de realisar algumas pesquizas; procedemos a excavações em alguns pontos, e mais não permittiram os poucos dias de que dispuz, assim como os trabalhos agricolas de momento que reclamavam todo o pessoal disponivel; não se deve, porém, considerar empreza fóra de proposito a exploração definitiva e geral da area occupada pela estação, em vista dos seus restrictos limites actualmente bem definidos. A outrem cumpre agora a tarefa, pois que pertencem ao Estado estas ruinas. Por todos

estes motivos simplificarei o meu trabalho reduzindo-o á immediata narração ou resenha de factos notaveis e ineditos, cuja noticia directamente interessa e illustra a nossa obra. Reservarei para outra occasião, quando calhar, pois não é finda a missão, o desenvolvimento de algumas partes e a reconstituição do conjuncto, que necessitam da completa exploração das construcções soterradas para seu melhor entendimento e estudo.

Materiaes e partes da construcção.—Consta o que se acha descoberto de paredes (de que apenas se conservam algumas partes) indicando um edificio de varios compartimentos rectangulares, dos quaes se distinguem quatro consecutivos, dois d'elles completos, communicando por uma abertura que deveria ter proximamente um metro de luz, com soleira mais alta que o pavimento, formando degrau ou peitoril de fraca altura. O terceiro, independente, não está completamente delimitado, apenas tem a parede divisoria e pedaços dos outros muros; e do quarto, que mais parece um vestibulo, faltam as duas paredes restantes.

Mais ao nascente descobriu-se um extenso muro de supporte e, formando uma estreita passagem de permeio, outra parede em direcção parallela, com cunhal de cantaria ou humbreira, que parece constituir parede exterior do edificio, formando ahi outra sala ou compartimento.

Os recintos completamente fechados por paredes teem as dimensões $3{,}20 \times 4{,}40$ e $5{,}85 \times 6{,}70$.

O entulho que cobre estas paredes em ruinas tem differentes alturas, desde pouco até tres metros, consoante a elevação do terreno, que sobe ligeiramente de poente a nascente; em direcção inversa seguiu o movimento dos terrenos clasticos que envolvem as velhas construcções, formando uma espessa camada de humus. Sobre este solo remexido existia um bello olival de arvores centenarias, algumas das quaes foram abatidas pelos trabalhos de excavação. Logo abaixo está o muro de supporte que sustenta estas terras e fórma plaino, preparando o desnivel para o socalco inferior; pela applicação extensa e persistente d'este processo se conquistam ao monte pedaços de terreno em boa disposição de cultura, formando successivos degraus de gigantesca escadaria, que marinha até aos cabeços mais elevados, onde ha algum terreno cultivavel a utilisar e fixar.

As paredes de que existem vestigios, estão esboçadas nos seus alicerces, por vezes com todo o envasamento, outras com maior elevação. As alvenarias são de apparelho irregular e disposição horisontal, construidas de elementos heterogeneos: calhaus irregulares de granito por vezes esquadriado formando juntouros, blocos e placas de schisto, um ou outro fragmento de tijolo, e tudo ligado por argamassa de cal ou de barro. Entretanto, os paramentos d'este fabrico sem homogeneidade nem symetria são perfeitos, bem faceados de prumo, rejuntados, proprios a receber a camada de revestimento de que por vezes se encontram importantes vestigios.

Todo o material é da região, o granito, os schistos, o barro; a cal é que viria de fóra, mas não de longe, que a ha em logares pouco distantes, conforme me indicaram e póde verificar-se na carta geologica da provincia, onde não faltam manchas de calcareo.

A maneira de juntar todos estes materiaes obedeceu, como sempre, ás condições locaes e propria natureza dos elementos empregados. Hoje o aspecto das construcções nas aldeias visinhas é certamente bem diverso; usam um processo mixto; e, salvo os casebres ou muros secundarios, divisorios e de vedação, construe-se mais pelo apparelho megalithico, empregando grandes blocos esquadriados, a junta secca.

De mistura com a entulheira apparece muita quantidade de parallelepipedos de barro cosido, tijolos de dimensões fixas, feitos em molde—um typo com $0^m{,}22$ de quadrado e $0^m{,}08$ de alto, outro de menor espessura—que se encontram a esmo, sem posição que immediatamente indique a sua applicação. Poderiam considerar-se como placas de pavimento, outros como materiaes de paredes interiores ou mesmo de fachada, as quaes seriam de alvenaria até certa altura e d'ahi para cima de tijolos, material mais leve, de mais facil applicação. Assim foi de uso nas primitivas construcções de gregos e romanos—o processo é vulgar e classico.

Temos conhecimento dos materiaes componentes das paredes que constituem o edificio em ruinas, cuja planta não será um enigma desde que se descubra o resto do aterro que ainda encobre a maior parte. Distinguem-se, como disse, quatro compartimentos, dos quaes tres ligados por portas. Estas aberturas, conforme os vestigios encontrados, eram de forma rectangular, com-

postas de soleiras, humbreiras e padieira de granito. Teem, como actualmente, o rasgo para encaixe das folhas de madeira, bem visivel nas soleiras, as humbreiras teem o avoamento ou inclinação usuaes, apenas a porta da salla menor do angulo norte tem humbraes lisos e rectos. Nas soleiras são bem visiveis as ranhuras em que entravam as empanadas, os orificios para os peões ou gonzos, o encaixe para a tranca. Encontramo-nos em face de adminiculos preceitos de construcção ainda em uso, e de facil intrepretação; outros detalhes requerem o termo das explorações para completo esclarecimento.

No interior da sala maior encontraram-se 9 fragmentos de columnas, 3 capiteis e 6 bases feitas de granito de grão medio; mais um pedaço de fuste que foi retirado da sala contigua. Estão alinhados estes fragmentos sobre os alicerces restaurados, em vista na fig. 1; o fuste foi collocado sobre uma das bases, á qual se adapta perfeitamente. Faltam as restantes partes para compor as columnas, e é de crêr que ainda se descubram os fragmentos de fustes correspondentes ao numero de columnas que presuppõem as bases e capiteis. Entrementes, por aqui ficaremos, na simples resenha do que existe.

Uma das bases—e bem poderia ser tambem um capitel—tem do lado do abaco uma cavidade de forma conica com a profundidade de 16 cm. no vertice; parece ter tido outro uso, em que se aproveitaria a pia conica, como peça dormente, por exemplo, de qualquer pequeno moinho ou almofariz.

Cliché de R. S.

Fig. 1.—Vista das excavações na Quinta da Ribeira

Outra peça, base de columna, que está em evidencia na fig. 1, tem uma cara esculpida em um dos angulos; poderia ter servido tal qual está, como base, simplesmente esta esculptura parece ter sido de execução posterior, visto que foram cortadas as molduras da base, inutilisando-se em chanfro uma parte da peça.

O artista que trabalhou estas pedras, tendo conhecimento das proporções e modulos, pois que ha harmonia e elegancia n'estas peças architecturaes, não cuidou do seu lavrijo, consoante as regras elementares do canteiro; o lavor é imperfeito, não são rigorosamente circulares as secções e não foi respeitado o indispensavel parallelismo e symetria das molduras e demais linhas dos contornos. São peças grosseiras, esboços de uma architectura de preceitos definidos, mas que se apresentam como barbaras imitações de uma arte extranha e superior á civilisação indigena, mal executadas e comprehendidas por artistas atrazados e inexperientes.

A collocação d'estas columnas não se deduz das condições de jazida; appareceram soltas no interior de um dos aposentos, sem indicio do local onde pousaram. No emtanto as columnas implicam a ideia de supporte vertical, como apoio de peças que poderiam ser de fachada ou interiores, architraves da frontaria, linhas de madeira da cobertura.

A sala onde se encontraram é das mais espaçosas, tem 6m,70 de comprimento por 5m,85 de largura. Fórma em qualquer das direcções um espaço que facilmente abrangia qualquer viga de

madeira da cobertura; não obstante, em vãos de dimensão inferior, ou pouco acima, de templos ou habitações antigas, empregou-se uma até quatro columnas centraes, formando o portico nas fachadas, supportando o vigamento das coberturas e deixando a abertura central para entrada da luz e sahida do fumo.

É bem possivel que não pertençam a este recinto todas ou parte das columnas encontradas, e que outro maior aposento se descubra, peristyllo ou atrio, onde, como na casa greco-romana, melhor se appliquem as columnatas de granito. As subsequentes excavações elucidarão por completo esta duvida.

Além de grandes blocos de granito esquadriados e lavrados, cujo destino no edificio poderia ser vario, como partes de cunhaes e outras formas secundarias, nenhuma outra peça appareceu digna de notar-se como parte integrante da construcção.

A cobertura deveria ter sido de telhas de barro cosido, *tegulæ* e *imbrices*, de que se encontram innumeros fragmentos, indicando uma vasta superficie coberta.

Encontram-se tambem enormes pedaços de concreto, especie de *beton*, formado com fragmentos de tijollos em banho de argamassa grossa de cal — *opus signinum* — que pertenceram aos pavimentos, como ainda se vê na galeria do nascente que se pôz a descoberto durante as excavações feitas na minha presença.

Decoração. — Não são muito raros, e até luxuosos, os elementos decorativos do edificio arruinado. E constam de revestimentos de estuque pintado, guarnições em relevo de estuque e mosaicos polychromicos nos pavimentos.

Os restos do revestimento, que se encontram destacados ou ainda adherentes ás paredes, estão bastante deteriorados. Em alguns se notam, porém, vestigios de pintura a côres: a côr vermelho-escura e castanha em pequenos pedaços sem seguimento, a côr azul (esverdeada talvez com a oxydação) em fragmentos onde distingo a imitação do marmore claro de veia azulada. Bocados se encontram em que esta côr conserva intensidade e frescura, como se fôra pintada de pouco; não encontrei indicios de outros desenhos, de simples ornamentos ou figuras.

Empregaram tambem obra de estuque em relevo, certamente nas guarnições dos tectos, molduras salientes nas paredes, alisares nas portas e janellas; apparecem bastantes fragmentos tendo ainda adherente espessa camada de argamassa do emboço ou reboco, e com formas variadissimas, que nos fazem suppor os multiplos fins ornamentaes a que se destinou este material de muita maleabilidade e de facil preza; encontram-se enfeites de canto em forma de cordão saliente ou trança de espira dupla, outros em angulo vivo como se fossem pedaços de soclo ou roda-pé, fragmentos que poderiam ser de cimalhas, cornijas e frisos, apilarados e varias molduras salientes.

Todo este material junto e ordenado formaria certamente um conjuncto de elementos bastantes para uma reconstituição do interior das salas, o arranjo das quaes obedeceu, pelo visto, a plano luxuoso de abundante ornamentação.

No pavimento das duas salas communicantes havia mosaicos polychromicos á moda romana, feitos com pequenos cubos de calcareo de varias côres, de dimensões inferiores a um centimetro quadrado, e estes adaptando-se á linha do desenho pelo systema denominado *opus vermiculatum*.

A sala menor conserva apenas a um canto vestigios do mosaico; o recinto contiguo, porém, mostra ainda em bom estado uma larga facha de 1m,80 ao longo da parede do Nascente, e de 2m,30 aos lados Norte e Sul. Falta o centro, que formaria um quadrado de 1m,75 de lado, e todo o resto do *pavimentum*.

D'estes mosaicos são os desenhos das figuras 2 e 3. O primeiro é um esboço linear de uma parte da cercadura, desenhado em maior escala, conforme as photographias que fiz no local; o segundo é uma reconstituição sobre os elementos que fornecem os restos existentes, executada com brilhante nitidez pelo nosso distincto collaborador Hugo de Noronha.

Assim deveria ser, conforme estes desenhos, o projecto original que o mosaista transportou sobre o pavimento antes de abrir na camada provisoria de gesso, que cobria o cimento ou argamassa do substractum, o espaço a preencher com os pequenos cubos de calcareo. O nosso artista habilmente interpretou o desenho bordado n'esse fino tecido de miuda quadricula, produzindo as duas estampas que nitidamente mostram a composição schematica do mosaico.

E para a completar com a indispensavel noção do verdadeiro colorido, basta suppôr sobre o fundo escuro fiadas de pequenos cubos negros ou cinzento-escuro, e compor os desenhos em branco com series quadruplas e alternadas de fiadas brancas, amarellas, vermelhas e cinzento-azuladas, e d'esta sorte se forma uma completa ideia do conjuncto, de um effeito garrido e pittoresco.

Falta o centro do mosaico; apresentamos tão sómente a cercadura do quadrado principal; diverge apenas o nosso desenho em que deveriam ser variados os motivos dos cantos; o artista apenas apresentou um dos motivos originaes, quando haviam de ser dois alternados.

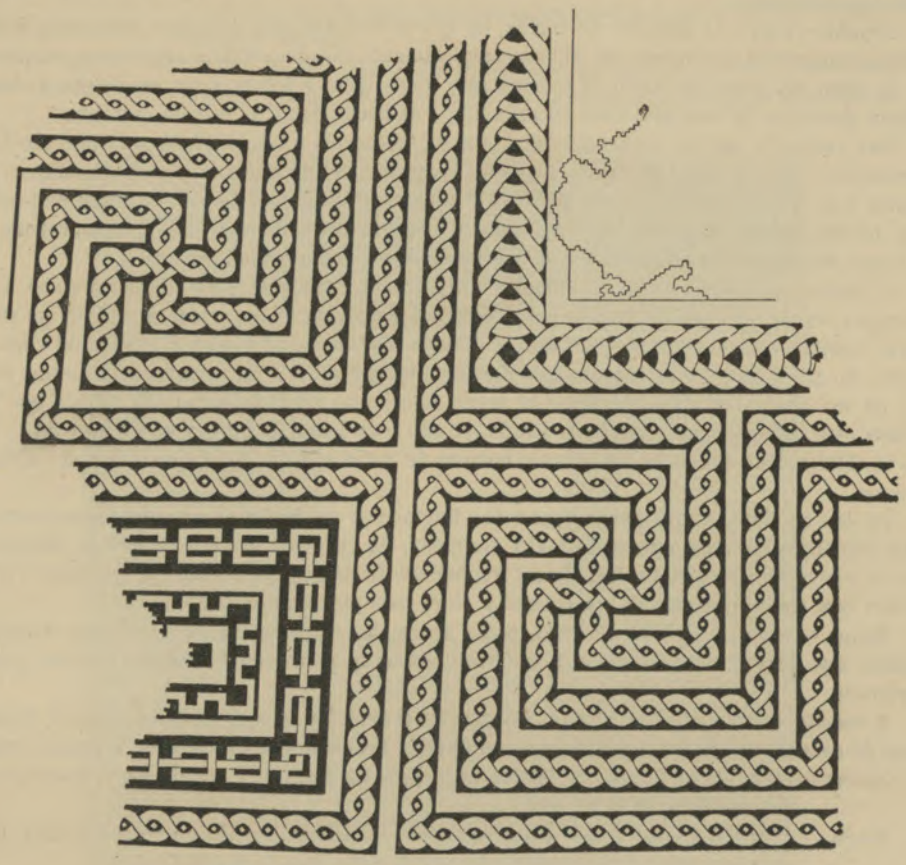


Fig. 2.—Desenho de uma parte do mosaico, segundo photographia

A cercadura compõe-se de gregas combinadas, umas simples e rectas, outras interpostas formadas por duas fitas entrelaçadas. O centro tem ainda uma estreita orla de trança ou cadeia de forma curiosa, já vista em varias peças de origem hellenica, assim como os outros elementos ou motivos ornamentaes que são de caracter grego, como tambem o arranjo e composição do todo.

Como o desenho central é quadrado e rectangular o espaço da sala, nos dois topos ha uma facha de mosaico tambem ornamentada com outros variados desenhos constituidos pelas mesmas cinco côres fundamentaes.

Mobiliario e objectos isolados.—Do que sahiu da entulheira pouco se aproveita; apenas se encontram peças partidas, fragmentos deteriorados de somenos valor e raros vestigios de metaes; do ferro, que certamente participou da construcção sob varias fórmas em multiplas applicações, fracos indicios, apenas. Não obstante, cumpre organisar o inventario do que appareceu.

Pedra.—Um machado polido de rocha dioritica, fórma grosseira de secção quadrangular, surprehende á primeira vista. Pelas indicações que me forneceu o proprietario foi encontrado nas excavações, participando do terreno em remoção; e se não veio para ahi posteriormente por qualquer meio, não espanta que nos encontremos de face com este grosseiro exemplar de *ceraunia* em ruinas de edificio que suppomos romano.

De pedra, ainda ha, sempre incompletas, *molas manuarias* feitas de granito; metade de mó dormente e pedaços de outras moveis. Uma pedra appareceu, de meio metro de comprido, vasada em fórma de caleira, que poderia ter muitas applicações, isolada, ou ligada a outras constituindo um aqueducto.

Argilla.—Entre os objectos de argilla, ha que considerar primeiramente dois pesos de tear de fórma trapezoidal, dos quaes um só tem completamente vasado o orificio superior de suspensão.

E, além das peças de barro da construcção, como tijolos e telhas, resta considerar as louças de barro grosseiro de industria local ou proxima, e as louças finas de origem extranha.

Das primeiras muitos restos informes, que não fornecem a minima indicação do vaso a que pertenceram; são em geral de massa grosseira e espessa, muito micacea e areienta. Alguns fragmentos pelo seu tamanho e fórma permittem uma reconstituição; são os enormes pedaços de *dolios*, bordos, fundos, azas, etc.; inventariados e dispostos em ordem de classificação, calculo que com esses fragmentos se comporiam 6 dolios de grande volume e fundo chato.

A quantidade d'estes vasos, destinados entre gregos e romanos para guardar o vinho, azeite ou mesmo cereaes, dá-nos indicações sobre o caracter agricola que compete á estação em ruinas ou seus habitadores. Encontrados em terrenos ainda hoje amanhados para a cultura da vinha, da oliveira, do trigo ou centeio, representam documentos irrefutaveis da permanencia d'estas culturas e da sua alta antiguidade, certamente muito anterior ao estabelecimento da colonia que aqui levantou este edificio. Que o machado polido, se não é de longe, já attesta que muito antes, desde o neolithico, por este solo caminhou o homem de então e d'esta terra viveu durante milhares de annos.

De louças finas, muito pouco apparece; fragmentos de *buchero nero* com insculpturas de pontos formando circulos, outros de louça vermelha, da chamada *aretina*, com raras ornamentações em relevo e marcas cunhadas, alguns fragmentos de fina espessura, de côr amarella, e d'esta uma aza com traços pintados de côr castanha, outra toda pintada de vermelho vivo.

Metaes.—Indicios apenas do ferro, como acima disse; de bronze, um pequeno fragmento laminado que parece ter pertencido a um vaso, e uma pequena moeda romana bastante gasta e deteriorada.

A moeda é um pequeno bronze, de grandesa n.º 2 na escala numismatica de Mionnet. Limpo da camada de oxydo, distinguem-se as figuras dos cunhos nas duas faces e poucas lettras:

Anverso.—Busto do imperador, á direita, com corôa ou diadema e paludamento. Distingo apenas as lettras D N na orla.

Reverso.—*victORIA AVGG*—Duas victorias aladas caminhando uma para a outra, tendo na mão corôas; (?) no centro do campo estão dois pontos em relevo.

Estas indicações não permittem classificação rigorosa. Entretanto parece que se poderá attribuir a imperador romano desde *Licinius* a *Valentinianus* III, do tempo dos quaes se encontram pequenos bronzes de cunho similar. Assim notei, fazendo o estudo comparativo, por exclusão, dos diversos elementos que fornece a moeda. E muito embora nada resultasse do demorado exame de tão pequeno bronze, algo nos diz o interessante documento quanto á epocha provavel que representa, mesmo quando sejam muito distanciados os limites dos annos 300 a 400 de Christo, que se podem marcar.

Resumo.—Resumindo, pois que não me é dado formular conclusões, tenho que congregar incompletos elementos de variados aspectos e caracteres, cuja combinação, pelos hiatos que forma, nem sempre mostra sufficiencia e tão pouco a necessaria claresa e precisão.

Não apresento a planta do local e da construcção descoberta, assim como outros desenhos parciaes. Ficarão para depois quando, finda a exploração, houver possibilidade de organisar a reconstituição do edificio.

Acima denominei a descoberta de *estação romana*. Creio que se trata indubitavelmente de uma construcção romana por todos os caracteres proprios, disposição e natureza de alguns materiaes, formas secundarias, algumas peças de mobiliario, por ultimo, os estuques, o mosaico e a pequena moeda.

Estaremos em presença de uma propriedade rural ou *villa* romana, collocada em situação afastada, junto a uma dobra pittoresca do Tua, d'onde se descortina todo o fundo valle do rio, mais ao longe, em uma aberta, o Douro que corre em direcção ao Poente.

Embaraça de começo a posição agreste, o logar ermo e o accesso penoso; maior é a surpreza ao defrontar no meio da encosta o *pavimentum vermiculatum* á maneira dos romanos, obra luxuosa de trabalho delicado e moroso.

Era vulgar, muito habitual nas construcções romanas da epocha, a decoração interior das paredes por meio de estuques pintados a fresco e dos pavimentos com mosaicos de pequenos cu-

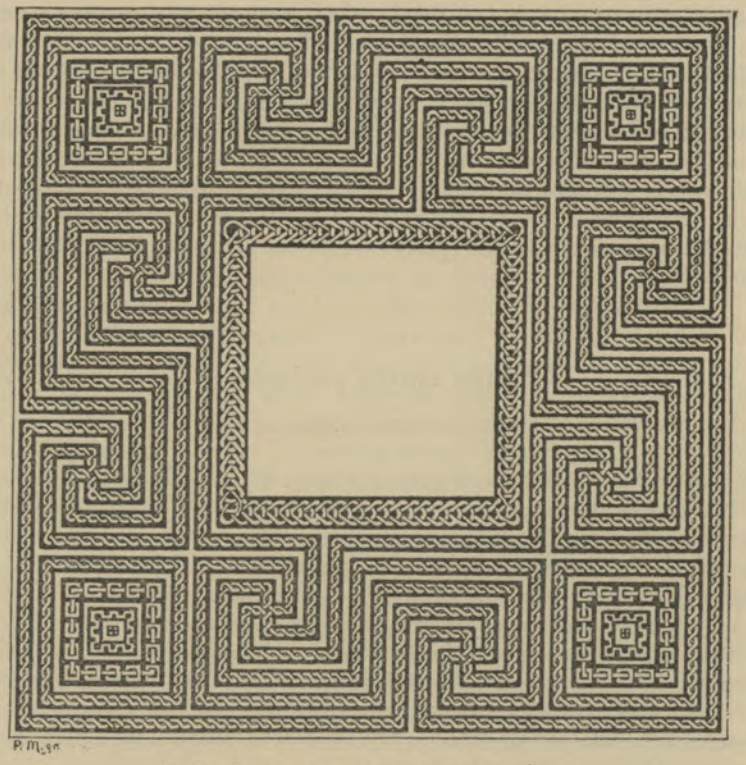


Fig. 3.—Reconstituição da parte principal do mosaico

bos coloridos. Lê-se em varios livros para confirmar o facto, e é classica a citação originaria de Suetonio, que Cesar transportava nas suas expedições militares pavimentos portateis de mosaico para as suas tendas. No nosso pequeno paiz são relativamente vulgares os mosaicos e numerosos, por toda a parte, os vestigios da colonisação romana; não ha pois que espantar de os encontrarmos no monte Chão, entre Douro e Tua, em logar que outr'ora se mostraria menos improprio e arredado, talvez mais adequado e propicio sob o ponto de vista estrategico, ordenação das colonias militares e suas vias de communicação.

O romano transportava comsigo por onde ia, pela provincia e colonias, como fazia Cesar e como faz o inglez de hoje, todos os seus modos, usos e costumes; assim construiu a sua casa, sobre a encosta que vae dar ao Tua, com todo o luxo e conforto á maneira das ricas moradas de Roma.

A abundancia dos *dolios* presuppõe a existencia de uma adega ou celleiro, e é bem de crêr

que o proprietario da *villa*, simples agricultor afortunado ou chefe militar em estação, já então guardasse de reserva nos bojudos vasos de barro, besuntados de pez, o generoso elixir das cepas afamadas da região, ou o dourado azeite de fino sabor que ainda hoje se colhe das velhas oliveiras que vão monte acima.

Não apparecem pedras com inscripções que melhor orientem quem deseje historiar a vida antepassada commemorada n'estas ruinas. O pequeno bronze está egualmente gasto pelo tempo e nem sequer permitte a propria classificação, denunciando apenas algumas datas provaveis que vem até o anno 400 de Christo.

E nada mais. Por aqui fica, até vêr, a noticia sobre as descobertas archeologicas da Quinta da Ribeira em Tralhariz.

Soube, dias depois da minha volta de Tralhariz, que tinha partido para ahi o illustre director do Museu Ethnologico, o sr. Leite de Vasconcellos, em visita ás excavações, e que por indicação d'este sr. o proprietario havia doado ao Estado o local occupado pela estação romana em exploração e todo o material desenterrado; no começo alludi ao notavel acontecimento. É para admirar esta acção de alta benemerencia e superior dedicação pela sciencia nacional; o facto é tão raro que merece especial menção e louvor. O acto generoso e patriotico do ex.^{mo} sr. Candido de Frias Sampaio e Mello é verdadeiramente excepcional e digno do reconhecimento publico.

Felicitamo-nos. No intimo uma antiga tristeza sobrevem de espaço, e a amarga desconfiança de quem tem soffrido e se lamenta com o destino de similares doações ao Estado; e pela rasão de que o Estado foi sempre um infiel depositario de todos os bens ou proprios nacionaes, até os de ordem moral, que implicam o velho caracter ethnico de longinqua e nobre herança de heroes ante-passados.

RICARDO SEVERO.

Alfaia agricola portuguesa

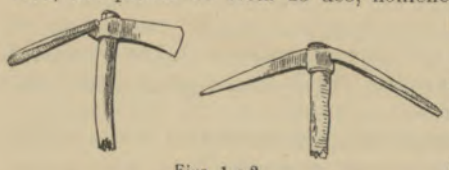
(Exposição da Tapada da Ajuda em 1898)

No programma das festas do centenario da viagem de Vasco da Gama de Lisboa a Calecut (1498-1898), festas celebradas em Lisboa em maio de 1898, havia indicadas exposições de ethnographia portuguesa, de pescarias nacionaes, d'agricultura e pecuaria, as duas ultimas das quaes deviam comprehender uma parte ethnographica. Nenhuma dessas exposições se realisou, convergindo as attenções da commissão executiva do centenario para a construcção dum aquario, que parece ter um destino tão infeliz como o Jardim Zoologico de Lisboa, e duma Feira franca que nada deu, apesar do que se annunciou, para o estudo da vida do povo português, além do que dão as vulgares feiras de Alcantara e Belem. Mas a Real Associação central da Agricultura portuguesa pensou em realisar uma exposição parcial, comprehendendo apenas a alfaia agricola, e redigiu o respectivo programma, cuja secção IV se inscrevia, sem nenhuma outra indicação, — *Revista da alfaia caracteristica de differentes regiões do pais.*

Já porque aquella corporação dispunha apenas de limitadissimos meios pecuniarios, já porque só bastante tarde se tratou d'organisar essa exposição, foram muito pouco numerosos os exemplares da alfaia agricola regional a ella enviados e esses desacompanhados de indicações indispensaveis aos estudiosos, a que elles particularmente interessavam. A exposição inaugurou-se no dia 20 de maio de 1898, na Tapada da Ajuda. Alli examinei aquelles exemplares, tendo sido auxiliado no seu estudo por um dos membros da commissão organisadora, Alvaro Coelho, que tirou as photographias a fim de se fazerem as reproducções pela gravura, que acompanham esta noticia. Não foram reproduzidos todos os objectos, por causas varias. A digna direcção desta revista resolveu, para poupar espaço para o texto, que alguns exemplares não fossem representados por inteiro, o que se deu particularmente com respeito aos cabos de varios instrumentos. Parece-me todavia conveniente evitar no futuro esse processo, porque convem que os objectos que interessam á ethnographia sejam figurados sem alteração de suas feições e porque demais, no caso especial de que se trata, teem valor regional as dimensões diversas dos cabos d'enxa-

das, etc. Felizmente posso indicar as dimensões de quasi todos esses exemplares, que foram medidos, como convem fazer-se neste genero d'investigações.

Passo, sem considerações previas, ao exame dos objectos que foram reproduzidos pela gravura, dos pontos de vista do uso, nomenclatura, correlações de forma, historias e ethnologicas; farei depois algumas considerações geraes.



Figs. 1 e 2.

Começarei pelos instrumentos da cultura do solo e dentre estes pelo que, dos figurados, tem maior antiguidade e mais extenso uso á superficie do globo.

Enxada.—É bem conhecido o uso d'este instrumento para que seja necessario indicá-lo. As gravuras 1 a 7 representam 7 typos diversos.

Fig. 1: *enxada de peto* (Bragança), cujo cabo é de 0m,75 de comprimento, de lamina dupla, dirigindo-se cada ramo em sentido opposto para um e outro lado do *olho* ou *alvado* (a abertura em que entra o cabo); um dos ramos tem forma de machado e serve secundariamente para partir lenha; dahi outro nome do instrumento: *enxada de partir lenha.*

Fig. 2: *enxada de picareta* (Bragança), que diverge da precedente em que a parte do ferro correspondente ao machado daquella tem a forma de picareta, cujas funcções usurpa; é com pouca differença o que se chama *alvião,* a qual se nota sobretudo na parte mais alargada do ferro. O comprimento do cabo é 0m,80.

Fig. 3: *enxada larga* (Bragança), cujo cabo tem de comprimento 1m.

Fig. 4 a 6: *enxadões* (Evora), cujo cabo tem de comprimento 0m,75.

Estas quatro ultimas figuras representam formas muito mais generalisadas. O enxadão reproduzido na fig. 5 tem um curto prolongamento em direcção opposta á lamina larga, com funcções analogas, ao que parece, ás da ponta em forma de picareta da fig. 2.

Fig. 7: *enxada de ganchos* (Bragança), cujo cabo tem de comprimento 1m.

A palavra *enxada* reflecte uma forma latina hypothetica *asciata*, derivada de *ascia* e tem como correspondente em hispanhol antigo *axada*, no moderno *azada;* o italiano conserva o primitivo na forma *ascia*, o provençal na forma *aissa;* [1] ao augmentativo português *enxadão* corresponde o hispanhol *azadon*. A expressão *enxada de peto* parece tomada do hispanhol *azadon de peto*, cuja definição corresponde aliás melhor ao alvião e á enxada da picareta n.º 2. A proximidade em que fica Bragança da fronteira explicaria facilmente a passagem da expressão. Em hispanhol *peto* significa a parte opposta ao corte em varios instrumentos. Em português *peta*, segundo Bento Pereira, é a machadinha do podão.

Em latim á palavra *ascia* dava-se um sentido muito geral: designava diversos instrumentos que tinham de commum serem munidos de cabo pouco comprido, a que se adaptava um ferro com alvado e dois lados ou ramos deseguaes: um, pelo menos, cortante e levemente curvo, o outro mais curto, que terminava algumas vezes em ponta, outras tinha cabeça chata. Havia assim *asciae* para cortar, desbastar, aplanar a madeira, como o machado de carpinteiro, a enchó; os pedreiros tinham *ascias* para partir pedra, desbastá-la, poli-la, cortar a cal, misturar a argamassa. Palladio falla duma *ascia* empregada pelos agricultores, que foi considerada como analoga á *serfouette* dos francezes, a nossa *sachola de dois dentes* ou simplesmente *sachola*, isto é, um instrumento que tem dum lado uma lamina inteira de sacho, doutro uma lamina fendida, formando dois dentes: «Secures simplices vel dolabratas, sarculos vel simplices vel bicornes, et ascias in aversa parte referentes rastros». [2]

Fig. 3.

---

[1] Fr. Diez, *Etymol. Wörterbuch* I[3] 5-6; W. Förster, in Gröbers *Zeitschrift für romanische Philologie* I, 560.

[2] Palladio, *de re rustica*, I, 43. Antony Rich, *Dictionnaire des antiquités romaines et grecques*, trad. par M. Chéruel (Paris, 1873); *Dictionnary of Greek and Roman Antiquities*, ed. by William Smith (London, 1870); *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines* sous la direction de MM. Ch. Daremberg et Ed. Saglio (Paris, 1877 segg. — Por emquanto só A — Labro); R. Cagnat et G. Goyau, *Lexique des antiquités romaines* (Paris, 1896) — todos s. v. *ascia*. Nenhum traz figura da *ascia* do agricultor.

Em Portugal ha ainda outras formas de enxada, alem das acima figuradas que convem reproduzir, se representam formas tradicionaes nossas.

O termo francês que corresponde ao nosso *enxada* pela significação é *houe*, inglês *hoe*, allemão *Haue* (antigo *houwa*): formas todas provenientes do radical do allem. *hauen*, cortar, e que significaram primeiramente machado, caso que se deu tambem, ao que parece, com *ascia*. [1] Tem tambem o sentido de *enxada* o allemão *Hacke*, antigo allemão *hacco*, gancho, croque, anglosaxão *haccan*, inglês *hack* cortar (a machado), de que, segundo Diez viria o francês *hache*, hispanhol *hacha*, português *facha*, *acha*, machado; mas Förster mostrou que o etymon desta serie é um germanico *hapja*. [2]

Figs. 4 a 6.

Dois termos que designam partes da enxada — o *cabo* e o *alvado* (que significa tambem qualquer outra abertura num instrumento a que se adapta o cabo) são: o primeiro d'origem certamente latina: *capulum* (antigo português *caboo*); o segundo d'origem provavelmente latina: *alveatus*, que em Catão *de re rustica* 43,1 significa «cavado em-forma de canal», e deriva de *alveus*, alveo.

É-me desconhecida a origem de hispanhol *peto*, português *peta*, no sentido indicado. Os diccionarios hispanhoes em geral identificam *peto* nesse sentido com *peto*, peitilho (do latim *pectus*).

A palavra *picareta* é um derivado de *picar*, analogo a *beberete* de *beber*, *extenderete* de *extender*, *voltarete* de *voltar* (ha tambem a forma *picarete*); correspondem-lhe pelo sentido e radical o hispanhol *pico*, o francês *pic*, italiano *piccone*, em que Diez e Littré supposeram haver uma base celtica; mas Rudolf Thurneysen olha como verosimil que as palavras dos dialectos neocelticos que serviram de base a essa supposição tenham passado para elles dos romanicos, cujos termos respectivos se ligariam ao latino *picus*, o picanço. [3]

O instrumento de agricultura francês chamado *tournée* corresponde bem pela forma e uso á enxada de picareta de Bragança. [4]

Os nossos lexicologos dão ainda como synonymos de *picareta* o derivado da mesma raiz *pic*, *picadeira*, e a palavra *alfece*, d'origem arabe (*al fe's*, alvião).

O latim *securis*, de que proveio o nosso termo *segure*, machado, parece ter designado tambem uma especie de alvião.

A *enxada de ganchos* n.º 7 lembra o *bidens* dos auctores romanos, que Saglio define: nome geral dum instrumento de dois dentes e mais particularmente do *raster bidens*, enxada de dois dentes de furcado (houe à deux fourchons), grego *δίκελλα* e *σμινύη*, para calcar e cavar o chão, quebrar os torrões que a charrua levantou ou juntar a terra em volta das estacas de arvores, bacellos, etc. [5] O *hoyau* dos franceses é instrumento analogo.

Vergilio falla do *bidens*:

> Est enim ille labor curandis vitibus alter,
> Cui numquam exhausti satis est: namque omne quot annis
> Terque quaterque solum scindendum glaebaque versis
> Aeternum frangenda bidentibus, omne levandum
> Fronde nemus. [6]

---

[1] LITTRÉ, *Dict. de la langue française*, s. v. *houe*.

[2] DIEZ, *Ob. cit.*, 1[1], 5-6. FÖRSTER, *Ob. cit.*, III, 264.

[3] THURNEYSEN, *Keltoromanisches* (Halle, 1884), pags. 72-73.

[4] Veja-se uma figura da *tournée* por ex. em *Dictionnaire général des Sciences* de PRIVAT-DESCHANEL et AD. FOCILLON (Paris, 1867), t. II, pag. 1472.

[5] DAREMBERG et SAGLIO, *Ob. cit.*, s. v. *bidens*.

[6] VERGILIO, *Georg.*, II, 397-401 (ed. Ladewig).

Seminibus positis, superest diducere terram
Saepius ad capita, et duros jactare bidentis;
Aut presso exercere solum sub vomere... [1]

O *bidens* era, como se disse, uma variedade do *rastrum*, instrumento que tem dado logar a diversas supposições, sendo traduzido de modos variados dos textos em que se encontra. Catão menciona: «rastros quadridentes duo» [2] e não consta que os houvesse de mais dentes. Vergilio indica o seu uso para quebrar os torrões e attribue-lhe grande peso:

Multum adeo, rastris glaebas qui frangit inertis
Vimineasque trahit crates, iuvat arva... [3]
...et iniquo pondere rastri. [4]

Os traductores portugueses das *Georgicas* propendem para dar á palavra o sentido de *ansinho*, o que fazem tambem traductores franceses, interpretando pelo termo *râteau*. [5] Nos sete passos em que *raster* occorre na obra do poeta latino, Castilho pôs 2 vezes «ensinho», 2 rastro, 2 enxadão e 1 uma vez não traduziu. João Felix Pereira, que era latinista, agronomo e agricultor, mas falho de critica, pensou que o *raster* era *grade*, fundando-se no peso que lhe attribue Vergilio; mas não attendeu aos logares dos outros escriptores romanos de que resulta que o *bidens* era variedade do *raster* e que este podia ser *quadridens*. [6] No passo de Palladio, acima citado, falla-se de *ascias* que na parte opposta (á lamina usual da enxada ou sacho) teem *rastros*, isto é, uma parte dividida em pontas, o que fez identificar, como vimos, essas *ascias* com a *serfouette* dos franceses, a nossa sachola, não sendo, pois, taes rastros confundiveis com a *crates*, nem ainda com o ansinho, de que aliás se aproximava o *raster quadridens*.

Fig. 7

Os rastros bidentes representados no *Dict.* de Cagnat, s. vv. *bidens* e *rastrum*, são mais semelhantes á nossa enxada de ganchos que os *bidentes* das figuras n.os 854 e 855 do *Dict.* de Daremberg e Saglio, que dizem que o *bidens* tinha pontas agudas ou cortantes; o *bidens* do *Dict.* de Smith é semelhante ao de Cagnat, mas deriva da mesma figura dum monumento, dada por Fabretti, que a n.º 854 de Daremberg e Saglio.

Não temos enxada que se designe pelo termo *bidente*, na linguagem do povo, se não me engano.

Não deve deixar de mencionar-se que no periodo post-classico apparece o termo *occa* na qualidade de synonymo de *raster* [7] e que P. Vegecio diz: «Crates, quae occa vocatur a vulgo»; [8] mas o termo *occatio*, que designa a operação de quebrar os torrões depois da arada, occorre já em Cicero e Plinio diz: «Aratione per traversum iterata occatio sequitur, ubi res poscit, crate vel rastro...» [9] A *occatio* fazia-se, pois, com um de dois instrumentos differentes, a *crates* ou o *raster*, e dahi viria que um e outro se chamassem *occa* (por ventura em logares diversos). Os termos *occa*, *occatio* não se reproduzem nas linguas romanicas.

O *ligo* dos romanos era outro instrumento um tanto analogo ao rastro; definem-no «enxadão com dois dentes curvos e cabo comprido, para abrir a terra, revolvê-la, arrancar as raizes». [10] Horacio allude a elle de modo que parece indicar o seu manejo como prova de força viril:

---

1 Idem, *Ibid.*, II, 354-6.
2 CAT., *de re rust.*, 10-3.
3 VERGIL., *Georg.*, I, 94-5.
4 Id., *Ibid.*, v. 164.
5 Etymologicamente, *râteau* vem de lat. *rastellum*, dem. de *raster*.
6 FELIX PEREIRA, *As Georgicas de Vergilio* (Lisboa, 1875), nota a pag. 6.
7 «*Occa*, rastrum.» *Gloss.* apud FREUND-THEIL, *Dict. lat.-franç.*
8 P. VEGET., *Ars veterinaria*, I, 56.
9 PLIN., *Hist. nat.*, XVIII, 20 (3), ed. Janus.
10 Vid. a figura no *Dict.* de CAGNAT, s. v.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Sed rusticorum mascula militum
Proles, Sabellis docta ligonibus
Versare glaebas... [1]

Columella menciona o *ligo* conjunctamente com outro instrumento chamado *marra*, palavra em que aliás se quis ver apenas um synonymo de *ligo*, posterior a Augusto:

Mox bene cum glaebis vivacem cespitis herbam
Contundat marrae vel fracti dente ligonis. [2]

Mas desse logar conclue-se mais facilmente que a *marra* e o *ligo*, comquanto de uso analogo, divergiam na fórma. Como o adjectivo *fracti* se refere a *ligonis*, parece que o auctor teve intenção de distinguir por essa particularidade este instrumento da *marra*. Temos em português o termo *marra* e os seus derivados *marrão* e *marreta*, para designar uma especie de martello sem orelhas, ou pequeno malho, empregado pelos pedreiros para quebrar pedra, derruir paredes, etc., pelos ferreiros para malhar ferro. No hispanhol a palavra tem a mesma significação que em português; mas alguns diccionarios attribuem-lhe ainda a de «sacho de monda»; será esta uma mera interpretação do sentido latino da palavra? Em francês *marre* e em italiano *marra* significam uma especie de pá larga e curva de cavar, e nalgumas partes da França *marre* designa tambem uma especie de enxada dos vinhateiros. Plinio, fallando dos trabalhos da vinha, diz: «Solum apricum et quam amplissimum in seminario sive in vinea bidente pastinari debet ternos pedes bipalio alto, marra reici quaternum pedum fermento, ita ut in pedes binos fossa procedat». [3] O mesmo auctor dá o nome de *marra* a uma especie de fisga para pescar o siluro: «(Silurus) in Mœno Germaniae amne protelis boum et in Danuvio marris extrahitur porculo marino simillimus». [4] Esses dados são mais a favor da supposição de que a *marra* dos romanos não era um instrumento dentado do que da supposição da identidade da mesma com o *ligo*, termo que não se reflecte nas linguas romanicas.

O *sarculum* latino, a que corresponde etymologicamente o nosso termo *sacho*, designava o mesmo intrumento que essa palavra portuguesa, o qual servia aos romanos para os mesmos usos, como provam numerosos passos dos escriptores; por ex., Plinio diz: «nunc sarculo leviter convelluntur radices»; [5] e Columella: «Peracta sementi, sequens cura est sarritionis; de qua non convenit inter auctores. Quidam negant eam quidquam proficere, quod frumenti radices sarculo detegantur, aliquae etiam succidantur, etc.». [6] Nas regiões montanhosas o sacho substituia o arado: «certe sine hoc animali (bove) montanae gentes sarculis arant». [7] O sacho tinha naturalmente entre os romanos formas e tamanhos diversos. [8] Os gregos chamavam-no σκαλίς ou σκαλιστήριον.

O *capreolus* era uma variedade do *sarculum*, um sacho de duas pontas pequenas (dahi o nome). Esse termo não se encontra no vocabulario romanico.

Da palavra latina *ascia* tirou-se, no latim vulgar da peninsula, ao que parece, um diminutivo *asciola*, representado pelo português *enxó* (como *ficariola* por *Figueiró*, *Ecclesiola* por *Grijó*, etc.) e em hispanhol *azuela*: esse instrumento não aratorio era designado em latim, como se vê da definição de *ascia* dada acima, por este primitivo. [9] Os franceses designam a enxó do tanoeiro

---

[1] HORAT., *Odes*, III, 6, 37-39, ed. Nauck.
[2] COLUM., *de re rust.*, X, 88-89.
[3] PLINIO, *Hist. nat.*, XVII, 21 (35).
[4] Id., *Ibid.*, IX, 15 (17).
[5] Id., *Ibid.*, XIX, 6 (33).
[6] COLUMELLA, *de re rustica*, II, 11.
[7] PLINIO, *Ibid*, XVIII, 19 (49).
[8] RICH., *Dict.*, traz figura dum sarculum.
[9] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.* s. v. *ascia*, fig. 561 e 562, reproduzem monumentos em que figuram enxós.

pela palavra *doloire*, a do carpinteiro por *erminette*. O primeiro termo *doloire* deriva, como indica Littré, de latim hyp. *dolatoria*, de cujo thema *dola* vem o documentado *dolabra*, que significava ao mesmo tempo machado e martello ou picareta, formado de um cabo comprido, que entrava no alvado do ferro de dois ramos, sendo um uma lamina cortante, formando o outro ponta curva. Servia aos lenheiros e cultivadores para cortar e mondar arvores, aos mineiros, cavadores, etc. Havia um deminutivo *dolabella*. [1] Esses termos não se acham representados em português.

Seria erroneo concluir da origem da palavra *enxada*, assim como do nome de qualquer objecto em geral, para a origem do objecto mesmo, sem mais averiguações. Nem sequer a coincidencia de forma do objecto e do nome auctorisa a fazer tal conclusão. A agricultura existia na peninsula desde longos seculos quando os romanos a conquistaram. Ao sul, sob a influencia hamito-semitica e hellenica, estava — temos fundamentos para o crêr — notavelmente adeantada antes dessa conquista. Ora a enxada é o instrumento por excellencia da cultura, o mais antigo, se abstrahirmos do simples pau de cavar, e o mais espalhado.

É bem sabido que ha povos que não agricultam: povos caçadores ou pescadores, povos pastores. O dogma de que elles representam estadios forçados d'evolução, que portanto todos os ramos da humanidade percorreram, começando pelo estadio da caça, para chegar ao estadio da cultura da terra e da sedentariedade, está hoje bastante abalado; [2] se não sempre, pelo menos em geral o pastoreio deve ter-se ramificado da agricultura e até povos que, como os esquimós, vemos na vida piscatoria exclusiva, fazem suppor uma phase diversa anterior.

Nalguns grupos humanos a agricultura é tão rudimentar ainda hoje que nos está indicando os primeiros passos da marcha seguida desde o inicio. O buschmano, [3] que ainda não é agricultor, usa, para cavar no chão, a fim de arrancar raizes ou fazer de lá sair animaes ou ainda para armar ratoeiras, dum pau aguçado dum lado, que a certa altura atravessa uma pedra arredondada, furada ao meio, que tem por fim dar mais força á pancada. Na Australia as mulheres servem-se dum pau aguçado e endurecido ao fogo para cavarem as raizes. [4] Na sua viagem nessa mesma parte do mundo, de Gantheaumebai a Hutt River, encontrou Grey um territorio de mais de 3 milhas inglesas de largura com uma plantação exclusiva de dioscorea, litteralmente coberto de buracos em que se tinham mettido as sementes. [5] Os selvagens stieng da Indo-China teem como unico instrumento de cavar dois bambús, com que abrem buracos no chão, entre outros dois bambús dispostos neste parallelamente para servirem de guia, na falta de sulcos; esses buracos teem de fundo pollegada a pollegada e meia e nelles se lança a semente do arroz. [6] Ratzel traz uma figura do pau de cavar dos igorrotes de Luzon. [7] Os indios digger (America) usavam um pau de cavar que atravessava uma pedra furada, como o dos buschmanos. [8] O simples pau, esse instru-

---

[1] Colum., *Ibid.*, II, 24, X, 2. Daremberg et Saglio, *Dict*, t. II, pag. 329, que trazem figuras dos instrumentos.

[2] Vid. especialmente sobre este ponto Eduard Hahn, *Die Haüsthiere und ihre Beziehung zur Wirthschaft des Menschen* (Leipzig, 1896); Idem, *Demeter und Baubo. Versuch einer Theorie der Entstehung unsres Ackerbaues* (Berlin, 1897); Idem, *Zur Theorie der Entstehung des Ackerbaues* in *Globus*, t. LXXV (1899), nr. 18.

[3] Friedrich Ratzel, *Völkerkunde* (Leipzig, 1887-88), I, 63.

[4] Idem, *Ibid.*, II, 47.

[5] Idem, *Ibid.*, II, 56-57. «É tudo, diz o auctor citado», isto é, nada mais se descobriu duma agricultura australia. E todavia os australios chegaram a moer os grãos que a natureza lhe offerece e a fazer da farinha bolos e até uma especie de pão, revelando assim que a arte do moleiro e do padeiro são mais antigas que a do agricultor. Oscar Peschel, *Völkerkunde*, 4.te Auflage, pag. 355, em que se encontram importantes reflexões sobre o atraso agricola.

[6] Mouhot, *Voyage dans les royaumes de Siam, de Cambodge*, etc., in *Le Tour du Monde*, t. VIII, pag. 285.

[7] Ratzel, *Ob. cit.*, II, 416.

[8] Idem, *Ibid.*, II, 606.

mento offerecido immediatamente pela natureza, bastou a outros grupos americanos para inicio da cultura. [1] Mas ha vestigios dum estadio ainda mais baixo da cultura da terra entre os indios do valle de Coyote, na California, onde as mulheres, sem se auxiliarem sequer do pau de cavar, gastavam 15 minutos a abrir cada buraco para a semente. [2]

A America ministra-nos provas da falta de fundamento com que muitas vezes se tem traçado linha divisoria entre o estadio caçador e o estadio agricola, entre povos caçadores e pescadores e povos agricultores; Peschel, por exemplo, na sua obra, tornada justamente classica, sobre ethnographia, insiste demasiado nessa distincção relativamente aos indigenas daquelle continente. [3] Os americanos, diz-nos uma auctoridade especial no assumpto, inclinaram-se á agricultura em quasi todas as regiões em que ella era proveitosa. O milho foi cultivado, tanto ao norte como ao sul, na extensão geographica da sua cultura; a fava, a abobora, a batata foram amiudadamente plantadas nas latitudes convenientes; a banana foi rapidamente acceita depois da sua introducção, até por tribus que nunca tinham visto um homem branco; o algodão para o vestuario e o tabaco como artigo de luxo eram objecto fixo de colheitas em grupos muito diversos. Os iroqueses, os algonquinos e muscoquis da costa do Atlantico cavavam largos campos e estavam sob a dependencia das suas ceifas para as provisões d'inverno. A differença entre elles e os mexicanos sedentarios, a este respeito, não era tão larga como se representou. [4] Todavia ainda Ratzel [5] affirma que entre os indios do noroeste a agricultura não foi primitivamente conhecida, que Durnn é o primeiro a dar noticia (em 1844) de que ás casas dos haidah está junto usualmente um campo de batatas e que mais recentemente Krause fez uma observação semelhante a respeito dos tlinkit, e accrescenta que em ambos os casos parece tratar-se duma cultura pouco consideravel.

É certo que o homem americano não se elevou acima duma phase bastante rudimentar da alfaia agricola, mas que é muito interessante para o estudo da evolução desta. Ao simples pau de cavar, segue no uso uma vara que se cortou de modo que numa extremidade fica um resto de ramo, formando angulo, se a vara simples não é curvada numa extremidade em angulo mais ou menos recto: obtinha-se assim uma especie de enxada de pau com que se revolvia a terra a pequena profundidade e em pequena massa. Um passo mais adeante, fizeram-se enxadas, atando a um pau uma omoplata de cabrito, um pedaço de casca de tartaruga, uma costella de peixe. Rau descreveu instrumentos agricolas da America do Norte, feitos duma grande pedra de silex, como as pontas de frecha e lança das mesmas estações. Uma lamina de silex de $^1/_3$ de metro de comprido e $^1/_7$ de metro de largura, de bom trabalho e forma oval, servia de pá e outros pedaços de pedra, de trabalho semelhante, com um corte transverso dum lado, empregavam-se como enxadas. Por mais variado, observa Ratzel, que fosse o apertado thema do pau de cavar, da enxada de madeira, osso ou pedra, ficava sempre um instrumento pouco efficaz. [6] Os povos cultos do Perú e Mexico não foram muito além dessas condições do trabalho agricola: faziam uso dum pau afiado e endurecido ao fogo ou, mais raro, com ponta reforçada de cobre; duma especie de pá de carvalho, que servia trabalhando-se com os pés e mãos; da chamada *cobra (Coatl* ou *Coa)*, uma fraca enxada de cobre com cabo de pau, comparavel a um instrumento analogo dos africanos, a que se refere Ratzel no vol. I, pag. 59 e 199 da obra citada, e duma especie de foice, a que alludirei em seu logar. [7] A America precolombina foi extranha ao arado.

---

[1] Idem, *Ibid.*

[2] Idem, *Ibid.*, II, 604.

[3] Oscar Peschel, *Völkerkunde*, pag. 447 e seg. Segundo Alph. de Candolle, *Origine des plantes cultivées* (3.ª ed.) pag. 42, a cultura da batata *(Solanum tuberosum)* extendia-se na America precolumbina do Chili a Nova Granada (Colombia) e introduziu-se provavelmente na segunda metade do seculo XVI na Virginia e Carolina do Norte (Estados-Unidos da America do Norte).

[4] Daniel Brinton, *The American Race* (New-York, 1891), pag. 50.

[5] Ratzel, *Ob. cit.*, II, 6, 57.

[6] Ratzel, *Ibid.*, II, 606.

[7] Idem, *Ibid.*, III, 672.

O instrumento aratorio por excellencia dos negros d'Africa é a enxada; elles ficaram até hoje essencialmente desconhecedores do arado. Segundo Barth, este ultimo instrumento deixa de ser empregado ao sul de Agades e já os gallas ao sul da Abessinia não fazem uso delle, que deve ser considerado portanto como originalmente extranho ao negro d'Africa. «Mas, accrescenta Ratzel, de cuja *Ethnographia*, extrahe essa observação, concluir-se-hia falsamente de tal facto a inferioridade do negro como lavrador. Muitos negros cultivam as suas terras sem arado melhor que os abexins com esse instrumento. A lavoura regular, de grande estylo, portanto com o arado, encontra muitas vezes nos paises tropicaes, por causa da opulencia da vegetação, obstaculos difficeis, a cuja remoção não impelle nenhuma necessidade. As familias tiram do solo sufficientes provisões, contentando-se com cavá-lo á enxada». [1]

No Museu ethnographico da Sociedade de geographia de Lisboa ha varios exemplares d'enxadas africanas. Infelizmente faltam relativamente a elles, como a muitos outros das numerosas collecções alli reunidas, indicações de proveniencia e outras indispensaveis para o seu estudo; falta um catalogo para guiar o estudioso, o qual de cada vez se torna mais difficil fazer. As laminas de ferro dessas enxadas africanas variam de forma, havendo-as com o bordo anterior recto ou curvo, em ponta, ovaes, etc. Em regra a enxada do negro africano carece de alvado, fixando-se no cabo por meio dum espigão inteiriço com a lamina. Typica e muito generalisada é a enxada de cabo duplo, em forma de V, o qual se obtem cortando um pedaço de tronco d'arvore ou d'arbusto com dois ramos dirigidos do modo indicado, e fixando na parte mais grossa que os liga e que para isso se furou e muitas vezes endureceu ao fogo, o espigão do ferro. Machados que servem de armas são sempre empregados tambem nas cavas. [2] Empregam-se em varias partes da Africa negra, e ainda fóra della, laminas d'enxadas, fóra d'uso, como moeda.

Os povos insulares do Pacifico teem, em grande parte, apenas instrumentos de cavar muito rudimentares até á enxada em pleno uso entre os malayos. Referir-me-hei a alguns desses instrumentos quando fallar do arado. Os malayos de Singapura usam enxada de lamina arqueada com alvado, ou de forma de machado atado ao cabo, ou com um espigão que entra no cabo, tres typos diversos na evolução do instrumento. [3] Uma arma que, entre outros nomes, tem o de *mandau* e serve para cortar matto e herva, a enxada de lamina de ferro atada com tendões cruzados a um pau duro são os instrumentos de cultura mais frequentes no Archipelago malayo. Fallarei mais abaixo dalgumas formas d'arado que já alli apparecem.

Póde dizer-se que a enxada triumpha na cultura intensiva, horticola, dos mongoloides do Japão e da China, que aliás tambem possuem o arado. Como Eduard Hahn pôs em relevo na obra citada, o oriental, pelo desenvolvimento da irrigação artificial combinada com essa cultura intensiva, está acima do agricultor europeu, não só pelo mais completo aproveitamento do solo, mas principalmente por ter-se emancipado dos caprichos do tempo. O europeu adiantado representa aqui os baixos graus de cultura com a sentença que provoca muitas vezes á indolencia: «Tudo depende da graça de Deus» («Deus super omnia» diz o Borda-d'agua, tão estimado do nosso povo). Vierkandt objecta a Hahn que os povos orientaes semi-cultos puseram o ponto de gravitação do seu desenvolvimento no lado economico (agricola) e pagaram caro aquella vantagem com a sua immobilidade espiritual. [4] Devem ler-se em Hahn as importantes observações sobre o valor social da horticultura, da cultura á enxada, e ver-se-ha como o modesto instrumento de que me estou occupando suggere ponderosas observações.

---

[1] Idem, *Ibid.*, I; 203.

[2] H. A. Dias de Carvalho, *Ethnographia e hist. tradicional dos povos da Lunda* (Lisboa, 1890), pags. 311-314, figura a pag. 312. Vid. tambem as figuras em H. Capello e R. Ivens, *De Benguella ás Terras de Iácca* (Lisboa, 1881), I, 88 (enxada dos ganguellas), pag. 177 (enxada do Cuango); Ratzel, *Obr. cit.*, I, 203, 446; a pag. 155 uma gravura representando uma negra de Loango cavando com uma enxada de cabo simples. As enxadas europeas teem penetrado na Africa.

[3] Id., *Ibid.*, II, 417.

[4] Vierkandt, in *Globus*, Bd. LXIX (1896), n.º 10.

Os habitantes das estações lacustres cultivavam á enxada o milho miudo. Uma epocha do milho miudo precedeu a do trigo. Ainda hoje, segundo Hahn, a cultura desse cereal (*Panicum miliaceum*, L.) se extende num dominio immenso, alem do dominio actual da cultura do trigo (p. ex. entre os Ainos e na Formosa).

Os povos hamito-semitas e indo-europeus, os povos por excellencia do arado, começaram muito provavelmente tambem pela enxada, de que, como já vimos, faziam uso os romanos, e de que faziam uso os gregos.

Acharam-se antigas enxadas egypcias e babylonicas. [1]

A falta de um nome commum da *enxada* nas linguas indo-europeas não prova contra a grande antiguidade que se deve attribuir a esse instrumento: basta lembrar que nas linguas romanicas elle tem nomes muito diversos, apesar de estar em vulgarissimo uso no imperio romano. Notou-se no sanscrito vedico a palavra *vrka*, arado, e comparou-se com ella o grego εἰλάκα (por * *e-vlaca*), forma que se suppõe laconia e occorre uma vez só, num oraculo transmittido por Thucydides, e com o mesmo sentido de arado; consideram-se essas formas como derivadas duma raiz *vark*, que significaria *rasgar*; concluiu-se que os indo-europeus possuiam antes da sua separação um instrumento de lavoura, sem se affirmar que fosse o arado.

A enxada é do numero desses instrumentos que segundo todas as probabilidades foram inventados separadamente por diversos grupos humanos, e para os quaes só pode admittir-se origem ethnica commum quando haja taes correspondencias de forma e de emprego que a mera coincidencia se torne inacceitavel.

É muito de suppôr que influencias extranhas determinassem modificações nas formas da enxada dos habitantes preromanos da região que veiu a constituir Portugal, mas os factos que conheço não permittem conclusão segura sobre o assumpto. A palavra mesma prova só, como a maxima parte dos termos do nosso vocabulario, que o latim penetrou fundamente nas populações dessa região, fazendo-lhes esquecer até nomes dos objectos de uso mais vulgar entre elles, antes do nome de Roma ter echoado pelas suas montanhas.

Fica acima mencionada a *pá de cavar* entre os instrumentos d'agricultura dos indigenas da America. Não havia nenhum exemplar desse instrumento entre os objectos aqui reproduzidos pela gravura; farei por isso apenas algumas observações rapidas sobre elle.

A pá de cavar é, como a enxada, uma combinação da cunha e da alavanca; mas emquanto a segunda actua por percussão, em virtude do movimento que se lhe imprime, fazendo que o ferro descreva uma curva, a pá actua pela pressão, que o trabalhador exerce com o seu corpo pondo um pé no bordo superior da lamina; emquanto a enxada quebra e desloca a terra, sem a voltar perfeitamente, a pá entra na terra e, empregando-se o seu cabo como alavanca, levanta-a, revolvendo-a por completo, e lança-a adiante no espaço aberto pelo corte anterior. O trabalhador que se serve da enxada vae deixando atrás de si a terra que cava, ao contrario do que se serve da pá, pois este recua, tendo ante si o chão cavado.

Os romanos faziam uso da pá de cavar, que chamavam *pala*, palavra que é o etymon da nossa *pá*. Plinio diz: « iuncosus ager verti pala debet, aut in saxoso bidentibus». [2] Tito Livio pinta-nos Cincinnato, quando lhe vão offerecer a toga «fossam fodiens palae innixus». [3] Havia uma forma particular da *pala* chamada *bipalium*, mencionada por Catão, Varrão, etc. Segundo Saglio era «uma pá munida duma barra transversal (no cabo) um pouco acima do ferro, em que se punha o pé, em vez de o pôr sobre o ferro mesmo, como se faz ordinariamente cavando a terra»; e no seu *Dict.* traz uma figura representando o instrumento descripto. [4] Segundo Smith, o *bi-*

---

[1] Federico Hottenroth, *Historia del Traje*, (Barcelona, 1893), t. I, lam. VII, fig. 22, lam. XIV, fig. 26 e 27.

[2] Plin., *Hist. nat.*, XVIII, 6 (8), ed. Janus.

[3] Tit. Liv., III, 26, ed. Weissenborn.

[4] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, I, 711, fig. 859, que se encontra tambem em Smith, *Dict. of Greek and Roman Antiquities*.

palium é ainda hoje usado na Italia, com o nome de *vanga,* palavra que occorre já em Palladio. [1] N. Theil, na sua traducção do *Dict. latino* de Freund pretendeu que o *bipalium* era outro instrumento que, com o nome de *palo-beço,* se usa ainda no sul da França, segundo elle, e define-o: pá de dois ramos, sem lamina. Creio que esse auctor tomou o *bidens* pelo *bipalium,* que figura no mesmo monumento reproduzido por Saglio e Smith de Fabretti, ao lado doutro que é inegavelmente uma pá, com a barra acima descripta. Tenho ante os olhos uma figura duma pá de cavar, pá fendida ou com forma de forcado, a que convem a definição de Theil, e que se usa no Auvergne, com o nome de *bident.*

Arado e charrua.—A fig. 8 representa um arado de Bragança, inclinado sobre um dos lados, para melhor se verem as peças ou orgãos de que se compõe. Pela imaginação collocará facilmente o leitor no seu logar a parte que se figura cortada e separada acima do corpo do arado. Não conheço a nomenclatura deste instrumento usada em Bragança; mas é de crér que não divirja muito da que vou indicar e que é bastante geral no país, com pequenas variantes.

A peça curva que termina na parte supero-posterior num manipulo (punho) de abertura rectangular e na extremidade inferior serve de base a uma peça convexa (de ferro) que termina em ponta, é a *rabiça,* que serve para dirigir o instrumento; a peça de ferro é a *relha, ferrão* ou simplesmente *ferro.* Noutros typos d'arado em vez dessa peça inteira, a rabiça, ha duas ou tres ligadas: uma inferior, que se chama *dente* ou *coice* e em que assenta a relha, outra que é propria-

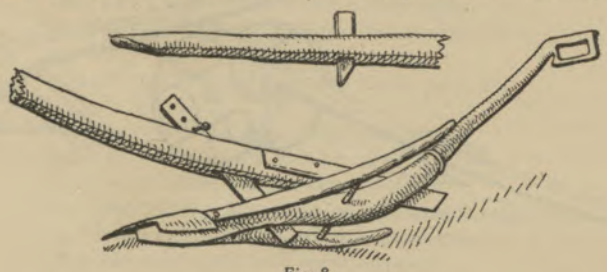


Fig. 8.

mente a rabiça, e termina por vezes numa parte distincta supero-posterior, ou punho, que se chama *rabello.* Tambem em casos em que o arado tem, em vez de rabiça inteira, duas peças, tenho ouvido chamar á inferior *rabiça* e á superior, comprehendendo mais do que o punho, *rabello,* e ao ferro é que se dá então o nome de *dente.* De cada lado da parte inferior da rabiça (ou do *dente,* quando este é a parte em que se fixa a relha) ha uma peça um tanto curva, que se levanta um pouco para trás: as duas peças, que são usualmente dois paus adaptados ao fim, chamam-se *aivecas* e teem por fim sustentar e deitar de lado a leiva levantada pela relha. Fr. João Pacheco trás mais duas formas do termo: *aivacas* e *avecas.* [2]

As aivecas são conservadas a distancia fixa da rabiça (ou *dente*) por uma travessa mettida num furo aberto naquella travessa, que se chama *mexilho* e é usualmente de madeira, no arado tradicional, segundo a minha observação. Acima do mexilho ha um furo mais largo em que entra a extremidade posterior do orgão mais comprido do arado, o qual acima se figura cortado e a que se jungem os animaes de tiro: esse orgão chama-se *apo,* (o povo diz tambem *aipo* no mesmo sentido); mas tenho ouvido chamar-lhe tambem *temão,* no arado simples. Do dente ou parte inferior da rabiça ao apo vae uma travessa que, no exemplar figurado, tem uma serie de furos: é a *teiró* e serve para fazer variar o angulo do apo com o dente ou rabiça, com o auxilio duma cravelha, fazendo as funcções de regulador. Noutro typo d'arado tradicional, que tenho visto no termo de Lisboa, etc., o *apo (temão)* em vez de atravessar com a sua extremidade posterior a rabiça, encos-

---

[1] Pallad., *de re rust.,* I, 43, 3.

[2] Fr. João Pacheco, *Divertimento erudito,* (Lisboa, 1738), t. II, pags. 210 e 213.

ta-se simplesmente a esta ou a um chanfro praticado nella, contra que se fixa com uma cunha que atravessa a rabiça e se chama *tempera;* a teiró não tem furos; o corte interior do apo que ella atravessa tem a largura necessaria para entrar nelle uma outra cunha chamada *pescaz,* com que se fixa o apo contra a teiró na altura conveniente. A tempera chama-se tambem *pescaz* nalgumas partes.

A fig. 9 representa um *labrego* (de Thomar), que é uma charrua ou arado com rodado (jogo dianteiro). Esse typo, com variantes, é muito usado na Extremadura e tem geralmente o mesmo nome, alterado por vezes em *lamego* ou *lavego.* A aiveca, á esquerda do guia, é formada por uma taboa. O *apo,* a que se prende o jogo dianteiro, e que neste caso nunca se chama temão, forma um angulo, e insere-se nelle uma especie de faca que desce ao nivel da ponta da relha, a qual se chama *sega* e serve para ir cortando a terra verticalmente, separando da parte do campo não lavrada a leiva que, cortada pela relha inferiormente, é levantada por esta. Numa variante do termo de Lisboa, o rodado tem rodas cheias, de madeira, como as de muitos carros rusticos, de que fallarei mais abaixo; em vez de rabiça ha duas barras de ferro ou madeira, inclinadas para trás, que vão do dente ao apo, subindo acima delle, mais afastadas em cima do que em baixo, sendo mantidas nessa disposição por duas travessas horisontaes: essas barras chamam-se *pégas* ou *aravellas,* e servem, como a rabiça, para dirigir o instrumento. Do rodado parte (fig. 9) o *temão (timão* ou *tomão),* o cabeçalho a que se jungem os bois.

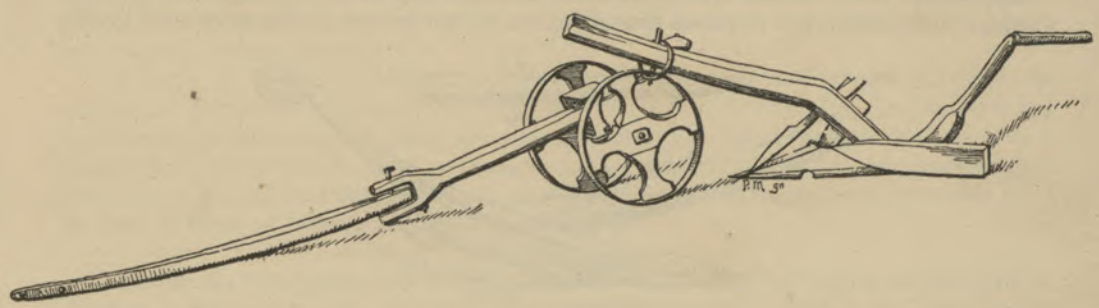


Fig. 9.

A palavra *arado* vem do latim *aratrum,* que designava exactamente o mesmo instrumento. O grupo *tr* mudou-se em *dr,* em que o *r* foi supprimido por influencia do *r* anterior (comparem-se *frade* de *fratrem, rodo* de *rutrum*). É esse termo que, modificado phoneticamente, significa o instrumento nas outras linguas romanicas: hispanhol *arado,* catalão *arada,* valenciano *aladre,* provençal *araire,* antigo francês *arère,* italiano *arátro, arátolo,* valachio meridional *aratru, aratu;* mas o termo hoje usado exclusivamente em francês é *charrue,* cujo mais antigo exemplo, em texto dessa lingua, para designar o instrumento aratorio, é, segundo o *Dict.* de Littré, do seculo XII. Em latim *carruca,* que é o etymon do francês *charrue,* designava uma certa carruagem de luxo, e derivava de *carrus,* de que me occuparei mais abaixo. Diez cita um documento da collecção de Bréquigny, do anno 700, em que a palavra *carruca* designa ainda uma carruagem, mas lembra que nas leis barbaras (p. ex. na *L. salica*) vem já no sentido de *aratrum.* [1] Como em portugués *c* antes de *a* não se muda em *ch,* e *c* medial não é syncopado, emquanto esses phenomenos são normaes em francês, é evidente que o nosso termo *charrua* vem do francês *charrue,* e serviu-nos para designar o arado com jogo dianteiro, emquanto o velho termo ficou designando o instrumento simples, sem rodas. Ignoro em que epocha a palavra foi introduzida em a nossa lingua. Nas linguas romanicas ha ainda alguns outros termos raros. [2] Os termos que designam os diver-

---

[1] DIEZ, *Ob. cit.,* I[3], 28-29. G. KÖRTING, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch* (Paderborn, 1891) n.º 673. Sobre a *carruca,* vid. especialmente SAGLIO et DAREMBERG, *Ob. cit.,* I, 929-930, com as figs. 1197 e 1198.

[2] Vid. DIEZ, *l. c.,* G. KÖRTING, *l. c.,* O reto-romano adoptou o termo allemão *Pflug.*

sos orgãos do arado divergem em geral muito do latim para o português: assim como para as outras linguas romanicas e destas para o português.

Os principaes termos latinos relativos ao arado (*aratrum* significava tanto o arado simples, como o arado com rodas, a que chamamos *charrua*) encontram-se num passo de Vergilio (*Georg.* I, 160-3; 169-75), que tem dado bastante que fazer aos interpretes:

> Dicendum et, quæ sint duris agrestibus arma,
> Quis sine nec potuere seri nec surgere messes:
> Vomis et inflexi primum grave robur aratri...
> . . . . . .
> Continuo in silvis magna vi flexa domatur
> In burim et curvi formam accipit ulmus aratri.
> Huic a stirpe pedes temo portentus in octo,
> Binae aures, duplice aptantur dentalia dorso.
> Caeditur et tilia ante iugo levis altaque fagus,
> Stivaque, quae currus a tergo torqueat imos,
> Et suspensa focis explorat robora fumus.

Castilho traduziu esses versos do seguinte modo:

> Cabe agora ementar qual seja a ferramenta
> que aos rusticos granjeia o pão que os alimenta:
> o primeiro lugar pertence ao curvo arado
> co'o seu rompente ferro e o seu temão pesado.
> . . . . . .
> Na matta logo e já, olmo á força dobrado
> finja, até á rabiça, um tortuoso arado.
> Oito pés ao temão desde a raiz extende;
> d'aivecas põe-lhe um par, e seus dentaes lhe prende
> de duplice espinhaço. A canga ha de ser leve:
> pára isso antecipada a til cortar-se deve,
> ou a faia alterosa, igualmente prestante
> para a esteva que rege a machina rodante,
> como o leme ao baixel. Mas estes paus primeiro
> impendam sobre o lar, endurem-se ao fumeiro.

O traductor português não venceu todas as difficuldades que o metro e o sentido offereciam. Traduziu *vomis* por *ferro*, o que é exacto, pois, como já disse *ferro* é synonymo de *relha*; no quarto verso transcripto introduziu-se o *temão*, que não está no lugar correspondente de Vergilio. A palavra *buris* quer dizer *apo*: os versos 169 e 170 do original querem dizer:

«Na matta, emquanto novo dobre-se o olmo para fazer delle um apo, dando-se-lhe a forma do curvo arado». O apo representa aqui para Vergilio o orgão fundamental na construcção do arado; a convexidade ficava voltada para trás; um dos lados da peça descia a fixar-se nos *dentaes* (dente) e o outro corria acima para nelle se articular o temão, ou antes o rodado (eixo e rodas) de que parte o temão. Tenho visto representados varios arados em que a forma do apo lembra mais ou menos a do de Vergilio. Nas moedas da antiga Obulco (Hispania) vê-se representado um arado, [1] cujo apo arqueado assenta posteriormente no dental, que se extende para trás formando a rabiça; ao braço superior do apo, que se extende quasi horisontalmente, adaptou-se o temão por meio de cavilhas. Num arado da Transcaucasia, em que o apo faz corpo inteiriço com o dental, liga-se do mesmo modo o temão ao apo. [2] Muitas vezes o apo prolongado servia de temão.

---

[1] DAREMBERG et SAGLIO, *Obr. cit.*, t. I, fig. 434.

[2] BASILE VERESCHAGUINE, *Voyage dans les provinces du Caucase*, in *Le Tour du monde*, t. XIX, pag. 330.

A expressão *a stirpe,* que foi traduzida por Castilho «desde a raiz», refere-se ao tronco, ao apo, ou mais determinadamente á parte supero-anterior deste, em que se articulava o temão de oito pés de comprido.

As *binae aures* foram bem traduzidas por um «par d'aivecas»; mas *aures,* orelhas não tem nada que ver etymologicamente com *aivecas,* como *buris* o não tem com *apo.* Palladio falla dos arados com aivecas como sendo empregados nas terras planas. [1] Ginzrot, numa obra que só conheço de citações, sobre os carros dos antigos, trás a figura dum arado que diz achar-se representado num baixo relevo duma estatua de Ceres, da peninsula de Magnesia, e cuja forma seria ainda hoje alli usada, no qual instrumento o dente *(dentale),* formado dum pedaço de tabua com as maiores superficies (a inferior e a superior) em forma de triangulo, com a relha sagittiforme inserta no vertice, tem de cada lado, um pouco atrás dessa relha, uma pequena aiveca ou *auris.* A authenticidade do monumento não é porém certa. [2]

Ás palavras *duplici aptantur dentalia dorso,* que Castilho traduziu bastante á lettra, teem-se dado interpretações diversas. Note-se que *dentalia* occorre sempre no plural antes de Servio, commentador de Vergilio, o qual traz a forma *dentale* (sing.); mas de varias representações e descripções do arado antigo conclue-se antes que o dente era singelo; foi provavelmente por isso que se pensou que talvez Vergilio tivesse querido dizer quê o *dente (dentalia)* se fixava ao *apo (buri)* por travessa ou *teiró,* como se vê representado; mas é preferivel a interpretação segundo a qual com effeito o dente era formado de duas peças, fixadas na extremidade inferior do apo curvo, formando uma só ponta adeante, sob a relha, e levantando-se para trás de cada lado: o dente teria assim aproximadamente a figura dum A, que se observa, segundo Rich, no arado em uso no golfo de Tarento. [3] Conjecturou-se tambem, não sei com que fundamento, que pelo braço esquerdo o dente fosse fixado ao apo, e á rabiça *(stiva)* pelo direito. [4]

Castilho, que parece não ter entendido o que era a *buris,* traduziu *stiva* por *esteva,* que figura com effeito em os nossos diccionarios como synonymo de *rabiça,* mas de que não posso affirmar o caracter popular, tradicional em tal sentido. [5]

Em edições antiquadas lê-se v. 174-5: altaque fagus Stivae, quæ; na de Ladewig e outros: Stivaque, quæ..., de modo que, seguindo essa lição deve traduzir-se: De antemão se corta para o jugo o leve til e a elevada faia. E a rabiça (sc. corta-se), que faça volver por de trás as baixas (pequenas) rodas, isto é, o *rodado (currus* em vez de *rotas,* synecdoque).

Na descripção de Vergilio não entra o termo *manicula* ou *manibula,* que alguns confundem com *stiva,* traduzindo-o em francês, por exemplo, *manche;* Rich diz que era uma barra transversal no alto da *estiva,* que se vê figurada num vaso etrusco; era antes o nome geral do cabo ou punho da rabiça, o qual variava, como varia hoje, de forma, e que, como foi indicado, entre nós se chama rabello.

O verso 175 não foi bem interpretado por Castilho e outros traductores portugueses. Felix Pereira verte-o, d'accordo com aquelle escriptor:

> Estas madeiras estarão suspensas
> No lar, para enrijarem com o fumo.

---

[1] Pallad., *de re rustica,* I, 43: 43 «aratra simplicia, vel, si plana regio permittit, aurita».

[2] Vid. Daremberg et Saglio, *Obr. cit.,* t. I, fig. 435, reproduzida tambem em Cagnat, *Dict.,* etc.

[3] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*; Smith, *Ob. cit.*; Rich, *Ob. cit.,* s. v. *aratrum.*

[4] Smith, *l. c.*

[5] Na sua edição de *Vergilio* (Porto, 1885) traduz o sr. Julio Moreira, numa nota fundada em Ladewig, *buris* (de que ha tambem a forma *bura*) pelo termo *rabiça,* levado talvez da etymologia não provada βοός οὐρά rabo de boi, comquanto diga — «a rabiça, onde se encaixa o temão, quando este não é prolongamento daquella», o que só pode entender-se do apo, e não da rabiça; traduz *stiva,* «o rabello» do arado; ora o *rabello,* como se diz abaixo, era o *maniculum.* Sem duvida varios diccionarios latino-francezes traduzem *buris* por *manche de la charrue,* isto é, rabiça (Freund-Theil, Quicherat, Chatelain, etc.); mas não assim os *Diccionarios* de antiguidades, aqui citados, de Daremberg et Saglio e Cagnat.

O sr. Moreira, na sua edição de Vergilio, reproduziu de Ladewig a verdadeira interpretação: «*explorat*, prova-se, experimenta-se a madeira expondo-a ao fumo, porque se fende ao secar, se não fôr boa».

Vergilio falla noutro logar do *dente da relha*, isto é da ponta ou do gume da relha, sentido em que tambem se emprega ainda hoje entre nós a palavra *dente*:

> durum procudit arator
> Vomeris obtusi dentem. [1]

Noutro sentido emprega todavia o poeta tambem a palavra *dente* como termo technico d'agricultura:

> Ipsa satis tellus, cum dente recluditur unco,
> Sufficit humorem et gravidas, cum vomere, fruges. [2]

Neste passo refere-se Vergilio ao *bidente*, de que se fallou acima.

Assim dos termos latinos relativos aos orgãos diversos do arado e da charrua só conservamos em portuguêz o primitivo *dentem (dente)* de *dentale, temonem (temão)* e *jugum (jugo)*; mas o latim ministrou, senão os elementos de todos, pelo menos os de quasi todos os termos que em a nossa lingua designam os outros orgãos do mesmo instrumento. A palavra *relha* (comparem-se provençal *relha*, antigo francês *reille*, hispanhol *reja*) reproduz phoneticamente a latina *regula*; [3] *rabiça, rabello* derivam de *rabo*, a que se deram etymons latinos, mas duvidosos; *aiveca* que se diz ou dizia tambem *aveca*, como já se indicou, parece derivar de *ave*: ter-se-hia chamado assim primeiramente ao orgão par, que lembra as asas extendidas duma ave e vae terminar no *bico* do ferro; como algumas vezes se punha só uma dessas *asas*, usar-se-hia o plural para indicar os casos em que se empregavam as duas; *maxilho* deriva de *mexer*, do lat. *miscere; apo* é d'origem para mim desconhecida; e o mesmo se dá com as palavras *teiró, pescaz* e *aravellas*; [4] emquanto á etymologia de *coice* e *tempera*, é obvia. Aquellas palavras, do que ignoro os etymons, não as acho nas outras linguas romanicas. Em hespanhol *apo* traduz-se por *cama* (del arado), em franc. por *âge*, que não pode porvir dum hypothetico * *apio*, que daria *ache*. Littré apresenta como identica pelo sentido e origem *haie (haye)* e faz referencia á expressão *haia carrucae*, dum texto latino medieval, citado no *Glossarium* de Ducange-Henschel, no qual se lhe attribue o sentido de *ridelle*, «pars carri forte lateralis, sic dicta quod res carro impositas contineat», o que é coisa muito differente do *apo*, pois se trata do que chamamos *xalmas* do carro. A identificação de *âge*, por intermedio de *haie*, no sentido indicado, com *haie* sebe (baixo latim *haga*) proposta por Littré, fica assim muito problematica. [5]

---

[1] VERGIL., *Georg.*, I, 261-262.

[2] Id., *Ibid.*, II, 423-424.

[3] DIEZ, *Ob. cit.*, I³, 346.

[4] *Aravellas* ligar-se-ha ao termo nautico *arvelas*, definido por MORAES: argolas que se mettem nas cavilhas para fechar melhor as chavetas? Será uma alteração de *alvela, arvela*, nome de uma ave? Os nomes de aves e outros animaes não são raros na terminologia technica; lembrarei, como exemplo, cegonha, pomba, cabra, macaco, cavallete, asna, gato, cão, porca; francês *chat, colombe, chevron*, etc. Como as *aivezas*, poderia a dupla rabiça lembrar as asas duma ave.

[5] Em francês ha *happe* que tem variadas significações, como termo technico, taes como meio aro de ferro do eixo, para obstar ao desgaste produzido pelas rodas, gato para ligar pedras, pedaços de madeira, etc.; asa de caldeira; grampo de violeiro; tenazes para tirar o cadinho do fogo; cavilha (chavelha, chavelhão) no temão da charrua para segurar a corrente de ferro, etc. Em todas estas significações apparece como fundamental a de «ligar, segurar». *Happe* significou ainda uma especie de foice, e vem então do antigo allemão *happa*, com o mesmo sentido. No sentido de semi-circulo de ferro, grampo, gato, liga Littré *s. v.* a palavra a *happer* agarrar, pegar-se (á lingua), adherir, que segundo elle poderia vir, como Diez indicára, daquella mesma forma allemã antiga *happa*, por causa da forma de crescente, ou do hollandez *happen* morder, ou ser apenas uma onamotopeia tirada do ruido da boca que pega alguma coisa. Não se ligará o nosso *apo* áquelle termo technico francês *happe*?

Ignoro egualmente a origem da palavra *araveça* definida por Blateau; «arado que abre os regos mais largos que o arado ordinario, com uma só aiveca.»

O termo *labrego*, que designa tambem o homem do campo, vem de *labrar, lavrar*, lat. *laborare*, com o suffixo *ego* que se encontra em *borrego, manchego*, etc.

Repetir-se-hia aqui o que foi dito, a proposito da enxada, sobre a impossibilidade de concluir, sem outros dados, da origem dum nome dum objecto para a origem desse objecto: o arado existia muito provavelmente na Hispanha antes de Roma estabelecer aqui a sua influencia civilisadora. Chamando «romano» ao tosco arado tradicional dos nossos agricultores, vão alguns agronomos talvez mais longe do que pode legitimamente ir-se.

O arado é por excellencia o instrumento de cultivo do solo dos povos dos grupos hamito-semitico, e indo-europeus, que de longa data se veiu juntar entre elles á enxada, comquanto não seja desconhecido a outros grupos.

Nos monumentos do Egypto e de Babylonia acham-se representados exemplares do arado, em que se distinguem os orgãos essenciaes do nosso. [1] O arado egypcio, que era puxado por homens ou por animaes, parece-se tanto com o nosso que abre a porta á hypothese de que nos viesse do lado de lá do estreito; todavia o mais provavel é uma origem combinada, hamitico-aria. Nas reproducções de Hottenroth e Maspero vê-se a teiró ligando o temão (apo) á parte inferior da rabiça (ou dente) e esta ramificando-se em duas aravellas separadas por uma travessa horisontal.

O termo *aratrum* encontra-se apenas phoneticamente modificado, segundo as leis particulares de cada um, nos diversos grupos das linguas aricas da Europa: grego ἄροτρον, celtico (kymrico *aradr*, antigo cornico *aradar*, armoricano *arar*, irlandês *arathar*), escandinavo (antigo norsico *ardhr*), allemão antigo *erida*, slavo liturgico *oralo* por *oradlo*, polaco *radlo*, russo *ralo*, etc. [2] Concluiu-se deste parallelo, que os arias europeus conheciam já o arado quando constituiam uma unidade ethnica (problematica) intermediaria entre a unidade geral indo-europea e a unidade parcial dos grupos que nos são conhecidos pela historia; [3] mas do mesmo modo que as linguas germanicas acabaram por esquecer o velho termo e por adoptar um outro (allemão *pflug*, escandinavo *plogr*, inglês *plough*), a que se attribue origem slava (slavão liturgico e russo *plugŭ*, polaco *plug*, etc.), assim as linguas aricas da Asia poderiam ter esquecido o termo commum primitivo para o substituir por outros, caso analogo ao que parece ter-se dado com o nome da enxada, mais antiga que o arado. Os argumentos negativos com que se tem pretendido restituir o estado de cultura dos indo-europeus primitivos são muito insufficientes em geral. Seja o que fôr, o arado deve ser muito antigo entre estes povos, embora nelles a lavoura começasse, como se é levado a crer, pela enxada e que num periodo mais ou menos largo tivesse dominio exclusivo esse instrumento, como o tem ainda em muitos povos da terra, segundo já disse.

Nos mais antigos monumentos litterarios da Europa, nas epopeias homericas faz-se menção frequente do arado (ἄροτρον). Teem-se boas razões para crer que as partes mais antigas desses poemas são anteriores ao seculo VIII antes da nossa era. Num outro poema, provavelmente do fim desse seculo, os *Trabalhos e os dias*, attribuido a Hesiodo, ha um passo muito interessante relativo áquelle instrumento. A litteratura, os monumentos figurativos, a ethnographia moderna permittem seguir as phases da evolução do arado, o que vou fazer succintamente.

Vimos já na enxada e na pá applicação de principios mechanicos differentes para a cultura do solo, principios que o homem primitivo não viu em abstracto, mas sim em concreto. Com a

---

[1] Vid., por ex., FED. HOTTENROTH, *Ob. cit.*, t. I, lám. VII, fig. 50, lám. XVIII, fig. 25, CHAMPOLLION-FIGEAC, *Égypte*, (Paris, 1863), pl. 31; G. MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique. Les origines* (Paris, 1895), pag. 67.

[2] ADOLPHE PICTET, *Les origines indo-européennes*, II², 118-119; G. CURTIUS, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, n.º 490.

[3] H. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, *Les primitifs habitants de l'Europe*, I², 209.

enxada e a pá é por uma serie de actos successivos, em que se repetem numa certa ordem varios movimentos, que se quebra e revolve a terra; com o arado consegue-se esse resultado por meio dum movimento continuo e uniforme, dum extremo do rego ao outro extremo, e o homem pode auxiliar-se de animaes, alliviando assim notavelmente o seu trabalho, emquanto a superficie lavrada se multiplica. Esta invenção parecia tão extraordinaria aos antigos que julgavam (como outras) excedia a capacidade do espirito humano e viram nella um dom divino, ou o producto dalgum heroe de dotes sobrenaturaes. [1]

Hoje vê-se nella o resultado de multisecular collaboração de gentes, que se iniciou por algum rudissimo ensaio, sem ser de nenhum modo acompanhado de previsão do fim a que se chegou. Um pau curvado numa extremidade, com uma saliencia, uma parte dum ramo, formando angulo com elle, pode (já o vimos) servir de enxada para alguns povos; se em vez de se bater com elle na terra para que lá entre a parte mais curva e a revolva no ponto em que entrou, para se levantar e repetir a operação até ter dado uma misera lavra á superficie de que se precisa para a sementeira, se arrasta o pau pelo chão, de modo que a parte mais curta entre nelle, está dado o primeiro passo para a invenção do arado. Pode-se ainda seguir outro caminho: em vez de arrastar um pau atrás de si, o lavrador empurra-o adiante contra o solo; por este caminho ha grande perigo de se ficar immobilisado em tão rudimentar processo, como é facil de julgar, e como mostram os factos.

O instrumento principal da lavoura dos melanesios é o pau aguçado numa extremidade, com um corte obliquo nella, como o duma penna d'escrever, e com o comprimento dum forcado d'extender o feno. Os homens impellem-no adiante de si para revolver o chão, emquanto os rapazes os seguem e com paus quebram os torrões levantados e os acabam de desfazer com as mãos, fazendo com a terra montinhos em que se lança a semente ou põem as plantas novas. Entre os motu da Nova-Guiné, 6 ou 7 homens, postos uns atrás dos outros, impurram uma trave leve, de ponta dianteira aguçada, introduzem-na na terra, e, a compasso e a mando, levantam uma grande gleba, repetindo a operação até que o solo esteja tão convenientemente revolvido quanto permitte tal processo. [2]

Monumentos figurativos da antiguidade greco-romana apresentam-nos formas muito primitivas do arado, em que este é constituido por um tronco de arvore com uma ou duas ramificações, servindo a parte maior de apo ou apo-temão; quando havia só uma menor era esta o dente quer se lhe adaptasse uma relha ou não; e quando havia ainda outro ramo menor, servia este de rabiça.

Em urnas funerarias da Etruria vê-se representado o heroe grego Ἐχετλαῖος (litteralmente —o da rabiça, do grego ἐχέτλη, a rabiça do arado) com um pau de arado inteiriço, formando o apo e o dental, pau com que, conta-se elle matára em Marathona grande numero de barbaros. [3] Numa pedra gravada da galeria de Florença representa-se um arado puxado a bois, o qual é formado egualmente dum só pau ou tronco ramificado de modo que deu o apo, o dental e a rabiça. De forma diversa, mas constituido tambem duma só peça com essas partes fundamentaes e ainda um *maniculum* na rabiça, é um arado etrusco. [4] Num copo do Louvre acha-se figurado um arado em que o apo e o dental são duma só peça, com um prolongamento atrás em que se fixou a rabiça, [5] apresentando um aspecto muito semelhante ao do arado da Transcaucasia a que se fez referencia acima. Noutros monumentos figuram-se arados com os tres orgãos principaes artificialmente ligados. [6] Na Iliada falla-se dum arado de peças ensambladas ou pregadas (πηκτὸν ἄροτρον),

---

[1] Ed. Hahn quís explicar a invenção do arado pelas influencias de conceitos religiosos e praticas rituaes, cuja exposição e critica me levaria para longe do assumpto immediato destas modestissimas notas, sem que com isso adiantassemos no conhecimento da materia presente.

[2] Ratzel, *Ob. cit.*, II, 255.

[3] Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, t. I, fig. 429. Pausanias, I, 15, 3, ed. Didot.

[4] Daremberg et Saglio, *Ibid.*, t. I, fig. 430 e 436.

[5] Idem, *Ibid.*, t. I, fig. 433.

[6] Idem, *Ibid.*, t. I, fig. 431 e 432.

isto é, dum arado composto, [1] que se distinguia do simples chamado *αὐτόγυον ἄροτρον*, isto é, aquelle que tem um apo (*γύης*) proprio, um apo que naturalmente faz um só corpo ou peça com o dental. Hesiodo dá interessantes particularidades sobre o assumpto:

«Ha muitos lenhos curvos; mas quando, procurando no monte ou no campo, achares um apo d'azinheiro leva-o para casa: é madeira muito resistente aos bois arando: o servo de Minerva (o artifice), com pregos pregá-lo-ha ao dental e adaptar-lhe-ha o temão. Porém deves fazer dois arados, no fabrico caseiro: um d'apo inteiriço com o dental (*αὐτόγυον*), outro de partes pregadas (*πηκτόν*); porque é muito melhor assim; pois se quebra um, jungirás os bois ao outro. E os temões mais livres do caruncho são os feitos de loureiro ou olmo; o dental, de carvalho; o apo, de azinheiro». [2]

Em grego *ἰστοβοεὺς* é o temão (litteralmente — mastro de bois); é synonymo desse termo *ῥύμος*; mas esta palavra parece ter designado particularmente o conjuncto do apo e do temão propriamente dito. Hesychio define *γύης* «a parte inferior do temão (*τὸ κατώτατον τοῦ ἰστοβοέως*)». O grego *ἔλυμα* significa o dente ou dental, a que se adaptava a *ὕννις* (ou *ὑννή*), a relha, litteralmente, como se explicou, «focinho de porco» (de *ὖς*, porco).

Como mostram os monumentos figurativos, o arado italico, começou, como o hellenico, pela forma simples. Algumas particularidades da nomenclatura são documentos da evolução. A *buris*, o pau curvado, devia ter constituido primitivamente o arado italico, como com razão nota Saglio, do mesmo modo que a *γύης* constituiu o arado hellenico. Em Varrão encontra-se um vocabulo *urvum*, que, segundo indicação de Festo, designa o conjuncto do apo e do dente a que se fixava a relha (curvatione buris et dentis cui praefigitur vomer). O termo *dens* significa para Varro e Columella o conjuncto da relha (*vomis*) e do dental. Segundo Saglio, essa denominação provinha do tempo em que não havia relha metallica acrescentada ao croque de madeira endurecido ao fogo para cortar a terra. A relha foi primeiro de cobre, depois de ferro.

Nos progressos successivos do arado juntou-se a *teiró*, já figurada em monumentos egypcios, a rabiça dupla, a *sega* e o rodado.

A rabiça dupla apparece figurada em um monumento; a sega e o rodado; pelo menos o ultimo, apparecem apenas nesse mesmo monumento, um jaspe que se julga ter servido d'amuleto. [3] A palavra *sega* deriva de *segar*, do latim *secare*.

Plinio falla da sega, que os romanos chamavam *culter*: «Vomerum plura genera: culter vocatur inflexus praedensam priusquam proscindatur terram secans futurisque sulcis vestigia praescribens incisuris quas resupinus in arando mordeat vomer». [4] Depois de ter fallado da segunda e terceira especie de relha continua: «latior haec quarto generi et acutior in mucronem fastigata eodemque gladio scindens solum et acie laterum radices herbarum secans. non pridem inventum in Raetia Galliae ut duas adderent tali rotulas, quod genus vocant plaumorati. cuspis effigiem palae habet, etc.». Referindo-se a esse passo, Roget de Belloguet, falla duma charrua de 4 rodas como invenção dos gallos; [5] mas trata-se sem duvida duma charrua de 2 rodas, da charrua vergiliana, pois não temos noticia doutra de rodas, na Italia. Fundado nas palavras de Plinio: [6] «Raetorum et Euganeorum Verona», diz Bellognet que essa Recia da Gallia era o Veronês, na Gallia Cisalpina, e faz honra aos gallos da invenção, indo até a explicar a lição, ao que parece estropiada, do texto citado de Plinio «plaumorati», lida «planarati» como celtica. Hardouin tinha conjecturado «plaustrarati», que Saglio e outros acceitam, a meu vêr, com razão. Vergilio era natural de Andes, perto de Mantua, proxima de Verona; como o arado que elle descreve é o de rodas ou charrua, a asserção de Plinio ganha força, ficando, porém, incerto a qual dos elementos ethni-

---

1 Ilias, x, 353.

2 Hesiod., *Opera et Dies*, vv. 427-435, ed. Lehrs-Didot.

3 Daremberg et Saglio, *Ob. cit.*, t. i, fig. 438.

4 Plin., *Hist. nat.*, xviii, 18 (48).

5 Roget de Belloguet, *Ethnogénie gauloise*, iii, 459-60.

6 Plin., *Hist. nat.*, iii, 19 (23).

cos daquella região, em que se cruzaram etruscos, celtas, etc., devemos a invenção. Espalhou-se o typo da charrua dalli para os paises onde mais tarde o encontramos ou foi inventado em mais de um logar? [1] Não tenho elementos para resolver essa questão. Não posso tambem dizer se o arado foi invenção exclusiva dos hamito-semitas e indo-europeus e delles passou para os outros povos em que o encontramos, em regra com um uso menos frequente que entre esses mais altos promotores da civilisação.

Como observa Ratzel, o arado nunca esteve em uso entre os povos de condições verdadeiramente primitivas ou povos da natureza *(Naturvölker)*, ainda menos a grade, o emprego dos estrumes, com excepção das cinzas do matto queimado, sendo porém mais frequente a irrigação artificial. [2] Ainda que o arado fosse algumas vezes, já perto do nosso tempo, até em logares da Europa, puxado por braços humanos, [3] o seu uso fixou-se indubitavelmente e mostrou-se na realidade efficaz, quando se jungiram animaes ao temão ou apo, o que suppõe a existencia de animaes domesticaveis e da domesticação subsequente, isto é um grande progresso, atrás do qual pode ter havido um muito longo periodo de agricultura á enxada. Na America precolumbina havia um só animal domesticado — o lama do Perú, que não foi empregado como animal de tiro nem montado, ainda que o aproveitassem para transportar cargas. Muito tempo antes do descobrimento do Novo Mundo, o cavallo americano, contemporaneo do homem post-glacial, tinha-se extinguido e o bufalo tem sido considerado como indomesticavel, comquanto haja quem veja nas condições exclusivamente selvaticas deste animal mais um resultado da falta de iniciativa dos indigenas daquelle continente que da natureza. [4]

Os indios da Colombia fazem uso dum arado muito rudimentar que elles proprios puxam. [5] Ha talvez nesse instrumento influencia europea, apesar da sua simplicidade.

Os malayos apresentam-nos já algumas formas d'arado, que podem ser devidas, como tantos outros elementos de cultura desse grupo, a uma influencia indica. No Museu ethnographico da Sociedade de geographia de Lisboa ha um arado que pertenceu ao extincto Museu colonial, sem indicação d'origem, mas que um empregado do primeiro que já o fôra do segundo desses estabelecimentos, por vaga combinação, me disse julgava ser de Timor; se tal fosse a sua proveniencia, devia admittir-se influencia extranha. Na parte meridional de Celebes usa-se um arado com relha de pau duro de palma. Os batta do planalto de Tobah aproveitam um arado que consta duma rabiça formando corpo com o dente, em que assenta uma delgada chapa metallica que serve de relha; na rabiça fixa-se um temão duplo com canga de pau para um ou dois bufalos. Aquelles batta dão-se como inventores do tal arado, o que Hagen, citado Fr. Ratzel, que não rejeita a opinião, acha verosimil, pois as condições para o trabalho com o mesmo instrumento se reunem naquella reunião: grandes tratos de terra plana, abundancia de animaes de tiro, e, vista a pequena capacidade de rendimento, a necessidade de lavrar grandes superficies. [6] Mas um arado da India meridional, cuja figura tenho ante os olhos, [7] aproxima-se tanto do dos batta, á parte a

---

[1] Fed. Hottenroth, *Ob. cit*, t. II, lám. V, fig. 57, representa uma charrua com sega dos anglosaxões (idade media); lam. 34 uma charrua allemã, tambem com sega, do seculo XIII, etc. O instrumento apparece, ao lado do arado (sem rodas), em toda a Europa em que se agricultа: tenho notadas varias gravuras representando formas tradicionaes de diversos paises; por ex.: charrua allemã do Brandenburg em Ferdinand Hirt's, *Geographische Bildertafeln*, III, I, Taf. 53, 9; idem da pequena Russia, *Ibidem*, Taf. 78, k, com dupla rabiça, sega e um apo articulado de modo semelhante ao que se nota no temão do labrego da nossa fig. 9. A-ha-se figurada uma charrua interessante da Transcaucasia em B. Vereschaguine, *Ob. cit.*, pag. 331.

[2] Fr. Ratzel, *Ob. cit.*, I, 61

[3] Na exposição ethnographica tcheque, realisada em Prag, no anno de 1896, um grupo estatuario figurava um arado puxado por mulheres, confrontando com outro em que se representava o arado puxado por bois.

[4] D. Brinton, *Ob. cit.*, pags. 50-51.

[5] Ferd. Hirt's, *Geogr. Bildertafeln*, III, III, Taf. 138, e.

[6] Fr. Ratzel, *Ob. cit.*, II, 419.

[7] Ferd. Hirt., *Ob. cit.*, III, II, Taf. 98, a.

forma particular do temão destes, que se reforça a supposição da influencia indica. A Sociedade de geographia de Lisboa possue um modelo d'arado de Goa, com aivecas, que parece ser uma combinação de elementos do arado português com o arado da India meridional.

Comquanto, como já se disse, a cultura á enxada attinja a sua maxima importancia entre chineses e japoneses, não falta a estes, como a outros dos povos chamados mongoloides, o arado. [1]

Foi indicado, a proposito da enxada, que o arado estava fóra originariamente do dominio dos negros africanos. No Museu da Sociedade de geographia ha um instrumento que para alli passou do extincto Museu colonial com a designação de «arado de Angola» e ultimamente a mesma Sociedade adquiriu dois exemplares, perfeitamente similares áquelle, da collecção do commendador Gomes Ribeiro, que no catalogo della figuram sob o n.º 435 com a indicação: «Dois arados dos Balantas». O gentio chama-lhe «rado», e serve-se delle especialmente para lavrar a terra para o cultivo do arroz e mancarra (amendoim). Dizem-me que essa collecção foi feita com muito cuidado pelo que respeita á determinação da proveniencia dos objectos: estará exacta indicação desta no exemplar que foi do Museu colonial? Parece-me legitima a duvida á vista dos outros dois. Tambem a designação de «arado» não parece muito exacta. Trata-se dum instrumento manual, formado dum cabo duplo como d'enxada, formando os dois ramos um angulo bastante agudo; ao nivel inferior da superficie externa aplanada, adaptou-se uma tabua em forma de pá alongada, com o bordo de deante formando curva saliente, reforçado por um pedaço de lamina de ferro cortado em forma de ferradura. O instrumento lembra mais uma enxada sui generis, e até se compara a um outro designado como enxada, de proveniencia egypcia antiga, que provavelmente era todo de pau, se a figura de Hottenroth é exacta. [2] Nessa, como noutras enxadas egypcias que parecem formadas simplesmente por dois paus, está passada do cabo á parte destinada a entrar na terra, a uma certa distancia do ponto d'articulação, uma corda, que lembra a teiró do arado. Essa forma foi o que provavelmente fez dizer a Maspero que o arado foi apenas uma enxada de maiores dimensões, destinado a ser puxado por bois. [3] No «rado» dos balantas não ha a referida corda e a construcção do instrumento foi suggerida muito provavelmente pela vista dalgum ou alguns arados portugueses, contentando-se talvez os negros com arrastá-lo de modo que vá revolvendo a terra, á maneira de arado, tendo elles o cabo entre as mãos e recuando com o corpo curvado.

(*Conclue*)

F. Adolpho Coelho.

---

[1] Arados chinezes em Hirt., *Ibid.*, Taf. 100, l; Hottenroth, *Ob. cit.*, t. I, lám. CIX, 17-18, (semelhantes aos antigos e populares europeus); um arado japonês cuidadosamente construido de madeira aparelhada e esquadriada, com os mesmos orgãos do arado europeu mais perfeito, em Ratzel, *Ob. cit.*, III, 10; arados tibetanos, um dos quaes tem o temão articulado ao apo, de modo semelhante ao dos arados de Obulco e da Transcaucasia, acima mencionados. Idem, *Ibid.*, III, 384. Nesta obra figuram-se ainda arados doutros povos; mingrelios, t. III, 728; abexins, *Ibid*, 235. Um arado da Syria no *Dictionary of the Bible*, edited by James Hastings, I (Edinburgh, 1898), s. v. *agriculture*. A palavra que em syriaco designa o *apo* é *buruka*. Terá alguma relação com o latim *buris*?

[2] Fed. Hottenroth, *Ob cit.*, I, lám. VII, 22.

[3] G. Maspero, *Ob. cit.*, pag. 67.

OS MORTOS

—

F. MARTINS SARMENTO

9 de Março de 1833 † 9 d'Agosto de 1899

Ha quanto tempo nos conheciamos!? A minha primeira recordação retrotrae-se aos quatorze ou quinze annos (1854-1855). D'uma vez, meu tio Gaspar ia visital-o e levou-me comsigo. Recebeu-nos no quarto de dormir, assentado na cama, com uma mesinha diante de si, entre montões de livros. Em plena florescencia da mocidade, parte do dia, passava-o ali, a lêr e escrever: rico, de distincta posição social, e cheio de talento, tornára-se legendario, por essa excentricidade, n'uma terra, em que quasi ninguem se entretinha com leituras. Não sei o que disseram: impressionado pela sua physionomia insinuante, tam expressiva e diversa da que lhe conhecemos nos ultimos tempos, lembra-me apenas ter-nos mostrado uma faca de marfim de cortar papel e uma cadeira á Voltaire, acquisições recentes e conservadas ambas, se me não engano, até ao fim da vida.

Fallamos pela derradeira vez em 27 de Maio de 1899, quando lhe dei o abraço de despedida, na vespera de partir para Briteiros, onde foi convalescer da penultima doença. Conversamos a respeito do *Moçambique* de Mousinho d'Albuquerque, que lera em poucos dias com a sofreguidão d'um espirito moço: duas ou tres semanas depois regressou a Guimarães, ferido pela molestia que o levou á sepultura.

Entre as duas datas decorre longo periodo, e n'este ha um intervallo, durante o qual raras vezes nos encontramos. Eu vinha a Guimarães de fugida; e elle, a não ser no verão, quasi nunca sahia. Só mais tarde, quando vim viver n'esta cidade com demora, é que se estreitaram as nossas relações.

D'um esboço biographico, [1] escripto por meu irmão, que sobreviveu apenas cinco semanas ao biographado, transcrevo as seguintes datas. Nascido em Guimarães em 9 de Março de 1833, terminou o curso da Faculdade de Direito em 1853. Concluida a carreira d'estudante, veiu para a terra da sua naturalidade, e aqui depois permaneceu sempre com curtas ausencias. Em 1855, epoca aproximada do nosso primeiro encontro, publicou um volume de versos, sob o titulo de *Poesias*. Romantico exaltado, estreára-se por essa litteratura, que era o enlevo dos seus contemporaneos d'então. O livro, hoje muito raro, deu que fallar, não tanto pelo merecimento, me parece, mas sobretudo porque originou discussões acerbas, terminadas d'uma maneira violenta. Conheceria faltar-lhe o filão poetico? Talvez. Por este ou outro motivo, retirou-o da circulação. Elle mesmo o julgava inferior por ser escripto á pressa; segundo contava, ia fazendo as poesias á medida que eram precisas para preencher o volume.

Encerrado o cyclo poetico, voltou-se para assumptos litterarios e sociologicos nas gazetas locaes, desde 1856 até perto de 1874. N'estes dezoito annos, atravez de leituras as mais variadas, adquiriu a grande massa de conhecimentos que lhe deram a largueza de vista, caracteristica das suas concepções; e que lera os melhores auctores testemunhava-o a sua bibliotheca e pode certifical-o o signatario d'estas linhas, porque catalogou esses livros, lidos meditadamente como mostram as marcas marginaes, para a Sociedade Martins Sarmento, quando apoz a fundação lhe fez donativo d'elles, reservando só os relativos ás investigações em que se concentrára; esses deixou-lh'os no testamento.

Em 1874 principia a nova era da sua existencia espiritual, que sem duvida já se vinha preparando de longe, transformando-se o poeta, litterato e jornalista no archeologo e historiador, no sabio illustre, cuja morte nós hoje deploramos. De 1874 a 1899 decorre um quarto de seculo, durante o qual toda a energia intellectual se lhe particularisa e se absorve por completo em questões pre-historicas. N'este terceiro periodo distinguem-se cinco datas culminantes;—em 1874 enceta as excavações da Citania de Briteiros;—em 1876 o Marquez de Sousa Holstein dá conhecimento d'ellas á Academia Real das Sciencias e no mesmo anno realisa-se o congresso de Antiquarios portuguezes em Briteiros;—em 1877 inicia as explorações de Sabroso;—em 1880 tem logar a visita dos anthropologistas estrangeiros que vieram ao congresso de Lisboa;—em 1882 funda-se a Sociedade Martins Sarmento. As publicações constam da bibliographia que vae seguir-se.

Quem póde dizer, como se disposeram as circumstancias, que nos lançaram por esta ou aquella vereda da vida? Felizes os que nunca vacillaram! mas os casos fortuitos são os decisivos para o maior numero. Um dia, sem sabermos bem porquê, vemo-nos impellidos por uma corrente que determina o nosso percurso. Seria a fascinação do desconhecido que o especialisou, segundo a hypothese já posta por meu irmão,—a attracção d'essa cidade morta, sepultada no

---

[1] *Revista de Guimarães*, vol. I, n.º 1:—Os nossos socios honorarios, *Francisco Martins de Gouvea Moraes Sarmento*, por J. Sampaio.

monte fronteiro á sua casa avoenga de Briteiros? ou as suas leituras perderam gradualmente a generalidade, até se centralisarem na decifração d'esse enigma torturante, e d'ahi no problema complicado das raças que nos tempos pre e protohistoricos habitaram as regiões occidentaes da peninsula?

Engana-se quem suppõe que F. Martins Sarmento fôra desde a primeira adolescencia um benedictino, curvado sobre in-folios, esquecendo-se de si e extranho ao mundo, consumido em interpretações escabrosas. Rapaz elegante, sobejaram-lhe encantos e seducções; homem de sociedade, aprehendera n'ella maneiras captivantes: e do sport, porque tambem fôra caçador, ficára-lhe a robustez que lhe permittiu percorrer a pé grandes tractos da provincia em reconhecimentos archeologicos.

Vivendo em toda a liberdade da intelligencia, sem preconceitos d'escola, com vasta e larga instrucção para tomar um rumo sem necessidade de guia—era homem feito, quando a picareta lhe poz nas mãos os primeiros restos d'esse povo esquecido que as legiões de Augusto subjugaram.

Espirito recto, não perdoava a ninguem o menor desvio; dir-se-hia antes um mathematico acostumado a demonstrações exactas, que um historiador, diante da vista do qual se desenrollam constantemente as curvas e contra-curvas da marcha indecisa dos povos. Esta rectidão, que dava uma certa dureza ao seu caracter, obrigava-o a verificar com a mais escrupulosa attenção os factos, sobre os quaes apoiava as suas opiniões. E que immensidade d'elles não passou pela fieira da sua critica rigorosa e d'amplos vôos? Escriptos d'auctores antigos e modernos, linguas, tradições, legendas, estilhaços de ceramica, themas ou raizes de palavras, inscripções obscuras meio delidas, ornamentações enigmaticas em pedras mutiladas... submettia tudo a um exame meticuloso.

Alto, magro, de cabellos pretos retintos, a tez morena, o passo apressado, destacava-se em qualquer grupo á primeira vista. Physiologicamente um nervoso, fallando por meias palavras, rapido e breve no discurso, como um homem que não póde desperdiçar o tempo, ás vezes custava a perceber. A sua conversação usual tocando aqui e ali a fugir, entrecortada de ditos alegres ou picantes, se carecia d'attracção enlevadora, trasbordava de typica graça portugueza.

Sempre de bom humor, aturando com paciencia as maiores impertinencias, excitava-se comtudo, se contrariado no que se lhe figurava a razão. Obsequioso até ao extremo, e dotado de franca generosidade, a sua preciosa bibliotheca e os seus conselhos mais preciosos ainda, estavam á disposição de quem os desejava; e não duvidava interromper os proprios trabalhos para responder com fundamento a uma consulta. Deliciando-se em descortinar estudiosos e auxilial-os, quando se viu impedido d'andar por montes e valles, não lhes escassearam descobridores de monumentos antigos.

Da sua habitação espaçosa, mobilada com riqueza, escolhera para si um aposento do segundo andar, d'uma verdadeira simplicidade nacional; as paredes nuas, mobilia meia de quarto de dormir, meia d'escriptorio, duas ou tres mesas e cadeiras pejadas de livros que vinham e iam da bibliotheca, sem um unico enfeite, apenas nos ultimos annos com o conforto d'uma pequena estufa no tempo mais frio—parecia um quartel d'estudante. Ali trabalhava, recebia as pessoas d'intimidade e passava a vida de portas a dentro, excepto se visitas de ceremonia o forçavam a descer á parte luxuosa da casa.

Os objectos d'arte, de que aliás era avido, sobretudo por patriotismo, para não sahirem da terra, serviam-lhe sómente d'estudo; nem no seu espirito, sem decidida predisposição artistica, despertavam sentimentos estheticos; depois de vistos e revistos em todos os detalhes, determinada a epoca da fabricação e as inducções que podiam sugerir, punha-os de lado ou mandava-os para o museu. Do mesmo modo, nos velhos costumes, despresando o pittoresco, via n'elles as condições sociaes que os produziram; e se algum se obliterava, contristava-se, como se perdesse um documento importante.

Homens distinctos e vulgares, especialistas superiores ou simples amadores d'archeologia e folklore, recebia-os com urbanidade e agrado. Raro seria o forasteiro qualificado que viesse a Guimarães e o não procurasse. Estas relações litterarias porém não eram unicas exclusivas; longe de ser um mundano, ninguem se admirava de o encontrar n'uma soirée, e em certas occasiões abria as portas do seu salão de baile. Ha poucos annos, era assiduo todas as noites n'um club, d'estes que são vulgares na provincia. A falta de saude é que o obrigou a reduzir-se a passeios á tarde nas estradas circumjacentes á cidade.

Tirante as horas de convivencia, aliás curtas, o resto do tempo levava-lh'o o estudo, continuado até á penultima doença com a intensidade do vigor da vida. O mesmo verão, que passava habitualmente no campo ou em praias, aproveitava-o em pesquizas de velharias, segundo o seu termo favorito.

Tomando o mundo a serio—nunca no seu espirito penetrou o desdem transcendental, não lhe desagradavam as manifestações de consideração, posto que as não sollicitasse; e se o atacavam, resurgia logo o polemista.

Não obstante o convivio com livros estrangeiros, psychicamente portuguez, adorava a sua patria, traço caracteristico, não vulgar nos contemporaneos d'alta cultura intellectual.

F. Martins Jarmento.

A politica nacional merecia-lhe o mais vivo interesse, e jámais desesperou do futuro. Um movimento progressivo da nação enchia-o de contentamento; qualquer facto indicativo de decadencia consternava-o. Liberal convicto, acreditava no systema representativo, e admirava-se que o não exercessem com sinceridade. A contradicção da theoria pela realidade, ainda repetida, não era motivo que o impedisse de continuar a viver d'illusões.

Placido e tranquillo d'ordinario, irritavam-n'o, quasi o enfureciam as injustiças, qualquer que fosse a origem ou a victima. Foi assim que em 1870 censurou asperamente nos periodicos da localidade o procedimento iniquo do coronel de Caçadores 7 a proposito d'um pobre homem, não hesitando em levantar a guerra contra o prepotente, apezar da ira dos soldados e o perigo, que o ameaçava. Assim tambem em 1872 tomou o logar proeminente no conflicto com o juiz Secco, em desaggravo á justiça ultrajada; e por este motivo poz-se á frente da agitação de 28 de Novembro, quando os procuradores de Guimarães á Junta geral do districto foram apedrejados em Braga.

Mas de todas as suas obras de cidadão, a mais bella e a mais ignorada, é a creação da *Associação dos Lavradores*, morta no mesmo dia em que, approvados os estatutos pelo Governador civil, reuniu os homens mais importantes da cidade, para se inscreverem e formarem os corpos gerentes. Especie de sociedade de soccorros mutuos rural, propunha-se unir os lavradores do concelho, fazendo d'essa massa anonyma de pequenos cultivadores e proprietarios, sem força nem representação, um gremio possante que defendesse com facilidade os associados contra quem quer que os prejudicasse. Os politicos que occultaram um «não» claro por deferencia ao fundador, deixaram-n'a morrer de boa vontade. Depois, fallava a miudo na sua pobre associação, fenecida pelo desamparo dos poderosos.

Simples particular, não tendo tido nunca nenhuma posição official, e vivendo absorvido em cogitações que o publico não comprehendia, era comtudo a figura mais popular e sympathica de Guimarães. Apparecesse alguma coisa de suprema importancia local, a attenção de todos voltava-se para elle, e a sua casa tornava-se o centro de conferencias e resoluções. Este amor e respeito, manifestados eloquentemente no seu funeral, não são explicaveis, senão pelo prestigio d'um caracter nobre. Sem interesses partidarios, nem de arranjos particulares, cortando a direito, a população cria cegamente n'elle, e não se enganava. Que importava que os seus livros lhe fossem incomprehensiveis — quantos leitores teria ali dos mesmos homens chamados illustrados? que importava que lhe não fosse attingivel o valor de palavras abstrusas, esculpidas n'um pedregulho, ha centenas d'annos, se acima d'essas preoccupações estava o homem de bem! Embora avultassem as altas qualidades moraes, as suas descobertas não deixariam de exercer sobre o povo uma certa magia, e representar-lh'o-hiam á imaginação, como um magico desencantador de civilisações mortas.

A Sociedade Martins Sarmento, que para os fundadores e gente de Guimarães representava o testemunho de veneração mais adequado a um homem de lettras, para elle teve outra significação. Claramente, desde o principio viu n'ella a continuadora da sua obra, e talvez por este motivo consentisse na denominação que lhe deram; e por isso tambem, é de crer, foi-a fazendo durante a vida depositaria de parte das suas preciosidades.

As questões com que se defrontára nos ultimos vinte e cinco annos figuraram-se-lhe com certeza vastas de mais para serem esgotadas por um homem. Das innumeras Citanias, que coroam os pincaros das montanhas do norte, apenas duas principiadas a explorar; e só das janellas do aposento preferido — dizia elle, via seis! Que riquezas debaixo dos escombros? Quando esses thesoiros vierem a lume, que surpresas? Mas quantas gerações serão precisas, para se reunirem n'um museu os restos que assignalam a vida social dos nossos antepassados?

Os homens passam, as entidades collectivas ficam; naturalmente esta ponderação aconselhou-o a escolher para legatarios dos seus instrumentos de trabalho, a Camara municipal de Guimarães na propriedade, e na administração a Sociedade que usára sempre honradamente do seu appellido, fornecendo-lhe os meios, que a sua fortuna permittia. A Sociedade, possuidora hoje de collecções d'estudo de primeira ordem, museu e livraria excepcional, não deve desmentir as esperanças do testador.

Regressado de Briteiros em 19 de Junho de 1899, quasi sahiu da carruagem para a cama. Cortado de dores que o immobilisavam n'uma unica posição, sem palavras de lamentação ou d'amargura, viu a doença augmentar dia a dia, com a impassibilidade estoica dos fortes, até que em 9 d'agosto succumbiu á hora e meia da tarde. Mas pouco antes, quando a morte se debruçava sobre a fronte a dar-lhe o beijo da eterna paz, estendendo o braço emmagrecido sobre a dobra do lençol, e dispondo a mão, como se tivesse uma penna, fazia o geito d'escrever, de quem escrevia freneticamente. Que pensamentos, que tanto quiz e não pôde exprimir, lhe revolveria o cerebro agonisante?

E assim acabou, agitado n'um turbilhão d'ideias, sem conhecer a velhice intellectual, quem passára um quarto de seculo a procurar raios de luz, que illuminassem as trevas do passado.

Janeiro, 1900.

ALBERTO SAMPAIO.

A obra litteraria de Martins Sarmento

Observações á Citania do sr. doutor Emilio Hubner, 8.º, 46 pags. Porto, 1879.
Os lusitanos. Questões de ethnologia, 8.º, 40 pags. Porto, 1880.
Expedição scientifica á Serra da Estrella em 1881. Relatorio da *Secção de Archeologia*, 4.º, 26 pags. e pls. Lisboa, 1883.
Os argonautas. Subsidios para a antiga historia do Occidente, 8.º, 291 pags. Porto, 1887.
Lusitanos, ligures e celtas (Separata da *Revista de Guimarães*), 8.º, 101 pags. Porto, 1893.
Ora maritima. Estudo d'este poema na parte respectiva ás costas occidentaes da Europa, 2.ª edição (1.ª de 1880) 8.º, 164 pags. Porto, 1896.
O deus bormanico; Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães; additamento á *Noticia archeologica sobre o Monte da Cividade; Inscripções ineditas; A proposito dos «Roteiros de thesouros»; Antigualhas*, etc., dispersos pela *Revista de Guimarães*. Porto, 1884-98.
A mulher e o diabo, in *Borboleta*, I, 27. Braga, 1876.
Os gregos no noroeste da Iberia, in *Instituto*, XXIII, 1-49. Coimbra, 1876.
O deus bormanico, in *Museu illustrado*, I, 155. Porto, 1878.
Signaes gravados em pedras, in *Renascença*, fascs. II e III. Porto, 1878.
Acerca das excavações de Sabroso, in *Renascença*, fascs. VIII-X. Porto, 1878.
Sobre as antigas cidades da Iberia, in *Museu illustrado*, II, 20 e 30. Porto, 1879.
Arte pre-romana, in *Occidente*, II, 157. Lisboa, 1879.
Observações ácerca do valle de Ancora, in *Pantheon*, I e unico, 2 e 23. Porto, 1880-81.
O que podem ser os mouros da tradição popular, in *Pantheon*, 105 e 121. Porto, 1880-81.
A estatua do Pateo da Morte, in *Pantheon*, 382 (Reprodusida na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, 1889-91). Porto, 1895.
Os celtas na Lusitania, in *Revista Scientifica*, I e unico, 75 e segs. Porto, 1882.
Se antes da invasão dos romanos havia uma arte entre nós, in *Arte Portuguesa* (Orgão do *Centro Artistico Portuense*), I e unico, fascs. 1-3. Porto, 1882.
A proposito de castros, in *Panorama contemporaneo*, 1883.
O soldado que venceu Viriato, in *Vida Moderna*, n.º 6. Porto, 1884 (Reprodusido no *Espectador*, n.º 11. Guimarães, 1884).
O penedo de S. Gonçalo, in *Vida Moderna*, n.º 17. Porto, 1884.
Epigraphia, in *Boletim da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes*, 58, 69 e 105. Lisboa, 1884.
Les lusitaniens, in *Congrès international d'anthropologie et d'archéologie préhistorique*. Compte-rendu de la 9.ème session à Lisbonne, 393-431. Lisboa, 1884.
A civilisação da pedra polida no Minho, in *Revista Scientifica* do Atheneu do Porto, I e incompleto, 77. Porto, 1887.
O calix mais antigo da Senhora da Oliveira, in *Aurora da Penha*, numero unico. Porto, 1887.
Para o Pantheon lusitano, in *Revista Lusitana*, I, fasc. 3. Porto, 1887.
Duas tradições populares: 1.ª, *O dinheiro de Charonte;* 2.ª, *Ao sol poente*, in *Revista Lusitana*, I, fasc. 3. Porto, 1887.
Os atlantes de Diodoro Siculo, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, I, 61. Porto, 1890.
Marcos milliarios no concelho de Villa Nova de Famalicão, in *Nova Alvorada*, I, fasc. 9. Famalicão, 1892.
Ora maritima, in *Revista de Portugal*, IV, 181. (Só um extracto da 2.ª ed., então no prelo). Porto, 1892.
Materiaes para a archeologia da comarca de Barcellos, in *Revista de Sciencias Natures e Sociaes*, III, 62 e 186. (Transcriptos do *Tirocinio* de Barcellos e revistos pelo auctor). Porto, 1895.
«Cidade Velha» do Monte Cordova, in *Archeologo portuguez*, I, fasc. 6. Lisboa, 1895.
A proposito de Valabriga, in *Nova Alvorada*, V, fasc. 11. Famalicão, 1896.
Materiaes para a archeologia do districto de Vianna, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, 23, 95 e 146 (Transcriptos do *Pero Gallego* de Vianna e revistos pelo auctor). Porto, 1896.
A proposito das estatuas galaicas, in *Revista Academica*, fasc. 3 (que não foi distribuido). Porto, 1879. (Reprodusido, com previa auctorisação de Sarmento, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, 181-88. Porto, 1896).
A arte mycenica no noroeste de Hispanha, in *Portvgalia*, I, 1-12 (ultimo trabalho do auctor). Porto, 1899.

Informes varios e cartas sobre assumptos scientificos transcriptas ou extractadas em diversas publicações: *Excursion dans le nord du pays*, in *Compte-rendu* do *Congrès* de Lisboa cit., pags. 647-62; *Historia do exercito portuguez*, I, de C. Ayres; *Religiões da Lusitania*, I, de L. de Vasconcellos; *Revista de Guimarães*, numero especial consagrado á memoria de Martins Sarmento, etc.

53 cadernos, abrangendo 4:593 pags. de notas manuscriptas, grande copia das quaes se destina a ser inserta na *Revista de Guimarães*, orgão da *Sociedade Martins Sarmento*. (Vid. numero especial de consagração, pags. 19-21. Porto, 1900).

Extracto das ultimas disposições de Martins Sarmento

Eu, Francisco Martins de Gouvea Moraes Sarmento, casado, residente n'esta cidade de Guimarães, determino fazer o meu testamento pela forma seguinte: ... Deixo á Camara municipal d'esta cidade e concelho de Guimarães a parte do monte de S. Romão, na freguesia de S. Salvador de Briteiros, de natureza de praso, foreiro á mesma Camara, e onde estão as ruinas da Citania, e todos os meus apparelhos photographicos e *clichés* da Citania e Sabroso, mas com a condição de ser a administração e conservação de tudo isso entregue á Sociedade Martins Sarmento, instituida n'esta cida-

de, emquanto ella durar. Deixo á dita Sociedade Martins Sarmento todos os meus livros, para serem encorporados na sua bibliotheca; mas, se essa Sociedade vier a dissolver-se, passarão esses livros para a Camara municipal, afim de fazerem parte da Bibliotheca publica municipal. Deixo á mesma Sociedade Martins Sarmento qualquer quantia que ella me esteja devendo ao tempo do meu fallecimento, e bem assim lhe deixo a minha quinta do Carvalho, sita na freguesia de S. Salvador de Briteiros com as suas respectivas pertenças, para que com o rendimento d'ella possa prover aos reparos ou continuar as escavações da Citania, ou de qualquer outro monumento archeologico; e, quando a Sociedade não possa possuir essa quinta por lh'o não consentirem as leis do Reino, será vendida e o seu producto ficará pertencendo á mesma Sociedade para que applique o seu rendimento na forma sobredita ou á Camara municipal de Guimarães, caso a Sociedade venha a dissolver-se. Deixo á Sociedade Martins Sarmento a propriedade da referida minha casa de habitação e pertenças supra mencionadas, salvo o usofructo acima instituido em favor de minha mulher, irmã e sobrinhos, para estabelecer n'ella qualquer instituto por ella organisado em harmonia com os seus fins, e, quando assim o não faça, ou quando a Sociedade se dissolva, passará a mesma casa e suas pertenças para a Camara municipal d'este concelho.

EDUARDO AUGUSTO ALLEN

† 29 de Maio de 1899

Foi o primeiro director do Museu municipal do Porto, depois que, pela morte do fundador, a cidade adquiriu este estabelecimento educativo. Assumindo a gerencia da instituição em 1852 e elaborando o programma e regulamentos que definiam os intuitos e marcavam os limites da nova dependencia municipal, para logo Eduardo Allen se obstinou em alcançar os recursos indispensaveis ao objectivo a que dedicara um enthusiastico labor. Remoção para edificio proprio das collecções alojadas em predio já para tal construido em 1838 e subsequentemente acrescidas, amplitude dos propositos do iniciador, generalisação de serviços ás mais variadas curiosidades e interesses e alargamento correspondente de verbas, todas estas aspirações resumem a intenção da nova directoria. Emergindo do programma alludido a latitude, hoje incomportavel, que se traçava ao novo departamento municipal, pois que a autonomia de funcções naturalmente aparta museus de arte, de museus historico-naturaes, gabinetes de physica e de chimica, de collecções de machinas e de productos ultramarinos, este mesmo objecto encyclopedico ardentemente proclamado traduz o nobilissimo intento que suggestionou tam chimerica aspiração e empenho.

O certo é que nem as bases propostas e deferidas nem os relatorios, catalogos, serviços e instancias lograram a acquiescencia official; em pouco augmentaram as collecções existentes, mal desabrocharam outras e ainda até esta data (1899) não foi possivel alojar em edificio proprio as collecções accumuladas na Restauração, ha mais de 60 annos!

Entretanto o Museu municipal foi o primeiro no paiz que teve catalogos impressos; outros mantiveram-se ineditos, uma vez que, desesperançado da viabilidade do seu empenho, Eduardo Allen teve que consagrar as suas multiplas aptidões a outra instituição municipal onde o seu esforço não encontrou embaraços verdadeiramente intransponiveis.

Além de publicações bibliographicas, através das quaes avulta com raro destaque o seu estudo e o seu saber, ficam-nos de Eduardo Allen os seguintes trabalhos:

Catalogo provisorio da galeria de pinturas do novo Museu Portuense. Porto, 1853.

Catalogo systematico da collecção de molluscos e suas conchas pertencentes ao Museu municipal do Porto. Parte 2.ª *(Classe dos Gasteropodes).* Porto, 1856-68.

Um apontamento para a fauna lusitanica. Porto, 1857.

Noticia e descripção de uma moeda inedita cunhada pelos wisigodos na cidade do Porto, em fins do VI seculo... Acompanhadas de alguns apontamentos historicos e critico-numismaticos pelo director do Museu do Porto. Porto, 1862.

Noticia e descripção d'um sarcophago romano descoberto ha annos no Alemtejo e recentemente comprado pela cidade do Porto para o seu Museu municipal. Porto, 1867.

Catalogo da collecção de moedas wisigodas pertencentes a Luiz José Ferreira. LXIX moedas. Porto, 1890.

Entre os seus ineditos parece que ficou concluído o catalogo das moedas romanas e suevo-lusitanas do Museu; das arabes occupára-se, em opusculo especial, o erudito e extincto arabista Netto. De resto encontram-se annotadas as fontes que instruem sobre a historia do Museu municipal no fasciculo 20, tom. v, da *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* (Porto, 1898).

A erudição de Eduardo Allen e os primores do seu espirito tornaram-se proverbiaes no Porto. Se o lance em que vegetou esteril o Museu foi obstaculo de mais salutar exteriorisação do seu valor, a direcção da Bibliotheca publica, que compartilhou, proporcionou-lhe mais vasto ensejo de denunciar as suas altas faculdades estudiosas e investigadoras.

R. P.

MANOEL PAULINO DE OLIVEIRA

11 de Novembro de 1837 † 25 de Agosto de 1899

Poucos annos antes do seu passamento este homem exhibiu, na introducção da obra de mais vulto que legou, a sua auto-biographia, já e ao deante, na existencia e nos livros, immutavelmente confirmada. Espirito simples, vida simples, anhelos simples, todo o seu labor se enquadra n'estes estreitos limites e destinos. Organisou collecções; ampliou-as successivamente; enriqueceu-as, nas suas buscas e caminhadas longinquas, com especies raras ou indescriptas; formulou listas de seres; elaborou taboas systematicas; e em todo este percurso que o consumiu, o seu horisonte foi quasi attingido, a sua aspiração realisou-se e as mesmas compensações emergiram dos seus devaneios bucolicos — como os teem estas physionomias de colleccionadores lettrados ante a paysagem simplista que os seduz, com os seus relêvos e accidentes, com as suas flôres e sombras, com os seus poentes agonicos e as suas alvoradas triumphantes!

A simpleza dos naturalistas dá-lhes ventura assim ineffavel! E este a proclamou resignado e contente, nada mais sollicitando das almas e das coisas por d'ellas não carecer além!

«Muitas vezes perguntam-me para que serve isto? Que proveito se tira do estudo dos insectos? Desgraçadamente vejo pessoas, com uma fortuna e intelligencia que não possuo, que se occupam de negocios que lhes transtornam o espirito, enfraquecem o corpo e não lhes purificam a alma. Esquecerão que a morte vem quando menos se espera? Não reflectem que ha um dique certo e invencivel para as ambições humanas? Julgam obter a gloria eterna da vida futura, em troca do inferno que preparam n'este com enormes ambições. Não os percebo, e parece que tambem não logro fazer-me comprehender. Mas estão á sua vontade; eu tambem estou. Fazem-me feliz, os meus insectos.»

E proseguindo: «Aquelles que podem limitar as suas ambições ao que geralmente se consegue alcançar com commodidade para o corpo, tranquilidade para o espirito e sem remorso para a alma, encontram o ceu n'este mundo e decerto que não preparam um inferno para o outro.»

N'estes breves extractos está o homem, que ainda declara, afortunado e candido, «nada temer do estudo dos insectos, pois não faz mal a ninguem com a sua vida de naturalista.»

O seu espolio scientifico comporta exclusivamente varios catalogos referentes á fauna portuguesa, avultando sobretudo os que dizem respeito aos invertebrados. Data de 1876 o primeiro ensaio onde compendia os resultados das suas primicias entomologicas. Seguidamente insere no *Jornal* da Academia varias notas sobre insectos da Africa portuguesa. E já ao tempo a sua applicação movera o reparo que o indigitára para assistir officialmente ao Congresso phylloxerico da Suissa (1878). Entretanto e proseguindo no seu objectivo, não se detem na colleccionação que iniciára, apparecendo successivamente, na *Revista da Sociedade de Instrucção* do Porto e no *Instituto* de Coimbra, as suas listas dos coleopteros portuguezes. Reunidos ao deante em volume perfazem o numero de 2:329 especies distribuidas por 660 e tantos generos e representando os cicindelideos e os carabideos nacionaes. Pela amplitude é certamente este o seu trabalho proeminente.

Mais tarde os opistobranchios de Portugal que possuia nas suas collecções fornecem-lhe material para a organisação da lista respectiva, abrangendo 45 especies, 13 das quaes são novas para a fauna do Atlantico e 37 para a nossa. De molluscos nada mais legou embora projectasse futuras communicações.

Os hemipteros portugueses, em numero de 382 especies, dão-lhe ensejo para um especial catalogo e bem assim as nossas faunas mammalogica, ornithologica e erpetologica, estas ultimas ampliadas com bibliographias, processos de captura, transporte, conservação, frequencia, vocabulario popular e distribuição geographica.

O seu trabalho de classificação e busca é, como se vê, consideravel, e notavelmente concorreu para a realisação do inventario da fauna do paiz. Independentemente d'estes meritos cumpre accentuar o que Paulino de Oliveira accusava n'um dos seus trabalhos: a carencia de collecções, de bibliothecas e de especialistas entre nós, precisando quasi sempre de se limitar aos recursos exclusivos da sua modica fortuna.

Por egual os serviços que prestou ao Museu de Coimbra, de que fôra director nos ultimos annos, são para assignalar; e apenas lastimaremos que as suas opulentas collecções entomologicas, arachnologicas, carcinologicas, malacologicas e outras não enriqueçam hoje aquella instituição do estado.

Para a descripção d'algumas d'ellas não logrou o seu possuidor tempo e ensejo, de sorte que a serie das publicações legadas está áquem do seu affan e do seu labor. Registramos as que nos occorrem:

Mélanges entomologiques sur les insectes du Portugal. Coïmbre, 1876.
Relatorio da Commissão nomeada para assistir ao Congresso phylloxerico da Suissa e visitar os vinhedos de França afim de estudar os meios de combater a nova molestia das vinhas. Coimbra, 1878.
E'tudes sur les insectes d'Angola qui se trouvent au Musèum National de Lisbonne, in *Jornal* da Academia. Lisboa, 1879-84.
E'tudes sur les insectes de l'Afrique qui se trouvent au Musèum National de Lisbonne, in *Jornal* cit. Lisboa, 1880.
Catalogue des insectes du Portugal. Coleoptères. Coïmbre, 1892. (?)
Opistobranches du Portugal. Coïmbre, 1895.
«*Eastonia Locardi*» n. sp. Porto, 1896.
Catalogue des hemiptères du Portugal. Heteroptères. Coïmbre, 1896.
Reptis e amphibios da peninsula iberica e especialmente de Portugal. Coimbra, 1896.
Aves da peninsula iberica e especialmente de Portugal. Coimbra, 1896.

Existencia restricta a um inquerito, a verdade é que estes homens são precisos e são uteis. E certamente a obra de Paulino de Oliveira, pela sua latitude como racolta e indice, constitue um subsidio cujo valor e prestimos relativos não é licito apoucar.

R. P.

EDMUNDO DE MAGALHÃES MACHADO

† 1899

Os interesses economicos do districto de Aveiro, a cuja defesa o medico Edmundo Machado se associou com o relêvo do seu pensar judicioso e sagaz, logravam desvial-o d'um systematico recolhimento, aquecendo-o em enthusiasmos, embora intercadentes, pelos progressos da região e do estado social das suas populações.

As industrias populares, e nomeadamente a da pesca, os costumes e as tradições locaes constituiam um fundo de estreito saber que avultaria com proeminente realce, se este illustre observador confiasse a memorias escriptas a trama do viver regional.

Denuncia-se porém e apenas a sua cooperação effectiva em assumptos de ordem economica, expressa, entre outros, nos *Documentos* relativos ao estabelecimento d'uma estação central de caminho de ferro e mercado municipal em Aveiro (1891) e na *Representação* approvada n'um comicio em que se pedira um serviço de dragagens no estuario (1893). Entretanto o seu nome associa-se aos dos promotores d'uma mallograda *Exposição* allusiva á ria de Aveiro (*Revista Florestal,* 1896) cujo programma, elaborado pelo distincto engenheiro sr. Mello de Mattos, se exhibia accentuadamente ethnographico.

O seu espirito e sentimento democraticos levaram-o ainda a um apostolado de que ao deante conheceu a esterilidade e o travor: foi o estabelecimento, em sua casa, d'um curso nocturno e gratuito para adultos, ensinando elle, e ainda fornecendo á sua custa a luz, os livros e o material. Um dia um artifice passára e batera, inquirindo inconscientemente para dentro «se alli era a escola do governo».

—Não, acudiu do patamar a pobre mãe; aqui é a aula do desgoverno!

Ainda pela sua experimentação e estudos em terrenos proprios o medico Edmundo Machado foi um dos percursores da aquicultura em Portugal.

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José T. R. Fortes Junior. I, A ESTAÇÃO ARCHEOLOGICA D'ALVARELHOS, 8.º, 28 pags. Porto, 1899.

este titulo subordina o distincto archeologo Dr. José Fortes Junior um estudo sobre algumas pesquizas realisadas no *castro* de S. Marçal, em Alvarelhos, e a proposito outras curiosas observações circumvisinhas que directamente se relacionam com a estação central de caracteristicos aspectos e feições bem determinadas.

De facto, o castro de S. Marçal, com o circuito singelo de espessas muralhas, as suas casas circulares de tosco apparelho polygonal, entra, pelo sommatorio dos seus caracteres geraes, na categoria do castro de Sabroso, hoje typico, e muitos outros mais por todo esse paiz interamnense.

Aqui, como em todos os castros e cividades, encontram-se similares vestigios ou documentos de factos apparentemente synchronicos, que pelo menos se succederam na mesma ordem chronologica, não sómente como manifestações do natural progredimento das civilisações, mas como phenomenos impulsionados por identico factor de ordem historica ou archeologica.

Assim, de novo encontramos em S. Marçal o primitivo aspecto indigena do castro com as suas grosseiras construcções, tugurios circulares cobertos talvez de colmo, protegidos por obras defensaveis de importante significação estrategica, e juntamente uma curiosa industria de grosseira feição, conhecimentos restrictos dos processos metallurgicos e uso limitado dos metaes, um pobre mobiliario com ceramica de pasta micacea e areenta, modelada ao torno, mas de pobre ornamentação a simples traços, alguma pintada a vermelho; e são estes os caracteres de um estado de civilisação, uma primeira phase ou epocha. A seguir, contrastando com a primitiva pobreza e simplicidade, encontra-se a louça melhor cuidada e de extranhos modelos feita de pasta fina vermelha ou negra (como os especimens da Etruria), ainda de barro a *tegula* e *imbrex* que formam a cobertura á moda romana, e de mistura, moedas de Cesar Augusto, mais adeante fragmentos de columnas de velho estylo greco-latino; teremos aqui documentos de uma segunda phase e ulterior aspecto.

Duas civilisações se succederam, segundo resam os documentos historico-archeologicos: sobre a população indigena abrigada no seu elevado castro, passou a poderosa civilisação do povo-rei, e o cunho romano victoriosamente impressionou as novas phases subsequentes das civilisações locaes. Talqualmente aconteceu em todos os castros e cividades do resistente paiz lusitano.

As observações do Dr. Fortes Junior fornecem mais um documento de confirmação, devidamente estudado e classificado. E esta contribuição tem por si o grande merito de comprehender elementos para o grandioso capitulo dos castros e cividades, que condensa o fundamento de toda a nossa historia, o problema ethnologico da nossa raça, a questão basilar das origens da nacionalidade.

O pequeno opusculo do Dr. Fortes Junior pouco apparenta em quantidade, mas muito merece pela propria natureza do assumpto, na apresentação do qual o auctor evidencia sinceridade e precisão de analyse, apropriada erudição, e o particular enthusiasmo do estudioso especialista, verdadeiramente dedicado ás suas investigações.

Mais uma contribuição que nos vem despertar muita e nova esperança, quando já habituados á desanimadora indifferença d'esse publico que por ahi se agita; é um pouco de claridade que apparece e mais um companheiro de animo feito; saudemol-o com alegria nós outros do pequeno gremio, embora menosprezadas estas presumpções de patriotismo que anima a nossa obra de inquerito a uma nacionalidade, transviados que somos por este caminho arredio de penosos trabalhos, desinteressados e independentes, de proprio esforço e iniciativa.

R. S.

Sousa Viterbo. DICCIONARIO HISTORICO E DOCUMENTAL DOS ARCHITECTOS, ENGENHEIROS E CONSTRUCTORES PORTUGUESES OU A SERVIÇO DE PORTUCAL, I, A—G. 4.º peq., 584 pags. Lisboa, 1896.

Postoque fóra da indole d'esta publicação, cumpre-nos todavia assignalar o copioso trabalho do sr. Sousa Viterbo d'onde, frequentemente, se colhem subsidios muito apreciaveis para o conhecimento das artes de construcção e do que d'ellas importa no dominio tradicional. A reproducção de antigos documentos, as referencias bibliographicas e as allusões mais ou menos breves a costumes, praxes e contractos aproveitam aos estudos que são o objectivo d'esta revista.

O *Diccionario* é uma obra de abundante informação e denodado labor que o illustre publicista rematará n'um segundo volume, já no prelo.

R. P.

Manoel Joaquim Pereira. (Guarda do Museu). MEDALHAS DO MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. 1 vol. in-8.º, de 108 pags. Porto, 1898.

Leva-nos a notar especialmente este trabalho o proprio merecimento como catalogo, e sobretudo o facto excepcional de ser publicado pelo guarda do museu. Este modesto empregado tem o soldo de qualquer outro zelador do municipio e está collocado interinamente, por favor, no seu cargo de vigiar attento as collecções e os visitantes. O caso é significativo e de molde a contrapor ao symptomatico silencio de numerosas personalidades que occupam cargos de caracter scientifico e melhor remuneração, e que nada produzem, ao que consta, sequer por dever do cargo ou officio.

R. S.

General Mesquita Carvalho. O DOLMEN DA BARROSA. *Noticia abreviada d'este monumento precedida d'uma descripção da região onde elle se encontra e d'um estudo sobre as origens da terra, etc.* 8.º, 130 pags. e 1 est. Magalhães & Moniz, eds. Porto, 1898.

A anta da Barrosa é para o sr. Mesquita Carvalho o pretexto d'uma longa e prolixa dissertação sobre assumptos varios, na quasi totalidade dispensaveis para o estudo do monumento funerario. Algumas paginas, no fim, occupam-se dos dolmens em geral e tres, por ultimo, da anta do valle do Ancora a que o livro parece dizer respeito. Reedita factos exactos e acceita outros ainda controvertidos. Ha erros e confusões. De resto considerações sabias elementares entretecidas n'uma forma litteraria de convenção, justa e legitimamente desdenhada de ha muito.

Parece, através da leitura, que o sr. Carvalho descobriu a anta. Ora é de notar que ella está descripta varias vezes e excellentemente. As primeiras referencias são de Pinho Leal. [1] Depois occuparam-se do monumento megalithico—sem embargo, o mais interessante do Minho—os srs. Martins Sarmento [2] e José Caldas. [3] N'outros trabalhos de prehistoria encontram-se allusões á anta minhota, nomeadamente em escriptos dos srs. Sarmento [4] e Leite de Vasconcellos. [5]

Como descoberta, estava feita ha muitos annos; como trabalho de vulgarisação não tem valor algum.

R. P.

---

[1] *Portugal antigo e moderno*, III, pag. 396, voc. Gondinhães. Lisboa, 1874.

[2] *Materiaes para a archeologia do districto de Vianna*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, IV, pags. 25 e segs. Porto, 1896.

[3] *Archéologie préhistorique dans la province de Minho* in *Compte-rendu du Congrés international d'anthropologie et d'archéologie préhistoriques*, 9.ème session. Pags. 346 e seg. Lisbonne, 1884.

[4] *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, in *Revista de Guimarães*, V, pag. 113. Porto, 1888.

[5] *Religiões da Lusitania*, I, pags. 262 e 273. Lisboa, 1897.

Severino de Sant'Anna Marques. ESTUDO DE ANTHROPOMETRIA PORTUGUESA, in-8.°, 78 pags. Lisboa, 1898.

É no interesse de trasor o leitor ao corrente de todo o movimento anthropologico do nosso paiz que apresentamos mais este trabalho, o qual só agora nos veio ás mãos, graças á obsequiosa diligencia d'um amigo.

Como remate ao seu curso de medicina em Lisboa, o auctor escolheu para these um assumpto de anthropologia «que principalmente o seduzia e ao qual já por varias vezes e modos tinha dedicado algumas das suas horas de ocio» como declara no prologo do seu opusculo.

O assumpto preferido foi a anthropometria da população masculina portuguesa, no intuito de levantar os dous «formidaveis pontos de interrogação» que um tal Rippley, professor americano, segundo tinha lido algures, collocara sobre o nosso territorio ao coordenar a distribuição geographica do indice cephalico na Europa.

Procurou o distincto anthropologista, sr. dr. Ferraz de Macedo, que lhe ensinou a technica a seguir; conseguiu arranjar: um compasso de espessura, outro de corrediça e um duplo metro de molas; e atirou-se ao trabalho, medindo homens nos hospitaes civis da capital e nos quarteis de Lisboa e Porto.

Os caracteres anthropometricos recolhidos foram: o indice cephalico, o nasal e a estatura, em que empregou o methodo francez corrente, bem como a respectiva nomenclatura.

Foram aproveitados 1:444 individuos, que se distribuem desegualmente pelos 17 districtos administrativos do paiz, consoante o quadro que em seguida apresentamos.

DISTRICTOS	Numero de casos	Indices cephalicos medios	Indices nasaes medios	Estaturas medias
Aveiro	100	78.88	65.36	1m.634
Beja	93	75.56	65.14	1m.663
Braga	37	77.65	64.78	1m.584
Bragança	100	76.15	67.25	1m.634
Castello Branco	100	74.60	65.41	1m 651
Coimbra	100	76.03	65.32	1m.632
Evora	33	76.77	65.36	1m.661
Faro	100	76.91	66.12	1m.646
Guarda	100	75.42	66.00	1m.645
Leiria	100	77.18	64.99	1m.643
Lisboa	100	76.79	64.79	1m.632
Portalegre	47	76.71	63.69	1m 645
Porto	81	76.17	63.25	1m.644
Santarem	105	76.73	64.21	1m.642
Vianna	48	77.03	64.34	1m.650
Villa Real	100	75.16	66.59	1m.632
Vizeu	100	75.19	64.63	1m.674
Reino	**1444**	**76.3**	**65.1**	**1m.645**

Pena foi que o numero de casos observados que o sr. Sant'Anna Marques quiz manter em 100 para cada districto, escasseasse justamente n'aquelles onde a população é mais densa, como em geral nos do Minho; de modo que as suas conclusões não podem ser definitivas.

No emtanto o *indice cephalico medio* obtido em todo o reino (76.3), concordando com o do sr. Silva Bastos na sua serie craneometrica portugueza (74.5), colloca definitivamente a nossa população como a mais dolichocephala da Europa e differençando-se da hespanhola (78.2) em duas unidades. Esta dolichocephalia é mais accentuada sobretudo nos districtos transmontanos e beirões, isto é, na região mais montanhosa do paiz. A mesaticephalia minhota é mais uma vez confirmada.

O *indice nasal* é na media leptorrhinio, (65.1) com tendencia para a mesorrhinia nos districtos montanhezes onde acabamos de notar a sua forte dolichocephalia. É pois n'estas regiões que o nosso typo aborigene (raça de Baumes-Chaudes — Cro-Magnon) se deve manter mais puro. Todos os anthropologistas da Peninsula assim o teem notado e previsto. O auctor porém vê no facto d'esta mesorrhinia, aliada a uma dolichocephalia nitida, a influencia d'uma raça negra platyrrhinica!

Lamentamos profundamente esta conclusão temeraria do sr. Sant'Anna Marques, que mostra ignorar que a população berber do norte de Africa com quem o portuguez, o italiano do sul, o hespanhol e o francez aquitano teem tantas affinidades ethnicas, pertença á mesma raça *europeia mediterraneana* ou *euro-africana* e provindo da mesma raça ancestral prehistorica. Essa popula-

ção nunca foi platyrrhinica, — o indice nasal mais forte, observado na Tunisia, foi de 79.4 (Djerid) eminentemente mesorrhinico.

Se o auctor, em vez de ter feito da sua these um trabalho seccamente anthropometrico, o completasse com os caracteres descriptivos da côr e da forma do nariz; se tivesse tomado conhecimento com os caracteres das raças prehistoricas que no periodo neolithico habitaram o nosso solo e o do resto da Europa; se tivesse considerado, entre outros, os magnificos trabalhos do dr. Collignon, publicados em 1887, 91, 94 e 95 sobre a ethnographia da Tunisia e da população franceza, não teria cahido, por certo, n'este erro grosseiro. Infelizmente alguns escriptores extrangeiros querem vêr tambem a mistura de sangue negro na nossa população, proveniente da introducção de escravos negros, apoz as nossas descobertas e conquistas de além-mar, nos seculos XIV e XV! Esses teem desculpa por ignorarem a nossa composição ethnica — os nossos trabalhos anthropologicos, tendo começado agora e ainda assim com a desajuda dos poderes publicos!

Protestamos pois contra todas estas affirmativas meramente gratuitas e erroneas e somos antes com o sr. Silva Amado, que é o unico escriptor que se approxima mais da verdade nas considerações que faz sobre o caracter ethnico portuguez e com o qual o sr. Sant'Anna Marques declara «sentir sobremaneira não poder concordar»; quando a sua má interpretação anthropometrica é que o não deixa vêr claro.

O estudo do terceiro caracter anthropometrico tomado pelo auctor, a *estatura*, já pelo apparelho empregado — um duplo metro de molas — já pelo numero de casos, que é diminuto, desconhecendo-se além d'isso a edade dos individuos medidos, não nos merece confiança e fica de reserva á espera de confirmação.

Da these medica arranjada pelo sr. Sant'Anna Marques, apenas se poderão aproveitar, afinal, as medias dos indices cephalico e nasal que expomos no quadro acima composto.

A anthropologia não é positivamente um *sport*.

F. C.

João Gualberto de Barros e Cunha. NOTICIA SOBRE UMA SERIE DE CRANEOS DA ILHA DE TIMOR, in-8.º, 30 pags. Coimbra, 1898.

Pelo estudo d'esta serie de 28 craneos masculinos, o auctor mostra que a população timorense é muito mestiçada. A seriação do indice cephalico a uma unidade, indica-nos sobretudo a influencia de elementos dolichoides, na sua composição ethnica. Comparando as medidas craneometricas da sua serie com as das raças papuá, malaia e polynesia, apresentadas pelos auctores da *Crania Ethnica*, o sr. dr. Barros e Cunha nota o estreito parentesco do timorense com o indigena da Nova-Guiné.

Os indices medios obtidos pelo auctor são os seguintes: cephalico, 73.1; vertico-longo, 74.6; vertico-transverso, 104.5; stephanico, 79.7; frontal, 70.1; facial, 65.2; nasal, 49.9; orbitario, 84.2; curva horisontal, 507 e angulo facial de Camper, 79º.

A seguir vem uma copia do Registro descriptivo dos craneos observados, sendo para lastimar que o auctor não tivesse antes condensado syntheticamente os caracteres craneologicos da sua tão notavel serie, ou pelo menos figurasse as normas principaes do craneo medio.

O opusculo finalisa com as respectivas tabellas craneometricas, em numero de tres, sendo a ultima de comparação.

F. C.

Antonio Aurelio da Costa Ferreira. CRANEOS PORTUGUESES: SUTURAS, in-8.º, 70 pags. Coimbra, 1899.

Na revista scientifica e litteraria, *O Instituto*, o sr. Costa Ferreira tem apresentado uns interessantes estudos de craneologia portuguesa.

O primeiro, publicado no volume XLV de 1898, trata do *Pterion*, determinando o auctor, pela primeira vez entre nós, as varias formas anomalas d'esta região craneana, a sua frequencia e valor anthropologico n'uma serie de 225 craneos portuguezes, de ambos os sexos. No fim do seu trabalho o auctor dispõe em quatro tabellas as suas cuidadas observações.

O seu segundo estudo, de que o auctor tirou *separata* e cujo titulo encabeça esta pequena noticia bibliographica, é, por sua vez, bem importante e util. Todo o craneologista que tiver de fazer trabalhos da sua especialidade em craneos portuguezes, terá de manusear o folheto do sr. Costa Ferreira.

Com effeito, n'elle se acham descriptas as differentes suturas craneanas, deduzidas as suas leis de complicação e de synostose e em que edade ella se produz no craneo portuguez. N'um terceiro e ultimo capitulo, o auctor ainda trata de algumas deformações cephalicas, produzidas pela synostose de certas suturas. Não nos falla da sutura metopica, a qual segundo PAPILLAUT no seu magnifico estudo, *La suture métopique et ses rapports avec la morphologie crânienne*, tem uma dada influencia sobre a parte anterior do craneo. Certamente o sr. Costa Ferreira reserva-se para fazer tambem um estudo especial d'esta sutura sobre um maior numero de craneos da nossa po-

pulação. Pena é que o pouco espaço de que dispomos não nos permitta trasladar as importantes conclusões d'estes seus dois estudos.

O activo e distincto craneologista coimbrão vae prestando com os seus bem elaborados trabalhos um valioso serviço á nossa sciencia ethnica e grande cousa seria que o sr. Costa Ferreira, ao fim, os reunisse n'um unico e commodo volume, enriquecendo assim a pequena bibliotheca anthropologica do nosso paiz.

F. C.

Bazilio Telles. O PROBLEMA AGRICOLA, 8.°, IX—259 pags. e append. Livraria Chardron ed. Porto, 1899.

Depois que a investigação historica moderna, desobrigada da parcialidade cortezã e restrictiva dos chronistas, incidiu sobre a trama profunda da vida nacional, sentiu-se, com um relêvo até então despercebido, que a crise portuguesa enraiza em origens viciosas já longinquas. Emerge da obra dos academicos do seculo XVIII, tam educativa e por egual ignorada, este mal de constituição que une estreitamente as deficiencias actuaes da economia interna com a politica de fomento da primeira dynastia, breve sustada e detida.

Á romanisação, sem que se subvertessem as influencias sociaes persistentes através das vicissitudes ulteriores, succederam as assolações trasidas pela invasão e dominio wisigothicos; a seu tempo a terra lusitana encontra nas incursões mouriscas outra causa profunda e extensa de devastação e ruina; por fim, a reconquista pelos primeiros monarchas de Portugal ultima as consequencias d'uma tormenta que, intercadente em epochas, mas progressivamente nefasta em acção, resulta para o solo em motivos de aggravada avareza.

Formar uma nação, buscando na cultura, no povoamento e portanto nas complexas circumstancias interferentes para a solução d'este ideal politico, um alicerce harmonico e duravel, tal fôra a norma inicial dos primeiros estadistas. O exito completava-se ainda com as energias subsistentes desde a estirpe primordial através da mesclagem hispano-romana e galaico-sueva — no norte, evidentemente. Mas um desvio prematuro, para que convergem simultaneamente motivos fataes e fortuitos, interrompe — até hoje! — uma obra ephemera de reconstituição que não lograra sequer ir a meio.

O hiato monstruoso, abrindo-se nos tempos do monarcha que remata a primeira dynastia, avulta com mais destaque o seu inicio com a expugnação de Ceuta. Ahi começa o nosso exodo delirante, em busca do poder e da fortuna; aqui ascende a nossa crise afflictiva, raro velada com fugitivos aspectos d'uma opulencia fruste. Emigrando sob o imperio d'um como delirio de grandezas collectivo, o abandono da terra promove successivamente o desequilibrio que se manifesta breve pelas crises frequentes em subsistencia e vestuario, obtendo-se tudo, como os homens para as frotas e os artifices para o luxo, ora com a troca dos productos da conquista, muitas vezes, nos infortunios d'esta aventura epica, por exhaustão de reservas quasi exangues e até vendendo-se as pratas das egrejas.

A casa commercial que foi Lisboa esqueceu naturalmente a necessaria sequencia da acção previdente que determinara as medidas iniciaes e fecundas. Governando expiou com o paiz e resignou-se. Não se apercebeu do lance que a poderia remir sob a adopção assimiladora da tentativa pombalina; não ouviu os clamores que bradavam por juizo á gente desvairada; não soube, pois, outro rumo que o expediente, ou fossem os bens dos nobres e conventos, ou a inconstancia da riqueza illusoria que nos dava o oiro do Brasil.

O conspecto d'este organismo politico que, pelos vicios constituitivos, deu, em resumo, um caso de verdadeira teratologia social, resalta modernamente da obra vulgarisadora e litteraria de Oliveira Martins, da investigação mais penetrante e mais profunda de Alberto Sampaio e agora d'algumas dezenas de paginas com que Bazilio Telles abre a sua obra sobre a nossa questão agraria, a um tempo n'uma limpida nobresa formal e servida com recursos de eruditismo que só escapa, pelo brilho com que o veste, á geral e ingenita lassitude desattenta.

Tocando os aspectos de mais vinco na pagina da nossa crise permanente, é nova e sua a approximação da ruina actual com o preludio fatal e remoto esboçado nos fins do seculo XIV: crise cerealifera, plethora vinicola e emigração, para as cidades, das populações ruraes. Com uma penetração subtil e diaphana os passos d'este ininterrupto episodio de penuria nacional decorrem n'um encadeamento de logica exuberante e indefectivel, detendo-se quando certas funcções ou acções culminantes illuminam o quadro com inadvertidas loucuras e ephemeras ou estereis tentativas de reacção individual e civica. Assim a obra de Pombal, provando que este solo era capaz de alimentar este povo; um pouco o entendimento perscrutador e melancholico dos percursores, desde Castello Melhor até ao infante D. Pedro; mais recentemente o lemma liberal de Mousinho exteriorisado na sua obra de fomento, uma vez reconhecida a nossa lesão inicial e profunda.

O quadro da vida economica da nação, que Bazilio Telles resume e entretece com ineditos elos de interdependencia, aspectos ainda não apprehendidos e factos nada ou timidamente asseverados — como a inversão dos papeis entre a agricultura e o commercio, 1580 epilogo de 1383, regressão á chimera mercantil e cosmopolita do seculo XIV e justaposição de dois grupos de gente que geographica e approximadamente o Vouga scinde e se não entendem — esse quadro consti-

tue um dos mais maravilhosos trechos de Prosa portuguesa, fundamente sentida, plasticamente modelar e patrioticamente nobilissima.

De resto o assumpto nodal do *Problema Agricola* é alheio á indole d'esta revista. Estudado nas varias manifestações produsidas pelos economistas, Bazilio Telles redul-o, em derradeiro lance e após as inferencias d'um lucidissimo debate, ás tres causas que accusam uma gravidade real: o latifundio, a carencia e a especulação do capital e o empyrismo tributario. Males e remedios são exhibidos com uma harmonia e coherencia, com uma proporção e valores gradativos que imprimem a este livro, d'uma estructural solidez e esplendente destaque litterario, um relêvo proeminente na litteratura economica peninsular. Com semelhante documento publico, de tam complexa intensificação sabedora e pensante, Bazilio Telles denuncia-se, aos que o não conhecem, como um dos maiores espiritos do seu tempo.

R. P.

Charles Lepierre. ESTUDO CHIMICO E TECHNOLOGICO SOBRE A CERAMICA PORTUGUESA MODERNA. 8.º, 241 pags. e 1 est. Lisboa, 1899.

Propoz-se o eminente chimico e professor da Escola Industrial de Coimbra summariar o seu inquerito ao estado actual da industria ceramica portuguesa; e d'esse labor resulta um copioso elucidario ácerca do nosso frabrico de olaria, da naturesa das argillas e das pastas empregadas, do acaso que preside a todas as dosagens, da disparidade entre os vidrados e as massas que esmaltam, da barbarie chromatica e esthetica, de toda a somma de erros, emfim, que explicam o atraso das nossas loiças e principalmente das faianças grosseiras mais communs. É um substancial e criterioso depoimento chimico-industrial que ennobrece quem o subscreve e marca, na nossa litteratura technologica, uma étapa de viva e valida accentuação laboradora.

Adstringindo-nos ao que interessa o nosso quadro move-nos sobretudo reparo os informes que acompanham, por vezes com assignalada pormenorisação, as partes que dizem respeito ás loiças negras e vermelhas, foscas ou vidradas. São as interessantes particularidades de fabrico com as quaes, devidamente hierarchisadas, se reconstituia a industria do passado conforme as illações dos archeographos. O material, incluídos varios typos de fornos, o preparo das pastas, as formas, a ornamentação, o brunido revelam-nos estadios attribuídos ao evolver da ceramica desde os tempos neolithicos. Assim, a cocção em covas effectua-se ainda em Lordello (Villa Real), em Chaves, em Bragança, em Lamego e em Taboa (Coimbra), localidades a que o auctor podia acrescentar Gôve (Baião) e Coimbrões (Gaya); vedam-se os poros com cera em Lordello, como analogamente nós já observamos em Visalhães e Gôve; a mica distribue-se profusamente na pasta da loiça de Lordello e de Ilhavo, ao que o illustre analysta podia acrescentar o informe relativo a Guimarães, com a mesma poalha micacea nos medalhões relevados que ornamentam os bojos; como os homens de Liceia, os oleiros de Nisa incrustam na pasta fragmentos de quartzo branco; Tondella, Alfarellos e Extremoz brunem as suas loiças; por fim bellas ondulações de linha etrusca ou hellenica, romanisadas umas, arabisadas outras, sobrevivem através das vicissitudes e dos progressos dos tempos, occasionando este inconsciente respeito pela architectura do vasilhame, legada e remota, a conservação de formas tradicionaes e vetustas: os grandes quartos pezgados para o vinho, os potes e talhas de enormes dimensões para reservas de liquidos e de salgas, os bicados da adega, os fornos d'uma só peça, os ferrados de ordenhar, as braseiras, as bruxas, os alcatruzes, as pichorras, a illimitada multiplicidade das bilhas!

O seu vivo e fino espirito de gaulez decorou uma memoria de trama secca e arida com estes e muitos outros pormenores de tocante origem e fundo populares, emmoldurando assim o hirto contexto de taboas e analyses com a ingenua, simplista e graciosa historia d'uma industria persistentemente tradicional. Através de duzentas e tantas paginas o archeologo e o ethnographo colherão abundante somma de factos aproveitaveis, de verdadeiras exhumações vivamente suggestivas. E aqui está um passo feliz para que trabalhos d'este genero determinem uma accessibilidade que melhor premeie os esforços do auctor.

Em remate o eminente critico de arte, snr. Antonio Augusto Gonçalves, appensa uma *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra*, onde reduz á sua habitual concisão o exuberante saber obtido através d'uma locubração lucidissima e scintillante. É uma exhumação joeirada pelo seu fino pensar, pelas suas raras faculdades interpretativas, pelo judicioso criterio, seguro e sagaz, que marcam inconfundivelmente os seus estudos. Por sobre o que uma plastica litteraria que em nada desmerece o eminente esthetа.

Livro notavel, realmente.

R. P.

A. Thomaz Pires. MATERIAES PARA A HISTORIA DA VIDA URBANA PORTUGUESA. A MOBILIA, O VESTUARIO E A SUMPTUOSIDADE NOS SECULOS XVI A XVIII. 8.°, 109 pags. Lisboa, 1899.

O devotado e esclarecido folklorista alemtejano, a quem devemos numerosas contribuições para o estudo do povo portuguez, collige n'este opusculo varios ducumentos — inventarios de bens moveis e de raiz, testamentos, folhas de partilhas, escripturas de compra e dote, relações, livros de irmandades, contas, etc. — que lançam uma luz vivissima sobre a vida regional nos tempos a que se referem É um precioso subsidio, não ha duvida!

Com tam curiosos elementos e o conhecimento da epocha reconstitue-se a vida de então e principalmente o que n'ella havia de esplendor e fausto. E não pode prescindir d'estes materiaes e similares quem queira traçar, do tempo, quadros e aspectos. Na sua apparente aridez estes inventarios são extrema e intensamente suggestivos, dando-nos, do mesmo passo que um miudo pormenor de coisas nacionaes, esclarecimentos copiosos da opulencia de certas casas portuguesas, como as suas joias, crystaes, loiças, tapeçaria, mobiliario e outros artefactos sumptuarios buscados em Ruão, Veneza, Milão, Medina, Talavera, Allemanha, Flandres, India e China.

Através d'esta interessante collecta apparecem outras indicações de proveito vario: a relação do estado e fausto com que um embaixador fez uma função em Paris, a escriptura da compra d'uma escrava, a soldada d'um creado, etc. Para reparo, entre outros, o documento que se refere á acquisição de azulejo para uma capella, com a descriminação dos destinos dos differentes typos, a procedencia, o custo, o nome do mestre, etc.

Que excellentes serviços não nos prestariam tantos ociosos de provincia se, ao menos uma vez na vida, exhumassem assim, para publico, os documentos locaes!

Applausos sinceríssimos ao snr. Thomaz Pires.

R. P.

Pedro Fernandes Thomaz. COLLECÇÃO DE ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO CONCELHO DA FIGUEIRA. Primeira parte, 8.°, 303 pags. e III ests. Figueira, 1899.

É vasta já a litteratura que se occupa da historia e da economia locaes. Não obstante a debil fertilidade de producção escripta as monographias de terras constituem hoje uma bibliotheca especial consideravel, sem que, entretanto, reste pouco a fazer. Verdade é, porém, que a grande maioria d'esses trabalhos são extremamente carecidos de espirito critico e de estudos e investigações imperscriptiveis; a reproducção pouco afanosa e simples das origens lendarias e de populações não menos imaginosas que exhibem os velhos textos conventuaes e outros, substitue a averiguação pessoal directa e, naturalmente, laboriosa e lenta. O diccionario de Pinho Leal é a imagem, em grande, da versatilidade e da insciencia com que se elaboram semelhantes livros. Mas certo é que todos offerecem, mais ou menos, muita informação segura, esparsa, embora, e tumultuaria. Nas annotações ao *Portugal antigo e moderno* que vem sendo exaradas nos ultimos boletins da *Associação dos architectos e archeologos* se reconhece como é avultada a somma de memorias locaes; e até alguns bibliophilos cuidam já em organisar e desenvolver esta especial secção, indubitavelmente, apesar de todos os defeitos, bastante rica em prestimosos subsidios. Haja vista a grande obra citada, com as suas lacunas e erroneas exacções em numero, mas por egual com uma massa enorme de noticias interessantes e certas.

De resto está sendo esta a fonte inexhaurivel onde bebem todos os chronistas de gazetas, com a leviandade peculiar á affectada sufficiencia de semelhantes profissionaes das lettras. A irradiação do exemplo, d'uma banda, e a vulgarisação de noções falsas, por outra, não são de molde a applaudir esta pretensa novidade das folhas illustradas do domingo.

A enfileirar no quadro das monographias locaes vem o livro apontado acima. Mas este primeiro volume adstringe-se á reproducção de textos, d'entre os quaes sobresahem os que se referem á constituição foraleira do concelho. N'uma segunda parte o seu illustre e sympathico auctor occupar-se-ha das tradições, usos, costumes, jogos e divertimentos populares, cantigas, contos, orações e superstições, o que nos leva a crêr, dada a especial competencia de Fernandes Thomaz, que tal secção será mais valiosa e attendivel. O seu esforço e o de Augusto Veiga, um dedicado cooperador, teem jus ao nosso vivo applauso.

Exare-se, de passagem, que o distincto archeologo, sr. Santos Rocha, publicou (1893) uns *Materiaes para a historia da Figueira nos seculos XVII e XVIII*, trabalho este de ardua averiguação, muito informe inedito e intelligente arranjo. O capitulo sobre ethnographia, entre outros, é muito instructivo e habilmente organisado.

R. P.

PUBLICAÇÕES PERIODICAS

Revista de Guimarães — *Numero especial* de consagração a FRANCISCO MARTINS SARMENTO. Porto, 1900, in-8.º gr., 110 pags.

Foi distribuido este volume especial de luxuosa composição quando se realisaram em Guimarães as festas publicas em honra e homenagem do virtuoso cidadão F. Martins Sarmento. De todas as manifestações dos conterraneos vimaranenses para glorificar uma individualidade sob todos os pontos de vista illustre para a vetusta cidade de nobres tradições, destaca-se esta publicação, destinada por si a tornar perduravel e extensa a justa consagração.

Do mais, pouco restará para estimulo e ensinamento de vindouros, salvo as chronicas e actas que registram o facto d'esta brilhante manifestação, em que collaboraram collectividades do municipio e extra-officiaes, com enthusiasmo e espontaneidade dignos de nota, como se fôra romaria em dia santificado de muita devoção ou festejo nacional adrede decretado á maneira classica das antigas e heroicas consagrações.

O numero especial ficará, como as lapides inscriptas de commemoração; cumpre registral-o quando cuidamos de apontar a litteratura especial que interessa ao nosso programma. Conforme o seu caracter e modo de composição, esta publicação vale pelo que representa o nome consagrado, cujo brilho circumda de radiante aureola todas estas manifestações de publico apreço. Distinguem-o, n'este caso, de similares volumes, as estampas insertas, em parte ineditas, de objectos que pertencem ao notavel museu do distincto archeologo, cujo original caracter n'este logar particularmente deveremos annotar. E' uma novidade de especial merecimento.

N'estes documentos de modesta apparencia está condensada a obra collosal do grande trabalhador, e ligeiramente indicado de modo implicito o que restava e cumpre fazer para completar a brilhante consagração iniciada. Todo esse material posto a descoberto e piedosamente recolhido muito vale como documentação de uma extensa obra de investigação archeologica e historica de alto interesse nacional. E' necessario que o penoso e longo trabalho de longos annos, representado n'essa valiosa collecção, não fique escondido nas proprias vitrines do museu regional, esquecido com o passar dos tempos, arredado e menosprezado talvez, pois que os homens vão sendo substituidos e variando nos seus modos e cargos, como é da natural constituição humana.

Serão, muito embora, immorredouros monumentos, ou de facil conservação, o Castro de Sabroso e a Citania de Briteiros; não se destruirão facilmente os solidos materiaes colleccionados d'essas antepassadas gerações que viveram pelo solo portuguez; entretanto, não é bastante a arrecadação d'esse espolio memoravel, torna-se preciso que se faça publico e se levem ao longe, para conhecimento dos que estudam, todos esses materiaes que pertencem á historia nacional e interessam universalmente aos estudos ethnologicos.

Martins Sarmento legou um vasto archivo de numerosos documentos. Dever-se-ha publicar toda essa obra, que representa o encargo fundamental da herança que coube ao municipio de Guimarães e á Sociedade Martins Sarmento; assim é o espirito do testamento lavrado por mão propria do illustre sabio. O intuito é claro: para que ficasse amparada e não fosse esteril a sua obra iniciada á custa de extraordinarios esforços e sacrificios.

A homenagem a Martins Sarmento, de expressiva espontaneidade, é um notavel indicio e raro exemplo, que muito nos deixa a esperar da conscienciosa orientação dos seus conterraneos. O numero especial, que agora archivamos com as mais gratas lembranças, é um curto incidente de reduzida expressão bibliographica. Deve-lhe mais a população de Guimarães: um singelo monumento de modesta apparencia em logar proprio, que perante o publico heroifique uma personalidade que merece veneração, e a publicação integral da obra inedita de Martins Sarmento.

R. S.

EMENDAS

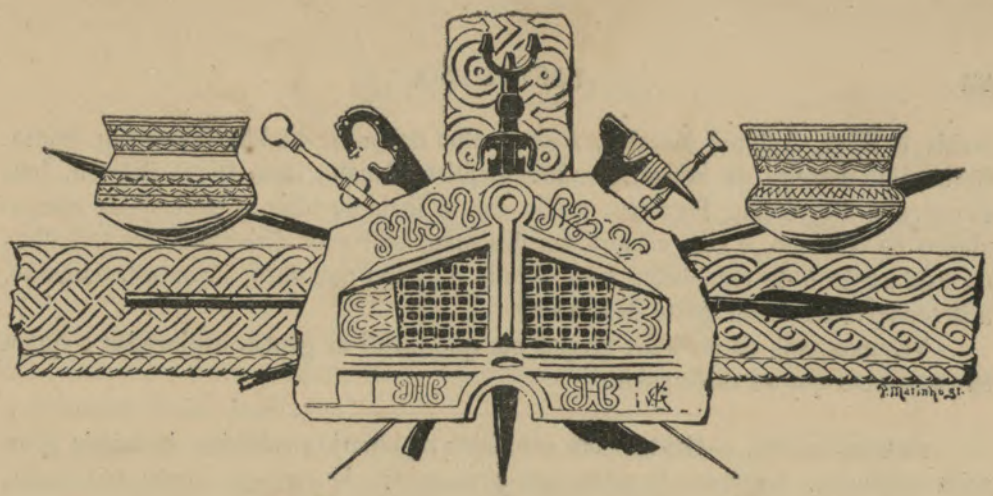
A pag. 178, linha 28, d'este fasciculo, onde se lê: *Semelhante aspecto,* corrija-se para *Semelhante é o aspecto.*

R. S. e F. C.

No artigo a «Pedagogia do Povo Portugués» deve ser corrigida uma sentença latina que sahiu estropeada a pag. 217, lin. 28: deve ler-se: *primum vivere, deinde philosophari.* Na lin. seguinte leia-se *philosophemur* em vez de *philosophemus.*

F. A. C.

EDITOR — RICARDO SEVERO.



GRUTAS DE ALCOBAÇA

MATERIAES PARA O ESTUDO DO HOMEM

RELATORIO DOS TRABALHOS DE EXPLORAÇÃO NAS DIVERSAS ESTAÇÕES NEOLITHICAS DE ALCOBAÇA

ESULTOU, da minuciosa analyse com que procedi aos trabalhos de exploração nas diversas grutas do meu concelho, dividil-as em grupos de que estudarei os typos principaes, afim de não dar a este estudo um desenvolvimento que julgo dispensavel, e mesmo porque a importancia relativa do excesso de minuciosidade para nada serve, a meu vêr. Importa estudar bem, com muita nitidez, com muita probidade, os typos principaes, e abandonar as que nada mais fazem do que repetir outras e muitas.

Assim, das quarenta e tres grutas exploradas até hoje no concelho de Alcobaça, fallarei com minuciosidade das que forneceram objectos menos vulgares, e das que, pelos seus documentos e especial disposição, constituem typo de habitações prehistoricas da que eu chamarei: — *Provincia archeologica de Alcobaça*. E fazendo assim, a ellas poderei referir os posteriores trabalhos de explorações que tenciono fazer nesta abençoada terra.

Todos os trabalhos de exploração foram feitos com o maior cuidado e a elles presidiu a mais rigorosa observação.

Não é este pequeno livro um cartão de agradecimento, mas não posso deixar de mencionar aqui a boa vontade com que os alcobacenses me auxiliaram com diversos donativos, e a generosidade com que muitos amigos coadjuvaram a obtenção de exemplares para a minha collecção. Entre outros lembrarei os srs. José de Al-

meida e Silva, Antonio Moreira, José Coelho da Silva, Ataliba Pereira de Sousa, Bernardino Pereira de Sousa, Dr. José Baptista Zagallo, José Diogo Ribeiro, José Ferreiro e Raymundo Ferreiro, sendo este o mais decidido e enthusiasta companheiro de trabalho, e com certeza um dos mais dedicados directores dos trabalhos de exploração e de reconhecimento. A elle e a meu pae devo, incontestavelmente, a descoberta da maior parte das grutas.

Vejamos pois os diversos grupos em que dividi as grutas exploradas e quaes os caracteres que as distinguem.

PRIMEIRO GRUPO. — Grutas com grosseiro mobiliario neolithico, incluindo grosseira ceramica. Laminas de silex com predominio de espessa secção triangular. Lanças de silex. Machados de schisto. Ausencia completa de objectos de adorno. Dentes de urso. Typo: — LAGOA DO CÃO.

SEGUNDO GRUPO. — Bocca da gruta meio obstruida por grandes pedras. Grutas funerarias, com extraordinario predominio de ossos humanos em toda a altura do deposito. Raros objectos de adorno, raros machados, abundancia de laminas de silex. Dentes caninos, de *canis* e *felis*, raras vezes com buraco de suspensão. Restos de boi, veado, porco e coelho. Typo: — PENA DA VELHA.

Subordinadas: — *Cadoiço* — *Calatras* (baixa) — *Calatras* (media) — *Portella do Valle de Espinho*.

TERCEIRO GRUPO. — Bocca da gruta defendida com pedras grosseiramente cimentadas, deixando a entrada num plano muito superior ao pavimento. Rico mobiliario neolithico. Grande variedade de instrumentos de silex de bom e delicado acabamento. Machados, enxós, goivas, cinzeis de schisto. Muitos objectos de enfeite: contas de ribeirite, azeviche, schisto, calcareo, etc., conchas furadas. Substancias corantes para tatuagem. Placas de schisto, ardozia e micaschisto com gravura e buraco de suspensão. Ceramica ornamentada. Polidores pequenos de grés. Buris, raspadores, nucleus, laminas de silex, e muitos restos de silex de refugo. Caninos de *felis* e *canis* com buraco para suspensão. Typo: — CABEÇO DA MINISTRA.

Subordinadas: — *Calatras* (alta) — *Mosqueiros* (alta) — *Valle da Lapa* — *Milharada* — *Valle do Touro* — *Valle de Ventos* — *Zambujinho* — *Valle da Figueira*.

QUARTO GRUPO. — Conhecimentos de panificação, e portanto de agricultura. Moendas de grés e ophite do typo primitivo. Predominio de instrumentos de osso. Raros silices retocados. Ceramica grosseira e sem ornamentação, mas abundantemente perfurada. Vida simultanea de caça e de pesca. Machados imperfeitos. Raros silices. Typo unico: — ERVIDEIRA.

QUINTO GRUPO. — Instrumentos de cobre. Raros instrumentos de pedra. Abundancia de vasos com diversas formas. Placas de schisto com dois buracos para suspensão. Typo: — REDONDAS.

Subordinadas: — *Rastinho* — *Cabeço da Ministra* (media e baixa).

SEXTO GRUPO. — Pequeno mobiliario. Vasos cuidadosamente trabalhados ao torno de oleiro. Instrumentos de cobre. Contas de vidro esmaltado. Typo unico: — CABEÇO DOS MOSQUEIROS (baixa).

SETIMO GRUPO. — Instrumentos de ferro. Restos de grandes vasos de muito espessas paredes. Esculpturas em osso. Typo unico: — CASA DA GENIA.

PRIMEIRO GRUPO. LAGOA DO CÃO.—*Gruta I.*

O nome desta gruta advem do logar em que está encravada, uma pequena aldeia serrana, que corôa as eminencias da encosta oriental do grande valle do Carvalhal, numa das grandes curvaturas para poente, onde perde o nome de Carvalhal para o trocar por o de Chiqueda.

Dou-lhe o nome generico de *gruta*, competindo-lhe, aliás, o de *algar* attendendo á sua especial disposição.

A entrada pequena e irregular, estabelecida pelo afastamento natural de dois bancos calcareos, estende-se num plano horisontal de tres metros, para cahir verticalmente numa altura de dois. Ahi começava o deposito, que assentava em plano rapidamente inclinado. Grandes rochas cahidas sobre o pavimento indicam desabamentos internos, em tempos porventura proximos da epoca em que foi habitada.

Da exploração dos primeiros cortes sahiram raros restos humanos, ossos de boi, veado, porco e cabra, pedaços de grosseira loiça e um pequeno vaso (fig. 160) que parece não ter soffrido a acção intensa do fogo, porque a brandura da sua pasta é tal que, molhando-o se vê pouco a pouco o desagregar de substancia. Creio que não soffreria a acção demorada e intensa do fogo, e que fosse simplesmente endurecido por uma longa exposição ao sol.

Nos cortes subsequentes, que não poderam ser feitos com grande nitidez, appareceram laminas de silex de espessa secção triangular, raras de secção trapesoidal, e muitas com cuidados retoques (fig. 62) lanças de silex (figs. 6, 7, 9, 11) e muitos restos de loiça de impossivel reconstituição, e raros machados de schisto.

Nos ultimos cortes, onde se repetiram todos os caracteristicos referidos, foram achados quatro dentes caninos de urso, sem outro despojo osteologico pertencente a esse animal.

O mais extraordinario desta gruta é o achado de silices alterados, similhantes aos que appareceram nas cavernas de Fate, em Finalmarina, Italia, e de que tenho alguns exemplares, devido á amabilidade do illustre archeologo italiano Abbade Amerano. O apparecimento destes silices é uma curiosa nota da archeologia portugueza, e tanto mais quanto é certo que os silices alterados ligados a restos de carnivoros extinctos teem chegado para classificar de quaternarias muitas cavernas italianas.

A gruta de *Lagoa do Cão* deu silices alterados e dentes de urso, sendo todavia uma estação neolithica. A que, todavia, eu me inclino, attendendo á pobreza dos productos de arte, excepto lanças, á grosseria dos restantes objectos que nella foram encontrados, ao limitado emfim do seu mobiliario, é que esta gruta tenha sido uma das primeiras estações neolithicas que se estabeleceram nas terras que eu hoje considero a *Provincia archeologica de Alcobaça.*

O typo humano referido á *Lagoa do Cão* não pode classificar-se seguramente, embora um pedaço da abobada craneana me dê a impressão de dolichocephalia.

A exploração desta gruta não poude completar-se como seria preciso. A galeria afunda-se em linha quebrada, de curta extensão, sendo impossivel o transporte de grandes pedras deslocadas, e por ultimo do proprio deposito. Diversos desabamentos pozeram em grave risco a vida dos trabalhadores, pelo que resolvi abandonal-a.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex	5	6,7,9,11
Laminas de silex	40	
Caninos de urso	4	
Machados	5	
Vasos completos	1	160
Silex alterado (laminas)		

SEGUNDO GRUPO. PENA DA VELHA.—*Gruta II.*

Num recanto do grande valle do Carvalhal, passada a ramificação que dá para o Valle de Veados, depara-se-nos, a meia encosta poente, uma abertura triangular de pequena altura que dá accesso ao recinto da gruta por desnivelamento de um metro.

Cobre quasi todo o pavimento uma espessa camada de pedras para ali projectadas intencionalmente. Do tecto pendem raras estalactites, e um grosso manto estalagmitico começa a formar-se a um dos lados da gruta ligando grandes pedras que se encostam ás paredes naturaes.

Procedendo aos cortes externos para facil conducção do deposito interior, achei uma ponta de flecha de cobre (fig. 188) e um pequeno cinzel do mesmo metal (fig. 188 *a*). Começando os cortes internos indispensaveis para uma segura e methodica exploração, foram achadas duas moedas romanas, sendo uma de prata, de Caligula, e outra de cobre que não pôde lêr-se. Pedaços de vidro pertencentes a pequenos vasos, contas de vidro muito alterado, volantes de ferro *(fusaiolas)* e restos de pesos de tear, tudo isto ligado ás moedas, deram-me a segura nota de ter sido esta gruta aproveitada em tempos do dominio romano.

Retirados estes objectos, achados num corte irregular de quinze centimetros, ficou o deposito com toda a sua pureza neolithica

Desde o primeiro corte, em espessa camada de terra humosa repetem-se os restos humanos, succedendo-se numa abundancia extraordinaria; fragmentos de craneos, de costellas, de vertebras, de todos os ossos curtos, longos e largos, muito alterados, muito friaveis, formam quasi toda a espessura deste corte.

Uma bella lamina de silex retocada (fig. 64), uma ponta de flecha da mesma substancia, restos de louça, determinam a edade neolithica.

No segundo corte repetem-se os restos humanos na mesma abundancia, e raras pontas de flecha, laminas de silex, em geral partidas, um bello estilete de osso,

(fig. 134) e outro instrumento da mesma substancia (fig. 149), constituem todos os caracteristicos deste jazigo. Nos cortes restantes, repetidos até ao primitivo manto estalagmitico, nota-se sempre a abundancia de restos humanos, e peças osteologicas de boi, veado, cabra e coelho.

Como documentos anthropologicos de certo valor, appareceram dois craneos, susceptiveis de algum estudo, tendo um delles um buraco proximamente circular no temporal direito, e, ao que parece, feito em tempo muito posterior ao seu encerramento nesta gruta, talvez por desabamento, ou por outro qualquer motivo, não facil de prever. Junto destes craneos foi achado um machado de schisto, imperfeito.

Como vemos é pobrissimo o mobiliario desta gruta. O que a torna notavel é a grande quantidade de ossos humanos que formavam quasi todo o seu deposito numa altura de dois metros. Posso reputar em muitas dezenas o numero dos individuos que ali deviam ter sido depositados.

A planta desta gruta dá uma figura de triangulo escaleno, de lados muito irregulares.

Os fragmentos de loiça colhidos em toda a altura estavam tão reduzidos que não é possivel, sequer, imaginar a forma de um vaso a que elles possam dar origem.

Deposito identico, embora um pouco menor, e com pequenissimo mobiliario, repete-se nas grutas subordinadas, e muito especialmente em *Cadoiço, Valle da Figueira, Valle de Espinho, Valle de Ventos* e *Calatras* (baixa).

Convem notar que nas grutas de *Cadoiço* havia maior numero de laminas de silex do que na *Pena da Velha*, que no *Cadoiço* não havia machados, e que em *Calatras* (baixa), apenas appareceu um de pequenas dimensões.

Subordinadas: — Cadoiço, 2 — Pena da Velha (baixa) 2 — Valle da Figueira, 2 — Valle de Espinho, 1 — Valle de Ventos, 2; apenas deram laminas de silex, raras vezes retocadas e restos humanos.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, de silex	3	
Facas de silex, inteiras	8	64
Facas de silex, partidas	6	
Estiletes de osso	1	134
Contas de vidro alterado	5	
Craneos	1	
Machados	1	
Ceramica diversa		
EM METAL (CORTE EXTERNO)		
Cinzeis de cobre	1	188 *a*
Ponta de flecha	1	188
Bocados de vidro		
Moedas romanas	2	

TERCEIRO GRUPO. *a)* CABEÇO DA MINISTRA.— *Gruta III.*

Se em Portugal não houvesse uma estação typicamente neolithica, bastaria a riquissima gruta do *Cabeço da Ministra*, para se estudar essa edade no ponto mais fulgurante do seu maximo desenvolvimento, e resolver de uma vez que as grutas foram habitações, verdadeiras habitações, e, por vezes, como aqui, verdadeiras officinas.

Estação capital das terras de Alcobaça, pela riqueza do seu vastissimo mobiliario, pela grande variedade dos seus artefactos, pelos indiscutiveis documentos que provam ter sido habitada por artistas neolithicos, é o *Cabeço da Ministra* da maior importancia para a archeologia portugueza.

Já a sua collocação no alto do cabeço que lhe dá o nome, dominando grande extensão para diversos lados, lhe dá um certo motivo de superioridade, como se fosse conscientemente escolhida para uma morada de artistas. A desnudação de um grande banco calcareo, que corôa a eminencia, dá-lhe o tom de uma moderna fortaleza.

E para nada alterar o meu intuito, nem tão pouco alterar a minha primitiva maneira de vêr, vou dar aqui, referido a esta gruta, não um relatorio mais ou menos cuidadosamente tractado, mas as singellas notas tiradas dia a dia durante a sua exploração.

A nascente da ogiva natural do *Cabeço da Ministra*, e recortada no grande banco calcareo que coroa toda a eminencia, acha-se uma pequena abertura de trinta e nove por cincoenta e sete centimetros. Transpondo-a chega-se por desnivel muito rapido, de cinco metros de extensão a uma galeria sensivelmente plana de 38 metros que termina numa galeria proximamente circular. Á direita desta galeria, e num plano um pouco superior, abre-se outra galeria muito estreita que rapidamente se encurva para poente, tendo na quasi extremidade um algar de cinco metros de profundidade, cuja bocca lhe abrange toda a largura.

A bocca natural da gruta é diminuida por grandes pedras, casual ou intuitivamente ligadas por argilla, cascalhos e concreções calcareas.

Todo o pavimento actual é formado por numerosissimos calhaus, que em grande altura defendem o pavimento pisado pela ultima geração neolithica.

Do tecto pendem raras estalactites, e nalguns pontos escorrem pequenas toalhas de calcareo amorpho, arrastado pelas aguas atravez das estreitas fendas da grande rocha.

Praticado o primeiro corte na zona de entrada, para harmonia e methodo de subsequentes trabalhos, achei alguns objectos de bronze—um annel (fig. 200), uma pequena argola (fig. 204), restos de uma fivela (fig. 203), um furador (fig. 205) e um objecto (fig. 216) que supponho ser o cabo de algum instrumento, restos de um peso de tear, de barro, e algumas fusaiolas.

Uma lança de silex (fig. 5), e um delicado machadinho de fibrolithe (fig. 68), são todos os objectos de arte neolithica achados neste corte.

Extrahidos os calhaus que cobriam o pavimento, foram deslocados grandes pedaços de cortiça muito alterada, uma concha incompleta de tritão e algumas valvas de *pecten*.

Prolongado o primeiro corte em toda a extensão, e em harmonia com as irregularidades do terreno, apresenta-se um rico mobiliario neolithico. Placas de schisto, ardozia e micaschisto, pontas de lança, de flecha, laminas, raspadores, furadores em silex, contas de diversas substancias, laminas de quartzo hyalino, diversos instrumentos de osso, incluindo alfinetes com coroa ornamentada, contas de ribeirite, schisto e azeviche, etc., instrumentos de silex partidos, muitos silices de refugo.

Á mistura com este riquissimo mobiliario repetiram-se os restos humanos, e ossos de veado, boi, cabra, coelho, porco, aves, etc., e muitos restos de ceramica incapazes de restauração, mas com que se podem referir formas de vasos, de alguns typos conhecidos em outras estações portuguezas. O que muitos apresentam é uma variada ornamentação, havendo motivos de certa originalidade que não vejo repetidos nas grutas de Alcobaça, nem no resto do paiz.

No segundo corte repetem-se os mesmos objectos, rareando um pouco as pontas de flecha. Pequenas laminas de quartzo hyalino e um bello nucleo da mesma substancia, tres nucleos de silex para a extracção de laminas, pedaços de loiça de impossivel restauração. Valvas de *pectunculus*, algumas com buraco para suspensão.

No terceiro corte repete-se quasi todo o mobiliario que apparecia nos antecedentes, e nos cortes restantes, que diversas circumstancias fizeram variar de espessura, mas que attingiram quatro metros e meio de maxima profundidade; achou-se sempre a mesma equivalencia de instrumentos, em menor numero, é certo, mas em toda a variedade, exceptuando lanças de silex e placas de schisto. Destacaram-se caninos de individuos *felis* e *canis*, com e sem buraco para suspensão, diversas valvas de *pectunculus*, de *pecten*, etc., e por vezes diversos blocos de hematite terrosa (vermelha) e outro bloco de tinta negra, destinados certamente para a tatuagem.

Em toda a altura do deposito foram achados muitos silices de refugo, laminas de silex muito fragmentadas, restos de loiça, ossos humanos, e peças osteologicas de boi, veado, cabra, coelho, aves, etc.

Na galeria lateral que referi, foi achado um craneo humano que me parece de grandissimo valor sob o ponto de vista ethnologico ou anthropologico. Este craneo parece ter soffrido uma grande deformação antero-posterior com ligeira torsão, apresentando um frontal de pequenissima elevação e um prognatismo muito avançado.

Á entrada da gruta poderia marcar-se a lareira, que se deve ter mantido no mesmo logar durante toda a occupação della. As cinzas succederam-se em todos os cortes, e em volta do grande cinzeiro acharam-se com frequencia muitos ossos carbonisados.

Considerações. — Os objectos de bronze unidos a fusaiolas e pesos de tear, achados no corte externo, a propria designação *Cabeço da Ministra*, ligada a outras que a tempo exporei, levam-me a acreditar que estamos em presença de artefactos de origem romana. E um pedaço de buzina, concha de tritão, achada entre o grande deposito de calhaus, com outro igual achado na gruta de *Calatras* (Calator?) deixam-me suppor que entre estas duas grutas capitaes — que embora distantes se avistam — haveria quaesquer relações.

E tanto mais acredito esses objectos romanos, quando é certo que a gruta funeraria, *Pena da Velha*, fica junto do *Cabeço da Ministra*, e as duas grutas numa distancia inferior a cem metros. Naquella foi facil classificar, pelas moedas, a origem dos objectos metallicos; nesta, attendendo á pequena distancia, não repugna acceitar-lhe a mesma origem. Sobre os objectos verdadeiramente neolithicos vou expor, nos seus diversos agrupamentos, o resultado das minhas observações. E se assim os agrupei foi por me parecer mais facil estudal-os e fazer comprehender a importancia desta gruta.

Placas de schisto. — Foram quinze os pedaços de placas de schisto, micaschisto e ardozia que colligi nesta gruta. Nem uma só inteira. Apenas com os pedaços achados consegui restaurar duas, e, com certeza, as mais preciosas da collecção de Alcobaça, e por ventura das collecções portuguezas.

Em todas as placas com gravura não existe similhança com as que tenho observado, com as que teem sido achadas em estações portuguezas e que, melhor ou peor representadas, teem chegado ao meu conhecimento. São novos quasi todos os desenhos, e pedaços apparecem em que se vê não ter existido qualquer especie de gravura.

As placas mais preciosas desta gruta são as que vão representadas nos n.os 78, 79, 80, 82, 83, 86. O numero 78 correu impresso, incompletamente, no livro *Religiões da Lusitania* do meu sabio amigo J. Leite de Vasconcellos. É como elle diz, uma representação zoomorphica, provavelmente humana.

A placa estava partida na sua linha media como o desenho indica. A minha primeira opinião, ao vêr os dois pedaços, e antes de fazer a verificação das fracturas, e averiguar portanto que coincidiam, foi vêr na parte superior uma representação animal, e muito me inclinei a que fosse de uma coruja ou mocho, animaes que muitas vezes se referem nas velhas religiões. Só muito tarde, e coincidiu isso com e apparecimento das «Religiões», é que averiguei que esses dois pedaços coincidiam e que ficava então, a meu vêr, uma representação anthropomorpha de certo valor.

As duas saliencias, abaixo da cabeça (porque essa placa devia ser symetrica), lembram os hombros de onde pende um grande e extraordinario collar, que se repete igualmente e com a mesma disposição na parte posterior da placa.

Um resto de placa não menos curioso é o que vae representado no n.º 86. O n.º 82 é outra placa incompleta de micaschisto, com espessa patina calcarea. Apresenta na sua parte superior duas pequenas e curiosas cavidades, sem outro signal

de gravura ou ornamentação. Não tenho conhecimento de placa identica, e supponho-a outra raridade do neolithico portuguez.

Das fig. 79, 83, 84, 85, 87, apenas os numeros 83 e 85 saem da vulgaridade das linhas, e especialmente das placas do Algarve e Alemtejo. A fig. 87 representa uma placa de micaschisto lisa, e onde se não distingue o mais leve signal de ornamentação. É apenas digno de notar o buraco para suspensão, grandemente inclinado, e que foi esboçado num ponto diverso do actual. Esta perfuração parece indicar que procuraram o centro da figura, e que só foi achado depois de algumas tentativas.

O n.º 79, que vae reproduzido em tamanho natural, não é vulgar nas estações portuguezas, e acha-se correspondido, em periodos mais avançados, nas grutas de *Mosqueiros* (baixa) e *Redondas*, pertencentes ambas a edades metallicas. Deve faltar-lhe uma parte igual á que vae no desenho, e com outro buraco para suspensão. A semelhança parece-me estar achada com o n.º 209.

O que não posso deixar de repetir é que nenhuma placa foi achada inteira e que nenhuma foi partida no acto de exploração. A ausencia de bocados com desenhos equivalentes a outros bocados, e por onde se podesse avaliar que qualquer dellas teria sido partida dentro da gruta, levam-me á segura conclusão de que ali seriam talhadas e gravadas todas as placas a que devem ter pertencido tão variados desenhos.

Instrumentos de silex. — A collecção de instrumentos de silex obtida na gruta do *Cabeço da Ministra* conta toda a série, com diversas modalidades, do vasto arsenal neolithico. A quantidade e variedade, como se pode vêr no mappa de exploração, perfaz o numero de 121 instrumentos acabados e 103 diversamente partidos.

Lanças. — As lanças de silex, n.os 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, são de um cuidado acabamento, especialisando o n.º 2 que é uma verdadeira joia neolithica.

O n.º 12 além de um delicado e profundo denticulado, apresenta polidas as duas faces medias. Não foi achada a parte que falta para completar tão bello instrumento. As restantes, como vemos, foram graciosa e artisticamente esboçadas, e ao seu talhe prisidiu uma grande intuição artistica.

Pontas de flecha. — Como nas lanças, vemos uma grande preoccupação do bello nas linhas geraes das pontas de flechas. A sua variadissima forma demonstra recursos artisticos de certo valor, e o acabamento especial dos n.os 13, 14, 19, 22, 25, 26, documenta uma grande facilidade de operar. Na collecção de Alcobaça podem escolher-se, com grande nitidez, mais de vinte formas differentes. O silex empregado nas pontas de flecha varia, como aliás em todos os instrumentos, na riqueza de côres, desde o muito claro, muito translucido — quasi transparente, — até ao silex completamente negro. Accentuam-se diversas formas de quartzo.

Laminas de silex. — As laminas de silex, cujo comprimento maximo é de 135 millimetros, são frequentissimas e nota-se o predominio das de secção trapesoidal.

Não são vulgares as laminas retocadas, comparando-as com as de outras grutas. Abundam extraordinariamente as laminas partidas, o que não sei se deva attribuir-se ao processo de deslocamento, como são os contra-choques, se ao producto de trabalho que ellas não podiam supportar, pela sua extrema fragilidade.

Nucleos de silex. — Os nucleos de silex para a extracção de laminas appareceram em todos os cortes. Variam os tamanhos e a côr, (figs. 40, 41, 42).

Pontas de flecha de gume transversal. — Colhi muitos exemplares, sendo os mais notaveis os que vão figurados nos n.os 28 a 39. O n.º 28, como outros pequenos exemplares de Alcobaça, parece-me poder satisfazer ás duas formas de encabamento das pontas de flecha.

Lanças e pontas de flecha partidas. — Pedaços de pontas de lança appareceram em diversas alturas do deposito. Os n.os 12, 43, 45, além de outros, são exemplares sobejamente reconhecidos.

As pontas de flecha fracturadas em pontos quasi certos, como os n.os 44, 46, 50, e ainda outra forma, como os n.os 47, 48, parece indicarem um trabalho de acabamento que facilitaria essa fractura. Notavel ainda o n.º 49.

Buris de silex. — Os n.os 51, 52, 53, 54, são exemplares muito caracteristicos desta especie de instrumentos. O n.º 52 especialmente é de uma absoluta nitidez de intenção.

Raspadores de silex. — Os n.os 55, 56, 57, 58, são os mais bellos exemplares que conheço, pela sua forma, pelos cuidados retoques e pela definida linha curva de trabalho, que é o que mais caracterisa estes instrumentos.

Silex de refugo. — Em toda a extensão e profundidade do deposito achei muitos silices de refugo, incluindo blocos relativamente grandes, e variadissimas lascas, producto indiscutivelmente de demorado trabalho nesta estação.

Polidor de grés. — Um pequeno polidor de grés, com evidentes signaes de trabalho em quatro das suas faces, notando-se em duas dellas a linha claramente concava, produzida por gastamento.

Objectos de quartzo hyalino. — Os objectos de quartzo hyalino que se acharam nesta gruta resumem-se em: um nucleo, donde foram deslocadas muitas laminas, e que mede 30 millimetros de altura por 32 na maxima largura, tres laminas que medem 32, 37 a 65 millimetros. Esta ultima é a maior que se conhece em collecções portuguezas e creio que a maior que existe em collecções estrangeiras, incluindo as que vem citadas por Mortillet, no seu *Musée préhistorique*. Pequenos blocos, mas sem signaes de trabalho, foram colligidos nesta gruta.

Instrumentos de osso. — Em todos os cortes foram achados instrumentos de osso que posso representar em polidores (fig. 145), furadores (figs. 131, 132), etc., restos de agulhas (fig. 139), um punhal (?) (fig. 137) e muitos restos de diversos intrumentos referidos ás tres primeiras categorias.

Os mais interessantes objectos de osso que colligi nesta gruta foram incompletos alfinetes, mantendo porém intactas as corôas ornamentadas, sendo esta, em

seis casos, separada da haste principal, mas mantendo-se segura nos pedaços respectivos. As suas diversas ornamentações vão representadas nas figs. 89 a 93.

Loiça ornamentada. — É grande a variedade de desenhos que se apresenta nos restos de loiça achada durante todo o trabalho de exploração. Avultam pedaços pertencentes a um grande vaso, que altos cordões deviam ornamentar exteriormente, (fig. 169).

Das restantes ornamentações, (figs. 152, 153 a 156, 157, 161, 166, 169, etc.) tornam-se muito notaveis os n.os 162 e 168, onde a rara applicação da linha curva se vem manifestar de uma forma curiosa.

Não menos notavel é o n.º 164, onde parece estar representada uma estylisação vegetal. A variedade de ornamentação deixa adivinhar artistas de recursos.

A abundancia de fragmentos era de tal ordem que, mesmo quando estivessem juntos todos os que pertencessem a um mesmo vaso, seria quasi impossivel separar os que se pertenciam. O que apenas posso assegurar é que esses pedaços deviam pertencer a vasos de variadissimos tamanhos, e, o que é mais ainda, a muitas e muitas formas. Não me parece difficil reconstituir vasos, com os fragmentos aqui achados, referidos a typos de outras grutas.

Instrumentos diversos. — Os differentes instrumentos que podem classificar-se sob o titulo generico *machados*, estão representados por doze exemplares, sendo onze de schisto amphibolico e um de fibrolithe. Repete-se a forma vulgar de machado e enxó; uma pequena goiva e um cinzel de schisto, são os objectos que se destacam das formas communs.

O mais notavel dos machados é um de rocha dioritica que mede 215 millimetros de comprimento, com o pezo de 930 grammas. É de um polido irreprehensivel, e, como acabamento, um dos mais notaveis da collecção de Alcobaça.

Enfeites. — São muito variados os enfeites que achei nesta gruta. Contas de ribeirite (figs. 107 a 111, 123, 127), de azeviche (figs. 119, 120, 121), de osso (fig. 122), de schisto (fig. 118 e 118 *a*), de calcareo (fig. 129). É grande a variedade de tamanhos, desde o n.º 111 em ribeirite, até ao n.º 118 *a* em schisto. Acharam-se em diversas alturas do deposito.

A tatuagem deve ter sido praticada. Encontram-se blocos de hematite terrosa, conservando ainda com grande nitidez as estrias e superficie de gastamento. O vermelho seria obtido desta substancia; o amarello e o negro foram achados, mas perderam-se, não sei como, durante os trabalhos de exploração. O amarello era dado pela argilla ferruginosa — *occa* —, o negro não sei, porque, não foi possivel analysal-o, nem elle se repetiu em qualquer das outras grutas.

Valvas de *pectunculus*, tendo algumas buraco para suspensão, deviam esboçar talvez posteriores *tintinabulos*.

Muitos dentes, entre os quaes se notam alguns exemplares de *canis*, *felis* e *sus*.

Uma pequena lasca de marfim (fig. 101 *a*) com extraordinario gastamento na

extremidade inferior, tendo na outra dois cortes para suspensão, constitue talvez uma outra especie de enfeite, não muito vulgar em estações prehistoricas.

Varia. — De entre os muitos objectos de uso indeterminado sobresahem quatro pedaços de espatho calcareo, com diversas superficies obtidas artificialmente, e ao que me parece por fricção contra outra pedra mais dura, visto que na maior parte se observam claramente muitas estrias (figs. 212 e 215). Um desses pedaços lembra um crescente, ainda que grosseiramente esboçado, mas obtida a figura que elle representa por processos igualmente artificiaes (fig. 215).

Um outro objecto não menos curioso é o que vae representado na fig. 211. É de calcareo jurassico, e a sua forma foi obtida por gastamento, como se vê nas irregulares facetas que se apresentam em toda a extensão deste mysterioso objecto.

Muitos silices retocados, e não retocados, mas que eu creio de desconhecida applicação.

Rochas de diversas côres, de preferencia micaceas e ferruginosas, foram achadas em toda a altura do deposito.

Typo humano. — Além do craneo que já referi, não achei peças osteologicas capazes de estudo. Esse craneo, que de per si não representa mais do que um caso fortuito de deformação, não chega para definir uma raça. Muitos foram os restos humanos encontrados por toda a espessura do deposito, mas sempre num estado de alteração que tocal-os era perdel-os.

Alimentação. — Os habitantes do *Cabeço da Ministra* deviam ter vivido dos productos da caça. Dentre os restos animaes que jaziam na gruta, avultam: — boi, veado, cabra, porco, coelho e raras aves. Deviam comer a caça de preferencia assada, attendendo ao grande numero de ossos carbonisados que achei pouco além da entrada da gruta, e onde certamente se manteve o fogo durante toda a occupação della. As cinzas succederam-se em toda a altura dos cortes.

Não achei restos de peixes, e o pequeno numero de conchas que colligi, não auctorisam a concluir que essas fossem levadas para ali por outros motivos, que não sejam os de enfeites, ou com qualquer outra intuição, que não seja identica á que para ali fez conduzir muitas rochas diversamente coradas.

Conclusões. — Nos trabalhos de exploração do *Cabeço da Ministra*, assim como no das outras grutas, não fiz mais do que observar com rigor e com os methodos scientificos ao meu alcance. Abandonei — para classificação — os methodos seguidos em que o excesso de mal entendida observação leva a erros desgraçados, e em que para o reconhecimento de alguns objectos é preciso muita fé, ou uma boa dose de suggestão. O mobiliario foi classificado pelos objectos mais typicos, e não por aquelles que só mantinham duvidosas probabilidades.

O typo humano não foi estudado, porque não podiam ser seguros os alteradissimos documentos que colligi, e mesmo porque não quiz alargar mais a lista de hypotheticas observações.

O *Cabeço da Ministra* foi objecto de um demorado estudo, feito com muito interesse, com muito amor scientifico, e, tenho a certeza, com a maior probidade. E só depois de demoradas observações, de seguros raciocinios, e de uma classificação methodicamente scientifica, é que a considerei como gruta-officina.

E vejamos porque. Todo o mobiliario das quarenta e duas grutas exploradas foi guardado separadamente, e foi feito o estudo comparativo de cada uma. Depois, observado com o maximo rigor, e classificado em harmonia com as series scientificas em vigor. Por esta forma foi achada a correspondencia de certas armas, a equivalencia de certos instrumentos, reconhecidos os objectos de primeira necessidade, separados os que já poderiam representar especialidade artistica, e até, talvez, os que esboçavam já um certo luxo, que deixa adivinhar pelo menos duas categorias sociaes.

Abandonei — para classificação — tudo o que não tinha caracter typico, desde os productos de demorado trabalho, até aos restos do proprio habitante das grutas.

Feito isto, achei um extraordinario excesso de mobiliario, uma grande riqueza de objectos, que, além de não serem repetidos noutras grutas, aqui se achavam rodeados de circumstancias nada vulgares.

O *Cabeço da Ministra*, separa-se das outras grutas pelos seguintes motivos:

Abundancia de silices lascados, de diversos tamanhos, desde as lascas obtidas por simples retoques, até grandes pedaços donde se deslocaram laminas mais ou menos definidas. São os silices de refugo.

Nucleos de silex para a extracção de laminas de facas.

Pontas de lança e de flecha partidas, não sendo em nenhum caso achada a extremidade superior nas pontas de lança, o que indica talvez o seu aproveitamento. Fracturas quasi regulares, em dois typos de pontas de flecha. Umas e outras perfazem 19.

Dois casos em que só appareceu a parte superior da lança fracturada.

Contas de ribeirite igualmente partidas.

Nucleos de quartzo hyalino, juntos a algumas laminas.

Extraordinaria abundancia dos instrumentos de silex, dando uma grande variedade.

Muitos seixos rolados que serviram de martellos para o talhe do silex. Quasi todos os exemplares foram roubados por um moleiro visinho, que os britou e tentou reduzir a pó nas suas mós, esperando depois obter ouro.

Placas de schisto incompletas, não sendo possivel, em nenhum caso, restaural-as completamente.

Creio portanto poder affirmar que esta gruta foi uma officina neolithica, e de uma extraordinaria importancia.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex	7	1, 2, 3, 4, 5, 10, 12
Pontas de flecha, de silex	47	13, 14, 15, 19, 21, 22, 24
Pontas de flecha, gume transversal	13	28 a 39
Laminas de silex, facas	105	
Laminas de quartzo hyalino	3	
Nucleos de silex e quartzo hyalino (para extracção de facas)	4	40, 41, 42
Buris, raspadores de silex		51, 52, 53, 55, 56, 57, 58
Machados de schisto, enxós, cinzeis, goivas	12	
Furadores de osso, inteiros e quebrados	14	130 a 149
Alfinetes com coroa ornamentada	7	89 a 93
Contas de ribeirite, schisto, azeviche, calcareo e osso	16	107, 108, 119, etc.
Placas de schisto, ardozia e micaschisto, partidas	15	78 a 88
Polidores de osso	2	
Polidores de grés — pequenos	2	
Punhaes de osso	1	
Dentes de *felis* — perfurado	1	
Dentes de *canis* — não perfurados	4	
Dentes de javardo	1	
Restos de loiça lisa e ornamentada		152, 153, 156, 157, 161, 162, 164, 166, 169, etc.
Restos humanos		
Lanças, pontas de flecha — partidas	19	43 a 50
Laminas partidas	55	
Silices de refugo		
Conchas diversas	14	
Conchas perfuradas	4	
NO CORTE EXTERNO		
Lanças de silex		
Machados de fibrolithe		
Annel de bronze	1	200
Fibula de bronze	1	203
Argolas de bronze	1	
Furadores de bronze	1	205
Cabo de instrumento, bronze	1	216
Volantes de ferro (*fusaiolas*)		

b) CALATRAS (alta).—*Gruta IV.*

O grande valle do Carvalhal, que se divide e subdivide em diversos ramos, mantem, não só para cada ramo uma especial designação, mas varia de nome nas suas diversas curvaturas. Assim, e para que isto fique assente, indicarei aqui os diversos nomes que elle toma nos logares em que se acha ligado a este estudo.

O grande valle parte de Chiqueda em uma linha muito sinuosa e prolonga-se especialmente até perto da Boieira, já fóra do concelho de Alcobaça. Varia a sua profundidade segundo as exigencias do terreno, exigencias de desnivelamento em

tempos passados, e o pendor das suas encostas, dependentes, em geral, da espessura dos grandes bancos calcareos, toma por vezes proporções extraordinarias. Não raras vezes são formadas, em muitas dezenas de metros de altura, pelo calcareo desnudado, que cahe aprumadamente sobre o mais fundo da ravina. As grandes falhas geologicas que por vezes lhe deram origem, estão documentadas em escombros gigantescos, despidos de toda a especie de vegetação, podendo em muitos casos crusar-se grandes e phantasticas arcarias. Muralhas de gigantes com rudimentares caprichos de architectura.

A designação desse valle, desde o ponto em que exploramos a primeira gruta, para norte, toma successivamente as seguintes designações: — Valle da Lapa, Valle Escuro, Valle de Veados, Valle do Azeiteiro, Valle da Varzea, Valle dos Mortaes, Valle Vazão.

Os pequenos planaltos para onde se dobram as suas encostas, os pontos mais elevados, comprehendidos entre pequenas linhas de agua, tudo isso tem designação especial e por vezes muito caracteristica: — Cabeço Rastinho, Cabeço das Corsas, Cabeço das Calatras, Cabeço da Ervideira, Cabeço dos Mosqueiros, Cabeço da Ministra, Cabeço da Mina. *Calatras* é o nome de um pequeno cabeço, que partindo de uma rapida curvatura do *Valle da Lapa*, se alarga em angulo francamente obtuso, deixando correr irregularmente os seus lados em larga e ondulada extensão.

No cabeço e encosta nascente de *Calatras* estão exploradas cinco grutas, como será facil conferir no mappa. Serão ellas designadas segundo a sua posição relativa, em *Calatras* (alta), *Calatras* (media) e *Calatras* (baixa).

A gruta capital desta zona é a que se abre na parte mais elevada da vertente, e que por esse motivo denomino *Calatras* (alta). Tem franca exposição ao nascente, sendo banhada de sol durante muitas horas.

É uma pequena gruta, de curto corredor, transposto o qual se chega a um espaço sensivelmente circular. Todo o pavimento se acha coberto de pedras soltas, como aliás o pavimento de todas as grutas. A entrada foi intencionalmente diminuida por grosseira parede, conservando-se as pedras ligadas por mal tratada argamassa argillosa, a que exteriores concreções calcareas deram inesperada resistencia.

Praticado o corte de reconhecimento, averiguei que a espessura do seu deposito apenas attingia sessenta centimetros, pelo que resolvi fazer a exploração de uma só vez.

Proseguindo nos trabalhos de exploração, reconheci que no seu deposito havia toda a relação com o da gruta do *Cabeço da Ministra*.

Abundam os instrumentos de silex em pontas de flecha, laminas de facas, havendo alguns exemplares de cuidados retoques, apparecendo tambem alguns raspadores e buris. Muitos silices de refugo, embora em menor abundancia do que no *Cabeço da Ministra*. Machados são relativamente abundantes, como se pode vêr no mappa de exploração, havendo enxós com muito acabamento. Os instrumentos de

osso não são muito numerosos, e limitam-se a polidores e furadores, em tudo identicos aos da gruta referida.

O que aqui appareceu foi um novo typo de instrumentos de schisto que não pode entrar na categoria de machados e enxós. Vae representado na fig. 231. Repetem-se tres exemplares, o que indica com segurança que a sua forma não é fortuita.

Foi achada uma lamina de quartzo hyalino e um bloco rolado da mesma substancia.

Placas de schisto. — Duas placas de schisto incompletas, sendo uma com gravura (fig. 88), e outra de schisto verde sem qualquer signal de ornamentação. Ambos os fragmentos são da parte superior, visto conservarem os buracos para suspensão.

Enfeites. — É muito notavel, embora não muito numerosa, a collecção de contas e outros enfeites achados nesta gruta. As contas de ribeirite tomam as formas mais caprichosas, como as que vão representadas nas figs. 102, 103, 104, 105, 106, 113, especialmente as duas placasinhas triangulares 102 e 103, e o n.° 113, em que a conta é ornamentada por traços, sensivelmente parallelos, em toda a volta.

Não menos curiosa é a placa de espatho calcareo n.° 128, tendo ao centro buraco para suspensão. É uma curiosa forma de enfeite, que, ligado ao n.° 130, um pedaço de concha de *pecten*, igualmente perfurada para suspensão, constitue um novo motivo de garridice prehistorica. A placa de *pecten* deixa vêr numa das suas arestas que foi perfurada noutro lugar, não sendo facil averiguar se ella ao tempo do seu aproveitamento serviria como foi achada.

As conchas, relativamente numerosas, que colligi nesta gruta, pertencem a *pectunculus* e *cardium* e não são perfuradas.

Loiça ornamentada. — Os restos de loiça que se colligiram são raras vezes ornamentados, mas esses poucos exemplares são rasoavelmente bellos, (figs. 170, 167).

O predominio é de grosseiros pedaços completamente lisos.

Alimentação. — Como no *Cabeço da Ministra*.

Typo humano. — Impossivel de determinar porque a unica peça osteologica de certo valor foi um craneo muito incompleto.

Considerações. — Como no *Cabeço da Ministra*, abundam as pontas de flecha, laminas de silex, inteiras e quebradas, pontas de flecha de gume transversal e muitos refugos de silex, e a essa estação se pode referir quasi todo o mobiliario de *Calatras* (alta).

O genero machado é que está aqui representado com certa abundancia, e em muitos exemplares vê-se, pela nitidez do gume, que são armas que não chegaram a servir.

Creio, portanto, estarmos na presença de uma gruta-officina, embora de muito menos importancia do que a do *Cabeço da Ministra*.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, de silex	41	
Laminas de silex, facas inteiras	25	
Laminas de silex, facas partidas	30	
Machados e enxós	11	
Contas de ribeirite e espatho calcareo, etc.	15	102, 103, 104, 106, 128, 130
Laminas de quartzo hyalino	1	
Placas de schisto (uma com gravura), partidas	2	88
Polidores de osso	2	
Furadores de osso	8	
Craneos	1	
Loiça lisa e ornamentada		
Ossos humanos		
Silices de refugo		
Conchas diversas	70	
Dentes de javardo	1	

c) CALATRAS (media) —*Gruta V.*

Uma pequena gruta, de bocca intencionalmente diminuida, conservando a cimentação que se nota na entrada das grutas pertencentes a este grupo. Mede oitenta centimetros na maxima largura, por sete metros de comprimento.

A sua exploração praticou-se num só corte, sem trabalhos de reconhecimento, visto as suas exiguas dimensões.

O pequeno mobiliario estendia-se em volta de restos humanos pertencentes a um só individuo. Apesar de todas as precauções não me foi possivel obter ossos capazes de estudo, além de um craneo que diversas pedras casualmente protegiam. Ha nelle linhas mal definidas de dolichocephalia.

Eis a indicação dos objectos que achei:

Dois machados de schisto, sendo um de pequenas dimensões.

Tres laminas de facas, de silex.

Quatro caninos de *canis*.

Um canino de *felis* com buraco para suspensão.

Cinco valvas de *pectunculus*.

Uma conta de quartzo hyalino perfurada.

Não foram achados restos de outros animaes, nem de ceramica.

O preciosissimo objecto desta gruta é a conta de quartzo hyalino, perfurada ao centro, com regularidade que espanta (fig. 117). Formada como pela união de duas pyramides quadrangulares truncadas, apresenta as suas dez faces irreprehensivelmente polidas. Esta conta tenho eu como a mais bella e mais valiosa joia da arte neolithica portugueza.

Por este mobiliario, pelas exiguas dimensões da gruta e por o facto de nella

apparecerem restos de um só individuo, não vacillei em a reputar como a sepultura de um chefe; e se a incluo no terceiro grupo, é pela disposição da sua entrada, similhante, pela cimentação, ás que referi, e pela variedade dos objectos, incluindo a conta de quartzo. Embora não achasse placas de schisto, não me parece que se possa negar a esta gruta uma epoca fulgurante do neolithico nacional.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Machados de schisto	2	
Laminas de silex (facas)	3	
Conta de quartzo hyalino	1	117
Dentes de *canis*, perfurados	1	
Dentes de *canis*	4	
Conchas	5	
Craneos	1	

d) VALLE DO TOURO.—*Gruta VI.*

O *Valle do Touro* fica a nascente da povoação *Carris*, pertencente á freguezia de *Evora de Alcobaça*, e numa região a que a tradição refere o apparecimento de muitos objectos pertencentes ás edades metallicas. Neste valle, de formação jurassica, igual á do Carvalhal de Aljubarrota, estão encravadas muitas grutas que o povo se compraz em occultar, por motivos que desconheço.

A gruta do Valle do Touro tem toda a apparencia de uma gruta artificial, embora não o seja. A entrada é pequenissima, e para chegar ao pavimento é preciso descer um degrau de uma só pedra, com altura superior a um metro. Todo o pavimento, incluindo os calhaus que avultam pelo meio delle, acha-se coberto por um manto de estalagmite terrosa de pequena espessura.

A gruta é de pequenas dimensões, e o corte de reconhecimento accusou um deposito de setenta centimetros de altura.

Procedendo-se á exploração em dois cortes, foi achado no primeiro:—restos humanos muito alterados, peças osteologicas de veado, cabra, porco e coelho.

O mobiliario limitava-se a um pequeno vaso (fig. 151), quatro machados, duas enxós e algumas laminas de silex. Um pequeno bloco de argilla ferruginosa (ócca) para tatuagem, mantém ainda, numa das faces, uma cavidade regular e profunda, que deixa adivinhar o movimento circulatorio dos dedos para obter o deslocamento de substancia. Este curioso objecto está quasi todo defendido por uma espessa patina calcarea.

Do segundo corte foram extrahidas quatro pontas de flecha, muitas laminas de silex, um furador de osso, uma placa de schisto inteira e uma delicadissima ponta de lança, de silex.

A placa de schisto, unica que obtive inteira nas diversas grutas que explorei, tem a pouca vulgaridade do desenho, e, contra o usual, repete-se elle em ambas as faces (fig. 81).

A ponta de lança (fig. 8), pode referir-se a um dos typos do *Cabeço da Ministra* (fig. 2). É de silex amarellado, polida nas duas faces, tendo apenas lascada a linha de retoques. É uma delicada joia de joalheria neolithica portugueza.

Os pedaços de loiça que esta gruta forneceu não tinham signaes de ornamentação.

Raras valvas de *pectunculus* e *cardium* e apenas uma perfurada para suspensão.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Lanças de silex	1	8
Pontas de flecha	4	
Machados e enxós	4	
Furadores de osso	1	
Laminas de silex, facas	22	
Placas de schisto com gravura	1	81
Bloco de argilla ferruginosa, para tatuagem	1	
Vasos inteiros	1	151
Restos de loiça não ornamentada		
Ossos humanos		
Ossos diversos		

e) Cabeço dos Mosqueiros (alta).—*Gruta VII.*

Cabeço dos Mosqueiros é o nome que dão á parte mais alta da vertente opposta e fronteira ao *Cabeço da Ministra*. Nessa vertente estão encravadas tres grutas, e ao terceiro grupo pertence a que denomino *alta*, attendendo á sua posição relativa.

Apresenta ella duas aberturas, sendo uma muito grande, devido a desabamentos, e ambas, por muito rapidos declives, chegam a um extenso pavimento. É a mais bella das grutas do Carvalhal, pela sua vastidão, e pela muita luz que recebe. Do tecto cahem enormes e onduladas toalhas estalactiticas, que, descendo pelas paredes lateraes, semelham longos e artisticos cortinados.

O pavimento, em geral, é coberto por uma espessa camada de pedras, que para ali foram projectadas, e muito especialmente do lado da maior abertura.

Procedendo á extracção das pedras, reconheci que o deposito variava entre quarenta e sessenta centimetros de altura, pelo que resolvi fazer a exploração de uma só vez.

Removendo uma grande pedra que impedia os trabalhos, e que assentava num dos lados da gruta, reconheci que sob ella jaziam restos de tres individuos que supponho victimas de um desabamento. Esses restos, embora muito alterados, muito friaveis, deixavam averiguar o numero de individuos a que pertenciam.

Enfiado num humero foi achado um bello bracellete (fig. 94), feito de uma valva de *pectunculus*. Tenho conhecimento de dois exemplares identicos, um achado na *Cueva de la mujér* em Hespanha, e outro em Dijon, França.

Tres volantes de fuso *(fusaiolas)*, alguns machados e enxós, sendo um dos machados de pequenas dimensões, algumas laminas de silex, um polidor de rocha dioritica, um furador de osso, restos de grosseira loiça e um bello vaso (fig. 159), constituiam todo o mobiliario.

Diversas valvas de *pectunculus*, algumas com buraco de suspensão. Um outro objecto notavel appareceu nesta gruta: — é um bloco de diorite, bellamente polido. A sua secção é elliptica com dois planos parallelos, num dos quaes se abrem duas pequenas cavidades, o que o faz julgar o supporte de algum idolo referido ás edades metallicas.

Todos os restos humanos contidos nesta gruta eram incapazes de estudo, excepto um craneo dolichocephalo, e este porque estava num pequeno recanto defendido por grandes pedras. Os ossos restantes estavam muito alterados. Evaporada a agua que os mantinha numa falsa apparencia de boa conservação, eil-os a dividirem-se em pequenissimas laminas ou a separarem-se em pequenos bocados.

A alimentação dos habitantes de *Mosqueiros* era identica á dos habitantes das outras grutas.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Laminas de silex	21	
Machados e enxós de schisto	10	
Polidores de schisto	1	
Bloco de diorite polida (secção elliptica)	1	
Braceletes de concha	1	94
Furadores de osso	1	
Volantes de fuso (*fusaiolas*)		
Vasos inteiros	1	159
Conchas diversas	7	
Craneos humanos		

QUARTO GRUPO. ERVIDEIRA.—*Gruta VIII.*

O *Cabeço da Ervideira*, assenta sobre a vertente oriental do valle do Carvalhal. Foram nelle exploradas cinco grutas, tres ao centro, uma na vertente norte e a ultima na vertente sul. A gruta capital desta zona, situada ao centro de todas, será a unica de que me occuparei. Os poucos objectos que foram achados nas quatro restantes, limitam-se a laminas de silex, machados, e alguns silices lascados de uso indeterminado.

A gruta da *Ervideira* é um quasi *abrigo sob rocha*, de pequena extensão, mas de uma profundidade pouco superior a tres metros.

Apresenta-se uma pequena abertura que dá accesso a um espaço limitado, onde em planos muito nitidos se destaca o terreno humoso, proprio das grutas, e as argillas de transporte recente, effectuado em epocas muito proximas. Esse transporte devia ser auxiliado pelo desabamento de uma grande rocha que constituia parte do tecto ou cobertura.

Iniciada a exploração, appareceram muitos restos de loiça grosseira, alguns instrumentos de osso, restos de variados molluscos, ossos de boi, veado, cabra, coelho, raros silices talhados, e duas pontas de flecha. Nos cortes subsequentes repetem-se com extraordinaria abundancia os instrumentos de osso, moendas e placas de grés e ophite, muitos pedaços de quartzites, raros silices sem applicação, raros e imperfeitos machados.

Aggrupando por classes os diversos objectos, eis o que resultou:

INSTRUMENTOS DE SILEX.—Quatro laminas de facas e alguns pedaços pertencentes a outras. Duas pontas de flecha.

INSTRUMENTOS DE OSSO.—Muitos e variados. Furadores (figs. 135, 146, 147, 148), polidores pertencentes ao typo da fig. 145, punhaes (?) (fig. 136), restos de agulhas, pequenas espatulas (figs. 138, 142, 143, 144), e restos de muitos instrumentos que não é facil recompor. As placas d'osso, que denomino espatulas, são polidas nas duas faces, e o n.º 144 mostra estar incompleto.

INSTRUMENTOS DE SCHISTO.—Grosseiros machados e enxós, mal esboçados e pessimamente polidos.

DIVERSOS.—Muitos pedaços de quartzite cinzenta e diversos silices ricos em côres, mas sem conhecida applicação.

INSTRUMENTOS DE OPHITE.—Moendas de diversos tamanhos, em geral partidas, muitos e variados pistillos dessas moendas, muitas placas, sendo tres inteiras, e que me parece terem servido para a cosedura de um grosseiro pão. Um grande martello com sulco nas duas faces para segurança de encabamento.

INSTRUMENTOS DE GRÉS.—Um grosseiro bloco de grés, apresentando numa das faces uma cavidade, que pode ter sido aproveitado para gral.

ENFEITES (?).—Os unicos objectos de enfeite (se não são symbolos de uma extincta religião da Força) que colligi nesta gruta, são: um dente canino, de *canis*,

dois de javardo, todos com buraco de suspensão (figs. 95, 96, 98), uma ponta de veado (fig. 101), igualmente perfurada.

Ceramica.—Grosseira, sem possibilidade de restauração, e não apresenta o mais leve signal de ornato. Acham-se muitos pedaços perfurados em tempo posterior ao seu fabrico.

Alimentação.—Os homens da Ervideira deviam ter sido pescadores, embora na sua alimentação entrasse a caça. A abundancia de conchas que colligi formavam uma grande parte do deposito da gruta; e dentre as que foi possivel classificar destacam-se muitos exemplares de: *Ostrea, Pecten, Solen, Mytilus edulis, Unio, Lutraria, Tapes, Cardium, Patella, Cassis* e *Pectunculus.*

Convem notar que o mar, então, estaria, pelo menos, a tres kilometros O, devendo bater nos actuaes contrafortes de Vestiaria, Maiorga, etc.

Considerações.—Todo o *Cabeço da Ervideira,* de uma formação geologica muito interessante, especialmente os lados N. S. O. me teem fornecido machados e enxós numa profusão que espanta. Conto mais de vinte exemplares, colhidos á superficie nas minhas demoradas e repetidas investigações.

Esta gruta foi a unica, de todas as que tenho explorado, que deu moendas de ophite e placas para a cosedura do grosseiro pão que devia fazer parte da alimentação do homem deste periodo. Nos terrenos adjacentes acham-se com frequencia pedaços de ophite e de grés, alguns sem forma adequada, e outros, a maior parte, que se podem reputar moletas ou pistillos de moendas, e alguns, ainda que mais raros, pedaços dessas moendas.

A ophite, em terras de Alcobaça, só se encontra a 9 kilometros a SO e O da *Ervideira* nos Cabeços typhonicos de S. Bartholomeu, Monte de Meios e Quinta do Castello; mas estes supponho que, ao tempo que esta gruta devia ser habitada, apenas affloriariam do seio das aguas, como pequenas ilhas que bordassem a costa. O ultimo desses montes assim permaneceu até meados do seculo XVI.

A frequencia dos pedaços de ophite, restos de loiça e machados, que acho dispersos por todo o *Cabeço da Ervideira,* lança no meu espirito uma extraordinaria confusão, visto que além de não achar nas grutas proximas vestigios de moendas, não encontro outras que definam ou expliquem o apparecimento e *modus vivendi* do homem da *Ervideira.* Não estou porém longe de suppor que esta gruta, a que mais se deve chamar *Lapa* ou *abrigo sob rocha,* pertença a um periodo em que o homem já não vivia exclusivamente ao abrigo da gruta protectora e providencial, mas que tendo conhecimentos da agricultura, construisse já habitações ligeiras e de facil architectura, cujos restos, melhor ou peor documentados, muito bem podem ter escapado á minha simples observação. O que noto com espanto é que devendo ella pertencer a um periodo muito mais proximo do que as grutas visinhas, os seus instrumentos de pedra sejam imperfeitissimos em desenho e acabamento.

É possivel que o apparecimento de outras grutas que se relacionem com esta, venha resolver, este, quanto a mim, difficil problema.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Pontas de flecha, silex	2	
Laminas de silex	4	
Laminas de silex, partidas	13	
Buris de silex	1	
Machados de schisto	9	
Machados de schisto, partidos	3	
Polidores de osso	6	
Furadores de osso	19	
Agulhas de osso, partidas		
Punhaes de osso	1	
Dentes de *canis*, perfurados	1	98
Dentes de javardo, perfurados	2	95, 96
Ponta de veado, perfurada	1	101
Dentes diversos	16	
Polidores de grés	1	
Moendas de ophite, incompletas		
Placas para a cosedura do pão	7	
Placas diversas		
Martello de ophite, com canelluras	1	
Conchas diversas		
Restos humanos		
Restos de animaes differentes		
Quartzites e lascas de silex		
Loiça sem ornamentação		

ESTAÇÕES DAS EDADES METALLICAS

QUINTO GRUPO. *a*) REDONDAS.—*Gruta IX.*

A gruta das *Redondas*, vulgarmente conhecida por *Algar do João Ramos*, antigo possuidor da propriedade em que ella está encravada, abre-se numa pequena elevação de terreno que assenta na falda da serra de Candieiros, junto á pequena aldeia denominada *Redondas*.

Apresenta-se a gruta por uma abertura vertical, dando accesso a um plano rapidamente inclinado, numa extensão de trinta e seis metros. É muito ampla em toda a sua extensão e apresenta galerias em diversos sentidos.

Iniciada na parte mais funda, a primeira exploração, para facil arrumação de grande quantidade de pedra que se estendia sobre todo o deposito e que era impossivel transportar para o exterior, achei um bellissimo punhal de cobre (fig. 220), uma ponta de flecha do mesmo metal (fig. 196), e um pequeno vaso que restaurei (fig. 198).

O punhal é um riquissimo exemplar; ainda conserva os tres pregos de crava-

ção e perfeitamente indicada a parte occupada pelo cabo. Duas canelluras mal esboçadas estendem-se ao lado de cada gume, e em todo o comprimento deste precioso objecto.

Notei desde os primeiros trabalhos que o deposito recente era de pequena espessura, tendo, em media, vinte centimetros, e que por vezes assentava sobre um espesso manto de estalagmite terrosa, alternada e com predominio de grossa camada de argilla ferruginosa, que pertence, segundo supponho, a edades geologicas.

Fiz muito cuidadosamente toda a exploração do deposito recente e foi numerosa a colheita de instrumentos de cobre representados em dois machados (figs. 218, 219), lanças (figs. 189, 192, 193, 198), pontas de flecha (figs. 190, 191, 194, 196), pequenos estyletes (figs. 195, 197), em numero que se pode avaliar no respectivo mappa e os vasos inteiros e restaurados que vão representados nas figs. 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182.

Os mais curiosos objectos que appareceram nesta gruta foram pequenas placas de schisto com dois buracos de suspensão (figs. 209, 210). Colhi dois exemplares inteiros, e outro que foi fracturado pelos dois buracos, conservando a parte media, em cada extremo, evidentes signaes de perfuração.

É este um novo documento de archeologia prehistorica de Portugal. As grutas de Alcobaça que deram objectos identicos foram: *Mosqueiros* (baixa), (fig. 214), que deu uma placa incompleta, e o *Cabeço da Ministra*, outra tambem incompleta (fig. 79).

Numa das galerias N., e junto de restos de grandes vasos, incluindo o que vae representado na fig. 177, foi achada uma porção de trigo carbonisado, e outras sementes que infelizmente se perderam. O trigo pode observar-se com toda a nitidez, porque, perdendo todos os elementos constitutivos, menos o carbone, mantem intacta a sua forma primitiva.

Em pedra apenas foram achadas duas laminas de silex, dois machados de schisto, e estes com o gume obliterado, mas polido, o que parece demonstrar diversidade da primitiva applicação.

Como enfeites apenas achei valvas de *pectunculus* perfuradas, uma conta de azeviche e outra conta ou botão, de osso (fig. 230).

Das conchas achadas destacam-se exemplares de *pecten*, *cassis* e *pectunculus*.

Restos humanos alteradissimos, e que não deviam pertencer a mais do que um individuo. Não achei ossos de animaes que indiquem a especie de alimentação do homem das *Redondas*.

O que torna esta gruta mais notavel, e que a faz considerar typicamente uma estação da edade do cobre, é que, quasi todos os objectos parece nunca terem servido. Quasi todos teem a linha de imperfeito acabamento, outros conservam nitidas as linhas de martellagem, e todas as arestas e gumes tão vivas que deixam vêr o pouco ou nenhum uso que tiveram.

A esta região podem referir-se os machados de cobre de *Valle de Ventos*, *Carvalhal de Turquel*, *Evora* e *Arrimal*.

Não posso deixar de chamar para esta gruta a attenção dos archeologos e geologos, attendendo á circumstancia que nella se dá. Protegido pelo deposito que explorei, e em parte pelo manto estalagmitico, existe, segundo creio, um grande deposito quaternario. E não são elles tão vulgares no nosso paiz que mereçam ser abandonados. Se não fiz a exploração deste jazigo, é porque tendo pedido a visita scientifica do meu erudito amigo P. Choffat, ainda, até hoje, a não recebi. Não desejo fazer a sua exploração sem a assistencia de um geologo cujo nome chegue para authenticar os objectos que porventura nella possa encontrar.

Num pequeno corte de reconhecimento que pratiquei, descobri ossos pertencentes a um grande individuo de *equus* e dentes de outro grande herbivoro.

Fica pois assignalado este deposito.

Nomes dos objectos	N.os	Figuras
Machados de cobre	2	218, 219
Pontas de lança, de cobre	2	189, 193
Pontas de flecha, de cobre	8	190, 191, 192, 194, 196, 198
Estilletes de cobre	7	195, 197
Punhal de cobre	1	220
Placas de schisto com dois buracos para suspensão	3	209, 210
Contas de azeviche	1	
Machados de schisto com gume obliterado	2	
Botões de osso	1	
Laminas de silex	2	
Vasos inteiros e restaurados	8	

b) Cabeço Rastinho.—*Gruta X.*

O *Cabeço Rastinho* fica ainda no prolongamento do Valle de Carvalhal e um pouco a L desta povoação. É uma gruta de exiguas dimensões, e onde ainda depois de explorada só pode entrar-se de rastos.

Procedendo á exploração que se fez de um só corte, foram colhidos restos humanos, uma bella lança de cobre (fig. 184), um machadinho de fibrolite (fig. 74), outro de calcareo jurassico (fig. 72), uma pequena placa de spatho calcareo, indicando uso, e duas laminas de silex.

Os dois pequeninos machados foram encontrados a um canto da gruta; o de calcareo tem as linhas de muitos machados da *Collecção de Alcobaça.* A ambos terei de referir-me quando tratar em capitulo especial destes e doutros micro-instrumentos.

O *Cabeço Rastinho* fica junto do *Cabeço das Corsas;* e a um pequeno espaço circular, limitado por um grosseiro muro em que predominam pedras aprumadas, refere a tradição local uma curiosa lenda.

Nesta região devem existir outras grutas, mas não foram até hoje descobertas.

c) Cabeço da Ministra (media).—*Gruta XI.*

Uma pequena gruta que apenas forneceu metade de uma lança de cobre (fig. 187), e alguns pedaços de enxofre.

d) Cabeço da Ministra (baixa).—*Gruta XII.*

Outra pequena gruta, cuja exploração colheu uma lança de cobre, com buraco para cravação (fig. 185) e um machado de schisto.

SEXTO GRUPO. Cabeço dos Mosqueiros (baixa).—*Gruta XIII.*

Encravada entre as nove grutas neolithicas que explorei nesta zona, e num quadrado que pode medir cem metros de lado, descobri ultimamente esta pequena gruta, que além de pertencer a uma phase de civilisação relativamente recente, é extraordinaria pela sua especial disposição. Abre-se uma pequena galeria que só pode transpôr-se de rastos, e entra-se num recinto pequeno, separado de outra galeria por uma espessa parede natural tendo ao centro uma pequena abertura difficil de transpôr.

Procedendo á exploração, que não poude ser feita com o rigor que desejava, colligi poucos mas preciosos objectos.

Um bello vaso que restaurei (fig. 175), cuidadosamente tratado á roda de oleiro, de delgadas paredes e de preciosas linhas.

Uma esphera de ophite, com quarenta e nove millimetros de diametro. Não avalio a applicação deste curioso objecto, que não acho repetido.

Uma bella conta de vidro azul cobalto, com circulos concentricos esmaltados a branco, e com largo orificio. Mede vinte e seis millimetros de altura e trinta e tres no maximo diametro (fig. 213). Um pequeno machado de cobre com noventa e oito millimetros de comprimento (fig. 221).

Metade de um vaso igual ao n.° 182, que foi achado nas *Redondas.*

Metade de uma placa de schisto (fig. 214), identica ás que que foram achadas na gruta das *Redondas.*

Um objecto de cobre que pode classificar-se malha ou parte de qualquer objecto de enfeite, de largo vulto e trabalho (fig. 234).

Um volante de fuso (fusaiola). Raros restos humanos. Ausencia completa de restos animaes e de instrumentos de pedra.

A conta de vidro esmaltada a branco, a perfeição do vaso representado na fig. 175, parece deixarem suppor uma phase de civilisação que se approxima daquellas a que Estacio da Veiga, no Algarve, faz approximar da phenicia.

SETIMO GRUPO. Casa da Genia.—*Gruta XIV.*

Ainda no mesmo Valle do Carvalhal, um pouco ao sul do *Cabeço Rastinho*, explorei uma gruta, que o povo denomina *Casa da Genia*, e que pode referir-se indeterminadamente á edade do ferro.

No seu pequeno mobiliario, acham-se pedaços de loiça de espessas paredes, pequenas barras de ferro muito alteradas, uma pequena esculptura em osso e um calhau rolado de durissimo grés, que conserva claros indicios de ter servido de safra, com extensa duração de trabalho. Nos seus dois lados existem cavidades, umas que parecem produzidas por pancadas repetidas de um martello com batente curvo, e outras que parecem devidas a um attricto demorado, mantido com movimento circulatorio, como no ponto de appoio de um eixo vertical.

O objecto mais curioso desta gruta é a pequena esculptura em osso, repetida sem a mais ligeira differença nalgumas estações hespanholas. Vae figurada no n.º 232. Ao que deduzo representa um homem. Parte do corpo apresenta-se nú, e outra parte coberta como que por armadura. Um crusamento de linhas praticado sobre a caixa thoraxica, e passando sobre os hombros, lembra uma couraça com a respectiva gollilha. Na cabeça assenta um como que turbante, em cuja parte superior existem cortes que lembram uma corôa aberta. A parte nua é a menos perfeita. Um buraco praticado no sentido transversal á figura, e correspondente aos braços, deixa suppôr que esta pequena esculptura fosse destinada a usar-se suspensa de collar ou *torques*.

Não continha ossos de qualquer especie, nem outros objectos além dos enumerados.

OBJECTOS INDETERMINADOS

Por toda a provincia archeologica de Alcobaça abundam os instrumentos neolithicos, com o predominio de machados, enxós, polidores e não raras vezes laminas de silex e pontas de flecha da mesma substancia. Colhidos avulsamente, não servem para mais do que documentar a longa permanencia e densidade de população em tempos neolithicos.

Dentre os machados que refiro, destacam-se bellos e raros exemplares de schisto e muito especialmente de fibrolite. Desta substancia são notaveis os machados achados em Alcobaça, propriamente, e uma bella arma que vae figurada no n.º 233 e que foi obtida por intermedio do meu amigo José Diogo Ribeiro.

Os mais pezados de todos os da collecção de Alcobaça estão representados por exemplares vindos de *Evora*, 1.310 grammas, *Redondas*, 1.060 grammas, *Gruta do Cabeço da Ministra*, 935 grammas, muitos exemplares de mais de seiscentas grammas; o peso medio é de meio kilogramma

Os instrumentos de cobre são menos vulgares, e teem sido achados sempre no prolongamento da falda da serra.

Sepulturas com documentos são raras, a não ser do periodo luzo-romano. Excepto a que foi explorada pelo meu amigo José Diogo Ribeiro, e que pode referir-se á edade do cobre, não tenho seguro conhecimento de outras.

Ha todavia um curioso vaso da *collecção de Alcobaça* que vae figurado no n.º 235, a respeito do qual não posso emittir segura opinião attendendo ás condições

do achado. Darei a narrativa, aliás comprovada por testemunhas, feita pelo homem que o guardava, com bastante estima: Ahi por mil oitocentos e trinta e tantos, pelas guerras dos *Migueis*, andava o meu avô a arrancar lenha na Charneca, junto do *Cabeço da Mina*, e uma grossa raiz de aroeira que elle quiz deslocar, levou-o a affastar algumas lages, que cobriam um pequeno corredor formado por duas grandes pedras. No meio delle, e coberto por uma *lojota* estava um grande pote. O avô destapou-o, e lá dentro estava coisa que parecia oiro. Cobriu novamente o corredor para que ninguem visse, e de noite foi lá com a avó. Mas em vez de oiro achou carvão, e cavando deu com ossos de gente. O pote veio e é este.

O neto desse velhote chama-se José Luiz, do Carvalhal de Aljubarrota.

Supponho que se trata de uma sepultura, e creio que o carvão que o homem achou dentro do pote não seria carvão de lenha, como elle suppoz, mas cereaes carbonizados, como os que achei na gruta das Redondas. Infelizmente passaram os annos e hoje é impossivel determinar o logar em questão.

O vaso, de capacidade de 60 litros, é um bello exemplar. Ornam-lhe o bojo largos cordões e pregarias, e tres azas muito graciosas, como se fossem para demorada suspensão, succedem-se em distancias iguaes. Toda a face externa apresenta um ensaio de grosseira esmaltagem a verde-escuro.

Os fornos de fundição, de espessas paredes cylindricas, de argilla endurecida, estendem-se pelo Valle do Carvalhal, e apparecem na Charneca da Boa Vista. Não achei junto delles quaesquer objectos que possam servir para determinar uma epoca.

Ethnographia da provincia archeologica de Alcobaça

NEOLITHICO

Antes de entrar propriamente no assumpto que subordino á epigraphe *Ethnographia da provincia archeologica de Alcobaça*, desejo fazer algumas declarações para não ser alcunhado de leviano pelos meus collegas da archeologia portugueza.

Nas muitas explorações que fiz — sem auxilio official — empreguei sempre o maior cuidado possivel; foram feitas debaixo da mais rigorosa observação e creio ter cumprido cabalmente o que a sciencia aconselha.

A classificação de objectos foi feita exclusivamente sobre as que tinham caracteres typicos, para não pejar e prejudicar mais do que já anda a archeologia de Portugal. Os objectos de forma, uso e acabamento indiscutiveis serão os unicos referidos nas illustrações deste trabalho. A forma casual, meramente casual, só quando muito accentuada será referida a titulo de curiosidade.

Serei exaggerado, mas hei-de ser verdadeiro.

Os machados da collecção de Alcobaça, em numero de duzentos e setenta e oito, apresentam variadissimas formas, que na maior parte se podem attribuir á maneira como fendeu e partiu o bloco de schisto que o devia originar. Ha exem-

plares em que não foram ganhas pelo trabalho de polidura as cavidades mais profundas deixadas pela linha de fractura ou pela constituição especial da rocha; outros em que a unica manifestação de trabalho se limita ao aperfeiçoamento do gume; outros ainda em que se vê a preoccupação da forma, obtida com grande trabalho, e não só a forma, mas o polido que é irreprehensivel em toda a superficie. Embora na *collecção de Alcobaça* exista o predominio de certas formas, é certo que se vê muito claramente que o acaso da fractura foi quem concorreu mais poderosamente para a largura, espessura e comprimento de todos ou quasi todos e que foi, portanto, a fractura quem deu a maior contingencia para a grande variedade.

Creio que poucas serão as collecções portuguezas onde o typo machado se possa estudar tão largamente como na collecção de Alcobaça.

Sobre as questões de forma não posso dizer outro tanto com relação aos instrumentos de silex. Nestes não era o acaso quem dava a forma; havia a intenção de operar de certa maneira, e operava-se com segurança. Podia variar um pouco o tamanho pela fractura, mas a forma variava só com a intuição artistica, com a esthetica do operador. Em silex operava-se como se queria, porque isso algumas vezes representava uma necessidade, uma adaptação especial. Nos instrumentos de silex procuravam-se linhas para secção ou perfuração, e isso tinha que satisfazer a uma quasi averiguada segurança de ferir a distancia. Era indispensavel um nitido gume ou uma acerada ponta. É o que se demonstra nas pontas de lança e de flecha, e ainda nas pontas de flecha de gume transversal.

Nos *machados*, *hachas* ou *maças* procurava-se apenas um instrumento de certa forma equilibrado, capaz de encabamento, no maior numero de casos, e para que era indispensavel uma parte acuminada, para segurança do golpe. Dadas as condições de equilibrio, pouco importava o rigor da forma.

É certo que nalguns se manifesta um grande cuidado de forma e de acabamento, e muito especialmente nos machados de fibrolite, mas esses creio-os verdadeiras joias da arte neolithica, e não armas, como a tempo exporei.

As classificações classicas de *machados*, *enxós*, *formões*, *cinzeis*, etc. e que segundo me parece são extemporaneas, submetto-as a uma só:—*machados*—reservando para estudo de diversa natureza, e baseado não só nos exemplares que tenho colligido, mas ainda em outros que por ventura obtenha em successivas explorações.

A *collecção de Alcobaça*, colhida numa pequena facha de terreno portuguez, ha-de, tenho a certeza—concorrer para o estudo seguro da prehistoria nacional e ha-de definir se certos instrumentos são resultado de aperfeiçoamento local, ou se estão ou não relacionados com estações mais ou menos afastadas.

Nos silices que classifico refugo, não procurei intenção de coisas nem de objectos, porque isso seria confundir o acaso da fractura com a intenção artistica, e levaria a um estudo defeituoso e errado que lançaria na archeologia uma desgraçada nota.

Quanto a mim, a archeologia não deve ser uma sciencia de fé, dependente de suggestões; deve ser apenas fria e nitida como uma lança de silex.

No entretanto esses silices de refugo, achados nas estações de Alcobaça, estão, como toda a collecção, á disposição de todos os que a queiram vêr e estudar.

Os restos osteologicos, exceptuando sete craneos em que se podem fazer alguns estudos de anthropologia, não estavam em condições de poder estudar-se; a minha boa vontade e um grande e demorado trabalho não chegou para poder archivar, capazes de estudo, quaesquer peças de valor.

Da loiça, foi colhida a que apresentava qualquer indicação de forma, ou qualquer especie de ornato. A forma, especialmente, foi uma das minhas grandes e constantes preoccupações; mas o estado em que achei todos os pedaços e a quantidade delles era, por vezes, de tal ordem que não consegui restaurar e colligir mais de quatro vasos em todas as grutas, excepto *Redondas*. Por alguns pedaços consegui reconstituir alguns vasos, como a tempo indicarei.

A escolha de todas as peças de mobiliario — para classificação — foi subordinada aos principios expostos.

Do minucioso exame a que procedi em todas as grutas antes e durante todos os trabalhos de exploração, resultou convencer-me de que nenhum dos depositos estava intacto.

Nas mais extensas achei perfeitas galerias, cavadas recentemente por carnivoros, como a raposa e o lobo, e algumas vezes pelo texugo. Essas galerias abrigavam o ninho e portanto a creação desses animaes.

Os calhaus, que cobriam em grande altura a maior parte do deposito das grutas, foram indiscutivelmente projectados para ali, em tempos muito proximos, pela tendencia que teem todos os pastores de atirar pedras aos algares, e pelo uso, ainda hoje vulgar, de entaiparem as raposas dentro das covas por meio de grandes morouços.

Outros factores concorreriam para completo revolvimento das grutas e não estou longe de suppôr que posteriores civilisações o fizeram em busca de armas ou outros quaesquer instrumentos.

HOMEM. — De todas as grutas que explorei só colligi sete craneos susceptiveis de estudo. Na raça do Carvalhal ha o predominio de dolichocephalia com influencia de brachicephalia. Prognatismo evidente só se apresenta num craneo, mas este com larga deformação, creio que artificial. Os poucos ossos longos que colligi indicam uma raça de pequena estatura, mas de fortes e potentes musculos.

Não achei ossos com anormalidades, e esses, a existirem, não permittia o seu estado avaliar com segurança e documentar com valor qualquer especie de variante ou defeito.

Em nenhuma das grutas foi possivel destacar peças osteologicas de certo valor, nem mesmo daquelles esqueletos de que arranquei os craneos. Estes foram encontrados sempre defendidos por pedras, que os abrigavam de choques.

Nas proprias grutas funerarias estavam esmigalhados os ossos longos e largos; e os pequenos bocados a que estavam reduzidos os craneos, affirmam um de-

morado e repetido revolvimento a auxiliar a alteração natural desses elementos de estudo. Os ossos curtos foram os que mais resistiram á acção do tempo e aos diversos agentes de destruição.

Em alguns casos achei juntos diversos elementos da caixa thoraxica, mas as costellas e vertebras que parecia manterem-se intactas e resistentes, perdiam-se completamente logo que, embora com extraordinario cuidado, tentava deslocal-os.

Não foi possivel, portanto, realisar a minha grande ambição de poder reconstituir com certa probabilidade o homem neolithico do Carvalhal.

E não foi sem um extraordinario desgosto que perdi a esperança de realisar este ideal: — completar os restos de um homem que tivesse pisado a minha terra ha tantos milenios, e que muito bem podia ter sido meu afastadissimo ascendente. A todos os meus trabalhos não presidiu só um grande amor pela sciencia, presidiu tambem um grande culto, cheio de transcendente poesia, por essa extraordinaria raça, que eu supponho vêr ainda occulta e receosa por entre os grandes monolithos desta região, esperando a passagem de qualquer peça de caça, que vejo ainda talhando as extraordinarias lanças que eu hoje beijo dominado por uma grande commoção.

Foi portanto um mixto de amor pela sciencia, uma atavisada forma da religião da ascendencia, e esta evidenciada por um profundo e sentido culto, que me levou a vêr em cada gruta um altar em que posso venerar a sciencia e em que posso dar largas á minha religião phantasista.

MODO DE SER. — Quando a primeira colonia, seguindo talvez uma manada de caça, chegou e se agasalhou na gruta da *Lagoa do Cão*, que por emquanto reputo a primeira habitação, ou o primeiro de todos os abrigos do homem em terras de Alcobaça, uma espessa floresta, poderosa e exhuberante desceria, serra abaixo, em grandes ondulações, até vir mergulhar-se no mar que perto bateria, nos contrafortes das grandes montanhas poentes.

Curtas lagôas espelhariam a ondulante ramagem, e nas fundas ravinas, onde correriam fitas d'agua, cresceriam as plantas mimosas e phantasticas.

Cafilas de animaes ferozes uivariam em toda a volta em curtas clareiras matizadas de lichens de variadissimas côres, com desenvolvimento favorecido por a densa ramaria das arvores duplamente seculares. Troncos apodrecidos, cahidos obliquamente sobre outros que cresciam nos seus despojos, eram abraçados por heras espessas e outras trepadeiras desapparecidas. Do solo humido, coberto de musgos e folhas seccas evolavam-se os balsamicos perfumes acres e caracteristicos das sombrias florestas. Solo de podridão originando delicados aromas. No ar haveria a musica das aves, por entre a alegria das flores.

Pujante natureza começada a entender pelo animal homem. Por sobre a cabeça do homem que passava, sem mais raciocinios do que os da defeza, sem mais aspirações do que o alimento, cabeça onde ainda não florescia a poesia do sentimento, nem a ancia da gloria posthuma, cerebro pujante mas sem as correspon-

dencias de uma nitida linguagem, producto natural que as convenções não tinham conspurcado, estendiam as arvores a poesia das flores e a utilidade dos fructos.

Dominado pelo perigo eminente do ataque das feras, pouco mais conhecia do que as diversas maneiras de sahir vencedor. E era numa extraordinaria ancia que elle fabricava as suas armas, e numa feroz alegria que elle descobria novas formas, novos instrumentos, novas maneiras de vencer.

Das suas armas dependia a sua vida, da sua agilidade, da perfeição dos seus sentidos, estava dependente a sua segurança e por vezes a da propria colonia. De cada moita sahiria um corpulento inimigo, de cada pedra poderia sahir outro peor. Lucta medonha, incalculavel, constante.

A pequena colonia, ou porventura a vinda de novas colonias chamadas de longe, deu um contingente de população que pouco a pouco se alargou, e que, com o decorrer dos seculos se desenvolveu para norte até formar a poderosa povoação dos Valles do Carvalhal.

A região abundante de caça, perto lagôas e rios que deviam fornecer abundante pescado, ricas as florestas que offereciam saborosos fructos, tudo isto fez do homem, porventura nomada, um seguro e garantido sedentario. Neste pequeno canto do mundo punha a natureza á sua disposição tudo o que era preciso á sua laboriosa existencia. As grutas, nas curtas planuras e nas vertentes mais ou menos rapidas, abriam-lhe a bocca protectora, e asseguravam-lhe um precioso abrigo; os artigos da sua parca alimentação surgiam em volta numa abundancia que constituia riqueza; as proprias rochas indispensaveis para as suas armas não estavam a distancia que não se julgasse proximas. Nada mais era preciso para uma assegurada existencia.

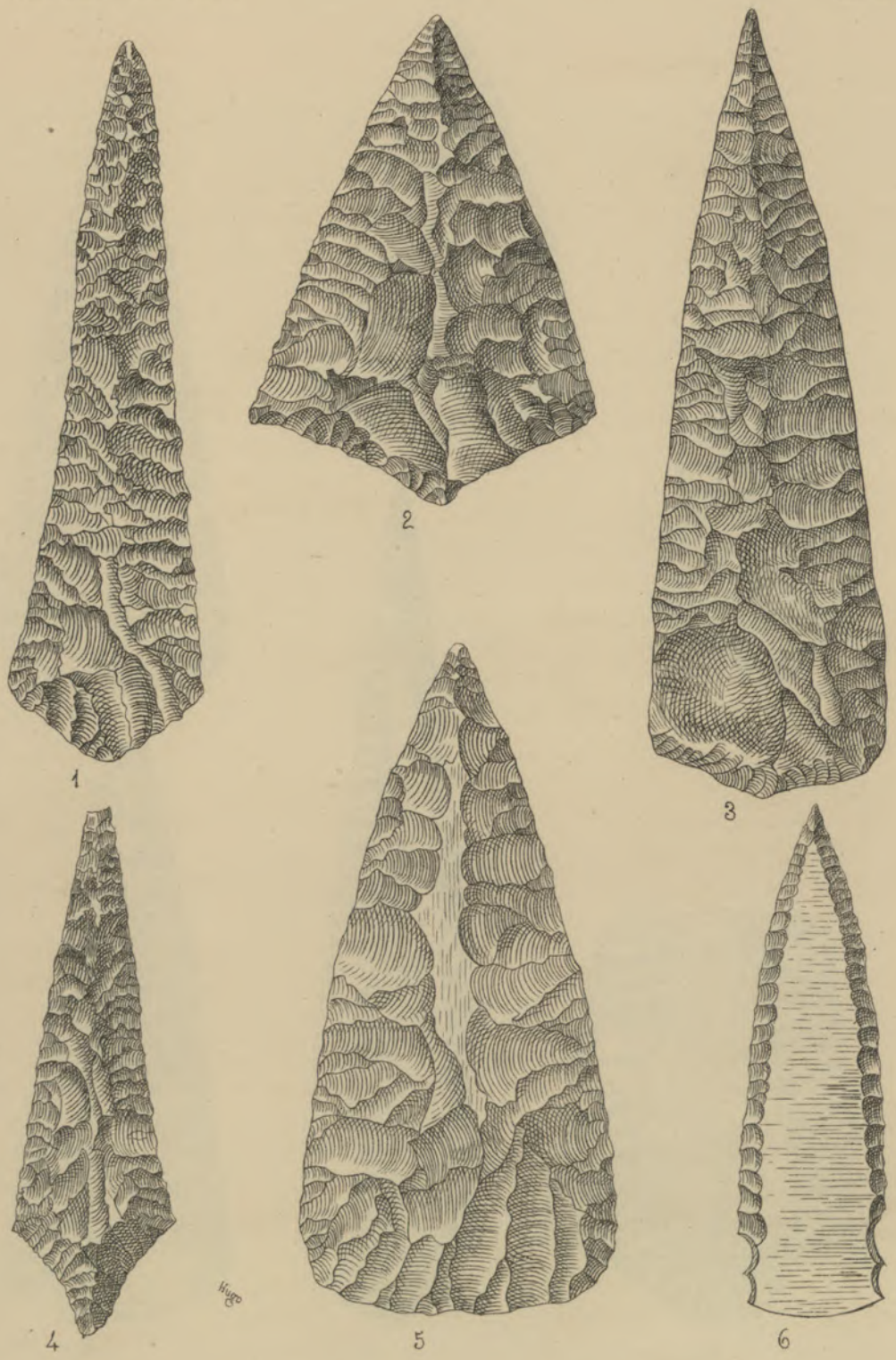
Com o desenvolvimento da população cresceram os elementos de defeza, que traziam um certo bem estar, um certo descanço, e dessa garantia, dessa segurança, advinham indiscutivelmente muitos factores de progresso.

Sendo, como devia ser, abundante a alimentação, longas horas cresceriam desse labutar constante, desse luctar para comer. Como resultante desses factos inesperados, surgem sympathias, interesses, observações, com afastamentos da — propriamente — animalidade:—esboçam-se sentimentos, avultam aptidões, assomam reconhecimentos, e o homem começa a surgir, admirado talvez de si mesmo, e transforma-se, levanta-se, avulta e desenha-se como nós hoje o vêmos atravez dos longos milenios que o afastam de nós.

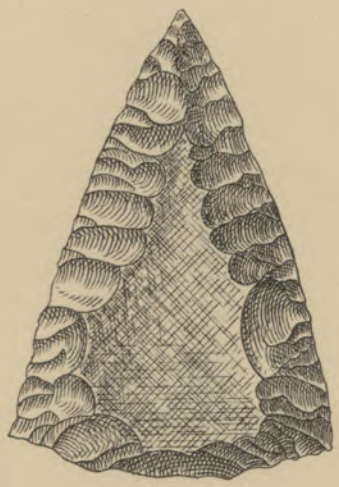
Sendo assim, pode dispensar ao fabrico de armas mais attenção, pode esboçar na sua grosseira loiça a nota creadora da ornamentação, pode variar a forma dos vasos e a precisão das armas.

A esthetica solta os seus primeiros passos vacillantes e surge a ideia, melhor ou peor entendida, do bello.

Destaca-se o artista do caçador. Estabelece-se a permuta. Nasce o commercio. Em pouco tempo tem a colonia uma poderosa officina. A materia prima chegará tambem, trazida de longe por quem não sabe operal-a.


1
2
3
4
5
6

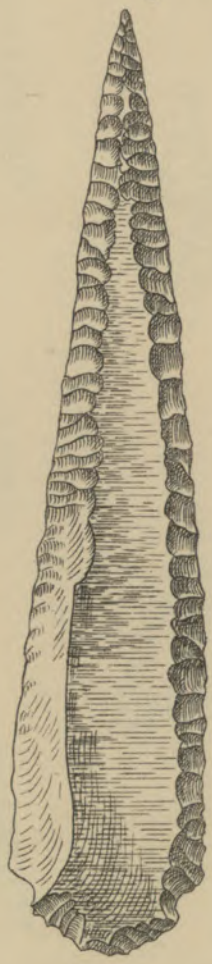
7



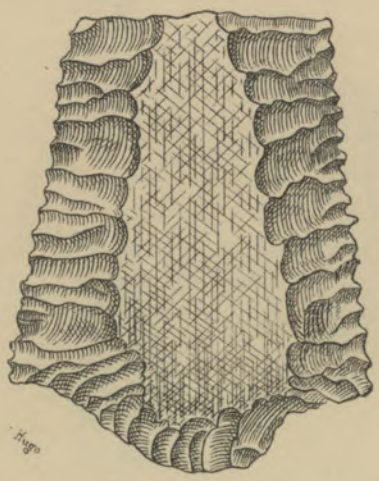
8

9

10



11



12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

24

25

23

26

27

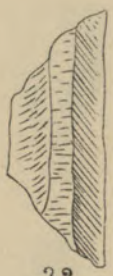
Hugo

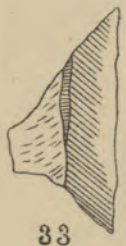
28

29

30

31


32


33

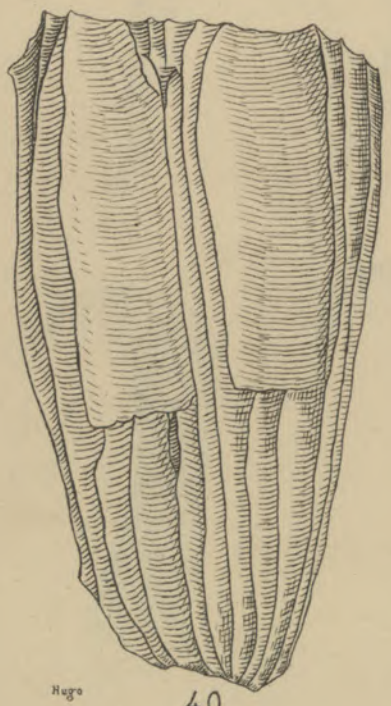
34

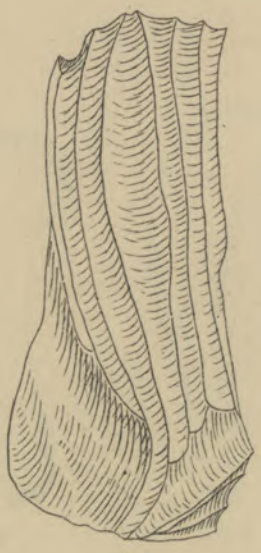
35

36

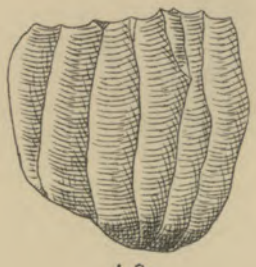
37

38

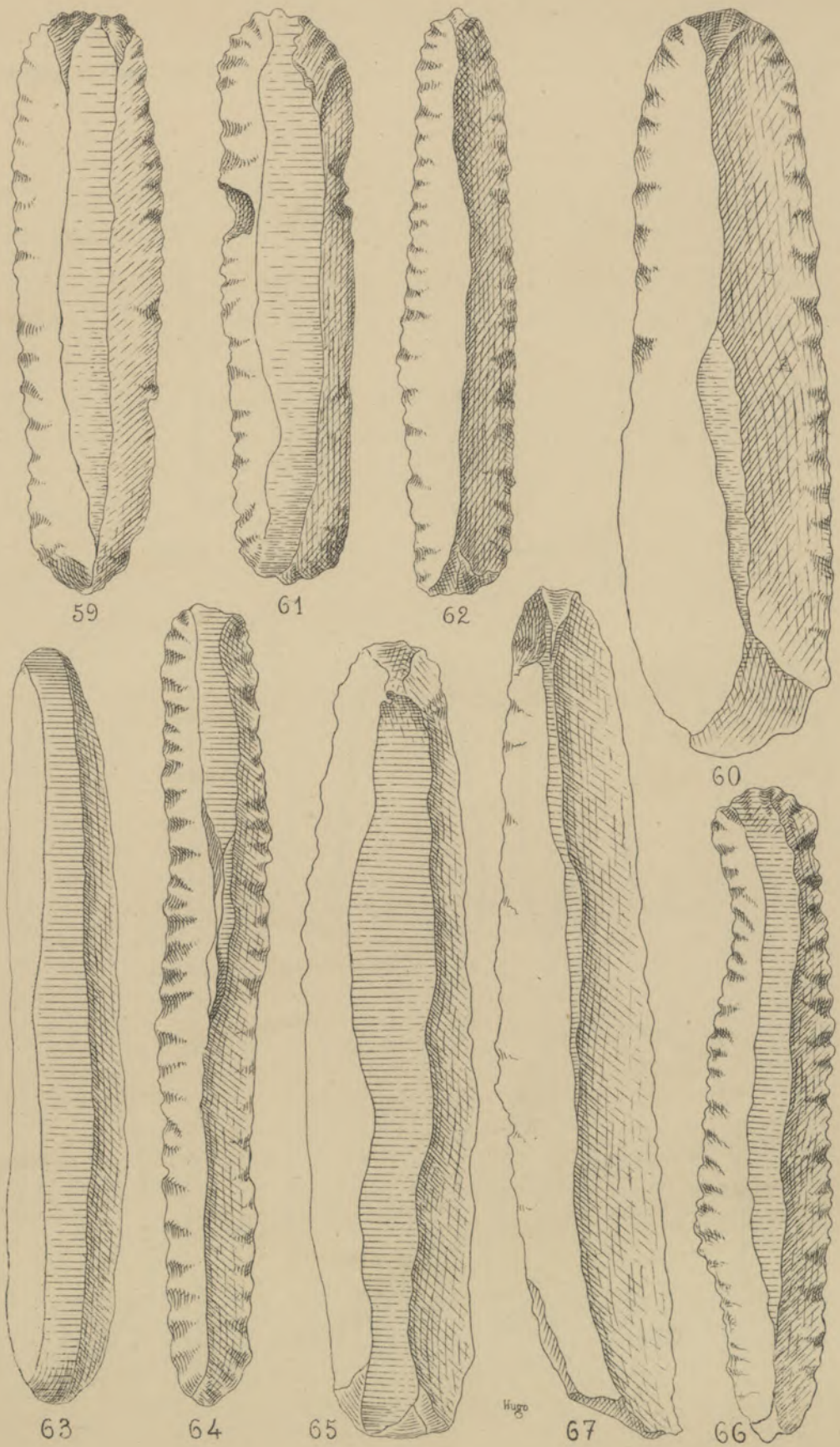

Hugo
40

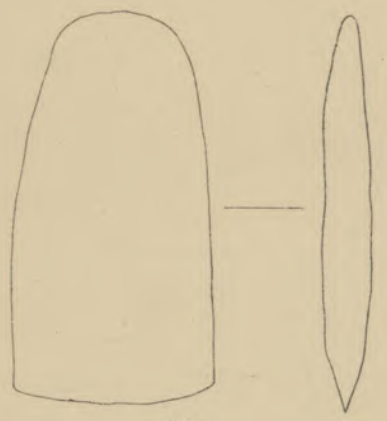

41

39

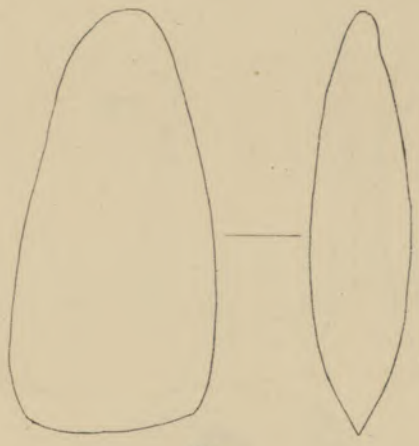

42

43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
Hugo

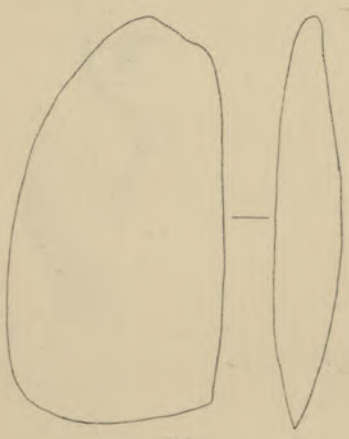

59
61
62
60
63
64
65
Hugo
67
66



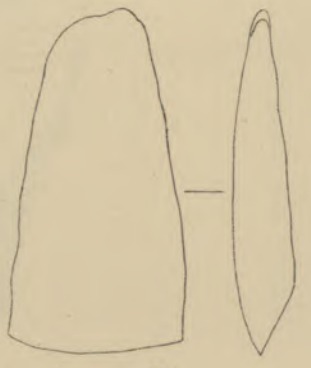
68



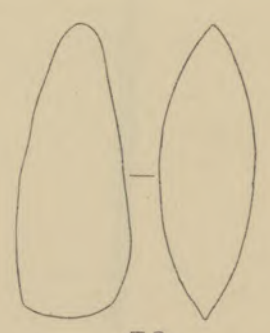
69



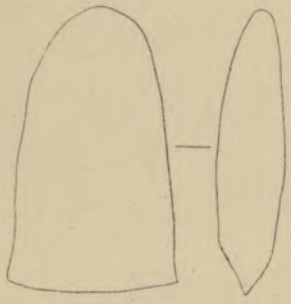
70



71

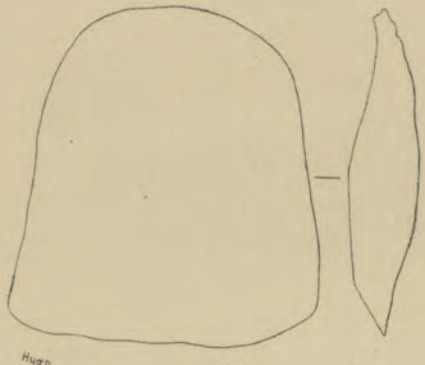


72



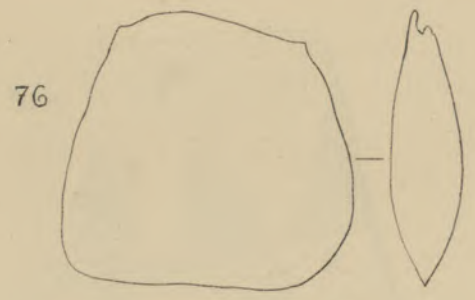
73

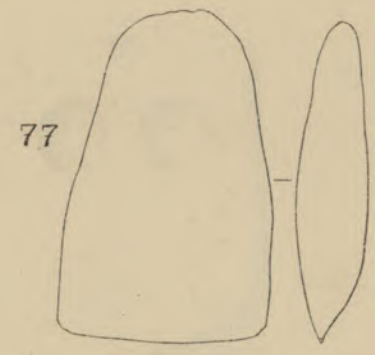
74

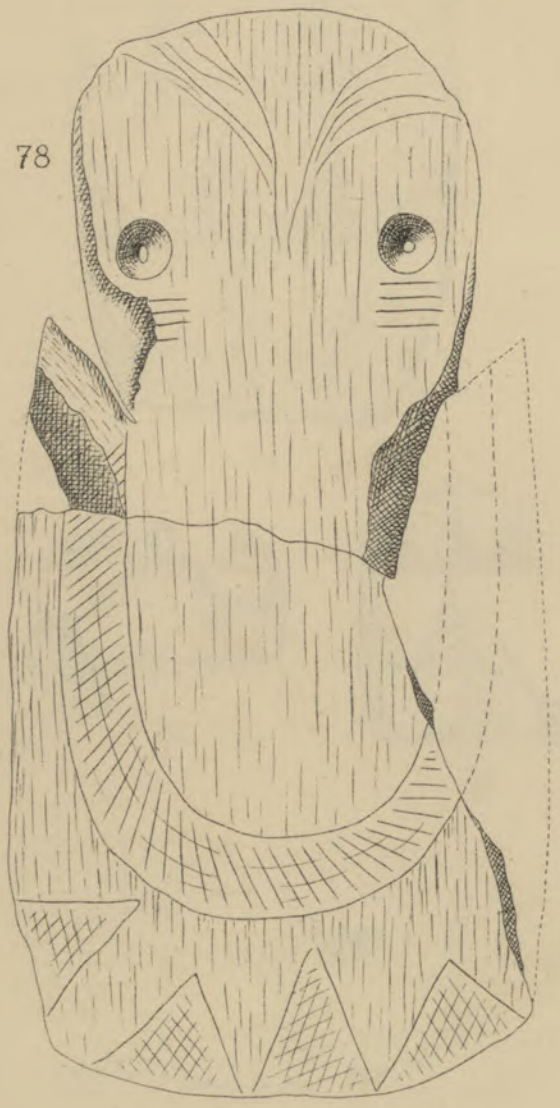


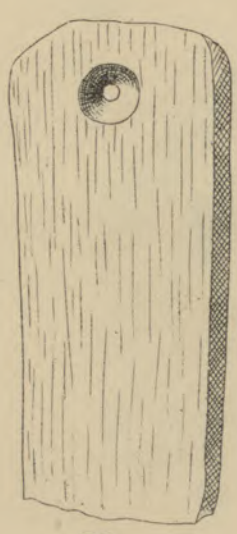
Hugo

75


76

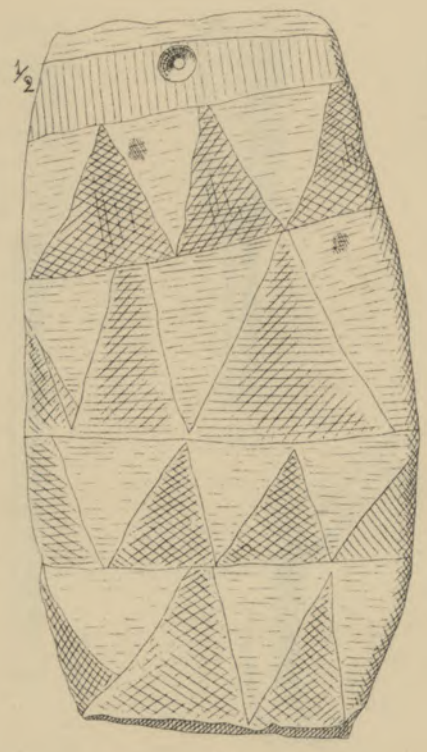

77


78

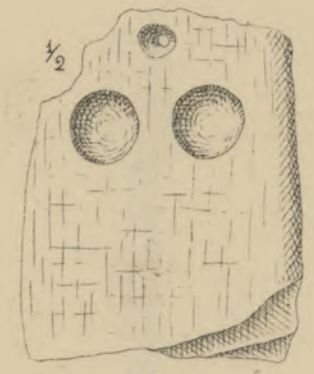

79

80

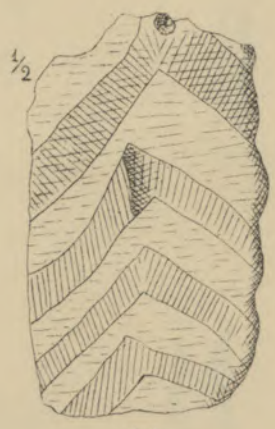
Hugo



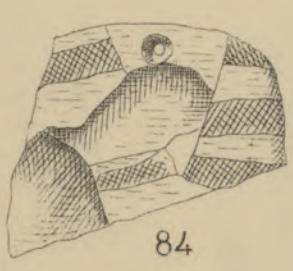
81



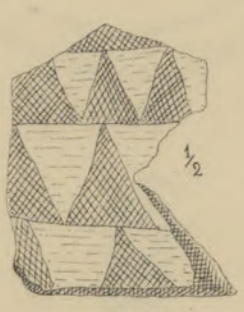
82



83

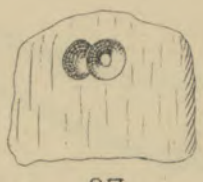


84



85

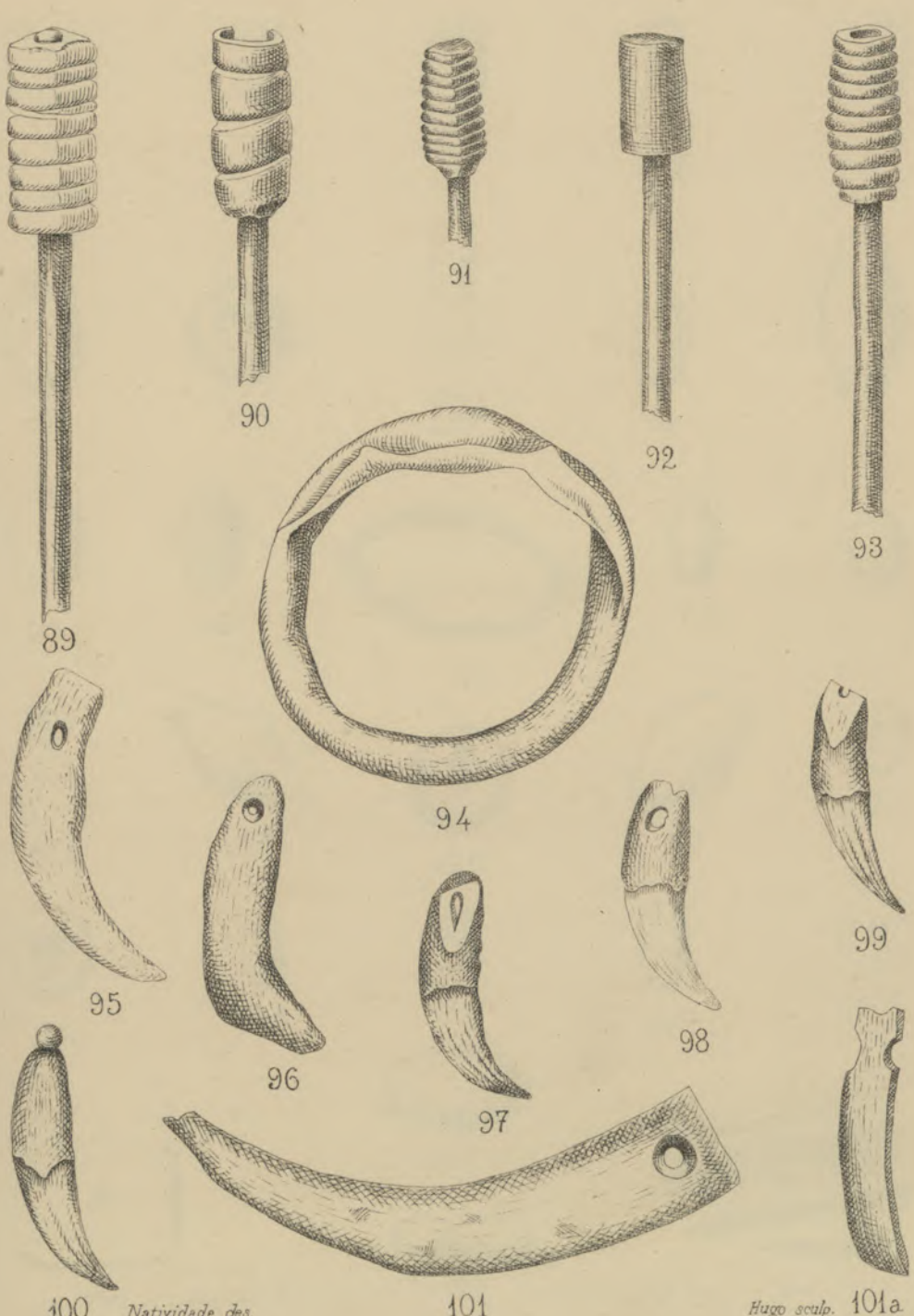
86



87

88

Natividade des. *Hugo scp.*



Natividade des. *Hugo sculp.*

102

103

104

105

106

107

108

109

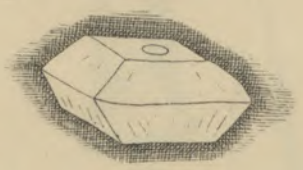
115

110

111

112

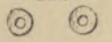
113


117

114

116

118


118 a

119

120

121

121a

122

123

124

125

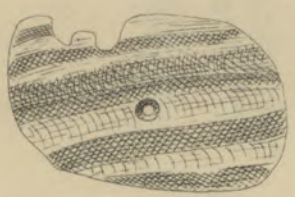
126

127

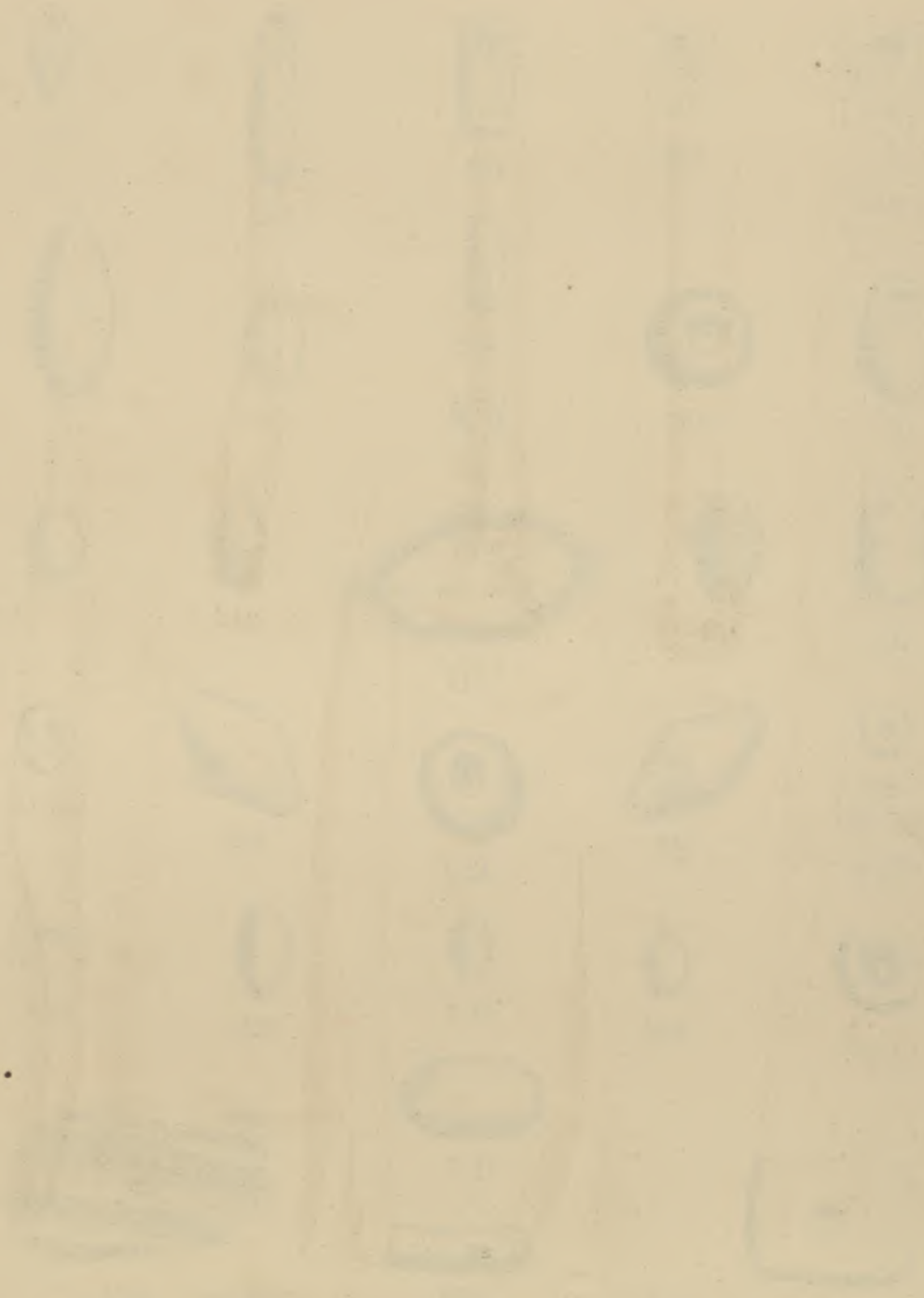
128

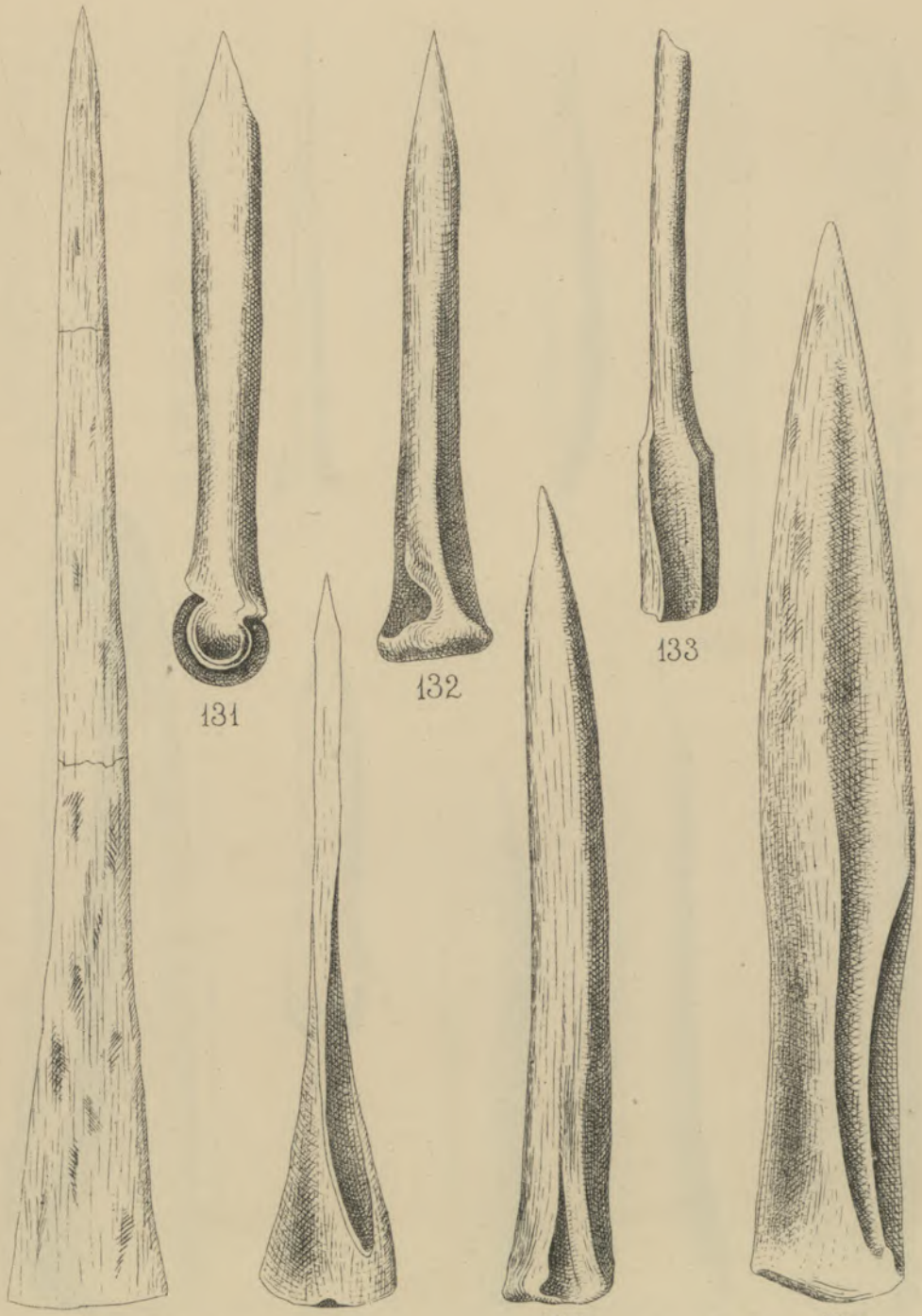
Natividade des.

129


130

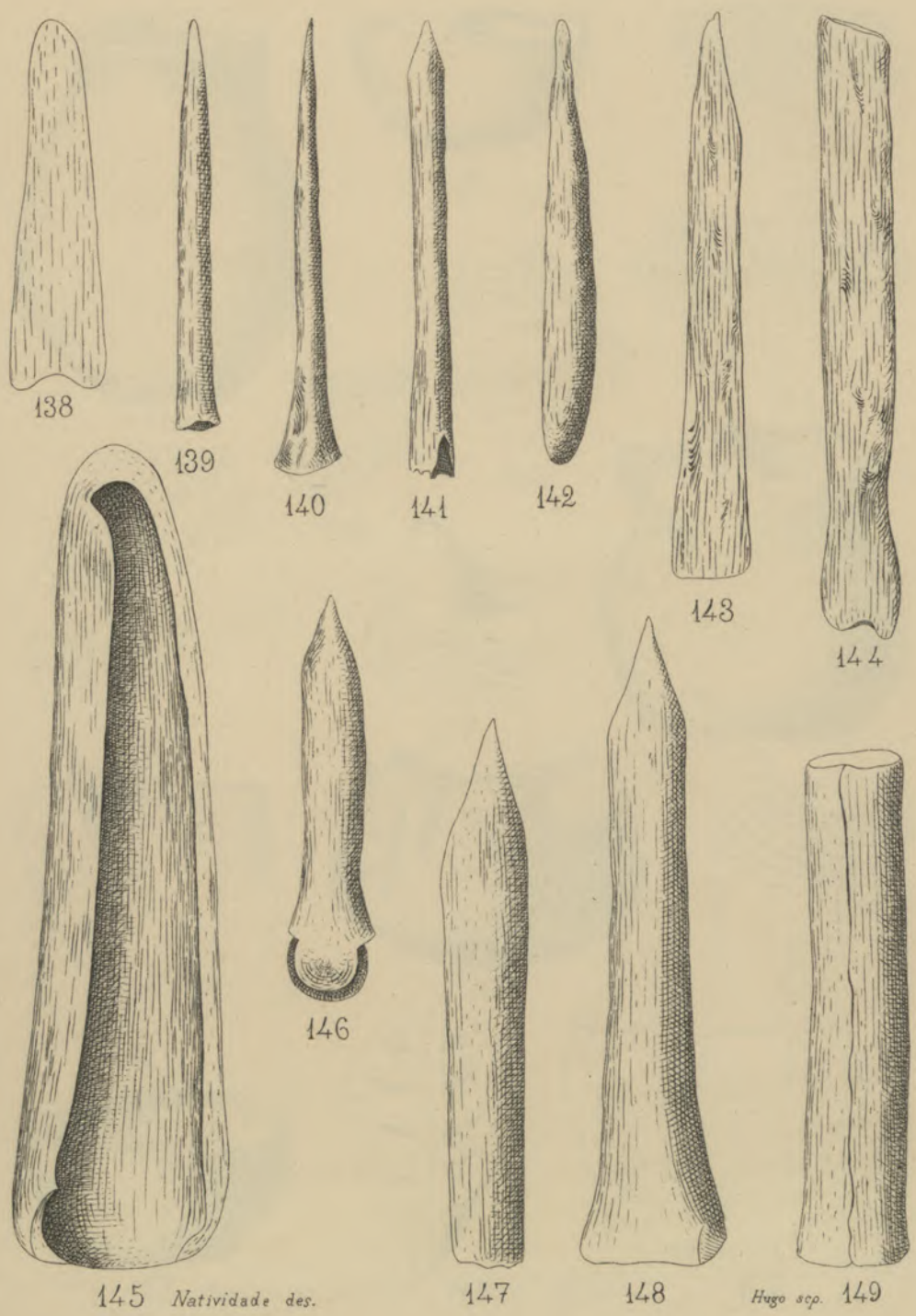
Hugo scp.

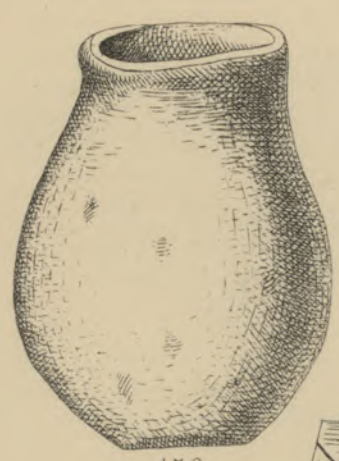




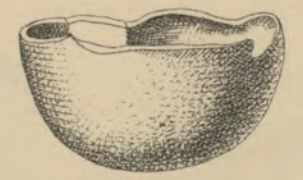
131 132 133

134 *Natividade des.* 135 136 *Hugo scp.* 137


138
139
140
141
142
143
144
146
145 Natividade des.
147
148
Hugo scp. 149

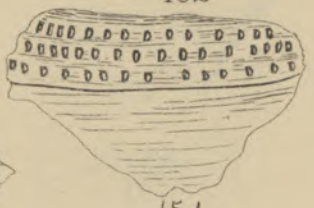


150



151

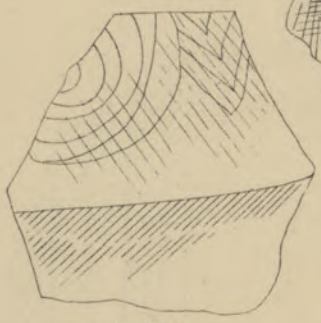
152



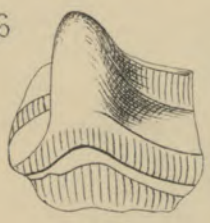
154

153

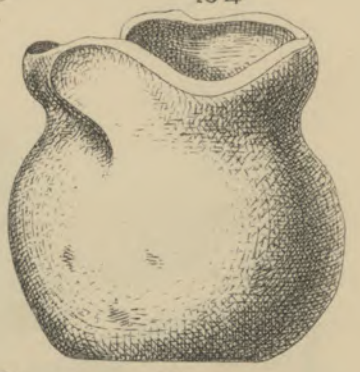
156



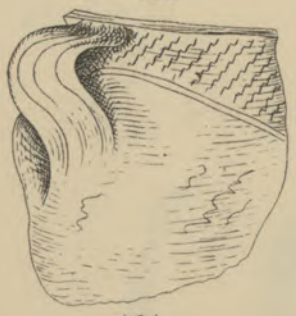
155



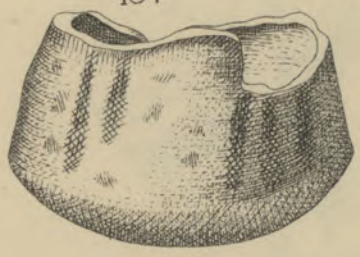
157



159



161

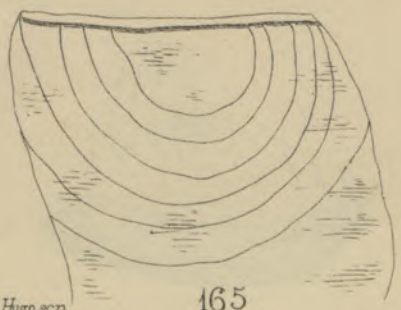


160

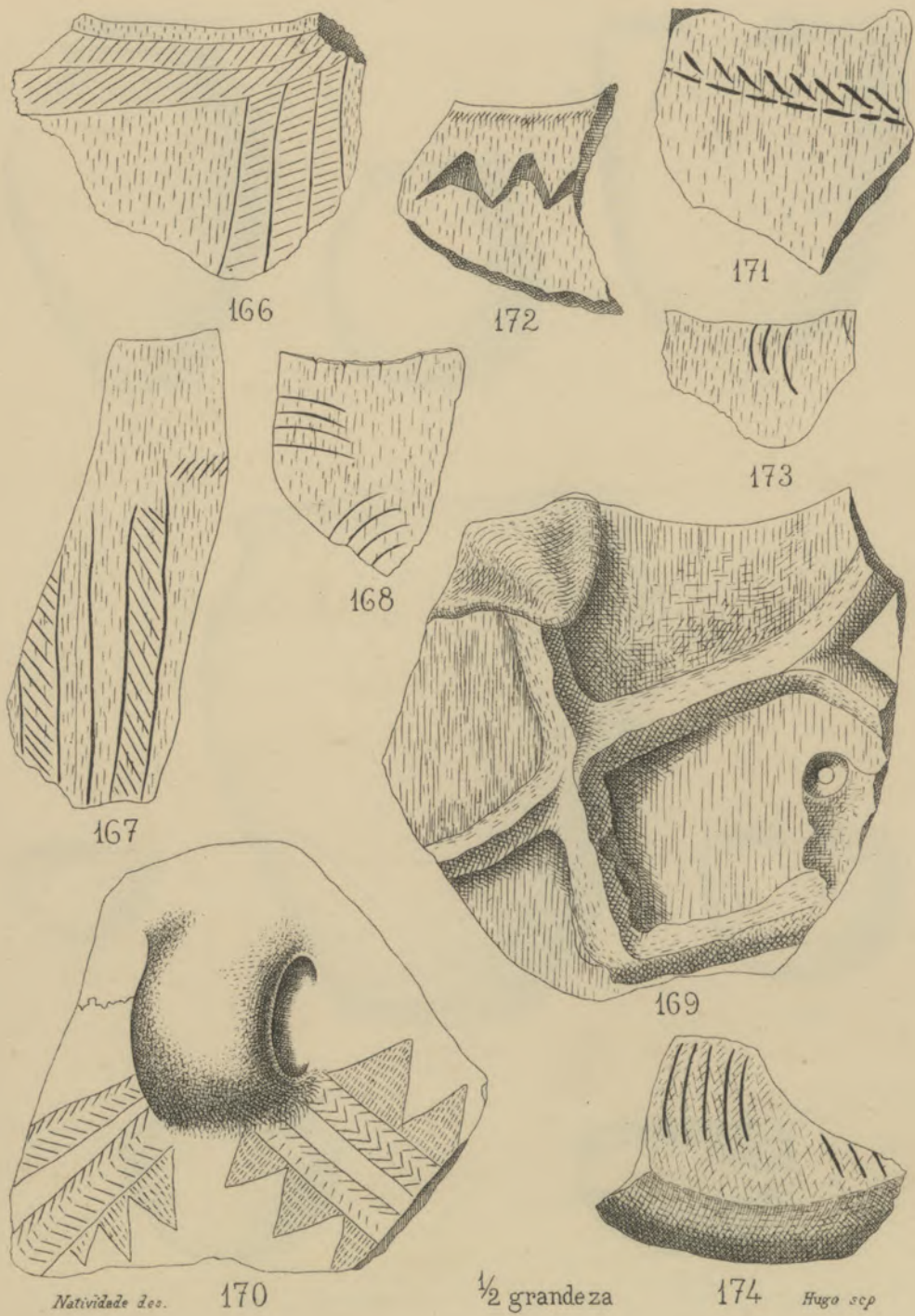
162

163 *Natividade des.*

164



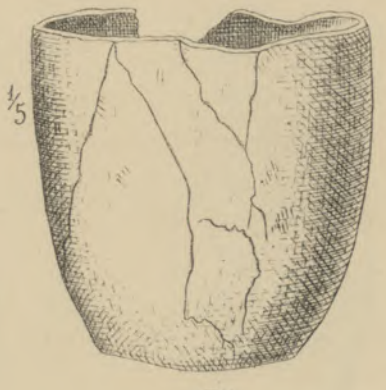
Hugo, sc.p. 165



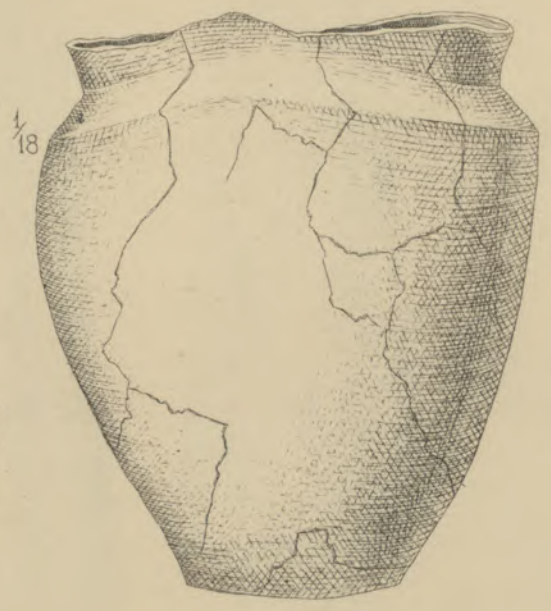
Natividade dec. ½ grandeza Hugo scp

175

179



176

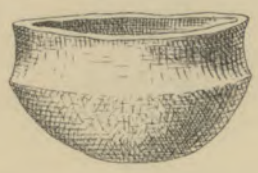


177

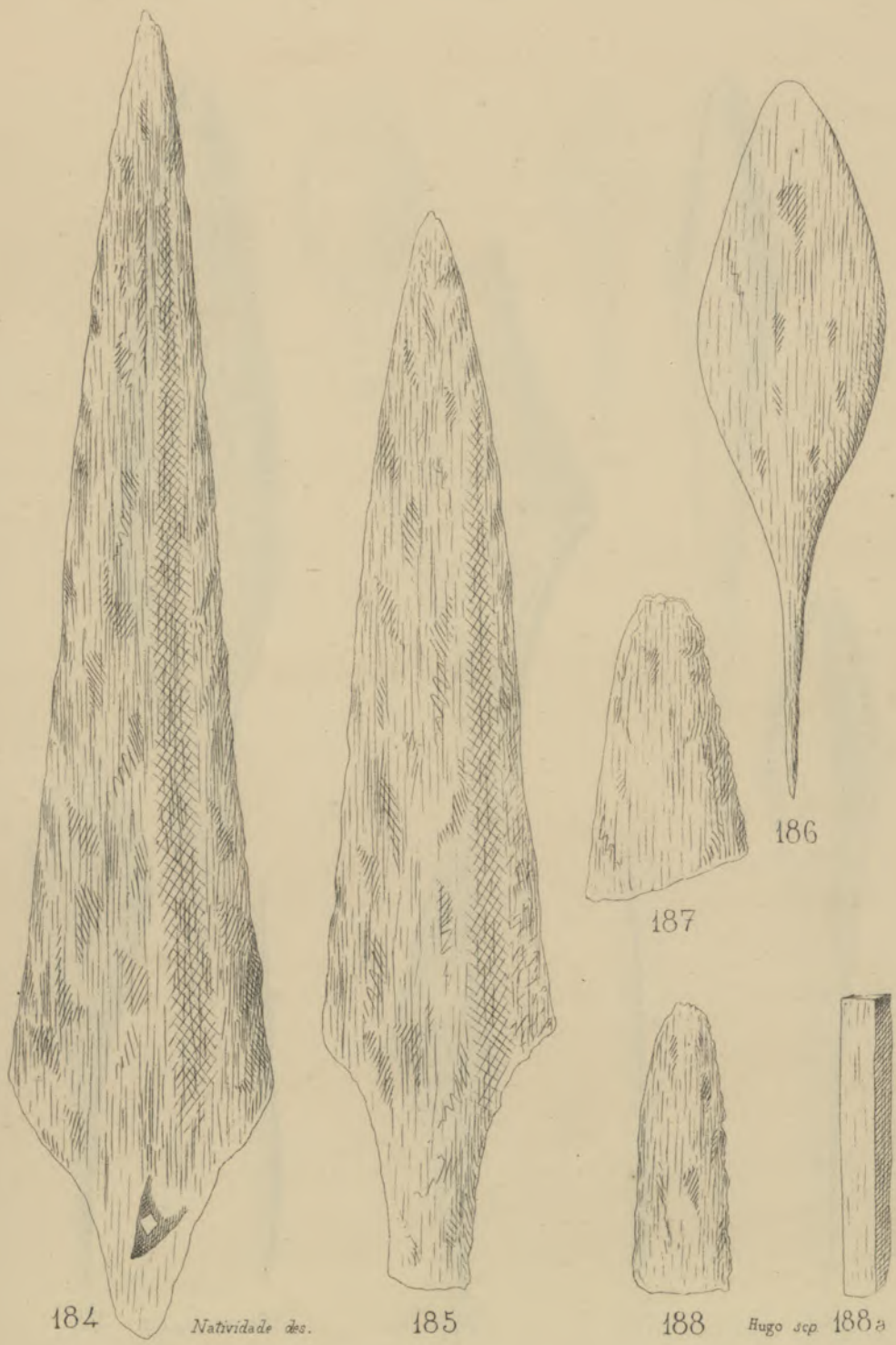
180

178

181 *Natividade des*



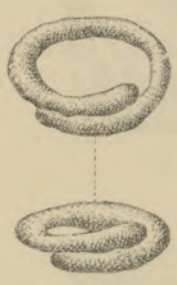
182 *Hugo sop*



184 *Natividade des.* 185 186 187 188 *Hugo scp* 188a

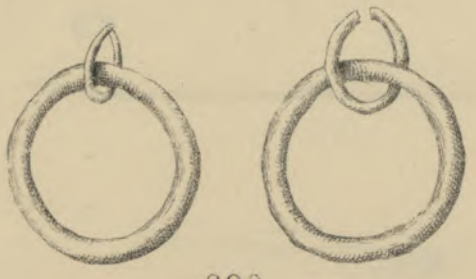
190
191
189
193
192
194
Naturalidade dez.
195
196
197
198

199



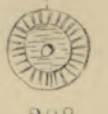
200

201



202

205



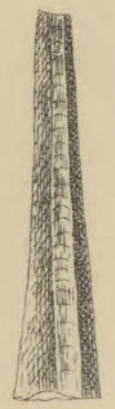
208

203 *Natividade del.*

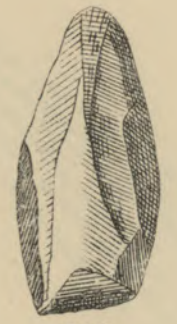
204

Hugo sc.

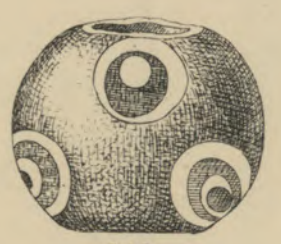
BNL



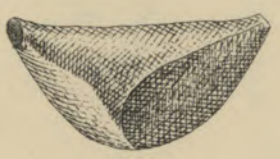
211



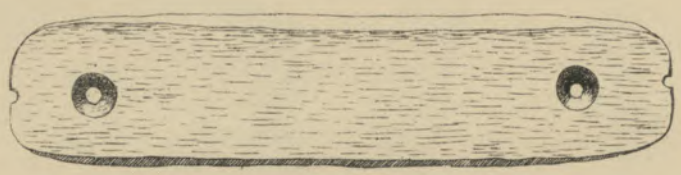
212



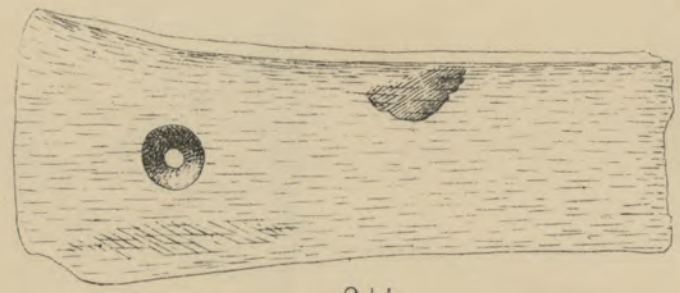
213



215

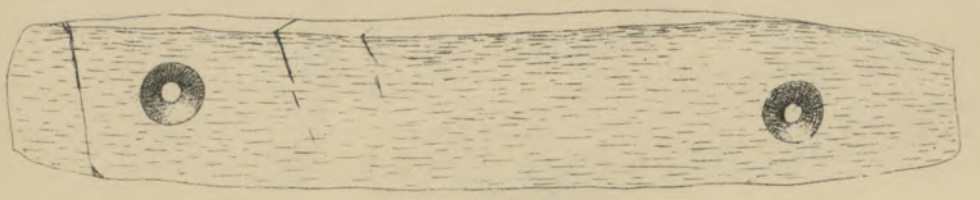


210



214

216



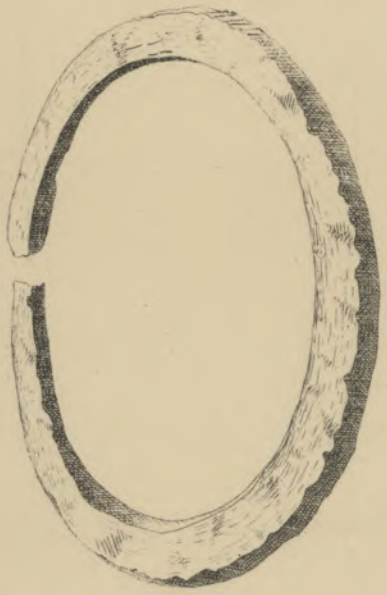
209

Natividade dec. *hugo scp.*

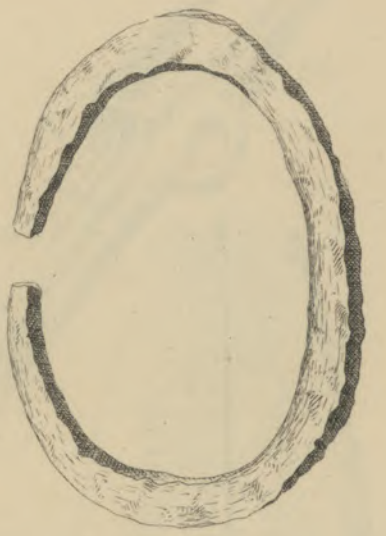
BDN

Natividade des.

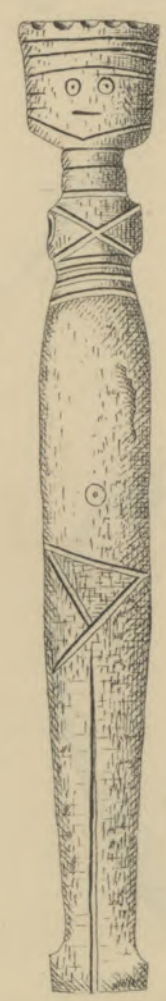
Hugo sc.



226



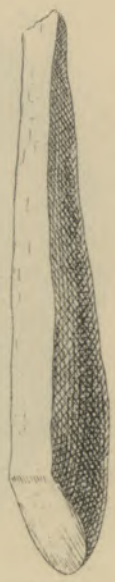
227



232

228

229



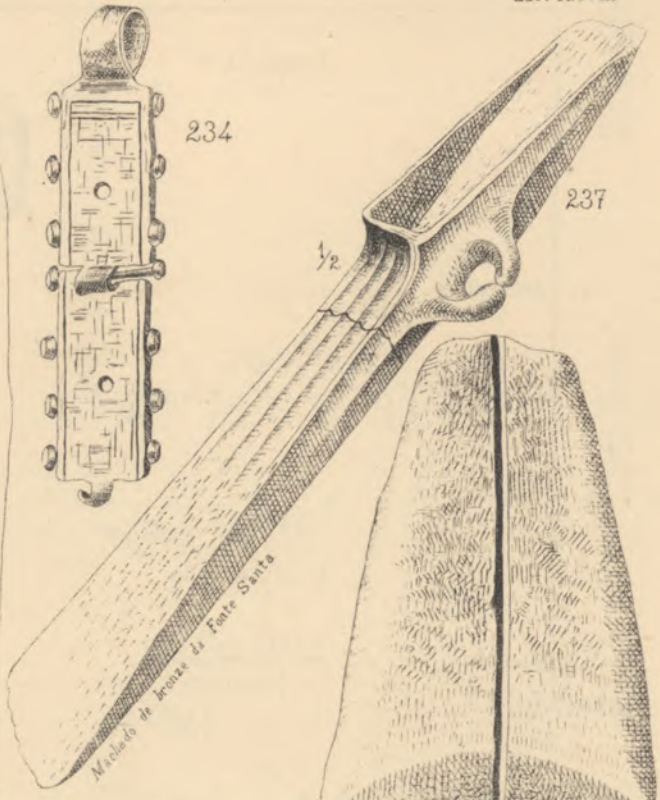
231

230

Natividade del.

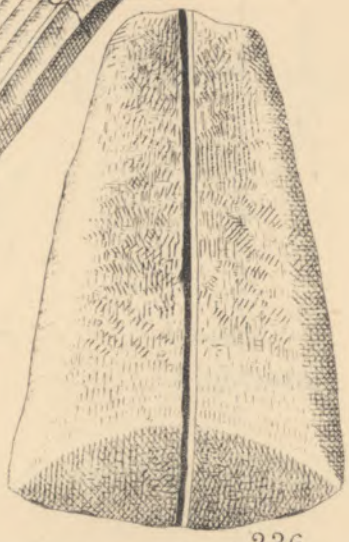
Hugo scp.

234

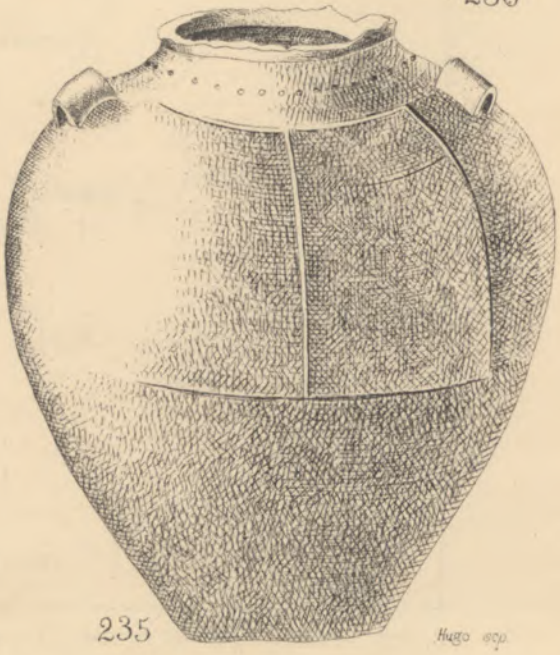


237

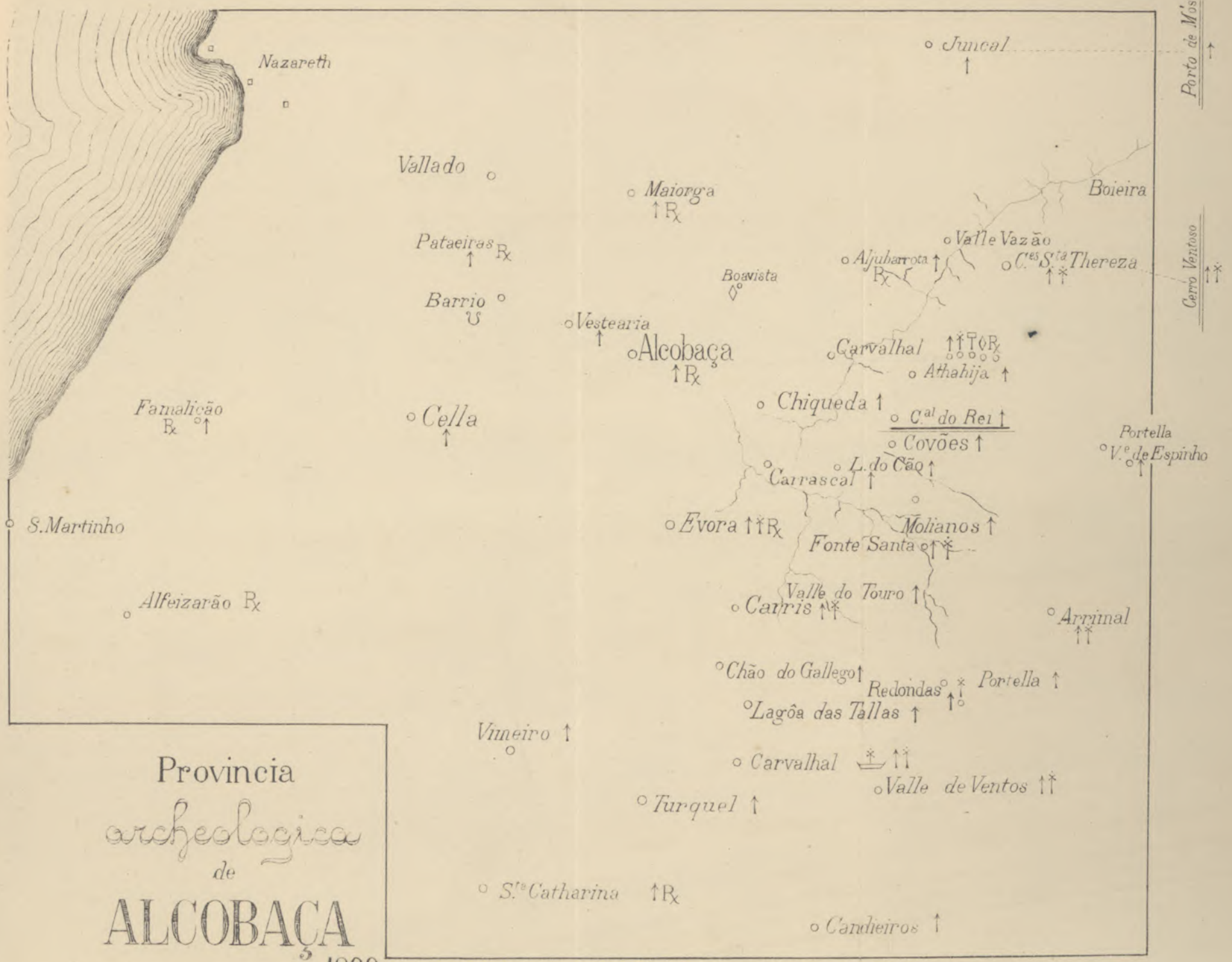
½



236



233 *Natividade des.* 235 *Hugo esc.*



Provincia archeologica de ALCOBAÇA 1899

↑ Neolithico. ⚹ Edade do cobre. ⚹ Sepultura da edade do cobre. ⊤ Edade do ferro. ∪ Celleiros subterraneos. Rx Vestigios romanos. ◊ Officina - Fundição

Natividade des. Hugo sc.

B
BZ

E emquanto o mais apto caçador por entre as asperezas da floresta abate os veados e os javardos, ou em demoradas pesquizas busca as raizes succolentas e condensa a provisão de fructos, outra aptidão, na gruta, fabricava pacientemente as armas precisas para a defeza da colonia.

E, entregue ao moroso e socegado trabalho das armas e dos utensilios, entra o cerebro nos dominios da phantasia, lança-se no campo das observações. Começa a vêr o sol que o aquece, a lua que o alumia de noite. Começa a escutar o som das tempestades, o fragor das correntes, a tristeza da morte.

Confunde tudo isso numa expansão mental, sem nitidez, onde não ha ainda a segurança da ideia, a analyse do facto, a conclusão do raciocinio.

E então começa a vêr, a estudar, a esperar. E cada observação, porque tudo é novo, traz um reconhecimento, e cada reconhecimento traz uma ideia, que é um passo seguro no caminho do futuro. Dessas observações, desses reconhecimentos vem a ancia de saber mais; e então no decorrer de extranhas phantasias destacam-se grosseiros esboços de sentimentos. Da abstracção do sonho vem a religião dos mortos, da abstracção da lucta vem a religião da Força, da gratidão surge a religião dos astros, a religião do fogo, a religião das arvores.

A religião dos mortos dá as grutas funerarias; a religião da força transforma em amuleto o canino das feras; a gratidão traz a adoração do sol que aquece, da lua que alumia de noite, da arvore que dá o fructo, a arma, e a sombra.

Da vaga confusão da vida objectiva e subjectiva desencadeiam-se erradas e mysteriosas interpretações, cujo alcance e documentos desapparecem á nossa analyse, escapam á nossa observação.

A instituição da familia, e a grosseira instituição da colonia, devem depois surgir, o que me parece estar documentado nas pequenas grutas de reduzido mobiliario, que deixam esquiçar, muito confusamente, formas imprevistas, talvez mesmo categorias sociaes. E então vejo desabrochar a primeira flôr da intelligencia humana na poderosissima poesia do sentimento.

Comprehendendo assim, parece-me ter indicado, com grande probabilidade, o grau ethnometrico do homem do Carvalhal.

Elementos de defeza

MACHADOS.—Não é longa a serie das armas com que o homem neolithico sahiu vencedor, com que assegurou e garantiu a sua tumultuosa existencia. A herança dos seus afastados, que era o simples machado de silex talhado, de um acabamento grosseiro, estava transformado num delicado objecto, rico de côres, gracioso de forma, e de facil manejo, attendendo ao seu peso.

As variadas rochas para essas armas de combate eram escolhidas pela resistencia, pela côr e pela facilidade do polido. Diversos schistos de côres variadas, algumas diorites, raras vezes granitos foram as rochas escolhidas. O schisto dava a resistencia requerida para uma arma, e facilmente um bello polido para os mais

exigentes. E assim estaria resolvida a forma de obter uma arma ao mesmo tempo boa e bella.

Os machados colhidos nas grutas, e o maior numero dos que se teem achado avulsamente em terras de Alcobaça são de mediano talhe, e o seu peso varia muito pouco de quinhentos grammas. Os grandes machados são tão raros, como os extremamente pequenos.

Os maiores e mais pesados succedem-se na ordem de peso, 1.310 grammas, 1.065, 935, 790, 760, sendo o terceiro de rocha dioritica achado na gruta do *Cabeço da Ministra* e os restantes colhidos avulsamente.

O que eu não sei é explicar as causas que concorreram para o abandono de tantas destas armas por todas as terras de Alcobaça. E phantasio então grandes luctas onde o homem seria vencido, por vezes devorado pelos grandes carnivoros. Vejo-o outras vezes fugindo amedrontado, abandonando tudo o que possa demorar-lhe a fuga, tudo o que possa prejudicar-lhe a agilidade.

PONTAS DE LANÇA. — Os quatorze exemplares de lanças de silex, da *collecção de Alcobaça*, referem-se a diversos typos e formas, como se pode vêr nos respectivos desenhos. Destacam-se entre ellas dois bellos exemplares, o n.° 2 do *Cabeço da Ministra* e o n.° 8 de *Valle do Touro*, que mais parecem pontas para desenho do que propriamente armas offensivas. A sua grande largura, que dava difficil e curta penetração, a espessura que dava uma arma pouco resistente, e o espaço perdido pelo processo de encabamento, fariam dellas uma arma de pequeno valor. E não só estes motivos, mas ainda o acabamento muito notavel de ambos os exemplares, faz-me suppôr que sejam instrumentos de desenho, quando ainda é certo que esses dois exemplares provieram de grutas onde existiam placas de schisto com gravura.

Todos os exemplares de lanças que possuo foram colligidas apenas em tres grutas, o que me leva a acreditar que ellas seriam difficeis de obter, ou que não seriam armas verdadeiramente indispensaveis no arsenal neolithico.

PONTAS DE FLECHA. — São noventa e quatro as pontas de flecha que colligi em cinco grutas, e entre ellas exemplares de um bello acabamento. Podem referir-se a muitos typos para um estudo comparativo, que neste momento pouco importa. Destacam-se bellas pontas com finissimo denticulado, e este repete-se tanto nas que foram obtidas por difficil apparelho ou demorado talhe, como nas que foram aproveitadas nas linhas iniciaes de fractura. O silex empregado varia muito de côr, desde o transparente ao leitoso da agatha, mais opaco, ou ao defumado mais carregado. A forma geometrica que serve de base a essas bellas reliquias é o triangulo, variando a base com o corte em crescente (figs. 14, 23, 24), ou ligeiramente pedunculada, (figs. 13, 15, 19, 22, 25, etc.)

Mais raros são os exemplares que teem por base o losango (fig. 21), que além de serem de extrema pequenez, não revellam preoccupação de acabamento.

O tamanho é muito variavel, e comprehende-se entre desenove e cincoenta e sete millimetros.

Apesar da grande quantidade de pontas de flecha da *collecção de Alcobaça*, noto que foram colhidas apenas em cinco grutas, o que me faz acreditar que ellas tambem não constituiriam armas indispensaveis ao homem do Carvalhal.

PONTAS DE FLECHA DE GUME TRANSVERSAL. — Foram achadas no *Cabeço da Ministra* e *Calatras* (alta), representadas em desenove exemplares, sendo as mais typicas as que vão figuradas nos n.os 28 a 39. Estas pequenas armas são sempre obtidas pela fractura de laminas de facas. Os n.os 28 e 33 parece satisfazerem as condições exigidas para os dois typos de pontas de flecha.

Instrumentos de trabalho

GOIVAS. — Só uma gruta, *Cabeço da Ministra*, forneceu um exemplar deste curioso instrumento. Outro foi achado avulsamente em terras de Alcobaça (Evora).

CINZEIS (?). — É variada a serie destes mysteriosos instrumentos, e o maior numero tem vindo de diversos pontos, havendo raros exemplares achados nas grutas.

ENXÓS (?). — É muito rica a collecção de Alcobaça. Uma grande parte achada nas grutas, outra colhida avulsamente em diversas localidades. O exemplar mais notavel pelo tamanho e pelo acabamento é o que foi achado junto de um bello instrumento de fibrolite. É de schisto negro e mede dezesete centimetros de comprimento, por cincoenta e tres millimetros de media largura. Demonstra não ter tido uso, assim como o instrumento de fibrolite que vae figurado.

NOVO INSTRUMENTO DE SCHISTO (?). — É muito notavel um novo instrumento de schisto repetido em tres exemplares na gruta de *Calatras*. Vae representado na fig. 231. Não acho referencia a instrumentos identicos nas notas que tenho sobre archeologia portugueza, nem o acho referido nos estudos estrangeiros. Não sei portanto se estamos em presença de uma forma typica de archeologia nacional, ou se isto será simplesmente uma variante da enxó.

BURÍS DE SILEX. — Não são muitos os exemplares que colligi; limitam-se a cinco, colhidos em duas grutas (figs. 51, 52, 53, 54).

RASPADORES DE SILEX. — São nove os mais nitidos e retocados, e foram fornecidos pelas grutas de *Cabeço da Ministra* e *Calatras*. São de diversos tamanhos, e foram classificados pela completa linha de retoques que originou a curva que os determina (figs. 55, 56, 57, 58). Tanto os *burís* como os *raspadores* podem considerar-se verdadeiramente typicos. A coloração do silex estende-se desde o mais leve rosado ao mais carregado ferruginoso.

Não parece haver nos raspadores uma clara intenção de talhe; parecem apenas aproveitados das diversas lascas de apparelho. Outro tanto não acontece com os burís em que parece haver o aproveitamento de laminas de desbaste de um nucleo de silex.

LAMINAS DE SILEX (FACAS?). — São muitas as dezenas de laminas de silex sem retoques. O que não colligi foi exemplares de grandes dimensões. As maiores attingem cento e quarenta millimetros. Continúa a variedade e riqueza de côres. As

laminas repetem-se desde as de desbaste grosseiro, irregulares, de espessa secção, até outras, onde a espessura é inferior a um millimetro. Reconhece-se aqui duas maneiras de operar: — a primeira obtendo laminas de espessa secção triangular, com falhas produzidas por contra-choques — *Lagôa do Cão*, — notando-se ainda nalgumas a linha aspera de desbaste; outra, a mais numerosa, obtendo laminas de secção trapesoidal, de pequena espessura, grutas restantes.

As laminas de silex deviam ser objectos verdadeiramente indispensaveis ao homem neolithico.

LAMINAS DE SILEX RETOCADAS. — Repetem-se em grande variedade nos dois typos de laminas, predominando as de secção trapesoidal. O mais nitido e intuitivo de todos os exemplares é o que appareceu na gruta de *Calatras* (alta) (fig. 66). Apresenta-se retocado em toda a sua extensão, notando-se uma graciosa curvatura que o distingue de todos os outros exemplares.

As laminas de silex retocadas e não retocadas foram achadas em maior ou menor numero em todas as grutas exploradas; e muitas houve que não forneceram outra especie de instrumentos. Estes instrumentos deviam ser de simples emprego na gruta — e, ao que parece, não seriam transportados, visto que em muitas grutas — *Cadoiço* (b), *Mosqueiros* (media), *Pena da Velha* (baixa), *Ervideira* (sul e norte), *Chiqueda*, *Valle da Figueira*, *Carrascal*, *Valle de Ventos*, *Valle de Espinho*, etc. — só achei algumas laminas de silex, algumas grosseiras lascas da mesma substancia, sem outra qualquer especie de instrumentos, a que ellas, geralmente, se acham ligadas. Em quasi todas appareceram raras lascas de silex grosseiramente fracturadas, que parece terem tido emprego, que desconheço. Não apresentam retoques nem aperfeiçoamento nas linhas iniciaes de fractura.

Um instrumento que pouco se repete na *collecção de Alcobaça*, é a lamina de silex retocada numa só aresta e num topo (figs. 59, 61), o que indica poder servir para dois usos diversos: o uso ordinario de lamina retocada, e o de raspador, com que se identifica essa maneira de retoques.

A grande quantidade de laminas de silex, partidas, que achei nas diversas grutas, affirma talvez, não só a sua fragilidade ao tempo do seu fabrico, mas, o que é mais, o seu aproveitamento. Em muitos casos reconhece-se que esses pedaços se transformaram em raspadores, especialmente as laminas de certa espessura, e portanto de requerida resistencia.

As laminas de silex de Alcobaça são motivo para um curioso estudo de especialidade, para o que se requer uma segura comparação com as de outras procedencias.

POLIDORES DE GRÉS. — Um pequeno polidor de grés foi colhido no *Cabeço da Ministra* e outro em *Calatras*.

Polidores de certa grandeza só foram achados na *Ervideira*.

POLIDORES DE SCHISTO. — Em todos os casos, excepto um, os polidores de schisto da *collecção de Alcobaça* são feitos de machados, em que o gume é mais ou

menos obliterado, ou, mais rigorosamente, com espessa secção do gume. Um só exemplar do *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) parece ter sido intencionalmente talhado para esse fim. Um só exemplar foi achado avulsamente. Reputo-os instrumentos dispensaveis para o homem neolithico, e parece que o seu apparecimento com constante applicação se deve referir ao alvorecer das edades metallicas. Nas *Redondas* foram achados dois exemplares.

INSTRUMENTOS DE OSSO.—LANÇAS OU PUNHAES.—Um só exemplar colligi no *Cabeço da Ministra*, e esse em perfeito estado (fig. 137).

FURADORES.—É muito variada, e com diversa forma e resistencia, a serie destes instrumentos, o que deixa suppôr a sua muito variavel applicação (figs. 135, 136, 147, 148, etc.)

POLIDORES.—Muitos exemplares colhidos em poucas grutas, mas com forma nitida a accentuada do seu fim (fig. 145). Outros exemplares da mesma e de inferior dimensão, na maior parte inteiros, definem com rigor a sua classificação.

AGULHAS.—Não consegui colligir nenhum exemplar inteiro, mas os pequenos e delgadissimos estyletes de osso que recolhi não parece terem pertencido a outra especie de instrumentos. Fig. 139, e outros da collecção.

ESPATULAS (?).—Quatro placas de osso e uma de ponta de veado, muito delgadas, polidas nas duas faces (figs. 138, 143, 144), constituem documentos que não posso seguramente classificar, visto que não posso, com alguma prababilidade, avaliar a sua applicação. Todas ellas foram fornecidas pela gruta da *Ervideira*.

ALFINETES COM COROA ORNAMENTADA.—Serão tratados no capitulo especial:—*Enfeites*.

Os instrumentos de osso não devem ter sido objectos de primeira necessidade, porque só os achei em cinco grutas. Ha o predominio de furador, que apparece em cinco, e, em ordem immediata, o polidor em duas. Os alfinetes com corôa ornamentada, só foram achados no *Cabeço da Ministra*, e as placas ou espatulas na *Ervideira*.

Ceramica

Mantem a constituição de grosseira pasta, como nas restantes estações portuguezas de que tenho conhecimento. Ha o predominio da simples loiça sem ornamentação, e dos restos que colligi no *Cabeço da Ministra* posso suppôr vasos com formas conhecidas. Esta supposição baseia-se em pedaços que dão a linha de altura, e as suas faceis reconstituições. Estas formas referem-se a todas as grutas, excepto *Redondas* e *Mosqueiros* (baixa).

A ornamentação apresenta-se apenas em duas grutas, *Cabeço da Ministra* e *Calatras* (alta), e ahi mostra ella uma certa riqueza de linhas, podendo variar em mais de vinte os diversos motivos de ornato.

Um vaso, excepcionalmente bello na forma é o que foi achado no *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) (fig. 159). Parece-me porem pertencer a um periodo mais avan-

çado, não só pela forma geral, mas pela particularidade do bico, que se relaciona com o typo geral de cadinho.

No *Cabeço da Ministra*, especialmente, colhi restos de grandes vasos, o que se documenta pelos pedaços de grande curvatura, e pela espessura das suas paredes. A excepção aberta a toda a ornamentação, é a que se refere a restos de um grande vaso, achado na mesma gruta. Era elle enriquecido com brincados cordões em relêvo, como se pode avaliar pela fig. 169. A bocca era recortada e as azas de curta extensão.

Quasi todos os vasos de certa grandeza apresentam perfurações em diversas alturas e por vezes no proprio fundo, e, noto, com bastante admiração, que esses orificios não foram abertos no acto do seu fabrico, mas posteriormente á sua cosedura. Todos indicam com a maior claresa um trabalho igual ao que se observa na perfuração das placas de schisto. Este facto parece indicar vagamente um uso inesperado em certa phase de desenvolvimento, por ventura agricola.

Enfeites

Um facto extremamente curioso se deve notar nas grutas de Alcobaça:—o apparecimento de objectos que podem considerar-se enfeites, apenas em quatro grutas das quarenta e duas exploradas. Os enfeites de valor, como as contas de ribeirite, rocha ainda hoje preciosa e de origem exotica, apenas foram achados em duas grutas: *Cabeço da Ministra* e *Calatras*. As outras grutas, *Pena da Velha* e *Mosqueiros* (alta) deram, a primeira algumas contas de vidro alterado, que suppônho de origem romana, a segunda um bracelete feito de uma testeira de *pectunculus*. Todos os outros objectos pertencem ao *Cabeço da Ministra* e *Calatras*.

Ora este exclusivismo de enfeites achados em grutas que estão rodeadas de muitas outras, e em que estes não appareceram, levam-me a acreditar que esses ornamentos seriam talvez o distinctivo de categorias sociaes, e tanto mais quanto é certo que na maior parte das grutas adjacentes acho um mobiliario pobrissimo em numero e qualidade.

Outra coisa, não menos importante, é a relação que existe entre estes enfeites e as placas de schisto com gravura. Apenas tres grutas deram as placas de schisto, e só uma, *Valle do Touro*, não deu contas de ribeirite, dando em compensação tintas para tatuagem. Haverá effectivamente no Carvalhal uma aristocracia esboçada, umas distincções relativas de governo, direcção, regalias, ou será tudo filho de um simples acaso? Não sei.

Estas observações devem repetir-se em outras estações portuguezas, e poder-se-á chegar a conclusões seguras, e avaliar com certa probabilidade uma nova nota ethnica do homem prehistorico. É certo que em poucas partes de Portugal se acharão grutas tão unidas, tão relacionadas, mas o estudo comparativo operado com rigor no que ha feito, e nas que possam apparecer, ha-de chegar a resultados que offereçam uma relativa segurança. Vejamos pois a variedade de enfeites:

CONTAS DE RIBEIRITE. — Appareceram no *Cabeço da Ministra* e *Calatras*, notando-se na primeira as contas de forma mais vulgar n.os 107, 109, 111, 123, 127, etc. e em *Calatras* as de formas mais caprichosas n.os 102, 103, 104, 105, 106, 113, etc. O numero 113 é notavel porque foi ornamentado com pequenos traços parallelos, succedendo-se em toda a sua superficie. As pequeninas placas triangulares n.os 102 e 103 e os pingentes n.os 104, 105 e 106 pertencem a *Calatras*.

CONTAS DE AZEVICHE. — As cinco contas de azeviche (figs. 119, 120 e 121), foram achadas no *Cabeço da Ministra*, repetindo-se dois typos muito distinctos, e havendo algumas muito alteradas.

CONTAS DE SCHISTO, OSSO E CALCAREO. — As contas de schisto (5), de osso (1), de calcareo (3), pertencem ao *Cabeço da Ministra*, e entre ellas ha duas de schisto de pequenissimas dimensões.

A gruta de *Calatras* (alta), além das curiosissimas formas apontadas, deu a notavel placa de espatho calcareo (fig. 128), e um pedaço de *pecten* (fig. 130), ambos com buraco para suspensão.

CONTAS DE QUARTZO HYALINO. — Foi só uma (fig. 117), achada em *Calatras* (media , a que já me referi. É uma preciosissima joia da arte neolithica e creio não existir outra em collecções de archeologia. Essa gruta, como já referi, parece-me ter sido a sepultura de um chefe.

PLACAS DE MARFIM. — No *Cabeço da Ministra* uma lasca de marfim (fig. 101), apresentando numa das extremidades dois cortes para suspensão. Numa das faces nota-se uma bellissima côr amarella.

BRACELETES DE PECTUNCULUS. — No *Cabeço dos Mosqueiros* (alta) foi achado o bello exemplar que vae figurado no n.º 94, e a que por mais de uma vez me tenho referido. Resto de outro bracelete identico foi achado no *Cabeço da Ministra*.

ALFINETES DE OSSO COM COROA ORNAMENTADA. — Estes curiosos objectos, em numero de sete, só appareceram no *Cabeço da Ministra*. Os typos mais notaveis são os que vão representados nas figs. 89, 90, 91, 92, 93. Em todos os casos, excepto um, acha-se a corôa separada da haste principal; é ella formada por um cylindro quasi sempre vasado, em cujo interior entra, com maior ou menor aperto, a parte principal do alfinete.

TATUAGEM. — A tatuagem deve ter sido praticada no *Cabeço da Ministra* e *Valle do Touro*. As côres vermelha, amarella e negra estão documentadas, porque todas se acharam no *Cabeço da Ministra*. O negro e o amarello perderam-se, mas o amarello repetiu-se em *Valle do Touro*. O vermelho era obtido pela *hematite terrosa*, o amarello pela *argilla ferruginosa* (occa). A côr negra é que não posso referil-a visto ter-se perdido durante a exploração do *Cabeço da Ministra*. Os blocos de hematite terrosa deixam vêr, nas suas diversas facetas, produzidas pelo gastamento contra uma superficie um pouco aspera, as estrias mais ou menos profundas que advinham desse trabalho.

O bloco de argilla ferruginosa, do *Valle do Touro*, está quasi todo envolto em espessa patina calcarea, e deixa vêr numa das suas faces uma funda cavidade, produzida, ao que parece, pelo movimento circulatorio dos dedos a fim de operarem deslocamento de substancia.

Religiosidade (?)

PLACAS DE SCHISTO COM GRAVURA. — Apenas tres grutas das que tenho explorado em terras de Alcobaça, forneceram placas de schisto, e essas, excepto uma, sempre incompletas. *Cabeço da Ministra*, *Calatras* e *Valle do Touro*. Na primeira arrancaram-se diversos typos que vão representados nos n.os 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86 e 87, algumas das quaes abrem excepção ás que tem sido achadas em outras estações portuguezas.

Calatras deu o n.º 88, e um outro pedaço sem ornamentação, e *Valle do Touro* o n.º 89, que é o unico exemplar que tenho achado inteiro.

Convem notar que as placas n.os 78 e 81 teem gravura nas duas faces; no primeiro exemplar repete-se a parte inferior, sensivelmente indicada pela linha de fractura, no segundo repete-se, em tudo identica, a outra face.

Já tive occasião de me referir ao n.º 78, em que me parece vêr uma representação zoomorpha, provavelmente humana.

PEDAÇOS DE ESPATHO CALCAREO. — São muito interessantes os curiosos pedaços de espatho calcareo, n.os 211, 212, 215; no n.º 215 parece-me vêr esboçado um grosseiro crescente, e o n.º 212 apresenta, como o primeiro, diversas superficies de gastamento, ou para lhe dar forma especial, ou para deslocar substancia. O que porém me levou a aggrupar aqui estes objectos foi a nitida intenção que presidiu á formação do n.º 211. Apresenta elle, como se vê, uma figura conica muito alongada e levemente truncada, e mantem todos os signaes de trabalho para lhe ser dada aquella forma, incluindo ligeiras facetas em toda a extensão.

CANINOS DE FERAS E PONTAS DE VEADO COM BURACO PARA SUSPENSÃO. — N.os 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101. Foram achadas em diversas grutas de Alcobaça: — *Cabeço da Ministra*, *Calatras*, *Ervideira*, *Mosqueiros*, e em muitas outras encontraram-se sem buraco para suspensão, e sem peças osteologicas dos animaes a que pertencem. Só a Ervideira forneceu a ponta de veado perfurada.

Os dentes de urso foram achados na gruta da *Lagôa do Cão*, sem buraco de suspensão, é certo, mas sem peças osteologicas que tornem a sua estada casual.

Em todos estes preciosissimos objectos vejo eu documentos seguros de uma extincta religião. E essa religião: — a religião da *Força* [1] — vou esboçal-a num lar-

---

[1] Devido ao espaço limitado que me foi concedido nesta revista, reservo para o extracto deste trabalho (publicado em *separata*) a exposição desenvolvida das minhas observações, em um capitulo especial — *A religião provavel.*

go parenthesis, por ser uma maneira individual de vêr e observar. Acceite ou não, pouco importa ao meu fim. E as minhas observações hão-de — com o que me darei por muito feliz — fazer com que em futuras explorações se ligue mais importancia a esses curiosos objectos.

EDADES METALLICAS

É cedo ainda para fazer seguras affirmativas sobre este periodo, tão pouco nitido na *provincia archeologica de Alcobaça*. O que no entretanto posso affirmar, é que a região do Carvalhal de Aljubarrota, não foi a mais querida dos homens da edade do cobre. A preferencia, então, parece manifesta em toda a zona hoje occupada por *Carris*, *Fonte Santa*, *Redondas*, *Chão do Gallego*, *Lagôa das Tallas*, *Carvalhal de Turquel* e dahi até á parte norte da freguezia da Benedicta; e depois de largo espaço nos *Casaes de Santa Thereza*, talvez *Athahija de Cima*, *Carvalhos* e *Porto de Mós*.

Os meus subsequentes trabalhos, depois de um reconhecimento seguro dessas regiões, lançarão alguma luz sobre esta minha hypothese.

—

VARIA

MACHADOS PEQUENOS E MACHADOS COM BURACO PARA SUSPENSÃO — NOVO TYPO

É notavel o numero de machados pequenos que reuni na *collecção de Alcobaça*, e muito notavel tambem o seu acabamento, especialmente nos de fibrolite. Ha como que um requinte de linhas nos pequeninos machados desta rocha.

Vem de longe a discussão sobre o valor destes micro-instrumentos, e varía a opinião sobre o seu valor de armas votivas, simples amuletos, ou instrumentos de trabalho de applicação que hoje seria difficil determinar. Só as condições do achado podem definir, com certa probabilidade, o destino dessas delicadas joias.

Dos quatorze pequenos machados existentes na minha collecção noto haver: seis de fibrolite, um de calcareo jurassico, e sete de schisto; e, de todos, seis achados em grutas: — *Cabeço Rastinho* 2, *Cabeço da Ministra* 1, *Calatras* (alta) 2, e no *Cabeço dos Mosqueiros* 1. Dos restantes, sete vieram da região de Turquel, e só um foi achado em Vestiaria (fig. 71), região onde, aliás, não abundam instrumentos neolithicos.

Procedendo ao estudo comparativo do deposito das grutas, notei que os dois machadinhos n.ºs 72 e 74, achados na gruta do *Cabeço Rastinho* estavam ligados a uma lança de cobre; que o que foi encontrado no corte externo do *Cabeço da Ministra* (fig. 68), pertencia á zona em que achei objectos de bronze, e que só os de *Calatras* e *Mosqueiros* se não acham ligados a instrumentos metallicos, embora não estivessem a profundidade que torne a sua origem absolutamente neolithica.

Por outro lado, os sete, e por ventura dos mais notaveis, vieram da região

de Turquel, que foi a preferida pelo homem das edades metallicas, como a necropole do *Chão do Gallego*, as sepulturas do *Carvalhal de Turquel*, os machados de cobre de *Valle de Ventos*, e, de uma forma mais positiva, a gruta das *Redondas*.

Além de tudo isto temos ainda o machado perfurado, achado por Carlos Ribeiro numa das grutas do Cabeço de Turquel, e a elle ligados instrumentos neolithicos, especialisando uma esculptura em barro — uma porca — que, com o restante mobiliario, se acham depositados no museu anthropologico de Lisboa.

A pequena esculptura de barro, achada numa gruta tão nitidamente encravada numa região onde os caracteristicos metallicos são tão evidentes, parece-me perder de vez todas as probabilidades da sua origem suspeitamente neolithica, e muito especialmente quando não existem documentos que esclareçam as condições do achado.

Esta esculptura, assim como o machado perfurado, encontrados na mesma gruta, parece-me pertencerem á nota ethnica a que pertencem os pequenos machados encontrados nas grutas que descrevi, e á dos restantes achados avulsamente em terras de Alcobaça.

A forma mais curiosa de machados que conheço é a que se acha realisada no n.º 236, que supponho ser unico em collecções de archeologia. Ainda a substancia escolhida foi a fibrolite, e muito cuidado o seu acabamento. Apresenta nas duas faces, como se vê no desenho, dois gornes no sentido da altura, interceptando o gume. Esses gornes em angulo agudo $\vee$, de nitidas arestas, deixam bem claramente vêr o fim especial a que eram destinados: — suspenso por um fio, e, com toda a certeza, sem destino ao mais leve trabalho. O facto deste curioso instrumento ser achado em Famalicão de Alcobaça, região onde rarissimas vezes se descobrem vestigios neolithicos, mas onde até certo ponto apparecem documentos romanos, leva-me, por sua vez, á segura conclusão de que pertence a um periodo de civilisação mais proximo do que o neolithico, ou seja a uma forma ethnica comprehendida entre as edades metallicas e os esboços da civilisação romana.

Parece-me, pois, estar resolvido, quanto a terras de Alcobaça, que os pequenos machados, e outros com buraco de suspensão, não pertencem claramente ao periodo neolithico mas sim a plenas edades metallicas, do cobre evidentemente.

Por tudo o que expuz julgo-os objectos de culto, e por ventura o traço que ligou as velhas armas de pedra á crença quasi universal de que o machado era um producto do ceu. Do mysterioso da superstição, de não cahir um *raio* onde estivesse outro, não se deve excluir a ideia, como forma sobrenaturalmente e poeticamente obrigatoria, de cada um ter em casa esse objecto de culto: — maneira identica á que mais tarde levou á casa do catholico a forma da cruz para afugentar o diabo.

Mas seja qual fôr a origem da crença, é ella ainda hoje do dominio do nosso povo, e com tanta evidencia que muitas e muitas vezes tenho luctado para arrancar um machado das mãos do seu possuidor, que não se quer privar de tão precioso amuleto.

Alcobaça, 1900.

M. Vieira Natividade.

A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS

CAPITULO TERCEIRO

Os proverbios em geral

I

Referindo-se á crença na immortalidade da alma, diz Cicero que póde invocar-se a favor della o testemunho de toda a antiguidade, porque como estava mais proxima de seu nascimento e progenie divina via talvez melhor o que era verdadeiro: «quae quo propius aberat ab ortu et divina progenie, hoc melius ea fortasse, quae erant vera, cernebat». [1] Essas palavras encerram o reflexo abrandado dum conceito que se encontra nos philosophos gregos acerca das origens da humanidade.

Fallam esses philosophos duma sabedoria primitiva que teria sido revelada aos homens por Deus ou pelos deuses, talvez por intermedio dalgum Prometheu, naquelle primeiro periodo em que elles se achavam em condições de perfeição, nesse periodo mythico que os gregos chamavam o reinado de Kronos e o poeta latino «Saturnia regna», a que succedera o reinado de Zeus, em que os mortaes ficaram entregues á sua sorte e a cubiça innata em sua alma deu ao mundo nova direcção, indo-se obscurecendo de cada vez mais a lembrança daquella antiga sabedoria; mas a misericordia divina não abandonou de todo os infelizes e deram-lhes as artes e as leis e aos reis incumbiu a funcção de pastores d'homens que os deuses tinham declinado e os justos buscaram imitar no lar domestico e no estado a vida do periodo de Kronos. Platão, que, baseado sem duvida em dados tradicionaes, nos deu desse supposto processo historico uma poetica pintura, Aristoteles e

---

[1] Cicero, *Tuscul.* I, 12.

outros philosophos antigos apontam como ensinos daquelle tempo primitivo (*πάλαιοι λόγοι*) diversos principios acceitos e desenvolvidos nas suas especulações. [1] Para o estagyrita os proverbios eram fragmentos da velha sabedoria que pela sua commoda brevidade se salvaram das calamidades de que foram victimas os homens. [2] A invenção de varias dessas tradições era doutro lado attribuida a Homero, a Hesiodo e aos sete sabios.

Já na antiguidade se tinham manifestado ideias muito diversas das de Platão, acerca das origens humanas. Lucrecio, no quinto livro do seu poema *De rerum natura*, em que expõe os principios da philosophia epicurista, dá daquellas origens um quadro muito mais d'accordo com as concepções que hoje predominam. Muitas especies que a natureza creou nos primeiros tempos desappareceram por lhes faltarem qualidades que na lucta dumas com outras lhes deram predominio, como a força ao leão, o ardil á raposa (ideia da selecção natural). O homem a respeito de cujo apparecimento o poeta não se explica, vivia selvaticamente sem leis, nem costumes, tendo por armas as pedras; pouco a pouco produz a linguagem, inventa as industrias e artes, levado dos proprios impulsos da sua natureza e guiado pelos phenomenos que em torno delle observa: assim o raio, ou a producção do fogo pela fricção dos ramos duma arvore agitada pelo vento, levaram os seres da nossa especie a produzir artificialmente o lume.

Muitos seculos deviam decorrer até que essas quasi divinações se justificassem nos seus pontos essenciaes e conseguissem levar de vencida as lendas, interessantes sem duvida, que se lhes oppunham. Perante a prehistoria e a historia como hoje se entendem é inadmissivel o estado paradisiaco supposto primitivo e o que os antigos philosophos tomavam por vestigios avulsos duma sabedoria revelada naquelle estado supposto, consideramo-lo apenas como resultados d'acquisições lentas da humanidade anterior, na sua marcha multisecular, manifestações successivas do desenvolvimento da consciencia e da reflexão do homem sobre si e o que o rodeava; não como philosophemas duma sabedoria clara no começo e depois obscurecida, mas como impulsos, tanto mais obscuros quanto mais antigos, para uma concepção do universo. Os mythos não tinham vindo turvar o conceito primitivo e puro da divindade, com a sua anthropomorphisação, que era já um progresso sobre phases religiosas anteriores; os philosophos é que pretenderam attribuir ao pobre homem primigeno, profundamente mergulhado no concreto, o conceito mais abstracto que iam formando da divindade. Mas essas conquistas do pensamento scientifico de modo nenhum são oppostas a uma nova concepção idealistica do universo, o que fica fóra do meu plano mostrar.

Na Grecia apparecem já proverbios em Homero, mais numerosos em Hesiodo; alguns eram attribuidos aos sete sabios, ao oraculo delphico, como o famoso

---

[1] Sobre essas ideias dos antigos, vid. Otto Willmann, *Geschichte der Idealismus*, I (Braunschweig, 1894), pagg. 1-36 e especialmente 1-18.

[2] Aristotelis *Fragmenta*, ed. Aemil-Heitz (Paris, Didot, 1886), pag. 31 (de Synesii, *Encom. Calvit*, c. 22).

γνῶθι σεαυτόν (conhece-te a ti mesmo), μηδὲν ἄγαν (ne quid nimis). Demetrio de Phalerio (IV seculo a. Chr.) colligiu os apophthegmas dos sete sabios, alguns dos quaes vivem ainda como proverbios. [1] Na boca do povo grego tomava o proverbio muitas vezes a forma do verso chamado peremiaco. Os poetas cultos alargaram em hexametros muitos proverbios. Aristoteles escreveu um livro (perdido) sobre o assumpto e houve depois muitos colleccionadores do genero. A mais completa collecção que chegou até nós decorre do sophista Zenobio, que professou em Roma no tempo do imperador Adriano, collecção que é um epitome das compilações anteriores de Didymo de Alexandria (I sec. a. Chr.) e de Lucillo de Tarra. Os proverbios reunidos por Zenobio foram postos em ordem alphabetica para uso escolar e com duas outras collecções formaram um *Corpus paroemiographorum*. [2]

O proverbio diverge em principio da sentença pela sua forma popular, viva, pela grande extensão do seu dominio e diversidade de suas applicações, não sendo muitos de conteudo moral; emquanto a sentença é de forma litteraria, muitas vezes mais desenvolvida que o proverbio (dá-se tambem nalguns casos o contrario) e predominantemente moral. A sentença reveste não raramente a forma d'enthymema, emquanto o proverbio tem mais o caracter de synacolutho, de axioma. Mas o que se chama nalguns auctores sentença (gnoma), ou dito agudo (apophthegma) surge muitas vezes na tradição como proverbio, sem modificação essencial ou apenas com forma diversa; por isso quem estuda os proverbios não pode deixar de considerar aquelles outros productos mais litterarios.

Nos mimos romanos, apesar da grosseria e obscenidade que nelles predominava, era costume introduzir (como na comedia grega) proverbios e sentenças moraes.

M. Porcio Catão (234-149 a. Chr.) organisou uma collecção de sentenças e ditos agudos para uso de seu filho: «multa multorum facete dicta, ut ea quae a sene Catone collecta sunt, quae vocant apophthegmata». [3] Segundo Plutarcho essa collecção comprehendia propriamente ditos agudos (apophthegmas) e sentenças (gnomologias). [4] A Julio Cesar attribuiu-se uma collecção de apophthegmas [5] ou «dicta collectanea». [6]

Q. Sexto Niger, no tempo d'Augusto, deu a forma de sentença a conceitos do pythagorismo, em lingua grega, com espirito monotheistico e ascetico, que lhes valeu uma christianisação pelas mãos de Rufino d'Aquileia (345-310 a. Chr.) [7]

---

[1] As sentenças attribuidas aos sete sabios acham-se em MULLACH, *Fragmenta philosophorum graecorum*, (Paris, Didot), t. I, pagg. 212-236.

[2] Varias edições até LEUTSCH e SCHNEIDEWIN, *Paroemiographi graeci* (Gottinga, 1839-51). W. CHRIST, *Geschichte der griechischen Literatur* (Nördlingen, 1889), pagg. 116, 569 e seg.

[3] CICERO, *de officiis*, I, 29, 104. W. TEUFFEL, *Geschichte der römischen Literatur* (Leipzig, 1875), § 121, 5.

[4] PLUTARCHO, *Cato maior*.

[5] CICERO, *ad familiares*, IX, 16, 4.

[6] SUETONIO, *Caesar*, c. 56. TEUFFEL, *ob. cit.*, § 195, 5.

[7] O que resta em grego em Mullach, *Fragmenta philosophorum graec.*, I, 522; o *Enchiridion* de Rufino, *ibid.* pagg. 523-531.

Com o nome de Catão foi redigida pelo III ou IV seculo uma collecção de sentenças moraes com caracter monotheistico, mas não christão, que teve na idade media um grande exito, sendo um dos livros mais lidos nas escolas e traduzido em muitas linguas, até orientaes. O nome de Catão foi-lhe dado só, ao que parece, para indicar o valor do seu conteudo; devido talvez a um *qui pro quo* figura tambem com o titulo de *Dionysii Catonis disticha de moribus ad filium*. Nada prova a existencia dum tal Dionysio. Cada sentença consta de dois hexametros; mas houve redacções parciaes monostichas. [1]

Já no seculo I e. Chr. um amador collecionou sentenças attribuidas ao mimographo do seculo anterior Publio Syro. Aulu Gellio [2] cita 14 monostichos como desse Syro. Houve muitas redacções e collecções diversas dessas sentenças, pela maior parte provavelmente para uso escolar: Seneca diz: «pueris sententias ediscendas damus». [3] Acham-se os monostichos em ordem alphabetica, só com respeito á primeira lettra; na idade media, antes do seculo IX, perdeu-se a segunda parte (lettras N a V), que foi substituida por sentenças tiradas da collecção do Pseudo-Seneca *de moribus* e ao todo deu-se então o titulo de *Sententiae* ou *Proverbia Senecae*, com que gozou de bastante reputação. Achou-se de novo a parte extraviada, talvez pelo seculo X, e foi reunida á outra collecção por um copista. Nas antigas impressões, a começar na editio princeps de Erasmo (Argentorati 1515), foram mais ou menos separadas as diversas partes. [4]

---

[1] Tenho presentes as seguintes edições: CATONIS *Disticha moralia cum scholiis Des. Erasmi Rot.* Lugduni, 1552; DION. CATO, *Disticha de moribus*, etc. Amst. 1759 (com traducções metricas em grego, inglês, allemão, hollandês e francês); e a ed. critica mais recente: BAEHRENS, *Poetae latini minores*, vol. III (Lipsiae, 1881), pagg. 205-235. TEUFFEL, *ob. cit.*, § 24.

Os *Distichos de Catão* foram um dos livros mais usados para o ensino elementar do latim, na peninsula, até ao seculo XVI inclusivé. Na carta de D. Pedro I, de 22 d'outubro de 1357, diz-se que os bachareis e escolares não leiam em suas pousadas e outros logares... salvo de partes ou de regras ou de *gaton*, ou de cartula ou destes liuros meores e nom de outros maiores... Vid. GABRIEL PEREIRA, *O livro Verde da Universidade de Coimbra* em *Boletins de Bibliographia portugueza*, II (1882, agosto, n.º 8, pagg. 225-243), pag. 230. Nesse passo trata-se só de livros menores: *gaton* é *Catão; partes* são o *Doctrinale* de Alexandre de Villedieu, conhecido por essa denominação na idade media: *quatuor partes Alexandri* ou simplesmente *quatuor partes* ou *partes* (cf. Fr. Aug. Eckstein, *Lateiniches und griechische Unterricht*, Leipzig, 1887, pag. 57). É ineptissima a interpretação de *partes* no cit. doc. por *Summa theologica* de S. Thomas, dada numa volumosa *Historia da Universidade*, escripta com ignorancia de coisas elementarissimas da historia geral do ensino. Pela expressão *regras* deve entender-se a *Grammatica* ou *Ars minor* de Donato e não o *Quicumque vult*. Sobre os *Distichos* na Hispanha, vid. D. José Amador de los Rios, *História crítica de la literatura española*, II, 238-9.

[2] A. GELL., *Noctes atticae*, XVII, 14.

[3] SENECAE *Epist.*, XXXIII, 7.

[4] Varias edições dos seculos XVI a XIX, sendo as mais importantes e recentes as de ED. WÖLFFLIN (Lipsiae, Teubner, 1869) e Wilhelm Meyer (ibid., 1880). Tenho á mão a seguinte: L. ANNAEI SENECAE ac P. SYRI MIMI, *forsan et aliorum singulares sententiae et studio et opera Jani Gruteri*, etc. (Lugduni Batavorum, 1727). TEUFFEL, *ob. cit.*, § 212, 4.

Das cartas de Seneca extrahiram-se sentenças que se juntaram aos *Proverbia Senecae per ordinem alphabeticum*, pela maior parte em senarios, em manuscriptos medievaes.

O *Liber de moribus*, attribuido ao mesmo escriptor romano, contem extractos desse genero misturados com sentenças doutras origens, algumas christãs; a collecção, contendo ao todo 145 gnomas, tinha já em 567 a forma em que é conhecida, e serviu, como já disse, para substituir a segunda parte das sentenças de Publio Syro. [1]

Na antiguidade não se organisaram collecções de proverbios latinos propriamente ditos; mas os auctores latinos apresentam espalhados nos seus escriptos muitos verdadeiros proverbios, que pelo renascimento, no seculo XVI, começaram a ser reunidos e commentados, conjunctamente com os gregos. É bem conhecida a grande collecção iniciada por Erasmo e enriquecida successivamente. [2]

Na Biblia (Antigo e Novo Testamento) ha, além da collecção de sentenças chamadas *semelhanças (meshalim)*, *parabolas* ou *proverbios* de Salomão, muitos proverbios espalhados.

Teem-se tambem colligido proverbios de muitos outros povos, quer cultos, quer incultos, de modo que a bibliographia do genero é hoje muito vasta, não havendo sequer uma obra em que ella se ache indicada de modo bastante completo. Os proverbios pertencem ao que pode chamar-se os pensamentos elementares dos povos (*Völkergedanken*, de Adolf Bastian). Os mesmos themas ou themas analogos reproduzem-se nelles a distancia no tempo e no espaço.

II

Nos mais antigos monumentos da litteratura portuguesa, os *Cancioneiros* dos seculos XIII e XIV, apparecem já alguns proverbios, [3] designados alli nalguns casos expressamente pela denominação de *verво* ou *verво antigo*:

> E, porem, diz o verv'antigo:
> a boy velho non busques abrigo. [4]

Alguns desses proverbios, incluindo o que contém o segundo verso citado, persistem, ainda que algumas vezes modificados, em a nossa tradição.

---

[1] WÖLFFLIN, *ob. cit.*, pagg. 136-148. TEUFFEL, *ob. cit.*, § 289, 10. Desenvolvi um tanto esta noticia da bibliographia das sentenças latinas, porque em obras portuguesas se teem propagado varios erros sobre o assumpto.

[2] Vi, entre outras, a seguinte edição: *Adagiorum Des. Erasmi Roterdami Chiliades quatvor cvm sesquicenturia, Parisiis*, 1579, fol.

[3] Colligidos por CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS em *Revista lusitana*, I, (Porto, 1887), pagg. 69-72.

[4] *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 1.162.

Nos escriptores do seculo xv tambem se colhem alguns proverbios, p. ex., em Fernão Lopes:

Quem seu cam quer matar raiva lhe põe nome. [1]

que mais tarde foi colhido da tradição oral com a mesma forma.

Gil Vicente incluiu nas suas obras varios proverbios, e o mesmo fizeram outros escriptores do seculo xvi, sendo as comedias de Jorge Ferreira de Vasconcellos as composições dessa epocha que maior numero nos offerecem, e que apesar disso ainda não foram bem exploradas.

Nos seculos xv e xvi a denominação mais frequente dos proverbios é *exemplos*. D. Duarte empregou o termo para designar uma especie de parabola ou allegoria, como no *enxempro do spelho, manta e pandeiro* [2] e o *das duas barcas*, [3] sentido analogo a um que tinha o grego μῦθος, e no sentido de adagio, proverbio: «E na conversaçom dos amygos o que se fez em mudança das condiçoões mostrasse per aquel enxempro

vay hu vaaes, com quaaes te achares, tal te faras. [4]

Roquette, nas suas notas ao *Leal Conselheiro*, adduz os seguintes passos de auctores do seculo xvi:

Porque diz o exemplo antigo:
— Quando te dão o porquinho,
Vae logo co'o baracinho. [5]

Que vai de Pedro a Rodrigo!
Bem diz o exemplo antigo
— Que os dedos não são iguaes! [6]

aos quaes se poderiam juntar outros como o seguinte:

«*Philotecnia.* Nem com toda a sede ao cantaro, nem com toda a fome ao cesto.
«*Hippolyto.* Sempre me vem com exemplos que não armão». [7]

É áquelle seculo que pertence a primeira colleccionação propriamente dita dos nossos proverbios, que se encontra todavia na obra dum hispanhol, o famoso commentador grego, Hernan Nuñez de Guzman, fallecido em 1553. [8] Essa obra é uma collecção de proverbios em differentes dialectos peninsulares, etc. Seguem-se no seculo xvii as collecções dos padres Delicado [9] e Bento Pereira [10] e no seculo xviii

---

[1] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. 101.
[2] D. Duarte, *Leal Conselheiro*, ed. Paris, 1842, pagg. 418-20.
[3] Idem, *ibid.*, pagg. 447-8.
[4] Idem, *ibid.*, pag. 223.
[5] Gil Vicente, *Obras*, ed. Hamburgo, II, 466.
[6] Sá de Miranda, *Poesias*, ed. de Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Halle, 1885), pag. 233.
[7] Jorge Ferreira de Vasconcellos, *Ulysippo*, act. I, sc. 2.
[8] Hernan Nuñez, *Refranes ó Proverbios en Romance*, 1.ª ed. 1555. Tenho presentes as de Madrid, 1602 e 1619. Vid. G. Ticknor, *History of the Spanish Literatur*, vol. III (London, 1863).
[9] Antonio Delicado, *Adagios Portuguezes reduzidos a logares communs*. Lisboa, 1651, 4.º.
[10] P. D. Benedictus Pereyra, *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum et lusitanum digesta*. Tenho presente a 10.ª ed. Ebora, 1750.

as series incluidas pelo padre Raphael Bluteau no seu *Vocabulario*, reunidas depois em volume pela casa editora de Roland. [1] Tem pouco interesse para o estudo da paremiologia portuguesa a *Feira d'anexins* [2] attribuida a D. Francisco Manoel de Mello.

As investigações folkloricas, bastante extensas, que desde Garrett se teem feito em Portugal, deixaram muito de lado o ramo paremiologico, que, como se vê, foi aliás o primeiro que mereceu attenção entre nós; pouco mais ha que mencionar neste periodo além duma collecção de 166 proverbios publicada pelo snr. J. Leite de Vasconcellos com o titulo pomposo de *Paremiographia portuguesa*, [3] e um *Florilegio de proverbios, adagios, rifões, anexins*, etc. [4] pelo snr. A. Thomás Pires e algumas collecções de proverbios agricolas, topicos e do calendario, de que farei menção mais abaixo. Bom numero de proverbios das collecções dos snrs. Vasconcellos e Pires estavam já colligidos nos repositorios acima mencionados, mas ha sempre vantagem em determinar a persistencia desses elementos da tradição. Não tem todavia importancia a indicação do logar em que se recolheu um proverbio, não havendo nelle referencia local e estando tão generalisado como o seguinte, por exemplo,

Foi ao vento, perdeu o assento,

de que o snr. L. de Vasconcellos diz, como de quasi todos os outros por elle reunidos, onde o ouviu. Quasi todos os que dá com essa referencia são tão vulgarisados e correntes ainda hoje como os acompanhados da nota *passim*.

Ha, além doutras publicações relativas aos nossos proverbios, de mais diminuto interesse, um livro do seculo passado em que se reuniram muitos proverbios e dizeres populares [5] e um volumezinho destinado, ao que parece, a maior vulgarisação do conhecimento desses productos tradicionaes. [6]

Sirvo-me no presente estudo desses diversos subsidios e duma larga colheita directa na tradição, em que achei, ao lado de muitos proverbios já publicados por investigadores precedentes, por vezes com variantes, muitos ineditos ou ainda não reunidos em collecção. Para evitar a multiplicidade de citações só excepcionalmente indico as fontes, em regra muito accessiveis. Não é minha intenção ser completo nas series que apresento, nem tão pouco fazer um estudo dos nossos proverbios dos

---

[1] *Adagios, proverbios, rifões e anexins da lingua portugueza, tirados dos melhores Autores Nacionaes e recopilados por ordem Alfabetica*, por F. R. L. E. L. Lisboa, 1780. Sirvo-me da ed. de 1841. O compilador metteu no livro varias sentenças litterarias e procedeu geralmente com mau criterio.

[2] D. Francisco Manoel de Mello, *Feira d'anexins*. Edição revista e dirigida por Innocencio Francisco da Silva. Lisboa, 1875.

[3] *A Justiça portugueza*, II anno, (Porto, 1881), n.os 120-22, 135.

[4] *O Elvense*, n.os 348-65.

[5] Manoel Joseph de Paiva, *Infermidades da lingua*. (Lisboa, 1759).

[6] *Philosophia popular em proverbios*, n.º 45 da *Bibliotheca do povo e das escolas*. (Lisboa, 1882).

diversos pontos de vista de que podem ser considerados, mas sim examiná-los principalmente dentro dos limites do meu assumpto especial.

Direi ainda mais algumas palavras sobre a terminologia do objecto, da qual se teem occupado diversos auctores, nossos ou alheios.

Adoptei o termo *proverbio*, de introducção litteraria, por estar muito generalisado, achando-se entre nós antiquados nesse sentido *vervo* ou *verbo*, o mais antigo, e *exemplo;* temos, porém, a expressão *ditado*, que o povo emprega correntemente, no sentido de *proverbio*. A palavra *refrão*, *rifão*, em hispanhol *refran*, passou da França para a nossa peninsula na idade media e significa em a nossa poesia dos seculos XIII e XIV o mesmo que hoje *estribilho;* em francês derivou-se do verbo *refraindre* (de latim *refrangere*) e significa pois fundamentalmente «o que se reflecte, repete»; [1] não tem portanto nada que ver com lat. *referendo*, como entre nós se tem asseverado varias vezes. O termo *refrão*, *rifão*, designou «o que anda na bôca do povo, dito vulgar, murmuração acerca dalguem»; o seu sentido é pois mais largo do que o de *proverbio*, pelo qual os hispanhoes usam de preferencia *refran*. [2] A expressão *adagio*, do latim *adagium* é puramente erudita. A forma latina não deriva, como se tem pretendido, de *ad agendum*, do verbo *agere*, «fazer»; mas sim duma raiz *ag* (em sanskrito *ah*), com o sentido de dizer, que apparece em latim em *a-io* (perda de *g* antes de *i* consoante), em *n-eg-o*, *ind-ig-i-ta-menta*. [3] *Adagio* é synonimo de *proverbio;* Littré pretende que o primeiro termo significa uma sentença directa, que não implica nem metaphora, nem parabola (por exemplo: «Quem me avisa meu amigo é»); emquanto o proverbio pode ser e é muitas vezes uma sentença revestida duma metaphora ou a condensação duma parabola (por exemplo: «Furtar gallinha | apregoar rodilha»; «Amigo, amigo, | de longe te trouxe um figo, | apenas te vi, comi-o»). Não insistirei mais sobre a differença desses termos, ácerca dos quaes muito se tem dissertado, e muitas vezes em vão.

III

Não é indifferente para o presente estudo a questão ou antes questões respeitantes á origem dos nossos proverbios, que podem reduzir-se ás seguintes principaes:

São elles herança dum passado mais ou menos remoto, no todo ou em parte?

---

[1] DIEZ, *Etym. Wörterbuch*, I [3], 345; LITTRÉ, *Dict.*, s. v. *refran*.

[2] Num proverbio, colhido por HERNAN NUÑEZ, *Refranes* (ed. 1619), fl. 33 v., entra a palavra *refrão* no sentido de *ditado*, etc.: «Diz o refrão: | lá vão os pés | onde quer o coração». O povo emprega muitas vezes antes dum proverbio a expressão: «Lá diz o ditado» ou: «Como o outro que diz»; ou ainda: «Uma comparação», que tem emprego mais largo, precedendo tambem verdadeiras comparações, e até palavras que não são proverbio nem comparação.

[3] W. CORSSEN, *Über Aussprache, Vokalismus und Betonung der lateinischen Sprache*, I [2] (Leipzig, 1868), pag. 90, etc.

Terá cessado por completo desde mais ou menos longo tempo a capacidade de producção nova de proverbios?

Se os proverbios são, pelo menos em parte, herança de passado mais ou menos remoto, a quaes dos elementos ethnicos que se cruzaram em o nosso solo ou a que povo que tenha influido em o nosso desenvolvimento mental devemos attribuir a maior parte na sua transmissão?

São os proverbios producto dos espiritos cultos ou do espirito popular, ou devemos admittir aqui uma acção reciproca?

Ha muitos proverbios de que nem a *materia*, incluindo nesta a ideia e os objectos referidos, nem a *forma d'elocução* (prosa ou verso e rima) nos permittem tirar qualquer inferencia chronologica. Está nesse caso o seguinte:

Entre a bigorna e o martello (*ou* o malho),

que se applica aos que estão soffrendo muito, aos que se acham num grande perigo. A comparação com o proverbio latino: «Inter malleum et incudem» [1] leva á muito natural conjectura de que o nosso seja apenas uma traducção delle ou antes o resultado duma lenta transformação, desde o latim vulgar da peninsula até ao português hodierno. A palavra *bigorna*, do adjectivo latino *bicornis*, substituiu *incus*, não se sabe em que epoca; *martello* devia ter existido no latim vulgar, substituindo *martulus*, que se encontra em Plinio. [2]

Temos um outro proverbio, de sentido analogo ao d'aquelle de que nos occupamos:

Entre a cruz e a caldeirinha

que traz nos objectos referidos *cruz* e *caldeirinha* a indicação de que é posterior ao periodo pagão e parece ser, não uma simples traducção nova per simile diverso da ideia do primeiro (os sentidos dos dois não são realmente os mesmos), mas uma invenção nova do periodo christão.

Diz-se ainda, com sentido semelhante:

Entre a espada e a parede.

Uma expressão proverbial como

Bullas do grão turco

traz em si ainda mais limitada a indicação do periodo em que deve ter nascido.

---

[1] «Jam quoddam est apud nationes tritum vulgi sermone proverbium, ut de iis qui anxietatibus et ingentibus malis premantur, dicunt inter malleum et incudem». ORIGENES, *Homilia ad Hieremiam*.

[2] PLINII *Hist. nat.*, VII, 56 (57).

O proverbio

O papagaio treme maleitas,
Porque lhe não dão amendoas confeitas,

offerece uma serie de indicações interessantes para a investigação, como o nome mesmo da ave, que foi conhecida na antiguidade classica sob o de *psittacus*, [1] mas sem duvida pouco vulgarisada. O nome *papagaio* é provavelmente uma formação medieval. Apparece-nos no *Cancioneiro da Vaticana:*

E o papagai dizia:
«Bem, por quant'eu sei, senhora». [2]

A ave é mencionada pelos poetas provençaes, que escrevem *papagai*, *papagay*, *papaguai* ou *papaguay*. [3] Não sei quando se começaram a preparar em Portugal *amendoas confeitas*. Os franceses chamam a essas amendoas, *amandes pralinées* ou simplesmente *praline*, que Ménage, repetido neste ponto por Littré, disse derivar do «sommelier du maréchal Duplessis *Praslin*», o qual teria sido o primeiro a preparar taes amendoas. Até que ponto será exacta essa informação? [4] É muito acceitavel a supposição de que o proverbio de que nos occupamos nascesse nos tempos modernos, depois que o papagaio se vulgarisou entre nós, em consequencia das navegações para a Africa, Asia e America. Abstrahindo dessas indicações materiaes, e considerando a forma do proverbio, esta pelo seu caracter metrico, pela rima, mostra não poder remontar além da idade media. Contando em *papagaio* quatro syllabas, em *dão amendoas*, tres, temos dois versos de nove syllabas; a rima *confeitas* e *maleitas* não podia ser latina, pois *confeitas* vem de latim *confectas* e *maleitas*, segundo propôs J. Cornu, [5] de *maledictas;* as duas palavras só poderiam ter rimado depois de transformações que deram ao latim vulgar do nosso territorio um aspecto que já chamariamos português. A *materia* e a *forma* convergem para nos fazer classificar de *moderno* o proverbio alludido.

Consideremos outro exemplo e seja elle o seguinte:

Arrufos de namorados | são amores dobrados,

que, emquanto á forma, podemos considerar como um verso cujo primeiro hemisti-

---

[1] Em ARISTOTELES, *Hist. anim.*, 8, 12: ψιττάκη, em ATHENEU, *Deipnosoph.*, 649, c, etc. ψίτταχος; PLIN., *ibid.*, x, 42 (58) e outros: *psittacus*. A expressão «Ψίτταχος Ἰνδέστιος» foi proverbial para designar os papagueadores.

[2] *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 137 (D. Diniz); ed. Henry H. Lang., pag. 51.

[3] RAYNOUARD, *Lexique roman*, IV (Paris, 1844), pagg. 412-13.

[4] Charles de Choiseul, conde do Plessis-Praslin, marechal de França, viveu de c. 1563 a 1626. O proverbio português do *papagaio*, de que se trata, apparece já em HERNAN NUÑEZ, *Refranes*, (ed. 1619), fol. 83 v. Viria já na 1.ª edição?

[5] JULIUS CORNU, *Die portugiesische Sprache* (do *Grundriss der romanischen Philologie*, herausg. von G. Gröber, I), pag. 60.

chio tem oito syllabas, com o ultimo accento na setima (sendo pois igual a um verso de redondilha maior) e o segundo sete syllabas, com o ultimo accento na sexta, rimando os dois hemistichios. É tambem uma fórma medieval, romanica, embora os metros das linguas romanicas tivessem antecedentes na poesia popular dos romanos e na christã dos ultimos tempos do imperio; a palavra *arrufar* tem um radical germanico *raufa*, — só pode portanto ter chegado ao nosso territorio depois de 408 da nossa era; mas o proverbio citado corresponde tão de perto pelo sentido a um romano que se é inclinado a considerá-lo como uma fórma nova deste, que é o seguinte:

Amantium irae, amoris integratio est. [1]

Temos pois criterios a que recorrer para a chronologia, pelo menos relativa, dos nossos proverbios, sem podermos pretender determinar essa chronologia para todos, como já nos avisa o que se disse a respeito do que falla da «bigorna e do martello»; demais a chronologia limitar-se-ha, sem duvida, á forma, em muitos casos.

A importancia daquelles criterios resaltará melhor da sua applicação a um numero consideravel de proverbios, ordenados segundo a natureza das referencias materiaes ou formaes que encerram.

A. REFERENCIAS CHRONOLOGICAS MATERIAES

1. Referencias religiosas, ecclesiasticas, que permittem oppôr proverbios christãos aos pagãos:

a) Referencias a Deus, a Christo, á Trindade:

Deixar fazer a Deus, que é santo velho.
Rogar a Deus, que é santo velho.
A quem pede não o ouve Deus.
Quando Deus queria | do norte chovia.
Deus os fez, Deus os ajuntou.
Dá pelo amor de Deus
Aos que teem mais bens que os teus.
Deus, assim como dá a doença, dá a medicina.
Quando Deus não quer, | santos não rogam.
Melhor é um pão com Deus | que dois com o demo.
Tudo acaba, menos amar a Deus.
Guar-te dos asos | e guardar-te-ha Deus dos peccados.
Deus te veja vir | com as pernas a bolir.
Deus te dê o que falta, | que é o folle e a gaita.
Mais passou Nosso Senhor no Algarve.
Mais pode Deus que o diabo.
Trabalhemos e roguemos,
Que Deus fará com que alcancemos.
Quem erra e se emenda,
A Deus se encommenda.
Deus não castiga com ambas as mãos.
Deus castiga sem pau nem pedra.
Guardado é o que Deus guarda.
Quem dos seus se aleixa, | a Deus leixa. [2]
Querer um Deus para si, outro para os mais. [3]
Quando Deus queria, | ao longe cuspia,
Agora que não posso, | cuspo aqui logo.
Deus lhe metta a mão no coração.
Inda Deus está onde estava.
Lá se avenha Deus com o seu mundo.
Não ha que fiar em Deus em tempo d'inverno.

---

[1] Terentii *Andria*, act. III, sc. 6.

[2] J. Ferreira de Vasconcellos, *Ulysippo*, act. I, sc. 3.

[3] Idem, *ibid.*, sc. 1: «Quereis hum juiz pera vos, outro pera os outros».

Benza-te Deus, meu Jorze (sic).
Guarde-o Deus de carne de pardal.
Guarde-o Deus lá no Barreiro.
Deus te dê saude | pelo agasalho da burra, | que ficou toda a noite á chuva.
Deus escreve direito por linhas tortas.
Febre hemitriteus | não a cura senão Deus.
O que perde Christo, | ganha o fisco.
Tão bom é o Padre, como o Filho, como o Espirito Santo.
A cada canto | seu Espirito Santo.
Não desesperes do adjutorio divino, | nem da mulher do teu vizinho.

Em logar subsequente mencionarei outros proverbios que se referem a Deus.

b) Referencias aos santos, ou geraes ou individuaes:

Emquanto temos saude, | quedos estão os santos.
Por amor dos santos | se beijam os altares.
Aos parvos apparecem os santos.
Pelos santos novos, esquecem os velhos.
Rogar o santo | até passar o barranco.
O rio passado, | o santo não lembrado.
Palavras de santo | e unhas de gato.
Para santo só falta lavar-lhe os pés e pô-lo no altar.
A bom santo encommendaste.
De pae santo | filho diabo.
Levantar-se com o santo e a esmola.
Para baixo todos os santos ajudam.
Vae-te com Deus e S. Miguel com as almas.
Zelou S. Matheus | e primeiro pelos seus.
Ver e crer como S. Thomé.
Andar com alguem, Santo Antoninho onde te porei.
Até ahi S. Agostinho.
Não ha sermão sem S. Agostinho,
Nem panella sem toucinho.
Bem está S. Pedro em Roma, | se elle tem que coma.
Ficar como o pae de Santo Antonio.
A melhor mostarda (*ou* salsa) é a de S. Bernardo.
S. Brás te afogue, | que Deus não pode.
Santa Anna a velha, rebocada de novo.
Para (*ou* no) anno de S. Cerejo.
Dia de S. Nunca á tarde. [1]

c) Referencias ao diabo:

Nos *adagios, proverbios, rifões*, etc., publicados pela casa de Roland acham-se reunidos numerosos proverbios com referencias ao diabo (demo, demonio); como exemplos, reproduzo os dois seguintes que conteem mais uma allusão religiosa:

A cruz nos peitos, | e diabo nos feitos.
Contas na mão | e o demonio no coração.

Ha varias locuções que alludem aos anjos, como: «Estar com os anjinhos», que se diz de quem dorme; «anjo papudo»; «comer papos d'anjos»; mas não encontrei proverbio propriamente dito que se refira a essas entidades.

d) Referencias a cargos, profissões ecclesiasticas, religiosas:

Rei por natura, | papa por ventura.
Tanto morre o papa | como o que não tem capa.
Não faltará rei que nos mande,
Nem papa que nos excommungue.
Ir a Roma e não vêr o papa.
Asneira que fez o senhor bispo.
É melhor ser bispo | que andar nisto.
Como canta o abbade, assim responde o sacristão.

---

[1] Tem o mesmo sentido dos dois ultimos proverbios os seguintes: «Para a semana dos nove dias», vestigio de remotissima divisão do tempo e «Quando as gallinhas tiverem dentes», sentido identico ao do classico: «Para as calendas gregas». Ha proverbios com referencias a festas de igreja em que occorrem tambem nomes de santos (vid. infra).

O abbade donde canta | dahi janta.
Ao medico, ao advogado e ao abbade,| fallar verdade.
Bom abbade, | missa á tarde.
Diz o prior da aldeia | que quem fez os borrões que os leia.
Tudo é vento, | se não ha rei ou prior em convento.
Não chora o penitente, chora o padre Brás.
Padre na aldeia, | cante e leia.
Arroz para a musica, | bacalhau para o prégador.
Bens (*ou* dinheiros) de sacristão | cantando vem, cantando vão.
As migalhas do frade muitas vezes sabem bem.
O ladrão que anda com o frade
Ou o frade será ladrão,
Ou o ladrão será frade.
Bem o prega Fr. Thomás,
Todos façam o que elle diz
Mas ninguem o que elle faz.
Moço de frade, mandae-o comer e não que trabalhe.
Frade não faças abbade, | nem tires cão de grade, | nem fies domine alcaide.
Bem o préga Fr. Thomás, | se bem o préga, peor o faz.
A frade não faças cama | e a tua mulher não faças ama.
Quem ama o frade, ame-lhe o capello.
Guar-te de frade | e de cão que sae de grade.
A clerigo sandeu | parece-lhe que todo o mundo é seu.
Clerigo que foi frade, | nem por amigo, nem por compadre.
Andar no cavallo dos frades.
O habito não faz o monge.
Amores de freira, | flôres d'amendoeira
Cedo vem e pouco duram.
Casar ou metter freira.

e) Referencias ao Paraiso, á igreja, a actos religiosos diversos, a festas:

Guai do filho, | que o padre vai ao Paraiso.
Abelha e ovelha | e a penna detrás da orelha
E parte na igreja | desejava para seu filho a velha.
Telha de igreja | sempre goteja.
A cera sobeja | queima a igreja.
A muita cera | queima a igreja.
A cera demais | queima o altar.
Mais velha é a igreja | e vão a ella.
São bens de igreja—vão a quem tocam.
Muito bem se canta na sé, | mas é quem é.
Já deu meio-dia em S. Paulo. [1]
Ás romarias e ás bodas, | vão as sandias todas.
De taes romarias taes perdões.
Vão á missa os sapateiros,
Rogam a Deus que morram os carniceiros.
Pela semana faz a raposa que ao domingo vae á missa (*var.*: não vae á missa).
Ir á missa e achá-la dita.
Ir á missa quando já está o padre a Santos.
Quando o corsario promette missas e cera, por mal anda o galeão.
Nem tanto amen que se damna a missa.
Ouvir missa não gasta tempo; dar esmola não empobrece.
Missa nem cevada, não estorva jornada.
Bom é missar e a casa guardar.
Quem come a papa, reze o *Pater Noster*.
Cuida que se benze e quebra os narizes.
Pela vigilia se conhece o dia santo.
Hospedes de casa, dia santo é.
Alegrias, Entrudo, que amanhecerá Cinza.
A quantos cae a Paschoa?
Cae este anno a Paschoa ao domingo.
S. Miguel das uvas, | tarde vens e pouco duras;
Se duas vezes vieras no anno, | não estivera eu com amo.
A cada bacorinho seu S. Martinho.
Cada porco tem seu S. Martinho.

Os dois ultimos proverbios referem-se ao costume d'origem pagã, talvez celtica, de matar um porco pela epocha em que cae a festa christã de S. Martinho.

Os hespanhoes e os francezes teem o mesmo proverbio:

Á chaque porc vient la Saint-Martin.
Á cada puerco le llega su san Martin.

---

[1] Esta phrase proverbial dirige-se em varios logares aos carvoeiros, que se encolerisam extraordinariamente ouvindo-a.

Entre os antigos irlandeses, segundo O'Davoren [1] era costume matar um porco pelo S. Martinho e esse glossographo crê que elle era offerecido á divindade. Aquelle porco chamava-se *lupait*. Este exemplo suggere a conjectura que noutros proverbios d'apparencia christã, haja transformações de proverbios ou doutras tradições do periodo pagão. [2]

f) Referencias religiosas varias:

Entre a cruz e a caldeirinha.
Entre a cruz e a agua benta.
Estar vestido e calçado no ceu.
O casamento e a mortalha | no ceu se talha.

g) Ha uma serie de proverbios com referencia a Roma, que, segundo toda a apparencia, não provêem da antiguidade, mas lembram a Roma christã, papal, medievica, o que é evidente dalguns. Esses proverbios encontram-se, pelo menos em parte, na Italia e noutros paises.

Roma não se fez num dia.
Quem pergunta vae a Roma.
Quem tem boca vae a Roma.
Todos os caminhos vão dar a Roma.
Bem está S. Pedro em Roma.
Aonde está o papa ahi é Roma.
Caminho de Roma, nem mula manca, nem bolsa vazia.
Não irei pela pendencia a Roma.
Uma figa ha em Roma | para quem lhe dão e não toma.
Dizem em Roma que a mulher fie e coma.

Um proverbio semelhante ao primeiro diz-se em França a respeito de Paris; «Paris ne s'est fait en un jour». Dizemos um, semelhante ao quarto, relativamente a Belem, não a nossa, sem duvida, mas a da Palestina:

Todos os caminhos vão dar a Belem.

2. Referencias geographicas e historicas, medievaes ou modernas:

a) Referencias aos moiros, os mais antigos invasores da peninsula de que o povo conserva realmente memoria, desajudada da influencia erudita, e em que se fundiram as tradições de gente mais antiga:

A moiro morto | grã lançada.
Nunca de bom moiro | bom christão.
Em casa de moiro | não falles algarvia.
Quem lava a cabeça a moiro, | perde tempo e sabão.
Quem poupa seu moiro, | poupa seu oiro.
Vinho nem moiro | não é thesoiro.
Moiro que não podes haver, | forra-o por tua alma.

---

[1] W. Stokes, *Three Irish Glossaries*, (London, 1862), pagg. lxv, 103.

[2] Ha muitos outros proverbios em que se allude ás festas do anno e se acham nomes dos santos nellas celebrados. Esses proverbios foram já, pela maior parte, reunidos em collecções especiaes: A. Thomaz Pires, *Calendario rural* (Collecção do *Correio Elvense*, iii, Elvas, 1893); Th. Braga, *Aphorismos poeticos da lavoura* no *Cancioneiro popular* (Porto, 1867), pagg. 182-196, collecção em que faltam muitos proverbios do genero, ha outros que não respeitam á lavoura e não se observa ordem nenhuma. Vid. tambem, por causa das relações particulares com os proverbios portugueses, os hispanhoes colligidos por L. R(omero) y E(spinosa), *Calendario popular para 1885* (Fregenal, 1884) e Francisco Rodriguez Marin, *Los refranes del Almanaque* (Sevilla, 1896).

b) Referencias a varios povos modernos:

Donde vem a Pedro | fallar gallego?
Somos gallegos | e não nos entendemos.
Jejua, gallego, | que não ha pão cozido.
Gar-te do cão preso | e do moço gallego.
Abana, gallego, | que não é para ti.
Pariu aqui a gallega? [1]
Quando mija um português, | mijam dois ou tres.
Português pela vida | e francês pela comida.
Bem canta o francês, | papo molhado.
Em caminho francês | vende-se gato por rez. [2]
Roupa de franceses.
Não entendo flamengos á meia-noite.

c) Referencias a paizes e povoações modernas:

Grande (*ou* muita) festa em Inglaterra.
Saltar por el-rei de França.
Não ha mais Flandres. [3]
Santos da Catalunha, | olhos grandes, vista nenhuma.
Muito pão tem Castella, | mas quem o não tem lazera.
Medicos de Valença, | muitas fraldas, pouca sciencia.
Salamanca, | a uns cura | a outros manca.
O mau anno | em Portugal | entra nadando.
Ribeiras de Portugal, | poucas e más de passar.
Aprendiz de Portugal | não sabe coser, quer cortar.
Ovo de Portugal | não ha mister sal.
É manha de Portugal | comer e dizer mal.
Gente do Minho | veste panno de linho;
Bebe vinho d'enforcado | e come pão de passarinho.
Andar, andar, ir morrer á Beira.
Homem da Beira e besta muar
Sempre tem coices para dar.
O queijo do Alemtejo, | o vinho de Lamego.
Bem te conheço, | és de Braga chamas-te Lourenço.
Ver Braga por um canudo.
Ainda que somos de Beja, | não nos lançam da igreja.
Meninas de Monte-mór, com Deus me deito.
Onde ís? | A Evora-Monte | fazer barris.
Evora-Monte não tem sé; | corre-lhe a agua pelo pé.
Comer do bom e do barato | nem no Crato.
Partilhas de Lisboa com Almada,
Uma leva tudo, outra nada.
Um seu criado, Mathias d'Alverca.
Amigo de Peniche.
Quem burro vae a Santarem, | burro vae e burro vem.
A quem Deus quer bem | levou a morar | entre Lisboa e Santarem.

---

[1] Diz-se a proposito de ajuntamento de povo em logar publico, etc., para observar algum caso.

[2] Este proverbio existe tambem em Hispanha; refere-se evidentemente á estrada real de França a Sant'Iago de Compostella, chamada *camino francés*, que terminava naquella cidade, na Puerta de Francos. Vid. P. F. Fita et Jules Vinson, *Le Codex de Saint-Jacques de Compostelle* (*Liber de miraculis S. Jacobi*) (Paris, 1882), pag. 45. Nos mais antigos *Cancioneiros* portugueses faz-se referencia áquella estrada: *Canc. da Vaticana*, n.º 278.

Caualgaua noutro dia
per hun caminho frances.

[3] Este proverbio encontra-se nas *Infermidades da lingua*, (Lisboa, 1759), pag. 138 e já antes disso D. Francisco Manoel de Mello numa fabula da *Çanfonha d'Euterpe, Obras metricas*, (Leon de Francia, 1665), II pag. 93, (*Musas del Melodino*) dissera:

Eis aqui, nem mais, nem menos,
(Mas que não ha ja hi mais Frandes
Nos estados mais serenos)
Por levantar dous pequenos
Abaixa o mundo dez grandes.

O sentido não é claro para mim.

Mais passou Nosso Senhor no Algarve.
Consciencia de gato de Portalegre,
Que ficou com o dinheiro e trocou a pelle.
Alma até Almeida | e d'Almeida em diente (sic) | alma sempre.
Vae-te Vicente | para Benavente.
X. p. t. o. Cartaxo (*ou* London).
Guarde-te Deus lá no Barreiro.
De Viseu | queria eu | o cão pera o coelho | e não o homem pera conselho.
Gente de Portel, | cada um de seu fardel.
É de Braga, chama-se Lourenço.
Correr Seca e Meca e olivaes de Santarem. [1]
Antes que jantes, | não passes d'Abrantes.
Tudo como d'antes, | quartel-general em Abrantes.
É como os da Mealhada,
Que o que dizem á noite,
Pela manhã não é nada.
Quando a Roca tem capello,
Colhe a vela e vae-te a Rastello. [2]
Quando chove e faz sol
Andam as bruxas em Antanhol,
Embrulhadas num lençol
A dansar ao caracol.
Quando chove e faz sol,
Bailam as manas em Campo-Maior.
Ter lampada na casa de Meca.

Ha proverbios que servem para caracterisar as provincias, as povoações e os seus habitantes.

Teem sido já publicadas pequenas series portuguesas desse genero, [3] a que os franceses chamam *blason populaire*. «Por esse nome, dizem H. Gaidoz e P. Sébillot, designa-se o conjuncto dos qualificativos que os habitantes dum pais, duma provincia, ás vezes duma communa ou duma aldeia, dirigem a seus vizinhos. Ha-os de differentes especies: uns são a simples enunciação, sem epigramma, duma qualidade real ou supposta; outros alludem a um facto local (ou supposto dessa natureza), geralmente comico. A maior parte é satirica e apresenta allusões offensivas, como as que os heroes d'Homero, e mais recentemente os povos polynesios, dirigem uns aos outros antes da batalha». [4] Taes são, entre nós, os seguintes:

---

[1] Occorre facilmente explicar *Seca* por *Asseca* (creio haver um sitio ou logar chamado *Ponte da Asseca*, perto de Santarem, de que não encontro menção nas obras de chorographia portuguesa ao meu dispôr). Ha no Algarve um rio *Asseca* e sitios assim chamados; *Seca* apparece tambem como nome de logar, nos districtos de Vianna do Castello e Beja. *Meca* lembra a freguezia deste nome (por extenso, *Santa Quiteria de Meca*), no concelho d'Alemquer. É certo que na Hispanha se diz tambem: «Correr Seca y Meca»; mas o proverbio pode ter passado para esse pais.

[2] Este proverbio, que não figura nas collecções portuguesas, encontra-se em Hernan Nuñez, *Refranes* (ed. 1619), fol. 93 v., onde se encontra a explicação: «Es puerto Rastello en la costa de Lisbona, y cerca de ay está un monte, que se dice Roca, donde se ay en la cumbre nube, es señal de tempestad.» D. J. Amador de los Rios em *Jahrbuch für romanische und englische Literatur*, II (Leipzig, 1860), pag. 81 e na *História critica de la literatura española*, II, 537, transcreveu aquelle proverbio, mudando *Rastelo* em *Roselo*.

[3] J. Leite de Vasconcellos, *Dictados topicos de Portugal*. (Extracto da *Aurora do Cavado*, Barcellos, 1882): o collector metteu de permeio trovas populares com referencias topicas. Theophilo Braga, *O povo portuguez*, (Lisboa, 1884), II, pag. 352-3. A. Thomaz Pires, na *Revista Lusitana*, I, 60. Antes dessas publicações tinha eu chamado a attenção para o assumpto; vid. a nota em o *Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas*, (Porto, 1882), pagg. 47-49.

[4] H. Gaidoz et Paul Sébillot, *Le Blason libre de la France*, (Extrait de la *Revue de linguistique*, t. XIV, avril, 1884), pag. 3. Este artigo é o complemento duma obra dos mesmos auctores: *Le Blason populaire de la France*. (Paris, 1884).

Guarda, feia, fria e farta. Os de Faro, carecas da cova dos ladrões.

É inedita a caracteristica da gente d'Aveiro e logares proximos, que dou em seguimento e me foi ditada por um natural daquella cidade:

Baetinhas os da Sé;
Caranguejolas os d'Aveiro;
Pannelleiros os da Arada;
Judeus os de Verdemilho;
Inchados os da Coutada;
Lavradores afamados d'Alqueidão,
Bem o dizem e bem o são;
Fidalgotes d'Ilhavo;
Carniceiros os da Chousa Velha;
Batateiros os da Gafanha;
Fabricantes da Vista-Alegre;
Capelludos os da Ermida;
Valentões os de Valle d'Ilhavo;
Chamuscados os do Fontão;
Babosos os da Lavandeira;
Colhereiros os de Sousa;
Ladrões os de Vagos,
Que nem negam nem pagam.

Os proverbios dessa natureza teem geralmente caracter local estricto no uso. Ha outros que se acham mais ou menos nesta ultima condição, mas de conteúdo diverso, como os seguintes de Lisboa:

Ver mosquitos na Outra Banda. Metter o Rocio na Bitesga.

Acha-se generalisado:

Ficar a ver navios (*ou* ir ver navios) no Alto de Santa Catharina.

Diz-se tambem simplesmente:

Ficar a ver navios

de quem foi illudido nas suas esperanças, do que perdeu todos os seus bens. Liga-se esta locução ao lendario Pedrossem, que se conta ter sido negociante no Porto, e que vendo, do seu palacio da Torre da Marca, entrarem a barra do Doiro os seus navios com riquissima carga, dissera: «Agora, ainda que Deus quisesse, não poderia fazer-me pobre»; mas de quem subita tempestade afundara todos os haveres, reduzindo-o a extrema miseria. São ainda popularissimas no país as palavras que se lhe attribuem e que se empregam com a generalidade do proverbio, referindo-se aos que foram ricos e empobreceram:

Esmola para Pedro Pedrossem (*var.* Pedro Sem),
Que já teve e agora não tem.

Em Coimbra dizia-se, a proposito dalgum caso anormal:

Já anda a Misericordia por cima de Sant'Iago,

alludindo-se a que a igreja da antiga Misericordia, na velha Rua do Coruche (hoje do Visconde da Luz), ficava por cima da velhissima igreja de Sant'Iago.

A proposito duma desordem, duma grande agglomeração de gente por motivo dalgum caso de rua, dizia-se tambem em Coimbra, e ouvi depois em Lisboa e Porto, cidades em que havia conventos da ordem do Carmo e da Trindade:

Caiu lá o Carmo e a Trindade,

ditado que por ventura se acha generalisado.

Ainda em Coimbra, quando alguem exprimia uma supposição incerta, ou praticava um acto numa certa supposição infundada, castigava-se dizendo-lhe:

Por cuidar (*ou* pensar) morreu um burro ao caes,
Ainda agora lhe tocam sinaes.

Em Lisboa tenho ouvido o proverbio numa forma mais simples:

Por cuidar morreu um burro.

A simples referencia ao *caes* que se encontra em Coimbra, não basta para affirmar neste caso a origem local.

Em Coimbra diz-se dum individuo taciturno, com referencia a dois logares do concelho (freguesia de S. Martinho do Campo), chamado um *Falla*, outro *Pé-de-cão:*

Não é de *falla* (Falla); é de Pé-de-cão.

d) Referencias a instituições, costumes, pesos, medidas, moedas, cargos, profissões, dignidades civis e militares, medievaes ou modernos:

Em logar realengo | faze teu assento,
E em terra de senhorio | não faças teu ninho.
Ração do Paço, | quem a perde não ha grado.
Homem vergonhoso, o demo o trouxe ao paço.
Com el-rei e com a inquisição — chitão!
Em coisas da inquisição — chitão!
Caiu-lhe em cima a bandeira da Misericordia.
Arrobas não são quintaes, | nem as coisas são iguaes.
Por cobiça de florim | não te cases com ruim.
Deus te guarde de parrafo de legista | e d'infra de canonista,
E de etcetera de escrivão | e de recipe de mata-são.
Panno largo e bom feitor | fazem rico ao commendador.
Seja eu meirinho | e tenha um moinho.
Fugi do alcaide, | caí no meirinho.
Prendeu-me o alcaide, | soltou-me o meirinho.
Pouco medo tem o juiz do alcaide.
Alcaide, busca-me aqui alguem?
Honra é sem honra | alcaide d'aldeia | e padrinho da boda.
O alcaide e o sol por onde quer entram.
Alcaide de campo | ou coxo ou manco.
Alcaide sem alma, | ladrões á praça.
Em linhagens longas, | alcaides e pregoeiros.
Alcaide em andar, | moinho em moer, | ganham de comer.
O nosso alcaide | nunca dá passada debalde. [1]
Muitos annos viva o correio-mór, que nos pôs de cavallo.
Tal é a casa de dona sem escudeiro,
Como fogo sem trasfogueiro.
O escudeiro deita-se tarde e levanta-se cedo.
Assim se faz | do escudeiro rapaz.
Ao escudeiro mesquinho | rapaz adivinho.
A dama do monte | cavalleiro da corte.
A rabaça de Pero Jogral, | quem a come não a pode cagar. [2]
Contas de grão capitão.

---

[1] *Ter o pae alcaide* diz-se de que tem grandes protecções. Em Coimbra diz-se: *Lá vem o alcaide de Penacova*, quando ha enchente no Mondego.

[2] Este proverbio, nascido, ao que parece, dum caso anecdotico medieval, foi colhido no seculo XVI: HERNAN NUÑEZ, *Refranes*, fl. 13. A rabaça figura noutro proverbio português da mesma collecção: «Bem haja a rabaça, | que me levou a minha casa». O colleccionador annotou: «De otra manera dice el Castellano: «Bien aya el aguijon, que me tornó en mi honor». Rabaça ò guijon, es yerua, que quita el mal olor de la boca, por el qual el marido auia chachado a su mujer de casa». Fl. 17.

e) Referencias a personagens ou factos historicos determinados.

Lá vão leis onde querem reis.

Este proverbio encontra-se tambem em Hispanha: «Allá van leyes adonde (*ou* do) quieren reyes». Attribue-se-lhe uma origem historica determinada. Conta-se que havendo contenda sobre as duas liturgias, a romana e a visigotica ou mosarabe, no tempo de Affonso VI de Leão, este resolveu recorrer á prova de fogo para terminar essa contenda: um exemplar de cada um dos missaes foi lançado ás chammas, depois de benzido convenientemente; o missal mosarabe saiu incolume; mas o rei voltou com a sua palavra atrás, lançando-o de novo á fogueira; do que se originaria o proverbio citado. [1] Mas, admittindo de barato que o caso tivesse realmente succedido, poderia o proverbio preexistir e applicar-se-lhe.

Ei-lo vae; ei-lo vem
De Lisboa a Santarem

é um echo do anexim que os habitantes de Lisboa dirigiam aos castelhanos, quando estes, reinando em Portugal D. Fernando, tinham invadido o nosso país e estabelecido côrte em Santarem:

Ex-vollo vae, ex-vollo vem
De Lisboa a Santarem. [2]

Na guerra da successão (1829-34) os miguelistas applicaram o proverbio, modificando-o:

D. Pedro vae,
D. Pedro vem,
Mas não entra
Em Santarem. [3]

Ha ainda outra variante obscurecida:

Vede-la vae, vede-la vem,
Como barco (*ou* barca) de Sacavem.

---

[1] Na *Crónica general*, fol. 312, col. 4, o proverbio vem na forma: «Do quieren reys, allá van las leyes». Vid. sobre a historia deste: P.e Martin Sarmiento, *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas españoles*, (Madrid, 1779), § 411, apud Ticknor, *ob. cit.*, III, 201; D. J. Amador de los Rios, *Jahrbuch cit.*, pag. 64 n.; D. Modesto Lafuente, *História general de España*, (ed. Barcelona, 1883), I, 294, etc.

[2] Fernão Lopes, *Chronica de D. Fernando*, cap. 36.

[3] J. P. d'Oliveira Martins, *Historia contemporanea*, I (1881), pag. 354, aproximou já esta trova miguelista do anexim conservado por Fernão Lopes; mas não mencionou os proverbios intermedios. Vid. ainda o mesmo auctor na carta-prefacio do *Cancioneiro popular politico*, de A. Thomaz Pires (Collecção do *Correio Elvense*, I, Elvas, 1891). pag. VII, seg.

Remontam sem duvida tambem á idade media os dois seguintes:

Galeno e Avicena | a minha casa trazem o alheio
Em uma hora | não se ganhou Samora. [1]

A. Thomaz Pires colheu o seguinte, no Alemtejo:

Dizia Dom Dinis:
«Serpa e Moura fiz,
E mais fizera se quisera,
Que quem dinheiro tiver,
Fará o que quiser».

Refere-se do rei alludido que tendo mandado construir por 1298 o castello do Sabugal, ordenou que no fecho da mais alta abobada da torre de menagem se pusessem as armas de Portugal com a inscripção:

Esta fez D. Dinis
Que acabou tudo o que quis;
E quem dinheiro tiver,
Fará tudo o que quiser. [2]

o que geralmente se ouve na tradição popular com o proverbio são os dois ultimos versos: «Quem dinheiro tiver, etc.».

Os seguintes são allusivos aos nossos descobrimentos e conquistas:

Quem passar o cabo de Não,
Ou voltará ou não. [3]

Á India mais vão do que tornam.
Metter uma lança em Africa.

---

[1] Em hispanhol ha o mesmo proverbio: «A Zamora no se ganó en una hora», ou: «No se ganó Zamora en una hora (Hernan Nuñez, *ob. cit.*, fol. 80). Zamora foi reconquistada aos arabes c. 748 por Affonso, o Catholico; rehavida por Almanzor, de Cordova, em 934; retomada pouco depois pelo rei Ramiro II, para ser de novo perdida pelos christãos e depois definitivamente reconquistada e encorporada no reino de Leão pelo Cid, em 1093.

[2] Barbosa de Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, VIII, (Lisboa, 1878), pag. 291. Segundo as *Memorias parochiaes* de 1758, na porta interior do Castello de Monforte-de-Rio-Livre (Trás-os-Montes) lê-se a seguinte inscripção:

Eu Dom Dinis este castello fis
Quem depois de mim vier
Se dinheiro tiver
Fará o que quiser.

Pedro A. de Azevedo, em o *Archeologo Português*, V (1899-900), pag. 300. Os versos, com as suas variantes, teem toda a apparencia de post-dyonisiacos.

[3] Em a narração de Diogo Gomes, publicada primeiro por Schmeller, e ha pouco traduzida em português sobre uma copia manuscripta do original conservado em Munich, pelo snr. Gabriel Pereira, lê-se (na traducção deste): «...as quaes ilhas estão além do cabo de *Non*, onde Hercules poz columnas nas quaes estava escripto: *Quis navigat ultra caput de Non revertetur aut non*, o que sôa na lingua portugueza: «*Quem passa no cabo de Non tornará si ou nom.*» *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 17.ª serie, 1898-99, n.º 5 (Lisboa, 1900), pag. 270.

Só pode ter-se originado depois do descobrimento da ilha da Madeira, chamada por excellencia «a ilha»:

Pão da ilha, | arca cheia, | barriga vazia.

Provocado pelas nossas dissenções com Castella, sem que possa marcar-se-lhe, creio, a epocha de producção, é o seguinte:

De Castella nem bom vento, | nem bom casamento.

Allude a uma construcção bem conhecida de Lisboa (Rua dos Bacalhoeiros), que remonta ao seculo XVI, e pertenceu, diz-se, a Brás d'Albuquerque, filho do grande Affonso, o seguinte proverbio, que se applica ironicamente a quem receia uma perda material ou pessoal:

Ora não se perca a Casa dos Bicos.

Nasceu provavelmente dalgum caso historico:

Não estavam todos os judeus na Rua Nova.

O seguinte originou-se talvez dalgum caso anecdotico em tempo em que estiveram, em o nosso país, tropas francesas:

Allons, allons, que é terra de gaiteiros.

Nelle se substitue ás vezes, em virtude de semelhança phonetica, a palavra francesa pela expressão: «A Londres», ficando esta cidade apontada como terra de gaiteiros:

São proverbiaes certas phrases attribuidas ao marquês de Pombal, o famoso ministro de D. José I, uma das rarissimas personagens da nossa historia que deixou impressão profunda na alma popular; em regra junta-se a essas phrases proverbiaes, cuja applicação é perfeitamente geral, a indicação expressa do auctor.

Devagar que tenho pressa, dizia o marquês de Pombal.
Adeus Portugal, que te vaes á vela, dizia o marquês de Pombal.
Enterrar os mortos e tratar dos vivos, disse o marquês de Pombal.

Referem-se ainda ao grande estadista os dois proverbios (devemos considerar essas phrases como taes, pela sua applicação geral):

O rei ao torno, | o marquês no throno. Mal por mal, antes Pombal.

O ultimo emprega-se no sentido de — mais vale um governo despotico, mas vantajoso para a nação, do que um mau governo d'apparencia liberal, exprimindo a

crença do povo no valor dos governos pessoaes energicos. Ha um outro proverbio, de caracter moderno, que começa da mesma maneira que esse:

Mal por mal, | antes na cadeia | que no hospital.

Resultou dum caso anecdotico, em que se faz figurar o marquês, o seguinte dito proverbial que encerra uma injuria acobertada:

O dito, dito lá no Terreiro do Paço.

Conta-se que o marquês de Pombal gostava de andar pelas ruas disfarçado para apalpar os animos dos seus governados; encontrando-se assim no Terreiro do Paço com um provinciano, soube que este vinha a Lisboa pedir ao ministro de D. José que lhe despachasse certo negocio e ouvindo-o fallar em tom de ameaça, a proposito da supposição duma negativa, perguntou-lhe o que faria nesse caso; ao que o provinciano respondeu que mandaria o marquês á... Quando na sua secretaria este teve presente o seu interlocutor casual, que o reconheceu, e lhe ouviu expôr a sua pretenção, negou-lhe com firmeza o deferimento requerido. Então o homem, saindo, dirigiu ao ministro as palavras que constituem o proverbio.

Não posso dizer se a expressão proverbial: «Pelas chagas do duque de Aveiro», que se encontra já nas *Infermidades da lingua*, em 1759, no anno mesmo da execução do ultimo duque d'Aveiro (janeiro 13) se refere a este.

Juntarei ainda aos proverbios historicos as determinações chronologicas populares seguintes:

Quando os animaes fallavam.
No tempo d'Adão e Eva.
Quando o dinheiro era de coiro.
No tempo dos moiros.
Na era dos Affonsinos.
No tempo da guerra do Rossilhão.
No tempo do arroz de quinze.
Quando o Saldanha era cadete.

(Segue)

F. Adolpho Coelho.

SOBRE AS ESTAMPAS OU GRAVURAS

DOS

LIVROS POPULARES PORTUGUEZES

Existe em Portugal, como em todos os paizes da Europa, uma Litteratura popular, constando de pequenos folhetos, em que se resumem antigos poemas da Edade média, como os dos cyclos de Carlos Magno e do Rei Arthur, que desde o seculo XIV decahiram das fórmas poeticas em narrativas prosaicas, as quaes por seu turno se foram dynamisando em folhas soltas destinadas a explorar os ultimos restos da curiosidade e da credulidade vulgar. É ao que em França se chama *Bibliothèque bleue*, em Hespanha *Pliegos sueltos* e em Portugal *Livros de cordel*. Além d'estes vestigios dos poemas carlingios e arthurianos, existem as *Lendas* dos santos, umas vezes tratadas em prosa, e outras persistindo na fórma poetica dos velhos Autos hieraticos da eschola de Gil Vicente, como acontece ainda com os de Affonso Alvares e Balthazar Dias, relacionando-nos assim com esse veio fecundo de narrativas maravilhosas da *Legenda Aurea* de Jacob de Voragine.

Formam uma secção essencial d'esta Litteratura de cordel as satiras descriptivas, como a *Malicia das Mulheres*, e as aventuras comicas e facetas como a *Historia dos tres Corcovados de Setubal*, o *Bertholdo*, *Bertholdinho* e *Cacasseno;* e as Relações de grandes phenomenos naturaes e apparecimentos de monstros. Por vezes entram n'este campo da ingenuidade popular as relações historicas como as *Sete partidas do mundo* corridas pelo nosso Infante D. Pedro, e os *Ditos memoraveis dos Sete Sabios da Grecia* e da sentenciosa *Donzella Theodora*.

Pelas origens tradicionaes de quasi todos estes folhetos se vê que elles constituem o fundo da leitura popular europêa da Edade média; são esses a parte clas-

sica da Litteratura de cordel, porque ainda conservam uma ingenuidade de quem communica sem esforço com a multidão, e não explora a rudeza com emoções vio-

F. 1.—Da *Vida de Cacasseno*, rep. gr. nat.

F. 2.—Da *Vida de Cosme Manhoso*, rep. gr. nat.

lentas para exaltar a curiosidade. Esses folhetos tinham de soffrer a concorrencia com outras narrativas com novos interesses; é assim que no seculo XVI as *Relações dos naufragios dos Galeões da India* encontravam uma grande sympathia, que se prolongava n'essa profunda vibração poetica do romance da *Náo Catherineta;* no seculo XVII, ainda sob o dominio castelhano, lêem-se as aventuras dos *temerones* e bandidos celebres, e no seculo XVIII os casos de apparecimentos de monstros, cativeiros de Argel e grandes crimes, sobre que os metrificadores versejavam já sem o minimo sentimento popular.

F. 3.—Da *H. dos Tres Corcov. de Setubal*, r. g. n.

As communicações internacionaes mais frequentes e o regimen da publicidade jornalistica vieram alterar este campo da Litteratura popular: conservaram-se pela sympathia da tradição os velhos folhetos classicos que vêm lá do seculo XVI, e metrificaram-se por versejadores pouco menos do que analphabetos, narrativas de escandalos locaes em redondilhas em forma de *Fados* para serem cantados á viola por mendigos e cegos ou para serem vendidos na canastrada das bogigangas. A Litteratura de cordel bem merecia ser renovada pela intelligente intervenção da boa critica, restabelecendo os textos das

collecções mais antigas das folhas volantes, e redigindo novos themas estheticos para a educação da alma popular. Ao contrario d'isto, a Litteratura popular tem-se

Fig. 4. — Da *Historia da Donzella Theodora*, reprod. gr. nat.

Fig. 5. — Da *Historia do Touro Branco Encantado*, reprod. gr. nat.

tornado objecto de uma ignobil exploração de livraria de rebotalho: corrupta e truncada nos seus textos, é grosseiramente impressa, e as gravuras que a acompanham, propagando a negação da arte, chegam a parecer manifestações de uma esthetica selvagem ou pre-historica.

Com este systema inconsciente de corrupção e degradação da alma popular, como se hade crear uma Arte nova, se para isso o processo genetico consiste em reatar as relações psychicas das altas individualidades com a multidão anonyma?

Fig. 6. — Da *Historia de D. Quixote de la Mancha*, reprod. gr. nat.

No nosso antigo estudo *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (Lisboa, 1885), consignámos um grande numero de factos sobre *Os Livros populares portuguezes* (vol. II, p. 448 a 494), mas faltou-nos um aspecto, talvez o mais

Fig. 7. — Da *Historia dos Sete Infantes de Lara*, reprod. gr. nat.

pittoresco d'esse assumpto, o das *estampas* ou *gravuras*, que são sempre a parte obrigada da Litteratura de cordel.

Esta relação entre o folheto impresso e a gravura ou vinheta que o illustra,

liga-se ainda com as obras *xylographicas* que precederam o descobrimento da Typographia, taes como a *Biblia dos Pobres* e a *Historia da Virgem:* a mesma chapa de madeira recebia o talho da letra, que se tornou *de molde,* e da imagem que ficou *estampa.* Ainda temos a phrase: *Dar á estampa* por imprimir. A gravura em madeira recebeu á nascença um impulso genial, porque começou logo sobre o desenho dos grandes mestres, e pela appropriação caracteristica dos traços mais essenciaes do quadro reproduzido, adquirindo assim uma maneira ou feição peculiar ligada ao seu destino de vulgarisação. Não fallaremos das maravilhas que illustraram as obras litterarias da Renascença, como os *Dialogos* de Luciano, os *Adagios* de Erasmo, a *Utopia* de Thomaz Morus, as *Epistolas* de San Paulo; Alberto Durer, Holbein e João Goujon desenharam para elles mesmos gravarem, attingindo assim o typo ideal n'essa nova fórma de arte, que se iria tornar industrial, e um complemento da Imprensa.

Fig. 8.— Do *Auto de Santo Aleixo,* rep. gr. nat.

Os typographos ou impressores-editores para satisfazerem a necessidade da

Fig. 9. — Da *Tragedia do Marquez de Mantua,* reprod. gr. nat.

estampa, mesmo nas obras litterarias ou eruditas, tiveram de separar o desenhador do gravador, soffrendo por isso o trabalho artistico; o gravador perdia individuali-

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

dade submettendo-se a deixar em relêvo as linhas do desenho, e conforme a sua ignorancia ou incapacidade de desenhar, assim a gravura cahia em uma certa crueza

Fig. 10. — Da *Historia do Propheta e Santo Rei David,* reprod. gr. nat.

e falta de tons e perspectivas. Pela impossibilidade de variar as gravuras, os livreiros-editores do seculo XVI tiveram de applical-as a differentes obras, taes como ornatos, portadas, marcas, emblemas e colophões.

Nas folhas volantes do seculo XVI, como os *Autos* de Antonio Ribeiro Chiado, ou as *Trovas de Crisfal,* repetem-se as vinhetas; e essas repetições amolgando as gravuras tornam-as por vezes borrões, que mais grosseiros parecem com a inferioridade do papel. Além da falta de desenhadores, as figuras destinadas a illustrar

Fig. 11. — Da *Vida de Santa Maria Egypciaca*

Fac-similes red. a 1/3

Fig. 12. — Da *Historia do Califa Cegonha*

as folhas volantes das Lendas religiosas ou das narrativas cavalheirescas, immobilisavam-se em typos de convenção, em Symbolos, que uma vez conhecidos do povo,

Fig. 13.—Da *Mascara de Ferro*

Fig. 14.—Da *Historia de Paulo e Virginia*

Fig. 15.—Da *Historia de Flores e Branca Flor*

Fig. 16.—*Trag. do Marquez de Mantua*

Fig. 17.—Da *Historia de João de Calais*

Fig. 18.—Da *H. dos Amores de Mathilde*

Fig. 19.—Da *Historia de Gil de Santilhana*

Fig. 20.—Da *Historia de D. Quixote*

Fac-similes reduzidos a $^1/_3$

se lhe tornavam caros á sua imaginação. Esses typos vieram em reproducção automatica até ao presente, como vemos na *Historia nova do Imperador Carlos Magno*

Fig. 21.—Da *Tragedia de D. Ignez de Castro*, reprod. gr. nat.

(fig. 25), na *Historia do Grande Roberto, Duque de Normandia; Sete Infantes de Lara* (fig. 7), e na *Tragedia do Marquez de Mantua* (figs. 9 e 16), do cego Balthazar Dias, contemporaneo de Gil Vicente, nas duas edições do Porto de 1886 e 1897.

Ao olhar para essas deploraveis gravuras illustrativas dos nossos folhetos de cordel, hesitei por um momento se proseguiria no estudo de tão rudes manifestações da esthetica portugueza. Será isto um producto da nossa decadencia? Não. O povo francez e a illustração da sua Litteratura de *Colportage* estão na mesma situação; tendo debaixo da mão a obra em dois grossos volumes *Histoire des Livres populaires ou de la Littérature de Colportage*, por Charles Nisard, ahi encontro gravuras dos folhetos que constituem a *Bibliothèque bleue*, que excedem em rudeza os retratos da *Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Lodonio de Roma* (fig. 23), lenda tratada com a pureza da simplicidade do pobre cego Balthazar Dias, que trez seculos de transformações sociaes, sentimentaes e intellectuaes não poderam ainda apear do throno d'onde domina a alma do povo portuguez com os seus Autos, que se representam pelas aldeias e por isso se reimprimem, como o *Auto de Santo Aleixo* (fig. 8) e o *Auto de Santa Catherina*, bem como as quintilhas engraçadas da *Malicia das Mulheres*. A par de Balthazar Dias, ainda se conserva inabalavel o mulato Affonso Alvares com o seu *Auto de Santa Barbara*, desafiando as iras de Antonio Ribeiro Chiado, que o crivara de epigrammas pungentes, mas não logrou manter na sym-

Fig. 22.—Dos *Contos de Fadas e Lobishomens*, fac-sim. red. a 1/3

pathia do povo nenhum dos seus Autos, valendo-lhe apenas, para salvar-se do esquecimento, umas referencias de Camões e de Jorge Ferreira.

Pelas imagens ou figuras reproduzidas por Charles Nisard dos livros populares francezes, vê-se que estamos diante de um genero, mantido por muitas circumstancias dignas de serem ponderadas. Em primeiro logar, o povo exige sempre as figuras mais conhecidas; d'aqui a conservação dos contornos geraes, e o desprezo pelos traços delicados ou expressivos, com tanto que se mantenha mais ou menos grosseiramente o typo hieratico (fig. 31); vê-se isso nas figuras do *Auto de Santo Antonio*, não o de Affonso Alvares, que se tornou raro, mas no de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, o afamado auctor do *Manoel Mendes Enxundia*, que soube o segredo da popularidade. Vê-se na *Vida de Santa Maria Egypciaca* (fig. 11), já decahida em prosa. Ou tambem n'esses typos grotescos de *Cosme Manhoso* (fig. 2), do *Cacasseno* (fig. 1), dos *Tres Corcovados de Setubal* (fig. 3), e que se identificam no typo tambem popular do *Borda-de-Agua* (fig. 35), com o seu astrolabio, ou no *Auto da Padeira de Aljubarrota* (fig. 45).

F. 23.—Da *H. da Imp. Porcina*, r. g. n.

Alguns dos velhos folhetos classicos, como o da *Historia da Donzella Theodora* (fig. 4), resistem á invasão de um novo gosto; é assim que a *Historia de João de Calais* (fig. 17), á sombra das raizes tradicionaes do cyclo do Morto reconhecido,

Fig. 24.—Da *Historia do Anão Amarello e da Ave Azul*, reprod. gr. nat.

empolgou a imaginação do camponio francez com egual fervor como o que se lhe consagra em Portugal. Pela obra de Nisard se vê que a Litteratura popular de

França soffreu uma alteração capital, entrando na corrente da Colportage um grande numero de obras litterarias modernas, dignas de captarem a sympathia do vulgo;

Fig. 25. — Da *Historia do Imperador Carlos Magno*, reprod. gr. nat.

taes como *Zelia no Deserto*, de M.me Daubenton, *Aventuras de uma alta dama*, de Raban, as *Aventuras de Robinson*, *Viagens de Gulliver*, *Paulo e Virginia* (fig. 14), a *Choça Indiana*, *Telemaco*, *Gonçalo de Cordova*, *Estella*, *Belisario*, *Mil e uma Noites*, etc. (fig. 5).

Em Portugal dá-se tambem uma larga ampliação das Folhas volantes com resumos e apropriações de obras litterarias. Dos escriptores modernos entrou na Litteratura de cordel essa emphatica tragedia de João Baptista Gomes a *Nova Castro* (fig. 21), plagiada da *Segunda Castro* de Domingos dos Reis Quita; e tambem *O Noivado do Sepulchro*, de Soares de Passos, com uma vinheta do estylo das cartas de en-

Fig. 26. — Da *Cornelia ou a Victima da Inquisição*, rep. gr. nat.

terro. A assimilação popular d'esta bella composição elegiaca, mostra a antinomia entre o poeta culto e o vulgo, que assim canta a primeira estrophe da ballada:

Bai arta a *lũa*, nas *maçãns di a morte*
Já meia noute com *bágár zoou*,

Que paz *tranquilhas* dos *bens buns di a sorte*
Zai tem descanso quem alli *vaxou*.

Fig. 27. — De *O Conselheiro dos Amantes*. Figs. 28, 29. — Do *Fadinho Lisboeta* fac-similes red. a 1/3

Das obras litterarias europêas entra em recente circulação a *Historia da Vida e Feitos do Engenhoso Fidalgo D. Quixote de la Mancha* (figs. 6 e 20), a de *Gil Braz de Santilhana* (fig. 19), a de *Paulo e Virginia* (fig. 14) e *Amores de Mathilde* (fig. 18), extrahida da *Historia das Cruzadas*. Sente-se aqui já o tino mercantil do livreiro francez Ernesto Chardron, que soube sangrar as economias dos padres das aldeias com a publicação de volumosos Sermonarios traduzidos.

Conforme os editores, assim a Litteratura popular se aproxima ou afasta das fontes primitivas; no Porto foi sempre activa esta exploração da folha-volante, pela procura de todas as aldeias que accodem ao trafico da capital do norte. Citaremos a Livraria-editora de Joaquim Maria da Costa, que traz no seu vasto catalogo uma *Historia de Flores e Branca Flor* (fig. 15). Tambem tem vasto catalogo de folhetos de cordel Antonio J. Fernandes, ao qual pertence o folheto da *Mascara de Ferro* (fig. 13). A Livraria Cruz Coutinho sustentou algum tempo a antiga tradição, vindo por ultimo a refrescar o catalogo com cousas das Mil e uma Noites e Contos Orientaes (fig. 24), como o do *Califa Cegonha* (fig. 12).

Não deixaremos de apontar a grande collecção das Historias de folhas volantes da Livraria Lello & Irmão, em que já figuram os *Contos de Fadas e Lobishomens* (fig. 22) e as scenas da Inquisição, como a *Cornelia ou a Victima da Inquisição de Sevilha* (fig. 26).

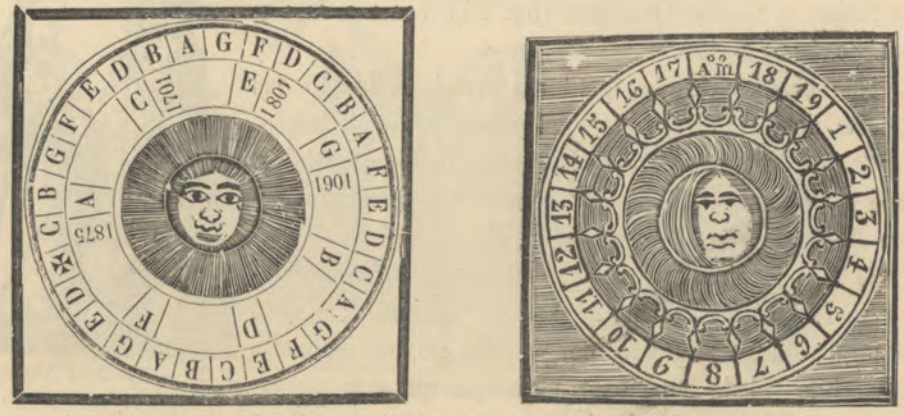
F. 30. — Dos *Dois Namorados da Aldeia*, fac-simile r. a 1/3

O Cancioneiro popular é explorado em folhetos in-8.° e in-16.° com a mesma degradação do gosto; o povo não carece d'esse alimento, porque elle cria no momento da sua intensidade emocional a cantiga, que fica eterna. Mas esses folhetos são destinados aos cegos e cantores vagabundos, que precisam de um texto para descansarem a imaginação. As gravuras d'estes folhetos pretendem representar os typos populares, como no *O Conselheiro dos Namorados* (fig. 27), e *Dialogo entre os dois Namorados da Aldeia*

(fig. 30) e os *Cantadores das Flores*. E voltando á rudeza antiga, no *Fadinho da Maia* e no *Fadinho Lisboeta* (figs. 28 e 29), vê-se que as gravuras sem desenho, e

Fig. 31. — Do *Auto do dia do Juizo*, reprod. gr. nat.

feitas em páo de cerejeira, ao fio da madeira, actuam de uma maneira inevitavel no caracter esthetico da illustração.



Figs. 32, 33. — Do *Lunario Perpetuo*, reproducções em grandeza natural

O *Lunario Perpetuo* e as *Folhinhas*, com os prognosticos do anno e as previsões da chuva e bom tempo, exploram o interesse popular, conservando as ima-

gens dos *Signos* dos mezes, ou representação zoomorphica das Constellações das doze casas em que os antigos astronomos dividiram o Anno solar (figs. 37 a 43).

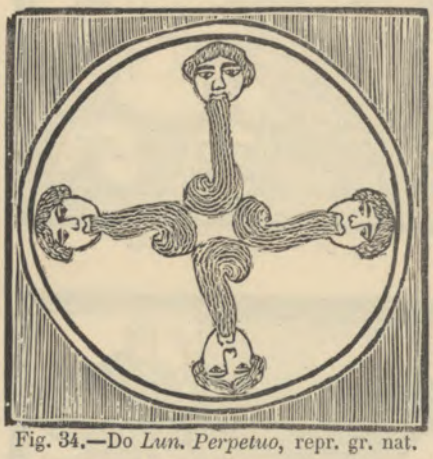


Fig. 34.—Do *Lun. Perpetuo*, repr. gr. nat.

É verdadeiramente assombrosa a persistencia d'esta concepção astronomica, que se encontra representada nos monumentos da Chaldêa e do Egypto com as mesmas figuras zoomorphas; pelo estudo comparado d'essas figuras do estado do Céo, chegou-se á descoberta que a representação do Zodiaco, tal como corresponde ás temperaturas e mudanças de Estações, só coincide com a situação de um povo agricola da Europa, na região do 49° gráo. As Constellações contornadas mnemonicamente foram representadas pelos signos de *Aries*, *Tauro*, *Geminis*, *Cancer*, *Leão*, *Virgem*, *Balança*, *Scorpião*, *Sagitario*, *Capricornio*, *Aquario* e *Piscis*. Perdeu-se a relação d'estes Signos com as respectivas Constellações, e ficou apenas a relação ficticia do caracter dos animaes

Fig. 35. — Do *Seringador*, reprod. gr. nat.

F. 36.—Do *Borda-de-Agua*, r. g. n.

representados com o horoscopo do nascimento das pessoas sob o influxo dominante do céo. É ao que o povo chama a *Sina* ou sorte de cada um. É n'este sen-

Fig. 37. — Touro. — A Virgem

Fig. 38. — Balança. — Aries

Fig. 39. — Cancer

Fig. 40. — Leão

Fig. 41. — Scorpião. — Capricornio

Fig. 42. — Geminis. — Virgo

Fig. 43. — Piscis. — Sagitario

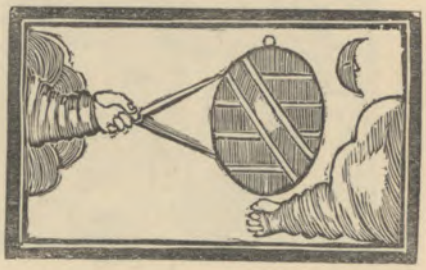


Fig. 44. — Divisão do Anno pelo Zodiaco para os Signos tropicos, fixos e communs

Figs. 37 a 44. — Do *Lunario Perpetuo*, reprod. gr. nat.

tido que as imagens do Zodiaco fazem parte obrigada dos Almanachs ou Folhinhas (fig. 46).

Na Chaldêa estas figuras zoomorphas tornaram-se anthropomorphas, e representaram os Doze Patriarchas; a erudição moderna pode estabelecer a correspondencia entre os Signos do Zodiaco, as Constellações e os Patriarchas. Na figuração anthropomorphica as Folhinhas populares representam o Sol, a Lua e os Ventos tambem em imagens longinquamente allusivas a uma tradição perdida.

Quando a representação do Zodiaco era tomada a serio na Astrologia do seculo XVI, o nosso João de Barros na sua Cartilha, figurava a letra Z por essa forma

Fig. 45. — Do *Auto da Padeira de Aljubarrota*, reprod. gr. nat.

ideographica; a Cartilha ficou por muitos annos no uso das escholas, e perdendo-se a acção do *Zodiaco*, os rapazes que liam simultaneamente o alphabeto graphico e ideographico: A, *arvore*, B, *bésta*, C, *césta*, D, *dado*, E, *espelho*, F, *fogareiro*, quando chegavam ao Z liam o ideogramma do Zodiaco dizendo Z, *pandeiro*.

A ideia da representação ideographica do alphabeto é uma renovação do primitivo processo espontaneo pelo qual da figura dos gerogliphicos se passou para as linhas allusivas d'esses symbolos conhecidos, que a necessidade da escripta forçava a abreviar. Esta relação entre o ideogramma e a letra devia ser conservada no ensino popular; a estampa tem um perstigio incomparavel nas almas ingenuas.

É pelas imagens, que as abstracções da theologia catholica se incutem na credulidade do povo. Os jesuitas empregaram sempre nos seus processos de captação espiritual as representações da morte e do inferno.

A gravura popular está destinada a soffrer uma transformação radical — pelo processo barato e facil da *zincographia*. Por este processo volta outra vez a gravura a depender immediatamente do desenho, e a reproduzir a sua correcção e espontaneidade. O desenho á penna facilmente reproduz o estylo agua-fortista, a que a zincographia dará um tom de naturalidade. É então que a gravura exercerá a grande funcção suggestiva da imaginação popular, que começou já a ser empregada pelos jornaes illustrados. A Litteratura popular deve ser aproximada das suas origens tradicionaes e das Obras primas individuaes, e conjuntamente a gravura como verdadeira illustração, empregada para vulgarisar os instantaneos e as concepções estheticas dos grandes mestres.

THEOPHILO BRAGA.

Fig. 46. — Do *Lunario Perpetuo*, Divisão do Mez e da Semana com o Planeta que preside a cada Dia, reprod. gr. nat.

NOTA. — As gravuras reproduzidas são, na maioria, esculpidas em madeira de buxo pelos gravadores portuenses: Wannymel, Coelho, Calixto, Castro, e outros.

SUBSIDIOS

PARA A FORMAÇÃO DO

REFRANEIRO OU ADAGIARIO PORTUGUEZ

Para designar uma collecção de annexins ou proverbios populares, o snr. Theophilo Braga usa a palavra *Refraneiro*, decerto derivada do hespanhol *refran*, que em portuguez é substituida pelo termo *rifão*. O derivado natural, portanto, deveria ser *rifoneiro*, mas aquelle parece mais euphonico. O snr. Leite de Vasconcellos emprega de preferencia *Adagiario*.

A collecção mais antiga e copiosa de *Adagios portuguezes* é a de Antonio Delicado, impressa em Lisboa em 1651. Não nos diz o auctor qual fôsse o campo onde fez a colheita, mas a sua proveniencia, senão no todo, em parte pelo menos, seria de caracter litterario. Sômos levado a fazer tal supposição, pelas fontes que nos indica e que reduz a 9, a saber: dos Oraculos ou dos Prophetas, dos ditos dos Sabios, das fabulas dos poetas, das Comedias que se representam em theatro, dos acontecimentos, das historias, das fabulas, em que os brutos animaes se introduzem fallando, das palavras ditas acaso, dos costumes ou condições das gentes ou do homem, etc.

Os hespanhoes precederam-nos n'este genero de litteratura sentenciosa, pois data de 1555 a collecção de *Refranes* de Hernan Nuñez, onde vem tambem alguns portuguezes, prova talvez de que os nossos existissem colleccionados em livros de letra de mão.

No seculo XVI tiveram bastante voga entre nós os livros de sentenças, mas quasi todos em hespanhol e alguns em latim. Dos *Castigos e exempros de Catoon* fez-se em Lisboa uma edição que sahiu dos prelos de Germão Galharde aos doze de setembro de 1521. É em coplas de arte maior e principia d'esta maneira:

En roma fue vn hõbre que dezian caton
castigaua a su hijo cõ muy grã deuociõ
como pusiesse su vida en buena intecion
guarneciolo de costumbres y de buena razon.

Assi como el padre el hijo nombre auia
en los castigos del padre el coraçon tenia
en dichos y en hechos al padre bien seguia
assi como oyreis el padre le dezia.

E como el moço de su padre era mandado
y en no saber costumbres era muy alabado
de lo que lo castigo tomo muy gran cuidado
començose a guarnecer por un bien dotrinado.

Em 1554 imprimia o mesmo typographo um livro intitulado:

Primera parte de las sentencias que hasta nuestros tiempos para edificacion de buenos costumbres estan por diversos Autores escriptas, e neste tratado summariamente referidas en su proprio estilo y traduzidas enel nuestro comum. Conveniente licion a toda suerte y estado de gentes.

Os auctores que entraram n'este florilegio sentencioso são os seguintes:

Plutarcho, Tito Livio, Quintiliano, Seneca, Plinio de la natural historia, Plinio el moço, Salustio, Quinto Curcio, Valerio Maximo, Lucio Floro, Tulio, Aulo Gelio, Suetonio Tranquilo, Publio Minno, Vergilio, S. Jeronymo, S. Cypriano, Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Bernardo, S. Chrysostomo, Platão, Aristoteles, Erasmo e S. Gregorio.

D'um lado estão as sentenças em latim, do outro em castelhano.

No mesmo anno fez-se outra edição do mesmo livro, nos prelos de João Alvares. A edição terminou, porém, a 20 de março de 1555.

Apesar de escripto na lingua de Juan de Mena, temos a convicção ou quasi a certeza de que o traductor era portuguez. São numerosos os exemplos d'este genero. Nuno Fernandes do Cano traduziu e publicou em 1544, nos prelos de Luiz Rodrigues, a seguinte obra:

Aqui comiençã los proverbios de Salomon y espejo de peccadores nuevamente traduzidos do latin en lẽgua castellana...

Tres annos antes o mesmo typographo tinha impresso a seguinte obra moralisadora:

Las sieteciẽtas del doctor e noble cauallero Fernam perez de guzmã: las quales son bien scientificas y de grãdes e diuersas materias e muy prouechosas por las quales qualquier hõbre puede tomar regla e doctrina y exẽplo de bien uiuir.

Um humanista distincto, André Eborense, irmão do dr. Thomé Rodrigues, medico, colligiu no idioma latino um importante ramilhete de sentenças apanhadas em diversos auctores, cujo 1.º volume sahiu dos prelos de João da Barreira, em 1569, sob o seguinte titulo:

Loci communes Sententiarum et exemplorum memorabilium ex probatisfimis scriptoribus electione deprompti, librealiũ artium studiosis & Catholicae observationi consecratis perutiles lectio.

Talvez houvesse edições anteriores, porque Barbosa dá o 1.º volume impresso em 1554 e o 2.º em 1567.

A causa de entre nós não se publicarem mais cedo collecções de adagios em vernaculo explica-a muito curiosamente João de Barros no *Dialogo da Viciosa Vergonha*, attribuindo-a á opinião do mundo em estimar mais o antigo que o moderno, mais o passado que o presente, mais o extranho que o natural, sentença que já Christo proferira quando disse que ninguem era propheta na sua terra.

Vem esta explicação a proposito da palavra *Esgueva*, que um principe portuguez poz como despacho n'um requerimento. Como ninguem o entendesse foram perguntar ao principe a sua significação, o qual respondeu — *quem não suar, não beba*, que se transformára em proverbio.

Estas palavras não soaram bem ao filho de João de Barros, que não as achou proprias de magestade real.

— Isso te parece, obtemperou o pae, porque são nossas e ditas em linguagem. Que mais valor tem tantas outras que andam apregoadas por esse mundo como Evangelho?

E citou, em apoio, as seguintes:

Conhece a ti mesmo; Todalas cousas com tempo; Apressa-te de vagar; Sejas similhante a ti; De nenhuma cousa, muito; Despende com proveito.

«Qualquer cousa para ter preço entre nós, hade ser dita em grego ou latim, porque esta magestade tem o antigo e extrangeiro».

No seculo XVII proseguiu ainda o movimento: assim Jorge Rodrigues imprimiu em Lisboa em 1617 a *Perla de los proverbios morales*, de Alonso de Barros, e D. Fernando Alvia de Castro, hespanhol, colleccionou e publicou em Lisboa, em 1621, os *Aforismos y exemplos politicos y militares sacados de la primera Decada de Juan de Barros*.

Não é nosso intuito proceder agora á coordenação do *Refraneiro* ou *Adagiario* portuguez, mas se ousassemos metter hombros a tal empreza, não deixariamos de respigar primeiramente nos nossos antigos escriptores, sobretudo nos auctores comicos, o que elles nos podessem fornecer n'esta especialidade, fazendo o confronto entre a forma litteraria, ali crystallisada, e a forma popular ainda hoje corrente. O parallelismo poder-se-hia levar mais além, estabelecendo a correlação com os adagios extrangeiros, sobretudo com os hespanhoes, e mostrando quanto possivel as fontes primitivas da sua formação.

Como panno de amostra, damos agora, n'este escripto, o resultado das nossas investigações colhidas em tres dos principaes escriptores comicos do seculo XVI, Gil Vicente, Chiado e Antonio Prestes. Ficará para mais tarde, se nos não faltar ensejo propicio, o forragear em outros campos, não esquecendo Jorge Ferreira de Vasconcellos, cujas comedias são preciosos alfobres. Vem aqui muito a proposito citar o que diz Faria e Sousa na sua *Europa Portugueza*, no capitulo em que trata das cousas, em que se deve a primasia aos nossos compatriotas. Eis as suas proprias palavras: «El primer libro que se escribio con la mira en sartar refranes y

dichos graúdos fué (con admirable acierto) el que llaman *Eufrosina*, malissimamente traducido en castellano; no sé le sabe autor: diole ultimamente a luz Francisco Rodriguez Lobo, muy diminuto».

Não parece incrivel que Faria e Sousa, dotado de tão extraordinaria erudição, desconhecesse a primeira edição da celebrada comedia e quem era o seu verdadeiro auctor?

O nosso modesto trabalho, embora fadigoso, não passa de meros subsidios para a formação do *Refraneiro portuguez*. Outros, seguindo-nos o exemplo, ou orientados por melhor estrella, poderão completar ou melhorar a nossa tentativa.

Tomamos para ponto de referencia a collecção de Delicado, por ser a mais antiga e mais copiosa que existe na nossa lingua.

Considerada typographicamente deixa muito a desejar, porque é muito incorrecta. Emquanto á classificação é engenhosa, mas tem os defeitos das classificações artificiaes. É bastante arbitraria e até contraproducente, não se achando por vezes os adagios nas classes onde parece que mais naturalmente se deviam encontrar. Assim este *Dadivas quebrantam ventas* não vem sob o titulo generico de *Dadivas*. Além d'esta classificação geral, Delicado adopta outra secundaria, por alphabeto, escolhendo para isso a primeira palavra. O padre Cahier, no seu livro *Quelque six mille proverbes* preferiu para esta classificação orthographica a palavra predominante.

Além dos escriptores portuguezes mencionados, cahiu tambem debaixo do nosso exame um eminente litterato hespanhol, *el Phenix de los ingenios*, como, com justiça, o denominavam os seus contemporaneos. Na *Dorotea* de Lope de Vega Carpio pullulam os Annexins, muitos dos quaes vêmos em Delicado com pequenissimas variantes, parecendo alguns d'elles versões directas do hespanhol. Estes vão em grifo debaixo d'aquelles para assim melhor se formar o estudo comparativo.

I

Gil Vicente

São bastante numerosos os adagios que se encontram nas obras de Gil Vicente. Disseminados por todas ellas, apparecem todavia com mais frequencia no *Dialogo sobre a Resurreição* e no *Pranto de Maria Parda*. Na maioria dos casos o poeta intercala-os naturalmente, sem indicação ou designação especial, mas quasi sempre apresenta-os a titulo de exemplo, ao qual applica os mais variados epithetos: — *exemplo velho, exemplo antigo, exemplo da velha, exemplo esquecido, dioso, de mulher honrada*, etc. Uma só vez, se bem nos recorda, é que falla em *refran*. Outras vezes authorisa as suas sentenças com nomes historicos, como Salomão, Pelayo, Nabucodonosor.

Apresentamos em seguida o fructo da nossa apanha, que, por um lado, talvez não seja completa, e por outro talvez apresente como adagio ou aphorismo popular o que não passa de sentença individual do auctor, o que é difficillimo de distinguir, sobretudo pela forma e feição particular que apresentam. Muitos d'elles, todavia, estão confirmados por virem em outros auctores, nas collecções especiaes, e por andarem ainda na bôca do povo. Ao criterio do leitor e das pessoas entendidas deixamos o proceder a mais apurada selecção.

1. *Quem com mal anda,* dizia Jacó,
   Rabina Rabasse, Rabi Moussem
   Não cuide ninguem que lhe venha bem,
   Não é bem que alguem haja delle dó.
2. Quem com mal anda, chora e não canta.
3. Quem só te aconselha, só te depena.
   (Exactamente o mesmo em Delicado).
4. Quem não faz mal, não merece pena.
5. Quem chora ou canta, fadas más espanta.
6. Filho, não comas, não rebentarás.
7. Se sempre calares, nunca mentirás.
8. Come e folga, terás boa vida.
9. Não comas quente, não perderás o dente.
10. Quem não mente, não vem de boa gente.
11. Não achegues á forca, não te enforcarão.
12. Não peques na lei, não temerás rei.
13. Se tu te guardares, eu te guardarei.
14. Quem sempre faz mal, poucas vezes faz bem.
15. Não sejas pobre, morrerás honrado.
16. Quando perderes, põe-te de lado.
17. Se nada ganhares, não sejas sizeiro.
18. Não é sesudo o juiz
    Que tem geito no que diz
    E não acerta o que faz.
19. Que *na festa sem comer*
    Não ha hi gaita temprada.

    Não ha festa sem comer. *(Chiado).*

Em Delicado ha os seguintes equivalentes:

Gram prazer não escusa de comer.
Não ha prazer onde não ha comer.
Nem boda sem canto, nem morte sem pranto.

20. Por bem querer, mal haver.
    Por bem fazer, mal haver. *(Delicado).* (Esta forma ainda hoje é vulgar).
21. Cá dizem que *sob mau panno*
    Está o bom bebedor.

Em Delicado:—Debaixo de má capa jaz bom bebedor.

Na *Philosophia Popular em Proverbios:*

Debaixo de ruim capa se esconde um bom bebedor.

22. Diz lá o exemplo velho:
    Dá-me tu a mim dinheiro
    E dá ao demo o conselho.

Na *Philosophia Popular:*—Dae-me dinheiro, não me deis conselho.

23. Mas renega da mulher
    Que ó tempo do mister
    Não é cabra nem cabrito.
24. Cant'eu sempre ouvi dizer:
    Quem bem renega, bem crê.
25. El asno muerto cevada.

    Asno morto cevada ao rabo. (*Delicado*).
26. Mas França e Roma não se fez n'um dia.

No *Auto da Ave Maria,* de Antonio Prestes, lê-se o contrario:

E mais hi ha França que se fez n'um dia.

Outra forma:—Roma e Pavia não se fez n'um dia.

Em Delicado: — Não se fez Roma em um dia.

O mesmo traz outra forma equivalente, mas que é de origem hespanhola:

Em uma hora não se ganhou Çamora.

27. Porque todo o mal é de quem o tem.
28. El mi tormento se vê
Por este *exemplo esquierdo:*
«Si quereis matar el cuerdo
Atalde un necio al pie».
29. Por que quem dinheiro tem
Fará tudo o que quizer.
Quem dinheiro tiver fará tudo o que quizer. (*Delicado*).
30. Crede que *a necessidade*
Mui pouco descanço tem.
31. Quien guardó ganado en sierra
En el poblado es perdido.
32. El galgo y el gavilan.
No se matan por la prea
Sino porque es su ralea.
33. Para el pierro que es traviesso
Bueno palo valiente y grueso.
34. Que entre concierto y concierto
Nacen muchos desconciertos.
35. Buen relox es del comer
Quando lo templa la gana.

Em Delicado ha este equivalente: — Como que a hora de comer é a da fome.

36. El diablo no es tan feo
Como Apeles lo pintaba.

Em Antonio Prestes: — quando quero (*o diabo*) tambem sou
gentil homem, que Apelles
tão feio não me pintou.

Na *Aulegraphia*, de Jorge de Vasconcellos: — Não é o diabo tão feio como o pintam.

37. Exemplo es verdadero:
Que ausencia aparta amor.

Em Delicado este equivalente: — Esquivança aparta amor, boas obras homizio.

38. Porque *el tiempo nunca usó*
De ayudar a quien lo pierde.
39. Y en toda parte suena
Que perfia mata caza.
Caza mata el porfiar,
Como dice el refran viejo.

Na *Philosophia Popular:* — Quem porfia mata caça.

No *Cancioneiro* hespanhol, de que tratamos no capitulo v, vem o seguinte:

Porfia mata venado
Que no montero cansado.

40. *Los mas sabios, mas perdidos.*
Como os dirá Salomon.
41. Quereis conhecer o ruim
Dae-lhe officio a servir.

Em Delicado: — Dá-lhe officio ao villão, conhecel-o-has.

Na *Philosophia Popular:* — Se queres saber quem é o villão, mette-lhe a vara na mão.

42. Quien canta no tien tormento.
43. Pero el mal que es prolongado,
Cuando algun remedio espera
Es ya de desesperado.
Grande bem, se não me enleio
He lembrar o mal passado
Depois de ser acabado.

Faz lembrar um pouco, pelo sentido inverso, o *Nessun magiore dolore*, do poeta florentino, traduzido pelo marquez de Santillana:

La mayor coyta que haver
Puede ningun amador
Es membrarse del placer
Em el tiempo del dolor.

E que Bernardim Ribeiro verteu do seguinte modo:

Nunca foi mal nenhum mor
Nem n-o ha hi nos amores,
Que a lembrança de favor
No tempo dos desfavores.

Em Delicado: — Aquelle hade chorar que teve bem e veio a mal.

Na *Philosophia Popular*: — O bem não se conhece senão depois que se perde.

44. Todalas cosas a ratos
Tienen su remedio cierto.
45. Que el amor não mata frio,
Ni paga nunca soldada.
46. Harto es el hombre de loco
Que da lo que ha menester.
47. Porque diz o exemplo antigo:
Quando te dão o porquinho
Vae logo c'o bacorinho.
48. Se o nosso asno soube ler
Não é muito que saibaes vós isso.
49. Mas *pobreza e alegria,*
Nunca dormem n'uma cama.
50. E quem casa com aviso
Acha em casa a discrição.
51. Que formosa sem amor
É como sol de janeiro,
Que sempre anda traz do outeiro;
Ou como poupa em queimada,
Bem pintada e mal lograda:
Ou é frol de pecegueiro;
Formou e não presta nada.
52. Pois quem no ar se namora
Pene e queixe-se do vento.
53. E não *amor de sequeiro*
Que emfim, por derradeiro,
Quanto faz, tanto desfaz.
54. Los que mueren por la lei
Mueren con dulce victoria
Por su lei y por su rei.

N'uma carta do seculo xv acêrca da conspiração do duque de Bragança refere-se ao *Dito* que diz:

Por tua Lei e Rey e Grey morrerás.

N'um Codice que pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e que hoje se conserva na Bibliotheca Publica Municipal do Porto, vem uma collecção de proverbios, sob o titulo *Multa notata digna de proverbio*, e entre elles o seguinte:

Por tu Rei, por tu lei, por tu terra morirás.

55. Dourae a patria vossa
Com *mais nozes que as vozes.*
56. Vinho a seis, cabra a tres.
57. Pão de calo, filhós de manteiga.
58. Moça formosa, lençoes de veludo.
59. Casa juncada, noite longa.
60. Chuva com pedra, telhado novo.
61. A candeia morta, gaita á porta.
62. Villão farto, pé dormente.
63. Namorados de ai ai
Não são papa, nem são sal.
64. Ante a Paschoa vem os Ramos.
65. Maior é o anno que o mez.
66. Porque diz o exemplo antigo:
Que *a amiga e o amigo*
Mais aquenta que bom lenho.
67. Mata o cavallo de sella,
E bô é o asno que me leva.
68. Asno que me leve quero
E não cavallo folão.

Em Delicado: —Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube.

69. Filha, *no chão do Couse*
Quem não poder andar, choute.

Em Delicado: —Em chão de couce, quem não poder andar, choute.

No *Cancioneiro* hespanhol adiante citado:

Mas quiero asno que me lleva
Que cavallo que me derrueca.

70. Mais quero eu quem me adore
Que quem faça com que chore.
71. Cada louco com sua teima.
(Ainda hoje é vulgar).
72. Diz o exemplo da velha:
O que não haveis de comer
Deixae-o a outrem mexer.
73. Quem bem tem e mal escolhe,
Por mal que lhe avenha, não se anoje.
74. Antes lebre que leão.
75. Antes lavrador que Nero.
76. Mas bom é de encaminhar
O gato para o toucinho.
77. Porque *não se tomão trutas*
Assi a bragas enxutas.

Em Delicado: —Não se ganham trutas ás bragas enxutas.

Na *Philosophia Moral*, de fr. Aleixo de S. Antonio, vem esta variante:

Não se tomam truitas com rêdes enxuitas.

78. Nem se ganha o Paraizo
Senão com offertas muitas.
79. As amoras e o trigo
Vem no tempo dos melões.
80. Aqui e em todo logar:
Muito damna o mau fallar
E aproveita a cortezia.
81. Porque *o damno da mulher*
Sempre lhe entra pelo ouvido.
82. Mãe, dos homens é fallar,
E das mulheres ouvir,
E do bom siso calar,
E da prudencia sentir
O que não pode damnar.
83. Pusose el perro, en brágas de acero.
84. Un «exemplo de Pelayo»:
Que una cosa pensa el bayo
Y otra quien lo ensilla.

Em Chiado: —Al cuida el baio
e al cuida quem no filha.

No *Cancioneiro* hespanhol, adeante citado (vide n.° 360):

Uno piensa el bayo
Y otro el que lencilla.

85. Porque deveis de saber:
Que quien su yegua mal pea
Aunque nunca mas la vea,
El se la quiso perder.

Em Delicado: — Quem sua burra mal peya, nunca a veja.

86. Dizem que *em tempo de figos*
Não ha hi nenhuns amigos.

«Em tempo de figos não ha amigos», traz Delicado, mas em Perestrello exactamente o contrario: «Em tempo de figos ha muitos amigos».

Em D. Francisco Manoel de Mello, *Las tres Musas del Melodino, Viola de Talda*, vem um *Epigramma* (4 XV) dirigido a Tristão da Cunha, em resposta a um presente de figos. Compõe-se de duas quintilhas: na primeira citam-se alguns rifões, e na segunda mais directamente se refere aos aphorismos relativos aos figos. São de theor seguinte:

As saudades minhas são,
Todo o bem da vida é sonho,
Não ha gosto sem senão:
Emfim vós fostes Tristão
E me deixastes tristonho.

Estes figos do Barreiro
Desmentem rifões antigos:
Sois amigo verdadeiro,
Porque fostes o primeiro
Amigo em tempo de figos.

87. E diz o exemplo dioso:
Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
88. Exemplo de mulher honrada:
Que os ninhos d'ora a um anno
Não ha passaros ogano.
89. Diz um verso acostumado:
Quem quer fogo busque a lenha.
90. Pois diz outro exemplo antigo:
Quem quizer comer comigo
Traga em que se assentar.
91. E diz mais: *quem muito pede,*
Mana minha, *muito fede.*

Em Delicado:

Quem muito pede muito fede.
Quem muito pede e muito bebe,
a si damna e a outro fede.

II

Antonio Prestes

Antonio Prestes usa muito da palavra rifão. Ora convem observar que na antiga poesia portugueza tinha um sentido differente, parecendo significar *mote*, como se pode verificar no *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende. Assim, por exemplo, vêmos um *rifan e copras* feito por diversos poetas a Fernam da Silveira, porque correu a carreira com um mongy de velludo preto forrado de martas. Começa por este modo:

RIFAM

Ainda m'agora abalo
de te vêr, como te vi,
vestido no teu mongy
a cavallo.

Antonio Prestes usa tambem d'estas phrases: *verbos antigos* e *berbo antigo.*

92. sempre o pardal
quer casa co'a cotovia.
93. (Diz o Diabo) *que Apelles*
tão feio não me pintou.
(Vide n.º 36)
94. Cada figo em sua figueira.
95. Vontade desenfreada
a nenhuma razão veio.
96. em que digan que não ha
casado sem arrependido.
97. um mau tiro
sempre tem seu laço armado.
98. Mais achado
é o que cuida que engana
ficar sempre o enganado.
99. No vay do no vay dono.
100. Por dinheiro baila el perro.
100-a. me praz usar do rifão:
dae-lhe o pé...
101. Dadivas quebrantam penhas.
(O mesmo em Delicado).

102. Vaca e orgãos nunca enfada.
103. viva a gallinha,
viva com sua pevide!
(O mesmo em Delicado).
104. Dizem lá verbos antigos,
em que não sejam Evangelhos,
serão bordões para os velhos:
de maus filhos, maus amigos,
bons amigos, bons conselhos.
105. A razão mata a razão.
106. Não ha vilão sem ruim,
nem ruim sem ser vilão.
107. que um viróte não achado
descobre o outro viróte
pelo tiro do tirado.
108. Mais estreita quem mais tem.
109. Criae côrvo, dae-lhe mesa.
(Em abreviatura no Codice de Santa Cruz).
110. Quem se desherda antes da morte,
Outro como este a vida lhe corte.

Chiado é mais Cambronne:

Quem o seu dá e quem do seu se desherda, beba da merda.

Em Delicado:

Quem do seu se desapossa antes da morte deem-lhe com um masso na fonte.
Quem dá o seu antes de morrer, apparelhe-se a bem morrer.

111. o que d'ahi se me entendeo,
que estaes solicita Martha,
condemnae-vos como réo,
porque é certo que de farta
daes lá com o dedo no céo.

É uma allusão ampliada ao: — Morra Martha, morra farta.

Em Delicado: — Bem canta Martha depois de farta.

No *Cancioneiro* hespanhol (vide n.° 338): — Bien canta Marta
Quando esta farta.

112. Tal a cabra, tal a ovelha.
113. Muito é do gosto meu
um *rifão* que de certo creio,
que diz, se me não enleio:
mais sabe o sandeu no seu
que o sisudo no alheio.
(O mesmo em Delicado).
114. Como lá diz o rifão:
não fez Deus quem desampare.
115. Como diz o rifão:
de fóra pão e viola...

Vulgarmente ainda se diz: — *Por fóra, cordas de viola; por dentro pão bolorento.*

116. Como diz o *berbão* antigo:
de sengo, ferros de arado.
117. Para bom entendedor
não ha mais bailar mourisca.

N'umas trovas de D. Martinho da Silveira que vem no *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, lê-se:

porque a bom entendedor poucas palavras abastam.

118. Oh! que estavamos na aldeia
e não viamos as casas!

Em Delicado: — Estaes na aldeia, não vêdes as casas!

119. Palavras não custam prata.
120. Ha mulher espada e ha homem roca.

O Chiado tem o seguinte rifão: — Mal vae á casa onde a roca manda a espada.

Este mesmo em Delicado, onde se encontra tambem o seguinte que é equivalente: — Em casa de Gonçalo mais póde a gallinha que o gallo.

121. Filha, cal'-te, põe comtigo
este *exemplo*, que te digo,
que confina a Salamão:
moço mau, se o pau lhe é pão,
é-lhe conducto o castigo.

122. Ida de João Gomes seja,
que indo em fructo veio em rama.

Na *Pratica dos Compadres*, de Chiado: — Ida de João Gomes seja ella,
que foi de casa na sella
e tomou no seu alforge.

Em Delicado: — Ida do João Gomes, foi em sella e tornou em alforge.

O snr. dr. Theophilo Braga (*Povo Portuguez*, vol. II, pag. 351), pretende filiar historicamente este annexim no seguinte facto historico: João Gomes d'Abreu, andando caracoleando a cavallo em Almeirim, cahiu por uma rampa, d'onde foi tirado em mau estado. Os fidalgos, ao serão, dirigiram-lhe varios apodos em verso.

Ora no *Cancioneiro* de Garcia de Resende, ha poesias satyricas a dous casos identicos. O primeiro deu-se com o trovador João Gomes da Ilha, a quem D. Rodrigo de Crasto, Fernam da Silveira e João Fogaça dirigiram versos de chacota porque viram um cavallo com umas alcaladas e souberam que era seu, e que era vindo elle da ilha.

O segundo deu-se com João Gomes d'Abreu, que talvez seja o mesmo, a quem D. Duarte da Gama e outros enviaram trovas, porque estando na costa dos paços, andando d'amores, lhe cahiu um cavallo pela costa e morreu logo e a elle não fez nenhum nojo.

Nenhum d'estes dous casos, tirante a analogia do nome, poderia, parece-nos, dar origem ao rifão.

O snr. Alberto Pimentel na sua edição das obras de Chiado, repete a opinião do snr. dr. Theophilo Braga.

III

Antonio Ribeiro Chiado

É nas suas *Parvoices* que Chiado nos offerece o maior contingente de rifões. Essas mesmas *Parvoices*, paraphraseando ou moralisando os *rifões*, se poderiam considerar outros tantos dictados, assim como os *Avisos para guardar*.

A proposito de Chiado lembra-nos aqui additar uma circumstancia bibliographica de alguma importancia que não temos visto até agora mencionada ou apro-

veitada. É a nota que se lê a pag. 93 do *Indice Expurgatorio* publicado em Lisboa em 1624, por Fernão Martins Mascarenhas. Diz assim:

«Antonio Ribeiro Chiado a petiçam que fez ao seu Commissario etc. e a resposta della se prohibe. Ambas começam *Ne recorderis peccata*. Item a sua Regra geral de Sam Francisco, que tambem anda no fim dos letreiros das sepulturas, em troua. Do seu Auto intitulado *Da natural invençam*, quando falam os dous vilões Gonçalo Bras & Pero Gil, risque-se *outro boy laurou o rego*, até: *com uns pezinhos de auache.*»

É possivel que Barbosa Machado tivesse lido esta indicação e d'ella tirasse a noticia acerca do auto da *Natural invençam*, de que actualmente se não conhece a existencia de nenhum exemplar.

123. Hoje mal, irás empeora.
124. Hoy vindo, e crás garrido.
É o rifão do marquez de Santilhana:
Oy venido, é cras garrido.
125. Como dizem: *lá vão leis...*

Corresponde por ventura a este de Delicado: — Lá vão leis onde querem reis.

Camões, nos *Disparates da India*, usa esta forma:

Que lá vão leis onde querem cruzados.

126. Levantou-se a preguiçosa
e foi pôr o fogo á casa.

Em Delicado: — Levantou-se a preguiçosa a varrer a casa e poz-lhe o fogo.

127. Que o que se não faz no mez
pelo anno se fará.
128. Que quem não crê madre velha...
129. Pêca é quem em si confia.
130. E mais nunca *ninguem diga*
d'esta agua não beberei.
(Ainda é hoje vulgar. Veja-se nos adagios de Lope de Vega).
131. Mas ao villão dá-lhe o pé
e tomar-vos-ha elle a mão.
Ao villão dá-lhe o dedo, tomar-te-ha a mão. (*Delicado*).
132. Al cuida el baio,
e al cuida quem no filha.
(Vide n.º 84).
133. As cousas que de Deus são
Deus as ordena e ajunta.
134. E pois agua não vem ao moinho
que vá o moinho á agua.

Em Delicado: — Já que a agua não vae ao moinho, vá o moinho á agua.

135. Isso é que é cumprir a regra:
se queres viver em paz,
tuas portas fecharás, et cetra.

É a Regra para quem quizer viver em paz, de D. João Manoel, um dos poetas do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende, a qual principia:

Ouve, vê e cala,
E viverás vida folgada!
Tua porta cerrarás,
Teu visinho louvarás...

Chiado, na *Pratica dos Compadres*, traz uma *Regra*, imitação d'esta:

Tua porta cerrarás
o melhor que ser puder;
tomarás tua mulher
com bom pau...

Em Delicado ha o seguinte adagio: — Cerra tua porta, farás tua vizinha boa.

136. E mais não sei quem me quer bem
E menos quem me quer mal.
137. E mais, *em bôca fechada*,
já sabeis, *não entra mosca.*
Em bôca fechada não entra mosca. (*Delicado*).
138. E mais diz um *dito* velho:
fóge das más companhias
e serás de todos espelho.
139. Porque diz lá Salomão:
que *quem não olha ao diante*
do mal que vir não s'espante.
140. Antes que cazes
Olha primeiro o que fazes.
Antes que cazes olha o que fazes, que não é nó que dezates. (*Delicado*).
141. Deitem o noivo no poço
se com a noiva não brincar.
142. Não ha festa sem comer.
143. Bem dizem que *n'arca aberta*,
já sabeis, o *justo pecca.*
Na arca aberta o justo pecca. (*Delicado*).
144. Não morre ninguem d'abafos,
as ameaças pão comem.
145. Alcarradas a villa
que beringellas ha no açougue.

Esta forma parece-nos preferivel á que traz Delicado:

Alvoradas á villa que beringellas ha no açougue.

146. Preso por mil,
Preso por mil e quinhentos.
147. Ora veremos quem cansa:
se o asno, se quem o tanje.
148. Na casa onde ha recado
o mesmo ladrão morre á fome,
e mesmo o gato não come
senão o que é mal guardado.
149. Nenhum cego se conhece.
150. Y una que me lo digan
Y otra me dá que lo calen.
151. Un malo saca un bueno
pero no de la cadena.
152. Vae onde te cumpre e manda por cumprires.
153. Quem faz a vontade a sua mulher, tome o que lhe vier.
154. Porque benta é a porta por onde a mulher foi morta.
155. Conversação de rapaz mais damna do que faz.
156. Homem que com sua honra não sonha, vem-lhe de ter pouca vergonha.
157. Porque quem sua mulher gaba de bella, vive d'ella.
158. Porque quem com sua honra não tem conta, não teme afronta.
159. Porque a que anda servindo no paço sempre tem embaraço.
160. Não faças bem a villão ruim nem te fies de beguim.
161. Porque o que se corre de estar em a igreja de pé, suspeitoso é na fé.
162. Quem por ladeira arriba corre, por sua vontade morre.
163. Melhor é penhor na mão que magua no coração.
164. Conselho de quem te bem quer, ainda que te pareça mal, escreve o que te disser.
Conselho de quem te bem quer, ainda que te pareça mal, escreve-o. (*Delicado*).
165. Porque quem porfia sem saber, virar-lhe as costas e mandal-o beber.
166. Porque quem fia de villão é parvo de ante-mão.
167. Porque se diz: O homem fogo, a mulher estopa, vem o diabo e assopra.
O homem é fogo e a mulher estopa: vem o diabo, assopra. (*Delicado*).

168. Palavra e pedra solta não tem volta.
A pedra e a palavra não se recolhe depois de deitada. (*Delicado*).
Palavra e pedrada solta não volta. (*Idem*).
169. Nem a chocarreiro nem a frade fóra do mosteiro dês o teu dinheiro.
170. Quem não sabe nem aprende, por asno se vende.
171. Livros cerrados não fazem letrados.

Em Lope de Vega: — Libro cerrado no saca Letrado.

172. Se matares, matar-te-hão e matarão a quem te matar, se te o conde poder livrar.
173. Quem anda de noite com o alcaide ou meirinho, ou é beleguim ou amigo de vinho.
174. O que me reprehende das más linguas me defende.
175. Aquelle é meu amigo que me livra do perigo.
176. Quem mal cacha, peior acha.
177. Quem cavalga em bêsta sem vara ou espora, asno é de nora.
178. Quem com mão dá com sanha, quantas dá tantas apanha.
179. Quem com pedra gasta seu dinheiro, é grande malhadeiro.
180. Quem o seu dá e do seu se desherda, beba da merda.
181. A quem dizes tua puridade, dá-lhe tua liberdade.

Em Delicado: — A quem dizes tua puridade, dás tua liberdade.
A quem disseste teu segredo, fazel-o senhor de ti.

182. Se fôres a passo chegarás; se choutares, cansarás.
183. Quem traz de vallados vae fallando, filhos alheios vae creando.
184. Cada um tenda a perna segundo tem a coberta.
Cada um estenda a perna até onde tem a coberta. (*Delicado*).
185. Assenta-te no teu logar e não te mandarão levantar.
Senta-te em teu logar, não te farão levantar. (*Delicado*).
186. Quem não tem e muito despende, na praça se vende.
187. Quem muito falla e pouco sabe, por asno se gabe.
188. Quem comsigo só anda fallando, o diabo o está enganando.
189. Nem moço parente nem rogado tenhas por criado.
190. Quem se corre de lhe tirar pulga ou piolho, mettam-lhe uma figa no olho.
191. Quem por lhe darem tira fio: é parvo bem frio.
192. Quem de longe acena, de perto se condemna.
193. Quem em sua casa folga com ajuntamento, tem siso sem fundamento.
194. Melhor é dormir coberto com atar ataca, que ficar parvo de marca.
195. Com animal não luctes, nem o alheio furtes.
196. Cada um é filho de seu pae.

IV

Lope de Vega Carpio

«Ludovico. — ... *que tambien yo se de refranes.*»
La Dorotea, acto 3.º, scena 3.ª
«Dorotea. — *Todos sabemos adagios, Gerarda.*»
Idem, acto 4.º, scena 6.ª

Lope de Vega, além de lyrico eminente e de fecundissimo auctor dramatico, foi tambem um critico cheio de humorismo e de bom-siso, e um erudito muito notavel. As suas obras estão dando frequentes mostras da sua variada leitura. Era necessario, effectivamente, apesar do seu genio inventivo, que quem tanto escre-

via, lêsse tambem muito para que assim colhesse de flôr em flôr o mel que tão bem sabia preparar. O cerebro é um forno, que, para arder, precisa de lenha. Indubitavelmente Lope de Vega se retrata a si proprio n'esta conceituosa quintilha, em que transparecem os seus processos litterarios:

Como compones? Leyendo,
Y lo que leo, imitando,
Y lo que imito, escriviendo,
Y lo que escrivo, borrando,
De lo borrado escogiendo.

Diz elle que foi esta a resposta que n'uma comedia deu um poeta a um principe. Bem respondido.

Sacamos esta quintilha da mesma comedia, d'onde extrahimos as duas phrases que nos servem de epigraphe, e que pronunciam, a seu turno, duas das personagens que entram na *Dorotea, accion en prosa*, como lhe chama o auctor, mas que é uma composição dramatica em cinco actos entresachada de muitos versos de caracter philosophico e critico, em que se mette a ridiculo, com muita graça e discrição, o culteranismo, sobretudo o que elle denomina *Cultidiablesco*.

Ainda da mesma obra extrahimos o seguinte trecho, que vem reforçar a doutrina exposta na quintilha acima transcripta:

«Ninguna cosa deve disculpar al buen Poeta, piense, borre, aduierta, elija, y lea mil vezes lo que escriva, que Rimas se llamaron de *Rimar*, que es inquirir, y buscar com diligencia; assi le usó Ciceron, assi Estacio.»

Esta passagem mostra-nos que Lope de Vega, apesar da sua maravilhosa fecundidade, não confiava unicamente na inspiração do estro e que não compunha fogosamente d'improviso ou se cedia ao impulso momentaneo apurava depois cuidadosamente a sua obra. Isto suppondo, e com razão, que elle não era da indole de frei Thomaz que aconselhava uma cousa e fazia o contrario.

A *Dorotea* é obra recheada de erudição, e n'ella apparecem com superabundancia os adagios, de que fizemos a collecção que segue. É possivel que estejam todos recolhidos nos livros da especialidade e que Lope de Vega não fizesse senão transcrevel-os de lá; mas é provavel tambem que elle os derivasse directamente da sua origem popular. Como quer que seja, não nos parece trabalho inteiramente desprezivel a formação d'este ramilhete, em que talvez appareça alguma flôr desconhecida dos herborisadores do genero.

Lope de Vega estudou mathematicas com o celebrado cosmographo portuguez Lavanha, a quem dedicou um soneto, publicado nas suas *Rimas*. Na *Dorotea* tambem allude ao nosso illustre compatriota na seguinte passagem: «Esto estudié en mi tierna edad del doctissimo portugues Iuan Bautista de Lauaña.»

A mina que nos forneceu o veio que exploramos foi a *Dorotea*, edição de 1675, estampada em Madrid por Melchor Sanchez. É de crêr, todavia, que nas demais obras do illustre escriptor hespanhol, sobretudo nas dramaticas, se encontrem ainda mais elementos d'esta naturesa.

Antes de proceder á resenha dos adagios do celebrado poeta, convem additar a noticia de que se publicou ultimamente em Madrid (1901) um interessantissimo livro intitulado: *Proceso de Lope de Vega por libelos contra unos cómicos*, em que os seus auctores, em face d'este documento judicial, provam que a *Dorotea* é uma auto-biographia do eminente poeta, uma pagina da sua amorosa vida juvenil. Causa realmente sensação como é que Lope de Vega pôde assim embaçar um episodio tão apaixonado da sua mocidade n'esta capa da sabedoria popular, da philosophia dos annexins. Um curioso caso de psychologia litteraria, que está a pedir um attento estudo da parte de algum discipulo do doutor Lombroso.

197. Galana es mi comadre si no tuviera aquel Dios os salve.

198. La casa quemada acudir con agua.
Queimada a casa, acode com agua.

O qual corresponde a est'outro: — *Casa roubada, trancas á porta.*

199. La mula buena, como la viuda, gorda y andariega.

200. Quando estas sean canas, la Luna tiene manchas.

201. Quien tunde el paño, quita la cresta al gallo.

202. Robles, y pinos, todos son mis primos.

203. Libro cerrado no saca Letrado.
Em Chiado: *Livros cerrados não fazem letrados.*

204. Quien al asno alaba, tal hijo le nasça.
Quem o asno gaba, tal filho lhe nasça.

205. Grita niños, que baxa el viño, oy a quatro, maña a cinco.

206. Um asno entre muchas monas cocanle todas.

207. Tose el padre prior? Bueno será el sermon.

208. Tal sea mi vida, qual es la perdiz con lima.

209. Comer a gusto, y hablar, y vestir al uso.
Vestir a uso e comer a gosto.

210. Viene de la huera e pregunta por la muerta.

211. Vieja que bayla, mucho polvo levanta.

212. Temas ay de gauilan, que está cocido, y quiere bolar.

213. Tres cosas hacen al hombre medrar: ciencia y mar y casa real.
Tres cousas fazem o homem medrar: sciencia e o mar e casa real.

214. Quien no ay mesura toda la Villa es suya.
Quem não tem mesura toda a Villa é sua.

215. Riñeme mi madre, y yo tromposelas.

No *Cancioneiro*, n.° 346: — Kastigame mi madre
Yo trompegelas.

216. Quien se viste de verde, a su rostro se atreve.
Quem de verde se veste, por formosa se tem.

217. Escarvò al gallo y descubriò el cuchillo.

218. En Toledo el abad á huevo, y en Salamanca á blanca.

219. Beba la Picota de lo puro, que el tabernero medirá seguro.

220. Contigo me entierren, que sabes de cuentas.

221. El moço puede morir, y el viejo no puede vivir.

222. Arador de palma no le saca toda barba.

223. Pide el goloso para el deseoso.
Pede o guloso para o desejoso.

224. Mas forte era Sanson y le venciò el amor.

225. Esto y nada llevaoslo en la halda.

226. Cara sin dientes haze á los muertos vivientes.

227. Esse niño me alaba que come y mama.

228. A los vellacos moxallos.

229. Quando dieres viño á tu señor, no le mires al sol.
Agua que deres a teu senhor não a olhes ao sol.

230. Que quiera que no quiera, el asno ha de ir a la feria.
Quer queira, quer não queira, o asno hade ir á feira.

231. Pesa presto Maria, quarte por media libra.

232. No cabe mas en la taça que no es saca de lana.

233. Vieneme el mal que me suele venir, que despues de harto me suelo dormir.
Vemno mal que soe vir que depois que me farto me ponho a dormir.
234. Pues se sabe la falta, dexe la causa.
235. Un cuchillo mesmo me parte el pan y me corta el dedo.
Um canivete mesmo me corta o pão e o dedo.
236. Labrar y hazer albardas, todo es dar puntadas.
237. El pan com ojos, el queso sin ojos, el viño que salte a los ojos.
Pão com olhos e queijo sem olhos e vinho que salte aos olhos.
238. Este tu hijo don Lope, ni es miel, ni es hiel, ni vinagre, ni arrope.
239. Quando dan por los aladares, canas son que no lunares.
240. Escuderos de Hernan Daza, nueve debaxo de una manta.
241. No tiene mas frio nadie, que la ropa que trae.
Cada um sente o frio conforme anda vestido.
242. Quando el guardian juega a los naypes, que haran los frayles?
243. Si como tiene orejas, tuviera boca, a muchas llamara a la picota.
244. La puerta pesada, puesta en el quicio, no pesa nada.
245. Topasta en la silla, por acà tia.
246. Adonde ay voluntad, mejor es entrarse, que llamar.
247. Como no riñe tu amo? Porque no es casado.
248. Cochino fiado, buen invierno, y mal verano.
249. Campana cascada, nunca sana.
Campa quebrada nunca sara.
250. Casaron a Pedro con Mariguela; si ruin es el, ruin es ella.
251. Un ojo a la sarten, y otro a la gata.
Um olho no prato, outro no gato.
252. Un quartillo presto es ido, una azumbre tambien se sume, el arroba es la que abonda.
253. De los amores y las canas las entradas.
254. No ay buena olla con agua sola.
255. No ay casa donde no aya ser chiticalla.
256. No seais hornera, si teneis la cabeça de manteca.
Não sejais forneira, se tendes a cabaça (*sic.* por cabeça) *de manteiga.*
257. No ay olla tan fea, que no tenga su cobertura.
Não ha panella tão feia que não ache seu cobertoiro.
258. Nuestro yerno si es bueno, harto es luengo.
259. Nadie diga de esta agua no beberé.
Nem (*sic.* por ninguem) *diga d'esta agua não beberei, nem d'este pão não comerei.*
260. Mudança de tiempos, bordon de necios.
Mudança de tempos, bordão de nescios.
261. Assi es redonda, y assi es blanca la luna de Salamanca.
262. La muger y el huerto no queren mas de un dueño.
Horta nem celeiro não quer companheiro.
263. La donzella y el azor las espaldas al sol.
A donzella e o açor com a espalda ao sol.
264. Desde la desgracia primera ya soy donzella.
265. Haga quien hiziere, calle quien lo viere, mal aya quien lo dixere.
266. El dicho apruebo y el proposito no entiendo.
267. El golpe de la sarten, aunque no duele tizna.
O golpe de certam não fere, mas suja.
268. Gota a gota la mar se apoca.
Gota a gota o mar se exgota.
269. Gavilan de Alcaraz mugeres, no tiene cascaveles.
270. Si quieres que te siga el can, dale pan.
Queres que te siga o cão? da-lhe pão.
271. Quien te governò, esse te enriqueciò.
272. Quien en un año quiere ser rico, al medio le ahorcan.
Quem quer enricar em um anno, aos seis mezes o enforcam.
273. Hacer bien nunca se pierde.
274. La flaca bayla en la boda, que no la gorda.
A magra balha na boda que não a gorda.
275. El polvo de la obeja, alcohol es para el lobo.
276. La vida del puerco, corta y gorda.
277. Niña es Marina, quando la llevan por el diente a Missa.
278. No des consejo a viejo, ni espulgues çamarro prieto.
Castigar velha e espulgar cão, duas doudices são.
279. Ni tam yus, ni tan sus, ni tu pan en tortas, ni tu vino en botas.
280. Ni pierro negro, ni moço gallego.
Guar-te de cão prezo e de moço gallego.
281. El rozin en mayo buelvese cavallo.
O rocim em maio torna-se cavallo.
282. Quando los Pedros están à una, mal para Alvaro de Luna.

283. Por el cabo de la cuchar sube gato a la olla.
284. Ida y venida, por en casa de mi tia.
285. La coz de la yegua no haze mal al potro.
286. Aunque la lima muerde, alguna vez se le quiebra el diente.
287. A carne de lobo, diente de perro.
A carne de lobo dente de cão.
288. Berças y nabos para en uno son entrambos.
289. Unas de gato y habito de beato.
Unhas de gato e habito de beato.
Palavras de santo e unhas de gato.
290. Tocòse Mariguela y dexòse el colodrillo de fuera.
291. Obispo por obispo sealo Don Domingo.
292. Las malas tixeras hizieron a mi padre tuerto.
293. Que tiene que hazer las bragas con el alcavala de las habas?
294. La muger del ciego para quien se afeyta?
295. Quien tiene hijo varon, no dé vozes al ladron.
Quem tem filho varão não dê vozes ao ladrão.
296. Salime al sol, dixe mal e oí peor.
297. Las truchas y las mentiras, quanto mayores tanto mejores.
298. Quitosele el suelo al cesto, y perdimos el parentesco.
299. Romeria cerca, mucho vino y poca cera.
300. Costumbres y dineros hazen los hijos cavalleros.
Bons costumes e muito dinheiro farão a teu filho cavalheiro.
301. Donde no está el-Rey, no le hallan.
302. Las llaves en la cinta, y el perro en la cozina.
303. Ponte buen nombre Isabel, y casarte has bien.
304. Fuime a Palacio, fuy bestia, y vine asno.
305. Essa don Vasco, raspaosla del casco.
306. Está el mono en la pared, dize de todos y todos dél.
307. En casa del ruin, la muger es alguazil.
308. Mucho os quiero, Pedro, no os digo lo medio.
309. Entre pupa y buruxon, Dios escoja lo mejor.
310. En año caro, harnero espero y cedazo claro.
311. De la baca flaca, la lengua e la pata.
312. Dixo mayo a abril, aunque te pese me he de reir.
313. A su tiempo nabos en adviento.
Tudo vem no seu tempo e os nabos no Advento.
314. Esse es de la boda, que duerme con la novia.
315. El mozo y el gallo un año.
O moço e o gallo um só anno.
316. La muger ha de ser como la muleta, la boca sangrienta.
317. La casada y la ensalada, dos bocados, y dexarla.
318. El hurtar es cosa linda, si colgassen por la pretina.
319. Hombres tan mirados, no juegan a los dados.
320. Hazte boba, Seneca de Segovia.
321. Contra peon hecho dama, no pàra pieza en la tabla.
Contra pião feito dama, não pára peça no taboleiro.
322. Coscorron de la hornere no tiene pena.
323. Colorada, mas no de suyo, que de la Costanilla lo truxo.
324. Coxo y no de espina, calvo y no de tiña; ciego y no de nube, no ay maldad que no encubre.
Coxo e não de espinha, calvo e não de tinha; cego e não de nuve, todo o mal encubre.
(Este adagio em Delicado está disposto de maneira que parecem dous).
325. Mas vale rostro bermejo que coraçon negro.
326. Mejor es dexar á los enemigos, que pedir á los amigos.
Melhor é deixar a imigos, que pedir a amigos.
327. Que has de hazer mano sobre mano, como muger de escrivano?
Mão sobre mão como mulher de escrivão.
328. Medellin, bueno Medellin, hele aquí viene Lazaro Martin.
329. Mas vale dar buen trueno, que dinero a Mase Pedro.
330. Paz de gallego, tenla por aguero.
331. Arreboles de la mañana, á la noche son de agua.
Manhã ruiva dá vento ou chuva.
Sol roxo agua a olho.
332. Mas vale hazeña parada, que amigo molinero.
333. Por el alabado dexe el conocido y vime arrepentido.
334. Mi hija hermosa, el Lunes à Toro, y el Martes à Zamora.
335. Medicos errados, papeles mal guardados e mugeres atrevidas quitan las vidas.
336. Con un lobo no se mata otro.
Com um lobo não se mata outro.

V

Abecedario de rifões hespanhoes

No *Ensayo de una bibliotheca española de libros raros y curiosos*, de Gallardo, vem descripto, entre os autores anonymos, e sob o numero 484, um *Cancionero* manuscripto, letra do seculo XV, sem nome do compilador, que pertenceu ao celebre Nicolas d'Herberay, sieur des Essarts, o qual verteu para francez os quatro primeiros livros do *Amadis de Gaula*. Da sua propria mão se lê na ultima folha a seguinte nota: «Este libro me fué dado por un mi amigo llamado el contador de Gisors Ragio al 10 de Januaro (sic.) de 1536». E em seguida em letra mais miuda:

Mas quiero asno que me lieva
Que cauallo que me derrueca.

A folhas 195 d'este *Cancioneiro* vem uma composição poetica, que *bien pudiera* — diz Gallardo — *llamarse de chistes ó disparates*, dispostos por A B C. Não tem titulo nem indicação por onde se possa saber o nome do autor e sua procedencia.

Cada uma das estrophes termina por um adagio, que julgamos curioso compilar, por mais de um motivo, porque nos revelam a sua antiguidade, porque nos dão ás vezes diversa forma, e já finalmente porque alguns se encontram no nosso adagiario e ainda na collecção de Lope de Vega citada no capitulo antecedente.

337. Amansar deve su saña
Quien por su mesmo s'engaña.
338. Bien canta Marta
Quando esta farta.
339. Cedacillo nueuo
Tres dias en estaca.
340. De los escarmentados
Se levantam los arteros.
341. En los nidos de antanyo
No ay paxaros oganyo.
342. Ffasta que falles buen viento
Nunca fagas mudamiento.
343. Gran mal tiene
Quien amores atiende.
344. Hormiga que no camina
Mal convida su vezina.
345. Jura mala
En piedra caya.
346. Kastigame mi madre
Yo trompegelas.
347. La duenya que mucho mira
Pocas de vegadas fila.
348. Mas vale flaco aomato
Que gordo en papo de gato.
349. Ni por mucho madrugar
No amanece mais ayuna.
350. Oveia que bala
Bocado pierde.
351. Porfia mata venado
Que no montero cansado.
352. Quando la barba de tu vezino
Vieres pelar, echa la tuya de remojo.
357. Romero fito
Saca çatico.
358. Si la locura fuesse dolores
En cada casa darian voces.
359. Tot lo mon va en ora dura
Qui noy es, noy fa fractura.
360. Uno piensa el vayo
Y otro el que lensilla.
361. Ximeno por su mal
Vió el ageno.
362. Yniquidad escondida
Mengoamiento es de vida.
363. Zelo de sieruo ebediente
Al señor faze seruiente.

VI

Adagios sacados d'um Codice do seculo XVI, que pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra

Ha annos, n'uma temporada do verão que passamos no Porto, frequentando a Bibliotheca Publica, encontrámos n'um dos Codices que haviam pertencido a Santa Cruz de Coimbra (n.º 127) uma Relação de Proverbios *Multa notata digna de proverbis*, de que apenas fizemos breve menção nos apontamentos que tomámos.

Ao elaborar esta monographiasinha, lembrámo-nos do achado e julgando vantajoso publicar essa relação, inserindo-a aqui, recorremos á prestimosa benevolencia do nosso amigo e illustrado official d'aquella Bibliotheca, o sr. J. P. de Lima Calheiros, que promptamente, em dezembro de 1898, nos enviou uma copia da sobredita collecção.

Comprehende ella 197 proverbios, mas eliminamos cerca de uma duzia por virem repetidos, e um d'elles por pouco decente.

Alguns d'elles são em castelhano; outros trazem mescla das duas linguas, o que nos faz suppôr que a compilação fôsse feita por algum hespanhol ou por algum collector que se servia ao mesmo tempo de subsidios escriptos nas duas linguas.

Grande numero d'elles são apenas enunciados, como vulgarissimos, sendo facil completal-os. Ainda hoje é trivial encontrar em diversos escriptores a parte do adagio, como, por exemplo: *Vozes de burro...* Os adagios incompletos, alguns dos quaes tem no original um *etc.*, vão marcados com reticencias.

364. A la muger barbuda de longe la saluda.
Obvia cum fuerit barbis horrenda virago
Verbis parce, lapis primus, et alter eat
Turpe vir investis, turpi barbata puella
Ihac nullum in toto letrius orbe molum.
365. O Abbade donde canta ahi janta.
Repete adeante por esta forma:
Onde o abbade canta ahi janta.
366. Amigo de taça de vinho...
367. A Santa Maria não lhe cantes vigilia.
368. Por tu Rei, por tu lei, per tu terra morirás.
369. Faze bem, não cates a quem.
370. Hase mal y guarte.
371. Cada par com seu igual.
372. Tres cousas são que matam al hombre — moças, dados e cominos dodre.
373. Garganta mala postila para.
374. Morcella que o gato leva, galdida vae.
375. Quien malas manhas ha...
376. Quem bem serve, não medra.
377. Quien engana o bulrão, cien dias...
378. Não se tomam trutas...
379. Do que não aveis de comer, deixae-o bem coger.
380. Mijar claro e dar mau grado...
381. Calho por el tempo é que me hulho.
382. Mais vale um passaro na mão que dous...
383. Não ha mal que cem annos dure, nem mal que sempre ature.
384. Debajo de roim capa...
385. Mais perto estão dentes que parentes.
386. Creae o corvo...
387. Quem em lugar ruim põe a vinha, ás cestas a vindima.
388. Não me pesa de rogar, senão que te queres desquitar.
389. Quem tem dinheiro faz o que quer.
390. Quem com mal trata, mal acaba.
391. O mandar não quer par.
392. Tanto vales quanto tens.
393. De pequeno verás que boi terás.
394. Não se conhece o bem senão depois de perdido.
395. Quem feio ama...
396. Junho velho e agosto fora não sou vosso.
397. Quando março buelve de cabo no alexa carneiro encerrado nem pastor encamisado.

398. Mais vale quem Deus ajuda...
399. A mulher e a gallinha por si perdem asinha.
400. Palavras e plumas o vento las lleua.
401. Quando o coxo de amores morre, que fará quem anda e pode?
402. Quando ha vontade de comer, não ha máo pão.
403. Quien todo lo quiere, todo lo perde.
404. Não ha cousa coberta que tarde ou cedo não seja descoberta.
405. Quem é teu inimigo? Homem do teu officio.
406. Quem erra e se emenda a Deus se encommenda.
407. Quem faz herdeiro em vida, merece que lhe dêem com um maço na cabeça.
408. Nem será sempre verano
tu vida hazer procura
mientras el verano dura.
409. Ao roim roim e meo.
410. Em toda a parte ha um pedaço de...
411. Vivemos como podemos e não como queremos.
412. Vai como vai e não como deve.
413. Todos o roem...
414. Huns se querem com medo, outros com mimo, outros com rigor.
415. Não ha quem seja perfeito.
416. Contas na mão do culatrão. (?)
417. Em casa de Gonsallo...
418. Não cabem cousas grandes em entendimentos occupados.
419. Manda-vos beijar as mãos.
420. Cabra que vai pela vinha, assim como faz a mãe assi a filha.
421. A Rainha ha mister sua visinha.
422. Mais quero hum passarinho na mão...
Mais vale um passaro na mão...
(Vide n.º 382).
423. Ao cavallo a espora, ao moço o assoute.
424. Antes que cases, cata que fases.
425. Lepo o pé que tempo he
426. Tudo ha no mundo, já não ha de que fiar.
427. Guarda de cão que manqueja.
428. Por umas cousas se perdem as outras.
429. Mofino por cabeça.
430. Deus vos dê muita vida.
431. Não no quero, não no quero.
432. A la villa vão meus amores, madre...
(Faz lembrar um verso do Cancioneiro d'Ajuda).
433. Ande eu quente e ria-se a gente.
434. A gula he causa de muitos males.
435. Mais val saber que haver.
436. A boa guerra faz boa paz.
437. O villão, dae-lhe o dedo, elle toma a mão.
438. Quem más manhas ha, tarde ou nunqua las perdera.
439. Obras são amores...
440. A mulher e a gallinha...
441. Quem dá o pão e não dá o castigo...
442. Se a velha se abaixa para si caga.
443. Paga o justo pelo peccador.
444. A lo fim se canta la gloria.
445. Não sabe homẽ sua hora em que morre.
446. O tempo mostra o amigo.
447. Vive bem dama mesaroeris. (?)
448. Dize-me com quem tratas, dir-te-hei que manhas tens.
449. Mais custa o rogado que não o mercado.
450. A moro morto boa lançada.
451. As obras dizem quem cada hum he.
452. Dei o cutello para me degolarem.
453. Andar de bem em melhor.
454. Mais vale a mecha que o sevo.
455. Frei Thomaz...
456. Ora assi, ora assi.
457. Bonos annos bonos annos Dios.
458. Boas são mangas depois da festa.
459. Saram feridas e cutiladas.
460. Justiça de Guimarães.
461. Paga o justo pelo peccador.
462. De longas vias longas mentiras.
463. Quem espera desespera.
464. Quem te fez alcaide a falta de bens. (?)
465. Quem deve não repousa.
466. Bom principio he ás vezes mau fim.
467. Boa guerra faz boa paz.
468. Quem tem má casa não pode.
469. Quem não tem que passa cai-lhe a casa.
470. Huma cegonha mata outra.
471. Fazer as cousas ás avessas.
472. Pedra movedissa não cria musgo.
473. Assim como a roda anda...
474. Cada hum colhe como semeia.
475. Fr. Thomas bem o diz...
(É outra forma do 455).
476. Não se ganham trutas a bragas enxutas.
477. Dizei-me, meninas que ervas colheis...
478. Porfia mata caça.
479. Estas na aldeia...
480. Da mão para a bôca leva o gato a sopa.
481. Mangas comede aqui.
482. Grão e grão enche...

483. Nem sempre rabo de sardinha.
484. Nem sempre o diabo está detraz da porta.
485. Cada um he amigo de si.
486. Asado he o pão...
487. Andar de mal em peor.
(Variante do n.º 453.)
488. Como Martha está farta, logo canta.
489. Barriga farta, pé dormente.
490. O pobre está mais seguro que o rico.
491. O boi pelo corno, o homem pela palavra.
492. Gato escaldado d'agua fria ha medo.
493. Palavras não custam dinheiro.
494. Mal vai a rapoza que anda aos grillos.
495. Contar com a morte.
496. Faz e desfaz.
497. Diz a caldeira á sertã...
498. Pequeno machado...
599. Quem tem cuidado anda caminho...
500. Quando vos derem o porquinho...
501. Asno morto cevada ao rabo.
502. Todos querem meter pu em Quastilha.
503. Estorninhos e pardaes...
504. Mais se queixa quem caja (ou cala?).
505. Quando hum quer, dous não baralham.
506. Fazer feros de castilhano.
507. Dous a hum metem-lhe a palha pelo cu.
508. Dá Deus nozes a quem não tem dentes.
509. A quem Deus ajuda o vento lhe apanha lenha.
510. Tantas vezes vai o cantarinho...
511. Mensajeiro não merece pancadas.
512. Ainda não selamos, já cavalgamos.
513. De rabo de porco...
514. Em bôca cerrada não entra mosca.
515. Quem porcos perde a cada mouta lhe roncam.
516. Andar, andar, ir morrer á beira.
517. Quem mais mette na barca...
518. Por geito se quer a moça que não por força.
519. Quem faz um cesto, fará cento.
520. Falla como villão em casa...
521. Quem casa com formosa tem trabalho.
522. Quem comeu a carne...
523. Mulher feia quer-se sem candeia.
524. Depois de fugir o coelho, toma o villão conselho.
525. Cada um falla das cousas em que trata.
526. Mais val amigo na praça que dinheiro n'arca
527. Não se manda aladura senão a quem tem porco.
528. Quem te mete Jam Topete em carapuça de gromete?
529. Por hum perdem muitos.
530. Quem cospe para o ceu no rosto lhe cae.
531. Nunca pessas a quem pediu.
532. Ninho feito, pêga morta.
533. Quem tem bôca vai a Roma.
534. Quem as bragas não ha em douto.
535. Aproveita o farelo, esperdiça a farinha.
536. Quem se queima, alhos come.
537. Homem grande, besta de páo.
538. Bôca de mel, o coração de fel.
539. O mal ganhado nunqua se logra.
540. O habito não faz o frade.
541. Com teu senhor não jogues as peras.
542. Do mal o menos.
543. Os ameaçados comem pão.
544. A palavras loucas orelhas moucas.
545. Quem roim he, sempre o he.
546. Por diñero baila el perro.
(Encontra-se em Antonio Prestes.)
547. Debaixo de ruim capa jaz bom bebedor.

João de Barros, no *Dialogo da Viciosa Vergonha* diz: *Na capa se conhece seu dono*. E mais extensamente, na mesma obra, tirado de Seneca: *Debaixo de qualquer pelle se pode encobrir forte e beatissimo engenho, e de corpo deforme, baixo e pequeno, sair animo fermoso e grande.*

548. Quem me honra mais do que suelle algo me duelle.

SOUSA VITERBO.

ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO

(Concelho d'Elvas)

II

OS MONTES

Os montes — essas isoladas habitações campestres, que representam um dos caracteristicos mais notaveis da provincia transtagana — são as casas de residencia nas herdades e tambem, por via de regra, as sédes das lavoiras que se exploram nas mesmas herdades. São, por assim dizer, aquillo a que n'outras provincias se chamam granjas, casaes, quintas, etc.

Acontece, porém, haver herdades sem montes, já por nunca n'ellas existirem, já por terem cahido á mercê de abandono propositado, derivante de causas multiplas, sendo a mais frequente a annexação da herdade respectiva a outra ou outras de maior importancia.

Em epocas remotas, quando as lavoiras estavam mais divididas, isto é, quando geralmente um lavrador cultivava uma herdade só, rara havia que não tivesse monte proprio, embora deficientissimo. Ainda hoje quem percorre o Alemtejo vê de longe em longe as ruinas d'esses casebres, observando tambem outros de egual inferioridade que se manteem intactos, muitos até bem conservados, sem comtudo se notar n'elles a animação propria de um centro de lavoira. Porque assim como ha herdades sem montes, tambem existem montes que não são commodos de lavoira. Estes taes, de proporções modestissimas, como atraz disse, habitam-nos os guardas ou outros creados, principalmente *ganadeiros*. Ás vezes, porém, residem n'elles *caseiros* estranhos ao lavrador da herdade — *seareiros* que lavram por sua conta, a *quarto* ou *quinto*, terras cedidas pelo proprietario ou rendeiro geral. Em contraste com a ruina e decadencia de numerosos montes inferiorissimos, muitos outros se teem reconstruido e ampliado, sendo hoje optimos alojamentos ruraes, onde, a par do conforto e solidez, superabundam as accommodações necessarias aos diversos

ramos da vida agricola. Pelo que toca a asseio, ocioso é notal-o. De qualquer importancia que os montes sejam, velhos ou novos, grandes ou pequenos, todos o attestam em alta evidencia, quer de portas a dentro, quer nos muros exteriores, de uma alvura resplandecente, destacando-se ao longe por entre o verde escuro das azinheiras, ou sobre a terra campa das searas e pousios.

Pelo exposto se comprehende que os montes, embora se construíssem todos para o mesmo fim, se distinguem bastante, tanto na capacidade como na construcção. Nada exageramos dividindo-os em cinco classes:

Primeira: os de apparencia acastellada, solarengos, com torres e ameias, de dois e tres andares, cercados por alto muro, que deixa de permeio o pateo de entrada. São os mais antigos e entram no numero dos melhores. — Segunda: aquelles que, não tendo a vetusta imponencia dos primeiros, possuem comtudo os requisitos necessarios á séde de uma grande lavoira e á habitação confortavel do lavrador e sua familia. «Commodos» ha d'este genero cuja superioridade em alojamentos é manifesta sobre alguns dos outros. Os montes d'este segundo typo denotam no seu todo uma feição mais alegre e moderna. Compõem-se geralmente d'altos e baixos, com janellas e portadas rectangulares, sem que em volta os resguarde qualquer especie de muro. As portas exteriores dão para terreiros sem vedação, que se prolongam indefinidamente pela herdade fóra. — Terceira: os montes de accommodações menos vastas que os precedentes. Com pateo murado ou sem elle, uns ao rez do chão, e outros com sobrados, reunem em geral alojo sufficiente para uma lavoira mediana. Muitos montes d'estes tres grupos teem o portado principal encimado por brazões illustres da velha aristocracia portugueza. — Quarta: aquelles de casas ao rez do chão, modestas e em numero restricto ao indispensavel a uma lavoira relativamente pequena. Se possuem compartimentos para a residencia do lavrador, são tão exiguos e diminutos que poucas ou nenhumas vezes se destinam a tal uso. — Quinta: os montes de tres a seis casitas baixas, incluindo dependencias. Como dissemos n'outro logar, estes *montaricos* habitam-nos os guardas, pastores, caseiros, etc.

Povoam tambem algumas herdades outras vivendas agricolas que, pela sua sumptuosidade e condições excepcionaes, nada se confundem com os montes, antes se distinguem bastante. Alludo a algumas quintas de recreio, cumulativamente sédes de lavoira, para o que reunem os elementos precisos, além dos que lhe sobejam para a residencia aprasivel de um opulento proprietario.

Em geral os montes ficam n'um dos extremos da herdade, não se conhecendo motivo plausivel que justifique esta anomalia.

Erguidos no alto de qualquer collina ou na vertente de uma encosta, dominam vastos horisontes, cujo panorama, se é escasso das surprehendentes bellezas naturaes que se admiram nas terras do norte, agrada comtudo pela fertilidade do solo extensissimo e pelo avultado numero de gados diversos que o povoam e animam.

Em volta dos montes não ha, é certo, os encantos proprios das paisagens pit-

torescas; mas em compensação exhibem esses logares um cunho alegre e typico que resalta principalmente do alvejar dos seus muros, do bulicio da sua variada população e da imponencia das almenaras de palha que alguns ostentam em volta. Antigamente havia ainda as médas de lenha, nucleo de pyramides monumentaes, que de longe chamavam a attenção do viandante. As médas, essa obra artistica e paciente dos creados de lavoira nas epocas em que os trabalhos agricolas estavam paralysados por effeito de invernias, já pouco se veem, sendo de presumir que desappareçam de todo. D'antes era conveniente erguel-as para assim se arrecadarem as achas e madeiros de azinho e sobro que se accumulavam na frente dos montes. Hoje é isso desnecessario por já não haver accumulações de lenhas. Os cortes são reduzidos e o consummo de lenha é maior.

Os montes são albergarias francas para caminhantes e mendigos; refeitorios permanentes de toda a casta de necessitados; asylos de velhos e invalidos; recolhimentos de creanças abandonadas e não raro refugio de perseguidos. Por outro lado, analysados sob um outro prisma, chamar-lhe-hei armazens perennes de tudo que a agricultura produz, e por ultimo viveiro fecundo e constante de centenas de gallinaceos e palmipedes, que pelos gorgeios dos seus cantos e estridulos das suas vozes, constituem a nota alegre e pittoresca d'aquelles centros ruraes que synthetisam toda a vida agricola alemtejana. Cada monte grande ou mediano ao centro de uma lavoira é construido segundo os systemas vulgares do Alemtejo. O todo de cada um compõe-se principalmente: das habitações para uso domestico, de outras casas para diversos fins e de varias dependencias exteriores.

A capella para exercicio do culto divino encontra-se ás vezes e tão bem conservada que não deixa duvida sobre as crenças religiosas dos seus possuidores. Outr'ora até as havia com capellão. Hoje não o teem, mas ainda n'ellas se diz missa n'um ou outro dia santificado.

CASA DE HABITAÇÃO

A que especialmente se destina ao lavrador e sua familia comprehende: casa d'entrada, um indeterminado numero de quartos, sala de jantar, dispensa, cosinha, amassaria, casa do pão, etc.

A Casa d'entrada só tem de notavel as *cantareiras* de loiça, estanho, arame e cobre que ornamentam as paredes, de alto a baixo, em flammantes estanheiras e sanefas de pinho, tintas de azul e encarnado.

Dispensa.—Vasto compartimento abarrotado de comestiveis. Ali se armazena o *fumeiro* dos suinos, isto é, o producto das matanças de doze a vinte cabeças grandes, as melhores que sahiram do montado.

O fumeiro comprehende: grossas mantas de toucinho empilhado em salmouras proprias ou em potes de barro e caixotes; as varas de enchido como paios, chouriços, linguiças, morcellas, cacholeiras e farinheiras, cada qual em separado,

e todas suspensas por cordas presas ao tecto, formando por este modo a *parreira* ou *latada* de carne cheia, previamente defumada nos vãos da chaminé. Se a carne já enxugou, a latada não apparece vendo-se o enchido em potes de barro ou lata. Em vasilhas analogas e semelhantes, observa-se egualmente a manteiga ou banha, e os pésinhos e lacões.

Cl. de Joaquim d'Abreu

Monte da Maria, Ribeiras de Baixo, freguesia de Santa Eulalia, concelho d'Elvas

Defrontando com a carne de porco e seus accessorios, estão os potes do azeite e os das azeitonas; as azadas do queijo, os caixotes dos legumes, os taboleiros de pão de trigo — ralo e branco — os ovos, arroz, fructas, etc. E todos estes mantimentos ali figuram, entre balanças, pezos e medidas, não por ostentação de abundancia, mas como previdencia economica de primeira intuição — alimentar com barateza uma creadagem avultada, que oscilla entre 60 a 100 ou 200 homens. E para essa alimentação sahir barata, necessita-se reunir por junto e em condições vantajosas os generos alimenticios de primeira necessidade. É o que fazem os grandes lavradores, quando lh'o permittem os seus recursos pecuarios. Que nem todos os possuem ás vezes, cumpre tambem accrescentar.

Cosinha. — N'umas partes é de caracter exclusivo, n'outras serve simultaneamente para amos e creados. Em qualquer das hypotheses, consiste n'um vasto compartimento de lareira descommunal, sempre de lume acceso, seja de dia ou de noite. Em volta da casa, pelas paredes todas, de alto a baixo, ostentam-se as ornamentações caracteristicas dos domicilios ruraes alemtejanos.

Nas guirlandas e estanheiras, lá se veem os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro, onde se destacam tachos e azadas monstruosas, por entre pratos, frigideiras e panellas de lotes diversos, tudo realçando pelo brilho, disposição e apuro de um cuidado inexcedivel.

A um dos cantos depara-se com o pote da agua, elemento que tambem existe nos cantaros de cobre, lata e barro, que figuram nos poiaes. A cosinha, em certas partes, tambem serve de refeitorio da *ganharia* e restante pessoal, como carpinteiros, ferrador, etc. N'outras, porém, as refeições aos creados teem logar na casa d'entrada, junto á porta principal. A meza costuma ser comprida e estreita, de madeira em geral, e de pedra por excepção.

Amassaria. — É a casa do fabrico do pão de todas as qualidades que se consome no monte. Tomando por base a importancia do consumo, temos em primeiro lugar o pão de centeio, denominado *marrocate*, que se dá aos creados e «maltezes»; em segundo, o pão de trigo, — *branco* e *ralo* — que é respectivamente para amos e creados de portas a dentro; em terceiro e ultimo, as *perrumas*, pão de fa-

relos de centeio com que alimentam os cães de gado. O *marrocate* fabrica-se em escala muitissimo superior á dos outros pães. As «casas grandes» consomem annualmente setenta a cem moios de farinha.

A amassaria está provida de todos os seus pertences: *altezas* de madeira e alguidares de barro para os amassilhos; caixotes, saccas ou tulhas para as farinhas e farelos; caniços para os *marrocates* e *perrumas*, peneiras, toalhas, taboleiros, etc. Se o movimento é grande, a farinha e o pão occupam uma segunda casa, contigua ou separada.

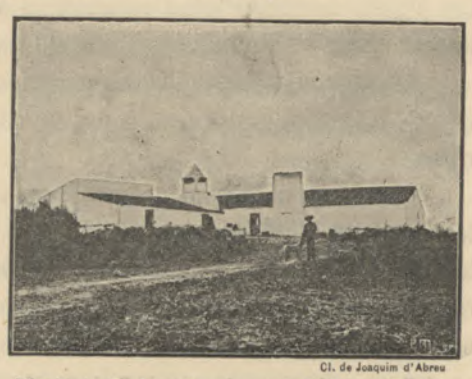
Ha montes em que a cosinha e amassaria para a creadagem ficam fora da casa de habitação.

Accommodações agricolas e pecuarias. — Resumem-se nas seguintes: casa de rações para cavalgaduras e bestas, celleiros, queijeira, forno, casa da lã, cavallariças, palheiros, cocheira, atafona, casinha dos ganhões, casinha do abegão, loja dos ferreiros, gallinheiro, casa dos pintos, chiqueiro, cabanas, curral, etc. As tres primeiras, tanto se installam em divisorias interiores, contiguas ás da habitação familiar, como em casas exteriores separadas. As restantes são, por via de regra, edificações isoladas, alojos de portas a fóra, como vulgarmente se diz. Promenorisarei todas que mereçam especial menção.

Celleiros. — Divergem muito em numero e capacidade. A lotação dos maiores não vae além de duzentos moios. Localisados ao rez do chão ou em altos, o seu pizo é de tijolo ou asphalto. O asphalto introduziu-se ha uns vinte annos, sendo de certo o melhor systema para a boa conservação dos generos.

Os antigos *silos* (cirios) ou tulhas subterraneas abertas nas cercanias dos montes para deposito de cereaes, supponho já não existirem em nenhuma herdade do Alemtejo. No concelho d'Elvas teem-se encontrado vestigios bastantes d'essa usança arabe, ainda em voga ha poucos annos em algumas terras de Hespanha.

Queijeira. — Casa onde se prepara o queijo e outros lacticinios. Costuma ser um amplo compartimento provido de lareira espaçosa que impropriamente denominam chaminé. Ali se accende o lume para a confecção do atabéfe e conservação de uma temperatura elevada, necessaria á coagulação do leite e á manipulação do queijo nos dias frios. Pelo tecto da casa pendem molhos de folhagem de sabugueiro ou freixo, a que chamam *mosqueiros*. Servem para atrahirem a si as moscas, que em enxames accodem ás queijeiras, onde, como em toda a parte, se tornam importunas e nocivas, pelo menos apparentemente. Dizimam-n'as então com o auxilio do folhedo, onde se acoitam, artimanha simples de excellentes resultados.



Cl. de Joaquim d'Abreu

Monte da Cochixolla, freguesia de Santa Eulalia, concelho d'Elvas

Á noite, tudo está em socego; o *roupeiro*, (encarregado da queijeira), chega-se aos mosqueiros, e, a cada qual, depois de lhe enfiar um sacco que segura pela bocca, agita-o com violencia para a moscaria se desalojar. O effeito manifesta-se logo por um sussurro alvorotado, indicio de boa caçada. Immediatamente vae-se tirando o sacco, devagarinho, saccudindo a miudo, até ficar de fóra com a bicharia no fundo e alguns fragmentos da folhagem. Sempre fechado pela bocca o sacco é batido no chão, despejando-se no lume. Reconhece-se então a importancia do apanho, que frequentemente attinge porções consideraveis.

A casa da queijeira é guarnecida com os moveis e aprestos proprios. Eis os principaes: barreleira ou banca em que se faz o queijo; azadas para a coagulação do leite para a *coalhada*, como vulgarmente se diz; tacho grande de cobre para o almeice (soro) ir ao lume e produzir o atabefe; escumadeira, panella para a agua quente; fôrmas de queijos (sinchos de lata); ditas para requeijões (cestinhos de verga e lata); pedras compressoras para espremerem o queijo grande de ovelhas; vasilha do cardo, saleiro, coadores, esfregões, etc.

Ordinariamente o queijo enxuga e fermenta n'outra casa da queijeira. Em artigo proprio referirei o mais que diz respeito á industria de lacticinios.

Forno de coser pão. — Edificação tosca e grosseira, nada notavel quanto á sua applicação principal. Mas como sob a designação generica de forno se usa comprehender a alpendrada que o precede, impõe-se a referencia, attendendo a que este local é o agasalho ou albergue habitual de mendigos e vagabundos que, no geral do Alemtejo, são conhecidos por maltezes. Que scenas de vadiagem e perversão se não desenrolam n'esses toscos pardieiros, atulhados nas noites de inverno por dezenas de malandros, entre um ou outro infeliz digno de melhor sorte!... Quem conhece o Alemtejo sabe perfeitamente como os fornos dos montes são theatros de planos criminosos e outras pustulas sociaes que ninguem trata de curar... Em alguns montes o forno communica com a habitação familiar. N'este caso a maltezaria acoita-se em albergue proprio, mais ou menos distanciado.

Os ciganos não pernoitam junto dos maltezes, com os quaes não gostam de conviver. Acampam e dormem a certa distancia, ao abrigo de muros, penedos ou arvores.

Já agora, visto que mencionei os agasalhos dos parias que percorrem os montes, tambem alludirei por coherencia á hospedagem que se dispensa aos transeuntes de confiança, como vendedores ambulantes, futriqueiros, marchantes, caldeireiros, etc. A estes dá-se-lhes pousada melhor em qualquer dependencia, ou mesmo nas casas de habitação, se merecem confiança. Emfim a hospitalidade a ninguem se recusa, dispensando-se conforme a posição de cada qual. Esta pratica antiquissima impõe-se pelas circumstancias inherentes ao meio e á vida agricola, cumprindo-se gostosamente com todos, á excepção dos maltezes e ciganos. Mas para estes, segundo a opinião corrente, convem dispensar-se-lhes igualmente para evitar prejuisos e dissabores.

Casa da lã ou laneiro. — Serve para diversas applicações, além d'aquella por que se menciona. De resto, a lã é a coisa que menos tempo a occupa, por ser costume vender-se e exportar-se no verão, logo depois da tosquia. Mas como em alguns annos se não vende de prompto e é forçoso conserval-a, destina-se-lhe uma casa para armazem.

Cavallariças. — Costumam ser duas ou tres, de mangedouras de alvenaria e pizo de calçada. Geralmente falta-lhes a cubagem e ventilação, o que é para lamentar pelos obvios inconvenientes que resultam. Sendo tres as estrebarias, uma destina-se ás parelhas de muares, outra ás cavalgaduras de sella e garanhões, e outra, a peior, para as bestas de carga. Sendo duas ou uma só, o gado aquartela-se todo junto ou pouco repartido, conforme as circumstancias.

As cavallariças servem tambem para deposito dos aprestos das cavalgaduras e dos homens que com ellas trabalham: — carreiros ou almocreves, paquetes, cavallista, lançarote, etc.

Palheiro. — Casa em que se armazena palha para o consumo immediato do gado cavallar, muar e asinino que pernoita recolhido. Nos palheiros dormem excepcionalmente alguns transeuntes, quando por acaso não cabem nos alojos proprios.

Cocheira. — Só se encontra em montes de primeira ordem. Aquartela o churrião e qualquer outro carro de maior valor para commodo pessoal.

Atafona. — É a moenda de cereaes por «motores de sangue» (bestas ou cavalgaduras) que antigamente havia em todas as sédes de lavoiras. Hoje vae desapparecendo por se considerar engenhoca imperfeita, attenta a superioridade das fabricas de moagens a vapor e dos moinhos das ribeiras. Aquellas e estes fornecem de farinhas a quasi totalidade dos lavradores, principalmente os moinhos.

Casinha dos ganhões. — Sob este titulo se designa o dormitorio e casa de descanço dos «ganhões» ou moços da lavoira, que constituem a *ganharia*. Como se póde suppor, tem o seu que de semelhante ás casernas dos soldados, comquanto d'ellas contraste bastante pelo que respeita ao arranjo e asseio.

O nome de «casinha» consideramol-o improprio. Na maioria dos montes, o alojo, esse, longe de ser um pequeno cubiculo, é pelo contrario uma casa ampla que accommoda á vontade vinte e trinta homens. As «casinhas», especialmente as das lavoiras distantes dos povoados, em que os ganhões não teem a facilidade de ir todas as noites ás suas residencias, havendo por isso que pernoitar no monte, offerecem aspecto curioso digno de menção. A par da desordem e extravagancia que se nota no rustico mobiliario, ouvem-se colloquios estupendos e scenas engraçadas que definem perfeitamente os instinctos e sentimentos das pessoas que alli pernoitam.

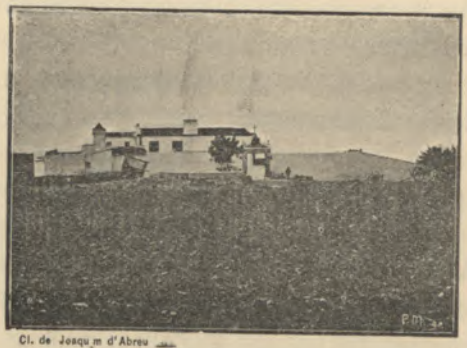
Qualquer que seja a forma de uma «casinha» possue sempre lareira espaçosa (a que designam por chaminé) construida a um dos cantos da casa, ou ao centro. Junto da chaminé meia pejada pelas cinzas de lumes fortissimos, agglomera-se a creadagem que alli passa os serões, primeiro aquecendo-se ou enchugando-se das molhas que por acaso soffreram durante o dia, depois travando palestras ou entre-

tendo-se em distracções diversas. Perto da chaminé estão os *burros* (bancos rusticos de pernadas de azinheira) que servem de assentos e que permanecem estatelados ou de pernas ao ar toda a vez que os não utilisam.

Identico abandono resalta das tarimbas que se erguem em redor das paredes. Formadas por leitos de carros velhos, portas inutilisadas, taboas, etc., revestidas com rama de piorno, giesta e palha, tudo aquillo está em desordem, assim como a *cópa* (vestuario) dos que as occupam e que n'ellas deixa em desalinho. Roupas, safões, calçado, chapeus, esteiras, paus, etc., para alli se amontoam, sem que mão cuidadosa se lembre de os arranjar.

Para a coherencia ser completa, o ladrilhado ou calçada do pizo conserva-se meia occulta pelas fronças e gravetos do piorno que, em feixotas, se applica a combustivel de lareira. Emfim um desarranjo absoluto, digno de reparo. Mas que lhe importa aos ganhões semelhantes bagatellas?! No seu modo de vêr, assim é que a «casinha» parece bem. O arranjo, a compostura e a limpeza, dizem elles, compete ás mulheres, lá nas casitas da villa ou aldeia proxima, onde residem. Ahi, sim; ahi, é que elles gostam de vêr o asseio, a commodidade e luxo mesmo com que as esposas, mães e irmãs ornamentam o interior e exterior das habitações, e de que justamente se vangloriam por que nada se lhes assemelha, sequer, nas outras provincias de Portugal. Só vendo-se é que se avalia bem. Mas fóra dos domicilios, no campo e nos dormitorios dos montes... «era o que faltava, perderem-se as horas de *buena* a compor a tarimba e arranjar a cama... Quem passa o dia agarrado ao *tango*, á noite de todos os modos dorme bem... Inda que seja em riba de pedras ou em pontas de alfinetes!...» E com estas phrases justificam o desalinho.

As paredes da casa condizem com o restante. Apesar de serem caiadas de branco estão em parte ennegrecidas pelo fumo da lareira. Todavia a parte que o fumo poupa vê-se mascarrada de desenhos estapafurdios rusticissimos, feitos a carvão, destacando-se um ou outro que revela traços firmes e vocação artistica do author.



Cl. de Joaquim d'Abreu

Monte da Alcobaça, freguesia de S. Vicente, concelho d'Elvas

Tudo aquillo é obra dos ganhões *arteiros*, que teem *queda* para as *pintorices*, e que n'isso se entreteem algumas noites, distrahindo-se a si e aos camaradas.

Traçam então juntas de bois com o ferro de casa; scenas tauromachicas; typos das cidades; as figuras do sol e da lua, monstros marinhos, neptunos, sereias, navios, pavões, cegonhas, lobos, vasos de flores, o signo saimão, etc., etc.

Completando o quadro, é frequente penderem do tecto cordas e paus com que improvisam trapesios. São para a rapasiada fazer *artemages*, nome que em calão local significa exercicios gymnasticos e acrobaticos. Alli pois espinoteam á vontade

com o seu trambulhão á mistura, unanimemente festejado. Ora, o conjuncto de tudo isto, casa e habitantes, dá á casinha dos ganhões uma apparencia original, que se torna quasi phantastica, quando á noite as chammas da lareira projectam a sua luz esfumaçada e indecisa sobre os vultos de habitação.

Cl. de Joaquim d'Abreu

Monte da Torre de Siqueira, freguesia da Ventosa, concelho d'Elvas

A tristeza raro se nota n'aquelles recintos excentricos. Geralmente as noites n'aquelle recinto decorrem alegres, se a maioria dos assistentes se compõe de rapazes solteiros, exuberantes de vida, alheios a cuidados. Então tudo se anima a valer! Simulacros de toiradas; *artemages;* jogos de brincadeiras para logro dos novatos; tudo emfim que revela despreoccupação de espirito. Os velhos, coitados, que já não podem tomar parte n'aquellas pandegas, sentem-se rejuvenescer, e lá do canto da «chaminé», onde acalentam o sangue amortecido, applaudem os *adevertimentos* da *famila* moça e esturdia,—*partidas* que elles tambem já fizeram e de que se recordam com saudade.

N'outras noites não ha *artemages*, nem toiradas, nem jogos, nem desenhos; mas o serão passa-se divertido, se não de alegria ruidosa, pelo menos com o prazer suavissimo que disfructam as almas simples ao ouvirem narrações extranhas, maravilhosas. N'estas noites os papeis invertem-se: são os velhos que distrahem os novos. Aquelles, tomando ares de superioridade paternal, propõem adivinhações, recitam decimas, narram contos de princezas e moiras encantadas, casos de bruxedos e até episodios das guerras da primeira metade do seculo, de que elles ou os ascendentes foram testemunhas oculares.

Com que attenção os moços os escutam, e com que ufania os velhos referem aquellas historias variadas, de exageros manifestos! Os que as ouvem, ficam embasbacados a ponto de um ou outro exclamar: «Caramba, rapazes! Sempre o tio Fulano sabe muito!... É um poço sem fundo!... Não sei como lhe cabe na cabeça tanta coisa!!!... Se fosse homem de letras era um doutor!...»

Nas noites grandes, quando se esgota o reportorio de historietas e moiras encantadas, muda-se de assumpto até que se chega á coscovilhice reles. N'esta altura, diz-se mal dos amos, dos abegões, do prior da freguesia, do exagero das contribuições e, por associação de ideias, dos poderes constituídos. Discute-se tudo emfim, incluindo mesmo a astronomia, que lhes merece commentarios e apreciações originaes em que abundam os disparates. Mas quem os diz, fica muito ufano, como se proferisse uma sentença.....

.....

Casinha do abegão. — Dormitorio e alojo do encarregado de lavoira e do seu immediato substituto — o *sóta*. Serve tambem para arrecadação das apeiragens e outros utensilios confiados aos dirigentes da lavoira.

Cabanas. — Por este nome designam as seguintes differentes accommodações: a loja dos carpinteiros de carros e arados, o deposito de madeiras, as arrecadações de vehiculos e ucharia de lavoira, as arribanas para gados, etc., etc.

No Alemtejo o termo de cabana é um nome generico que se applica indistinctamente a todos os casarões toscos e espaçosos que se adaptam a quaesquer usos. A cabana que se adapta á officina dos carpinteiros accommoda muitas vezes as madeiras necessarias ao movimento da lavoira, por não haver casa apropriada para semelhante fim. De qualquer maneira é curioso o seu aspecto: ao centro da casa, sobre o solo coalhado de cavacas e aparas, firmam-se os *gastalhos* onde, de enchó em punho, e assentados, trabalham os *mestres*, concluindo a execução dos arados e outras ferramentas agricolas. Se trabalham em pé vêmol-os com o machado, vibrando golpes certeiros na madeira, dando-lhes as formas geraes de que precisa, desbastando-a assim *de falquejo* para depois a aperfeiçoarem á enchó. Isto ao meio da officina. Em redor das paredes levantam-se pilhas gigantescas de arados e timões, tendo pela frente outras similares, que por seu turno ainda são amparadas por rimas de aivecas, cangalhos, raios, pinas, etc. Centenas de peças em bruto ou falquejadas, umas dispostas em symetria, outras amontoadas a esmo.

A carpinteria é o centro do cavaco dos domesticos do monte, quando se escapam aos afazeres. A pretexto de qualquer coisa entra-se alli para se receberem ou darem novidades, ou para se commentar este ou aquelle assumpto. A par da carpinteria, tambem em certos montes funccionam lojas de ferreiros, innovação recente, que não parece generalisar-se. Se alguns lavradores opulentos entreteem forjas a trabalhar para as precisões da sua lavoira e mesmo das de alguns visinhos, o maior numero não entra n'essa especulação. A maioria mantem o uso tradicional, avençando-se por anno ou por temporada com os ferreiros das povoações proximas.

Proseguindo nas referencias ás cabanas, convem accrescentar que nem todos os montes dispõem de taes accommodações para uso dos gados. E n'aquelles em que as ha, os unicos animaes que as utilisam são os bois de trabalho, durante o inverno, e as eguas e crias da manada, no fim do verão, ás horas da calma. Quando estes gados as não occupam, servem para arrecadação de carros, palha, fenos, etc.

Ás cabanas mais rusticas, construidas de madeira com os tectos cobertos de colmo, piorno ou giesta, chamam-se-lhe *ramadas*. Os termos de «estabulo» e «arribana», tão adoptados n'outros sitios, são quasi desconhecidos pelos camponios do Alemtejo. Ignorancia analoga se nota tambem com o vocabulo abegoaria. Este nome apropriadissimo aos depositos de trens de lavoira e outras ferramentas agricolas, mal o conhecem os habitantes das nossas aldeias.

Gallinheiro.—Uma casa qualquer, em que pernoitam e põem as aves domesticas do monte, com excepção dos pavões e patos reaes (gansos) que dormem e nidificam fóra ou ao ar livre e á solta. O gallinheiro é provido de poleiros sufficientes para repouso dos *bicos*, e de casinholas ou cestos para a postura dos ovos. De noite ali se recolhem dezenas ou centenas de aves differentes, que se soltam ao aclarar do dia, com excepção das que teem ovo, que continuam recolhidas algumas horas mais, afim de pôrem n'esse entretanto. Mas antes, soffrem todas o devido exame, a uma por uma, pelo processo vulgar, geralmente conhecido.

Em alguns montes o gallinheiro serve tambem de pombal, para o que tem nas paredes os casinholos indispensaveis para a creação dos pombos. N'este caso o tecto é provido de uma fresta ou agoa-furtada que permitte a entrada e sahida dos pombos. Mas o mais commum é o pombal ficar de fóra encostado a qualquer chaminé.

Casa dos pintos.—Especie de succursal do gallinheiro, que accommoda as gallinhas e peruas chocas com as ninhadas em incubação, e ainda outras que já *tiraram* e que ali pernoitam com os pintos debaixo.

Chiqueiro.—Curralorio que encerra dois ou tres porcos adultos para se irem engordando a pouco e pouco com os sobejos das comidas, sementes avariadas, bagaço, fructas, etc. Um mealheiro aproveitador de desperdicios.

O chiqueiro abrange o espaço de uns 20 metros quadrados, em parte resguardado das inclemencias do tempo por uma alpendrada ou *choço*, onde se abrigam os *cevões*,—nome especifico porque se designam os suinos assim sustentados.

No recinto a descoberto, veem-se os maceirões e pias, onde comem e bebem os porcos, anafados bichos que devem considerar-se felizes pela abastança, socego e repouso que ali desfructam. No interior do pocilgão ou cá fóra, no chiqueiro a descoberto, mette inveja ouvil-os roncar forte, a somno solto e bandulho farto, sem preoccupações de nenhuma ordem. Quantas creaturas humanas dariam um dinheirão por dormirem assim!

ARREDORES DOS MONTES

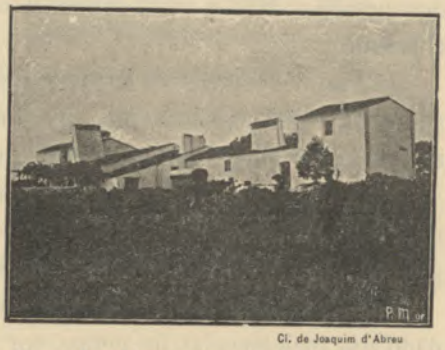
Os arredores dos montes caracterisam-se por certas dependencias indispensaveis ou convenientes aos labores agricolas e pecuarios. N'estas condições estão: a eira, o poço da agua potavel, os chafarizes para os gados beberem, as malhadas dos porcos, o bardo das cabras e, finalmente, a quinta, horta ou quinchoso.

Eira.—É o terrado em que se debulha e limpa toda a casta de cereaes e legumes. Fica geralmente a curta distancia do monte, n'uma das collinas proximas mais varridas do vento oeste, ou seja «bem lavada de travessia», como se diz em phrase plebeia. As eiras apropriadas a debulhas de pouca monta, medem a superficie de 100 metros quadrados, approximadamente. As das herdades de grandes colheitas, em que se accumulam muitos e vastos calcadouros, abrangem capacidade bastante maior—mil a dois mil metros quadrados. E ha-as de grandeza tão ex-

cepcional, que occupam a importante area de cinco mil metros quadrados. D'estas dimensões é a da herdade do Falcato (concelho d'Elvas), propriedade dos snrs. Bagulhos.

O solo ou *casco* da maioria das eiras, consiste n'um simples terrado batido a maço, ou sómente gadanhado e varrido da herva, se de ha muito se applica a esse fim. Veem-se, porém, muitas eiras calçadas modernamente e algumas com o centro lageado de ardosias ou pedras de granito.

Nas herdades em que predomina a cultura do centeio, a eira muda de local quasi todos os annos, por medida economica na arrecadação e aproveitamento da palha, que, sendo como é, exclusivamente applicada a forragens do gado bovino, e comida nas proprias almenaras, convem ficar desde logo na folha onde os bois e vaccas pastam durante o outono e inverno, ou pelo menos n'outra contigua. Portanto, em cada anno, n'uma das folhas de «rastolho» ou de «pousio» — a do *invernadouro* as mais das vezes — escolhe-se um valle inculto bem ventilado, e é ahi que se prepara a eira do centeio. Preparo simples e de occasião, visto o seu caracter transitorio.



Cl. de Joaquim d'Abreu

Monte das Algueireiras, freg. dos Mosteiros, concelho d'Arronches

As almenaras de palha e os rilheiros dos cereaes em rama, aguardando debulha, constituem o principal embellezamento das eiras. Rilheiros e almenaras, erguidos a capricho pelo pessoal da eira, dão ao local um tom imponente bastante caracteristico.

Poços-chafarizes. — Cada monte tem proximo um ou mais poços, de tres a cinco metros de profundidade, d'onde se extrahe a agua para o consummo da casa e abastecimento dos gados, empregando-se para isso o caldeiro e a corda. As bombas pouco se usam por emquanto. Os poços de boas nascentes valorisam muito as herdades respectivas, attenta a falta de agua que se nota em quasi toda a provincia, durante a quadra estival. Poço abundante de agua, reputa-se regalia de incalculavel valor, sobretudo se a herdade não é atravessada por alguma ribeira boa, onde os gados possam beber no verão. Assim succede que, na maioria dos poços de nascentes medianas e abundantes, ha um chafariz para bebedouro do gado grande, como bois, vaccas e eguas, e ainda alguns «maceirões» (gamelões) de madeira para as rezes meúdas, como ovelhas, cabras, porcos, etc. A agua é tirada pelos «ganadeiros» (guardadores dos gados) empregando tambem o caldeiro e a corda. Pois não obstante a rudeza do processo, ha ganadeiro que sem grande difficuldade extrahe todos os dias, ás horas da calma, a agua precisa para se saciarem á vontade 60 a 80 bois.

Como nota significativa da escassez e apreço da agua nas terras transtaganas,

basta dizer que certas herdades que não teem agua dentro, pagam foro ou pensão a outra visinha onde ha poços, e que por seu turno estão sujeitas ao encargo de admittirem a beber os gados que n'aquellas pastam.

Malhada dos porcos. — Edificações rusticas, primitivas, de forma conica, com os tectos de piorno, giesta e outros arbustos. Servem para a creação e dormida dos suinos, comprehendendo-se tambem por esta designação a choça dos ganadeiros que os guardam — os porqueiros. Em geral ha mais de uma malhada em cada commodo de lavoira, vendo-se já algumas modernas de construcção aperfeiçoada, que divergem bastante do systema commum. Quando tratar da creação dos porcos farei descripção mais desenvolvida sobre as malhadas respectivas.

Bardo das cabras. — Nome por que se conhece o redil ou curral em que se ordenham aquelles animaes. A sua construcção é de caracter transitorio, porque todos os annos muda de local, ficando sempre proximo do monte e de modo que da porta principal se veja bem. Convem isso para, ás horas do ordenho, o pessoal do monte dar noticia da chegada das cabras e assim seguir logo o encarregado de trazer o leite, montado na respectiva besta, entre as cangalhas com os cantaros.

O bardo vulgar é construido com feixes de matto, como esteva, aloendro, piorno, etc.: uma especie de palissada em semi-circulo, com entrada exposta ao nascente. Contiguos ao bardo, da parte de cima, erguem-se os *chiqueiros* ou choços em que se recolhem os chibos novos, emquanto não acompanham as mães. Na actualidade estes bardos inutilisam-se no meiado da primavera, substituindo-se por outros simples, portateis, formados por cancellas de madeira de castanho, que se muda de dias a dias para melhor se aproveitarem os estrumes. Uma semelhança do que se pratica com as ovelhas.

Quinta, horta ou quinchoso. — Por qualquer d'estes nomes se designa o cercado horticola e pomifero, que produz hortaliças e fructas para consummo do monte. Se a sua area e valor é grande, ou para melhor dizer, se contém pomares de vulto como laranjaes, ameixeaes, etc. e se são vedados por bons muros de alvenaria chama-se-lhe *quinta*. Se porém o seu todo é pequeno, ou se mesmo grande, mas que não esteja povoado de muito arvoredo fructifero, e se sobretudo a vedação se reduz a uns simples vallados, denomina-se *horta*. No revestimento das sebes empregam-se as piteiras, figueiras da India, cannas, silvas, etc. Quando o hortejo se reduz a proporções minimas toma o nome de *quinchoso*.

Apezar da haver herdades com quintas e hortas encravadas na sua area, mas pertencendo a donos differentes, é tambem certo que quasi todas, que são centros de lavoira, teem annexa uma quinta, horta ou quinchoso, disfructado por conta do lavrador, com o fim de ter hortaliça e fructas para o consummo da casa. E algumas maiores, além de produzirem o sufficiente para o pessoal da lavoira, ainda abastecem os mercados diarios das povoações visinhas. Varios processos se usam para obter a agua que alimenta as quintas e as hortas. N'umas *fazendas* a agua corre de pé, nascendo ali mesmo, ou vindo canalisada de fóra, de maior ou menor

distancia; n'outras, embora exista no proprio local, ha que extrahil-a por meio de noras mouriscas ou de outros systemas, como elevadores automaticos, *cegonhas*, bombas, etc. O processo mais vulgarisado é o das noras de diversos typos, e o menos é o das cegonhas e o dos elevadores ou moinhos de vento. Para o trabalho das noras empregam-se muares e jumentos de pouco valor, que se applicam tambem a outros serviços.

Por qualquer processo que a agua se tire vae toda depositar-se em tanques ou lagos, d'onde se solta uma ou duas vezes por dia no tempo estio, para regar as tabuadas, canteiros e leiras em que se divide a terra preparada. Á agua que sobeja das regas dá-se-lhe sahida para fóra, indo affluir aos ribeiros.

Muitas quintas e hortas abrangem duas a tres geiras de terrenos inaccessiveis ás regas e que por isso se lhe chamam sequeiros. Disfructam-se com oliveiras, figueiras, amendoeiras, etc.

Em resumo, as quintas alemtejanas, na sua quasi totalidade, quer sejam accessorio da herdade, quer constituam predio independente, são terrenos de exclusiva exploração horticola e pomifera, não se assemelhando portanto ás quintas que povoam os campos das outras provincias. As nossas produzem sómente hortaliças e fructas; as outras abrangem grangeios agricolas e pecuarios que no Alemtejo são proprios das herdades.

Como nota complementar convem dizer que, se effectivamente alguns montes teem annexa uma pittoresca quinta, ou uma boa horta tidas, justamente, como oasis deliciosos em regiões tão monotonas e abrasadoras, não poucas herdades se nos deparam tambem que só possuem reles hortejos, mal dando umas couves nas epochas pluviaes.

(Segue)

José da Silva Picão.

AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL

CAPITULO IX

AS CLASSES

Um facto de mera administração — o estabelecimento do *census*, mudára por completo a economia e a jurisprudencia dos antigos povos, segundo o exposto no capitulo III: tornados os chefes, logo depois da conquista, quasi proprietarios das áreas que d'antes exploravam sem titulo, tiveram de as aproveitar de modo a poderem satisfazer os encargos recentes, collocando ahi os homens que viviam unidos a elles ou sob a sua protecção; tudo isto, já se ponderou, operou-se vagarosa mas incessantemente, emergindo ao cabo de algumas gerações uma nova sociedade; resta examinar em que relações ficaram vivendo esses antigos protegidos, e como foram acantonados dentro das villas.

As differentes classes deviam ser differenciadas com rigor pelo genio jurista dos romanos, occupando graus precisos na hierarchia social; as tres que encontramos depois — *possessores*, *ingenui*, *servi*, já existiam; [1] o exemplo de Rhetogenes, seus amigos e *famuli*, não nos permitte duvidar a este respeito: a unica mudança foi nos nomes e na definição nitida da situação de cada um; os chefes ou proceres transformaram-se em *possessores*, e dos clientes sahiram os trabalhadores livres *(ingenui)*, e os não livres *(servi)*.

Posto que o solo das provincias pertencesse em theoria ao estado romano, na pratica elle abandonava-o aos vencidos, mediante um tributo — *vectigal* para quem o recebia, *stipendium* para quem o pagava; d'este originou-se o imposto predial; os detentores da terra eram apenas *possessores*, sómente com a *possessio* e o *usu-*

---

[1] Cap. II e III.

fructus; [1] pelo decurso porém dos annos adquiriram o *dominium*, se o não possuiam já desde o *census*, quando a latinidade se estendeu pelo mundo fóra; á Hispania concedeu-a o imperador Vespasiano, [2] antes da generalisação a todo o imperio no tempo de Caracalla. Foram elles—primeiro *possessores*, depois *domini*, que constituiram a aristocracia no governo romano, e sem duvida procederam dos individuos graduados das cividades, pois só elles tinham as clientellas necessarias para a cultura regular dos novos predios, e os meios para emprehenderem as obras respectivas. O mesmo aconteceu na Gallia em seguida á campanha de Cesar: [3] assim como os chefes gaulezes se tornaram proprietarios, de igual maneira praticaram os de cá. Era até de todo o ponto impossivel que um punhado de estrangeiros, n'este canto remoto, diffundisse e multiplicasse as unidades agrarias, de fórma a abrangerem toda a superficie cultivavel. [4] Os restos de construcções, as lapides votivas, as inscripções, os vestigios em summa da vida romanisada, encontrando-se por toda a parte, onde menos se esperam, são prova irrefragavel da extensão cultural, que só podia effectuar-se pelo commando dos homens ricos das cividades; aprendendo a lingua e assimilhando as idéas dos seus mestres, romanisaram-se; perdendo até os nomes indigenas, adoptaram os dos conquistadores; desalojando-se por ultimo dos estreitos recintos dos oppidos vieram habitar a *villa urbana*, á qual o povo chamou «paço» *(palatium)*.

Os *famuli*, que cercavam os proceres, estariam em diversos graus de dependencia, pois d'elles resultaram os cultivadores e operarios divididos em *ingenui* e *servi*. Em consequencia da conquista talvez augmentasse o numero dos ultimos, dado o costume de escravisar os captivos, o qual não era peculiar dos romanos; repete-se na historia dos povos antigos, e se attendermos que os *populi* do noroeste da Hispania viviam em guerras constantes, é presumivel á primeira vista a existencia de captivos, e portanto de servos nas populações das cividades. Pobres livres haviam tambem de existir, visto aparecerem posteriormente; eram os simples protegidos, conservando a liberdade e certos direitos que foram respeitados na organisação das villas. Trabalhadores livres e servos atravessam os diversos periodos e chegam assim denominados até aos seculos da monarchia astur-leoneza, embora as condições dos ultimos estivessem já mais ou menos modificadas, questão não pertencente a esta época; o que importa saber por emquanto, para a investigação

---

[1] RUDORFF, *obr. cit.*, II, pag. 316, 373 e seg. CH. MAYNZ, *Elem. de dr. rom.*, I, pag. 66, 71, 115, 430. MARQUARDT, *Röm. St.*, II, pag. 217, ed. de 1876 (Leipzig). O elemento essencial do *jus Latii*, creado no fim da republica, era o *commercium*, e uma das suas consequencias mais importantes, o *dominium:* o *jus italicum* era a exempção do imposto predial, a qual foi abolida por Diocleciano: A. A. cit.

[2] *Plin., N. H.*, III, 4 *in fin.*—«Universae Hispaniae Vespasianus... Latii jus tribuit.»

[3] JUBAINVILLE, *Rech. s. l'or.* etc., pag. 10.

[4] No imperio, nos paizes novamente conquistados, nem se distribuiam terras aos soldados, nem as cidades eram edificadas por elles: MARQUARDT, *Röm. St.*, I, pag. 455.

das origens, é se existiram ambas no dominio romano e se se conservaram no germanico.

Antes porém de progredirmos no exame especial do nosso assumpto, vem a proposito uma pequena digressão para considerarmos de relance os costumes da exploração agricola na Italia no mesmo tempo, em que se fundou aqui a propriedade territorial. As villas eram ahi agricultadas em parte por *servi*, os *operae* do *agellus* de Horacio, e em parte por homens livres, jornaleiros ou arrendatarios de parcellas; [1] aos ultimos chamava o poeta *boni patres*, a linguagem technica juridica *conductores*, e a commum *coloni*, lendo-se tambem nos jurisconsultos este termo em identica significação; os romanos preconisavam muito o arrendamento de parcellas a familias pobres, que as agricultavam ellas mesmas, e Columella aconselha aos proprietarios tratal-as com a maior brandura. Segundo Coulanges, [2] *colonus* designou até ao III seculo o arrendatario livre parcellar; simultaneamente havia arrendatarios, oriundos da classe servil, conservando-se na dependencia do *dominus;* n'um mesmo predio coexistiam ou podiam coexistir trabalhadores livres e servos; aquelles ora arrendatarios ora jornaleiros; estes ora trabalhando em esquadras, commandadas pelo feitor, ora estabelecidos em parcellas isoladas, se o senhor queria beneficiar algum com esta fórma de trabalho; a capacidade juridica mudava, segundo o estado das pessoas.

Quando os magnates das nossas cividades se apoderaram dos territorios d'ellas, achavam-se em posição muito diversa dos proprietarios italianos; pois iam organisar uma sociedade, já secularmente velha na Italia. A sua situação parecia-se antes com a dos chefes gaulezes no tempo de Cesar. Cercados de clientelas, como estes, cada qual tinha de installar dentro dos seus limites os antigos protegidos, conforme o grau de dependencia.

Os miseraveis, os captivos e todos os que estavam perto da servitude, converteram-se em verdadeiros *servi*, pelo influxo e rigor das leis romanas; empregaram-se uns em trabalhos industriaes, e são os *servi idonei* do codigo wisigothico; outros na agricultura, cujos descendentes têm no mesmo codigo o epitheto de *rusticus*. [3] Qualquer que fosse o seu estado antes da conquista, a legislação dos conquistadores igualisou-os aos *servi* italianos; á imitação d'estes ficaram á disposição dos senhores, occupados sobretudo na cultura da secção das villas reservada

---

[1] VARRO, *De r. r.*, I, 17 — «Omnes agri coluntur hominibus servis aut liberis aut utrisque. Liberis, aut cum ipsi colunt, aut plerique pauperculi cum sua progenie; aut mercenariis...» COLUMELLA, *De r. r.*, I, 7— ...«tum maxime in hominibus. Atque hi vel coloni vel servi sunt, soluti aut vincti...»

[2] *L'all. et le dom. rur.*, pag. 65: veja-se desde pag. 42 a 87 a sabia exposição sobre as differentes fórmas de exploração rural.

[3] *Cod. Wis.*, L. III, tit. III, l. 9; cf. HER., *H. de P.*, III, pag. 255.

para elles, trabalhando em commum, ou installados isoladamente, conservando porém sempre a condição servil.

Os de menos funda dependencia, não obstante fazerem parte d'uma clientela, foram collocados em fracções, como lavradores parcellarios ingenuos, pagando uma prestação annual ao *possessor;* pois, inferindo dos nossos monumentos posteriores, parece muito mais adequado á verdade admittir que desde a origem houve aqui agricultores, que eram e ficaram sempre livres, os pouco dependentes na primitiva.

Mas os outros não gozando de completa liberdade, e os verdadeiros *servi*, apezar de estabelecidos em parcellas, permaneceram todos na servitude, não obstante trabalharem independentemente; n'esta hypothese foram os homens das duas ultimas classes os que, por occasião da organisação do cadastro no fim do III seculo, se chamaram *servos adscriptos* ou *adscripticios — adscripti glebae.* [1]

Por entre as densas trevas que envolvem a fundação das nossas villas, reconhece-se sem a menor hesitação remontar a ella o estabelecimento do systema parcellario; já vimos, [2] que os nomes das construcções e sub-unidades se derivam da lingua e costumes dos romanos; basta esta consideração para fazer admittir que provém d'estes a primeira collocação de lavradores em parcellas destacadas, tam numerosa depois, quando nos restam memorias escriptas. Essa forma d'exploração agricola, desenvolvendo-se sempre e cada vez com mais intensidade, provavelmente por causa da numerosa população, sendo já a norma no tempo romano, continuou a sel-a após o advento das hostes germanicas.

Dividiram-se então as villas? De modo nenhum. Já se demonstrou, que na época wisigothica conservavam os seus limites antigos, — romanos; e isto seria impossivel se tivessem sido retalhadas. É provavel ter havido violencias, não capazes porém d'affectar a economia interna dos predios: ellas haviam de exercer-se sobre os proprietarios que representavam a nobreza do paiz; decahindo da antiga supremacia, tiveram de sujeitar-se ás imposições d'esses combatentes aguerridos, para os quaes passou nos primeiros momentos exclusivamente a soberania: talvez em certas eventualidades fossem lançados tributos arbitrarios, mas só por excepção, porque em regra continuaram a ser cobrados pelo cadastro do imperio. Em todo o caso a condição do cultivador ficava a mesma; aos invasores não convinham alterações, nem elles sabiam fazel-as: se aqui ou ali algum proprietario foi expropriado com violencia pelo batalhador suevo, o que havia de acontecer, o facto não era legal: mais vulgar foi antes a collocação de soldados barbaros dentro

---

[1] Esta denominação provém da *adscriptio,* inscripção d'esses cultivadores nos registos do cadastro, emprehendido n'aquella época com o fim da igualisação do imposto predial. COULANGES, *L'A. et le d. r.*, pag. 56.

[2] Cap. VII.

das villas, na qualidade de *hospites* [1] ou arrendatarios; collocação voluntaria, da parte dos romanizados, porventura determinada sobretudo como meio de defeza das propriedades; para os chefes tinham os novos reis as terras publicas, onde podiam talhar concessões á larga. [2] Os primeiros, constituidos em lavradores parcellarios, pagavam ao seu proprietario uma terça parte dos rendimentos — *tertia romani*, ficando para si com dous terços — *duabus partibus goti*, como o Codigo Wisigothico [3] declara, com o fim de resolver as duvidas que provavelmente mais tarde se levantaram sobre taes arrendamentos: os segundos — os chefes, adquiriram as suas propriedades, quer por contractos particulares quer por concessões dos reis, e chamavam-se *Sortes goticae*, [4] não por terem sido tiradas á sorte, mas por serem do dominio d'um godo. Esta interpretação, sustentada por F. de Coulanges, [5] é a seguida hoje geralmente, [6] e por ventura encontra confirmação no contemporaneo Orosio, [7] quando diz que os barbaros execrando a guerra se voltaram emfim para a lavoira, amigos e companheiros dos romanos: uma conversão a contento de todos, revelada pelas palavras do nosso auctor, não seria realisavel, senão por este meio, pois só por elle os recem-chegados podiam fazer-se lavradores, sem a violencia d'uma partilha geral dos immoveis, do que aliás os contemporaneos não fallam, nem o mesmo Idacio, apezar da sua intransigencia e exagerações. Como em toda a parte, a queda do governo de Roma não succedeu sem grande abalo: mas aqui a entrada das hostes germanicas só teve logar no primeiro quartel do seculo v, ao contrario do occorrido em outras provincias do Imperio, onde taes entradas continuaram desde então até aos seculos ix e x. Dos quatro povos que vieram para a Hispania, passado curto intervallo, desappareceram dois: os Suevos e Wisigodos, que ficaram, accommodaram-se tam depressa, que Orosio viu-os chegar e conheceu-os já apaziguados. Por isso foram nullos e de pouca duração os desarranjos sociaes provocados por esse acontecimento.

---

[1] «...colonus, aut hospes...» Dig., L. xliii, t. 19, l. 1, § 7: «...Consortes vel hospites...» *Cod. Wis.*, L. viii, t. v, l. 5. Cf. Gloss., in f. *Cod. Wis.*, v. *hospes*, ed. *P. M. H.*

[2] «.. les domaines publics suffisaient à satisfaire leurs plus ardentes convoitises.» — F. de Coulanges, *Hist. d. Inst. p. de l'a. Fr.*: pr. partie, pag. 406, ed. de 1875.

[3] *Cod. Wis.*, L. x, tit. i, l. 8. O principio d'esta lei — «Divisio inter gotum et romanum», refere-se a qualquer divisão, feita por um contracto regular — «si tamen *probatur celebrata* divisio...»: — «*largitate*» allude ás concessões domaniaes.

[4] *Cod. Wis.*, L. x, tit. ii, l. 1. A palavra *sors* é synonima de *patrimonium*: sobre a sua significação v. F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 167-171, e sobre a origem da sua significação v. Rudorff, *Die S. der r. Feldm.* ii, pag. 367. N'este sentido diz o *Cod. Wis.*, L. viii, tit. v, lei 5: «Qui vero sortem suam totam forte concluserit.»

[5] *Hist. des Instit. polit. de l'anc. France*, i, pag. 400-407 e 534-543 (ed. de 1875).

[6] Gama Barros, *H. da ad. p. em P.*, i, pag. 389. Herc., *Op. V*, ii, pag. 303, onde o illustre historiador modificou a opinião, seguida na *Hist., de Port.*, iii., pag. 227 e seg.

[7] «Quanquam et post hoc quoque continuo barbari execrati gladios suos, ad aratra conversi sunt, residuosque Romanos ut socios modo et amicos fovent, ut inveniantur iam inter eos quidam Romani, qui malint inter barbaros pauperem libertatem, quam inter Romanos tributariam solicitudinem sustinere. Lib. vii, cap. 41.

Quando os suevos entraram na nossa região, a cultura extendia-se por toda ella; nas citanias não ha vestigios d'elles: e do *Chronicon* de Idacio, vê-se quanto eram differentes as condições, comparadas com as do tempo de Augusto, em que os exercitos manobravam por entre selvas inextricaveis. As populações, vivendo agora no meio dos campos, se os invasores eram excessivamente duros, acolhiam-se aos *Castella*, que no principio das invasões germanicas começaram a levantar-se por aqui e além. [1] Nos quatro seculos de governo romano desenvolvera-se a civilisação e multiplicára-se a riqueza, de modo a tornar possiveis as *depraedationes*, lamentadas pelo chronista com tanta insistencia. Grandes cidades cultas eram as capitaes dos *conventos juridicos*, como Astorga, Lugo, Braga, etc. Mercados *(emporia)* junto das margens dos rios, como PORTUCALE, [2] junto ao Douro, que provavelmente não fôra outra cousa, facilitavam a troca dos productos indigenas com os extrangeiros.

Toda esta civilisação apoiava-se sobre uma agricultura perfeitamente regulada, que não era facil alterar; por isso o systema parcellario, cuja origem romana se demonstrou, é tambem expresso no Codigo Wisigothico: as leis XI, XII e XIII (Liv. X, tit. I) tratam do arrendamento de bens rusticos; [3] e posto que differentes sob o ponto de vista da duração, ambos são designados pela denominação — *ad placitum canonis*, porque assentam sobre uma renda certa; o arrendamento da lei XII é de tempo limitado; pelo contrario o da lei XI é perpetuo, se o arrendatario nunca deixar de pagar o canon, e que um e outro se referem a fracções de predios conhece-se com facilidade, confrontando as primeiras com a terceira. Essas duas leis esclarecem sobremodo a investigação relativa ao estabelecimento das pequenas lavoiras dentro das villas, pois para fazerem parte do texto wisigothico, haviam de ser de uso corrente anterior: o senhor arrendando parcellas, criava sub-unidades que se fixavam, quando o contracto se fazia segundo a lei XI, isto é — por tempo indeterminado, conferindo posse ao arrendatario, com a unica obrigação do pagamento do canon e só na falta d'este com a reversão ao proprietario. As familias assim collocadas tornavam-se de facto possuidoras d'um fragmento da villa, que se ia cubrindo de casaes á medida que taes installações augmentavam. Esta maneira agraria pertencia aos romanos; era o seu arrendamento perpetuo de certas terras, nomeadamente das pertencentes aos municipios, corporações religiosas, [4] etc.: muito mais antigo, que o *jus emphyteuticum* do Codigo de Justiano, vulgarisou-se cedo na Hispania nos terrenos particulares e devia de ser de pratica seguida,

---

[1] C. JULLIAN, *Gallia*, pag. 104-105.

[2] «...locum, qui Portucale appellatur;» IDACIO, *Chr.*, anno 456, na *Esp. Sagr.* IV:—«Portucale castrum;» *ibid.*, an. 459.

[3] Cf. HERC., *H. de P.* III, pag. 247.

[4] CH. MAYNZ, *Elém. de dr. rom.*, I, pag. 562-563, texto e notas.

por isso que foi incluido para elles tam expresso no nosso monumento; e desde a restauração asturiana até á primeira dynastia portugueza era a forma juridica mais geral de ter a terra sob os nomes de—*placito, plazo, prazo, emplazar, emplazamento,* termos todos derivados do *placitum* wisigothico. [1] E com certeza são os arrendatarios por este titulo os mencionados em 915 na confirmação da doação da *villam Cornelianam* (freg. da Correlham) feita á Sé de Santiago por Ordonho II; [2] «siue et homines ingenuos ibi habitantes censum quod nobis persoluebant parti uestre inexcusabiliter persoluant.» Estes *homines ingenuos,* que pagavam um *censum,* não eram *colonos* (no sentido posterior ao seculo III) [3] ou *adscriptos,* mas homens livres populares, tanto mais que o mesmo diploma, poucas palavras antes, nomeia os *serui uel liberti.* A indicação d'aquelles em grande numero d'esses documentos mostra-nos que gente, gozando de plena ingenuidade, se mantivera sempre em tal estado atravez de todos os periodos historicos; com a maior probabilidade vêm desde a fundação das villas cultivadores arrendatarios, possuindo e transmittindo hereditariamente as suas fracções, pois esta era uma das caracteristicas do arrendamento perpetuo, [4] sem outros encargos que a satisfação da renda; mais tarde, adquirirão a faculdade de as alienar a extranhos; taes alienações feitas por homens d'esta classe abundam desde os primeiros diplomas. No texto acima citado Ordonho limita-se a declarar a transferencia para outrem do *censum* que lhe pagavam esses ingenuos. Em todo o caso convem notar que entre os romanos os arrendatarios livres, se não pagavam o preço estipulado, podiam tambem vêr-se presos á terra alheia, [5] cahindo em servitude, como devedores insolventes; d'estes estavam cheios os latifundios. [6]

As parcellas cultivadas por *servi* são claramente indicadas no codigo wisigothico, quando annulla as alienações feitas por elles da *domum, agrum, uel uineam,* pertencentes a seus senhores. [7] Em face do texto é evidente ter havido nos tempos godos agricultores parcellarios da classe servil, como já os houvera entre os romanos; o facto, accusado na lei wisigothica, existia antes da chegada das hostes germanicas; esses servos tanto podiam ser descendentes dos antigos, como alguns beneficiados recentemente; mas foram aquelles, os que no fim do seculo III, sendo encontrados em parcellas dentro das villas, os empregados do fisco inscreveram no cadastro com a denominação de *adscripti glebae.* A existencia de cultivadores d'esta

---

1 *D. et Ch., P. M. H.,* n.os 46, 183, etc. e *Inquirições, passim.* Veja-se nota no fim.

2 *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 19.

3 F. DE COULANGES, *L'A. et le d. r.,* pag. 65.

4 «...veluti si qua res in perpetuum locatavit, ...neque ipsi conductori, neque heredi ejus praedium auferatur...» GAIUS, *Inst.* c. III, § 145.

5 COULANGES, *L'A. et le d. r.,* pag. 69, nota 1.

6 «...fines... ant occupatos nexu civium... tenent;» Colum., I, 3; *Cod. W.* L. V, tit. VI, l. 5.

7 *Cod. Wis.,* L. V, tit. IV, l. 13.

especie na região, de que nos occupamos, é denunciada por muitos documentos medievaes, [1] em que se trata de alienações de terras de tal natureza.

As designações diplomaticas de—*servi, liberti, ingenui,* mostram que homens em differentes situações juridicas viviam e trabalhavam nas villas em tempos relativamente proximos; essa diversidade não nasceu apoz a queda wisigothica; topámol-a em primeiro logar nos usos e costumes romanos, seguimol-a no codigo wisigothico, e por fim nos titulos dos contractos neo-godos. Os notarios, tendo de distinguir esses diversos estados de pessoas, serviam-se dos tres termos tradicionaes; e se na significação d'alguns d'estes o tempo havia produzido qualquer modificação, esta não podia ser fundamental, e por elles retrogradamos com segurança á primitiva organisação do trabalho nas villas. Os *servi* da monarchia astur-leoneza, descendiam ou representavam os miseraveis e captivos que ficaram á disposição do *possessor*, empregados na secção reservada para elle, e alguns foram por favor installados em parcellas; os *liberti* provinham dos manumettidos no periodo romano-gothico, e então gozariam dos beneficios especiaes que as leis lhes conferiam, e talvez formassem o maior numero dos *adscripti;* os *ingenui* eram os homens livres, no principio arrendatarios por contractos temporarios ou perpetuos, mas na alta Idade-média a maior parte possuia o dominio util e a livre disposição dos seus casaes.

Além dos agricultores propriamente ditos, havia ainda os operarios, livres ou servos, empregados em todos os misteres mais necessarios á vida, pois o predio estava ordenado de modo a satisfazer com os recursos proprios ás principaes necessidades dos seus habitadores.

Estas classes—servos commandados por um feitor ou installados em parcellas, libertos na ultima situação, cultivadores livres (arrendatarios por tempo definido ou indeterminado), foram as estabelecidas na fundação das villas. Com homens—*soluti aut vincti*, á maneira da Italia e da Gallia, principiou-se a cultura e assim se continuou por largo tempo; no principio discriminados com precisão, esbatendo-se depois as côres graduantes, vieram por fim a confundir-se as tres n'uma unica—a dos ingenuos; mas antes de se chegar á fusão final, a diversidade primitiva complicou-se, tornando-se incomprehensivel a multiplicidade medieval, se se deixarem de lado os elementos originarios; sabendo porém que o trabalho se organisou com aquellas tres classes, é facil comprehender a complicação, resultante dos beneficios especiaes concedidos pelos proprietarios a alguns dos seus homens, e como todos se igualisaram juridicamente, pela força do desenvolvimento social. Convem todavia notar, que desde os romanos até á monarchia neo-goda persiste o mesmo fundo, sendo apenas aparentes as alterações; só no fim d'esta, e passo a passo, a liberdade individual se estendeu á massa geral dos cultivadores.

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 263, 295, 309, etc.

Tendo-se estes, desde o principio, apegado tenazmente ao solo, radicou-se o systema parcellario, isto é, a pequena lavoira dentro da grande propriedade. Por tal motivo não foi possivel estabelecer-se aqui a grande cultura, o que aliás talvez houvesse acontecido, se a extensão total do predio fosse cultivada por esquadras de *servi;* em tal caso as unidades teriam grande difficuldade em se fraccionarem; a cada divisão seriam necessarias novas construcções, vedações e demarcações; e aos trabalhadores faltaria a aprendizagem da pequena cultura. Onde a secção reservada para o senhor foi muito extensa, aparece hoje a grande propriedade e grande lavoira; mas aqui essa parte ou foi muito restricta na origem, ou diminuiu posteriormente pela concessão de novas sub-unidades. Em consequencia da generalisação d'este regime, o dominio util, por lenta evolução, foi passando para os cultivadores, onerados todavia com as prestações do dominio directo; eram estas já um grande rendimento, na maior parte das villas na epoca asturiana; e por isso tambem simultaneamente as fracções se faziam independentes, obliterando-se a tradição da unidade.

Longos tempos porém decorreram, durante os quaes o *dominus* intervinha, dirigindo e mandando: pago o imposto ao fisco, e satisfeitos os seus deveres de cidadão na *urbs* ou *civitas*, não tinha mais dependencias: desde Vespasiano, senão d'antes, pertencia-lhe o *dominium;* e como um, todos; o districto, de que aquella era a capital, dividia-se em villas, geralmente de grande extensão, apropriadas por cidadãos com igualdade de direitos e obrigações, e em face da administração romana, uniformes quanto á jurisprudencia: mas dentro d'ellas assignalar-se-iam differenças, conforme o maior ou menor predominio do elemento servil, sobre o qual imperou o *dominus* sem restricções por larga diuturnidade, [1] a sua acção tambem se havia de fazer sentir sobre os mesmos individuos livres, habitantes d'uma terra alheia, e que podiam cahir na servitude por insolvabilidade.

Não devemos perder de vista este ponto essencial — um homem governa e possue uma area, que em geral mais tarde se chamou «freguezia»: o povo ahi acantonado acostumou-se a respeitar e a obedecer a um chefe; os antigos clientes das cividades, disciplinados á romana, transformaram-se em legião de lavradores, agremiados em volta do paço: por intermedio d'este receberam a civilisação latina, que tam funda se imprimiu na alma popular; internados nos predios, ahi passou cada um a maior parte da vida, cultivando e plantando; á medida que augmentavam, o proprietario installava novas familias em parcellas, que foram depois a origem dos pequenos casaes historicos da provincia. Intimamente unidos, dirigentes e trabalhadores, em quatro seculos de paz civilisadora, completaram esta obra grandiosa — a agricultura d'um paiz selvatico.

---

[1] F. DE COULANGES, *Hist. d. Inst. p. de l'anc. Fr.*, pr. partie, ed. de 1875, pag. 200-202.

CAPITULO X

A PERMANENCIA DAS VILLAS

Ter-se-ha notado por variadas vezes que o predio rural romano era um organismo muito complexo. N'essa superficie assaz extensa não se fazia uma cultura unica, nem os terrenos eram d'uma só qualidade, nem os homens trabalhavam segundo um modelo uniforme para todos; a variedade, pelo contrario, era a regra geral nas pessoas e coisas; as culturas multiplices adequavam-se aos diversos sólos, existentes dentro dos limites; os trabalhadores occupavam diversas situações, agricultando uns a secção do senhor, outros (a maioria) cultivando, mediante prestações, sub-unidades formadas de glebas dispersas, de modo que a todos tocasse um retalho de cada producção; ao lado dos terrenos cultivados estavam os maninhos para uso commum, produzindo pastagens, madeiras, matto e lenha; e o mesmo nome designava a pequena colmeia, que vivia n'esse recinto circumscripto e meticulosamente demarcado. Ligados todos estes elementos constituintes pela obediencia ao commando superior, resultava d'essa organisação uma unidade que se não prestava com facilidade a ser repartida em fracções reaes. Por isso as villas persistiam na sua integridade atravez de gerações successivas, quaesquer que fossem as vicissitudes dos proprietarios.

Não era a lei que impedia a fragmentação ou a alienação parcial, nem de modo nenhum obrigava o co-herdeiro ou com-proprietario á indivisão: muito cedo a legislação romana permittiu a mobilisação dos bens immoveis; cada qual podia alienar no todo ou em parte o seu predio ; mas a economia privativa d'estes e a sua unidade caracteristica difficultavam tanto a divisão effectiva, como até a absorpção d'um por outro, se o mesmo individuo adquiria dois contiguos.[1]

Quando pois nas successões se partilhava a villa entre muitos herdeiros, ou a seu dono convinha alienar uma parte, a partilha ou alienação parcial não se faziam em regra pela decomposição real do predio, mas por meio de divisões *idéaes*, chamadas *partes*, *portiones*, *rationes*, geralmente *unciæ*—duodecimos, as quaes abrangiam tudo, incluindo as proprias habitações. Os co-herdeiros ou co-adquirentes tornavam-se então com-proprietarios da villa na proporção das fracções obtidas; e se os rendimentos tinham de se dividir, a vida e unidade rural d'ella ficava intacta, como quando pertencia a um só dono; nem as transacções posteriores, effectuadas sobre as *portiones*, alteravam o fundo primitivamente demarcado. Não quer isto dizer que não houvesse casos de divisões reaes, nem impossibilidade juridica de as fazer, pois são bem conhecidas as prescripções do direito romano a

[1] Cf. a inscripção de Veleia.

este respeito; mas as difficuldades de proceder a novas demarcações, de destrinçar as glebas das sub-unidades, de organisar tudo de novo, avultavam tanto que a fórma geralmente seguida era aquella. [1]

Em taes condições concebe-se sem custo, como as villas tiveram tam dilatada duração no mundo romano; por todo elle, sendo a sua organisação identica, ellas sobreviveram ao imperio e a um sem numero de catastrophes sociaes: entre nós faltam-nos, é certo, documentos anteriores á alta Idade-média; os d'esta, porém, bastam para demonstrar a sua resistencia tenaz á desmembração, como nas outras provincias romanas; apezar de serem escriptos n'uma época já de fragmentação — nova corrente que em breve subverterá os costumes antigos, elles citam comtudo ainda villas integras.

Em 915 [2] a *villa Corneliana* (freg. da Correlham) ainda em poder da corôa, foi doada n'este anno por Ordonho II á diocese de Compostella na totalidade — *per omnes suos terminos in omni circuitu*, e n'esta integridade se conservou até á fundação da monarchia portugueza, sendo ampliada, segundo parece, em 1061 [3] pelo bispo Cresconio, que obteve de Fernando Magno um privilegio para os seus cultivadores.

Em 953 [4] as *villas de Comite* e *Quintanella* (Villa de Conde e Quintella) eram possuidas por Flamula, que as vendeu ao mosteiro de Guimarães: no titulo declara que as aliena *ab intecro, per suos terminos antiquos*, e especifica as confrontações.

Em 968 [5] Gundisalbus, filho de Mummadona, dôa ao mosteiro de sua mãe a *villa Moraria* (Moreira de Conegos) *per suis terminis et locis antiquis*.

Convem observar que a frase *ab integro*, com as suas variantes, pode ter diversas significações; ora é simplesmente emphatica, destinada a tornar o periodo mais sonoro; ora exprime que o alienante cede tudo quanto tem na villa; outras vezes refere-se ás demarcações geraes d'esta; mas que em certos diplomas indica a alienação total da villa, vê-se claramente do texto, e estão n'este caso os anteriores.

Tinham chegado pois ao periodo astur-leonez villas integras, possuidas por um unico proprietario. Ellas haviam conservado atravez de muitas gerações, tanto a sua unidade territorial, como o dominio d'uma só pessoa: e tal era ainda a força das velhas usanças que em 870 Flomarico e Gundila, Scelemondo e Astragundia, apoderando-se por *presuria* da Villa Negrellus, em vez de a dividirem, conservaram-na na integridade anterior; edificando ahi uma egreja dizem — *in nostra villa que presimus*. [6]

---

[1] Cf. F. de Coulanges, *L'A. et le d. r.*, pag. 20-22, 248 e seg. Rudorff, *Die Sch. d. r. F.*, pag. 303. Ch. de Maynz, *Elem. de dr. rom.*, I, pag. 440. Mommsen, *Röm. Geschichte*, I, pag. 188.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 18.

[3] *Esp. Sagr.*, XIX, pag. 197-198: *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 429.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 99.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 5.

O maior numero comtudo dos contractos diplomaticos versa sobre fracções, chamadas *portiones* e *rationes*, como na Italia e Gallia. Ellas abrangiam todos os terrenos e culturas, até as mesmas casas d'habitação: — «uindo uobis, diz Flamulina em 964, in ipsa uila omnia mea racione quantum me ibidem compodet inter meos eredes. pumares sautus casas cum intrinsegus domorum terras rutas uel inructas aquas cursiles uel incursile quidquid in ipsa uila inuenire podueridis in mea racione.» [1] Como se vê, houvera uma successão hereditaria, de que resultou a *racione* de Flamulina, que a vendia agora a terceiro. O quinhão não estava destrinçado, quanto á terra; e comtudo ella traspassava-o a outrem; era uma parte de todo o patrimonio herdado dentro da villa de S. Martinho, computada sem duvida sobre os rendimentos; e assim por meio das successões, calculadas d'esse modo se formaram as *ereditates*, tornadas depois predios independentes, quando chegar a hora difinitiva da desmembração: mas emquanto esta não era a regra geral, os quinhões hereditarios e alienações parciaes faziam-se ainda pela divisão dos rendimentos, pois. ha exemplos tam complicados que se não podem entender, senão referidos a elles: em 968 Vermudo com a mulher e filhos vende um herdamento em Moreira da Maia nos seguintes termos: — «faciant se de ipsa ereditate de medietate VIII^as^ demus tiui de ipsas octauas I octaua integra menus VI media et de alia octaua III^a^ integra et de alia octaua II^as^ setimas.» [2] O vendedor calculava a *ereditate* dividida em *portiones*, apezar de se não servir do termo, e d'estas só vendia certas determinadas; é evidente que assim do seu patrimonio ficava só com parte, e tam enlaçada com o resto, que só se podia destrinçar nos rendimentos; por isso uma vez estabelecidas, as *portiones* tornavam-se objectos de contractos; embora se dividissem ellas mesmas, não fragmentavam a unidade fundamental, nem produziam predios. O seu uso constante na alta Idade-média e a persistencia, mostram a conservação tenaz do costume antigo d'effectuar as partilhas e alienações parciaes. O seculo x e os immediatos constituem um verdadeiro periodo de transição; o mundo romano-germanico tende a diluir-se na nova sociedade que vae despontando lentamente.

As *rationes* e *portiones*, ainda formadas na mesma época dos diplomas, são para nós do maior valor, desde que sabemos terem sido usuaes no regime romano; não eram maneira recente de contractar, nem podiam ser; n'esta data a formação de predios independentes dentro das villas é a norma que em breve será exclusiva; antes porém de se radicar a mudança, os costumes vacillavam e d'essa vacillação resultam os vestigios do passado, pelos quaes nos é possivel remontar até ao tempo longiquo, quando a maioria das divisões parciaes, successorias ou outras, se fazia por aquella forma.

Sem ella não seriam reconheciveis os predios antigos em data tam proxi-

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 86; cf. 149, 162, 93, *passim.*

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 98.

ma, nem seria explicavel a sua diuturnidade; pelo contrario elles fragmentar-se-iam desde a primeira partilha, e entrariam n'um movimento constante de deslocação. Dado porém aquelle costume, o herdeiro ou adquirente parcial, em vez de proprietarios d'uma fracção real, eram antes com-proprietarios de toda a villa; por isso se conservava inalteravel o fundo primitivo. As gerações passavam, os proprietarios succediam-se, mas a unidade romana subsistia atravez de todas as eventualidades.

E assim foi até ao fim do imperio germanico, consoante é expresso dos textos citados; pois se o Codigo wisigothico manda conservar os predios no mesmo estado em que se achavam no tempo dos romanos, e os seus marcos eram os d'estes, as villas antigas mantiveram-se, resistindo ás divisões, graças ao systema das *portiones* e *rationes* ideaes.

As investigações precedentes mostram-nos a agricultura, nas suas formas mais variadas e como trabalho ordenado, fundada e adquirindo a florescencia, durante os quatro seculos do dominio romano.

Se antes d'elle tivesse havido lavoira regular, com technica rural bem definida, á romanisação teriam sobrevivido bastantes affirmações originaes que chegariam até nós. A falta absoluta d'estas prova a irregularidade da exploração da terra na epoca das cividades, sem regras fixas que formassem uma doutrina bem estabelecida, capaz de resistir á absorpção extrangeira; por isso as usanças ruraes d'então perderam-se sem deixarem vestigios apreciaveis, fundindo-se por completo nas importadas pelos conquistadores.

No tempo d'estes a organisação social mudára fundamentalmente, lançando-se as bases da que ainda dura; a maior uniformidade egualisou a extrema complicação precedente, resultante dos numerosos *populi* autonomos, frequentes vezes em guerra entre si, e talvez com costumes, variando d'uns para outros; por cima de todos passou a rasoira d'uma civilisação superior.

O solo das cividades, exceptuando porventura os tractos mais alpinos, sahindo de vez do collectivismo, dividiu-se em secções de propriedade individual. Esta divisão, creando predios geralmente de grande extensão, creou os nucleos fundamentaes do mundo agricola; em cada qual alojou-se um grupo de trabalhadores, ás ordens e sob a direcção do *dominus;* este dependia, é certo, da *urbs*, de que era cidadão, mas nem por isso as villas deixaram de ter vida propria, que lhes permittiu sobreviver á ruina dos povoados urbanos.

Disseminadas e propagadas, dentro d'algumas gerações transformou-se em cultivada a região selvatica, que tinham atravessado os legados d'Augusto; e se de poucas só conservam memoria os nossos documentos medievaes, é por que elles são apenas os salvados de poucos archivos; na sua falta temos comtudo outros monumentos dignos da maior fé — os nomes toponimicos, a conformidade da terminologia e dos usos ruraes, assim como os restos do viver romanisado, que a picareta ou o arado levantam por toda a parte; manifestações eloquentes da generalidade cultural.

Consummado o retalhamento dos territorios das cividades, o quadro, que se nos apresenta, delinea-se nos traços mais simples. Uma capital — *urbs* ou *civitas*, domina a região coberta de villas: estas areas de rigorosa propriedade, differentes quanto á superficie, estão sujeitas aos mesmos processos culturaes e á mesma jurisprudencia; apezar da egualisação juridico-economica, cada uma vivendo sobre si, differenciada das limitrophes, caracterisa-as a todas uma forte individualidade; eis porque serão o asylo das tradições e vida moral do povo, quando succumbir a cidade regional, d'onde haviam recebido a civilisação. Extendendo-se contiguas, como as densas malhas d'uma rêde, as villas foram um dos principaes pontos d'apoio da romanisação: e unindo moralmente os trabalhadores, deram a cada grupo a cohesão necessaria para mais tarde se converter em molecula social. Se abstrahirmos das numerosas povoações urbanas da actualidade, e olhando só para as freguezias ruraes, as imaginarmos predios rusticos que eram então, representar-nos-hemos com bastante fidelidade o aspecto geral da distribuição agraria no dominio romano e wisigothico.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO XI

NEO-WISIGODOS: SENHORES E CULTIVADORES

A entrada dos arabes no principio do seculo VIII (711 ou 712), se não produziu influencia directa aqui, onde o seu dominio passageiro e mal firme cedeu com facilidade aos primeiros ataques de Affonso I (739-757), — indirectamente comtudo teve a maior importancia, por ser a causa determinante d'uma profunda desordem em todas as relações sociaes. Atravessando o Douro, os sarracenos avassallaram em breve tempo toda a Galliza; occuparam as cidades e os sitios fortificados, deixando guarnições militares sem duvida mais diminutas ainda, que nas outras provincias já invadidas; se n'estas tinham sido pequenas, em consequencia de ser pouco numeroso o exercito com que entraram na peninsula — e por isso guarnições na maioria compostas de judeus, [1] fracas seriam na nossa região, e mais no extremo norte, onde eram muito reduzidas, como a de Gijon, [2] trucidada sem grande difficuldade n'um logarejo. E assim devia ser; a invasão progredindo e alastrando-se, as forças rareavam, enfraquecida a occupação militar com o desenvolvi-

---

[1] HERC., *H. de P.*, III, pag. 209.

[2] *Esp. Sagr.*, t. XVII, *Monachi Silensis Chronicon*, pag. 284.

mento das armas victoriosas: foi talvez esta fraqueza sobretudo que ajudou Affonso I a engrandecer rapidamente o estado asturiano.

Quanto á politica seguida pelos arabes no noroeste, ella não podia ser differente da adoptada no sul, da brandura da qual restam monumentos de sobra, sendo inutil repetir o que está dito e redito. [1] Não obstante o senhorio das terras pertencer em theoria aos musulmanos, a posse e cultura d'ellas, pagos os tributos, eram conservadas aos christãos, com o livre exercicio da sua religião, da lingua, e das proprias leis; tal era aqui a tolerancia, que continuou sempre a haver prelados na diocese de Dume, junto a Braga; só no tempo e por ordem de Affonso III, [2] o bispo se retirou d'alli, provavelmente por o monarcha recear pela segurança pessoal d'elle, quando se dessem incursões dos inimigos, provocadas pelas guerras incessantes que lhes fazia. Lendo-se porém os chronistas e diplomas, na primeira impressão figura-se-nos vêr o paiz despovoado; que a gente espavorida, em face d'estes inimigos malditos, abandonou as casas e campos, fugindo ora para montes cobertos de matagaes, ora para sitios desertos, ou — «qui evaserunt, ora maris arripientes, in concavis petrarum habitaverunt», como se exprime um documento de 915. [3] A impossibilidade comtudo de se viver assim durante um quarto de seculo, e os proprios diplomas que nos revelam, depois d'estas descripções terrorosas, a existencia de uma população agricola compacta, convencem-nos que as coisas se passaram de maneira muito diversa. Tomadas as cidades, os vencedores limitaram-se ao lançamento d'impostos, e a uma ou outra medida policial, se temiam opposição; os fugitivos do primeiro momento, só por excepção deixariam de regressar logo, coagidos pelas necessidades imperiosas da vida. O acontecido no sul informa-nos bem a respeito da nossa região, sem todavia n'esta os invasores terem tido tempo para estabelecer colonias nem introduzir a sua civilisação, como lá.

É de crêr até que as irregularidades fossem de nenhuma monta; ou por falta de forças, ou porque o noroeste os não attrahia com demasiado ardor, á reacção asturiana deixaram tomar grande incremento, em seguida á batalha de Cangas d'Onis; e emquanto dominaram, visto não haver aqui nenhuns vestigios de sociedade sarracena, a sua acção foi muito limitada, restringindo-se a manter os pontos fortificados e a cobrar os impostos; a vida rural havia de ser a mesma d'antes, com os mesmos homens, tirante os poucos succumbidos na invasão, ou alguns mais abastados de bens moveis que preferiram expatriar-se. A reapparição de todos os usos e costumes antigos faz prova decisiva da continuação da sociedade anterior, pois pelos documentos medievicos foi possivel recompôr nos capitulos precedentes a situação rural nos tempos romanos. Os cultivadores, agrupados nas villas, conti-

---

[1] HERC., *H. de P.*, III, pag. 167-177.
[2] *Esp. Sagr.*, t. XVIII, Ap. pag. 313; *ibid.*, pag. 46.
[3] *Ibid.*, t. XIX, Ap. pag. 350.

nuaram na exploração da terra, cada um na sua classe, segundo os processos culturaes que vinham da epoca remota, quando foram installados n'essas antigas unidades agrarias, muito embora o paço estivesse deserto ou tivesse perdido a supremacia moral.

A grande confusão social pertence á restauração. Desde as primeiras emprezas dos reis asturianos, manifesta-se sem a menor ambiguidade uma nova comprehensão dos direitos reaes, a qual representará na sociedade, que vai formar-se, um papel de primeira importancia. O *Chronicon Sebastiani*, depois de enumerar as cidades reconquistadas por Affonso I, accrescentando — «exceptis Castris cum Villis & viculis suis» [1] (tomados os castros com as villas e seus logarejos), repete uma tradição ainda muito viva no seu tempo: o rei não se limitou a occupar só os logares fortificados *(exceptis Castris)*, substituindo o seu governo pelo dos arabes, mas apoderou-se simultaneamente dos predios rusticos com as habitações que elles continham *(cum Villis & viculis suis)*: por onde elle passava, toda a propriedade ficava portanto incorporada na corôa.

Facto de tamanha magnitude social, embora revelado pelo *Chronicon*, custaria a acreditar, se não fosse confirmado por um diploma de 841; Affonso II, querendo engrandecer a egreja de Lugo e restituil-a ao seu antigo brilho, dôa-lhe muitos dos predios e moveis adquiridos, diz elle, na guerra com os musulmanos — «de meis facultatibus, seu hereditatibus, quas abstuli, juvante Deo, ab Hismaelitarum jure proprio gladio.» [2] Estas palavras estabelecem com a maior clareza o direito de conquista; foi em virtude d'elle que os bens entraram no poder da corôa, e se passavam agora para a Sé de Lugo era por generosidade real. Expulsando os inimigos d'um territorio e repondo ahi o governo christão, os monarchas da restauração julgaram-se conquistadores do paiz revertido ao seu governo — jurisprudencia politica que prevaleceu até muito tarde; se elles conheciam, como é de crêr, a ficção juridica musulmana, occorrer-lhes-ia logo assenhorear-se do direito de propriedade, theoricamente em poder dos infieis; com o *proprio gladio* adquiriam tanto a soberania, como os immoveis *(hereditates)* e os moveis que saqueavam *(facultates)*; tudo tinha sido arrancado de espada em punho ao *Hismaelitarum jure*. D'essa theoria foi consequencia directa e fórma pratica — a *presuria;* d'ella que mudou o senhorio dos predios e os nomes d'elles, já se fez referencia larga no capitulo V; todavia, por a materia ser de interesse capital para o presente estudo, além dos exemplos ahi citados convém recordar mais alguns, que apresentam variedades na applicação do mesmo principio.

Avezano, fundando em 757 uma egreja na villa Avezani, declara que a houve

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XIII, pag. 482.
[2] *Ibid.*, t. XL, Ap. pag. 374.

por *presuria* — «per jussionem Domini Adephonsis Principis;» [1] em 886 Affonso III, restaurando a Sé de Orense, diz — «Genitor noster... Ordonius... hanc Sedem apprehendit cum Villis, vel omnibus adjacentiis suis;» [2] e em 899 inclue na grande doação á egreja de Santiago — «Villas... in Varma, quas divisimus cum filiis Suarii, unde nos *prendidimus medietatem* & illi medietatem.» [3] Ora era o rei em pessoa que aprehendia, ora os soldados por sua ordem; n'este ultimo caso, nas *presurias* regulares reservava-se sempre um quinhão para o monarcha: esta doutrina deduz-se não só do terceiro trecho precedente, mas tambem da demanda, litigada em 1025 entre certos proprietarios do territorio de Braga e a Sé de Lugo: diziam aquelles que não tinham dependencias com esta, por isso que os seus antepassados vieram de Oviedo e *aprehenderam* as villas que possuiam — «& ipsas... quæ presserunt ibidem quintarunt illas, & dederunt illa quinta ad ille Rex (Affonso II),» e que a *presuria* se fizera por consentimento real e em acto de guerra — «gratia de Rex... Edefonso mayor, & Coucorno de ipse Rex per manus Comite Petrus Vimaras.» [4] Affonso III ficou com ametade das *presurias* em Varma e deu a outra aos filhos de Sueiro; no caso de Braga, os *presores* separaram para Affonso II apenas um *quinto;* esta quota parece ter sido a mais usual, pois elles invocaram-na com firmeza, como o melhor argumento do seu dominio.

Oviedo fôra edificada por Fruela [5] (757-768); então já a Galliza havia sido reconquistada por Affonso I; no reinado e por ordem d'este, Odoario, depois de restaurar a diocese de Lugo, veio proceder a identico trabalho em Braga; fallecendo, deixou a obra incompleta; em tal situação havia ainda margem para novas aprehensões. Os homens que vieram de Oviedo posteriormente, no reinado de Affonso II, consoante a tradição exposta, eram sem dúvida um troço de guerreiros, que fizeram a presuria passando por alli, para alguma correria ao sul. A sentença foi decidida contra elles, talvez por essas possessões terem pertencido ás antigas da Sé de Braga, o que só foi possivel reconhecer em 1025, quando a paz permittiu pesquizas mais exactas. Note-se o costume de reservar nas aprehensões, feitas por soldados, uma parte para o rei — costume corrente, e que salvaguardava a preza dos novos adquirentes, aliás não seria apresentado, como argumento de valor, contra as pretenções do bispo lucense. D'esta jurisprudencia resultava a incorporação na corôa dos immoveis d'uma provincia retomada; e no mesmo acto da campanha, a cada passo o rei consentia que os seus homens tomassem logo para si uma porção: tal é o caso anterior e innumeros outros, entre os

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XL. Ap. pag. 362.
[2] *Ibid.*, t. XVII. Ap. pag. 244.
[3] *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 341.
[4] ARGOTE, *Mem. p. a h. ec. do Ar. de B.*, III, doc. VII, pag. 422.
[5] HERC., *H. de P.*, I, pag. 130.

quaes basta citar o de Fernando Magno [1] que retribuiu assim os seus magnates quando reconquistou Coimbra definitivamente; e ainda Affonso Henriques [2] no Alemtejo fazia presurias, que dividia com os companheiros: com o rendimento porém das villas em poder dos monarchas, quer inteiras, quer fraccionadas por effeito de alienações ou usurpações, elles sustentavam as despezas publicas, e d'ellas sahiam constantes liberalidades, já para corporações religiosas, já para cavalleiros.

Com predios adquiridos de tal maneira, por direito da guerra, (as terras publicas, que dos romanos passaram para os suevos, estavam esgotadas ha muito), formou-se mormente o patrimonio real, do estado, conhecido pelo nome de «bens da corôa.» Essa immensidade de propriedades, disseminada por toda a parte, nos cantos mais remotos, e sob as fórmas mais variadas, não me parece que possa ter outra origem. O nosso illustre historiador portuguez, é certo, pensava d'outro modo: segundo elle, esses bens formaram-se em quatro classes de terras: 1.ª n'aquellas em que havia colonias sarracenas e que ficaram sem donos, em consequencia das guerras de reconquista; 2.ª nas terras fiscaes sarracenas, onde existissem; 3.ª nas que os particulares perdiam a favor do fisco por crimes ou por qualquer outro motivo; 4.ª nas absorvidas pela corôa, pelo direito de *maninhadego* ou *maneria*. [3] Eliminadas as duas primeiras não existentes ao norte do Douro, restam as duas ultimas, que de modo nenhum comprehenderiam a immensa massa de bens, que a corôa possuia aqui ainda nos primeiros reinados portuguezes, não obstante as doações ás mãos largas durante os quatro seculos anteriores; apesar d'essa extrema liberalidade e de usurpações sem numero, elles montavam tanto no principio da monarchia que o estado, sem exagero, era o grande proprietario. Nas *Inquirições* vêem-se apenas os restos d'um patrimonio que fôra immenso: mas por elles podemos facilmente recompôr o gigante de outros tempos. [4] Nem o *pro judicato*, isto é, as terras perdidas para o fisco por effeito de actos criminosos, nem a *meneria* pela qual o rei herdava do villão sem filhos, se os bens d'este não ti-

---

[1] «ibi morante (*Coimbra*) cum suos barones et cum suos uassallos et fideles iussit illis ut apprehendissent unusquisque uillas.» *P. M. H., D. et Ch.*, n.º 656. Cf. Sr. Gama Barros, *H. da ad. p. em P.*, II, nota II, pag. 307; os textos ahi colligidos mostram como foram postergados os direitos dos antigos proprietarios.

[2] Herc., *H. de P.*, III, pag. 361.

[3] Herc., *Op.*, VI, III, pag. 207. — Cf. *H. de P.*, III, pag. 340 e seg., especialmente 353 e 361.

[4] Cf. as *Inquirições geraes* de 1220 e 1258, ed. *P. M. H.* Em S. Paio de Riba Vizella — seis dos casaes reguengos estavam em poder de D. Martinho Gonçalves (*Inq.*, 1220, pag. 4): em S. Salvador de Amares — *Rex nullum habet ibi Regalengum, quia dedit quantum ibi habebat per cartam Martino Gunsalviz Sanchia, scilicet, terciam de tota villa* (*Inq.*, 1220, pag. 19); em S. Martinho do Lago — *Rex nullum habet ibi Regalengum, quia est in cauto de Randufi* (*Ibid.*); em S. Paio de Villa Chã — *Rex nullum habet ibi Rehalengum, quia est cautum de domno Gomecio Veegas* (*Ibid.*, pag. 22); — Santa Maria de Móz é Onra *e non fazem nem uno fôro al Rey* (*Inq.*, 1258, pag. 433); item, S. Miguel e Santa Marinha de Onriz (*Ibid.*); *passim*.

nham directo senhor particular — bastam a explicar a incorporação na corôa d'essa enormidade de immoveis. Para se realisar tão extraordinario acontecimento, foi necessaria a applicação, não de excepções, mas d'uma regra geral: e esta é explicita nos textos acima citados.

Á demonstração já feita no capitulo v, que as villas aprehendidas estavam povoadas e agricultadas, não será ocioso accrescentar-lhe um pequeno desenvolvimento. Quando o *Chronicon Sebastiani* diz que Affonso I com os castros tomou tambem os immoveis, deixa perceber claramente que essas áreas culturaes estavam em plena exploração, aliás não valeria a pena mencional-as; e igual situação nos reinados seguintes é confirmada pelo mesmo *Chronicon:* — Fruela I «Gallæciæ populos contra se rebellantes, simul cum patria devastavit»; [1] — Silo (774-783) «Populos Gallæciæ contra se rebellantes, in monte Cuperio bello superavit, & suo imperio subjugavit.» [2] Estas duas referencias convencem-nos que uma densa população habitava a Galliza, immediatamente após a reconquista: de outro modo seriam de todo o ponto impossiveis essas rebelliões, a primeira das quaes foi tamanha que Fruela não se atreveu a debellal-a, vingando-se em talar os campos dos gallegos revoltados; Silo, mais feliz, subjugou-os.

Odoario no seu testamento de 747 [3] começa por dizer que achou a cidade de Lugo e o seu territorio desertos, sendo elle quem restaurou tudo — *ex radice restauravi;* em seguida nomeia uma grandissima quantidade de villas que aprehendeu para a sua egreja, a maioria das quaes ficou povoada com *familia* d'elle. A interpretação litteral levar-nos-ia a entender que a gente do bispo era uma verdadeira multidão, distribuida agora por essas tantas propriedades nomeadas; a confirmação porém de Affonso I no fim do documento, elucida a questão em poucas palavras — «Ego... Adephonsus Rex, cujus in tempore... hac *restitutio*, seu *reintegratio* facta dignoscitur, hanc nostram Scripturam, quam *ex pressuria radicitus acmentastis* vobis... Odoario... auctoritate Regali... consignamus, & condonamus.» [4] O texto diz que o acto do bispo foi apenas uma *restitutio* ou *reintegratio*, isto é, elle não fez mais que repôr tudo no estado anterior, e por isso comprehende-se á primeira vista a procedencia dos homens designados pelas palavras — *familia mea:* esses cultivadores eram *adscriptos* que agricultavam as terras da Sé antes da invasão arabe; repellida esta, em breve e sem grande exforço, voltaram as coisas a ser, como haviam sido no regime wisigothico; a unica novidade foi o augmento dos bens, mercê da generosidade real.

Avezano, fundando a sua egreja em 757, depois de contar que viera para alli

---

[1], [2] *Esp. Sagr.*, t. XIII. Ap. pag. 483.

[3] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 356-361.

[4] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 361.

com Odoario fazer presurias por ordem do rei e que tudo estava deserto, menciona na doação, além de moveis valiosos, gados, pomares, vinhas, conductos d'agua, moinhos, o conjuncto emfim d'uma exploração agricola ininterrompida. [1]

Em 832 Affonso II annexa á Sé de Lugo — «Civitates Bracharam... & Auriensem Urbem, que omnino à Paganis destructa... & populo, & muro: & non valeo eas recuperare in pristino honore.» [2] Braga e Orense estariam reduzidas a um montão de ruinas, ou apenas decahidas do antigo lustre? Dando o devido desconto á emphasis do estylo, a segunda hypothese é mais verosimil; mas seja como fôr, as duas cidades não estavam cercadas de desertos, como se vê da sequencia do mesmo diploma — «Has itaque Urbes seu sibi subditas Provincias... concedo... Lucense Sedis, ut Pontificalem ab ipsa accipiant ordinem, seu benedictionem... & reddant debitum censum secundum Decreta Canonum eidem Ecclesiæ, id est, tertiam partem.» [3] Comparando os dois trechos, ficamos entendendo que o rigor das guerras repetidas recahiu principalmente sobre os povoados urbanos, facto aliás presumivel, mas que as terras das duas dioceses eram habitadas e cultivadas; d'outro modo seria irrisorio obrigal-as a pagar o *censum* devido: volvidos nove annos, o mesmo rei torna a repetir o já dito a respeito de Braga — «à Paganis est destructa, & ad nihilum omnino redacta, & populo, & muro solo tenus prostrata.» [4] Se á cidade faltavam condições de segurança para ter arcebispo, se alguns habitantes a abandonaram de vez, e o geral sempre a cada passagem de tropas, se as muralhas estavam desmanteladas, a provincia adjacente pelo contrario continuava com a vida ordinaria; o monarcha, insistindo na transferencia para o bispo de Lugo da jurisdicção bracarense, exprime-se em taes termos que nol-a deixam vêr bem povoada; — «totius Galleciæ, seu *Portugalensi Provintiæ* summum suscipiat Præsulatum, & *curam agat animarum*... ne benedictio, & fides catholica... evacuetur.» [5]

Pouco depois do meado d'este seculo, desde 870 por diante, abundam os diplomas de transmissão de propriedades no norte do Vouga; [6] d'elles fizeram-se nos capitulos anteriores os extractos bastantes para demonstrar a persistencia da gente que nunca abandonou as suas casas, apesar de Braga, a grande cidade regional, jazer em maior ou menor decadencia; a restauração definitiva d'ella parece datar de Affonso III. [7]

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XL. Ap. pag. 362-363.

[2] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 371.

[3] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 371.

[4] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 378.

[5] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 378.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*: estes titulos chegam até ao Mondego, mas pelas razões expostas no capitulo I limitou-se a área de investigações do estudo presente pelo Vouga.

[7] *Esp. Sagr.*, t. XVIII. Ap. pag. 313 (doc. do an. 877).

As repetidas convulsões sociaes, que duraram longamente, affectavam sobretudo o senhorio das villas; não poucas vezes elle fluctuava á mercê dos acontecimentos politicos. Os reis davam e tiravam, segundo o cavalleiro lhes cahia em graça ou desagrado; o genio insoffrido dos batalhadores nem sempre se sujeitava á disciplina: a estes bravos cuja vida se passava nos campos de batalha, quando se rebellavam, punia-os o monarcha, confiscando-lhes os bens com que a sua munificencia d'outr'ora os enriquecera; muitas vezes, cobertos pelos castellos que commandavam, affrontavam ahi a colera do soberano, ao qual restava a vingança de lhes retomar as terras, anteriormente doadas que não podiam defender; essas voltavam de novo á corôa, e n'ella se incorporavam. Frequentemente pagavam os serviços do fiel que os subjugava, como aconteceu a Guicia, rebellado nas fronteiras de Portugal, margens do Lima, cujos bens passaram para Ermigildo, pae de S. Rosendo ou Rudesindo, por o ter vencido. [1] Outras vezes eram doados a corporações ecclesiasticas em acto de graças pelo vencimento do rebelde. Em 886 Affonso III dôa á egreja de Santiago as salinas que perderam Hermegildo e sua mulher — «ob rebellionis crimen,» [2] e em 899 os bens dos filhos de Sarraceno e Sendina, então já em seu poder — «propter eorum insolentiam erga nos, & erga Ecclesiam Dei.» [3] Da doação de Portumarini, [4] consta que tres escravos de Bermudo II se haviam refugiado nas terras do rebelde Gundisavo Menendici; vindo o rei á Galliza mandou por elles, mas Gundisavo recusou entregal-os; Bermudo prendeu-lhe o filho, que pediu para ir tratar com o pae, dando fiadores e a sua villa de Portumarini em garantia; livre da prisão e seguro na casa paterna, fez saber que nem voltava, nem os escravos seriam restituidos: o rei apoderou-se então do predio. Finalmente Affonso VI, doando em 1088 á Sé de Lugo os bens de Rodrigo Ovequiz, exprime-se a seu respeito nos seguintes termos: — «Ego, ut filium nutrieram, & honore, & munere ditaveram, conjuratione facta... contra me rebellis... extitit.» [5]

Nem o senhorio dos bens pertencentes a entidades religiosas estava livre de fluctuações; não raramente os bispos e monges vendiam os immoveis das proprias egrejas; assim fez Censerico, o segundo bispo de Orense depois da restauração, o qual — «in tanta inhaesit vesania, ut ipsam Ecclesiæ dotem dissipare, vendere, & licitationem cum pretio ab emptoribus accipere.» [6] O abbade Saulus de Santa Maria de Logio foi mais longe; casou, teve filhos e netos, que ficaram possuindo o mosteiro; com medo de represalias, os ultimos descendentes lavraram

---

1 *S. Redes, V. et M.: Scriptores: P. M. H.*, pag. 36, 2.ª col.
2 *Esp. Sagr.*, t. XIX. Ap. pag. 340.
3 *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 342.
4 *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 382-384.
5 *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 424.
6 *Ibid.*, t. XVII. Ap. pag. 244.

carta de doação d'elle á condessa Ermesinda, que os protegeu; mas por morte d'esta, o filho, D. Guterres, expulsou-os e restaurou a regra conventual. [1] Na doação da egreja de Santa Maria da villa Tenciana, feita por Affonso III em 869, lê-se a seguinte nota:—«Terras vero & vineas & pomifera, quas homines laici de ipsa ratione Ecclesiæ illicite obtinent, omnia adprehendere, quas Monachi negligentes propter ambitionem secularem vendiderunt, vel donaverunt.» [2] Ás alienações praticadas pelos mesmos ecclesiasticos, ajuntavam-se ás vezes as tomadias pelo poder real; receando-se da incerteza dos tempos e do direito, os padres tinham sempre a prudencia de solicitarem do novo rei a confirmação das dadivas anteriores; em geral obtinham-na, mas tambem ha exemplos do contrario. Fruela, irmão de Sancho, a quem succedeu no throno da Galliza, vindo a Compostella, em vão foi rogado pelo bispo e clerezia para confirmar os privilegios e dons, concedidos pelos seus antecessores; em vez de condescender, tirou-lhes o que estes haviam dado—«confirmata sacrilego more abstraxit.» [3]

A cada passo o senhorio transitava de mão em mão tumultuariamente: firme nas duas epocas precedentes, com as transmissões reguladas por lei, perdeu agora a estabilidade. Derogados os direitos adquiridos, segundo a legislação consolidada pelo decorrer de seculos, era natural seguir-se uma confusão, que levaria largos tempos a regular—confusão aggravada ainda pelo estado de guerra permanente.

Se a esta anarchia official accrescentarmos as *presurias* feitas sem conhecimento ou consentimento real em qualquer sitio remoto, onde chegava um troço de soldados, pelos fortes contra os fracos, [4] faremos uma idéa aproximada de quanto era profunda a desordem governativa. E em geral o senhorio estando em mãos inhabeis para a direcção dos trabalhos agricolas, os cultivadores ter-se-iam afundido n'um verdadeiro cahos, se os usos ruraes, fundamente enraizados, a não dispensassem.

As substituições de senhores não influiam por isso no regime do predio, nem na vida dos trabalhadores. Apesar d'ellas, a grande preoccupação dos asturianos era a recomposição do estado anterior, quanto possivel. Na confirmação regia do testamento de Odoario, já vimos a declaração que a obra do bispo fôra uma *restitutio* ou *reintegratio:* no documento de 841, acima citado, Affonso II accrescenta:—«ac restitui, quod fuerat ante possessum à Rectoribus ejusdem Ecclesiæ... temporibus Theodomiri regis.» [5]

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XVIII. Ap. pag. 327-328.

[2] *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 337.

[3] *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 360.

[4] Sirva de exemplo o caso narrado no n.º 340 dos *D. et Ch., P. M. H.*, já citado no cap. V, pag. 289.

[5] *Esp. Sagr.*, t. XL. Ap. pag. 374.

Desde os diplomas mais antigos da epoca, encontra-se sempre a declaração que os homens paguem o censo consuetudinario, os *directis* ou *directuris*, as prestações em especie ou trabalho, cada um na sua classe. Estes dizeres repetem-se a miudo; na doação de Affonso II á egreja de Valpuesta (em 804) diz-se — «Losa Ciella Formal cum suis terminis & suis directis: & Villam Lumnos cum suis directis;» [1] em 832, o mesmo rei manda que os territorios das dioceses de Braga e Orense paguem o «debitum censum;» [2] em 897, Affonso III declara que a «familia regia,» de certas propriedades, assim como a que vier para ahi de novo, preste á Sé de Lugo o «obsequium» que lhe costumava prestar a elle e aos seus antecessores «à diebus antiquis;» [3] em 924, Fruela II, confirmando a concessão das doze milhas a Santiago, ordena — «censum, vel tributum fiscalium, quod populus, solvere solitus est Regiæ potestati, cuncta vobis reddant;» [4] emfim, Ramiro II, na sua doação de 934, declara a gente—«non ut servi, sed ingenui» e que pague o «Regium censum» do costume. [5]

Qualquer que fosse portanto a falta de governo, a confusão era superficial; o fundo sobre o qual assentava a neo-sociedade era o antigo: a parte superior do edificio arruinára-se, mas as fundações resistiam, ligadas pelo forte cimento romano.

Como a doação dos immoveis, depois de incorporados na corôa, se fazia, raramente sobre a totalidade do predio, quasi sempre sobre fracções d'elle, era o caso mais vulgar haver varios senhores dentro de cada um — o rei com o cavalleiro e a corporação ecclesiastica; os diversos interesses confinantes, frequentemente em opposição, a cada passo produziam conflictos, dirimidos pela força; ora o rei retomava as concessões feitas; ora o cavalleiro expulsava, se não mutilava o mordomo real, se se atrevia a entrar nas terras que o monarcha lhe déra ou elle usurpára; ora os representantes da entidade religiosa faziam irrupções nos terrenos alheios, quando não eram victimas das dos outros, e entre ellas mesmas havia contestações com caracter não mais dôce, como aconteceu na villa de Silva Escura, [6] possuida em 906 por dois bispos, cujos feitores praticaram taes violencias que foi preciso dividil-a.

Não obstante o continuo e incessante redemoinho das classes governantes, como as gerações da gente rustica, — villãos (*VILLANUS — *villa*) [7] se succediam segundo a ordem natural, os processos culturaes, os encargos e a situação social de cada um, transmittiam-se tambem tradicionalmente. Atravez dos documentos

---

[1] *Esp. Sagr.*, t. XXVI. Ap. pag. 443.
[2] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 371.
[3] *Ibid.*, t. XL. Ap. pag. 386.
[4] *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 358.
[5] *Ibid.*, t. XIX. Ap. pag. 364.
[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.
[7] KÖRTING, *Lat.-rom. W.*

vê-se com a maior claridade esta antithese, que é de todos os tempos, d'hontem e d'hoje — o tumulto e as convulsões em cima, a paz e o socego na vida do povo; fixado dentro das villas, elle continuava, apesar das tormentas politicas, no percurso das suas occupações ordinarias, apenas com as differenças trazidas devagar pela lentidão dos annos.

Discutindo os periodos anteriores, viu-se que a população antiga, não se desprendendo nunca do solo, era a antecessora da contemporanea da restauração que conservava ainda agora assaz claras as graduações primitivas, facto confirmado pela confrontação dos diplomata com as *Inquirições:* este precioso registro da propriedade no seculo XIII, descrevendo as fórmas de possuir e os costumes agrarios, se não tem detalhes como hoje desejavamos, todavia não lhe falta a extensão bastante para servir até certo ponto de commentario áquelles.

Na fundação das villas, a cultura começára com homens livres e servos — *coloni soluti* e *vincti*, segundo o costume; estas duas classes populares passam dos romanos para os wisigodos, epocas de que já se tratou, e sobrevivendo a estes apparecem no regime astur-leonez, como vamos vêr agora.

Se a leitura diplomatica, quanto aos não livres, nem sempre deixa perceber a verdadeira significação das palavras — *servi, mancipia, liberti,* [1] ahi occurrentes com frequencia, se a um dos mais nobres espiritos [2] que Portugal gerou no seculo XIX repugnava acreditar no rigor da servitude entre os neo-wisigodos, parece-me comtudo que em tempos muito adiantados da restauração, havia ainda trabalhadores ruraes, privados da liberdade. Na *Kartula de moreira de monte longo* [3] (an. 1014) o mosteiro de Guimarães referindo certas propriedades, doadas pelo rei Ramiro III, distingue as classes que as habitavam — «... *ingenuos* et *homines fiscalia fatientes* siue et *seruos* quod in colmellos resonant etiam et *ingenuatizos* sicut scripti sunt in noticias et in agnitione.» As quatro designações — *ingenuos, fiscalia fatientes, seruos, ingenuatizos,* exprimem quatro situações sociaes differentes; por mais indecisa que fosse a linguagem medieval, se não tivessem significações distinctas, o notario não as escreveria n'uma relação que elle mesmo está fazendo das classes rusticas de determinadas terras; os serviços de uns, as prestações de generos de outros, ou ambas as coisas, constituiam o melhor, quando não, em certos casos, o unico rendimento; por isso elle havia de mencionar com precisão as situações dos cultivadores, o mesmo quasi que especificar os direitos e os rendimentos do proprietario: e assim relacionou os homens livres *(ingenuos),* os adscriptos *(fiscalia fatientes),* os servos *(seruos)* que distingue tanto dos anteriores, como dos libertos *(ingenuatizos).* Na doação da Correlhã, feita em 915 por Ordonho II, notam-se tres estados de pessoas — *homines ingenuos, serui, liberti:* aos primeiros dá-se simples-

---

[1] Cf. Sr. GAMA BARROS, *H. da ad. p.,* II, pag. 363 e seg., 383 e seg.

[2] HERC., *H. de P.,* III, pag. 272 e seg. *Op.,* III, I, pag. 237-332.

[3] *D. et Ch., P. M. H.,* n.° 223.

mente conhecimento de transferencia do censo para o novo senhor; os outros ficam a servil-o para sempre—«... in ministerio ecclesie uestre permaneant perpetualiter seruientes;» [1] eram pois individuos sujeitos a trabalhos servis, e não adscriptos, cujas obrigações precisas de modo nenhum exprime a generalidade da frase citada. A servidão, herdada das duas epocas anteriores, não podia apagar-se de golpe; mas que no principio d'esta começava a mitigar-se, tambem me parece certo; em 946 corria já uma palavra nova—*serbitial*, [2] que dará origem á fórma portugueza «*servizal, serviçal,*» [3] estando ainda em uso o termo antigo «*servus,*» traduzido na linguagem popular por *serbo*. [4] O emprego concurrente das duas palavras indica dois estados servis differentes; e ainda que o individuo designado como *serbitial* seja doado pelo marido á mulher, a doação podia comprehender sómente certos serviços, n'este caso relativos á cozinha, satisfeitos os quaes ficaria livre. O documento nada diz a tal respeito, mas o emprego da palavra merece toda a attenção, pois sendo a antecessora de «*serviçal, servizal*» das *Inquirições*, deve significar antes obrigações determinadas, [5] do que a servidão pura ou da gleba. No regime asturiano encontravam-se pois com verdadeiros servos originarios outros, cuja servitude já estava consideravelmente mitigada, e veio a diminuir, até que no seculo XIII restava d'ella sómente os *serviços* e os *serviçaes* de raça ou por geração. [6] Estes aparecem ainda aqui e alli nas *Inquirições*, como reminiscencia da pura classe servil de outros tempos; muito embora os seus representantes possuissem agora o casebre onde se alojavam e algumas courellas, a tradição, nomeando-os, conservára a recordação de um estado que a civilisação expúngira.

Muitos d'elles beneficiados pelos seus senhores com installação isolada, adquiriram cedo melhoria de condições. No seculo III, era corrente esta maneira de exploração agricola; e os empregados do fisco romano, inscrevendo no cadastro os servos agricultores de sub-unidades dentro das villas, com o nome de *adscripti glebæ*, legalisaram esse estado: ficando o senhor a pagar um imposto que se lhes referia, não mais poderam abandonar o casal, nem elle expulsal-os. A adscripção á gleba foi muito commum nas nossas villas, e tambem na Galliza; talvez se lhe deva em grande parte o estabelecimento do systema parcellario. Os servos assim collocados, melhoravam consideravelmente de posição, e ao senhor tornava-se mais facil a administração do predio. Por isso não faltam textos neo-wisigothicos

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 19.

[2] «*Serbitial de cozina*» — *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 56.

[3] *Inquirições*, pag. 392, 2.ª col.; 314, 2.ª col.; *passim.*

[4] «*fuit serbo de suo avio*» — *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 216. Este *serbo* era um *adscripto;* cito porém a fórma, por me parecer a popular, correspondente a *servus.*

[5] *Inq.*, pag. 392, 2.ª col.; 314, 2.ª col.; 315, 2.ª col.; 360, 2.ª col.; *passim.*

[6] «... linagem de... sum mayordomos et servizaes...» *Inq.*, pag. 315, 2.ª col.; — «... Estas generationes sum servizaes et mayordomos...» *Ibid.*, pag. 392, 2.ª col.; *passim.*

a seu respeito, [1] e é provavel até que esta fórma de ter a terra continuasse então a desenvolver-se, pois não era a menos adequada a esses tempos. Em geral nos nossos documentos os adscriptos são designados pela palavra — *creação:* assim lhes chama Flamula [2] no titulo de venda da villa de Conde e Quintella, e o mesmo nome lhes dá, entre outros documentos, [3] a *Kartula de moreira de monte longo*, [4] além de — *fiscalia fatientes*, já citado, e que pede aqui uma breve explicação. As terras relacionadas n'este diploma pertenceram á corôa (fisco) até uma data recente; por isso se denominam *fiscalia* os encargos d'esses homens da classe servil. Não foi uma simples designação a memoria, que os diplomas nos conservaram dos adscriptos: em alguns vêem-se estes como agricultores, presentes ou proximamente passados, das sub-unidades. Litigando-se em 1011 [5] a propriedade de certo predio, um dos contendores invocava a seu favor o facto de elle ter sido de Asperigo, servo de seu avô; servo com herdade, só podia ser adscripto. Do mesmo modo um patrimonio junto ao rio Leça, de que tratam os diplomas dos annos de 1037 e 1039, era claramente agricultado pelos adscriptos, Gutina e Gudesteo, ahi nomeados. [6] Emfim, em 1027 quatro individuos vendem os seus casaes com consentimento dos senhores — «una pariter cum nostros domnos,» e um d'este recebeu elle mesmo o preço da venda; [7] vendedores que tinham *domnos* e não podiam contractar sem annuencia d'elles, não eram proprietarios ingenuos, nem simples servos, mas adscriptos. A adscripção é tão corrente nos principios da restauração, e porventura daria garantias de segurança ao homem do povo, quando o senhor fosse pessoa influente, que em 991 Argimiro e mulher constituiram-se por vontade propria quasi servos adscriptos de Dona Trastula. [8] Pelo correr do tempo porém esta condição servil, como a anterior, foi-se attenuando de modo que nas *Inquirições* os adscriptos confundir-se-iam com os ingenuos, se certos encargos não mostrassem a origem adscripticia de muitos: estão n'este caso a *loitosa* e a *gayosa* ou *goyosa*. Pagava-se a primeira quando morria o chefe da familia pelos valores mobiliarios — «et dam de loitosa quando morrem ij. maravedis pelo aver movil.» [9] A razão do encargo, daclarada n'um registo de tradições ruraes, projecta muita luz sobre a obscuridade do passado; pois na prestação de uma parte dos bens moveis do foreiro, em

---

[1] Cf. Sr. Gama Barros, *H. da ad.*, pag. 387 e seg.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 67.

[3] *Ibid.*, n.º 507, 578, 681.

[4] *Ibid.*, n.º 223 — «criationem quos concessit comitissa domna flamula».

[5] *Ibid.*, n.º 216.

[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 294, 295 e 307; cf. n.º 309.

[7] *Ibid.*, n.ºs 263, 222.

[8] *Ibid.*, n.º 164.

[9] *Inq.*, pag. 382, 2.ª col.; pag. 373, 2.ª col.: a *luctuosa* é referida no n.º 912 dos *D. et Ch., P. M. H.*, (anno 1099).

seguida ao seu fallecimento, vê-se claramente resto do direito, pelo qual o senhor herdava o peculio do servo, direito agora muito reduzido, porque comprehendia não a totalidade, mas uma fracção dos valores que elle economisára. Não menos elucidativa é a *gayosa* ou *goyosa*, fôro que se pagava pelo casamento dos filhos — «cada que casa seu filio ou filia, dá al Rey ij. soldos leoneses ou uno reixelo por *gayosa*.» [1] Á primeira vista figura-se-nos que ella teria sido sempre um reconhecimento prestado ao directo senhor pelo cultivador nas nupcias dos filhos; mas por fortuna uma passagem das *Inquirições* explica-nos a origem — que foi a compensação em dinheiro ou em generos, paga pelo adscripto, se os filhos sahiam do casal paterno — «Et cada uno destes quando casam suas filas dam al Rey... senos maravedis, se as sacam destes casaes,» [2] explicação tanto mais aceitavel que a mesma prestação se pagava tambem pela mudança de residencia — «et dam goyosa se se vae morar pora o couto.» [3] É inutil encarecer o valor d'estas revelações, que nos deixam avistar ao longe a adscripção primitiva, da qual a *gayosa* libertava os filhos que podiam estabelecer-se em outro sitio, explanando-nos ao mesmo tempo a razão porque nunca se accumulavam gerações sobre gerações no mesmo casal, não obstante a prisão da gleba. Como estamos vendo, os dois encargos não eram novos, e são antes expressivos da alta antiguidade da adscripção, da qual nas *Inquirições* resta sómente lembrança fugitiva.

O progresso social tinha já igualizado no seculo XIII os ingenuos com os adscriptos, pois o nosso monumento só conhece duas classes populares — *vilãos herdadores* e *vilãos reguengueiros*. [4] Os primeiros, apesar dos serviços pessoaes de muitos, possuem a livre disposição de todos os seus bens; os segundos são apenas simples arrendatarios dos *reguengos*, terras de plena propriedade da corôa, e representam os servos que trabalhavam ás ordens do *villicus*. Se nos foi possivel distinguir nas *Inquirições* os successores das duas classes servis, não acontece o mesmo com a distincção entre adscriptos e ingenuos; ambos se acham confundidos ahi. Todavia não é possivel duvidar da existencia de lavradores ingenuos desde a epoca romana: refere-lhes o Codigo Wisigothico, [5] e os Diplomata não só os nomeiam, [6] mas a cada passo relatam transmissões de fragmentos de villas, feitas visivelmente por cultivadores livres, porque dispunham d'elles á vontade e sem interferencia de terceira pessoa. [7] No seculo XIII a mesma liberdade e faculdade de disposi-

---

[1] *Inq.*, pag. 327, 2.ª col.; pag. 331, 2.ª col.; 328, 1.ª col.; 329, 2.ª col.

[2] *Ibid.*, pag. 389, 2.ª col.

[3] *Ibid.*, pag. 334, 1.ª col.

[4] «... o padroadigo d'esta ecclesia era inde a meya dos vilaos regaengueiros, e a meia dos vilaos erdadores...». *Inq.*, pag. 296, 1.ª col.; *passim*.

[5] L. II, t. IV, l. 2; l. VI, t. I, l. 2.

[6] Além dos textos citados, cf. HERC., *H. de P.*, III, pag. 282-284 e nota XV no f. do vol., 2.ª ed.; Sr. GAMA BARROS, *H. da ad. p.*, II, not. X.

[7] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 24, 41, 79, 110, 180, *passim*.

ção [1] estende-se a todos os «erdadores del Rey» ou «erdadores que fazem foro al Rey,» qualquer que seja a sua origem, unicamente obrigados, uns e outros, a prestações em generos, em dinheiro ou em trabalho. Apezar de possuirmos um registo, em que se descrevem por miudo as maneiras de ter a terra, não é possivel descriminar com precisão os predios dos erdadores originariamente ingenuos, dos que tinham sido adscriptos. O nosso illustre historiador quiz vêr na *fossadeira* [2] o signal da ingenuidade avoenga; segundo elle, os populares livres de raça eram nos principios da monarchia [3] os cavalleiros villãos obrigados a ir ao *fossado;* quando este serviço militar deixou de ser necessario ao norte do Douro, remiram-no por aquelle imposto. A leitura seguida das *Inquirições* não permitte, creio, esta opinião: ahi muitas e repetidas vezes a fossadeira está junto á luctuosa e a serviços pessoaes, e que não eximia de ir ao *fossado* consta tambem de algumas passagens: basta isto para nos mostrar que a *fossadeira* não se relacionava com a procedencia dos foreiros que a pagavam. [4] A differença entre os dois estará antes no quantitativo dos fóros? Os mais diminutos seriam pagos pelos sempre livres, emquanto os mais pesados recahiriam sobre os que tiveram de aceitar, por causa do seu estado, condições mais gravosas? Embora a questão seja complicada, nem por isso deixa de ser verdadeira a existencia das duas classes populares na restauração.

Quando veio o governo asturiano, a corôa, fazendo a presuria dos predios rusticos, estabeleceu logo, como regra, a conservação de regime existente; [5] este só por excepção e violencia foi alterado [6] — politica sensata, em virtude da qual continuou ininterrompida a producção agricola e o desenvolvimento da população, não obstante a confusão dos tempos. Definiu-se [7] a distincção entre o dominio util e o directo; distincção, que se não vinha das epocas anteriores, póde-se considerar pelo menos um resultado dos costumes agrarios d'ellas; mais tarde ou mais cedo, viria naturalmente a dividir-se a propriedade dos predios, visto haver dentro d'elles lavradores parcellarios tradicionaes, que desde a epoca romana tinham a posse dos

---

[1] «... o Archiepiscopo comparou erdade dos erdadores que faziam foro al Rey...» *Inq.*, pag. 326, 2.ª col. — «... don. P. S... comparou erdades et filiou desses erdadores vilaos...» *Ibid.*, pag. 334, 1.ª col., *passim.*

[2] Herc., *H. de P.*, III, pag. 321 e seg.

[3] *Ibid.*, III, pag. 318.

[4] Vej. nota no fim.

[5] «... semper ita fuerunt uti... *Inq.*, pag. 470, 2.ª col.; — «... ita vidit semper uti...» *Ibid.*, pag. 471, 1.ª col.; — «Interrogatus quis dedit eis istum forum, dixit quod nullus, sed semper ita uti fuerunt ex longo tempore...» *Ibid.*, pag. 565, 2.ª col.; — «e disse que o aviam d'uso.» *Ibid.*, pag. 296, 1.ª col.

[6] «Et don P. N. avia y uno casal, et fez inde dous et una casa... et aqueles vilaos que sum erdadores tornou los in sua maladia...» *Inq.*, pag. 296, 1.ª col.; 312, 2.ª col.; *passim.*

[7] A distincção entre os dois dominios pertence á Idade-Média. F. de Coulanges *L'A. et le d. r.*, pag. 10.

seus casaes por arrendamento perpetuo e os transmittiam hereditariamente; [1] d'estes limitou-se a corôa a receber as prestações em generos, em dinheiro ou em serviços, distinguindo os ingenuos dos adscriptos, o que não era difficil; todos os lavradores estavam bem differenciados — «sicut scripti sunt in noticias et in agnitione;» [2] aos primeiros deixou a liberdade e a disposição, aliás já obtida, das glebas que cultivavam, emquanto os outros continuaram presos á terra, até se confundirem ambos na dos herdadores.

As parcellas porém que eram lavradas por servos sob a direcção do feitor, tomou-as a corôa para si nos dois dominios — em plena propriedade, e por isso se chamaram — *reguengos (regalengos regaengos)*, sendo cultivadas no principio da restauração e durante ella ainda por bastante tempo pelos *servi* dos Diplomata, e depois pelos seus successores — os *reguengueiros*, sob a fórma de arrendamentos [3] contractados pelos mordomos, que na maioria provinham talvez, por geração, [4] dos antigos villicos. A corôa administrava, como qualquer grande proprietario; tinha adegas e celleiros para receber os generos, e para lá acarretavam-nos os reguengueiros ou os serviçaes; a renda que pagavam era grande: em geral o terço do pão e ametade do vinho, além de outras pensões fixas. Quando queriam colher os fructos, chamavam o mordomo das eiras, que assistia á partilha, e davam-lhe de comer. Estes homens sem propriedade, sujeitos a mil encargos, se estavam agora pessoalmente livres, [5] economicamente podiam julgar-se escravisados; os seus antecessores não teriam estado em peores condições.

Se do modo como se effectuou a presuria, resultava possuir a corôa em cada freguezia, antes de fazer alienações, duas especies de propriedades — terras e fóros, tambem muitos seculos depois da organisação agraria romana resurgem as mesmas classes da primitiva, apenas com nomes diversos; — o *dominus* era o rei ou os seus cessionarios; — *servi* eram os reguengueiros, cultivadores sem nenhuma propriedade, e cuja situação social passára, atravez de successivas transformações, desde a servidão pura até ao proletariado rural; — os *ingenui* chamavam-se *vilãos herdadores* em cujo numero entravam tambem os que haviam sido adscriptos.

Apesar da forte organisação das villas, a desordem não deixava comtudo de produzir os seus effeitos lentamente. A aprehensão geral dos predios, pelo direito

---

[1] Vid. cap. IX, pag. 81.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 223.

[3] «Et estes Reguengos... de San Johanne a Sancto Johanne... os dá o Mayordomo por sua offrezom a quem li mais dá...» *Inq.*, pag. 300, 1.ª col. — «... R. J... tragia una vina, que li dera o Joiz et o Mayordomo... tragia outros Regaengos per mao do Mayordomo...» *Ibid.*, pag. 299, 2.ª col., *passim*: — «*kampos regalengos*,» *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 888, (anno 1098).

[4] «linagem de... sum mayordomos et servizaes... linagem de... sum mayordomos das eiras por cabezas.» *Inq.*, pag. 315, 2.ª col. — «... estes sum Mayordomos pequenos de tragerem esta... collatione... et sacarem todas... dereituras, et darem nas al Rey ou al Ricomem... scilicet; casta de J. P. de S., etc., etc.» *Ibid.*, pag. 418, 1.ª col.; 418, 2.ª col., *passim*.

[5] *Inq.*, pag. 307, 2.ª col.; 307-308, 1.ª col., *passim*.

de conquista ou *proprio gladio*, como dizia Affonso II, e a transmissão subsequente de fracções d'elles, quebravam a tradição da ordem legal e da unidade; ao mesmo passo, a incapacidade da maioria dos novos proprietarios nas coisas agricolas despreoccupava a população da necessidade de chefes dirigentes. Por outro lado as violencias a que estavam sujeitos os fracos, preparavam o caminho para instituições de protecção, cujas circumscripções nem sempre e raramente eram as dos velhos predios, que ficavam envolvidos n'ellas, sem todavia perderem a individualidade. Todas as mudanças porém, como já se disse, eram superficiaes: o fundo antigo persistia inalteravel: o modo de ser romanisado na sua multiplicidade — os costumes, a lingua, o direito, as legendas, todo o dominio espiritual em summa, transmittia-se sem interrupção de paes a filhos; e os novos senhores, barbarisados pela profissão de batalhadores infatigaveis, encontravam no povo, com quem viviam intimamente, sempre vivas as tradições que refloresciam em cada geração.

CAPITULO XII

TRANSFORMAÇÃO DAS VILLAS: A PEQUENA PROPRIEDADE

Até ao principio do seculo VIII, a historia da peninsula confunde-se ou quasi com a da Gallia: ambas, antes da conquista romana, com organisação social parecida, ficam depois sujeitas ao influxo da mesma civilisação e das mesmas occurrencias: mas com a entrada dos arabes a situação muda: as instituições politico-sociaes peninsulares particularisam-se, e a formação da nova sociedade hispanica é affectada por condições e circumstancias derivadas d'esse acontecimento.

Em face do inimigo, ameaçando permanentemente o estado christão, que se funda nas Asturias e se vae alargando cada vez mais, d'esta nação de soldados é o rei o chefe militar; e não só reune todos os poderes soberanos, sem o que faltaria ao governo a unidade e rapidez d'acção indispensaveis, mas tambem pela presuria tornou-se o unico senhor territorial. Á concentração do senhorio das villas nas suas mãos corresponde uma nobreza pobre, que se está fazendo e seleccionando nos campos de batalha entre os combatentes mais valorosos: a generosidade do monarcha dá-lhes os meios de subsistencia em doações simples, sem obrigação de serviço militar, [1] e por isso os *assoldada*, durante a guerra; d'ahi procedeu o costume privativo nosso das *soldadas*, depois *quantias*, que serão um abuso mais tarde, quando a classe se apoderar da maior parte dos bens da corôa; agora porém, sendo necessitada, as doações haviam de repetir-se com frequencia; os

---

[1] Cf. HERC., *H. de P.*, II, pag. 166. Esta obrigação é caracteristica do regime feudal.

bens doados a cada um, ou deixados aprehender de vez, restringem-se geralmente a alguns casaes dentro d'uma villa; e estes pequenos patrimonios são os revelados nas *Inquirições*. Abaixo dos nobres está o povo, armado e obrigado a servir na guerra; todo na dependencia directa do rei, excepto nas terras que elle mesmo *honrava* ou *contava*.

Taes condições sociaes são muito diversas das que prevaleciam na Europa central. Este seculo é o da dynastia carlovingiana e do reinado de Carlos Magno (768-814), tentativa da restauração do imperio do occidente: a sociedade, que lá existia, não soffrera nenhum abalo, como a da peninsula; a ordem social continuava a ser a do imperio romano, tendo já atravessado a anterior dynastia merovingiana, com a mesma organisação fundamental: [1] até então não houvera nenhuma mudança geral fundamente perturbadora; a grande aconteceu só no fim dos carlovingianos, quando em consequencia da chegada dos ultimos barbaros—os *Normandos*, e da fraqueza real, as antigas villas se couraçam de castellos e os condados amoviveis se tornam hereditarios (877). [2] É o feudalismo que rebenta espontaneo e com applauso popular, unico meio de defeza em face da impotencia do governo. Os nobres transformam-se em senhores feudaes, dependentes de suzeranos superiores; estes d'outros até ao rei, que por fim apenas conserva um pallido reflexo do poder.

Por esse tempo na peninsula a guerra incessante entre os astur-leonezes e os ultimos invasores—os sarracenos, era já secular: desde Pelaio (718-737) até ao contemporaneo da explosão feudal, Affonso III (866-910), passam-se mais de seis gerações, durante as quaes se fixam os fundamentos da sociedade da alta Idade-media espanhola, isoladamente, face a face de condições privativas suas, ampliando-se tanto o novo estado, que a capital é transferida no ultimo reinado d'Oviedo para Leon. Todas as forças vivas da nação concentram-se na corôa; senhora da paz e da guerra, para ella tinha revertido tambem a maior riqueza do paiz—o senhorio da propriedade territorial; administrando os lavradores, dotando egrejas, restaurando a organisação civil e militar, criando nobres, dando-lhes os meios de subsistencia e castigando-os rudemente ou fossem simples cavalleiros ou governadores amoviveis de districtos que nomeava, nomeação muitas vezes feita para pagar serviços—ella era como o coração da sociedade, d'onde partia e para onde refluia o sangue vivificador. Os mesmos bens doados não eram privilegiados senão por graça real, pois era o rei quem os *contava* ou *honrava*, prescindindo dos direitos de que fazia mercê; estes *contos* ou *honras*, onde em geral não entram os mordomos reaes, conteem talvez os germens dos concelhos, [3] cujos foraes ou cartas serão tambem dados pela corôa, directa ou indirectamente.

---

[1] Cf. F. DE COULANGES nas duas *obr. cit.*

[2] MICHELET, *H. de Fr.*, I, pag. 393 e seg., ed. de 1852: DES MICHELS, *Précis*, etc., pag. 170-171, 8me ed.

[3] Cf. Sr. GAMA BARROS, *H. d. adm. p. em. P.*, II, c. IV.

Em França, contra a vontade do rei, que os tolera por necessidade publica e fraqueza propria, levantam-se os castellos feudaes; depois contra estes insurgem-se as *communas*, agitadas por um espirito revolucionario. [1] Os nossos concelhos pelo contrario longe de serem filhos d'uma revolução, cria-os a corôa, por si ou intermedia pessoa, como centros de população urbana, expediente financeiro e organismos militares: [2] os nossos castellos tambem não foram instrumentos d'oppressão ou rapina, porque serviam para a defeza da terra nas mãos dos castellarios ou casteleiros, [3] delegados do rei. Se muito tarde d'além dos Pyreneus, vieram uns tons feudaes, trazidos pela moda e influencia do conde Henrique, elles só affectaram a parte superficial; o cerne, formára-o a seiva peninsular. [4]

Na monarchia asturiana, disposta sobretudo para o ataque, a desordem sentia-se a cada passo, maior ou menor, n'este ou n'aquelle ponto; era talvez mais sensivel na administração dos immoveis, pela sua immensidade e particularidades de cada um: costumes diversos, antigos, prevaleciam nas villas, quer no quantitativo e materia das prestações, nas epocas de pagamento, quer na diversidade dos outros encargos; esta variedade exigia grande prudencia nos agentes reaes, a qual por interesse proprio poucas vezes se dava: não admira por isso que senhores e cultivadores desejassem livrar-se d'elles; os primeiros procurando obter do rei a concessão de *Contos* e *Honras*, os ultimos abrigando-se ahi das demasias fiscaes; e na sua falta era natural que as familias populares buscassem abrigo no *amadigo*. Embora o cavalleiro n'um momento de colera ferisse brutalmente, em geral a protecção devia ser sincera; o protegido era da mesma raça, e posto que homem de trabalho, seu companheiro d'armas e frequentes vezes parente proximo. Mas ou amparados pelo novo senhor, ou sujeitos ás duras exigencias do fisco, os cultivadores iam-se radicando nas pequenas lavoiras.

D'estas serve d'exemplo a distribuição agraria da villa de Silva Escura, de que resta uma descripção muito succinta na verdade, mas sufficiente para se fazer ideia da organisação da cultura ahi em 906. [5] Essa propriedade pertencia então em commum aos bispos de Compostella e de Coimbra: o documento não diz como a tinham adquirido; é provavel que fosse em virtude d'uma doação regia, feita a ambos e recente, pois os direitos estavam tam confusos, que foi preciso dividil-a para obstar ás violencias, praticadas pelos feitores nos homens uns dos outros. Contando sómente, como sub-unidades, as parcellas designadas por *kasale*, *villare* e *agro*

---

[1] «Les premières révolutions communales precèdent ou suivent de près l'an 1100.» MICHELET, *H. de Fr.*, II, pag. 251, ed. cit. Cf. FRÉDÉRIC MORIN, *La France au Moyen Age*, cap. III, *pr. part.*

[2] HERC., *Op.*, VI, III, Apunt. etc., pag. 222, 234, 243 e 250.

[3] *Inq.*, pag. 361, 1.ª col.; 362, 2.ª col.; 315, 1.ª e 2.ª col.; 363, 1.ª, etc. Todos os foros e serviços relativos aos castellos são ahi descriptos como fiscaes, propriedade da corôa.

[4] Cf. HERC., *Op.*, vol. cit, pag. 219, 220 e 296; e vol. V, II, *Da exist. ou n. exist. do Feud.*, e *H. de P.*, I, pag. 164; *ibid.*, II, pag. 166; *ibid.*, III, pag. 66.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 13.

(agra, agrelo ou agrela), e deduzindo a duplicação, proveniente da partilha, chega-se á conclusão que na villa havia pelo menos umas vinte e cinco lavoiras, não fallando em algumas mais pequenas, indicadas por *kasa* e *domus*, assim como um moinho *antigo*, deixado em commum. Esta villa que o diploma nomea — «uilla uocabulo sancta eulalia que scita est in silua scura in territorio brakarensis sedis ubi dicent aquas sanctas,» póde identificar-se com a actual freguezia de Silva Escura (Maia), proxima á d'Aguas Santas. Ora nas *Inquirições* de 1258 a villa «que vocatur Silva Scura,» [1] estava dividida em seis *ville* ou grandes secções, as quaes todas comprehendiam trinta e quatro casas de lavoira; em trez seculos e meio o augmento fôra só de nove casaes, se tanto; apezar de pequeno, pequenez explicavel pela inconstancia dos tempos, prova comtudo que a população rural, longe de desaparecer ou diminuir, augmentava sempre, e em vez d'um retrocesso de cultura havia pelo contrario um desenvolvimento progressivo, maior ou menor; mostra-nos mais que o systema parcellario de 1258 não nascera na vespera, mas vinha de 906; o d'este com certeza remontava a maior antiguidade; a época não era d'aquellas em que se pudesse alterar um regime existente, por ser o periodo da lucta mais activa. Se a população agricola persistia, desenvolvendo-se constantemente, os senhores mudaram tanto, que em Silva Escura no seculo XIII já não existiam vestigios dos dois: e quantos não teriam passado, antes e depois, até aos das *Inquirições?* A instabilidade d'elles era a regra, accusada pelos documentos, em opposição com a permanencia do povo.

O exemplo de Silva Escura não é o unico que mostra a extensão dominante da cultura parcellaria: pelo contrario desde os titulos escriptos mais antigos vêm-se logo no principio da restauração as villas cobertas de pequenas lavoiras: e sabemos que eram tradicionaes não só pelos nomes das sub-unidades e glebas, mas tambem pelas differentes situações dos lavradores, como já se demonstrou. Se a pequena cultura era tradicional, não assim a pequena propriedade: as villas entre os romanos e godos eram ou possuidas por uma só pessoa, ou por muitas em *portiones;* desde a restauração começam a dividir-se, apresentando-se já nas *Inquirições* definitivo e fixado o typo geral da pequena propriedade.

Esta manifestar-se-ia, desde que as successões e alienações parciaes em vez de se fazerem por *portiones*, se effectuassem por divisões verdadeiras; brevemente ellas se converteriam em predios, por lhes faltar centro d'attracção, como quando a villa era governada por uma só administração — o paço. Mas substituidos de golpe os antigos senhores, em virtude da presuria, e tendo a corôa estabelecido o systema das doações parciaes, a unidade do fundo estava virtualmente partida; esta transformação, tam facil á primeira vista, levou todavia muitas gerações; as mudanças, que affectam os habitos d'uma sociedade, são sempre de lentidão secular.

---

[1] Pag. 497, 1.ª col.

Nos contractos diplomaticos cruzam-se duas correntes em sentido inverso: a antiga, a das *portiones;* a recente, sobre superficies demarcadas — glebas ou sub-unidades; posta de lado a primeira, já discutida, resta considerar a segunda.

As divisões principiaram, é de crêr, pelas sub-unidades existentes, comprehendendo casaes completos as presurias e doações regias; bastava isto para haver logo na mesma villa dous ou mais proprietarios de verdadeiros pedaços. Tal é o caso de Cartemiro e Astrilli; [1] em 870 possuiam na villa *Sonosello* (hoje a freguezia de Souzello) um casal — *nostro casale proprio*, a sexta parte d'ella que lhes tocára em partilha — *que habuimus per particione:* no acto da presuria, estava inteira, visto ter sido dividida n'essa occasião ou depois em seis partes, e não é prezumivel que as outras cinco pertencessem todas aos herdeiros dos presores; tendo-se feito a presuria com insignias militares — *cum cornu et cum aluende de rege*, havia de reservar-se o quinhão para o rei; a divisão porém, é esta que nos interessa agora, fez-se real e verdadeiramente, dada a possessão d'um casal, comprehendido na sexta parte da villa: aquelle, como indica o nome, era uma d'essas sub-unidades de cultivadores, já descriptas. Os novos proprietarios augmentaram sem duvida as construcções, guarneceram-nas de mobilia — *cubus et cupas lectos et catedras mensas*, e edificaram ahi uma egreja, á qual doaram o casal. Este facto mostra que elle adquirira individualidade propria. Não vivendo ali agora só os lavradores, mas tambem os proprietarios, cujos filhos se ordenaram em monges, estamos vendo destacar-se um retalho da antiga unidade, para se converter em predio independente.

Nas primeiras successões ou alienações seguir-se-ia a divisão por este modo: nas seguintes extender-se-ia ás proprias sub-unidades, se eram grandes, ou se o dono queria dispor de parte; assim Eldeges em 960 vende ametade do seu casal, incluindo a casa d'habitação, onde vivia: [2] exemplos semelhantes repetem-se a miudo, como tambem do fraccionamento de glebas; em 936, Reirigo [3] vende a Astruario a oitava parte d'uma leira, que demarcou perante testemunhas; e varias glebas na villa Zelsoni são vendidas por Teodilo em 973. [4]

Estes casos repetem-se tanto, que é inutil mencionar mais. Dir-se-ia que as terras cultivadas iam chegar a um parcellamento extremo: e comtudo não foi assim; o genio [5] da raça, sem qualquer influencia governativa, d'isto não ha vestigios, fez parar o movimento dentro de justos limites, em média os das antigas sub-unidades; se eram grandes ou pequenas demais, dividiam-se ou agrupavam-se as glebas, de modo a formar-se, por mera acção popular, o typo do casal historico, adequado ás condições da terra e por ventura dos mesmos homens: com o casal de

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 6: em muitos outros n.os se descrevem *portiones* effectivas.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 79.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 41.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.° 110.

[5] Formado pela educação historica, é elle quem organisa a vida social; sobre esta, nada pode a acção do governo, decisiva pelo contrario na vida nacional.

lavradores, formou-se tambem a parcella menor — a casa com campo e horta, ou só com a ultima, a residencia do operario rural, empregado sobretudo nos misteres relacionados com a lavoira. Os contractos, mencionados nos diplomas referentes a glebas, faz-nos crêr com a maior probabilidade, que d'este periodo datam tambem essas parcellas minimas, ainda hoje misturadas com as outras.

D'este movimento, produzido pelas circumstancias ponderadas, foi consequencia necessaria o retalhamento das villas; principiando por se repartir o senhorio entre pessoas de diversas jerarchias, depressa as secções se tornaram independentes do laço commum: resultou d'aqui um dos factos mais culminantes da sociedade astur-leoneza; — a formação da pequena propriedade, convertidos em predios as sub-unidades d'outras epocas: então acaba a villa; mas n'esse momento historico, em vez de desaparecer, transforma-se por mera espontaneidade popular em novo organismo, onde continuará a desenvolver-se a vida moral dos lavradores, cujos estreitos vinculos d'amizade, parentesco e irmandade espiritual, se apertarão sempre, não obstante a diversidade de vontades senhoreaes.

Á medida que as villas se decompõem, as pequenas egrejas ruraes cada vez se tornam mais preponderantes e sobranceiras ao desconjuntamento geral. Mediante a inexgotavel liberalidade dos fieis reunem constantemente em seu poder bom numero de parcellas do antigo predio: adquirindo bens, adquirem ao mesmo tempo a supremacia moral sobre todos os homens que viviam em volta d'ellas. Como os *fines templares* e *sepulturarii* dos velhos tempos, os *passus*, *pasales*, que começaram a ser modestamente obtidos no contorno do edificio religioso — *pro corpora ad tumodanda et propter gobernacionem fratrum*, [1] vão-se extendendo sob a designação de *passal*, até abrangerem muitas vezes parte consideravel da villa. As doações tornam-se tam importantes, tam ricas as egrejas e os pequenos conventos, que umas e outros são objectos de contractos, [2] incidindo ahi tambem as *portiones*, [3] como sobre quaesquer outras propriedades; os fundadores reservavam para si certas quotas de rendimentos e certos beneficios, que transmittiam aos seus successores, chamados *herdeiros* ou *descendentes* d'essas entidades religiosas.

Os monjes do cenobio ou convento, o padre da egreja ou *abbade*, [4] já pelo caracter sacerdotal, já pela riqueza dos bens de raiz da sua instituição, herdarão a soberania moral do *dominus;* e darão cohesão aos lavradores, que vivem no perimetro do antigo predio romano, sem ponto d'apoio agora, quando o paço se submergiu. Os presbyteros, que os dirigem espiritualmente, chamar-lhes-hão *seus filhos* — *filiis ecclesie*, [5] *filigreses*, [6] *fregueses*, recente denominação religiosa-popular,

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 54, 63, etc.
[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 53, 71, etc.
[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 200, 465, 478, 518.
[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.o 110.
[5, 6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 440, 514.

abrangendo todos os habitantes da villa, como esta, perdendo o nome anterior, se chamará *freguezia* [1] — congregação dos filhos da egreja. Por isso a villa desde o seculo oitavo deixa de ser pouco a pouco a superficie agraria normal, e no decimo e seguintes serve sobretudo para identificação dos predios minusculos desconjuntados do tronco principal, substituida por vezes a sua enunciação por *loco.* [2] Em vão a residencia do cavalleiro tentará substituir-se ao *palatium;* na longa decomposição haviam-se partido as relações antigas; a terra fragmentada não podia voltar á unidade d'outros tempos: e a vida do povo rural, ora agricultor, ora combatente e companheiro-d'-armas dos seus recentes senhores, era muito diversa da antiga. Só uma entidade, que representasse um alto sentimento moral, conseguiria agremiar outra vez os rudes e fortes lavradores-soldados. Então o campanario, que se levantava por cima das pobres habitações rusticas, deu-lhes a adhesão necessaria para as villas se converterem em pequenas communas, sem protecção em geral e sem organisação escripta, mas contendo a união de vontades, homogeneidade de sentimentos e communidade d'aspirações moraes, que são a base da vida social.

Se a villa estacionava perto da foz d'um rio, em sitio estrategico ou confluencia d'estradas, construido ahi um castello ou mosteiro, nasceram ás vezes povoações urbanas, como Villa de Conde, Fan, Guimarães nas *Villa de Comite, Fano, Vimaranes;* foi só em taes, como nas referidas, que se conservou posteriormente a palavra «villa» no sentido restricto da *villa urbana* latina — as construcções do predio rural: e assim, depois de haver designado durante seculos a totalidade d'este, a sua significação por ultimo retrotrahiu-se á primitiva de «casarias unidas.»

Exceptuados os agrupamentos urbanos, nascidos aqui e ali recentemente, as villas em geral, habitadas pelos successores dos que haviam sido collocados n'ellas na fundação, transformaram-se nas freguezias ruraes da actualidade: quando se partem os laços politicos da sociedade romano-wisigothica, o povo, reunido em volta do campanario, entregue a si mesmo e guiado pelo seu recto juizo, criando essas agremiações, sem as quaes ter-se-ia convertido em multidão desordenada e instavel, salva-se do cahos, em que parecia sepultal-o a destruição da ordem antiga: a base da nova, funda-a elle n'esse organismo, que será a molecula do futuro *concelho,* justamente como no mundo romano o conjunto de muitas villas constituia o termo da *civitas* ou *urbs.*

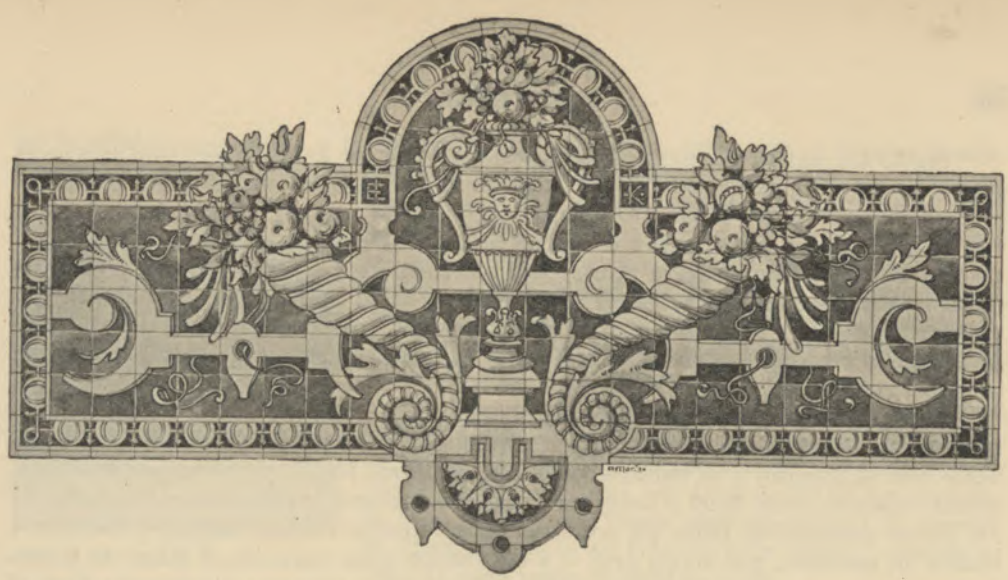
(Segue)

ALBERTO SAMPAIO.

---

[1] *Freeguisia, Inq.,* pag. 3, 2.ª col. — Se antes de Wamba houve uma organisação parochial, essas *parochias,* que desappareceram, eram totalmente diversas das freguezias que subsistem, formadas não pela egreja, mas por mero impulso popular. Note-se que a palavra *parochia* é um termo erudito-ecclesiastico, quasi não existente na linguagem popular.

[2] «*in loco nuncupato Morarie fundo*» — *D. et Ch., P. M. H.,* n.º 138: — «*ipsa ereditate... in loco preditu fiquerola,*» *Ibid.,* n.º 150: — «*prope loci vimaranis,*» *Ibid.,* n.º 49.



VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

UMA ICONOGRAPHIA POPULAR EM AZULEJOS

Les *azulejos* constituent en partie la physionomie du Portugal.

RACZYNSKI, *Les arts en Portugal*, 24ème lettre.

EPOIS que o azulejo figurado da Hollanda, com o encanto e o echo da sua factura, chegou até nós, os velhos padrões de arabescos e mosaicos, fundamente ligados á industria textil pelo sentimento inspirador da decoração e ornamento, cederam o logar, em parte, á novidade radiosa que surgia.

Florões e estrellas, rosetas e laçarias que formavam apenas alizares ou cobriam paredes inteiras n'um brilhante, e fresco, e colorido revestimento de faiança, procediam directamente da industria que legara o arabe, como em legado o semita a recebera do ceramista olvidado e distante da Mesopotamia.

Então, n'uma era de memoria perdida, fôra inventado o esmalte que eternisaria as grandes pinturas muraes nos tijolos constructivos; a graça e o esplendor dos templos e dos palacios reaes sobresahiriam com as suas representações historicas e mythicas, com a exuberancia ornamental dos frisos, humbreiras e fachadas, agora indestructivel ou no perenne deslumbramento do sol ou sob as escassas mas impetuosas inundações de chuvas e torrentes.

Babylonia primeiro, depois Ninive, ás côres amarella e branca que empregavam sobre um fundo azul, juntavam, para toques complementares, outras côres applicadas em sulcos cavados no barro; e a figuração explicava-se em epigraphes de grandes caracteres para remomerarem, mesmo ao longe, os attributos divinos, as façanhas dos tyrannos e a imponencia estridente das victorias!

Ora foi dos contornos elegantes do alphabeto cufico, em que as inscripções proclamavam as glorias da Assyria e da Chaldeia, que o arabe se aproveitou, n'esta mesma região e logo em outras, para o seu estylo decorativo inconfundivel; e foi ainda, porque já com saliencias avultavam os detalhes, que, do chaldaico e do assyrio, herdou o exemplo e o exito do tijolo relevado.

As vicissitudes da guerra e os contagios generalisaram, por todo o Oriente, o barro esmaltado e decoral; lá sobrevive na Persia; transmittira-se ao Egypto desde o reinado longinquo d'um Ramsés; em toda a costa da Africa, até ao estreito, se estendeu e ficou; e como o arabe, ás regiões vencidas, o submettesse com outra industria e lavoura, na peninsula o introduziu tambem e radicou.

A ornamentação geometral do tijolo mouro, persistindo ulteriormente no azulejo hispano-mourisco, modificou-se naturalmente mas não profundamente; a placa mantinha-se, n'uma connexão com os desenhos e as combinações das manufacturas textis, exclusivamente decorativa, apenas utilisando, como fizera o arabe já a exemplo do precursor, um ou outro elemento florico. Até que os productos de Delft, que por assim dizer resumem o fabrico hollandez, começam a inundar os mercados, pelo seculo XVII; e a nós chegam essas maravilhosas placas de faiança figurando, em violeta ou azul, scenas biblicas, guerreiros e paisagens, enquadradas n'um só azulejo. As kermesses que representam, as caçadas, os combates, as deliciosas marinhas, toda

Fig. 1.

Fig. 2.

a bucolica flammenga é inspirada nas composições de Wouvermans, de Berghem, de Van Goyen [1] procedendo pois «dos mais commovidos artistas e dos mais eminentes mestres que ainda teve a arte da pintura». [2]

Esta affluencia de deliciosos quadrinhos que, com as loiças, avultaram a producção da Hollanda e o seu commercio por toda a Europa, fôra precedida, um seculo antes, pelos padrões orlados de grinaldas e festões, com brutescos e seraphins, que nos exportava Talavera. A interferencia do ceramista italiano por egual accudia então ao evolver do ornato do azulejo para o assumpto historiado. De sorte que n'essa epocha, por estas determinantes conjugadas, as composições em placas de faiança iniciam-se entre nós para assumirem, um seculo mais tarde, a extensão, o caracter e o fausto em que se exhibem ainda nos palacios e nos templos.

Imitando ao deante assumptos de tapeçarias em grandes quadros, é muito plausivel que n'esse mesmo seculo XVII, sob a inspiração da placa flammenga, se desenhassem os primeiros azulejos avulsos, [3] embora depois os repetissem e variassem, renovando o fabrico. Excluídos o brilho e transparencia do duplo esmalte, a espessura diminuta da placa e principalmente a graciosidade ingenua e a finura do debuxo, o azulejo portuguez de pintura solta adstringe-se tambem ao assumpto nacional. Barbaro, sem tradição nem escola de arte local inspiradora, limitado

---

[1] ÉDOUARD GARNIER, *Histoire de la céramique*, pag. 344. Mame & Fils eds. Tours, 1882.

[2] RAMALHO ORTIGÃO, *A fabrica das Caldas da Rainha*, pag. 11. Typ. Occidental ed. Porto, 1891.

[3] A. A. GONÇALVES, *Breve noção sobre a historia da ceramica em Coimbra*, nota da pag. 299. Annexo ao *Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portuguesa moderna*, de CHARLES LEPIERRE. Lisboa, 1899.

em faculdades imaginativas, o pintor apenas copia os objectos envolventes ou traça na faiança, primitivo quasi e simplista, o devaneio ou a phantasia baseadas nas superstições e fabulas em que acredita e o emballam. Factura pessima, vidrado pessimo, este azulejo grosseiro e rude, considerado n'um conjuncto, tem emtanto alguma significação ethnographica: porque n'elle se estampam costumes, personagens e objectos que resumem popularmente uma iconographia do tempo através de humildes oleiros que assim legaram o seu impressivo commentario e relato da vida de então.

Fig. 3.

O azulejo hollandez dispersou-se mais ou menos no paiz; o nosso, porém, mais comprehensivo, mais futil, mau e barato, obteve collocação mais ampla: n'uma zona estreita reveste egrejas varias — S. Bento, nos Arcos de Val de Vez, convento de Santo Antonio, em Vianna, uma dependencia do convento da mesma invocação, em Ponte do Lima, outra do convento de Cabanas, certa egreja de Ponte da Barca.

De execução e epochas varias, como se infere da comparação entre os de alguns dos templos alludidos, basta observar os d'uma só procedencia e fabrico (S. Bento, nos Arcos) para se formar juiso ácerca da phantasia e dos motivos que frequentemente o oleiro fixou nas placas. Primeiro resaltam as flôres (fig. 1) e os fructos, na variedade restricta dos productos conhecidos, ou então imitadas aquellas da flora estampada nas loiças que nos vieram do Oriente. As aves (fig. 2), por egual surgem-nos frequentemente d'um exotismo proprio dos paizes quentes, em multipla variedade que a ornithologia regional não comporta; o kagado (fig. 3), os peixes, os caranguejos e os molluscos completam, por fim, uma fauna que é duplice por imaginosa e local.

Como figurantes temos as damas, as freiras, os guerreiros, os duellistas, os caçadores e o alfenim (fig. 4). Reproduzidos a serio, a verve ingenua não deixa comtudo de accentuar os ridiculos em caricaturas monstruosas, um pouco na indole da satyra de certos esculptores ceramicos; [1] são indeterminadas, todavia, e não com o intuito que parece deprehender-se dos azulejos de S. Bento de Castris, em Evora: Cupido a sahir do diabo, uma ratoeira na cabelleira d'uma dama, outras travessuras ainda, [2] mais ou menos desenvoltas.

Exhibem-se ainda os objectos de uso caseiro, a jarra, o gomil, varios cabazes, as navalhas, as tesouras; veem depois os variados typos de casas, reaes e phantasiosos, em alguns dos quaes, para o arvoredo e como nas loiças, o pintor empregou o pincel e a esponja (fig. 5); os mirantes campestres, as torres orientaes (fig. 6), o poço de carretel ou de *roldaina* (fig. 7), o chafariz e até bustos e estatuas para jardins; as embarcações (figs. 8 e 9), emfim, onde parece descortinarem-se o calão algarvio, a lancha poveira, a antiga rasca, o barco da pescada de Buarcos, o cahique e o barco de vela de pendão.

Fig. 4.

O symbolo amoroso (fig. 10) não deixaria de ostentar-se; ornamenta os jugos e as rocas, as loiças e os tecidos; é amuleto e é joia; figura capitalmente, com os emblemas religiosos, no corpo dos tatuados: corações simples, sob-postos a uma cruz, a um signo-saimão, a uma corôa real, a ramos e flôres; corações ardentes e corações trespassados; corações com as cinco chagas de Jesus; corações sangrentos, corações unidos! [3]

---

[1] Rocha Peixoto, *As olarias de Prado*, in *Portugalia*, I, pag. 255 e segs. Porto, 1900.

[2] Gabriel Pereira, *Estudos eborenses*, pags. 17-8, fasc. 6. Evora, 1886.

[3] Rocha Peixoto, *A tatuagem em Portugal*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, II, pag. 146. Porto, 1893.

Os anjos e os diabos, o sol, a lua, as estrellas, a caveira, por ultimo, encerram esta iconographia traductora do sentir, da observação e das preoccupações que o oleiro confiou á sua imaginaria breve e barbara.

Fig. 5.

Esta illustração pictural ou plastica da naturesa ambiente e do sentimento dos homens e das coisas, ou ingenua ou culta, embebeu e interessou, de longe, pintores, gravadores e barristas. [1] Depois das composições orientaes veem as scenas e os personagens dos mosaicos romanos, a exuberancia da flora e fauna que, dos seculos IV ao VI formavam, dos pavimentos italianos, tratados de zoologia e de botanica. [2] Invadiu ainda a tapeçaria: certa colcha do seculo XVI figurando batalhas navaes, assaltos de fortalezas, caçadas, scenas de côrte, assumptos mythologicos e episodios da Escriptura. [3]

Nos calendarios que precediam os missaes illuminados debuxavam-se allegorias dos diversos meses com passagens tiradas da vida nacional. E um lavrante portuguez, n'uma salva de prata, como que resumira toda a alma da Renascença peninsular: brutescos, chimeras, dragões, figuras de santos, de guerreiros, de navegadores; allegorias de vicios e de virtudes; scenas de montaria e navegação; castellos roqueiros, bergantins de gala, fustas ligeiras, galeões de panno cheio. [4] Os barristas do seculo XVIII, os coroplastas de Gaya e os oleiros de Prado, com valores varios esculpiram inspirados nas lendas religiosas, nas tradições mythicas, nos usos e costumes regionaes. E até mesmo o tatuador, tam affim esthetica mente do pintor de azulejo solto, estampa e propaga em emblemas profissionaes, amorosos, eroticos, religiosos, metaphoricos e phantasistas, o saber e o sentir populares.

O azulejo figurado avulso forneceu pois, n'uma bisonha humildade esthetica, o seu depoimento ideographico, que se pode interpretar parcellarmente á semelhança de muitos symbolos dos tatuados — Christo, por exemplo, com os emblemas que o acompanham: o calix que empunhava o anjo que lhe appareceu no monte Olivete; os cilicios com que lhe applicaram os açoites; os dados para lhe jogarem a tunica; a lança com que Longuinhos o varou; a esponja que lhe chegaram á sagrada bocca para beber o fel amargoso; a escada a que subiram para o desligarem da cruz; as tenazes com que lhe arrancaram os cravos; o Sol e a Lua, emfim, que representam a passagem da claridade para as trevas, logo que Jesus expirou, e as pedras se partiram e o mundo tremeu. [5]

Fig. 6.

Breve, porém, as grandes composições se generalisaram subalternisando-se a producção do azulejo de figura avulsa. Os pannos que nos vinham de Arras, na Flandres, magnificos elemen-

---

[1] Depois de organisada esta nota o A. teve ensejo de examinar varios azulejos de figura avulsa procedentes dos extinctos conventos da Ave-Maria e de Santa Clara, do Porto. D'estes ultimos possue o Museu municipal alguns exemplares, uns de figura simples e esmalte lacteo, outros de esmalte transparente e composição mais pormenorisada. São obra, manifestamente, de pintores ceramicos diversos.

[2] ADOLF CEULENEER, *Notes archéologiques sur le Portugal*, in *Bulletin* de l'*Académie d'archéologie de Belgique*, pag. 364, fasc. XIII. Anvres, 1882.

[3] JOAQUIM DE VASCONCELLOS, *A exposição de arte ornamental em Vianna*, in *Commercio do Porto*, n.º 288. 1896.

[4] RAMALHO ORTIGÃO, *Exposição de arte sacra ornamental. Catalogo da sala de Sua Magestade El-rei*, pag. 31. Lisboa, 1895.

[5] ROCHA PEIXOTO, *A tatuagem* cit., pag. 150 e fig. 10 da pl. III.

tos decorativos para a improvisação do scenario d'uma festa, [1] eram caros e o oiro principiára já a faltar-nos. Substituimol-os pois, lento e lento, pelo grande quadro mural em faiança, no espirito e na imitação da tapeçaria que violentamente regeitavamos. Nos raz exhibiam-se as grandes composições sacras inspiradas no Velho e Novo Testamento, as mythologicas, as allegoricas, as historicas — Alexandre, Dario, Annibal, Cesar — até as nacionaes: a vida do conde D. Nuno, as proezas de Affonso v e a Historia da India, mandada tecer e illustrar pelo Venturoso. [2]

Fig. 7.

Nos azulejos, que veem occupar os logares dos textís, traçam-se por egual as scenas biblicas, a vida dos santos: a de S. Bento, por numerosos conventos e capellas; a de S.to Antonio, nas propriedades que pertenceram aos senhores de Cunha e Taboa, [3] exhibindo os seus milagres mais tocantes; a de S. Lourenço, nos Loyos, em Evora; a de S. Pedro de Rates, na Sé de Braga; a de S. Francisco, em Guimarães; a de S. Domingos, em Almada; a de S. Theotonio, em Vizeu. Os assumptos allegoricos, mythologicos e de historia antiga são ainda imitados, quasi copias: a historia do filho prodigo, em S. Thiago, de Evora; [4] as batalhas de Alexandre, na quinta do Monteiro-mór, em Sacavem. [5] Á historia nacional consagram-se outros: os de campanha, na torre dos Azevedos, na Lama, em que entraram ascendentes da casa; os do Palacio da Fronteira, em Bemfica, representando as batalhas em que tomaram parte os membros da familia e n'uma das quaes, a de Ameixial, o fundador do palacio lucta corpo a corpo com D. João d'Austria; [6] os do palacio do conde de Almada, representando os principaes factos da revolução de 1640; e talvez ainda os do antigo convento da Trindade, em Lisboa, figurando a tomada de Arzilla. [7]

Fig. 8.

Fig. 9.

Por toda esta vasta galeria, além ainda das touradas, das scenas de caça e pesca, das merendas, das eclogas, de episodios galantes, dithyrambicos uns, outros elegiacos, não raro se desta-

---

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Os pannos de raz em Portugal*, in *Revista de Guimarães*, xvii, pag. 120. Porto, 1900.

[2] Sousa Viterbo, *Artes e artistas em Portugal*, pag. 84 e segs. Ferreira ed. Lisboa, 1892. — Vasconcellos, *Os pannos de raz* cit., pag. 122 e segs.

[3] J. da Camara Manoel, *Representantes da familia de Santo Antonio*, in *Nova Alvorada*, vii, n.º 4. Famalicão, 1897.

[4] Gabriel Pereira, *Estudos* cit., pag. 13, fasc. 4.

[5] *Catalogo do importante espolio do architecto José Maria Nepomuceno*, pag. 13. Lisboa, 1897.

[6] *Boletim da Associação dos Architectos e Archeologos portugueses*, pag. 141, n.º 9 da 3.ª serie. Lisboa, 1897.

[7] Visconde de Juromenha, *Azulejos*, in Raczynski, *Les arts en Portugal*, pags. 431-2. Paris, 1846.

cam os elementos ethnographicos. N'um grande quadro representativo d'uma das Obras de Misericordia as figuras bebem por vasos semelhantes aos que ainda se fazem hoje em Extremoz; n'um outro vê-se o conhecido bufete, em ebano, de pés torneados; n'outro ainda, em Beja, que figura o nascimento de Christo, ha um fogareiro como os de uso actual no Alemtejo. [1] E os da ermida de Nossa Senhora do Cabo, em Cezimbra, constituem a mais adoravel representação imagetica da lenda, tam frequente em Portugal, do apparecimento da Virgem: os dois venturosos velhos sonhando que apparecia a Senhora n'este logar; esta com o menino, n'uma jumentinha, e um anjo guiando; varias romeiras, com seus alforges, vindo de longe e em adoração, a admirarem o prodigio; a edificação d'um templo de magestosa fabrica e o mestre d'obras e operarios trabalhando; a perspectiva da egreja e do arrayal na mesma occasião em que entra um cirio, trazendo adeante musica de clarim e de timbales! [2]

Fig. 10.

Se muitos foram copias e imitações de raz e de gravuras, se outros procedem de artistas estrangeiros, e alguns illustres, como certos da Madre de Deus cujos cartões se attribuem a Rubens ou á sua escola, [3] verdade é que bem frequentemente o pintor ceramico portuguez como que nacionalisa essas grandes composições de inspiração alheia. Em originaes a sua inferioridade é patente: tambem na que é a Belgica actual pintaram azulejo solto que mais parece copia do nosso que do fabricado nos Paizes-Baixos! [4] Mas esta larga decoração mural ensejou um esplendente e profuso labor artistico que, em ultima analyse, pela confinação e pelo numero, como só nos pertence.

A despeito das successivas e frequentes delapidações que teem restringido o numero dos azulejos figurados esparsos pelo paiz, a abundancia foi tal que, d'uma epocha e d'essa arte da pintura em faiança, sobejarão os despojos que fixam e esclarecem uma e outra. Assim tambem dos esplendores de Babylonia e de Ninive os seus tijolos esmaltados accusam ainda hoje um aspecto da magnificencia augusta dos palacios e templos, outr'ora soberanos n'esse planturoso valle do Tigre e do Euphrates — não obstante a assolação que transmudou n'um deserto calcinado e fulvo essa necropole immensa da civilisação, gloriosa e magnifica, que imperou na Mesopotamia!

Porto. Outubro, 1900.

Rocha Peixoto.

---

[1] Joaquim de Vasconcellos, *Exposição de ceramica*, (Separata da *Revista da Sociedade de Instrucção do Porto*), pags. 88 e 91. Porto, 1883.

[2] Joaquim de Vasconcellos, *Ceramica portuguesa*, (Separata da *Revista* cit.), pags. 6-7. Porto, 1884.

[3] Joaquim de Vasconcellos, *Conferencias sobre a Exposição de Arte ornamental*, in *Arte Portuguesa* (publicação do *Centro artistico portuense*), I, pag. 71. Porto, 1882.

[4] Émile Lhoest, *Note sur diverses pièces de céramique belge exposées lors de la séance du 4 janvier 1897*, in *Annales de la Société d'Archéologie de Bruxelles*, XII, pags. 113-18. Bruxelles, 1898.

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

Terceira sessão plenaria de 9 de Abril de 1899

PRESIDENCIA DO SNR. DR. FRANCISCO MARIA DE LIMA NUNES

COMMUNICAÇÕES

Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria

POR A. SANTOS ROCHA

Por intermedio dos snrs. Honorato Estrella, capitão de caçadores 6, e Dr. Antonio Leite Pereira Jardim, juiz de direito, temos reunido no Museu da Figueira uma interessante collecção de objectos da epocha da pedra polida, provenientes de diversos logares do districto de Leiria. Esses objectos são de duas especies — machados e mós de moer cereaes.

Os machados são 14, todos mais ou menos polidos, pela maior parte de schisto. Occupam a estante 6 da secção pre-historica, e teem os n.os 2655 a 2658, 2676 a 2682, 2736, 2737 e 2739.

Pertencem a dois typos já conhecidos no valle inferior do Mondego, um trapezoidal, mais ou menos alongado, ás vezes achatado, tendo a secção quadrangular, e outro triangular, ás vezes muito alongado, roliço, com a secção elliptica. Raras vezes este segundo typo é achatado ou apresenta secção quadrangular.

Dois exemplares são facetados do lado do topo, para melhor se fixarem nos cabos; um tem cabeça de martello e outro pertence a essa variedade de machados roliços e alongados que terminam no topo em ponta aguda, raros na nossa região.

Os gumes são connexos, e ás vezes obliquos em relação á linha media longitudinal. Todos apresentam mais ou menos fracturas, e alguns estão manifestamente gastos pela mó.

O comprimento d'estas peças varia entre 0m,072 e 0m,3, havendo só uma que attinge este limite maximo. Quatro exemplares foram recolhidos no Bombarral, tres em Obidos (quintas da Granja e de S. Mamede), e os restantes em diversos logares do concelho de Leiria, de que ignoramos os nomes. As mós são de grés, provenientes de Obidos e occupam a estante 2 da secção pre-historica, tendo os n.os 2683 a 2685.

Uma das peças é um grande fragmento de mó dormente, com a superficie superior concava e polida; e outra é a pedra, a que chamaremos mó volante, achatada, com o contorno polygonal irregular, que tem uma superficie convexa e polida que se adapta á concavidade da primeira peça. O snr. Honorato Estrella informou-nos que estes objectos foram encontrados na disposição que indica o desenho.

O restante exemplar é mó volante, com fórma ovoide, tendo a face de trituração polida e ligeiramente convexa e na face opposta uma cavidade que nos parece intencionalmente feita para receber as extremidades dos dedos, afim de melhor mover a peça. Mede no comprimento 0m,28 e na largura maxima 0m,19. Estas mós são já muito conhecidas no mobiliario da epocha neolithica. O snr. Mortillet descreve-as na sua obra *Le Prehistorique* (pag. 581); e um exemplar vem representado no *Musée Préhistorique*, fig. 587. O seu uso foi tão duradouro, que atravessou as epochas do cobre e do bronze e ainda um grande periodo da epocha do ferro. Schliemann recolheu centenares em Hissarlik, desde as camadas mais profundas, onde só appareceu o cobre associado á pedra polida, e tambem muitas em Mycenas, onde predomina o bronze e o ferro é ainda raro. A descripção que elle dá d'algumas mós de Hissarlik pode com exactidão applicar-se ao segundo dos nossos exemplares de mó volante. «Ellas têem a fórma oval, diz o illustre explorador, e são chatas d'um lado, convexas do outro, assemelhando-se a um ovo cortado longitudinalmente pelo meio».

Schliemann menciona ainda muitas encontradas nas *terramaras* d'Italia, outras existentes no Museu Pre-historico de Roma, provenientes da «*Caverna delle Arene Candide*», perto de Ge-

nova, algumas existentes no Museu Pre-historico de Genebra, provenientes das habitações lacustres da Suissa, e outras recolhidas nas camadas mais fundas da acropole d'Athenas. [1] Joly tambem menciona as das estações lacustres da Suissa; [2] e o snr. Evans cita muitos outros exemplares da Inglaterra. [3] Os snrs. Henri e Luiz Siret encontraram tambem algumas nas estações pre-historicas por elles exploradas no sueste da Hespanha; estações que elles attribuem á epocha do bronze. [4]

Fig. 1.

Na região da Figueira, semelhantes utensilios foram usados até á epocha romana, quando os povos estavam já no pleno uso do ferro. Nós encontramos alguns nas estações lusitanas do *Crasto* e de *Santa Olaya*, que são manifestamente anteriores ao 3.º seculo da nossa era, associados á *mola manuaria*, que começava a substituil-os.

Estes factos podem fazer duvidar se os exemplares d'Obidos serão realmente da idade da pedra; mas o apparecimento de machados de pedra no mesmo local e as differenças que se notam entre aquellas peças e as das nossas estações luso-romanas tornam muito provavel a hypothese de serem neolithicas. A funda cavidade que apresenta a mó dormente faz lembrar um objecto semelhante de que o snr. Joly dá o desenho, e que pertence á mesma epocha. [5]

Os cereaes que estas mós eram destinadas a moer deviam ser o trigo e a cevada, de que se têem encontrado numerosos vestigios nas estações neolithicas da Europa, sobretudo nas ruinas dos povoados lacustres de Robenhausen e de Waugen. A farinha, se assim lhe podemos chamar, era necessariamente muito imperfeita, contendo grande quantidade de grossos fragmentos de grãos. Ainda assim o nosso antepassado da pedra polida fazia com ella uma pasta, que cosia, sob a fórma de bolos ou pães, não em forno, mas sobre calhaus aquecidos ao fogo. Alguns fragmentos d'este pão primitivo têem sido encontrados, que apresentam d'um lado uma cavidade resultante de a pasta ter sido collocada sobre a superficie convexa dos calhaus. [6]

É claro que esta pasta ou especie de pão era feita sem *fermento*, como bem diz o snr. Joly. Nós lemos em Plinio que os proprios romanos não tiveram durante muito tempo o pão, mas sim uma pasta denominada *puls*; [7] e Schliemann nota que entre elles o uso do *fermento* era novidade na epocha em que regularam a disciplina de *Flamen Dialis*. [8]

Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira

POR A. SANTOS ROCHA

Na secção de pre-historia do Museu Municipal d'esta cidade deu entrada um objecto de metal, com a fórma d'uma sanguesuga enroscada, ou antes d'um crescente, em que as extremidades se tocam, que nos parece muito interessante. Nós damos o desenho d'elle, no tamanho natural, notando que é um pouco achatado e mede na maxima espessura quasi 0m,01. Tem no Museu o n.º 2:223, e é acompanhado d'uma indicação por escripto que o nosso consocio snr. Dr. Lima Nunes offereceu conjunctamente com o objecto, e que contém o seguinte: «Diz-se achada com outra semelhante dos dois lados d'um craneo, na Povoa, junto a Coz. Isto faz suppor que foi recolhida em alguma sepultura.

A analyse chimica do metal, feita pelo nosso consocio snr. Sotero Simões d'Oliveira, prova a existencia d'uma liga. «Procedendo á analyse qualitativa, diz este perito, por via humida e

---

1 *Ilios*, pag. 292 e segs. e 286.
2 JOLY, *L'Homme avant les métaux*, pag. 103 e 185.
3 *Les Ages de la pierre*, pag. 242 e segs., trad. de Barbier.
4 *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, pag. 33.
5 *L'Homme avant les métaux*, pag. 185.
6 JOLY, *obr. cit.*, pag. 105, 112 e 185; *Le Préhistorique*, pag. 579 e segs.
7 *Hist. Nat.*, XVIII, 19.
8 *Ilios*, pag. 294.

pelos processos já seguidos n'outras analyses, encontrei o cobre e o estanho». [1] Não se fez a analyse quantitativa; mas a presença do estanho, sómente ligado com o cobre, indica o bronze.

Estaremos em face d'um producto industrial da epocha do bronze? A rudeza do fabríco pode auctorisar a affirmativa. O trabalho é grosseiro, mostrando no objecto as móssas do martello. A fórma tambem é archaica. Nem repugna á hypothese o facto de ser recolhido n'uma sepultura por inhumação: por inhumação, e não por incineração, eram todas as sepulturas da plena epocha do bronze exploradas pelos snrs. Henri e Louis Siret no sueste da Hespanha. O seu destino parece determinar-se pelas circumstancias em que foi encontrado. Nós vimos no Algarve muitos objectos semelhantes enfiados n'uma haste curva de metal, que tinha o aspecto do bronze, indicando que eram pendentes d'um bracelete; e informaram-nos que esta curiosissima peça havia sido encontrada em uma sepultura: mas o nosso exemplar, sendo exacta a nota que o acompanha, devia ser um brinco d'orelha. Foi provavelmente por causa d'esta applicação que uma das extremidades se tornou mais delgada e até ponteaguda.

Fig. 2.

Como brinco d'orelha faz lembrar alguns que se teem descoberto em sepulturas da necropole de Warka, na Chaldéa, de que Perrot e Chipiez representam um exemplar na fig. 424, pag. 761 do tomo 2.º da *Historia da Arte*. Estes tambem são feitos d'uma haste irregularmente arredondada, que adelgaça para as extremidades; mas o metal empregado é o ouro, e a fórma mais regular, accrescendo ainda a circumstancia de nas extremidades existirem appendices filiformes que serviam para os suspender nas orelhas.

De resto a forma annular nos brincos não é estranha á epocha do bronze na Peninsula. Os snrs. Siret, explorando certas estações hespanholas, que elles attribuem a essa epocha, encontraram brincos feitos com um fio de cobre, em fórma d'argola, estando um d'elles adherente a um craneo humano. [2]

Estação luso-romana da Pedrulha

POR A. SANTOS ROCHA

Proximo da fonte publica das Alhadas de Baixo, limite d'este concelho, existe uma planicie conhecida pelo nome de Pedrulha. Alli se havia encontrado em tempo um busto romano de pedra, hoje depositado no Museu da Figueira; obra mal esculpida, que indica a decadencia da arte ou a mão inhabil d'um artista de provincia. O apparecimento d'este busto tinha feito suspeitar que no sitio existira uma estação romana. Seria um monumento, alguma habitação isolada, como tantas outras que se teem encontrado, algum povoado? Ninguem o sabia.

Ha pouco o snr. Euquerio Jorge Quadros, das Alhadas, proprietario d'uma terra contigua áquella em que se recolhera o busto, mandando fazer uma cova profunda, para plantação de vinha, encontrou restos de substrucções, umas d'alvenaria ordinaria e outras que pareciam d'alvenaria secca, assim como alguns ossos humanos esparsos e em desordem. Foram estas obras logo destruidas, amontoando-se os materiaes na superficie da terra; e, passando alli o collector da Sociedade, que os examinou, veio informar-nos que estavam destruindo os alicerces d'um povoado romano.

Fomos ao sitio; e vimos, entre os destroços, muitos fragmentos do *opus signinum*, indicio seguro de pavimentos de edificios, muita pedra d'alvenaria, alguma aparelhada, fragmentos d'argamassa de cal e areia, telhas, telhões e tijolos partidos, tudo manifestamente romano. A terra estava em muitos sitios carregada de substancias carbonisadas e de restos de cosinha. Dissenos o proprietario que estas cousas se encontravam até á profundidade de 0m,70 approximadamente; e que muita pedra d'alvenaria ora estava espalhada, ora amontoada em desordem no seio da terra. Por elle nos foi tambem confirmado que os trabalhadores haviam destruido restos de substrucções, a que pertenciam muitos dos materiaes que tinhamos á vista.

---

[1] Relatorio de 8 de fevereiro de 1899.

[2] *Les premiers âges du metal dans le sud-est de l'Espagne. (Extrait de la Revue des questions scientifiques)*, pag. 48, fig. 20.ª e pag. 50.

Quanto aos ossos humanos, informou-nos que haviam sido encontrados dispersos aqui e alli, á mistura com rebotalhos de cosinha, taes como ossos de veado, boi e carneiro ou cabra passados ao fogo.

Examinando a extensa excavação que o trabalho agricola ia abrindo, vimos que a terra era annegrada para uma das extremidades, encontrando-se n'ella raros fragmentos de louça cinzenta. No resto apresentava a sua côr natural; e verificamos que continha fragmentos d'ossos humanos, ora espalhados, ora agrupados em desordem. A cava approximava-se do fim do predio; e nós pedimos ao proprietario a maior vigilancia para que não fosse destruida qualquer construcção que ainda se encontrasse. A impressão que nos deixou tudo o que então vimos, foi de que muito antes do trabalho emprehendido pelo snr. Quadros já o solo havia sido profundamente revolvido, destruindo-se quasi todas as substrucções e algumas sepulturas que alli existiam. Seriam estas sepulturas contemporaneas da estação luso-romana? Nós só podemos affirmar que alguns ossos humanos, que recolhemos, eram modernos; e do mesmo pensar foram o nosso consocio snr. Ricardo Severo e o snr. Fonseca Cardoso, que tambem os examinaram.

Fig. 3.

Os objectos mais interessantes, que colligimos, foram fragmentos de grandes telhões curvos, com a largura de 0m,35 e espessura de 0m,05 a 0m,06, que nos deram a explicação d'uns pedaços de barro cosido, que haviamos recolhido em S. Martinho d'Arvore, e que não souberamos classificar, assim como pequenos tijolos, um com o comprimento de 0m,28, largura de 0m,147 e espessura de 0m,03, e outro de que damos o desenho (fig. 3), medindo na largura 0m,13 e na espessura 0m,047, e parte d'um tijolo enorme, cujas dimensões são superiores ás de todos os que temos visto.

Pensamos que os espessos telhões eram empregados em canalisações feitas por debaixo do pavimento d'algum edificio, porque notamos que grandes pedaços do *opus signinum* apresentavam parte da face plana correspondente á superficie do pavimento, e do lado opposto parte d'uma face concava e lisa, que parece corresponder á face convexa dos telhões.

Dias depois de termos recolhido estes objectos notou o proprietario que a face d'uma pedra, exhumada da terra, e que fora lavada pela chuva, apresentava caracteres gravados, de que nos remetteu copia. Nós mandamos immediatamente transportar a peça para o Museu, e verificamos que continha uma inscripção latina. A pedra é calcarea, de fórma oblonga, tendo uma face lisa, onde se acham os caracteres, e as outras grosseiramente trabalhadas a martello, indicando que estas deviam ficar encobertas na construcção monumental a que era destinada.

A inscripção diz o seguinte:

CALAITO
CAIELI • HI • SITO

Calaito (filio) *Caieli* (i) *hi* (c) *sito*. Quer dizer: — a Calaito, filho de Celio, aqui collocado.

O nosso consocio snr. Dr. José Leite de Vasconcellos pensa que *Calaitus* é uma variante de *Calaetus* ou *Chalaetus* d'outras inscripções peninsulares, e que *Caieli* está por *Caelii*. Se attendermos a que esta inscripção foi encontrada a alguns metros de distancia do sitio em que foi achado o busto que está no Museu, não é grande ousadia admittir que a esculptura representa o proprio Calaito. O que seria este homem na pobre povoação da Pedrulha? Que feito lhe merecera as honras d'um monumento? A historia e a archeologia nada nos dizem a tal respeito. Nós até ignoramos o nome do povoado.

O que sabemos pelos restos d'industria é que tudo alli estava romanisado. O elemento barbaro do velho lusitano apenas se distinguia em rarissimos fragmentos da louça, quasi todos com vestigios do trabalho da roda, á maneira dos romanos. Nenhum outro objecto nos recordou a passada selvageria dos indigenas, tambem caracterisada ainda em Santa Olaya, no Crasto e nos Chões.

Evidentemente o povoado da Pedrulha, aliás proximo d'estas estações, foi muito posterior a ellas; e devia talvez ter existido em epocha de certa decadencia na industria ceramica, porque, se exceptuarmos alguns fragmentos de louça cinzenta, nada do que recolhemos se parece com essas pastas finas e primorosamente trabalhadas das louças romanas das mesmas estações. Diz-se que uma moeda do 4.º seculo da nossa era, fôra alli encontrada em tempo; mas julgamos que o povoado data pelo menos do 3.º seculo, em vista da semelhança que se nota entre

a ceramica de pasta archaica e trabalhada á roda, recolhida por nós, e a que tinhamos encontrado na estação da Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, onde as moedas chegam ao reinado de Claudio II, entre 268 e 270.

As excavações que fizemos no terreno do snr. Quadros e em outro contiguo descobriram restos d'uma construcção feita com uma especie de tijolo arenoso e brando, ligado com barro, que parecia ter sido destinada a receber a acção do fogo. Esse tijolo, apesar da sua imperfeição, é manifestamente muito diverso do adôbo empregado na construcção do forno de telha romana do Valle do Gonçalo, perto de Brenha [1]

Junto a essa construcção encontrou-se muita pedra d'alvenaria agglomerada e em desordem e algumas escorias de forja; e, espalhados em diversos logares, alguns fragmentos de vasos e de telhas, restos de cosinha, comprehendendo ossos de veado, e uma pedra d'amolar, semelhante á da fig. 59.ª do opusculo do Conde Georges de Looz — *Exploration de quelques villas romaines et tumulus de la Hesbaye*. O exemplar belga provém da estação romana de «*Aux Sarrasins*», communa de Braives, que devia ter subsistido até ao 4.º seculo, pois que ahi se encontrou uma moeda de Constantino II.

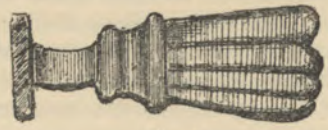


Fig. 4.

Em ferro recolhemos uma haste delgada e ponteaguda, que podia ser um alfinete de cabello. Em bronze parte d'uma fibula com arco feito d'uma placa achatada e eixo no fuzilão (acus), semelhante ás da necropole romana por incineração da Fonte Velha, em Bensafrim, concelho de Lagos, e outro objecto de que damos o desenho (fig. 4).

Esta ultima peça tem na face opposta vestigios d'uma haste achatada de ferro, que lhe fôra ligada por uma cavilha de bronze e outra de ferro. Nós pensamos que pertencia ao gancho d'um cinto, como os exemplares que Rich figura na palavra — *fibula*, n.º 2 — do seu diccionario. No Crasto já tinhamos recolhido uma fibula de cinturão, consistindo n'uma grande placa de bronze com ornatos, ligada a um gancho de ferro.

A raridade do mobiliario não deve surprehender, attendendo aos trabalhos agricolas que se teem feito nos terrenos desde tempos immemoriaes. Provavelmente só em algum sitio ignorado, onde esses trabalhos não foram profundos, poderá fazer-se colheita mais abundante; mas as pesquizas em taes condições são demasiadamente onerosas e muito arriscadas. Seria temeridade emprehendel-as.

Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha

POR A. SANTOS ROCHA

O Museu da Figueira possue um dado, que foi recolhido nas ruinas romanas de Condeixa-a-Velha. É um cubo de calcareo, polido, com as faces sensivelmente desiguaes, medindo nas arestas entre 0m,011 e 0m,014. A serie dos pontos é de 1 até 6. Cada ponto, de fórma circular, é aberto na pedra, tendo o diametro de 0m,001 approximadamente, e está no meio d'um circulo, tambem gravado, com o diametro de 0m,004. Os pontos estão distribuidos do modo seguinte: na face opposta á do n.º 1 acha-se o n.º 6, na opposta á do n.º 2 o n.º 5, e nas duas restantes os n.os 3 e 4.

A presença de semelhantes objectos em estações romanas não surprehende. O jogo dos dados é antiquissimo. Herodoto attribue a sua invenção aos lydios; e Schliemann, explorando Hissarlik, encontrou um dado na 6.ª povoação, que elle julgava pertencer a uma colonia lydia, e que trabalhos posteriores demonstraram ser a propria Troia homerica. Esta peça, que deve ter 31 seculos, é um cubo de pedra, medindo 0m,017 approximadamente por cada lado, com os pontos gravados nas faces. [2] É certo, porém, que o typo de taes objectos não foi sempre o mesmo em todas as epochas e paizes. Na oppido heluscio da Truc, por exemplo, um dos dados que menciona Victor Gross, é feito d'osso, e outro de bronze. O primeiro, de fórma quadrada e com faces desiguaes, tem gravados 3, 4, 5 e 6 pontos; e o segundo, de fórma alongada, só apresenta a série de 1 até 5 pontos, tendo o n.º 3 repetido. O mesmo sabio, referindo-se ás centenas de dados d'osso recolhidos

---

[1] *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 263-264.

[2] *Ilios*, pag. 772.

nas excavações de Kradischt, na Bohemia, estação semelhante á da Truc, e por conseguinte da segunda idade do ferro, diz que são maiores do que aquelles, e que os numeros mais altos d'estas peças, como o 5 e o 6, estão nas faces mais pequenas, sem duvida para diminuir as probabilidades de o jogador obter taes numeros [1]

Na necropole etrusca de Marzabotto, segundo Gozzadini, um dado era de argilla negra, e os outros de osso; e entre estes ultimos alguns tinham a fórma de parallelipipedos, differindo dos dados gregos e romanos na disposição dos numeros. [2]

Na estação de Vimose (Dinamarca), que pertence á idade do ferro na Escandinavia, os dados eram d'osso, uns com forma cubica, medindo 0m,014 por lado, e tendo os pontos regularmente dispostos, como os dados da actualidade, e outros em fórma de pequenos bastões, de secção rectangular, medindo no comprimento 0m,068 e na espessura 0m,004, com os pontos dispostos em filas. [3]

Emfim, nós vimos dados achménides de osso, com fórma alongada, que devem medir no comprimento approximadamente 0m,07, nas collecções da missão franceza na Suziana, que existem no Museu do Louvre; e no mesmo museu dados cubicos, tambem feitos de osso, sendo um d'elles grande e furado, alguns com os pontos gravados no meio de dois ou tres circulos concentricos os quaes nos pareceram da epocha romana.

No Museu Civico de Bolonha, entre o mobiliario etrusco recolhido nas sepulturas de Arnoaldi, Lucca e Certosa, notámos dados d'osso, uns cubicos e outros alongados, e no Museu de S. Germain (sala XVII, vitrina 21), tambem vimos diversos dados gallo-romanos, sendo um de ambar e os restantes de osso, alguns muito pequenos e um grande e furado, como o do Louvre. Dois teem a forma de parallelipipedo alongado, um proveniente de Arles, e outro do *castrum* de Mayance. Cada ponto occupa o centro d'um circulo gravado.

Em resumo, os dados da antiguidade são geralmente em osso, e excepcionalmente em pedra, como o de Condeixa-a-Velha, em barro, bronze ou ambar. A sua forma mais commum parece ser a do cubo; e nos d'este typo a serie dos pontos nem sempre é regular de 1 a 6.

Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho

POR A. SANTOS ROCHA

Dando noticia dos vestigios romanos que temos encontrado no valle inferior do Mondego, dissémos que por debaixo do pavimento de mozaico do edificio romano, que existia no sitio da capella de Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, apparecera uma sepultura ligeiramente trapezoidal, feita com lages brutas, igual ás da necropole lusitana da Granja do Ulmeiro; e que o proprietario do terreno nos contara que pelo lado do O da capella havia tambem encontrado, a certa profundidade, oito sepulturas abobadadas, feitas com tijolo e argamassa, onde os esqueletos tinham os braços estendidos perpendicularmente ao tronco, formando com este uma cruz. [4]

A primeira sepultura foi examinada por nós; e por isso não ha duvida sobre sua fórma, estructura e situação. Das outras, mencionadas pelo proprietario, não pode dizer-se outro tanto. Este declarou-nos ha poucos mezes que apenas encontrara umas sepulturas em fórma de caixas rectangulares, feitas com tijolos grandes, uns postos horisontalmente no fundo, sobre os quaes estavam estendidos os esqueletos com os braços ao longo do tronco, e outros postos de cutello, formando os quatro lados, todas cobertas com lages brutas! Tambem nos mostrou alguns d'esses tijolos, que reconhecemos serem romanos.

Aceitando esta segunda versão como sendo a mais proxima da verdade, porque nos foi communicada expontaneamente no local a proposito das sepulturas agora descobertas, e sem que nós tivessemos mostrado o menor interesse em semelhantes informações, e tambem porque essa versão é a que melhor se combina com o exemplar de sepultura que, em nivel approximadamente igual, apparecera a alguns passos de distancia, debaixo do edificio romano, temos uma necropole semelhante á de Ferrestello, em que ha sepulturas de lages brutas e outras de tijolos

[1] *La Tène*, pag. 49.

[2] *Renseignements sur une ancienne nécropole á Marzabotto*, pag. 15 e 19.

[3] «*Sur la trouvaille de Vimose en Fionie*» do snr. ENGELHARD, pag. 104-105.

[4] Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 247 e 248.

ou telhas de rebordo, e cobertas por lages brutas ou conjunctamente por estas e por pedaços de telha e de tijolo. Esta semelhança é muito importante para fixar a antiguidade das sepulturas de Ferrestello, pois que a sepultura de lages brutas da Senhora do Desterro é manifestamente anterior ao edificio romano que sobre ella foi construido, e as moedas romanas que alli se teem recolhido alcançam Claudio II, isto é, os annos 268-270.

Estudando duas necropoles luso-romanas do Algarve, que attribuimos a escravos indigenas, e comparando-as com as que foram estudadas pelo fallecido Francisco de Paula e Oliveira, nas visinhanças de Cascaes, e que elle tambem attribue á população autochtone do paiz, e ainda com as do valle inferior do Mondego, tinhamos notado que as sepulturas d'estas ultimas differiam bastante das algarvias, pois que as da necropole de Maratéca (Lagos) e algumas da necropole de Marim (Olhão) consistiam em simples fossas abertas no terreno, e nas restantes de Marim as fossas eram revestidas interiormente com pedra, tijolo e argamassa, [1] mas que todas pertenciam á epocha do dominio romano; [2] que as necropoles do valle do Mondego, como as das visinhanças de Cascaes em que as sepulturas são de lages brutas, deviam ser as mais antigas; e que a de Maratéca, uma das necropoles de Murchas e algumas sepulturas de Marim, em que apparecem simples fossas abertas no terreno e cobertas com lages brutas, deviam de ser posteriores a todas as outras. [3] Entretanto admittimos que na necropole gallo-romana de Poitiers, que serviu até ao 3.º seculo da nossa era, appareceram simples fossas cobertas com lages, como em Maratéca, e associadas a sepulturas revestidas com paredes de tijolo, como em Marim. [4]

O que nos levava a reputar mais antigas as sepulturas de lages brutas era a convicção de que derivavam do cisto pre-historico, emquanto a simples fossa representava já um uso romano, bem manifestado nas duas necropoles algarvias.

Por outro lado a necropole de Ferrestello, em que essas sepulturas existiam, e onde foram soffrendo modificação no material empregado, substituindo-se as telhas romanas ás lages brutas, era visinha de Santa Olaya, onde existiu um castro lusitano da epocha romana. Parecia-nos que essas toscas sepulturas, que não estavam nos usos romanos, pertenciam á população do castro, que, assim como adoptara nos usos domesticos os productos da industria romana, applicara as telhas de rebordo ás sepulturas, conservando aliás n'estas a sua fórma primitiva.

Emfim nós tambem tinhamos notado que nas necropoles exploradas pelo snr. B. Reber na Suissa, as sepulturas eram feitas com lages brutas, e que este homem de sciencia, attribuindo-as á população indigena, reputava uma parte d'ellas anterior á influencia romana. [5]

Agora uma nova descoberta na Senhora do Desterro poderá talvez fazer duvidar da exactidão d'estas observações. Á sepultura de lages brutas, que nós examinamos, e ás sepulturas de tijolos de que nos deu noticia o proprietario, vem ajuntar-se a simples fossa aberta no terreno e coberta com lages brutas. Pertencerão todas á mesma necropole? O ultimo typo de sepultura foi encontrado a alguns metros de distancia da sepultura de lages brutas, e não havia vestigios de estar, como esta, debaixo da construcção romana.

Entretanto, se todos pertenciam á mesma necropole, temos reunido o typo reputado mais antigo com o que suppomos introduzido pela influencia romana, dando logar a que se pense que todos estiveram simultaneamente em uso.

Seria com effeito assim? A sepultura de lages brutas d'Alcoutão, de Ferrestello, da Granja do Olmeiro e do proprio logar da Senhora do Desterro será contemporanea da simples fossa? A nosso vêr a primeira estava em uso entre os indigenas, que habitavam o sitio de Montemór, antes da obra romana; e com o decorrer do tempo, continuando a inhumar os mortos no terreno contiguo a esta, foram modificando as sepulturas com o emprego de tijolos, até que adoptaram a fossa. Um facto vem confirmar que esta ultima é menos antiga. No seio do entulho, que cobria

---

[1] Vej. as nossas *Memorias sobre a antiguidade*, pag. 168 e seg., e 218 e seg.
[2] *Ibid.*, pag. 222 e seg.
[3] *Ibid.*, pag. 225 e seg.
[4] *Ibid.*, pag. 228-229.
[5] *Ibid.*, pag. 220 e 224.

uma das fossas, recolheu o proprietario uma moeda de Diocleciano, que pertence aos fins do 3.º seculo ou principios do 4.º da nossa era.

As sepulturas novamente descobertas são duas. Um fosso aberto no saibro do sub-solo, seguindo o rumo de NO a SE, continha dois esqueletos em linha, ambos com a cabeça para o lado do NO, como em Ferrestello, e tendo um d'elles o craneo junto dos pés do outro. As lages brutas que cobriam o fosso eram de calcareo e não tinham vestigios de argamassa. Ambos os esqueletos estavam estendidos sobre as costas, com os braços ao longo do tronco, mas tendo o do NO a mão esquerda sobre os illiacos. Este mesmo esqueleto tinha a cabeça inclinada para o lado direito e o maxillar inferior descaído, e a perna esquerda ligeiramente dobrada e tocando a direita na altura do joelho. Seria alguma disposição semelhante nos ossos das sepulturas d'uma das necropoles de Murches que fez com que o fallecido Paula e Oliveira dissesse que os esqueletos alli jaziam inclinados sobre o lado direito? Nós não sabemos. A cabeça do outro esqueleto tinha soffrido maior deslocação. Estava assente sobre a base do craneo. No entulho que cobria estas sepulturas notamos a presença de fragmentos de telha de rebordo.

Dos ossos só aproveitamos um femur, uma tibia e um craneo fragmentado; mas tinhamos a calote craneana recolhida na sepultura de lages brutas. Estas peças foram estudadas pelos nossos consocios snrs. Ricardo Severo e Fonseca Cardoso.

Observações sobre os restos humanos da Necropole de Nossa Senhora do Desterro

POR

Ricardo Severo e Fonseca Cardoso

Os restos humanos que foram encontrados n'esta Necropole, expostos no Museu Municipal da Figueira, são em pequeno numero e em tal estado de fragmentação, que sobre elles difficilmente se poderá organisar monographia anthropologica. Não são bastantes estes materiaes; teem, entretanto, algum merecimento, se bem que reduzido, como factos isolados, e n'estas circumstancias permittem observações parciaes, a valorisar e aproveitar mais ao deante, quando se houver adquirido maior somma de material.

Não obstante, do que encontramos e podémos observar daremos nota: são apontamentos que ficam archivados para a seu tempo tomarem logar na respectiva serie.

Do nosso livro de *Registo craneologico descriptivo* extractamos como curiosidade o inventario das peças em questão e subsequentes indicações e medidas.

Proveniente d'esta Necropole temos as seguintes peças osteologicas:

a) Um craneo adulto, sexo incerto; foi restaurado, conservando apenas a calote e faltando uma parte do frontal, parietal e temporal esquerdo; pode apenas aproveitar-se a linha antero-posterior.

b) Um craneo adulto, sexo incerto; conserva apenas a calote fendida nos parietaes e com o temporal direito.

c) Um femur e uma tibia completos e varios outros fragmentos de ossos longos.

Do aspecto e caracteres de taes peças podemos desde já concluir evidentes analogias com as da Necropole de Ferrestello, tambem explorada pelo dr. Santos Rocha; esta coincidencia, dando-n'os d'esses povos impressão de harmonia e homogeneidade é já interessante sob o ponto de vista palethnologico.

Craneo. — A linha de perfil *(norma lateralis)* mostra-nos a glabella medianamente accentuada — n.º 2, *Instruc. cran.* de Broca — a que se segue um frontal curto, fugidio até ao bregma, aplanando-se a linha na primeira metade da sutura sagittal e cahindo depois obliquamente, de fórma a tornar saliente o occiput. O aspecto do primeiro craneo e o indice cephalico do segundo — 70.3 approximadamente — indicam a extrema dolichocephalia d'estes craneos, caracter que os approxima dos de Ferrestello, nos quaes foram encontrados os indices de 70.8 e 74.6, ou seja o indice medio de 72.8. Estamos pois, por taes indicios, em presença de uma população dolichocephala e, conforme o proprio aspecto, com certa hypsicephalia.

Nada mais poderemos adeantar á classificação ou confronto d'estas peças visto que, apenas com a determinação do indice cephalico e sem outros dados indispensaveis, o problema é sempre de solução hypothetica ou impossivel.

Mandibula. — Dos caracteres que apresentam as duas mandibulas, apenas se deduz que são peças solidas e macissas, que teem o mento accusado e prognatismo accentuado — n.º III do quadro de Topinard, (*Éléments de Anthrop*, pag. 892).

Ossos longos. — Pertenceram-as diminutas peças que possuimos a individuos adultos de apparente robustez. O Femur tem de notavel a *linha aspera* saliente, *curvatura* muito accentuada e accusada platymeria. A Tibia é um tanto platycnemica Tanto n'estes caracteres do femur e da tibia, como no aspecto especial de cada peça ha proporções e harmonia.

Indicam estes ossos uma estatura mediana baixa que o calculo feito, conforme o processo de Manouvrier, vem confirmar, obtendo para estatura media 1.628.

Nada haveria que concluir, consoante fizemos notar, d'este numero insufficiente de elementos. Ha simplesmente a archivar que, as poucas peças da Necropole de Nossa Senhora do Desterro accusam a presença de individuos de estatura mediana baixa, dolichocephalos, hypsicephalos e prognathas, cujo typo nos parece generalisar-se á estação de Ferrestello.

Esperemos que, pela acquisição de outras peças osteologicas em melhor estado de conservação, provenientes de estações contemporaneas d'estas, se constitua material para um estudo completo e rigoroso sobre a população luso-romana do Valle da Figueira. Conscienciosamente, n'este caso, cumpre-nos limitar o trabalho a estas simples notas, apresentando a seguir o quadro das medições realisadas.

Necropole de Nossa Senhora do Desterro. — Quadro das medidas osteometricas

CRANEOS

NOMENCLATURA	N.º 1 I	N.º 2 I
Diametro antero-posterior maximo	178	185
Diametro antero-posterior metopico	—	183
Diametro transverso maximo	—	130?
Curva antero-posterior — Frontal	125	—
Curva antero-posterior — Parietal	124	—
Curva antero-posterior — Occipital	135	—
Circumferencia horisontal	510?	—
Indice cephalico	—	70.3?

MANDIBULAS

NOMENCLATURA	N.º 1	N.º 2
Larguras — Bigoniaca	90	87
Larguras — Bicondyliana	96	—
Ramo posterior — Altura	62	—
Ramo posterior — Largura	25	—
Angulos — Goniaco	127º	127º
Angulos — Symphisiario	67º,5	75º

OSSOS LONGOS

NOMENCLATURA	FEMUR	TIBIA
	435 + 2	356 + 2
Comprimento maximo	437	358
Grossura	87	66
Indice de grossura	20.0	18,5
Estatura cadaverica	1m.649	1.647
Estatura media cadaverica dos 2 ossos = 1.648 — 0,02. Estatura	1.628	

Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena

POR A. SANTOS ROCHA

Apresentação da «Nota sobre uma lapide sepulchral de Zalamea de la Serena» do socio sr. D. Francisco de Sales Franco y Lozano

Tenho a honra de apresentar-vos uma communicação que o nosso consocio sr. D. Francisco de Sales Franco y Lozano se dignou enviar-me em fevereiro ultimo.

Este trabalho do illustrado director do instituto d'ensino secundario de Badajoz offerece á sciencia mais um dado interessante para a restauração historica da localidade de Zalamea de la Serena. É uma inscripção romana alli encontrada recentemente em excavações mineiras. Como elle exprimiu afinal o desejo de ser ouvido sobre este monumento epigraphico o redactor do *Archeologo Portuguez*, enviei copia textual ao nosso consocio snr. dr. José Leite de Vasconcellos, que me respondeu o seguinte:

«A inscripção, se está bem copiada, deve interpretar-se assim:

. . . . . .

AN·CXXX [LXXX?]

. . . . . .

AN·XC·H·S·S·S·V·T·L

«Como se vê da formula final, trata-se de mais de um morto, por isso interpreto INXC da sua copia por AN·XC, isto é, *an* (norum) XC. Comquanto haja exemplos epigraphicos (vid. *O Archeol.*, II, 127) de mortos de mais de 130 annos, é provavel que o CXXX da sua copia deva ler-se LXXX. Logo haviamos de ter aqui dois macrobios, um de 130 annos, e outro de 90? Em resumo:

«*Fulano ou fulana, de 130 (*ou *antes 80) annos de idade, e fulano ou fulana, de 90 annos de idade, estão aqui sepultados. A terra vos seja leve.*

. . . . . *an (norum)* CXXX [ou LXXX] . . . . . *an* [*norum*] XC, *h (ic) s (iti) s (unt) S (it) v (obis) t (erra) l (evis).*»

Será esta inscripção proveniente da Ilipa dos romanos? O snr. Franco y Lozano identifica esta cidade com a *Zalamea de la Serena;* mas eu tenho duvidas que devo expôr lealmente, sem que nada perca do seu valor a noticia com que o nosso consocio veio honrar os nossos humildes trabalhos.

A antiga Ilipa, que Plinio nos diz que tambem se denominava Ilia, [1] era uma cidade da Turdetania, que Estrabão colloca sobre o Baetis, hoje Guadalquivir, no meio d'uma região rica em prata, a 700 estadios (129 $^1/_2$ kilometros) do mar, e em logar accessivel a navios de pequeno lote. [2]

A povoação de Zalamea de la Serena está a O de Cartuera, muito longe d'aquella região, junto a um tributario do antigo Ana, hoje Guadiana. A não ser que em Hespanha houvesse duas povoações com o nome de Ilipa, eu não posso confundir a do geographo grego com a que as descobertas archeologicas teem assignalado em Zalamea.

Segue a communicação do snr. Lozano:

Excmo. Snr.

En la provincia de Badajoz, y al O. de la ciudad de Castuera, existe una villa renombrada antiguamente entre los romanos, «Ilipa», que en los actuales tiempos se denomina «Zalamea de la Serena», immortalizada en la escena española por el drama de Calderon de la Barca, que lleva por titulo «El Alcalde de Zalamea», expresion acentuada de los sentimientos monarquicos de su egregio autor.

Centro abundante de antigüedades ha sido la villa de Zalamea, según nos demuestra su historiador Romano de Vargas, continuado por el sr. Perez y Gimenez, quien nos ha dado á conocer una selecta colección epigraphica, referente a familias romanas establecidas en la mencionada villa

---

[1] *Hist. Nat.*, III, 3, 7.

[2] *Geogr.*, t. 1.º, pag. 230, 231 e 287, trad. de Tardieu.

cuyo caudal de inscripciones aparece consignado en la obra monumental de Hübner, siendo sensible que por mediacion extrangera se vulgarice em España el tesoro selecto de lo que hoy constituye un apreciadisimo venero de datos para ilustrar la historia de nuestro pueblo, ála cual contribuyen las pequeñas Monografias de localidades, comenzadas con tan felices auspicios en las villas de Hornachos y de Aznaga, á las que seguirá, según nuestros informes, la de la ciudad fronteriza de «Olivenza», portugueza antes y española hoy; pero en la que se notan las huellas bien marcadas de su antigua incorporacion al reino lusitano.

Trabajos recientes de excavación, practicados en Zalamea con motivo de explotarse unas Minas, hacen aparecer en la superficie, poniendolos al descubierto, restos y fragmentos de lapidas sepulcrales, siendo de sentir que las siglas y caracteres se hallen tan borrosos, lo cual dificulta, ó mejor dicho, convierte en ilegible la leyenda, que debio estar grabada en una piedra de granito de 1,500 m. de largo por 0,60 de ancho, junto á la cual se encontraron como tres sepulcros sin inscripción alguna, considerados en su principio como trojes para guardar el mineral.

Consta la lapida de nueve lineas ou renglones, de los cuales sólo pueden leerse el septimo y el noveno, comprendiendo aquél la leyenda AN.CXXX· y éste INXC·H·S·S·S·V·T·L·

Indudable es, en nuestro sentir que las lineas ilegibles por lo desgastado de los trazos y aristas de las letras debian contener los nombres, quizá la naturaleza y cargo de los individuos que ocupaban los sepulcros: omitimos la transcripcion de los referidos caracteres por las razones arriba expuestas.

Lástima es que una persona versadisima en asuntos epigraficos, como el P. Fita entre nosotros ó cualquiera de los ilustrados redactores de la Revista «O Archeologo Portuguez» no reconstruyera la inscripcion de referencia para resolver talvez un punto relacionado con la historia de las antigüedades romanas en esta provincia.

Badajoz 10 de Febrero de 1899.

FRANCISCO FRANCO Y LOZANO

Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid (Hespanha)

POR PEDRO BELCHIOR DA CRUZ

O nosso consocio snr. D. Francisco Cobes offereceu ao Museu Municipal d'esta cidade uma antiga amphora de barro, proveniente de Valencia del Cid (Hespanha), que merece ser assignalada aos estudiosos. É de barro avermelhado, medindo 0m,58 na sua altura, 0m,24 no diametro da bocca (bordo interno), 0m,31 no maior diametro do bojo e 0m,17 no do pé. Tinha este exemplar duas azas que se levantavam elegantemente no cóllo, e das quaes só uma está inteira.

O desenho que aqui apresentamos dá uma noção exacta da forma d'este vaso.

Nós pensamos que elle não é de fabrico romano, pois, entre as variadissimas fórmas d'amphoras, reconhecidamente romanas, descobertas na Italia e na França, que temos visto desenhadas, nada encontramos que se assemelhe á amphora de que tratamos. Nos poucos typos de amphoras romanas que se teem descoberto em Portugal, tambem se não nota relação alguma com a fórma do nosso vaso.

Fig. 5.

Quanto a nós, semelhante fórma é d'origem grega. O snr. Pottier representa o typo na figura 3.ª das estampas que precedem o seu «Catalogo dos vasos antigos do Louvre»; d'este typo existem muitos exemplares, com diversas modificações na sala K do museu do Louvre, assim como nos museus de Italia, [1] e de que existem algumas photographias no nosso Museu Municipal.

Os italianos chamam a estes vasos *amphoras á mascharoni,* por causa das carrancas que muitas vezes apresentam nas volutas das azas.

O snr. Brizio, porém, classifica como *cratéras* e não *amphoras [crateri a voluta con mascharoni]* os exemplares existentes no Museu Civico de Bolonha. [2]

É certo, no emtanto que todos estes vasos, genuinamente gregos, são primorosamente feitos e ornados com pinturas, ao contrario do exemplar hespanhol. Isto faz-nos duvidar se estaremos realmente em face d'um producto das fabricas da Grecia propriamente dita, se apenas d'uma imitação.

Parece-nos que se trata d'uma imitação, mas fabricada talvez na Italia meridional (a Grande

---

[1] MILANI, *Museu Topografico dell'Etruria,* figs. *a.* pags. 49 e 111; *Nueva Guida Generale del Muzeu Nazionale di Napoli,* pag. 160.

[2] V. *Guia* d'este Museu, pag. 26.

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Grecia dos antigos); e o que nos leva a abraçar esta hypothese é o facto da existencia de vasos similares, de pé campaniforme e sem cobertura alguma de verniz, provenientes de Canosa, existentes no Museu de Napoles, e de que nos foi obsequiosamente mostrado um desenho. [1]

Consta-nos tambem que no museu da fabrica de Sèvres, em S. Cloud, existem amphoras d'este typo, sem cobertura alguma, classificadas como gregas archaicas.

Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

Existe no nosso museu um interessante exemplar dos grandes vasos de barro — *potes* — usados desde tempos immemoriaes em todo o paiz para deposito de azeite, vinho, cereaes, etc.

O pote existente no museu, proveniente de Alandroal (Alemtejo), é de barro vermelho, e mede 1m,40 de altura. Em volta da bôca corre um ornato cordiforme, e no bojo tem em relevo um *sino-saimão* de 8 pontas, em logar de 5 como teem de ordinario estas figuras symbolicas, e a data *1661*, como se vê no desenho junto.

A fórma d'estes grandes potes assimilha-se extraordinariamente á dos *Dolia* romanos, cujo typo evidentemente reprodusem. Os *Dolia* eram, como é sabido, grandes vasos de barro usados pelos gregos e pelos romanos, e destinados a conterem liquidos e cereaes, sendo de taes dimensões alguns d'elles que dentro cabia á vontade um homem.

Fig. 6.

Nas explorações archeologicas feitas ha annos no sud-oeste de Hespanha, (Carthagena — Almeria — Serra de Almagrera) pelos irmãos Siret, em monumentos da primeira edade dos metaes, foram encontrados grandes vasos de barro, d'uma fórma muito approximada áquella de que nos occupamos e que serviam de urnas funerarias. A fim de occuparem menos espaço dobravam as pernas dos cadaveres de fórma a tomarem a posição quasi de cocoras, como se fazia nas inhumações da epocha neolithica.

Estes grandes vasos, de um barro vermelho escuro, eram todos feitos á mão.

No nosso paiz ainda hoje se fabricam d'estes grandes potes em diversas localidades. No districto de Coimbra fazem-se elles desde tempos remotos nas olarias do Carapinhal, Anjos e Espinho, no concelho de Miranda do Côrvo.

As suas grandes dimensões impedem que sejam todos fabricados na roda, onde apenas é feito o fundo e a parte inferior: o resto é fabricado á mão, e o operario vai afeiçoando o barro, collocando uma das mãos na parte externa e outra no interior do vaso, dando-lhe assim a fórma conveniente.

Ha tempos vimos em Miranda do Côrvo um d'estes grandes potes, medindo 1m,70 de altura. Era de barro vermelho, e tinha em relevo no bojo um *sino-saimão*, e a data:

v
1758 de obro

Em volta, e gravado no barro em caracteres italicos um distico de que apenas podiam lér-se estas palavras:

22 dias foram . . . . .

Vê-se pois que se tem conservado no paiz sem alteração, desde muitos seculos, o typo d'estes grandes vasos, ainda hoje de uso vulgar.

---

[1] *Nueva Guida Generale del Muzeu Nazional di Napoli*, pag. 87.

Arcabuzes de serpe e morrão

POR PEDRO BELCHIOR DA CRUZ

As primeiras armas de fogo portateis que appareceram na Europa, datam, como é sabido, dos meados do seculo XIV. Eram chamadas «colubrinas» ou «canhões de mão», e consistiam n'um tubo, ordinariamente de ferro forjado, que descançava n'uma especie de cavallete e ao qual se dava fogo com um morrão ou mecha applicada ao ouvido, situado na parte de cima do tubo.

Este engenho, por ser muito pesado e necessitar do serviço de dois homens, foi modificado pouco depois, adaptando-lhe primeiramente uma especie de forquilha para descançar, e ligando mais tarde o tubo a uma peça de madeira, mais ou menos grosseira, podendo já ser manejada a arma só pelo atirador que a segurava com a mão esquerda, emquanto que, com a direita, dava fogo. A esta arma se deu o nome de «arcabuz».

Pelos fins do seculo XV, apparece já esta arma de fogo com uma coronha, podendo o atirador melhor visar o alvo, e tendo o ouvido, não na parte superior do tubo, como até então, mas ao lado direito.

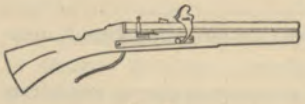


Fig. 7.

O manejo, porém, d'estas rudes armas de fogo era muito moroso, e talvez mais perigoso para o atirador do que para o proprio inimigo.

No primeiro quartel do seculo XVI, apparece uma profunda modificação nos arcabuzes, modificação que a maioria dos auctores attribue aos hespanhoes. Essa modificação é a que se vê em tres exemplares, que ha na secção d'Archeologia historica do nosso Museu Municipal, vindas de Coimbra, do Museu da Universidade (fig. 7).

Consiste essa modificação (fig. 8), em que o morrão, que até alli o atirador tinha que approximar com a mão direita do ouvido da arma, é levado á «caçoleta» onde estava a polvora fina, «polverim», da escorva, por meio d'uma peça de ferro, curva, chamada «serpe», que tinha uma especie de tenazes com que o segurava. A serpe baixava-se sobre a caçoleta por meio d'uma alavanca, especie de gatilho, que o atirador apertava d'encontro ao arcabuz, a qual uma móla fazia voltar á primitiva posição, logo que deixasse de ser comprimida.

A caçoleta tinha uma peça que a cobria, afim de evitar que a humidade inutilisasse a polvora da escorva.

Quando o atirador queria fazer uso do arcabuz, abria a caçoleta, «compassava» a mécha, isto é, dava-lhe o comprimento sufficiente para chegar á caçoleta, apertava o gatilho, e o tiro partia.

Não obstante esta arma estar ainda bem longe das espingardas aperfeiçoadissimas dos nossos dias, a modificação que acabamos de descrever era já um grande progresso, pois que este arcabuz era a primeira arma de fogo portatil em que se podia fazer já bem a pontaria.

Os exemplares do nosso Museu, teem o cano d'um metro de comprimento, oitavado exteriormente e as coronhas bastante grosseiras em relação aos canos, parecendo que estes foram posteriormente adaptados, por motivo d'urgencia, ás coronhas que, certamente, não são as primitivas.

Quanto á sua proveniencia nada podemos dizer, nem tão pouco conjecturar. Em Coimbra, onde ha muitos exemplares eguaes, diz-se que estes arcabuzes serviram no Cerco de Diu, em 1546. Comquanto nada haja em que se funde esta lenda, não nos repugna que estas armas sejam de origem oriental, já porque as coronhas affectam a forma das espingardas arabes, já porque, conforme nos diz o dr. Sousa Viterbo, [1] nós possuiamos no seculo XVI um arsenal em Gôa, onde se fabricavam armas de fogo, tanto de grosso calibre, como portateis; além d'isso, Affonso d'Albuquerque, nas cartas que dirigiu a el-rei D. Manoel, falla dos «espingardões», que os rumes e outros fabricavam, e que nada deixavam a desejar aos da Bohemia, d'onde n'aquelle tempo se forneciam as diversas nações europeias. Elle mesmo enviou ao monarcha exemplares d'essas armas, exemplares cujo destino se ignora.

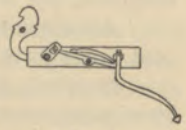


Fig. 8.

[1] *Artes e Artistas em Portugal.* Lisboa, 1892.

Ha, porém, um facto que, a nosso vêr, póde influir na classificação chronologica dos exemplares de que nos occupamos. Os auctores que consultamos dizem-nos que os arcabuzes não tinham mira, e nos desenhos, que examinamos, d'armas d'este genero, tambem a não vimos. É, pois, muito possivel que estas armas sejam muito mais modernas, embora ainda d'aquelle systema; e tal facto não deve causar extranheza, porque Auguste Demmin, no seu livro «Guide des Amateurs d'armes», Paris, 1869, diz-nos que os «marattas» da India usavam ainda, no tempo em que elle escrevia, arcabuzes de serpe e morrão, que os europeus alli tinham introduzido no seculo XVI, na maior parte dos quaes a serpe tinha a fórma da cabeça d'um dragão.

Amulêtos do concelho da Figueira

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

N'uma interessante communicação apresentada na ultima sessão plenaria d'esta Sociedade, fez o nosso intelligente consocio snr. Goltz de Carvalho, o catalogo dos amulêtos ainda hoje usados na freguezia de Buarcos, classificando-os nos seguintes grupos:

Amulêtos protectores; amulêtos medicinaes; amulêtos reveladores; amulêtos coactivos; amulêtos maleficos.

Os amulêtos usados n'aquella povoação são por assim dizer os mesmos que se encontram nas outras povoações do concelho, e até mesmo no resto do paiz, por isso pouco teremos que accrescentar á lista apresentada pelo snr. Goltz.

A crença nos amulêtos é universal; pelo menos encontram-se vestigios d'ella em todo o mundo desde os tempos pre-historicos, pois que o uso dos amulêtos está perfeitamente constatado desde a epocha neolithica, não podendo pelo menos attribuir-se outro emprego a certos objectos que se tem encontrado na exploração de diversos monumentos d'estas distantes eras. Ha entre outros um que apparece com frequencia, e ao qual os nossos antepassados da edade da pedra ligavam por certo grande importancia — era o *amulêto craneano* — consistindo no fragmento de craneo de fórma circular, extrahido do cadaver de qualquer individuo que tivesse soffrido em vida a trepanação.

Nos tempos historicos, é do Oriente que nos veem as primeiras noticias do uso dos amulêtos. Os antigos persas tinham arreigada crença n'elles: foram celebres na antiguidade os amulêtos de pedras preciosas fabricados em Babylonia, e no Egypto o seu uso era geral, apparecendo ainda hoje grande variedade d'elles nas explorações archeologicas feitas nos templos e outros monumentos d'aquelle antiquissimo paiz, e que hoje enriquecem os museus e as collecções particulares.

Os hebreus possuiam tambem grande numero de amulêtos, e são frequentes na Biblia as allusões ao seu uso, condemnado pelos seus legisladores e prophetas.

Os gregos e os romanos herdaram dos povos orientaes a crença nos amulêtos, crença que em breve se espalhou por toda a Europa.

Os christãos não foram tambem superiores a esta superstição, apesar das determinações em contrario dos concilios, e dos esforços do clero dos primeiros tempos do christianismo que combateram sem treguas esta absurda crença. Para transigirem um pouco com ella, consentiam que os christãos substituissem os amulêtos por imagens symbolicas, e medalhas com inscripções religiosas, que se usavam pendentes do pescoço.

Actualmente a crença nos amulêtos ainda se conserva viva entre o povo, e ha mesmo pessoas d'uma certa cultura intellectual que não podem ser superiores ao seu influxo tradicional.

Seguindo, para maior claresa, a classificação do snr. Goltz, encontramos no numero dos amulêtos protectores, além da *Figa — Sino-Saimão — Meia lua — Chavelho — Ferradura — Chave de ferro ou de aço — Moeda de 3 vintens — Pedra de raio* ou *corisco (ceraunias) — Coração, cruz e ancora — Nós de tres quinas*, notados e descriptos na sua communicação, mais os seguintes:

AS ARRELICAS, amuleto composto de uma *imagem da Virgem*, um ornato em fórma de *corda*, um *sino-saimão*, um *coração*, uma *chave* e uma *figa*, tudo disposto em fórma quasi sempre de meia lua, e ordinariamente de prata.

O BUSIO, um pequeno busio furado, e suspenso a um cordão, juntamente com o *sino-saimão*, a *meia lua* e a *figa*. É usado principalmente pelas creanças, para as livrar do quebranto.

Além dos *amulêtos medicinaes* citados pelo snr. Goltz, encontramos mais os seguintes:

Canudo de azougue, amulêto contra a erysipela. Consiste n'um pequeno tubo de prata, cheio de mercurio, preso por uma argola, e que se usa pendente do pescoço por um cordão.

Pedra de parar o sangue. É crença que a *agatha* ou a *sanguinea*, fazem estancar qualquer fluxo de sangue, e por isso quando as creanças deitam com frequencia sangue pelo nariz, deve pôr-se-lhes ao pescoço qualquer d'estas pedras. É tambem remedio infallivel n'estes casos pôr nas costas do doente uma cruz feita de bunho ou de palha, ou então duas facas em cruz.

Armamento. Curioso amulêto composto de *sino-saimão, meia lua* e *coração;* deve ser de ferro ou aço, e traz-se ao pescoço para preservar dos *ataques epilepticos.*

Olho de corvina, engastado em um annel, ou pendente do pescoço por um cordão, um olho d'aquelle peixe é remedio efficaz contra as dores de cabeça.

Dente de cão. — Contra as dores de dentes usa-se um dente de cão furado, e pendurado ao pescoço por um cordão. A mesma virtude dizem ter o *dente de lobo.*

As contas de azeviche, são tambem muito uteis para livrar de qualquer doença, devendo usar-se pelo menos uma, juntamente com os outros amulêtos.

Gosa tambem de grande fama entre o povo a mysteriosa pedra de andorinha, que cura todas as doenças de olhos. Acredita-se que, quando algum d'esses passarinhos céga, enfermidade a que estão muito sujeitos, a andorinha-mãe vae buscar uma pedrinha com que lhe esfrega os olhos, restituindo-lhe logo a vista, e deixando depois a pedra no ninho. Quem encontrar esta pedra, tem um remedio infallivel para todas as doenças de olhos, ainda as mais graves.

E' egualmente remedio efficaz contra o rheumatismo o trazer sempre uma batata no bolso.

Embora não tenham precisamente o caracter de amulêtos, relacionam-se com o seu emprego as seguintes praticas supersticiosas:

Quando alguem é atacado de qualquer erupção de pelle, deve vestir, se é homem, uma camisa enxovalhada de mulher, se é mulher uma camisa de homem nas mesmas condições.

Para curar as dores no pescoço, deve-se-lhe enrolar em volta uma meia de mulher, que ella tenha trazido no pé esquerdo, e esteja ainda quente.

Sobre outras superstições curiosas do concelho, apresentaremos n'uma das proximas sessões uma communicação.

Delimitação das antigas villas de Buarcos e dos Redondos

por Augusto Goltz de Carvalho

Buarcos compunha-se antes de 1792 de duas pequenas villas — Buarcos e Redondos. Não distava uma da outra mais que a largura das estreitas ruas que as delimitavam. A delimitação começava, do lado oriental, pelo Cabo da Villa ou largo da Alegria, antigamente largo do Jardim, por ter alli existido o jardim do palacio de S. Miguel, propriedade do duque de Cadaval, donatario; e, partindo do Cabo da Villa, seguia a delimitação até ao cimo da rua do Marco, onde estava a pedra que deu o nome á rua. A linha divisoria continuava d'este marco para o poente, seguindo pelo Barreiro, ruas de S. Francisco, Misericordia, Botaréo, até defrontar com a estrada do Rio, tomando d'este logar em diante para o sul em direcção a outro marco que está sobre a muralha e tem uma cruz na face que olha para o poente, indicando que para esse lado ficava a villa dos Redondos.

Contornavam Buarcos por todos os lados Redondos e o mar, de fórma que Buarcos não tinha terra nem termo, como diz o seu foral de 1516: comtudo a egreja de S. Julião da Figueira, até ao fim do seculo xv, foi orago de Buarcos e de Buarcos se chamavam a foz do Mondego e a alfandega sita na Figueira. A um kilometro de distancia de Buarcos para o poente ha um terreno conhecido pelo nome de Emide onde, segundo a tradição, consta ter havido uma povoação, que abandonou aquelle sitio para ir estabelecer-se em Buarcos. Os vestigios das habitações e a ceramica de differentes epochas, mais ou menos remotas, attestam a existencia do povoado que no seculo xii se chamou Eymede passando depois a Redondos. [1]

---

[1] *Historia genealogica da casa real portuguesa*, tom. iv, cap. ii, pag. 15.

LAGAR DE MOUROS

Reclinada pittorescamente nos montes e collinas que bordam a margem direita do *Mendes*, a freguezia amarantina de Gondar a quem sobejam fidalgas tradições e vetustos pergaminhos, estadea a ossatura granitica ao sol brilhante do meio-dia. Pelo pendor dos montes fortemente ravinados em virtude da acção erosiva das chuvas pouzam os casaes da freguezia, espreitando d'entre a folhagem vecejante das larangeiras e dos parreiraes os cerros do altivo Marão que ao longe, a sudeste, se esbate n'uma grande mancha côr de perola.

E' ali a quinta da *Sahida*, franjada cá em baixo de complicada renda de penedos, que o rio vae corroendo — irritado no estreito alveo de calhaus rolados. A cavalleiro da quinta fica o *Lagar de Mouros*. E' um extranho conjuncto de insculpturas em nativa mámoa granitica, que constituem um interessante problema da archeologia indigena. Em area circumjacente de apoucado raio assenta um *castro;* descobriram-se algumas sepulturas por incineração; acharam-se vasos de galba luso-romana. Ha por ali tradições vagas de mouros, lendas de cousas encantadas; e cobre o enygmatico monumento a fama de ser obra da *mourama*...

Estudemol-o minudentemente.

Os graphicos juntos, devidos á competencia do distincto professor official Miguel Coimbra, illustram bem a descripção.

São componentes do *Lagar*:

a) Quatro taboleiros esmeradamente cavados na rocha; os dois do centro trapezoidaes, os exteriores de fórma irregular, semelhantes entre si, mas de dimensões differentes. Alinhados lado a lado na direcção SE., separam-nos interiormente paredes baixas, que foram reservadas na pedra quando se insculpturaram os taboleiros. (Vide corte *a b* na fig. juncta).

Parece-me não dever impressionar-nos a pequena elevação de todas as paredes que seccionam o monumento; os mysteriosos artifices, que em tão acurado labor talharam a rocha, deviam ter-lhes dado maior altura. Mas a acção mechanica e chimica das aguas meteoricas e dos outros agentes atmospfericos, e o perpassar de numerosas gerações durante longos seculos, tiveram inevitavelmente effeitos erodentes sobre o granito.

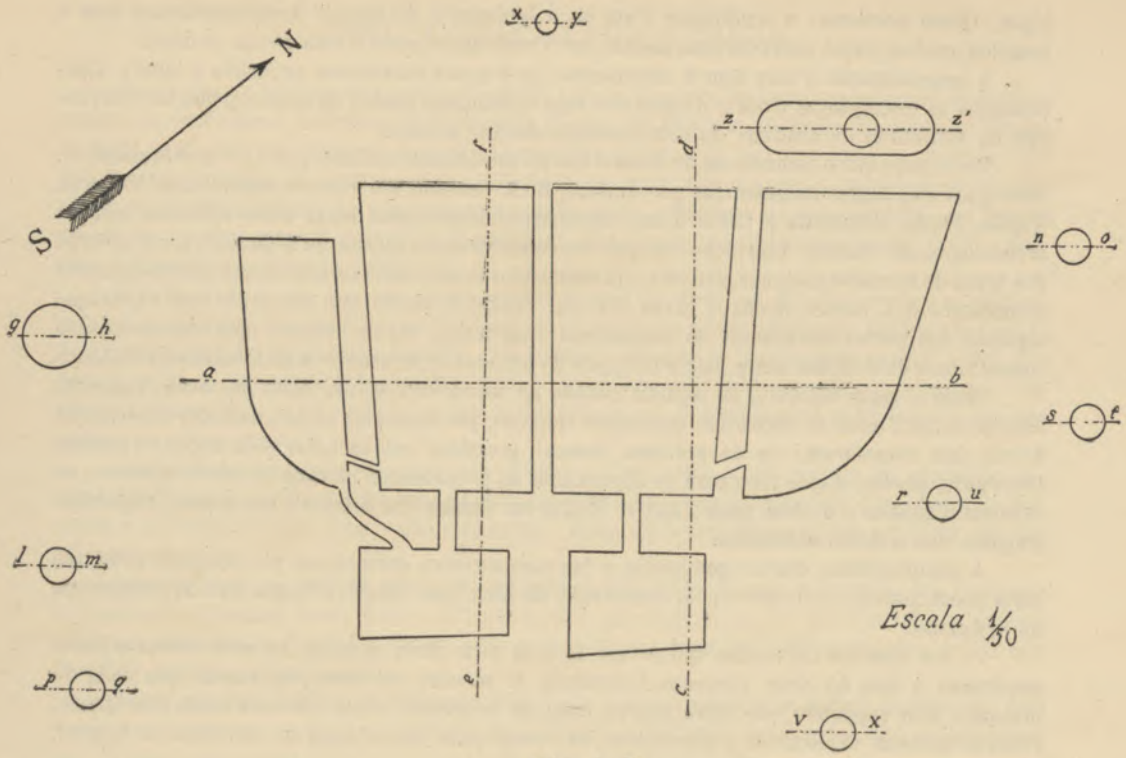
Os taboleiros lateraes communicam respectivamente com os centraes por uns rasgos feitos nas paredes que entre si os extremam, e teem para estes sensivel inclinação como se vê no córte *a b*. Dá-se, porém, a singularidade de ter o taboleiro da esquerda outro rasgo, de modo que um liquido derramado n'elle se escoaria simultaneamente para o correspondente taboleiro central e para uma das seguintes:

b) duas cubas de projecção trapezoidal, abertas na mesma rocha em nivel inferior ao leito dos taboleiros e cujo fundo é sensivelmente concavo. (Vide cortes *c d* e *e f*). Com estas lagarêtas communicam directamente por meio de rasgos tres dos taboleiros cujos leitos se inclinam para ellas; e indirectamente o taboleiro da direita. Nas duas tinas, pois, viriam afinal reunir-se os liquidos lançados nos taboleiros, sem que no emtanto se misturassem nunca em qualquer d'ellas senão os espargidos nos dous taboleiros correspondentes.

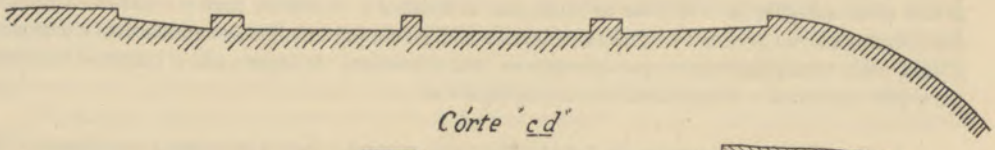
c) Nove orificios abertos no penedo formam como que um collar em torno do monumento; quasi todos circulares e de profundidades e diametros variaveis, estão dispostos segundo uma linha quebrada. Um d'elles, ao norte dos taboleiros, abre-se no fundo d'uma cavidade, cuja projecção dá um rectangulo com os lados menores substituidos por semi-circulos.

Não me enredarei em outros pormenores descriptivos de dimensões e fórmas. A simples inspecção da planta e dos córtes elucidará melhor que a mais detalhada descripção.

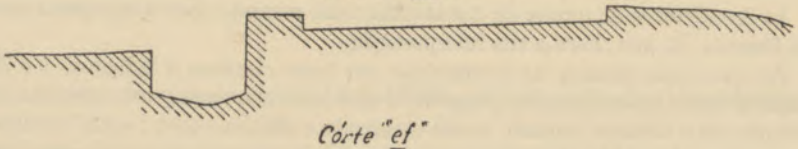
Que prestimo teria tão acabado trabalho, a que parece não dever regatear-se remota antiguidade? Teria o monumento um destino cultual ou seria apenas o modesto auxiliar d'uma industria agricola da região? Deante d'elle ouvi citar por pessoa illustrada a archeologica Panoias, como que pretendendo identificar estas com as insculpturas para sacrificios religiosos da celebre estação transmontana. A um rude camponez ouvi attribuir-lhes mais chãmente o papel de simples



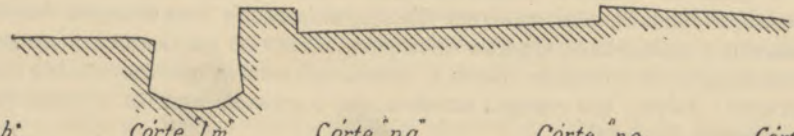
Córte "ab"



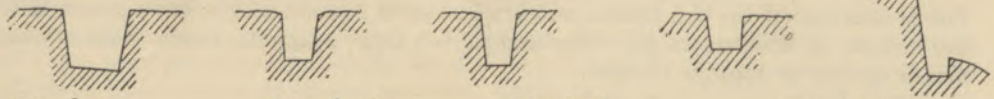
Córte "cd"



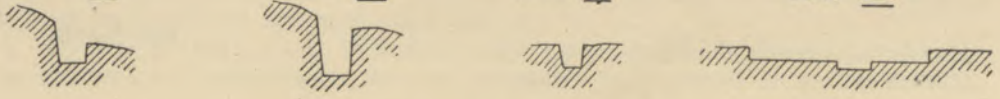
Córte "ef"



Córte "gh" Córte "lm" Córte "pq" Córte "no" Córte "st"



Córte "ru" Córte "vx" Córte "xy" Córte "z z"



LAGAR DE MOUROS

lagar. Quem acertaria: o eruditismo d'um ou a ignorancia do outro? Aparceiramo-nos com o humilde rustico, cujas palavras bem podem ser o echo amortecido d'uma antiga tradição.

A approximação d'este com o monumento de Panoias parece-nos arriscada e infeliz. Confrontadas as insculpturas d'um e d'outro não vejo sufficientes pontos de contacto, que nos convençam da similitude de destinos, da communidade de fins praticos.

Reconheço que o monumento de Gondar não foi servilmente moldado pelos *torcularia* classicos, descriptos com tantas minudencias por Anthony Rich, fundado nos valiosos subsidios de Vitruvio, Varrão, Plinio, Columella e Catão e nas informações ministradas pelas excavações da estação archeologica de *Stabiae*. Convenho em que nos componentes e mesmo na disposição geral diverge dos typos do *torculum* indigena, primitivo, já conhecidos pelos trabalhos conscienciosos dos illustres archeologos drs. Santos Rocha e Alves Pereira. Confesso emfim que não teem facil explicação algumas das partes integrantes do monumento amarantino. Ha no emtanto uma impressionante concordancia de detalhes entre este e os typos do *torcular* de Bensafrim e do *torcularium stabiano*.

Como o lagar algarvio, foi aquelle cavado na rocha viva e tem, além das *ariae*, lagarêtas inferiores, para onde se escoariam quaesquer liquidos, por exemplo: os provenientes dos bagaços d'uvas *(pes vinacearum)* ou da azeitona *(samsa)*, premidos sob os *orbes* pela acção do *prelum*. Divergiria, porém, d'este typo para se approximar do *gragnaniano* na multiplicidade d'*ariae* e no systema d'appoiar o *prelum*, para o que se usaria em Gondar das *arbores* e dos *stipites*, especados n'alguns dos orificios descriptos.

A complexidade d'*ariae* geminadas é um caracteristico embaraçoso por original; pode, até certo ponto, porém, explicar-se pela observação de Rich com relação á dupla *area* do *torcularium* de Gragnano:

...«et contient un moulin qui écrase le fruit pour deux presses, *un seul moulin suffisant amplement à tous les deux*, parceque l'opération de moudre est bien plus rapide que celle de presser». Isto suppondo que entre nós se usou do *trapetum*, o que não está ainda averiguado. Poderia tambem explicar-se a pluralidade das *areae* pelo duplo papel do *torculum* de Gondar, simultaneamente *vinarium* e *olearium*.

O grande numero d'orificios que cercam o monumento é que não tem facil explicação. Se a uns póde assignar-se o destino de sustentar as *arbores* e os *stipites* para o regular e conhecido funccionamento do *prelum;* se outros poderiam utilisar-se para n'elles se acunharem os pontaletes d'uma *asna* triangular sobre que assentasse uma cobertura do lagar; não é comtudo facil dizer para que serviriam a insculptura *z z'* e o orificio *l m*.

As insculpturas da quinta da *Sahida* não estão rotuladas com epigraphias elucidantes, como as de Panoias. É, pois, livre a sua interpretação.

Por isso e não obstante as divergencias dos typos classicos e indigenas, e a impossibilidade de explicar todos os componentes, consideral-as-hemos, ao menos provisoriamente, como um lagar construido sob o dominio romano. Assim o entende e affirma o povo; assim o indica o onomastico.

A quinta da *Sahida* é famosa na região pela producção do vinho verde, precioso nectar, espumoso, avelludado, como que rubi fundido, no conceito d'um escriptor. Ser-lhe-hia tão cêdo reconhecida a aptidão cultural para a vinha que possamos vêr nas archaicas insculpturas descriptas a prova material da actividade viticola e vinicola dos homens que, dominando o povo rei, por aqui demoraram? Talvez; não repugna acreditar que o presente agricola se enlace tão intimamente com o passado longinquo.

De resto a ethnographia do Entre-Douro-e-Minho testemunha que o typo do *torculum* de Gondar penetrou até nós com ligeiras modificações; ainda hoje nas adegas, que a prensa Mabille não invadiu, desthronisadora das velhas usanças, — o lagar, a lagarêta, a trave — são os componentes capitaes do apparato vinigeno.

José Fortes.

UMA POVOAÇÃO SUBTERRADA

Ao passo que o braço do homem conquista alguns hectares de terreno ao Oceano, citando-se mesmo os portentosos trabalhos da dissecação do lago de Haarlem, na Hollanda, tambem forçoso se torna confessar que as aguas do mar vão roendo e esboroando os sitios onde as correntes batem rapidas e fortes. Por outro lado as alluviões de areia que os ventos lançam sobre a costa adiantam-se quotidianamente sobre as terras cultivadas; entre nós, no anno de 1895, em poucos mezes os assoriamentos tomaram tal incremento, que necessario se tornou chamar, como o fizemos, a attenção dos poderes publicos.

É facto averiguado que em quanto certos pontos do globo se abaixam, outros se elevam, como o movimento do básculo; antigamente explicava-se o phenomeno pela subida ou descida do Oceano, porém estando demonstrado que as aguas do mar se manteem no mesmo nivel, cuidou-se então na sua explicação de outra fórma, qual a das oscillações do solo e movimentos submarinos, observando-se que as peninsulas da Scandinavia e da Groënlandia enfraqueciam de uma parte e se submergiam de outra.

Actualmente as praias europeias do Oceano glacial estão n'um periodo de exaltação que corresponde á submersão das costas do Labrador e Nova Escossia, na America, e do littoral da Hollanda e do norte de França no velho continente. Estas variações da superficie terrestre são lentas, mas continuas.

Perto de nós, na propria peninsula, se nota a depressão do solo, e corrosão dos terrenos: o estreito de Gibraltar, desde Plinio até hoje, mostra um alargamento de um kilometro, e na costa adjacente, que vae de Carteia a Tarifa, onde as correntes cahem perpendicularmente, o mar tem invadido grande porção de terra.

O que succede em França, Hollanda, Patagonia e principalmente no Sahará se relaciona com o que se observa no nosso paiz; na Gasconha, Vendéa e Bretanha as alluviões hão sepultado casas, aldeias e povoações inteiras, campos e florestas, soterrando tudo.

Nas *landes*, ao sul de Bordeus, os medões avançam 23 metros por anno, e a continuar assim, aquella industriosa cidade estaria n'um periodo mais ou menos proximo ameaçada pelas areias; mas na Bretanha o andamento das dunas assume proporções assustadoras, adiantando-se annualmente 537 metros! Em qualquer d'estas provincias francezas e na Normandia muitos logares, cujos nomes os diplomas medievaes citam, desde muito que completamente desappareceram.

No deserto africano o phenomeno dos alluviões attingiu grande intensidade, modificando completamente a forma do littoral.

*

O contorno e relevo da costa de Portugal tem soffrido notaveis alterações já nos tempos historicos.

O nosso littoral está coberto na sua maior extensão por uma facha de areias moveis, constantemente variaveis, cuja largura vai de algumas centenas de metros até oito kilometros: na costa meridional do Algarve vêmos os bancos do cabo de Santa Maria, que cada vez se vão prolongando a ponto das suas areias soltas se projectarem de Cacella á Quarteira, obstruindo as barras dos portos de Tavira, Olhão e Faro.

De Aljezur ao cabo de Sines a escarpa maritima apparece-nos coroada de imponentes dunas, mas ao norte d'aquelle cabo até á ponta do Trapiche, defronte de Setubal, essa escarpa vai abaixando até se esconder totalmente debaixo das areias da praia; n'esta zona as lagôas de Sant'Iago de Cacem (agora de Santo André) e de Melides, que outr'ora communicavam livremente com o mar, teem hoje as sahidas tapadas por uma faxa de areia de 150 metros de largura, adiantando-se os medões sobre os campos proximos; demais na foz do Sado encontramos subterrada Cetobriga, vulgarmente designada pelo nome de Troya: crêmos que um terramoto no seculo v da nossa éra a subverteu, deprimindo-lhe o solo.

Da torre de Outão ao cabo do Espichel presenceamos vestigios de antigas praias elevadas, que o Oceano vai constantemente corroendo, atacando a rocha calcarea da serra da Arrabida;

n'esta peninsula existe a lagôa de Albufeira, cuja depressão parece ser a primitiva foz do rio Tejo, como minuciosamente narramos na nossa monographia sobre Cezimbra, que em tempos publicamos. Mas o facto de capital importancia e que deve merecer toda a attenção, é que este terreno da peninsula da Arrabida continuava para o poente, prolongando-se bastante pelo Oceano dentro, provavelmente a continuar o delineamento da costa do cabo da Roca, na ponta da serra de Cintra.

Ao norte do cabo Carvoeiro a lagôa de Obidos fechou-se ainda recentemente, sendo a mais importante e productiva do paiz; n'estes sitios as dunas correndo para o interior acham-se fixas pelos pinhaes de Leiria. Caminhando para áquem da foz do Mondego a linha da costa deixa vêr recentes modificações, dignas de estudo; queremo-nos referir á corda de areia que de Mira a Ovar fecha a ria de Aveiro, na foz do Vouga, e que mede de norte a sul perto de 50 kilometros, variando a sua largura de 500 a 1:000 metros: formada de agua salgada retida como n'um lago, apenas communica com o mar por um canal que se começou em 1802, chamado *barra nova;* porém em 1838 as aguas abriram uma nova sahida mais ao sul, que ficou sendo a melhor entrada do porto; aqui as areias do cabedello do sul e as da costa da Gafanha movem-se em liberdade, e, invadindo a ria lhe diminuem a profundidade, tendendo a fazel-a desapparecer.

Julgamos que estas terras avançavam muito mais para o mar, mas a acção das correntes maritimas tem influido poderosamente n'este littoral; ainda ha pouco, em 1889, a praia de Espinho se foi submergindo sob o impeto das vagas que vinham incidir n'este ponto.

Da leitura dos periplos gregos e phenicios dos seculos v e vi antes de Christo colhemos que junto ao cabo de S. Vicente havia a ilha de Ceres, a de Achale na bahia do Sado, e a Pelagia nas alturas de Aveiro. Entre Douro e Neiva avultam os medões de Avel-o-mar, adiante da Povoa de Varzim, que cada vez tomam maiores dimensões. E finalmente em Fão as areias tendem a cobrir a capella de Nossa Senhora da Bonança.

Vejamos agora a orla maritima do nosso districto de Vianna.

*

Do Neiva ao Lima as areias soltas occupam uma zona de 1:500 metros de largura, havendo n'estes ultimos seculos coberto os lavradios e fazendo recuar as aldeias; as dunas de Anha e de Darque medem de 10 a 20 metros e mais de elevação; no monte do Faro de Anha attingem grande altura, e correndo para o N. E. foram formar um medão defronte da quinta do Carteado, ao norte e junto á linha ferrea; como a praia é baixa, os terrenos chãos e o solo não argilloso, as montanhas de areia accumulam-se facilmente sobre a freguezia de Sant'Iago de Anha; este phenomeno repetiu-se com intensidade em novembro de 1895, com graves prejuizos dos donos das propriedades.

A barra do rio Lima outr'ora se abria na margem esquerda, pelo sitio do cabedello, onde está a casa das Tripas, que foi Lazareto.

No cabedello e foz do rio Lima o banco da Tornada avança para o norte, difficultando a entrada no porto de Vianna e o fundeadouro do cabedello acha-se assoriado junto ao quebra-mar de madeira; onde ha 23 annos se afundou o patacho sueco *Höppet* vê-se um banco de areia.

No dito anno de 95 o assoriamento estendeu-se para o lago do Castello, invadindo mesmo as cambôas ao septentrião do caes do Rapêlho!

Como se sabe, o leito submarino junto á nossa costa de Vianna é todo de pedra, mas as recentes sondagens accusam a existencia de um banco de areia submerso sobre a praia da veiga do Figueiredo, desde o Bugio ás Pedras Ruivas, limites de Areosa.

Passando ás fozes dos pequenos rios de Affife e de Ancora, se observa que as areias hão forçado as aguas a torcerem, para se lançarem no mar, accumulando-se em monticulos ao sul das suas embocaduras; mas nos sitios do forte do Cão e do pinhal da Jelfa, entre as referidas freguezias d'Affife e Ancora, as alluviões não cessam de ameaçar a agricultura, e para defender a linha ferrea, mandou levantar o chefe de via e obras, Assumpção Ferreira, uma estacada de travessas, sementando de penisco uma larga facha protectora, cujos pinheiros já contam hoje 15 annos. Bello exemplo a seguir.

Finalmente no cabedello junto á embocadura do rio Minho, onde assenta o pinhal nacional

do Camarido, as areias invadem cada dia mais as culturas da freguezia de Cristello, não se detendo com o pinhal, que se vê afogado com novas alluviões, que vencendo a vegetação, passa para o rio; os ventos formaram ao longo da praia occidental uma duna que caminha para o interior, á razão de um metro por anno, tocando 11 metros de elevação sobre o chão do pinhal.

A barra do sul do rio Minho, chamada — *portugueza* —, que se abria entre a insua do Castello e o cabedello, obstruiu-se completamente ha quatro annos precisos, tendo-se passado a secco para aquella fortaleza na occasião da festa da Padroeira, no dia 8 de setembro; identico facto havia succedido em egual dia e mez do anno de 1708.

*

Vamos apontar succintamente alguns documentos e auctores que se referem ás alluviões de entre Lima e Neiva.

N'uma provisão de D. Diniz, citada por João Pedro Ribeiro, se lê — «que os terrenos de Belinho e de Sant'Iago (do Castello) de Neiva se achavam areiados e outros despovoados».

Na petição dos moradores de Vianna, feita no anno de 1456, se diz — «que os rios d'estes logares estão pequenos, ahi não podem navegar naus como em outro tempo se soia fazer, ora ha pouco que cessavam de construir caravellas grandes».

Para se mostrar quanto se obstruiu a nossa barra, basta contar que, determinando-se, por alvará de 18 de Dezembro de 1429, que a pedra ou lage da *Lobeira* (que está no meio do rio, defronte da doca, quasi na sua linha média), servisse de baliza ás embarcações entradas no Lima, em 1551 achava-se a mesma pedra tão areiada que teve de se escavar para procurar a pedra que tinha gravada uma cruz. Em 1561 a barra estava tão entupida que os viannenses obtiveram da rainha se mandasse construir no rio um marachão de pedra.

N'outro requerimento dos vereadores da foz do Lima a D. Filippe I, allegam elles que alguma terra que havia quando se edificou a villa (em 1258) se encheu e cobriu de areia de maneira que não se conhece se alli existiram campos.

O marquez de Montebello, Felix de Araujo Machado, que viveu nos principios do seculo XVII, affirma que o mar e os ventos arrojaram tanta areia para o sul da barra de Vianna, que por espaço do uma legua até ás eminencias mais altas estão cobertas d'ella, e ainda se veem sahindo da mesma areia parte das torres e campanarios das egrejas.

No meiado do seculo passado (1777) o assoriamento do rio chegou a ponto de não haver surgidoiro, parecendo queria mudar de embocadura.

*

Desde muitos annos que os moradores do logar de Chafé, da freguezia da Anha, d'este nosso concelho de Vianna do Castello, referem que ao poente d'essa sua aldeia existiu a parochia de S. João de Estér, e que ao escavar nas areias alli appareciam paredes de casas subterradas.

Ha tempos na Córga de Jorge ou do Larangeira, João Martins Felgueiras pretendendo minar o terreno e plantar vinha, ao remover um monticulo de areia encontrou as paredes de uma capella ou egreja, voltada ao poente, medindo uns dez metros de comprido; ultimamente, terraplanando o campo, ficaram á vista muitas ossadas humanas, que logo enterrou proximo; d'entre as ruinas tiraram uma pia de agua benta e pedras com cruzes, aproveitando a cantaria para obra, creio, d'uns canos de agua que se estendem ao longo do caminho.

Quando em janeiro de 1896 ahi fômos, verificamos que as ossadas se acham á superficie do solo, e encontramos uma sepultura que pela orientação nos pareceu ser de clerigo, e cujo rádio se desfez ao tocar-se-lhe; no montão de pedras da capella vimos uma pequena lapide com uma cruz bem gravada, e outra que pelo chanfrado devia ter sido agulha de porta; em volta pedaços de telha e tijolo antigo e ardosia. A auctoridade ecclesiastica parochial devia cuidar da remoção d'estes ossos para o cemiterio da freguesia; é pouco edificante vêr uma jazida a alimentar um vinhêdo qualquer!

O caminho da egreja do Castello do Neiva para a capella de S. Sebastião vinha direito pelo sul d'este templosinho, mas o actual proprietario o arrumou para o norte, e pouco escrupuloso metteu dentro do campo a capella e adro, ou antes, parte da duna que os continha.

Nas proximidades, para o sul e poente, apparecem sob os medões paredes de casas; ao logar que se espraia até ao mar chamam hoje Dordello (corrupção de Lordello, que designa loureado, loural); a córga ou córrega está abrigada ao norte e nascente por pinhaes; ao sul ha campos e para o vendaval as dunas succedem-se em grande distancia, mas agora fixadas pela rachitica vegetação.

Estes visinhos conservam a tradição de ter sido aqui a capella de S. João de Estér, administrada pelos frades benedictinos do proximo mosteiro de S. Romão do Neiva. Das inquirições de 1220 e 1258 consta que a pequena parochia de S. João de Estér ou Aster ficava junto a S. Romão do Neiva, mas fóra do couto d'este mosteiro, comprehendendo o logar de Lordello, e pertencente hoje á freguesia de Sant'Iago de Anha; n'aquella época o convento era senhor de quatorze casas de S. João.

Na divisão dos condados no tempo de Fernando Magno, em 1064, se narra — «que o logar de Estér fica na foz do rio Lima, perto de Darque, e junto ao couto do Mosteiro de Carvoeiro».

Muito embora este documento, transcripto em Argote, nos mereça pouca fé, e se acredite forjado nos fins do seculo XVI, todavia serve para localisar a nossa freguezia subterrada, devendo-se rectificar que o convento a que se quer referir é o de S. Romão e não o de Carvoeiro, embora da mesma Ordem e estarem proximos.

No tombo da egreja do Castello do Neiva, feito em 1548, lêmos — «que o caminho que sai do cruzeiro parochial, para o norte, vai para S. João de Este».

Vê-se evidentemente que o copista interpretou mal o original, escrevendo Este por Estér, supprimindo o *r* final da palavra.

Já transcrevemos atraz o que dizia o marquez de Montebello em 1646. A corographia de Carvalho, *Portugal em 1700*, relata — «que a Matriz da freguezia de Sant'Iago de Anha era em Santa Maria das Areias, porém estas foram crescendo tanto que a freguezia e egreja se submergiram com ellas, e muitas marinhas de sal que havia em Darque Maior..... E antes que a cobrissem as areias rendia um conto de reis».

Continua aqui o equivoco, confundindo-se Santa Maria das Areias (Darque) com Estér (Anha), pois que de freguezias e egrejas submersas só sabemos d'esta no logar de Chafé.

Antonio Machado Villas-Boas, douto antiquario viannense, no livro inedito — *Solares* — escripto em 1715, no appellido *Anha* memóra — «que na capella de S. João Destriz punha o Abbade de Anha um capellão para commodidade do logar».

De tudo que havemos citado se conclue — que a freguezia de S. João de Estér ficava na Terra de Neiva, limitada ao sul pelo Castello do Neiva, ao nascente pelo Couto do Mosteiro de S. Romão, ao norte por Anha, e ao poente pelo mar, abrangendo todo o logar de Lordello, e distando da praia uns mil e quinhentos metros; — que a parochia foi supprimida depois do seculo XIII, acabando por ser annexa a Sant'Iago de Anha; — que este grijó de Estér ainda existia com capellão em 1548, mas havia desapparecido cem annos depois, no tempo do Marquez de Montebello, descobrindo-se apenas d'entre a areia o pinaculo do campanario.

Os padres Carvalho e Machado fallam da egreja de S. João de Estér só por tradição, havendo est'outro archeologo deturpado o nome de Estér em Desteriz ou Destrix.

Devia pois esta povoação ficar subterrada nas fortes alluviões da segunda parte do seculo XVI, de 1551 a 1610, a que se referem as petições dos viannenses.

Quem pretender visitar as ruinas de que vimos fallando, dirigir-se-ha á capella de S. Sebastião de Anha, e seguindo depois o caminho que pelo S O se dirige para a egreja parochial do Castello do Neiva, andados uns mil metros, n'uma encrusilhada de caminhos, onde finda a canalisação de pedra, se depara com uma caniçada que véda um campo de vinha com restos de uma duna ao norte; na base do monticulo de areia ha pedras agglomeradas, e parecem haver sido de edificio alli existente e extrahidas de seus alicerces, que se acham ainda em grande parte subterrados, e onde vegetam dous enfesados pinheiros *(pineaster)* de 20 a 25 annos de edade.

Calamos propositadamente o muito que nos contaram sobre o templo e casas d'esta extincta parochia, porque tencionamos breve continuar a exploração d'estas ruinas.

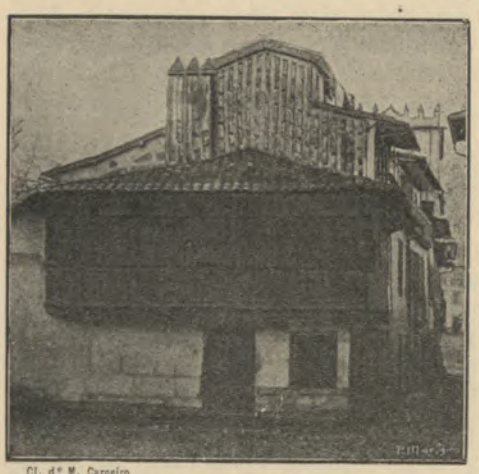
Vianna, 1899.

L. DE FIGUEIREDO DA GUERRA.

HABITAÇÃO URBANA

(BRAGA E GUIMARÃES)

A pags. 79 e seguintes da excellente publicação *Portvgalia,* o erudito escriptor portuense snr. Rocha Peixoto demonstra magistralmente as vantagens d'um inquerito ethnographico sobre a habitação urbana, quando em especial se occupa dos palheiros do littoral.



Cl. d.e M. Carneiro

Fig. 1.—Casa n.º 22 da rua de Valle de Donas—Guimarães

Remettendo para esse bello estudo os leitores d'estas linhas, creio que fica sobejamente esclarecido o assumpto que me proponho tratar.

Da dominação romana, que em Braga teve por demorado tempo o seu Convento Juridico, ficou aqui, durante muitos seculos, larga copia de preciosos vestigios, parte dos quaes ainda hoje attestam o prestigio e a civilisação d'aquelle povo-rei.

A herança dos wisigodos e arabes, especialmente d'estes, a quem não foi dado lograr posse pacifica nas provincias de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes, chegou até nós tão reduzida que por pouco já hoje nem memoria nos restava d'ella. Envolvidos em continuas guerras e entregues á pratica dos maiores horrores, os arabes assistiram á deserção de quasi todos os moradores de Braga, ficando-lhes apenas um limitado numero dos desprotegidos da sorte, os quaes elles aproveitaram contentes para os trabalhos agricolas e pagamento de contribuições ao Estado, procurando por todos os meios conquistar-lhes a sympathia, permittindo-lhes a conservação das egrejas de Maximinos, Dume, S. Fructuoso e S. Victor e a liberdade do explendoroso culto catholico.

D'este mixto de christãos e arabes proveio, como é sabido, o rito denominado mosarabe (E. Robles, cap. II, pag. 287).

Ao numero das principaes terras da Peninsula, destruidas pela invasão dos arabes, pertence Braga, que logo depois foi repovoada pelo Bispo Odario — *Odarius Episcopus* — como se lê n'uma sentença de D. Affonso V de Leão e ainda n'outros documentos dos seculos IX e X, referentes á destruição da cidade e da sua antiquissima cathedral (... *postea gens sarracenorum fuit destructa*).

Cl. de M. Carneiro

Fig. 2.—Casa n.º 41 da rua de S. Marcos—Braga

Porém, por muito breve e agitado que fosse o seu dominio ao norte da Peninsula, não se pode por esse facto julgar que ao nosso idioma apenas hoje reste, da lingua arabica, um ou outro vocabulo. O *Lexicon etymologico,* composto por Fr. João de Sousa, em observancia do que diz Scaligero *(Tot purae Arabicae voces in Hispan. reperiuntur, ut ex illis justum Lexicon confici possit),* mostra-nos á evidencia quão numerosas são as

palavras portuguezas que teem origem arabe. E se a cidade de Braga foi destruida por elles «não deixando pedra sobre pedra em todo o seu ambito» (D. Rodrigo da Cunha, pag. 25, e o Contador d'Argote, tom. II, cap. VII), construiram, indubitavelmente, habitações confortaveis; e portanto nenhuma duvida poderá haver em lhes attribuirmos o antigo systema architectonico, hoje em desuso, das casas com gelosias ou crivos e beiraes de madeira muito salientes, construidos sobre longos modilhões em fórma de barrotes, recortados desde o meio até á frente e ligados ao frechal, tudo amparado por simplice balaustrada.

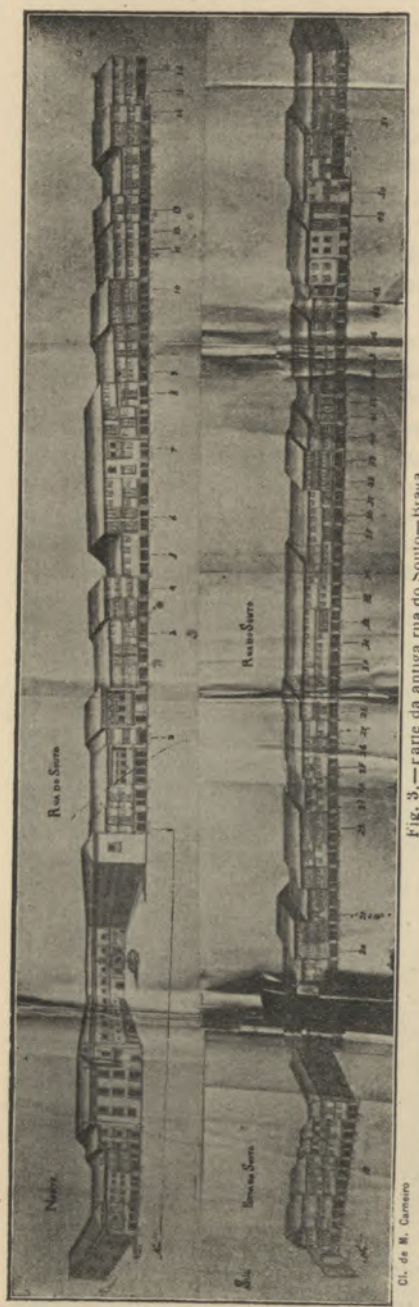


Fig. 3.—Parte da antiga rua do Souto—Braga

As gelosias d'estas casas pregavam-se a todo o seu comprimento e quasi a toda a sua altura quando o edificio tivesse um unico andar (fig. 1). Em caso contrario tomavam toda a fachada, sempre divididas em pequenas molduras, cada uma presa por duas dobradiças ou pendente de dous ganchos de ferro (fig. 2). D'este modo quem habitava essas casas impelia com facilidade a moldura, graduando-a com o respectivo descanço; e outras vezes desprendia d'aquelle conjuncto tantas quantas fossem indispensaveis para que no interior penetrasse livremente muito ar e muita luz.

Do typo das habitações de Braga até ao terceiro quartel do seculo passado, dá perfeitissima ideia a copia photographica (fig. 3) que extrahi d'um curioso mappa em volume, quasi desconhecido, no qual em 1750 foram pacientemente desenhadas todas as casas foreiras ao Cabido, com indicação dos respectivos numeros de policia e foro, designando-se este pela seguinte marca pintada nas padieiras das portas: — CAB.º N.º ...

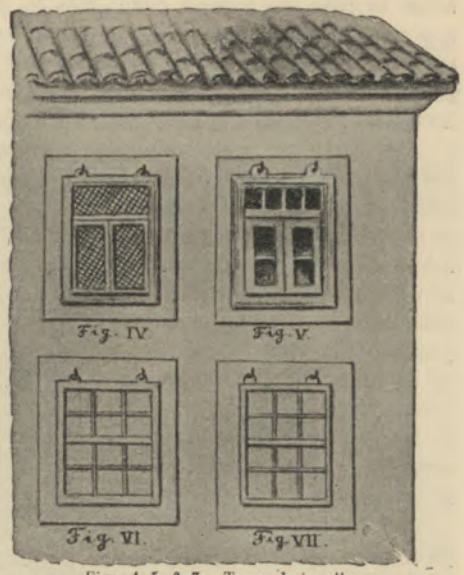
Reconhece-se a fidelidade dos desenhos confrontando-os com os raros originaes que ainda hoje existem nas ruas mais antigas, e verificando as medições de cada um.

No frontespicio tem este volume o retrato do conego Pacheco Pereira, desenhado á penna, e na folha immediata os dizeres seguintes: «Hoc utilissimum, vere novum, ac celeberrimum opus, quatordecim in voluminibus elaboratum, ac divisum, emphyteusim, scilicet, regum provisiones, et previlegia, pontificum diplomata, alia quoque huius capitularis mensae instrumenta continentibus; quorum plurima annorum morsu penitus consumpta, et hominum oblivione sepulta, labore indefesso, singulari arte, et praestanti ingenio ad lucem revocavit, nec non composuit, et digessit R. D. Franciscus Pacheco Pereyra in hac bracharensi ecclesia hispaniarum primatum habente canonicus; eiusque iussui obtemperans, ut prae occulis omnium civitatis aedes per emphyteusim capitulari mensae pertinentes haberentur, et inter caeteras demonstrarentur digito, hoc in volumine effigiavit, ac depinxit. Anno natiu. Domin. MDCCL. P. Richardus a Rocha».

Esta reproducção da extremidade oeste da antiga rua do Souto, tal como existia em meado do seculo XVIII, deve merecer toda a attenção dos leitores da *Portvgalia* e um demorado exame com o auxilio da lente.

N'ella se encontram exemplares das pequenas sacadas com gelosias a toda a altura da janella, como ainda agora se vê na casa n.º 64 da rua do Anjo, e, distanciadas, as restantes janellas de parapeito com caixilho de gelosias, inteiro ou dividido em duas portinholas de abrir para a rua e, como os das sacadas, pendente de dois ganchos exteriormente cravados na padieira de pedra (fig. 4).

A substituição das gelosias por vidros (fig. 5), e por vidraças em caixilhos moveis, tambem pendentes dos velhos ganchos exteriores, como ainda por aqui se encontram numerosos exemplares (fig. 6), operou-se lentamente, e o caixilho firme a alinhar com a moldura de pedra, é a ultima alteração que as velhas habitações estão soffrendo por effeito da transformação interna, denunciando ainda o anterior systema os ganchos que continuam cravados em todas as janellas d'aquella epocha (fig. 7). É notavel o facto de nunca haver em Guimarães um unico exemplo d'estes caixilhos pendentes nem dos nichos com pequenas imagens, que em Braga são frequentes, como logo se verá. Esta particularidade, digna de ponderação pela muito aproximada visinhança das duas cidades minhotas, denota a antiguidade do fervor religioso que tanto caracterisa a maioria dos habitantes da Roma portuguesa!



Figs. 4, 5, 6, 7.—Typos de janellas.

Nos velhos edificios de segunda ordem, frequentes na fig. 3, mantem-se ainda o esteio (designarei assim o monolitho) que serve de humbreira a duas portas sem caixilho de pedra, uma das quaes, quasi sempre a do lado esquerdo, é demasiado larga nas ruas mais centraes (fig. 3).

Esta circumstancia, que não passará sem reparo a quem se entregue ao estudo das construcções antigas, pode, no conceito dos supersticiosos, equiparar-se no effeito á ferradura gasta que se prega no limiar da porta; á entrada em casa estranha lançando-se em primeiro logar o pé direito; ao alho florido comprado na manhã do S. João e estendido ao longo da trave; a um par de formidaveis chifres de carneiro, pendentes do tecto da loja de negocio; ás tres benzedellas com o producto da primeira venda ou da primeira esmola em cada dia, e a tantas outras exquisitices curiosas em que o nosso povo descobre o iman da felicidade; mas tem, a meu vér, uma explicação facilima: essas portas largas e baixas destinavam-se a pequenas lojas de commercio ou a officinas, independentemente da porta mais estreita de communicação da casa. É isto o que seguramente nos indica o typo das habitações coevas existentes nos pontos afastados do centro da cidade, as quaes teem todas as portas, ás vezes chanfradas como na fig. 2, de dimensões perfeitamente eguaes.

Fig. 8.—Casa n.º 1 da rua de S. Marcos—Braga

Correspondem ás tres categorias sociaes as velhas habitações. Os pobres habitavam as casas terreas de telha vã, acanhadissimas, que apenas differiam das ruraes d'hoje no enchimento das paredes de calhaus com rêbos, barro e areia.

Essas habitações teem melhorado um pouco na parte exterior, graças á intervenção das camaras municipaes. Já não se lhes nota o desalinho das paredes, portas e janellas, que imprimiam ás ruas um aspecto rude; mas lá dentro continúa a cohabitação de irracionaes e pessoas: — gallinhas sobre os catres, suinos estorvando a mulher na sua occupação com o sarilho ou dobadoura, como elegantemente nos diz de Soutello, no Marão, o snr. Rocha Peixoto (*Portvgalia,* fasc. 1), a cosinha e a sentina, a propria córte do immundo pachyderme, tudo entre aquellas quatro paredes nuas, zombando dos preceitos da moderna hygiene.

Aos commerciantes, industriaes e medianos proprietarios pertenciam as casas representadas na fig. 8 (construcção do primeiro quartel do seculo XVII), e as de um andar com duas janellas de frente a ladearem, como ainda hoje se vê, um nicho cavado na parede exterior com uma pequena imagem de santo Antonio, da Virgem ou do santo do nome do proprietario, e um lampeão, cuja luzinha de azeite muito se destacava á noite pela falta de illuminação publica nas ruas. [1]

Cl. de M. Carneiro

Fig. 9.—Casa n.º 97 da rua de Camões—Guimarães

O progressivo augmento da população trouxe comsigo a necessidade de se construir sobre o primeiro andar de alvenaria (fig. 8) outro ou outros de tabique, ás vezes com sacadas e grossas grades de madeira torneadas, estylo renascença (fig. 9).

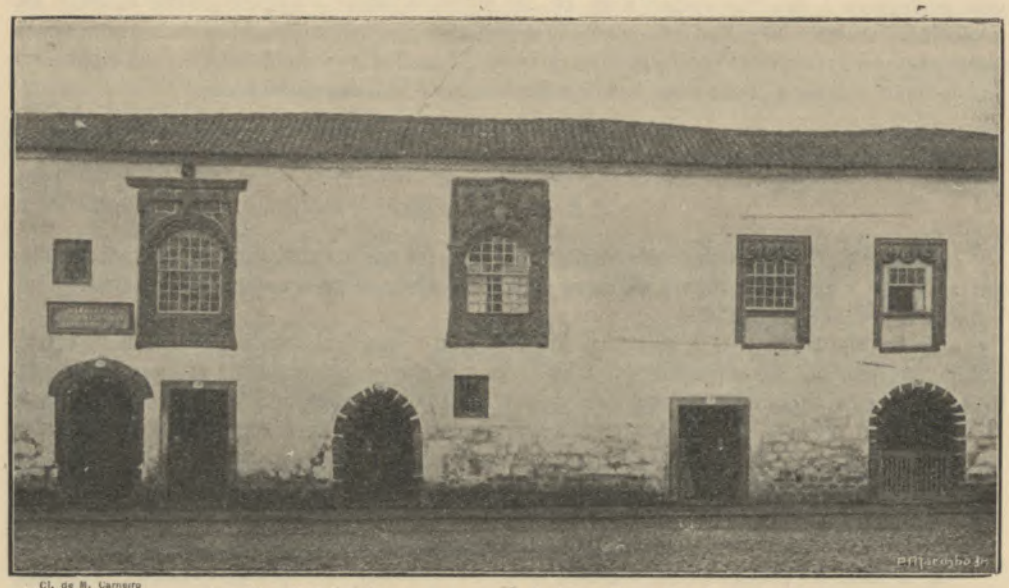
Os beiraes das casas da rua do Souto, diz um sexagenario, conservaram-se até meado do seculo findo com uma saliencia de tal ordem, que as aguas dos telhados, quando a chuva era abundante, batiam nas portas dos predios fronteiros.

A habitação dos ricos, ou antes dos que viviam á lei da nobreza, já desde o seculo XV nos apresenta um typo architectonico distincto. Edificios vastissimos de um andar apenas, tres a seis janellas de parapeito, quasi sempre de differente gosto, pouco desenvolvidas e bastante distanciadas, cada uma com dois assentos de pedra; ás vezes pequenas sacadas com grades de ferro batido e ao centro da fachada do edificio o brazão nobiliarchico junto do friso que era formado de duas, tres e quatro ordens de telhas desencontradas, sobre as quaes assentava o beiral de telhas mais compridas (fig. 10).

Tambem então havia frisos de pedra com interessantes gargulas a espaços e uma ou outra janella ricamente decorada como a da casa n.º 89 da rua de S. Payo (Guimarães). A porta principal de ogiva chanfrada, ou de arco perfeito, era frequentemente ladeada de dois postigos ou

[1] A cidade de Guimarães principiou a ser illuminada na noite de 15 de dezembro de 1844.

pequenas janellas que forneciam luz ao extenso atrio, e ao fundo d'este havia a escada de pedra com grosso corrimão tendo sobre o remate, que representa um S ornamentado de folhagens, uma columna toscana de fuste curto que amparava o pavimento.



Cl. de M. Carneiro

Fig. 10.—Casa dos Coimbras na rua de S. João—Braga (fins do seculo xv)

Os vastos edificios antigos, com as suas salas espaçosas cintadas de madeira em toda a volta para encosto de moveis, tecto de castanho pintado a oleo, paisagens em lona, como na casa n.º 12 do largo do Barão de S. Martinho (Braga) e apreciaveis desenhos nas paredes divisorias, possuem um desenvolvido saguão que, na projecção da luz e abundancia de ar, supre as deficiencias das janellas da fachada, que além dos crivos ou gelosias, tinham a tornal-as mais soturnas as ruas estreitas e tortuosas.

Hoje que as casas são altas e ordinariamente acanhadas na divisão interior, altas pela falta do espaço d'outro tempo em que as ruas longas comportavam de cada lado pouco mais de meia duzia de casas, e acanhadas pela necessidade de aproveitar todo o espaço para accommodação das familias, muito mais numerosas desde a extincção dos morgadios, porque então os chefes de familia escolhiam no berço as *vocações* dos filhos para as cellas dos conventos, hoje, dizia eu, que as casas são altas e demasiado acanhadas na divisão interior, apesar de se banirem como anti-hygienicas as alcovas, necessitam de mais e maiores janellas, para as salas e quartos, e ampla claraboia para a escada interior.

Cl. de M. Carneiro

Fig. 11.—Casa do campo da Vinha, junto do quartel militar Braga

De todas, sem excepção das que desde os seculos xvi e xvii eram servidas por uma escada exterior com seu alpendre no alto (fig. 11), o vigamento elevava-se de tal modo que chegava a formar um espaçoso sotão de grande utilidade.

Em geral as fachadas das vastas habitações quinhentistas offendem gravemente as regras da esthetica, não apresentando uniformidade no plano, nem alinhamento perfeito entre um e outro cunhal.

Nota-se, pois, que as portas, postigos e janellas, obedeceram unicamente á divisão interior

das lojas, dos quartos e das salas, e que os alicerces dos edificios longos procuravam as sinuosidades das ruas, assim abertas por conveniencia estrategica.

Difficilmente se encontrará nas nossas construcções modernas um typo caracteristico da *casa portugueza* a que corresponde a fig. 11. De ordinario, desde o lançamento dos alicerces até á conclusão da obra, prevalece a vontade do proprietario que não a do architecto! Assim temos numerosas construcções e reconstrucções hybridas, aquellas a confundirem o estylo architectonico definido e estas a profanarem, a desnacionalisarem o que era muito nosso.

Braga.

ALBANO BELLINO.

AMULETOS

Eis um imperfeito catalogo dos amuletos de caracter pagão — e daquelles que mais ou menos se ligam a antigos costumes e fórmas cultuaes — ainda ao presente usados pelos povos que constituem o concelho de Elvas.

a) **Amuletos infantis** — I. A MEIA LUA. De prata, ou cobre. [1] Suspendem este amuleto (assim como quaesquer dos subsequentes) das faixas com que cingem os cueiros da creança recem-nascida; e, em esta attingindo tres ou quatro mezes d'edade, dependuram-lh'o ao pescoço, por meio de um cordão de seda, ou algodão, para a preservar do *quebranto,* do *mau olhado* e das *luadas.*

Para o fabrico das *meias-luas* de cobre, servem-se da moeda portugueza do valor de cinco reis, que deve ser dada pelo padrinho da creança a quem o amuleto se destina.

Vi um exemplar de prata, para o qual se serviram da moeda portugueza do valor de 200 réis, e tambem os ha feitos de moedas de prata do valor de 120 réis.

II. A FIGA. De prata, marfim, coralina, corno ou azeviche. [2] Preservativo contra *feitiços, quebranto* e *mau olhado.* [3] Amuleto tambem usado pelas pessoas adultas.

Eis uma cantiga alemtejana (recolhida em Elvas), que allude a este amuleto:

Chapeu de meia moeda
Traz o meu amor *ó* campo,
Cercado de *figas* d'oiro,
P'ra não lhe darem *quebranto.*

III. O SINO-SAIMÃO, SIGNO-SÁMÃO, SINO-SAMANCO OU SANSELIMÃO, *(Signum Salomonis).* [4] De prata. Amuleto contra as *bruxarias, quebranto* e *mau olhado.* [5]

IV. O CORAÇÃO. De prata, ou coralina. Amuleto contra o *mau olhado* e contra as dôres. [6]

---

[1] Ultimo vestigio do culto dos astros, e, especialmente, do *feitiço Lua.*

[2] Resto do antigo symbolo religioso dos orgãos genitaes femininos. Lê-se no *Vocabulario* de Bluteau, t. IV, pag. 110: «Figa de azeviche, que de ordinario se põe nos hombros dos meninos contra o quebranto. O padre Eusebio julga este remedio por indigno de que o usem os Christãos, pelo principio que teve. Confessa que o azeviche não deixa de ser proveitoso; condemna só a effigie.»

[3] M.me d'Aulnoy cita as *figas* de barro de Extremoz, que em Hespanha se usavam, no seculo passado, ao pescoço das creanças rachiticas. *Relation du Voyage en Espagne,* t. II., pag. 66 e 143.

[4] É uma transmissão tradicional da magia erudita.

[5] Os trabalhadores campestres deste concelho conservam o costume selvagem da *tatuagem,* e o *signo-sámão* é o symbolo de que mais usam. Nos livros das vereações do senado d'Elvas do sec. XVI, em os autos de arrematação das rendas do concelho, alguns dos arrematantes e testemunhas, por não saberem escrever, firmaram esses autos com o desenho do *signo-sámão* (polygono estrellado). *Livros das Vereações de 1580 e 1581, Archivo Municipal.* O mesmo observou o snr. Leite de Vasconcellos em mss. de Guimarães. Vid. *Amuletos pop. port.* Porto, 1882.

No revestimento de cantaria do arco da praça, (Elvas) proximo á janella da repartição das contribuições indirectas municipaes, está insculpido n'uma pedra o *signo-sámão.*

Os pythagoricos tinham por divisa o *signo-sámão.* Cfr. HŒFER. — *Histoire des Mathémat.,* pag. 91. Paris 1874. Nos monumentos medievaes da Escocia apparece o *signo-sámão;* e nas moedas gaulezas do tempo de Cesar.

[6] Resto do antigo uso do silex em forma de lança, conservado inconscientemente das epochas pre-historicas (Swen Nilson. *Les habitants primitifs de la Scandinavie,* pag. 243, nota 1)? Ou usaram-se os silices, como adaptação, por elles serem ás vezes cordiformes? Esta ultima hypothese é do snr. Leite de Vasconcellos. Cfr. E. CARTAILHAC: *L'âge de pierre dans les souvenirs et les superstitions populaires.*

V. O DENTE DE LOBO. Dente canino do lobo, encastoado em prata. Amuleto contra os accidentes da dentição. [1]

VI. A ARGOLINHA. De prata. Amuleto com a *virtude* attribuída ao antecedente.

VII. O CORNICHO. Pequeno objecto artificial, com a fórma de chifre, e feito de corno ou azeviche. Amuleto com as propriedades attribuidas aos dois precedentes.

VIII. A MÃO DE TOUPEIRA. A mão esquerda da toupeira *(Talpa,* de Lin.) encastoada em prata. [2] Amuleto contra o *quebranto* e as *luadas.*

IX O QUEIXO (DE BAIXO) DO OURIÇO MACHO *(Erinaceus europæus).* Amuleto natural, para fazer nascer os dentes sem dôr. As pessoas adultas tambem o usam, mettido em bolsinhas de chita dependuradas do pescoço, como remedio para a dôr de dentes. Onde mais arreigada está a crença neste amuleto é na freguezia de S. Braz de Varche. [3]

X. AS MOEDAS FURADAS. Pequenas moedas portuguezas (perfuradas) de prata e de cobre; moedas de tres vintens, tostão, dez réis e cinco réis. [4] Amuleto contra o *quebranto* e *luadas.*

XI. O VINTEM DE SANTO ANTONIO. Moeda de prata do valor de 20 réis (do reinado de D. João v) com um orificio para passar um cordão. Amuleto contra as *luadas* e *quebranto.*

XII. A VERONICA DE PEDRAS. Uma pequena medalha (de caracter catholico) rodeada de pedrinhas de côr, encravadas. Amuleto contra as *luadas* e *quebranto.* É crença que o espirito malevolo, pretendendo atacar a creança, fixa-se numa das pedras, e esta, partindo-se, *talha* o mal.

XIII. O CAROÇO DE TAMARA (perfurado). Amuleto natural contra as *luadas.*

XIV. O BUZIO. Amuleto natural. Pequena concha do mar, em fórma espiral, com um orificio para passar um cordão. Preservativo do *mau olhado.*

XV. A CHAVE. De prata. Amuleto com a *virtude* de curar os *sapinhos do leite* (aphtas).

XVI. A PONTA DE CABRITO. Amuleto contra o *mau olhado.* É a extremidade de um chifre de cabrito, encastoada em lata, com uma argola para passar um cordão. Para este amuleto servem-se de um chifre (de aquelle animal), encontrado, sem se procurar, ás terças e sextas-feiras, devendo dar-se-lhe dois pontapés antes de ser apanhado.

XVII. AS ARRELICAS. Um pequeno objecto de prata, em que estão promiscuamente representados a meia-lua, a figa, o signo-sámão, o coração, a chave e a argola, tudo encimado pela effigie de Nossa Senhora da Conceição, — amuleto que representa a transição da crença pagã para a do christianismo. Preservativo do *quebranto, mau olhado* e *bruxarias.*

XVIII. A BOLSINHA D'ALFAZEMA. Quando ás creanças de mama não se lhes conserva o leite no estomago, dependuram-lhe ao pescoço uma bolsinha de chita contendo alfazema *(Lavandula vera).*

b) **Amuletos de lactação** — I. A CONTA DE LEITE. Globulo de agata, de côr leitosa e azulada *(calcedonia).* Amuleto para fazer manter abundante o leite ás mulheres que criam. Usam-n'o ao pescoço, enfiado num cordão branco.

II. A CONTA DE AZEVICHE. Amuleto contra as *luadas.* É crença que as mulheres que criam devem trazer comsigo azeviche, por causa das *luadas.* Algumas amas usam, por isso, a *conta de azeviche* ao pescoço. [5]

---

[1] Bluteau, no seu *Vocabulario,* allude a um amuleto congénere: «Um dente de cão macho arrincado estando vivo, furando-o, e trazendo-o ao pescoço que toque na carne, dizem que preserva de dores de dentes», t. I, p. 356.

[2] Sobrevivencia do antigo symbolo phallico da mão.

[3] Bluteau, no seu *Vocabulario,* dá noticia d'este amuleto: «O queixo de um ouriço cacheiro, trazido ao pescoço, tira as dôres de dentes que procedem de corrimentos», t. I, p. 356.

[4] Á moeda de cinco réis attribue o povo muitas *virtudes.* Alguns exemplos: Mettida entre a perna e a meia, *traz felicidade* (Elvas). Pendurada á porta, *haverá dinheiro para todo o anno* (Elvas). A rapariga solteira atira para a fogueira da sua rua, na noite de S. João, uma dessas moedas, e pela manhã vae procural-a; achando-a, dá-a ao primeiro pobre que lhe chegue á porta e pergunta-lhe como se chama; o nome que disser será o do noivo que a sorte destina á rapariga (Elvas).

[5] No livro *De Civitate Dei,* cap. IX, diz Santo Agostinho que «o perfume do azeviche afugenta os demonios, e, trazido, desata e desfaz o quebranto, ligaduras, encantamentos e todos os phantasmas tristes e melancholicos».

III. O LEITUARIO. Amuleto para conservar o leite e o vigor ás amas, dependurando-o do pescoço. O exemplar que observei é de agata *musgosa*, encastoado em prata, e enfiado em um cordão escarlate. A pedra tem a configuração de metade de uma azeitona cordovil.

IV. A CHAVE MACHA. A qualquer chave d'esta especie attribuem a *virtude* de seccar o leite ás mulheres, após a criação, dependurando-a do pescoço e ficando a chave no meio das costas. [1]

V. O ROSARIO DE CONTAS DE FIGUEIRA. Rosario feito de vergonteas da figueira, partidas em bocadinhos e enfiadas numa linha. Amuleto a que attribuem a propriedade notada em o n.º antecedente, dependurando-o do pescoço. É crença que, á proporção que as *contas* vão seccando, sécca o leite.

c) **Amuletos contra enfermidades, perigos, etc.** — I. A FACA DE ESTANCAR SANGUE. Contra as hemorrhagias. O exemplar que examinei pertence ao sr. Joaquim Guilherme de Vasconcellos Azevedo e Silva, actual representante de uma das mais nobres familias de Elvas. É uma faca de matto, de tamanho regular, com o cabo de prata, e a bainha de madeira, revestida, em parte, de prata lavrada. No lado direito do cabo tem um fragmento de agata *sardonica*, de tres centimetros de comprimento por dois de largura. A *virtude* do amuleto está nesta pedra. A crença consiste em que a hemorrhagia céssa, logo que o doente empunha a faca. O exemplar (que é, sem dúvida, oriental) revela muita antiguidade, e pertencia ao vinculo da casa de que o sr. Vasconcellos é representante. E' emprestado a toda a pessoa, seja ou não conhecida, que o requisite para remedio, respeitando assim o sr. Vasconcellos um costume antiquissimo dos seus antepassados. Haverá aqui um pequeno vestigio, ou transformação, da crença (ainda hoje muito popularisada na Italia) de possuirem algumas familias o poder de curar certas molestias? — Cfr. o opusculo do dr. Giuseppe Pitrè: *Mirabili facoltà di alcune famiglie di guarire certe malattie.* 1899. Tipografia del «Giornale di Sicilia» — Palermo.

II. A PEDRA DE ESTANCAR SANGUE. Contra as hemorrhagias. Penduram este amuleto ao pescoço, por meio de um cordão que passa na argola em que termina um fio de prata, ou arame, que atravessa a pedra, perfurada para este effeito. Vi dois exemplares, um de agata *chrysoprasa* e o outro de agata *jaspeada;* o primeiro com a configuração de uma bolota grande, e o outro com o feitio e tamanho da ameixa denominada *beijinho (perdrigon violet).* [2]

III. OS CRAVOS. Cravos da ferradura da mão direita do cavallo em que a imagem de S. Jorge vae na procissão de *Corpus-Christi.* Amuleto contra os accidentes epilepticos. Trazem-n'os em bolsinhas de sêda, pendentes do pescoço.

IV. O ANNEL DE FAVA. Um annel de prata, tendo no engaste uma pedra amarellada do feitio d'uma fava sécca. Trazem-n'o em o dêdo annular, ou no dêdo minimo. Amuleto contra a enxaqueca. E' principalmente usado pelas mulheres. [3]

V. O ANNEL DE OLHO (sic) DE CORVINA. Um annel de prata, tendo como *camafeu* um osso extrahido da cabeça do peixe corvina *(Coracinus).* Crê-se dotado da virtude indicada em o n.º precedente, e é tambem usado pelas mulheres.

VI. A PEDRA DO ESTOMAGO. Amuleto contra as dôres do estomago. O exemplar que examinei é de casca polida de tartaruga, em fórma circular, de quatro centimetros de diametro, e tem dois orificios. Usam-n'o ao pescoço, pendente d'um cordão, ficando o amuleto sobre o pylóro.

VII. O ROSARIO DE ALANDRO MACHO. Rosario feito de vergonteas de eloendro *macho* (sic), partidas em bocadinhos e enfiadas numa linha. Amuleto contra a erysipela. Usam-n'o ao pescoço.

VIII. O CANUDO DE AZOUGUE. Amuleto contra a erysipela. Um pequeno tubo cylindrico, de prata, com argola, contendo uma porção de mercurio. Trazem-n'o ao pescoço, pendente d'um cordão.

---

[1] Tambem para a cura das *boqueiras* nas creanças, applicam sobre o *mal* a extremidade de uma *chave macha.*

[2] Ultimamente observei mais dois exemplares d'este amuleto: um de agata *cornalina*, e o outro de agata *jaspeada*, ambos do feitio de contas grandes de rosario. Diz Bluteau, no *Vocabulario*, t. VI, p. 351: «O jaspe, pendurado ao pescoço, suspende e pára as hemorrhagias do nariz.»

[3] No seu tratado *De Subtilitate* escreve Cardano, que as favas não são nocivas á saude, e que, por certa virtude natural, vedam as fluxões que procedem do cerebro. Apud Bluteau, *Vocabulario*, t. IV, p. 43.

IX. O CAVALLO MARINHO (hyppocampo). Amuleto natural contra a erysipela. Trazem, dependurado do pescoço, o hippocampo, mettido em caixa de lata com tampa de vidro; e tambem nas algibeiras, mettido em caixinha de papelão.

X. O BICHO DOS DENTES. Amuleto natural. E' a chrysallida de um insecto «que se encontra nas margens dos ribeiros». Trazem-n'a em bolsinhas de seda, ao pescoço.

XI. A PEDRA ARGUEIREIRA. Pequenina pedra, do feitio d'uma lentilha, para a extracção dos argueiros. Vi tres exemplares, e cada um de differente côr: amarella, côr de café e branca. Introduzem-n'a na palpebra do olho em que penetrou o argueiro, e fal-o sahir. Dizem que esta pedra *vem da Ilha.* [1]

XII. A PEDRA D'ERA. Amuleto contra *feitiços.* Um fragmento de *pedra d'era* (pedra d'*ara*), mettido n'uma bolsinha, e esta dependurada do pescoço, é crença que livra de *feitiçarias.* [2]

XIII. A UNHA DE LEÃO. Encastoada em prata. Amuleto contra as febres. Trazem-n'o pendente do pescoço. A crença neste amuleto decahiu muito. Passou a usar-se (encastoado em ouro) como simples enfeite, suspenso da cadeia do relogio.

XIV. O BICHO DAS SEZÕES. Amuleto natural. Para a cura das *sezões* apanham um besouro, ou um zangão, mettem-n'o dentro d'uma bolsinha e põem-n'o ao pescoço, resando um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. *Cornêlho* (S. Cornelio).

XV. O BICHO DAS QUARTÃS. Para a cura da febre quartã põem ao pescoço, dentro d'um canudo, uma lagartixa viva, *apanhada sem se buscar.* Á medida que a lagartixa se vae mirrando, vae o mal desapparecendo.

XVI. O KAGADO. Amuleto natural. Usam um kagado pequeno mettido numa bolsinha de chita pendente do pescoço, como remedio contra o *mal do figado.* É crença que as manchas da pelle desapparecem, á proporção que vae mirrando o kagado.

XVII. O APTO E O ATOM. Amuleto contra as influencias maleficas. Usam o aipo e o *atom* (*Talaspia*), mettidos em bolsinhas, ao pescoço, para se preservarem do *feitiço* e do demonio.

Rima popular alemtejana:

«Onde está o *apto* e o *atom*
Não faz o demo seu som.»

XVIII. O DENTE D'ALHO. Amuleto natural. Preservativo contra as feitiçarias e contra as mordeduras dos bichos. Trazem-n'o em bolsinhas ao pescoço, e nos bolsos. Tambem usam collocal-o nas *buracas* das casas, para não entrarem os bichos.

XIX. A NOZ DE TRES QUINAS. Amuleto natural. É crença que está livre de *feitiços* a casa onde este amuleto se conservar debaixo do travesseiro da cama. [3]

XX. A ARRUDA. Amuleto natural. Dependuram do tecto das casas, mólhos de arruda hortense, por occasião das epidemias, como preservativo contra o mal. Para o mesmo effeito mettem esses mólhos nas tranqueiras das portas. Usam tambem a arruda n'uma bolsinha ao pescoço, para se livrarem de *feitiços.* [4]

---

[1] «A extincção da cataracta opera-se, segundo uma crença, geral em Ilhavo, Ovar, Aveiro, Buarcos e outras populações para o sul, com a introducção do operculo dos *Trochus*, *Littorinas* e *Purpuras* entre a palpebra e o globulo ocular.» Rocha Peixoto, *Notas sobre malacologia popular.* In *Rev. da Socied. Carlos Ribeiro*, I, 81. Porto, 1889.

[2] Amuleto de caracter religioso, mas que se liga ao antigo *culto das pedras.*

[3] Lê-se no *Vocabulario* de Bluteau, t. V, p. 761: «Dizem que a noz fôra chamada *Juglans*, como quem dissera *Jovis glans, id est*, Belota de Jupiter, porque foi consagrada a Jupiter a nogueira, cujo fructo (segundo a observação de Santo Izidoro, liv. 17, 7) tem tanta virtude, que, mettido entre hervas e cogumelos venenosos, attrahe para si toda a sua malignidade.»

[4] Diz Bluteau, no seu *Vocabulario*, t. I, p. 570: «Toda a casta de arruda é attenuante, incisiva, boa contra venenos, e mordeduras de cães damnados, abate os vapores, fortifica o cerebro. Antigamente mettendo humas folhas de arruda agreste, e duas pernas de noz em um figo agreste, o comiam, para se preservarem da peste. Nas portas se penduram folhas della para defensa de feitiços; tambem dizem, que seu fumo é excellente nas casas, e berço das creanças, para as preservar de quebranto, e as curar, estando já abaladas, e enfermas d'elle.»

XXI. A PEDRA DE RAIO. Machado de pedra das epocas pre-historicas, denominado pelo povo *pedra de raio*. Amuleto contra as faiscas electricas. A casa onde se conserva, na tranqueira da porta, está livre de raio. Segundo a crença popular o raio é uma pedra, ou um ferro, do feitio d'um arado, que cahe e se afunda sete braças e ao fim de sete annos vem á superficie. E' de *mau agouro* offerecer *pedras de raio* ás pessoas que se estimam; perde-se-lhes a amizade.

XXII. O CHAVELHO DE BOI, DE CARNEIRO, DE CABRA E DE VEADO. Amuleto natural. Os hortelões e agricultores, para preservarem as hortas, as seáras e os melanciaes das influencias malevolas, espetam no terreno uma canna ou páo com um chifre de boi, carneiro, cabra, ou veado, na extremidade. [1] (Para o mesmo effeito costumam espetar um sapo nos *caniços* das hortas e quintas). Quando dá o *cobro* nos animaes, espetam nas pastagens differentes cannas, encimadas com chifres de carneiro.

XXIII. A FERRADURA DA MULA. Amuleto a que attribuem a *virtude* designada em o n.º antecedente, e é usado pela mesma fórma. [2]

XXIV. O OSSO DE CÃO. Amuleto natural, contra a *praga* nos animaes. Dependuram, do pescoço do animal atacado de sarna, uma bolsinha, contendo um osso de cão, para o livrarem da doença.

XXV. O DENTE DE BARRASCO. Dente canino do porco, encastoado em lata ou latão. Amuleto contra o *mau olhado*. E' pelos carreiros e almocreves dependurado da testeira dos machos e mulas, assim como suspendem as *meias-luas, cornichos* e *figas* das testeiras, não só d'este gado, como do gado cavallar e asinino, para os preservar dos espiritos malevolos. E' tambem de uso pôrem ao pescoço dos burros recemnascidos uma colleira encarnada, da qual pende uma bolsinha contendo alhos e uma *figa*, por causa do *mau olhado*.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

CULTURA DOS TRIGAES NO ALEMTEJO

Um processo cultural interessante sob o ponto de vista ethnographico, é talvez aquelle que no Alemtejo é conhecido pelo nome de *Moreias*. Consiste no seguinte:

Apoz a colheita do trigo é a terra semeada de cevada no outomno, conforme o permitte o tempo e de maneira que aproveite com as chuvas de inverno. Esta cevada é ceifada na primavera e em seguida é que se entra na preparação do terreno para as *moreias*. Durante seis ou sete annos deixam o terreno abandonado a si proprio de modo que espontaneamente se cobre de vegetação, mattos, estevas ou sargaços e no Alemtejo avaliam a qualidade das terras por esta vegetação espontanea. As melhores são as que produzem sargaço.

Quando os mattos estão desenvolvidos bastante (estevaes encontrei d'altura d'um homem) e depois de findas as sementeiras de trigo e cevada, procede-se ao corte dos mattos; entendendo-se que esta palavra abrange, em tudo quanto se diga na presente noticia, a vegetação espontanea acima referida. Este corte faz-se com foices roçadouras dispondo-se o matto em linhas parallelas ou em montes até onde um homem póde abranger com uma foice roçadoura. Os montes teem a fórma oblonga e assemelham-se a linhas de traços interrompidos, mas só se recorre aos montes quando o matto é pouco, porque em geral é em linhas que elle se dispõe.

---

[1] Tambem, para livrarem a casa das influencias maleficas, costumam dependurar um chavelho da *madre* no tecto, ou collocal-o na tranqueira da porta.

[2] Quando ha trovoada e alguma gallinha está no chôco, mettem-lhe entre os ovos uma ferradura, para estes não gorarem (Elvas). Contra as feiticeiras costumam tambem collocar uma tesoura aberta em cruz, na tranqueira da porta (Elvas). Diz o sr. Theophilo Braga na sua obra — *O povo portuguez nos seus costumes, crenças e tradições:* «O ferro conserva ainda um caracter magico, ou de virtude, tal como na epoca em que o uso do bronze foi perturbado por este novo factor da civilisação. Em um esconjuro popular se diz:

«Tu és ferro, eu sou aço,
«Tu és demonio, eu te embaço.

«A ferradura de um cavallo ou mula é um poderoso talisman contra a feitiçaria» (Vol. II, p. 27).

O intervallo de linha a linha regula por 1m,40 e o mesmo approximadamente de fieira de monte a fieira de monte.

Este trabalho chama-se *embelgar* e um trabalhador embelga por dia a area correspondente a um alqueire de semeadura.

Em seguida aguarda-se que tenha chovido para tornar susceptiveis de mais facil trabalho as terras que ficam entre as fieiras de mattos e então homens com enxadas excavam a terra entre aquellas fieiras ou linhas de matto, só emquanto ella está humida, para assim recobrirem os mattos com uma camada plastica. Dá-se a este trabalho o nome de *terrar as moreias*, pois que de facto o que se executa é um aterro, embora pouco espesso, sobre os mattos dispostos como se disse anteriormente. Os campos então apresentam um aspecto curioso, muito limpos de hervas e com as intumescencias formadas pelas moreias, fazem lembrar os vestigios que se observam nas terras lavradas com as galerias das toupeiras; mas, em vez das direcções irregulares d'estas ultimas, recordariam batalhões de enormes toupeiras que tivessem excavado, a distancias regulares umas das outras, galerias que só se ramificam em harmonia com as accidentações do terreno. N'estes campos veem-se, de logares em logares, sobreiros ou azinheiros, que se destacam com as suas folhagens escuras por sobre a terra sem hervagens, devendo notar-se que é precisamente para não damnificar o arvoredo com a queima de que vae fallar-se que se fazem as moreias.

Para terrar as moreias são precisos quatro homens por alqueire de semeadura.

Passados os calores do mez d'agosto, deita-se fogo ás moreias e, visto o recobrimento d'ellas com terra, este não se propaga senão ao longo das especies de fornilhos constituidos pelas moreias terradas. Com este processo de queimadas nada soffrem as azinheiras e os sobreiros plantados no terreno, por isso que o fogo não póde ir envolver os troncos das arvores, conforme succede com as queimadas que habitualmente se fazem em outros pontos do paiz.

Logo após as primeiras chuvas do outomno procede-se ao que se chama a *esbandalha das moreias*, que consiste em regularisar as terras, aplanando-as em vista dos ulteriores trabalhos de lavoura. Para o serviço de *esbandalha das moreias* são precisos dois homens por cada alqueire de semeadura.

Estes serviços são effectuados pelos pequenos seareiros, conforme chamam no Alemtejo aos rendeiros que recebem uma area de terra de um proprietario, e vão de meias na cultura d'ella dando elles o trabalho e as sementes e fornecendo as alfaias agricolas; e, logo que o terreno produza de 8 a 10 sementes já paga as despezas com as moreias e as demais da cultura.

MELLO DE MATTOS.

OS CÊRCOS

N'um dos ultimos numeros da *Revue Hispanique* (tom. VII, Paris, 1900) o nosso eminente collaborador e illustre ethnologista, snr. Adolpho Coelho, sob o titulo *De algumas tradições da Hispanha e Portugal a proposito de «Estantigua»*, occupa-se, em um dos capitulos d'esta interessante monographia, da solemnidade pela qual, de data longinqua, se procurava desviar dos campos os espiritos maus que se oppunham ao exito das colheitas.

O esconjuro dos animaes damninhos na Hespanha, em França e na Escossia, a carreira das creanças, no departamento da Mancha, atravez dos campos, com tochas e exorcismando os bichos, a festa dos brandões na Champagne e no Berry, a marcha com archotes pelo campo na Allemanha, outros costumes similares ainda, embora de origem varia, mas attinentes a repellirem os inimigos da fertilidade da naturesa, enlaça-os o auctor com certas festas romanas: — os *Lupercalia*, os *Ambarvalia*, varias mais da antiguidade pagã.

Como vestigios obliterados da festa dos brandões recorda as procissões dos fogareos em Braga e Coimbra, já extinctas; subsistem entretanto, e por egual em quinta-feira de Endoenças, na Povoa de Varzim, condusindo lanternas phantasiosamente ornamentadas a grande maioria dos rapases da villa. Não falta a matraca e o gaudio, prolongando-se este até ás duas horas da madrugada.

Muito lucidamente o illustre publicista vê ainda nas *rogações* a substituição ecclesiastica da festa dos fachos. Com effeito os clamores, rondas e ladarios realisam-se ainda hoje ás centenas nas provincias do norte, em voto ou em prece, por motivo de epidemias, de chuvas, de seccas e de bichos no milhão ou em outras plantas de cultura. Alludindo á pratica já remota, Viterbo diz *(Eluc.*, II, 1799, voc. *Ladairo)*: «Esperavam elles (os nossos maiores) por este modo serem livres dos animaes damninhos e destemperança dos ares, que lhes destruiam as seáras, matavam os gados e affligiam os povos». A consagração official d'esta adaptação de solemnidade pagã observa-se na associação geral dos parochos, na encorporação das camaras, como a de Amares no clamor a S. Pedro Fins, freguesia de Caires, e ainda na collaboração de conegos, como na ronda da Lapinha, de S. Lourenço de Calvos á collegiada de Guimarães. Uma monographia nossa, ainda em esboço, esclarecerá e desenvolverá opportunamente a significação e latitude d'estes votos.

Mais do que os clamores, cramoes ou caramoes accusam os cêrcos, ao parecer, vestigios menos distantes da solemnidade que o eminente publicista tam eruditamente estuda e interpreta. Foram prohibidos no Minho, pelo prelado, ha algumas dezenas de annos; muitas pessoas, entretanto, se recordam, inclusivamente de n'elles collaborarem. E consistiam n'isto. Por motivo de voto antigo e depois da Paschoa a maioria das pessoas d'uma freguesia, com pendões, cruses e andores, começava pela manhã a percorrer os limites da parochia. Á frente um grupo de atiradores armados com bacamartes disparava frequentemente, em regra ao desafio, presumindo cada qual em occasionar maior estrondo. O excesso das cargas originava desastres, bem graves por vezes, e ao cabo da volta, depois de *cercada* a freguesia, o tiroteio representava o dispendio de algumas arrobas de munições. Nas freguesias do Valle, do Couto e de S. Jorge, concelho dos Arcos de Val de Vez e em outras do de Ponte do Lima ainda se faziam os cêrcos ha 40 annos. E como lembrança d'este costume prohibido resta hoje a facecia popular, quando algum homem passa de espingarda: «Vaes para o cêrco?» Ou então: «Podias ir para o cêrco!»

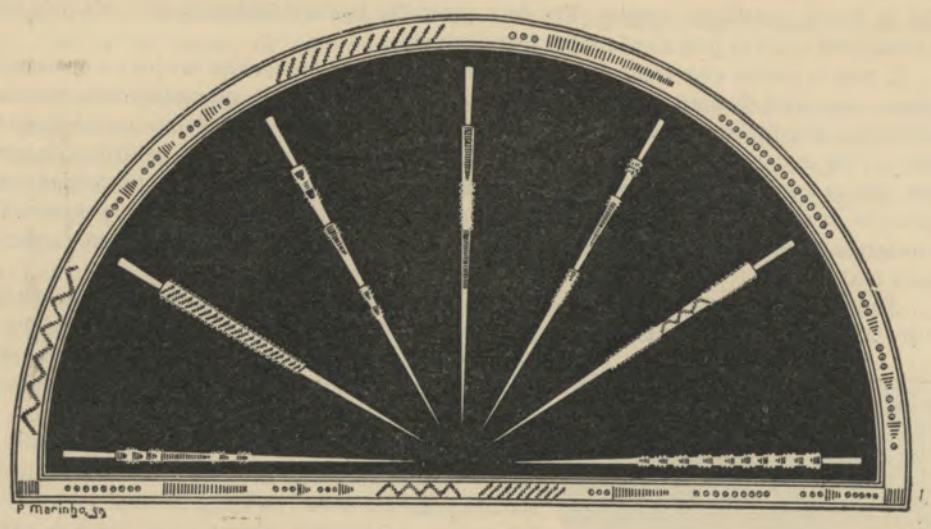
Nas freguesias de Amorim, Terroso e Nabaes, concelho da Povoa de Varzim, effectuavam-se os cêrcos tambem depois da Paschoa. A volta á freguesia durava, como em geral em todo o Minho, o dia inteiro. Homens á frente deitavam foguetes constantemente. E entre os andores o S. Sebastião era indispensavel. O cêrco exprimia uma rogativa para que não houvesse peste e abundassem os fructos.

O divertimento, os banquetes finaes, os galanteios demasiado expressivos durante toda a solemnidade, «com as consequencias ao cabo de nove meses», como me diziam em Terroso, as rixas, os ciumes e os tumultos provocaram a prohibição d'esta festa verdadeiramente orgiastica. Mas no intuito e formas que revestiam os cêrcos não avulta a similitude com o *Ambarvalium sacrum*, ou procissão em volta das seáras verdes? Os tiros não serão um vestigio d'uma forma de defesa do ser damninho, de purificação? E os frangos offerecidos pelo clamor a S. Pedro Fins não serão o echo dos animaes sacrificados nos *Ambarvalia*? (A. Coelho, nota da pag. 27 do ext. e Daremberg et Saglio, *Dict.*, I, voc. *Amb. sacrum*).

Clamores e cêrcos exprimem porventura manifestações levemente diversas d'uma mesma intenção visto ser-lhes commum a maioria dos elementos. E occorre-nos ainda pôr em presença de Luperco, provavel repulsor de todo o bicho damninho das seáras, ou talvez melhor do Caçador infernal, com attributos oppostos, o *macacão das dominicas*, figura monstruosa sob-posta ao orgão da egreja de Santa Rosa, em Guimarães, e ao qual o vento dos folles faz agitar os braços, abrir a bocca e roncar. A ronda da Lapinha tem como uma especie de posse a exhibição d'esta farça ao passar na egreja alludida. Tambem na matriz de Santo Thyrso outra caraça, em egual situação, ronca e distende monstruosamente a lingua; por egual succede n'outra egreja de Braga, na Sé, se bem nos occorre. Será acaso ou uma correlação olvidada, quasi perdida?

Mas, alheiando-nos d'este incidente, o que se nos affigura legitimo é incluir os cêrcos entre as numerosas formas propiciatorias ou esconjuratorias «com que se chamava a fecundidade para a naturesa que resurgia do lethargo invernal».

R. P.



OS PALITOS

Hoje, que as nossas industrias domesticas vão perecendo n'um definhamento tenue pela forte absorpção do trabalho mechanico, é justo que as memoremos gratamente fazendo avultar assim em todas as suas modalidades a originalidade conceptiva do genio artistico e industrial do povo portuguez. Cabe agora a vez ao palito.

O palito não é moderno. Ha já muitos seculos que elle vem prestando á humanidade reconhecida os seus indispensaveis serviços. E porque seja muitissimo remota e longinqua, embora indeterminada, a data da sua apparição, é conveniente fazer-lhe a historia. E' impossivel precisar em que epocha se inventou o palito, ou qual o povo ou povos que primeiro se utilisaram d'elle.

No emtanto sabias opiniões, baseadas em hypotheses duvidosas, attribuem-lhe uma origem pre-historica. Não nos pronunciamos pela affirmativa ou pela negativa, nem tão pouco pudemos averiguar se o homem da edade do bronze já se deleitava, depois das refeições, em alliviar os seus solidos marfins dos residuos alimenticios. Os eruditos que decidam nas horas vagas sobre estes pontos obscuros... Ora onde o palito se nos revela nitidamente no desempenho das suas funcções é na antiguidade greco-romana.

Muitos d'estes instrumentos, na sua maior parte metallicos, chegaram até nós, conservados nas sepulturas de mistura com outros objectos, que a crença religiosa julgava necessarios *á vida do morto*. Embora pareça extranho, o facto explica-se. Certamente ninguem ignora que a morte para os primitivos gregos e romanos não era a cessação material da existencia, mas apenas uma transição para um viver infindavel nas mysteriosas regiões do além; d'aqui resultou naturalmente o piedoso dever, rigorosamente cumprido, de encerrar no tumulo o cadaver acompanhado de tudo aquillo que devia ser util á sua nova actividade transcendente. O palito, é claro, não podia faltar.

Sobrevive, não sabemos como, á assoladora invasão dos barbaros do Norte, e prosegue atravez a edade-média em que as attenções se voltam para elle, ao que parece, pois que de simples e vulgar que era, transforma-se n'um objecto de luxo, já pelos metaes preciosos empregados, já pelo esmero artistico da sua execução. E, conforme resam os livros, assim continua magnificamente valioso até ao seculo XVII.

É substituido então pelo palito de madeira, commodo e barato, cujo uso se generalisa e faz concorrencia ao palito rico e caro, que irremediavelmente teve de bater em retirada bem como

todos os outros metallicos, simples. Era de esperar tão rapida decadencia auxiliada pela questão pecuniaria e talvez pelo sisudo saber dos cirurgiões!

E com os palitos cinzelados desappareceram tambem os primorosos estojos em que se guardavam e que eram de ouro, marfim e couro gravado; alguns d'estes, provenientes da epocha da Renascença, constituiam verdadeiras maravilhas d'arte, pela rara delicadeza e perfeição do trabalho e pela esplendida concepção dos motivos. Foram substituidos pelos paliteiros de ouro e prata, que se tornaram parte obrigada da sumptuaria civil e um dos assumptos predominantes da producção da ourivesaria. Mas naturalmente da sua difficil acquisição resultou a necessidade de os tornar accessiveis ás bolsas modestas, fabricando-os de barro, porcelana e outros materiaes menos custosos.

Todos sabemos qual a abundancia dos recursos que a ceramica portugueza forneceu a tal artigo. O uso do palito de madeira, porém, não se generalisou em todos os paizes com estabilidade, e a breve trecho deram preferencia aos tubos de pennas d'aves, ao marfim, etc.; só Portugal não o abandonou e carinhosamente lhe ficou fiel.

Fig. 2.—Fabricante de palitos

Eis o que podemos dizer ácerca do prestadio instrumento da limpeza dentaria no civilisado Occidente. Todavia o quadro evolutivo ficaria incompleto, se não elucidassemos os senhores sobre o modo como se palitam os Orientaes. Estes, com a velha teimosia d'uma supposta superioridade (de que deriva um profundo desdem por tudo o que é occidental) alliada á extranha originalidade que sempre os caracterisa, escolheram para o fim indicado uma especie de pincel formado da fibrosidade das hastes do *Capparis sodica*.

A industria dos palitos, tradicionalmente localisada em Lorvão e Coimbra, é uma das mais interessantes e mais simples das nossas industrias caseiras, e que ainda absorve quasi por completo a actividade das creanças, mulheres [1] e velhos d'aquella localidade, achando-se porém, n'esta, já definhada.

O seu fabrico singelo e facil, em geral insignificantemente remunerado, é sem duvida amoldado á utilisação da incipiente energia das creanças, do delicado labor das mulheres e do braço já debilitado dos velhotes. O material necessario para a manufactura do palito não é complexo. Além da materia prima, o *Salix alba*, consiste apenas n'uma navalha afiada, na *coura*, ou seja um pedaço de couro, que defende o joelho, e ao qual está geralmente ligado um pedaço de chifre sobre o qual se trabalham as varas de salgueiro, desbastando-as, aguçando-as, alisando-as de forma a converterem-se nos palitos, que, separados em dimensões precisamente eguaes, se vão lançando no cestinho ao lado, accessoriamente necessario, bem como o pequeno banco de madeira. Assim aprestado pode um fabricante na monotona labuta diaria executar algumas centenas de *pegadas*. [2]

No emtanto é evidentemente obvio que a producção quotidiana é mais ou menos abundante, conforme se trata dos palitos pequenos e communs denominados *marquesinhos*, ou dos *palitos lixados* ou *polidos* maiores, mais perfeitos.

Em Lorvão predomina o fabrico dos primeiros ao passo que em Coimbra [3] o dos ultimos.

---

[1] As raparigas constituem talvez o maior numero na população que se entrega áquella manufactura. ALBERTO PIMENTEL, *O Palito*, in jornal *O Popular* de 18-x-97.

[2] Denomina-se *pegada* a execução simultanea de dois ou tres palitos d'uma só haste.

[3] A titulo de curiosidade diremos que Duchatelet e o phantasioso Dumas attribuíam o fabrico dos palitos aos estudantes.

Concluidos, são embrulhados em papeis de côr varia formando pequenos pacotes de 40 palitos que, reunidos em numero de 10, compõem um maço.

Além do que dissemos ácerca d'estes, temos a fallar tambem dos *palitos frisados*, de *flôr* ou *bordados*, assim denominados em virtude da sua ornamentação mais ou menos esculpida. Para a sua execução trabalhosa e complicada basta uma pequena faca finamente cortante, que habilmente manejada consegue tirar effeitos exquisitos da maciez do *Salix alba*. Em resumo: faca e varas de salgueiro.

De resto, independentemente de qualquer posição ou estabilidade, apenas determinada pela agilidade do manufactor, a tarefa póde attingir diariamente o numero de 100 palitos, que são distribuidos em macinhos compostos de vinte e cinco cada um sendo estes vendidos depois ao preço de 60 a 100 reis.

O elemento artistico, que transparece no geral em todas as industrias populares, verdadeiramente não o encontramos n'aquella de que nos occupamos. Na confecção do palito liso apenas se nos depara um mero automatismo, que invariavelmente se transmitte d'umas a outras gerações. Nos palitos de flôr apenas divisamos o producto d'uma phantasia indisciplinada, servida todavia por bellas qualidades nativas, utilmente aproveitaveis.

A proposito, o eminente critico snr. Joaquim de Vasconcellos n'um dos livros do seu brilhante e patriotico apostolado em prol da arte, diz: «Todos os que viveram em Coimbra conhecem a habilidade dos filhos da terra nos trabalhos de esculptura em madeira; essa aptidão natural póde e deve servir para mais alguma coisa do que para fazer palitos mais ou menos *frisados*». [1]

E, na verdade, é deploravel que esta habilidade naturalmente revelada na minucia do entalhe, na delicadeza do relevo e ornatos tão pacientemente amontoadas em pedaços de salgueiro, [2] não seja dirigida por uma cultura que, originando o sentimento artistico, obste á repetição mechanica dos motivos ornamentaes e á reproducção d'um limitadissimo numero de typos absolutamente modelares. [3]

No emtanto alguns palitos ha cujo conjuncto é agradavelmente harmonico.

Relativamente ao ensino não o ha, identicamente ao que succede em quasi todas as outras industrias domesticas. Tambem a aprendisagem resulta breve em virtude da simplicidade do fabrico. Isto quanto aos palitos simples. Quanto aos *bordados* ou de *flôr*, remataremos com as palavras de um dos fabricantes quando inquirido sobre o assumpto: «*Faço este trabalho devido á minha curiosidade. Ninguem me ensinou e portanto tambem não ensinarei a alguem. Outros virão*». Assim alludiu inconscientemente á natural aptidão dos seus conterraneos para tal genero de trabalho.

A actividade commercial que irradia dos dois centros productores alastra-se pelo paiz, pelo reino visinho, pelas colonias e ainda pela Inglaterra, Brasil, Mexico, etc.

Este commercio, ora se realisa directamente pelo fabricante, mercê de longas e penosas caminhadas pelo reino e por Hespanha, rematadas por uma remuneração mesquinha, ou exportando elle proprio o producto, quando o não vende no logar do fabrico, (e então o viver é mais desafogado); ora indirectamente e surge a exploração torpe do intermediario. Devido a este voraz adventicio e ligada á industria paliteira, ainda persiste em Lorvão uma das primitivas formas do contracto — a permuta — em que o valor representativo dos generos de primeira necessidade, não é a moeda, é o palito. [4] Certamente ninguem desconhece como no quadro d'estas condições miseraveis e humilhantes destaca odiosamente a ganancia ignobil do mercador.

---

[1] *Reforma do Ensino de Bellas-Artes*, pag. 196.

[2] Além dos palitos fazem tambem as *arvores dos palitos frisados* e de *flôr*, facas de cortar papel, etc., egualmente decorados.

[3] Podemos redusil-os a tres: frisados ou sagittados, conicos e laminados.

[4] Lino d'Assumpção põe bem em relevo este facto. Transcrevemos as suas palavras: O Lorvão d'hoje, além do mosteiro, pouco mais é do que uma estreita rua de casas pequenas, de um andar, a que algumas outras se sobrepõem, subindo pela meia encosta aspera. Ao soalheiro das portas sentam-se mulheres e creanças cortando e afeiçoando em palitos os troncos brancos de salgueiro. Os homens, pela

Finalmente esta pequena industria, domesticamente manufacturada, de aprendisado espontaneo e simples, cuja actividade tem vindo n'um crescente de vitalidade [1] está prestes a transformar-se em industria mechanica. E, com effeito, no assombroso inventario dos progressos do seculo XIX, o palito foi contemplado com a sua machina, cuja prodigiosa producção invalidando o braço das activas paliteiras, fará succumbir a tradicional industria de Lorvão e Coimbra.

Como sobrevivencia transitoria d'esta derrocada ficarão talvez os palitos bordados, correndo o reino, levados a titulo de recordação e curiosidade pelos estudantes universitarios que sahirem da terra onde viram pela vez primeira o classico *Palito Metrico*.

Coimbra. Dezembro, 1900. RODRIGUES MONTEIRO.

A ORIGEM D'UMA FORMULA MAGICA

Em *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, n.os 3-4 do tom. XXIX, o snr. F. Haverfield, na communicação intitulada *Notes on the Roman Origin of a Mediæval Charm*, pags. 306-7, estampa uma conhecida formula magica, reproduzindo a placa encontrada em Cirencester junta a varios despojos romanos. Por este motivo e outros que addita permitte-se attribuír-lhe uma origem romana, a modo de novidade, ao contrario d'outros estudiosos que a consideravam medievica. Diz mais o escriptor inglez que essa especie de nomina lhe parece ainda empregada em algumas partes do mundo. D'um tatuado portuguez a revelamos nós sob a forma n.º 1, que afinal é, invertida, a mesma que o snr. Haverfield figura (n.º 2):

N.º 1	N.º 2
SATOR	ROTAS
AREPO	OPERA
TENET	TENET
OPERA	AREPO
ROTAS	SATOR

E já então alludiamos (1891) á interpretação de Koehler, ante a Sociedade anthropologica de Berlim a que se refere o snr. Leite de Vasconcellos na *Revista do Minho*, tom. I, o qual, e a proposito, ainda transcreve e commenta um artigo de Webster inserto na revista inglesa *The Academy* (R. P., *A tatuagem em Portugal*, in *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, tom. II, pags. 152-4 e fig. 23 da pl. VIII).

Remedio magico e especie de amuleto, attribuíram-lhe uma origem romana, suppondo-a um estribilho de ritual da Roma pagã, ao deante christianisada. E mais tarde o eminente crimina-

---

maior parte *cavões*, que só vivem do trabalho da enxada, andam na lavoura alheia aproveitando as ultimas chuvas para lançarem milho á terra.

Ao cabo da rua principal, e fazendo esquina para o largo do mosteiro, encontra-se, á esquerda, a venda do Carlos. Loja suja, dividida por um balcão negro, ao longo do qual vae e vem com passo lento, gesto molle e aborrecido, o dono da casa, quando não anda por Hespanha fazendo negocio.

Era a hora de maior concorrencia. Mulheres e creanças entravam de chale pela cabeça, e a troco de palitos levavam bacalhau, assucar, arroz, café, petroleo, azeite, vinho, borôa, phosphoros ou papel de côr. O palito é ali a *moeda corrente*. Para as transacções entre o mercieiro e os seus freguezes não ha necessidade do intermedio nem da Casa da Moeda com as cedulas, nem do Banco de Portugal com as notas. O Carlos recebe os maços, e examina-os quasi papel por papel, como um usurario examinaria uma peça d'ouro suspeita. Elle bem sabe que se o puderem enganar que não deixam de o fazer; portanto, só depois de verificar se a *moeda* lhe serve é que dá a fazenda que lhe pedem e ella representa. Muitas vezes a *moeda* soffre uma depreciação que elle arbitra, attendendo á qualidade e imperfeição do fabrico; outras então regeita-a sem dó, como se fossem notas falsas; sem reparar que esses macinhos, em que á pressa se juntaram lascas tortas, escuras, mal aparadas, representam uma fraude de fome que, ao meio dia, desejaria roer um bocado de borôa. . . . . .

Verificada a qualidade dos palitos o Carlos atira com elles para diversos repartimentos, segundo a qualidade, e depois exporta-os por sua conta. . . . . .

(LINO D'ASSUMPÇÃO, *As Freiras de Lorvão*, pags. 5 a 7).

[1] Não se pode precisar a intensidade da producção por falta de documentos officiaes. PINHO LEAL, ao referir-se a Lorvão, elucida: «Fazem-se n'esta freguesia annualmente tres a quatro mil crusados de palitos. . .» *Portugal Ant. e Mod.* — Actualmente anda por uma dusia de contos annuaes, e perto de mil pessoas se occupam no fabrico. LINO D'ASSUMPÇÃO, *Ob. cit.* — Em Coimbra orça por dois contos, approximadamente.

lista C. Lombroso, referindo-se á tatuagem portuguesa, escreve: «... é uma d'estas formulas magicas, como diz Koehler, do tempo de Roma, remontando talvez até Catão e destinada a extinguir as febres...» (*L'homme criminel*, tom. I, pag. 300 da 2.ª ed. francesa sobre a 5.ª ed. italiana).

Não offerece pois novidade a ideia e proposta do snr. Haverfield, o qual, citando alguns trabalhos referentes ao assumpto, desconhece outros e nomeadamente o escripto na sua lingua.

A proposito d'esta formula, que pode ser lida horisontal ou verticalmente e da direita para a esquerda ou vice-versa, tornando ou não propicios os deuses, reprodusimos o extracto d'uma carta de Lombroso (1892) ao A. da memoria sobre a tatuagem em Portugal, ao tempo inserto na *Revista Juridica*, tom. I, pag. 520: «A ultima tatuagem-inscripção que reproduz affigura-se-me sobretudo d'uma importancia extrema, pois vem provar como a tatuagem se prende aos tempos mais remotos em que a escripta era coisa tam extraordinaria para o publico illetrado que assumia o quer que fosse de sagrado ou de diabolico, origem primordial de muitos amuletos escriptos. Ainda hoje entre os selvagens se dá a comer ao doente uns bocados de papel com um verso do Alkorão».

R. P.

AS CANDEIAS

NA

INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

Ao artigo que publicámos acérca das candeias, no 2.º fasciculo da *Portvgalia*, temos a addicionar tres novos documentos e algumas breves observações. Esses documentos dilatam anterior e posteriormente o periodo que delimitáramos á actividade dos *candieiros* ou feitores de candeias, e á introducção pelas alfandegas das *candeias de rezar* vindas do extrangeiro. A indicação historica mais antiga com respeito aos candieiros referia-se ao reinado de D. Affonso V. Podemos retrogradar agora um seculo até ao reinado de D. Diniz. Em 12 de agosto da era de 1365-1327— emprazava Elvira Silvestre, prioreza das donas do mosteiro de S. Vicente de Fóra, (Santa Clara) a Lourenço Anes, *candeeiro* que fôra d'El-rei D. Diniz, pelo preço de 8 libras, umas casas situadas no sitio da Cruz, as quaes haviam sido de Martim Paes Ribeira, e que Silvestre Garcia, pae da dita Elvira Silvestre, deixára a ella por alma de Martim Curvo. Eis na sua integra o interessante instrumento:

A B C

«Sabham todos que eu Elvira Silvestre Prioresa das donas solores do Moesteiro de San Viçente de Fora e nos sobreditas donas desse méésmo damos e enprazamos a uos Lourence Anes candééiro que foy del Rey Don Denis, hũas casas sotom e sobrado que nos auemos na Crux as quaes forõ de Martin Pááez Ribeira as quaes a nos leixou Siluestre Garcia padre de mjn Eluira Silvestre pola alma de Martin Curuo. Damos e enprazamos a uos as ditas casas com sas entradas e saidas e com todos seus dereitos e perteenças que uos que as aiades e logredes e possuades em dias de uossa uida por tal preito e so tal condiçõ que uos dedes a nos en cada hũu ano oyto libras por dia de San Miguel de Setenbro. E uos deuedes a adubar e a mantẽer as ditas casas de todalas cousas que lhys conprir de guisa que seiã melhoradas e nõ peioradas. E a uossa morte ficaren a nos as ditas casas com toda sa benfeitoria sen contenda nẽhũa. E obrigamonos por todos nossos bẽes guaanhados e por guáánhar a deffender e enparar a uos as ditas casas de quen quer que uolas demande ou enbargue assy comé huso e costume da terra. E eu Lourence Anes louuo e outorgo todalas ditas cousas e cada hũa delas. E obrigome per todos meus bẽes guaanhados e por guáánhar a conprilas en todo e a pagar a uos as ditas oyto libras en cada hũu ano como dito he. En testemũho desto nos sobreditas partes mandamos a Dominge Anes Tabelliõ de Lixbõa que fezesse ende dous stromentos dũu tẽor partidos por .abc. dos quaes ende téémos senhos. Feitos foron na Cidade de Lixbõa hu chaman a Crux doze dias dagosto era de mil e trezentos e saseenta e cinque anos. Testemunhas Johã Migueez e Affomse Anes irmãao de Lourence Anes, Steuã Martinz. Steuã Fernandez pedreiro, Pero Anes Counica e Johã Fernandez e Pero Affomso, Francisco Diaz, Johã Vicente e outros. E eu Domingue Anes Tabelliõ pubrico da dita cidade a rrogo e por outorgamento das ditas partes dous stromentos semelhauijs dũu tẽor partidos por .abc. cõ mha mãao escreuy e en cada hũu deles meu sinal pugi que tal + he. [1]

---

[1] Caixa 112 da *Collecção Especial*, na Torre do Tombo.

O segundo documento acha-se registado em resumo na chancellaria de D. Fernando e é uma carta, pela qual este monarca deu de fôro em 3 vidas, por 47 libras annuaes, a João Esteves, umas casas sitas na rua dos *candeeiros da cera.*

Resa assim a alludida carta:

«Carta per que o dito senhor deu de foro huas casas que elle ha em Lixboa na Rua dos Candeeiros da cera que partem com casas do dito senhor que trazem Joham da Madanella e Francisco Anes e com Alfandega e com Rua publica a Joham Steuez e a duas pesoas de pois de sua morte por Rbij libras em cada huu ano de foro, etc. na Tougia xiij dias de dezembro de mil iiij^{c} xbj anos. [1]

Este documento, passado na Athouguia a 13 de dezembro de 1416, é muito interessante, porisso que nos revela quanto n'aquella epoca estava desenvolvida a industria dos candieiros de cera ou cerieiros, pois tinham já um arruamento seu em Lisboa.

Do desenvolvimento que a industria das candeias teve entre nós, sobretudo nos seculos XVI e XVII, em que tocou o apogeu da sua grandeza, convertendo-se a industria, em grande numero de casos, em verdadeira arte, tratámos nós no capitulo XI do nosso livro *Artes e artistas em Portugal.*

O terceiro documento é uma ampliação para assim dizer do que já publicámos com relação a D. Filippa. O privilegio concedido a esta senhora estendeu-se ou passou depois a D. Leonor, mulher de D. João II. D. Manoel, em 20 de janeiro de 1492, confirmava outra carta de seu antecessor, pela qual este concedia a sua esposa a dizima de certos objectos importados pelas alfandegas. São os mesmos que vem mencionados na carta de D Filippa, tendo a mais uns dous ou tres artigos como *esmoleiras de ouro e de seda, bolsas, matalotes.* O privilegio não se restringe sómente á alfandega do Porto, mas estende-se a todas as do reino.

Na lista, que apresentámos d'esses objectos, sahiu incorrectamente *cordas* por *cardas* e faltou mencionar cordões, forcaduras, almeizares e crispinas de ouro e seda.

Eis a carta de confirmação de D. Manoel:

«Dom Manuell per Graça de Deus etc. Aquantos esta nossa carta de confirmaçam virem ffazemos saber que a senhora raynha dona Lianor mynha muyto amada e prezada irmaã nos enuyou mostrar hua carta que per elRey dom Joham meu senhor e primo cuja alma Deus aja na sua santa gloria tynha asynaada da quall ho theor tal he || como sse ao djante ssegue ||.

Dom Joham per Graça de Deus Rey de Portuguall e dos Algarues daaquem e daallem mar em Afriqua Senhor de Guynee ||. Aquantos esta nossa carta virem fazemos saber que a rraynha dona Lianor mynha sobre todas muyto amada e prezada molher nos disse como depois que he rraynha atee ora ella nom ouuera a rrenda da dizima das joyas afundo declaradas que lhe perteencia auer de todallas alfandegas de nossos regnos per bem da doaçom que os reix passados ante nos derom e confirmarom aas raynhas dos ditos nossos regnos de Purtuguall a saber: aljoffar çendaaes ouro fiado e prata fiada anees arquas escanjnhos spelhos penteens folha douro e de prata alfressees trenas toda sseda e rretros e froxam aguylhoos anbres contas botoões aziujches canjcares veeos fita douro e de sseda canudos douro e de prata coraaes redondos outras contas e veeos e enxaraujas de sseda e de linho chapines e cabeleiras chapilleres aluayade tissidos manjlhas douro e de prata e azeuiches cordoões e forcadura e almizquere crespinas douro e de sseda esmoleiras douro e de sseda e bolsas candeas dAragam pera rrezar aceffates rrocas e buetas grandes ssedeiros de sseda e linho cardas de cardar algodom luuas matalotes e asy doutras muytas coussas desta calidade pedindonos que por quanto ella nom podja asy auer as ditas coussas ssem teer dello nossa carta lha mandamos dar pera per ella as mandar requerer e arrecadar || e veendo nos seu dizer e pedir e como senpre folgamos muyto auer as suas cousas ante nos por nossas meesmas e por que ella mjlhor podesse nysto sser seruida e mais çerta con seu prazer quissemos e nos praz que ella deste janeiro que ora foy do ano presente de myl iiij^{c} l r ij em djante tenha e aja de nos pellas ditas joyas e coussas sobre ditas quatrocentos cruzados douro em ouro em cada huu ano despachados em nossa fazenda per carta que lhe delles seera dada per nossas rrendas homde lhe sejam muy bem pagos aos quartees de cada huu anno || e por firmeza dello lhe mandamos dar esta nossa carta asynaada da nossa maõo e seellada do nosso seello pendente pella quall mandamos aos veedores da nossa fazenda que lhos mandem asseentar nos nossos liuros della e dar carta em cada huu ano dos ditos quatrocentos cruzados douro pera as ditas nossas rendas em que sua alteza possa dellas seer muy bem paga na maneira que dito he. Dada em a nossa cidade de Lixboa a xx djas do mes de janeiro, Joham Fealho ano de myl iiij^{c} l r ij anos ||.

---

[1] Torre do Tombo, Chancellaria de D. Fernando, livro 2.º fol. 36.

E pedindonos a dita Senhora que por quanto ella per nos queria a dita carta confirmada que lha mandassemos asy confirmar e dar sob nosso sinall e seello como do dito senhor Rey meu primo tynha. || E por que de nos suas coussas nom som menos istimadas que as nossas propeas pollo muyto amor que lhe teemos e desejo de lhe senpre fazer graça e merçee teemos por bem e lha confirmamos e auemos por confirmada a dita carta asy e pella meesma guissa e maneira que lha o dito senhor Rey meu primo tynha dada e outorgada pella dita sua carta || E queremos e mandamos que asy como neella he contheudo se cunpra e guarde todo muy inteiramente ssem duujda nem enbargo alguu que lhe seja posto por que asy he nossa merçee. Dada em Satuuell a xxiiij djas do mes de março || . Joham do Porto a ffez anno do Nascimento de Nosso Senhor Jhesus Christo de myll iiij^c l r bj. [1]

N'uma carta de fr. João Claro, doutor pela Universidade de Paris, monge e prior de Alcobaça, dirigida a D. Manoel, diz elle, referindo-se a obras a fazer na egreja e á maneira como os objectos de culto estavam dispostos em um armario junto de cada altar: «... e o sacerdote que a hade dizer (a missa) vae á sacristia por o seu cales, hostia e *candea*».

A Senhora das Candeias era uma das festas mais solemnisadas na Capella real. João Baptista de Castro, a paginas 179 do 3.º volume do *Mappa de Portugal*, pormenorisa as cerimonias do dia e diz-nos qual era o comprimento das velas que se entregavam ás personagens que assistiam á festa. A de Sua Magestade era de uma vara e duas terças de comprido e pesava cinco arrateis; a da rainha era quasi das mesmas dimensões e peso; a dos infantes, de vara e meia e de tres arrateis e meio de peso; a dos embaixadores e duques, de vara e terço e de tres arrateis; a dos arcebispos e marquezes, de vara e sêsma e de dois arrateis e meio; a dos bispos e condes, de uma vara e de dois arrateis; a dos do Conselho, de uma vara menos uma sêsma e de arratel e meio, e assim á proporção as das outras pessoas.

Dos documentos, que acabamos de publicar não se deduz o feitio que teriam as *candeias de rezar*, quer feitas em Portugal, quer vindas de fóra, mas parece-nos que seriam velas, embora d'uma forma especial, e que se não poderiam confundir com as candeias que ainda hoje se usam nas aldeias e em algumas casas pobres, alimentadas pelo azeite, pelo oleo de peixe — o saíl de nauseabundo cheiro, e modernamente até pelo petroleo.

No arsenal lithurgico figura ainda a *candela*, especie de palmatoria. Os francezes dizem *brûler la chandelle*, e nós, acender uma vela a um santo, a santo Antonio, por exemplo. Em muitas casas conserva-se superstíciosamente a *vela benta*, que se acende por occasião das trovoadas, como preservativo religioso contra os effeitos do raio.

SOUZA VITERBO.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

3. — D. Anna

(A D. A. M. F.)

N'aquella «villa viçosa»
Entrou a cavallaria;
Foi por uma rua abaixo
E virou por outra acima.

Viu estar n'uma janella
Duas meninas mui lindas;
Disse o tenente p'ró alferes:
«Qual d'ellas é mais linda?»

— Oh! aquella d'azul claro
Essa é uma maravilha!
Hei de *la* roubar á noite,
Antes que me custe a vida! —

Com vinte e cinco soldados
Foi p'rá sua companhia,
E á meia noite em ponto
O tenente á porta batia.

«Oh! Quem bate á minha porta,
Olhe que inda não é de dia!»
— Não é comsigo, D. Anna,
Mas é com a sua filha! —

«Minha filha não 'stá cá,
Foi a dormir com a tia!»
Entrou pela porta a dentro
Sem nenhuma cortezia.

Sete salas descobriram
Sem acharem *na* menina;
Chegaram ao aposento
Onde ella estava dormida.

Levantou-se a mãe da cama
A dar conselhos á filha:
«Oh! Filha faz pela honra
Que eu tambem fiz pela minha!»

A desgraçada D. Anna
Em lagrimas *le* dizia:
— Honre as barbas de meu pae,
Que a minha já vae perdida! —

A' sahida do palacio
O tenente *le* procurara:
— Lá em casa de seus paes
Como ella se chamava? —

«Em casa de meus paes
Chamava-se-me fidalga;
Agora por esses mundos
Serei infeliz... desgraçada!»

---

[1] Torre do Tombo, Chancellaria de D. Manoel, liv. 43, fls. 60, v.

Indo lá mais adiante
O tenente *le* procurara
Em casa de seus paes
Como ella era tractada? —

«Em casa de meus paes
Comia gallinha assada;
Agora por esses mundos
Comerei sardinha salgada!»

Indo lá mais adiante
O tenente a accommettia;
E ella, como discreta,
Respondeu: que não queria!

Puxou por um punhal d'ouro,
Que o cavalleiro trazia,
Metteu-*lo* por um lado
E ao coração *le* sahia!

Pegou n'ella em seus braços
E a sua mãe levou a filha;
E assim fallou á D. Anna
Para maior tyrannia:

— Oh! D. Anna! Oh! D. Anna
Eis aqui a tua filha!
Honrada e virtuosa
Mui bem *le* custou a vida!

«Justiça do ceo valei-me,
Que na terra não a havia;
P'ra mattar o cavalleiro,
Que mattara minha filha!»

Recolhido em Maçores, em 1898.

—

4. — Lizarda

(A D. M. F. F.)

Ó Lizarda, ó Lizarda,
Oh! Quem comtigo dormira;
Uma noite, nada mais,
Que felicidade era a minha!

«Dormiras uma noite e duas,
Se te não fôras gabar
A' meza dos cavalleiros,
Onde meu pae vae jogar.»

'Inda não era de dia,
Nem o sol estava a raiar,
Quando a tia, que o soubera,
Logo a foi visitar.

Sua mãe, que *lo* disseram,
Logo a mandou fechar.
Seu pae, tanto que o soube,
Logo a mandou queimar.

«Não ha por ahi um creado,
Que me venha consolar?!»
— Aqui estou, minha senhora,
P'ra aquillo que *le* prestar. —

«Leva-me já uma carta
A Carlos de Montalvar;
Se o achares a jantar,
Deixara-lo acabar.

Se o achares a dormir,
Deixara-lo acordar;
Se o encontrares a passear,
Então *la* has de entregar.»

Foi tanta a sua sorte
Que o achou a passear.
— Novas te trago D. Carlos,
Novas de grande pezar.

Menina com quem dormiste
Já a vão a queimar! —
«Não se me dá que a queimem
Nem que a vão a matar.

Só me peza o seu ventre,
Que é de sangue real!
Alla! Alla! meus soldados,
Meus cavallos a ferrar.

Com ferraduras de bronze,
Que se não possam gastar!»
Despiu o fato de princepe
E o de frade foi tomar.

Foi ter a um caminho,
Onde ella havia de passar;
«Pára, pára, ó justiça,
Senão te farão ajoelhar.

Menina que vae á queima
'Inda vae por confessar!»
— Pois confesse-a, senhor frade,
Emquanto vamos jantar. —

«Ajoelhe já, menina,
Comece-se a confessar;
No meio da confissão
Um beijo me ha de dar!»

— Não permitta Deus
Nem a sua santidade!
Bocca que beijou D. Carlos
Não a beija nenhum frade! —

Pela sua voz parece
D. Carlos de Montalvar! —
«Este mesmo sou, menina,
Que te venho a buscar!

Sube-te n'este cavallo,
Vamos d'aqui a marchar;
Dize agora a tua tia
Que te venham cá fechar!

Dize agora a teu pae
Que te venha queimar;
Com a ponta da espada
O havemos de matar!»

Recolhido em Ligares, em 1898.

(*Segue*)

CANCIONEIRO

29.ª

Já se foi o sol embora,
A' portellinha passou;
Se não era de teu gosto,
Meu amor, quem te obrigou?

30.ª

Meu pensamento vareia,
Minha alma que culpa tem?
Eu estou deitado na cama
E elle anda por ahi além!

31.ª

Tristis es anima mea,
São palavras em latim;
Diz-me com quem te divertes
Quando te apartas de mim?

32.ª

Eu tambem sou lavadeira,
Lavo no rio Sábor;
Um lencinho d'entremeio
Para dar ao meu amor.

33.ª

Quando as aguas tornarem
Aos sitios d'onde nasceram,
Então tornarão meus olhos
A ganhar o que perderam.

Maçores, 1900.

(*Segue*)

—

VARIA

A Missa dos Passaros

O 'storninho — Toca o sino.
A *pardaleja* — Abre a egreja.
O marantéu — Tira o chapeu.
A marifella — Accende a vella.
O ferefolho — Põe-se de *jôlho*.
A carriça — Diz a missa.
E o pardal — Muda o missal. [1]

Prégação de S. Coelho

Prégação de S. Coelho
Fui ás Eiras do concelho
Achei lá um homem morto
Disse-*le* se era christão?
Elle disse-me que não!
Puxei pelo cutello
Mettil-o no coração.

A carriça deu um grito
Que tudo se espantou
Que só uma velha ficou
Embrulhada n'um chinello
Comendo pão e marmello.

Recolhido em Ligares, em 1900.

(*Segue*)

TAVARES TEIXEIRA.

---

1 Recolhido na Louza.

NOTICIAS

Alfaia agricola portuguesa

(Exposição da Tapada da Ajuda em 1898) [1]

GRADE. — A nossa figura 10 representa uma *grade* de Bragança, com o respectivo *pau*, que serve para o tiro, e o *cambo* com que se articula o pau á grade. É um instrumento de forma, como se vê, muito simples e sem duvida archaica, que, com variantes tenho encontrado noutras partes do país, assim como grades maiores, mais pesadas, sem dentes ou com dentes, de madeira ou de ferro. As grades são empregadas para desfazer os torrões, levantados pelo arado, e egualar a superficie da terra antes da sementeira, para tirar as más hervas, assim como para cobrir com a terra a semente lançada ao solo.

A palavra *grade* vem do latim *crates*, accus. *cratem*, que designava, entre outras coisas, o mesmo instrumento de que se acha representado um exemplar em a figura referida. Vergilio falla de «grades de vime», [2] que serviam sem duvida apenas para alisar a terra, e faz menção tambem de «grades de medronheiro» [3] e esse typo de grade leve suppõe Felix Pereira ser o mesmo que o nosso «rojão» ou «jorrão», como se diz e elle escreve tambem noutro logar *(jorrão* parece simples resultado de metathese tão frequente em português, como em *tanchagem* por *chantagem*, de latim *plantaginem)*. [4] As palavras do poeta romano foram já citadas a proposito do *raster*. A *occatio*, a acção de quebrar os torrões depois da arada, fazia-se, como tambem já ficou documentado por um passo de Plinio, com a *crates* ou o *raster*. Repetia-se a *occatio* depois das sementeiras, para cobrir as sementes, com uma grade dentada, ou uma taboa presa á charrua, segundo o costume. Esta operação chamava-se *lirare;* dahi vem a palavra *delirare*. [5] O mesmo auctor diz haver especies de terras cuja fertilidade obriga a passar a seara em herva pelo *pecten*, que elle define: genero de grade com dentes de ferro. [6] Havia tambem um pente manual que nas Gallias servia para colher o painço, e o milho miudo. [7] Tambem Columella indica o mesmo uso do pecten para cortar as espigas: «multi mergis, alii pectinibus spicam ipsam legunt, idque in rara segete facillimum, in densa dificillimum est». [8] Os dentes do pecten eram ralos:

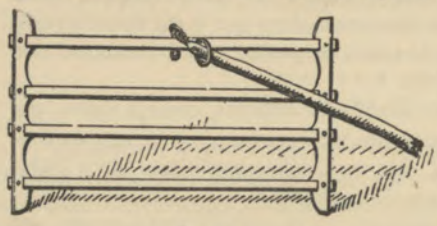


Fig. 10.

Et tonsam raro pectine verrit humum (sc. rusticus). [9]

A *occa*, que como já se viu a proposito do *raster*, foi confundida ao que parece com este, deve ter sido realmente a velha grade de desterroar dos romanos ou dos seus proximos vizinhos da mesma estirpe. As outras linguas europeas aparentadas ao latim têem para designar a grade ou a mesma palavra ou palavras derivadas do mesmo thema ou raiz:

---

[1] Concluido de *Portvgalia*, vol. I, fasc. 2, pags. 398-416.

[2] VERGILII *Georg.*, I, 94-95 (ed. Ladewig):

Multum adeo, rastris glebas qui frangit inertis
Vimineasque trahit cratis, juvat arva...

[3] IDEM, *ibid.*, I, pag. 166: «Arbuteae crates...»

[4] O rojão é muito empregado para enterrar a semente de nabos e outras sementes miudas. FELIX PEREIRA, *As Georgicas de Virgilio*, (Lisboa, 1875), pag. 6, nota.

[5] PLIN., *Hist. nat.*, XVIII, 20: «Aratione per transversum iterata occatio sequitur, ubi res poscit crate vel rastro; et sato semine iteratio. Haec quoque ubi consuetudo patitur, crate contenta, vel tabula aratro adnexa, quod vocant lirare, operiente semina: unde primum appellata deliratio est».

[6] IDEM, *ibid.*, XVIII, 21: «Sunt genera terrae, quarum ubertas pectinari segetem in herba cogat — cratis et hoc genus dentatae stilis ferreis».

[7] IDEM, *ibid.*, XVIII, 30: «Panicum et milium singulatim pectine manuale legunt Galliae».

[8] COLUMELLA, II, 20.

[9] OVIDII *Remedium amoris*, v. 192.

grego ὀξίνη (Hesychio); protoceltico * *okitā*, antigo cornico *ocet*; antigo alto allemão *egjan, egida*, allem. moderno *Egge*, lithuano *akéti, akéczios*.

Os investigadores que admittem que os indo-europeus primitivos se separaram primeiro em dois ramos, um o arico ou asiatico, outro o europeu, vêem naquelle parallelo de nomes da grade prova de que este instrumento era conhecido já na unidade europea, em que se teriam realisado notaveis progressos agricolas. [1]

Os romanos tinham uma especie de grade a que davam o nome de *irpex*, que se acha tambem escripto *hirpex*. Era, segundo a explanação de H. P. Thédenot, [2] que combina um passo de Varrão [3] com outro de Festo, [4] um instrumento composto de traves com dentes de ferro, arrastado por bois, para arrancar as más hervas. Servio [5] diz: «Crates quam rustici irpicem vocant»; mas a crates propriamente dicta, segundo o mesmo Thédenot, servia sobretudo para egualar o chão e o *irpex* era analogo ás grades modernas que arrancam as hervas e egualam o chão.

O accusativo *irpicem*, de *irpex*, tomou em francês a forma *herce, herse*, que traduz a nossa *grade*, como instrumento agricola. O provençal tem *erpi*, o italiano *erpice*, provenientes tambem daquelle termo latino. O português não conserva aquella palavra, pelo menos como termo d'alfaia agricola; [6] o hispanhol desconhece egualmente o reflexo do vocabulo *irpex, irpicem*, e diz *grada*, mudando a declinação do latim *cratem*.

Pouco sei da extensão do dominio da grade fóra da Europa.

Rich traz uma figura representando a *occatio*, a gradagem, no Egypto. [7]

Vêmos a grade em uso desde alta antiguidade entre os indo-europeus da Asia. Aqui os persas chamam-lhe *kirāz*, que se ligou a uma raiz que se encontra no sanscrito sob a forma *kr, kar (kirati)*, no sentido de «spargere»; na lingua do mesmo povo ha ainda o synonymo *barn*, duma raiz indo-europea *bhar*, com o sentido de furar, cortar, fender, dividir, (cp. grego φαρόω, lavrar com arado, latim *foro*, etc.). Ao persa *barn* corresponde um termo slavo que é em russo *boronā*, em illyrio *brana*, em polaco *brona*, em tcheque *brany*. O sanscrito possue varios vocabulos com o sentido de «grade», como *kōtiça, lēshtugna, lēshtubhēlana*. [8]

No archipelago malaio não é desconhecida a grade. Emquanto sabemos, como já vimos, que os batta do planalto de Tobah fazem uso dum arado, dizem-nos tambem que essa gente para desfazer os torrões se serve dum simples pau com moca. Mas na Celebes meridional viu o inglês Wallace empregar para o mesmo fim uma grosseira grade de madeira. [9]

Como tambem já vimos, os melanesios adultos rompem a terra com um pau aguçado, que impellem adiante de si, emquanto os rapazes os seguem desfazendo os torrões com paus e á mão. Foi sem duvida esse o processo primitivo para desterroar e parece que entre elle o uso da

---

[1] O. SCHRADER, *Sprachvergleichung und Urgeschichte*, 2.ª ed. (Jena 1890), pag. 411; H. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE, *Les premiers habitants de l'Europe*, 2.ª ed. I (Paris, 1889), 215-16; AUG. FICK UND WHITLEY STOKES, *Wörterbuch der indogermanischen Sprachen*, II *Urkeltischer Sprachschatz* (Göttingen, 1894), pag. 48; ADOLPHE PICTET, *Les origines indo-européennes*, 2.ª ed. II (Paris, 1878), 130-31.

[2] H. THÉDENOT, em DAREMBERG ET SAGLIO, *ob. cit.*, IV, 576-7, s. v. *irpex*.

[3] VARRO *de lingua lat.*, V, 13-6.

[4] FESTUS, s. v. *Irpices*.

[5] SERVIUS, ad *Georg.*, I, 95.

[6] FRIEDR. DIEZ, *Etymol. Wörterb.*[3], II, 344. Como o francês *herse* (lat. med. *herza*) apparece tambem com o sentido de «candelabro», pensou Diez que o português *eça*, «catafalco», que se rodeia de tocheiras, fosse a mesma palavra; mas accrescenta: «Pela forma e significação corresponde á palavra romanica, tambem inglês *hearse*, «catafalco», anglosaxão *hersta*, antigo alto allemão *harsta*, grade (não de lavoira), fogueira (para queimar cadaveres). D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS, *Fragmentos etymologicos*, (em *Revista Lusitana*, III, 144) diz: «*Eça* é, sem duvida * *ersa*, de *ergere (erigere*, Cornu, § 148) scil.: *tumba ersa*»; mas accrescenta que a palavra viria de Inglaterra, no tempo da rainha D. Filipa, porque a orthographia primitiva de *eça* é *hessa* = inglês *hearse*. Mas esta palavra inglesa, que, como vimos, Diez suppôs germanica, é considerada por WALTER W. SKEAT, *A concise etymological Dictionary of the english Language*,[3] (Oxford, 1887), como proveniente do antigo francês *herce*, mod. *herse*, de lat. *irpicem*. Como concilia a illustre romanista a equação *eça* = lat. *ersa* com a origem inglesa? Isso não se vê claramente do seu artigo.

[7] RICH, *ob. cit.*, s. v. *occatio*, pag. 432.

[8] ADOLPHE PICTET, *ob. cit.*, II, 129-30.

[9] FRIEDR RATZEL, *ob. cit.*, II, 419.

grade se intercalou outro processo, que, da sua parte, teve um desenvolvimento proprio, ao lado da grade: refiro-me ao uso do *cylindro [rolo* = lat. *rotulus]*. Rich reproduz de Fellow [1] uma figura que representa um rolo ainda usado no Oriente, para calcar a terra, e que é um pedaço de tronco d'arvore, ao qual se pregou um temão para atrelar animaes; esse rolo não gira e em cima delle vae por vezes o guia, para augmentar o peso.

Entre os gregos e romanos, o κύλινδρος, *cylindrus*, era um rolo, geralmente de pedra, usado sobretudo para aplanar a terra para a eira. Vergilio descreve em termos rapidos, mas claros, a construcção da eira:

Area cum primis ingenti aequanda cylindro
Et vertenda manu et creta solidanda tenaci,
Ne subeant herbae, neu pulvere victa fatiscat, etc. [2]

Catão dissera: «Faze deste modo a eira em que has de bater o trigo: Cava miudamente a terra, deita-lhe em cima boa quantidade de bagaço d'azeitona, de modo que fique embebida o mais possivel; desfá-la e aplana-a com cylindro ou maço». [3]

Fig. 11.

Não é exacto que, como alguem escreveu, os romanos não se servissem de cylindro para desfazer torrões e assentar a terra sobre as sementes, operação a que estava, entre outras, destinada a grade *[crates]*. Plinio diz que se calcava com o cylindro ou os pés a semente do aipo, julgando que saia de folha mais crespa: «Ab aequinoctio verno seritur apium semine paulum in pila pulsato. crispius sic putant fieri aut si satum calcetur cylindro pedibusve». [4] Columella aconselha tambem o uso do cylindro, referindo-se especialmente ao mangericão:

Tum quoque proscisso riguoque inspersa novali
Ocima comprimite, et gravibus densate cylindris,
Excurat sata ne resoluti pulveris aestus,
Parvulus aut pulex irrepens dente lacessat,
Neu formica rapax populari semina possit. [5]

Ansinho. — A nossa figura 11 representa um *ansinho* (diz-se tambem *ensinho* e escreve-se tambem com *c*), de Bragança, cujo cabo tem de comprimento 1m,20. Esse instrumento, que ora tem, como o representado, dentes de madeira, ora de ferro, aproveita-se na agricultura e horticultura para quebrar os torrões, para aplanar a terra cavada ou lavrada, cobrir a semente, como a grade; para arrastar a espiga que não foi debulhada, juntar palha, folhas, etc. Desenvolveu-se sem duvida do *raster* romano, que, como já disse, podia ser *quadridens*. Do diminutivo *rastellum*, de *raster*, vem o francês *râteau*, que designa o mesmo instrumento que o nosso *ansinho*, o qual remonta sem duvida á antiguidade classica. A palavra *ansinho*, apesar da orthographia com *s*, é, creio a mesma que a italiana *ancino*, croque, remontando ambas a um latim vulgar * *hamicinus*, de latim *hamus*, anzol. O vocabulo *anzol* provem doutro diminutivo de *hamus*: * *hamiciolus*. [6]

Foice. — As nossas figuras n.os 12 a 14 representam variedades do instrumento denominado *foice*.

Fig. 12, foice dentada, de Bragança, chamada alli (como noutras partes) *seitoira*; o seu comprimento é de 0m,50; tem espiga que se enxere no cabo.

Fig. 13, *gadanha* para segar o feno, de Bragança, cujo cabo mede 1m,20 de comprimento; a distancia da ponta da lamina ao cabo é de 0m,45. No cabo ha um manipulo, formando com elle angulo recto, o qual é tomado pela mão esquerda (?) do segador.

---

[1] Fellow, *Voyage in Asia Minor*, pag. 70. (Não vi esta obra). Rich, *ob. cit.*, s. v. *cylindrus*.

[2] Vergil., *Georg.*, I, 178-80.

[3] Cato, *de re rust.*, 129.

[4] Plin., *Hist. nat.*, XIX, 8 (46).

[5] Colum., *de re rust.*, X, 318-22.

[6] Nem Diez nem Körting trazem etymologia de *ansinho*, mas sim a de *anzol* e do ital. *ancino*. No Minho diz-se *engaço* por *ansinho*.

Fig. 14, *foice roçadoira* ou simplesmente *roçadoira*, d'Evora, conhecida em outras partes do país, do comprimento total, incluindo o cabo, de 1m,70; tem alvado em que se embebe o cabo; serve para cortar mato.

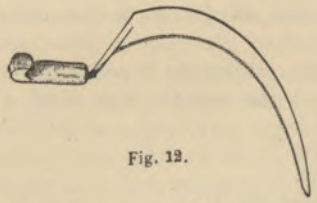


Fig. 12.

A palavra *foice*, *fouce* reproduz o latim *falcem*; *seitoira* é o latim *sectoriam* (adj., com sentido muito diverso na lingua mãe); tem pois o mesmo radial *sec*, do latim *secare*, de que provem o port. *segar*. Uma foice pequena é denominada *foicinha* (diminutivo).

O termo *gadanha*, em hispanhol *guadaña*, foi ligado por Fr. Diez [1] a *gadanhar*, forma que, por syncope do *d* e contracção subsequente das vogaes *aa*, deu *ganhar*: *gadanha* significaria propriamente a *ganhadora*. O verbo *gadanhar* vem do germanico * *waidhanjan*, (antigo alto allemão *weidenen*), propriamente pastorear, levar a pastar, dahi «ganhar a vida, pastoreando», «ganhar».

O nome *roçadora* deriva de *roçar*, que Diez [2] julgou provir do lat. * *rosare*, de *rosus*, part. de *rodere*, roer, ou dum iterativo * *rositare*, * *rostare*; mas como não ha exemplo seguro de *ç* português = *s* medial latino; como não se prova que *st* latino se ache representado em português por *ç*, [3] como o hispanhol *rozar* offerece difficuldades analogas, creio preferivel a etymologia, que propus já ha annos, * *ruptiare*, de latim *ruptus*, part. de *rumpere*; que satisfaz inteiramente pelo lado phonetico (cp. *caçar*, hisp. *cazar*, de lat. * *captiare*, de *captus*, part. de *capere*).

Ao português *foice*, *foicinha* correspondem o italiano *falce*, *falcetto*, hispanhol *falce* e *hoz*, provençal *faus*, *faucilha*, francês *faux*, *faucille*. Ha ainda nas linguas romanicas outros nomes de instrumentos de ceifar, cortar mato, ramos, folhas d'arvores. Comquanto a foice seja um instrumento sem duvida muito antigo não se encontrou para ella um nome commum indo-europeu.

Ha em sanscrito, nomes da foicinha — *lavā'ra* e *lavitra*, derivados da raiz *lū*, cortar, de que foram derivados outros termos como *lu*, *lava*, *lavana*, *lūni*, significando corte, ceifa; o grego offerece-nos λῆϊον, λαῖον, seara, que se ligam áquella mesma raiz, da qual parece provir o ant. norsico *liar*, *lé*, foice, como o afghan *lur*, foice; [4] mas vemos aqui formações que têem por base a mesma raiz, sem duvida, mas que poderiam ter-se produzido independentemente.

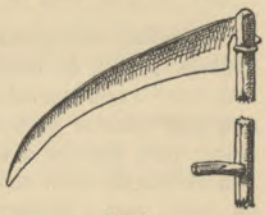


Fig. 13.

Apenas semelhança casual se dá provavelmente com os termos persas *sifā'lah*, *sufā'lah*, foice, iriandês, *speal*, foice. [5]

Mais intima concordancia ha no grupo europeu entre o grego e o latim dum lado, e as linguas slavas do outro: grego ἅρπη, foice, sem duvida por * σαρπη, lat. *sarpere*, podar a vinha (propriamente coçar, arranhar?); antigo slavo *srpъ*, foice, russo *serpъ*, illyr. *sarp*, polaco *sierp*, tcheque *srp*. Parece ter existido no latim vulgar um substantivo *sarpa*, tirado da mesma raiz, correspondente portanto aos substantivos grego e slavo, do qual viria o francês *serpe*,

---

[1] Fr. Diez. *Etymol. Wörterbuch*, II[3] 225-6; G. Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*,[2] n.º 10.337. D. Carolina Michaëlis, no primeiro dos seus artigos etymologicos que conheço, publicado no *Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur*, vol. XIII, (Leipzig, 1874), 202-217, deu da palavra *guadaña* outra etymologia, que pelo lado da significação não offerece tanta difficuldade como a que se nos depara na de Diez. Em hispanhol ha um verbo *desguazar*, que significa desbastar, tirar com a enxó a grossura superflua dum pedaço de madeira. Haveria nessas palavras uma raiz *guad* ou *guaz*, d'origem germanica, a raiz *hvas*, que se encontra no allemão *wetzen*, afiar, no adverbio gotico *hvassaba*, de *hvassa* agudo, dum primitivo *hvatta*, *hvatjan*; todavia as difficuldades phoneticas e morphologicas não tinham sido de todo vencidas pela douta romanista. A sua etymologia não é mencionada por G. Körting, que repete simplesmente a de Diez.

[2] Fr. Diez, *ob. cit.*, II[2], 175; G. Körting, *ob. cit.*,[2] n.º 8.149 repete ainda a mesma etymologia.

[3] Sobre a equação *st* latino = *ç (ss)* português, que em tempo acceitei de Diez, vid. Julius Cornu, *Die Portugiesciche Sprache* no *Grundriss der romanischen Philologie*, de G. Gröber, I, pag. 771, n. 2 e os artigos, por elle citados, de H. Schuchardt na *Zeitschrift für romanischen Philologie*, V, 304 e de Baist, *ibid.*, IX, 146-149.

[4] Adolphe Pictet, *Les origines indo-européennes*, II[2], (1878), 136; Sophus Bugge em Kuhn's *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, XX, 10; O. Schrader, *Sprachvergleichung und Urgeschichte*,[2] (Jena, 1890), pag. 411.

[5] A. Pictet, *ob. cit.*, II, 138.

podão, o hisp. *zarpa*, garra. [1] A palavra latina *falx* parece provir da raiz lat. *flac, flec* que temos em *flec-tere;* o instrumento teria sido denominado pela sua curvatura. Não parece haver nas linguas indo-europeas outro nome da foice derivado dessa raiz. Em grego ligam-se-lhe φαλκ-η-ς, caverna de navio, ἐμ-φαλκό-ω, ligo, etc. [2]

A diversidade dos termos relativos á foice, como a outros instrumentos agricolas, ao lado duma concordancia notavel dos que respeitam á zootechnia, ás peças do carro, não é argumento sufficiente para concluir que aquelle utensilio era desconhecido dos indo-europeus antes de sua separação. Consideram-se foices varios instrumentos do neolithico, como se dirá mais abaixo.

Em latim *falx*, dim. *falcula* [3] era o nome generico dos instrumentos de cortar usados na agricultura, horticultura e viticultura, com a particularidade commum do gume, de linha continua ou serreado, ter uma maior ou menor convexidade, que o distinguia das variedades do *culter*. Serviam para ceifar a palha ou as espigas, cortar os rebentos das arvores, podar a vinha, etc.; dahi vinham as expressões especiaes de *falx foenaria* (gadanha); *falx messoria*, do ceifador, *falx stramentaria*, a *falx putatoria* do lenheiro, mondador, etc. Distinguiam-se ainda a *falx denticulata;* a *f. veruculata*, de cabo comprido; *f. rostrata*, curvada á maneira de bico d'ave; *f. adunca*, etc.

Fig. 14.

Chegaram da antiguidade greco-romana até nós varias dessas foices ou suas representações; podem vêr-se nos diccionarios de antiguidades citados neste artigo e especialmente no de Daremberg e Saglio, cuja figura n.º 2.863 reproduz uma *falx messoria*, a 2.864 a lamina duma especie de gadanha para trigo; a n.º 2.865 uma *falx vinitoria*, um podão para a vinha; a n.º 2.868 dá-nos a forma doutra podadora; em Rich s. v. *falx* ha a figura duma *falx foenaria et veruculata* a comparar á nossa fig. 13, (gadanha de Bragança).

Columella [4] descreve minuciosamente a *falx vinitoria*, dando a nomenclatura das suas diversas partes. É um instrumento quasi da mesma forma doutros que vi em tempo nas mãos dos nossos vinhateiros, e que então não descrevi, porque nem de longe pensava vir a escrever sobre o assumpto de que me occupo aqui.

Tendo o imperio romano fundido na sua civilisação e cultura tantos povos, é, senão impossivel, pelo menos difficil determinar as origens ethnicas especiaes das foices diversas, como doutros instrumentos agrarios. São demais muito escassos os elementos de estudo que tenho á minha disposição.

Plinio traz o seguinte passo interessante: «Foi costume antigamente servirem-se para afiar a foice de pedras vindas de Creta ou doutras partes d'alem-mar, as quaes se untavam com azeite, de modo que o ceifeiro *(fenisex)* trazia um corno com azeite atado á coxa. A Italia ministrou depois pedras de afiar que se molham simplesmente com agua e que mordem o ferro como uma lima... Ha dois generos de foices: a italica mais curta e mais facil de manejar, até no meio do mato, a das Gallias, que faz mais rapido trabalho nos vastos dominios, porque corta a herva ao meio e deixa a que é curta. O ceifeiro italiano sega só com a mão direita». [5] Parece pois que na Italia se usavam só foices de cabo curto, que por isso exigiam apenas o manejo com a mão di-

---

[1] A. Pictet, *ob. cit.*, II, 138-9: G. Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*[3], n.º 8.373.

[2] G. Curtius, *Grundzüge der griechischen Etymologie*, n.º 115.

[3] Cat., *de re rustica*, XI, 4; Colum., *de re rust.*, XII, 18, 2, etc. Vergilio falla em varios logares da *falx;* por ex.: no passo em que se occupa das supplicas aos deuses e recommenda que não se metta a foice ás espigas maduras, sem primeiro bailar e cantar desalinhadamente, em honra de Ceres, com as fontes ornadas de carvalho:

neque ante
Falcem maturis quisquam supponat aristis,
Quam Cereri torta redimitu tempora quercu
Det motus incompositos et carmina dicat.

Georg., I, 347-350.

[4] Colum., *ibid.*, II, 20: «Multi falcibus veruculatis, atque iis rostratis vel denticulatis medium culmum secant».

[5] Plinii *Hist. nat.*, XVIII, 28 (260-1).

reita; emquanto noutras partes, especificadamente nas Gallias, se empregavam grandes foices, cujo cabo comprido requeria o emprego das duas mãos. Pode pensar-se pois que os instrumentos do typo da gadanha bragantina não nos vieram dos romanos e em geral dos povos italicos.

Todavia Plinio [1] falla noutro logar dum modo diverso de ceifar nos latifundios da Gallia, que Belloguet [2] reproduz, completando-o com um passo de Palladio sobre a mesma materia. Consistia no emprego duma especie de carreta de duas rodas, impellida por um boi, a qual tinha forma de caixa aberta por cima, com o bordo anterior mais baixo que os outros, e era armada de denticulos curvos, que arrancavam as espigas e as faziam caír na caixa, ao passo que o boi andava para deante. Como se vê, pois, uma verdadeira machina, antecessora das modernas ceifeiras mechanicas, e cuja invenção parece ser uma das numerosas provas do genio industrial dos avós dos franceses.

Os habitantes, d'origem hollandesa, dos Vierlande, no territorio d'Hamburgo, fazem uso para ceifar os cereaes de dois instrumentos ao mesmo tempo, cada um em sua mão: uma especie de foice na direita e uma especie de croque na esquerda. A lamina da gadanha tem muitas vezes um gume com pequenos dentes de serra, dispostos obliquamente. Primeiramente faz-se um corte com a foice e puxa-se então o que ficou cegado, com o croque, para se juntar e formar uma paveia. [3]

Esses instrumentos, descriptos por R. v. Virchow, provêem, segundo L. v. Rau, dos Paises-Baixos, dos condados de Flandres e Hennegau, territorios que pertencem hoje parte á Belgica, parte á França. Junto das simples foice e foicinha, estão aquelles alli geralmente em uso. Os flamengos chamam á foice especial referida *pik*, e ao instrumento auxiliar para a mão esquerda *haak*; os franceses chamam á mesma foice *sape* e ao que trabalha com ella *sapeur*. Ainda segundo L. v. Rau, os dois instrumentos extenderam-se da sua patria em direcção oriental largamente. No Rheno inferior foram até Bonn, onde se fixaram no uso, e na planicie da Allemanha septentrional pela Westfalia e o Hannover até aos contrafortes do Harz. Nos seculos XII e XIII deram-se migrações neerlandesas para a Allemanha. [4]

A gadanha de Bragança parece-se pelo ferro com o instrumento de Hennegau (França, departamento do Norte), fig. *D*, do artigo de L. v. Rau, e com o de Flandres, fig. *H* (p. 156); mas o cabo diverge nestes por ser curvo para trás. No instrumento da França septentrional representado na fig. *J* a lamina tem 0m,480 de comprimento e o cabo c. 0m,580; noutro instrumento a lamina tinha 0m,246 e o cabo 1m,275.

Em Wallis (Suissa) usam-se gadanhas para segar feno semelhantes á de Bragança, tambem com o manipulo lateral no cabo, segurando neste a mão esquerda, e naquelle a mão direita. [5]

Alguns escriptores romanos escrevem dum instrumento chamado *merga* (*merges* em Plinio), empregado na ceifa, cujo uso parece não estar bem determinado. Festo [6] diz ser um forcado com que o lavrador carregava ou levava do campo os *manupuli*, as gavelas. Plauto [7] e Palladio [8] fallam delle como sendo instrumento para ceifar o trigo. Plinio, [9] num passo um tanto obscuro, diz que se empregavam duas *mergites* entre as quaes as espigas eram colhidas e cortadas. Rich lembra o croque alludido dos Paises-Baixos, que serve na ceifa. [10]

---

[1] PLINII *Hist. nat.*, XVIII, 30 (296).

[2] ROGET DE BELLOGUET, *ob. cit.*, III, (1868), 460.

[3] R. V. VIRCHOW, *Mähwerkzeuge mit abgepasstem Handgriff aus den Vierlande* em *Verhandlungen der Berliner anthropol. Gesellschaft f. Anthropol., Ethnol. und Urgeschichte*. 22 Juni 1889, pags. 485-87.

[4] L. VON RAU, *Mähwerkzeuge, ibid.*, 5 Febr. 1890, pags. 153-160.

[5] HIRT'S, *Geogr. Bildertafeln*, III, 1', Taf. 59, c.

[6] FESTUS, s. v. *merga*.

[7] PLAUTI *Poen.* V, 2, 58-9:

> Palas vendundas sibi ait et mergas datas
> ut hortum fodiat, atque ut frumentum metat.

[8] PALLADIUS, II, 20, 3.

[9] PLINII *Hist. nat.*, XVIII, 72 (296).

[10] RICH, *ob. cit.*, s. v. *merga*.

A foice dentada (serreada) foi nestes ultimos tempos objecto de algumas investigações, de que vou condensar os resultados.

A foice dentada é bem conhecida em todo o nosso país; ignoro qual é a sua propagação nas outras regiões agricolas da peninsula. Os bascos chamam-lhe *iritaia* ou *itaya*. A sua antiguidade na peninsula é por certo muito grande. L. Siret reproduziu dois instrumentos de silex do neolithico hispanhol que elle pensa serem foices, como outros muitos da mesma epocha. Esse investigador reproduziu tambem duas laminas dentadas como do terceiro periodo do mesmo neolithico. Serão os instrumentos metallicos posteriores transformações desses ou resultado de completa introducção nova ou novos inventos *in loco?* A primeira hypothese é em verdade convidativa, á vista doutros factos numerosos na prehistoria e na historia das invenções.

Flinders Petrie, feliz explorador das antiguidades egypcias, achou em 1891, nas ruinas de Kahun, com varias lascas e facas de silex, uma foice de pau com dentes da mesma pedra. Segundo elle diz numa carta de Medum, de 18 de março daquelle anno, sobre a antiguidade do achado, Kahun foi edificada e habitada só na XII e XIII dynastia; no deserto, perto da cidade, e só na proximidade desta, encontrou elle instrumentos semelhantes, a que attribue a mesma antiguidade. Petrie diz ter achado provas do fabrico e uso de instrumentos de pedra lascada ainda mais tarde. Virchow observou que do uso não pode porém concluir-se a idade do fabrico. [1]

Karutz pensa que tendo-se observado a vantagem, para o corte, de lascas de silex que casualmente tinham saído serreadas no bordo, se passou a serreá-las intencionalmente e que mais tarde se applicaram os dentes á foice de pau, até que os instrumentos de ferro fizeram pôr de lado os de pau e pedra. Nalguns logares, porém, a foice dentada parece ter nascido da não dentada, ser um aperfeiçoamento della.

Segundo o mesmo Karutz, das figuras e achados nas escavações parece que os romanos, gregos, assyrios, os germanos da idade do bronze só tiveram a foice sem dentes. Todavia lembrarei que dos auctores gregos e romanos se conclue a existencia da foice dentada: *falx denticulata*, em Columella; [2] ἄρπῃ καρχαρόδοντι, em Hesiodo, [3] etc. A figura 2.862, de Saglio e Daremberg, é reproduzida dum tijolo do periodo romano, achado em Agen (França meridional), e representa uma foice dentada.

Da Europa achou o referido ethnologo só quatro menções de foices serreadas, além da basca: ignorou a existencia da portuguesa, o que não admira, pois só agora se começa entre nós a fallar destas coisas, pelo menos em publicações que cheguem ás mãos dos investigadores extrangeiros.

Virchow mencionou o uso de foices dentadas em Berchtesgaden (Baviera — Obersalzberg); [4] o mesmo, num passo já acima alludido, falla das foices serreadas dos Vierlande, [5] para onde, segundo L. v. Rau, teriam ido dos Paises-Baixos; emfim os wendos possuem uma foice dentada, a que chamam srp. [6]

Depois da publicação do artigo de Karutz, em que vem essas referencias por mim verificadas, Ludwig Krause, de Rostock, communicou noticia dum livro que trás no frontispicio: «Petri Laurembergi Rostochiensis *Horticultura*, Libris II comprehensa, etc. Frankfurti a M. 1630», Na figura 4, da estampa 4, dessa obra, figura-se uma foicinha de gume dentado. No texto ha as seguintes referencias a esse instrumento: «Falcicula putandis vitibus, resecandis fruticibus destinata,», e, noutro logar: «Instrumenta amputationi serventia sunt vel malleus ligneus, quo super-

---

[1] W. Reiss, *Neue Feuersteingeräthe aus Aegypten und Hrn. Flinders Petrie's neueste Forschungen* em *Verhandl. d. Berlin. Gesellschaft f. Anthropol.* etc., 30 Mai 1891, pags. 474-78. Cf. Émile Cartailhac, *L'âge de la pierre en Afrique* em *L'anthropologie*, III, (1892), pags. 405-25, especialmente pag. 420.

[2] Columella, II, 20.

[3] Hesiodo, *Theogon.* v. 175, etc.

[4] R. v. Virchow, *Weitere Untersuchungen über das deutsche Haus* em *Verhandl. d. Berlin. Gesellschaft f. Anthropol.* etc., 15 Nov. 1890, pag. 573.

[5] Idem, acima, pag. anterior.

[6] E. Weckenstedt, *Altertümer und Nationalgeräte aus der wendischen Lausitz* em *Verhandl. d. Berlin. Gesellschaft*, etc. 1877, pag. 481.

ne deorsum decutiantur rami; vel cultellus in effigiem falcis paratus». Peter Lauremberg era professor de poesia na universidade de Mecklemburg, onde falleceu em 1639, e occupava-se, nas suas horas vagas, de jardinagem. Não é possivel saber se elle conhecia o instrumento daquella região da Allemanha ou de suas viagens aos Paises-Baixos e a França ou de sua residencia em Hamburgo. L. Krause diz não ter sabido, directa nem indirectamente, da existencia no presente de taes foices dentadas no Mecklemburg. [1]

Karutz accrescentou aos seus dados anteriores que de Burgwenden em Kölleda (Prussia, Merseburg) fallam duma foice serreada, originaria de Einbeck, Hannover meridional, onde se acha em uso constante e se obtem pelo commercio. Parece que a foice serreada, chamada *Sichel*, emquanto a de gume liso se chama *Hiepe*, se não erra a memoria do que dá a noticia, ia primeiramente de Westfalia, especialisadamente de Solingen. [2]

Nada ou muito pouco se sabe da existencia de foices dentadas entre hindus e malaios, e em geral nos povos da Asia. Ratzel [3] traz gravura duma foice dentada tartara, mas faltam indicações sobre a proveniencia. Karutz publicou a noticia, vinda de Macassar (Celebes) de que em Atjeh estão em uso foices serreadas, juntamente com as de gume inteiro, e que lhes chamam *piso roempoei*, isto é «faca d'herva». [4]

O. Finsch diz não ter jamais encontrado entre os naturaes das ilhas do Oceano Pacifico serras ou instrumentos serreados, e lembra, a proposito, que até os carpinteiros russos e albaneses fazem apenas uso excepcional de serras, cortando quasi tudo, até taboas em fios, com o machado. [5]

Segundo Ratzel, [6] os povos cultos da America tinham uma faca de cobre curvada á maneira de foice, com que cortavam ramos d'arvores. Karutz encontrou menção duma foice dentada na America, no limite norte da republica do Equador, a qual lhe parece ter sido importada da Hispanha por mãos bascas, pois «a foice hispanhola tem menor curvatura e um gume liso, não dentado;» essa foice chama-se *hozé* (do hisp. *hoz*). [7]

Na Africa parece haver uma grande provincia da foice dentada, comprehendendo a zona mediterranea de Marrocos ao Egypto e extendendo-se a sueste até á Abyssinia, a sudoeste até á Senegambia. Ratzel dá noticia do instrumento entre os berberes do oasis Dachel [8] e entre os abexins. [9] Quedenfeldt descreve o *mendjil*, foice de ferro muito arqueada, com pequenos dentes, de Marrocos. [10] Karutz diz ter visto nos museus de Paris e Berlim foices dentadas da Senegambia e que no Egypto se usa como navalha de jardineiro uma com o gume serreado. Esses instrumentos d'Africa são muito semelhantes á foice basca e o referido ethnologo vê no facto um argumento a favor da correlação dos bascos com os berberes primitivos. [11] Comquanto os factos reunidos tornem muito verosimil a ideia de que a Africa septentrional foi um centro (não direi «o centro») de dispersão da foice dentada, que dalli passaria facilmente para a peninsula iberica, vindo até á faixa occidental desta, onde se conserva, não se me afigura que disso possa concluir-se realmente que os bascos tivessem vindo dalem do Estreito munidos desse instrumento. Apesar dos trabalhos re-

---

[1] Ludwig Krause, *Zur Verbreitung der gezahnten Sichel* em *Globus*, vol. LXXV, n.º 13, April 1899.

[2] Karutz, *Zur Verbreitung der gezahnten Sichel* em *Globus*, vol. LXXVI, n.º 10, Sept. 1899.

[3] Friedr. Ratzel, *ob. cit.*, III¹, 56.

[4] Karutz, *ibid.*

[5] O. Finsch, *Canoes und Canoebau in den Marshallinseln* em *Verhandl. der Berlin. Gesellschaft*, etc. 15 Jan. 1887, pag. 26.

[6] Friedr. Ratzel, *ob. cit.*, III¹, 672.

[7] Edouard Andrés, *Reisen im nordwestlichen Südamerika* em *Globus*, vol. XLIV, 1883, pag. 276.

[8] Friedr. Ratzel, *ob. cit.*, III¹, 213.

[9] Idem, *ibid.*, III¹, 236.

[10] M. Quedenfeldt, *Nahrung-Reiz-und kosmetische Mittel bei den Marokkanern* em *Verhandl. der Berlin. Gesellschaft*, etc., 19 März 1887, pag. 249.

[11] Dr. Karutz (Lübeck), *Zur Ethnographie der Basken*, em *Globus*, vol. LXXIV, n.º 21, Dezember 1898, pags. 333-40. Este artigo muito interessante, que citarei ainda noutros logares, menciona a maior parte dos dados de que me servi acerca da dispersão ethnographica da foice dentada, no presente.

centes, a questão basca está ainda cheia de obscuridades, que não é muito de esperar se dissipem todas. Noutro logar darei conta do estado presente dessa questão.

Outro facto desconhecido de Karutz é o da existencia da foice dentada na Palestina. Tenho presente uma gravura que representa um instrumento desse genero, usado modernamente naquelle país, [1] onde sem duvida remonta a longiqua antiguidade, como o resto da alfaia agricola, que nos ministrará mais abaixo outro parallelo interessante com a nossa — o trilho, instrumento de que pode affirmar-se a antiguidade biblica. Taes parallelos, demais, não são os unicos. Semitas, hamitas, e indo-europeus têem muitos elementos communs de cultura; já notei essa communidade pelo que respeita ao arado. Desses elementos muitos podem ter sido achados independentemente pelos tres grupos ou dois delles; outros podem ter passado de grupo para grupo; comprehende-se a difficuldade de resolver o problema das origens na maioria dos casos.

Flinders Petrie e Maspero pensam que a foice dentada foi feita á imitação da queixada de quadrupede (burro, etc.), que foi empregada primeiro para ceifar. Esse modo de vêr é a applicação dum principio vulgar: crê-se que, dada a difficuldade das invenções technicas, o homem partiu, pelo menos em grande numero de casos, da imitação de objectos naturaes, quando não o guiou um facto puramente fortuito.

Concluirei o que tinha que dizer a respeito da foice com a invenção dum instrumento dos

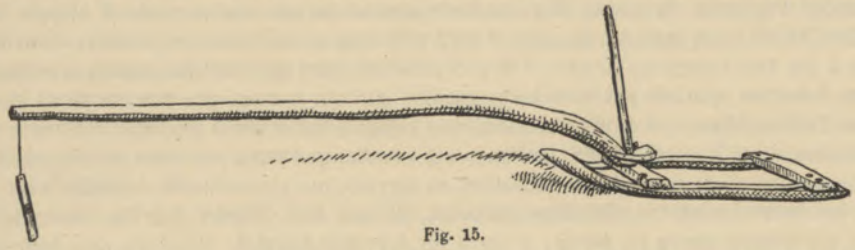


Fig. 15.

romanos, que, se pelo uso se aproxima antes dos sachos, pela forma pode ser lembrado aqui: é o *runco,* que os diccionarios traduzem geralmente por sacho, sachola, e servia para desarraigar dentre os trigos novos as más hervas, etc., operação a que se chamava *runcatio.* Palladio diz: «Runcones quibus vepreta persequimur.» [2] O *runco* era formado duma lamina cortante e curva como a da foice. [3] O vocabulo, em que se vê o grego ῥύγχος, focinho ou bico, não se reflecte nas linguas romanicas directamente; o italiano tem *roncare,* sachar. Entre nós o instrumento chamado *escardilho,* hispanhol *escardillo* (tambem no mesmo sentido *escarda* e *escardilla)* é que pelo uso e forma parece corresponder melhor ao *runco.* O nome *escardilho* deriva de *escardar,* limpar, mondar (em portugués e hispanhol; em portuguès usa-se mais *escardear),* prefixo *es(ex)* e *cardar.* [4]

Trilho. — A nossa fig. 15 reproduz a forma do instrumento chamado trilho, como se conserva em Bragança.

O instrumento consta de tres peças principaes: o *trilho,* propriamente dicto, o *peote,* que é a vara fixada mais ou menos verticalmente e a *timãozella,* que é o cabeçalho ou temão, a que se jungem os animaes de tiro (burros ou bois). O trilho propriamente dicto é formado por um taboão, de forma quasi rectangular, reforçado na parte superior por travessas, como se vê na figura; na parte inferior, que assenta no chão, ou antes sobre o cereal na eira, está armado de lascas de silex e pregos, em parte embebidos na madeira. Para augmentar o peso, o guia dos animaes, colloca-se em cima do trilho, segurando-se ao peote. Empregam-se tambem pedras para o mesmo fim. O instrumento passando por cima das espigas faz a debulha.

A palavra *trilho* reflecte o latim *tribulum,* em virtude de processos phoneticos perfeitamente

---

[1] *Dictionary of the Bible,* edited by James Hastings, 1 (Edinburgh, 1898), s. v. *agriculture.*

[2] Palladius *de re rust.,* 1, 43.

[3] Isidorus Hisp., *Orig.,* xx, 14, 15. Rich, *ob. cit.,* s. v. *runco.*

[4] G. Körting, *ob. cit.,* n.° 1933.

regulares. O termo *peote* é derivado de *pé*. *Timãozella* é diminutivo de *temão*. A palavra *tribulum*, em grego *τρίβολον*, designava exactamente o mesmo instrumento representado em a nossa figura. A descripção de Varrão não deixa a menor duvida: «Os grãos separam-se das espigas na eira. Faz-se isto nalgumas partes por meio de animaes de tiro jungidos a um trilho. Este é formado por uma taboa, tornada aspera por meio de pedras ou bocados de ferro, a qual, levando em cima o guia ou algum peso grande, é arrastada pelos animaes jungidos, por cima das espigas para separar os grãos. Outras vezes o trilho é feito de peças de madeira, travejadas, com dentes, e que assentam em rodinhas, e chama-se então «carreta carthaginesa»; na qual vae assentado um guia que incita os animaes que puxam. Vê-se essa forma na Hispanha citerior e noutros logares.» [1]

A correlação entre o nosso trilho tradicional e o descripto por Varrão foi estabelecida já varias vezes.

Esse instrumento encontra-se ou encontrava-se ainda no seculo passado na ilha da Madeira, em que, em vez de lascas de silex, se fazia uso de pedaços de basalto, na ilha de Teneriffe, na Africa septentrional, na Grecia, na Asia Menor, na Syria, na Palestina, na Georgia, na Armenia, na Persia. Segundo Evans, na collecção de Christy e no Museu de Blackstone ha exemplares desse instrumento provenientes de diversos países: são quadros de madeira de 5 a 6 pés de comprimento por 2 a 3 de largo. Na superficie inferior ha buracos, com forma de losango, cada um com sua lasca ou fragmento de pedra. Esse auctor reproduz em gravura um trilho d'Aleppo, da collecção de Christy, com pedaços de silex. [2] Rich traz uma gravura que representa o instrumento segundo a sua forma geral no Oriente. [3] Tenho presente outra gravura que mostra o trilho tradicional da Palestina, puxado por dois bois, guiados por um homem que vae em pé no madeiro, como em Trás-os-Montes, [4] e uma terceira que figura o trilho persa moderno, um tanto curvo, com um assento em que vae o guia, incitando um cavallo, que puxa por meio de tirantes. [5]

Encontra-se ainda na Syria, na Palestina, no Egypto, um apparelho de debulhar, com rodas, analogo indubitavelmente ao *plostellum poenicum*, de que falla Varrão. O trilho sem rodas chamava-se em hebreu *moreg* ou *harog*; o carro de debulhar *hagalah*. Consistia este dum quadro rectangular a que se fixavam dois ou tres rolos parallelos, cada um dos quaes estava armado de tres ou quatro discos agudos, que volviam sobre os cereaes. Um carro de trilhar, com sete rodas, e um assento alto para o guia, da Syria, está reproduzido numa figura que tenho ante os olhos. [6]

Na Biblia o trilho simples, d'arrasto, *morag (moreg)*, é chamado tambem *morag haruts*, que foi tradusido por «trilho agudo» no seguinte passo de Esaias: «Eis que te pus por trilho agudo novo, que tem dentes agudos...» [7] Emprega-se tambem alli *haruts*, agudo, simplesmente, no sentido de trilho, como noutro passo de Esaias: «Porque a ervilha não se trilha com trilho, nem sobre o caminho rodeia roda de carro; mas com vara sacode a ervilha, e o cominho com pau. — O trigo se quebranta, mas de continuo trilhando o não trilha: nem o esmiuça com as rodas do seu carro, nem quebranta com seus cavallos». [8] O mesmo termo *haruts* apparece, p. ex.: em Amos, no sentido in-

---

[1] VARRO, *de re rust.*, I, 52: «E spicis in area excuti grana. Quod fit apud alios jumentis junctis ac tribulo. Id fit e tabula lapidibus aut ferro asperata, quo imposito auriga aut pondere grandi trahitur jumentis junctis, ut discutiat e spica grana: aut ex assibus dentatis cum orbiculis, quod vocant «plostellum poenicum». In eo quis sedeat atque agitet, quae trahant jumenta, ut in Hispania citeriore, et aliis locis faciunt».

[2] JOHN EVANS, *The ancient Stone Implements of Great Britain* (London, 1872), pag. 257, trad. franc. de E. BARBIER, *Les âges de la pierre*, (Paris, 1878), pag. 277. Evans pensa que muitos depositos de lascas de silex, encontrados em diversas partes, proveem de antigos trilhos.

[3] RICH, *ob. cit.*, s. v. *tribulum*, pag. 666. Cf. SMITH, *ob. cit.*, s. v. *tribulum*, pag. 1148, que cita obras de varios viajantes que não pude examinar.

[4] *A Dictionary of the Bible*, ed. by JAMES HASTINGS, vol. I, s. v. *agriculture*.

[5] FERD. HIRT'S, *Geogr. Bildertafeln*[1], 2.te Abth. n.° 94, *m*.

[6] IDEM, *ibid.*, n.° 91, *h*.

[7] ESAIAS, XLI, 15, trad. do padre João Ferreira A. d'Almeida. Essa traducção foi feita sobre o texto hebreu. S. Jeronymo verte: «Ego posui te quasi plaustrum triturans novum, habens rostra serrantia».

[8] ESAIAS, XXVIII, 27-28, trad. de Ferreira A. d'Almeida. S. Jeronymo verte: «Non enim in serris triturabitur gith, nec rota plaustri super cyminum circumibit: sed in virga excutietur gith, et cyminum in baculo.— Panis autem comminuetur: verum non in perpetuum triturans triturabit illum, nec vexabit eum rota plaustri, nec ungulis suis comminuet eum».

dicado: «... trilharão a Gilead com trilhos de ferro». [1] A expressão hebraica traduzida por *carro*, nos dois ultimos versiculos citados de Esaias, é *hagalah*, o nome do carro de trilhar ou trilho de rodas ou cylindros da Palestina, como já disse.

No Egypto, com excepção da parte mais meridional do Said, a debulha fazia-se (e faz-se talvez ainda) com o *noreg*, machina cujo nome é com pequena differença o do trilho entre os hebreus, como já vimos. Segundo uma descripção extractada dos trabalhos da Expedição do Egypto, o *noreg* é composto dum caixilho horizontal, formado de quatro peças ensambradas em esquadria: duas recebem, parallelamente ás outras duas, dois eixos de madeira, em que estão fixadas pelo seu centro tres e quatro rodas de ferro liso, de 2 millimetros de grossura e 40 centimetros d'altura. Todo o apparelho fica assim movel horizontalmente sobre as rodas, cuja disposição é tal que as atravessadas pelo mesmo eixo correspondem ao meio dos espaços comprehendidos entre as que atravessa o eixo seguinte. Em cima do caixilho levanta-se uma especie de grande cadeira, obra de carpintaria, na qual se assenta o conductor dos bufalos que tiram o *noreg*. Quando este não parece ainda bastante pesado, vae um outro homem agarrado á cadeira, atrás do conductor. Um annel de ferro, fixo na travessa interior do caixilho, serve para prender uma corda que vae ao temão volante, em cuja extremidade está um jugo transversal; a este se sujeitam os animaes. O apparelho é muito semelhante ao já alludido da Syria.

O aspecto do *noreg* sobre o cereal na eira é bastante pittoresco para inspirar a reproducção artistica pela pintura, como se deu com Gérôme, no seu quadro *Le dépiquage du blé en Egypte*, apresentado no *Salon*, em Paris, no anno de 1861. [2]

Em auctores latinos encontramos menção dum apparelho chamado *traha* ou *trahea*, sem duvida do mesmo radical que *trahere*, termo que os traductores portugueses vertem differentemente por «grade, jorrão, carreta ou zorra», mas em que se tem visto mais geralmente a designação duma variedade de trilho.

Num passo em que Vergilio falla da alfaia agricola e que já foi extractado acima, menciona:

Tribulaque, traheaeque..... [3]

Smith suppôs que a *traha* ou *trahea* era uma especie de trilho, feito inteiramente de pedra ou dum tronco d'arvore. [4] Não póde duvidar-se de que esse apparelho era destinado á debulha. [5]

Nos Apenninos usava-se, e usa-se talvez ainda, uma forma de carro de debulha, chamado *battidore*, construido de travessas de pau, com uma especie de forquilhas, que substituiam as pedras do trilho romano e transmontano.

Na França meridional o *rouleau-batteur* é uma transformação do *tribulum*, talvez mais directamente da *traha*: é um rolo de carvalho, com aro de ferro, movel num quadro, com ganchos para os tirantes, rolo que tem de diametro cerca de $1^{m},44$ e de largura $0^{m},62$, com um peso de cerca de 1.000 kilogrammas. Na mesma região emprega-se tambem na debulha um tronco de cone de pedra, com 1^{m} de largo, $1^{m},20$ de diametro na base maior e $1^{m},15$ na menor e 2.000 kilogrammas de peso, pouco mais ou menos. [6]

O uso do trilho na debulha dos cereaes é muito limitado em o nosso país, em que se em-

---

[1] AMOS, I, 3.

[2] *Le Magasin pittoresque*, t. XXIX (Paris, 1861), pag. 174. A pag. 173 gravura representando o quadro de Gérôme.

[3] VERGIL., *Georg.*, I, 164.

[4] SMITH, *ob. cit.*, s. v. *traha*.

[5] S. JERONYMO empregou a palavra *traha* no passo seguinte: «Populum autem qui erat in ea, edduxit: et fecit super eos tribulas, et trahas, et ferrata carpenta transire, ita ut dissecarentur, et conterererentur». *Paralipomenon* I, 20, 3. Um passo de COLUMELLA, II, 20, que será citado um pouco mais abaixo, tira toda a duvida sobre o emprego da *traha*.

[6] PRIVAT-DESCHANEL et AD. FOCILLON, *Dictionnaire général des sciences*, I (Paris, 1864), s. v. *égrenage*. Não consegui ver sobre o trilho da Syria: WETZSTEIN, *Die syrische Dreschtafel* em *Zeitschrift für Ethnologie*, 1873, pags. 272 segs.; sobre o trilho em Cypre: UNGER UND KOTSCHY, *Die Inseln Cypern* (Wien, 1865), figura a pag. 440; na Alta Armenia: STRECKER, *Beiträge zur Kenntniss von Hocharmenien* em *Zeitschrift der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, vol. IV (1869), pag. 150.

pregam tambem outros processos tradicionaes. São estes a marcha dos animaes (cavallos, eguas, bois), em giro, por cima das espigas espalhadas na eira, e o *malho* ou *mangoal*.

Plinio mencionou esses diversos processos: «Messis ipsa alibi tribulis in area, alibi equarum gressibus exteritur, alibi perticis flagellatur». [1]

Columella é ainda mais explicito, indicando os casos especiaes em que se devia empregar cada um dos processos da debulha: «Sin autem spicae tantummodo recisae sunt, possunt in horreum, et deinde per hiemem vel baculis excuti vel exteri pecudibus. At si competit, ut in area teratur frumentum, nihil dubium est quin equis melius quam bubus ea res conficiatur: et si pauca juga sunt, adjicere tribulam et traham possis; quae res utraque culmos facillime comminuit. Ipsae autem spicae melius fustibus cuduntur, vannisque expurgantur». [2]

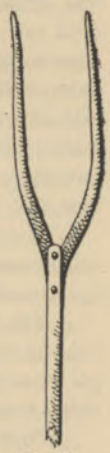


Fig. 16.

A debulha por meio de animaes encontra-se ainda hoje na Hispanha e França, na Italia, na Serbia, [3] e noutros paises da Europa oriental, na Asia occidental, etc.

Num passo de Esaias citado acima, ha allusão a esse processo. No Deuteronomio lê-se: «não encabrestarás ao boi, quando trilhar». [4] Em Hoseas: «Porquanto Ephraim bezerra é, costumada de trilhar de boamente...» [5]

Rich traz reproducção duma pintura egypcia, em que se veem bois trilhando o grão. [6] Em os nossos dias no Egypto, na parte mais meridional do Said, o trigo é debulhado na eira por bois e bufalos. [7]

Xenophonte dá algumas particularidades acerca da debulha, na Grecia, a qual se fazia com animaes de tiro, bois, mulas ou cavallos. Os debulhadores (ἐπαλώστης) tinham cuidado por que a debulha se fizesse de modo egual, volvendo a palha, e pondo debaixo dos pés dos animaes o que não tinham calcado. [8]

Segundo Rossew-Saint-Hilaire os arabes serviam-se de bois para a debulha. [9]

Plinio, vimos, diz que nalgumas partes se batiam os cereaes ceifados com varas *(perticis)*. Num passo, citado, de Esaias, falla-se de vara e pau com que se sacudiam a ervilha e o cominho (para os arrancar das cascas). Ao emprego da vara para a debulha allude tambem um versiculo do livro de Ruth: «Collegit ergo in agro usque ad vesperam: et quae collegerat virga caedens et excutiens, invenit hordei quasi ephi mensuram (id est, tres modios)». [10]

Na Abessinia os homens occupam-se da arada; as raparigas e mulheres têem a seu cargo a ceifa e a debulha, o que fazem com grande trabalho e fadiga, porque apanham á mão o trigo e o debulham na eira com um pau. [11] Sem duvida esse processo é muito primitivo, senão o mais primitivo de todos os da debulha.

Da simples vara de debulhar desenvolveu-se o instrumento bem conhecido entre nós com o nome de *malho* ou *mangoal*, que tem como correspondente o *mangoal* dos hispanhoes, o *fléau* dos franceses, o *coreggiato* dos italianos, o *Dreschflegel* ou *Dreschprügel* dos allemães, chamado em antigo alto allemão *driskil*, em anglosaxão *therscol*, em inglês *flail* (do antigo francês *flael*); o *molotilo* dos russos, o *malóid* dos irlandeses, etc.

O termo *malho* provém do latim *malleus*, martello, o instrumento, especie de martello grande, chamado por nós tambem *malho*, com que se bate o ferro na bigorna ou no cavallete. A palavra *mangoal*, como já Diez indicara, é o latim *manuale* (comp. *minguar* de *minuare*).

---

[1] Plinii *Hist. nat.*, xviii, 30 (72).
[2] Columella, ii, 20.
[3] Ferd. Hirt's, *ob. cit.*, 2.te Abtheil., pag. 75, *g*.
[4] *Deuteronomio*, xxv, 4, trad. F. A. d'Almeida. Na Vulgata: «Non ligabis os bovis terentis in area fruges tuas».
[5] Hoseas, x, 11, trad. F. A. d'Almeida. Na Vulgata: «Ephraim docta diligere trituram...»
[6] Rich, *ob. cit.*, s. v. *tritura*, pag. 673.
[7] *Le Magasin pittoresque*, t. xxix (1861), pag. 174.
[8] Xenophon., *Oecon.*, xviii, 5.
[9] Rossew S.t Hilaire, *Histoire d'Espagne*, iii (Paris, 1844), 141, n.
[10] Ruth, ii, 17.
[11] Friedr. Ratzel, *ob. cit.*, iii, 236.

Para uma das partes do mangoal conserva-se o nome latino *pertica*, na forma *pértigo* ou *pértego*, a peça mais curta de pau, que bate nos cereaes, e que é fixada á mais comprida, o cabo, por meio de uma ou mais correias. O cabo chama-se *mango*, *mangoeira* ou *mangueira* (de *mango*, lat. *manicus*). [1] Todavia no *Dic.* de *Moraes* lê-se que *mango* ou *mangoeira* é o pau mais curto, e *pértego* o maior; mas no artigo *pirtigo* diz-se que assim se chama na Beira «a vara mais pequena do mangoal». Em Trás-os-Montes dá-se o nome de *casula* a um gancho de ferro do mangoal; e o de *meã* a uma das correias. [2]

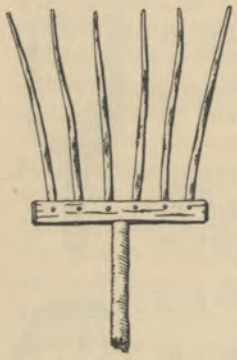


Fig. 17.

Ha tambem a forma feminina *pértiga*, que, parece, se accentua tambem *pirtiga*, no sentido de vara.

No Egypto moderno não se conhece o uso do mangoal, o que se attribue a que seria muito fatigante para os fellahs. [3]

Como os auctores latinos, nos passos que conheço, só designam o pau de debulhar pelos termos geraes *pertica*, *fustis*, *virga*, *baculus*, não posso affirmar se os romanos tinham já o mangoal composto das diversas peças que mencionei e como se encontra espalhado pela Europa, apesar do *flagellum* de S. Jeronymo (*Esaias*, XXVIII, 27).

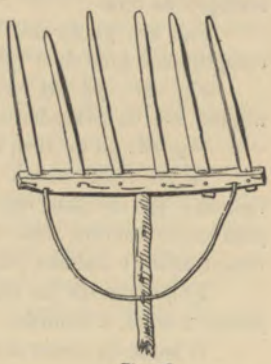


Fig. 18.

Forcado. — A nossa figura 16 representa um *forcado* de madeira, de Evora, a que se dá o nome de *carregadeira*.

A figura 17 reproduz uma *forquilha* tambem de madeira, da mesma proveniencia.

A figura 18 dá-nos a forma dum instrumento que, se não é errada uma nota que tenho presente e me offerece uma certa duvida, se chama *rendo*, em Bragança, donde era originario o exemplar exposto, cujo comprimento total era de 1m,60, e serve para carregar a palha trilhada e folhas seccas.

Fig. 19.

A figura 19 reproduz um *forcado de carregar*, de Evora, de ferro, encabado em pau, com o comprimento total de 1m,60.

Ha muitas variedades desses instrumentos, que teem varios usos, como juntar na eira os cereaes para serem trilhados, arremessar os cereaes depois de trilhados para separar, pela acção do vento, o grão da palha, revolver, juntar e carregar palha, estrumes, etc. Ha ainda forcados para a empa da vinha.

A palavra *forcado* deriva do latim *furca*, que designava, entre outras coisas, o mesmo instrumento; *forca* conserva uma das accepções secundarias de *furca*; *forquilha* é um diminutivo formado em portugués; em latim dizia-se *furcilla*. Ha representações de forcados romanos e etruscos com 2 ou 3 dentes. [4]

Tenho presente a representação graphica dum forcado da Palestina, com 5 dentes, que se juntam na base, contra o cabo. [5]

---

[1] No *fléau*, dos franceses (do latim *flagellum*) a parte mais comprida ou cabo é *le manche* (do latim *manicus*, termo documentado; vid. *Romania*, XXVIII, 66) e a mais curta, que bate no trigo, o *fléau* propriamente dito. No *coreggiato* italiano (á lettra: «correado», de *coreggia*, «correia», do lat. *corrigia*), distinguem-se o *manfanile*, o mango ou cabo, e a *vetta*, o pirtigo, o pau que bate no trigo e prende ao *manfanile* por uma correia (stricia de cuoio). O termo *manfanile* foi ligado a *mamphur* (Festo, ed. O. Müller, pag. 132), nome duma peça do torno (dum derivado * *manfurinus*, de *mamphur*, vem, segundo Sophus Bugge na *Romania*, III, 154-55, o francês *mandrin*, peça do torno, que em português se diz *mandril*). Vid. G. Körting, *ob. cit.*, n.os 5.860 e 5.878. O termo *vetta* é derivado por uns do latim *vitta*, por outros de * *vecta*. Vid. Idem, *ibid.*, n.º 10.261.

[2] *Revista lusitana*, III, 68. Em Trás-os-Montes chama-se tambem *encedouro* a correia do mangoal. *Ibid.*, III, 327.

[3] *Le Magasin pittoresque*, loc. cit.

[4] Daremberg et Saglio, *ob. cit.*, t. IV, pag. 1409.

[5] *Dictionary of the Bible*, s. v. *agriculture*.

O forcado, cuja forma mais simples se obtem dum ramo d'arvore subramificado, é instrumento naturalmente muito espalhado e de uso muito antigo. [1]

PÁ.—As figuras 20 a 22 representam diversos typos de pá, de madeira, empregadas nos serviços da eira.

Fig. 20: *pá da eira,* denominada *pá de aspar* ou *para aspar,* de Bragança, do comprimento total de 1m,20; serve para limpar o trigo contra o vento.

Fig. 21: *pá da eira,* de Bragança, do comprimento total de 1m,30, para o mesmo fim da precedente.

Fig. 22: *pá da eira,* de Evora.

Já me referi acima á pá, como instrumento de cavar. Catão falla de «palas ligneas», pás de pau, que sem duvida serviam nas eiras para limpar o trigo. De *pala* nesse sentido, vem o francês *pelle,* emquanto nessa lingua a pá de cavar se chama *bêche,* o italiano *pala,* o hispanhol *pala.*

Empregam-se na limpeza dos cereaes, na eira, alem do forcado e da pá, a *joeira,* o *crivo,* a *ciranda.*

O nome da *joeira* deriva de *joio* (do latim *lolium*); é pois propriamente o instrumento para separar o trigo do joio; *crivo* provém do latim *cribrum,* com o mesmo sentido; a etymologia de *ciranda* é desconhecida.

Não se provou a origem arabe dessa palavra.

Ao instrumento e ao nome do *crivo,* correspondem o hispanhol *crivo,* francês *crible,* italiano *crivello* (diminutivo); á *ciranda* o hispanhol *zaranda.*

O termo latino que se traduz usualmente pelo nosso *joeira* é *vannus* (fem.) Vergilio menciona-a, chamando-a *mystica,* pelo uso que della se fazia nas iniciações nos mysterios dyonisiacos; ou por se dizer que fôra o berço de Baccho:

Figs. 20 a 22.

..... mystica vannus Iacchi [2]

Columella dá noticia do seu uso: «Ipsae autem spicae melius fustibus cudantur, vannisque expurgantur. At ubi paleis immixta sunt frumenta, vento separentur... At si compluribus diebus undique silebit aura, vannis expurgentur, ne post nimiam segnitiem vasta tempestas irritum faciat totius anni laborem». [3]

Rich traz uma figura da *vannus* e diz que era uma especie de cesta de verga, grande, mas baixa, parecida com a que se usa ainda na Italia e noutros países e de que se servem do modo seguinte: cheia de grão apanhado na eira, segura pelas asas, dá-se-lhe um movimento sacudido, com que se atira ao ar o conteúdo e apanha quando cae, até estar limpo. [4] Como se vê do passo ultimo citado de Columella, fazia-se uso da *vannus* quando havia calmaria; da pá, sem duvida, quando havia vento.

A palavra *vannus* conserva-se em francês na forma *van,* com o mesmo sentido. Littré define *van:* «Instrument d'osier pour séparer la paille et l'ordure d'avec le bon grain». Em latim havia um verbo *vannire,* derivado de *vannus,* de que se formou no latim vulgar da peninsula iberica um * *vannare,* * *advannare,* que temos no português e hispanhol antigo *abanar*; dahi o

---

[1] O nome osseta do forcado, *sagoi,* liga-se ao sanscrito *çakhā,* ramo; do mesmo modo que em lithuano apparece *száke,* forcado, ao lado de *szakà,* ramo. Um nome commum indo-europeu ou sequer europeu do forcado, não existe. Duas raizes *gabh,* entreabrir-se, e *grbh,* de sentido analogo, parecem ter ministrado a base de diversos nomes do instrumento, como antigo alto allemão *kapala, gabala,* norsico *gaffal,* antigo irlandês *gabul,* moderno *gabhal,* erse *gobhlag,* kymrico *gafl,* armoricano *gavl,* polaco *grabki,* forcado de dois dentes. Vid. ADOLPHE PICTET, *ob. cit.,* II, 140-142.

[2] VERGIL., *Georg.,* I, 166.

[3] COLUMELLA, II, 20.

[4] RICH, *ob. cit.,* s. v. *vannus,* pag. 694.

subst. *abano*, dim. *abanico*. [1] Em italiano ha *vaglio*, joeira, de * lat. *valleus*, de *vallus* por * *vannulus*, diminutivo de *vannus*. [2]

Em latim havia ainda, no sentido de *vannus*, o termo, sem duvida não popular, *ventilabrum*.

Em sanscrito a joeira é chamada *çurpa*, *çurpī*, em persa *sigaw*, em grego λίκνον (λίκμος, pá de joeirar), em kymrico *gwytyll*, em cornico *guinzal*, em antigo alto allemão *winta*, em anglo-saxão *fann*, *fon*, inglês *fan*, em slavo liturgico e russo *veialo*, *vieialo*, em polaco *opalka*, em lithuano *vētykle*. No gotico havia *vinthi-skauro*, pá de joeirar. Um termo commum indo-europeu ou só europeu da joeira não apparece, ainda que alguns dos mencionados tenham raizes communs.

No Antigo Testamento ha allusões á limpeza do trigo na eira. Em Job lê-se (Vulgata): «Erunt sicut paleae ante faciem venti...» [3] Em Esaias: «et tauri tui et pulli asinorum, qui operantur terram, commistum migma comedent, sicut in area ventilatum est». [4] O padre Ferreira A. d'Almeida traduziu o ultimo logar: «E os bois e os poldros, que lavram a terra, comerão grão puro, que fôr padejado com a pá e *cirandado* com a ciranda». No original ha com effeito os nomes de dois instrumentos de *ventilar* ou *joeirar* o grão: *rahat* e *mizereh*, ambos traduzidos em varios diccionarios por *vannus* ou *ventilabrum*. Talvez seja mais exacta a seguinte traducção do versiculo d'Esaias: «Os bois e os burros, que lavram a terra, comerão o grão misturado, de gosto saboroso (*hamits*, subacido), limpo com a pá e com a joeira».

Mencionarei ainda como instrumento empregado na eira (e no celleiro, etc.) para juntar os grãos, a palha (e as folhas, etc.), o *rodo*, de que havia tres exemplares na Exposição da Tapada da Ajuda com as designações respectivas de *rodo de madeira para eira* (Thomar), *rodo para juntar o pão* (Bragança), *rodo de palha* (Beja). O *rodo* consta geralmente dum rectangulo de madeira (pode tambem ser de ferro), a que se adapta um cabo comprido; arrasta-se pelo chão para juntar os grãos, etc. É como um ansinho sem dentes.

A palavra *rodo* é modificada phoneticamente do latim *rutrum*, de que havia o diminutivo *rutellum*; mas o *rutrum* romano divergia do nosso rodo.

Segundo Smith, o *rutrum* era uma especie de enxada, com o cabo fixado perpendicularmente ao meio da lamina, divergindo do *raster*. Era usado antes da sementeira para nivelar o chão, quebrando torrões: seria a essa operação que Vergilio alludiria nas palavras:

... cumulosque ruit male pinguis arenae. [5]

O *rutrum* servia ainda para cavar e remover a terra, misturá-la com diversas substancias. Rich attribue-lhe uma forma rectangular, com o ferro cortante na extremidade inferior, e um cabo como o das pás. [6]

Devido a um pequeno incidente, estou em duvida relativamente ao nome e uso dum pequeno instrumento, representado na fig. 23; mas creio ser o designado no Catalogo da Exposição da Tapada da Ajuda, entre os expostos pelo snr. Oliveira Fernandes, de Beja, com o nome de esgravata-palha, se bem que em as minhas notas apparecem tambem as designações de *esmoinheira* e *ferro d'esmoitar*, referindo-se ao mesmo instrumento. Estimaria ser informado sobre este ponto. O instrumento tem 0m,50 de comprimento.

---

[1] G. Körting, *ob. cit.*, n.º 3.548, s. v. * *ex-ventacalum*, de que provém o francês *éventail*, menciona o portuguès e hispanhol *abano*, *abanico*, que etymologicamente nada têem que vêr com aquelle termo hypothetico latino, e ignora o etymon, aliás obvio e ha muito colligido, *vannus*, das referidas palavras peninsulares.

[2] Idem, *ibid.*, n.º 9.979.

[3] Job, xxi, 18.

[4] Esaias, xxx, 24.

[5] Vergil., *Georg.*, i, 105.

[6] Smith, *ob. cit.*, s. v. *rutrum*; Rich, *ob. cit.*, pag. 544, onde vem uma gravura representando um *rutrum*, bastante differente doutra que trazem R. Cagnat et G. Goyau, *ob. cit.*, s. v. *rutrum*.

Carro. — Na Exposição da Tapada da Ajuda figuravam apenas um carro e uma carreta alemtejanos, expostos pelo snr. Miguel Eduardo de Oliveira Fernandes, de Beja. Faltava o typo do carro de rodas girando com o eixo, do carro de chiar, que, na Europa, se conserva, parece, hoje só em a nossa peninsula. Havia, porém, expostas algumas cangas: 2 com apeiragem, luxuosas, de Vianna do Castello, 1 de machos e 1 de bois de Evora, 1 jugo com molidas, cornaes, tamoeira e trasga de Bragança. Limito-me aqui a esta simples indicação, porque tenciono occupar-me dos nossos carros tradicionaes, jugos e cangas respectivas, assim como doutros meios de transporte, num artigo especial, no proximo fasciculo de *Portvgalia*.

Fig. 23.

Additamentos. — Muito haverá que accrescentar á precedente investigação, para que, a todos os respeitos, fique menos incompleta. Na parte portuguesa falta a descripção de muitas variantes dos objectos descriptivos, e doutros instrumentos agricolas, a indicação e explicação de muitos termos, etc. Espero consagrar mais tarde um artigo aos meios d'irrigação, *cegonha, noras, rodas,* etc. A parte historica e comparativa, bastante completa na parte da antiguidade greco-romana e sobretudo romana, graças aos excellentes auxilios que existem neste dominio, é, receio, muito deficiente no resto, apesar de longo trabalho, pela escassez dos recursos. Juntarei aqui apenas algumas notas complementares de pontos tratados.

A pag. 410, n. 5. O. Schrader pensou que o grego *γύης*, apo, fosse aparentado com *γύ-ρο-ς*, curvo, e este com o latim *būra*, que seria propriamente um termo osco d'agricultura; [1] mas a equação *b* osco = *g* grego não parece ter apoio em factos certos.

A pag. 412, lin. 8. Segundo uma conjectura de L. Siret, o arado remontaria, em a nossa peninsula, á epocha neolithica. Entre objectos aqui achados, dessa epocha «ha laminas curtas e grossas, que apresentam na extremidade traços de pancadas e desgaste, como se, solidamente engastadas na madeira, tivessem armado a extremidade de arados... consideram-se muitas vezes semelhantes peças de silex como lascadores ou retocadores». [2]

A pag. 414, lin. 15. A. Fick apresentou a seguinte equação que está longe de poder considerar-se provada:

grego *ὖνις*, *ὗνις* = latim *vōmer, vōmis* (* *us-ni*, * *ves-mi*), [3] e teem sido feitas ainda outras combinações.

Á mesma pag., lin. 42. Baist, achando inacceitaveis as diversas correcções propostas para o *plaumorati* de Plinio, propôs a lição: «quod genus vocant *ploum Raeti*»; o que tem a vantagem de fazer sentido e ministrar um nome de arado ou charrua, *ploum*. No *Edictus Rothari* 288 (a. 643) lê-se: «Siquis plovum aut aratrum alienum iniquo animo capellaverit.....» No lombardo encontramos *pio*, no tyrolês *plof*, arado, modificações dum termo que se encontra nas linguas slavas e germanicas, e a que já me referi a pag. 412. Baist diz: «recearia apresentar *ploum* como celtico, e a charrua como invento celto-romano. Nenhuma lingua celtica tem a palavra . . . . . O termo celto-francês *charrue* parece formação nova para o instrumento novo. A propria nacionalidade dos retos jaz ainda no circulo nebuloso das verosimilhanças, por mais perto que estejamos da solução do problema». [4]

A pag. 415, lin. 27. Ultimamente obtiveram melhor arrumação e foram catalogados os instrumentos agricolas da Africa e da Asia que possue a Sociedade de geographia. O arado que em tempo me disseram ser talvez de Timor, apparece com o n.º 2.929 e é attribuido a Moçambique; da mesma proveniencia é, segundo o catalogo, o modelo de arado n.º 2.971, que já teve a

---

[1] O. Schrader, *Sprachvergleichung und Urgeschichte*², pag. 417.

[2] L. Siret, *La fin de l'époque néolithique* em *L'anthropologie*, III (1892), pag. 392.

[3] A. Fick, em Kuhn's, *Zeitschsift für vergleichende Sprachforschung*, XXII, 156; O. Schrader, *ob. cit.*, pag. 417.

[4] Baist em Wölfflin's, *Archiv für lateinische Lexikographie und Grammatik*, III (Leipzig 1886), pags. 285-6; Alfred Holder, *Alt-celtischer Sprachschatz*, II (Leipzig, 1897 segs.), col. 1019, s. v. *ploum*. Holder dá este termo dubitativamente como celtico.

indicação de provir de Goa, e ao qual me referi a pag. 416, lin. 2. Convenci-me infelizmente de que o catalogo merece pouca confiança. Ha na mesma collecção um pequeno modelo d'arado, ainda não catalogado, que se collou um papel em que se indica Java, como logar de proveniencia.

A pag. 416, n. 1. Na obra de MASPERO, *Histoire ancienne des peuples de l'Orient classique*, I, 765 ha a representação dum arado com bois, da Chaldeia. Não vi SCHUHMACHER, *Der arabische Pflug* em *Zeitschrift der deutschen Palästina-Vereins*, vol. XII.

A pag. 644, lin. 2. Na Exposição da Tapada da Ajuda havia dois instrumentos designados, um pela denominação de trilho para palha, o outro pela de trilho de caixos, que entram na categoria do *plostellum poenicum* ou trilho com rolos. Infelizmente inutilisou-se o negativo photographico, que delles fora tirado, não podendo dar-se a gravura.

CONSIDERAÇÕES GERAES. — A investigação prova que os instrumentos e apparelhos agricolas de que nos occupamos, no que teem de essencial, são bens communs dos povos indo-europeus, semitas e hamitas e remontam a uma muito alta antiguidade, aos tempos pre-historicos, pelo menos os mais importantes. Os progressos realisados foram extremamente lentos: os mais consideraveis realisaram-se em virtude da transformação geral na cultura produzida pelo apparecimento da industria metallurgica, attingindo o ponto culminante na edade do ferro. Quando estudar a historia do carro, completarei estas considerações, com os dados relativos á domesticação dos animaes, tão importante para o progresso agricola, e outros.

Pelo que respeita a alfaia agricola portuguesa, em especial, dois factos se puseram em evidencia: o caracter eminentemente archaico das formas conservadas e a excepcional preponderancia da terminologia romana. Como foi indicado este segundo facto não prova necessariamente que essa alfaia seja d'origem romana: prova sim a profundidade da romanisação pelo lado da lingua. Diez e seus continuadores provaram que essa romanisação foi tão completa pelo que respeita á grammatica, como pelo que respeita ao vocabulario. Num estudo sobre as transformações deste, o fundador da philologia romanica referiu-se só aos seguintes nomes latinos d'instrumentos de lavoira: *aratrum, ligo, ascia, falx* e a seus correspondentes romanicos, pela forma e sentido ou só pelo sentido. [1] O presente estudo completa essa investigação, deixando margem para additamentos.

Pode julgar-se que não se limitou á terminologia a influencia romana, em a agricultura peninsular, comquanto seja difficil destrinçar os elementos que devemos a essa influencia e os que devemos a outras, pelas razões ethnologicas conhecidas.

A conservação de formas muito antigas do arado, a conservação do trilho (forma transmontana), a da foice serreada, a do carro chiante bastam para mostrar o aferro á tradição da technica agricola nos povos peninsulares: por este aspecto excedemos todos os outros da Europa. Este caracteristico será analysado e posto em relevo em o futuro artigo sobre o *carro*.

Lisboa, 1900-1901.

F. ADOLPHO COELHO.

[1] FRIEDRICH DIEZ, *Grammatik der romanischen Sprachen. Anhang, Romanische Wortschöpfung* (Bonn, 1875), pags. 65-66.

A Carta geologica de Portugal

A organisação official dos serviços geologicos data, entre nós, de 1852-57. Até esta epocha as investigações parcellares effectuadas procediam da investigação particular, ora estrangeira, como a de Sharpe, que inicia a estratigraphia portuguesa, ora nacional, como a de Carlos Ribeiro, em cujos relatorios mineiros apparecem os delineamentos da successão dos terrenos de Portugal. A obra de alguns precursores notaveis, como Link ou Andrada, esbate-se pelos meiados do seculo findo, sem que, entretanto, a historia da geologia portuguesa esqueça as suas romagens iniciaes.

Estabelecidos os trabalhos geologicos, as vicissitudes não tardam a perturbar-lhes a marcha, apesar do que, em 1876, sahia a primeira Carta geologica do reino na escala de $^1/_{500\cdot000}$ e subscripta por Carlos Ribeiro e Nery Delgado. Desnecessario será expressar os progressos que ella traduz sobre a *Carte géologique de l'Espagne et du Portugal*, de Verneuil et Collomb, cuja 2.ª edição já data de 1868. Quatro annos depois da publicação da Carta a realisação do Congresso de anthropologia e archeologia pre-historicas em Lisboa era a legitimação retumbante do minusculo dispendio que a nação effectuára com os estudos geologicos e accessorios.

A avaresa do Estado, porém, e logo que se trate do lustre da patria, nem por tal se alterou ao deante. Pessoal e recursos foram sempre d'uma exiguidade — como direi? — melancholica... E não obstante emerge este facto d'uma singularidade bizarra: é que a Commissão geologica tem sido das que, em Portugal, por maior productividade se denuncia e assignala! Ás memorias já impressas e subscriptas por Alfredo Bensaude, Barros Gomes, Berkeley Cotter, Carlos Ribeiro, Frederico de Vasconcellos, Nery Delgado, Paula e Oliveira, Pereira da Costa e Wenceslau de Lima juntam-se as de estrangeiros illustres como collaboradores e, portanto, o seu implicito assentimento: A. Gaudry, Deshayes, Fontannes, Mac-Pherson, O. Heer, Paul Choffat, P. de Loriol, Saporta, Suess e Tournouër.

No *Mapa geológico de España* (e de *Portugal*, folhas 1, 5, 6, 9 e 13) publicado em 16 folhas e na escala de $^1/_{400\cdot000}$, no periodo que decorre de 1889 a 1893, apparecem já importantes correcções á nossa primeira edição, em conformidade da carta de Portugal exposta no Congresso geologico de Londres de 1888 pela Commissão portuguesa. E já sobre esta accusa novos aperfeiçoamentos a *Carte géologique internationale de l'Europe* (49 feuilles à l'échelle de $^1/_{1\cdot500\cdot000}$) votada pelo Congresso geologico internacional de Bolonha em 1881, iniciada em 1894 sob a direcção de Beyrich, já extincto, e Hauchecorne (Berlim, Dietrich Reimer) e da qual as folhas Av e Avi do 2.º fasc. comportam a parte que se refere ao territorio portuguez. Proseguindo sempre os estudos e os aperfeiçoamentos que, n'esta especie de trabalhos, são, por assim dizer, illimitados, já na Exposição internacional de Bruxellas de 1897 se exhibe, colorido á mão e obtendo um glorioso diploma, o mappa que em 1900 foi distribuido impresso sob a rubrica: *Carta geologica de Portugal*, por J. F. N. Delgado e Paul Choffat (1899). É ainda na escala de $^1/_{500\cdot000}$ e levantada em parte sobre as folhas da carta chorographica do reino e em parte coordenada sobre a edição de 1876. A reducção da base topographica e dos limites geologicos é trabalho do distinctissimo artista da Direcção geologica, Luiz Couceiro; e a gravura e composição das côres foi confiada á afamada casa Wuhrer, de Paris. O parallelo das duas edições dá a medida dos progressos effectuados desde então. E como uma carta geologica não seja descriptivel n'uma referencia que apenas annota o acontecimento scientifico — antes muito para desejar seria que a acompanhasse, em opusculo, um resenhado texto de relativa accessibilidade — basta-nos registrar que, independentemente do seu objecto fundamental, ainda accusa as cavernas ossiferas, estações pre-historicas, nascentes mineraes, jazigos de minerios uteis e pedreiras.

E'-nos grato reconhecer, uma vez sequer, a justesa d'um logar commum: esta carta é um espelho — espelho dos valores e dos esforços de homens que o paiz mal conhece e que, todavia, são, n'essa singular obscuridade, dos que lhe clamam e honram a patria lá fóra!

Aos queridos amigos da Direcção dos Trabalhos Geologicos de Portugal, as nossas vivissimas saudações!

R. P.

A collecção archeologica de Albano Bellino, em Braga

Temos mais um caso de iniciativa individual a accusar, que interessa ao movimento scientifico nacional, e que importa auxiliar na sua bem fadada nascença, para que não lhe succeda completo desperdicio, esgotados que fôrem os primeiros esforços de generoso impulso no *mare magnum* inerte, mas adverso, da indifferença e barbarie geral.

O snr. Albano Bellino é um estudioso archeologo, que de ha muito se dedica com piedoso affinco a colleccionar documentos para a remota historia da velha cidade de Braga e sua diocese, de venerandos e sacros pergaminhos.

É o caso que, passadas as ultimas balizas da historia, immensa se estende a vastidão de obscuro mysterio que vem por nebulosas epochas prehistoricas até á dominação romana; assim, cada vez mais se alarga em dimensões a area de estudo por esse paiz interamnense de ricas tradições e ineditos thesouros archeologicos. Braga é um dos centros, a *Bracara Augusta,* que fôra convento juridico de mór nomeada entre os da provincia romana Tarraconense. Em boa estação pousou o dedicado investigador, pois o campo é vasto e productivo; ha que lavrar fundos sulcos por terreno bravio e soffrer muita pena, que os visinhos são apoucados e maldosos e não se ageitam a prestar qualquer ajuda.

Foi esta cidade augusta desde os romanos, primaz depois entre as dioceses peninsulares e séde de poderoso arcebispado, pretendendo synthetisar entre a christã gente portugueza supremo poder temporal como a Roma Eterna d'este pequeno mundo lusitano. Velha terra, pois, de velha fama; curioso, porém, e symptomatico, que do antigo pouco ou nada conserve, e raros os vestigios d'esse glorioso e aristocratico passado resistiram á sanha nivelladora dos tempos e dos homens valorosos que governaram o santo *conventus tarraconensis.* Semelhantemente acontece, por contacto e generalisação, em toda essa provincia, recheiada ainda hoje de pretenciosas aristocracias de pittorescas linhagens, a desmoronarem-se sob os mysteriosos pergaminhos, sem que nada reste ou se conserve das velhas architecturas tradicionaes, sequer o culto respeitoso pelos unicos documentos de alguma propria e real nobreza. Raros pois os vestigios apparentes das gloriosas civilisações que passaram, e apenas, como contraste de brilhante aspecto, o quadro permanente e sempre novo da verdejante natureza minhota, constituindo para a pobre grey que trabalha a terra desde longes prehistoricos o eterno pergaminho de soberana e unica nobreza.

Está o campo aberto aos excavadores archeologos para que prescrutem o enigma subterraneo de todo esse passado. Entretanto, é de lamentar que, n'esta epocha de generalisada illustração, as entidades governativas não cuidem ainda de que por dever lhes cumpre a iniciativa de conservar e reconstituir a historia e as tradições, que são a razão basilar da vida actual dos povos que dirigem.

São conhecidos, e de sobejo comprovados, os serviços dos museus regionaes, como collecções dos documentos historicos e naturaes que definem a nacionalidade; não obstante desviados de um plano uniforme e centralisador, representam sobretudo um papel educativo, teem missão altamente moralisadora, a qual hoje se impõe para contrariar as tendencias desnacionalisadoras d'este confuso movimento das actuaes multidões.

Em Portugal alguns casos ha de iniciativa particular e local em pequenas terras de provincia, Bragança, Guimarães, Figueira, Evora, Beja, Alcacer, Lagos. Não ha que citar Coimbra ou a Capital, pois não constituem exemplos modelares; mas, como excepção anormal e contradictorio modelo, dever-se-ha apontar o Porto, grande cidade onde nada existe que mereça o titulo de museu e onde sobejam estabelecimentos superiores e secundarios de vario ensino, personalidades de officiaes mistéres scientificos; e é de considerar que este nucleo importante de laboriosa população occupa situação primacial, que vem desde a primitiva constituição do paiz lusitano, centralisando vasta região caracteristica da terra portugueza.

Mas, sempre assim foi, e não ha que teimar, pois é feita a experiencia.

Cuidemos portanto da presente iniciativa, que é de necessidade amparar.

Visitamos o museu Albano Bellino, que se alberga em acanhada loja a um canto do paço episcopal, no andar terreo; é um sombrio e humido corredor de poucos palmos de largo, apenas

alumiado por uma fresta que dá para o claustro. Mal se percebem os objectos que a dedicação do colleccionador ahi desveladamente amontoou; presta-se entretanto este pobre aspecto a tornar mais expressivo o contraste entre o enthusiasmo e piedosa veneração do investigador, e o despresivel e mesquinho amparo do funebre cubiculo.

E, não obstante, este pouco representa actualmente um nucleo de especial merecimento.

Vimos ahi objectos varios, provenientes das explorações que o snr. A. Bellino executou nos montes de Santa Martha e S. Mamede de Guizande, outros dos arrabaldes e da propria cidade: machados polidos, restos de ceramica, *molas manuarias,* fragmentos de mosaico, encanamentos de barro, tijolos com marcas figulinas, *pondera,* pedaços de *opus signinum,* etc., e varios documentos epigraphicos entre os quaes alguns notaveis e ineditos. É esta a especialidade que mais aprecia o estudioso archeologo, e n'ella apresenta uma consideravel serie de inicio: 6 lapides funerarias dedicadas a Junia Urbana, Aticia Primitiva, Paterna, Vibia Placidina, Albura e Sullia Materna; 2 lapides votivas consagradas a Hercules e a Proserpina (?), esta inedita, encontrada nas explorações do Monte Redondo; 3 marcos milliarios dedicados a Tiberio, Constante I e Constancio II, e a Valentiniano; 2 inscripções honorarias, uma consagrada a Camalo Bracaraugustano, a outra em pedestal monolithico de secção circular, sobre que teria pousado estatua consagrada pelos bracaraugustanos ao imperador Augusto no dia natalicio de Paulo Fabio Maximo, legado propretor.

E este ultimo o mais antigo documento em que se lê o epitheto de *augusta* applicada á cidade de Braga; representa pois para os municipes bracarenses pergaminho de um alto valor archeologico e historico; por si bastaria uma tal prova para despertar na suprema collectividade municipal interesse e veneração para estes emprehendimentos de reconstituição historica, que tam intimamente lhe dizem respeito.

Muito ha ainda para colleccionar no Museu Archeologico Bracaraugustano: tudo quanto o dedicado iniciador tem descoberto e registado em continuas investigações, achados, donativos, promessas, e tudo o mais que se encontra ainda intra-muros da cidade, desamparado e sem quartel. Por exemplo, os marcos milliarios e lapides que foram reunidos no adro de S. Sebastião, especados em posições de regular symetria, mas que o desmazelo dos actuaes municipes abandona á inclemencia do tempo e da população, cobertos de musgos e de immundas escorrencias, para gaudio do rapazio que os enfeita de obscenidades e os vae damnificando em seus brinquedos.

Dever-se-ha recolher tudo isto, o mais que existe pelo vasto municipio, e o muito mais que apparecerá, devido á iniciativa e ensinamento que immediatamente resalta do museu local, convenientemente installado sob a manifesta protecção e official apoio das auctoridades.

Algum auxilio conseguiu o snr. Albano Bellino do Exmo Arcebispo, digno socio da R. Associação dos Architectos e Archeologos; em 15 de Setembro de 1899 cedeu o illustre Prelado a pequena loja onde se abrigam os valiosos inicios do importante museu archeologico, e com particular devoção recommendou o questionario que o snr. A. Bellino distribuiu pelos parochos da diocese. É um acto de attenciosa protecção á sciencia nacional, pouco vulgar n'este pequeno paiz de illettrada gente; merece especial menção, e confirma as esperanças de que mais largamente dispensará em seus paços hospitaleiros a humilde pousada que desde muito reclamam esses restos archeologicos; são estes os unicos documentos que nos contarão os gloriosos fastos antepassados no afamado *conventus* da Provincia Tarraconense, chancellaria ao tempo dos romanos e grandioso arcebispado que foi primaz entre os da Hispanha.

O municipio não deve ser extranho ao movimento iniciado por um homem de exotica excepção, que pretende dedicar-se effectivamente á organisação de um museu regional de archeologia e arte, o qual deve tomar em particular consideração, animando esta empreza de elevado patriotismo; e porque, estimaveis senhores de Braga, ás auctoridades cumpre o superior encargo de velar por que não se percam de vez as gloriosas tradições nacionaes, que são a nossa unica esperança de vitalidade e renascimento, visto como do passado urge cuidar com piedade filial, humanamente, pois que d'ahi nasceu em todos os seus aspectos a epocha presente em que somos.

R. S.

Os portuguezes segundo algumas photographias

Tal é o titulo de uma communicação apresentada pelo snr. Zaborowski á Sociedade de Anthropologia de Paris, em 21 de junho de 1900, publicada na 5.ª serie, tomo I, fasciculo 3 dos *Bulletins*. O auctor havia já publicado uma noticia a proposito da ethnologia de Portugal, para a qual apenas se servira de um numero completamente insufficiente de photographias, e commenta: «cette insuffisance est en effet presque choquante». Em vista d'isto, pediu ao snr. Mesquita de Figueiredo que lhe enviasse os retratos que houvesse á mão. Este senhor, que já lhe havia remettido meia duzia de vistas de assumptos archeologicos e ethnographicos, enviou-lhe d'esta vez 36 retratos (plus trois enfants), no patriotico intuito de contribuir para os estudos do sabio francez sobre palethnologia portugueza.

Considera o snr. Zaborowski que «les portraits photographiques n'ont donc guère moins d'importance en éthnologie que les crânes secs». E a proposito do nosso caso diz: «Dans ma notice sur le Portugal, aprés avoir énuméré les renseignements obtenus par l'étude des crânes anciens, javais rappelé les conséquences certaines de l'invasion Maure. D'aprés l'histoire même, les éléments envahisseurs du Portugal se composaient principalement de Berbéres et d'Egyptiens. Et je présumais que c'était eux qui y avaient laissé la plus forte empreinte. Grâce aux portraits que m'a envoyés M. de Figueiredo, je crois bien pouvoir aujourd'hui l'affirmer d'une façon catégorique».

Encontra nos 36 retratos uma variedade de physionomias como se vê entre os Berbéres do littoral africano; por vezes aponta, entre as mulheres morenas, o typo pequeno e feio do planalto central da França; em alguns descobre semelhanças com os Corsos e n'outros mais intimo parentesco com os typos mouriscos; e nota que predomina, como traço caracteristico, a forma desgraciosa do nariz *en pomme de terre*, muito embora destaque em um dos retratos as feições finas da classico typo semita. Apenas percebe, em dois ou tres retratos de mulheres e um ou dois de homens, provaveis vestigios de sangue dos louros, os quaes, diz, outr'ora occuparam uma notavel parte de Portugal e para aqui teem emigrado recentemente.

Compulsando estes documentos que considera bastantes, e formando com as suas observações quadro synthetico da população representada nos 36 retratos-especimens, generalisa e verifica que d'esta sorte se confirmam as suas presumpções a respeito dos povos de Portugal, formuladas, consoante declara, sobre quantidade muito inferior e deficiente de retratos observados.

E' certo que documentos de outra ordem, e series de numerosas observações, estudadas por methodos mais scientificos e menos imaginosos, denunciam caracteres irmãos dos berbéricos, em determinadas povoações da Peninsula, que não influencia propriamente berbérica; o berbére teria antes uma origem commum na raça prehistorica Beaumes-Chaudes — Cro-Magnon. Constitue este caso proposição ethnologica, desde muito discutida e verificada em alguns dos seus aspectos, se bem que falte ainda a definitiva prova anthropometrica no que respeita especialmente a Portugal.

Entretanto, ha que repellir energicamente, como damninhos á sciencia e em particular á hypothese em questão, os processos de generalisação sobre documentos suspeitosos e deficientes de valor meramente local, colhidos sem discernimento. Outra serie casual de tres duzias de retratos manifestaria ao snr. Zaborowski clara mestiçagem dos louros; seria facil conseguir a serie perfeita dos louros typicos; e, se bem aprouvesse ao mesmo obsequioso collector, poderia tambem obter-lhe entre os photographos da capital numerosa serie que conduziria o illustre anthropologo, por similares processos inductivos, á conclusão de que o povo de Lisboa, e portanto a população portugueza, era actualmente de retintos negros natos — o que, de resto, estaria de accordo com a historia das antigas colonisações, emigrações e actual commercio com as Africas portuguezas. E; no emtanto, esta serie é unica, excepcional e falsa.

A influencia da raça negra é nulla; alguns individuos indigenas de importação e casos de mestiços coloniaes representam entre a população metropolitana insignificante gotta negra que nem ao de leve acinzenta a massa primitiva de raça branca. Anthropologicamente é um erro crasso, o qual apenas circula entre o snobismo scientifico-litterario de nacionaes e de exoticos *touristes*, que nos visitam e estudam de carreira.

O snr. Zaborowski nada tinha, pois, que concluir, como diz, de modo categorico.

O campo é vastissimo e está por explorar. Entre nós vae atrazada a estatistica anthropologica e são envoltos de espesso mysterio os factos ethnologicos. Qualquer dado archeologico, anthropologico, linguistico, ethnographico ou historico poderá servir de base a uma hypothese, originar uma theoria; correm a proposito innumeras versões, desnaturando os factos originaes, e sobre estes e outros documentos de occasião se vão escrevendo livros eruditos e sabias communicações! — A super-producção litteraria da epocha segue parallelamente o convencionalismo e mystificação universaes.

A *Portvgalia* cumpre o seu programma, protestando contra esta defeituosa applicação dos methodos scientificos para o estudo do povo portuguez, e reprova o processo antipatriotico de falsa informação que provoca a erronea interpretação dos factos propriamente nacionaes.

R. S.

OS MORTOS

EMILIO HÜBNER

1831 † 1901

A morte vai ceifando cruelmente nas fileiras dos melhores amigos de Portugal. E este, que se despediu subitamente, em vinte e quatro horas, no dia 21 de fevereiro, foi um dos sabios mais benemeritos que se occuparam dos problemas scientificos, historicos e litterarios relativos a toda a peninsula, porque Portugal e Hespanha tiveram sempre igual quinhão nos seus estudos, durante quasi quarenta annos.

Em 1862 publicava, dedicando-o ao Instituto archeologico allemão, o volume sobre as antigas esculpturas classicas das collecções de Madrid (Berlim, Reimer). Por este trabalho o conhecemos primeiramente. De então para cá, uma série ininterrupta de serviços muito valiosos, uma dedicação sincera, um conselho seguro em todas as difficuldades, uma fé inquebrantavel nos destinos de Portugal e Hespanha, fundada n'um juizo reflectido sobre as qualidades e os defeitos do nosso temperamente peninsular.

Quem muito amou, muito perdoou certamente na vida.

Posto que a sua especialidade fosse a archeologia romana e christã medíeval da peninsula, nenhum problema historico lhe era indifferente. As suas relações constantes com os mais salientes vultos politicos da moderna Hespanha, principalmente a sua antiga amizade com Canovas del Castillo, punham-no em dia com as ideias e os factos dominantes, as «cousas de Hespanha», cujo interprete sagaz foi, até aos ultimos dias, nas primeiras revistas allemãs. O idioma hespanhol era-lhe familiar, como a lingua patria. Não admira, pois, que o governo de S. M. C. lhe conferisse mercês de grande estima. O nosso seguiu-lhe o exemplo.

Ultimamente revelára, fóra do seu primitivo dominio scientifico, trabalhos de grande importancia sobre as antiguidades ibericas, que conhecia a fundo, como poucos. Raros eram os que o podiam acompanhar na simples leitura d'esses arduos problemas, dos mais difficeis da sciencia universal.

E' muito numerosa e de grandissimo valor a lista das suas obras, porque, além da archeologia greco-romana, conhecia a fundo toda a litteratura e a grammatica comparada, que professou durante longos annos em cursos celebres da Universidade Real de Berlim, cujo ornamento era. Alli o conhecemos em 1871, 1875 e 1876.

Pertenceu como socio ás primeiras corporações scientificas da peninsula, que premiaram mais de uma obra sua, em concurso, e ás vezes em idioma castelhano. A nossa Academia Real das Sciencias proclamou-o socio ha cerca de 35 annos e mandou traduzir por Augusto Soromenho as suas «Noticias archeologicas sobre Portugal», que ha muito reclamam nova edição condigna.

Póde, pois, affirmar-se que junto do seu tumulo se descobrem respeitosamente duas nações irmãs, abraçadas á memoria de tradições gloriosas, que nenhum revés da moderna sorte, avára, será capaz de attingir. Os homens mais eminentes da sciencia hispanica te saudam de longe, porque todos foram teus amigos e admiradores e muitos se ufanam de serem teus discipulos!

Mais um que perdemos—não!

E' mais um que herdamos para collocar no Pantheon nacional, erguido idealmente no espirito d'aquelles que sabem transpôr as fronteiras. Hespanhoes e portuguezes alli se encontram, como irmãos, no sereno refugio das ideias.

Não é aqui o lugar para fazer ao mestre na sciencia e ao amigo exemplar toda a justiça que lhe é devida. Pertence isso ás altas corporações scientificas, que o elegeram socio benemerito.

Sejam estas palavras apenas o debil ecco de queixume dolorido, que sahe do fundo de um coração portuguez—um por tantos!

A toda a sua illustre familia, e em especial a seus filhos, filhas e genros que continuam a enriquecer com novos laureis scientificos duas memorias queridas, apresentamos o testemunho do profundo pezar que nos assaltou, assegurando-lhes a perduravel gratidão e saudade que guardaremos ao extincto.

E ao fallar de *duas* memorias, recordamo-nos da nobre companheira que se despediu primeiro, a filha de Droysen (historiographo da corôa prussiana), que deu ao lar do sabio o supremo encanto, pelas raras virtudes de mãe exemplar e de educadora insigne. Seus filhos foram as suas unicas, mas as suas melhores joias, como diria a mulher romana.

A singela noticia de um jornal diario (*Commercio do Porto*, de 22 de março de 1901) necessita, ao menos, de algumas indicações bibliographicas, que alli eram superfluas.

E' muito extensa a relação das obras em que o illustre professor se occupou das cousas hispanicas, mormente se contarmos os artigos das revistas scientificas allemãs, italianas e hespanholas em que escrevia habitualmente. Recordaremos apenas algumas: a *Deutsche Rundschau* (que corresponde em Berlim, á *Revue des Deux-Mondes*), o *Hermes*, a Gazeta archeologica de Berlim, o *Bullettino* do Instituto imperial germanico de archeologia, a *Deutsche* e *Jenaer Literaturzeitung;* emfim as revistas de Hespanha e Portugal: a *Archeologica*, do fallecido Borges de Figueiredo, o *Archeologo*, de Leite de Vasconcellos: a *Revista de archivos, Bibliothecas y museos* dos nossos visinhos, que tanto brilho e proveito rende á Hespanha desde 1871, e o *Boletin de la Real Academia de la Historia*.

N'esses artigos soltos, ás vezes verdadeiras monographias originaes sobre themas novos, apresentava ao leitor allemão, regularmente, os productos do movimento litterario da peninsula, dentro das sciencias historicas, e particularmente da archeologia. Não esqueceu todavia nunca, como verdadeiro sabio que era, de abranger essas manifestações de um ponto de vista superior em que o criterio do especialista cedia o passo á apreciação do historiador e do philosopho. Esta arte de expôr, despertando o interesse do leigo por questões aridas em que o espirito se perde muitas vezes n'um labyrintho de minudencias fatigantes, possuiu-a o professor Hübner em summo grau. O erudito desapparecia e ficava a palavra fluente, elegante e vivamente colorida do cathedratico, habituado a fallar a um grande auditorio instruido, fundindo o puro metal da sciencia em innumeras fôrmas, padrões e typos de facil circulação.

Hübner pensou, e bem, que poucas pessoas haviam de lêr na peninsula hispanica o grande vol. II do *Corpus* das inscripções latinas, que trata da *Hispania* ou o menor das *Inscripções christãs;* [1] que rarissimos leitores pegariam habitualmente na serie dos Boletins do Instituto imperial; por isso lançou mão do recurso das *memorias*, dos *essays*, das pequenas monographias. Uma empreza, posta a concurso no visinho reino, deu a Hübner ensejo para realisar uma aspiração na qual se concentravam as esperanças dos estudiosos da archeologia peninsular; e dizemos *peninsular*, como tantas vezes temos repetido e sublinhado ha mais de trinta annos em tudo o que é do dominio da arte, da historia, e da sciencia em geral. O municipio de Barcelona que, primeiro em toda a peninsula, creou um curso publico de Historia da Arte e de Archeologia, n'uma cadeira propria, descobrindo, desde logo, a capacidade que a havia de reger com proveito: D. José de Manjarrés; que em 1875 subsidiava a primeira historia da arte illustrada, em lingua hespanhola, como guia d'esse curso; que muito antes havia creado uma Escola de Bellas-Artes *municipal*, á sua custa, e mantinha com os recursos do *ayuntamiento* as numerosas pensões de seus filhos nos paizes estrangeiros — essa corajosa e audaz corporação abriu concurso publico para premiar a melhor obra original sobre archeologia hespanhola.

Não quiz impôr restricções nacionaes, possuindo a Hespanha, de resto, capacidades notaveis, como o provaram publicações de valor excepcional; basta citar o *Museu español de antiguedades*.

Um magnifico legado de D. Francisco Martonell y Pena habilitava o *ayuntamiento* a estabelecer um grande e generoso premio — se a memoria não nos engana: 20.000 pesetas.

O professor Hübner ganhou-o com um trabalho magistral: *La Arqueologia en España* — Barcelona, 1888, in-8.° gr. de x — 298 pag. Este padrão de sciencia vale tanto para hespanhoes, como para portuguezes, e ficará sendo ainda por longos annos uma fonte perenne de riqueza, de vida e de inspiração para ulteriores estudos.

Tudo quanto estava enthezourado nas obras monumentaes de epigraphia, publicadas antes pelo auctor; tudo o que em varias publicações dispersas escrevera sobre a *Lusitania*, e a nossa Academia Real das Sciencias apenas imperfeitamente soubera aproveitar em 1871 *(Noticias archeologicas de Portugal)*; os fructos do saber, amadurecidos nos gabinetes de uma serie de antiquarios hespanhoes, da maior consideração — emfim, as indagações dos estrangeiros que só depositos riquissimos e esplendidamente dotados, como os da capital prussiana, podem fornecer sem lacunas — tudo se fundiu sem esforço, apparentemente, n'esse trabalho apuradissimo e, de mais a mais, escripto em hespanhol!

Hübner era polyglotta; além das linguas classicas, escrevia facilmente em inglez, italiano e hespanhol e revelava em todas as relações sociaes a fina educação do homem de sala que viu, tratou e apreciou os costumes mais variados com o criterio cosmopolita de viajante consummado. Aos nossos compatriotas recommendaremos hoje, como o fizemos em tempo (1888), que leiam e estudem essa magnifica memoria, publicada ha treze annos, mas tão pouco lida pelos

---

[1] *Inscriptiones Hispaniae latinae*, Berlim, 1869, fol. cerca de 900 pags. com varios additamentos na *Ephemeris epigraphica*, até á publicação dos grandes *Supplementos* impressos em 1892 e 1897. *Inscriptiones Hispaniae christianae*, Berlim, 1871; com o *Supplemento*, ainda maior, publicado em 1900. Da obra sobre as esculpturas antigas de Hespanha e Portugal, (*Die antiken Bildwerke in Madrid*. Berlim, 1862, G. Reimer; com um append. sobre Portugal pag. 328 e seg.) tencionava Hübner fazer tambem nova edição muita augmentada, refundindo todas as publicações sobre a *Citania* (1878-1881).

leitores portuguezes que não a vimos citada e aproveitada a valer senão por dous ou tres escriptores nacionaes. Seria utopia esperar algum proveito immediato de uma recommendação feita a favor de publicações mais recentes de Hübner, como o volume das *Inscripções ibericas* (1893), ou a memoria sobre as antiguidades phenicias da peninsula (Andaluzia), que recebemos do nosso illustre amigo poucas semanas (1900) antes de sua morte.

Não contesto que os estudos archeologicos hajam progredido em Portugal; nem pretendo negar o merito relevante de um pequeno grupo de estudiosos, empenhados na pesquiza das nossas tradições e dos monumentos menores; mas tudo isso é mui pouco, desde o momento em que falte a concordancia dos movimentos dentro de um plano methodico de exploração. Cada um escava e pesquiza por sua conta; junta e classifica os objectos *ad libitum*. Na capital, a louca pretenção de centralisar tudo, sem o menor fundamento de justiça, porque a vida intellectual e artistica, o movimento scientifico e industrial do paiz tem-se descentralisado progressiva e evidentemente desde 1852. Na provincia, a desconfiança crescente perante raptos e roubos inqualificaveis. Elles lá, esquecem-se do escandaloso rol de preciosidades que tem desapparecido dentro dos muros de certos museus, quando não desapparecem logo os proprios museus, inteiros (os de Fradesso da Silveira, Estacio da Veiga, etc.). Na provincia, a natural reacção — escavar tudo, e aferrolhar quanto antes, prevenindo a visita do snr. Inspector *x* ou *y*, d'este ou d'aquelle agente officioso, encarregado de vistoriar archivos, visitar conventos e ruinas, de revolver *Citanias* de todos os feitios e tamanhos.

Parecia logico e natural associar os esforços, se as proprias agremiações de archeologos e a tão fallada Commissão dos Monumentos Nacionaes, (reformada uma vez por anno, pelo menos), não confirmassem mais uma vez que em Lisboa desejam sómente absorver tudo, legislar, regulamentar de manhã, á tarde e á noute.

Seria curioso historiar as vicissitudes das differentes Sociedades archeologicas que se fundaram em Portugal desde que Hübner appareceu entre nós (1861), dando conselhos que não foram ainda attendidos.

Parece-nos que a archeologia nacional teria tudo a lucrar, se antes de descermos a estudar as remotas origens, occultas no solo, nos dedicassemos a investigar e comprehender o que temos á vista! Se em vez de discutirmos um silex lascado, tentassemos perceber a estructura do monumento onde entramos todos os dias. Não ha a noção mais rudimentar dos periodos historicos, mas vamos desencantar a *pre-historia*. E' uma opinião — mais nada. Que a discutam os interessados.

Porto, Julho, 1901. JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

LUCIANO CORDEIRO

21 de julho de 1844 † 24 de dezembro de 1900

Accentuaram-se, em varios panegyricos officiaes e officiosos, as qualidades de luctador que avultavam esta Figura. Foi, na realidade, o seu papel de apostolo combatente que sobrelevou todas as funcções a que o chamaram a sua aptidão multiforme, o prodigio da sua canceira trabalhadora, um patriotismo já entre nós obsoleto. A mentira normal aquietou-se, pois que nem as mesmas redundancias floridas que teem coberto, ephemeras, a passagem da Vulgaridade em dia, deixarão, para a sua memoria, de se justificar n'um echo perduravel.

Este homem foi periodista; elaborou relatorios e monographias, livros de viagens e livros de critica; presidiu, secretariou ou acompanhou commissões de estudo; organisou ou collaborou em congressos; promoveu expedições; defendeu, em assembleias ou em memoriaes, os direitos e a prioridade de posses e de feitos portugueses; exhumou e commentou textos ignorados ou esquecidos; clamou em favor das antiguidades historicas da patria; iniciou ou cooperou salientemente nas commemorações civicas em homenagem a Camões, a Pombal e ao Infante; lidou na politica e no jornalismo partidario; e por sobre todo este labor trasbordante creou, defendeu e sustentou a aggremiação que em Portugal ha conquistado mais ferteis resultados, mais rutila gala e mais dilatado renome. Se a Sociedade de Geographia estagnar — e a consumpção é presumivel com a falta de sequencia d'um fito obsessor — a memoria d'este homem destaca immarcescivel no seu periodo fulgido do primeiro quarto de seculo.

Contrariado e malsinado, rompendo, não obstante, através da multiplice villeza e inopia dos seus contemporaneos, ahi passou alguem que quiz e fez: d'onde o esplendente relêvo da Figura!

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

—

LIVROS E OPUSCULOS

Antonio dos Santos Rocha. ANTIGUIDADES PREHISTORICAS DA FIGUEIRA. Quarta parte, em 4.º, pags. 183 a 274, est. XXI a XXIV. Coimbra, 1900.

Faz parte este volume da original monographia a proposito das Antiguidades Prehistoricas da Figueira, e termina o primeiro grande capitulo da obra sobre a palethnologia d'este concelho. Extenso capitulo este que é constituido por material inedito, adquirido por um penoso trabalho de investigação, pouco a pouco, em excavações numerosas e seguidas por dilatados annos; e tudo isto exprime de modo synthetico superiores virtudes que são raras, pois implicam, como rasão original, somma de energia que constitue uma vontade e um caracter de formula consistente e precisa.

Verificar-se-ha que entre nós, mais do que em outros paizes de superior illustração, tudo se deve em sciencias e artes á iniciativa e proprio esforço de individuos, alheios sempre a qualquer impulso espontaneo da collectividade official. Seria mesmo de muita curiosidade averiguar como e por quaes motivos extranhos, mas humanos, que não especialmente ethnicos, á collectividade falham essas qualidades individuaes e caracteristicas a celebrar quando a quando; todavia, poisque é outro o nosso caminho, ficaremos na apresentação d'estas valiosas manifestações que são uma brilhante esperança e as que, muito de nosso agrado, nos cumpre por agora archivar.

Este novo livro do distincto palethnologo Dr. Antonio dos Santos Rocha representa uma parcella da sua obra de consideravel vastidão a respeito das primitivas civilisações antepassadas. Pertence ao capitulo da prehistoria do concelho da Figueira e occupa-se tam sómente de monumentos e estações do periodo neolithico. Entretanto, vasta é a região que abrange, pois se occupa de onze megalithos formando extensa necropole em uma zona de 12 kilometros sobre a Serra do Cabo Mondego e ramificações, de outras estações e documentos dispersos por essa pittoresca facha da bacia do Mondego. E todo este rico material foi colleccionado e interpretado com o meticuloso rigor que caracterisa os trabalhos do illustre investigador, o qual de modo superior finaliza a sua obra benemerita, expondo generosamente os seus documentos no interessante Museu da Figueira, que é obra sua, da mesma preciosa iniciativa a que muito mais deve a palethnologia nacional.

E' sobremodo curiosa, e perfeitamente condensa todo o estudo expresso n'este livro, a parte intitulada *Considerações ethnographicas*, que segue á descripção rigorosa, metrica, de todos os megalithos, estações, objectos de mobiliario e industria. D'ahi sobresahe, a largos traços, o qua-

dro ethnographico das povoações neolithicas no concelho da Figueira; e se os detalhes falham ou se diluem os contornos sobre o fundo esfumado e escuro do mysterioso quadro, é porque faltam elementos lineares de desenho e perdeu-se o colorido de muitas tintas, que o tempo gastou e a memoria dos homens esqueceu, decorridos que são pesados e longinquos millenios.

Entretanto, muito alcançou o artista nas suas piedosas e sabias excavações por esse escuro passado soterrado. E vejamos, que elle nol-o mostra com claridade; a decifração do enigma obedeceu a bons preceitos criteriosos, a reconstituição das primitivas formas, na sua singelesa, não demostra os erros e peccados de imaginoso exagero que por ahi se vêem em similares obras de pretenciosa apparencia.

Uma raça de pequena estatura, de craneo dolichocephalo, occupou durante tempos esta parte, agora estudada, do valle do Mondego, em epocha definida pela civilisação neolithica. A sua indole sedentaria é comprovada pela grande extensão da necropole megalithica que cobre as serras constituintes d'esta bacia, por onde o nosso illustre pesquizador descobriu vinte e um monumentos funerarios de custosa e lenta construcção.

Embora outras opiniões corram, de leve adaptação, não póde desattender-se de boa mente o caracter de fixidez e permanencia que manifesta o *dolmen-tumulus*, na sua possante contextura, de elementos solidos e avantajados, cujo arranjo reclamaria dos primitivos architectos somma consideravel de trabalho e longo praso. Por esta forma conseguiu essa povoação com simples utensilios de pedra que resistisse até hoje, firme á terra por seculos e seculos, o rustico e monumental pantheon dos seus mortos; e descurou a habitação dos vivos, transitoria morada, cujos vestigios incertos e passageiros mal podem coordenar-se, pois rareiam.

As estações do Arneiro, Varzea do Lirio, Junqueira e Forno da Cal parecem mostrar que o homem neolithico do concelho da Figueira não procurou logares elevados ou escarpados naturalmente defensaveis, antes, pelo visto, só cuidou em collocar alto e sobranceiro o monumento protector dos seus mortos. Como em outros muitos paizes, faltam aqui os restos de habitações, na proporção dos megalithos funerarios.

Todavia, com o mobiliario descoberto nos dolmens e varios outros objectos dispersos, coordena-se uma valiosa serie de documentos para a reconstituição ethnographica d'estas povoações e perfeita classificação da civilisação que representam.

Como instrumentos contundentes, apresenta o Dr. Santos Rocha os martellos ou percutores, pilões, graes; varios polidores, e a seguir no seu interessante rol, os machados polidos, laminas de faca e serras, casos de instrumentos perfurantes, raspadores, pontas de dardo de typo triangular e trapezoidal, e dois exemplares de pontas de lança, dos quaes um é verdadeiramente notavel e unico pelas dimensões e perfeição do trabalho. Não superabundam os objectos de simples adorno ou amuleticos: alguns fragmentos de alfinetes de osso, contas de schisto, um exemplar de linhite, e um pequeno seixo perfurado. Apenas tres dos megalithos forneceram restos de ceramica, de pasta escura e grosseira, com grãos de quartzo e spatho calcareo, denunciando o fabrico manual sem auxilio da roda.

Nada tem de excepcional a curiosa serie; é normal, typicamente neolithica, de um aspecto sobrio e primitivo Os proprios monumentos sepulchraes não se afastam da forma usual por qualquer particularidade de excepção. São verdadeiros *dolmens*, de camara polygonal e galeria de accesso, por vezes com o pavimento interior lageado, o todo envolvido por *mammoas* ou *tumuli*.

Os corpos teriam sido inhumados de cócoras, encostados aos supportes. Com bons argumentos afasta o nosso auctor a hypothese da cremação para explicar a presença de alguns ossos meio queimados; e porque a outra razão de supposta desinfecção não pareça de ponderada verosimilhança, deveremos admittir n'este caso em bons preceitos a simples inhumação, festejada com ritual funerario — costumeiras ou ceremonias religiosas, contemporaneas ou subsequentes — em que interveio o uso do fogo, symbolo animista da mais remota significação.

Não appareceram peças do esqueleto humano em estado de permittirem minuciosas observações anthropometricas. Falhou esse documento capital e indispensavel ao estudo palethnologico d'esta região. Conscio dos rigorosos methodos de investigação, como homem de sciencia, francamente se antecipa a levantar quaesquer arguições sobre o modo das suas pesquizas. Foram completas e cuidadosas; não houve meio de obter para a anthropologia senão o pouco que veio para o museu, e que foi medido, consoante o relatorio que apresenta.

Foi encontrado um parietal com vestigios de trepanação no megalitho da Capella; é um documento das crenças religiosas do homem neolithico da Figueira, e n'este particular não se afasta ainda o quadro ethnographico presente das formas geraes europeias, especialmente na parte occidental do velho mundo.

A serie é pois continua, homogenea, perfeita. Assim, permitte ao distincto palethnologo verificar que «nada temos a modificar nos conceitos anteriormente emittidos ácerca dos usos funebres do povo que habitou esta região na epocha neolithica»; ao mesmo tempo nos conduz a registrar com justo prazer estes resultados, «por serem a prova de que as nossas observações não haviam sido feitas ligeiramente, nem subordinadas a preconceitos nocivos á sciencia».

Em verdade assim é, e o Dr. Santos Rocha póde felicitar-se pela seriedade e correcção das suas investigações; de resto, a quem quer é facil verificar, abertamente expostas como estão, com methodo e clareza, em museu de publico accesso. O illustre pesquizador não esconde mys-

teriosamente o resultado das suas excavações, pois não tem — como seria do habitual molde — o mau sestro do colleccionador, archeologo de acaso, ou o avaro egoismo do especialista, de mesquinha soberba; desde muito que generosamente vem expondo todos os seus materiaes de trabalho, com honestidade e desinteresse, para beneficio de todos, e para que de justiça o reprovem pelo mal que houver commettido e sinceramente o applaudam pelo bem que faz e pelo bem que merece.

R. S.

A. Gonçalves Lopes. OS BEIRÕES, estudo anthropologico, in-8.°, 59 pags. Lisboa, 1900.

Quando terminamos a leitura cuidadosa d'esta outra dissertação inaugural á Escola Medico-cirurgica de Lisboa, com magua concluimos que bem cabidas são ao seu auctor as severas mas sensatas e justas considerações que o illustre professor da Escola d'Anthropologia de Paris, dr. Manouvrier, apresentou na sua lição *Généralités sur l'Anthropométrie.* [1] Não podemos, por falta absoluta de espaço, transcrever sequer algumas d'essas considerações que visam sobretudo áquelles que, sem uma preparação technica longa e pacientemente adquirida, commettem a falta de se arvorarem em mestres anthropometristas e dispenderem assim uma boa somma de trabalho que redunda em pura perda para a Sciencia.

O trabalho do snr. Gonçalves Lopes, professor do Lyceu de Lisboa, tal como foi elaborado, pouco ou nenhum serviço prestará, infelizmente, á nossa anthropologia. Em todo elle mostra o auctor uma preparação technica de á ultima hora, deficiente e pobre, que o faz cahir em inexactidões deploraveis, prejudicando assim fortemente o valor scientifico do seu folheto.

De facto, o auctor apressa-se a explicar, logo ás primeiras linhas do «Prologo», que foi «uma serie de circumstancias fortuitas» que o «levaram a escolher, para objecto da sua dissertação inaugural, um assumpto de anthropologia», decidindo-se a essa escolha graças ao conselho e incitamento do distincto e activo homem de sciencia dr. Leite de Vasconcellos, quando fazia parte d'um jury de exames, no Lyceu da capital.

Seriamente: que confiança nos poderá merecer um trabalho anthropologico originado e feito em taes circumstancias? E, no emtanto, o programma cumprido é seductor e a região estudada — os districtos da Guarda e de Castello Branco — é altamente importante sob o ponto de vista ethnico.

O folheto do snr. Gonçalves Lopes divide-se em duas partes. A primeira, que tem por titulo «Morphologia», trata dos caracteres descriptivos: a edade, a corpulencia, o systema piloso, a forma de perfil do nariz, a côr, os dentes e os labios. A segunda parte, «Anthropometria», occupa-se sobretudo dos indices cephalometrico, frontal, facial, nasal e da estatura, tendo o auctor tomado, além das medidas que entram na composição d'estes caracteres, as outras complementares da cabeça, do tronco e dos membros. Todos estes caracteres se acham agrupados em 36 quadros distribuidos pelo texto.

O numero de homens observados — de 20 a 60 annos de edade — foi de 251, numero que o auctor julga mais que sufficiente para o estudo anthropologico definitivo do Beirão, explicando que «quanto mais pequeno é o territorio, menor será o numero de casos, comtanto que esses casos sejam distribuidos pela região». Ora, quer-nos parecer que o numero de casos a exigir, deve estar em relação com o grau de pureza ethnica da população que se estuda e não com a área do seu *habitat;* isto é, quanto mais mesclada fôr uma população, tanto mais elevado deve ser o numero de casos a observar, embora ella occupe um pequeno territorio.

No estudo da côr do cabello, o snr. G. Lopes encontrou na Beira, *matizes* (sic) muito variados e conclue: «Se admittirmos que os cabellos louros indicam influencia das raças do norte e os cabellos pretos influencia das raças d'Africa, temos que na Beira a influencia das raças louras é minima emquanto deveria ser grande a influencia das raças africanas»!

Segue-se depois uma serie de periodos explicando essa influencia do sangue negro no nosso povo, devido á importação, em todos os tempos, de pretos; e cita-nos a banal e ironica phrase de Garcia de Resende, phrase que não tem valor algum scientifico. Mas o snr. G. Lopes recua ainda a influencia do preto na população lusitana a tempos mais remotos, pois que «a gente que Annibal mandou com Hasdrubal para a Hespanha era «mixtum Punicum Afris genus».

Esta questão do sangue negro a mestiçar o portuguez, além de irritante, é fraudulosa.

Ao chegar, porém, ao prognathismo dentario, o auctor fecha o capitulo com este desatinado, mas consolador periodo: «Como o prognathismo indica influencia d'uma raça africana, pois é no preto que o prognathismo é muito frequente e accentuado, parece concluir-se d'aqui que é minima a influencia africana na Beira, o que aliás se demonstrará quando estudarmos conjunctamente os indices cephalico, facial e nasal». Então!

N'este mesmo capitulo «Dentes e dentadura» o snr. G. Lopes, sente não poder indicar ao de leve o indice dentario de Flower, por não ter tomado a linha naso-basilar. Realmente, não po-

---

[1] Esta notavel lição foi publicada na *Revue de l'École d'Anthropologie de Paris,* n.° XII, de dezembro de 1900, pags. 413 a 419.

demos atinar como o auctor tomaria essa linha no *vivo*, quando é certo que o *basion* é um ponto craneometrico, situado na base da cabeça ossea, no bordo anterior do buraco occipital.

O auctor forma o *indice facial* no vivo com as linhas ophryo-alveolar e bizygomatica, seguindo rigorosamente as *Instructions anthropologiques générales* de Broca, unico livro que cita e que parece ter sido tambem o seu unico guia. No emtanto, este indice não se applica no estudo do *vivo*, por n'este se poder aproveitar sempre a altura mento-ophryaca. Curiosa é a confusão que o snr. G. Lopes faz do *indice facial* com o *indice anterior*, cuja paternidade não é de quem traceja estas linhas, como allega aquelle senhor, mas sim dos eminentes anthropologistas: Topinard que o denominou *Indice geral da cabeça ossea* [1] e Collignon que o applicou no estudo da população franceza, com o titulo de *Indice anterior do rosto.* [2] Mas ha mais: o proprio Broca, nas suas *Instructions anthropologiques*, tão manuseadas pelo snr. G. Lopes, a pags. 181 e no paragrapho anterior ao do *Indice facial*, preconisa o *Indice du visage*, que nos permitte avaliar por algarismos o caracter tão interessante que é expresso vulgarmente pelas palavras «rosto allongado» ou «rosto redondo». Ora o auctor, que desconhece a historia e importancia d'este indice, o qual rejeitou auctoritaria e desdenhosamente, adopta no emtanto a sua nomenclatura no «Indice facial» do quadro a pags. 44, marcando-lhe porém os *limites faciaes craneometricos* publicados por Broca nas *Instructions cranéologiques*, pag. 175 e por Topinard na *L'Anthropologie*, pag. 268!

Quando allude aos nossos typos palethnologicos, o snr. G. Lopes produz inexactidões graves; como por exemplo: «que a raça de Canstadt e de Neandhertal, que appareceu quasi ao mesmo tempo por toda a parte, desde a Scandinavia até Gibraltar, desde Portugal até á Russia» tem a sua existencia «perfeitamente demonstrada, não só pelos instrumentos encontrados, senão tambem pelas ossadas encontradas em Mugem, Montejunto e Cascaes», (pag. 36)?! Est'outra: «que nos dolmens, que na Beira teem o nome de *Antas*, se encontram vestigios das raças constructoras da edade do bronze, do ferro e mesmo mais antigas», (pag. 37)!... «que os germanos do seculo v eram brachycephalos... (pag. 38)!

E basta; que não temos espaço para mais. A cada passo se evidencia a insufficiente preparação technica do auctor para arcar com um trabalho scientifico de tanta importancia e magnitude, como é o do estudo anthropologico d'uma população.

O snr. G. Lopes promette-nos, a paginas 11 do seu folheto, a publicação de estudos subsequentes a este dos «Beirões». Que o auctor se prepare melhor e, com toda a paciencia e firmeza, renove, augmente e verifique as suas observações descriptivas e anthropometricas na provincia da Beira, deixando esquecer esta «Dissertação inaugural», entre as similares que pejam os archivos das Escolas Medicas do nosso paiz; e diga-nos depois, com toda a verdade scientifica, o que é anthropologicamente o Beirão. Então applaudiremos com enthusiasmo e elogio, não só o renovado trabalho do anthropologista Gonçalves Lopes, como os que vierem depois.

F. C.

Agostinho Viegas da Cunha Lucas. O ANGULO BIORBITARIO DOS CRANEOS PORTUGUEZES, in-8.°, 10 pags. Coimbra, 1901.

Este importante caracter zoologico é estudado pelo snr. Cunha Lucas sobre a collecção craneologica de diversos mammiferos e sobre os 136 craneos de portuguezes existentes no Laboratorio Anthropologico do Museu da nossa Universidade.

Na serie zoologica, o valor d'esse angulo, 147°, foi encontrado maximo n'um *Lepus caniculus*, decrescendo atravez dos ruminantes, pachydermes, carnivoros, etc., até aos primatas, em que se determinou o minimo, 34°.

O angulo biorbitario medio dos 136 craneos portuguezes sendo de 42°,5, com variações de 50° a 35°, entra no grupo primata, e ethnicamente occupa o cimo da serie na primeira das tres grandes divisões do genero humano do quadro apresentado pelo auctor na ultima pagina do seu folheto.

F. C.

Alexandre Alberto de Sousa Pinto. ESTUDOS SOBRE A MANDIBULA, in-8.°, 20 pags. Coimbra, 1901.

Depois de fazer a descripção da mandibula humana e de salientar, com varias considerações, a importancia anthropologica e paleontologica do estudo d'este osso, o auctor apresenta o resultado dos seus trabalhos metricos sobre os 101 exemplares de mandibulas portuguezas, das quaes 64 masculinas e 37 femininas. Essas medidas obtidas, segundo as instrucções de Broca, são expostas detalhadamente em dois quadros, conforme os sexos.

N'um ultimo quadro (D) o snr. Sousa Pinto compara o indice medio do ramo da mandibula que é 51,4, com o dos differentes povos do globo. N'esta serie o portuguez assignala-se entre o merovingio — 50.6 — e o mediterranense — 52.6.

F. C.

---

[1] *L'Anthropologie*, pag. 281. Paris, 1879.

[2] Vid. os seus trabalhos subordinados ao titulo geral *Anthropologie de la France.*

J. M. Esteves Pereira. A INDUSTRIA PORTUGUESA (SECULOS XII A XIX). Com uma introducção *Sobre as corporações operarias em Portugal*, 8.º, 42 pags. Empresa do *Occidente* ed. Lisboa, 1900.

O snr. Esteves Pereira collige n'este opusculo os seus artigos sobre a historia da industria nacional. A segunda parte, ou seja o relato breve e fugaz de varios officios, industrias e occupações agricolas através dos successivos reinados da monarchia, são uma compilação levemente resenhada das fontes conhecidas — Accursio das Neves, Jacome Ratton e Joaquim de Vasconcellos entre outros. E' todavia interessante, e sempre util, esta especie de vulgarisação, uma vez que rareiam os que originariamente buscam lição nos livros esquecidos e nomeadamente nos archivos. Expurgada d'uma ou outra pretensão de erudito, como seja, por exemplo, a exhibição — plagiada, por signal — das maravilhas que as caravellas nos trasiam do Oriente e que o snr. Esteves Pereira extrahiu, um pouco alterada, das conhecidas *Grandesas do Estado da India*, este resumo, como subsidio de propaganda, está harmonico, bem organisado e accessivel.

Melhor, comtudo, embora perfunctoria, é a sua introducção sobre as corporações operarias em Portugal. Historia o snr. Esteves Pereira a evolução dos officios e artes mechanicas, alludindo ás raizes originaes desde o collegio romano e a ghilde germanica até á plena efflorescencia, após a servidão medieval, das communidades dos mesteiraes. O embandeiramento, a organisação, a regulamentação, os privilegios e as prerogativas merecem-lhe allusões, como não podia deixar de ser; e a limitada litteratura que pode fornecer materiaes para se formarem ideias genericas sobre as corporações de officios conhece-a geralmente o snr. Esteves Pereira: o *Indice*, para Coimbra, de Ayres de Campos, as *Dissertações* de Ribeiro para o Porto e provavelmente o catalogo dos *Regimentos* que existem manuscriptos na Bibliotheca d'esta cidade, o copioso repositorio de Freire de Oliveira, para Lisboa, e ainda o *Livro dos regimentos*, reformado sob a ordem do Senado da capital, em 1572, por Duarte Nunes de Liam, etc.

E', n'um ponto de vista elementar, um esboço habilmente elaborado. Não nos passou desprecebida, por exemplo, a annotação do auctor relativamente ao arruamento, iniciado presumivelmente nos fins da primeira dynastia e prolongado até ao tempo de Pombal — segundo as *Recordações* de Ratton que o snr. Esteves Pereira conhece e aproveita.

Entretanto o auctor não viu a *Descripção da cidade do Porto*, do padre Rebello da Costa, alguns trabalhos magistraes do snr. Joaquim de Vasconcellos e, entre outros, *A officina e a aprendisagem no seculo XVI*, inserto na *Revista da Sociedade de Instrucção*, e a monographia do snr. Avelino Guimarães intitulada *Subsidios para a Historia das industrias vimaranenses* e publicada na *Revista* da Sociedade Martins Sarmento. N'elles encontraria, além de extractos dos estatutos dos ourives, dos sapateiros e dos surradores (como nas *Artes*, do snr. Sousa Viterbo, os dos bordadores e dos colchoeiros) contribuições de alto valor para o seu proposito. N'um trabalho de mais vulto que emprehendesse — e pode porque existem recursos para tal — os estudos alludidos não deveriam olvidar-se.

Registrando as interessantes e curiosas informações que prestam os regimentos das festas do Corpo de Deus, citando um do Porto e outro de Lisboa (havendo ainda, quanto aos de Braga, extractos e observações esparsas em jornaes pelo snr. Sousa Machado, que certamente não chegaram ao conhecimento do auctor), o snr. Esteves Pereira poderia escrever um capitulo pittoresco e attrahente. Certo que isto se tem feito já: o snr. Theophilo Braga n'um dos seus ultimos livros, o abbade de Miragaya no voc. *Villa Real* do *Portugal antigo e moderno*, varias publicações litterarias, etc. Mas o snr. Esteves Pereira denuncia faculdades que asseguram o exito d'uma semelhante tentativa; e no *Occidente*, onde collabora, teria um logar de apreço essa narrativa, sobretudo acompanhada com algumas illustrações dos ultimos vestigios que ainda se podem observar na procissão de Penafiel e aos quaes alludiram já o *Minho pittoresco* e a primeira serie do *Jornal de Viagens*. Com a erudição adquirida e com as suas aptidões o estimavel publicista prestaria assim um excellente serviço de vulgarisação, do mesmo passo litterario e historico.

Do trabalho a que nos vimos referindo desejariamos ainda vêr expungidas algumas declamações de eruditismo facil e vã rhetorica: «a moradia nos reconcavos das rochas e nos covis disputados aos animaes ferozes», nos tempos prehistoricos, o poema immenso do trabalho «desde o fogo produsido pela fricção de dois pedaços de silex até ás complicadas machinas movidas pela força expansiva do calor» e ainda «desde a escripta hieroglyphica até Guttenberg», etc.!

A cada um o seu logar. Deixar isso para os incompetentes que assim encobrem uma estructural debilidade conceptiva e indagadora. Não vamos aconselhar agora ao snr. Esteves Pereira, porque se occupou da historia e organisação dos mesteres, que, transmudado em folk-lorista, escreva um livro da indole das *Légendes et curiosités des métiers*, de Sébillot. Com mais rasão, pois, folgariamos em vêr apagadas estas excrescencias inteiramente inuteis para a indole da sua monographia.

O snr. Esteves Pereira, a quem cordealmente felicitamos pelo seu emprehendimento elogiavel, acceitará certamente os nossos reparos attribuindo-lhes a significação que visivelmente os explicam e motivam: o empenho em vermos tratado com a elevação merecida um dos capitulos que mais importam para o estudo do trabalho em Portugal. Cumpre-nos, a todos, lembrar, suggerir e ajudar — nomeadamente quando ao serviço d'um intuito como o que dictou esse interessante livrinho.

R. P.

Varios. LE PORTUGAL *géographique, ethnologique, administratif, économique, littéraire, artistique, historique, politique, colonial,* etc. 8.°, 368 pags., 162 gravs. e 12 cartas. Larousse ed. Paris, 1900.

Quando appareceu, em 1898, o numero 247 da *Revue encyclopédique Larousse* commemorativo do quarto centenario da celebrada viagem de Vasco da Gama, estranhou-se a levesa e insufficiencia da documentação destinada a exhibir perante o estrangeiro a patria portuguesa. Um ou outro artigo provocou commentarios azedos e justos — como na *Resistencia,* de Coimbra, n.os de 24 e 28 de julho de 1898, a critica ao capitulo referente ás Bellas-Artes. Em certo limite, porém, attenua-se a leviandade indouta d'essa precaria elaboração do fasciculo, apressadamente organisado, atabalhoadamente incumbido aos que primeiro appareceram e se prestaram; mas toda a benevolencia cessa em face d'esta desastrada compendiação em livro d'uma serie de artigos que se enfeixam lastimosamente para darem, d'este paiz desventurado, ideias burlescas e noções indecorosas e falsas.

Em *Le Portugal* reeditam-se os escriptos já insertos na revista, uns integralmente, outros levemente alterados e os peiores, como o intitulado *Mœurs et coutumes,* esses então notavelmente acrescidos em inanidade e em texto. A raça, a historia, a vida economica, a politica contemporanea, a imprensa, a caricatura e pouco mais são as novidades, em similar elevação, que o volume exara.

Não nos é licito, pela disciplina a que um programma submette esta publicação, estender os nossos commentarios além do capitulo já indicado e do que se occupa da raça. Apenas, de onde a onde, cumpre passar de leve por uma ou outra affirmação pittoresca e exhibitoria do processo com que semelhante obra está delineada.

Assim a descripção do territorio actual começa logo por o identificar com o da antiga Lusitania, nem com mais, nem com menos; e breve se proclama que elle constitue «uma individualidade geographica nitidamente determinada»!

O Minho e o Douro são provincias francamente alpestres e revestidas com espessas florestas de castanheiros, o que já não acontece em Traz-os-Montes onde as serras se apresentam geralmente seccas e nuas! E' ainda nos districtos da fronteira transmontana que domina a vida pastoral!... O Vouga morre tristemente na laguna de Aveiro que se assemelha, *d'une manière si frappante,* á bacia de Arcachon! E as regiões saneadas da ria teem sido transformadas, na maior parte, em arrozaes!... O Alemtejo foi, nos tempos dos romanos e dos arabes, o celleiro da Peninsula! Etc.!

Não ha cruesa de commentarios que corresponda áquellas florestas minhotas de castanheiros, á generalisação dos arrozaes na ria de Aveiro e á similitude d'esta com a bahia de Arcachon!

N'outro artigo os nossos mais afamados homens do mar são os de Ovar, Ilhavo e Aveiro, o infante D. Henrique sempre fundou a Academia naval em Sagres e o professor Deusdado tem feito immenso pela diffusão das sciencias geographicas em Portugal!

Em outro ainda, aos celtas, iberos e lusitanos, juntaram-se successivamente os phenicios, os carthaginezes, os gregos, os romanos, os godos e os arabes, legando cada um d'estes elementos o seu traço ao temperamento portuguez. Como? Do lusitano, herdou a poesia amorosa e o indomavel espirito de independencia; do phenicio, a paixão do mar e das aventuras longinquas; do grego, o culto olympico da forma; do celta, o idealismo sonhador; do arabe, o fatalismo; do romano, o espirito da ordem e da elegancia!

Phantastico!

Os soldados do exercito portuguez, ainda em outro artigo e consoante as estampas, são todos gentis-homens. Aquelle figurado desperta logo a lembrança d'outro que o mesmo auctor, o snr. Christovam Ayres, exhibiu n'uma obra estupenda onde só é boa a generosa e malbaratada cooperação de Martins Sarmento: o celtibero, o lusitano, o betico, o callaico, tudo em pé de guerra, de escudo, de lança, de capacete e de barbaças!

Acima de toda esta fraudulagem ethnica avulta o resumo do snr. Zaborowski, o qual, á parte a incommensuravel distancia que os separa em valores, está para os livros d'esta Bibliotheca Larousse como o snr. Ayres para a engraçadissima *Historia do exercito portuguez.* Foi já o illustre anthropologista francez quem escreveu os capitulos correspondentes em *La Hollande* e *L'Italie;* e é elle ainda quem resume agora *Les âges préhistoriques* de Cartailhac e pouco mais, n'este seu papel, que deploramos, de arreglador officioso dos caracteres ethnicos de todos os povos descriptos e lançados pela livraria Larousse e seus collaboradores. Nos traços geraes esse resumo é bem feito, como não podia deixar de ser, occupando-se de semelhante assumpto um profissional illustre; em varios detalhes, porém, revela-se breve o auctor como alheio inteiramente ao povo que descreve, ás suas vicissitudes sociaes, ao numero, ao valor e á interferencia dos factores que, em grau vario, promoveram alterações, combinações e mestiçagens mais ou menos fugases, um tanto ou pouco accentuadas e duraveis.

O snr. Zaborowski fallando dos crusamentos entre portugueses e indigenas d'Africa lá reproduz a affirmação de que, no nosso sangue, foi introdusido o de raças muito distantes e *particularmente sangue negro!* E' a falsidade, velha e relha, já muitas vezes proclamada por escriptores nacionaes e ordinariamente acompanhada, como depoimento indefectivel, da sabida copla de Garcia de Rezende. Não ha muito ainda que, n'uma these de medicina do snr. Severino Marques, se registra tambem, como averiguada, a influencia de raça negra nas nossas populações.

E pela mesma ladeira, mais recentemente, o snr. Gonçalves Lopes, na sua dissertação *Os beirões*, lá ia escorregando, com copla e tudo. Arrependeu-se mais tarde, felizmente.

Ora se entre nós surge, de quando em quando, quem declare á face de mensurações e tabellas a diffusão do preto por entre as populações do reino, não espanta que o anthropologista francez seja o echo naturalmente exaggerado d'uma asserção fundamentada em quintilhas do seculo XVI e em devaneios levianos de anthropometristas *in herbis*. [1] A torpesa genesica de varios portugueses que carreiam para o continente, do Brasil e d'Africa, a progenie escarumba, constitue, ao que parece, o elemento suggestionante e ensinativo dos noveis anthropologistas que afloram!

Assignala depois o anthropologista estrangeiro que os ingleses, n'esta sua segunda patria, criam familias, misturando *felizmente* os seus caracteres de louros aos nossos de morenos! Isto é tam radicalmente falso como irreductivelmente antipathico é para nós o bretão! A patria será já d'elles, porventura; a fusão, porém, é ainda um imaginoso e singular crusamento que os governos não decretaram por emquanto!

Este livro, pois, de provavel dispersão pelo estrangeiro, irá ensinar que no portuguez de hoje, além dos vestigios da estirpe ancestral crusada com certos povos invasores do mundo antigo, se combinaram ulteriormente, d'uma banda o preto e por outro lado o inglez! E a confirmação deriva implicitamente tacita pelo mutismo dos organisadores portugueses que presidiram a esta edição e assim deixaram passar, subscriptas por um nome illustre, essas asserções indecorosas. [2]

E' a este artigo que se segue o intitulado *Mœurs et coutumes*. Rompe logo declarando que, ethnographicamente, os habitantes de Portugal e Hespanha são da mesma raça! Mas addita presto que os traços primitivos se alteraram por varios crusamentos, reprodusindo seguidamente a classificação provincial de Oliveira Martins, ethnographia esta e apenas de litterato muito intelligente e já agora especie de Escriptura para todos os que fallam do povo portuguez, desde Arruda Furtado que valia muito, até este jovial snr. Silva Lisboa, que vale o que vamos vêr. Completa, emtanto, o resumo do historiador, não destacando um ou outro curioso typo parcellar como o soajeiro, o barrosão, o maiato, o poveiro, o ovarino, o mirandez, os gandareses, mas só o ribatejano e o saloio, este conservando, segundo o snr. Lisboa, o typo dos antigos colonos normandos!

Observe-se esta macabra sarabanda ethnica!

Passando á descripção do portuguez, *em geral*, declara então que é sob o ponto de vista physico e em primeiro logar que nós nos distinguimos mais dos hespanhoes! Isto comprova inexoravelmente que somos da mesma raça! Sobrancelhas negras como azeviche, olhos muito pretos e verdadeiramente bellos, expressão langorosa, physionomia terna, embora viva sob o fogo da paixão; coração excellente, sem odios, nem rancores; orgulho incrivel, por causa da raça e do clima; raridade de gestos; por fim uma mistura singular, para o snr. Silva Lisboa, de qualidades e defeitos!

Em Portugal gosta-se muito de gatos, onde são quasi sagrados como no Egypto; é-se altivo por termos sempre presente a nossa ascendencia dos companheiros de Gama e Albuquerque; e como diversão á nossa vida monotona temos estas festas publicas: o 1.º de dezembro, o entrudo e o natal! A vida seria e familial começa pela «olhadella» (aqui disserta o snr. Lisboa sobre a especialidade); e a noiva acceita os filhos naturaes do marido pois que todos nós não esquecemos que D. João I — e mais foi um grande rei! — era bastardo! Enterros civis raros, embora o anti-clericalismo e mesmo a irreligião reinem nas cidades de Portugal!

Parecem facetos estes traços destacados da physionomia do portuguez que o snr. Silva Lisboa exhibe, loução e galhardo, como quem, em psychologia collectiva, explica tudo; e afinal só

---

[1] Folgamos em registrar uma excepção recente. O snr. Mascarenhas de Mello, na sua dissertação *O indice nasal dos portugueses* inserto no *Instituto*, fasc. 4, tom. 48, não concorda com a enxertia de preto.

[2] Estava escripta esta nota bibliographica quando nos chegou o fasc. 3 do tom. I e serie V dos *Bulletins et Mémoires de la Société d'Anthropologie de Paris*, onde, a pags. 231-3, se encontra a communicação do snr. Zaborowski intitulada *Les portugais d'après des photographies*. Além de confirmar as suas asserções ethnicas insertas em *Le Portugal* assegura «d'une façon très catégorique» que o mouro nos imprimiu um accentuadissimo caracter! N'outro logar d'esta publicação se faz referencia á lastimavel communicação alludida. Os documentos sobre que o anthropologista francez decalca o seu trabalho são 36 photocopias a elle remettidas pelo snr. Antonio Mesquita de Figueiredo. Com ellas recebia ainda, da mesma procedencia, duas outras referentes a Campolide, estação prehistorica descripta pelo nosso camarada Fonseca Cardoso na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, fasc. 9, tom. III, e bem assim ainda outra de casas sobre estacaria na Cova de Lavos. Já no fasc. 5 do tom. IX da *Revue de l'E'cole d'Anthropologie de Paris* o snr. Ch. Daveluy insere um artigo, a pags. 167-8, intitulado *Palafittes terrestres contemporaines en Portugal* e baseado em positivos de cá remettidos, pelo mesmo individuo, ao extincto Ph. Salmon. Estava então já publicada uma monographia sobre o assumpto no fasc. 1 da *Portvgalia!* Esta sciencia de exportação suggestionada e firmada na investigação alheia, resultando deploravel por varios titulos, e as affirmações do snr. Zaborowski assentes em material procedente de semelhante origem, motivaram o folhetim intitulado *O sangue de preto no povo portuguez* estampado no *Primeiro de Janeiro* de 30 de março de 1901. Foi um esclarecimento, um aviso e um protesto.

este resumo justificaria o legitimo engulho com que vamos rapidamente annotando esta inverosimil farça.

Mas ha mais: e são as referencias aos costumes tradicionaes, vivases ainda ou apagados, do povo portuguez; são as allusões ás formas populares da vida social e religiosa; são, depois dos caracteres somaticos e psychicos, as descripções da sua casa, do seu vestuario, da sua alimentação, da sua lavoura, das suas artes e industrias.

Destacando uma ou outra das novidades com que nos confunde temos, principiando, a companha de pesca. E' uma corporação dirigida por um chefe, que compra as rêdes para todos e partilha os lucros; veste á napolitana: carapuça, gabão para a chuva, camisa, facha vermelha e calções brancos deixando as pernas núas. Vejam, entre outros, conforme o snr. Lisboa, os pescadores da Povoa e de Villa do Conde!

Em assumpto de pescas a varina é ainda a auxiliar do pescador e a companheira do gallego; entre varios defeitos d'esta figura—pois a sua plastica é para o snr. Silva Lisboa das mais chocantes—conta-se o uso de objectos de ouro que degenera em monomania. E explicando assim eis porque naturalmente nos diz o auctor que o casaco dos lavradores portugueses é ornado com botões de metal.

No vestuario das mulheres ha apenas um typo de collete, especie de bolero, tambem com dois botões de prata; usam ainda ou chapeus de largas abas ou capota, moda esta particular do Porto, do Minho e de Santo Thyrso, que provavelmente está no Alemtejo! A capa de honras de Miranda, o capote alemtejano, o gabinardo e a nisa, o jaqué, a coroça, as pantalonas e safões, as piucas, a capucha de Barroso e da Cabreira, a serrana de Soajo, Gavieira e Arga, o jangadeiro de Anha, a castreja de Laboreiro, a camponesa de Perre, de Ancora e Meadella, a ceifeira alemtejana, a mulher de Murtosa, não mereceram ao auctor uma allusão de passagem.

Relativamente á architectura popular ensina-nos este chronista que no Alemtejo a habitação é miseravel, mais cuidada no Algarve, mais alegre e solida no norte. E nem um typo, nem uma estampa, em livro tam prodigo de figuras, que represente a casa serrana da Lousã, da Gralheira, do Gerez ou do Marão, a casa minhota de alpendre ou de varanda ao correr, a transmontana com a balaustrada firmada em pilastras, a beirã, o monte alemtejano, a vivenda com terraço no Algarve! Nem poços, nem médas, nem espigueiros, nem chaminés, nem grimpas, nem retabulos: nem cruseiros, nem fontes, nem nichos, nem alminhas, nem ermidas, nem pelourinhos!

Passando por sobre o paragrapho da alimentação, temos breve o dos divertimentos populares. A ceifa é um dos mais queridos; e quando um homem encontra uma espiga vermelha offerece-a a uma rapariga que lh'a retribue com um beijo! A esfolhada é a ceifa e o abraço voluntario do lapuz é o beijo da moça!

Entre as danças rusticas contamos o fado e o landum chorado; e como os portugueses sejam grandes amadores de pyrotechnia os foguetes teem o dom particular de lhes sobreexcitarem o enthusiasmo!

Aspectos de vessadas, sementeiras, sachas, malhadas e esfolhadas; as espadelladas, as matanças e os magustos; a apanha da azeitona e a vindima; os cirios, os clamores, as rondas e as romarias; os autos e entremeses, o compasso, os descantes, as maias, o S. João, a consoada e os Reis; as feiras e mercados caracteristicos é que nada merecem, illustrativamente, em face d'outros costumes buscados nas ilhas adjacentes. E assim, emquanto dos Açores e da Madeira ha nove estampas representativas de costumes e typos, dose bastam para o continente: seis lavradeiras e vendedeiras, tres camponeses de Monchique, um jugo, um pescador e uma mulher de Arouca é o que mostramos de caracteristico, aos estrangeiros, n'essa edição francesa que conta a patria!

Frente a esta inqualificavel monstruosidade não é exaggero lastimar, com aziume fundamente magoado, esse feixe de noções falsas ou incompletas, torpes ou grotescas, com que, n'um livro destinado a uma ampla expansão mercantil, se historia ridiculamente a vida portuguesa. Doe como uma inapagavel injuria a versatilidade ignara que resuma de todo este alfôbre de solercias. E subscripta por um portuguez constitue o que, com propriedade integral, podemos denominar uma *Má acção*.

A escassez de tempo, as restrictas facilidades do editor, a distancia que separava a direcção da patria, serão, entre outros, os motivos allegados de justificação e desculpa; elles não encobrem, porém, a insciencia na organisação da bibliographia final, a mirabolante galeria de celebridades portuguesas que nos assombram, a desastrada escolha de cooperadores da illustração e do texto.

O decôro proprio e o d'esta revista impediam-nos inicialmente semelhante referencia a esse verdadeiro logro litterario. Acontecendo, todavia, que se trata d'uma obra destinada a estrangeiros, cumpria-nos penosamente marcar aqui o protesto que assignale aos homens do futuro a nossa magoa e a nossa repulsa por essa arlequinada incomparavel!

R. P.

EDITOR — RICARDO SEVERO.

A NECROPOLE DOLMENICA DE SALLES

(TERRAS DE BARROSO)

I

SUBINDO da bacia gallega do Salles, ao norte do Barroso, para as cumiadas das Mourellas, já no territorio das freguesias barrosãs de Tourém e Pitões, [1] enxameiam n'uma extensa corda as cryptas megalithicas de uma necropole dolmenica, inteiramente arruinada.

Toda a região do vasto cemiterio neolithico é de constituição granitica; cobre-a um manto de vegetação rasteira — carvalhos de pequeno porte, giestaes, urze, carqueja, carpasso, queiroga, matto e tojo — formando largas touças e veigas, em que se faz o pastoreio dos gados bovideo e lanigero dos povoados circumvisinhos.

O granito, da qualidade vulgarmente conhecida pela denominação de *dente de cavallo*, ou irrompe em pedreiras possantes ou aflora as veigas ou se encobre, não raro transformado em *salão*, por sob a camada de terra vegetal.

Cá em baixo, a curta distancia da linha raiana, corre o Salles serenamente sobre o leito de seixos rolados, affluindo para o rio Lima, e ergue-se a parte mais povoada da necropole dolmenica.

---

[1] Latitude: 41°, 56′; longitude leste: 1°, 11′.

Esta secção da estancia funeraria defronta com os picos altivos do extremo septentrional da serra geresiana — os «Cornos da Fonte Fria» — que a sudoeste se exalçam a altitude elevada, semelhando as presas aguçadas de maxillar monstruoso. A cerca de 3 kilometros para sudeste fica-lhe Tourém, a mais proxima povoação portuguesa, pousada tristonhamente como sentinella perdida na extremidade norte d'aquella concisa faxa do territorio nacional que, pelo capricho das demarcações fronteiriças, irrompe isolada pela terra gallega acima. Ao sul as escarpas quasi invias por onde se marinha até ás culminancias das Mourellas, a cerca de 1.152 metros de altitude. Em torno, esparsos a distancias apoucadas, os miseros *pueblos* de Mãos de Salles, de Paradella, Randim e Requiães, indecisos ao longe nas suas tintas acinzentadas a fundirem-se nos tons pardos da paisagem, as casas colmadas muito unidas e aconchegadas.

A outra parte da mansão dolmenica, mais dispersa, esconde-se nas ravinas das Mourellas — entre Tourém e Pitões — em solidões amplas e magestosas, cujas touças frequentam ainda o côrço e o javali.

Lá em cima deslisa tambem uma linha d'agua, que, despenhando-se vertiginosamente por uma brecha da montanha em enorme salto, retoma no fundo do valle o curso tranquillo para o rio Beredo, cujas aguas vão engrossar o Cávado. O povoado mais proximo d'esta parcella da necropole é o de Pitões, que de longe dá, na apertada e confusa agglomeração do casario colmado e encarrapitado na cumieira de collina elevada, a impressão vaga do que devêra ter sido a velha *cividade* lusitana.

Pormenor interessante: a leste da necropole, na bacia do Salles, pousam tres *castros* em correspondencia intima; um, o *Castéllo*, na margem esquerda do rio, a sudoeste e na area administrativa da freguezia de Tourém; os outros, o da *Piconha* e o do *Outeiro de Paradella*, na margem direita, em territorio hespanhol de Randim, *ayuntamiento* de Calvos.

Com um simples reconhecimento ás tres pequenas acropoles, relativamente bem conservadas, verifiquei haverem soffrido a influencia da dominação romana, e tanto que d'uma trouxe um pequeno bronze do seculo IV e em todas encontrei a *tegula* e o *imbrex*. Do *castro* da Piconha foi exhumado — não ha muito — um machado de pedra polida, que adquiri. Nas linhas geraes e áparte a differenciação nas dimensões, este instrumento neolithico approxima-se d'outro colhido n'uma anta explorada.

A parte gallaica da necropole desdobra-se em tres grupos distinctos de megalithos, que na disposição topographica não guardam distancias regulares nem alinhamentos intencionalmente procurados: na margem direita do rio, a oeste, quatro antas na *Veiga de Mãos de Salles;* a leste, um agrupamento numeroso de cryptas mesquinhas no *Monte de Mãos de Salles*, que não passa de ligeiro relevo do terreno, distante cerca de 500 metros da *Veiga;* na margem esquerda e ao sul do primeiro grupo, um outro situado na area da freguesia de S. Thiago de Requiães, sitio das Penas, diocese de Orense, *ayuntamiento* de Moinhos, *partido* de Bande.

A secção portuguesa do cemiterio dolmenico, nas Mourellas, dilata-se por largo trato de terreno e subdivide-se em pequenos grupos esparsos. No Marco do Couto, ainda em terras da freguesia de Tourém, quatro antas levantadas na ravina por onde serpeia o estreito carreiro que liga Pitões ao povoado toureno; já no termo de Pitões, mais duas; no sitio das Mourellas de Baixo, duas outras; e emfim ainda outra a poente d'aquella povoação, descendo do sitio da Carvalhosa.

Parece que a necropole se ramifica ainda para a banda do sul; não tive, porém, occasião de avançar com as investigações n'essa direcção.

Os megalithos na região portuguesa são denominados «Forninhos dos Mouros»; lá em baixo no Salles ouvi, porém, appellidal-os — «Casinhas da Moura».

Em Hespanha tambem chamam ás mamôas — *mogões*, termo que supponho significar *marco divisorio*.

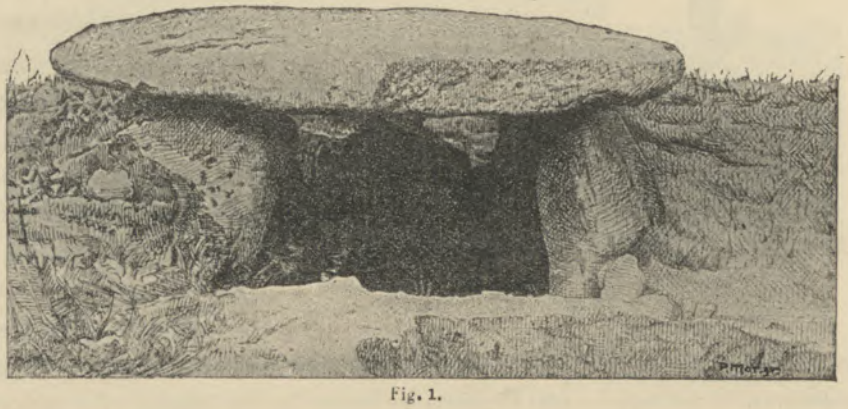


Fig. 1.

Entre os diversos grupos da necropole salienta-se o da *Veiga de Mãos de Salles* pelos resultados colligidos na exploração. Mas enlaça a todos os megalithos da estancia funeraria uma communidade de caracteres geraes e de formas architectonicas, que os irmanam no mesmo tronco genealogico. Convém, pois, assignalar já em synthese os elementos fundamentaes e communs.

O estudo dos dolmens portugueses denunciou dous typos geraes de construcção. N'um agrupam-se antas que teem a *camara* circular, ou polygonal, mas approximando-se do circulo, e uma *galeria:* é a forma de *palmatoria*, segundo a phrase consagrada. No outro as que dão uma projecção quadrilonga, como algumas do concelho de Aviz, exploradas por M. de Mattos Silva. [1]

As antas da necropole barrosã obedecem ao primeiro typo architectonico.

São na grande generalidade de dimensões mesquinhas; a *camara* polygonal,

---

[1] *O Archeologo Portuguez*, vol. II, pag. 239.

delimitada por *esteios* em numero variavel, cravados no sólo com inclinação para o interior e acunhados interna e externamente com outras pedras.

Os *esteios* de dimensões irregulares sobrepõem-se ou imbricam-se lateralmente.

Só poucos dolmens conservam a *meza* ou *chapéo;* uns sobre os esteios, outros tombados ao lado. É, porém, de presumir que todos o tivessem primitivamente, desapparecendo em ulteriores epochas pela sua applicação a construcções modernas. Os dolmens intactos exhibem sempre este adminiculo, que era racionalmente o componente indispensavel á estabilidade do funebre edificio. [1] Está comtudo averiguado, pelo estudo d'outras necropoles, que a profanação das antas começa quasi sempre pelo arrancamento e deslocação d'esta peça complementar.

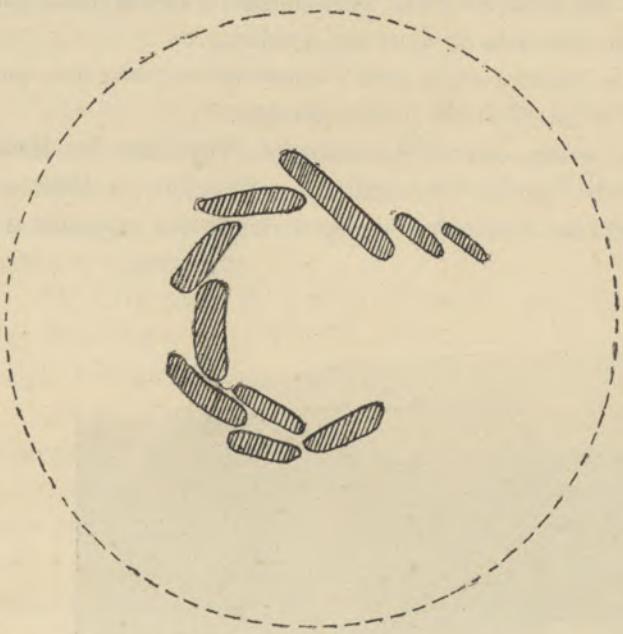


Fig. 2.

Vestigios de *galeria* só os encontrei n'um restricto numero d'estes monumentos. Mas o estado lastimoso de ruina, a que diversas causaes reduziram a necropole, não legitima a illação de que alguns ou a maior parte d'elles a não teriam nunca tido, como seria tentado a concluir quem menos prudentemente se apressasse a generalisar, sem ter em linha de conta as deformações accidentaes. [2]

Em todas as antas existe sempre bem visivel o *tumulus,* ainda que mais ou menos desterroado, e reduzido por vezes a ligeira elevação sobre o nivel normal do terreno circumdante.

Os esteios dolmenicos, segundo o gráu de esboroamento e desnudação da mamôa, ou a sobrepujavam em alturas variaveis ou chegavam mesmo a rasar com ella.

O *tumulus* é quasi sempre de circumferencia e elevação diminutas, já porque

---

[1] A. Santos Rocha, *Antiguidades prehistoricas do concelho da Figueira,* pag. 40; F. Martins Sarmento, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes.* Porto. Vol. III, pag. 24.

[2] As mamoinhas minhotas, como a da Eireira, perto de Ancora, não tinham, ao que parece, galeria d'accesso á camara; E. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal,* pag. 159. O mesmo archeologo é de parecer que alguns dolmens francezes não tinham galeria e só uma vez serviam; e que outros poderiam ser reabertos levantando a meza, como devia *ser d'uso nos megalithos pequenos. France préhistorique.* Paris, 1896, pag. 182.

os megalithos são geralmente mesquinhos, como referi, já porque os pavimentos das camaras foram estabelecidos em nivel inferior ao da superficie das veigas. [1]

Os esteios e a meza sempre de granito, a rocha local predominante, que abunda nas pedreiras circumvisinhas; nenhum d'estes componentes dolmenicos apparentam haver tido apparelho interno ou externo.

Covinhas ou *grupos d'escudellas*, e tantas outras insculpturas já descobertas em dolmens portugueses, não as encontrei nas antas barrosãs, pelo menos nas lages que ainda não desappareceram. E, no emtanto, essa escripta symbolica e hieroglyphica ou talvez simples thema decorativo, que ainda é um mysterio na prehistoria, já foi assignalada na região transmontana e na visinha provincia do Minho. [2]

Fig. 3.

Se, porém, o velho habitante do Salles não usava ou não sabia gravar no granito os signaes enygmaticos, em que se exteriorisava um sentimento religioso ou de piedade, parece no emtanto certo que attingia os mesmos elevados fins pela arte da pintura, como diremos adeante.

A *orientação* dos megalithos é variavel em todos os grupos da necropole e, dentro de cada grupo, de anta para anta. Não póde, pois, estabelecer-se uma regra geral. A mesma variabilidade de orientação se tem notado n'outros cemiterios dolmenicos de Portugal, o que não é de resto facto singular, porque já E. Cartailhac fez identica observação com relação aos monumentos similares da França. [3]

---

[1] A existencia constante de mamôa nas antas d'esta necropole é um caracteristico que as approxima das minhotas, onde M. Sarmento nunca encontrou dolmen sem *tumulus*. Vid. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. IV, pag. 101; *Os Argonautas*, Porto, 1887, pag. 216, not. 3; *O Pantheon*, 1880, pag. 2; RICARDO SEVERO, *Paleoethnologia Portugueza*, Porto, 1888, pag. 60; ESTACIO DA VEIGA, *Antiguidades monumentaes do Algarve*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. I, pag. 92.

[2] F. M. SARMENTO, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. IV, pags. 97 e 146. Em provincias mais distantes teem tambem apparecido insculpturas nos dolmens, como o attestam E. Cartailhac, Leite de Vasconcellos, etc.

[3] *France préhistorique*, pag. 183.

É tambem variavel a cubagem das cryptas. Sob este ponto de vista pódem as antas separar-se em dous typos; incluindo-se n'um a maioria d'ellas, caracterisadas pelas dimensões modestas, e no segundo algumas mais vastas, mais grandiosas.

Ás do primeiro typo ainda as encobria bastante o monticulo tumular. O pavimento da camara, constituido pelo *salão* virgem, descia muito abaixo do sopé do comoro envolvente, como nos megalithos da imponente necropole de Parafita, parcialmente estudada por Henrique Botelho. As do outro typo emergem muito acima da mamôa, já reduzida pela acção erodente das aguas meteoricas.

Quasi todas as cryptas, especialmente as dos dolmens do primeiro typo, achavam-se repletas de terra humosa da mesma natureza da constitutiva das mamôas. A terra apresentava-se pouco coherente, a evidenciar remeximentos mais ou menos recentes. Não me foi possivel, pois, estudar a estratificação das suas camadas.

Esta incoherencia das terras dentro das camaras; a ausencia e deslocação das peças fundamentaes de qualquer anta normal; a penuria e ás vezes carencia absoluta de mobiliario funerario; a falta de peças osteologicas; e mesmo a noticia positiva de recentissimas pesquizas interesseiras e do arrancamento de componentes para applicação a fins utilitarios — tudo isto me convenceu de que a necropole fôra repetidas vezes violada e profanada e de que só ruinas me restavam para estudo e registo.

Impressionaram-me sobretudo a pobreza da mobilia e a falta d'ossos, ainda que sabia terem constatado facto identico outros archeographos e archeologos distinctos, como o P.e Raphael Rodrigues, em dolmens da Serra do Alvão; Henrique Botelho, n'outros do monte da Preza (Alijó) e nas antas já destruidas das freguesias de Campeã, Mouçós, Mondrões, Lamares, Pena e Quintã (concelho de Villa Real); Leite de Vasconcellos em muitos megalithos indigenas de varias regiões; E. Cartailhac nas suas notaveis explorações do Alemtejo; M. Sarmento nas antas e antellas do concelho de Barcellos; Santos Rocha nos monumentos prehistoricos da Figueira, etc. Sabia tambem que os attentados á integridade das necropoles com fins extranhos á sciencia veem já de eras remotas, dos tempos da dominação romana, como o affirmam positivamente especialistas eminentes, embora não assentassem ainda nos intuitos com que eram feitas as profanações. [1]

Mas aqui a singularidade está em que desappareceu quasi tudo, ficando por pouco indocumentada a vasta estancia funeraria. Dever-se-ha ir buscar a causal de tão inteira miseria mobiliaria a uma presumivel exploração scientifica, anterior á nossa? Se a houve, não ficou d'ella tradição nem lhe conheço o registo litterario.

Encabeçaremos a explicação antes na pobreza do povo constructor [2] ou em

---

[1] M. Sarmento, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, pag. 26; *Argonautas*, pag. 248, nota 7; E. Cartailhac, *Les âges*, etc., pag. 170; Santos Rocha, *Revista cit.*, vol. III, pag. 5.

[2] Como para casos identicos presume Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, t. I, pag. 340.

usança singular que o dispensasse de depositar muito mobiliario votivo ou emfim na especial natureza dos megalithos barrosãos, considerando-os meros ossuarios, [1] simples cenotaphios levantados aos manes dos que morreram longe?

E a ausencia de ossadas? A constituição granitica do sólo explical-a-ha? [2] Ou a causa estará antes n'um rito funerario?

Não é facil dar solução conveniente a estas duvidas. [3]

Do modesto mobiliario colligido dou adeante a nota descriptiva. A anthropologia das tribus constructoras dos dolmens, essa ficará ignorada á falta de documentos elucidantes...

II

Pormenorisemos. O descriptivo da necropole completa-se com os detalhes de cada grupo, de cada monumento. Do geral e commum desçamos á particularisação, á minucia. Integrar-se-ha d'este modo o estudo emprehendido.

A anta maior do grupo da *Veiga de Mãos de Salles*, a *casinha da moura*, apesar de profanada recentemente, conserva quasi todos os componentes. O pavimento da camara projecta-se n'um polygono irregular limitado pelas oito faces de outros tantos esteios, erguidos com a inclinação de 70° sobre o plano da crypta. Um d'elles, o do fundo da camara, fôra deslocado fortemente para o interior pelo ultimo remexiimento, que abrangeu a galeria e grande parte da mamôa, descendo mesmo muito abaixo do pavimento da camara.

A meza — uma lage irregularmente arredondada de $3^m,52$ de comprimento por $2^m,28$ de largura e $0^m,32$ a $0^m,37$ d'espessura — apoia-se apenas em cinco dos esteios, inclinando-se sobre a abertura. O *tumulus* com o diametro de $9^m,6$ muito cerceado, deixando a descoberto cerca de $0^m,90$ dos espeques da meza. A orientação é N. N. E. para S. S. O.

As indicações complementares acompanham os graphicos (figs. 1 e 2).

Cerca de 250^m a leste encontrei os esteios d'outra anta, já arrancados, partidos e estirados sobre a mamôa. O acto vandalico perpetrara-se ha pouco. Quando cheguei, o camartello e o cinzel já haviam encetado a obra utilitaria do esquadria-

---

[1] E. Cartailhac, *France préhistorique*, pag. 247.

[2] G. Masson, *L'Anthropologie*, t. xi, pag. 287. Paris, 1900.

[3] D. José Villa-Amil y Castro não foi mais feliz na exploração de mamôas d'outra região gallega. Todas, diz elle, «asi las que hemos visto, como las que conocemos por relacion, se encuentram ya registradas...» Vid. *Los castros y las mámoas de Galicia* in *Museu español de antiguedades*, t. vii, pag. 226.

mento das lages, que a estas horas devem emparedar a choupana de qualquer camponio boçal. E assim se derruiu e desconjuntou o melhor dos megalithos da necropole, aquelle em que o velho habitante barrosão puzera os recursos todos do seu engenho architectonico e das suas aptidões artisticas, decorando-o internamente com pinturas muraes!

Consegui ainda copiar uns trechos d'essa pintura, visiveis em dous pedaços d'esteios, onde o canteiro não chegára com o apparelhamento. E d'um inquerito minucioso e repetido alcancei averiguar que a decoração, a côr vermelho-escura, rodeava a camara toda, indo de esteio a esteio em linhas onduladas, que, parece, eram o principal thema ornamental.

As pessoas que depozeram n'esta investigação, chamavam ás pinturas «*lettras*»; acertariam com a interpretação na sua inconsciencia illetrada?

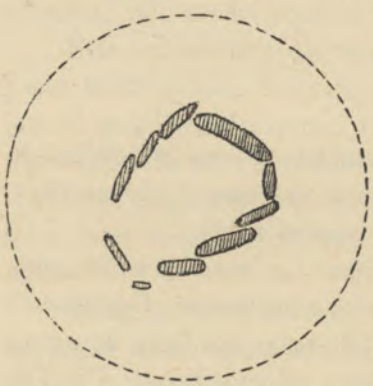


Fig. 4.

Mas simples decoração ou caracteres symbolicos — o seu achado não me surprehendeu como uma singularidade, embora me interessasse devéras. É que Leite de Vasconcellos já em tempo me mostrára no Museu Ethnologico Portuguez o pedaço d'esteio cortado d'uma anta neolithica de Satão, onde encontrára pintadas a vermelho as silhuetas grosseiras de duas figuras humanas; e simultaneamente me informára de que n'outros dolmens da mesma região vira tambem *representados varios arabescos e figuras zoomorphicas.* [1]

Como, porém, sabia ainda litigiosa esta questão da pintura dolmenica, entendi dever ligar toda a attenção ao achado e colligir o possivel numero d'elementos d'estudo. Abaixo os explanaremos.

Cem metros a sudoeste deparei com outra anta egualmente profanada de ha pouco: o estado de conservação era quasi o mesmo que o da primeira. Se conserva a meza inclinada sobre a entrada da camara, se nenhum dos oito esteios está deslocado, se pelo menos uma das pedras da galeria subsiste na posição primitiva, é certo que a porta da camara foi desviada da posição normal, a mamôa está quasi desfeita, a terra contida na crypta completamente revolvida.

A orientação é N O e S E. No mais a traça architectonica inteiramente similar á d'aquell'outro monumento. (Figs. 3 e 4).

N'um e no outro a parte superior dos esteios achava-se internamente ennegrecida. É que os pastores dos povoados circumstantes tinham por costume antigo refugiar-se na camara para se abrigarem das intemperies invernaes, aquecendo-se

---

[1] Conf. *Religiões*, pags. 276, 389, nota 1, 430 e 431.

ao lume das fogueiras que accendiam dentro. O mesmo uso fôra já notado pelo P.e Brenha em dolmens do districto. [1]

Procede talvez d'essa antiga usança estar muitissimo apagada a pintura interior que tambem lobriguei n'um dos esteios. Bem desejei copiar-lhe os traços vagos, delidos — que, parece, desenhavam uma linha ondulada como nos esteios da anta demolida. Mas foram baldados os esforços. Impossivel á vista mais perspicaz transcrever para o papel as linhas pintadas, que só a phantasia poderia reconstituir.

Revolvendo os entulhos d'este dolmen encontrei restos de ceramica não ornamentada. Fui porém informado por um pastorsinho presente á exploração de que ha tempos apparecêra dentro «um chapeu de cacos com riscos», os quaes atiraram para a touça. Tratava-se evidentemente de olaria ornamentada: mandei por isso procurar os pedaços desprezados. Encontraram-se ainda alguns fragmentos, mas infelizmente não exhibiam a minima ornamentação.

Fig. 5.

Ao sul da primeira *casinha da Moura* e a pequena distancia da linha do Salles jaziam os restos de outra anta, quasi sem mamôa. A excavação só pôz a nú duas lages, a maior das quaes media 1m,80 de altura por 1m,35 de largura. Mais nada! O mobiliario, se o teve, desapparecêra; as outras pedras entraram na estructura das paredes d'um moinho proximo...

Eis o que sobrevive do grupo dolmenico da *Veiga de Mãos de Salles*. Desfel-o a tormenta devastadora da ignorancia, do utilitarismo, das superstições lendarias, que não tanto o peso dos seculos — mais respeitador d'estes padrões venerandos de passadas civilisações...

A mesma causa deleteria actuou intensamente no segundo grupo dolmenico que alastra pelo Monte de Mãos de Salles em disposição asymetrica e desconnexa.

Inferiorisam-no o mais decadente estado geral de conservação e a pequenez dos monumentos, todos do primeiro typo; nenhum pormenor interessante o recommenda a um estudo especial. Rara a anta com todos os esteios; nenhuma que não

---

[1] In «*A Vida Moderna*», n.º 372 de 1895. É curioso que E. Cartailhac aponte (*France préhistorique*, pag. 192) o mesmo costume entre os pastores da Syria e das Indias.

fosse revolvida. A todas falta o chapeu, que nenhum foi decerto subtrahido ao destino modesto de lareira das encarvoadas cosinhas dos arredores ou deixou de ser empregado em qualquer outro mister similarmente obscuro.

Caracterisa a todo o grupo, como disse, a mesquinhez das camaras, cujos esteios pouco emergem acima da mamôa e muitas vezes se nivelam com ella, exhibindo só uma depressão na terra ao centro do monumento. (Fig. 5).

Publico as plantas de quatro dos monumentos, infructuosamente excavados, que é n'estes pequenos dolmens onde a ausencia de mobilia funebre mais desafia a paciencia do pesquisador. Pela desordenada e desconnexa posição das lages, bem patente nos graphicos, avalia-se facilmente o estado de confusão, em que successivos remeximentos inintelligentes têm posto o grupo todo. Outra verdade se reconhece pelo exame das projecções: é que são equivocos os vestigios das galerias. (Figs. 6 a 9). De resto, ha concordancia fundamental de systema architectonico entre este e os grupos restantes.

A notar ainda: Que na anta da figura n.° 7 appareceram sob os esteios tombados para dentro da crypta, além d'um pedaço de vidro escuro, fragmentos de quartzites com aspecto de furadores neolithicos; aconselhando-nos, porém, a excluil-os do inventario mobiliario o encontro frequente de quartzites identicas á superficie do terreno e o evidentissimo revolvimento do conteúdo das antas;

—que no dolmen representado na figura n.° 8 se encontraram pedras soltas em profusa abundancia, mas que em nenhuma verifiquei o talhe intencional;

—que dentro da anta da figura n.° 9 se achou no pavimento da camara... uma caravelha de pau preto com manifestos indicios de longa permanencia no fundo das terras!

A ruina dos monumentos e o resultado quasi negativo da exploração não eram de molde a incitar-nos a mais demorada perda de tempo, de trabalho, de paciencia e de dinheiro. Passei por isso a explorar o terceiro grupo — o das Penas, na margem esquerda do Salles, que suppunha ter sido mais respeitado.

Illudi-me! Reproduzia-se aqui a confusão, o desbarato, — que já notára nos agrupamentos anteriores.

São nove os megalithos erguidos a esmo na extensa veiga. Um só do segundo typo (fig. 10), dominando os outros sobre uma ondulação do terreno; a larga mesa ($1^m,34 \times 2^m,80$) tombada já para o interior do recinto limitado por seis esteios, ainda subsistentes mas deslocados tambem; o *tumulus* quasi destruido; as faces internas d'algumas lages requeimadas pelas fogueiras dos pastores.

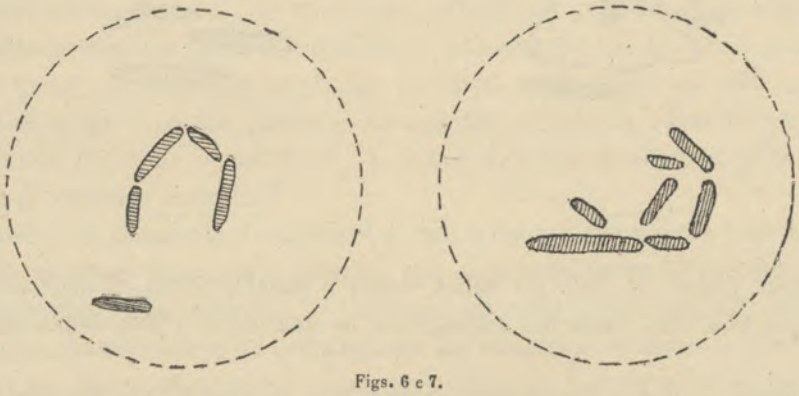
A excavação só produziu restos de ceramica não ornamentada.

Salienta-se no grupo outro dolmen do primeiro typo — com o pavimento da camara ladrilhado a pequenas pedras de granito. É possivel que não fosse o unico em toda a necropole; a abundancia de pedra solta, notada em alguns, póde fazer suppôl-o; mas o estado em que os topei, não consente affirmal-o. É tambem verdade que este pormenor de construcção, não sendo privativo da necropole, é com-

tudo relativamente raro. Apenas o sei notado por M. Sarmento, Leite de Vasconcellos e o P.e Raphael Rodrigues, em poucos dolmens e mamoinhas das provincias do Minho, da Beira e Traz-os-Montes. [1]

Comecei finalmente o estudo dos grupos das Mourellas, que se relacionam apertadamente com os do valle do Salles pela relativa proximidade e pelo systema de construcção que é similar em todos os detalhes. Parece poder affirmar-se que são a obra d'um só povo ou pelo menos de tribus com a mesma orientação, e habitos e conhecimentos identicos.

Antecipou-me na exploração com pequeno avanço o meu collega dr. José Joaquim Alvares de Moura que, a meu pedido, mandou proceder a excavações em tres dolmens de um grupo. Informou-me de que os encontrára vasios de mobiliario e com indicios claros de remeximentos anteriores. Acompanhando-me na maior parte dos trabalhos em Salles convenceu-se da identidade de processos architectonicos.



Figs. 6 e 7.

Por mim proprio verifiquei depois essa uniformidade fundamental entre os megalithos portuguezes e os do 1.° typo da raia gallega. Como elle, tive que reconhecer a existencia mais ou menos remota de violações, a pobreza mobiliaria e o estado ruinoso dos monumentos. As figuras 11 e 12 representam o prospecto e a projecção d'um d'elles, em cuja sala notei uma camada d'areia jacente sob o entulho e sobre o solo virgem.

Pelo relato antecedente se vê que é muito restricto o mobiliario que resta descrever; inventariemol-o.

Machadinha.—De quartzite branco-sujo com largas manchas d'azul-escuro, pequenissima, bem polida, sem indicios d'uso. Forma sub-triangular, gume convexo, descrevendo um arco de circulo com o raio de $0^{m},023$; a secção transversal um pouco irregular, mas approximadamente ellipsoidal; a secção longitudinal—discoide, com asymetria nas faces maiores. Por este pormenor póde bem denominar-se

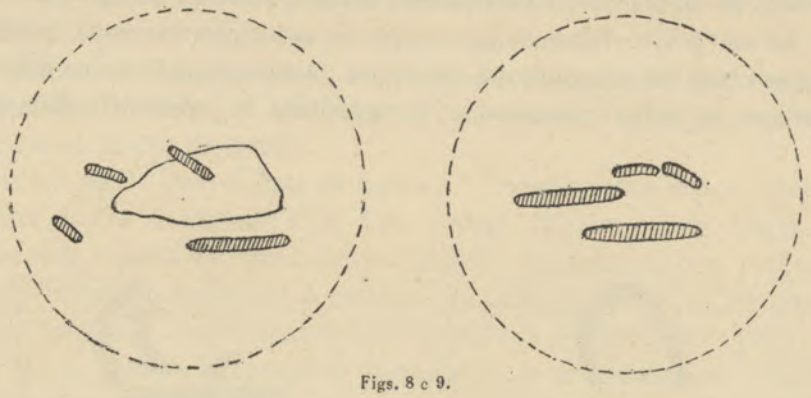
[1] *Rev. de Sc. Nat. e Soc.*, vol. III, pag. 97; *Religiões*, pag. 276; *Arch. Port.*, vol. I, pag. 36.

enchó. Dimensões: comprimento, 0m,062; corda do arco do gume, 0m,035; espessura maxima, 0m,013. [1]

Faca. — De silex esbranquiçado, dous fios com algumas fracturas accidentaes; a secção transversal, trapezoidal; uma das faces lisa e a opposta em tres facetas; a linha longitudinal sensivelmente curva; terminando na base por uma pequena crossa irregular. Dimensões: comprimento, 0m,126; largura, 0m,022; espessura, 0m,035.

A ponta da faca acha-se um pouco obliterada, de forma que não póde affirmar-se que tambem servisse como *raspador*. Fracturou-se accidentalmente.

Seixos rolados. — Oito de quartzite, bastante polidos, de pequenas dimensões.



Figs. 8 e 9.

Podiam provir do leito do Salles, como a materia prima da machadinha. O silex é que não tem jazida nas redondezas, ao que parece; pelo menos não é conhecida.

Ceramica. — Varios fragmentos de pequenas dimensões, que não dão a galba dos vasos que integravam. [2]

A superficie rugosa, irregular e a espessura variavel oscillando entre 0m,0085 e 0m,0065 no mesmo fragmento; tudo n'elles indicia o desconhecimento da roda de oleiro. Parece que na factura se usaria antes da moldagem. Os outros caracteres são: pasta grosseira, negra entre as superficies exteriores, cheia de mica e grãos siliciosos; as superficies interna e externa de côr clara acinzentada, parecendo que os vasos eram, depois do fabrico, mettidos em banho de leite d'argilla.

Minerio. — Um pedaço de limonite.

Não se encontraram objectos de metal nem mesmo simples escoriaes.

---

[1] Com dimensões sensivelmente eguaes (0m,066) encontrou C. Ribeiro um exemplar no dolmen de Montabrão. Nery Delgado, Santos Rocha, Mortillet e o Barão de Baye assignalam outros de dimensões menores ainda.

[2] O achado de olarias fragmentadas nem sempre significa que os vasos se partiram pelo peso dos entulhos ou pelos remeximentos. Parece que no principio do periodo neolithico apenas se depunham ao pé do morto pedaços de vasos, accidentalmente fracturados (*L'Anthropologie*, t. x, pag. 83).

III

Agora algumas notulas discursivas sobre os factos relatados.

O material d'estudo é pequeno e pouco substancioso. D'uma grandiosa obra antepassada só deparei com ruinas, que bem pouco reproductivamente vasculhei e interroguei com o vivo interesse de quem se esforça por colligir elementos elucidantes da ethnographia d'uma civilisação mysteriosa ainda, da civilisação de tribus innominadas que pelas manifestações materiaes se exhibem dotadas de farta energia e grande tenacidade, industriaes habilissimos com inesperado peculio d'idéas sobre cousas terrenas e d'além tumulo.

Essas tribus obscuras, ou antes uma parcella da grey anonyma [1] em que remotamente entronca a nossa nacionalidade, estanciaram por ali, pelas margens do Salles e pelas portellas das montanhas barrosãs, n'um estadio de civilisação comprehendido ainda — ao que parece — no segundo periodo da edade lithica, que assim o fazem presumir o mobiliario, a ceramica, o uso de sepultar os mortos e a ausencia de objectos metallicos.

Deveria ser numerosa a população e com habitos sedentarios; poderia ser um grupo do immenso formigueiro humano, que se acoitou talvez larguissimos seculos pelas quebradas, pelos convalles, pelas veigas da região transmontana, onde deixou testemunhos d'actividade e de permanencia tão complexos e variados que fazem da provincia um rico e interessante museu archeologico! E seria além no Barroso um dos pontos de concentração do vasto colmeal, como parece o foram o valle de Villa Pouca d'Aguiar, as terras d'Alijó, as montanhas de Villa Real. [2]

A anthropologia não penetrou até lá — que eu saiba — a destrinçar com os seus processos rigorosos os caracteres ethnicos dos primitivos habitantes. Uma sombra espessa encobre ainda este problema interessante, que é d'urgencia atacar.

Restringindo, porém, as observações ao acantoamento privativo do nosso estudo, parece poder affirmar-se que os caracteres ethnographicos do velho habitante do Barroso — pelo menos os que se exhumam do estudo das ruinas — o não especialisam muito entre os povos neolithicos.

O habitante das veigas do Salles e das portellas de Tourém e Pitões sabia, como os coevos de toda a peninsula occidental, cortar na pedreira avantajados mo-

---

[1] Continuamos a não lhe assignar um nome historico, apesar da opinião respeitavel de M. Sarmento que attribue os dolmens ao povo arico. *Os Argonautas*, pag. 253.

[2] O Padre Rodrigues assegura que n'uma area de 10 kq. da Serra do Alvão existem para cima de 200 dolmens. (*Archeologo Portuguez*, vol. I, pag. 347). H. Botelho affirma que, depois d'esta, a região dolmenica mais rica é a de Alijó, termo de Parafita. (*Ibid.*, vol. IV, pag. 180).

nolithos; transportal-os a distancia com os subsidios rudimentares d'uma embryonaria mechanica; construir com aprimorada technica a morada derradeira dos seus mortos queridos; pesquizar, esboçar e polir acuradamente as rochas mais prestadias para o mobiliario, o que presuppõe a antepossе de ferramenta variada; escolher os barros e fabricar olaria grosseira, talvez com o auxilio de moldes.

É possivel que usasse da tatuagem como adorno; e talvez já possuisse ou ainda conservasse de reminiscencia vagas noções de arte pictorica.

A natureza lithologica d'alguns instrumentos, o silex da faca, por exemplo, denuncia relações commerciaes com outras tribus.

Tinha o velho barrosão a religião da necrolatria, pelo menos; ritos cultuaes, uma liturgia complexa quiçá, com que piedosamente ceremoniava o decesso dos seus, os despojos dos mortos.

Cria na perdurabilidade do sêr humano, em uma vida futura onde a sua imaginação embryonaria sonhava já a continuação da existencia hominal com necessidades terrenas, como o testifica a deposição do mobiliario mortuario na crypta tumular.

Esta synopse ethnographica deixa entrevêr apenas um breve trecho da vida do barrosão neolithico; nem póde ampliar-se sem o perigo de substituir pela phantasia a inducção rigorosa dos factos observados. Ainda assim carece de justificação em parte. Antes de a tentar, debataremos algumas questões geraes, cuja solução não tem no estudo relatado sufficientes elementos d'elucidação.

Onde habitaria o povo constructor da necropole?

Não achei — nem tive noticia de que se encontrassem — vestigios de antiga povoação nas margens do Salles ou nas touças das Mourellas. Tambem não é de crêr fossem levantar a cabana dos vivos junto ao campo dos mortos pelo respeito supersticioso, pelo repulsivo terror que no selvagem ancestral, como no de hoje, devia de inspirar o espectaculo da aniquilação physica.

Tendo, pois, de procurar mais longe, quasi involuntariamente nos voltamos para os *castros*. [1] Não que n'elles encontrasse dados seguros para estatuir a relacionação com a necropole dolmenica. Porque, a meu vêr, o encontro furtuito d'um machado neolithico com os caracteres fundamentaes do descripto no rol do mobiliario funebre é elemento fragil de concordancia. Basta ponderar que ha sempre a penetração d'uma civilisação na phase immediata; e que duas epochas proximas não se apartam em estratos absolutamente definidos e autonomos.

Mas já porque o achado é um indicio, já porque outros dados mais complexos e decisivos convenceram archeologos distinctos [2] a affirmar a dependencia dos cas-

---

[1] Da habitação do homem neolithico em montes fortificados são prova: a estação de Licêa, em Portugal e o campo fortificado da collina de Roche-d'Or, aros de Besançon, em França (*L'Anthropologie*, t. x, pag. 57).

[2] M. Sarmento, *Os Argonautas*, pag. 248 e nota 8.

tros e dolmens, acceitamos provisoriamente que as acropoles do Salles tenham sido a estação humana dos constructores da parte gallega do cemiterio dolmenico.

Os dos agrupamentos portuguezes poderiam ter o seu *habitat* na collina, em cujo planalto se altêa hoje a aldêa de Pitões.

Confesso que são meras hypotheses, cuja plausibilidade póde de um momento para o outro ser destruida com um achado elucidante. Mas são acceitaveis.

Outro problema melindrosissimo surge no estudo da necropole. Quando seria levantada? É obvio que a grandiosidade do trabalho exigiria para execução bastas dezenas d'annos. Por isso o problema comporta uma solução não muito restricta e precisa quanto ao tempo.

A chronologia das construcções megalithicas tem sido muito debatida; e não é facil, nem muito seguro estabelecel-a d'um modo absoluto. A difficuldade avul-

Fig. 10.

ta — ponderando que ainda hoje ellas estão em uso entre alguns povos, como os indios e os indigenas de Madagascar (Khasias de Brahmaputra, Hovas, etc.), [1] e que o estiveram não só no periodo neolithico mas ainda nas edades do bronze e do ferro...

Para solução approximativa do problema com relação aos megalithos do Barroso, é mister não esquecer que ali a architectura não se exhibe original, não dá uma faceta especial, rasgadamente autonoma. Da sua comparação e relacionação com a de monumentos congéneres d'outras regiões não se apura para aquella um typo singular, inconfundivel.

O *facies* da anta de Salles ou das Mourellas vê-se reproduzido em Villa Pouca d'Aguiar e em Alijó com surprehendente similitude; corresponde no que tem de mais fundamental aos megalithos do districto de Vianna, do concelho da Figueira, da provincia extremenha, e do typo n.° 1 de Alcalá no Algarve. Ha por vezes um pormenor, um episodio de construcção algum tanto aberrante do typo geral; no

---

[1] *France préhistorique*, pags. 185 e 186.

fundo, porém, persiste a uniformidade, a communidade de componentes, de formas, de dispositivo — de traça architectonica, emfim, a accusar a generalidade de civilisação una que mais ou menos lentamente alastrou de norte a sul.

Os dolmens, pois, da região barrosã parecem-me synchronos com os das outras no periodo neolithico; talvez mesmo sejam de tempos em que o *magdaleniano* ainda não se houvesse apagado de todo na tradição dos autochtones, favoneado pelo accidente topographico, o qual demoraria a infiltração de civilisações exoticas e retardaria o desapparecimento dos caracteristicos das civilisações primevas.

Partindo d'este synchronismo, justificavel pela uniformidade de mobiliario e de formas architectonicas, e acceitando a chronologia approximada de Salomon Reinach, e de Evans [1] com relação ao megalithismo do occidente europeo, poderá provisoriamente assignar-se á necropole a antiguidade de 3000 a 4000 annos antes da nossa éra.

Ponhamos ainda aqui uma observação, que probabiliza em certo modo o recúo na antiguidade da necropole. O primeiro typo de dolmen, a anta de proporções acanhadas, é o mais frequente, como disse. Apparece ali em abundancia da mesma fórma que nas necropoles de Alijó e de Villa Pouca d'Aguiar, com as quaes a barrosã tem a mais proxima affinidade. Encontra-se tambem no Minho e nas Beiras, segundo os attestados de M. Sarmento e L. Vasconcellos.

O que é interessante, porém, é que E. Cartailhac o assignala egualmente em França. E a proposito emitte a opinião de que este typo de dolmen *é o mais antigo, é talvez o primitivo.* [2]

Apartemo-nos, porém, da larga estrada das questões geraes e enveredemos pelo estreito carreiro que as excavações melhor facultam. Chegarei d'esta fórma á justificação e desenvolvimento de alguns dos caracteres ethnographicos attribuidos ao barrosão neolithico.

A sepultura era no quadro da vida social dos povos da pedra polida um episodio de importancia magna pelas concepções philosophicas, que bem apparentemente vogavam então. Crystallisa em si, por isso, um complexo de praticas rituaes e consuetudinarias e de manifestações artisticas e industriaes que nem sempre é facil ou possivel destrinçar e definir com segurança.

O estudo das necropoles, sendo pois de importancia fundamental, é sempre um alfobre de problemas espinhosos. Estudemos alguns referidos á necropole barrosã.

---

[1] *Le mirâge oriental*, in *L'Anthropologie* — 1893, tom. IV, pag. 572; JOHN EVANS, *The antiquity of Man, with especial reference to the Stone Age in Egypt*. Londres, 1899. M. Montelius em memoria apresentada ao XII.º Congresso internacional de anthropologia e archeologia prehistoricas de 1900, attribue a idade de 2000 annos ao primeiro periodo da idade de bronze em França *(Revue de l'École d'anthropologie*. Paris, 1900).

[2] *France préhistorique*, pag. 182.

A machadinha inventariada, pela exiguidade de fórmas e pelo perfeito estado de conservação, põe no espirito a velha duvida: seria instrumento pratico ou mero symbolo? Em casos analogos a resposta impõe-se rapida pela interferencia de circumstancias elucidantes; aqui de fórma alguma. Não repugna acceital-a como objecto meramente votivo, como symbolo religioso, como cousa consagrada pela religião neolithica. É que o machado tradusia o trabalho, a força, a segurança individual e collectiva. Se era o instrumento da paz que em todos os momentos da vida domestica servia docilmente o homem com a sua maleavel utilidade pratica; era tambem a arma offensiva ou defensiva que repellia a aggressão pessoal, conquistava ou repulsava a tribu inimiga, derrubava a presa ou abatia a féra assaltante. Por isso talvez é que o esculpturaram nas grutas de Champagne; o insculpturaram nos dolmens bretões de Gravinis, de Mané-Lud, de Petit-Mont em Arzon, de Men-er-

Fig. 11.

Rethual, da ilha dos Monges, de Kerveres, de Kercado, de Locmariaker, de Manéer-Hroèg; o reproduziram em minusculos calcareos frageis; o trouxeram como amuleto-pingente. [1] E no emtanto do fundo dos lagos helveticos levantaram-se, d'entre o espolio palafittico, machadinhas de dimensões identicas e mais somenos até, encabadas todas em galhos de cervideos; e ha opiniões abalisadas que as consideram verdadeiros instrumentos cortantes de encabamento especial. [2] A hesitação é, pois, legitima, e no caso vertente só me fazem propender para a hypothese do symbolismo — a sua jasida, o estado geral indicativo de falta de uso e a polidura na parte opposta ao gume.

O apparecimento dos seixos rolados intencionalmente introdusidos nas cryptas dolmenicas indicia uma pratica geralmente seguida na peninsula. Accusam achados identicos em pontos distanciados Carlos Ribeiro nos dolmens de Montabrão, de Folha das Barradas e do Monge, Martins Sarmento nas antas e antellas de Barcellos, Leite de Vasconcellos em varias antas do continente, Santos Rocha nos me-

---

[1] Le Baron J. de Baye, *L'Archéologie préhistorique*, pags. 98 e seg. Paris, 1888. Confr. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. II, pag. 112.

[2] *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. II, pag. 125; *Portugalia*, n.º 2, pag. 341.

galithos do baixo Mondego e o P.e Raphael Rodrigues nos da Serra do Alvão (Villa Pouca d'Aguiar). [1]

Se a usança era determinada por uma idea religiosa, se constituia uma ceremonia funebre; se os seixos correspondiam ao dinheiro de Charonte, á moeda por exemplo que os Gregos em tempo collocavam na bocca do defunto para pagar a passagem no outro mundo; [2] se á pratica ainda vigente de lançar um punhado de terra sobre o cadaver descido ao coval — são hypotheses mais ou menos engenhosas, em que só a phantasia entra. Do que observei e do que os mestres da sciencia investigaram creio que nenhuma conclusão rigorosa póde inferir-se. [3]

A *limonite* encontrada faz presumir que o habitante de Salles conhecia as propriedades pictoricas do minerio, e que as utilisaria. A ethnographia comparada auctorisa a conjecturar qual fosse um dos empregos: assim como o selvagem contemporaneo cobre o corpo de tatuagem variegada, auxiliando-se de saes do ferro, é de crêr que tambem o homem da idade da pedra procedesse da mesma fórma.

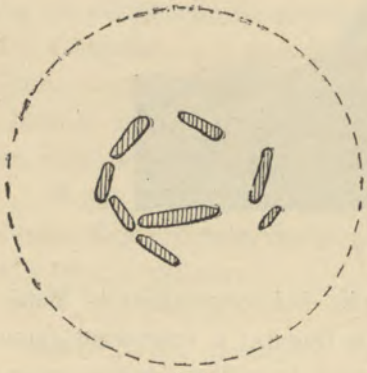


Fig. 13.

Pelo menos é a conclusão que os nossos mais distinctos archeologos teem tirado do achado da limonite e da hematite, associadas por vezes a graes de pedra com vestigios da materia córante: é a illação a que teem chegado palethnologos estrangeiros, como E. Cartailhac; Ed. Piette, o qual na celebre gruta de Mas-d'Azil encontrou ossos tubulares, terminando em ponta estreita, cheios de peroxydo de ferro e manganez; Koehl que dos tumulos da necropole de Hesse colligiu alguns fragmentos de hematite e um vaso com restos de substancias colorificas; etc. [4]

Utilisar-se-hiam ainda d'outro modo estas propriedades dos saes de ferro. Vem agora a proposito apresentar algumas considerações relativas á pintura mural notada nos esteios das antas de Salles (figs. 13 e 14). Duas questões se offerecem á critica: Será obra dos constructores dos dolmens? Sendo-o, revelará os prodromos d'uma arte nascente ou tradusirá apenas a reminiscencia vaga d'uma arte preexistente?

O primeiro ponto é discutivel, porque as pinturas dos esteios megalithicos não foram até agora observadas em dolmens virgens de remeximentos.

Não repugna no emtanto acceitar a contemporaneidade da edificação e da pin-

---

[1] M. P. Casalis de Fondouce tambem os encontrou na gruta de Bounias, Provence — França.

[2] J. P. Mahaffy, *L'antiquité grecque.*

[3] Vid. Ricardo Severo, *Paleoethnologia portuguesa,* pag. 58.

[4] *L'Anthropologie,* t. x, pag. 334.

tura interna das antas. Hoje está assente contra a opinião de Mortillet que houve uma arte neolithica principalmente religiosa, a qual chegou até á reproducção da natureza viva. [1] Por outro lado é certo que o interior das camaras dolmenicas era objecto de cuidados artisticos muito especiaes, certamente determinados pela piedade dos constructores para com os seus mortos a qual os indusiu, por exemplo, a trabalhar as pedras mais em contacto com elles. Leite de Vasconcellos e E. Cartailhac assignalaram, já o vimos, a existencia de esteios interiormente apparelhados e cobertos de *covinhas*.

É sabido tambem que Pigorini encontrou na Italia dentro de tumulos neolithicos ossos humanos com vestigios de haverem sido pintados a vermelho; [2] que Santos Rocha achou em dolmens da Figueira louças pintadas a aguarella preparada com oxydos de ferro; [3] que Volkov descobriu n'uma estação neolithica de Kiev olarias com traços a ocre vermelho; [4] e que ainda recentemente se fez identica descoberta na estação roumanica de Cucuteni. [5]

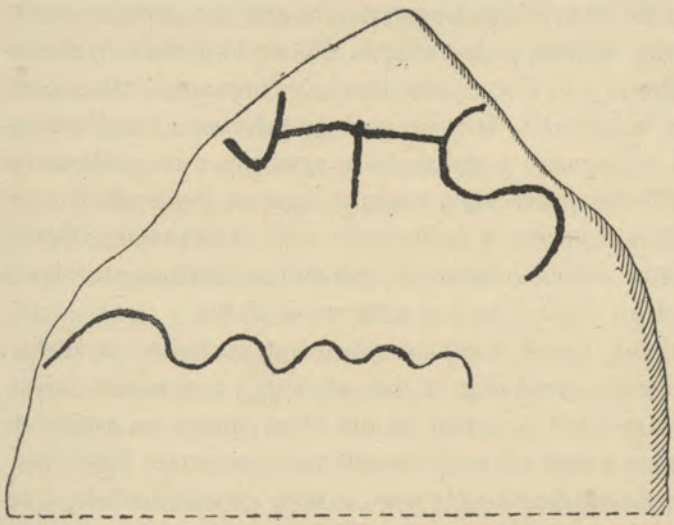


Fig. 13.

O conjuncto d'estes factos evidenceia que a pintura neolithica era usada para fins complexos, podendo mui plausivelmente abranger a decoração dolmenica. A plausibilidade reforça-se, se não se converte mesmo em certeza, pelo estudo dos motivos decorativos, em que se extremam as linhas onduladas, traços parallelos, a grade, e ainda uma figura crucial. Todos elles têm apparecido ou em insculpturas com fama de neolithicas ou em pinturas attribuidas aos ultimos tempos do *magdaleniano*.

Os traços parallelos e a grade encontraram-se debuxados a côres diversas n'um penhasco eminente ao rio Douro, margem direita, perto do «Cachão da Ra-

---

1 Dr. Santos Rocha, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. iv, pags. 1 e seg.

2 *France préhistorique*, pag. 105, nota 1.

3 *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. iii, pag. 22, e *Memorias*, pag. 157.

4 *L'Anthropologie*, t. x, pag. 204.

5 *Revue d'Anthropologie*, Paris, t. x, pag. 387. Acêrca da pintura em cavernas veja-se *L'Anthropologie*, t. xii, pag. 671 e seg.

pa» e termo da villa de Anciães: Leite de Vasconcellos provou até á evidencia que era obra dos tempos neolithicos. [1] A mesma grade achou-a Clugnet em insculpturas neolithicas nas margens de lagos italianos. [2]

A linha ondulada é frequente, incisa na pasta de ceramica do mesmo periodo: ainda ha pouco a notou O. Schoetensack nas louças d'uma estação de Schweizersbild. [3] A mesma linha e as linhas parallelas appareceram gravadas nos esteios da allea coberta de Gravinis e n'umas pedras dolmenicas de Finistère. [4]

Ed. Piette nos seus admiraveis trabalhos acêrca da gruta de Mas-d'Azil [5] refere, como é sabido, ter descoberto uma camada archeologica, superior á da ultima idade da renna e inferior á do periodo neolithico, onde colheu grande numero de seixos oblongos e achatados, com pinturas a peroxydo de ferro. Com este minerio, associado talvez a substancias gordas ou a resinas, traçaram os troglodytas, grosseiramente e sem primores d'arte, varios signaes pictographicos affectando fórmas diversissimas — desde as linhas parallelas e os discos, singelos ou ornamentados, até ás combinações mais complexas e indefiniveis. O sabio geologo extrema e considera entre os signaes — caracteres algarismaes e alphabeticos, symbolos e imaginarias variadas. E affirma que, tendo desapparecido a renna, o homem, esquecido das artes da gravura e da esculptura, começou a dedicar-se a outra, á da pintura. Ora, é interessante notar que n'esses seixos rolados se encontram isoladamente alguns themas semelhantes aos motivos decorativos dos dolmens de Salles.

Traços ou linhas parallelas. Copiei d'um dos esteios quatro linhas parallelas; e no album de Piette chromolithographaram-se nas estampas I a VI muitos seixos, em que os habitantes de Mas-d'Azil pintaram ou um traço apenas ou grupos de traços sensivelmente parallelos e mais ou menos numerosos, nos quaes figura tambem o de quatro linhas. Piette attribue a cada traço o valor de uma unidade; e assim os grupos de linhas representariam numeros complexos, de tantas unidades quantas as parallelas.

As linhas onduladas. Vi-as em dous esteios. No Album, estampas XVIII a XX, tambem se desenham seixos com essas linhas; e o illustre auctor da publicação considera-as entre os signaes pictographicos — como fórmas convencionaes para representarem a serpente, reptil tão temido como venerado desde a mais recuada antiguidade.

A grade com a forma de B. Nas estampas XX, figura 12; XXI, figura 4 e XXII, figura 6, pintam-se identicos signaes, a que Piette presta a interpretação de caracteres alphabeticos.

---

[1] *Religiões,* pag. 361, figs. 76 e 77.
[2] *Ibid.,* pag. 81, figs. 20 e 21.
[3] *L'Anthropologie,* t. VIII, pag. 346, e X, pag. 83.
[4] *France préhistorique,* pags. 235 e 239.
[5] *L'Anthropologie,* t. VII, pag. 335 e seg.

Os outros themas decorativos dos esteios estão incompletos; ha um, porém, a que sem esforço posso attribuir a fórma crucial, frequente nas pinturas dos seixos rolados de Mas-d'Azil. A cruz é traçada aqui nas duas modalidades — a *equilateral* e a da *fórma em T;* em Salles apparece sob esta ultima feição apenas. De resto a cruz é um dos symbolos mais em uso desde tempos remotissimos; e o apparecimento d'ella n'um dolmen e em insculpturas já foi assignalado por alguns archeologos. [1] Talvez representasse, como nos tempos protohistoricos, o deus solar.

A comparação detalhada entre as pinturas muraes de Salles e as dos seixos rolados de Mas-d'Azil não implica a affirmativa de affinidades ethnicas, nem o reconhecimento *positivo* e *terminante* da continuidade d'uma arte que, iniciada pelo troglodyta da camada de transição, florescesse ainda no periodo neolithico. Menos ainda que eu adopte sem esforço, e sem reluctancia adapte ás decorações dolmenicas — a interpretação engenhosa que Piette attribue aos signaes pictographicos dos seixos.

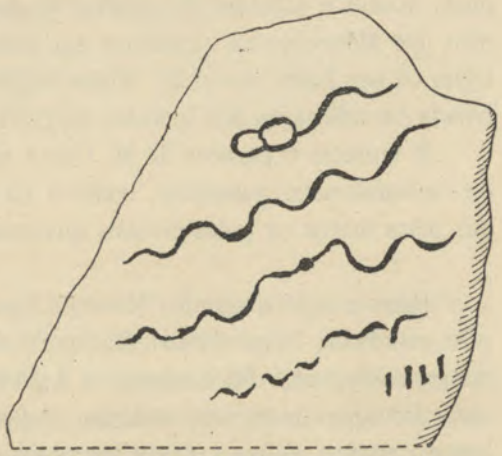


Fig. 14.

A approximação era no emtanto interessante; e até em certa medida dissipa a duvida acêrca da auctoria das pinturas dolmenicas. Se, na transição do magdaleniano para o neolithico, não póde hoje contestar-se aos homens prehistoricos a posse dos segredos d'uma arte pictorica, rudimentar embora, que muito é attribuir-lh'a tambem no ultimo periodo lithico, quando o circulo das aptidões se lhes alargára de modo notavel? Ou pelo menos — já que a mais rigorosa prudencia deve sempre peiar a phantasia do archeologo — que muito é suppôr, pela similariedade flagrante das pinturas, que o ancestral de Salles, tendo evolucionado com o influxo de superior civilisação importada, conservava ainda noções vagas, tradicionaes, d'uma arte nascida no estrato social immediatamente anterior?

Aos nimiamente prudentes e cautellosos deve lembrar que a pintura reapparece na idade dos metaes e que os *hiatus* das civilisações primevas vão-se preenchendo ao apparecimento cada vez mais frequente de jasidas de transição que concatenam apertadamente os estadios da humanidade.

Para concluir duas notas ainda.

Não colhi elementos positivos para determinar a questão tão controversa e melindrosa dos ritos funerarios. Estaria em uso no Barroso a incineração, a inhu-

[1] *L'Anthropologie,* t. VII, pag. 401.

mação? Se não encontrei nenhuma peça osteologica, tambem não descobri vestigios de cinzas ou carvões. As impressões de negro de fumo nas faces internas dos esteios apparecem a tal altura do pavimento da camara que não póde duvidar-se da sua moderna proveniencia, como de resto elucidam as informações colligidas. Deverá, pois, concluir-se pela inhumação, arredada a hypothese de que todas as antas exploradas fôssem meros cenotaphios? Parece que sim, sem no emtanto desconhecer que mais ao sul, no grupo do «Frieiro» da necropole de Villa Pouca d'Aguiar, se observou, diz-se, o rito da incineração. [1] A localisação dos monumentos funerarios parece contrariar a opinião de que nas tribus constructoras dos dolmens existiu o costume de sepultar os mortos nas eminencias. Se o grupo dolmenico das Mourellas se alcandora em altitudes elevadas, os da bacia do Salles rastejam cá por baixo nas chãs. N'esta região pelo menos não houve, pois, ideia antecipada na collocação dos tumulos megalithicos.

É tambem o parecer de M. Coutil que faz depender a localisação dos dolmens de circumstancias especiaes, como a da existencia de jasigos de rochas desnudadas pelas marés ou pelas erosões quaternarias. [2]

Remato aqui o estudo. Não que fique perelucidado o neolithismo da breve região estudada; longe d'isso! Mas porque sobre elle não incide luz mais clara do material excavado. No emtanto, á Archeologia fica ainda por ali campo uberrimo, onde forragear materiaes valiosos. Aquellas paragens não viram desapparecer o homem com o ultimo cadaver introdusido na derradeira crypta dolmenica. A meu parecer, as gerações succederam-se talvez em seriação ininterrupta; e na continuidade da sua manencia assistiram ao advento das phases civilisadoras, em que a humanidade evolucionou até ao successo das invasões romanas. Probabilisam-no o encontro, perto da raia, d'um escopro de bronze e a existencia na região de sepulturas abertas em rocha e dos castros romanisados, outros tantos miliarios — apagados embora — da residencia ulterior do homem n'este ponto restricto da velha *Gallaecia*, onde elegeria domicilio permanente, favoneado o seu *habitat* pelas condições mesologicas.

Pintar o quadro da vida barrosã desde o encerramento da derradeira anta até ao aluimento do ultimo panno de muralha castreja, esboçando ao menos em largas pincelladas os caracteristicos de todos os seus principaes momentos pre e protohistoricos, seria empresa talvez possivel e com certeza interessante. Tental-a-hei, se ainda se me deparar ensejo.

Porto, 1901.

José Fortes.

---

[1] *Archeologo Portuguez*, t. I, pag. 349.

[2] *Bulletin de la Société Normande d'Études préhistoriques*, vol. V.

AS NECROPOLES DOLMENICAS

DE

TRAZ-OS-MONTES

Estes grupos de dolmens que, por muito parecerem verdadeiras necropoles, apropriadamente merecem a geral designação, localisam-se em conjunctos de aspectos algum tanto caracteristicos e regionaes sobre uma extensa zona da provincia de Traz-os-Montes, pelos planaltos que dominam as bacias do Douro, Tamega e Tua. É esta, d'entre outras da mesma provincia, a região melhor conhecida, em consequencia das pesquizas realisadas pelo Dr. Henrique Botelho em torno a Villa Real, em uma larga facha do lado do meio-dia, e seguidamente ao norte, abeirando Villa Pouca d'Aguiar, pelos reconhecimentos e explorações feitas pelos Rv.os P.es José Brenha e Raphael Rodrigues, em uma vasta área pela qual se espalham numerosos grupos de *Antas* de muito especial interesse.

Percorri toda esta região a partir do valle do Douro em maio de 1901, e algumas observações ineditas terei que ajuntar tambem, em ulterior estudo agora em preparo, contribuindo em quanto possa para o conhecimento geral da curiosa palethnographia transmontana. N'esta occasião, porque assim calhou, e foi da boa ventura da nossa empreza, vão incertas as descobertas do grupo dolmenico de Villa Pouca d'Aguiar, relatadas pelo R. P. José Brenha. Acontece pois ser este egualmente um feliz achado da viagem pelos cemiterios megalithicos das chãs transmontanas, o qual, como é bem de vêr, muito illustra a secção archeologica da nossa publicação; e cabalmente ficará cumprido o nosso programma, para coroar o exito da missão de 1901, realisando-se a seguir, em proximo fasciculo — como de boamente foi promettida — a publicação das quantiosas observações do Dr. Henrique Botelho, a qual desde já cumpre annunciar como indispensavel complemento ao estudo de uma região, agora iniciado sob esta geral epigraphe, que desde muito se impõe como elemento principal do nosso problema ethnologico.

O trabalho que este precede no presente fasciculo, do nosso camarada Dr. José Fortes, liga-se a estes por grado parentesco; embora em grupo á parte e distante, para além do Tamega, sito em região similar mas de outra diversa orographia mais ao Noroeste, torna-se comtudo visinho pelos numerosos pontos de semelhança quanto á architectura megalithica.

São mais ou menos caracteristicos e quasi especificos estes agrupamentos de dolmens. Pelos altos plainos de Traz-os-Montes as varias e multiplas reuniões de funerarios megalithos succedem-se e ligam-se em extensa área como unica e immensa necropole; são de vêr essas numerosas *arcas* e *madorras* cobrindo as portellas e chãs mais elevadas, em altitudes que orçam por um milheiro de metros, em ermos logares de terra fria, «onde canta a cotovia» e mal medra o centeio. Tornam-se regionalmente caracteristicos estes agrupamentos, comprovando aqui mais ainda a indole sedentaria d'estas primitivas povoações, sob um regime pastoril hoje preexistente, que n'estes planaltos arredios e agrestes devotamente collocaram o pousadoiro dos seus mortos.

Com effeito, retomando o que escrevi algures (pag. 658), «não póde desattender-se o caracter de fixidez e permanencia que representa o *dolmen-tumulus* na sua possante contextura, de elementos avantajados, cujo arranjo reclamaria dos primitivos architectos somma consideravel de trabalho e longo praso. Por esta fórma conseguiu essa povoação com simples utensilios de pedra que resistisse até hoje o rustico e monumental pantheon dos seus mortos; e descurou a habitação dos vivos, transitoria morada, cujos vestigios incertos e passageiros mal pódem coordenar-se, pois rareiam».

Abrange portanto extenso espaço, que vae desde o Valle do Douro até á raia gallega, o estudo d'estas necropoles neolithicas; por este modo é justificado o titulo geral que abrange o estudo d'esta série monumental de megalithos a qual ultrapassa as actuaes demarcações politicas e administrativas.

D'estas mencionadas descobertas vieram a publico varias noticias desde 1895. Notificaremos as publicadas pelo R. P. Raphael Rodrigues no *Archeologo Português* — vol. I, 1895; pelo Dr. Henrique Botelho na mesma revista — vol. IV, 1898; e as referencias do Dr. Leite de Vasconcellos no seu livro *Religiões da Lusitania* — vol. I, 1897.

Examinei pela primeira vez objectos provenientes das antas de Villa Pouca no Museu Brenha, na Povoa de Varzim, durante o verão de 1898. Demorava então n'esta povoa o fallecido sabio Martins Sarmento, e a seu convite juntos visitamos aquella interessante e pittoresca colleção, onde estavam alguns objectos de pedra esculpturada e gravada dos dolmens transmontanos, cuja exotica apparencia justamente preoccupára o illustre investigador. Estes objectos vão representados na sua maior parte em desenhos appensos (nas estampas XXX a XXXXV) ao relatorio do R. P. José Brenha, o pertinaz colleccionador, proprietario do curioso museu a que deu o nome, e que liberalmente expõe a quem quer que o procure.

O exame d'estes documentos impressiona immediatamente de modo extranho, justificando as suspeições de toda a sorte e de natureza complexa que envolvem e difficultam — em ordem logica e didatica — a sua classificação na chronologia prehistorica e a sua propria significação ethnographica. O conjuncto provoca á primeira vista confusão e duvida, pois lembra, por falsa suggestão, a destoante applicação de uma arte de aspecto *magdalénense* sobre objectos de posterior industria neolithica; e sobremodo embaraça esta momentanea impressão que revoluciona as preestabelecidas ordenações doutrinarias e até a boa fé dos principios, mesmo dos normaes preceitos de documentação scientifica. Muito haverá que estudar e discutir sobre estes minusculos documentos de tão monumental expressão: esculpturas, desenhos — formulas graphicas occasionaes, signos ideographicos, symbolos religiosos ou ornamentaes. Recordarei, que vem a proposito, a surpreza do nosso companheiro Fonseca Cardoso e a prudente reserva do professor M. Rodrigues Miranda, que n'essa occasião comnosco visitaram o Museu Brenha, na Povoa de Varzim, e cuja auctoridade cumpre citar como idoneo e douto testemunho.

De primeiro, em cumprimento dos bons preceitos de analyse scientifica, ha que submetter esta série de objectos, adeante relatados e figurados, a um processo de authenticação de todo o rigor e justiça.

Uma parte, mais propriamente industrial — utensilios de uso commum — de caracteristica industria da pedra polida, está completamente dentro dos moldes normaes em perfeita accordança de aspectos e civilisação.

A outra secção, de peças esculpturadas e inscriptas — objectos artisticos ou symbolicos — pelo extraordinario da sua significação e pelas circumstancias excepcionaes de jazida, requer demorada e meticulosa vistoria.

Assente a probidade indubitavel dos dois meritorios investigadores (fundamental garantia que está além d'este inquerito scientifico, extranho ás provas de ordem moral), é bastante que se verifique a exactidão dos factos a analysar, sua situação chronologica e archeologica, isto é, primeiro que tudo, rectificação dos caractéres de contextura e fórma e das condições especiaes de jazida.

Verifica-se por simples analyse directa, quanto á natureza d'esses objectos, que derivam de proveniencias locaes; são constituidos de materiaes procedentes das formações gneiss-graniticas que caracterisam este districto geologico, onde vulgarmente se encontram as fachas ou nodulos dioriticos, de facil polido, e os *microgranitos* ou *granulitos*, de textura gresiforme, de que são manufacturados os objectos de variada esculptura e as pedras gravadas com desenhos e arabescos de semelhança alphabetica. Entre outros peritos technicos, examinou estes objectos o distincto professor do curso de minas da Academia Polytechnica, o nosso amigo M. Rodrigues Miranda, o qual depõe o seu attestado quanto á propriedade dos caractéres petrographicos, evidentemente regionaes e authenticos.

A série é extensa, de correcta harmonia, e ha por força que generalisar o indiscutivel caracter de peças com natureza e fórmas de immanente verdade.

Quanto ás condições de jazida, notar-se-ha que alguns objectos, particularmente os da primeira categoria, se encontram geralmente em todas as *antas*, accumulando-se em umas, quando n'outras rareiam ou desapparecem; os da segunda categoria foram encontrados na sua maioria dentro de um unico megalitho, meio destruido, de n.° VIII, fig. 9; eis, desde já, um caso de notoria excepção.

Entretanto, embora tenha sido manifestamente tumultuaria a exploração e descurada a investigação das effectivas condições de jazigo, é certo que são geraes por todos estes depositos archeologicos os vestigios de profundo remechimento e de successivas violações desde remotas epochas. Propriamente verifiquei este facto, que os descobridores d'esta série de megalithos tambem apontam e que egualmente referem o Dr. Henrique Botelho e Dr. José Fortes.

Não obstante, d'esta ciscumstancia, que é commum e geral, não devem inferir-se argumentos de invalidade em prejuizo dos documentos archeologicos em questão, pois que é esse um caracter inherente á constituição d'estes depositos, de natureza clastica, como outras congeneres formações geologicas superficiaes de diversas epochas, nas quaes intervieram agentes cosmicos e a propria acção do homem e das civilisações.

A contemporaneidade d'este curioso mobiliario e dos dolmens que o contiveram adeante se discutirá, quando vier a preceito.

Entrementes, admittir-se-ha de boa fé, com rasão e fundamento, toda esta documentação scientifica, a qual bem merece dos especialistas demorado estudo.

Sobremenda considero estas descobertas das antas de Alvão como de muito notavel luzimento para a geral palethnologia, a tanto monta o valor d'estas novas contribuições para a sciencia nacional, em seu proprio dominio, e assim tambem para o problema geral e historia das civilisações. Por esta razão de facto, e com devida venia, me permitti anteceder a memoria do R. P. Brenha com esta prévia introducção, acrescentando tambem a seguir mais um capitulo, no qual serão apresentados os commentarios que merece a valiosa série de documentos prehistoricos dos *Dolmens do Concelho de Villa Pouca d'Aguiar*.

Accentuar-se-ha então, sobre estes novos e expressivos elementos, a these de autonomia original das civilisações occidentaes, desde remota origem, justificando-se bastantemente nas suas caracteristicas manifestações, fóra dos classicos moldes e prolixas descendencias orientaes, adrede confeccionadas em hieraticas linhagens de erudita, por vezes, cabalistica urdidura. Antepondo á secular *miragem oriental* — assim a denomina S. Reinach — uma these de pronunciado e justo *occidentalismo*, parece evidente, salvo o parecer de quem melhor sentir e soubér, que o problema resulta d'esta maneira em equação nos seus justos e exactos termos. É de resto uma antiga opinião adquirida, pela qual em outros pequenos escriptos me tenho accusado, consciente de caminhar assim logicamente e com acertamento.

Sobre tal os factos o vão confirmando, como ao deante veremos.

RICARDO SEVERO.

DOLMENS OU ANTAS NO CONCELHO DE VILLA POUCA D'AGUIAR

(TRAZ-OS-MONTES)

PELO

Rv. P.e JOSÉ BRENHA

O estimavel archeologo transmontano, P.e Raphael Rodrigues, natural da freguezia de Tellões, concelho de Villa Pouca d'Aguiar, informou-me de que no seu concelho havia verdadeiras necropoles neolithicas, sendo notavel a da Serra do Alvão, onde existiam em bom estado de conservação muitos dolmens, que ia explorar, convidando-me para o auxiliar n'esses trabalhos. Da melhor vontade accedi a este convite, marcando-se para essas explorações as férias do Natal de 1894, quando unicamente os meus serviços escholares me permittiam fazêl-o, apezar da impropria occasião pelo agreste da região n'essa epocha do anno.

As explorações, que juntos realisamos, começaram desde principio a ser coroadas de bom exito, o que nos incitou a continual-as, vencendo algumas difficuldades que nos appareceram. Além d'outras, mencionaremos a furia dos sonhadores de thesouros encantados, que, não se convencendo de que procuravamos só pedras, nos inutilisaram alguns trabalhos começados e que eramos obrigados a suspender, remechendo varios dolmens, onde encontraram alguns objectos, que tentaram vender em Villa Real e depois inutilisaram por não lh'os pagarem como queriam; e ainda a intimação que recebemos do ex.mo snr. Governador Civil de Villa Real, movida não sei por quem, para depositarmos todos os objectos encontrados na administração do concelho e suspendermos todos os trabalhos começados.

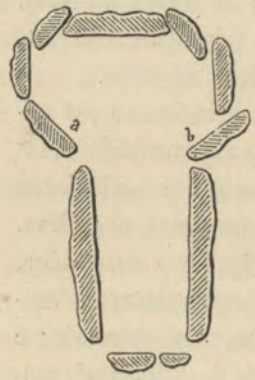
Estas e outras contrariedades, que são bem conhecidas das pessoas que se entregam a estes trabalhos, foram compensadas pela grande quantidade de objectos encontrados, principalmente votivos, amuleticos ou idolares, verdadeiras preciosidades para a historia do homem neolithico d'esta região, sendo alguns novidade para a archeologia portugueza, como, referindo-se a elles, declara o Dr. Leite de Vasconcellos na sua obra *Religiões da Lusitania*, vol. I. pag. 341: «encontraram os referidos ecclesiasticos uma notavel série de figuras de pedra, que não tem nada que se lhe pareça no que por ora se conhece da nossa prehistoria.»

O rev. Raphael Rodrigues já publicou dispersamente n'*A Vida Moderna* de 1895 e 1896, n.os 20 e seg., n'*O Archeologo Português*, vol. I, n.º II, pag. 36, n.º XII, pag. 344, e em differentes numeros da *Encyclopedia das Familias*, noticias descriptivas d'estas explorações e d'alguns objectos encontrados, e no livro *Religiões da Lusitania*, vol. I, o Auctor em differentes pontos da sua obra refere-se a estes nossos trabalhos, reproduzindo a pag. 342 o desenho d'uma pedra zoomorphica por nós encontrada, que com mais alguns objectos foram adquiridos para o Museu

Ethnographico Portuguez, por intermedio do ex.mo snr. conselheiro Antonio d'Azevedo; mas, apezar d'estas descripções e referencias, não se poderá conhecer o valor e a riqueza archeologica d'estas explorações, nem d'alguns objectos se fará idéa, sem que as descripções sejam minuciosas e acompanhadas dos desenhos dos objectos o que procurarei fazer quanto ser possa, apresentando algumas considerações ethnographicas que me suggerirem.

Os objectos descriptos poderão ser examinados por quem quizer, ou no Museu Raphael Rodrigues, em Tellões, Villa Pouca d'Aguiar, ou no Museu Brenha, na Povoa de Varzim.

Ha em toda a provincia transmontana grande quantidade de dolmens, principalmente no concelho de Villa Pouca d'Aguiar, onde se encontram, quer espalhados, quer reunidos em grupos importantes; ora completos e bem visiveis, ora incompletos, restando d'alguns apenas a mamôa com a caracteristica depressão no centro. O Dr. Pedro A. Ferreira, ex-abbade de Miragaya, tendo conhecimento da grande quantidade de dolmens, que havia n'esta região, cognominou-a de «patria dos dolmens».



Escala $\frac{1}{100}$

Fig. 1.—Dolmen n.º 1

Os grupos mais importantes d'este concelho são: o da «Chã das Arcas», Carrezêdo do Alvão, composto de 10, o de «Trandeiras», de 7, o da «Portella da Chã», de 4, o do «Frieiro», de 4, o da «Lixa do Alvão», de 5, o da «Falperra», etc., todos situados ao Occidente de Villa Pouca, n'uma área de cinco kilometros quadrados, e conhecidos vulgarmente pelo nome de «casas dos mouros», «fornos ou arcas»; o grupo dos «Penedos Alvos», de 6, os da «Lagôa», etc., situados ao Oriente de Villa Pouca, na freguezia de S. Martinho de Bornes e conhecidos pelo nome de «madôrras ou madornas».

Muitos mais havia n'este concelho, como em Tinhella, Capelludos, Minheu, Parada de Monteiros, Cabugueira, etc., dos quaes só restam signaes da mamôa.

Os povos neolithicos d'esta região procuravam para a construcção dos seus monumentos funerarios os planaltos e logares elevados, ficando os da Serra do Alvão situados entre 900 a 960 metros d'altitude; os dos Penedos Alvos a 1049 metros, e os da Lagoa entre 1050 a 1060 d'altitude.

Para a construcção de tantos e tão numerosos dolmens n'uma região relativamente pequena era preciso que houvesse grande densidade de população e uma permanencia durante muito tempo do homem neolithico n'esta região; e apezar d'isso nenhuns restos de habitações humanas encontramos. Povos que tanto cuidado e trabalho tinham para a construcção da moradia dos mortos, não faziam grande caso da habitação dos vivos: para os mortos eram precisos dolmens feitos de grandes pedras e protegidos por montes de terra, que, apezar de tudo, pode-

ram chegar intactos até nós, attestando-nos a crença da duração da vida futura; para os vivos bastavam simples cabanas de ramos ou ligeiras tendas de pelles, o abrigo natural d'um rochedo ou talvez a cavidade d'alguma arvore.

Os dolmens d'esta região, a avaliar pelos que estavam mais completos, eram formados pelas «mamôas» *(tumuli)*, monticulos de terra envolventes e protectores, e pela parte lithica, que constituia a «camara», parte principal, e a «galeria» de entrada mais ou menos extensa.

A «camara» é sempre polygonal e formada em geral de sete grandes pedras, que collocavam, não lado a lado, mas algo imbricadas e appoiadas na pedra da cabeceira, pedra collocada em frente á galeria e que primeiro era levantada e fixada.

Cliché de R. S. Fig. 2. — Dolmen n.º 1

Esta pedra é de formato mais regularmente rectangular, mostrando muito mais cuidado na escolha e até em algumas parece haver signaes de terem soffrido algum apparelho. As outras começavam a ser collocadas, appoiando n'esta em angulo obtuso, com a parte mais larga para baixo e adelgaçada para cima, formando polygonos irregulares, tendo sensivelmente a mesma altura que a da cabeceira e com o lado mais liso e regular para dentro. A espessura das pedras regula por $0^{m},25$. A camara era coberta por uma grande pedra chamada *mesa*, *tampa* ou *chapeu*.

As pedras da «galeria», de numero variavel, e que mesmo parecem faltar em alguns dolmens, estão collocadas parallelamente, têm metade da altura das da camara e deviam tambem ter (em alguns pelo menos) cobertura. A galeria é voltada para o Oriente.

A fórma polygonal da camara e a collocação das grandes pedras de que é formada, algo imbricadas, parece propria só dos dolmens do norte de Portugal. São assim os dolmens que exploramos em Villa Pouca e alguns outros que conhecemos de Traz-os-Montes. Tem esta fórma o dolmen da «Barrosa», freguezia de Gontinhães, Caminha. [1] São d'este formato os dolmens do concelho da Figueira, explorados pelo Dr. Santos Rocha e descriptos na sua obra. [2]

Escala $\frac{1}{100}$

Fig. 3.—Dolmen n.º IV

Este modo de construcção dolmenica vae-se modificando para o sul (Algarve), sendo a camara do dolmen formada, ora por uma unica fiada de pedras, mas unidas «lado a lado», [3] ora reforçada externamente por um circulo de grandes pedras, [4] ora feita por fiadas horisontaes, [5] tendendo a camara a tomar a fórma circular, que é propria do fim da edade neolithica.

De todos os dolmens, que eu e P.e Raphael Rodrigues exploramos, os mais importantes são os da «Chã das Arcas», Carrezêdo do Alvão, não só pela boa conservação dos monumentos, pois estavam ainda alguns envolvidos pela mamôa, cobertos com a mesa e intactos, o que não encontramos em nenhum dos outros grupos, mas principalmente pelo valioso e desconhecido mobiliario funerario que encontramos.

Começarei por este grupo que descreverei minuciosamente.

Na «Chã das Arcas», planura de mais de dous kilometros de extensão por um de largo, que se estende para o sul da povoação de Carrezêdo do Alvão, freguezia de Soutello do Valle, concelho de Villa Pouca, cortada na parte norte pela estrada real que liga esta Villa a Guimarães, encontra-se uma vasta necropole neolithica, formada por varios dolmens, dispostos em volta d'um nucleo central composto de cinco, collocados em fórma de quina, os quaes irei descrevendo por ordem da sua disposição no local.

I.—Este dolmen é formado por onze pedras, das quaes sete fórmam a camara, duas a galeria e duas pequenas fechando a entrada, como se vê na (fig. 1) onde se mostra a disposição das pedras, largura e comprimento do dolmen. Não

---

[1] Descripto no *Compte Rendu* do Congresso prehistorico de Lisboa em 1880, pag. 350, pl. I.

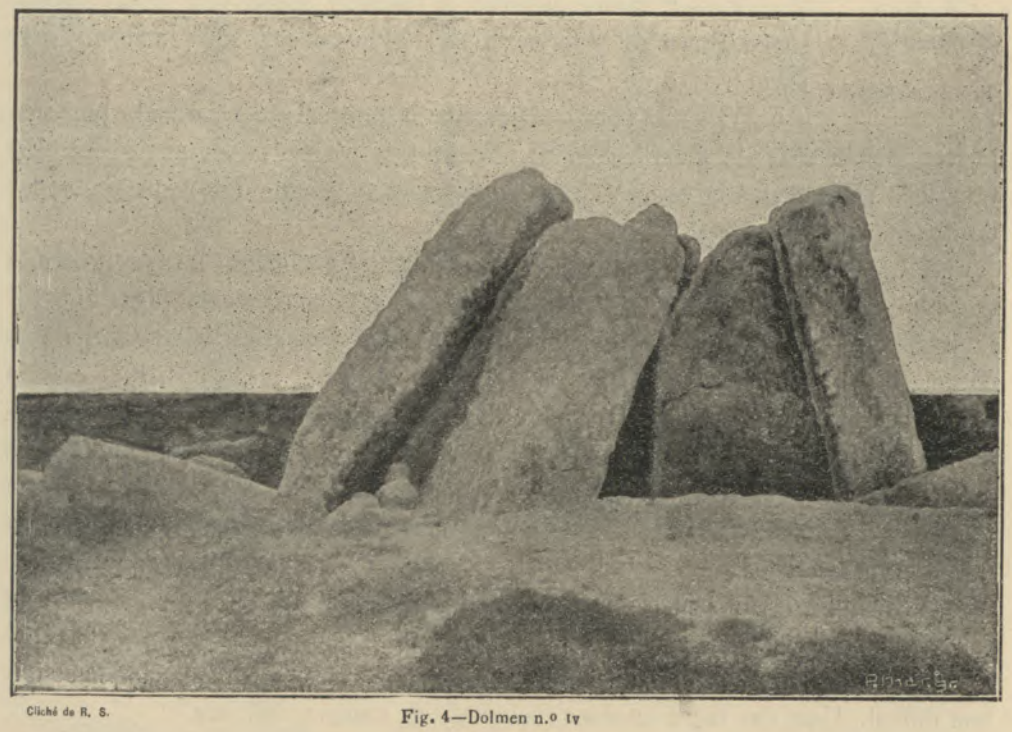
[2] *Antiguidades Prehistoricas do Concelho da Figueira*; a pag. 123, fig. 162, descreve o A. o de «Santo Amaro da Serra», (lado sul); a pag. 18, fig. 5, o da «Carniçosa» na Serra de Brenha; este ultimo tem já uma camada externa de pequenas pedras a protegel-o.

[3] Dolmen descripto nas *Antiguidades Monumentaes do Algarve* por ESTACIO DA VEIGA, vol. III, pag. 136 e 157.

[4] *Ob. cit.*, pag. 134.

[5] *Ob. cit.*, pag. 183 e 220.

tinha cobertura. A mamôa era pouco visivel, occultando comtudo toda a galeria. Todas as pedras da camara tinham sido cortadas á cunha rentes ao solo, excepto as duas da entrada que na figura vão indicadas com as lettras *a* e *b*. Foi excavado por homens da povoação n'um dos intervallos das nossas explorações e n'elle encontraram differentes objectos, machados, facas de silex, que tentaram vender e depois inutilisaram. Em 1895 o Dr. Leite de Vasconcellos n'este dolmen encontrou, entre outros objectos, duas pontas de lança em fórma de folha de loureiro, não apparecendo em nenhum dos outros dolmens eguaes a ellas. Na terra revolvida encontramos um pequeno amuleto com desenho d'animal, contas pequenas lisas, res-



Cliché de R. S.

Fig. 4—Dolmen n.º IV

tos de ceramica, carvão, etc. Visitando esta necropole, o snr. Ricardo Severo em 1901 tirou uma photographia d'este dolmen (fig. 2).

II. — Está collocado a W. d'um regato que de S. a N. atravessa a Chã n'um sitio humido e lamacento dentro d'uma bouça em cuja parêde se encontram pedras d'elle. A mamôa está desfeita e do dolmen só restavam tres pedras deslocadas da posição primitiva. Só vimos restos de ceramica muito fraccionada, mostrando signaes de cosedura.

III. — D'elle só restam tres esteios ou pedras da camara e a mamôa d'um lado; tendo sido excavada do outro lado, para os carros poderem carregar as outras pedras que lhe faltam. Era ladrilhada a camara. Os esteios que restam têm quatro metros d'altura, sendo por isso o mais alto de todos.

IV.—É formado por onze pedras, sete da camara, das quaes duas estão cortadas á cunha rentes ao solo, e quatro da galeria, duas grandes collocadas ao comprido e duas pequenas, que poderiam servir para fechal-a (fig. 3). A galeria ainda tinha parte da cobertura. A mesa da camara está cahida sobre a galeria. A mamôa quasi desfeita põe a descoberto este monumento. Era pobre o mobiliario que continha: uma faca de silex, dous pequenos machados, contas lisas (pedras esphericas), restos de ceramica, carvões, etc. É semelhante ao dolmen n.º 1. Foi photographado em 1901 pelo snr. Ricardo Severo, e representado na fig. 4.

Escala $\frac{1}{100}$

F. 5.—Dolmen n.º v

V.—É muito pequeno e formado apenas por cinco pedras, sem signaes de galeria. Estava todo coberto pela mamôa. Nada encontramos de notavel n'este dolmen (fig. 5).

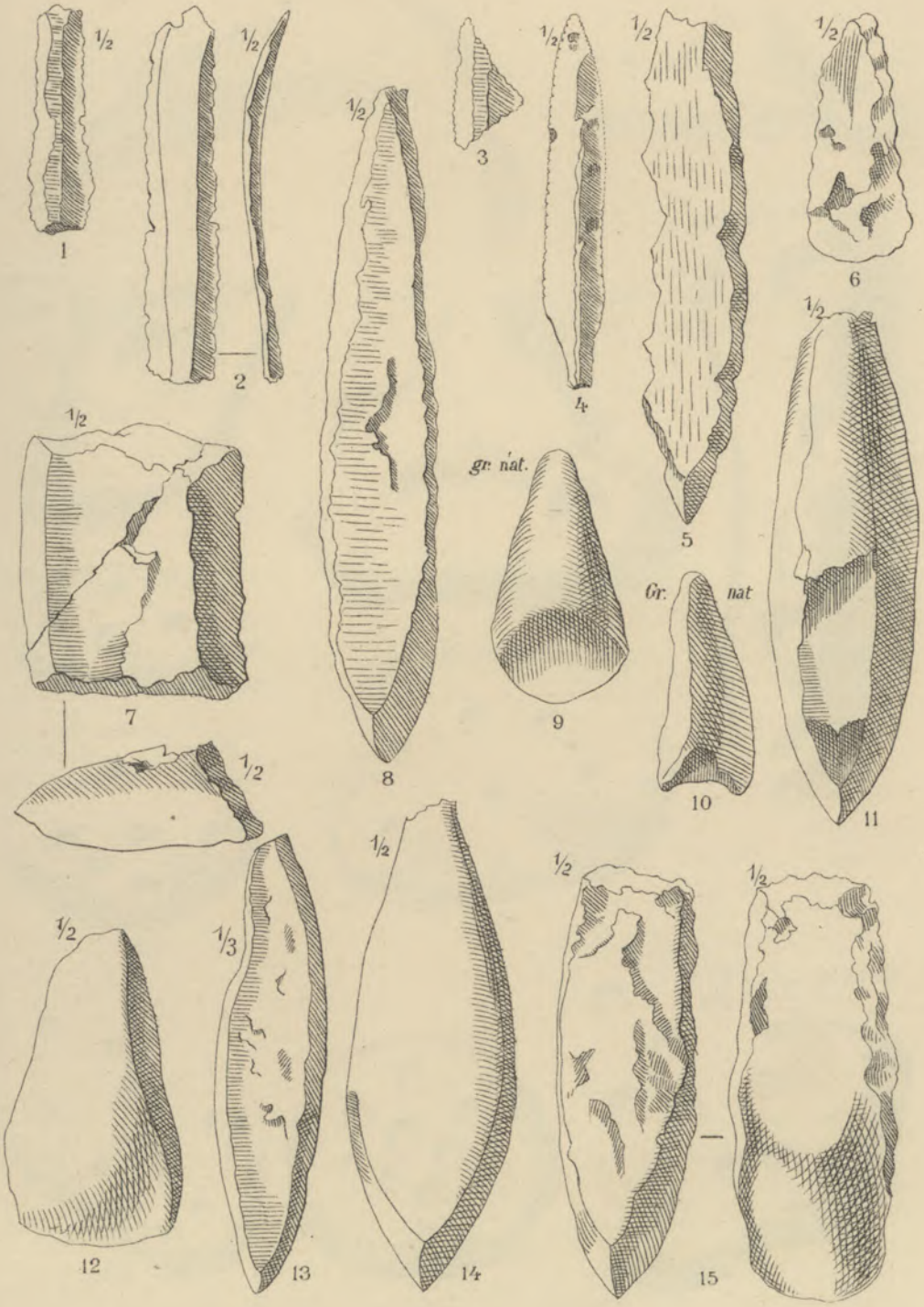
VI.—É pouco maior que o antecedente e formado por sete pedras, sendo duas da galeria (fig. 6). Na camara parece faltar uma pedra. Estava todo coberto pela mamôa. Continha machados pequenos, um raspador, restos de ceramica, carvões, etc.

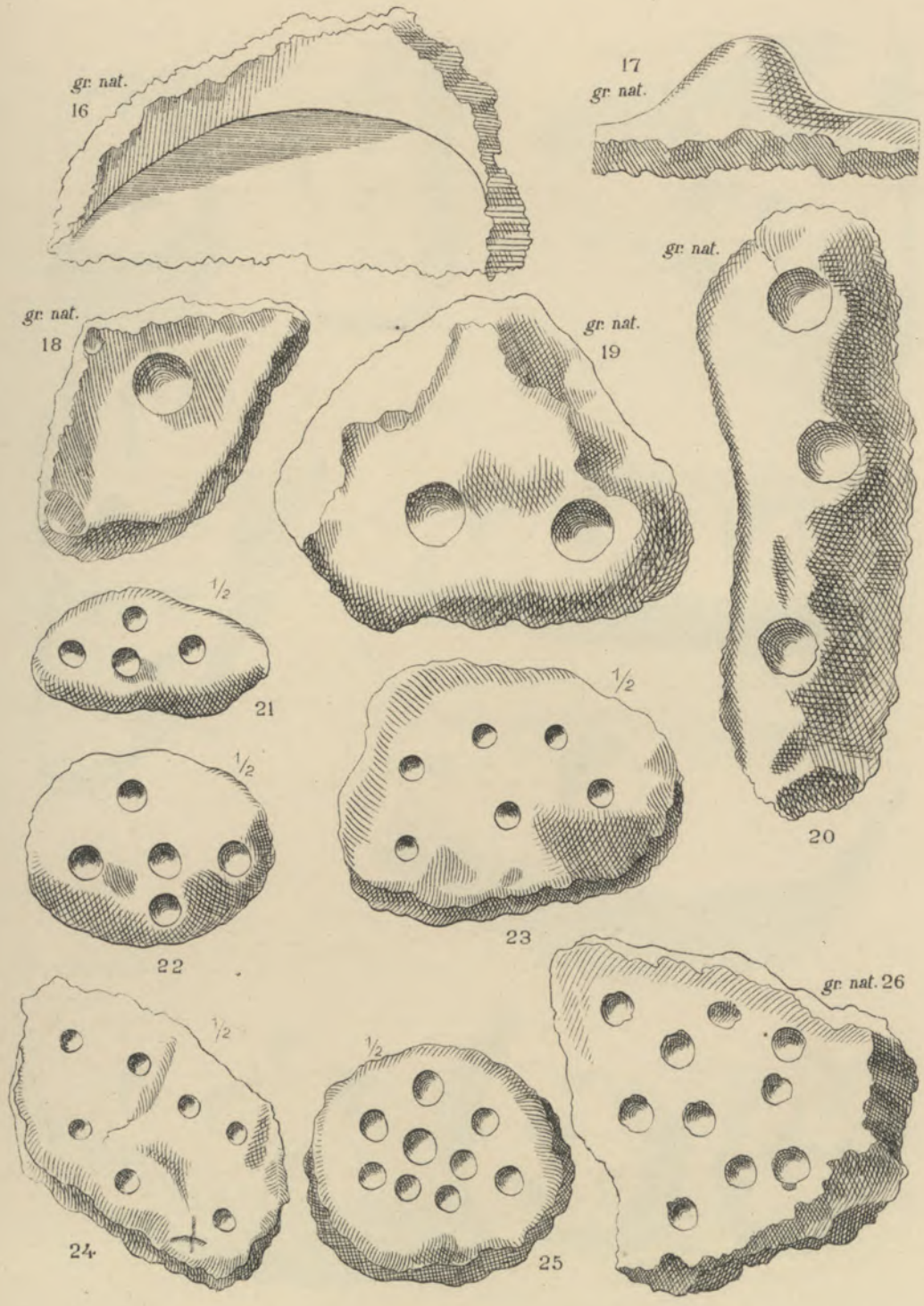
VII.—A cobertura da camara estava ao lado em cima da mamôa, que está quasi nivelada com o terreno pondo a descoberto o monumento (figs. 7 e 8). Compunha-se de quatorze pedras, oito da camara, onde parece faltar uma, e seis da galeria. Encontramos aos lados da pedra da cabeceira, machados, e na galeria uma faca de silex. Á entrada da camara havia lascas de pedra, egual á dos machados. Uma photographia tirada na occasião da visita do Dr. Henrique Botelho, de Villa Real, foi publicada no *Archeologo Português*, de 1896, a pag. 232. Já nada resta d'este dolmen. Todas as pedras foram arrancadas para a parede d'um tapado que fizeram em 1901.

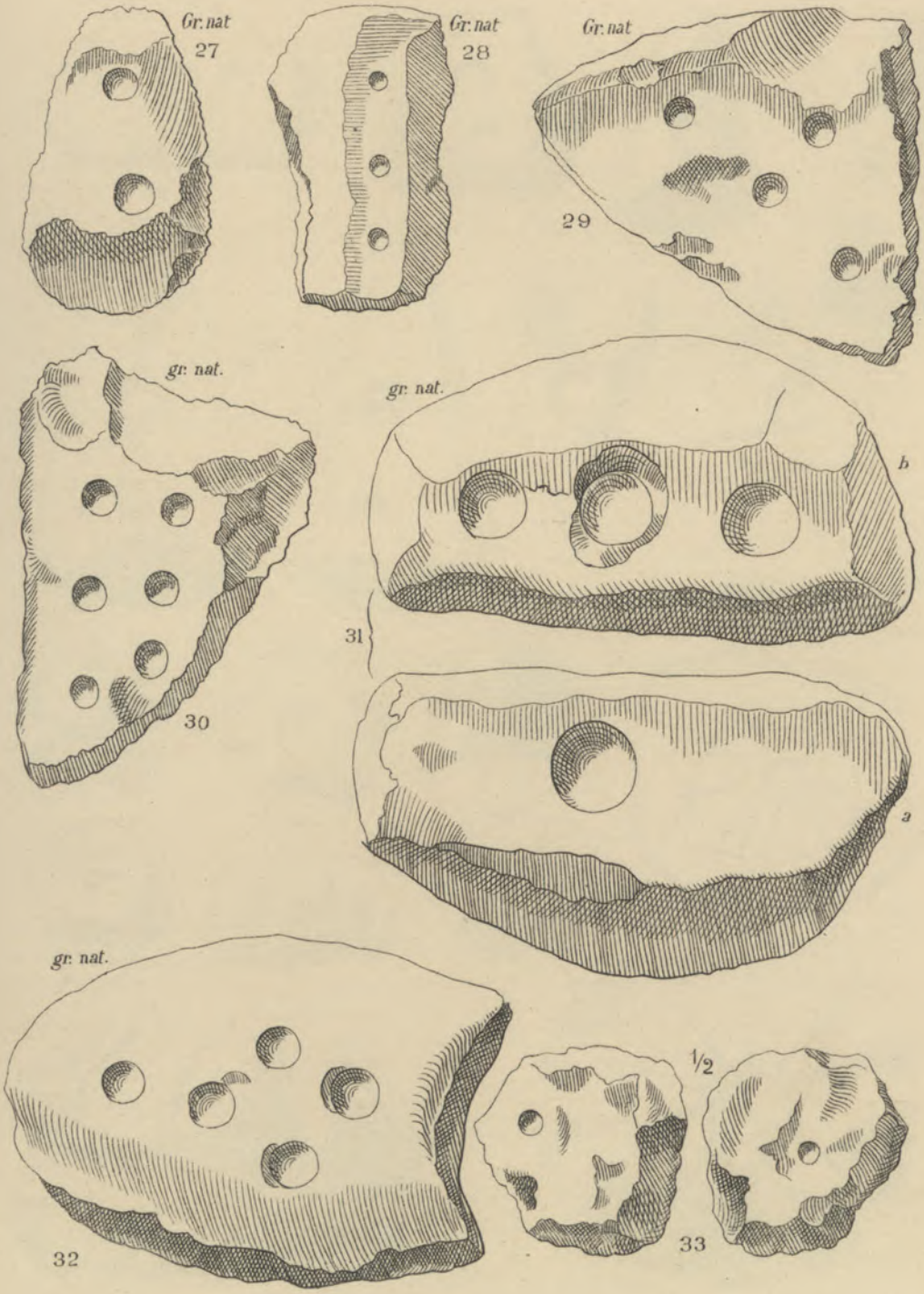
VIII.—Devia ter galeria mas não existem pedras d'ella. Uma grande lage estava em cima da mamôa, cobrindo todo o dolmen, que parecia de pequena altura. Desviada algum tanto a cobertura, por ahi começamos a exploração que se tornou difficil. Uma das lages lateraes (lado sul) da camara, que era formada de sete grandes pedras, tinha cahido para dentro d'ella, ficando perpendicular ao solo e segurando a cobertura, dividindo a camara em duas partes. Todas as outras pedras estavam muito inclinadas para dentro e quasi como cahidas. A pedra que tinha cahido para o interior parece mostrar que este dolmen nunca esteve cheio de terra interiormente, senão a pedra deslocando-se não tomaria aquella posição. O solo da camara era ladrilhado e estava coberto por uma pequena camada d'areia regularmente espalhada, continha pouca terra e esta levada pelas chuvas. A camara deveria ser a maior de todas d'este grupo (fig. 9). O mobiliario que n'este dolmen encontramos, que é o mais extraordinario possivel, mostra que elle em logar de ser um monumento funerario, era talvez um templo ou sacrario onde a tribu depositára e guardára tudo

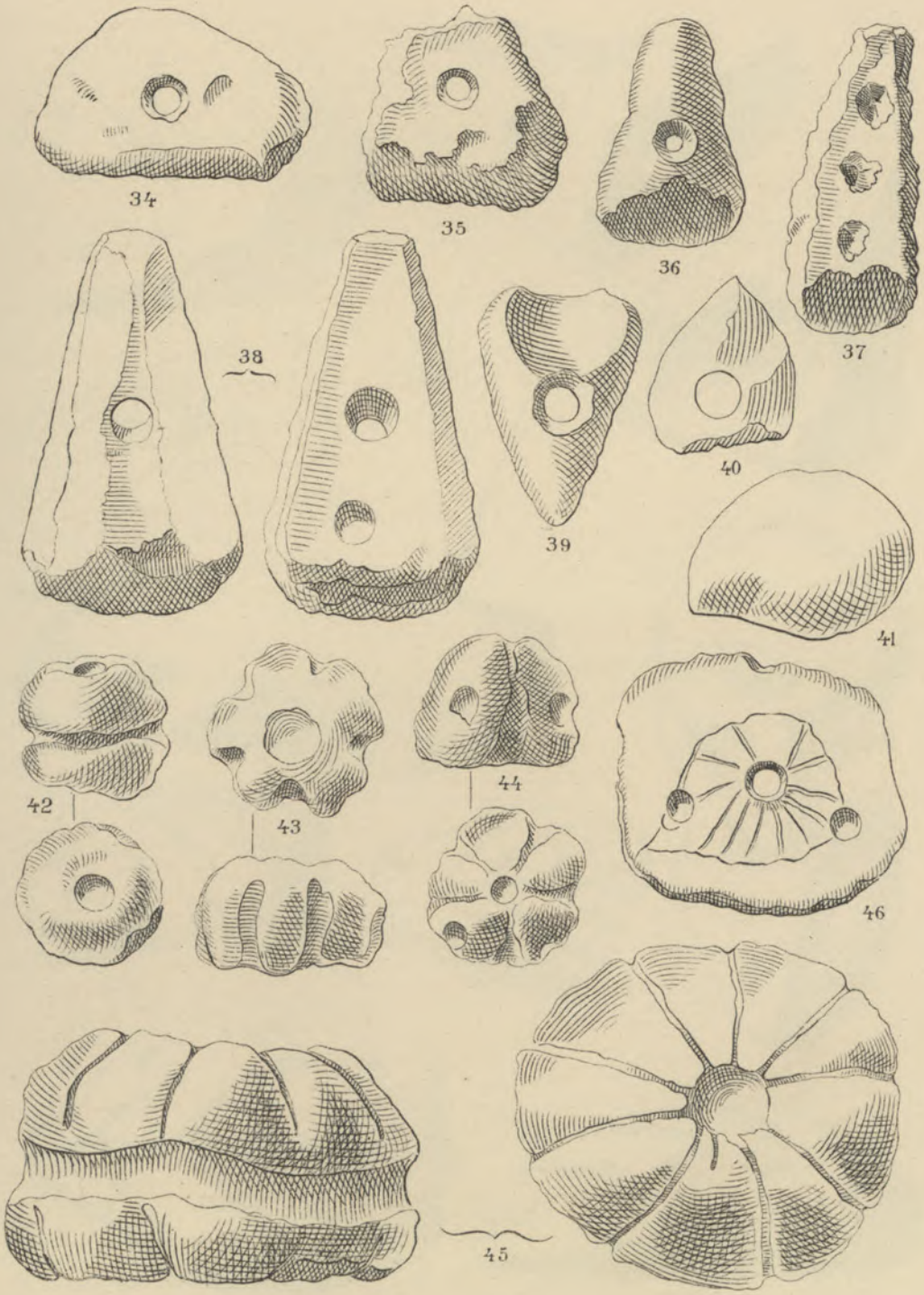
Escala $\frac{1}{100}$

F. 6.—Dolmen n.º vi

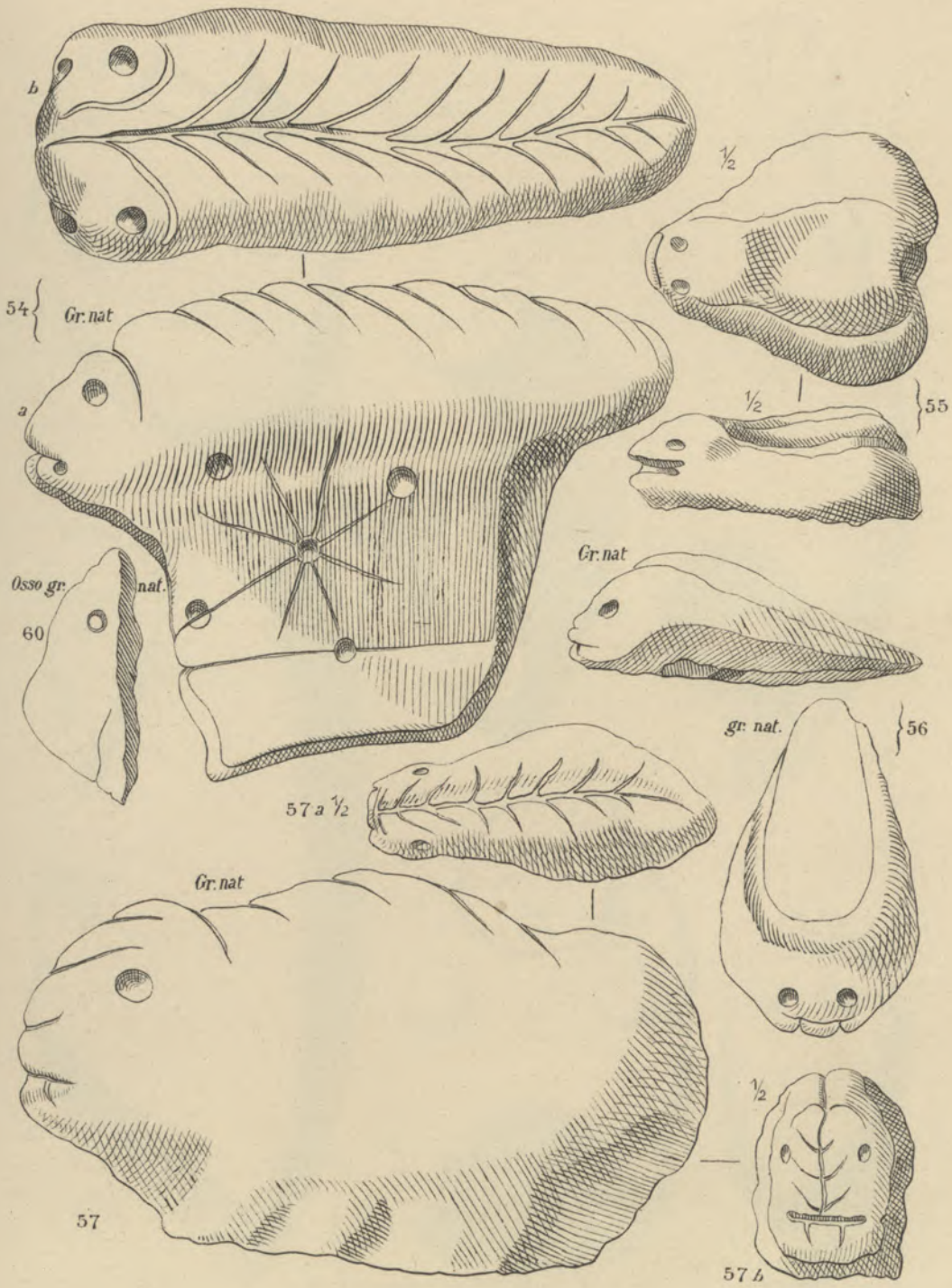

1/2
1
1/2
2
3
1/2
4
1/2
5
1/2
6
1/2
7
1/2
8
gr. nat.
9
Gr. nat
10
1/2
11
1/2
12
1/3
13
1/2
14
1/2
15
1/2

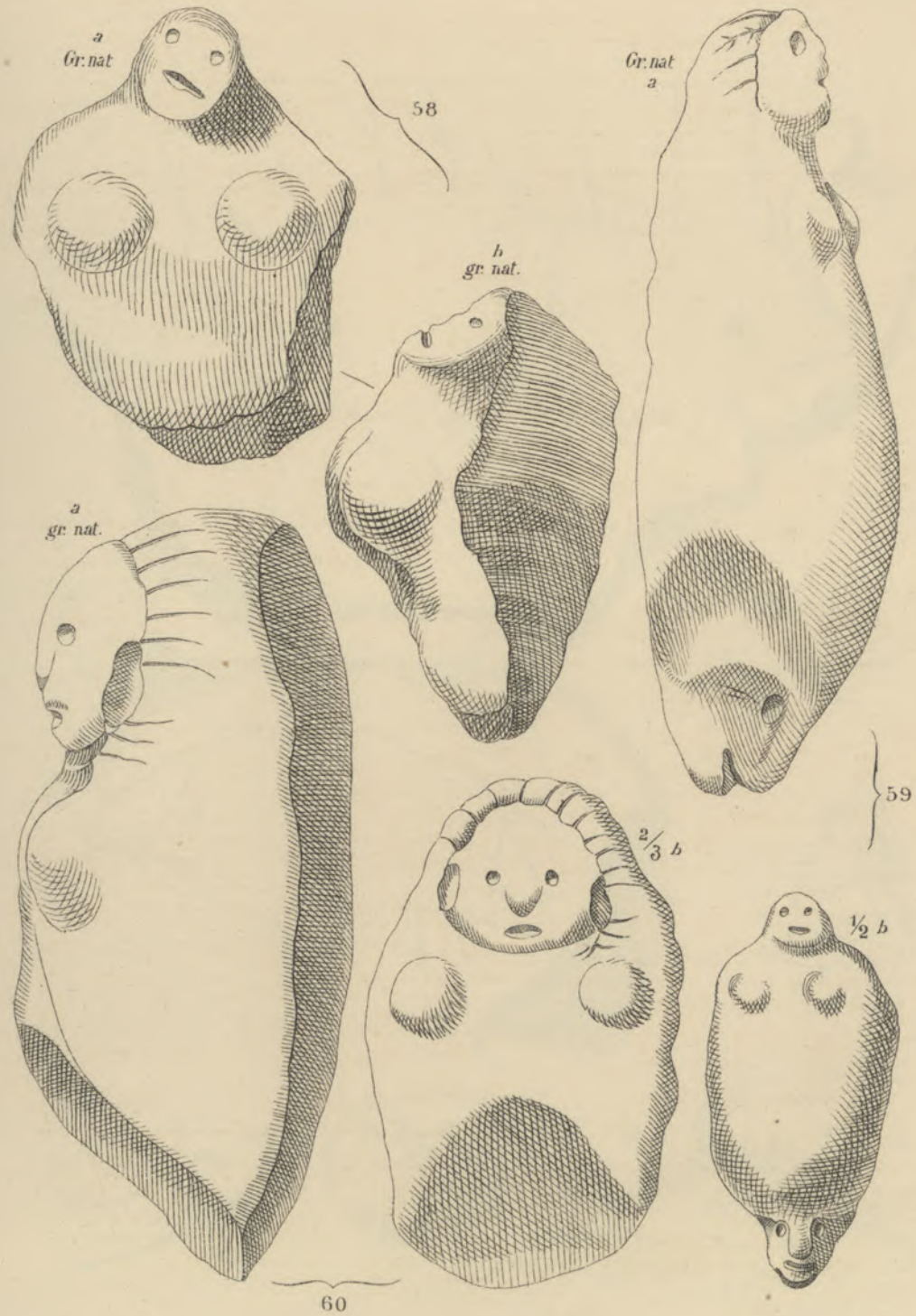

gr. nat.
16
17
gr. nat.
gr. nat.
gr. nat.
18
gr. nat.
19
1/2
21
1/2
23
1/2
22
gr. nat. 26
1/2
24
1/2
25
20

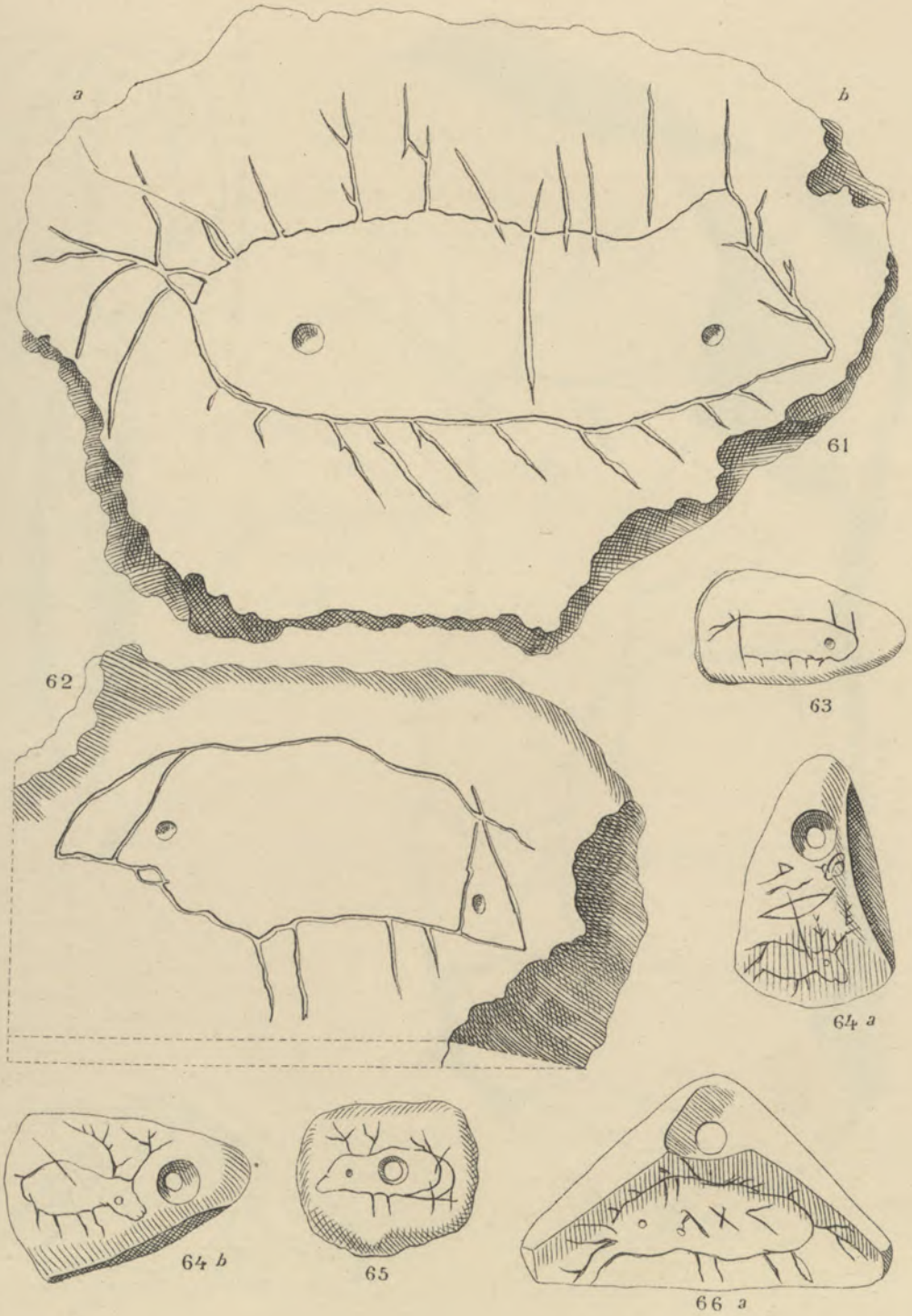

Gr. nat
27
Gr. nat
28
Gr. nat
29
gr. nat.
30
gr. nat.
31
b
a
gr. nat.
32
1/2
33

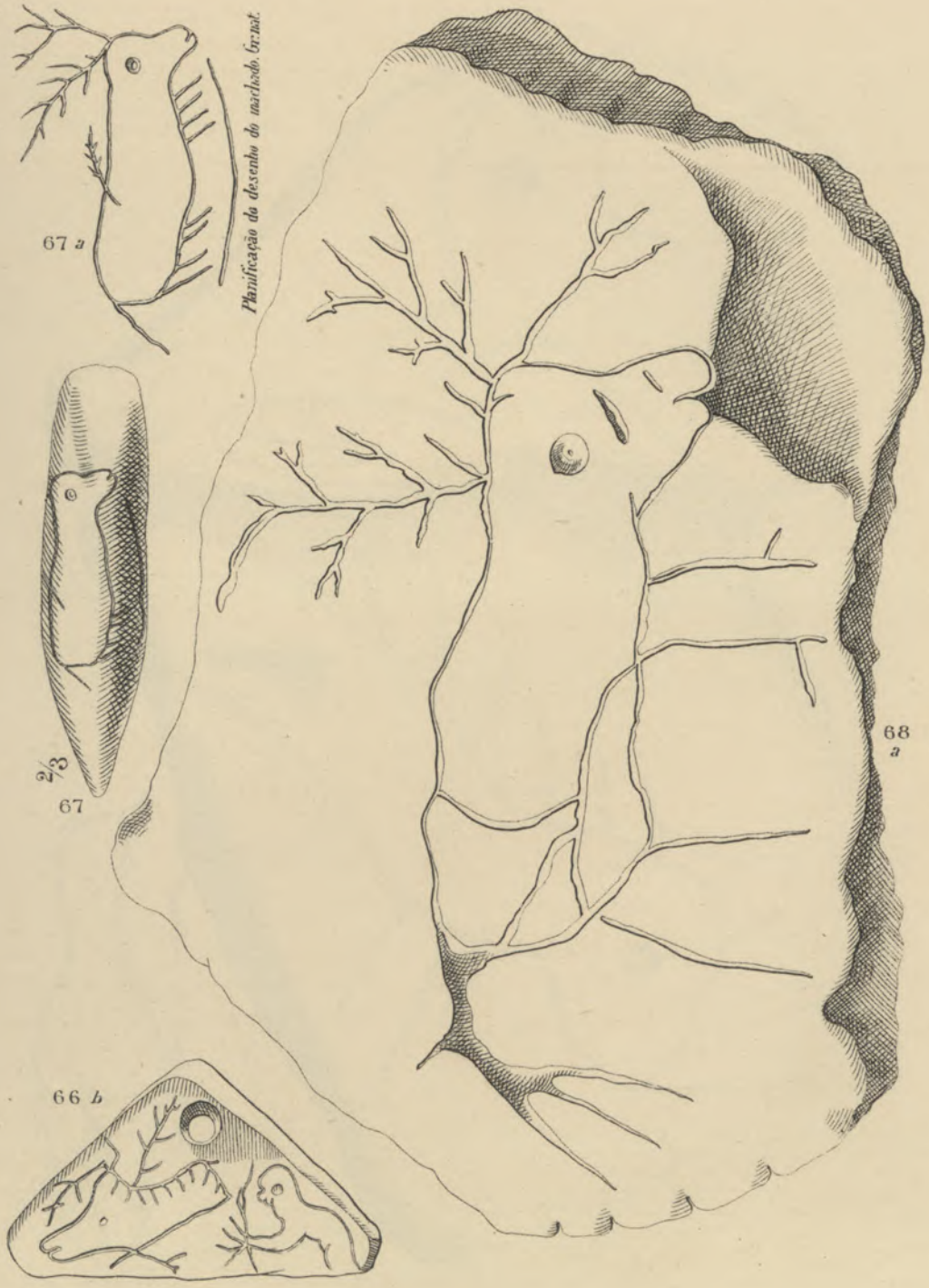

34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46

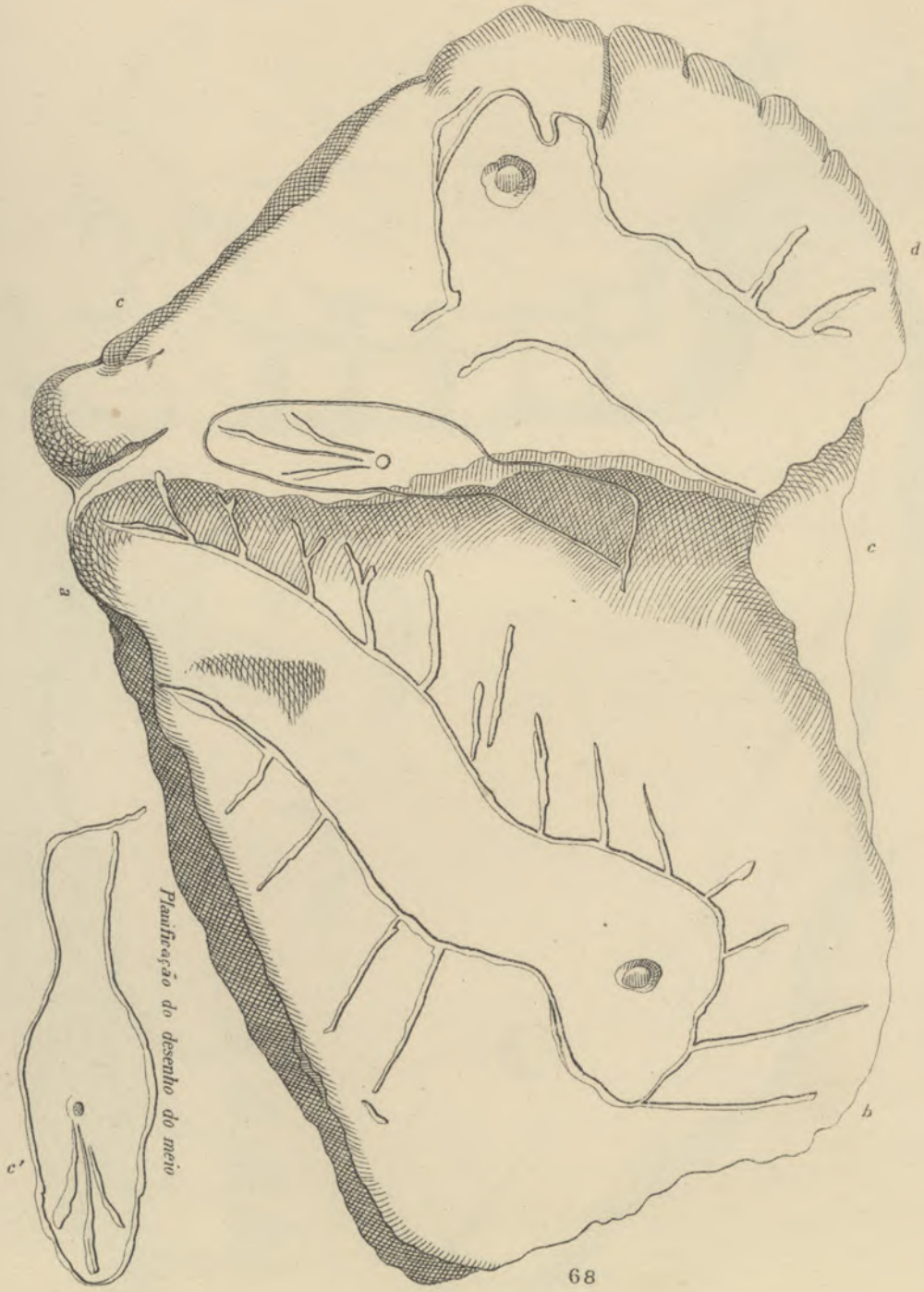
1/2
47
49
gr. nat.
Gr. nat
48
51
Gr. nat
gr. nat.
50
1/2
1/2
52
1/2
53
1/2


b
1/2
54
Gr. nat
a
1/2
55
Osso gr. nat.
60
Gr. nat
gr. nat.
56
57 a 1/2
Gr. nat
57
1/2
57 b

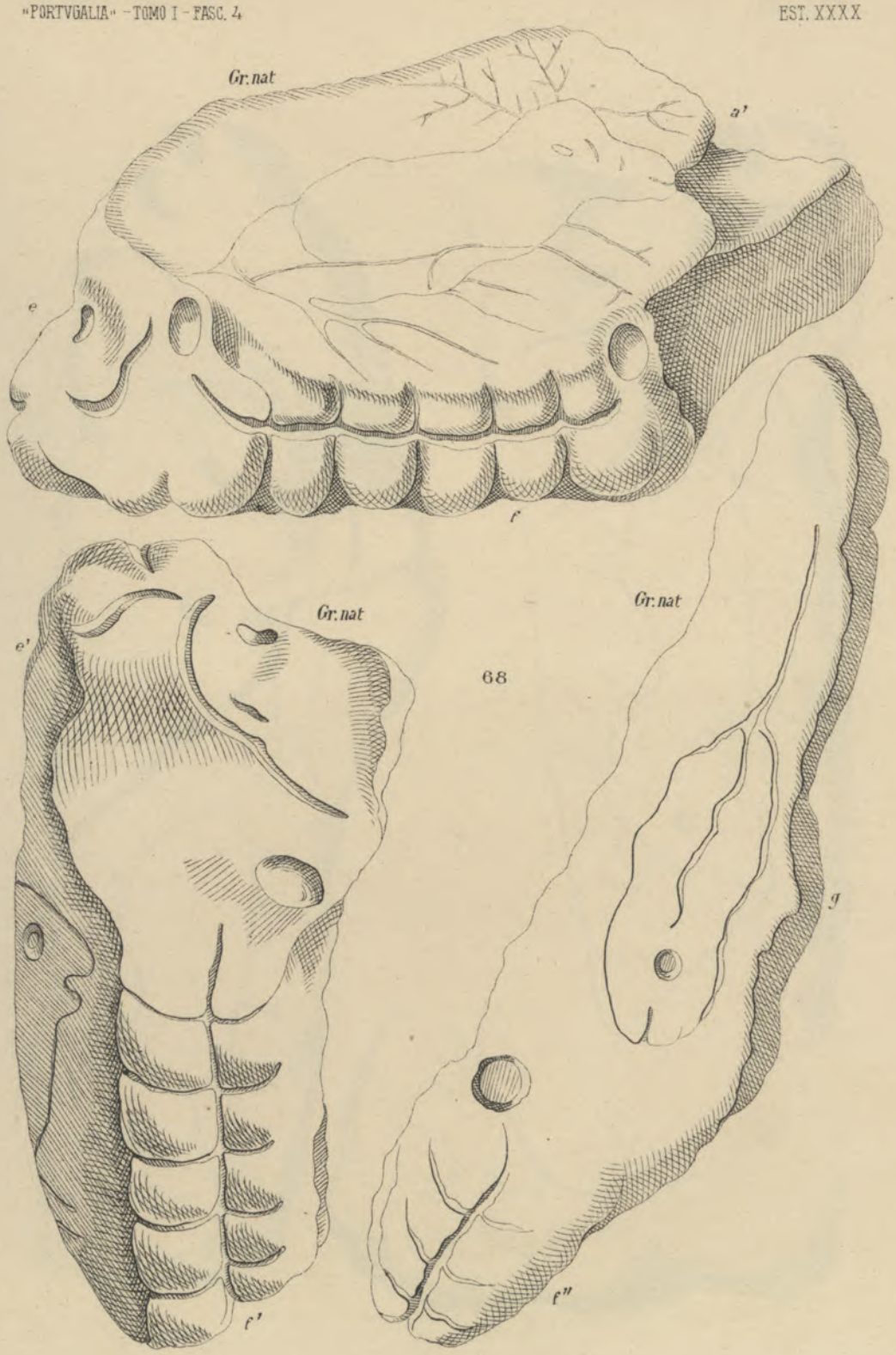

a
Gr. nat
58
b
gr. nat.
Gr. nat
a
a
gr. nat.
59
2/3 b
½ b
60

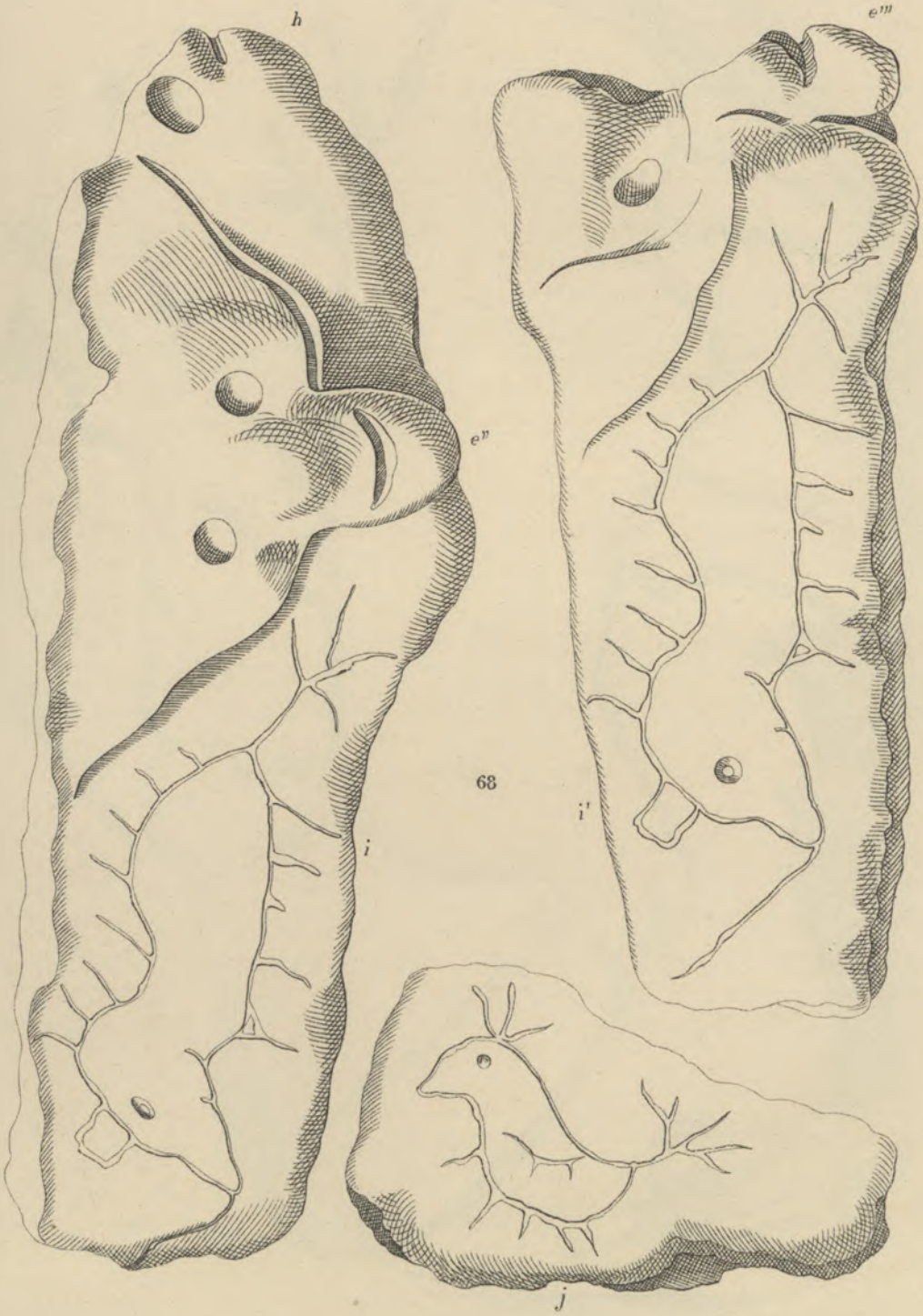

a
b
61
62
63
64 a
64 b
65
66 a

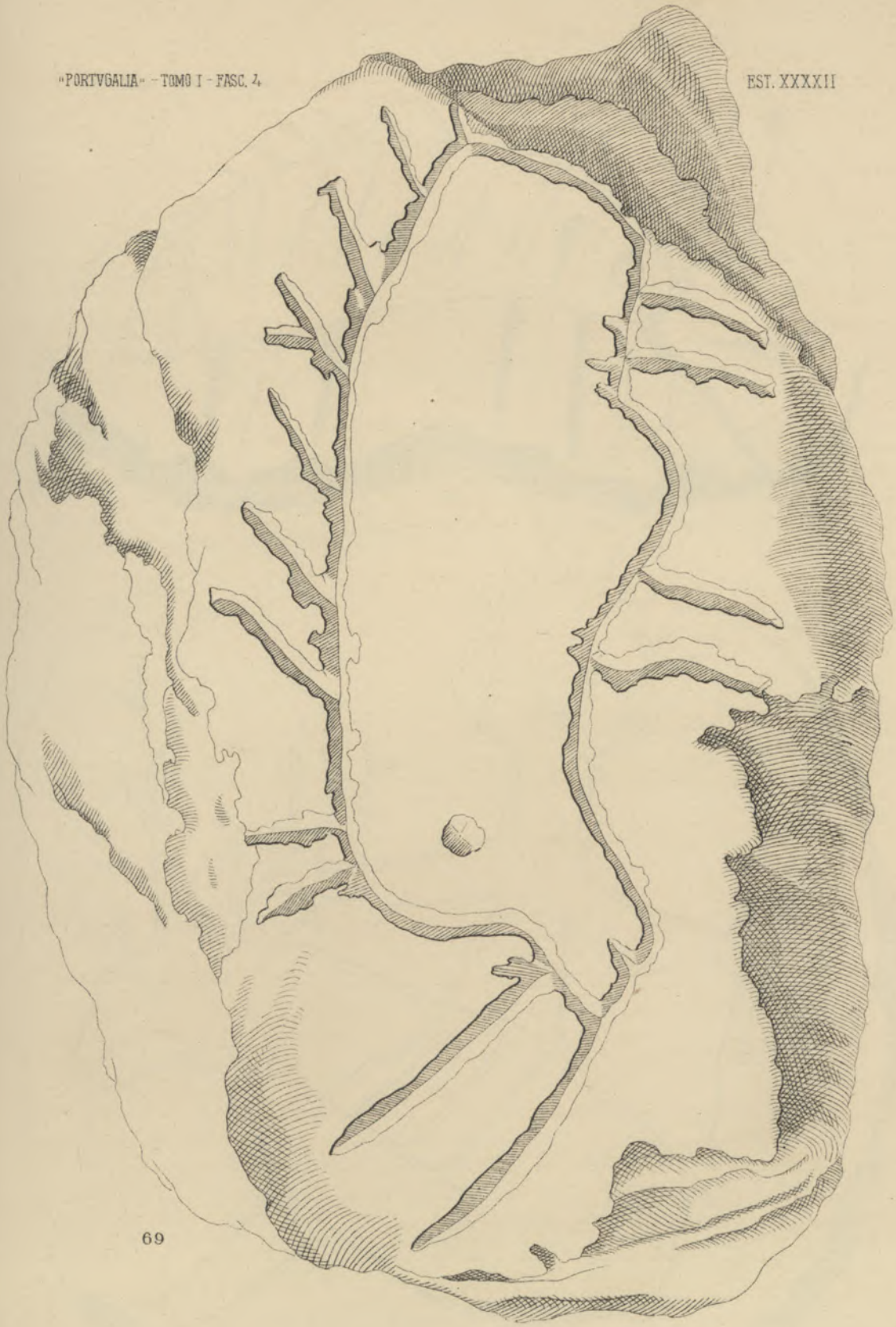

67 a
Planificação do desenho do machado. Gr. nat.
2/3
67
68
a
66 b



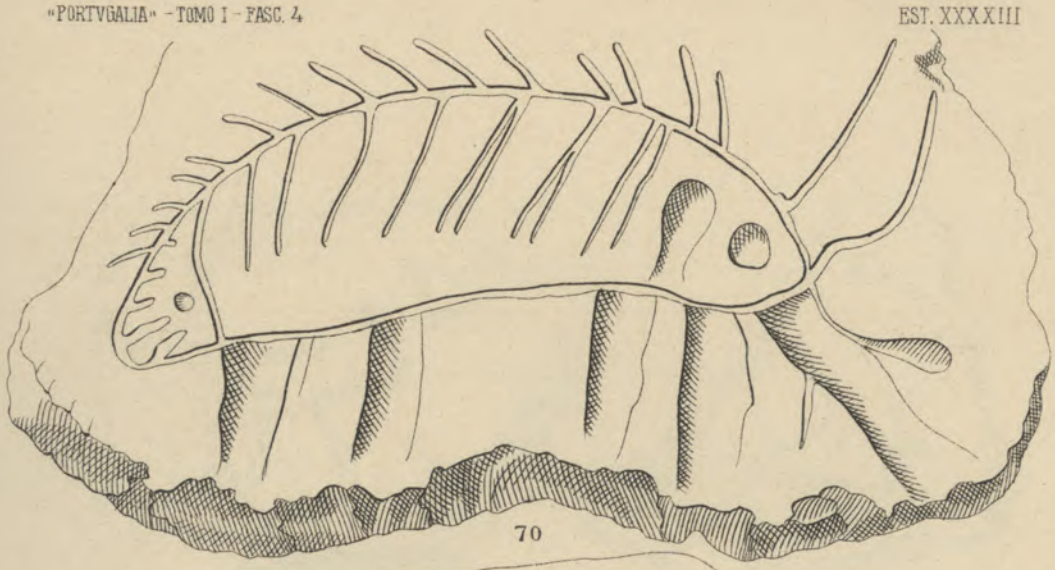
Planificação do desenho do meio


Gr. nat
a'
e
f
Gr. nat
e'
Gr. nat
68
g
f'
f''

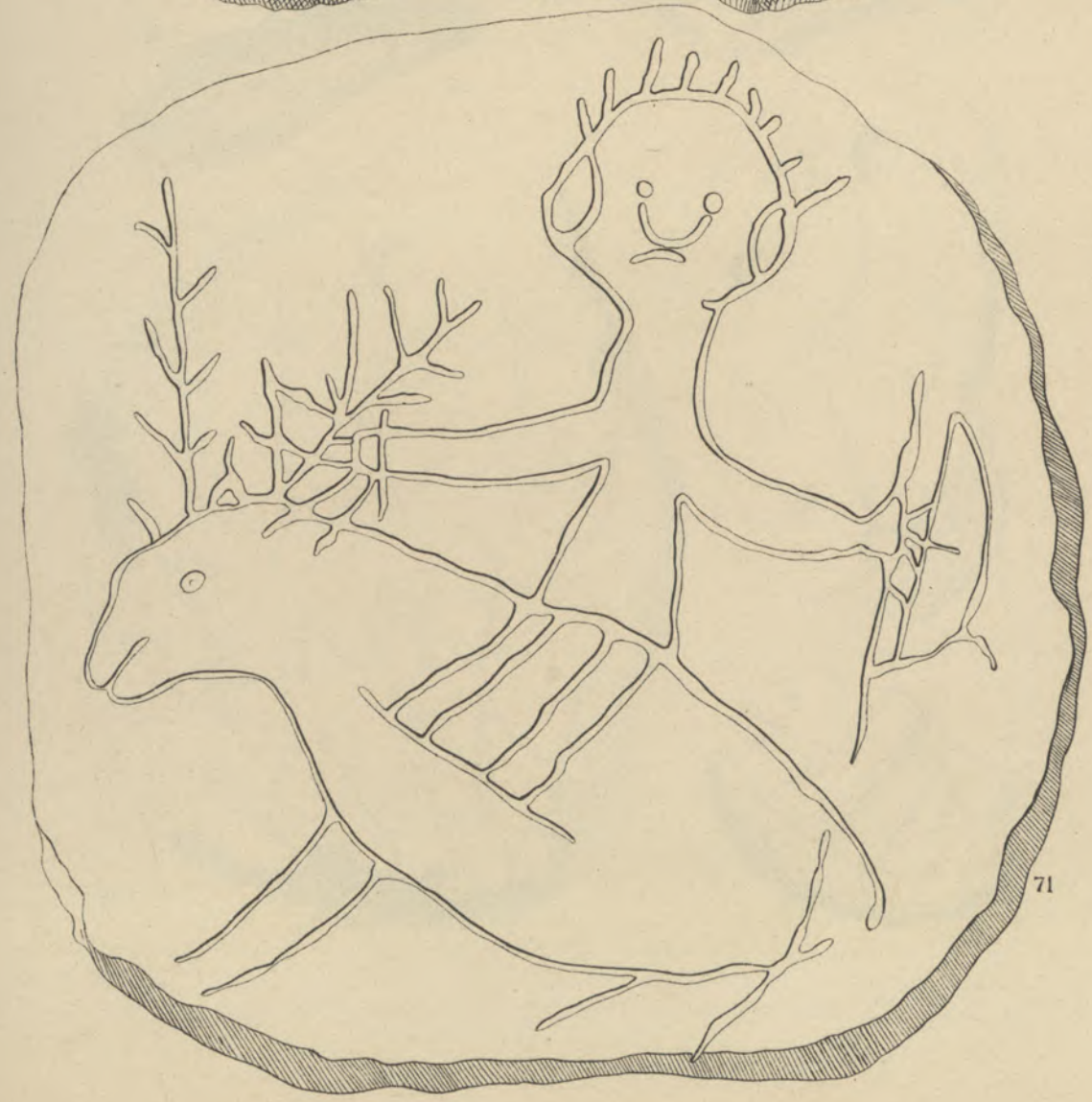

h
e'''
e''
68
i'
i
j



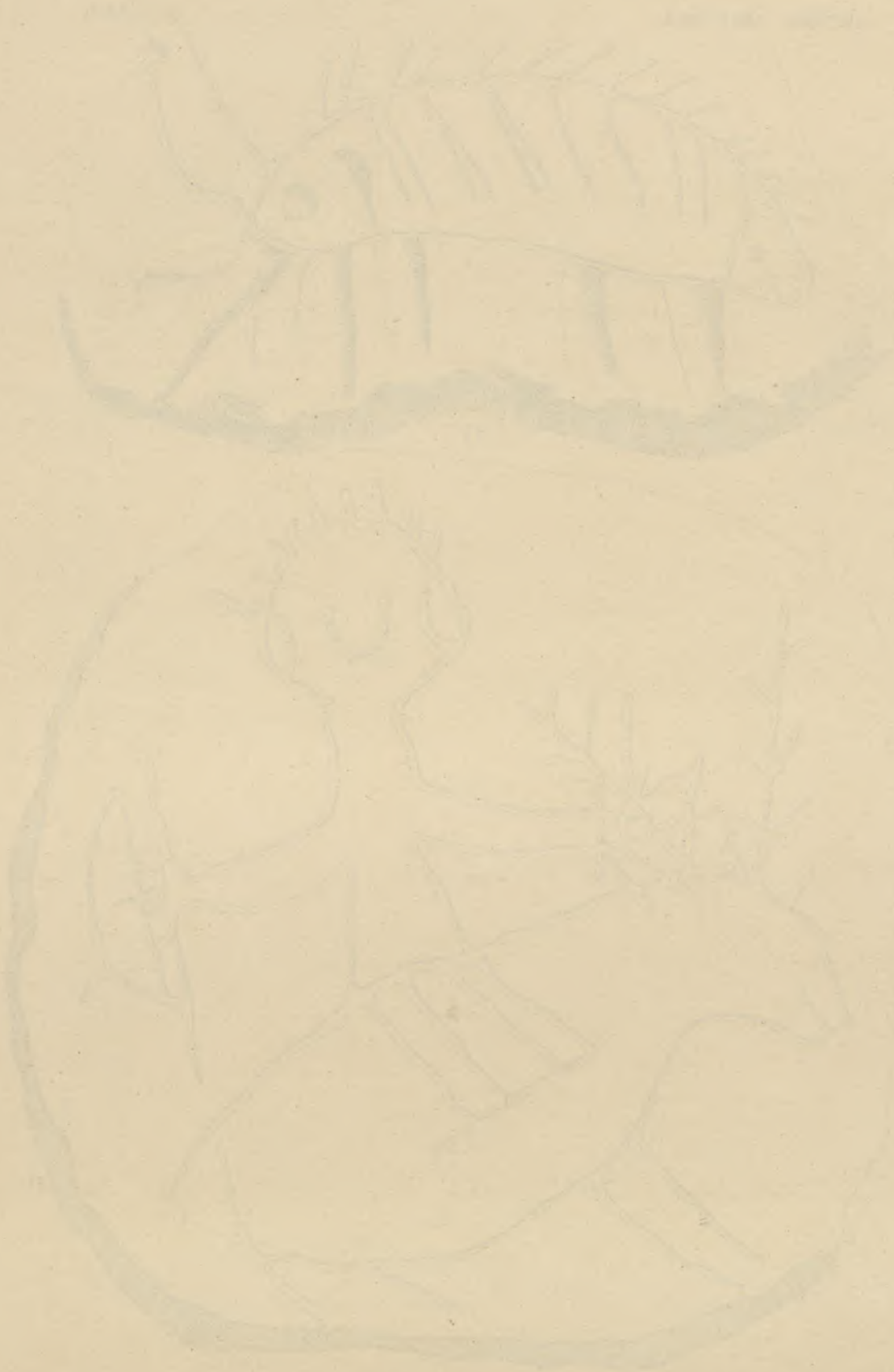
69



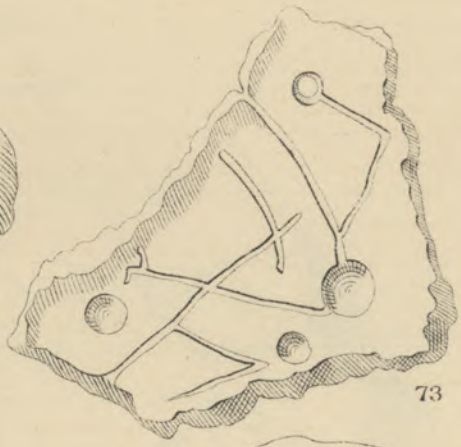
70



71

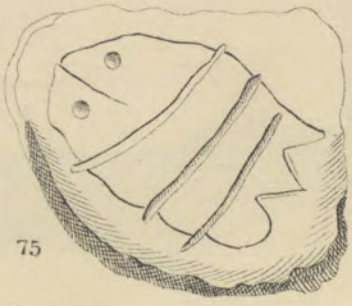


72

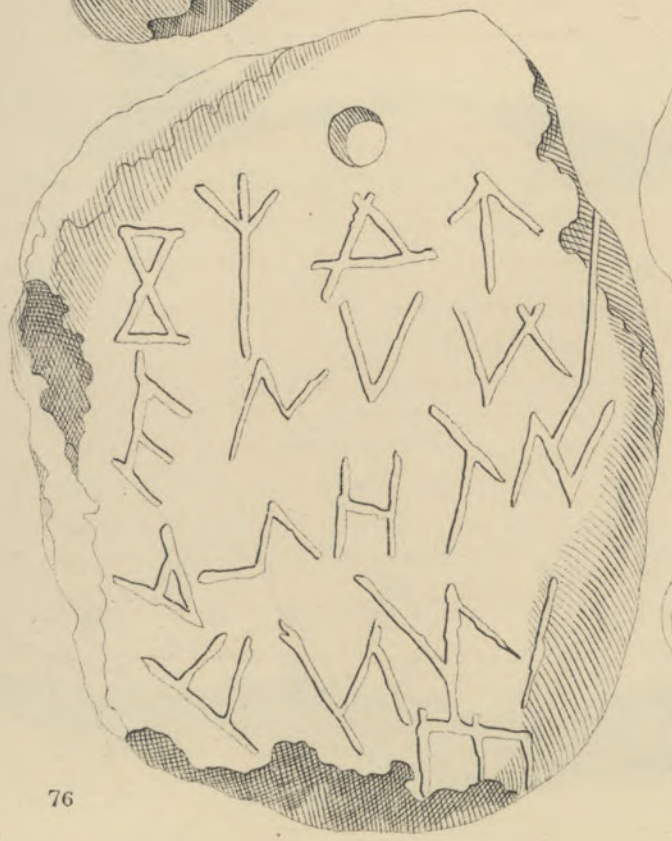


73

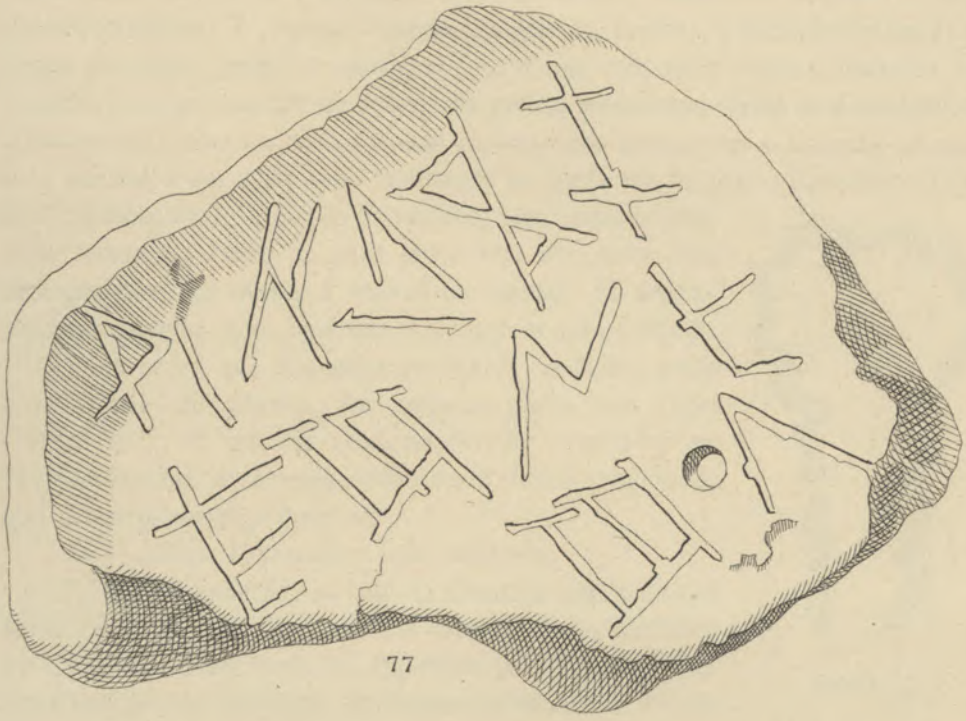
74



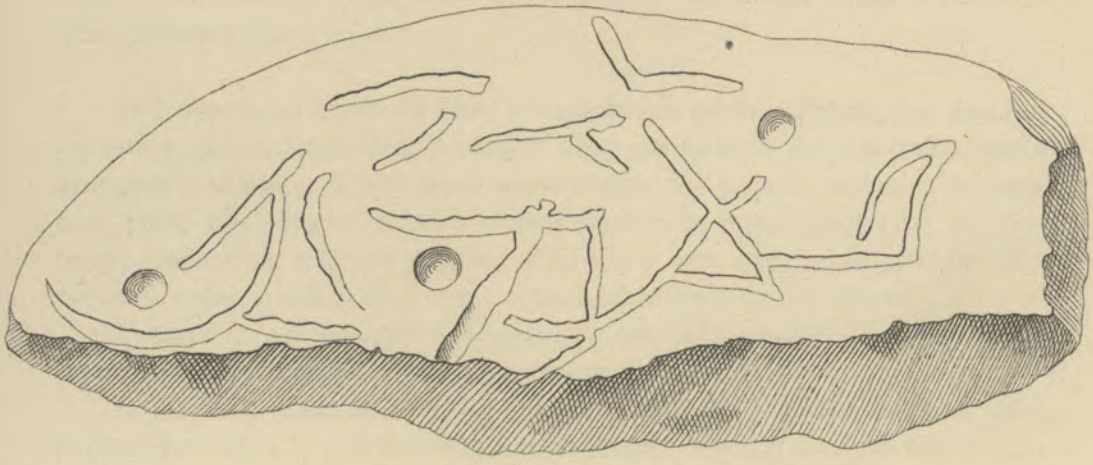
75



76



77



78

aquillo que respeitava e adorava ou que continha as tradições de seus antepassados.

Encontramos n'este dolmen: amuletos de pequenas pedras em fórma de amendoa, de mitra, de dente, de coração, etc.; amuletos de pedra furados, em fórma de raspadeiras, machados, triangulos, tendo differentes desenhos d'animaes e scenas da vida primitiva; 7 pequenas pedras irregulares, furadas, e encontradas juntas em fórma de collar, tendo os orificios cheios d'uma substancia negra e unctuosa que poderia ter sido uma tira de couro; 12 pedras globulares, tendo só d'um lado, ou d'ambos, uma cova ao centro d'onde partem raios divergentes e havendo em algumas um sulco em volta onde facilmente se ataria um fio para suspensão; 10 pedras zoomorphicas; 4 bustos de mulher; uma pequena pyramide triangular tendo de dous lados uma cova com raios divergentes e dos outros a cara d'um animal; 15 pedras, algumas grandes, com desenhos d'animaes e scenas venatorias; uma pedra que denominamos «Arca de Noé», tendo nove animaes desenhados; uma pequena pedra com traços (caractéres?); 2 grandes amuletos furados, aguçados em raspadores, com inscripções, tendo um d'elles o symbolo do sol; materias córantes diversas.

Fig. 7.—Dolmen n.º VII

IX.—Estava devassado e todo revolvido.

X.—Está collocado no alto da Caturina com a mamôa muito visivel e sem cobertura. Foi excavado pelas mulheres de Carrezêdo. Mais tarde foi explorado pelo snr. Dr. Henrique Botelho, de Villa Real. Não tenho conhecimento dos objectos encontrados n'elle. Este dolmen, envolvido ainda pela mamôa, é formado por oito pedras (a camara), sendo a cabeceira formada por duas pedras, unico facto observado n'estes dolmens, que poderia ser motivado pela difculdade que teriam de transportar para lá uma só pedra para formar a cabeceira d'um grande dolmen (fig. 10).

O grupo da «Portella da Chã» é formado por quatro dolmens, dos quaes só um estava em boas condições. A camara d'este era formada por sete pedras, tendo dous metros d'altura. N'este grupo apparecêram: um pequeno moinho e o respectivo pilão, tres objectos de silex, alguns crystaes de rocha (amuletos?), um raspador, tendo d'um lado tres covinhas e do outro uma, onde se adaptam perfeitamente os dedos, e seis pedras com covinhas em numero de um até seis.

O grupo de «Trandeiras» é formado por sete dolmens, todos de mui pequena capacidade. Só encontramos um pequenino machado de barro.

O grupo da «Lixa do Alvão» é formado por quatro pequenos dolmens, todos incompletos, sendo as pedras toscamente escolhidas. Encontramos um instrumento em fórma de punhal, só com uma extremidade aguçada, um pequeno machado nas

mesmas condições e uma lamina de pedra schistosa, que poderia servir de serra (est. xxx, fig. 4). Todos estes instrumentos são muito imperfeitos e mal acabados.

O grupo do «Frieiro» é formado por quatro dolmens incompletos e algum tanto devassados. N'um appareceu, formando o solo da camara, uma pedra com trinta e duas covinhas, coberta por uma compacta camada de cinza com ossos meios queimados. O estado de conservação dos ossos parece indicar que elles não datam da epocha neolithica. Esta pedra vem desenhada no livro *Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 359.

N'outro dolmen appareceu um machado aguçado d'um lado em furador, um outro pequeno de barro que se inutilisou e um amuleto furado.

Grupo dos «Penedos Alvos». Só restam as mamôas, faltando-lhes toda a parte lithica dos monumentos. N'um encontramos uma ponta de lança, dous amuletos furados com inscripções (?), e uma série de pedras com covinhas em numero de um a nove; n'outro, um vaso de barro, contendo cinzas, que não foi possivel tirar inteiro, e uma pedra com o symbolo do sol.

Os da «Lagôa» estão todos incompletos e devassados. Apenas n'um encontramos um machado de schisto verde, e dispersas em volta e á superficie muitas pedras com uma cavidade d'um lado, tendo de diametro $0^m,1$ e de profundidade $0^m,03$, e outras com a cavidade d'ambos os lados, como se as quizessem furar, mas estas todas quebradas.

Em «Capelludos», perto do cemiterio parochial, appareceu um machado neolithico e uma pedra em fórma de faca ou cutello, tendo d'um lado caractéres (?) semelhantes aos dos amuletos do Alvão. Bem perto estão os restos d'um dolmen.

Estes differentes agrupamentos dolmenicos, quer pequenos como os de Trandeiras, quer imperfeitos e de toscas pedras como os da Lixa, quer grandes como os da Chã das Arcas, com mobiliario differente — pedras com covinhas nas da Portella da Chã e Penedos Alvos, instrumentos imperfeitos na Lixa, 13 machados no dolmen n.° 7, pontas de lança no n.° 1, pedras com animaes desenhados, etc., no n.° 8 — deviam pertencer a diversas tribus e até a differentes classes da mesma tribu.

Não encontramos objecto algum de metal nos dolmens que exploramos; e todos os objectos encontrados são caracteristicamente e indubitavelmente da epocha neolithica, o que facilmente se vê, examinando os desenhos dos mesmos instrumentos, que, por não divergirem das fórmas conhecidissimas dos instrumentos d'esta epocha, apenas mencionarei.

Objectos de silex. — São relativamente mui pouco numerosos os objectos de silex que encontramos, e — a não ser as duas pontas de lança que levou o snr. Dr. Leite de Vasconcellos e que devem existir no Museu Ethnologico Portuguez, e algumas pontas de settas — reduzem-se á typica fórma de faca ou raspador (est. xxx, figs. 1, 2 e 3).

Machados ou hachas. — Appareceram de todas as fórmas e tamanhos, desde o machado simplesmente aguçado no fio e sem mais trabalho, ou aguçado e desbastado, até ao todo polido. Uns pequenos, que só poderiam ser utilisados ligados a alguma haste, ou como symbolos, e outros maiores, proprios para serem usados só com a mão. De fórma ovoide, triangular ou de cunha, e de secção quadrangular, trapezoidal ou oval, etc. Outros instrumentos appareceram como raspadores, pontas de lança, etc., que reproduzimos na estampa xxx, figs. 4 a 15.

Para a confeição d'estes instrumentos serviam-se de differentes rochas, escolhendo de preferencia a diorite, o schisto ou alguma quartzite.

Ceramica. — Em quasi todos os dolmens encontramos restos de louça, em geral lisa (est. xxxi, fig. 16), apenas com mamillo (fig. 17), sem adornos, e com signaes de cosedura, mas toda muito fraccionada, não sendo possivel restau-

Cliché do R. S.

Fig. 8.—Dolmen n.º vii

rar vaso algum, os quaes, a avaliar pela curvatura d'alguns cacos, deviam ser pequenos. O vaso que encontramos nos «Penedos Alvos», contendo cinzas, e que, apezar de todo o cuidado, se desfez, era de bocca larga, em fórma de tigella e devia ter de diametro na bocca $0^m,2$ por $0^m,15$ d'altura. Os outros vasos deviam ser mais pequenos do que este, e serviriam para conter qualquer offerenda para os mortos.

Carvões. — De dous a tres palmos do solo dos dolmens encontramos em muitos alguns carvões, que pela pequena quantidade indicam algum rito funerario (e não a pratica da incineração) feito sobre o cadaver já sepultado com o respectivo mobiliario, que apparecia por baixo da camada que continha carvões.

Pedras com covinhas. — N'um dolmen da «Portella da Chã» encontramos uma série de pedras com covinhas, de uma até seis (est. xxxii, figs. 27, 28,

29, 30, 32, 33); e nos «Penedos Alvos» outra série de pedras tendo de uma até nove covinhas (est. XXXI, figs. 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26). Algumas covinhas são muito bem feitas (fig. 25), outras mais irregulares (fig. 24). Foi tambem encontrado na «Portella da Chã», um raspador com tres covinhas d'um lado e uma do outro, onde se appoiam perfeitamente os dedos para se servir do instrumento (est. XXXII, figs. 31, *a*, *b*). Ha dous symbolos do sol com covinhas nos raios. Estas pedras indicam uma numeração, ou modo de contabilidade usada pelo homem neolithico. Em *L'Anthropologie* de 1896, pag. 390, M. de Piette, descrevendo os «galets coloriés du Mas-d'Azil» é d'esta opinião.

Os seixos pintados, quer com traços parallelos, quer com pintas, encontrados em Mas-d'Azil e em cujas séries as pintas ou traços não passam de oito, são muito semelhantes e devem significar o mesmo que as pedras com covinhas encontradas nos dolmens.

COLLAR. — Sete pequenas pedras irregulares e só furadas appareceram, juntas e como que tivessem sido depositadas, no dolmen n.° 8, Fundo das Arcas, estando ligadas umas ás outras por qualquer fio. Uma substancia negra e unctuosa enchia o orificio das pedras. (Est. XXXIII, figs. 34 e 35).

OBJECTOS SYMBOLICOS. — SYMBOLOS DO TRABALHO. — Mencionarei os pequenos objectos de pedra (est. XXXIII, figs. 36, 37), ou de barro (est. XXX, fig. 9) em fórma de machado ou raspador (est. XXXIII, fig. 39), com orificio de suspensão (est. XXXIII, fig. 38) ou sem elle (est. XXXIII, fig. 37), e com differentes desenhos, de que fallarei, sempre com um dos lados afiado. A fórma de machado dada sempre a estes objectos, alguns com orificios de suspensão, que como amuletos deviam ser trazidos, mostra que uma especie de culto ou veneração devia ser prestada a estes symbolos. Incluo aqui um pequeno objecto em fórma de mitra com uma covinha d'um lado (est. XXXIII, fig. 40), e outro em fórma de coração (fig. 41), que deveriam ser tambem symbolicos.

AMULETO D'OSSO. — Em toda a exploração que eu e P.e Raphael Rodrigues fizemos, encontramos apenas um objecto d'osso, não me referindo aos ossos queimados encontrados n'um dolmen do «Frieiro» (est. XXXV, fig. 60).

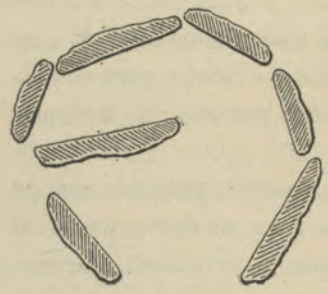
É para notar, que, abundando n'esta região animaes do genero *Cervus*, como se infere da grande quantidade de desenhos dos mesmos, e de cuja armação o homem neolithico em outras estações similares se servia a cada passo para confeccionar armas, utensilios, etc., não encontrassemos mais objectos d'osso.

A que circumstancia especial se deve a não desapparição d'este pequeno amuleto d'osso, não é facil saber-se. A decomposição dos tecidos osseos e a sua completa transformação foi poderosamente auxiliada pela particularidade dos terrenos d'este região transmontana serem essencialmente graniticos.

Este pequeno amuleto d'osso tem a fórma d'um triangulo, perfurado no vertice e com uma pequena fenda na base; deve ter sido feito d'algum osso longo *(femur?)*. É ligeiramente arqueado e tem na parte convexa algumas estrias, o que

indica que foi descarnado com instrumento aguçado, ou que soffreu o attricto d'algum corpo duro. Foi, como disse, o unico objecto d'osso que encontramos, e appareceu na «Chã das Arcas» do Alvão.

SYMBOLOS DO SOL. — São incontestavelmente symbolos do sol, astro que adoravam, as pequenas pedras globulares com uma cavidade ao centro (est. XXXIII, fig. 42) e com raios divergentes mais ou menos fundos, quer d'um só lado (figs. 43, 44), quer d'ambos (fig. 45) e com sulco para atar o fio de suspensão (figs. 42, 45). São symbolos do sol os desenhos das pedras reprodusidas: na fig. 46, que tem um traço circular envolvente com duas pequenas covas, que fórmam um triangulo com a do centro, a qual perfura a pedra e servia para suspensão, mostrando ter sido trasida muito tempo; nas figs. 49 e 50 (est. XXXIV), cujo orificio vasando d'um lado ao outro, serve de centro; n'uma pedra zoomorphica (est. XXXV, fig. 54), e n'um amuleto em fórma de machado (no reverso da fig. 76, est. XXXXIV).



Escala 1/100

Fig. 9.—Dolmen n.º VIII

PEDRAS ZOOMORPHICAS. — É uma verdadeira novidade para a nossa archeologia prehistorica a collecção de pedras representando animaes. Conhecer e classificar os animaes que o artista neolithico quiz representar não é cousa muito facil. Os olhos são sempre muito visiveis e pronunciadamente representados. A bocca alarga-se na intenção de mostrar os dentes. Os traços são exaggerados; um sulco traçado ao longo do dorso do animal ou para os lados parece indicar longos pellos. Os membros faltam ou apenas são indicados.

Ás vezes, aproveitando a pedra tal qual a encontrava, abria-lhe duas covinhas apenas, representando os olhos (est. XXXIV, fig. 50), ou, dando uma ligeira alisadella á pedra, além dos olhos rasgava-lhe a bocca (est. XXXIV, fig. 51 e est. XXXV, fig. 55); outras vezes, escolhia intencionalmente a pedra, leptinite, preparava-a cuidadosamente e esculpturava o animal mais ou menos perfeitamente (est. XXXIV, figs. 52, 53 e est. XXXV, figs. 54, 57, *a* e *b*). A falta de membros dá-lhes o aspecto de reptis a alguns animaes. A fig. 56, representa só a cabeça d'um animal, sendo o resto da pedra alisada em fórma de instrumento. A fig. 54 representa um animal collocado em cima d'uma peanha onde está gravado o symbolo do sol com quatro covinhas collocadas nas extremidades dos raios alternadamente. Nas *Religiões da Lusitania*, pag. 342, está representada uma pedra zoomorphica da nossa collecção, adquirida pelo Auctor, o qual duvida da classificação, dizendo que «parece representar um gato». Não podendo classifical-os, vão os desenhos para quem quizer fazel-o. O aspecto da fig. 49, est. XXXIV, parece d'um simio.

Escala 1/100

Fig. 10.—Dolmen n.º X

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

A representação do sol juntamente com a d'animaes na mesma pedra (est. XXXIV, fig. 49 *bis* e est. XXXV, fig. 54 *bis*), faz com que devêmos consideral-as como verdadeiros idolos.

PEDRAS ANTHROPOMORPHICAS. — São quatro, representando bustos de mulher, bem reconheciveis pelos caractéres secundarios, mammas. Constam só de cabeça e tronco, não tendo membros nem indicação d'elles.

A primeira (est. XXXVI, figs. 58 *a* e *b*), representa uma mulher deitada com a cabeça um pouco para traz e os cabellos lisos e corridos da cabeça para as costas. A cabeça é pequena e está ligada ao tronco não tendo pescoço. As mammas são muito salientes. O aspecto do tronco é cordiforme.

A segunda (figs. 59 *a* e *b*), representa tambem uma mulher deitada, com os cabellos estendidos para traz e seguros no alto da cabeça por uma fita ou pente. O pescoço é nullo. As mammas são pequenas, mas muito redondas e visiveis. O tronco termina pela cabeça d'um animal *(Equus?)*

A terceira (figs. 60 *a* e *b*), representa uma mulher deitada, com a cabeça e orelhas grandes; cabellos para traz e seguros por um pente no alto da testa. Tem um collar ao pescoço. As mammas são pouco salientes. A parte inferior do tronco volumosa e intencionalmente arqueada termina em fórma de gume de machado.

A quarta foi para o Museu Ethnologico Portuguez, e era mui semelhante ás outras.

A posição da cabeça um pouco lançada para traz em todas estas pedras indica a intenção de figurar uma mulher deitada e como morta. Os cabellos lisos e estendidos pelas costas, seguros por uma fita ou pente, mostra a *toilette* funeraria, que usariam. A cabeça d'animal, collocada como que aos pés, indicará qualquer dignidade, ou a companhia d'algum animal fiel e querido da morta. A fórma de machado dada á base do tronco mostrará a dignidade do trabalho.

DESENHOS D'ANIMAES. — O homem neolithico d'esta região não só esculpturou, mas tambem desenhou e gravou na pedra animaes seus contemporaneos [1] e scenas da vida primitiva em que entrava como actor. Como desenhista é mais rigoroso nas representações e dá mais firmeza aos traços, tornando mais reconheciveis os animaes.

Rhinoceros (?) — Encontramos quatro representações d'animaes que devem pertencer a este genero.

1.ª — N'uma pedra preparada só d'um lado, está representado um animal (est. XXXXII, fig. 69), medindo $0^{m},18$ de comprido, a que falta um pouco da parte posterior do corpo. Dois cornos ligeiramente divergentes sahem, um da ponta do focinho, outro um pouco mais acima; dois traços na cabeça inclinados para a frente

---

[1] M. DE PIETTE, *L'Anthropologie*, 1895, Março e Abril, pag. 135: «il était profondément réaliste».

indicam as orelhas; seis traços no dorso inclinados para traz, mostram longos pellos; quatro, sustentando o corpo, representam as patas. O traço da barriga entre as patas bastante curvo parece representar um estado de gravidez.

2.ª—Na pedra denominada «Arca de Noé» (est. XXXIX, fig. 68 *b*), e n'uma das faces está representado um animal com dois cornos no focinho, duas orelhas, longos pellos pelo lombo, quatro patas, faltando-lhe a parte posterior do corpo.

3.ª—É o desenho imperfeito d'um pequeno animal (est. XXXVII, fig. 63) com dois cornos, sahindo um da ponta do focinho; tem quatro membros e cauda.

4.ª—N'um dos lados da «Arca de Noé» (est. XXXXI, figs. 68 *i*, *i'*), está desenhado um animal tendo um corno na ponta do focinho, orelhas, pellos, quatro membros e cauda tufosa. A disposição dos cornos no focinho faz suppôr que estes animaes pertençam ao genero *Rhinoceros*.

Elephas (?)—Appareceram tres desenhos. N'uma pedra está desenhado um animal tendo uma cabeça em cada extremidade do corpo (est. XXXXIII, fig. 70). O animal representado n'uma das cabeças não é facilmente reconhecivel; o focinho da outra prolonga-se formando uma grande tromba. Dois grandes cornos lançados para deante e recurvos para cima sahem-lhe do focinho; (ha tambem um sulco natural da pedra que sahe d'um olho para baixo e para deante semelhando um corno); as orelhas estão representadas na cabeça viradas para baixo; tem membros.

N'um pequeno amuleto triangular d'um lado está um animal com o focinho terminado em tromba (est. XXXVII, fig. 66 *a*), tendo dois cornos ou defezas lançados para deante e recurvos na ponta para cima. Uns traços na cabeça indicarão pellos e dois pequenos traços desenhados a seguir para dentro do corpo do animal parecem indicar a orelha virada para baixo. Tem membros e cauda tufosa. Uns signaes (tres) no corpo do animal parecem caractéres graphicos. [1]

Sus (?)—Pertencerão a este genero os animaes da est. XXXVII, fig. 62, que representa o corpo d'um animal com duas cabeças e só quatro membros, e da est. XXXVII, fig. 61 *b*, em que um traço ao meio do corpo separa este animal do representado em *a (Elephas)*; tem cada um quatro membros, parecendo um voltado para baixo e outro para cima.

Cervus.—Ha varias representações d'animaes d'este genero. Na est. XXXVIII, fig. 68 *a*, está representado um *Cervus* com as hastes ramosas e cauda tufosa; n'um machado polido e aguçado na parte opposta ao gume (fig. 67 *a*), está um *Cervus* com hastes e cauda comprida; tem no lombo uma setta espetada e como se tivesse sido arremessada de frente; na est. XXXVII, fig. 64 *b*, um *Cervus* ferido por uma setta lançada de traz para deante. *Cervi* são os animaes das estampas XXXVII, figs. 64 *a*, *b* e 65, XXXVIII, fig. 66 *b*, XXXXIII, fig. 71.

---

[1] Será tambem um *Elephas* o animal representado na fig. 61, est. XXXVII lado *a*?

Gallus. — Ha uma unica representação de ave entre tantos desenhos de animaes (est. XXXXI, fig. 68 *j*).

N'um pequeno fragmento de ceramica está representado parte d'um animal inclassificavel (est. XXXXIV, fig. 75).

A pedra que cognominei «Arca de Noé» tem desenho de nove animaes, a saber: em uma face um *Cervus* (est. XXXVIII, fig. 68 *a* e est. XXXX, fig. 68 *a'*), na outra face um *Rhinoceros* (?) bicorne (est. XXXIX, fig. 68 *b*), um asino, *(d)*, e um outro animal *(c* e *c')*; em volta um simio (est. XXXX e XXXXI, *e*, *e'*, *e''*, *e'''*), um peixe (?) *g*, a cabeça d'um outro animal (*f*, *f'*, *f''*), um *Rhinoceros* (?) unicorne (est. XXXXI, fig. 68 *i* e *i'*) e finalmente um *Gallus* (*j*).

Pedras com signaes graphicos ou inscripções. — Sete pedras encontramos com traços que devem ser considerados como verdadeiros caractéres graphicos, mostrando d'algum modo a evolução da escripta.

1.ª — Uma pequena pedra com orificio de suspensão, covinhas e alguns traços irregulares (est. XXXXIV, fig. 73) encontrada nos «Penedos Alvos».

2.ª — Uma pequena pedra com orificio de suspensão, (fig. 74), covinhas e traços irregulares, «Penedos Alvos».

3.ª — Uma pequena pedra com traços, compostos de linhas quebradas em tres grupos (fig. 72).

4.ª — No corpo do animal representado na est. XXXVII, fig. 66 *a*, estão tres signaes graphicos.

5.ª — Uma pedra em fórma de cutello ou faca, «Capelludos», tem d'um lado differentes signaes (est. XXXXV, fig. 78).

6.ª — Uma pedra com orificio de suspensão e um lado aguçado em machado, tem n'uma face (est. XXXXV, fig. 77), treze caractéres graphicos dispostos em tres linhas horisontaes: na primeira dous, na segunda quatro e na terceira sete.

7.ª — Uma pedra com orificio de suspensão e um lado aguçado em raspador ou machado, tem n'uma face o symbolo do sol, e na outra uma perfeita inscripção, composta de dezoito caractéres (est. XXXXIV, fig. 76), dispostos em cinco linhas horisontaes: na primeira quatro, na segunda quatro, na terceira cinco, na quarta quatro e na quinta um. Pela disposição d'este ultimo parece indicar que eram traçados da direita para a esquerda.

O apparecimento da escripta já na edade neolithica, isto é, o apparecimento d'estas inscripções n'uma estação caracteristica da edade neolithica não deve causar grande estranheza. No principio da edade de bronze e talvez fim da neolithica era já indubitavel a sua existencia. Estacio da Veiga, [1] fallando das explorações de D. Manuel de Gongora na *Cueva de los Murciélagos*, diz: «O povo, que na ultima edade da pedra occupava a região littoral granadina, já sabia transmittir os seus

[1] *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, pag. 297.

pensamentos, os seus conceitos, as suas palavras, servindo-se de caractéres graphicos. Tinha portanto uma linguagem escripta já constituida», e passando a descrever o monumento epigraphico encontrado, pag. 298, «... e conclui que um tal documento, em presença de tão significativas provas, ficava demonstrando, do modo mais positivo, que na ultima edade da pedra já existia no territorio peninsular uma linguagem escripta, ou figurada por caractéres graphicos».

Posto isto, concluir-se-ha que os phenicios, frequentando as costas da peninsula e tomando conhecimento dos signaes graphicos aqui usados, começaram a empregar os que lhes pareciam mais commodos para os seus registos, negocios e correspondencias. [1]

Querer interpretar as inscripções que encontramos seria temeridade, mas a inscripção (est. XXXXIV, fig. 76), de que fallei em ultimo logar, deve ser alguma prece ou imprecação ao deus sol, cujo symbolo está no reverso.

Scenas da vida primitiva. — N'um pequeno machado com orificio de suspensão, está d'um lado gravado um *Cervus* (est. XXXVII, fig. 64 *b*) ferido por uma setta, e do outro está gravado um homem (fig. 64 *a*), armado d'um grande arco, com a corda tensa e em posição de disparar a setta sobre um *Cervus*. O tamanho da gravura, que não passa de $0^m,02$, não deixa entrar em detalhes.

A segunda scena venatoria é representada n'um amuleto triangular de $0^m,06$ de base, que está afiado em gume, por $0^m,035$ d'altura. O caçador ainda com um grande arco na mão, curvo para a frente, corre atraz d'um *Cervus*, que pela posição das patas deanteiras parece fugir á desfilada (est. XXXVIII, fig. 66 *b*).

Terceira scena: a gravura mede $0^m,15$ por $0^m,12$ e representa o caçador com um pequeno arco e setta na mão esquerda e com a direita agarrando uma das hastes d'um *Cervus* (est. XXXXIII, fig. 71), e como sentado sobre o corpo do animal. O caçador está desenhado de frente e com os braços abertos em cruz; parece cantar victoria pela caçada. A cabeça e orelhas são grandes, parecendo-se com o busto de mulher, reproduzido na est. XXXVI, fig. 60. Os cabellos são curtos, e atados para cima em pequenos molhos. Estas scenas são de flagrante realidade.

Ossos. — Só n'um dolmen do «Frieiro» é que encontramos ossos algo queimados e envolvidos por uma camada de cinza, podendo pertencer a differentes individuos, principalmente creanças.

No solo do dolmen estava horisontalmente collocada uma pedra que media $1^m,3 \times 0^m,9$, e que tinha trinta e duas covinhas no lado voltado para cima. Esta pedra foi para Lisboa e vem desenhada na obra *Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 359, como já acima disse. Estava coberta por uma camada de cinza, compacta e impermeavel, como se em cima d'ella se tivesse feito uma grande fogueira, ficando mis-

---

[1] Vid. M. de Piette, *L'Anthropologie*, de 1896, pag. 426, a respeito das inscripções de Mas-d'Azil.

turados com as cinzas alguns ossos que se não tinham queimado completamente. Este deposito de cinzas e ossos em cima da pedra estava intacto, mas não ouso affirmar que esta pedra seja coeva do monumento, porque o dolmen estava já profanado, faltando-lhe a cobertura e alguns esteios, que comtudo poderiam ter sido arrancados pela parte de fóra, não revolvendo o interior do dolmen, por lhe faltar a mamôa.

Na occasião da exploração por vêr a camada de cinza perfeitamente intacta, affirmava que a cremação operada n'esta pedra datava da edade neolithica; mas mostrando os ossos a alguns osteologistas não lhes attribuem tanta antiguidade. Estes ossos existem no Museu Brenha, Povoa de Varzim, onde pódem ser examinados.

A cremação foi indubitavelmente feita sobre a pedra dentro do dolmen, mas se foi o homem neolithico, ou se foi posterior, não sei por emquanto. Este facto isolado (cremação n'um dolmen), ainda que se attribua ao homem neolithico, deve considerar-se como um sacrificio aos manes e não um modo de destruição de cadaveres por elle usado, pois que praticava geralmente a inhumação.

Inhumação. — Não encontramos ossos alguns nos outros dolmens para determinarmos pela sua posição relativa a posição dada ao cadaver no acto da inhumação; entretanto, pela pequenez d'alguns dolmens de «Trandeiras» devia ser de cócoras com o respectivo mobiliario ao lado e n'uma só fiada horisontal, porque o mobiliario só apparecia junto ao solo do dolmen, facto que observamos em todos os que não tinham sido profanados.

Das explorações que eu e P.e Raphael Rodrigues fizemos e do que acima exponho poder-se-ha tirar algumas conclusões.

Que teriam permanecido no nosso paiz alguns animaes hoje desapparecidos, como por exemplo o *Rhinoceros* e o *Elephas*, dos quaes notamos provaveis reproducções.

Que era praticada a inhumação dos cadaveres nos dolmens acompanhados do respectivo mobiliario, com algum rito crematorio funerario, e deposição de pequenos vasos com offerendas; que existia a crença da vida futura, a necrolatria, adoração ao sol, aos animaes e a divinisação dos instrumentos de trabalho.

A escripta era conhecida e usada pelo homem neolithico; e havia a divisão em classes com distinctos dolmens para a inhumação.

O apparecimento de materias córantes, prova que a tatuagem devia ser usada a par de outros enfeites, quer de collares, quer d'amuletos.

Era usada a caça por necessidade ou por divertimento, bem como a moagem de cereaes. O povo devia ser portanto agricultor e com vida mais sedentaria do que guerreira.

Padre Brenha.

COMMENTARIO AO ESPOLIO DOS DOLMENS DO CONCELHO DE VILLA POUCA D'AGUIAR

—

Singelamente relata o R. P. Brenha as suas valiosas descobertas e do seu companheiro R. P. Rodrigues. Seria bastante o simples relatorio com a exposição methodica do material palethnographico. Todavia, a série não se compõe de elementos precisamente determinados que seja facil concretar em uma formula completa de integração; é mister submetter todos estes documentos a uma analyse systematica e a uma discussão livre por modo syncretico. Abrindo exemplo, portanto, seguirei com o meu commentario anteriormente promettido.

De antemão, appôr-se-ha uma notula explicativa sobre o material de desenhos e gravuras que constituem os fac-similes sobre que tem de basear-se o processo de investigação. Estas estampas foram feitas por meio de lithogravura sobre decalques, photographias e copias do natural, executadas pelo nosso collaborador desenhista, o snr. Hugo de Noronha; e reduziu-se o desenho á reproducção geometrica das linhas e contornos essenciaes. Procurou-se d'esta maneira evitar no possivel o inconveniente da collaboração artistica em casos de sciencia, quando uma educação profissional não domina no copista a sua esthetica visual, a eurythemia do seu estylo ou a propria phantasia. Acompanhei de perto todos estes trabalhos, e pessoalmente photographei uma grande parte dos objectos; algumas d'essas photo-copias foram reprodusidas em simile-gravuras e vão impressas a par do texto que segue; servirão ahi como provas testemunhaes para confronto e verificação.

Cumpre-me esta declaração prévia sobre os processos de reproducção graphica postos em pratica, visto que o assumpto reclama todo o rigor de analyse e sobretudo a maxima isenção de juizo.

A primeira estampa serve de rotulo a toda a série em estudo; representa um grupo de utensilios de pedra, de industria dita *neolithica*, mostrando ainda, na falta de acabamento de um ou outro instrumento, os primeiros esboços lascados, depois submettidos ao polidor, produzindo as fórmas arredondadas, em cunha ou amendoa, dos caracteristicos machados ou hachas de pedra polida. A industria é francamente neolithica e nenhum caracter mais dos que apresentam os restantes materiaes d'esta série vem prejudicar a classificação.

Servir-nos-ha pois a etiqueta como expressão synthetica convencional e indispensavel. [1]

---

[1] Este é, de resto, o conceito que merecem em geral as classificações da prehistoria, seja o seu fundamento geologico, paleontologico, archeologico ou ethnographico; expressões synthetica para uso preestabelecido e transitorio no emprego dos methodos de investigação; e muito prestam como termos de classificação que é a base da sciencia. Admitte-se com melhores fundamentos o processo archeologico ou ethnographico por mais concordante com a natureza dos materiaes de estudo palethnologico e melhor adaptavel a uma disposição chronologica.

Este periodo vae até ao apparecimento dos metaes e separa-se em varias epochas — *Tardenoisiana* e *Robenhausiana*, segundo G. de Mortillet. Quaesquer, porém, que sejam essas divisões, supponho que estaremos em face de documentos da ultima epocha, visinhanças do periodo chalcolithico de transição para os metaes, do que não ha até agora vestigios n'estas necropoles ou n'outras da região.

Trata-se de uma interessante e natural localisação, de povos ou *tribus* que por aqui permaneceram isoladamente, em determinado estadio de civilisação, polindo os seus instrumentos de trabalho, sem o conhecimento dos metaes, e deixando como immorredouro vestigio da sua existencia as necropoles monumentaes de *arcas* e *madorras*. É certo que em outras localidades no paiz appareceram dentro de dolmens objectos de metal e signaes de civilisações posteriores; em alguns fez-se a inhumação dos cadaveres, ao tempo em que foram erguidos, e mais tarde a cremação; foram outros occupados em epochas varias para sepulchros, como cenotaphios, hypogeus, e até para habitações — e o mobiliario concorda vario e mixto.

Aqui, apesar de ulteriores violações e remechimentos nada mais apparece que objectos de pedra.

Estes aspectos multiplos, que assim diversificam, concorrem na série em estudo firmes e homologos, o que mais confirma a classificação e a sua facies caracteristica e autochtone. Haveria, não obstante, que discutir valores determinantes de varios factores chronologicos; como, porém, não nos occupa por agora o problema geral na sua vasta complexidade e tão sómente estas necropoles de Traz-os-Montes, tomal-as-hemos tal qual se apresentam, com a sua arte e industria caracteristicamente neolithicas.

Não existe, até hoje, noticia de estações contemporaneas a que se attribuam estes cemiterios. Faltam as acropoles distinctamente neolithicas. Apenas, em predominante evidencia, dominando estas altas planuras e os valles circumvisinhos, os *Castros* muralhados nos cumes destacam-se no meio da topographia local, de longe indicados pelas lendas e tradições e pela propria toponimica. São povoados estabelecidos nos montes, defendidos por cintos de muralhas, algumas presistentes, que rodeiam ou acompanham parallelamente estes grupos dolmenicos, conforme a disposição orographica da região. Sobre estas estações passáram as civilisações protohistoricas dos metaes e por ultimo a romana; todas deixaram respectivamente vestigios patentes, e tambem as anteriores phases neolithicas; são communs nos castros os machados polidos que se encontram indistinctamente, a esmo, por toda esta região de dolmens.

Haverá que relacionar directamente *Dolmens* e *Castros*, como factos proximos ou simultaneos, os primeiros correspondendo á primitiva e mais remota phase dos segundos?

Considerando como vestigio proprio os objectos de pedra polida encontrados nos castros, e não um testemunho de acaso, torna-se verosimil o indicio de contemporaneidade. Não obstante, muito ha de differencial, porque nos dolmens não se

notam os subsequentes caractéres dos depositos archeologicos proprios dos castros. Poderia obtemperar-se que em certo tempo foi o dolmen abandonado como typo de sepultura, quando nos castros surgia uma outra phase civilisadora com o bronze e depois o ferro; e obedecendo a estes elementos de progresso, correspondentes a novos meios de producção, ter-se-hia modificado o organismo social nas suas varias manifestações: outro ritual de necrolatria, a cremação talvez, e a seguir, as sepulturas sob terra, em tumulos alinhados como nos actuaes campos santos.

Conjecturas, porém; e sobre tam ruim terreno nada convem edificar.

Existe um hiatus de natureza archeologica entre estas civilisações, taes como se demostram n'estes dois typos de monumentos e estações pré e proto-historicas

Cliché de R. S.

Figs. 1, 2 e 3

actualmente em presença. Não ha elementos de transição que os liguem, por falta de documentos e de saber, porque não ha castros explorados, [1] e raras são as necropoles de varias epochas convenientemente estudadas; verosimilhanças apenas, quando muito rasões locaes de proximidade ou visinhança.

Faltam os conhecimentos especiaes archeologicos e palethnologicos; e até melhores provas, os grupos dolmenicos constituirão um typo independente, pela sua caracteristica architectura megalithica, pela facies neolithica dos seus mobiliarios ou espolios, pelo seu modo de distribuição e agrupamento.

---

[1] Resalvo—que é um caso, de resto, excepcional—a Citania de Briteiros e o Castro de Sabroso explorados por F. Martins Sarmento, que deixou incompleta a sua obra. Falta-nos a publicação dos seus trabalhos archeologicos, o relatorio d'essas investigações de tantos annos com o douto commentario, debalde esperado, que competia a este problema fundamental da palethnologia portugueza. A proposito recordarei que opinava o illustre sabio pela contemporaneidade de *castros* e *dolmens* e fundava-se em observações que considerarei, entretanto, como factos isolados.

Ainda a este respeito é concorde o nosso distincto collaborador José Fortes, que toca esta questão a pag. 665 d'este fasciculo.

Objectos amuletiformes. —Tomarei esta designação, que por menos propria ou demasiado geral não deixa de prestar-se á nossa provisoria classificação, para conglobar os pequenos objectos, alguns perfurados, que não podem considerar-se propriamente armas ou utensilios de uso domestico ou industrial. São especimens de pedra, barro e osso de contornos variados, trapesoidaes, triangulares, cordiformes ou reproducções em escala reduzida da fórma typica do machado neolithico.

Em geral, n'uma grande maioria, são constituidos de pedra, das rochas communs de que são construidos os demais objectos de contemporanea utilisação. Admittido o caracter amuletico d'estes objectos, não ha porque separar desde já o symbolo da propria substancia, e relembraremos n'um proposito de natural filiação a *litholatria* universal desde as edades primeiras, na sua fórma mais singela do culto natural e elementar das pedras, por vezes informes e de natureza inexpressiva. A sequencia das multiplas pedras symbolicas, em amuletos, feitiços, idolos, rochedos sagrados, menhirs, etc., percebe-se claramente no mesmo *processus* mythologico, por simples observação, dentro do raciocinio ethnographico. Sobre o fundo primigenio do culto elementar da natureza, a concepção animista, primeva tambem e elementar, vae construindo formulas cultuaes, symbolos religiosos e mythos.

E assim, desde o principio, em todos os tempos e em todos os povos.

Occupando-se de antiguidades gregas e romanas diz E. Lebatut [1] que: «il n'y avait pas d'amulettes auxquels on eût une foi plus générale que certaines pierres, les unes precieuses ou rares, les autres n'ayant de valeur que par les images ou les caractéres qui s'y voyaient». Faz notar que a maior parte provinha do Oriente assim como o seu emprego superstícioso, o que, se póde ser verdadeiro quanto aos amuletos de natureza oriental, não o é certamente quanto aos restantes, pois que póde considerar-se autochtone em todos os povos a litholatria ou petrolatria nas suas variadas manifestações. Não se torna preciso o argumento erudito de derivação oriental ou outra, bastará o documento naturalmente humano de sciencia ethnographica — *naturam observare*, eis o classico preceito racional.

Confirmando o culto das pedras com fórmas similares das que encontramos entre prehistoricos, superabundam documentos escriptos e factos de actualidade em povos de civilisação primitiva. Exemplificando, alguns citarei em resumo. [2]

---

[1] Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des Antiquités grecques et romaines*: Amuletum, pag. 252

[2] Em quasi todos os livros da especialidade são reprodusidas, mais ou menos, as mesmas citações d'estes factos, respigados de livros de missões e viagens. Por exemplo:

J. Lubbock, *Les Origines de la Civilisation*, trad., Paris, 1873, pag. 299 e seg.; a pag. 301: «Le culte des pierres, dans sa forme la plus simple, a cependant, je crois, une autre origine, et n'est qu'une forme de ce culte s'adressant à tout; culte qui caractérise l'esprit humain dans une phase particulière de son développement.»

G. de Rialle, *La Mythologie Comparée*, t. I, Paris, 1878, pag. 12 e seg.; a pag. 13: «Le culte des pierres est répandu sur toute la terre et remonte aux temps primitifs de l'humanité.»

E. Tylor, *La Civilisation Primitive*, trad., Paris, 1878, t. II, pag. 210 e seg.

Os Oneidas, Iroqueses e Dakotas, do Novo Continente, tomam uma pedra redonda que pintam e á qual fazem offerendas para de si affastar todos os perigos—tambem o povo prehistorico de Mas-d'Azil pintou seixos roliços e lhes deu significação symbolica; os Hurans e Monitarris, sacrificavam ás pedras sagradas, os Natchez adoravam uma pedra conica—como a Astarté chypriota ou a Tanith carthagineza; os Incas veneravam calhaus raros e pedras que representam penates e outros deuses: uma pedra-feitiço guardava os rebanhos, outra (de meteorite) intervinha nos negocios de amor; continuando pela America, na zona central, em povos do Mexico e entre os Mayas, Mixtéques, etc., eram adoradas as pequenas pedras verdes que cahiam do ceu—assim a *callaïte* e *ribeirite* entre os prehistoricos. Na Oceania, pelos seus vastos archipelagos, existe o culto das pedras e dos rochedos; em Fidji attribuem-lhe sexos differentes, as pedras pódem casar-se e procrear; nas Novas-Hebridas prestam homenagem a certos calhaus rolados da costa, assim como na Malasia, na bahia de Djohore, onde são sagrados certos seixos redondos de côr azul espalhados na areia; entre os Australianos existe por varias fórmas a petrolatria, o culto dos menhirs dispostos em circulos—como os cromlechs e outros agrupamentos de pedras sacras dos primitivos europeus. Os Finnicos e Lapões, teem o culto das *pedras-seida;* os Samoyedas adoram uma simples pedra negra. Entre as populações anaryanas da India ha o culto das *pedras-feitiços*—as pedras *Butas*, *Pandus* e outras pedras coloridas de vermelhão; ainda entre os Hindús brahmanistas as mulheres teem grande devoção por um calhau pintado de vermelho que protege as creanças. Notar-se-ha como se repete insistentemente a pintura a vermelho sobre as pedras-feitiços, tambem em especimens prehistoricos.

Por toda a parte, pois, com o mesmo caracter ou muito semelhante, encontramos vestigios d'esse culto universal das pedras, como symbolos ou representações de divindades, ora como encarnações da propria divindade.

Entre os Hebreus, Arabes, Chananenses e Chaldeus ha mostras do mesmo culto, como expressão do mesmo *substractum* feiticico; de egual modo entre os Israelitas, atravez a Biblia, exemplo a pedra de *Bethel* de Jacob. O culto dos *Betylos* na Asia semitica, ligado ao culto dos aerolithos, como tambem na Grecia antiga e na Italia, consoante o testemunho de Pausanias que viu nos antigos templos pedras brutas que eram as mais remotas representações dos antigos deuses; e citar-se-ha, entre os romanos, as virtudes phylactericas das *ceraunias* de certos metaes e pedras preciosas—entre nós, as *pedras-de-raios.*

Muitos indicios se encontram sob o polytheismo greco-romano, e mais tarde em tempos e terras christãs; os concilios de Arles (452), de Tours (567), de Nantes (895), Toledo, etc., prohibiam expressamente o culto pagão das pedras rusticas. Entre os montanhezes da Noruega existia o costume de guardar pedras redondas que eram lavadas todas as quintas-feiras, e ora as lançavam ao fogo e untavam de manteiga ou cerveja.

A proposito citarei, para remate, uma observação de E. Tylor [1] que vem repetida na sua obra sobre a civilisação primitiva. Os mythos nasceram quando o homem estava no estado selvagem, prevaleceram nos tempos antigos em todo o genero humano e ficaram por assim dizer intactos entre as grosseiras tribus modernas que menos se distanciam d'esta condição primitiva, emquanto

---

A. Réville, *Les Religions des Peuples non-civilisés*, Paris, 1883, t. II, a pag. 228: «Le culte des pierres, qui parait fort ancien, ne semble pourtant pas primitif... Mais une fois l'imagination habituée à considérer la pierre comme animée en dedans, ou put aisément voir en elle l'enveloppe permanente ou momentanée de tout esprit qui voulait s'y enfermer.»

E. Véron, *Histoire Naturelle des Religions*, Paris, 1885, t. I, pags. 61 a 64.

A. Lang, *Mythes, Cultes et Religions*, trad., Paris, 1896, pag. 140 e seg, 254 e seg.; a pag. 255, a proposito da evolução dos deuses na Grecia primitiva: «... elle commence à la pierre brute et se continue à l'idole de bois...» «les plus anciennes idoles étaient aussi les plus saintes et les plus anciennes de toutes étaient des souches d'arbres ou des pierres, pareilles aux fétiches des sauvages.»

[1] Op. cit., t. I, pag. 325.

que os povos de graus mais elevados e recentes de civilisação, em parte sob a influencia dos seus principios actuaes, em parte pelo effeito das tradições herdadas dos seus maiores, conservam esses mythos não só por tolerancia mas ainda respeito.

Considerando a nossa série, destacaremos da est. xxx os n.os 9 e 10, e a seguir (est. xxxiii) os objectos de n.os 34 a 41 que constituirão um primeiro grupo; juntando ainda os n.os 60 e 63 a 66 (áparte as insculpturas que serão tratadas em paragrapho especial) fórma-se uma collecção de especimens de pedra, destinados na sua maioria a serem usados como pingentes no sentido de amuletos. Encontram-se fórmas similares nos mobiliarios neolithicos de grutas e dolmens, pelos paizes além dos Pyrineus, e áquem, em varios exemplares de feição distincta e propria. [1]

São primeiramente as pequenas pedras informes com orificio de suspensão, sem fórma determinada, e que, não tendo qualidades de enfeite, deverão ser consideradas pelas virtudes phylactericas da sua propria natureza e, como taes, amuletos.

Segue-se a fórma triangular, que se repete nas collecções prehistoricas denunciando um proposito, uma significação determinada. E não será ousada conjectura attribuir a esta figura geometrica, o triangulo, na sua insistente reproducção em objectos de caracter amuletico, como motivo ornamental ou signo ideographico, uma expressão symbolica geral, talvez, formula sexual allusiva ao elemento feminino de geração.

Não é insolita ou disparate a apropriação que provém do aspecto e conformação propria da região pubica, como se mostra nudamente na mulher e se constata em factos de arte singela e primitiva; assim, por exemplo, na estatueta feminina de barro, proveniente da estação neolithica de Jablanica (Servia), [2] a qual apresenta gravado no baixo ventre um triangulo com o vertice voltado para baixo e o lado opposto cortado com aspas, desenho de todo o realismo, d'onde immediatamente resalta a verdadeira significação natural e symbolica da fórma triangular; a mesma applicação se repete em uma figurinha de terra-cotta e n'um pequeno idolo de chumbo de Troia; [3] n'este ultimo o triangulo é rodeado de pontuações e no centro tem marcado o swastika.

---

[1] Na est. xvi d'esta publicação, fasciculo 3, foram publicados dois objectos triangulares das grutas de Alcobaça (n.os 102 e 103). E d'esta productiva região apresenta mais o snr. M. Vieira Natividade 14 machadinhos de fibrolite, de calcareo e de schisto, os quaes considera objectos de culto especial, ainda existente no povo da região que sobremodo considera os preciosos amuletos.

Muitos outros e mais se teem encontrado em localidades portuguesas. Para não especialisar citações, consulte-se: Dr. J. Leite de Vasconcellos, *As Religiões da Lusitania*, t. i, pag 140 e seg., onde o assumpto vem tratado especialmente com uma completa bibliographia. A proposito de Hespanha, veja-se o album de H. & L. Siret, *Las primeras edades del metal en el Sudeste de España*, Barcelona, 1890, no qual se expõem numerosos exemplares de pingentes semelhantes aos das nossas séries.

[2] S. Reinach, *La Station néolithique de Jablanica*, in «*L'Anthropologie*», t. xii, 1901, pag. 528, fig. 2.

[3] S. Reinach, *La Sculpture en Europe*, in «*L'Anthropologie*», t. vi, 1895, pag. 308, fig. 286, e pag. 550, fig. 302. Cf. Perrot & Chipiez, *Histoire de l'Art*, t. vi, pag. 653, fig. 295.

Proseguindo, approximar-se-hão os desenhos primitivos de representações humanas por meio do triangulo com o vertice para o alto, sobre o qual apenas se indica a cabeça e d'onde sahem quatro traços representando os membros, [1] ou o triangulo invertido, com dois orificios ou pontuações na parte superior, significando a cara humana.

Encontra-se esta maneira anthropomorpha em gravuras rupestres dos primitivos europeus (nas rochas do Lac des Merveilles, por exemplo), muito repetida em petrogliphos e pictographias de varios povos. Na America do Norte casos ha para notar em que a figura apparece completa, n'outros simplesmente o triangulo como representação symbolica da figura humana; em um signo dos Moki do Arizona sobrepõem-se dois triangulos com os vertices para baixo, o de cima menor; e é chamado «woman's head and body». [2] Por vezes os dois triangulos unem-se pelos vertices, em opposição, e fórmam a *bipéne* ou *double-hache*, symbolo de universal distribuição, muito discutido nos estudos de orientalistas, e que tambem serviu para representar a figura humana; teem esta fórma a figurinha de schisto de Los Milares, em Hespanha, e dois idolos femininos de Laybach, [3] vamos encontral-a tambem entre os signaes pictographicos de todos os tempos de varios indios americanos. [4] Na constituição d'este symbolo duplo deve tomar-se como significativo o predominio do elemento triangular na sua expressão genesiaca ou como ideogramma de uma parte (a cabeça, o coração) ou um todo anthropomorpho.

Cliché de R. S.

Fig. 4

Insistir-se-ha todavia na significação do triangulo, considerado isoladamente como representação ideographica, e em abono d'este modo de vêr, respigar-se-ha d'entre os desenhos e pictographias de Sikyatki no Arizona exemplos similares do emprego do triangulo como symbolo germinativo: «the triangle is also an emblem of germination and of fecundity — the female. . . » [5] E bem póde ser que do arranjo dos dois triangulos em opposição na *bipéne*, resultasse um symbolo completo de fecundidade e da vida, concretisando o dualismo dos elementos sexuaes de geração.

---

[1] Veja-se a representação humana em fórma de triangulo n'uma urna de Œdenburg (tumulo de incineração). Apud S. Reinach, in «*L'Anthropologie*», t. IV, pag. 183 e t. V, pag. 299.

[2] G. Mallery, *Picture-writing of the American Indians*, pags. 703 a 708, figs. 1159, 1163 e 1165. In *Annual Report of the Bureau of American Ethnology*, 1888-89.

[3] S. Reinach, *La Sculpture*, etc., «*L'Anthropologie*», pag. 292, fig. 89 e pag. 293, figs. 92 e 93.

[4] G. Mallery, Op. cit.

[5] J. W. Fewkes, *Archeological Expedition to Arizona in 1895*, pag. 704, in *An. Rep. of Bureau of American Ethnology*, 1895-96. Part. II.

A *machadinha* ou *herminette*, ás vezes perfurada, tende a estylisar-se tomando a fórma geometrica do triangulo, como na fig. 7 (n.º 66 *a* e *b*); e esta reduzida reproducção do machado de gume cortante, amuleto de vasta significação e muito poder, adquire talvez um novo sentido modelando-se symbolicamente na fórma envolvente do triangulo. Recorrendo ao significado de culto phallico attribuido ao amuleto-machado como symbolo da força procreadora, teriamos novo ponto de vista —que não é licenciosa conjectura — na interferencia proposital d'este elemento, casando-se intimamente com o emblema triangular, produzindo a combinação dualista da fecundação em um todo que seria como o symbolo da força una creadora.

N'estes amuletos não é já considerada tão intima a união da fórma e da propria essencia; no culto feiticico dos machados predomina a concepção schematica da fórma, o que representa um avanço sobre o naturismo original; e isto exemplificam na nossa série os machados modelados em barro de n.º 9 (est. xxx). [1] O caracter geral de todos estes pequenos objectos symbolicos, sobre os quaes as impressões circulares em fórma de covinhas e outros desenhos referendam o significado emblematico, reune-os em um conjuncto que define o fundo animista d'esta primeva religião da natureza, que é, como contestamos, universal.

Nada teem de inedito estes factos pois se encontram semelhantemente em outras estações conterraneas; são para a série mais um testemunho de authenticação. E d'elles se notam ainda curiosas e expressivas sobrevivencias; em tempos historicos e actuaes usam-se como berloques — enfeites ou amuletos — os pequenos objectos prehistoricos. Os camponios da Grecia, por exemplo, fazem uso das machadinhas, para preserverar dos maus olhados e das molestias — são *φιλακτίρια;* isto narram Heldreich, conservador do Museu de Athenas em 1872, e A. Dumont. [2]

E, porque fallei em objectos gregos, merece a pena recordar, pois tem aqui applicação, a opinião de Worsaee communicada ao Congresso de Bruxellas de 1872, que nota um typo distincto nas «antiquités en pierre provenant de la Grèce» [3] que possue o museu de Copenhague; e só lhe é possivel approximal-as das de Hespanha, distinguindo-as das do Norte e Centro da Europa; parece-lhe que constituem um typo mediterranense. Isto tem sido variamente notado e, sobre maior numero de factos, na obra monumental de Henri & Louis Siret a respeito do Sudeste de Hespanha. É uma observação que se vae generalisando e agora se reedita com maior fundamento a proposito da nossa série caracteristicamente neolithica, que entrará n'esse grupo mediterranense, aqui com particulares distinctivos.

---

[1] Dr. J. Leite de Vasconcellos, Op. cit. pag. 398; a fig. 105 representa um machadinho de barro tambem proveniente da Serra do Alvão. «Mal pódem deixar de ser symbolicos os instrumentos feitos de substancia fragil, como lousa ou barro».

[2] *Matériaux pour l'histoire primitive et naturelle de l'homme*, vol. vii, 1872, pag. 221. Vid. tambem a proposito E. Cartailhach, *L'âge de la pierre dans les souvenirs et superstitions populaires*, Paris, 1897.

[3] *Ibidem*, pag. 399.

Intercalaremos os objectos do typo das figs. 2 e 3, apresentados na estampa XXXIII, n.os 42 a 45, os quaes á primeira vista lembram reproducções de uma fauna maritima, de ouriços ou echinidios. Com effeito, de fórma arredondada, todos teem ao centro uma depressão circular, de onde irradiam sulcos mais ou menos largos, separando lobulos distinctos á maneira de gommos; a meio da altura alguns mostram uma cannelura circular separando as duas faces. Contam-se em dois exemplares cinco gommos, e tantas são as raias de algumas especies de echinodermes fosseis e actuaes.

Esta coincidencia de curiosa similaridade poderia aproveitar-se para considerar o novo informe ethnographico fornecido pelo facto d'estas reproducções de animaes maritimos, sitos em taes alturas, dentro de um megalitho prehistorico. E a explicação sobreviria a preceito pelo facil contagio entre povoações visinhas até ás praias não distantes; quiçá, invertido o itinerario, mais um argumento da imaginosa theoria que pretendia explicar a civilisação megalithica pela intervenção de extranhas influencias, espalhadas ao longo do littoral europeu por via maritima.

Entretanto, o sulco que apresentam certos exemplares, para a adaptação provavel de uma liaça de suspender ou amarrar a qualquer supporte ao cabo — talqualmente nas pedras fundibulares e percutores — confunde a demonstração pelo simile zoologico, de que mais se afasta o exemplar de nove raias ou gommos, outro liso apenas com a covinha central. Approximando ainda os exemplares de n.os 46 a 49 (est. XXXIV) em que presiste a insculptura radeada, de cinco e mais raios, em pequenas peças sem fórma globular, algumas perfuradas, e additando a repetição do mesmo signo estrellado em varios outros especimens (no n.º 54 e no reverso do objecto da fig. 15), ter-se-ha um conjuncto denunciando outra razão de ser e que este signal radeado deverá considerar-se como uma ideographia de uso muito geral.

Marcas analogas, entre pictographias e petrogliphos de tempos prehistoricos e actuaes de proveniencias, varias teem sido consideradas como representações ideographicas do disco do Sol.

Na gruta de Gourdan (E. Piette) e na de Laugerie-basse (Massenat) encontraram-se rodelas de osso com orificio central d'onde irradiam nove traços, os quaes muito se assemelham ao objecto de n.º 45. [1]

Os petrogliphos dos *Cairns* da região irlandeza de *Meath* apresentam uma quantiosa e variada série d'este schema; ahi encontramos exemplificados os nossos casos e muitas mais das muitas variações por que tem passado o velho signo solar: o circulo, com uma pontuação central, ora radiado ou franjado, os circulos concentricos, por vezes envolvendo uma espira, as espiraes simples, outras vezes as rosaceas, as estrellas de raios direitos ou curvos, até á cruz equilatera de braços

---

[1] Ed. Piette, *Études de Ethnographie Prehistorique*, in «*L'Anthropologie*», vol. VII, pag. 403, figs. 38 a 40. Cf. n'este mesmo estudo, as pinturas de fórmas circulares, radeadas ou franjadas, sobre *galets coloriés* du *Mas-d'Azil*.

rectos. [1] Em outros paizes mais distantes e terras exoticas, nos petrogliphos da Nova-Caledonia, [2] da Baixa-California [3] e de quasi toda a America, [4] entre os hierogliphos dos Eskimós ou dos negros d'Africa e do Egypto, encontra-se a mesma formula multipla e varia; é sempre o mesmo motivo, representação directa do disco chamejante do Sol, divindade culminante das antigas mythologias cosmogonicas.

Aqui temos mais um vestigio d'essa remota astrolatria, entre as populações que erigiram as imponentes necropoles dolmenicas de Traz-os-Montes; e marca um estadio de civilisação, porque o culto do sol foi dos ultimos no desenvolvimento do feiticismo dos corpos celestes, precedido entre os primitivos, segundo se affirma, pelo culto das estrellas e da lua. D'estes não destrinçamos vestigios, que não estejam alguns confundidos nos já considerados, ou em certos grupos de covinhas representando simples asteros ou constellações. (Vejam-se os n.ºs 46 e 54).

São d'esta natureza os documentos da heliolatria na sua formula elementar; a symbolica de todos os povos, desde os antepassados, conserva este signo, que por ultimo se transforma, filtrado pelas ideologias da metaphysica, no symbolo abstracto do infinito; e varia universalmente, indefinidamente, passando pelos typos do triscelo, tetrascelo — cruz gammada ou swastika — e a roda solar das mythologias aryanas e semiticas, notaveis como symbolos cosmogonicos e genesiacos em todo o Oriente classico, tambem, desde as edades mais remotas, no symbolismo das civilisações mediterranenses e do Occidente; [5] aqui persiste em curiosas sobrevivencias irmanado ao culto do fogo, transparece atravez os mythos christãos, nas cruzes solares, e mostra-se até entre as chronicas de Folk-lore, como nas rodas flamejantes das festas ao S. João, exprimindo ainda o primitivo sentido do movimento circular perpetuo, e symbolisando o Sol, fonte da luz e da vida.

Temos, portanto, que considerar objectos symbolicos, amuletos ou feitiços, estes curiosos especimens que á primeira vista pareciam similes de echinidios. A cannelura que faz lembrar os percutores ou pedras fundibulares não destroe a classificação, pois que, á semelhança de armas e instrumentos de trabalho, se construiram entre os primitivos muitos objectos symbolicos, com multipla significação entre o variegado mobiliario do culto animista, o qual abrangia tudo quanto era em torno do homem, fosse de natureza animada ou inanimada. O signo solar representaria n'este caso de emblema ou sello de consagração.

---

[1] W. C. Borlase, *The Dolmens of Irland*, London, 1897, vol. II, pags. 320 a 330.

[2] M. Archambault, *Nouv. Rech. sur les Megalithes Néocaledoniens*, pags. 696 e 708, in «*L'Anthropologie*», t. XIII, 1902, n.° 6.

[3] L. Dignet, *La Pictographie de la Basse-Californie*, pags. 162, 171, in «*L'Anthropologie*», t. VI, 1895.

[4] G. Mallery, Op. cit., e J. W. Frewkes, Op. cit. Vid. designs from Sikyatki, pl. CLIX, pag. 705, signos *a* e *f*.

[5] Alex. Bertrand, *La Religion des Gaulois*, Paris, 1897. Vejam-se as lições sobre o swastika e signos solares.

Esculpturas zoomorphicas. — Constam de numerosos exemplares, representando uma fauna de especies certamente contemporaneas; nem todas as fórmas, se prestam a immediata interpretação, não obstante, serão permittidas approximações ou conjecturas que servirão provisoriamente de auxiliares.

Os objectos de n.os 51 e 52 (est. xxxiv) poderão representar *felinos*, o gato commum, talvez; os n.os 53 e 55 (figs. 4 e 5) parecem reproducções de *batrachios* — a fig. 4 mais particularmente se assemelha ao sapo vulgar; a esculptura de n.º 57 (57 *a* e *b*) poderia tomar-se como imitação de um *pachiderme* ou, differentemente, de um *ursideo*, assim o n.º 54 (*a* e *b*); e d'estes animaes, os *ursos*, existem vestigios pelo norte do paiz atravez das tradições e documentos historicos. O objecto complexo de n.º 68 (est. xxxviii a xxxxi), fig. 9, apresenta tambem varias esculpturas de animaes algumas indecifraveis; em uma d'ellas, que melhor se vê de face em *f* (est. xxxxi), percebe-se a cara de um *simio*, e este caso não será de muita extranheza, sabendo-se que algumas especies de *pithecus* antigamente existiram na Peninsula, dos quaes ainda hoje ha vivos representantes nos arrabaldes de Gibraltar. [1]

Cliché de R. S.

Fig. 5

É grosseira e incompleta a identificação; entretanto, encontram-se fórmas de animaes, typos de uma fauna que não me inclino a admittir propriamente domestica. Considero-os animaes contemporaneos alguns e outros (quaesquer de provavel especie exotica) de que existisse arreigada tradição desde epochas anteriores, quando tiveram origem as primeiras manifestações d'essa arte naturalista, coeva de uma fauna emigrada para outras paragens.

Estes especimens apparecem em circumstancias de jazida que obrigam a sua classificação no periodo de civilisação neolithica.

---

[1] Refere-se a estes objectos da Serra do Alvão, esculpturas e insculpturas, o Dr. J. Leite de Vasconcellos—*As Religiões da Lusitania*, vol. I, pag. 342: «Outras figuras parece representarem, uma um cão ou um gato, outra um sapo ou uma rã, outra um cão; outra talvez represente um porco com um dente muito sahido. Ás vezes cada pedra representa ao mesmo tempo mais de uma figura. Estes objectos são importantissimos, já por constituirem uma das poucas representações zoomorphicas da nossa arte neolithica, já pela sua significação religiosa, pois, quanto a mim, representam idolos ou feitiços, depositados junto dos mortos para os protegerem». E promette o A. occupar-se circumstanciadamente do assumpto em outro logar.

Tenho conhecimento de que no Museu Ethnologico Portuguez, sito em Lisboa, existem cerca de doze esculpturas mais, provenientes dos dolmens de Alvão, que pertenciam á collecção de R. P. Rodrigues, de Tellões.

São uma novidade entre os mobiliarios d'este periodo, que não já nas epochas immediatamente anteriores do paleolithico; nem por isso pódem ter-se como termos desharmonicos em tal série, que representa um espolio sepultado em um *dolmen-tumulus*, sob o veneravel caracter religioso que lhe impõe esta circumstancia de culto e crença; e porque d'elles resalta egualmente, em especial ou no seu todo, esse mesmo sentimento de symbolismo religioso. [1]

São anteriores, muito anteriores, pois veem do quaternario antigo, os primeiros exemplares de esculpturas prehistoricas; appareceram na celebre estação-typo de Solutré, [2] juntamente com objectos de pedra lascada e retocada, e restos de uma fauna, em parte extincta, caracteristica de um clima frio: *Ursus spelæus*, *arctos* e *ferox*, *Canis lupus* e *vulpes*, *Felis prisca*, *spelæa* e *catus ferus*, as varias Hyenas, *Elephas primigenius*, *Rhinoceros tichorinus*, *Cervus tarandus* e *elaphus*, alguns Solipedes e os grandes Bovideos, *Urus*, *Aurochs*, *Bison*, etc., etc., generos que se prolongam em diversas especies actuaes. São d'estes mais ou menos os animaes esculpidos pelo artista prehistorico, primeiramente em pedra, como em Solutré, seguidamente em osso, como nas estações da epocha de Madeleine — Massat, Eyzies, Laugerie, Bruniquel, Schweizersbild, etc. — quando um novo processo, a gravura, permittiu facil expansão a essa actividade artistica superabundante, de uma intensidade que hoje surprehende e levanta admiração. Todos estes productos artisticos estão distanciados dos nossos especimens por um espaço de tempo, tão longo, quanto representam as alterações climatericas que assim modificáram os aspectos das terras, da sua fauna e flora; e afastam-se tambem pelos symptomas e caractéres d'essas producções d'arte, além denunciando um intuito esthetico na applicação aparentemente ornamental dos motivos, aqui mais particularmente schematicos, mostrando apropriações e representações de significado religioso ou mythico. Pertencem estes, de phase neolithica, a uma civilisação diversa mais avançada, todavia, uns e outros ligam-se intimamente pelo caracter de sinceridade e de verdade que exprime a arte primitiva eminentemente naturalista, e, talvez, por equiparavel significação.

Considerou-se a arte de typo Magdalenense como propria dos *Caçadores de rennas*, povos nomadas que fielmente acompanharam a preza favorita nas suas periodicas oscillações, consoante os desvios thermicos das estações e do clima; até que, finalmente, essa fauna de clima frio se foi emigrando para os gelos do Norte, por onde jazem alguns dos mais notaveis especimens.

Pela ethnographia comparada verifica-se este aspecto da civilisação primitiva; os Boschimanos e Australianos actuaes, povos caçadores, teem uma arte como a

---

[1] Dr. J. Leite de Vasconcellos, Op. cit., pag. 343: «Todos estes animaes como os outros representados nas restantes pedras, teriam pois, certo caracter religioso».

[2] G. de Mortillet, *Musée Prehistorique*, Pl. xix, n.os 125 e 126.—Veja-se a este respeito o livro texto *Le Prehistorique*, edições de 1883 e 1900.

dos Magdalenenses. Predomina o desenho e a pintura: imitam os animaes isoladamente ou em grupos, sotopostos sem prespectiva, e compondo scenas de caça; pintam a fresco nas paredes das suas grutas, a vermelho, amarello e branco, como se está verificando nas grutas prehistoricas; gravam e esculpem as pedras soltas e os rochedos, e sempre com o realismo que caracterisa a arte dos povos prehistoricos em identico estado de civilisação, usando de analogos meios productores.

Nos povos de civilisação primitiva, uma dada fórma de arte corresponde geralmente a uma dada fórma de producção. [1] Por este motivo é uniforme nos povos antigos e actuaes de primitiva cultura o caracter das suas producções artisticas.

Cliché de R. S.

Fig. 6

Conduzidos pelo mesmo raciocinio, e considerando esta arte neolithica que se mostra no mobiliario dos dolmens de Villa Pouca d'Aguiar, logicamente poderiamos classificar estas tribus parallelamente áquelles povos caçadores, vivendo em regiões onde a agricultura era difficil, mas onde se encontravam animaes que era possivel caçar e domesticar. Esta situação, embora rudemente simples, implica um progresso; constitue-se proximamente o regimen pastoril, visinho da agricultura, e, em consequencia, firma-se o predominio do homem, o patriarchado de onde derivará a organisação intima da familia e da sociedade. Concordantemente, os preceitos do culto, aqui a necrolatria, vão marcando a ordenação hierarchica da familia e da tribu. E esse é o quadro social de tribus americanas totemistas, entre as quaes predominam de modo notavel os mythos zoomorphicos.

A veneração e culto dos animaes amigos e protectores, em uso nos povos que estão em determinado estado de civilisação, occupam um logar fundamental na constituição da Mythologia da natureza e da propria Sociedade primitiva.

Uma instituição, denominada *Totemismo*, nasce d'este culto primario, da mesma essencia que os demais cultos do animismo e feiticismo universaes. «Esta instituição, segundo A. Lang, [2] não póde, qualquer que seja a sua origem, ter nascido senão entre homens capazes de conceber que certo parentesco existe entre elles e todos os objectos animados e inanimados». E, pela theoria d'estes laços de paren-

---

[1] E. Gosse, *Les Debuts de l'Art*, trad., Paris, 1902, pag. 29.

[2] A. Lang, Op. cit., pag. 57.

tesco real, se regula a conducta politica e social das raças inferiores em um estadio inferior da civilisação.

A petrolatria, dendrolatria, theriolatria, por ultimo o culto dos mortos ou dos antepassados, reduzem-se essencialmente ao principio animista original, accusado em sobrevivencias de elementar e fundamental expressão, mesmo entre raças superiores de superior civilisação. Ainda sob o dominio de elevados catecismos teologicos, no amago de espirituaes doutrinas, nunca se desapegou por completo do sentimento da materia a concepção da alma propria; São Paulo apostalava em epistola aos Corinthios que, «semeado o corpo animal, resuscitará o corpo espiritual», porque, «se ha corpo animal, tambem ha corpo espiritual»; a necrolatria em suas multiplas fórmas desde os primitivos é uma brilhante contestação d'esse originario dogma — todos os demais cultos de então se lhe filiam, dentro do mesmo processo mythologico.

No nosso caso, estas pedras zoomorphicas, nas quaes se procurou dar a fórma animada de seres venerados á pedra inanimada que era de si objecto de culto, são aqui testemunho indiscutivel d'essa elementar concepção mundial sobre que se baseiam as religiões feiticistas; serão idolos, manitús, feitiços, totens ou kobongs, em paridade de caractéres e valores com similares deificações e mythos das raças inferiores, dos povos da Oceania, da America, da Asia tambem e da Africa.

N'este continente, acima de todos, destaca-se o exemplo classico e brilhante do Egypto, profundo manancial que desde o seu principio alimenta o estudo e historia das religiões.

No mundo immenso e mysterioso da mythologia egypcia, distingue-se nitidamente uma verdadeira plebe divina, «cujos membros representáram uma funcção, um momento na vida do homem ou do universo». [1] A concepção animista dá expressão divina a uma numerosa fauna mythologica; é na religião do Egypto que deve buscar-se o exemplo mais completo e frisante de uma zoolatria tão vasta quanto extravagante, variando indefinidamente de fórmas e de culto conforme os povos e as localidades. E este culto dos animaes, nas suas fórmas complexas mais modernas, deverá ser considerado — como opinam Mac-Lennan, Maspero, Perrot, Sayce, Lang, Lubbock e outros — uma sobrevivencia do totemismo primitivo, evolucionando naturalmente, fóra de interferencias extranhas, pois que conserva persistentemente o seu caracter fundamental.

Levar-nos-hia para longe do nosso ponto de vista o vasto problema do totemismo, nos seus aspectos religioso e sociologico; ficaremos na citação aproposita da do facto, verificando ainda como pela differenciação dos casos mais complexos da mythologia zoomorphica se reconstituem os elementos primitivos do culto animico dos animaes parentes, amigos ou inimigos do homem, que ora os consi-

---

[1] G. MASPERO, *Histoire Ancienne des Peuples de l'Orient classique*, t. I, pags. 81 e seg.

dera seus eguaes, companheiros e commensaes, ou lhes nota qualidades superiores, d'elles vive ou os teme, umas vezes animados do espirito immortal que vive na natureza inteira, venerados como deuses ou consagrados a deuses, como incarnações de divindades, da alma divina ou dos espiritos de antepassados.

De qualquer lado que os tomemos, cabem n'esta categoria de deuses-totens as esculpturas zoomorphicas dos dolmens de Alvão, e para explical-os como expressões do feiticismo prehistorico, não será necessario produzir formulas etiologicas, emigrações de povos ou de mythos. Dentro do facto e do processo ethnographico, este phenomeno tem a sua cabal explicação. Não merece a pena, que seria inutilmente fastidioso, enumerar os casos numerosissimos de theriolatria por todos os povos do universo; raros os animaes que não teem algures o seu culto. Além dos mythos locaes da grande-lebre, das rãs, do escarabelho, das aves e das serpentes, e outros, a que se prende a classica doutrina das metamorphoses e metempsychoses, de similes varios e dispersos, todos os demais se adaptam justamente á formula archetypica do feiticismo natural e primitivo.

Cliché do R. S.

Fig. 7

Atraz foi dito que constituem taes esculpturas uma novidade entre os mobiliarios neolithicos; não ha especimens parallelos de equiparação. As esculpturas solutreanas e magdaleneanas constituem um grupo distincto, como outros quejandos mobiliarios de povos selvagens actuaes. Encontram-se figurinhas de animaes mythicos desde os Eskimós septentrionaes aos povos africanos do Sul; todas diversificam pelas suas facies caracteristicas, se bem que aparentam pelo significado cultual ou religioso. Entre os feitiços dos Zunis do Novo Mexico, gente totemista, encontram-se exemplares de animaes sem membros ou apenas esboçados, muito semelhantes ás estatuetas de Alvão; em geral estes pequenos animaes de calcareo, alabastro, malachite, etc., supportam amarrados ao corpo pontas de flecha lascadas em silex, [1] e digna é de notar-se a connexão da arma de silex, considerada *pedra de raio* pelos Zunis, com o animal-feitiço, divindade tutelar da phratria ou clan — estes symbolos casam-se intimamente dentro da mesma concepção animista e na mesma formula totémica.

Observando o interessante pantheon exhumado das necropoles transmontanas, não pódem esquecer, pois que se cuida do problema nacional e peninsular, outras

---

[1] F. H. Crushing, sobre os feitiços dos Zunis, in *Ann. Rep. of the Bur. of American Ethnology*, 1880-81. Apud *Matériaux pour l'hist. prim. et nat. de l'homme*, t. xix, 1885, pag. 535, figs. 145 a 151.

curiosas representações de animaes de epocha indeterminada, as quaes sem outro commentario citarei: refiro-me aos fragmentos de cabeças de javali provenientes do Castro de Sabroso e ás esculpturas em granito de Traz-os-Montes, como a *Porca da Villa* em Bragança, a *Porca de Murça*, a requa do *Olival dos Borrões* no concelho de Moncorvo, o *Berrão do adro* em Parada de Infanções, a *Berrôa* de Torre da Dona-Chama, [1] e tambem os *Toros de Guisando* em Hespanha, exemplares que deverão considerar-se productos de arte indigena, quaesquer que seja a sua classificação chronologica. A proposito virão, por serem de nossa terra, as sete figuras de bronze do Alemtejo, representando cabras, [2] e duas outras similares provenientes de Caceres (Hespanha), consideradas como lusitanas ou luso-romanas; [3] muito embora de bronze, additam-se aos *berrões* transmontanos, formando série de estatuas zoomorphicas que bem pódem constituir sobrevivencias do totemismo primitivo, formula religiosa e social pela qual se esclarecem muitas das manifestações avançadas da theriolatria collectiva em povos aryanos e outros.

Qualquer que seja a theoria que as explique, espiritualista ou naturalista, as nossas esculpturas em fórma de animaes, como pequenos esboços idolatricos, entram na série geral das representações zoomorphicas que vão produzindo epochas posteriores de mais avançada cultura, destinadas a uma expressão symbolica e religiosa.

Esculpturas anthropomorphicas. — Considerada a intima união entre o homem e a natureza animada e inanimada que o cerca, como é proprio do feiticismo, não surprehende que se encontrem no mesmo pantheon, de immensa cupula universal, idolos zoomorphos e anthropomorphos. Estes estão para o principio constituinte da série como aquelles, e apenas, quando muito, denunciarão qualquer avanço de cultura na personificação de espiritos e forças da natureza; que o homem, em phases primitivas, não formava de si ideia superior á que tinha dos animaes que o rodea-

---

[1] Vid. no «*Archeologo Português*», vol. I, a pag. 127: P.e J. A. Tavares, *Archeologia do districto de Bragança;* a pag. 237: J. de Castro Lopo, *Excursão á Torre de Dona-Chama*, fig. 8. A proposito d'estas estatuas e da sua importancia em cultos aryanos, leia-se: A. Borges de Figueiredo, *Revista Archeologica*, vol. I, 1887, pags. 53 a 57 e M. F. Adolpho Coelho, *Sur les cultes peninsulaires*, etc., in *Compte-rendu de la IXe session du Congrès int. d'ant. et d'arch. préh. à Lisbonne*, 1880, pags. 446 e seg. N'esta communicação o A. traduz de Justino, que conta da religião dos Callaicos, tidos por Strabão como atheus: «Ils ont une montagne sacrée qu'il est défendu de violer par le fer...» Transcrevo esta indicação d'uma montanha sobre que pesa particular interdicção cultual; é um facto de *tabú*, impedimento religioso que certamente se estenderia a outros muitos objectos de culto e tambem aos animaes *totens*. A instituição dos *tabús* está para o *totemismo* em intima relação; pretendendo explicar pelo totemismo factos anteriores, a citação serve apropriadamente como esclarecimento.

[2] F. Simões, *Introducção á archeologia da Peninsula Iberica*, pag. 125. — E. da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, 1891, est. XXVI, pag. 219.

[3] J. L. de Vasconcellos, in «*Archeologo Português*», vol. I, pags. 296 a 301, figs. 1 a 5.

vam, dos quaes muitos lhe eram superiores e o dominavam soberanamente, como outros sobrenaturaes poderes nebulosamente intervistos — o natural e o sobrenatural amalgamam-se nas primitivas divinisações. A tendencia para tornar o homem typo da divindade nota-se desde cêdo na organisação das religiões animistas; vae-se creando um polytheismo superior de fórmas humanas ou semi-humanas, individualisações de espiritos, almas e potencias; no fundo, encontrar-se-ha o substractum original naturista e feiticista, mesmo quando se desfibram mythos religiosos de mais elevada concepção, até á deificação do espirito divino omnimodo e omnipotente.

Cliche de R. S.

Fig. 8

Estes considerandos que garantem logica situação ás estatuetas humanas da nossa collecção, não obstam a que este achado seja, como o caso das figurinhas zoomorphicas, novidade excepcional entre os mobiliarios neolithicos.

É facto que o culto dos mortos, symbolisado no dolmen, demonstra um estadio de religiosidade e de civilisação, para a qual não são contradictorias manifestações as fórmas idolatricas ora em presença. Entretanto, é certo tambem que pelos espolios funerarios de megalithos semelhantes e correspondentes, não se encontram esculpturas zoomorphas ou anthropomorphas formando série tam notavel de novos e preciosos documentos para o estudo da religião neolithica.

Sob o ponto de vista artistico, estão estes *idoletos* em intima relação de caracter com os objectos zoomorphicos já citados, e indicam um modo de ser commum, como o estylo de uma eschola, senão a maneira de um mesmo artista. De resto,

esta impressão é unica e geral sempre que vistoriemos producções artisticas de povos em phases elementares de cultura; apenas se divisa um ou outro indicio que differencia pela caracteristica psycho-ethnica ou mezologica tal ou tal grupo.

E aqui, abrangendo o conjuncto das peças artisticas dos dolmens do Alvão, creio podermos affirmar uma localisação de caracter *sui-generis*.

Appareceram quatro especimens de bustos femininos dos quaes apenas tres, de n.os 58, 59 e 60, veem desenhados na estampa XXXVI; o de n.º 59 está representado na fig. 6 por simile-gravura.

Recorrendo aos conhecidos exemplares de esculpturas anthropomorphas das estações paleolithicas, não encontramos n'esses arche-typos a origem ou razão de ser d'esta arte posterior. A distancia chronologica entre as respectivas estações marca n'este caso distincção de caractéres. Não se nota o natural processo derivativo e muito menos symptomas de evolução artistica. A arte quaternaria do caçador da renna, que surge ineditamente cheia de surprezas, fica isolada na série dos tempos e das civilisações. «Não se vê tradição mais antiga d'onde derive, nem tradição mais recente que lhe deva a sua origem — proles sine mater creata, mater sine prole defuncta». [1] Esta apropriada citação de S. Reinach, adrede repetida em varios livros de palethnographia, tem aqui mais um argumento de confirmação.

Não encontro tambem exemplares eguaes ou similes de comparação entre os mobiliarios das epochas sequentes de civilisação neolithica. [2] Todavia, considerando o summario dos caractéres geraes, vou distinguir parecenças na maneira de ser ou estylo dos baixos-relevos e esculpturas das grutas artificiaes de Marne (valle do Petit-Morin), [3] nos megalithos de Aveyron [4] (Saint-Sernin, Maurels, Pousthomy), de Gard (dolmen tumulus de Collorgues), [5] de Oise (La Bellehaye), [5] de Seine-et-Oise (allêa coberta de Épone), [6] nos menhirs de Sardenha; [7] e de nenhum modo

---

[1] S. Reinach, *Antiquités Nationales — Description raisonnée du Musée de S. Germain-en-Laye*, t. I, pag. 168.

[2] Conheço citação de uma estatueta de barro neolithica encontrada perto de Sabnitz, Bohemia — in «*L'Anthropologie*», t. IX, pag. 204, fig. 1 — que pelo seu aspecto muito diverge das nossas figurinhas de pedra; não conheço reproducções das estatuetas de argilla de Butmir, Bosnia-Hersegovina, estação neolithica; apresentarei a opinião do Dr. Hoernes que pretende vêr na industria artistica de Butmir uma creação autonoma, produzida, sem muitas influencias estrangeiras, por uma necessidade, um sentimento d'arte local e autochtone — in «*L'Anthropologie*», vol. VI, pag. 593.

[3] J. de Baye, *L'Archeologie préhistorique*, Paris, 1880, pl. I e II. — Do mesmo A., *L'Archeologie préhistorique*, Paris, 1888, pags. 88 e seg.

[4] *L'Anthropologie*, t. III, 1892, pags. 224 e 225, figs. 1 a 8. — Noticia bibliographica de E. Cartailhac.

[5] E. Cartailhac, *La France Préhistorique*, Paris, 1889, pags. 242 e seg.

[6] E. Cartailhac, *La Divinité Féminine et les Sculptures*, etc., in «*L'Anthropologie*», t. V, 1894, pags. 147 e seg.

[7] Cf. S. Reinach, *La Sculpture en Europe*, in «*L'Anthropologie*», t. V, 1894, pags. 25 e seg.

posso filiar as esculpturas transmontanas nas estatuetas de Mas-d'Azil, de Brassempouy e de Laugerie-basse, [1] de caracteristica arte magdalénense.

As analogias referidas não são de detalhe mas de caractéres somaticos ou de estylo, se é que póde a respeito applicar-se tal designação com devida propriedade. E verificando os documentos, que me foi possivel conhecer, de esculptura em

Cliché de R. S.

Fig. 9

pedra, argilla ou metal, encontrados pelos paizes do Occidente e Oriente classicos, nada encontrei que possa equiparar-se aos objectos em questão.

Da immensa collecção de idolos de argilla de arte mycenica, poderiam approximar-se das nossas estatuetas femininas, um bronze da necropole istriense de Pirrughi, [2] algumas egualmente sem membros de Hera [3] e outros pequenos idolos de Tirynto [4] com as saliencias indicativas dos braços em geral partidas. As differen-

---

[1] Ed. Piette, *La Station de Brassempouy*, etc., in «*L'Anthropologie*», t. vi, 1895, pags. 130 e seguintes.

[2] S. Reinach, Op. cit., t. v, pag. 304, fig. 140.

[3] Henry Schliemann, *Mycénes*, trad. de J. Girardin, Paris, 1879, pags. 136, 138 e 141, figs. 90 a 92, 100 e 112.

[4] Henry Schliemann, *Tirynthe*, Paris, 1885, pags. 140 e seg., figs. 77 a 79, 81, 82, 96.

ças de fórma explicar-se-hiam respectivamente pela natureza diversa dos materiaes empregados, pois que o material intervem directamente na morphologia da obra d'arte: em Alvão o granulito esculpido e polido não permittindo que o artista destacasse os membros salientes do corpo, na Grecia primitiva a argilla molle e o marmore tenro de mais facil manuseamento. Não obstante, havendo que raciocinar *á fortiori* sobre a ordenação d'esta série de esculpturas em presença, partiriamos originariamente dos typos em pedra que, parece, o artista mycenico imitára quando modellou em barro as figurinhas hirtas, sem membros, apenas com as saliencias da cabeça e dos seios, talqualmente fez o esculptor de Alvão. Insistirei ainda em que as semelhanças, que justificam a approximação d'estes grupos de estatuetas, apenas se encontram nos exemplares mais antigos e barbaros; nos especimens melhor trabalhados, em que as fórmas se relevam e precisam, os caractéres propriamente mycenicos differenciam-n'os completamente dos nossos modelos. Justamente são considerados por G. Perrot de fabrico local, de caracter indigena. [1] E o argumento fundado no aspecto elementar e primitivo d'esta arte em inicio, servirá ao nosso caso. Quando, a proposito das esculpturas em grutas e megalithos, se proclamou a concorrencia da arte de Hissarlick, de Mycenas, Thera, Chypre, Creta, etc., e, para explicar as divindades femininas, se chamáram as venus nuas da Chaldeia e Babylonia, não se verificou que nenhum indicio morphologico, archeologico, historico ou meramente artistico, define o sentido d'essa corrente. Não se cuidou de que na sua origem confundem-se os caractéres elementares das obras d'arte, simples esboços de singelo aspecto, mixto de barbaro e infantil, em que mal se definem os caracteristicos individuaes do productor, da civilisação ou da raça. Não tardam, em verdade, as differenciações, quando as artes plasticas se denunciam de caracter hieratico, afastando-se do primitivo modo realista, que se encontra nos archetypos de Madeleine; e este movimento nem sempre é provocado por impulso extranho, mas por evolução autochtone, produzindo-se naturalmente no meio originario de eclosão.

A deficiencia de termos precisos de confrontação, dentro do mesmo erudito processo comparativo, levar-nos-ha a isolar no seu meio o facto ethnographico, ou, com melhor fundamento paleo-archeologico invertendo o sentido, a concluir com S. Reinach que as estatuetas de mulheres nuas são mais uma producção occidental que atravez a arte egeana passou ao mundo propriamente oriental. [2]

Aqui teremos mais um exemplo comprovativo, de evidencia incontestavel, pelo quantum de caracteristico ou local manifestam os idolos femininos dos dolmens

---

[1] Perrot & Chipiez, *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*, Paris, 1894, t. vi, pag. 739, fig. 330 e pag. 863.

[2] Veja-se a discussão minuciosa e erudita d'este interessante problema no artigo citado de S. Reinach, in «*L'Anthropologie*», t. vi, pags. 556 e seg.

de Villa Pouca d'Aguiar. No extremo Occidente do velho mundo existe desde agora mais um brilhante documento da autonomia das primitivas civilisações europeias.

A estatueta de fig. 6 (n.º 59 *a* e *b*), termina em fórma de cabeça d'um animal que não parece classificavel.

As representações anthropomorpha e zoomorpha estão ligadas intimamente em um todo symbolico, como é natural, de resto, sendo formulas congenitas dentro do mesmo principio feiticista. D'esta sorte se explicam consequentemente e naturalmente estas fórmas geminadas. O exemplar de n.º 60, mostra á primeira vista um contraste formal: o busto de mulher, de cabeça radeada, termina nitidamente em fórma de gume, exactamente como os machados polidos contemporaneos. Aqui temos a fórma do machado, de valor symbolico, ligada a uma divindade anthropomorpha, e recordarei a mesma coincidencia já accentuada a proposito do amuleto triangular que terminava em gume como o amuleto-machado; n'este novo especimen é mais evidente essa união de uma divindade feminina a um symbolo que poderia representar o elemento macho de geração. Seria ainda a formula dual e fundamental da concepção genesiaca, basilar de toda a velha mithologia solar e cosmogonica em fórmas primevas e mais avançadas.

Collocarei junto d'estes os exemplares zoomorphicos de combinação com a fórma do machado-neolithico. O objecto de n.º 54 *a* e *b* (est. xxxv), que parece a representação d'um urso, prolonga-se inferiormente em um appendice, substituindo os membros, com a fórma aguçada; tem sobre um dos lados o signo estrellado ou solar e algumas covinhas; parece um instrumento no qual o corpo do animal conformaria uma especie de punho. [1] O objecto de n.º 56 *(bis)* consta de uma cabeça de animal terminando para a cauda em fórma de pyramide. Esta disposição acuminada, propria de um determinado utensilio de córte, tem n'este objecto significação symbolica; é constituido de granulito pouco resistente que não podia usar-se para instrumento de effectivo trabalho. Sob o mesmo envolucro symbolico, temos mais estes exemplos da intima união de varias fórmas animaes á mesma fórma de instrumento. E na logica do culto feiticista em phases correspondentes, considerarei estes objectos como utensilios de um determinado ritual, para uso do feiticeiro ou especial sacerdote d'essa religião na qual ha a considerar sobretudo o predominio da necrolatria de seu proprio caracter patriarchal e hieratica.

Completa-se a observação, addicionando, para não produzir ulteriores repetições, o instrumento acuminado de n.º 31 (est. xxxii) com tres covas de um lado e outra do lado opposto nas quaes perfeitamente casam os dedos da mão, e as pedras com inscripções de n.ºs 76 e 78 — figs. 14 e 15 — aguçadas em gume, uma

---

[1] Os povos Yakuts e Ostyakes da Siberia e os Samoyédas consideram o urso como a mais forte das creaturas divinas, e assim os Kamtchadales, Peruanos, Ainos, e outros, (Lubbock, Tylor, etc., op. cit.); por mera curiosidade aponto a coincidencia: o urso, personificando a força, ligado ao machado symbolico.

em fórma de cutello, outra como os machados, em que se repete o signo estrellado, as quaes evidentemente se destinavam a um emprego symbolico, para uso do culto. Tudo concorre para o caracter cultual d'estes utensilios que nos levam a admittir ritos e cerimonias, talvez sacrificios, uma liturgia presidida pelo chefe, feiticeiro, homem-prodigio (epileptico ou trepanado), curandeiro, adivinho, magico, schaman ou sacerdote.

O Dr. J. Leite de Vasconcellos, resumindo pontos de vista sobre a religião do neolithico entre os nossos ancestraes, admitte «a possibilidade de existencia de certos individuos de caracter maravilhoso...», d'onde «á possibilidade da existencia de sacerdotes não dista muito». [1] E muitos outros auctores são concordes em admittir parallelamente ao culto dos mortos, de elevado caracter animista, um ritual proprio em que officiavam predestinados sacrificadores ou sacerdotes, facto que, em virtude da ethnographia comparada, deverá coexistir em povos de religião correspondente ao totemismo e schamanismo, profitentes d'um feiticismo idolatrico em certo grau de superioridade e de caracter collectivo.

Seguir-se-hia extensamente a comprovativa demonstração; mas, porque este problema de embaraçosa e dilatada generalidade exigiria por si um tratado de volumosa especulação, ficar-me-hei por aqui, para não distrahir abusivamente o interesse justificativo d'esta monographia local. Verifica-se pelo exposto como de minimos documentos muito ensinamento resulta para o estudo da religiosidade e organisação social dos povos que demoraram nos planaltos de Villa Pouca d'Aguiar. Os mythos, cultos e religiões de povos actuaes, de observação directa, prestam-se a incerta e varia interpretação; menos poderão precisar-se factos do passado, cuja reconstituição mal permitte a escassez dos documentos; aventam-se todavia, por methodo comparativo de analyse, algumas proposições de considerada verosimilhança, e assim se irá pausadamente a caminho da verdade.

Insculpturas. — Desenhos. — Sobre pedras esculpturadas constituindo objectos symbolicos ou simplesmente em calhaus informes, desenhou tambem o artista neolithico de Villa Pouca d'Aguiar, por meio da gravura, representações de figuras humanas e de animaes. Um novo processo artistico pelo qual estas elementares producções se approximam de semelhantes exemplares provenientes das estações immediatamente anteriores do paleolithico; raras eram então as esculpturas em relevo completo, ou *ronde bosse*, e caracteristicamente vulgares as insculpturas a traço e de combinação com o trabalho a meio-relevo. Parece que estes productos deveriam anteceder os que foram precedentemente descriptos; a applicação, porém, dos desenhos sobre objectos esculpidos e a fórma linear d'este processo artistico, ora de aspecto ornamental, indicam a sua posterior classificação.

---

[1] *As Religiões da Lusitania*, t. I, pags. 191, 195, 349, 396 e seg.

Como artificio ou por natural e logica sequencia, esta ordem servirá quando menos á exposição do assumpto. Temos desenhos de animaes isolados ou agrupados e scenas de caça em que intervem a figura humana.

Entre os primeiros ha que considerar os casos avulsos sobre pedras sem fórma como os n.os 61 — fig. 8 — 62 (est. xxxvii), 69 (est. xxxxii) — fig. 10 — e 70 (est. xxxxiii); sobre pedras com fórma de instrumentos, como os n.os 63, 64 *b*, 66 *a*, — fig. 7 — e 67 (est. xxxvii e xxxviii), tambem a curiosa peça esculpturada representada pelos seus diversos lados no n.° 68 (est. xxxviii a xxxxi) e na fig. 9, junta a este texto. Quanto a scenas de caça nas quaes se representa o homem, existem os exemplares de n.os 64 *a*, 66 *b* e 71 (est. xxxxiii).

Cliché do R. S.

Fig. 10

Nem todas as especies de animaes figurados n'estes petreos documentos são facilmente perceptiveis, pois que n'esta série o desenho é mais grosseiro e primitivo do que nos objectos da epocha de Madeleine, os quaes distinctamente caracterisam a nitidez de fórmas e a verdade da imitação. Merece a pena tentar uma approximação, que mais difficulta o desconhecimento da fauna contemporanea das estações neolithicas e mesmo quaternarias. É um estudo por fazer em toda a Peninsula; e, tanto mais necessaria á paleontologia do quaternario antigo, quanto é certo que a ella se liga o conhecimento dos primitivos grupos humanos, os quaes vivem, evolucionam e movem-se consoante essa fauna, da qual são elementos participantes e, em certa medida, dependentes.

O animal representado maior numero de vezes é o cervo commum de cornos ramosos, o *Cervus elaphus*. Vê-se nos n.os 64, 65, 66 e 67, sobre utensilios e

objectos amuletiformes; animal abundante, presa de caça de consideravel apreço, cuja imagem enfeita objectos de culto, como simples applicação ornamental ou marca totemica, porventura com sentido religioso, significando talvez um voto ou uma prece ideographada por este singelo modo naturalista. Representa este cervo, como *leit-motiv* da nossa série, o papel da renna, *Cervus tarandus*, na arte magdaléneana; esta especie, porém, não consta que ultrapassasse os Pyrineus e os Alpes Meridionaes; [1] conhece-se hoje acantonada nos frios paizes boreaes, vagueando por essas pastagens safaras e nevosas ou pastoreada em rebanhos por alguns d'esses povos hyperboreos. O *Cervus elaphus*, salvo ligeiras variações que importam as differentes circumstancias mezologicas, por aqui existe desde o começo do quaternario antigo; encontra-se indistinctamente nas estações prehistoricas de todos os paizes, e tem sido, pelas suas fórmas e attitudes de muita nobreza, o assumpto de imponentes obras d'arte de todos os tempos.

No objecto de n.º 68 a figura do cervo occupou completamente uma das faces da curiosa pedra gravada e esculpida que os dois descubridores d'este thesouro archeologico pittorescamente denominâram «Arca de Noé». Vê-se em scenas de caçadas, como no n.º 71, em que o veado é montado por um caçador armado de flecha e arco, segurando-se a um dos cornos; scena que, se póde representar o pleno triumpho do caçador, tem certo ar jocoso ou caricatural, pois se sabe que o veado não se doma facilmente a ponto de ser cavalgado; em dois casos, 64 *a* e 66 *b*, representa-se o animal perseguido pelo caçador, em outros, 64 *b* e 67 *a*, ferido com uma flecha. Estes pequenos quadros teem similes entre as gravuras sobre osso da epocha da renna; são composições que, com egual arranjo de figuras representando o mesmo acontecimento, de identica expressão esthetica, encontram-se entre as producções artisticas de povos cujos organismos são ethnicamente os mais varios e heterogeneos. Apenas, da insistente representação d'este animal perseguido e ferido pelo homem, poderia concluir-se, dentro do nosso caso, contra a provavel domesticação d'esta especie de proprio caracter timido e selvatico.

Um outro animal se repete nos exemplares de n.ºs 61, 63, 68, 69 e 70, com duas pontas levantadas sobre a face nasal, proximo ao focinho, e pellos ao longo da espinha indicados por traços parallelos inclinados para traz. Poder-se-hia identificar com o javali, *Sus scrofa*, em cuja representação teria o artista exagerado os dentes de defesa, collocando-os pelo processo de sua rudimentar perspectiva em seguimento um do outro ao longo da linha de face; e pelo mesmo modo os dois traços sobre o topete, indicando as orelhas erguidas, como na estatueta de argilla de Pilin (Hongrie) [2] e em outros bellos exemplares de bronze da Gallia romana. [3]

---

[1] Gabriel et A. de Mortillet, *Le Préhistorique*, Paris, 1900, pag. 103.

[2] G. de Mortillet, *Musée Préhistorique*, n.º 1111.

[3] S. Reinach, *Ant. Nat., Bronzes figurés de la Gaule romaine*, Paris, pags. 268 a 273.

Lembra o nosso collaborador R. P.e Brenha que poderiam ser figuras de *Rhinoceros*, e prudentemente marca ponto de duvida. Não é de crêr, n'esta supposição, que se trate de exemplares de fauna contemporanea, mas de animaes conhecidos por tradição, pois se averiguou a existencia do *Rhinoceros* no quaternario antigo da gruta de Furninha e dos arredores de Madrid. [1] Em todo o caso não seria esta a especie *Tichorinus*, da fauna quaternaria, companheira do Mammouth, animaes de que não ha vestigios pelos paizes do meio dia, [2] e poderia presumir-se uma especie semelhante ao *R. bicornis* da Africa central e do Sul, embora não pareçam muito apropriados os longos pellos que seguem a linha dorsal.

O animal semelhante, só com uma ponta sahindo da extremidade do focinho, n.º 68 *(i i')*, e tendo um quadrado saliente da testa, approxima-o tambem o P.e Brenha dos Rhinoceros; seria uma variedade unicorne, de que existem exemplares, identificação com que mal me conformo, ou animal de fabula tradicional, como o cervo unicorne da floresta Hercyniæ a que se refere Julio Cesar [3] e que alguns auctores quizeram impropriamente egualar á renna. [4]

No machadinho perfurado de fig. 7 vê-se uma especie de elephante com as duas defezas e a tromba; assim parece á primeira vista. A termos de considerar esta representação como d'um *Elephas*, ha que suppor o *E. Armeniacus*, do qual se encontram vestigios no quaternario de Hespanha, [5] ou o *E. Africanus* que existe no continente visinho, e que viveu na Europa desde o *chelleano*, tambem encontrado nas alluviões antigas do Manzanares; o desenho de fig. 7, muito embora os traços

---

[1] J. F. Nery Delgado, *La Grotte de Furninha à Peniche*, in *Compte-rendu du Congrès de 1880, à Lisbonne*, pags. 238 e seg.—Casiano de Prado, *Discripcion fisica y geologica de la provincia de Madrid*, Madrid, 1864, pags. 182 e seg.

Não parece que se deva considerar exacta a communicação de Tubino á *Ass. fr. pour l'av. des sc.* na XIX sessão, 1872, em que noticia a descuberta de restos de *Ursus spelæus* nas provincias bascas e de ossos de *Rhinoceros tichorinus* perto de Burgos—in *Matériaux*, etc., vol. VII, pag 474.

[2] G. et A. de Mortillet, Op. cit., pag. 373.—G. de Mortillet, *Origines de la chasse, de la pêche et de l'agriculture*, I, Paris, 1890: a proposito do *Cervus elaphus*, pags. 47, 108 e 114; do *Cervus tarandus*, pags. 48, 96, 110 e 114; do *Rhinoceros*, pags. 4, 30, 64; do *Elephas primigenius*, pags. 4, 21, 195.

[3] C. Julii Cæsaris, *Commentarii*, etc., ed. Garnier, liber VI, XXVI: «Est bos cervi figura, cujus a media fronte inter aures unum cornum exsistit, excelsius magisque directum his, quæ nobis nota sunt, cornibus». Cesar não é tão verdadeiro na sua discripção, quanto são exactas as pinturas e mosaicos romanos que representam o cervo vulgar, muito conhecido dos povos da Italia, do qual não se approxima aquella lendaria variedade unicorne.

O povo facilmente phantasia monstruosas fórmas, mesmo de animaes contemporaneos. Por vezes são féras, como velhos dragões de composita phantasia e terrificantes orgãos, que infestam as pastagens—e reduzem-se afinal a simples animaes bravios: o lobo, o javali, por exemplo. A proposito citarei a brochura de 1760, *Relação verdadeira da espantosa féra que ha tempos a esta parte tem apparecido em as visinhanças de Chaves*, onde, com licença do Santo officio, vem pintado o phantastico e horroroso bicho. Por egual maneira poderia gerar-se a lenda transmittida por Cesar.

[4] G. de Mortillet, op. cit., *Origines de la chasse*, etc., pags. 112 a 114.

[5] Casiano de Prado, op. cit., pag. 185.

sobre o dorso representando longas sedas, não póde pelo seu contorno comparar-se ao *E. primigenius*, de que existem muitas reproducções desde o solutreano, mas que tambem nunca foi assignalado entre nós.

Nos n.os 61, 62 e 70—fig. 8—em que apparecem animaes geminados, pódem vêr-se representações do porco e do javali; a gravura de n.º 75 poderá representar um batrachio; no n.º 68 (est. xxxix), teriamos na parte superior a figura provavel de um *Canis* e entre os dois animaes quadrupedes, um desenho que supponho ser de um *Coleoptero*—fig. 9—com indicação nitida dos dois *elytros;* na mesma pedra (est. xxxx, *g*), uma salamandra ou lagarto e ao lado (est. xxxx, *j*), um *Gallus* de crista triplice, desenhado por modo mais imperfeito que as aves do Tumulus de Lisières; [1] nada é permittido concluir sobre os quatro traços inferiores que não poderiam representar quatro pés. Por esta mesma rasão temos que lançar á conta da phantasia, como ensaios e imperfeições do artista neolithico, muitas linhas, irregularidades de contornos, acrescimos defeituosos ou imaginarios, que certamente constituem simples tentativas ou esboços e não obra definitiva sobre que havemos de moldar rigorosamente as nossas interpretações. [2]

Tenho-me referido varias vezes ás series preciosas das estações da epocha de *Madeleine*, que hoje constituem uma vasta galeria de obras d'arte prehistoricas. Ahi, como n'estes desenhos de Alvão, predomina o mesmo aspecto realista; o nosso caso, porém, accusa-se comparativamente de muita imperfeição, como se fôra a decadencia d'essa arte superior nascida nos tempos paleolithicos, ou constituindo no meio indigena rudimentares e barbaros inicios.

---

[1] B. Souché, *Découvertes archéologiques aux environs de Pamproux*, in *Matériaux*, xv, 1880, pag. 154, fig. 20.

Parece de toda a verdade esta interpretação, e consequentemente ter-se-ha mais uma probabilidade de que a gallinha não é de importação, oriunda do Oriente, do *Gallus Bankiva* da India. Este desenho deverá representar qualquer especimen indigena. A raridade dos ossos proprios d'estes animaes em algumas estações, desde o paleolithico, justifica-se pelo mesmo modo como se explica a ausencia de muitos outros restos de animaes contemporaneos, de qualquer fórma utilisados.

[2] Algumas pedras e fragmentos d'osso sem fórma regular com desenhos na maioria incompletos, de animaes heterogeneos sem posição definida, como a peça classica do *combate das rennas*, da collecção de Vibraye, e dois calhaus gravados de Bruniquel (collecção de Peccadeau de l'Isle), são considerados pelo snr. E. Cartailhac como esquissos ou *estudos* que o artista fizera, ensaiando-se, ou pelo proprio prazer de burilar essas imitações. «Ce n'est que dans les sociétés d'un ordre plus élevée que le plus grand nombre de hommes jouiront des productions du plus petit. Ici chaque individu est isolé, chacun d'eux a sa part d'organisation artistique».—E. Cartailhac, *Œuvres inédites des artistes chasseurs de rennes*, in «*Matériaux*», xix, 1885, pags. 67 e seg.—Não me parece possivel afastar da producção da obra d'arte a consideração do publico a que era destinada, de cuja influencia não se liberta o artista. O contrario é que implicaria uma individualidade artistica superior, a qual não é de prever. Diz o A., sobre o destino d'estes calhaus, que poderiam ser especie de feitiços ou pelo menos amuletos—«mais cette hypothése a peu de valeur». Pela minha parte, inclino-me para esta hypothese de sentido symbolico ou de culto—ponderosamente restricta ás varias circumstancias, entre limites verosimeis.

Negam alguns auctores o intuito religioso que outros teem attribuido ás producções artisticas das epochas finaes do paleolithico. O artista primitivo, prehistorico ou actual, copiou da natureza, fixando por varios processos de elementar industria artistica as fórmas e acontecimentos que presenciou; e não o fez unicamente por aprazimento proprio, mas tambem para o seu publico. Não se trata pois de manifestações meramente pessoaes; esta arte ornamental e naturalista denunciará nos seus processos e aspectos o instincto artistico do productor e tambem uma facies social do seu publico — o meio ou grupo ethnico. Estas manifestações do intellecto humano serão phenomenos sociaes, e pois que, em applicação do exposto, por ellas se tem reconstituido o *modus vivendi* d'esses povos trogloditas e caçadores.

Além, no paleolithico, não se affirmará nitidamente o emprego symbolico d'essas delineações estheticas; aqui, entretanto, encontra-se em intima união o elemento artistico e religioso, se bem que no fundo, na sua rasão psychologica, divirjam as respectivas inspirações originarias.

Os animaes geminados, ligados dois a dois em um só corpo, e um todo symetrico, fórmam uma classe distincta. Esta disposição, que indica um arranjo decorativo, presta-se a novo commentario quanto á expressão do motivo artistico; que a egualdade de desenhos e communidade de caractéres naturalmente os filiam nos anteriores e esclarecem a sua origem local. Lembram a esculptura com duas cabeças de bois procedentes de Laugerie-basse, [1] da qual os nossos exemplares parecem proto-typos, embora de ulterior epocha; e, praticando o methodo ethnographico adoptado, vamos encontrar entre os Eskimós, [2] por exemplo, uma base de dardo, formado por duas cabeças de cães dispostas exactamente como no fragmento da Dordogne. É o agrupamento symetrico de dois animaes com o mesmo corpo, como nas conhecidas espadas votivas da Sardenha, constituindo uma primeira composição decorativa, já com applicação do principio basilar de equilibrio. O rythmo e symetria que existem na natureza inteira accusar-se-hiam na arte nascida da propria imitação das fórmas naturaes. Os primitivos esboços de industria humana, os primeiros utensilios e armas, demostram esse equilibrio de fórmas, as quaes são essencialmente esthetiças. As manifestações meramente artisticas, de arte pura ou applicada, de significação esthetica ou symbolica, obedecem a esta lei morphologica que é de universal extensão. Vimos, na nossa série, desde o machado polido com fórma symetrica de perfeito equilibrio — os pingentes, as esculpturas zoomorphas e anthropomorphas, o exemplar composito da fig. 6 e as gravuras de animaes geminados, os signos radiados, etc. — a harmonia geral de composição, ainda sem estylisação dos elemen-

---

[1] Girot et Massénat, *Les stations de l'âge du Renne*, etc., Paris, 1888, pl. iv. — E. Massénat, *Objets gravés et sculptés de l'Augerie-Basse*, in «*Matériaux*», t v, 1869, pl. 20. — S. Reinach, *La sculpture en Europe*, etc., in «*L'Anthropologie*», t. vi, pags. 662 e seg.

[2] E. W. Nelson, *The Eskimo abouth Bering Strait*, in *Bur. of American Ethn.*, 1896-97. Part. i, pag. 456, pl. cvii *a*.

tos constituintes, denotando o modo natural como se origina o motivo artistico e ornamental. Depois, progressivas industrias artisticas vão estylisando, variando, tornando hieraticos e heraldicos estes e outros themas naturaes, conforme o genero d'arte, imprimindo-lhes o caracter da civilisação e do meio. Em verdade, a arte devera ser no começo naturalista.

As descubertas de gravuras e pinturas nas paredes das grutas, da epocha da renna, em Altamira, Chabot, La Mouthe, Pair non Pair, Combarelles, Fond de Gaume e Marsoulas, trouxeram para o estudo da arte paleolithica elementos de um alto valor, que pela uniformidade do seu caracter representam uma série innegualavel de documentos ethnographicos. Não estão completamente publicados os estudos a respeito d'estas estações, sobretudo faltam os correspondentes albuns de reproducções; a sua bibliographia espalha-se pelas revistas da especialidade, desde a brochura de M. de Santuola, [1] em 1880, a de E. Harlé, [2] nas communicações e notas de F. Daleau, [3] E. Rivière, [4] L. Capitan & H. Breuil [5] e E. Cartailhac, [6] e poucas mais citadas por estes auctores.

Os informes que se concluem d'este extenso mostruario de producções artisticas são dos mais completos sobre sua technica e caractéres. Á parte os frescos

---

[1] Marcelino S. de Santuola, *Breves apuntos sobre algunos objetos prehistoricos de la provincia de Santander*, Madrid, 1880, 27 pags. e 4 pls.

[2] *La grotte d'Altamira, prés de Santander (Espagne)*, 1 pl, in «*Matériaux pour l'histoire de l'homme*», xvi, 1881, pags. 275 a 283.

[3] *Les gravures sur roches de la caverne de Pair-non-Pair*, in *Actes de la société archeologique de Bordeaux*, 1897. Apud. «*L'Anthropologie*», ix, 1898, pags. 66 a 68.

[4] *La grotte de la Mouthe (Dordogne)*, in *Bulletin de la société d'anthropologie de Paris*, 1897, fasc. 4, pag. 302, fasc. 5, pag. 497.—*La lampe en grés de la grotte de la Mouthe*, in *Bull.* et *Mem.* idem, 1899, fasc. 6, pag. 554 e 1901, fac. 6, pag. 624.

[5] *Les gravures sur les parois des grottes préhistoriques, La grotte des Combarelles*, in *Revue de l'Ecole d'Anthropologie de Paris*, 1901, x, 1902, fasc. 1 (supplément) pags. 33 a 46, fasc. vii, pags. 235 a 250.—*Gravures paleolithiques sur les parois de la grotte de Combarelles*, in *Bull.* et *Mem. de la Soc. d'Anthrop.*, 1902, fasc. 4, pags. 527 e seg.

[6] *Les cavernes ornées de dessins. La grotte d'Altamira, Espagne; «Mea culpa» d'un sceptique.* In «*L'Anthropologie*», 1902, n.° 3, pags. 348 e seg.

Mostrou-me em Madrid D. Hermilio Alcalde del Rio, digno director da Eschola d'Artes e Officios de Torrelavega, copias em tamanho natural das gravuras e reproducções a gouache das pinturas que existem nas paredes da gruta de Altamira, representando animaes isolados e em grupos; é um trabalho de consideravel merecimento que figurará n'esta revista, conforme a promessa do nosso distincto amigo. São perfeitas as analogias d'estes desenhos e das outras grutas acima indicadas, e são comparaveis a especimens de Alvão algumas das gravuras e signaes lineares. Pareceu-me notar que a fauna reprodusida não consta de animaes exoticos, mas de especies de zona temperada de caracter aborigene, o que confirmaria o aspecto da fauna magdaleneana na Peninsula, onde não appareceram os animaes de clima frio como a renna e o mammouth. É para desejar que D. Hermilio cumpra o seu meritorio plano de terminar a exploração da gruta e realise a promettida publicação do seu valioso album que representa um alto serviço para a palethnographia iberica. Dos snrs. E. Cartailhac e H. Breuil se aguardam tambem minuciosos estudos sobre esta interessante estação.

coloridos, as gravuras assemelham-se ás conhecidas dos typos de Solutré e Madeleine; mas, a proposito veem tambem, tratando-se da arte neolithica de Villa Pouca d'Aguiar, pois n'ellas encontramos termos seguros de comparação. Dois ou tres animaes de Combarelles teem nitidamente traçados no meio do corpo signaes alphabetiformes, como se nota no animal da nossa fig. 7 que se parece a um *Elephas*. L. Capitan considera-os marcas de propriedade ou de tribus, e approxima-os dos signaes notados por E. Piette em ossos gravados da epocha éburneana, assim como das marcas usados pelos nomadas do Sul algeriano. [1]

Ora, a fig. 7 representa um objecto amuletiforme; e a este caso juntaremos os mais de objectos symbolicos provenientes da nossa necropole neolithica com applicação de gravuras de animaes; a producção artistica, mesmo de caracter naturalista, participaria do commum destino symbolico, e este symbolismo, que implica um caracter religioso, poderia bem generalisar-se d'esta para outras séries, fornecendo mais um indicio para a interpretação d'essa arte paleolithica na epocha das cavernas, neolithica ao tempo dos dolmens d'Alvão e das pedras escriptas da Algeria.

Se é discutivel por falta de outros dados a significação das gravuras e frescos dos trogloditas prehistoricos, que apparentam simples expressão esthethica, não será contrariavel o emprego cultual dos desenhos e signos semelhantes que se encontram nos objectos symbolicos de Alvão, collocados dentro de uma crypta megalithica, que é como um templo, em cumprimento de um ritual subordinado a certo culto e religião.

Observar-se-ha ainda que as scenas de caça de flagrante verdade, tambem representadas sobre objectos amuleticos, cujos motivos e caractéres se encontram semelhantemente nos quadros dos artistas magdalénenses, repetem-se nas composições do genero entre eskimós, australianos, boschimanos, indios americanos, e outros, e constituem o assumpto fundamental das lendas e mythos d'estes povos totemistas. E applicando respectivamente a um e outro caso a observação comparativa, não temos mais do que seriar todos estes documentos que se nos antolham homogeneos, como termos de uma vasta formula *totemica*, velha theoria que agora renasce com mais vigor, sobre os estudos progressivos da ethnographia comparada.

---

1 Flamand, *Les pierres écrites du nord de l'Afrique*, etc., comm. ao Congresso internacional de 1900, *Compte-Rendu*, pag. 265. Trata o auctor resumidamente das gravuras rupestres neolithicas representando animaes que não existem no paiz, como o elephante, o rhinoceronte, o bufalo, etc., caracter que as distingue das rupestres libyco-berbéres as quaes representam animaes que vivem na região.

L. Capitan, *Hadjrat-Mektoubat* ou *Les pierres écrites*, etc., in *Rev. de l'Ec. de l'Anthr.*, 1902, v, pags. 168 e seg. Dr J. Huguet, *Sur les Touareg*, *Bull. et Mem. de la Soc. d'Anthr.*, 1902, pags. 614 e seg.—Tratando do idioma dos Touaregs, refere-se ás marcas dos camellos, nas quaes se encontram caractéres eguaes a alguns de Alvão, do alphabeto iberico e do tifinagh, (n.os 25 e 27, vid. quadro de caractéres que adeante vae inserto).

Insculpturas. — Pedras com covinhas. — Provenientes d'esta região megalithica ha pequenas pedras com insculpturas circulares das quaes se póde formar interessante collecção, desde especimens com uma até nove covinhas. Foram abertas estas pequenas escudellas em objectos de fórma determinada e outros sem feitio, indicando um destino que não simples applicação de caprichoso enfeite. Estão desenhados nas est. xxxi e xxxii e photographados nas figs. 11, 12 e 13.

Compara-os o R. P.e Brenha aos seixos coloridos de Mas-d'Azil com pontos e riscas, os quaes são considerados por E. Piette como signaes de numeração. [1] Posta de lado a phantasiosa arithmetica de que usa o snr. E. Piette para explicar os agrupamentos segundo que dispõe os seus exemplares, não repugna admittir a interpretação d'estas séries de marcas como testemunhos de elementar contabilidade.

A arte de contar nasceu, póde dizer-se, nas phases mais primitivas dos diversos povos. Actualmente, tribus de inferior cultura, escondidas nos sertões da America do Sul ou retiradas para os desertos interiores da Australia, não contam além de *cinco* ou mesmo *dois;* [2] entretanto, muito embora restricta a lingoagem dos numeros, averigua-se que o seu modo de contagem se estende a maior quantidade pelo processo de repetição. O auxilio dos dedos, que vem a ser geral, facilita o desenvolvimento da rudimentar arithmetica, creando-se por este systema natural e espontaneo a base quinaria e decimal ou bidecimal, que é quanto sommam os dedos da mão, as duas juntas ou o total dos dedos e artelhos. As marcas estrictamente elementares, simples recortes ou riscos em um pedaço de osso, como nos tempos prehistoricos, e em tiras de madeira, as porções de seixos, sementes, pequenos ossos, etc., usam-se e subsistem, assim como os dados, os *contos*, os rosarios e os abacos, indicando o mesmo processo grosseiro e primitivo de contabilidade. O registro de quantidades foi necessario ao homem e de seu uso commum desde as primeiras phases do seu desenvolvimento; e o estado de civilisação, de relativa superioridade, que ensinam os restos archeologicos das necropoles transmontanas, não contraria a verosimil existencia d'uma lingoagem arithmetica ao lado de inconfundiveis manifestações de uma lingoagem escripta em multiplos caractéres symbolicos e até formulas rectilineas de apparencia alphabetica.

Todavia, não nos é dado concluir, posto que contêmos em grupos séries continuas de covinhas, que essas pedras assim marcadas sejam elementos parcellares de uma numeração. Differente é a addição consecutiva de traços ou pontos representando certa quantidade, pois que a organisação de peças com grupos de marcas, tendo cada qual determinado valor numerico presume a rigor uma arithmetica estabelecida.

---

[1] Ed. Piette, *Etudes d'Ethnographie Préhistorique,* in «*L'Anthropologie*», t. vii, 1896, pags. 390 e seg.

[2] E. B. Tylor, *La Civilisation Primitive,* t. i, pags. 279 e seg.

Ha casos isolados de pedras com iguaes impressões, que devem ter diversa utilisação; e de começo deverão extremar-se as covinhas sobre objectos cultuaes e amuleticos, ou quando junto ao signo radiado e outros, como se observa no espolio em analyse. Estacio da Veiga encontrou nas ruinas de um monumento neolithico, em Torres de Frades, concelho de Villa Real no Algarve, [1] um espheroide de rocha dioritica com varios buracos em toda a superficie, que faz lembrar os exemplares de Villa Pouca d'Aguiar; certamente que não lhe compete o mesmo significado.

A apparente insignificancia d'este pequeno problema ethnographico, nem por isso o simplifica, e sobre tal se tem discorrido em volumosas memorias. Os rochedos e grandes pedras com escudellas — *pierres à fossettes* — que parecem ligar-se

Clichés de P. S.

Figs. 11, 12 e 13

á questão de momento, mais embaraçam o problema; parece-me, de um modo generico, que a estas insculpturas quasi universaes corresponde variada significação, conforme as circumstancias particulares em que se encontram: umas vezes serão casual brinquedo inexpressivo ou simples motivo ornamental, representarão de symbolos religiosos ou de especial lingoagem, outras vezes com vulgar utilidade para um uso domestico, [2] e poderão servir tambem como utensilios de culto ou petrechos de ritual.

Os nossos exemplares poderiam representar isoladamente registros numericos de coisas e factos ou constituir *pedras de contar*, desde o algarismo um até nove; mais verosimil será porém, que termine em *dez* a série numeral.

---

[1] S. F. M. Estacio da Veiga, *Paleoetnologia, Antiguidades Monumentaes do Algarve*, Lisboa, 1887, vol. II, pag. 404, est. XXIII, fig. 3.

[2] Na Cividade de Bagunte, encontrei um pequeno bloco solto, tendo uma das faces com escudellas, algumas ligadas por sulcos. Pelas condições em que estava, talvez que a este bloco se possa attribuir certo uso domestico. *Paleoethnologia Portugueza*, Porto, 1888, pag. 65.

Caractéres alphabetiformes. — Seguem-se por ultimo, para completar o valioso mobiliario d'esta necropole, objectos de pedra, ainda na maioria de granulito, com signaes de apparencia alphabetica dispostos em grupos, como constituindo verdadeiras inscripções. Alguns, perfurados, indicam um destino certo, premeditado; dois exemplares em fórma de instrumento de córte foram considerados como objectos de culto ou utensilios de ritual — figs. 1, 7, 14, 15 (n.os 66 *a*, 72, 73, 74, 76, 77 e 78). Independentemente da fórma e uso, claramente symbolicos, aperceber-se-ha n'esses signos graphicos ou em suas combinações um intuito ideographico, a estenographia de uma determinada lingoagem.

Como tal, o achado é de rara originalidade, pois que havemos de classifical-o no ultimo periodo da *edade da pedra*, quando não eram de uso os metaes, em epocha, portanto, que não attingem as normaes escalas chronologicas. De verdade, pelos documentos anteriormente vistos, a civilisação neolithica d'esses primevos habitadores transmontanos, embora barbara na rudeza da materia prima industrial, fórma quadro ethnographico de imponente representação, d'onde se inferem manifestações collectivas e um definido organismo social. Com effeito, as varias esculpturas e insculpturas de evidente symbolismo, anteriormente descriptas, significam idéas, como proprios hierogliphos de uma lingoagem cultual. Era, pois, de natural comprehensão, que succedanea escripta ideographica se prestasse á lingoagem de uso corrente para inventario de factos e coisas de comezinha importancia, o que sempre foi natural e proprio do homem, nas phases consecutivas da sua vida e nos seus diversos grupos ethnicos. Entrementes, assim não se vê precisamente como do exposto, e encontramos signos graphicos de naturesa differente, de fórma linear, que não representam directamente as proprias coisas ou respectivos elementos graphicos de contorno, mas provavelmente symbolisam em seus componentes phoneticos as palavras que significam essas coisas. Este acontecimento por completo revoluciona os preceitos estabelecidos como de boa sciencia.

É de geral assentimento que a escripta se originou, obedecendo primeiramente ao principio do *ideographismo* ou pintura de idéas, da qual foi derivando a pintura dos sons ou *phonetismo* em phases successivas, passando dos tropos graphicos para o syllabismo, pelo processo acrologico, até ás formulas finaes dos alphabetos. Assim no Egypto, monumental tombo de vetustas paleographias, onde pela dymnastia III, cerca de 4000 annos a. C., se nota o alphabetismo entre a primitiva escripta hierogliphica, exemplificando a theoria.

Por ahi se quedáram os hierogrammatas egypcios, a quem não cabem as honras do invento; os Phenicios é que levaram a termo esta grandiosa missão, segundo resam antigos mythos e classicos historiographos desde Lucano, Plinio, P. Mela, Diodoro, Tacito e outros. Por ultimo, hodiernos orientalistas definitivamente estabelecem essa these phenicia de inconcussa vetustez.

Champollion revelou a existencia do elemento alphabetico no hierogliphico do Valle do Nilo; Rougé explica e commenta a proveniencia egypcia dos caractéres

alphabeticos, procedentes da tachygraphia hieratica do antigo imperio — e não dos posteriores cursivos das XVIII e XIX dymnastias — d'onde os phenicios tiráram as suas lettras com os respectivos valores; e F. Lenormant estuda o modo de propagação do alphabeto phenicio, sobre o qual fundamenta a sua paleographia comparada, provando como «todos os alphabetos propriamente ditos, que estiveram ou estão em uso sobre a superficie do globo, se ligam mais ou menos immediatamente á invenção dos Phenicios e sahem todos da mesma fonte de que estão afastados em diversos graus». [1]

Não se admitte até aqui nenhum outro alphabeto anterior ao dos Phenicios.

As ultimas pesquizas archeologicas na ilha de Creta, dirigidas por A. Evans

Cliché de R. S.

Fig. 14

desde 1883, transformam por completo esta consagrada theoria «pela descuberta *in situ* de vestigios d'um systema de escripta pre-phenicia, do qual são perceptiveis duas phases distinctas, uma pictorial e hierogliphica, outra linear e quasi-alphabetica», «a primeira com o caracter dos hierogliphos egypcios, a segunda muito semelhante aos syllabarios cypriota e asianico». [2]

Mais tarde, em 1900, descobre as *tablettes* epigraphicas de Knossos com um novo systema de escriptura, especie de cursivo, similar do hieratico ou demotico do Egypto. E combinam-se estes com os estudos dos egyptologos Flanders Petrie e De Morgan, depois de Amélineau em Abydos, concordantes tambem em estabele-

---

[1] FRANÇOIS LENORMANT, Vocabulo *Alphabetum*, in *Dicc. des Antiquités Grecques et Romaines* de DAREMBERG & SAGLIO, pags. 188 e seg. — Do mesmo Auctor: *Essai sur la propagation de l'Alphabet Phenicien*, Paris, 1872, t. I, *Introduction*, pags. 82 e seg.

ISAAC TAYLOR, *The History of the Alphabet*, London, 1899, t. I, pags. 70 e seg.

[2] A. J. EVANS, *Primitive Pictographs and a Prae-Phoenician Script from Crete and the Peloponnese, Journal of Hellenic Studies*, 1894, vol. XIV, pags. 274 e 275. — *Further Discoveries of Cretan and Aegean Script*, etc., in *J. of H. St.*, vol. XVII, 1897, pags. 327 e seg.

cer, espalhado pela bacia do Mediterraneo, um systema de escripta com fórmas alphabeticas, durante milhares d'annos, antes da epocha attribuida ao invento do povo de Chanaan. Lenta é de expôr, se bem que de todo o interesse, a historia de todas estas pesquizas desde W. J. Stillman (1880), que primeiro assignalou caractéres inscriptos nos muros do palacio de Knossos. [1] Basta certificar, resumindo, que todas as investigações de ordem archeologica em volta do grande mar interior, mesmo quando limitadas a esta questão das origens da escripta, concorrem para demonstrar a autonomia das civilisações primitivas das margens europeias, libertando-as do velho mundo egypcio e oriental.

Vimos como era de uso commum em muitos e varios povos desde eras distantes os petrogliphos e pictographias, especie de escripta cujo caracter religioso persiste nos hierogrammas do Egypto que são considerados sagrados. E verificaremos que os signaes lineares de apparencia alphabetica surgem simultaneamente entre povos dispersos, em concordante similaridade, que força a conclusão de limitadas filiações e parentescos de natureza ethnographica ou illimitadas homologias de natural e espontanea creação em variados meios de gentes varias.

Em Creta apparece o typo hierogliphico ou pictorial ao lado do cursivo, como tambem no Egypto, e em ambos estes pretensos nucleos civilisadores se encontram signaes de possivel significação phonetica. Se esta natural uniformidade de aspectos, ora confusa e mysteriosa, nada se presta a um esclarecimento preciso sobre a prioridade da escripta alphabetica, entretanto, assaz compromette o dogma phenicio o qual, tanto podia basear-se no demotico egypcio, como no cursivo egeano.

---

[1] Foi escripta esta historia, a par e passo das descubertas, por SALOMON REINACH, in «*L'Anthropologie*», no t. v, 1894, pags. 407 e seg. *La Crête Mycenienne;* t. x, 1900, pags. 497 e seg. *Témoignages antiques sur l'écriture mycenienne;* t. xiii, 1902, pags. 1 e seg., *La Crête avant l'histoire.* Veja-se tambem, pois ligam-se á these que o Auctor defende n'estes artigos: t. vii, 1896, pags. 536 e seg., *La Crête, l'Illyrie et l'Italie meridionale,* e no t. iv, 1893, pags. 539 e 699, *Le Mirage Oriental.*

NOTA. — Cuidaremos aqui especialisadamente dos paizes occidentaes, no proposito de summariar o assumpto, que, fóra de toda a regra e medida, mal se accommoda a um methodo de simples reducção. Por este motivo não foi primeiramente citado no texto o sabio A. H. Sayce, o qual começa por antepôr-se á corrente phenicologica, quando se occupa das inscripções em fusaiolas e vasos de Troia. «De todos os resultados que as excavações d'Hissarlik teem produsido, um dos mais consideraveis é seguramente a descuberta, na extremidade Noroeste da Asia Menor, de uma escripta cujo uso teria sido anterior á introducção do alphabeto phenicio ou grego n'esta região». — In *Ilios,* por H. SCHLIEMANN, trad. fr. de M.me Egger, Paris, 1885, pags. 901 e seg. — Relaciona a escripta dos Troyanos com o syllabario chypriota, e atravez d'este, com os caractéres usados pelos Hittitas, cuja civilisação, assim como a Phenicia, interveio na Antiguidade que circumda a parte oriental do Mediterraneo. O Imperio dos Hittitas, de notoriedade na Biblia Hebraica, estendeu a sua influencia até ao Valle do Nilo, ora directamente pela intensidade da propria civilisação, ora como transmissor das civilisações assyrias e outras do Oriente. E o problema de sua reconstituição prende-se á questão egeana, intervindo egualmente no processo de inquirição sobre a origem da escripta alphabetica. Não produsindo, todavia, quantiosos esclarecimentos, introduz ainda embaraçosas incognitas.

Ha que fazer intervir na questão testemunhos chronologicos; mas a este respeito, se algumas datas são exactas na historia propria do Egypto, deixam de sel-o quando se tenta applicar ao mundo de civilisação pre-mycenica a chronologia estatuida sobre authenticos documentos do Valle do Nilo.

Constituem estas duvidas impenetraveis incognitas do problema; sobre este se vão colleccionando e discutindo materiaes, e a sua exposição tanto nos afastaria do nosso caso que não tentarei sequer esboçal-a. No momento, e para o assumpto, alguns elementos fornecem desde já as descubertas de Creta, estabelecendo a alta antiguidade da escriptura cretense e egeana, orientando a derivação das formulas alphabeticas segundo um primitivo traçado europeu.

Confinados portanto nos limites d'este continente, cumpre-nos perguntar por essa remota antiguidade da escripta, indagar de qual a sua origem, visto como é bastantemente demonstrada a autochtonia das suas primeiras civilisações; e a esta pergunta julgo que responde o espolio dos Dolmens de Villa Pouca d'Aguiar.

Mas antes, que é de justiça, referirei a descuberta, pouco notada, da *Cueva de los Murciélagos*, cerca de Albuñol, entre Jaen e Granada, que foi descripta por D. Manoel de Gongora. [1] Ahi, entre um mobiliario indubitavelmente neolithico, apparece um fragmento de vaso com caractéres lineares bem distinctos de qualquer motivo ornamental; o Auctor mal se apercebe da importancia do facto, muito embora estude os signaes das *Cuevas escritas*, os *geroglifos* de Fuencaliente, [2] as *inscripciones* de Batanera, [3] da *Cueva de los Letreros* [4] e da caverna do *Cerro del Sol*, [5] estas ultimas de muita semelhança com alguns dos signaes de Alvão.

O illustre archeologo algarvio Estacio da Veiga narra minuciosamente esta descuberta quando se occupa da *epigraphia luso-iberica dos tempos prehistoricos*, reprodusindo em estampa os objectos que caracterisam o deposito archeologico da *Cueva de los Murcielagos;* e conclue sobre o documento de barro com signaes lineares que, «em presença de tão significativas provas ficava demonstrado do modo mais positivo que na ultima edade da pedra já existia no territorio peninsular uma lingoagem escripta ou figurada por caractéres graphicos, identicos aos das inscripções transtaganas da idade do bronze e das inscripções do Algarve pertencentes á primeira edade do ferro». [6] Emprega um extenso capitulo da sua obra consideravel, tratado com erudição e enthusiasmo, accumulando depoimentos de auctores e de factos, a favor d'esta causa que no seu livro apparece lançada pela

---

[1] D. Manoel de Gongora y Martinez, *Antiguëdades Prehistoricas de Andalucia*, Madrid, 1868, pag. 40, fig. 24.

[2] *Ibidem*, pag. 65, figs. 70 a 75.

[3] *Ibidem*, pag. 67, figs. 76 a 78.

[4] *Ibidem*, pag. 73, figs. 82 a 87.

[5] *Ibidem*, pag. 131, figs. 150 a 164.

[6] Estacio da Veiga, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. iv, 1891, pag. 298.

primeira vez de modo categorico; apresenta a maior parte da epigraphia monumental peninsular em caractérees chamados ibéricos, que considera originada na epigraphia neolithica, e remata por constituir d'esta sorte vasta theoria que abrange toda a paleographia mediterranense, incluindo os petrogliphos runicos e das Canarias e o classico nucleo phenicio, que faz derivar do mais antigo systema graphico peninsular.

Aqui teria sido a origim, que não nos alphabetos phenicios, de encontro ao Dogma.

Por outro lado, E. Piette encontra nos *galets coloriés* da gruta de *Mas-d'Azil*, no final do paleolithico, signaes pictographicos que considera como symbolicos, ideogrammas uns e outros alphabeticos; é de notar que, occupando-se dos ultimos, se antecipa a dizer: «Peut-être, plus tard, la découverte heureuse de quelques anciennes inscriptions, soit dans la peninsule iberique, soit sur d'autres terres plus éloignées, permettra d'interpreter les vieux graphiques des galets coloriés dont le sens nous paraît actuellement impenétrable». [1]

Distingue combinações de linhas rectas e curvas, constituindo especie de lettras, como E, F, I, L, M, V, W, outras de muita semelhança com caractéres egeanos, chypriotas, gregos e asianicos; e até, d'entre as 23 lettras do alphabeto phenicio, 15 teriam sido egualmente signaes asylianos; esta paleographia comparativa leva-o a pensar que, em uma epocha recuada de tempos prehistoricos, aquella escripta rudimentar foi o patrimonio commum dos povos do littoral septentrional do Mediterraneo e das praias do Archipelago. Relaciona como a tradição nos conserva a lembrança de uma civilisação muito antiga na Peninsula Iberica, e pretende concluir que os Phenicios teriam tomado no arredado mundo occidental os mais communs d'estes signaes graphicos, que melhor se accommodavam á sua escripta commercial, os quaes mudariam de valor e significação em suas mãos, transformando-se em verdadeiros caractéres alphabeticos. [2]

Ch. Letourneau, escrevendo sob o curioso titulo *A paleographia megalithica de certas lettras latinas*, [3] a proposito de uma memoria sobre o assumpto de E. Le Blant, [4] reedita anteriores observações de 1893 [5] sobre as inscripções do *Dolmen des Marchands* (Morbihan) e outras de que existem as mais curiosas sobrevivencias.

---

[1] E. Piette, *Études d'Ethnographie Préhistorique*, in «*L'Anthropologie*», t. VII, 1896, pag. 413.

[2] Idem, Op. cit., pags. 425 e 426.

[3] In *Bulletins de la Société d'Anthropologie de Paris*, 1897, pags. 274 e seg.

[4] *Paleographie des Inscriptions latines*, in *Revue Archeologique*, 1896 (n.os de Set. e Dez.), 1897 (n.os de Jan. e Fev.). Percorrendo a longa série de caractéres latinos disposta por E. Le Blant, muitos nos surgem eguaes e semelhantes dos caractéres de Alvão expostos no quadro adeante publicado; entretanto, como concluir d'estas analogias a bem do problema das respectivas origens?

[5] In *Bulletins*, etc., 1893, pag. 12.

Examinando os alphabetos conhecidos de origem *perimediterraneana*, pelo menos os mais antigos, encontra os mesmos mysteriosos caractéres nos alphabetos touareg, celtiberico, etrusco, phenicio, neopunico, lyciano, osco, emfim, nas muito antigas inscripções hierogliphicas do Egypto e nas diversas inscripções rupestres das Canarias, do Sahará, da Tunisia e da Andaluzia. «Ha pois fundamento para considerar estes caractéres megalithicos como signaes symbolicos, que mais tarde se tornáram alphabeticos, como constituindo um alphabeto em via de formação, quer dizer, que liga directamente a prehistoria á historia». Vão encontrar-se as mesmas sobrevivencias dos caractéres megalithicos nas inscripções latinas dos principios da era christã collecionadas na memoria paleographica de E. Le Blant, aqui porém com definido valor alphabetico. [1]

Fig. 15

Additarei ainda a deposição de F. Regnault, que ponderosamente se occupou do controverso assumpto, o qual começa por insurgir-se justamente contra todas as theorias que estabelecem um laço de parentesco entre povos que usáram os mesmos signaes graphicos; baseado, porém, nas descuber-

---

[1] Muito haveria que transcrever em materia de sobrevivencias, citando factos de pittoresca e inesperada simultaneidade, os quaes mais controvertem a logica discussão do problema. Referiram-se anteriormente as marcas usadas nos camellos pelos Tonaregs, que simultaneamente se encontram nos signaes rupestres do Norte d'Africa, estendendo-se até ás Canarias (Sabin Berthelot, *Antiquités Canariennes*, Paris, 1879; vid. pls. 16 a 19 e quadro de pl. 20). N'estes grupos estão tambem similes das marcas insculpidas sobre as pedras das muralhas de Tarragona, de construcção romana, sobre o primitivo embasamento de apparelho cyclopico, classificado de *iberico*. E muitos são os que se encontram nos blocos das cathedraes, nos paramentos das cantarias, em multiplos edificios de eras historicas. Nas pedras inscriptas de Alvão existem os representantes mais remotos d'esses velhos e novos signos. Os de n.os 1, 6, 8, 9, 12, 13, 15, 25, 30, (vid. quadro de pag 745) estão reprodusidos nos muros de Tarragona; e o exemplo da persistencia, no mesmo paiz em que commummente se usou o alphabeto iberico, tem curiosa significação que não póde levar-se á conta de bizarra coincidencia.

tas de E. Piette, admitte esses caractéres alphabetiformes como anteriores aos Phenicios: «mais tarde estes é que deram aos referidos signos o valor de lettras e crearam o alphabeto».

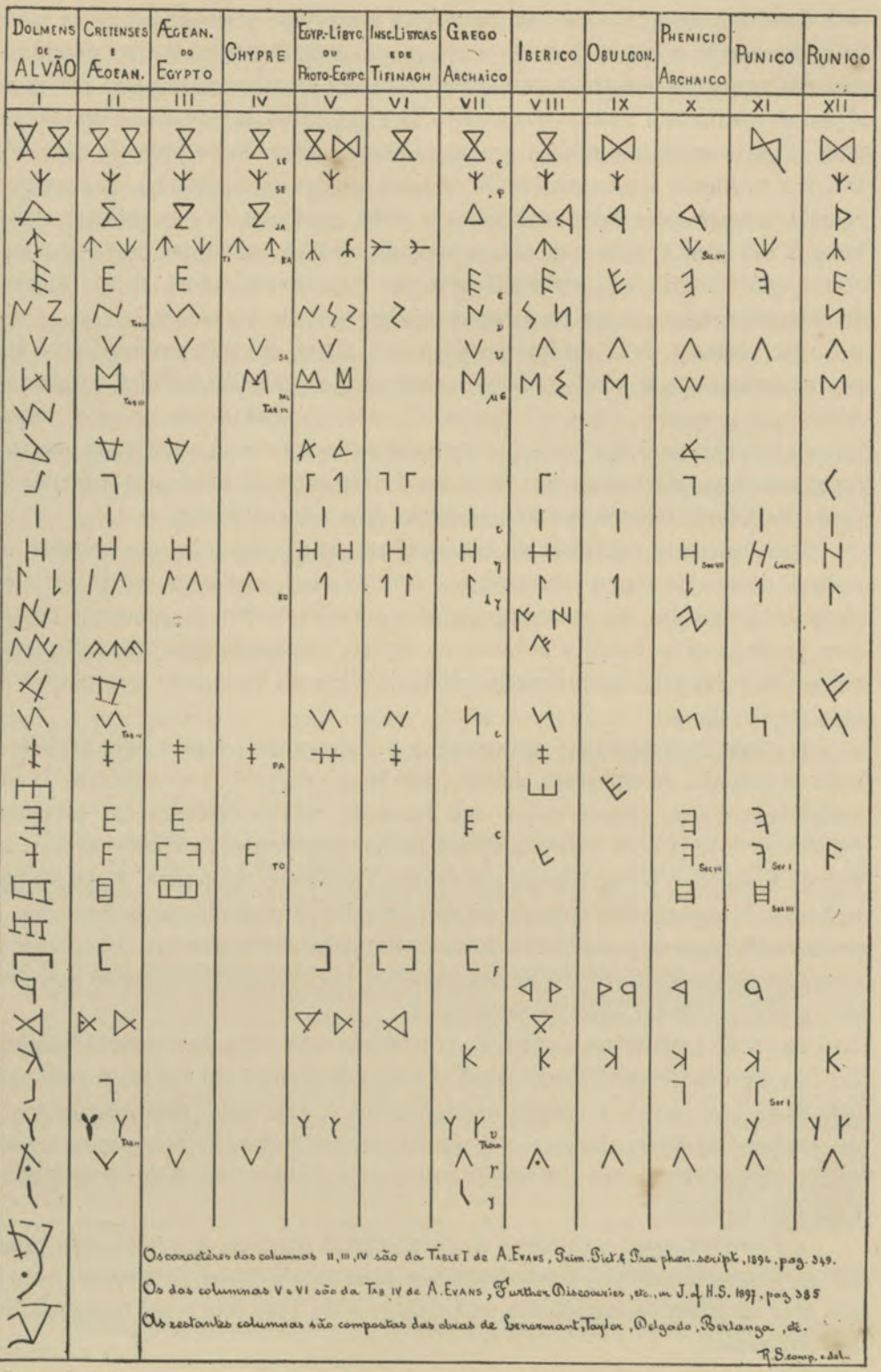
Vê-se quanto é extensa a série d'estes petrogliphos que veem de remotissimas eras; e não podendo infirmar-se a contemporaneidade d'estes symbolos e alguns dos monumentos prehistoricos que os mostram, claro é, não tem valor a opinião que de modo geral os attribue aos phenicios ou suas influencias. Em torno d'esta questão uma especie de phenicomania envolve todos os factos e suas interpretações, sobre alguns dos quaes, pela força do dogma, pesa grave suspeição de falsidade. Ora, se de facto os phenicios não vieram conhecer ao Occidente europeu os velhos caractéres alphabetiformes, pois que semelhantemente foram de uso por outras terras orientaes da bacia do Mediterraneo, é certo, porém, que n'uma era prehistorica, em conformidade com a mais grosseira chronologia, isto é, muito antes da epocha attribuida ao invento phenicio, existiram por esta região do velho mundo signaes lineares representando uma determinada lingoagem escripta.

Todas estas hypotheses, para as quaes seriam fraco appoio os documentos das Grutas de Granada e do Morbihan, teem sufficiente base nos achados da necropole dolmenica de Alvão.

Plenamente se confirma o uso no ultimo periodo da edade da pedra de signaes alphabetiformes, constituindo minimas inscripções que se transformam para nós outros em monumentaes epigraphias, como grandiosos periplos do longo precurso que seguiu atravez os tempos esta civilisação originariamente prehistorica. Estão gravados estes caractéres sobre objectos symbolicos, e a sua disposição presta-lhes o inconfundivel caracter de verdadeiras lapides inscriptas, de um destino amuletico e votivo.

Em um quadro, a pag. 745, alinhei de prumo os trinta e dois signos das inscripções de Alvão; ao arranjo d'este quadro não presidiu systematica ordenação, reprodusiram-se os caractéres consoante estavam dispostos, tomando de principio o documento mais importante, da fig. 15, apartadas as repetições. Parallelamente, por ordem de semelhança, fui collocando em mais onze columnas verticaes os similes da escripta cretense e egeana (II), os caractéres egeanos encontrados no Egypto (III), os correspondentes do syllabario de Chypre (IV), os caractéres egypto-libycos (V) e suas sobrevivencias no *tifinagh* (VI), os signaes alphabeticos do grego archaico (VII) de velho parentesco, os conterraneos caractéres ibericos (VIII) junto á variante obulconense (IX) da Turdetania, seguindo-se os typos do phenicio archaico (X) tido como a matriz original, do punico (XI) que muito importa á Peninsula, por ultimo os signaes runicos (XII) — gothico, angliano ou scandinavo — de outros paizes mais afastados para o Norte.

Que não seja mal considerada a arbitraria disposição. Não sendo conhecido o significado phonetico d'estes signos, só poderá ser prejudicial a methodisação na ordem do alphabeto phenicio ou grego. Por este motivo, o quadro assim composto



Os caracteres das columnas II, III, IV são da Table I de A. Evans, Prim. Pict. & Pra phæn. script., 1894, pag. 349.

Os das columnas V e VI são da Tab. IV de A. Evans, Further Discoveries, etc., in J. of H.S. 1897, pag. 385

As restantes columnas são compostas das obras de Lenormant, Taylor, Delgado, Berlanga, etc.

R. S. comp. e del.

— e fique isto de nota — não tem pretensões a exprimir qualquer intuito ou modo de interpretação, e apenas formará uma synopse comparativa de signaes graphicos, tomados na sua elementar e extrinseca expressão geometrica, sem que por modo algum se considerem termos synonimos. Tam pouco no auctor d'este quadro sequer existe a minima confiança quanto ao proprio valor d'este processo comparativo nas provaveis approximações de caracter ethnico ou linguistico. E porque, a considerarem-se estes caractéres lineares como elementos de um qualquer alphabeto, a sua identificação com outros será de evidente nullidade, desde que essa correspondencia não seja verificada pela sua respectiva e exacta leitura. Embora de elementar rudeza, o motivo é, assim o julgo, de toda a ponderação.

Não obstante, este quadro synoptico terá algum merito e originalidade. Expõe primeiramente a série inedita de caractéres alphabetiformes dos dolmens de Alvão e, a proposito, em um conjuncto de evidente similaridade, todas as outras formulas alphabeticas dos povos que agrupadamente interveem n'esta vasta questão; representará graphicamente um problema fundamental, de dominante actualidade, para cuja solução fornece um novo elemento de consideravel valor.

Comprovada a existencia na ultima phase do neolithico de uma escripta, ou melhor, do uso de signos especiaes, que constituem elementos de syllabarios e alphabetos conhecidos em seus determinados periodos historicos, a questão de origem prolonga-se no tempo e define-se no espaço, adquirindo uma orientação nova, atravez de todas estas sobrevivencias, baseada sobre um documento archeologico de indubitavel solidez.

O methodo comparativo que serviu a F. Lenormant e outros para explicar a vasta propagação do alphabeto phenicio, tido como original — e a verificação da alta antiguidade d'este, originario por seu turno do cursivo demotico das primeiras dymnastias — teria nova e curiosa applicação no retrospectivo parentesco com o cursivo de Knossos, o linear egeano, por ultimo o neolithico peninsular. A não ser que tenhamos de separar dois grupos, em dois periodos chronologicamente distinctos: o primeiro de signaes prehistoricos indecifraveis pela chave phenicia, o segundo de caractéres posteriores originarios dos phenicios, muito embora liguem os dois grupos os mais evidentes laços de semelhança.

Se, pois, é discutivel a efficacia do methodo, não é fóra de termos obtemperar em face do quadro que, sendo exacta a leitura do iberico em lapides e numismas pelo phenicio e punico, a questão de origem não é, pelo facto, verdade consummada, porque não devem eliminar-se os caractéres neolithicos, encontrados no mesmo espaço em que concorrem, com outros documentos peninsulares, os do Norte d'Africa e da Asia phenicia.

¿ Proviriam estes egualmente da paleographia phenicia, e teremos que remoçar os nossos megalithos, transportando-os mais para o limiar da historia, quando por aqui surgiram os mercadores de Carthago e de Tyro com o seu alphabeto e a sua civilisação?

A resposta torna-se, em parte, formal; a civilisação da pedra polida em Traz-os-Montes, na era que lhe marca a approximada chronologia peninsular, é *prehistorica* no pleno sentido da palavra, e verifica-se como esta civilisação deve considerar-se caracteristicamente *autochtone*.

Ha seculos já que muitos escriptores se teem referido ao caracter local dos signaes chamados ibericos e celtibericos. [1]

Considerando o que possa haver de arbitrario ou erroneo n'essas opiniões, servem como indicios de uma tendencia natural em definir o caracter *hispanico* d'estas legendas em caractéres de lingoa desconhecida. Já muito antes o velho geographo Strabão — que é da pragmatica erudita em estudos peninsulares — contava serem os Turdetanos da Betica dos mais sabios entre os ibericos; «possuem uma litteratura, historias ou annaes dos antigos tempos, poemas e leis em verso que datam, ao que pretendem, de seis mil annos; mas as outras nações ibericas teem tambem litteratura, ou melhor as suas litteraturas, pois que não fallam todas a mesma lingoa». [2] D'onde, milhares d'annos antes da era strabonica, existia entre os povos da Iberia uma *litteratura*, cuja tradição é por estes termos bem precisa.

Termina a basta bibliographia d'estes estudos na obra monumental de E. Hübner, na qual axiomaticamente se diz: «Scripturam Ibericam e Phoenicia derivatam esse, non e Graeca»; [3] e n'esta formula crystallisa toda a official erudição a proposito dos caractéres ibericos.

Patenteia-se egual orientação na obra justamente louvada de D. Antonio Delgado, o qual admitte que desde remota epocha foram conhecidas em Hespanha varias escripturas, em que se encontra uma origem phenicia commum, ainda que im-

---

[1] Notar-se-hão alguns exemplos: O. Wormius (1636) vê n'elles caractéres runicos, mas attribue-os aos Wisigodos; F. Fabre (1656) attribue-os aos celtas, antiga classificação de tudo quanto era pre-romano; Velazquez (1752) considera estes caractéres e idiomas desconhecidos como os mais antigos da Hispania, anteriores á conquista romana; Eckhel (1792) admitte o mesmo a proposito dos dois dialetos celtiberico e turdetano; J. B. Erro (1806) attribue-os ao idioma mais antigo do mundo representado no basco; Gesenius (1837) appoia Velazquez.

Sobre o caso, porém, se tem dissertado por fórma varia e discordante, em muitos volumes.

G. D. Lorichs, *Recherches Numismatiques concernant principalement les medailles celtiberiennes*, Paris, 1852, pags. 4 a 13. Este Auctor defende a theoria de que as legendas d'estas medalhas estão em latim, e que assim foram mandadas cunhar pelos funccionarios romanos.

A. Heiss, *Description Générale des Monnaies Antiques de l'Espagne*, Paris, 1870. Como antes de terminada a conquista romana não havia em Hespanha senão Phenicios, Gregos, Romanos, Iberos e Celtas, e as legendas monetarias não são nem romanas, nem gregas, nem phenicias, attribue-as concludentemente aos Iberos e Celtas, cujos povoados, disseminados pela superficie da antiga Hespanha, receberam o nome generico de Celtiberos; d'ahi o nome de celtibericas dado ás suas moedas — vid. pag. 7. Admitte, entretanto, que a lingua basca foi em uma epocha mais ou menos remota fallada em toda a Peninsula.

[2] Strabão — Livro 3.º da Geographia — 1.ª parte, versão de Gabriel Pereira, Evora, 1878, pag. 6.

[3] E. Aemilius Hübner, *Monumenta Linguae Ibericae*, Berolini, mdccclxxxiii, Prolegomena, xxxi.

portadas por diversas immigrações. Destrinça entre todas: a escriptura *Iberica* que se generalisou aos povos da *Hispania Citerior;* a *Turdetana* de uma origem commum com a Iberica, ainda quando extraordinariamente modificada, que nos é transmittida nas moedas de *Obulco;* a *Punica* ou *Fenicia cursiva* que foi introdusida na Peninsula e Baleares com o dominio carthaginez; e ainda encontra caractéres *Libio-fenices*, escriptura «al parecer originaria y antiquissima» que não mostra tantas relações com a phenicia. No alphabeto que compoz para a leitura das moedas autonomas, usa uma grande maioria de similes provenientes do grego e phenicio archaicos e do hebreu-samaritano. [1]

Interferem, portanto, nos methodos de racional leitura dos monumentos epigraphicos peninsulares, elementos de escripta phonetica symbolisados no alphabeto das gentes de Chanaan, o qual deverá, talvez, ser tomado, como a formula de final perfeição para a qual concorreram esses esparsos elementos alphabetiformes, e não, por modo inverso, o nucleo primitivo, monogenesico, origem de todas estas escripturas de mais ou menos evidente parentesco.

Esta chamada do interprete semita, pelo facto da affinidade entre os caractéres neolithicos e historicos da *Iberia*, não foi de molde a illustrar a forçada intervenção. Desacredita-se, mesmo, e annula-se a sua influencia perante a extraordinaria extensão, em tempo e espaço, a que obriga a derradeira descuberta do neolithico portuguez, que não é unica, como se viu.

Os ultimos trabalhos sobre a civilisação Cretense, definindo-a como nucleo da civilisação mycenica, conforme tinha vaticinado Milchhoefer, [2] condensam na pequena ilha de Minos os caractéres originaes da imponente arte desenterrada por Schliemann, restabelecendo-a como o emporio commercial e intellectual da primitiva

---

[1] D. Antonio Delgado, *Nuevo método de classificacion de las medallas autónomas de España*, Sevilla, 1871, *Prolegómena*, pag. IX a XX, CVIII, CIX, CXXIX. E veja-se tambem a obra:

D. M. R. de Berlanga, *Los Bronces de Lacusta Bonanza y Aljustrel*, Malaca, 1881-84, *Introducion*, onde vem apresentada desenvolvidamente toda a historia das varias interpretações sobre os alphabetos peninsulares.

Nota.—A proposito d'essa outra escripta chamada *libio-fenice* publicou D. J. Zobel, no *Memorial Numismatico Español*, t. I, 1866, um longo artigo intitulado: *Noticia de varios monumentos que demustram la existencia de un alfabeto desconocido, empleado antiguamente en algunas de las regiones meridionales de la Betica.* Não lhe encontra semelhanças entre os seus caractéres e os epigraphicos gregos, romanos, phenicios e ibericos. Suppõe que pertençam a um povo que passou da Africa a Hispania pela epocha carthagineza ou mesmo na romana; não são *libi-fenicios* nem *bastulo-fenicios* nem propriamente *libicos*. Occupáram a região que parece ter sido chamada *ἐπὶ Ηραχλείων* (Erachleia). É tam interessante a localisação quam expressiva a duvida na classificação d'essa escripta desconhecida. Delgado lê-a por um alphabeto de base phenicia que foi usado na Africa Septentrional.

Percorrendo a lista dos mysteriosos caractéres, em numero de 60, encontro notaveis semelhanças com os signaes de Alvão. Apenas indico a coincidencia; seria mais uma columna para o quadro synoptico estampado a pag. 745, o qual, pelo visto, se tornaria infinito; e do facto, que é curioso, resulta aproveitavel moralidade.

[2] Dr. A. Milchhoefer, *Die Anfänge der Kunst in Griechenland*, Leipzig, 1883, p. 122 e segs.

Grecia. Ahi havemos de ir, na mesma rota que condusia a Mycenas, em busca d'esse rico filão archeologico, onde jazem muitos preciosos documentos que pertencem á historia do velho Occidente Europeu; e, em troca, creio bem que, n'este extremo paiz do Poente, se reservam ao estudo do mundo mediterranense mysteriosas surprezas, desde muito soterradas, de quando ao paiz lendario de *Tarsis* arribáram, oriundos do Nascente, os primeiros argonautas de aventurosa lenda. Talvez que para este lado fique o ponto nodal da immensa teia.

Estão envoltos em confusa obscuridade os problemas culminantes que hoje symbolisa o nome de Creta; ha mesmo a esperar que findem os trabalhos d'esses devotados missionarios. Entretanto, «o essencial, como resume o snr. S. Reinach, é que para além do mundo dominado pelo alphabeto phenicio, que é o nosso, entrevemos agora um mundo muito mais antigo, onde reinava um systema de escripta rudimentar e complicado, onde a diffusão e as variedades locaes d'esta escripta attestam ao mesmo tempo uma civilisação homogenea e uma singular intensidade de relações. A archeologia vem confirmar esta concepção d'uma civilisação mediterraneana primitiva que não era nem phenicia nem assyria». [1]

Desde muito antes que um antiquario portuguez, Martins Sarmento, estabelecia these similar no que respeita ao Noroeste da Peninsula; finou-se, porém, este homem illustre, sem que lhe fosse dado relacionar as suas investigações com as brilhantes descubertas cretenses, como fizera com a arte mycenica resuscitada por Schliemann. Os seus estudos parallelamente reconstituem um mundo e uma civilisação pre-phenicia, notoria «no florescente movimento commercial e maritimo que, partindo da ilha d'Ea, o mercado productor do estanho, tomava rumo pela estrada do Atlantico para o Sudoeste de Hispanha — seguida depois pelos aventureiros semitas — e pelas vias fluviaes do Rheno, Danubio e Rhodano para o interior da Europa». Os *Ligures*, aparentados aos primitivos Albiões da ilha britannica e aos Oestrymnios, Cynetos e Tartessios da Peninsula, seriam os transmissores d'essa civilisação de caracter mycenico, estendendo-se pela foz e margens do Rheno até ao Baltico e, talvez, ao sul da Scandinavia. [2] Tão vasto foi primitivamente esse mundo ligurico, que a cada passo deparamos vestigios proprios, em torno ao mar Mediterraneo, pelos littoraes do Atlantico contornando a Peninsula, até ás praias do Norte, por esses paizes d'onde veem os caractéres runicos, que tanto se assemelham tambem aos primitivos ibericos, egeanos e phenicios.

E mais surprehende ainda a occasional affinidade d'esta paleographia nordica com a do neolithico pyrennaico, transmontano e granadino, compondo com os ante-

---

[1] Salomon Reinach, *La Crète avant l'histoire*, op. cit., pag. 15.

[2] Francisco Martins Sarmento, *A arte mycenica no Noroeste de Hispanha*, in *Portvgalia*, t. I, pags. 1 a 12. Veja-se tambem do mesmo Auctor: *Arte pre-romana*, in «*Occidente*», 1879, pag. 157; *Se antes da invasão dos romanos havia uma arte entre nós*, in «*Arte Portugueza*», 1882, fasc. 1 a 3; e as suas obras: *Os argonautas*, 1887, *Ora maritima*, 2.ª ed., 1896.

riores um quadro de partes homomorphas. As descubertas archeologicas vão, pois, correspondendo logicamente a essa tendencia de reconstituição occidentalista, que se presénte, infiltrando-se nos estudos historico-archeologicos, como se fôra de natural impulso ou pela immanencia da verdade e rasão proprias dos factos.

As inscripções de Alvão constituem mais um brilhante documento de immensa expressão ethnologica para essa vasta theoria sobre a autonomia do antigo mundo occidental, desde o Norte africano; e envolve a extensa multidão ligurica, pela qual se espalha a primitiva civilisação classificada de egeana, com os vestigios d'essa mysteriosa lingoagem escripta em identicos caractéres alphabetiformes.

O problema, porém, enreda-se n'este interminavel rebuscar de eruditas citações, intromettendo-se a complexa questão ethnologica, em que, a cada andada, topamos interpretações de difficil discernimento pois são contrarias, e copiosos informes de confusa ou apocrypha proveniencia. Não compete tal desenvolvimento a este estudo já demasiado e prolixo. Revendo-o assim o julgo, e pelo motivo apresso a conclusão. Ficará o seu complemento, com a minuciosidade que lhe diz respeito, para outro trabalho em occasião de mais lazer e espaço.

Sobre os documentos recolhidos pelos Rv.os P.es José Brenha e Raphael Rodrigues, que constam da memoria anterior, taes quaes me foram presentes, consecutivamente fui escrevendo este commentario, discutindo e preparando os varios termos do interessante problema; outras descubertas virão que completem e redusam a uma equação definitiva este ensaio.

Porto, Março de 1903. RICARDO SEVERO.

POST-SCRIPTUM. — A. — Na pag. 712 refiro-me ao swastika, dentro do triangulo pubico, na estatueta de chumbo de Troia. Hoernes na sua obra sobre *A arte plastica na Europa até 500 annos a. C.*, Vienna, 1898 — vid. «*L'Anthropologie*», IX, pag. 196, — considera este signal como apocrypho, o que ultimamente é confirmado por W. Doerpfeld, que foi collaborador de Schliemann, no seu livro *Troja und Ilion*, (vid. *Rev. Archeologique*, 1903, pag. 317).

B. — Depois de terminado este escripto, encontrei nos *Bull. et Mem. de la Soc. d'Anthropologie*, 1901, pag. 465, a communicação de C. LEJEUNE, *La representation sexuelle en religion, art et pedagogie*, em que o Auctor dá ao triangulo uma significação feminina e geradora, emblema religioso que «devint le pendant du phallus auquel il est uni dans le lingam». Suppõe que d'este symbolismo provieram todas as *trimourtis* e santas *trindades* da maioria das religiões, representadas no triangulo, que é tambem a lettra *delta* pela qual começam os nomes dos grandes deuses e demonios. O fundo chtonico d'esta concepção, dentro do preceito feiticista, não impede que se generalise pelas superiores religiões aryanas a brilhante ideação que produz este bello motivo.

Ornamenta a base de um vaso no Museu de Napoles («*L'Anthropologie*», VII, pag. 539) uma fileira de bailadeiras segurando pequenas astes com attributos varios, entre os quaes tres vezes figura o triangulo. Mais um exemplo que aproveito para a nossa thése.

C. — A proposito de esculpturas anthropomorphas citarei mais o *idolillo de piedra*, muito parecido ás estatuetas femininas de Alvão, proveniente de Gandul (4 km. de Mairena) Andaluzia — vid. C. CAÑAL, *Nuevas exploraciones de yacimientos preh. en la prov. de Sevilla*, p. 363, fig. 15.

D. — Tratando de pictographias prehistoricas não me occupei dos casos em megalithos nacionaes, porque n'este fasciculo e na monographia anterior de José Fortes, fica o assumpto minuciosamente apresentado.

ERRATAS. — Por descuido na revisão passáram erros, alguns dos quaes me cumpre desde já corrigir: A pag. 688, linha 13, leia-se *sob um regime pastoril hoje persistente;* a p. 708, l. 29, leia-se *persistente;* p. 712, l. 11, tire-se a palavra *informe;* p. 715, l. 20, leia-se *persiste;* p. 717, l. 17, leia-se *e''* em vez de *f;* p. 728, l. 26, leia-se *verosimilhança; e;* p. 733, l. 20, leia-se *procedente;* p. 739, l. 15 leia-se *chypriota;* p. 742, l. 2, leia-se *caractéres* e l. 7, *origem;* p. 743 (nota), leia-se *Touaregs.*

ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO

(Concelho d'Elvas)

A VIDA NOS MONTES

A vida nos montes decorre tranquillamente, algo alheia ás orgias das cidades e aos mexericos das aldeias. Tudo isso, e os varios casos de sensação que entreteem as palestras dos grandes centros, mal echoam n'aquellas rusticas paragens por intermedio dos jornaes baratos, lidos por acaso nas horas vagas, ou pela narrativa phantasiosa dos transeuntes e mendigos. Com effeito, ao isolamento do lugar, allia-se a simplicidade do viver, sempre methodico e distrahido por mil occupações, que a cada passo suggerem ideias e presentimentos oppostos, que por isso mesmo se confundem e equilibram, tolhendo jubilos insensatos ou allucinações de desespero. Assim, n'um tal meio, os dias e os annos decorrem quasi despercebidos, tantas são as lidas que entreteem a actividade humana desde o raiar da aurora até pela noite adeante. Se n'um dia os revezes da fortuna acabrunham o espirito do lavrador, outro succede que lhe proporciona esperanças fagueiras, de um futuro risonho.

Mal surge a estrella d'alva termina o repouso reparador em que até então se entregava o monte.

Do pessoal que alli existe é o amassador quem primeiro se levanta. Madruga tanto, porque precisa despachar as duas ou tres amassaduras de cada dia, além das extraordinarias, como a do pão de trigo e a das *perrumas*. Por conseguinte, o bom do homem logo que se ergue principia o primeiro amassilho, conclue-o, dá umas voltas, peneira farinha, fuma um pouco, e depois, em vendo a massa finta, larga lume ao forno. Em seguida, emquanto o forno aquece, elle arrima-se a *alteza*, a estender os *marrocates*. E alli com as mãos na massa e o intellecto absorto nos encantos da poesia, a que se entrega com enthusiasmo e vocação, o humilde amassador improvisa tres decimas de escacha, em que zurze um matulão qualquer, que lhe desflorou uma prima, ou uns versos laudatorios lisongeando amigos ou celebrando varios feitos.

N'este meio tempo levanta-se tambem o cosinheiro — o *mano* Diogo Beijocas, — celibatario rabujento e invejoso, mas probo e activo. Ainda elle não tinha bocejado tres vezes, benzendo a bocca outras tantas, como tem por costume antes de iniciar as fainas da manhã, alguem bate á porta do monte, e o Diogo apressa-se a abril-a como quem reconhece de antemão a qualidade do chegadiço. Effectivamente a porta abre-se, entrando o abegão, a preparar a assorda para o almoço da ganharia.

Os dois homens cumprimentam-se com um reciproco: — «Deus te salve», — dirigem-se para a chaminé (lareira), cavaqueiam por alguns minutos, e a folhas tantas, «matam o bicho» libando golinhos de aguardente, comprada a meias por ambos na taberna de maior fama.

— «A mim é o que me traz direito, rapaz. Sem a pinguinha, morria atordoado com as tonturas de cabeça», — diz o cosinheiro para o abegão, como que a justificar-se do vicio.

O outro, contesta nas mesmas intenções:

— «Já eu não digo o mesmo... Quando a não passo pelos olhos, ponho-me entupido todo o dia. Para a *catharreira* é remedio santo. Sahe fóra toda a fleuma».

Prompta a assorda nos alguidares temperados de vespera, o abegão sahe á rua e a pulmão cheio solta o grito de estylo: — «Ao almoço!...» [1]

A *familia* accode á chamada, almoça, sahe e segue para o trabalho. O movimento começa a accentuar-se então, generalisando-se pouco depois, á medida que amanhece. N'este entretanto, os almocreves deitam fóra as parelhas, o boieiro apparece á cata do almoço, os maltezes, depois de encherem o estomago, esgueiram-se á formiga, receando emprasamentos importunos, e os domesticos do monte a pouco e pouco se vão erguendo tambem, até todos estarem a postos.

O cosinheiro, como superintendente de varios serviços a cargo dos *paquetes* [2] e outros creados, trata de pôr todos em giro, cuidando ao mesmo tempo da sua obrigação principal. Emquanto varre a lareira e assopra o brazido das achas, diz muito assodado e rubicundo:

— «Vá, *Chico*, avia-te com o comer dos cevões... Como já tens a barriga cheia, não te importa a dos *alimaes*...»

— «O dó que vocemecê tem dos bacoros... Deixe-os, que não morrem á fome... Estou aqui, estou lá. É n'um *flaite*...»

— «Pois roda ligeiro e nada de troco... Ora o fundiça!...» E na febre de authoritarismo, o Beijocas mal arrima ao lume as panellas, volta-se para a Rosaria, uma raparigona que alli se aquecia de cocoras, e diz-lhe:

— «Salta-me d'ahi, gata borralheira!... Desapega-te das brazas e chega-te ás gallinhas. É dia claro em todo o mundo, e tu *inda* aqui agachada! Pois toma vento e gira para o gallinheiro que logo aqueces.»

A reprehendida, sem se agastar com o reprehensor, ergue-se espreguiçando-se e contesta-lhe rindo:

— «Não se afadigue, mano Diogo, que *p'ra* tudo *ay* tempo... *Baya* um homem ralhão... *sarrazina*... N'essa leva, está velho em menos de nada. Olhe, eu cá vou com os meus quatro arrateis. Mas vocemecê venha-me nas *sagas*... Ou mande o gaiato dos *pirúns*... Sósinha, como heide vêr as que teem ovo?»

— «Eu posso lá ir, *poiona!* Não *ásservas* que estou *atalicado* com tanta *ucharia!*... Lavar toucinho, escolher legumes, aviar mantimentos, varrer a casa, acarretar lenha... eu sei lá!... E o rapaz *tamem* não, que tem de ir *ó lête*, em lugar do outro que foi á aldeia, a levar ferros e a aviar encommendas... Um maltez que te ajude... se *inda* os houver no forno. Ou o velho dos *penceis*, se não *moscou* já. Que trabalhem... que por isso comem... Arre! leve-lhe o *diab'alma!* quem é malandro, que se suma...»

— «Agora não sei da albarda, mano Diogo,» diz o rapaz dos perus vindo da rua a tiritar de frio, com uns modos apalermados. O cosinheiro, sem reparar no que o pequeno dizia, increpa-o assim:

— «Ainda tu ahi estás, *pachelgas?*»

— «Se não sei da albarda!...»

— «Albarda tenho eu comtigo, burro!... Nem *sequera* a *lombrigas*, além no *pial*. Que urso!»

---

[1] A scena do almoço das ganharias nos montes, durante o outomno e inverno, merece menção especial e desenvolvida que sahirá opportunamente. Por agora basta a allusão.

[2] *Paquetes*, rapazes encarregados de serviços ligeiros, como irem á fonte, ao leite e ás localidades visinhas montados em bestas de carga.

A esta indicação acalorada o rapazelho solta um «ah!» de basbaque correndo logo para o objecto que procurava, sem se magoar com os ralhos do Beijocas. Este prosegue:

—«Despacha-te, desaranhado! Despacha-te, que são horas de cabras...» E assomando-se á porta da rua, como visse confirmadas as suas conjecturas, accrescenta irritado:

—«Além ellas a entrarem *p'ró* bardo e tu aqui de escabeche, feito morcêgo... (indignando-se) Zune já com a burra e com os cantaros... Primeiro, *ensarra* a *burrica, p'ra* não ir *ós* pinotes *p'la samiada*...»

—«E *antão* a corda?... E as cangalhas?...» volta a perguntar humildemente o rapasinho, já de albarda á cabeça e cantaros na mão.

O Beijocas, fulo: —«Corre á queijeira, maroto, que lá está a corda... E á rua, alli *ó* pé da pia, que lá estão as cangalhas. E *tira-te-me* da vista que te não *enxergo!*... Horas de ordenho, e elle aqui! Isto só a cacête! Nada .. vou-lhe *ó* lombo!»

Emquanto o garoto anda n'um *sarilho* para livrar a pelle e seguir para o bardo, o mano Diogo, vermelho como um tomate, a escorrer-lhe o suor pela cara, não se atreve a executar a ameaça, mas em compensação explude colerico:

—«Que *fandangos* estes!... Uns *motrizes* que cheiram a *cueiros*, sem prestimo para nada. Mas se os lavradores só os querem de quartinho. Se elles os aguentassem, saberiam!... E eu a aturar filhos de outrem!...»

—«Oitenta, menos duas, mano Diogo. Oitenta, menos duas!... Fóra a Recula que se escapou á porta e que está *p'ra* hoje... Grande *badia!* .. A Poupada, preta, lá ficou de novo... Aquillo é que é castiça!... dois dias a fio!... E *piruas*, vinte e cinco!... Vinte e cinco, sem contar a amarella, que está desde hontem. Ora digam lá que não é *enfeito* da boleta. Vejam como ellas agora põem... É um fóra, e outro dentro!... E que *nobrezia* de ovos!... D'antes cansava-se uma pessoa a metter-lhe o dedo, e nada! Se não ha coisa melhor para as aquecer... Bem o dizia eu!»

Assim se expressava a creada Rosaria, ao regressar do gallinheiro, toda ufana e loquaz pela fecundidade das gallinhas. O Diogo redargue:

—«Olha que admiração. E eu não o dizia *tamem?* Mas se o amo não *arriava.* E nem arreia ainda! Se comem boleta, agradeçam-n'o á ama velha, que lh'a mandou dar por sua alta *recreiação.* Elle, o amo, não lhe faz boa cara, mas roe em sêcco... Por uma opinião, está visto...»

—«Mas não devia roer, mano Beijocas. Pois elle não lhe come os ovos?»

—«Assim os comesse eu, mulher. Mas que queres tu, se o mundo anda ás tortas... O amo entra nos ovos e nas gallinhas que é um regalo, mas parece-lhe mal o que ellas comem. E senão vejam: a boleta é *p'ra* os porcos; a cevada *p'rás* mulas; a aveia *p'rós* bois; os farellos *p'rás perrumas*, e o bagaço *p'rós* sovões! As gallinhas, que desbichem á róda do monte, p'las esterqueiras e rociada. Que comam herva e gafanhotos, diz cá o patrão, em ar de escarneo.»

—«Se elle mercasse os ovos a dois tostões a duzia, as gallinhas a pinto e os frangos a dezoito vintens, já o homem tinha outro pensar» —commenta a mocetona em tom de censura. O cosinheiro adduz:

—«Mas não os merca. E por isso arrota de farto... Mas ai! que cabeça a minha!... Nós os dois a parlar á tôa, e as pobresinhas lá fóra de papo vasio!... Se eu não sei *p'r'onde* me heide voltar!... Não tem que vêr, eu não posso acudir-lhe... Anda, rapariga, vae tu consolal-as. Quem tem fome, quer comer.»

—«E a ração?»

—«Está alli dentro na tripeça. É uma rasoura de cogulo.»

A Rosaria parte para a rua a dar de comer aos bicos e o Diogo, de avental ao peito e sertã em punho, chega-se á chaminé para frigir os temperos e adubar as panellas. E abaforido pelo calor do lume, e apoquentado com o trabalho, exclama iracundo:

—«Que estupor de officina esta! Ainda não despachei os almoços e já de volta com os jantares!... E se fôsse só isso! Mas qual historia... D'aqui a *migalha* tenho ahi o *lête*, os ganadeiros, o hortelão, o guarda... eu sei lá! O amassador sim, que a leva direita!... Que zangonal! Uns raios me partam se o não arrebentar *p'r'ó* S. Matheus...»

E acompanhou a praga de uns gestos bruscos tão desastrados, que o azeite entornou-se-lhe para o lume e as chammas invadiram a sertã, esturrando-lhe os temperos.

Furioso pelo desmazelo, ia praguejar de novo, mas reprimiu-se por vêr entrar o amo, que lhe diz:

—«Salve-o Deus, Beijocas. Então que é isso? A modo que cheira a azeite queimado?»

Resposta do typo:

—«Tenha o senhor muito bons dias. Isto, meu amo... (titubeando) são... são piscazes do officio... Estava a dar volta ás azadas... e vae... a amaldiçoada da Farrusca chega-lhe a *veneta* e... zás... salta além do canto e emborca-me a sertã... Cresceu-me uma *corla* tal, que por um triz lhe não faço a *pavana*... Irra! que é de mais... um homem a fazer e o diabo a desmanchar!...»

O lavrador, que estava de boa catadura, e que percebeu a intrujice do creado, observa-lhe:

—«Deixe lá a Farrusca, seu enfezado. Morra o homem e fique a fama. Que é como quem diz: perdeu-se o azeite mas escapou a sertã... *Inda* bem que não foi descuido seu», —conclue o amo a sorrir n'um tom malicioso. Ao que o Diogo responde:

—«Ora essa! Isso nem por pensamentos. Descuidar-me eu, tinha que vêr. Que a todos acontecem, verdade seja. Mas eu não me comparo com todos!...»

As basofias do Diogo promettiam continuar, mas o lavrador, no intuito de lhe pôr termo, puxa da petaca e offerece-a ao servo, interrompendo-o assim:

—«Mais uva e menos parra, tio Beijocas. Deixe-se de *lampanas* e faça o cigarro. E á vontade, que este é do portuguez.»

O cosinheiro, tão confundido pela reprimenda, como lisongeado pela offerta, fica perplexo e attonito, sem saber como hade proceder. Afinal acceita o tabaco e diz com hypocrisia:

—«Nosso Senhor lhe pague, meu amo... Oh! d'este apanha-se pouco...»

Entretanto invadem a cosinha differentes ganadeiros e mais creados de pensão, uns em procura do almoço, outros de rações para os gados, e ainda outros no desempenho de varios deveres de occasião.

Todos saúdam o amo e este a todos corresponde, dando-lhes egualmente o cigarro, que elles agradecem reconhecidos, como prova de consideração.

—«Quantas já temos paridas, afilhado?» pergunta o lavrador ao vaqueiro, indagando sobre a prole das vaccas.

Resposta do maioral: —«Trinta: dezeseis bezerros machos e quatorze bezerras.»

—«E prenhadas?»

—«Dez. Dez ou doze, se estiver a Condessa, que se revolveu ás aguas novas, e a Morgada, que lhe saltou o toiro á vinda do Baldio.»

—«E cobertas d'agora?»

—«Poucas. Só duas: a Bandoleira e a Pimpona... Assim, a passarem mal, hão de cobrir-se bem!... Os *alimaes* —mal comparado é— são como as creaturas: quem tem fome não quer bredos... Nem eu sei como aquellas duas se aluaram.

O lavrador, fingindo não ouvir o ultimo arrasoado do vaqueiro, volta-se para o maioral dos porcos e pergunta-lhe:

—«Como vamos de bacoros, oh Caldeira?»

—«Mal, está sabido. Que *diacho* é, compadre, um alqueire a cada cincoenta? Se não tivessem a *fossa* e as hervas estavam direitos.»

—«Pois se a comida é pouca leve-lhes mais. De quatro alqueires suba a cinco, que já não tem duvida. Que eu quero-os bons *p'r'ó* S. Miguel.»

—«Pois quem os quer bons faz por elles. E vocemecê bem vê, snr. compadre, que eu não sou santo que faça milagres.»

—«O milagre faço-o eu. Por agora seja n'esta tabella, que ao depois trepará mais. Em se lhes aquecendo o forno já elles roncam.» E o lavrador, dando por finda a audiencia do porqueiro, desvia-se d'elle e passa a entrevistar o maioral das ovelhas:

—«Que diz da sua *gadeza*, oh Comprido? Podemos apartar o *alavão* lá *p'r'ó* entrudo? As ovelhas estão boas? E os borregos que tal?»

O pastor empertiga-se e contesta: — «Hum... *p'r'ó* entrudo acho cedo, cá na minha. O tempo vae aspero e o gado não se farta. E depois, nem borregos nem *lête*. Mas como vocemecê quizer, meu amo. Quem manda, manda bem. E que a falta não seja por mim.»

— «Eu quero o que fôr melhor. Você já apromptou tudo?... Já rabejou?...»

— «Isso nem se pergunta. Está tudo em acção: borregos *derrabados* e uberes tosquiados. E que uberes! É cada *amojo* que nem vaccas! Hão-de dar tosse aos roupeiros!... E dos borregos *tamem* não ha que dizer. Tirando uns mais somenos, que nasceram *p'lo* Natal, os outros fuma-lhe a venta. Teem cada chavelho que parecem malatos!»

— «Quantos ao todo?»

— «Quinhentos menos doze, dos temporões que se *rabejaram* agora.»

— «E ovelhas?»

— «Passam duas de quinhentas, fóra oitenta *redolhas* que andam na alfeirada. É uma barganteria de gado, para tão pouca pastagem.»

— «Não se assuste, homem. Ainda a comida hade sobrar.»

— «Póde ser, meu amo, mas *neja* por agora, digo-lh'o eu. O gado já anda á *meia tripa* e ainda vem a bramar a fome, se não cahem alguns borrifos. Isto vae mal; não bonda a terra ser pouca senão a herva curta e sumida. Está tudo negro com as geadas!»

A verborreia do Comprido promettia continuar, mas o lavrador corta-lhe o *fio* observando-lhe:

— «N'esse caso apartaremos mais tarde. Aguarda-se *p'lo* minguante. Lá *p'ra* esse tempo devemos ter agua, se o saragoçano não mentir. Tem rasão, Comprido. Você é um *bandarra* a fallar, mas eu tenho que fazer. Adeus, e até á apartação. Até logo, rapazes, que eu saio a dar um giro.»

Acto continuo o amo deixa os creados, dirige-se á porta da rua, e alli monta uma egua de raça, que o aguardava impaciente á mão do tratador. E, uma vez montado, elle toma a redea á nobre cavalgadura, que, resfolegando corajosa, parte logo a caminho no seu travado habitual.

— «Pi!... pi!... pi!...» grita a Rosaria no terreiro do monte, chamando com alvoroço as aves da creação.

— «Pi!... pi!... pi!...» repete ella risonha, espalhando aos punhados o grão e as mealhas. E os *bicos* proximos, accudindo á chamada n'um momento, circumdam a tratadora e atiram-se á comida, esfomeados, ao passo que outros distantes voam prestes e cubiçosos a disputarem o seu quinhão. Os pombos, que estacionavam pelas alturas aguardando o banquete, tambem acodem de prompto. Dos pincaros das chaminés e dos arabescos do pombal, onde arrulham trovas de amor, elles descem aos bandos em evoluções graciosas, pousando por entre a turba, associando-se ao festim.

É uma alluvião de volateis domesticos que se espicaçam e atropelam, a vêr qual mais apanha. Os patos furando por baixo das gallinhas e perús são aquelles que ficam de melhor partido, como commensaes gulotões e atrevidos que não guardam etiquetas. Comtudo, a sua voracidade lambareira por vezes é castigada pelas bicadas dos perús, que os arremessam ao chão em cambalhotas truanescas. Mas os fleugmaticos palmipedes, sem se importarem com a affronta, erguem-se como pódem e de novo voltam á papança, ainda com maior gana.

Por instante é completo o silencio da multidão, tal o afan com que ella se banqueteia. Mas, ou porque a comida diminua, ou porque os papos se encham a mais não comportarem, o mutismo termina depressa, degenerando n'um borborinho ruidoso em que se distinguem os cantos dos gallos, o grasnar dos patos e os estridulos dos perús. E a Rosaria, fresca e louçã como as flôres de maio, continua a chamar na tonadilha do estylo, não por necessidade de tal, que nenhuma havia, mas por habito arreigado, e até por enlevo na scena, realmente encantadora.

Entretanto amanheceu de todo. O sol, assomando no horisonte, banha de luz esbatida as cumiadas dos outeiros, excitando a animação rural, que ao tempo se desenvolve e expande nos seus multiplices aspectos.

A lavradora apparece á porta do monte, repara no quadro, e, embora lhe seja familiar, resolve-se a gosal-o mais de perto, vindo commental-o com a creada. Antes que chegue, a Rosaria vendo-a, exclama:

—«Ai, senhora! agora sim. Agora é que as ganhamos...»

—«Já sei! já sei... Disse-m'o o cosinheiro. Assim mette gosto crear gallinhas. Olha, rapariga, *ó* sabbado, dia de Nossa Senhora, havemos de deitar mais duas. E não serão tres porque tenho de dar um *choco* á da Torrinha»

—«Póde deitar as tres que *inda* nos sobra uma. Se temos quatro *chocos!* As taes que punham no tempo da romã: a *rissa*, a *pedreza*, a *barbuda* e a *polainuda!* Não se *alembra?!*»

—«Lembro-me agora, sim, lembro-me. Pois está dito; deitaremos tres.»

E ainda antes de concluir, a lavradora invade a chusma dos gallinaceos, conta-os, analysa-os, e com prazer verifica que lhe não faltam os mais predilectos. Para a maior parte tem um dito de louvor ou uma phrase de apreço que justamente se envaidece, ufana de reunir alli aquelle enxame de *vivos*, resultado brilhante dos seus continuos cuidados. É o seu rebanho exclusivo, de que ella dispõe em absoluto sem contestação de ninguem. Por isso diz radiante:

—«N'este caminhar, *p'r'ó* S. João tenho quatro centos de *bicos*. Não te parece, Rosaria?»

—«Bem decerto, senhora. Que eu estou cá na minha que hade cobrir essa conta. No anno passado, só *pintos* andou a *áchega* de tres moios. *Piruns p'ra* um cento faltaram oito, não mettendo os que morreram que eram tantos ou mais.»

—«Se eram!...» observa a lavradora, suspirando de saudade pelos *pirunsinhos* mortos. A creada continua:

—«Pavões, dez. E furtaram-n'os os ovos do *ninheiro* da chamiça... (Ah! não servirem elles de veneno áquelles ladrões!...) Americanos, [1] quinze. Quinze, fóra os dois que os porcos comeram. E patos?! Só dos *marranecos*, cincoenta! E dos *reaes*, vinte e cinco! Metade de meio cento.»

A ama observa:—E mais seriam se as trovoadas não gorassem o ninho além debaixo das médas. Que trovoadas aquellas, Santo Deus! Nunca mais deito ninhadas sem canello de ferradura... Dizem que é bom... que desvia a peste das tempestades... Havemos de experimentar... perder, não é brincadeira...»

—«Pois se não fossem as perdas outro gallo nos cantaria» — commenta a creada.

—É verdade, rapariga. As perdas descoroçoam a gente. Vê tu lá a cresta de ha dois annos. *Males* de mais de quantas qualidades!... Que eu nem sei os *vivos* que me morreram!... E depois as raposas por um lado, os milhanos por outro e por fim os ladrões, caçando no gallinheiro! Ladrões de duas raças... Os de dois pés... e os de quatro, os *tourões*... Se me descuido, ficava sem gallinhas!..»

—«Mas não ficou.»

—«Não fiquei, não. Graças a Deus, em menos de nada, renovou-se o rebanho.»

—«É verdade, senhora. E com mais *ámento*. Bem se diz: *quem não cria, não pia*.»

E emquanto ama e creada se entretinham n'estas divagações, as aves, á proporção que lhes minguava a ração, iam abandonando o comedouro, e abeirando-se das pias d'agua, onde bebiam aos gollinhos n'um apetite sequioso. De certo as mesmas pias foram abandonadas tambem, apoz os mergulhos dos patos, e por ultimo aquelles *bicos* todos dispersaram-se pelos arrabaldes do monte, entregando-se ás suas distracções favoritas, assaz estimuladas pelas bellezas da manhã.

As vozes de cada qual, vibrando sonoras em gorgeios ininterruptos, compunham um côro harmonioso, campezino, que echoava longe como testemunho. Entretanto exhibia-se uma nota discordante, ainda alli no terreno.

Dois gallos ciumentos e iracundos, engalfinhavam-se em lucta renhida que promettia victimar um d'elles, se a Rosaria os não separa com um brusco ponta-pé. Então é que as duas interlocutoras, ama e creada, abandonaram o comedouro, para regressarem a casa ás lidas domesticas. Era tempo.

Os gallos combatentes, mal se viram separados desistiram da lucta, e, esquecendo aggravos reciprocos, desataram a cantar á porfia, sem mostras de rancor. Submetteram-se á influencia do meio, todo paz e alegria.

(Segue) JOSÉ DA SILVA PICÃO.

---

[1] Por gallinhas americanas designam-se as chamadas gallinhas de *Angola* ou *pintadas*.

AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL

CAPITULO XIII

A FREGUESIA RURAL

Consumada a divisão do senhorio das villas, persistindo a pequena propriedade e a pequena cultura que o tempo cimentára, resta vêr como esses elementos se comportaram na organisação da entidade successora —a *Freguesia rural*. Para o exame possuimos, nos Portugaliae Monumenta Historica, documentos d'inextimavel valor onde se guardam tradições preciosas, e sobre todos as Inquirições; os costumes, que ellas descrevem, não só desenham a epoca, mas dão-nos tambem a filiação historica, por estarem d'accordo com os já vistos nos *Diplomata et Chartae*.

O nosso objectivo principal será pois agora o periodo da fundação portuguesa, sequencia do asturiano-leonez, de que se derivou. Para maior claridade dividiu-se em quatro secções.

I

OS HOMENS

O primeiro logar pertence sem contestação ao padre que ministra na igreja, em volta da qual se agrupam os homens, cujos antepassados ligára ao *dominus* um laço juridico; partido este, só os podia agremiar de novo quem representasse poder superior; e tal estava reservado ao parocho que chamava a todos, sem distincção de classes, «seus fregueses».

Desde longinqua data existiam essas igrejas parochiaes, como hoje dizemos; a maior parte devia provir dos tempos wisigotico-romanos: um documento de 911

cita entre as pessoas importantes — *varios plures Abbates et Presviteros*, [1] e outro de 973 escreve a forma dialectal definitiva — *Abbade*. [2] A pregação christan, se não se aproveitava dos templosinhos pagãos, christianisando-os, por força os havia de substituir logo — quantas vezes no mesmo local [3] e com os mesmos materiaes! por humildes edificios, posterior e successivamente ampliados na estructura e dotação.

Nos diplomas mais antigos vêem-se as villas munidas d'igrejas; taes são a de Soalhães, a de Silva Escura, a da Correlham, a de Villa de Conde... [4] Quando o titulo relata a construcção d'alguma como a de Souzello, [5] no qual os signatarios a dizem feita por seus *priores*, não se deve entender que faltasse ahi de todo, mas que nova se construira, maior e mais bem dotada.

Avaliando pelos *padroeiros* d'ellas, nomeados em extenso nas *Inquirições*, base que não offerece duvida, umas foram fundadas pelos senhores no governo romano e wisigotico, outras por elles juntos com os cultivadores, e o maior numero só por estes. No primeiro caso, mediante a presuria, o padroado passou extreme para a corôa; no segundo apenas a parte do senhor, continuando em poder do povo a que d'antes lhe pertencia; no terceiro era d'exclusiva propriedade do ultimo, e em seu poder ainda se conservava no seculo XIII, quando não tivesse havido usurpações. Nos depoimentos de Nogueira, Lousada, Silvares e Avelleda, [6] diz-se expressamente que os herdadores fundaram essas igrejas, e por isso apresentavam o parocho. Esta tradição tam viva, illuminando a origem do padroado popular, deixa-nos vêr ao mesmo tempo a de todos; elle provinha da fundação e dotação: — *abbadava* [7] *quem fundára;* não era a prerogativa d'entidades illustres, mas um direito dos fundadores e seus representantes, transmittindo-se segundo as formas usuaes dos contractos: [8] em geral o dos cavalleiros, ordens, mosteiros e dioceses resultava de compras, doações obtidas da corôa ou de particulares, e tambem de violencias muito vulgares nisto; [9] até se adquiria por *commenda*, consoante fize-

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 17.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 110. «Abbate», *Inq.*, pag. 318, 2.ª col.: «Casal d'Abbade», *ibid.*, pag. 362, 2.ª col.

[3] Na Capella de S. Maria de Negrellos (freg. de Roriz) encontraram-se, ha annos, um capitel de columna com a palavra «IOVI» e uma lapide funeraria romana. Foram ambos collecionados pelo fallecido snr. F. Martins Sarmento.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 8 (anno 875); n.º 13 (an. 906); n.º 18 (an. 915); n.º 67 (an. 954).

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6 (an. 870).

[6] *Inq.*, pag. 544, 1.ª e 2.ª col.; pag. 542, 1.ª col.; pag. 543, 1.ª col.; *passim.*

[7] «que el Rey est padrom, et que a abada per si», *Inq.*, pag. 330, 2.ª col.: — «et os erdadores abbadam essa ermida per si», *ibid.*, pag. 349.

[8] Capitulo XII.

[9] Comprovam o texto os depoimentos das *Inq.*, sobretudo os da 2.ª alçada, mais explicitos sobre este ponto: basta folheal-os; em todo o caso cf. pag. 525, 1.ª col.; 538, 1.ª col.; 491, 2.ª col.; 653, 1.ª col.; 490, 2.ª col.; 487, 2.ª col.; 563, 1.ª col.; 499, 1.ª col.; 543, 2.ª col.; 551, 2.ª col.; *passim.*

ram os de Silvares e Avelleda, que foram pagar pequenas pensões e prestar serviço a uma dama e a certo cavalleiro, para se defenderem dos governadores da terra, que lhes usurpavam o direito de fundadores d'essas igrejas. [1]

A importancia dada ao padroado pôe o parocho em primeira plana, entre os demais personagens da freguesia; comprehende-se quanto custava aos populares perder a escolha do homem, que os havia de governar espiritualmente, aconselha-los e dirigi-los nas eventualidades difficeis da vida: ministrando n'essas quasi-ermidas, construidas e adornadas com pobresa, muito embora a linguagem emphatica dos notarios lhes chame «basilicas», elle tinha nas mãos um poder que ninguem contestava. Depois de apresentado pelos padroeiros, confirmava-o o bispo, e se aquelles eram o povo, a apresentação fazia-se em verdadeira eleição democratica: procedendo em geral da classe popular (os nobres tinham, no alto clero e na guerra, carreira mais brilhante e lucrativa), educado nos presbyterios [2] ou em qualquer dos innumeros pequenos conventos ruraes, se a sua cultura intellectual não divergia muito da capacidade dos doutrinandos, e quasi sempre no fundo tam rude como elles, com as mesmas boas e más qualidades, e na maioria não se distinguindo pela pureza dos costumes, [3] o caracter ecclesiastico comtudo e os bens territoriaes valiosos, que administrava, davam-lhe a proeminencia e representação official. Já em 911 os *abbates* haviam sido convocados para provisores das demarcações de Dume, e nas *Inquirições* de 1220 e 1258 aos prelados, assim lhes chamam, dá-se sempre a precedencia.

Vivendo entre o povo, e ligado a elle por intimas relações em virtude do seu ministerio, apoz a queda wisigotica, o abbade tornou-se o centro de gravidade d'esses pequenos nucleus de população; não os deixando desunir, foi transformando pouco a pouco a antiga unidade agraria na nova freguesia.

Mas, se na organisação d'esta o ecclesiasticismo foi o ponto de partida, ella cedo se apresentou tambem como pequena communa rural, pois os fregueses, «filhos da igreja», em virtude da sua união formavam uma molecula social distincta. Tal feição é revelada por um personagem, cujas competencias o tornam ao menos contemporaneo dos primeiros progressos das armas christans, ou talvez a força das circumstancias o fizesse aparecer na desordem ocasionada pela invasão sarracena, quando os habitantes das villas se viram sem governo.

Posto que d'origem bem obscura, o *Judex*, *Joiz*, mencionado sempre no grupo dos depoentes nas *Inquirições* de 1258 com o *abbas* ou *prelatus* e nas de 1220, [4] não era de creação recente. Na inquirição do *Judicatu de Corneliana*, diz-

---

[1] *Inq.*, pag. 542, 1.ª e 2.ª col.; pag. 543, 1.ª col.
[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6.
[3] Cf. *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 53.
[4] *Inq.*, pag. 86, 1.ª col.; *passim*.

se — «Item, estes davanditos omees erguem d antre si Joiz, et outorga o Sancto Jacobo de Gallecia, et pois vam al Rey que o confirme». [1] A passagem tem duplo valor para a questão presente: da maneira como está formulada vê-se ser costume de longiqua data; devia existir antes de 915, anno da doação da Corneliana á Sé de Compostella por Ordonho II; [2] no diploma de Fernando Magno (1061) [3] apenas se fala de demarcações e vagamente da cedencia de direitos reaes, mas que não foi de todos, deduz-se das palavras acima transcriptas. Não sendo crivel deixarem os padres de Santiago estabelecer ahi nova autoridade, com certeza a encontraram, quando receberam a doação; por outro lado ficamos sabendo que havia d'estes juizes d'eleição popular. O final porem do depoimento relativo aos moradores d'Ulveira — «soyam ir a joizo do Joiz de Prado, et ora an seu Joiz e seu mordomo, et non é posto por el Rey», [4] faz crer, se a ultima frase se refere a *Joiz*, serem alguns de nomeação regia. O mais presumivel é terem sido na origem de mera eleição popular; estabelecida uma administracão publica regular, a corôa talvez avocasse a si, por via dos governadores dos districtos, o direito de confirmação pelo menos, vistas as atribuições de que os achamos encarregados; — representantes da autoridade central, inspectores das propriedades reaes da freguesia, protectores dos lavradores contra as agressões de quaesquer, e excessos dos mordomos: [5] elles organisavam em nome do rei casaes novos, quando necessario, e taxavam a renda; [6] assistiam ás vezes ao pagamento dos foros; [7] decidiam sobre a natureza juridica das terras; [8] resolviam sobre as coimas; [9] nas requisições de generos, fixavam os preços, [10] e distribuiam algumas despezas de guerra, por exemplo as do Castello de Froyam. [11] Taes eram as suas funcções principaes; embora resumidas quanto possivel, conceber-se-ha facilmente a importancia d'esses modestos magistrados, que se regulavam pelos costumes e equidade, a cujo ministerio recorria todos os dias a população dos campos nas pendencias com o Estado, muito mais complicadas então que hoje.

---

[1] *Inq.*, pag. 342, 2.ª col.

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 18 e 19.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 429.

[4] *Inq.*, pag. 302, 2.º col.

[5] *Inq.;* «Judicem qui non defendit eis» *(reguengueiros)*, pag. 463, 2.ª col.; «Judex non ponit eis *(mordomos)* consilium», pag. 537, 2.ª col.; *passim.*

[6] *Inq.*, pag. 477, 2.ª col.; 474, 1.ª col.; 307, 2.ª col.; 464, 2.ª col.; *passim.*

[7] *Inq.;* «fossadeiras... perante o Joiz de Vila Chaa», pag. 439, 1.ª col.

[8] *Inq.;* «derom na bouza por ragaenga per juyzo», pag. 314, 2.ª col.

[9] *Inq.;* «et de todas caomias so joyzo», pag. 418, 1.ª col.; «o sôizo das caomias», pag. 418, 2.ª col.; «todos so joyzos», pag. 422, 2.ª col.

[10] *Inq.;* «se o Ricomem da terra fila y condoito paga o per mandado do Joiz da Terra», pag. 390, 1.ª col.

[11] *Inq.*, pag. 363, 1.ª col.

O cargo seria gratuito ou remunerado? A primeira hypothese é a verosimil. Não obstante falar-se no depoimento de S. Miguel de Perri d'uns *dineiros de so joizo*, [1] estes deviam entrar intactos, visto serem prestações fixas, nos cofres da fazenda real, provavelmente destinados para o salario dos juizes de circunscripção mais larga, instituidos com regularidade por Affonso II, [2] sem duvida os dos Julgados, constantes das *Inquirições*. Os das freguesias porém, creados pelo povo, como «Pelagio Monaco clerico que foy Joiz entre erdadores rendeiros,» [3] em seguida aceites pelo rei sob a forma de nomeação ou confirmação, podem considerar-se precursores, apesar da mudança de jurisdições, dos que mais tarde se chamaram — *eleitos*, ou *da vintena*. [4]

Os poderes exclusivos do dominus estavam portanto agora nas mãos do abbade e do juiz, para os quaes passára o governo espiritual e secular da antiga villa romana.

Nas freguesias ruraes não faltavam amiudadas vezes cavalleiros nobres, residindo em algumas habitualmente. Batalhadores por officio, d'elles saíam os condes, governadores amoviveis das provincias ou districtos, depois os ricos-homens e senhores das terras: [5] constituiam a côrte e o sequito dos reis, não raro fornecendo os titulares do alto clero: formavam emfim a classe superior. A sua principal ocupação era a guerra; o grau de cavallaria, quando o tinham, [6] sobretudo o mister das armas e das funcções publicas, que foi gerando uma ascendencia de guerreiros e funccionarios, [7] chamada mais tarde a *linhagem*, davam-lhes o caracter distinctivo, não a maneira de combater a cavallo, pois pertencia tambem a outra especie de cavalleiros, de que logo se tratará. Nas leis d'Affonso II, sómente em duas se emprega a palavra *fidalgo;* nos documentos contemporaneos d'Affonso III não se lê a miudo, e nas *Inquirições* em muito poucas passagens, indicio seguro de não ter ainda então a linhagem importancia decisiva e estarem por organisar

---

1 *Inq.;* «dam... al Rey... j. bragal et iiij, dineiros de so joizo», pag. 363, 1.ª col.

2 *Leges et Consuetudines, P. M. H.*, pag. 163.

3 *Inq*, pag. 312, 2.ª col.

4 Cf. *Juizes eleitos* por José da Cunha Sampaio, na *Revista de Guimarães*, vol. XII, n.º 3.

5 «Ruy Gomez de Briteiros que era infançom... E depois fez elrrey dom Affomsso este dom Ruy Gomez rricomem e deu lhe pendam e caldeira». *Os Livros de Linhagens; Scriptores; P. M. H.*, pag. 291. «João d'Aboim... fezeo el rey D. Affonso rico-homem». *Ibid.*, pag. 161. «don Suerio Ayras tenia a terra *(Melgazo)* de mao del Rey don Alfonso I.º». *Inq.*, pag. 378, 1.ª col.

6 «... e elle *(Ruy Gonçalluez)* disse que em sa terra nom preguntauam ao Caualleiro por carta de cauallaria, senom ao creligo por carta das hordens». *Os Livros de Linhagens; Script.; P. M. H.*, pag. 382.

7 Segundo Fr. Ant. Brandão, os brasões das familias nobres de Portugal derivam-se de feitos militares do tempo d'Affonso Henriques e seus successores, (*Monarchia Lusitana*, 3.ª P., L. X, C. VII).

as geneologias, ou mal esboçadas; [1] o termo usual para a classe é em portuguez «*cavalleiro*» e em latim «*miles*», entretanto que no reinado de D. Diniz «*filho d'algo*» é o commum e official. O emprego dos dois, significando o primeiro a profissão, o segundo a ascendencia, caracterisa duas epocas differentes; naquella as familias nobilitadas preponderam pelo cargo, nesta pelo nascimento. E são na verdade epocas diversas: com Affonso III terminam as guerras para a acquisição do solo nacional; posteriormente, os filhos dos chefes illustres do passado cobrem-se com a gloria de seus paes.

Submergida a sociedade wisigotica, conhecer-se-hia immediatamente a necessidade de refazer a administração do Estado; nem governo, nem exercito. De golpe desappareceram os dirigentes das coisas publicas; falleceram uns ou sucumbiram na invasão; os outros, envolvidos nas forças sarracenas, dispersavam-se pela peninsula, caidos em profunda obscuridade. Por isso, na nação que rebentou espontanea no isolamento das serranias cantabricas, a falta de chefes foi com certeza uma das maiores; não existindo os antigos, os novos só podem ser o resultado d'uma selecção; com o inimigo á porta e sempre á vista, os fortes e habeis commandam no campo da batalha, e d'ahi passarão a exercer na paz altos cargos. O monarca reconhecer-lhes-ha o valor com parcellas do immenso patrimonio adquirido á ponta da espada, quer permittindo presurias, quer fazendo doações que veem do começo da resistencia asturiana, e passam alem da primeira dynastia portuguesa; a estas acquisições que são caracteristicas, acresceram as compras, os legados, os donativos espontaneos do povo pela protecção, e as rapinas, vulgares na fazenda nacional mas muito raras na propriedade particular, [2] excepto nos padroados.

Com a restauração neo-goda principia a historia, ora verdadeira ora legendaria, dos que serão o tronco da nova nobreza peninsular, datando a mais antiga de Portugal do conde D. Henrique.

Nos primeiros tempos os feitos distinguem os homens, e não o nascimento; [3] os nomes dos engrandecidos e dos humildes são os mesmos—em geral germanicos, porque depois do advento dos suevos e wisigodos, os hispanos denominaram-se com nomes d'elles, como d'antes com os dos romanos. Nos documentos da alta Idade-media a nomenclatura pessoal é commum para todos, e em regra tam uniforme, que nos diplomas [4] pelas assignaturas não se differençam os cavalleiros dos herdadores; este facto repete-se mais notavelmente nas *Inquirições*, onde por entre os patronimicos d'uso geral, começam a despontar os apelidos actuaes, designando

---

[1] V. nota no fim.

[2] Um dos muito poucos exemplos d'usurpações d'esta especie é citado nas *Inq.*, pag. 312, 2.ª col.—«Menendo Picom filou una casa foreira per forza a esses erdadores; e vendeua a ...»

[3] V. nota no fim.

[4] *D. et Ch., P. M. H.; passim.*

ora nobres ora populares. [1] A uniformidade de nomenclatura, desde o seculo IX até ao XIII, prova de sobra a proveniencia commum das duas classes. Uma raça dominante, de sangue diverso dos habitantes, é inadimissivel sem denominação pessoal privativa. E a contra-prova é ainda hoje patente nos nomes e no typo physico, confundidos e misturados em toda a população. Nos nossos nobiliarios só raras vezes se relatam as primeiras origens do fundador da linhagem; pela maior parte ignoradas, estavam longe de interessar os geneologistas; a historieta porem relativa a Pero Novaes [2] «homem pobre», enriquecido no negocio do milho, e tronco de gerações illustres, é bem significativa, assim como a referencia ao alcayde D. Esteve Annes da Covilhã. [3]

Não era a raça, nem a grandeza das propriedades, ver-se-ha adiante, que davam ás familias nobilitadas o predominio; mas sim a posição social que lhes permittia atribuirem-se isenções e privilegios, em virtude da direcção dos negocios publicos a seu cargo; por tal motivo os cavalleiros nobres, comparaveis aos influentes e politicos da actualidade, se tornavam proeminentes nas freguesias onde residiam ou tinham bens.

Os populares, que se sustentavam da terra, dividiam-se, como d'antes, [4] em duas classes — possuidores, e simples arrendatarios.

Os primeiros, chamados *herdadores*, ora exerciam a lavoira e eram verdadeiros lavradores-proprietarios, ora arrendavam as herdades no todo ou em parte: pagavam foros em generos e serviços á corôa, a succedanea do primitivo senhor. Essas obrigações foram-nas alienando os reis, aqui e acolá, por doações ou concessão de Couto ou Honra a favor de particulares e entidades eclesiasticas; nestes casos considerava-se legal a transferencia, convertendo-se os herdadores em foreiros dos donatarios; abusivamente, deixavam de satisfazer taes encargos, quando se colocavam sob a protecção d'um poderoso, obrigando-se-lhe a prestações ou a serviços *(encommenda, commenda, emplazamento)*, e sendo cavalleiro tambem pela criação de filhos *(amadigo)*; em qualquer das hypotheses a corôa perdia os seus

---

[1] Para prova basta citar, excluindo os patronimicos, os seguintes nomes de populares que se leem nas *Inquirições*; — Menendo do Lago (pag. 311, 2.ª col.); Pelagio Trigoso (pag. 349, 1.ª col.); Johanne Botelio (pag. 349, 1.ª col.); Petro Lobo (pag. 295, 1.ª col.); Pedro Diaz (pag. 296, 2.ª col.); Pelagio Falcon (pag. 298, 1.ª col.); Petro Froiaz (pag. 300, 2.ª col.); Petro Velio (pag. 305, 2.ª col.); Petrus Botus (pag. 308, 2.ª col.); Petrus Franco (pag. 321, 2.ª col.); Petrus Bravo (pag. 323, 1.ª col.); Martinus Calatus (pag. 469, 1.ª col.); Johanne Merlo (pag. 392, 2.ª col.); P. de G. et Martinus Conelius (*mercatores*, pag. 459, 1.ª col.); *passim*. Por esta pequena lista, que aliás se pode augmentar á vontade, vê-se que apelidos dos mais nobres posteriormente já eram então usados tambem pelo povo. Cf. a nota no fim.

[2] *Os Liv. de Linh.; Scriptores: P. M. H.*, pag. 374-375.

[3] *Os Liv. de Linh.; Scriptores: P. M. H.*, pag. 378.

[4] Capitulo XI.

direitos; numa cessava a propriedade do Estado; na outra os mordomos não se atreviam a effectuar a cobrança, com medo das duras represálias a que ficavam expostos.

Os arrendatarios, semelhantes aos caseiros actuaes, chamavam-se reguengueiros, quando agricultavam as terras reaes ou do fisco; alem de *direituras* (pequenas pensões) pagavam ora rendas certas, ora quotas — o terço, o quarto, ou a metade de determinadas colheitas. O quantitativo dos arrendamentos particulares é omisso nas *Inquirições*, por ser objecto que lhes não pertencia, mas provavelmente o dos reguengos dava a norma.

Dos herdadores, com certa riqueza, saiam os «cavalleiros villãos», assim ditos, porque professavam por habito a vida rustica (das villas), não as armas; mas quando os convocavam, iam á guerra a cavallo, armados de lança e escudo sem emblema ou empresa: os menos abastados e os reguengueiros serviam a pé, «peões». Os cavalleiros populares gosavam de valiosas prerogativas, e assinalavam-se pela bravura: constituiriam uma classe média rural?

Não deve ficar em silencio o facto muito notavel, alludido nas *Inquirições;* é o tratamento de *dom*, dado a numerosos herdadores, não mais privilegiados que os outros: como estes, pagavam foros ao fisco e estavam sujeitos ás exigencias dos mordomos, de que se livravam, acolhendo-se ao patrocinio dos cavalleiros profissionaes, consoante os meios usados. [1] O nosso monumento limita-se sempre unicamente a antepor o *dom* ao nome, sem dar a razão. É comtudo presumivel que elle qualificasse populares abastados, não exercendo trabalho fabril ou agricola. No depoimento de *Petra lada* de Ramalde [2] (hoje Prelada) diz-se que os quatro casaes do logar eram *Domne Regine*, pagando cada um varias direituras e a sexta parte do pão; tres estavam em poder de *Domni Silvestri, cujusdam mercatoris Portu.* Esse negociante era homem do povo, não só em vista da profissão, mas tambem

---

[1] «et a quintana de don Egas est pousa de Mayordomos et inchouve y o ganado, assi como na quintana de Martino Payol... E desta quintana de don Egas devem a ser Mayordomos das eyras per cabezas... Item, da quintana... et de don Salvador de Prado de Susao am de selo Mayordomos das eyras per avoenga et per cabezas...» *Inq.*, pag 294, 1.ª e 2.ª col.; — Item, da quintana de don Lobo de Prado dá de foro al Rey... (com o serviço pessoal de lhe adubar as casas)», *Inq.*, pag. 295, 1.ª col.; — «Item, da quintana de... et quintana de domna Bofina... fazem todas tal foro al Rey quomo a de don Lobo de Prado», *Inq.*, pag. 295, 1.ª col.; — «Item, Domnus Simeon criou filia de Martini Alfonsi. Item, Domnus Petri de Congusti criou filo de Vicentio Martini Corotelo... Domna Dominica criou fila de... Domna Mameda criou fila de .. Domna Mayor do Outeiro recebeu M. A. per filo...» *Inq.*, pag. 321, 1.ª col.; — «Domno Godino qui erat herdator et solebat dare fossadeiriam et vitam Maiordomo annuatim», *Inq.*, pag. 479, 1.ª col. Cf. *Inq.*, pag. 297, 2.ª col.; 298, 1.ª col.; 307, 1.ª col.; 308, 2.ª col.; 312, 1.ª col.; 315, 1.ª col.; 316, 2.ª col.; 317, 1.ª col.; 320, 2.ª col.; 321, 2.ª col ; 322, 2.ª col.; 461, 1.ª e 2.ª col.; *passim.* A cada passo se encontram herdadores titulados de *dom.*

[2] *Inq.*, pag. 464-465; provavelmente estes casaes tinham entrado na doação de Sancho I á filha, D. Mafalda. O nome de *Petra lada* repete-se tambem em Cubidi; *Inq.*, pag. 419, 2.ª col.

pela maneira de ter os casaes; e todavia chamava-se «D. Silvestre». Dos depoimentos de S. Ysidro de Negrellos (em 1258) e de S. Martinho do Campo (em 1220), [1] consta a doação regia de parte dos bens da ultima igreja a um *D. Villão*, burguez de Guimarães. Embora o *domnus Villanus* do texto seja a traducção d'uma frase burlesca, as duas palavras antitheticas exprimem bem um popular rico, desocupado de trabalhos manuaes. Se por outro lado reflectirmos que nas *quintanas*, casas de campo não destinadas exclusivamente á lavoira, viviam, ora nobres ora populares, havemos de concluir pela existencia d'uma classe media, composta d'individuos sem a linhagem, mais ou menos abastados, não trabalhando na terra. Com a maior probabilidade são elles os titulados de *dom* e formariam a cavallaria villan, por terem os meios necessarios para manter cavallo á sua custa. A consideração, de que gosavam, está a indicá-la o tratamento, o qual portanto no seculo XIII se dava quer a individuos de grande gerarchia, quer a numerosos simples proprietarios ruraes; — traço social caracteristico e mais uma prova da communidade d'origem de todos; assim como os nomes e os typos se confundem, o tratamento é o mesmo, quando os bens attingem certo grau.

Além dos homens que tiravam da terra o seu sustento, ou directamente pelo proprio trabalho ou por via d'arrendamento, havia os industriaes estabelecidos no campo, muito antes da monarchia. As villas estavam organisadas, é inutil repetir, de modo que fornecessem o necessario mais urgente aos habitantes, e por isso não faltavam nellas misteres fabris. Em todo caso convem não omittr uma menção, embora ligeira, d'esta especie de trabalhadores, que sem duvida moravam nas cabanas, [2] como os jornaleiros agricolas. Um diploma de 1014 [3] refere-se aos *tecelões* (*lenzarios*) dispersos pelo perimetro, com pouca differença, do actual concelho de Guimarães; — *ferraria* é a denominação d'uma villa em documentos de 985 e 1077, [4] e d'um territorio, [5] o hodierno concelho de Ferreira. Mais explicitas porem são as *Inquirições*, que mostram officios em toda a provincia: a repetição incessante do foro de *bragal* só era possivel com a tecelagem disseminada; em varias passagens citam foros de ferros d'arado e ferraduras, [6] e até dão fé do despovoamento d'um logar de ferreiros, por causa d'uma feira nova do Porto que desviou para

---

[1] «cuidam homine qui vocabatur Dompnus Vilanus», *Inq.*, pag. 538, 2.ª col.; — «domno Villano burgensi Vamarañ», *Inq.*, pag. 207, 1.ª col.

[2] «Cabanarii»; *Inq.*, pag. 522, 1.ª col.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 223. Cf. n.º 420, pag. 259 (Caidi): sobre a significação de *lenzarios*, cf. GAMA BARROS, *H. da Ad. p. em Port.*, pag. 352 e segs. *Lenzo*, panno de linho, J. P. R., *Diss. chr. e Cr.*, v, pag. 3.

[4] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 146 e 542.

[5] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 775.

[6] *Inq.*; pag. 400, 1.ª col.; 124, 2.ª col.; 125, 1.ª col.; *passim.*

aqui os compradores. [1] Á manipulação da cera fazem-se reiteradas allusões. [2] O fabrico da telha, principiado no dominio romano, continuou entre os asturianos, pois em 945 se vende uma *casa murea teliata*, [3] e em seguida nos tempos portugueses, do que são prova os foros pagos pelos telheiros. [4] Mas muito mais que os documentos, por natureza laconicos a este respeito, basta o typo archaico das multiplices industrias caseiras, exercidas no campo, para nos convencer do largo alastramento e antiguidade d'ellas.

A coroa, representavam-na os juizes, em parte os senhores das Terras ou ricos-homens, e os mordomos. Estes ultimos, geralmente descendentes dos villicos do periodo romano e wisigotico, [5] depois da presuria em massa do dominio das villas, ao officio de feitores acumularam a cobrança das penas pecuniarias pelos delictos e crimes *(calumpnia, caomias, vozes);* [6] em vez de dirigirem os servos nos trabalhos agricolas, arrendavam aos seus successores as glebas que aquelles cultivaram por conta do dominus, colhendo as rendas dos novos arrendatarios (reguengueiros), e os foros dos herdadores que succederam aos colonos primitivamente installados em lotes. O arrendamento, substituindo a exploração directa das secções em plena propriedade do antigo senhor no momento da reconquista, e a cobrança das multas, constituiam as unicas novidades; tudo o mais, como fôra; a profissão hereditaria, [7] e os salarios recebidos em prestações fixas, em usofructo de glebas ou casaes, em gratificações consentidas e declaradas *(offrezom, offreciom)*, pela diversidade e feitio, bem se vê que procediam de tempos remotos. Além de tudo isto, comiam e bebiam em casa dos prestamistas, comedorias divergentes d'um para outro sitio. [8]

O officio era lucrativo, mas tam odiento que não raras vezes caíam victimas

---

[1] *Inq.;* pag. 506, 2.ª col.

[2] *Inq.;* pag. 354, 1.ª col.; 378-379; 393, 2.ª col.; 415, 2.ª col.; *passim.*

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 149.

[4] *Inq.;* pag. 523, 2.ª col.

[5] Cf. capitulo XI.

[6] «Et in esta freeguesia entra o Mayordomo a iiij. cousas, scilicet; furto, e rouso, et merda in boca, et omizio». *Inq.*, pag. 304, 2.ª col.;—«E intra y o Mayordomo d el Rey a iiij. caomias». *Inq*, pag. 305, 2.ª col.;—«E entra y o Mayordomo d el Rey a iiij.ᵒʳ calumpnias conoszudas». *Inq.*, pag. 311, 2.ª col.;—«pectan meyas das iij. vozes, se as fazem, scilicet, rouso et merda et morte». *Inq.*, pag. 334, 2.ª col.; *passim.* As coimas dividiam-se ás vezes entre o rei e os cavalleiros; *Inq.*, pag. 314, 2.ª col.

[7] *Inq.;* pag. 424, 1.ª col.; *passim.*

[8] Sobre a *offrezom* ou *offreciom* cf. *Inq.*, pag. 299, 2.ª col.; 326, 2.ª col.; 386, 1.ª col.; 388, 2.ª col.; 300, 1.ª col.; 317, 1.ª col. Sobre as prestações fixas, além d'algumas das passagens anteriormente cit., mais pag. 417-418; 424, 1.ª col.; 436, 1.ª col. Sobre as terras usofruidas pelos mordomos, pag. 430, 1.ª col.; 418, 1.ª col.; 424, 1.ª col. Sobre os arrendamentos feitos por elles, pag. 299-300; 300, 2.ª col.; 301, 1.ª col. Sobre as comedorias, além das citações adiante na IV secção, cf. pag. 403, 1.ª col.; 414, 2.ª col.; *passim.*

do zelo, ou antes da avidez. Não obstante odiados, a sua importancia manifesta-se á primeira vista, por serem agentes do fisco; então não havia outros impostos, senão estas pensões devidas ao Estado — todas em especie, sujeitas a recusa, e muitas d'ellas indeterminadas, como as quotas das producções nos reguengos; o seu procedimento supõe-se já, seria mais ou menos benevolo, consoante o acolhimento dos contribuintes, que por tal motivo, embora com sacrificio, os trataria á larga, eximindo-se todavia da sua acção, quando podiam. Homens da classe popular, encontram-se ás vezes divididos em mordomos grandes e pequenos. [1] Os reguengueiros em regra não faziam a colheita sem os chamar e por isso se diziam «mordomos das eiras». Elles mesmos ora transportavam os generos ao celleiro ou adega da circunscripção, ora faziam o transporte os proprios que pagavam, ora outros individuos, chamados «serviçaes». [2]

Na villa romana e wisigotica havia uma unica vontade a que todos obedeciam; na freguesia repartia-se entre os varios detentores d'uma parcella do dominio: em primeiro logar o rei ou os seus representantes — o juiz, o mordomo, algumas vezes o rico-homem; em seguida os donatarios seculares e ecclesiasticos — cavalleiros nobres, ordens, mosteiros e dioceses, os quaes além das incessantes liberalidades regias recebiam doações dos populares ou adquiriam terras por titulo oneroso. Em baixo, impulsionado nas diversas direcções, estava o povo trabalhador, composto de herdadores, industriaes, arrendatarios de bens particulares, e reguengueiros; quando os reguengos saiam da corôa, os ultimos tornavam-se caseiros dos donatarios. Sobranceiro porem a esses grupos minusculos, o abbade com o seu poder espiritual, unificando-os, ligava-os tenazmente ao campanario.

Esta sociedade que se delinêa nos primeiros diplomas, apresenta-se completa nas *Inquirições:* mudanças notaveis, provocadas pelas circunstancias e progresso social, tinham occorrido na situação dos homens do povo, comparada com a primitiva; o fundo todavia era o mesmo; a forma diversificou atravez dos tempos; mas o fundamental antigo permanecia então, como transparece ainda hoje.

II

OS PREDIOS

Nesta secção, depois do que foi dito e discutido no capitulo VII, não ha a notar senão o regime de cada especie, consoante a qualidade dos possuidores. Exposta já a terminologia diplomatica, basta relembrar que *villar* se perdeu até ás

---

[1] «casta de don Dominicus de Soriba, et casta de... sum Mayordomos pequenos. Item, casta de... Mayordomos grandes da Terra». *Inq.*, pag. 424, 1.ª col.; *passim.*

[2] *Inq.*, pag. 314, 2.ª col.; pag. 325, 2.ª col.; *passim.*

Inquirições; quintana obliterou-se d'estas por diante; *casal* e *quinta* são ainda os termos actuaes d'uso corrente; *villa* lê-se ali com significação vaga, referida em geral a qualquer parte da freguesia.

Os casaes dos diplomas são sempre singulares; quando estes querem designar um conjunto de predios servem-se de *locus* e em certos casos de *vicus*, duas palavras desusadas no seculo XIII: em vez d'ellas as *Inquirições* empregam «casal» ou «quintana», quer seja uma só propriedade ou algumas; mas os dois termos na ultima epoca designavam predios differentes; por isso convem examiná-los separadamente, dando a precedencia ao primeiro.

Em S. J. de Chamoyn, o casal de D. Gontino pagava trese verbas, especificadas no depoimento, o qual acrescenta — «et de quantos fogos y ouver dam senas spatulas cum senas teeigas de centeo». [1] D'esta passagem e de frequentes analogas resulta que por casal exprimiam ora um predio unico ora um agrupamento; no ultimo caso sobre o principal incidia provavelmente o maior peso dos encargos; esse seria o *cabeça* ou *cabecel*, recebendo o dono as prestações dos outros para as entregar ao directo senhor. O *encabeçamento* é tam vulgar nas *Inquirições* que os foros cobravam-se em regra por via do *cabeça de casal*, segundo a doutrina explicita na frase seguinte — «Rex non habet partem de foris ipsius casalis, quia non habet partem in capite casalis»; [2] e quando se desconhecia o cabecel, perdiam-se quasi sempre; certo cavalleiro, conta uma testemunha de S. M. de Idaes, occultando-o por interesse proprio, assassinou o denunciante. [3]

O encabeçamento, muito parecido com a *humana capitatio* [4] dos romanos, podia remontar ao tempo em que os antepassados dos foreiros foram installados nas suas parcellas; então a capitação dos colonos era cobrada, conforme o cadastro e entregue ao fisco pelo dominus; este, é de crer, repartiu a responsabilidade legal pelos cultivadores de maiores terrenos da villa, respondendo cada um pelas quotas de certo numero de visinhos, e elle pelas de todos; o dominus seria pois encabeçado na totalidade, como alguns em relação a outros. Quando o senhorio se dividiu, cessou naturalmente o encabeçamento total, mas os parciaes subsistiram para com a corôa ou os seus donatarios. Fixado o preceito, não só se estendeu aos casaes novos, mas tambem se inscreveu nos *prazos*, quando se foram redigindo por escrito os usos e costumes anteriores.

Outro vestigio da *humana capitatio* sobrevivia na solidariedade de todos no pagamento de certos foros, sobretudo pela habitação; embora alguma casa se despovoasse ou os inquilinos se pusessem sob a protecção de pessoa poderosa, a quan-

---

[1] *Inq.*, pag. 417, 1.ª col.
[2] *Inq.*, pag. 472, 2.ª col.
[3] *Inq.*, pag. 556, 2.ª col. Cf. a passagem relativa a D. Theresa Martins na pag. 477, 1.ª col.
[4] Cf. HERC., *H. de P.*, vol. III, pag. 240.

tia era integrada pelos restantes; tal é o caso dos homens de Goyos que foram morar no couto de Palmeira e Fão, vindo d'ahi agricultar as suas terras foreiras — «et torna sse a renda sobre los outros omees»; [1] do mesmo modo o casal de «dona d'arriba», por ser possuido por dous cavalleiros nobres; [2] e assim muitos mais. Dando-se factos d'esta ordem, os que pagavam pelos visinhos lastimavam-se; — a renda dos eximidos, diziam, «pectan na os mezquinos». Na falta d'um responsavel, a corôa exigia a somma integral aos residentes, fossem muitos ou poucos. O abandono da habitação era trivial, se havia perto Couto, Honra ou herdamento ingenuo; mudada a residencia para a terra immune, de lá vinham lavrar os campos, livrando-se das coimas, exigencias fiscaes, e das prestações pela moradia, satisfazendo só as da cultura, se o protector os não defendia de todos os encargos. [3]

Juntamente com estes casaes, verdadeiros logares rusticos, havia-os tambem isolados, registrados em cada pagina das *Inquirições*, em accepção identica aos dos diplomas; e o mais interessante é que a nossa linguagem actual se aproxima muito da diplomatica, ou antes é a mesma, pois se queremos designar um grupo de predios ruraes dizemos «logar» e não «casal».

Os foros, quando consideraveis, solviam-se em diversas estações do anno; para não sairmos do exemplo de D. Gontino, aliás muito trivial — 7 verbas pagavam-se pelo S. Miguel, 1 pelo Entrudo, 1 pela Pascua, 1 por Kalendas de Maio, 1 pelo S. João, 2 pelo Natal; nesta occasião ainda outras ao mordomo pequeno, e mais algumas pela Pascua: os restantes fogos pagavam juntas a *spatula* e a *teiga de centeio*. [4] Em contraposição havia-os tam insignificantes que representavam apenas o reconhecimento do senhorio; em S. M. d'Idaes quatro casaes tinham o onus de duas lebres vivas, que no tempo das *Inquirições* estavam trocadas por quatro cabritos; [5] com certeza não eram senão isto a espadua do porco montez e as mãos do urso, pagas pelos caçadores de varios sitios do macisso geresiano. [6] Esta diversidade está mostrando uma alta antiguidade; remonta ao dominio d'um unico proprietario, impondo aos seus clientes obrigações mais ou menos onerosas, segundo o grau de beneficio que quiz conceder-lhes.

Os casaes compunham-se de glebas, cujas denominações já foram discutidas, sendo redundante voltar ao assunto; retalhos das villas, os mesmos maiores eram predios pouco extensos, de propriedade media; ao lado viam-se mais pequenos, os

---

1 *Inq.*, pag. 312, 1.ª col.

2 *Inq*, pag. 317, 1.ª col.

3 Cf. *Inq.*, pag. 312, 1.ª col.; 417, 1.ª col.; 719, 1.ª col. — «et istud casale Domini Regis vocatur de Merloos (et) tenebat domos in Regalengo, et filiaverunt petram istarum domorum et fecerunt inde alias domos in hereditate ingenia, et modo stat casale... hermum et laborat illud ipse J. D.»

4 *Inq.*, pag. 417, 1.ª col.

5 *Inq*, pag. 556, 2.ª col.

6 *Inq.*, pag. 413, 2.ª col.; 416, 1.ª e 2.ª col; 418, 1.ª col.; *passim*.

componentes d'um cabecel, os meios-casaes ou fracções inferiores, vulgares então, [1] e hoje.

Qualquer que fosse a extensão, o typo era identico. Ora constituiam o patrimonio proprio, a *hereditas* (herdade, herdamento) dos que por tal motivo se chamaram *herdadores*, representantes dos colonos ingenuos, na primitiva installados em lotes, com a liberdade de disposição, sujeitos só a prestações fixas. Ora, tendo ficado desde o principio em dominio pleno do dominus, arrendados a servos, libertos ou a homens livres, com essa natureza juridica aprehendidos pela corôa na reconquista neo-goda, foram os casaes reguengos; no desmembramento das villas, [2] principiaram a ser adquiridos, a titulo oneroso ou gratuito, por cavalleiros e corporações ecclesiasticas, agricultados por cultivadores em variadas situações, conforme os tempos, redusidas todas por fim ao arrendamento. Mas tanto nas epocas anteriores, como no seculo XIII, eram todos caracterisados pelas construcções unicamente destinadas á exploração agricola; ainda no ultimo tam pobres, desconfortaveis e exiguas, que se chamavam *pardieiros*, palavra que substituiu *casa*, quando esta se nobilitou: — «adhuc modo ibi sedet paridenarius ubi fuit casale»; [3] — «illud casale est hermum et destruxerunt totum paridenarium Domini Regis». [4] Nestas pobres habitações, com as suas familias, gados, utensilios e haveres, viviam os meros lavradores, cuja profissão exclusiva era o trabalho da terra. Se um nobre ou popular rico viesse estabelecer-se ahi, construiria a vivenda, de que vae falar-se.

Quintana ou *quinta* tinham sido simples sub-unidades culturaes, como quaesquer outras, cuja origem, já se viu no Capitulo VII, remontava ao tempo romano. Agora cumpre explanar as mudanças, que se elaboraram durante o governo asturiano-leonez e se achavam radicadas nos primeiros tempos portugueses. Consumada a divisão das villas, e formada, pelo augmento da riqueza e fixação da ordem publica, uma classe média rural, principiaram a despontar aqui e além residencias, não destinadas exclusivamente a trabalhos agricolas, embora humildes, menos desconfortaveis que os pardieiros, com terrenos agricultados em sua dependencia. Ao mesmo passo que se generalisava a burguesia campestre, os cavalleiros nobres, adquirindo propriedades rusticas, vinham mais ou menos estabelecer-se nellas, fazendo construcções para moradia. *Paço (palatium)* de modo nenhum se adaptava a habitações particulares; com pequenas áreas adjacentes, aos seus donos faltava a riqueza e posição social do dominus. D'entre a terminologia agraria corrente, para designar taes vivendas de pequenos proprietarios não lavradores, — «casas de senhorio e caseiros», a linguagem escolheu as palavras — *quintana* ou *quinta*.

---

[1] *Inq.*, pag. 513, 2.ª col.; 327, 2.ª col.; 304, 1.ª col.; 309, 1.ª col.; 313, 1.ª col.; *passim*.
[2] *D. et Ch., P. M. H., passim*.
[3] *Inq.*, pag. 524, 1.ª col.
[4] *Inq.*, pag. 532, 1.ª col.

São estas as enunciadas nas *Inquirições*, subsistentes entre os casaes e as glebas não acasaladas. Pertencendo a herdadores, a nobres, ou á corôa, tinham todas o mesmo typo fundamental, visto designá-las um termo unico. A citada no depoimento de Vilarinus era *cujusdam herdatoris et fratrum ejus;* [1] do mesmo modo a de Regalados, a de Lourido, a de Cornibus, a de Santa Christina de Cauto, [2] e tantas outras, impossiveis d'especificar. Das pertencentes a cavalleiros bastam algumas citações;—em S. M. de Fontoyra, P. Novaes comprou uns terrenos, «et fez y quintana de morada»;—em S. S. de Avellaneda, J. M. de Taindi comprou «unum campum de herdatoribus... et fecit ibi unam quintanam»;—«quintana do lameyro cum iij. casaes que fora de D. Egas Fifiaz»: [3] e emfim para não acumular transcrições, note-se a declaração relativa á quintana de Lourenço Soares—«ille locus ubi sedet illa domus Lourencii Suarrii». [4] A quintana vinha a ser uma habitação, superior aos pardieiros, e cercada com terrenos mais ou menos amplos. O incidente, referido no depoimento de Zurara, tira todas as duvidas: Garcias P. Ardagam, querendo apoderar-se de certas terras reguengas, «fecit ibi unum paridenarium, et volebat ibi facere unam quintanam»; [5] principiando por construir casa propriamente de lavoira, depois construiria, se o deixassem, outra para sua morada. No ponto de vista agrario as quintanas dos diplomas são pois identicas ás das *Inquirições;* qualquer que fosse a gerarchia do proprietario, o povo deu a todas o mesmo nome, por não ver entre as d'uns e d'outros nenhuma differença typica.

As precedentemente referidas tinham um só fogo; alem d'estas occorrem com frequencia as de muitos fogos, como as de Martino Payol, em S. Gens, e a de Dom Lobo do Prado, em Cabanellas, [6] verdadeiros grupos d'herdadores, cujos encargos de cada um se descrevem por extenso; eram portanto semelhantes aos casaes encabeçados, e a differença de denominação não podia provir senão da vivenda, em que moravam os cabeceis, diversa dos pardieiros, e por ventura elles mesmos não fariam lavoira, tendo as terras arrendadas.

Taes eram as de patrimonio particular; as reguengas [7] não divergeriam, dada a identidade de denominação. Que essas casas não foram edificadas pelo fisco, é mais que provavel; mas te-lo-hiam sido por individuos que ou desconhecessem a natureza juridica da terra, ou de proposito contando com uma usurpação que não pôde realisar-se, como teria acontecido a Garsias P. Adargam, se procedesse pre-

---

1 *Inq*, pag. 494, 1.ª col.

2 *Inq.*, pag. 431, 2.ª col.; 80, 1.ª col.; 487, 2.ª col.; 533, 2.ª col.: cf. as de Vilar, de J. Mouro, etc., pag. 420, 1.ª col.: *passim.*

3 *Inq*, pag. 365, 2.ª col.; 543, 1.ª col.; 429, 1.ª col.

4 *Inq.*, pag. 521, 2.ª col.

5 *Inq.*, pag. 482, 2.ª col.

6 *Inq.*, pag. 294, 1.ª col.; 295, 2.ª col.

7 *Inq.*, pag. 294, 1.ª col.; 409, 2.ª col.: *passim.*

cipitadamente. A estas novas construcções, provocadas pelo progresso social, ajuntavam-se as sub-unidades antigas e tradicionaes, expostas no Capitulo VII.

Quinta, mencionada nos diplomas, aparece tambem nas *Inquirições*, [1] e por fim foi esta designação a que prevaleceu, obliterando-se a outra.

Entre os portugueses, deve observar-se, são muito mais frequentes as quintanas, talvez por se ter desenvolvido intensa a classe média, com individuos de varias procedencias, semelhante á actual; nesta especie de predios, já então vulgares no campo, chamados *urbanos* ou *mixtos* na terminologia fiscal corrente, viviam ora populares abastados, ora nobres, e não raras vezes face a face; mas as mais famosas eram as quintanas dos ultimos, especialisadas com cuidado no nosso monumento pelos prejuizos causados á fasenda publica, e não pela aparencia, que era a de todas, vista a designação commum: de perto mal se distinguiriam pelo emblema, quando o tinham, transportado do escudo para a padieira da porta, ou para o marco fronteiro, se o fundador havia chantado padrões.

A descripção minuciosa dos reguengos, um dos objectivos principaes das *Inquirições*, lança jorros de luz sobre a divisão tradicional da propriedade e cultura ao norte do Douro. Elles provinham, já se mostrou, da presuria; e eram os restos que tinham escapado das doações regias a favor de chefes militares e corporações eclesiasticas; mas nesta epoca constituiam ainda um immenso patrimonio territorial; talhado e dividido até ao extremo, não affectando locaes privativos e extensos, desdobrava-se em innumeras ramificações, formadas de parcellas, dispersas por todas as freguesias; onde faltavam, os depoimentos acusavam ou a liberalidade real ou usurpação. Estes bens, que se instillam de continuo por entre os dos outros possuidores, sem vastidão nem caracteristica distinctiva, estavam tam impressos na memoria do povo, que com a maior facilidade se destrinçavam, ainda quando alguem os queria sonegar; elles comprehendiam ora casaes ou fracções e quintanas, ora campos, agros, vinhas, leiras, eiras, bouças e montes, ou parte d'estes, ora aguas, servidões e arvores, ora igrejas total ou parcialmente. [2]

É escusado fazer citações; algumas dariam pelo contrario uma idea incompleta do vasto quadro que se desenrola, variando sempre d'uma para outra localidade, desde a primeira até á ultima pagina das *Inquirições;* ahi, em cada freguesia, está

---

[1] «duas quintas in Vila Cova, que eram de Palmi, faziam foro al Rey», *Inq.*, pag. 310, 1.ª col.: — «cortinal que jaz cabo quintas», *Inq.*, pag. 365, 1.ª col.

[2] Ha exemplo, é certo, d'uma freguesia inteira reguenga, segundo parece, — a de S. Fiiz de Belino, que continha 37 casaes, (*Inq.*, pag. 314, 1.ª e 2.ª col.); não sei se haverá mais nestas condicções; se as houver, serão muito poucas: e a excepção não invalida a regra geral, que era a diffusão das terras da corôa, entremeadas com as dos outros. Apesar de ser reguenga toda a freguesia, a cultura não divergia das outras.

Observe-se tambem que ficam de lado os foros, por que aqui se trata só de terrenos.

tombada com precisão a parte d'el-Rei; e este tombo pôe-nos diante dos olhos com a maior clareza o retalhamento das possessões reaes com o seu regime de pequena cultura. A totalidade d'essas innumeras glebas, unidades e direitos, formava os bens da corôa no norte. Os mordomos, os juizes e ás vezes os ricos-homens arrendavam-nos por quotas de generos ou por dinheiro a lavradores que não possuiam nenhuns ou a herdadores de casaes diminutos; as rendas arrecadavam-se em celleiros ou adegas, dispostos em diversos pontos.

Embora os reguengos fossem as secções das villas, reservadas em plena propriedade para o dominus, e com tal natureza juridica aprehendidas na restauração neo-goda pela corôa que o substituiu — o parcellamento vinha muito detraz, como demonstrou o exame dos *Diplomata et Chartae;* nem seria praticavel nos tempos asturianos nem nos portugueses: os agentes do fisco regulavam-se pelos costumes, e era-lhes impossivel estabelecer demarcações que subentendem uma distribuição agraria, superior ás suas atribuições e capacidade.

Não podiam ter sido elles, que demarcaram os terrenos com essa exactidão, que regularam o curso das aguas, dando a porção congrua a cada visinho, que dotaram as igrejas com bens reaes para a corôa ficar padroeira no todo ou em parte, que estabeleceram a diversidade das quotas nas rendas, frequente dentro d'uma mesma freguesia. Um conjunto tam completo e simultaneamente diversificado só proviria de proprietarios, que tivessem vivido entre os lavradores; e que esses foram os senhores das villas no tempo romano, di-lo a nomenclatura rural. [1] Fizeram-se depois, é certo, arrotêas, [2] como ainda se fazem, mas subordinadas aos termos estabelecidos: assim tambem se registram os casaes de herdadores, entrados por excepção em poder do Estado, quando deixam de satisfazer os foros. [3]

Taes os reguengos, taes os patrimonios particulares e das corporações ecclesiasticas: como aquelles se formavam de retalhos destacados, assim tambem estes eram restrictos em cada sitio, e as grandes fortunas compunham-se de predios diversamente localisados. Quando se desmembraram as villas, a nova propriedade tomou por base a pequena cultura, estabelecida nellas desde a primitiva. A attenção minuciosa, prestada a qualquer canto, capaz de producção, é indicativa d'uma agricultura parcellar, levada ao extremo. Nem sequer se esqueciam as arvores fructeiras, cujo rendimento se dividia entre o rei e certos visinhos: — «... in esta collatione ha el Rey seu Regaengo demarcado, scilicet... Item, in Cova meios de iiij. castineiros, et meya de una cerdeira, et meya de una pereira, et ij. maceeiras». [4]

---

[1] Exposta na Primeira Parte.

[2] «et dos outros Regaengos deste Joigado que forem rotus per mão do Joiz et dos mordomos», *Inq.*, pag. 294, 2.ª col.

[3] É o caso de Rio Tinto: o lavradror fugiu, porque encontrou uma criança morta em casa; *Inq.*, pag. 524, 1.ª col. Cf. pag. 422, 2.ª col., em que se refere outro abandono pelo excesso dos encargos. Nestas hypotheses e analogas os casaes eram incorporados na corôa.

[4] *Inq.*, pag. 420, 1.ª col.; *passim.*

É impossivel ir mais longe em questiunculas agrarias, nem hoje. A população compacta, que se manifesta nesta região no primeiro alvorecer da historia, havia de organisar uma cultura de familia, da qual se derivou a propriedade correspondente. O tam lamentado retalhamento do solo e da cultura, fixado desde seculos, ainda não levou a provincia á pulverisação, nem ella deixou de produsir cada vez com mais intensidade.

Não era pois pela vastidão de cada propriedade, nem pelo regime diverso do commum, que se distinguiam os bens da corôa ao norte do Douro; misturados com os outros, careciam absolutamente de qualquer distincção; o facto caracteristico porem é a sua immensa multiplicidade, só explicavel pela presuria em massa, effectuada pelos reis d'Oviedo-Leon, e d'elles transmittida aos monarcas portugueses, como representantes do Estado que fundaram no condado portugalense.

Com o avanço das armas christans, [1] uma onda revolta de presores espraiára-se sobre as regiões retomadas, no meio da mais inextrincavel desordem; nesse periodo confuso, em que tudo se concedia ou permittia, os novos chefes, com a velha sociedade ainda diante dos olhos, poderam proclamar-se senhores d'extensos territorios, impondo-lhes os seus nomes, que a memoria popular conservou, offuscada pelo brilho das espadas; a ocupação porem foi tam passageira, que d'elles apenas restou a reminiscencia na toponimia, não tornando a relembrá-los os documentos posteriores; em seu logar, e dentro das villas que denominaram, estabelecem-se os cavalleiros dos principios da monarchia, agora com firmesa, mas em fragmentos, isto é, em predios do typo commum — «casaes e quintanas». Dada a economia agraria do paiz, os homens, que se engrandeciam, tinham de conformar as suas fundações ao parcellamento historico e ás normas usuaes; e assim foi, quer obtivessem as propriedades por doações regias, em recompensa de serviços publicos, quer de particulares por titulo gratuito ou oneroso, e algumas vezes, raras, por usurpações. Poucos exemplos porão em relevo o estabelecimento fundiario das familias nobilitadas pelos tres meios que são os unicos ocorrentes. Em S. M. de Zapardos, possuia a corôa seis casaes; doou-os Sancho I a Paio Novaes, em cuja descendencia se mantinham; [2] e em Baldosende tres a Fernando Johannis, seu escudeiro, «assi quomo os avia, et que non fazem neuno foro al Rey». [3] Em virtude da graça regia, os dous tornam-se senhores de terras reguengas, não distinctas das ordinarias. Das acquisições por titulo oneroso basta citar as duas seguintes: —Gonçalo Mendes Douchristi comprou «erdade et una bouza in Belino et fez y casa de morada»; [4] em Unda havia sete casaes que pertenceram a D. João Peres da Maia,

---

[1] Capitulo XI.
[2] *Inq.*, pag. 351, 1.ª col.
[3] *Inq.*, pag. 421, 1.ª col.
[4] *Inq.*, pag. 314, 1.ª col.

comprados por elle a um *rustico herdatore*, e onde fez uma quintana. [1] Eram portanto predios populares os adquiridos, nos quaes se fixam, comprando-os, esses dois cavalleiros. Quanto a usurpações é caracteristica a referida em S. M. d'Oleiros; [2] — D. Nuno Sanches possuia ahi um *casal de vedro* sem immunidades; um dia quiz pousar na igreja, mas como os fregueses se opuseram, retirou-se; o filho D. Pedro Nunes voltou, e conseguiu-o á força; desdobrou o casal antigo em dous, e construiu uma casa, *in que pousa:* tomou os herdadores *in sua maladia*, ameaçou o mordomo de lhe cortar um pé; correu-o, e elle não mais lá tornou; o neto, D. Nuno Peres, colheu da igreja os maravedis de reconhecimento de padroeiro: com taes violencias a familia de D. Numo Sanches mudou em senhorio nobre um casal sem prerogativas.

Exemplos, como os citados, repetem-se a miudo, e a narração corre quasi sempre com as mesmas palavras. Os cavalleiros nobres obtem por qualquer forma terras ordinarias; construem ahi uma vivenda, levantam padrões, e declaram-se isentos, e os seus arrendatarios, dos encargos fiscaes: os mais antigos são quasi todos adquirentes nos tempos portugueses — circunstancia digna de nota, por marcar a epoca das nobilitações fundiarias definitivas. Quanto á extensão — «Casalia militum sunt parva et casalia Domini Regis sunt magna, et milites ut habeant servicium hominum fecerunt casalia parva». [3] Os *homines* porem haviam de ser bem poucos, em virtude da pequenez das possessões; e o serviço militar, a que o povo era obrigado, sendo unicamente devido á corôa, consoante é expresso em todos os depoimentos das *Inquirições*, os taes serviços não eram diversos dos que aos seus caseiros exigem os actuaes proprietarios.

A unica distincção entre as terras dos nobres e as dos populares consistia na immunidade dos direitos fiscaes, pretendida por aquelles para si e para os lavradores que as agricultavam, illegal comtudo, excepto se o rei concedia o *Couto* ou *Honra*, [4] havendo tambem propriedades d'homens do povo priveligiadas: — «Item, dixit quod case que fuerunt Pelagii Petri alfayate semper fuerunt onrate». [5]

As origens d'estas duas instituições não se podem atribuir a ideias feudaes: pois o couto de Valpesta, apontado adiante, foi estabelecido em *804*, e a explosão do feudalismo data de *877*. Ambas identicas, quanto ás prerogativas, foram antes suscitadas por uma reminiscencia vaga e confusa das antigas villas.

Ainda em tempos adiantados da reconquista, a qualidade do proprietario não isentava nenhuns bens d'encargos; apenas muito mais tarde, quando os cavalleiros e entidades ecclesiasticas se tornaram preponderantes, algumas d'estas pretende-

---

1 *Inq.*, pag. 477, 2.ª col.
2 *Inq.*, pag. 296, 1.ª col.
3 *Inq.*, pag. 503, 2.ª col.; 523, 1.ª col.; *passim*.
4 V. nota no fim.
5 *Inq.*, pag. 737, 2.ª col.

ram privilegiar as suas terras e os outros inventaram a famosa formula: — «milites non faciunt forum nec intrat in suis casalibus maiordomus», [1] doutrina só reconhecida, talvez como conciliação, por D. Diniz — «salvo se for tal pessoa, que per razom de sy deva ser honrado seu herdamento». [2] Não assim antes; se o tivesse sido, as instituições regias dos *Coutos* e *Honras* eram inuteis e portanto inexplicaveis.

O Couto de Santa Maria de Valpuesta, acima citado, foi instituido em 804 por Affonso II de Oviedo nestes termos — «ut non habeant Kastellaria aut anubda *(serviços de fortificações)* vel fossadaria *(foros que pagavam á coróa)* & non patiantur injuriam Sajonis neque pro fossato *(serviço militar)* neque pro furto neque pro homicidio, neque pro fornicio, neque pro calumnia aliqua *(multas por quaesquer crimes)*:» [3] com a terra o rei doára tudo, os encargos communs e os direitos magestaticos: ahi não mais o mordomo real entraria. Identica concessão fez em 916 Ordonho II ao mosteiro de Lerez — «Concedimus... cartam, & libertatem, & solutionem, tam de omni parte nostra Regia, quam etiam de omni parte & voce Episcopali»: [4] o bispo interveiu porque o mosteiro estava na diocese de Compostella; mas a cessão dos direitos d'elle e dos outros privilegios, não se fizeram sem a graça expressa do rei. Os doados, longe de se contentarem com a doação d'um só monarca, nunca se esqueciam de sollicitar a confirmação dos successores: Ordonho II em 915 confirmou o Couto das nove milhas em volta da Igreja de Santiago, que Fruela II rectificou em 924. [5]

Com os cavalleiros acontecia o mesmo. O rei ora se limitava á simples doação de terras e foros, ora dava os privilegios de Coutos ou Honras. Sueiro Mendes exprime esta distincção, dizendo que recebera do Conde D. Henrique «honore magna et terra multa». [6] De facto não faltavam doações sem essas prerogativas; em 1068 Garcia doou a Munio Viegas e em 1070 a Affonso Ramirez, ambos seus validos *(fideles)* muitas propriedades, mas não as honrou: [7] para isso era necessaria declaração expressa. Assim o fizeram o Conde D. Henrique e D. Theresa, quando doaram em 1097, autorisados por Affonso VI (de Leon) a Sueiro Mendes as terras, que depois por doação d'este ultimo passaram em 1098 [8] para o Mosteiro de Santo Thirso; a carta dos primeiros diz — «ponimus tibi cauctum et degretum, ut nullus homo ibi ingrediatur pro malefaciendum, non pro rapina, non pro peniora... nec pro nulla calumnia, sed liberum et persolutum tibi da-

---

1 *Inq.*, pag. 535, 2.ª col.; *passim*.
2 Orden. Affons., Livro II, tit. 65, § 17.
3 *Esp. Sagr.*, tom. 26, pag. 443.
4 *Esp. Sagr.*, tom. 19, pag. 354.
5 *Esp. Sagr.*, tom. 19, pag. 351 e 358.
6 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 914.
7 *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 474 e 491.
8 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 871.

mus». [1] Se para a immunidade legal não fosse precisa esta concessão, nada aproveitaria Sueiro Mendes com ella. Do mesmo modo seria inutil que Affonso Henriques honrasse Sequeiros a Egas Fafiz, e Sancho I Gundiar a Pelagio Novaes. [2] A respeito d'um dos mais assinalados cavalleiros, cujos descendentes vieram a assentar-se no throno portuguez, commemora-se no registro das linhagens — «Este dom Gomçallo Rodriguez de Palmeira chamousse de Palmeira porque era senhor do couto que era naquell tempo grande, e ganhou o delrrey dom Sancho de Portugall que lho deu quando s'el veo de Castella». [3] Ainda posteriormente não faltam exemplos que confirmam a necessidade da intervenção regia, sem a qual eram devassas as terras possuidas por cavalleiros: — «Interrogatus unde Domna Maria habuit predicta casalia, dixit quod comparavit ea de *Militibus de Mauriz, et tunc temporis intrabat ibi Maiordomus*». [4]

Neste tempo porém eram já vulgares os Coutos e Honras de cavalleiros, sem carta nem autorisação regia. A classe enriquecida e cada vez mais poderosa, queria distinguir-se, mostrando a superioridade da sua posição, e auferir d'ella maiores recursos: — (S. M. de Toris) «é Couto, e non per padroes nem per carta»; — (S. P. de Sesgudi) «esta colletione é onra et que nunca foy onrada per el Rey»; — (S. M. de Mosegaes) «esta davandita colletione é onra de cavaleiros e non per el Rey, et an a d uso». [5] Como taes se estabeleciam, far-se-ha idea pelos seguintes casos: — «don S. P. d A. comparou de don C. erdade, et gaanou erdade de..., que faziam foro al Rey e davam na renda, et quer y fazer casa de morada, et chantou padroes». [6] Em Fontello entrava o mordomo real a *voz et caomia* no tempo de D. Ermigio; depois Stephano Ermigiz de Teixeira «ergeu inde o mayordomo d el Rey, que non intra I nem ousa y entrar». [7] A Honra de cavalleiros está nascente nos dois exemplos; do mesmo modo se haviam originado as outras d'egual especie. Ellas comtudo, antes de D. Diniz, eram illegaes; a lei das anuduvas isenta só d'essa obrigação os habitantes de *cautis et onris antiquis et quas Rex fecit uel fecerit de nouo;* [8] — «e que as defecesse (onras) salvo aquellas que forom onrradas pelos Reys e de que teen ssas cartas». [9] As que não estavam nas ditas condições, eram portanto abusivas, mas bafejadas pelo favor popular: a este abuso acrescia o da extensão da terra immune além dos seus limites: — «domini istius cauti (Palmazanos) deffendunt alias villas extra cautum... et propter hoc amittit Donimus

---

1 *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 864.
2 *Inq.*, pag. 428, 2.ª col.; 356, 1.ª col.
3 *Os Livros de Linhagens: Scriptores; P. M. H.*, pag. 284.
4 *Inq.*, pag. 480, 1.ª col.
5 *Inq.*, pag. 436, 2.ª col.; 376, 1.ª col.; 376, 2.ª col.: *passim.*
6 *Inq.*, pag. 326, 2.ª col.
7 *Inq.*, pag. 428, 2.ª col.
8 *Leges et Consuet., P. M. H.*, pag. 217.
9 *Memorias para a historia das Inquirições:* Doc. n.º XIV; cf. Doc. n.º XVI e XVII.

Rex jus suum». [1] O alargamento dava grande lucro aos senhores do Couto, porque passavam para elles as rendas do fisco.

Segundo acaba de vêr-se, a instituição dos Coutos e Honras era uma graça do rei; se este doava quanto a corôa possuia em determinados sitios, o doado deixava de lhe fazer foro, visto haver recebido tudo: mas a isenção dos direitos fiscaes precisava d'essa concessão especial, recebida aliás com fundo agrado pelo povo, que por todos os meios procurava colocar-se sob o abrigo d'um poderoso, para se livrar dos mordomos reaes. Não obstante D. Diniz affirmar o contrario, [2] os casos d'amadigo e emplasamento, apontados em quasi todas as paginas das *Inquirições*, são bem expressivos; sem espontanea popularidade seria impossivel tornar-se esta corrente caudalosa a ponto, que se a corôa, comprehendendo o perigo, não se apressa a pôr-lhe um dique, muito antes de findar a primeira dymnastia teria perdido todos os bens ao norte do Douro.

As classes superiores aumentavam a influencia e patrimonio, cobrindo de protecção as pessoas que vinham abrigar-se sob ella, mediante a prestação de serviços ou pensões; grande parte dos foros a particulares e corporações, fixados depois pelo uso e redusidos a escrito, provieram d'esta origem. Pelo *amadigo* os cavalleiros tinham quem lhes cuidasse dos filhos em tenra idade, os quaes educados com o povo adquiriam todo o seu modo de ser espiritual: com haveres muito limitados, a sua posição social não era sustentavel, senão pela simplicidade da vida d'então, pelas rapinas ao erario publico, e pelas quantias que os reis lhes pagavam durante a guerra. As villas integras possuidas por uma só pessoa são raras nos diplomas mais antigos e posteriormente não se encontram freguesias em taes condições: [3] as fortunas territoriaes das familias enobrecidas formaram-se de pequenas propriedades do typo commum dispersas pela provincia; essas, que se chamaram *solares*, não são mais que predios ordinarios, cuja acquisição se está vendo nas *Inquirições*, acontecendo com as terras o mesmo que aconteceu com os homens. Como se nobilitam alguns para constituirem a nobreza, tambem se nobilitam os bens, onde elles se estabelecem.

A exposição precedente mostra que os predios rusticos do seculo XIII, ou fossem de nobres, de populares, de corporações ecclesiasticas, ou da corôa, eram as sub-unidades culturaes das villas, tornando-se proeminentes as quintanas ou quintas

---

[1] *Inq.*, pag. 492, 2.ª col. Cf. pag. 332, 2.ª col., onde se refere um caso analogo; *passim*.

[2] *Ord. Affon.*, Liv. II, tit. 65, § 4.

[3] Nos depoimentos de S. J. e de S. O. de Saa (*Inq.*, pag. 376, 2.ª col.) diz-se, que essas igrejas *cum suas collationes* foram de D. Menendo Alfonsi; não quer isto significar, vê-se do texto, que fôra proprietario unico das duas freguesias, mas sim padroeiro d'essas igrejas, possuindo foros espalhados naquellas e por isso as honrou. Observe-se, que é extramamente rara, senão unica, uma affirmação como esta.

e os casaes. As grandes unidades romanas vieram por fim a repartir-se em pequenos predios, muitas vezes minusculos; e a mesma corôa contentou-se com fragmentos, muito embora elles, tomados no conjunto, fossem como um gigante, cujos braços se estendiam por entre todos os outros, e por toda a parte. Acelerada a pequena propriedade, principiou a despontar uma burguesia, e junta com ella a nova nobresa, do mesmo modo adquirente de fracções antigas — movimento que crescia sempre, quer em virtude de contractos particulares, quer das doações regias, feitas em lotes diminutos a variadas entidades. Não obstante a evolução agraria, mantiveram-se as tradições, por isso que ella se effectuou seguindo o parcellamento historico; os lavradores cultivavam as mesmas sub-unidades, e os encargos, que pesaram sobre cada uma, subsistiam, modificados todavia pelo progresso social, que tornára já livre o colono, antes preso á gleba pela lei fiscal romana; mas além das rendas, sobreviviam ainda as prestações de trabalho, a luctuosa e a gaiosa, restos da construcção originaria.

III

VIVENDAS NOBRES E POPULARES; FORTALEZAS

O esboço da vida rural ficaria incompleto, deixando de lado as habitações; d'ellas dedusem-se inferencias caracteristicas da organisação social, e tambem interessa muito examinar as mudanças, sobrevindas neste ponto, quando se formou a neo-sociedade.

É escusado repetir quanto se mudaram as condições das classes superiores depois da queda wisigotica; derogados os antigos direitos e concentrados na corôa os poderes do Estado juntamente com o senhorio das villas, aos novos chefes militares e magnates faltava a riquesa territorial e autoridade do dominus; por isso as suas habitações não podiam chamar-se palatium: os notarios deixaram d'empregar esta palavra para as construcções do predio transmittido; desaparecida do uso official, conservou-se na linguagem popular num unico caso, analogo ao antigo, do qual logo se tratará. A uniformidade da terminologia diplomatica [1] mostra que entre os neo-godos as habitações não se differenceavam, fossem de senhores ou de populares, aliás cada especie seria distinguida.

Fazendo-se um exame minucioso nas *Inquirições*, chega-se a identico resultado; as condições portanto eram as mesmas, do seculo VIII ao XIII; as habitações, com uma unica excepção, são ahi designadas por *casa* ou *casas;* e que as dos cavalleiros não tinham outro nome, vê-se de todas as passagens referentes a ellas; além das citações anteriores, seja permittido lembrar as seguintes: — «A. N. tem

---

[1] Capitulo VII.

dous casaes foreiros d el Rey implazados de Ganfey, et fez in uno d eles casa de morada, et non fazem foro al Rey»; [1] — «Item, Marina de Varzea recebeu Petro Onriguiz por filo et deu li una casa in que pousa cada que y vem»; [2] — «don P. S.... fez y una quintana de morada». [3] E sempre assim; casa ou quintana designam vivendas ora populares ou de cavalleiros nobres; estes não habitavam pois aqui, como os senhores feudaes, em castellos ou habitações fortificadas, aliás ter-se-hia conservado um termo expressivo do acastellamento, que por ser circumstancia typica de modo nenhum seria omittida; e haveria hoje, para exprimir uma antiga residencia rural nobre, designação especial, como teem os povos, onde aquelle facto occorreu; em vez de casa ou quinta diriamos *castello* ou *torre*. [4] Com a linguagem estão d'acordo as leis portuguesas mais antigas — as de 1211 e de 1251: [5] ambas protegem as casas nobres com a mesma precaução que as do povo — disposições legaes inuteis para as primeiras, se fossem fortificações: a uniformidade porém de todas explica a protecção; umas e outras estavam sujeitas ás agressões de malfeitores, ou a vinganças á mão armada; e as torresinhas de defeza, onde a familia pudesse salvar-se no primeiro momento, seriam tam raras, quão vulgares os assaltos, vistas as duas leis promulgadas em curto praso.

As casas nobres careciam tambem d'amplitude; fundamentalmente diversas dos castellos feudaes — cercados d'extensas terras que foram a grande propriedade do Imperio romano, as construidas nas quintanas limitavam-se a ter anexos uns casalejos, cujo rendimento, adicionado ainda aos foros de protecção, era d'escassa mediania. Engana-nos a imaginação, excitada por leituras extrangeiras, se no-las representa espaçosas, cheias de fausto e de numeroso pessoal; o viver parcimonioso e a pequenez das possessões excluem á primeira vista moradas grandiosas; infelizmente nenhuma subsiste anterior á monarchia ou dos primeiros reinados portugueses: as mesmas ruinas são raras; por ellas comtudo não é difficil fazer uma idea clara da sua exiguidade. Os restos mais antigos deixam-nas ver de pequenas, acanhadas proporções — um primeiro andar com dous ou tres sobrados, nas lojas as tulhas de pão e as cubas de vinho, a cosinha terrea. Em grau inferior estavam só os pardieiros dos casaes ou as cabanas dos cabaneiros, vivendas pobres ao rez do chão.

Com as mais humildes e desconfortaveis habitações das quintanas não raras vezes se confundia, no aspecto e estructura, o paço: disse-se acima que este termo se mantivera na linguagem popular numa unica accepção; omittido nos diplomas

---

[1] *Inq.*, pag. 367, 2.ª col. Cf. pag. 365, 2.ª col.; *passim*.
[2] *Inq.*, pag. 413, 1.ª col.
[3] *Inq.*, pag. 334, 1.ª col.
[4] Em sentido semelhante ao de *chateau* em fr., etc.
[5] *Leges et Consuet., P. M. H.*, pag. 166, 167 e 190.

e cartas para o uso commum, reaparece nas *Inquirições*, quando os depoimentos versam sobre a morada, embora passageira, do rei ou do seu delegado, o rico-homem: — «el Rey est padron d esta ecclesia... quando ven pela terra pousa in ecclesia, et os da vila levam li lenia para a cozina ataes a porta do paacio»; [1] — «Paacio da Sovereira é pousa d el Rey»; [2] — «Et esses de Darqui Mayor... am de fazer a ramada al Rey, et varrer as casas. Et ha y el Rey sua pousa»; [3] — «Eira vedra é pousa do Ricomem... Item, filos e netos de... cobrem o paacio da pousa do Ricomem». [4] Visiveis reminiscencias d'antigos sitios senhoriaes e de costumes servis guardavam-se na memoria popular, e com elles tambem a palavra que os representava, largos tempos depois de se haver afundido o palacio romano-wisigotico: os notarios não a empregavam, sabendo-a usada pelo povo só em relação ao rei ou ao seu logar-tenente, o que era o mesmo, por ser aquelle o successor do dominus no senhorio das villas e o soberano do Estado; no ultimo sentido chama-se hoje «paço» a residencia real, porque ahi se despacham os negocios publicos geraes, e «paços do concelho» onde se resolvem os da communa; assim, durante prolongados seculos «palatium, paço», conservaram a accepção fundamental — a noção d'autoridade suprema, que o caracterisava, e não a architectura, grandesa ou luxo. No primeiro texto citado, o rei pousa *in ecclesia*, sem duvida na habitação proxima em que d'ordinario vivia o parocho, e os visinhos levam-lhe a lenha até á porta da cosinha; no terceiro, quando chega, vão varrer-lhe as *casas*, não discriminadas de quaesquer outras; o quarto dá a entender que esse paço do rico-homem e portanto real era colmaço, pois certos foreiros haviam de o cobrir. Morada, embora transitoria, nas condições reveladas, apenas podia servir para homens, cujo viver se não distanciasse do povo; e se o hospedado era o rei, elle seria, é claro, absolutamente falto de melindres.

Nos depoimentos de Creixomil lê-se — «et palacium Petri Laurencii est regalengus cum omnibus hereditatibus que pertinent ipso palacio». [5] Esta habitação, que a frase á primeira vista parece atribuir a um particular era comtudo do rei (*regalengus*) e por tal motivo se chamava palacium. Ramiro II doára em 926 a villa de Creixomil na totalidade a Ermenegildo e Mummadona; em 950 Creixomil não se nomeia na divisão dos bens por morte do marido; no testamento da ultima faz-se-lhe uma allusão muito obscura: [6] a villa voltára ao poder da corôa, como de facto estava quasi toda neste tempo; e entre o que andava perdido ou usurpado, indica-se o paço, do qual se apoderára Pedro Lourenço. Caso mais ou menos

---

1 *Inq.*, pag. 305, 2.ª col.
2 *Inq.*, pag. 350, 2.ª col.
3 *Inq.*, pag. 315, 2.ª col.
4 *Inq.*, pag. 360, 2.ª col.
5 *Inq.*, pag. 710, 1.ª col.
6 *D. et Ch., P. M. H*, n.os 31, 61, 76.

analogo deve ser o indicado na passagem; — «Item, sobe lo palacio de Darqui que foy de Suerio Acha». [1] Um dos monges de Cella Nova, referindo-se á casa em que nasceu S. Rudesinho, chama-lhe palatium, designação que explica quer o alto cargo militar exercido pelo pae em Coimbra, quer a circumstancia de pertencer á corôa essa propriedade, no todo ou em parte — «erat autem Sala villa Regia». [2]

Se qualquer d'estas pousas do rei ou do seu delegado passasse ao dominio d'um particular, o nome de paço continuava a subsistir toponimicamente, como tambem abundavam localidades assim designadas, onde se conservava a tradição da vivenda romana: — «Domnus Vermudus, quidam miles qui morabatur in Zamorim in loco qui dicitur Palacio, quod tenebat furtatum iiij.^{or} casalia regalenga». [3] Fosse cavalleiro o adquirente, tal é o anterior, com certeza o nome não lhe desagradaria, muita embora soubesse que não convinha ao seu predio, como denominação commum; mas volvidas algumas gerações, afidalgada e enriquecida a familia, e tornando-se de moda um certo feitio feudal, esse nome impressionaria a imaginação dos vindoiros; não obstante exprimir uma autoridade que entre os neo-godos e portugueses só pertencia ao rei, nem por isso deixava de ser adorno de valor para os genealogistas. Mas que palatium provinha do tempo romano, e não denominou as vivendas dos cavalleiros asturianos, nem dos que fundaram a monarchia portuguesa, tem sido assaz demonstrado: encontra-se na toponimia antes do meado do seculo VIII, [4] e basta isto para nos convencer da sua antiguidade; originára-se da primitiva sociedade romanisada, e não do viver da nobresa neo-goda, ou da que lhe succedeu na nossa região.

Apesar de ser pousa do rei ou do rico-homem, o paço não era habitação fortificada: um dos textos acima citados equipára-a a *casa*, distinguindo-se sómente pela qualidade da pessoa, a cuja moradia se destinava. As fortificações chamavam-se *torres*, ou *castellos*. De *castro* ha lembranças nos *Diplomata* e nas *Inquirições*, mas muito vagas; em Crastelos [5] conservava-se a memoria d'um, cujas terras os da villa dividiram entre si, o que de modo nenhum fariam, se fosse fortaleza em serviço activo: as allusões diplomaticas, ainda que laconicas, sôam como nomes locaes. [6]

As torres, embora pouco citadas nos textos, deveram comtudo ter sido vulgares, porque tambem o são as localidades que denominaram: muitas não passariam d'obras transitorias de defesa, segundo as necessidades de momento, fixando-se

---

[1] *Inq.*, pag. 315, 2.ª col.
[2] S. Rud. V. et M.; *Scriptores, P. M. H.*, pag. 34 e 35.
[3] *Inq.*, pag. 556, 2.ª col.
[4] Capitulo VII, pag. 301 e 302.
[5] *Inq.*, pag. 542, 2.ª col.
[6] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 67, 16, 198, 263, *passim*.

na memoria popular, por serem a parte principal dos castellos, aliás d'extrema simplicidade, quando se organisa a resistencia e ataque contra os sarracenos: em França, no tempo de Carlos Magno, elles redusiam-se a reductos de terra guarnecidos de palissadas, ou a pequenos fortes envolvidos de fossos; os dos seculos x e xi compunham-se d'uma torre com recinto em volta defendido por estacas, dentro do qual havia casinholas para alojamento de pessoas e guarda de coisas: [1] entre nós não seriam mais solidos, pela urgencia não rara da construcção, nem se affastariam muito d'esse typo: a madeira era assaz empregada; indicam-na os foros dos visinhos, que ora tinham só a obrigação de a transportar, ora de cortá-la e descascá-la, ora obravam-na; — «Et todos desta collectione levavam as tabolas et a madeira ao Castello et faziam o tavoado et as escaadas»: [2] mas nas torres entrava frequentemente a pedra — «levaram d esse paacio d el Rey a pedra et a madeira pora a torre que fizerom in Crastelo»: [3] as casas do recinto fechado não passavam de cabanas, — «vam fazer a cabana ao castello da Pena Regina», [4] cobertas de giestas ou cannas, pois os da villa d'Antas haviam de levar «segnos feixes de geesta» [5] e os de Bilino «canizos, cada que os pidirem». [6]

Qualquer que fosse a sua forma, não os distinguia a grandesa, nem a solidez; pelo contrario, até ao tempo d'Affonso iii, exigiam reparações continuadas: este encargo e o da defesa recaiam sobre o povo. [7] Nos depoimentos d'algumas localidades declara-se — «*vam in anuduva e ao castello;* e se dizem simplesmente — «*vam ao castello* ou *a chamado*, na generalidade comprehendiam-se as duas obrigações: em alguns sitios a segunda é expressa. [8]

Construidos e reparados pelo povo, com as unicas excepções de protecção, defendidos por elle mesmo, os castellos ao norte do Douro pertenciam á corôa, isto é, ao Estado: as obrigações e prestações, relativas á defesa e reparação, na qual intervinha algumas vezes o juiz da terra, [9] eram fiscaes, o que exclue a menor sombra de dominio particular, exactamente o opposto do regime feudal. [10] Era tambem

---

1 De Caumont, *A. d'Arch., Arch. civ. et mil.*, 3.me ed., pag. 375 e seg.

2 *Inq.*, pag. 416, 2.ª col. Cf. pag. 313, 1.ª col. (S. J. de juxta prope Castellum); 319, 2.ª col. (S. M. de Turguosa); 361, 1.ª col. (S. J. d Enfesta); 420, 1.ª col. (S. M. de Cubidi); *passim.*

3 *Inq.*, pag. 350, 2.ª col.

4 *Inq.*, pag 373, 2.ª col.

5 *Inq.*, pag. 313, 2.ª col.

6 *Inq.*, pag. 314, 1.ª col.

7 *Inq., passim.*

8 *Inq.*, pag. 363, 1.ª col.; 375, 1.ª col.

9 *Inq.*, pag. 319, 2.ª col.

10 Herculano, falando da questão, relativa aos castellos de Montemor e Alemquer, entre D. Affonso ii e as irmans, D. Theresa e Sancha, diz — «Desde que o rei limitára as suas pretenções ao senhorio eminente, ao governo militar dos castellos disputados, deixando livres as rendas para as irmans, a justiça estava de sua parte. Tal a tradição politica do reino». *Hist. de Port.*, vol. ii, l. iv, pag. 176.

o povo quem sustentava os governadores, pagando certos foros em generos, [1] ou dando-lhes de comer nas proprias casas; — «o Castellario quando veer ao primo dia do mes devem et am a elle os omees a dar a comer de qual vida ouverem»; [2] — «dam vida ao Maiordomo... et ao casteleiro... una vez in cada mes cada uno deles per si»; [3] comedorias que se forneciam até á autoridade mais superior do districto, ao rico-homem. [4] O rei nomeava o Castelleiro, que lhe prestava menagem; e este, se passava o castello a outrem, entregava-o com a mesma condição. A anedocta do Nobiliario do Conde D. Pedro, a respeito de Mem Cravo e do Castello de Lanhoso, no tempo da guerra entre Sancho II e Affonso III expõe claramente a doutrina — «E ficou por treedor este Mem Cravo pello castello que nom deu a dom Godinho Fafez a que fezera menagem por elle, nem a elrrey cujo o castello era». [5] Mais explicito é o caso do Castello de Celorico de Basto; Martim Vaasques de Cuynha, para o entregar ao rei, que o não queria aceitar, recorreu a um extranho expediente, chamado pelo nobiliario «boa façanha». [6] Outra anedocta elucidativa refere-se ao sul do Douro; — «Sueiro Bezerra ouve filhos bem máaos como elle... e forom treedores tambem o padre como os filhos, cá derom peça de castellos na Beyra que tinham delrrey dom Sancho a que aviam feito menagem por elles, e deromnos ao conde dom Affomsso de Bolonha quando viinha por gouernador do rregno per mandado do papa». [7]

O castelleiro não precisava de grande linhagem, como parece o não era Mem Cravo, e até ha motivo para crer que algumas vezes o seriam homens d'origem bem humilde: o chronista de S. Geraldo conta que o santo fôra um dia ao castello «quod Lagenosa dicitur» reprehender um villico servil do conde D. Henrique, chamado Ordonho, personagem importante, e então governador d'esse castello, [8] segundo se deprehende. No tempo de paz, alguns tinham apenas quem os guardasse, e talvez este fosse o regime para os menos importantes, pelo menos ha exemplo d'isto: — «Item, dixerunt que generacion de... é morador e guardador do Castello de Boyro, et tenia por en j. casal in prestamo d el Rey»: [9] se uma familia tomava assim conta d'elle, com certeza não havia ahi castelleiro ordinariamente.

---

[1] *Inq.*, pag. 314, 1.ª col.; 412, 1.ª col.; *passim.*

[2] *Inq.*, pag. 313, 1.ª col.

[3] *Inq.*, pag. 363, 1.ª col.; cf. *passim.*

[4] *Inq.*, pag. 413, 2.ª col.; 414, 1.ª col.; *passim.*

[5] *Os Liv. de Linh.; Scrip.; P. M. H.*, pag. 349.

[6] *Os Liv. de Linh.; Scrip.; P. M. H.*, pag. 358.

[7] *Os Liv. de Linh.; Scrip.; P. M. H.*, pag. 376.

[8] *Vit. S. Gerald.; Scrip.; P. M. H.*, pag. 56, § 13: *Legenosa* deve ser *Lanhoso:* não se esqueça que o chronista era estrangeiro (*Ibid.*, § 36).

[9] *Inq.*, pag. 416, 2.ª col.

Em 968 Mummadona, [1] receando futuras irrupções d'inimigos, mandou construir o castello de S. Mamede no monte sobranceiro ao convento: não obstante a vontade da edificadora, que fosse sempre possuido por este e commandado por pessoa da familia d'ella, não mais tornam a mencioná-lo os diplomas conventuaes. A corôa não podia de facto consentir nessa posse, por subverter os fundamentos da sociedade; não tardou por isso a deitar-lhe a mão: restaurado e reedificado — quem sabe quantas vezes! veiu por fim a ser o historico castello de Guimarães, sem duvida no local da fortaleza do seculo x, e dando origem á *Villa do Castello*, [2] que foi a sede dos fundadores da monarchia.

Cabana, pardieiro, casa ou quintana, paço — eis os termos, com os quaes nos documentos se exprimem as habitações humanas, consoante os meios de vida de cada um, excepto a ultima, que a linguagem especialisára para a do chefe supremo da nação. Na cabana vivia o trabalhador rural ou artifice d'algum mester: no pardieiro habitavam os lavradores propriamente ditos; na casa ou quintana, ora populares remediados ora cavalleiros nobres. Sem opulencia nem grandeza, as casas d'estes, desprovidas de fortificações, eram apenas protegidas pela lei; entremeadas com quintanas populares e vivendas ao rez do chão dos cultivadores, jornaleiros e mesteiraes, envolviam-nas a todas pequenos campos, tornados ferteis á força de trabalho. Os castellos, destinados á defesa do paiz, erguidos aqui e além, pertenciam á corôa, e commandavam-nos castelleiros, nomeados por ella: obra do povo, que os construia e reparava, jámais o vexaram; nem d'isso ha a menor queixa; pelo contrario abrigavam-no em ultimo refugio, quando o inimigo não podia ser rechassado a peito descoberto.

IV

A VIDA DOMESTICA

Posto que sejam escassos os vestigios do viver de portas a dentro, convem todavia não os despresar; embora poucos e meio apagados, constituem traços caracteristicos indispensaveis.

O mobiliario enunciado nos diplomas reduz-se aos termos mais simples — cadeiras, mesas, leitos, cubos, cubas; [3] com taes palavras acharam os notarios a formula geral para os moveis, tanto em relação ao conforto, como á guarda dos generos agricolas, á qual pertencem as duas ultimas — *cubas cum bibere cubos cum ci-*

---

[1] *D. et Ch., P. M. H*, n.º 97.

[2] V. nota no fim.

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 6, 64, 102, 109, *passim*.

baria. [1] Ainda que formula tabellióa, a sua simplicidade não deixa de ser qualificante: nas melhores habitações, deprehende-se d'ella, as peças de mobilia não excediam as indispensaveis para a vida civilisada: haveria necesariamente mais, mas não numerosas, nem de grande monta, aliás a formula não seria tam curta: as designadas eram as mais importantes, e de pessoas abastadas. A generalidade não exclue a existencia excepcional de coisas preciosas, tecidos de seda com bordados ricos, objectos de prata, ou de prata dourada, raras vezes d'ouro, tapetes, e outros moveis assim: [2] todos porém tam pouco vulgares que são sempre especificados nas doações, e valorisados nas compras e vendas; por ventura adquiridos nas expedições ao sul, conforme fazem crer os nomes arabisados d'alguns. Certas pelles, chamadas *agninias* ou *aguinas* [3] e outras, talvez fossem usadas nas coberturas das camas; mas não communs, pois se lhes dava sempre um valor em moeda ou em generos. De bragal havia grande abundancia: a cultura do linho consta dos documentos mais antigos, e que augmentára sem cessar, mostram os foros das *Inquirições*, em especie e tecido; este, fabricado em casa ou por tecelões d'officio *(lenzarios)*, abundava a familia de roupa branca e limpesa; servia tambem para parte do vestuario exterior no verão, em tempo proximo ainda d'uso popular: no inverno bastava o burel, fabricado com as lans indigenas. Os pannos melhores vieram do norte com o commercio maritimo, desde os fins do reinado de Sancho I.

Podiam vêr-se aqui e ali objectos de valor, deslocados sobre mesas toscas, ou ao canto d'um aposento desguarnecido; em geral a mobilia distinguia-se pela maior modestia. Luxo teria existido no palatium, mas depois das convulsões que se seguiram á catastrophe wisigotica, as mesmas classes superiores sujeitaram-se a viver com simplicidade, emquanto não augmentou a riqueza. Os cultivadores contentaram-se com muito menos; se as habitações dos casaes eram tão humildes que se chamavam pardieiros, a mobilia havia de ser coisa insignificante, como a das cabanas.

Pelas obrigações da comida, fornecida aos mordomos reaes, na occasião de receberem as rendas, pode-se fazer idea da alimentação popular. Em S. M. de Gandera davam-lhes duas carnes, pão e vinho: em Portella (S. J. de Priz) pão, vinho, leite fervido, vêrsas da horta e dous frangos: em Palmeiró (S. M. de Soutello) quando segavam a *messe*, pão de centeio, vinho, leite fervido e uma tachada de filhós *(sartegeada de filioos)*; pelo S. Miguel, na colheita do milho alvo, o mesmo menos as filhós, a mais porém carne fresca de porco: em S. J. de Chamoyn,

---

[1] *D. et Ch., P. M. H.*, n.º 114. *Cibaria*, nome generico dos grãos frumentaceos; cf. VITERBO, v. *Ceveira.*

[2] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 9, 326, 407, *passim.*

[3] *D. et Ch., P. M. H.*, n.ºs 232, 269, *passim.*

queijo, manteiga, ovos e *corazil.* [1] Estas transcripções contêm as iguarias costumadas, e por isso as d'uso geral; ou fossem consumidas nessas occasiões, ou levadas pelos mordomos, ellas mostram os termos communs da alimentação, que se aproxima á actual, exceptuados os lacticinios, então frequentes: até na mesa d'Affonso Henriques se comia nata, segundo a passagem referente a D. Fernam Mendes, num dos Livros de Linhagens; [2] embora o caso occorresse em Coimbra, o costume não deixaria d'existir aqui onde abundava o producto, de que servem de prova os foros de manteiga e queijo, repetidos nas *Inquirições;* dos gados, a cujo sustento se aplicavam exclusivamente as terras fundas, tiravam-se em abundancia os lacticinios, raros depois, em consequencia da revolução cultural, operada pela introducção do milho maiz. O mel era muito usado, e em certas localidades tam abundante que se indicam d'elle foros avultados, e algumas vezes consumido em favos; [3] mas em geral usavam-no sem duvida em logar do assucar d'hoje.

As comedorias, historiadas no nosso monumento, provinham com certeza do tempo em que os caseiros regalavam o feitor do dominus, quando ia ás eiras receber as rendas. Do uso saiu a obrigação, tornada posteriormente num dos encargos mais onerosos, porque os novos feitores eram agentes do fisco, senhor que estava longe e não conhecia nem protecionava os seus homens: não obstante, a lavoira produsia de sobra os alimentos necessarios á população em grãos, carnes e derivados de leite; cada pagina d'esse registo da fasenda real nos convence da intensidade da producção agricola, que abastecia o consumo local e supportava pesadas contribuições. O pão de centeio e de milho alvo, ou de trigo, simples ou misturado, as hortaliças e legumes, o vinho, a carne e em especial a de porco, as galinhas e frangos, a manteiga e queijo, as fructas, sobretudo as castanhas, encontravam-se num dia ou noutro na mesa do lavrador, mais ou menos farta, conforme os meios de cada um.

A comida do povo não se distinguia muito da dos cavalleiros nobres, por isso que estes estavam sempre em continuas relações d'intimidade com os seus visinhos rusticos; factos, como o de Pero Rodrigues de Pereira e sua mulher [4] que foram um dia jantar a casa de Gonçalo Fogaça do Bairral, eram triviaes; não só comiam com os populares, mas além d'isto entregavam-lhes a creação dos filhos. Esta convivencia seria de todo o ponto impossivel, se o modo de viver domestico das duas

---

[1] *Inq.*, pag. 403, 1.ª col.; 412, 1.ª col.; 436, 1.ª-2.ª col.; 417, 1.ª col.; *passim.*

[2] *Os Liv. de Linh.; Scriptores: P. M. H.*, pag. 325. Cf. pag. 165.

[3] *Inq.;* pag. 416, 2.ª col.; 418, 2.ª col.; 383, 2.ª col.; *passim.*

[4] «In loco... Bairral Gunsaluus Fugaça inuitauit Petrum Ruderici, & uxorem suam ad prandium in ipso loco, & recepit ibi eorum filium pro filio suo, & ex illo tempore est locus taliter honoratus, quod non habet Maiordomus passum pedis». Passagem inedita das *Inq.*, cit. por Fr. Franc. Brandão, *Mon. Lusit.*, 5.ª parte, liv. xvi, cap. 69.

classes não tivesse entre si funda semelhança. Aos costumes geraes acrescem outros particulares muito elucidativos: em Cubidi certos lavradores tinham obrigação de cosinhar, quando pousava ali o rei ou o rico-homem; [1] os do logar d'Alvarelhos, em S. M. de Vouhado, haviam d'emprestar ao rei as suas escudellas, e iam buscá-las depois d'elle partir; [2] se o rico-homem passava no Souto de Carril — «dam li de qual vida teiverem pora seu comer»; [3] e os de Lindoso levavam-lhe do seu pão, queijo, leite, e ovos. [4]

Se a fidalguia se acomodava com tamanha facilidade aos habitos populares, não os tinha evidentemente requintados. E na verdade assim foi durante os primeiros reinados: ainda mesmo, depois do augmento da riqueza operada pelo commercio por via de mar, determinadas já novas condições economicas, o menu prescripto para os homens da côrte no paço d'Affonso III redusia-se a tres ou quando muito a quatro pratos. [5] É certo haver exemplos de viverem com aparato algumas familias; dos paes de S. Rudesinho ou Rosendo diz um dos chronistas — *prospere et abundanter procedebant;* a mãe, a condessa Ilduara — acrescenta outro, ia á igreja de Monte Corduba (Santo Thirso) sem sequito *militum uel dominarum, ut mos est;* [6] mas esta familia principesca era extraordinariamente rica: Hermigildus, o avô do santo, valido e parente d'Affonso III de Leon, aos seus haveres ajuntára os do rebelde Guicia, doados pelo rei; o pae, o conde Guterre Mendes, exercia um cargo militar superior — o commando do exercito que em Coimbra combatia os sarracenos. Tirante porém excepções, a regra geral era carencia de luxo, ou antes parcimonia. Mencionando o incidente, succedido na Quinta de Unhão entre Affonso Henriques e a mulher de D. Gonçalo de Sousa, diz um dos Nobiliarios, [7] ter-se passado o caso, emquanto o cavalleiro fôra arranjar a comida para o rei, circumstancia assaz expressiva, que nos deixa vêr o trem da sua casa. Outro Nobiliario, na legenda do Rei Ramiro, faz significativas allusões aos costumes domesticos; a cuvilheira da rainha ia á fonte todas as manhãs buscar-lhe agua para lavar as mãos, unica toilette que memora: se as grandes damas d'então se contentavam com esta singelesa levada ao extremo, os manjares não precisavam ser muito complicados; e de feito, continúa a legenda, para o mesmo rei — capão assado, regueifa e um copo de vinho, eram jantar lauto. [8]

---

[1] *Inq.*, pag. 420, 1.ª col. (quintana de G. C.)

[2] *Inq.*, pag. 500, 1.ª col.: além das escudellas, nas mesmas casas pobres havia *louça* e nas camas *mantees*, pois os da quintana de Pezoo — «dam li (ao Mordomo Mor) os mantees et escutellas et louza in que comia», *Ibid.*, pag. 314, 2.ª col.

[3] *Inq.*, pag. 413, 2.ª col. (S. M. de Britelo).

[4] *Inq.*, pag. 414.

[5] *Log. et Consuet., P. M. H.*, pag. 199.

[6] *S. Rud. V.; Scriptores, P. M. H.*, pag. 34, 35-36.

[7] *Os Liv. de Linh.; Scriptores: P. M. H.*, pag. 190.

[8] *Os Liv. de Linh.; Scriptores: P. M. H.*, pag. 180 e 181.

Da pequenez geral dos patrimonios derivára-se para a maioria, qualquer que fosse a classe, condições de vida homogeneas, não se alteando em meios de fortuna nenhuma, tomada na generalidade, de forma a separar-se por completo do viver das outras, pois só a riqueza, desconformemente repartida, cava abysmos profundos entre os homens. Reunidos a cada passo sob a mesma bandeira, nobres e populares, companheiros nos mesmos perigos, todos combatiam o inimigo commum; em curtos intervallos, á visinhança e convivencia nos logares de moradia ordinaria seguia-se a camaradagem militar. Analoga era a educação intellectual; o filho do cavalleiro, creado entre o povo, recebia nessa edade, em que mais fundas se gravam no espirito as impressões alheias, o modo de ser moral do amo, o qual depois vinha acolher-se á sua protecção. Dada a egualdade de fortunas, de cultura intellectual, d'aspirações e desejos, não admira que o viver de portas a dentro quasi se uniformisasse, confundindo-se no uso ordinario os habitos de todos.

CAPITULO XIV

EPILOGO

No esboço do largo periodo de quasi trese seculos, tentado nas paginas precedentes, os factos examinados mostram-nos o desenvolvimento social, marchando sempre numa filiação historica, desde quando a civilisação romana, apoz a conquista pelas armas (14 depois de C.) se impoz á população vencida, imprimindo-se-lhe no espirito, de modo a tornar-se a base da sociedade, que ainda hoje subsiste. Fundam-se então as *Villas;* nellas os chefes citanienses, instruidos pelos conquistadores, installam em parcellas os clientes pobres, conforme o grau de dependencia, e tomam para si uma secção, agricultada por servos. Nessa grande e grandissima propriedade desponta logo a pequena cultura, que no futuro dará a norma áquella. Por occasião do cadastro do fim do III seculo, muitos lavradores parcellarios (os servos acasalados) converteram-se em adscriptos á gleba; outros porém (os ingenuos) conservaram a liberdade originaria. Coberto o paiz de predios rusticos, systhematicamente organisados para a exploração agricola, jámais se interrompeu o aproveitamento do solo e o alargamento da gente. Fixa-se a terminologia rural, da qual o neo-dialecto derivou a d'uso corrente. A romanisação, apagando a lingua, os costumes e o direito indigenas, creou uma nova sociedade. É o periodo da grande e definitiva civilisação.

Em 409 chegam os suevos, mas o seu advento não provocou mudanças radicaes; se occasionou no primeiro instante uma convulsão sobretudo politica, a ordem facilmente se restabeleceu, unindo-se invasores e invadidos para formarem na pe-

ninsula um reino á parte até 585, anno em que os wisigodos o absorveram. Consoante se vê do Codigo Wisigotico, conservaram-se nas duas epocas as demarcações das propriedades, os usos e costumes, e a organisação social. Uma das poucas novidades foi a adopção pelos hispanos de nomes germanicos, abandonando os romanos que tinham suplantado os das citanias.

Com a invasão sarracena em 712 a desordem foi maior e mais prolongada. Os recem-chegados não conseguiram firmar-se no norte da peninsula, nem um pouco ao sul do Douro; mas a resistencia christan não pôde tambem estabelecer em acto continuo a segurança publica nas regiões retomadas. Apesar da incerteza, do terror do inimigo e decadencia das cidades, as Villas permaneceram; dentro d'ellas, guiado pela pratica, o povo perseverou no cultivo da terra, muito embora, na falta de governo protector a visse frequentes vezes talada, e tivesse de a defender ou esconder-se, emquanto passavam os exercitos indisciplinados: com o trabalho agricola manteve tambem as tradições do dominio espiritual.

A doutrina juridica dos reis d'Oviedo e Leon, incorporando na corôa com a soberania politica o senhorio das propriedades rusticas, e as suas doações fragmentarias, determinaram a grande evolução agraria neo-goda. Elles, não só aprehendiam, mas deixavam fazer presurias aos seus condottieri; e se estes, nos tempos da grande lucta, com a recordação viva do passado, se dizem senhores das villas, e deixam ahi o seu nome, quando volta a estabilidade, a corôa revendica os seus direitos; d'elles não mais fala a historia. Como as presurias se faziam, guardando-se os costumes, a situação de cada um não mudava; as secções reservadas para o dominus ficam reguengas, ou sejam glebas ou sub-unidades; aos possuidores de parcellas confirmou-se a propriedade, mediante as pensões pre-estabelecidas; e em consequencia das doações regias parciaes, o senhorio divide-se, tornando-se as antigas sub-unidades predios independentes. Por isso, entre nós na alta Idade-Media a pequena lavoira romana transforma-se em pequena propriedade, ao contrario do occorrido nos paizes feudaes, onde continúa persistindo a grande — a do tempo dos imperadores romanos, defendida por Castellos, que na decadencia dos descendentes de Carlos Magno construiram os proprietarios, para resistirem aos normandos: neste tempo as nossas villas, posto que haja algumas intactas, na maioria serviam, para identificar os predios desmembrados do tronco principal. Assim se foi operando o retalhamento, até que no seculo XIII apenas se ouve d'ellas um eco longinquo, termo indeciso que se aplica vagamente ora a secções, ora a toda a *Freguesia rural*, já em plena florescencia.

As duas instituições succedem-se, mas não se confundem: as villas foram propriedades em todo o rigor da palavra; a freguesia é uma especie de communa sem carta, que se forma em volta do campanario. Precisar a data em que uma deixa d'existir e começa a outra, é impossivel; transformações d'estas effectuam-se lenta e parcialmente; ao lado da instituição moribunda vae despontando a nova, ora balbuciante ora quasi na juventude, até se effectuar a evolução por completo.

Todavia em ambas o perimetro é em geral o mesmo, e identica a população, proveniente da stirpe antiga das clientelas, que desceram das citanias acastelladas. O senhorio é que diversificou; os domini faziam uma classe de grandes proprietarios, com poder quasi absoluto sobre a maioria dos cultivadores, entretanto que os senhores astur-leonezes careciam da riqueza, do poder, da fixidez e autoridade dos outros. Desfeitos os grandes fundos satisfazem-se com fragmentos os mais ambiciosos, e os mesmos bens da corôa não passam de retalhos dispersos pela provincia. Depois da catastrophe wisigotica cessa o viver faustuoso das classes superiores; a mediania nas condições geraes da vida e um regime sem requintes são o typo commum. Apesar da divisão do senhorio, das luctas com o extrangeiro e discordias internas, os lavradores não cessam de tirar da terra nunca inerte o sustento de cada dia e o custeio das despesas publicas: os dirigentes descem pela maior parte ao nivel popular.

Tal era a sociedade, cujos traços fundamentaes memora a tradição nos documentos precedentes. As batalhas incessantes, que seleccionaram e nobilitaram os combatentes mais valorosos, levaram a liberdade ás ultimas camadas da população rural; methodicamente armada pela necessidade do ataque e defesa, apresentava-se já, antes de se fundar o Estado portuguez, exercida por igual na guerra e no trabalho; a cada passo o apellido arrancava-a das cabanas, dos pardieiros e quintanas, reunindo-a no campo da peleja. Acontiados pela corôa os nobres são os cavalleiros de profissão: residindo em casas sem luxo, vivem em intimidade com o povo, ora na melhor harmonia, ora em questiunculas de proprietarios minusculos, mas sempre protegendo-o. D'este os mais pobres combatem a pé, e peões formam a admiravel infanteria portuguesa medievica. Dos herdadores abastados sáem os cavalleiros villãos, que na batalha occupam o logar honroso da vanguarda; dado o primeiro choque, confundem-se com os cavalleiros nobres, e se-lo-hão tambem, se a fortuna e a sorte das armas os ajudar. O castelleiro, em cujas mãos reside a ultima defeza do paiz, e o rico-homem, governador da terra, com pendão e caldeira, assentam-se ambos, no tempo de paz, á mesa do lavrador, e comem do seu pão. Acima de todos está o Rei, senhor do seu reino, com o imperio absoluto, que os de Santa Maria d'Alvarelhos definiam no reponso tradicional — «*Tua est potencia, tuum Regnum, Domine*». [1] Apesar do poder supremo, tam pouco exigente, contenta-se com o aceio que os foreiros lhe fazem no paço, e com a comida rustica que sabem preparar. A disciplina distingue os homens, mas liga-os a irmandade do sangue, assim como os iguala a mesma vida do espirito e uma pobresa forte.

FIM

[1] *Inq.*, pag. 511, 1.ª col.

NOTAS

—

Nota A

Referindo-me nas pag. 99, 100-101 aos habitantes da orla norte da peninsula até ao Douro, exprimi-me d'uma maneira muito geral, o que deve ser comtudo sufficiente; as especialidades nesse ponto exorbitam do meu assumpto. Em toda esta região peninsular, a sociedade da alta Idade-Media formou-se em condições e tempo, identicos ou quasi, sem o dominio sarraceno exercer influencia directa sobre os seus homens; d'estes que continuaram entre si apoz curto intervallo em relações seguidas, quando no centro e sul imperavam os extrangeiros, partiu o movimento de reconquista, que devolveu a soberania aos naturaes, passados muitos seculos de combates. Não tendo havido absorpção de sangue e civilisação dos invasores, conservaram-se portanto ahi sempre vivas as tradições e costumes da sociedade anterior e o genio das populações antigas. É isto o que constitue a sua homogeneidade historica.

Nota B

«Dos factos adduzidos resulta que nunca houve despovoamento»... pag. 285.

Não obstante as provas, reunidas neste capitulo e em outros, sobre a permanencia da população antiga no norte do Douro, terá comtudo algum interesse enumerar os vestigios de gente extranha, que se encontram nos documentos da restauração asturiana e dos tempos portugueses.

Dos romanos, suevos e wisigodos, disse-se o bastante para demonstrar que não alteraram a ethnologia dos habitantes das cividades. O mesmo foi com a invasão sarracena; nem colonias, nem monumentos, nem onomastico d'esta procedencia. Houve, é certo, mouros captivos nas correrias ao sul, mas estes não exerceram a menor influencia, como acontece sempre aos escravos, pelas privações a que estão sujeitos. D'elles ha uma referencia generica na inquirição de S. M. de Lindoso — «et se filam bestia selata, filam a sela pora si... et de jugo de boys et de mauro que fuge senos maravedis», (*Inq.*, pag. 414, 2.ª col.): além d'esta, apenas me lembro das seguintes; — tres escravas na villa de Freiseno (*D. et Ch., P. M. H.*, n.os 14 e 16), um dado em compra de propriedades (*Ibid.*, n.º 384), outro em poder do convento de Pendurada (*Ibid.*, n.º 561), dous em Santa Maria d'Ancora (*Inq.*, pag. 328, 2.ª col.), alguns pertencentes a Affonso Henriques no Mosteiro de Gondemar (*Inq.*, pag. 415, 2.ª col.), outros da igreja de Lordello (*Inq.*, pag. 460, 1.ª col.), e uma Sancia Moffarra (?) em Avenoso (*Inq.*, pag. 494, 2.ª col.). A seu respeito creio que se não encontrarão muitas mais allusões.

De sarracenos aqui estabelecidos convém recordar a seguinte menção: — «uilla de armiri... quantum ibidem obtinuit mofarrage»; — «quod fuit de Moabita Meffarraie» (*D. et Ch., P. M. H.*, n.os 99 e 138). Mosarabes, como Tructino Falaph ou Halaph (*D. et Ch., P. M. H.*, n.os 307 e 295), e Abunagar Trastemiriz (*Ibid.*, n.º 263), são muito raros; lê-se mais vezes, sem frequencia comtudo, a particula *ibn*, exprimindo o patronimico, que se fixou em Viegas (*ibn* Egas): e quantos filhos d'um Egas se não chamariam assim, unicamente por moda, se é licita a frase? (Cf. sobre este ponto *D. et Ch., P. M. H.*, n.os 193, 195, 294, 337, 357, 376, etc.) Convém observar que taes assignaturas occorrem sobretudo nos documentos de Leça — facto explicavel por elle pertencer á Vacariça desde 1021 (*D. et Ch., P. M. H.*, n.º 248), e ambos depois á Sé de Coimbra (Herc., *H. de P.*, III, pag. 424); por isso o convento de Leça receberia a miudo individuos provenientes d'entre Vouga e Mondego, na qual região eram vulgares as assignaturas arabes e arabisadas, segundo consta dos diplomas, que lhe dizem respeito (Cf. *D. et Ch., P. M. H., passim*). No titulo acima citado (*Ibid.*, n.º 307) Tructino Falaph declara que tem dous filhos — *sub imperio ismaelitarum;* immigrante de data recente, vivia no mesmo convento, a que fez doação dos bens, pouco antes comprados por elle perto d'ali, em Rial e Gondivae. (Quanto á nenhuma influencia ethnica do elemento sarraceno sobre a população christan até ao meado do seculo XI, cf. Herc., *H. de P.*, III, pag. 201-205).

De gente d'outra procedencia conservam-se duas recordações — a povoação de Bolianti e a doação a francos de terras em Guimarães. Quanto á primeira dizem as *Inquirições* — «veerom omees antigos d'outra terra et poblarom Bolianti por outorgamento dos Reys de Portugal, et fezerom y ermida que chamam Sanctus Salvator, et compararom et gaanarom erdades que deram a essa davandita ermida unde fezerom et fazem foro al Rey; et os erdadores abbadam essa ermida per si», (pag. 349, 1.ª-2.ª col.). Elles seriam em pequeno numero; o Bolianti referido não podia ser muito extenso por se incluir na inquirição de Caminha, nem tam pouco estava deserto, visto os ádvenas comprarem herdades. Por ventura a corôa possuia ahi casaes reguengos, e nelles estabeleceu o conde D. Henrique, a cujo tempo Herculano retrotrae este facto (*H. de P.*, III, pag. 214), alguns populares, pois são «erdadores», de procedencia francesa. Em seguida adquiriram pelos seus meios novas propriedades.

O mesmo illustre historiador (*Ibid.*) cita mais d'essa epoca uma colonia de francos fundada em Guimarães. Com certeza limitar-se-hia a um restricto numero d'homens de côrte, cavalleiros ou padres; nomes que se pódem julgar d'origem francesa, como Bernaldus, Rochella (*Inq.*, pag. 9, 2.ª col.; 425, 1.ª col.; 726, 1.ª col.), são muito raros nas *Inquirições*, signal infallivel de o serem tambem os estabelecidos.

Esta região, densamente povoada nos tempos proto-historicos (Capitulo II) não podia receber depois immigrantes em quantidade apreciavel. Mal os romanos apa-

siguaram as tribus barbaras, ensinaram-lhes a arte da sua agricultura, que no dominio d'elles se extendeu a todos os cantos da provincia. Desde a fundação das villas, houve sempre dentro d'ellas *bravios*, ligados ao systema cultural (Capitulo VIII), diminuidos depois pelo aperfeiçoamento da lavoira — arrotêas que ainda hoje se fazem e se farão por muito tempo. A divisão dos casaes, operada pelos cavalleiros no seculo XIII, indica, sem necessidade de mais provas, abundancia de braços e maior perfeição no grangeio, aliás a familia rural não tiraria d'elles o seu sustento e as prestações que pagava. Os casaes ermos da corôa, já se explicou, não eram terras abandonadas, mas casas: os lavradores, para se eximirem dos encargos que recaiam sobre ellas, abandonavam-nas, transferindo a moradia para dentro de qualquer Couto ou Honra, e de lá vinham cultivar os campos, pagando só os onus relativos a estes. Da epoca precedente, basta folhear os poucos *Diplomata et Chartae* que restam, para nos convencermos, quanto era compacta a população e intensa a agricultura.

Nota C

«v. *cornaria*», pag. 290.

Nos nossos pomares é hoje desconhecida por completo a *cornus* dos latinos (*Cornus mascula* de Lin.) — arvore fructifera de pequeno porte, cuja madeira teve na antiguidade grande reputação de dureza, segundo Virgilio.

..... et bona bello
Cornus..... (G. II, v. 447-8).

Não a conheceram melhor os lexicographos portugueses, tal tem sido a divergencia na traducção da palavra latina; tradusem-na uns por *corniso*, outros por *sanguinho*, outros por *pilreteiro*, julgando alguns que era uma especie d'*abrunheiro*, ou de *cerejeira brava*. Esta discordancia d'opiniões, numa coisa tam simples, indica total desconhecimento da arvore; e comtudo ella foi cultivada entre nós, com uso prolongado e teve um nome privativo seu, que se fixou em denominações locaes.

O documento n.° 263 (an. 1027) dos *D. et Ch., P. M. H.*, dá-nos uma informação decisiva a seu respeito na seguinte passagem — *uilla Cornaria subtus castro uermudi discurrente rribolum aue.*

Sendo usual no periodo romano (JUBAINVILLE, *Recherches s. l'or. de la pr. f. et d. n. de l. hab. en F.*, Cap. XVI) a designação de localidades e predios rusticos com nomes, derivados de vegetaes por meio de varios suffixos, entre elles *-arius -aria*, logo á primeira vista *cornaria* se nos apresenta formada de *cornus* + *aria*; sem a menor hesitação a *cornaria* do diploma póde-se portanto considerar equivalente á *cornus* do latim classico.

Vejamos agora se aquella entrou na linguagem popular, vertendo-se *-aria* em *-eira*.

Por fortuna o texto contém indicações bastantes, para nos ser possivel a investigação de localidade. O predio alludido devia ser pouco extenso, porque não produsiu freguesia rural, mas deixou comtudo reminiscencia na toponimia. Aproximadamente a 4 kilometros do Castro de Vermui, em baixo, ao sul, nos limites de Landim, S. Miguel e S. Paio de Seide (Villa Nova de Famalicão) ha um terreno, comprehendendo campos e bouças, chamado hoje o logar de *Corneira* ou *Corneiras;* desde d'aqui até ao rio Ave fica quasi a mesma distancia. A situação da antiga villa não offerece duvida; onde esteve a Cornaria do diploma está a Corneira actual.

Parte da freguesia de Tagilde (Guimarães) chama-se ainda hoje «*Villa Corneira*» que supõe uma *Cornaria*, como muito bem entende o seu erudito parocho, o snr. Oliveira Guimarães (Cf. *Tagilde, Mem. hist. descrip.*)

Em face dos nomes topónimos precedentemente citados vê-se que a *cornus* deu origem a *cornaria* e *corneira*, devendo ser esta ultima a traducção da primeira palavra.

O nome porém, que nunca existiria sem a arvore, abandonando-se a cultura d'ella, perdeu-se para a linguagem commum; por tal motivo passou despercebido aos lexicographos.

Quanto á denominação do fructo (*cornum, -i*)—*lapidosaque corna* (*Aeneid.*, III, v. 649) dá-se a mesma obscuridade, faltando a forma portuguesa, que indubitavelmente existiu. Mas no onomastico deparam-se *Cornias* (*Inq.*, pag. 350, 1.ª col., texto em portuguez) e *Cornas* (*Inq.*, pag. 487, 1.ª e 2.ª col., texto em latim). Alguma d'estas palavras, sobretudo aquella, seria de significação commum e designaria os fructos da corneira?

Nota D

.... a forma juridica de ter a terra sob os nomes de *placito, plazo, prazo, emplazar, emplazamento,* termos todos derivados do *placitum* wisigotico ..... pag. 555.

A lei XI, liv. X, tit. I, do Codigo Wisigotico, citada naquella pagina, é do teor seguinte:—«Terras quae ad placitum canonis datae sunt, quicunque suscepit, ipse possideat, et canonem domino singulis annis qui fuerit definitus exsolvat, quia placitum non opportet inrumpi. Quod si canonem constitutum singulis annis implere neglexerit, terras dominus pro iure suo defendat: quia sua culpa beneficium quod fuerat consequutus amittit, qui placitum non implesse convincitur». (*Leges et Consuet., P. M. H.*, pag. 104). Neste texto está definido claramente o arrendamento de bens rusticos por tempo indeterminado, com a posse do arrendatario, e succes-

são hereditaria (cf. l. XIII e XIV, *ibid.*), sem reserva de quaesquer direitos do arrendante, excepto a reversão para elle no caso unico de falta de pagamento do canon. É o arrendamento perpetuo romano, como já se disse a pag. 555, e quanto era vulgar na peninsula no seculo VII, é prova mais que bastante a sua inclusão no Codigo Wisigotico; elle foi introdusido pelos romanos desde os primeiros tempos; mais tarde era provavel que trouxessem antes a emphytheuse, estabelecida no Codigo de Justiniano.

Sobrevivendo ás duas sociedades anteriores, o placito continuou a prevalecer entre os asturiano-leoneses; os lavradores que pagavam pensões certas e vendiam as suas terras (fracções das villas) sem interferencia de terceira pessoa (*D. et Ch., P. M. H.*, n.os 24, 41, 79, 110, 180, etc.) e sem a menção dos dois direitos dominicaes-emphytheuticos—*laudemio* e *consentimento* do senhorio, não podiam possuir por outro titulo. É provavel que houvesse tambem placitos vitalicios, segundo se deprehende do n.º 409 dos cit. *D. et Ch.*, embora o texto não seja muito claro; mas os perpetuos, só com o encargo do canon, são os dominantes. O mesmo em geral acontece com os *herdadores d el Rey*, que tinham a faculdade de alienar, sem serem obrigados a pedir consentimento, e poucos a pagar uma percentagem do preço da venda: como, porém, ha exemplos d'esta ultima obrigação (*Inq.*, pag. 564, 1.ª e 2.ª col.) é de supôr, que depois do arrendamento perpetuo romano se introdusisse tambem desde o seculo VI a emphytheuse, co-existindo d'então por diante as duas formas juridicas, mas prevalecendo por largo tempo na maioria a primeira. Não obste a *luctosa* e a *gaiosa*, muito communs nas *Inquirições;* restos de remotas obrigações servis (cf. o Cap. XI), nenhuma d'ellas pertence ao direito emphytheutico justinianeo: a luctuosa, cuja origem já se expoz, foi sem duvida inserida depois nos contractos, quando a emphytheuse absorveu o placito wisigotico.

As *Inquirições* descrevendo o extravio da fasenda real, praticado pelos herdadores, que preferiam ao senhorio da corôa o d'uma entidade ou pessoa poderosa, capaz de os proteger, servem-se dos termos—*emplazar*, *implazar;*—«Nuno Petri emplazou sua erdade com Fernando Faldropo de Valentia... et excusa se per y que não faz foro al Rey» (*Inq.*, pag. 352, 2.ª col.);—«Martinus Crespo emplazou uno casal com Santo Fiiz que fazia foro al Rey et non faz foro» (*Inq.*, pag. 351, 1.ª col.—Cf. *Inq.*, pag. 308, 2.ª col.; 317, 1.ª col.; 350, 1.ª col.; 351-352; 355, 2.ª col.; 361, 1.ª col.; 387, 1.ª col.; *passim*):—«Maria Nuniz cum seus filos, foreiros por cabezas d el Rey, rendarumse cum dona Tarasia Roderici, et empara os de todo o foro d el Rey» (*Inq.*, pag. 367, 2.ª col.) O pagamento de prestações *(rendaram-se)*, feito para tal fim, designado pela palavra «emplazar» mostra a existencia nesta epoca do *placitum canonis*. Provavelmente os foreiros offereciam aos protectores um foro mais pequeno, aliás não valia a pena a mudança, e esse foi aceite no principio, muito embora os senhorios particulares, quando se julgaram firmes, impusessem mais onus, e os obrigassem a aceitar a emphytheuse. Alguns já no tempo das *Inquirições*, á imitação dos encargos tradicionaes em poder

da corôa, colhiam a luctuosa: — «quando herdatores moriuntur levant inde luctuosam illi milites qui tenent eos in comenda» (*Inq.*, pag. 494-495).

Dos factos expostos resultam as seguintes conclusões: — 1.ª que o arrendamento por tempo indeterminado, só com o encargo do pagamento do canon, modelado sobre o perpetuo dos romanos, foi introdusido nos primeiros tempos d'estes, sob o nome de «placitum», e tal era o contracto, a que o neo-dialecto chamou — placito, plazo, prazo, emplazar, emplazamento, emprazamento; — 2.ª que depois do Codigo de Justiniano foi adoptado tambem o *Jus emphytheuticum*, senão em toda a puresa, pelo menos em parte, visto nas *Inquirições* se nomearem herdadores que tinham de pagar 10 % do valor das terras vendidas (cf. pag. 564, 1.ª e 2.ª col.); — 3.ª que a coevidade do placitum com o systhema parcelar romano estabelecido dentro das villas e a semelhança d'aquelle com a emphytheuse, permittiram a popularidade d'esta, o que não teria sido possivel, se a ultima fosse de pura introducção dos romanistas; — 4.ª que na linguagem popular ficou o termo antigo — placitum, prazo, para designar o novo contracto — a emphytheuse, palavra que nunca se popularisou; e por tal motivo aconteceu não corresponder a designação á forma juridica que exprime.

Observe-se ainda que *laudemium (laudemio)* não vem no Codigo de Justiniano; este limita-se a prescrever que no caso de venda pertence ao proprietario (senhorio) uma quota do preço; foram os commentadores que inventaram a palavra (Ch. Maynz, *Obr. e log.*, cit): Körting (Lat.–rom. W.) deriva-a de * *laudemia -am* (*laus*).

Nota E

... a *fossadeira* não se relacionava com a procedencia dos foreiros que a pagavam. pag. 576.

Já no texto foi exposta de passagem a opinião de Herculano a respeito d'esta prestação rural. Segundo o illustre historiador, os predios que a pagavam pertenciam a cultivadores originariamente livres — os descendentes dos cavalleiros villãos que eram obrigados a ir a cavallo ao *fossado*, expedição que se fazia todos os annos, em geral na primavera, contra os sarracenos. Quando porém as fronteiras christans avançaram muito ao sul, essas rapidas incursões tornaram-se impossiveis para os homens que habitavam mais ao norte; assim os cavalleiros villãos d'entre Douro e Minho já não iam ao *fossado*, quando esta obrigação pesava ainda sobre os da Beira; mas por isso que os primeiros deixaram de fazer um serviço militar obrigatorio, vieram a pagar por elle uma contribuição fixa que se chamava *fossadeira*. (Herc., *H. de P.*, III, pag. 323-333).

Não ha duvida haver aqui exemplos de se considerar a *fossadeira* como multa pela abstensão do fossado militar, termo novo dos neo-godos, derivado talvez do

fosso de defeza, com que a pequena hoste de cavalleiros se cobria em caso de necessidade. Tal é a passagem do privilegio de D. Fernando, concedido em 1040 ao Mosteiro de Guimarães; se alguem no seu termo «omicidium uel raptum fecerit aut in fossatum non fuerit», o vigario «ipsius cenobii» resolverá sobre o «omicidium quam raptum siue fossataria seu qualicunque calumpnia» (*D. et Ch., P. M. H.*, n.º 372). Outro analogo lê-se no Foral de Valença, dado em 1217 por Affonso II — «Et de illa tercia que debuerit facere fossatum, ille qui ibi non fuerit pectet pro fossadeyra quinque solidos in appretiatura» (*Leg. et Consuet., P. M. H.*, pag. 570).

Mas que á classe d'estas não pertenciam os foros impostos com esse nome em innumeros casaes ou quintanas resulta das seguintes considerações:

1.ª — Em regra, nas *Inquirições* a *fossadeira* está junta com a luctuosa e serviços pessoaes, o que contradiz a ingenuidade avoenga dos que a pagavam. (*Inq.*, pag. 320, 1.ª e 2.ª col.; 321, 1.ª e 2.ª col.; 323-324; 324-325; 327, 1.ª e 2.ª col.; 329, 1.ª e 2.ª col.; 334, 1.ª col.; 336, 2.ª col.; 345, 2.ª col.; 349, 2.ª col.; 350, 1.ª col.; 351, 1.ª e 2.ª col.; 358-359; 359, 2.ª col.; 382, 2.ª col.; 408, 1.ª col.; 413, 2.ª col.; 414-415; 425, 2.ª col.; etc., etc.). Herdades unicamente *afosseiradas* tambem aparecem, e taes são as que se nomeiam nas *Inq.*, pag. 295, 2.ª col.; 297, 1.ª e 2.ª col.; 320, 2.ª col.; etc., etc.; mas estas não são tam vulgares; e bastava que houvesse de umas a outras para a *fossadeira* perder a marca distinctiva da origem; dada essa mistura, a unica consequencia a deduzir, é que ella tanto recaía sobre predios dos originariamente livres, como dos que provinham da classe servil.

2.ª — A obrigação de ir ao *fossado* é rara nas *Inquirições;* menciona-se comtudo algumas vezes, posto que agora já não contra os sarracenos; os homens de Barcellos, por exemplo, eram obrigados a ir a Tuy, Bragança, Trancoso ou Coimbra, recebendo um tanto por dia pelo seu serviço (*Inq.*, pag. 308, 2.ª col.); mas o mais notavel e decisivo para o nosso caso é a cumulação, que se encontra em certas localidades, das duas obrigações simultaneamente — o pagamento da *fossadeira* e o serviço do *fossado* (*Inq.*, pag. 352-353; 353-354; 355, 1.ª col.; 355-356; 372, 2.ª col.); se a primeira substituisse a segunda, é evidente que as duas nunca se poderiam reunir nos mesmos individuos ao mesmo tempo.

3.ª — O *fossado* durando um praso igual para todos, se a corôa o substituiu por um *imposto*, este devia ser uniforme ou quasi: e comtudo a diversidade no quantitativo e qualidade das prestações é a regra constante, até sempre na mesma freguesia: ha *fossadeiras* de — *iij. nozes*, — *v. peras meia*, — *viiij. dineiros et ij. fogazas et ij. dineiros et ij. frangaos et ij. cabritos et ij. leitoes*, e ha as excentricas — *j.ª costela pora matar os passaros* (*Inq.*, pag. 326, 1.ª col.; 367, 1.ª col.; 358, 2.ª col.; 367, 1.ª col.; *passim*). Esta variedade é visivelmente contradictoria d'uma medida fiscal, *contribuição* que não póde deixar de se entender senão deliberada igualmente para todos, ou pelo menos por zonas, e com equivalencia do serviço re-

mido, a qual não exíste na grande maioria: pelo contrario, mostra no seu movimento caprichoso um caracter archaico, e o lançamento em épocas diversas e por diversas vontades.

4.ª—A *fossadeira* pagava-se em differentes quadras do anno—em janeiro, em maio, pelo S. João e pelo S. Miguel. Se fosse a remissão militar, era natural que todos a pagassem no mesmo tempo, e este provavelmente devia ser o mez em que se fazia o serviço remido.

Estas considerações, creio, são as bastantes para nos obrigarem a procurar á *fossdeira-foro* outra origem que não seja a do *fossado* militar. As *Inquirições* de Affonso III (1258) mencionando-a em quasi todas as paginas, nem uma só vez se referem á sua proveniencia: a unica illação certa que se póde tirar d'ellas é que era paga pelos *herdadores*, lavradores acasalados, qualquer que fosse a sua extracção: era portanto o distinctivo d'essa maneira de ter a terra, isto é, do *casal* e não do *casaleiro*. A excepção dos *reguengueiros* da villa d'Antas (*Inq.*, pag. 356, 2.ª col.) e alguma outra que possa haver, de modo nenhum invalidam a regra constantemente geral.

Nas *Inquirições* porém de Affonso II (1220) lêem-se tres passagens que, segundo me parece, elucidam a questão. Em S. Salvador de Reguela havia sete casaes reguengos, cujos fóros estão descritos, mas quanto á *fossadeira* tres d'elles não a têm fixada, pois—«debent dare pro fossadeira quantum Judex ipsius terre viderit pro directo, *quia nunquam invenimus hominem qui vidérit illa populata*, nec Judex fecit» (pag. 86, 1.ª col.); se do *quantum* de todas as prestações, só d'esta se perdera a lembrança por causa da despovoação immemorial—isto é, porque os cultivadores não viviam nas casas proprias dos casaes, se por esse motivo o Juiz nunca a taxou, mostra isto que ella se lançava pela habitação, sendo certo que depois continuava a pagar-se ainda que o casal se ermasse, uma vez que não faltasse a memoria, como é no caso referido a pag. 320, 1.ª col. das *Inquirições*. De accordo com esta interpretação e mais explicitos ainda são os seguintes depoimentos—«de quadam *entrada* da Ribeira dant pro fossadeira iij. bracales, etc.... Et de quadam *entrada* de Candaoso pro fossadeira j. bracale». (*Inq.*, pag. 80, 1.ª col.). As duas passagens indicam claramente a origem da prestação, que exprimem até com o mesmo termo popular; era o fôro que o cultivador pagava pela sua *entrada* no casal.

Esta tradição é sobremodo preciosa, porque não só nos dá a origem do encargo, mas, mostrando a sua união com o acasalamento, deixa-nos prevêr que remonta ás installações primitivas, se encontrarmos como contraprova, uma palavra d'esse tempo, da qual possamos derivar a *fossadeira*.

Com o sentido dos tres textos de 1220 concorda tambem o foral dado a Guimarães por Affonso Henriques—«Et caualeiro aut uassallo de infanciom aut nullo homine qui fuerit ingenuo et in Vimaranes *uenerit morare* et ibi *domum suam fecerit* non donet fossadeira...» (*Leg. et Cons.*, pag. 351, *P. M. H.*). Como se vê, o

encargo [nada tinha com o *fossado* militar, pois dispensa d'este os cavalleiros que não eram obrigados a elle; mas, como ahi se diz, era antes uma prestação pelo assentamento da residencia ou construcção de casa, aplicando aos povoados urbanos o foro da *entrada* nos casaes rusticos. Com a mesma significação emprega-a Affonso III nas côrtes de Guimarães, e até menciona as «fossadarias archiepiscopi». (*Leg. et Cons., P. M. H.*, pag. 187 e 189).

Nesta hypothese portanto a *fossadeira* não tem nenhuma dependencia com o *fossado* militar da restauração. A sua origem provém sim de *fossatum*, mas no sentido romano de demarcação agraria, servindo tambem de vedação.— «*Fossatum* decisum paruum in fine pro termino posuimus...» (*Gromatici Veteres*, pag. 361, 16; cf. *Ibid.*, pag. 335, 12; 352, 22; 360, 6); a mesma palavra foi tambem empregada para designar uma vedação pelo Codigo Wisigotico — «quod si propter paupertatis angustiam campum sepibus non possit ambire, *fossatum* protendere non moretur». (L. VIII, t. IV, l. 25).

A vedação por meio d'um fosso, a menos dispendiosa e a mais facil de executar, naturalmente seria a primeira empregada pelo lavrador parcellario, qualquer que fosse a sua classe, quando *entrava* no casal, onde o proprietario o colocava: e assim o fôro que pagava por essa entrada, denominou-se com um derivado de *fossatum*, muitos seculos antes da invasão dos arabes e do *fossado* militar contra elles.

A hypothese proposta explica as variadas circumstancias que acompanham a fossadeira — a diversidade do quantitativo, que foi maior ou menor, consoante o senhor antigo quiz beneficiar mais ou menos o cultivador; — o typo archaico de grande parte, visto provir de tempos remotos; — as differentes épocas de pagamento, que dependia da installação do cultivador e vontade do proprietario; — o exclusivismo d'este fôro aos *herdadores*, ingenuos ou servis, pois só elles habitavam em casa propria nas sub-unidades que cultivavam; — e a sua vulgarisação emfim, proveniente da diffusão do systema parcellar.

Quando a corôa fez a *presuria* dos immoveis, conservando os costumes existentes, conservou tambem as *fossadeiras* que se pagavam, e porisso vieram a apparecer nas *Inquirições* com essa extrema variedade, inexplicavel pela theoria do serviço militar.

Durante muito tempo segui a opinião do illustre autor da *Historia de Portugal* a respeito d'esta e de muitas outras questões relativas á população e propriedade no norte do Douro. O exame mais minucioso porém dos documentos historicos, cuja publicação se deve ao seu alto saber e vontade inquebrantavel, obrigou-me, qualquer que fosse a repugnancia em me separar das doutrinas do mestre, a adoptar sobre esses pontos opiniões diversas. O leitor que teve a paciencia de percorrer as paginas do presente estudo, julgará se o meu modo de vêr, apesar da sua divergencia com o de tam eminente historiador, se justifica ou não pelos textos e documentos citados.

As considerações anteriores referem-se, como já se disse, unicamente ao norte do Douro. No sul pelo contrario a fossadeira deriva-se do fossado militar, pois sem a menor duvida era a multa imposta aos que não satisfaziam essa obrigação. (Cf. Foral de Linhares, *Leg. et Cons.*, *P. M. H.*, pag. 394: *passim. Ined. da Hist. de Port.*, v, pag. 399; etc.): ahi tinha-se obliterado o sentido primitivo, do qual já nenhum vestigio restava nos principios da monarchia.

Nota F

«estarem por organisar as geneologias, ou mal esboçadas...» pag. 762.

Não obstante o nosso grande historiador entender, que a origem mais afastada dos *Livros de Linhagens* deve remontar ao principio da Monarchia (Herculano, *Proemio*, á Ed. dos *P. M. H.*), se me é licito discordar ainda uma vez de tam sabia e autorisada opinião, direi que o primeiro ou primeiros nobiliarios não pódem datar de tam longe.

O chamado *Livro Velho* (ed. cit. 1 pag. 43) faz provir a fidalguia de Portugal d'uns trinta individuos, estabelecidos no norte, na epoca d'Affonso vi de Leon — «ricos homens, e infançoens que ora poremos por padroens onde descendem os filhos d algo», personagens importantes sem duvida, exercendo altos cargos publicos, quando D. Henrique veiu governar o condado portugalense. A descendencia d'esses trinta padrões era de tal modo confusa, e ignorada pelos proprios interessados, no tempo da redacção do nobiliario, que elle se tornou urgente, para a destrinçar, o que era de subida importancia em muitos casos; — «E deste liuro se pode seguir muita prol e arredar muito danno: cá muitos uem de bom linhagem e nom o sabem elles, nem o sabem os reis, nem o sabem os grandes homens... outros nom casam como deuem... porque nom sabem o linhagem. E muitos som naturaes e padroeiros de muitos mosteiros, e de muitas igreias, e de muitos coutos, e de muitas honras, de muitas terras, que o perdem á mingoa de saber de que linhagem uem». *(Ibid.)*

Como acaba de vêr-se, o escriptor originario não se propunha uma obra historica pura, só destinada a perpetuar descendencias d'homens illustres; o seu fim era antes discernir, para o effeito das successões, os verdadeiros representantes, pelo sangue, d'esses antigos cavalleiros. Resta indagar em que periodo se reconheceu a indispensabilidade de tal registo, e fixar assim, embora aproximadamente, a epoca do mais remoto.

O conde D. Pedro vae dar-nos um esclarecimento a este respeito no Fragmento n.° iv, que lhe é atribuido; depois de fazer no preambulo considerações quasi identicas ás do outro, acrescenta; — «E os homeens que nom som de boo conhecer nom fazem comta do linhagem que ajam senam dirmaãos e primos comirmaãos e

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

segundos e terceiros. E dos quartos açima nom fazem comta». (Ed. cit., pag. 230). Até pois ao penultimo grau pelo menos não havia duvidas, porque todos o conheciam; mas além começava ou podia começar a ignorancia, e por isso era necessario um registo, que suprisse a deficiencia usual de não ir mais longe. Ora, tomando por ponto de partida o conde D. Henrique, quando existiam os trinta padrões — os terceiros primos do tronco d'estes encontram-se no tempo d'Affonso III, que é a quarta geração, excluidos, como era a regra em Direito Canonico e hoje em Direito Civil, os progenitores communs. Só depois, visto o computo nacional não avançar mais, começava a obscuridade em questões de parentesco, accusada nos dois preambulos; e como ambos se exprimem, rememorando uma epoca passada, por isso que já se mostrára a sua necessidade, havemos de concluir que o mais antigo é posterior a Affonso III.

Por outro lado deve considerar-se que neste reinado a luta entre o poder real e a nobreza subiu ao auge, e que no de D. Diniz se chegou a uma especie de conciliação, dando-se certas prerogativas ás pessoas de linhagem e validando-se os Coutos e Honras anteriores. Então, pois que se principiou a proceder com regularidade em tal ponto, era imprescindivel o conhecimento preciso do parentesco; e tendo-se já observado a confusão e difficuldades, occasionadas pelo grau adiante dos terceiros primos, o qual ficava fóra da contagem tradicional, tornava-se indispensavel um registo, comprehendendo as gerações excluidas d'ella pelo costume. A tradição assinalando o conde D. Pedro, como organisador das genealogias, não errará grande coisa; é possivel que antes d'elle existisse algum nobiliario; mas esse, pelas considerações feitas, não podia datar d'além do reinado do pae.

No *Elucidario*, v. Cavalleiro, Cavaleiro, Cavalario ou Cabalario, diz Viterbo — «No tempo d'El-Rei D. Affonso III se começou a usar entre os Portuguezes da palavra *Fidalgo*, ou *Filho d'algo* para distinguir os *Cavalleiros* e *Escudeiros de Linhagem*, dos que o não eram». Esta opinião do erudito escritor corrobora o que se disse acima e no texto. Em documentos de chancellaria d'Affonso II, lê-se «filho d'algo» no «Stabelecimento contra os oveeçaaes etc.» (*Leg. et Cons., P. M. H.*, pag. 176) e «filiis de algo» no Estatuto contra os decretos de Fr. Sueiro Gomes (*Ibid.*, pag. 180): nos outros diplomas do mesmo monarca, os individuos das classes superiores, não mecánicas, são indicados por «nobres homens» (*Ibid.*, pag. 166: cf. pag. 167 e 174), ou por «caualeiro» (*Ibid.*, pag. 177): o primeiro dizer não exprime hereditariedade, por isso que a nobreza podia resultar da profissão; no segundo esta é bem expressa. Não passe sem se notar ainda, quanto é expressiva a significação originaria de «filho d'algo»: posto que no futuro designe extensa linhagem d'avós, na primitiva restringia-se a uma unica geração: o «algo», a posição elevada adquirida pelo pae, distinguia o filho.

Nota G

«Nos primeiros tempos, os feitos distinguem os homens, e não o nascimento.» Pag. 762.

O entrelaçamento das duas classes sociaes era ainda tam visivel quasi no fim da Idade-media, que a esse respeito exprime-se D. Diniz nos seguintes termos;— «... alguũs Lavradores se querem honrar, e honrão, porque dizem, que veem de Filhos-dalgo, pero que nom fazem vida de Filhos-dalgo em nenhuã guisa. A MINHA Corte julgando mandou, que estes taaes nom ajam honra de Filhos-dalgo, em mentre que nom fezerem vida de Filhos-dalgo, filhando mester de ferreiro, ou de çapateiro, ou d'alfaiate, ou de cerieiro, ou d'outro mester semelhavel a estes per que careça, ou lavrando por seu preço em outro herdamento alheo emquanto tal vida fezerem...» (*Ord. Affons.*, l. II, tit. 65, § 16). A lei confessa da maneira mais explicita que havia homens do povo da linhagem dos Filhos-dalgo em todas as profissões, desde os officios industriaes até aos arrendatarios de bens rusticos; unicamente nega-lhes as honras, emquanto viverem de trabalhos mecánicos. Se populares e nobres estavam assim tam enlaçados, volvidos mais de cinco seculos, durante os quaes os cavalleiros lutaram tenazmente para constituir uma classe á parte, é facil de comprehender, quanto o teriam sido muito mais no primeiro periodo.

Qualquer que fosse a sua preponderancia em certo tempo, a nobreza nunca conseguiu formar uma aristocracia fechada; a generalisação dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições, como acontece com os apellidos actuaes, não é um facto novo na nossa sociedade; explica-o assaz a troca constante d'individuos, d'uns que se illustram, d'outros que voltam á massa popular d'onde haviam saido; e a lei de D. Diniz ahi está, como milliario entre duas epocas, a dar-nos a confirmação historica.

Nota H

«quando o rei concedia o Couto ou Honra». Pag. 775.

A etymologia das duas palavras não offerece duvidas. A primeira aplicou-se desde logo á terra privilegiada pelo monarca, á qual chamaram «Couto» de *Cautus, a, um*, (KÖRTING, *Obr., cit.*), por ficar sob o abrigo de favor real, e por isso isenta, em relação ao donatario, das obrigações fiscaes que pesavam sobre as outras: e d'ahi proveiu dar-se a mesma designação aos marcos limitantes;—«esta collatione é onrada per coutos et divisoes» (*Inq.*, pag. 426, 1.ª col.);—«virom erger os Coutos in termio de Valentia... et poserom os padroes, scilicet...» (*Inq.*,

pag. 365, 2.ª col.). Cf. Viterbo, *Eluc.* A significação originaria, propriamente pessoal, da segunda palavra estendeu-se á terra possuida por individuos, chamando-se «Honras» os coutos dos cavalleiros, embora haja exemplos de se designarem estas com aquelle nome; — Couto de Palmazanos, de Bravaes, de Palmeira, etc., pertencentes a nobres (*Inq.*, pag. 492, 2.ª col.; 405, 1.ª col.; *Os Liv. de Linh.*, pag. 284). Em geral porém a Honra era de individuos, o Couto de dioceses, mosteiros, igrejas e concelhos.

Fundavam-se ambos por quatro maneiras; — *per pendonem Domini Regis, per patrones, per cartam (Inq.*, pag. 494, 1.ª-2.ª col.; *passim)* e *per divisiones, divisoes (Inq.*, pag. 558, 2.ª col.; *passim).* Levantar a bandeira real, ou erguer os padrões (marcos), em presença dos representantes do rei, era o bastante, posto que a carta fosse documento mais decisivo, porque dispensava testemunhar a assistencia d'estes. Quanto ás *divisoes*, a carta d'Affonso Henriques, relativa ao Couto de S. Vicente de Fragoso, dá alguma explicação; — «Et ego facio per terminum quo mihi placet et directum est. Quomodo dividet de Cardos, et ende per terminum de... et inde quomodo dividet per illum terminum... Facta est agnitio et divisio...» (*Inq.*, pag. 318, 2.ª col.). A *divisão* parece exprimir uma limitação muito mais detalhada.

Além das fundadas pelos meios acima ditos, havia tambem a Honra, resultante da pousa do rei: — «Interrogatus quomodo est onrrata, dixit quod vidit ibi pausare Dominus Rex Sancius... et nunquam vidit nec audivit quod ibi intrasset Maiordomus postea» (*Inq.*, pag. 488, 1.ª col.).

Nota I

«... a Villa do Castello», pag. 785.

O Sr. Abbade de Tagilde, publicou na *Revista de Guimarães*, (vol. xv, n.º 1) sob o titulo «a villa do Castello», uma interessante monographia, na qual demonstrou a existencia de dois povoados proximos — um em baixo, em torno do mosteiro, a *Villa de Guimarães*, outro em cima, a *Villa do Castello*. Seja-me porém licito discordar da prioridade, estabelecida pelo erudito autor.

A fortaleza primitiva foi fundada por Mummadona em 968 (*D. et Ch., P. M. H.*, n.º 97); diz o texto: — «persecutio gentilium irruit in huius nostre religionis suburbium et ante illorum metum laborauimus castellum quod uocitant sanctum mames in locum predictum alpe latito quod est super huius monasterio constructum». Estas palavras excluem sem sombra de duvida a existencia de qualquer fortificação anterior. A fundação fôra resolvida apoz uma irrupção excepcional de normandos ou sarracenos, com mais probabilidade, dos primeiros. Se portanto o

castello é posterior ao mosteiro, a este e ao povoado nascido com elle pertence a prioridade.

Pelo diploma vê-se que Mummadona, com receio de novo assalto dos *gentilium* mandou construir á pressa (ante illorum metum) o *castellum*, para servir de refugio nessa eventualidade, no monte largo *(alpe latito)*, sobranceiro ao convento. Quando a corôa se apoderou d'elle, incluiu-o dentro d'um povoado fortificado, o qual conjunto se chamou o «Castello de Guimarães». Consta das *Inquirições*, (pag. 736-737) que Affonso Henriques deu aos moradores *intus castelli*, frase que empregam sempre, certos privilegios, confirmados por Sancho I. E ahi o rei, além d'açougues, d'um forno e terreno não edificado, tinha a sua propria habitação; — «et alind casale quod tenet Petrus Gomecii qui moratur in castello Vimarañ. non dat ullam derecturam. Interrogatus quare, dixit quod propter quod habet varrere ipsas domos castelli Domini Regis et curare illas et revolvere in quolibet anno» *(Inq.*, pag. 723, 1.ª col.). A estas *domos* chama com propriedade o conde D. Henrique nosso Paço Real na doação, feita por elle e pela rainha D. Theresa a Amberto Tibaldi, de certo campo «quem habemus in Villa de Vimaranis, & jacet juxta Palatium nostrum Regale, & ex alia parte sicut dividit cum clausis Ecclesiae Sanctae Mariae, deinde sicut intestat cum atrio ejusdem Ecclesiae» (Sousa, *Provas*, tom. I, pag. 3; cf. Herc., *Hist. de Port.*, III, pag. 214, 2.ª edição). As *Inquirições* distinguem o logar *Sancti Michaelis Castelli Vimarañ* da *Ville Vimarañ* (pag. 736 e 737). No primeiro ficava o palacio e pegando com elle o campo, já na Villa Vimarañ, o qual vinha desde cima entestar com o adro da igreja de Santa Maria. O palacio estava por ventura no mesmo sitio, onde por doação do pae, o primeiro duque de Bragança levantou a vivenda monumental (hoje quartel militar), visto que as doações regias recaíam sempre em immoveis de plena propriedade da corôa. Perto pois da fortaleza iniciada no seculo X e abrigada por ella, existiu uma povoação antes da monarchia portuguesa, onde pousariam os reis de Leon, quando vinham á provincia, e d'ordinario os condes que a administravam. Estabelecendo ahi a sua residencia o conde D. Henrique e D. Theresa, não admira que por tal motivo o povo lhe chamasse logo *villa*, em virtude das prerogativas da séde do governo, e por isso *velha* em relação ao povoado em baixo, sem ellas, junto do mosteiro.

Quanto ao castello existente, com certeza não póde ser na totalidade o primitivo, nem talvez o do tempo d'Affonso III. A torre de menagem tem, é facto, a porta em *arco*, e as ameias são de duas peças, posto que do typo das outras: mas depois da *ogiva*, que se vê nos torreões da muralha envolvente, e que apareceu em França do seculo XII por diante, construiu-se com as duas formas e com *padieira* direita (cf. de Caumont, *Obr. cit.*). A mesma porta referida está nivelada com a muralha, de modo a receber ingresso d'ella pela ponte levadiça. Em geral o edificio deixa-nos a impressão d'um plano uniforme, parecendo ser o systhema de construcção identico em todo. Segundo me communicou o Sr. Abbade de Tagilde, as muralhas, que circundaram os dois povoados urbanos, foram edificadas por D.

Diniz e por D. Fernando; por D. João I as torres das portas, infelizmente hoje demolidas, das quaes apenas subsiste um pequeno resto da de S. Paio. Em qualquer d'estes reinados, talvez no primeiro, o castello foi reedificado na forma actual, senão no todo, pelo menos na maior parte.

*
* *

Seja-me permittido referir um diploma de 960, embora elle diga respeito á Beira, fora da area d'investigações do presente estudo.

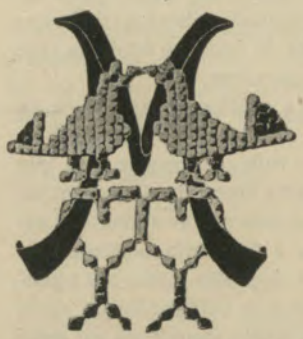
No testamento de Flamula lê-se;—«Ordinamus nostros castellos id est Trancoso moraria longobria naumam uacinata amindula pena do dono alcobria seniorzelli Caria cum alias penellas et populaturas que sunt in ipsa stremadura omnia uindere.» (*D. et Ch., P. M. H.*, n.° 81). Se não é facil precisar a significação, atribuida pelo notario á palavra «castellos», não se póde admittir comtudo que uma dama possuisse dez fortificações e alguns fortes (penellas) nessa «stremadura», theatro então de guerras incessantes entre christãos e musulmanos, e que as mande vender como quaesquer propriedades. O mais crivel é, que nesta data estiveram essas localidades fortificadas, (castellos) e a testadora tivesse ahi dentro alguns predios: o notario designou-os d'uma maneira generica, como era d'uso fazer ás fracções das villas. Só depois de Fernando Magno (1037-1065) a soberania da Beira se devolveu definitivamente aos leoneses.

Alberto Sampaio.

VARIA

NOTAS E COMMUNICAÇÕES

A PEDRA DOS NAMORADOS



MESMO em S. Sylvestre da Ermida, na Serra da Amarella, como n'outras povoações de Barroso e do Gerez, os «ajunctos» frequentes para a decisão em commum dos serviços de interesse collectivo — sementeiras e regas, segadas e queimadas, concertos e festividades — a sobrevivencia ainda não de todo obliterada dos seis «homens do accordo» para a liquidação de pendencias, o regimen das vezeiras, a reunião, no mesmo local, dos espigueiros de todos, outros despojos bem vivazes de algumas formas de vida communal, dão a imagem, com o aspecto da terra, o vestuario, a alfaia, a religiosidade e os costumes, d'um agglomerado social já bem remoto.

Para a cultura da Veiga do Meio, que é a mais proxima da freguesia, o «vivo» fornece uma parte do adubo desde o outomno á primavera, alojado e mantido nas córtes do logar; mas de junho a setembro toda a rez é condusida mais para o alto, para o sitio de Bilhares, e ahi fornece então o elemento essencial ao cultivo da campina adjacente. As «córtes de Bilhares» são pequenos casinholos dispostos em grupos e de forma quadrada, com uma só porta de ingresso e sahida, coberturas de colmo e apicotadas, elementarmente edificados com pedra solta e assentes n'um solo do qual se exhuma, com frequencia, muita pedra apparelhada, restos de ceramica, telhas de rebordo e umas pequenas mós — que eram as que serviam aos mouros para moerem o ouro e a prata.

Pouco distante d'esta estação luso-romana, n'uma bouça para onde, aliás, ainda em tempos

não esquecidos, fôra transportada d'um logar proximo, existia a *Pedra dos Namorados*.[1] E' uma lage pesada e espessa, com a forma que a illustração representa e já damnificada á esquerda e para a base. Jazendo fóra do logar onde primitivamente tivera assento, com o relevo para o alto, revestida de musgos e lichens, e quasi occulta pelo giestal de em volta, o povo denominou-a, na conformidade da representação figurativa, já á data em que fôra deslocada. A tradicional attribuição aos mouros deu mesmo origem á lenda d'um supposto thesouro que a lage occultava:

Quem me virar,
Debaixo ha de achar.

E depois de inutilmente voltada:

Já ha muito ia,
Que d'este lado jazia.

A natureza d'um mau granito, o dilatado tempo de exposição, o meio cosmico, aspero e desabrido, por ventura mais do que uma deslocação, tudo concorreu para que d'este interessantissimo monumento subsista apenas um fruste monolitho com figuração quasi indistincta. Apura-se entretanto que duas personagens, vestidas com uma tunica ou saio que apenas excede os joelhos, dão as mãos direita e esquerda, n'uma accomodação esculptorica bem ingenua e barbara. A cabeça d'uma personagem é coifada e a sua mão direita sustenta no peito, já indistincto mesmo ao tacto, um objecto que verosimilmente era discoide. A outra personagem, n'uma posição symetrica do braço esquerdo, mantinha um outro objecto que, pela palpação, se verifica ser alongado, talvez cylindro-conico. Nenhum outro pormenor avulta a não serem as saliencias das orelhas na personagem de cabeça descoberta. Só inferiormente e á direita, n'um despojo de almofada saliente, mal se divisam uns tenues vestigios do que poderia ter sido um depoimento lapidar.

A Pedra dos Namorados

Toda a lage mede de alto 1m 80 e pesa actualmente 740 kgs. A largura na base é de 1 metro e, a meia altura, de 0m,95. A face posterior bombeia, e a espessura oscilla entre 0m,15 e 0m,21. Das figuras a altura total não excede 1m,10. Por fim um rebaixo de 0m,02 no fundo da lage é outro pormenor que importa registrar.

As dimensões, a forma e a intenção symbolica do marido e mulher que parece resaltar d'esse baixo relevo de modelação tam grosseira e rude, convergem para que se lhe attribua um inicial destino funerario. Occorrem, ao examinar essa esculptura quasi informe, as numerosas estellas funerarias carthaginezas e de Sparta, por egual esculpidas com figuras de arte rudimentar,[2] os cippos esculpturados e dispostos juntos aos tumulos em certas necropoles etruscas, as estellas, ao alto, ornamentadas com baixos-relevos, ainda na Toscana, as lages redondas ou ovaes, com 1 metro e 2 de altura, muito numerosas em Bolonha.[3] Por outro lado é bem sabido que o thema ordinario dos sarcophagos etruscos consistia em representar nas tampas a mulher e o marido[4] n'uma attitude convencional e quasi invariavel. Em

---

[1] Pertence hoje ao Museu municipal do Porto para onde foi condusida a instancias do actual Conservador e mercê da interferencia do benemerito vigario de Lindoso. O transporte até á Ponte da Barca, através da serra, foi uma empreza memoravel!

[2] PIERRE PARIS, *La sculpture antique*, pag. 154 e segs. Quantin ed. Paris. S. d.

[3] JULES MARTHA, *L'art étrusque*, pags. 214-6. Firmin-Didot ed. Paris, 1889.

[4] PIERRE PARIS, *Ob. cit.*, pag. 333.

regra, como nas proximidades de Chiusi, o marido meio deitado mantem n'uma das mãos um symbolo e com a outra toca familiarmente n'uma espadua da mulher; mais pormenorisados, os baixos-relevos narram os factos capitaes da vida dos esposos, desde a cerimonia do casamento á ultima viagem que realisam inseparaveis até á eternidade; outras vezes o thema apenas varia na attitude, representando os conjuges deitados face a face e amorosamente abraçados para sempre. [1]

Admittindo o mesmo destino para a *Pedra dos Namorados* restaria averiguar se como estella ou tampa de sepulchro ella foi esculpida.

A forma arredondada só na parte superior, a provavel inscripção sob-posta ao figurado e o rebaixo já alludido levariam a attribuir-lhe o papel d'uma estella. Mas é bem insignificante a altura do rebaixo para, por via d'elle, presumirmos uma erecção com solidez; e convém ainda não desdenhar, considerando a magnifica conservação do granito no lado posterior, esta circumstancia do desegual effeito atmospherico nas duas faces do moimento. Como tampa de sarcophago as dimensões já exaradas asseguram a plausibilidade absoluta quanto á largura e mais redusida apenas, mas sufficiente, na altura.

Ao cognominar o baixo-relevo o povo teve approximadamente a intuição do assumpto representado. Independentemente dos casos conhecidos e dos já citados convém recordar o das sepulturas gaulezas em que marido e mulher estavam collocados lado a lado, olhando-se e dando-se as mãos, [2] e ainda os numerosos exemplos dos tumulos romanos em demasia vulgarisados. A obliteração do modelado e a sua infantil incorrecção deixam perceber entretanto e sufficientemente as mãos que se unem.

Os vestuarios d'um e d'outra não se distinguem, como acontecia de resto, em certos casos, nos romanos e nos gaulezes [3] sendo até commum o saio a lusitanos, a gaulezes, a ligures e a germanicos; [4] a capucha *(cucullа?)*, todavia, differenceia os sexos. Por fim os symbolos ou attributos que em uma mão cada um suspende recordam motivos similares exhibidos como accessorios em algumas esculpturas pre-historicas e em certos baixos-relevos hittitas, como os cornos ou crossas, os vasos *ad umbilicum* em varias figuras gallo-romanas, [5] a maçã emblematica da fecundação e o corno da abundancia na plastica gauleza, [6] a patera, contra o peito, de certas terras-cottas phenicias [7] e romanas. A actual situação do modelado, já inicialmente redusido a uma evidente indigencia artistica, não permitte transpor os horisontes d'uma conjectura apenas verosimil.

Esta *Pedra dos Namorados* partilha, com as estatuas dos guerreiros lusitanos e outra esculptura esparsa de algumas nossas estações proto-historicas, o mesmo caracter d'uma arte rudimentar que, de resto, é commum aos povos de genio ou dotado ou rebelde a outras e mais altas aspirações estheticas. Todavia pela forma, pelo destino e pela intenção representada constitue um documento de viva curiosidade e indefectivel interesse para a archeologia nacional.

Porto, maio de 1903.

ROCHA PEIXOTO.

---

[1] JULES MARTHA, *Manuel d'archéologie étrusque et romaine*, pags. 63-4 e 67, Quantin ed. Paris. S. d. — O MESMO, *Ob. cit.*, pags. 339 e 347.

[2] LÉON MOREL, *La Champagne souterraine*, pag. 9, Matot ed. Reims. S. d.

[3] DE BELLOGUET, *Ethnogénie gauloise*, III, pag. 74. Maisonneuve ed. Paris, 1868.

[4] MARQUARDT, *La vie privée des romains*, II, pag. 208. Fontemoing ed. Paris, 1893. — DE BELLOGUET, *Ob. cit.*, pag. 74.

[5] SALOMON REINACH, *La sculpture en Europe avant les influences greco-romaines*, in *L'Anthropologie*, V, pags. 27, 29, 174, etc. Masson ed. Paris, 1894.

[6] DAREMBERG et SAGLIO, *Dict.*, voc. *Matres*, fasc. 32, pags. 1637 e ainda 1638. Hachette ed. Paris, 1902.

[7] PERROT et CHIPIEZ, *Histoire de l'art dans l'antiquité*, III, *Phénicie*, pag. 469. Hachette ed. Paris, 1885.

SOCIEDADE ARCHEOLOGICA DA FIGUEIRA

Quarta sessão plenaria de 7 de janeiro de 1900

PRESIDENCIA DO SNR. FRANCISCO LOUREIRO

COMMUNICAÇÕES

Mobiliario neolithico disperso no concelho de Nellas (Beira Alta)

POR A. SANTOS ROCHA

A primeira peça neolithica que nós assignalámos no concelho de Nellas, foi uma grande clava de schisto, encontrada no logar de Villar Secco. Este curioso instrumento já serviu de thema a um estudo especial publicado nas nossas *Memorias sobre a antiguidade;* e por isso é escusado descrevel-o agora. Apenas damos o desenho d'elle na fig. 1, notando que nas collecções neolithicas dos museus que visitamos em Italia, na Suissa e na França nada encontramos que se lhe assemelhe. Só um objecto em obsidiana, simplesmente lascado, sem furo algum, medindo aproximadamente 0m,45 no comprimento e 0m,15 na largura, que se acha nas collecções mexicanas do Museu Ethnographico do Trocadero, e classificado como *massue,* nos fez lembrar o exemplar portuguez.

Presentemente ha colligidos mais oito objectos de pedra, esparsos por diversos logares d'aquelle concelho, sendo quatro machados, uma faca, um pequeno polidor ou pedra d'afiar, parte d'uma ponta de setta, o fragmento d'uma placa de schisto e um peso de tear, os quaes passamos a descrever.

Machados.—Estes objectos nada teem de notavel. Tres foram encontrados no proprio povoado de Nellas. Um d'estes é feito de amphibolite, e dois de schisto. O primeiro tem fórma triangular alongada e secção elliptica, e está fracturado no gume e no topo. Um dos dois restantes consiste n'uma estreita lasca, quasi bruta, polida no gume e ponteaguda no topo; e o outro tem fórma trapesoidal ou de cunha, e é curto, largo, de secção quadrangular e gume obliquo.

O quarto exemplar foi descoberto em Villar Secco. Parece feito de quartzite; e tem fórma triangular alongada e secção elliptica, apresentando certas depressões que pódem ter sido destinadas a segural-o com a mão. Este objecto teve algumas fracturas recentes. (Fig. 2).

Comparados com os machados da nossa região, vê-se que todos esses exemplares pertencem aos typos mais vulgares do valle inferior do Mondego. Os proprios caractéres que indicam o emprego do machado directamente com a mão, isto é, sem auxilio de cabo, assim como os gumes convexos e obliquos não são estranhos á serie dos nossos exemplares. Nós já démos noticia d'alguns em que taes caractéres foram notados. [1]

Depressões em machados neolithicos, proprias para o emprego á mão, são assignaladas pelo snr. Evans; [2] e o snr. Lumholtz, na 10.ª sessão do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas, celebrada em Paris, communicando os seus estudos sobre a idade da pedra entre os australianos modernos, mencionou tambem o facto de estes se servirem dos machados simplesmente com a mão. [3]

Os gumes convexos e *obliquos* das hachas tambem teem ferido a attenção dos palethnologos estrangeiros. O fallecido G. de Mortillet [4] pensava que a obliquidade era umas vezes intencional, mas mais geralmente resultante da necessidade de fazer desapparecer algum defeito da rocha. O snr. Nilsson suppõe que poderia resultar de a parte anterior do gume se usar mais depressa do que a parte posterior; mas o snr. Evans emitte a opinião de que a obliquidade dada

---

[1] *Ant. prehist. do conc. da Figueira,* pag. 34, fig. 14, e pag. 79 e 158.

[2] *Les Ages de la pierre,* pag. 135 e segs., trad. de Barbier.

[3] *Compte-rendu,* pag. 463 e segs.

[4] *Le Préhistorique,* pag. 543.

ao gume proviria do modo d'encabamento da hacha. Fallando d'uma hacha encabada, com o gume obliquo, recolhida n'uma turfeira de Solway Mors, perto de Longtown, nota que o eixo longitudinal era inclinado para fóra, formando com o cabo um angulo de 110°, em vez de ser perpendicular ao mesmo cabo; de sorte que a obliquidade do gume correspondia á inclinação do eixo da peça em relação ao cabo. [1]

Quanto a nós a hypothese de a obliquidade do gume ter relação com a obliquidade do eixo das hachas sobre o cabo é muito plausivel; mas pensamos que a inclinação do mesmo eixo poderia ser, em muitos casos, para dentro da perpendicular, e não para fóra, ficando o gume approximadamente parallelo ao cabo.

Faca. — Esta lamina foi recolhida dentro do quintal d'uma casa na propria villa de Nellas. É de silex cinzento, e tem secção trapesoidal, medindo no comprimento 0m,142.

Polidor ou *aguçadeira.* — É uma placa de schisto com fórma elliptica, medindo no eixo maior 0m,11 e no menor 0m,073, inteiramente polida, tendo uma face plana e a outra convexa. (Fig. 3). Esta ultima face adapta-se bem á mão; e por isso o instrumento devia operar principalmente pela face plana; mas os bordos arredondados das extremidades, onde tambem existem vestigios d'uso serviriam talvez ao mesmo destino, como, por exemplo, para polir superficies concavas. Este objecto foi encontrado em Villar Secco, no mesmo terreno em que appareceu a clava de pedra.

Os pequenos polidores ou aguçadeiras de pedra teem sido assignalados na Hespanha, Fran-

Fig. 1

ça, Inglaterra e outros paizes da Europa; [2] e no valle inferior do Mondego tambem nós já haviamos encontrado objectos similares. [3]

Fragmento de ponta de setta. — A parte média d'uma bella ponta de setta de silex, indicando a fórma triangular, com as faces convexas e inteiramente retocadas. Foi encontrada em Nellas por occasião das lavouras.

Lamina de schisto fragmentada. — Representamos este objecto na fig. 4. A fractura é do lado do topo. É polido, e mede no comprimento 0m,185, na largura da base 0m,07, na da fractura 0m,061, e na maxima espessura 0m,023.

Não conhecemos objecto algum que se lhe assemelhe, a não ser um do Algarve, de que démos noticia em outro logar. [4]

Peso de tear. — Assim classificamos um pedaço de micaschisto (?), com o contorno irregular, mas arredondado, inteiramente polido, ou antes, desbastado pelo attricto com outra rocha, medindo 0m,16 por 0m,12 e 0m,075. A um lado, onde é menor a espessura, tem uma perfuração praticada por um processo primitivo, que foi certamente o mesmo empregado em uma faca de schisto que colligimos na Serra de S. Bento, freguesia de Maiorca. (Fig. 5).

O furo é largo e profundo d'um lado, mas irregular, apresentando rugosidades que indicam o trabalho d'uma forte ponta de pedra operando a choques de percutor. A sua largura attinge 0m,044. Do lado opposto a perfuração não tem mais de 0m,016 de diametro, e atravessa a pequena espessura da rocha até encontrar o fundo do primeiro furo.

A perfuração por meio d'um escopro ou ponta de pedra, na epocha neolithica, tem já sido notada por alguns palethnologos; e os selvagens da actualidade fornecem exemplo d'este pro-

---

[1] *Ob. cit.*, pags. 103-109 e 148.

[2] EVANS, *ob. cit.* pag. 354 e segs.; JOLY, *L'Homme avant les métaux*, pag. 219, 4.ª edição; G. MORTILLET, *Le Préhistorique*, pag. 534.

[3] *Antig. prehist. do conc. da Figueira*, pag. 35.

[4] *Mem. sobre a antig.*, pag. 89, n.° 1.

cesso. De facto os indigenas da região central e montanhosa da Nova Bretanha furam ainda hoje as pedras, para fabrico dos seus *palaos* ou *mócas*, com um calhau ponteagudo. [1]

O orificio do nosso exemplar, na parte em que recebia o attricto dos fios, está polido e sujo. Nós pensamos que o objecto teria sido utilisado de novo em alguma epocha posterior.

Estes pesos de tear, na epocha neolithica, nada devem surprehender. Os palethnologos estão d'accordo em que n'essa epocha o homem já conhecia a arte do tecelão. Os snrs. Henri e Louis Siret encontraram em certas estações da mesma epocha no sueste da Hespanha umas pedras ovaes com quatro furos, a que attribuem esse destino. [2] O snr. Evans, mencionando duas pedras furadas, uma oval e outra em fórma de cunha, que existem no museu archeologico de Edimburgo, pensa que poderiam servir para retesarem a cadeia do tear. O mesmo sabio nota que os pesos de tear achados nas ruinas romanas apresentam essa fórma. [3]

Figs. 2 a 5

Sobre este ultimo ponto convém lembrar que no Museu da Figueira ha um fragmento de peso de pedra, com fórma trapesoidal, proveniente de ruinas romanas, que representa o typo commum dos pesos de barro romanos no valle do Mondego.

Entretanto estas fórmas são diversas da do exemplar que estudamos. Inteiramente semelhante é uma pedra furada, proveniente das palafittas, que vimos no museu prehistorico de Genébra, e que pertence á epocha do bronze.

São peças raras, segundo parece, apesar de muito toscas. No museu de Saint-Germain os pesos existentes na sala IV, vitrina 7, consistem em pedras com uma cannelura em volta, em vez de furo, e os da vitrina 12, pertencentes ao mobiliario neolithico lacustre da Suissa, são grossas peças de barro furadas, tendo a fórma de cone ou de pyramide truncada.

Ruinas da Orca do Outeiro do Rato (Beira Alta)

POR PEDRO BELCHIOR DA CRUZ

A um kilometro ao sul da Lapa do Lobo, no concelho de Nellas (Beira Alta) existem as ruinas d'uma *orca*,—nome porque em grande parte d'aquella provincia são designados os dolmens [4] —denominada do Outeiro do Rato.

Segundo informações que colhemos, o monumento conserva ainda de pé tres lages grandes, de pequena espessura, encostadas a um monticulo de terra, restos, sem duvida, do *tumulus*.

O mobiliario que foi reconhecido na orca e offerecido a esta Sociedade pelo nosso consocio, snr. Annibal de Brito Paes, é o que passamos a descrever:

—Uma taça, restaurada, de bocca larga, fundo estreito e bordo vertical, (fig. 6). É trabalhada á mão, de pasta avermelhada coberta com uma camada de leite d'argila amarellada, e alisada, á semelhança d'outros vasos encontrados nos dolmens da nossa região, explorados pelo presidente d'esta Sociedade. Não nos parece ser um vaso de fogo, pois que não conserva vestigios alguns que o indique. As suas dimensões são: altura, 0m,11; diametro do fundo, 0m,072; diametro da bocca, 0m,205.

---

[1] *L'Anthropologie*, t. IX, n.º 1. pag. 97-98.

[2] *Les premiers âges du métal dans le sud-est de l'Espagne*, extrait de la *Revue des questions scientifiques*, pag. 11.

[3] *Obr. cit.*, pag. 228.

[4] Tambem n'outros pontos da mesma provincia teem o nome de *arcainhas*.

—Um vaso cylindrico, restaurado, de fundo convexo e bordo vertical e irregular, fabricado á mão, (fig. 7). É de pasta negra, aspera ao tacto, e tem proximo do bordo um ornato, constituido por duas séries de riscos, apparentemente parallelos e obliquos em relação á linha do bordo. É indubitavelmente um vaso de fogo, pois que está externamente coberto de negro de fumo. Os vasos com esta fórma, para se equilibrarem, deviam ser collocados ou entre pedras, ou sobre anneis de barro cosido ou de pedra, anneis que são abundantes nas palafittas da Suissa, umas da epocha neolithica e outras da epocha do bronze.

— Alguns fragmentos de outros vasos, um dos quaes tem uma excrescencia mamillar junto ao bordo, como outros exemplares já descobertos em dolmens da mesma região, [1] especie de decoração de que no valle inferior do Mondego se teem recolhido vestigios em louças da idade do ferro, epocha pre-romana.

—Um machado de basalto, polido, de fórma trapesoidal alongada e fragmentado nas extremidades. Méde 0m,117 de comprimento e 0m,037 na sua maior largura.

Figs. 6 e 7

—Uma serra dupla, ou de dois fios, de silex, com uma pequena fractura n'uma das extremidades. Tem 0m,177 de comprimento e 0m,024 de largura maxima.

—Uma serra simples, de silex, cujas dimensões são: 0m,074 de comprimento e 0m,03 na sua maior largura.

—Uma lasca de quartzo.

—Uma pequena conta de calaite, de 0m,007 de diametro.

As fórmas dos dois vasos restaurados não teem similares na nossa região; mas parece-nos que a do segundo é derivada dos vasos hemisphericos que predominam no valle inferior do Mondego.

A serra simples, tendo convexo o bordo opposto ao da serrilha, é semelhante a um exemplar da estação neolithica do Arneiro, freguesia de Brenha, que tem no Museu Municipal d'esta cidade o n.º 2012, vitrina 4.

[1] Vid. *Portvgalia*, tom. I, fasc. I, pag. 19.

Ruinas romanas de Ançã

POR A. SANTOS ROCHA

Ha muitos annos que no pittoresco povoado de Ançã, concelho de Cantanhede, são conhecidos os vestigios d'uma construcção romana, mas o sitio nunca fôra objecto d'uma exploração methodica, fundada em criterios scientificos. Cada proprietario, quer para construir alguma obra, quer para desembaraçar o terreno, foi excavando o sub-solo e destruindo os restos de construcções que encontrava.

Ultimamente uma excavação poz a descoberto um pedaço de pavimento de mosaico; e o nosso consocio snr. conselheiro José Luiz Ferreira Freire, reconhecendo a natureza e antiguidade da obra, recolheu alguns fragmentos, e teve a amabilidade de convidar-nos para fazermos a exploração do terreno, obtendo licença do proprietario.

Nos dias 5 a 7 d'Outubro ultimo trabalhamos n'este serviço, pondo a descoberto parte d'uma camara ou recinto com pavimento, conservando restos de mosaico, e os alicerces de tres paredes.

Fig. 8

Estas substrucções occupam o predio do snr. João Soares de Carvalho, ao pé da fonte publica do logar.

Uma parede, medindo 13^{m} de comprimento por 0^{m},50 d'espessura, orientada de norte a sul, passa ao oeste e junto d'uma nora que alli existe. A exploração provou que essa parede devia prolongar-se mais para o sul, porque na extremidade d'esse lado havia vestigios de destruição.

Era construida, até certa profundidade, com alvenaria ordinaria, tendo grosseiramente apparelhada a face exterior das pedras; mas a sua base assentava sobre alvenaria secca, sem duvida por causa da pouca firmeza do sub-solo, que é humido e poroso.

Pelo nascente da parede e pelo norte da nora corria o pavimento com os restos de mosaico. Este pavimento estendia-se, d'um lado, pelo espaço occupado hoje pela nora, e, ao norte, por debaixo do muro que veda um quintal contiguo.

O mosaico era formado em cima d'uma camada d'argamassa de cal e areia, com a espessura de 0^{m},03 a 0^{m},06, estendida sobre um leito de pequenas pedras, que cobriam a superficie do solo. Os cubos de pedra *(tesselae)* foram cimentados com cal pura; mas esta, em muitos pontos, desappareceu, e foi substituida por uma lama negra; o que torna muito difficil a extracção de qualquer parcella d'esse mosaico, a não ser que se cubra com gesso.

A 5^{m},80 contados da extremidade septentrional d'aquella parede, partia, perpendicularmente para O, uma outra parede, na extensão de 6^{m},30, tendo a espessura de 0^{m},50. Esta segunda parede era feita, em parte, só com pedra, e n'outra parte revestida externamente com fiadas de tijolos triangulares, tendo o lado maior voltado para fóra. A argamassa de cal e areia era aqui substituida por barro; mas a obra assentava sobre envasamento de pedra secca, como na primeira parede.

A 3^{m},80 contados do ponto de ligação d'estas paredes, partia da segunda um muro e da extremidade da mesma outro muro, ambos perpendiculares a essa segunda parede, seguindo am-

bos o rumo do sul; mas d'estes muros só restavam pequenas parcellas, e não foi possivel determinar-lhes as dimensões.

No espaço comprehendido entre aquellas paredes e estes muros o entulho continha muitas pedras e fragmentos de tijolos e de telhas, tudo em desordem, indicando profundos remeximentos. Recolheram-se alli poucos fragmentos de mosaicos e de pastas d'argamassa, pertencentes ao *pavimentum*, que fôra completamente destruido, levando-se os materiaes. Tambem se encontraram restos d'ornatos feitos com argamassa e cobertos d'estuque. Entre estes ha uma folha d'acantho, que deve ter pertencido ao capitel d'alguma columna ou pilastra, á maneira d'outras obras similares que se teem encontrado em edificios romanos.

Apesar da escassez da colheita, esta exploração tem certo interesse para nós. Em primeiro logar o desenho do mosaico, puramente geometrico (fig. 8), pertence ao typo do que se encontrou na villa romana da Nossa Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho, onde as moedas alcançam o terceiro quartel do seculo III da nossa era.

Entretanto os calcareos empregados no mosaico de Nossa Senhora do Desterro são geralmente mais brandos do que os do exemplar d'Ançã. Os cubos tambem n'aquelle são maiores do que n'este; e as côres do primeiro reduzem-se a quatro, branca, amarella, vermelha e cinzenta, emquanto as do mosaico d'Ançã são, além das tres primeiras, a parda e a negra. Tudo indica que, sendo diversos os artistas, elles se inspiraram nos mesmos elementos decorativos; e todavia é muito provavel que a obra de Ançã seja anterior á de Montemór-o-Velho, como parece indicar uma moeda de Claudio I, que pertence ao meiado do primeiro seculo da nossa era, encontrada junto á fonte d'aquella primeira povoação.

Fig. 9

O facto de empregar-se nas paredes a argilla para cimentar a pedra ou tijolo já tinha sido observado por nós nas ruinas luso romanas da Pedrulha, junto ás Alhadas de Baixo. Este uso perde-se na noite dos tempos. No territorio portuguez apparece já nos fins da idade da pedra. No sueste da Hespanha descobriram-n'o os srs. Siret em construcções que elles attribuem á idade do bronze.

Schliemann tambem o encontrou nos muros mais antigos de Hissarlik, na Troada, pertencentes a esse povoado primitivo que elle denomina *primeira cidade*, [1] e que boas auctoridades attribuem a uma epocha que se colloca entre os annos 3000 e 2500 antes da nossa era. [2]

E posto que a cal seja tambem muito antiga nos povos do Mediterraneo, pois que apparece nos rebocos das paredes das casas que foram exhumadas das cinzas vulcanicas da ilha de Thera (Santorin), casas velhas de mais de 2000 annos antes de Christo, é certo que o emprego da argilla, como cimento, tem subsistido sempre na Europa, e é vulgarissimo nas mais pobres ou grosseiras construcções do nosso paiz.

O emprego de tijolos romanos em fórma de triangulo isosceles, para revestir as paredes, não parece ter sido muito vulgar na Lusitania. Apesar de termos examinado muitas ruinas romanas do nosso paiz, é a primeira vez que os encontramos nas construcções; mas vimol-os empregados em larga escala nas obras romanas da Italia, como por exemplo nas ruinas dos palacios dos Cezares em Roma e nas ruinas de Pompeia.

Entre os ornatos de argamassa cobertos d'estuque é para notar o da fig. 9. Este desenho parece-nos muito antigo. Julgamos que tem similar na arte decorativa de Mycenas. [3]

---

[1] *Ilios*, pag. 262.

[2] POTTIER, *Catalogue des vases antiques*, pags. 76 e 120.

[3] PERROT E CHIPIEZ, *Hist. de l'Art*, t. 6, pag. 525, figs., 204, 921, 478; SCHLIEMANN, *Mycènes*, pag. 124, fig. 36, 395, 475.

Nos mosaicos figuram cruzes parecidas com a de Malta (fig. 10) e uns ornatos de linhas torcidas em espiral (fig. 8), que são semelhantes aos que se encontram na Citania de Briteiros e em Sabroso. [1]

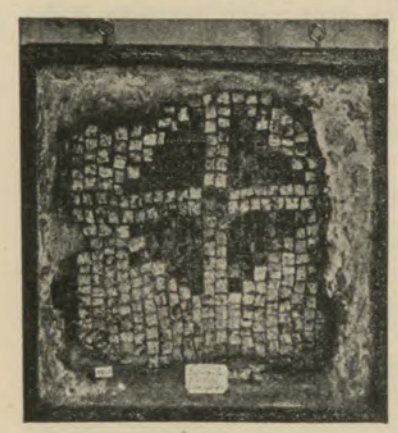


Fig. 10

O segundo apparece tambem em obras etruscas ao sul do Apennino, como em um escudo de bronze de Cernetri; [2] e ambos reproduzem typos muito conhecidos da velha arte mycenea ou egeia. [3]

O facto de apparecerem em obras de feição genuinamente romana, no valle inferior do Mondego, elementos decorativos que já existiam na Lusitania pre-romana (pois que a estação de Sabroso, segundo as observações do illustre sabio Martins Sarmento, não chegou a receber a influencia dos romanos), é caso para pensar que estes ou os indigenas já romanisados applicaram ás artes importadas da Italia os motivos da ornamentação que estavam em uso no nosso territorio desde tempos que escapam a uma rigorosa indagação historica.

De resto nós mostraremos por outros estudos que temos emprehendido, que alguns typos ornamentaes das duas estações minhotas tambem se encontram em artefactos puramente indigenas dos castros da nossa região.

A necropole luso-romana nos arredores de Lagos

POR A. SANTOS ROCHA

O trabalho que hoje sou encarregado de apresentar-vos e que adeante vae impresso, devido ao nosso distincto socio Rev. José Joaquim Nunes, já me havia sido enviado pelo seu auctor antes da sessão passada; mas não pôde então ser lido e discutido, por não ter chegado a tempo de entrar no respectivo programma.

Faço-o agora, com a satisfação que me dá sempre o ter de communicar-vos alguma descoberta interessante; e apreciarei os objectos mencionados pelo Rev. Nunes com a imparcialidade que deve observar-se em assumptos d'esta natureza.

A sepultura feita com telhas romanas de rebordo não me parece que devesse ter outra fórma senão a que indicava a disposição em que foi encontrada. A fórma de caixão, isto é, em que as telhas lateraes são collocadas verticalmente, formando um quadrilatero, e supportando telhas horisontaes que servem de cobertura, era a que existia na necropole de Ferrestello e n'outra que, segundo nos consta, tem sido barbaramente destruida em Ciudad Rodrigo, na Hespanha; e em nenhuma d'ellas, que nos conste, appareceu sepultura em que a deslocação das telhas produzisse o effeito de as dos lados maiores se unirem justamente pelos topos, formando um triangulo com a linha do pavimento da fossa, ou alguma cousa semelhante a um telhado de duas aguas.

Nós exploramos as que restavam em Ferrestello, no seio d'um terreno arenoso e muito movediço, cultivado desde tempos immemoriaes; e notámos sempre que ellas conservavam a sua fórma typica, apesar das fortes pressões das terras.

Nem é verosimil que se désse um concurso de circumstancias capazes de reunirem preci-

---

[1] *Compte-rendu do congresso internacional d'anthropologia e d'archeologia prehistoricas*, celebrado em 1880, appendice, pag. 647 e segs.; *Portvgalia*, pags. 5 e 9.

[2] J. MARTHA, *L'Art Etrusque*, pag. 108, fig. 100.

[3] Conf. *Mycénes*, pag. 128, figs. 56, 167, 153, 219, 216, 332, 359, 342, 378, 343, 385; *Hist. de l'Art* cit. t. 6, pags. 679 e 921, figs. 300 e 478; *Portvgalia*, t. 1, fasc. 1, pag. 2 e segs.

samente todas essas telhas pelos topos, sem que alguma d'ellas soffresse qualquer deslocação n'outro sentido. Seria necessario admittir que pressões eguaes, exercidas d'um e outro lado, em direcção opposta, para a linha média longitudinal da sepultura, impelliram docemente os dois renques de tegulas até se encontrarem nas extremidades superiores.

Fig. 11. — Calix de prata da egreja de S. Pedro

O que é verosimil é que a sepultura fosse assim construida; e semelhante fórma não é novidade na sciencia. Ella existiu na Gallia durante a epocha romana; e um exemplar se acha exposto no Museu de Saint-Germain-en-Laye, sala XXIV. Em Portugal tambem já appareceu mencionada no *Archeologo Português*, vol. III, pag. 71, se é que nós comprehendemos bem a descripção alli feita.

Entre o mobiliario da necropole figuram dois vasos que teem, no ponto de juncção do gargalo com o corpo do vaso, uma placa de barro crivada de buracos. O Rev. Nunes attribue-lhes o destino de coadores; e com certa rasão. Deviam ser cantaros para agua, que se mergulhavam nas nascentes, servindo o crivo para não deixar passar os pequenos corpos que fluctuavam no liquido. Vasos similares e com o mesmo destino se usam ainda hoje na Africa e na Oceania; e o nosso consocio snr. João Jardim colligiu em Timor um interessante exemplar que é destinado ao nosso Museu.

O facto assignalado pelo auctor da communicação de que a necropole é mixta, isto é, contém sepulturas por inhumação e outras por incineração, é digno de notar-se. Em Portugal é caso raro.

Este facto e a natureza do mobiliario indicam, a nosso vér, que as sepulturas pertenceram a alguma estação romana das proximidades; mas, ainda assim, não se explica satisfatoriamente a relação que ellas possam ter com a moeda da familia Fannia, que se diz ter sido encontrada no local. A cunhagem d'esta moeda é attribuida ao anno 169 antes de Christo; e não nos parece presentemente facil demonstrar que antes das expedições de Bruto, no anno 138, os romanos tivessem um cemiterio nos arredores de Lagos. Sobre este ponto convém guardar uma prudente reserva até novas descobertas.

Noticia sobre a necropole luso-romana nos arredores de Lagos

POR JOSÉ JOAQUIM NUNES

A cerca de 200 metros da cidade de Lagos e junto á estrada que segue para Portimão eleva-se o terreno na extensão de alguns hectares, formando uma especie de achada com declive bastante doce para o mar e uma vista em extremo agradavel, quer do lado do norte, onde as ondulações se seguem umas após outras cada vez mais elevadas até irem terminar nas duas grandes montanhas, a Foia e a Picota, quer do lado do sul em que o oceano se extende em toda a sua grandeza e magnificencia. No sitio chamado o Molião e em propriedade pertencente ao ex.mo snr. Cesar Landeiro acaba de descobrir-se, por occasião d'uma plantação de vinha que este snr. alli fez, um verdadeiro cemiterio luso-romano, a julgar pelos artefactos encontrados. Assistimos apenas á exploração d'uma sepultura; affirmou-nos, porém, o mesmo snr. que encontrára outras identicas a esta. As paredes eram formadas por tegulas collocadas verticalmente e em seguida umas ás outras; a pressão, porém, do terreno juntára-as nas suas extremidades superiores. Cremos que a cobertura seria constituida egualmente por tegulas, poisque algumas porções d'estas estavam adherentes ás paredes transversaes. A' cabeceira e aos pés havia tambem uma de cada lado e ainda perfeitamente conservadas. A parte inferior não tinha revestimento algum, era a simples argilla dura (ou barro) do terreno. Dentro apenas se acharam um craneo, já bastante deteriorado, e alguns fragmentos de ossos longos. A sua orientação, era de norte a sul, a profundidade a que se achava d'um metro pouco mais ou menos, e o comprimento o de um homem de estatura regular. Outras, porém, havia de construcção mais cuidada do que esta, porquanto estavam revestidos de pedras, algumas visivelmente

trabalhadas, conforme nos asseverou o mesmo snr. Ao contrario da extrema pobreza da que estudámos, n'outros recolheu o mesmo cavalheiro vasto mobiliario que conserva em seu poder; pena é que a maioria das peças estejam partidas por falta de cuidado da parte dos trabalhadores. Vimos bastantes unguentarios de vidro de fórmas diversas, uns de base ovoide, outros, em maior numero, do feitio d'um funil invertido. Da mesma proveniencia observamos dois vasos que pela sua configuração parecem ter servido de coadores; teem o bojo largo e um gargalo um tanto estreito; na juncção d'este com aquelle ha uma placa horizontal do mesmo barro toda crivada de pequeninos buracos. No mesmo local acharam-se tambem um objecto de ferro em tudo semelhante ao martello usado pelos nossos pedreiros, varios pregos ainda com pedaços de madeira adherentes, um utensilio bastante oxidado e que faz lembrar a extremidade d'uma lança e uma pequenina argola de oiro, parece que destinada a trazer nas orelhas.

*E' fóra de duvida, porém, que além da humatio ou enterramento propriamente dito, houve aqui tambem a crematio ou incineração, como alids era usual entre os romanos a quem a lei, no dizer de Guhl e Koner (*ROME, *pag. 493), não impunha de preferencia este ou aquelle modo de sepultar os seus mortos, porquanto encontraram-se algumas ollas ainda com cinzas e restos d'ossos. Tambem se nos afigura que os corpos não eram queimados em lugar a isso especialmente destinado, o ustrinum, mas sim no proprio local da sepultura visto em differentes sitios encontrarem-se porções de terra negra. Uma especie de prato chato observámos nós de barro muito vermelho e fino, fabricado com bastante perfeição, como outros tambem, a ajuizar pelos fragmentos, no fundo do qual se veem gravadas, dentro d'uma circumferencia, algumas lettras das quaes se destaca perfeitamente a preposição E X; era sem duvida a marca do olleiro; no reverso, porém, a um dos lados, foram escriptos com instrumento ponteagudo, agulha, estylete, etc., estes caractéres M A V R I. Seria o nome do defuncto, como de mais encontramos um especimen parecido em Rich sub verbo «Olla» e portanto o objecto em questão é a tampa ou operculum d'uma olla? Quer-nos parecer que sim.*

Fig. 12. — Relicario de prata da egreja de Pedro

A respeito da epocha a que remonta a necropole descoberta dá-nos bastante luz uma moeda de prata que o proprietario nos afiançou ser proveniente do mesmo sitio a qual tem d'um lado as lettras M E N C, uma quadriga com a Victoria e a coroa; e no outro Pallas com capacete, moeda esta que o dito snr. nos disse vir citada no tratado do snr. Aragão, sob o n.º 207. A povoação a que pertencia o cemiterio a que nos temos referido não devia ficar muito distante, pois por aquelles contornos teem apparecido diversos objectos de origem evidentemente romana, e ha tres annos tivemos o prazer de acompanhar o nosso erudito e excellente amigo o snr. Dr. Santos Rocha n'uma exploração que este distincto cavalheiro realisou n'um sitio proximo chamado a Marateca.

Lagos, 6 d'Abril de 1899.

JOSÉ JOAQUIM NUNES.

Calix e relicario de prata da egreja de S. Pedro

POR A. GOLTZ DE CARVALHO

Provenientes da extincta freguesia de Santa Cruz, da antiga villa dos Redondos, existem na egreja de S. Pedro de Buarcos um calix de prata dourada com a base circular e um relicario do mesmo metal, em fórma de cruz, tendo a reliquia no centro. O calix mede de altura perto de 25 centimetros e o relicario tem 24 centimetros. Ambos estes objectos parecem obra do mesmo artifice, ambos no estylo da renascença e dos fins do seculo XVI.

Alguns exemplares de architectura manuelina

POR FERREIRA LOUREIRO

No reinado de D. Manoel appareceu em Portugal um estylo particular d'architectura inspirado de gothico, mourisco e renascença, ao qual se deu o nome de Manuelino.

Os edificios construidos n'este estylo, com quanto recordem a architectura de onde tiraram a origem, teem comtudo um cunho caracteristico e unicamente seu, que pertence, todo inteiro, a Portugal.

Querem alguns que tal architectura não seja original, por ter sido inspirada por outras que já existiam. A nosso vêr, esta supposição é um erro.

Na arte, bem como na natureza, as revoluções sem transição são raras, e qualquer innovação liga-se sempre ao passado por um ponto de contacto.

Em architectura não ha geração espontanea: é sempre a continuação d'uma outra que se vae modificando e transformando successivamente conforme as necessidades e usos a que é applicada. O conjuncto e a concepção difinitiva é que criam as originalidades.

Os romanos, para não irmos mais longe, adoptaram a architectura Etrusca e Grega segundo a sua inspiração.

Emquanto que o grego empregava sobretudo a architrave sustentada por columnas, o romano tomou, como elemento principal, o arco e a abobada; mas a inspiração primaria foi bebida na architectura grega.

A arte bisantina, á qual Bayat chamava justamente arte grega da idade-média, ou arte neo-hellenica, procede, ao mesmo tempo da arte romana, da arte grega e da persa.

Fig. 13

O que caracterisa principalmente a architectura bisantina é a combinação intima da columna com a arcada como elementos principaes da construcção. O romano empregava, quasi sempre, a columna como ornato encostando-a aos pés direitos; o bisantino collocou sobre os capiteis de duas columnas proximas a extremidade da arcada, e isto foi o sufficiente para lhe dar a originalidade.

Foi a arte bisantina que creou a arte russa, que até então possuia construcções em madeira. Foi tambem da Asia Central, Persia, que a Russia copiou as cupolas bulbosas para poder passar, sem abobadas pendentes, do plano quadrado ao circular.

Do seculo XII em diante, pela applicação do metal e dos esmaltes á ornamentação exterior, a architectura russa tornou-se original.

Pelo contacto da architectura bisantina constituia-se a architectura arabe. Os musulmanos, nas suas rapidas conquistas do Oriente, não tiveram tempo de construir: aproveitaram os templos christãos e transformaram-nos em mesquitas. É assim que a mesquita se gerou da egreja bisantina.

O Coran prohibindo a representação da figura humana, obrigou o arabe a um systema de decoração propria da qual tirou um partido maravilhoso.

Foi por este modo que elle creou fórmas completamente novas, que explicam a originalidade da sua architectura.

No fim do seculo X e sobretudo no principio do seculo XI apparece a arte romanica, que não passa d'uma renascença.

Succede ao estylo latino, percorre um periodo de formação (romanico primitivo) e prepara o estylo gothico.

Já no seculo X os architectos sabendo por experiencia que as abobadas de volta perfeita, quanto mais extensas e elevadas, mais facilmente se destruiam quebrando em 3 pontos, sempre

os mesmos, no fecho e nos rins dos arcos, lembraram-se de levantar o fecho e portanto os arcos de circulo que formava a abobada.

D'aqui nasceu a ogiva formada de dois arcos de circulo cortando-se no seu cume e dando assim origem á architectura ogival, gothica ou pontuda como lhe chamam os inglezes.

Pelo aspecto que a ogiva successivamente foi tomando, reconhece-se que a architectura gothica succedeu á romanica, ou antes, nasceu d'ella, porque a principio (seculo XII, estylo de transição) a ogiva é obtusa, e só pouco a pouco é que adquiriu a fórma elevada.

Os contrafortes e arcos-butantes vieram, mais tarde, produzir uma revolução n'aquella arte de construir. Por effeito d'elles o architecto poude diminuir a espessura das paredes que sustentavam a abobada, rasgar grandes janellas, dando por esta fórma muita luz á nave central e tornando assim o edificio mais elegante e magestoso.

Fig. 14

Não fallaremos na renascença porque, nas artes sobre tudo, entende-se por esta palavra a volta ás tradições mais admiraveis da antiguidade.

O professor Haupt, em livro publicado ha poucos annos, diz com muita razão, ao contemplar os monumentos da epocha manuelina, que o portuguez soube, como nenhum outro povo, n'aquellas eras, assimilar formulas e expressões de estylos diversos, e sobre taes bases formar um estylo absolutamente seu que ainda veiu a exercer influencia na architectura hespanhola.

A architectura manuelina, como iamos dizendo, encontra-se profusamente derramada pelo paiz durante todo o reinado de D. Manuel até miado do reinado de D. João III.

É rara a cidade, villa ou aldeia em que se não depare com um ou mais especimens d'esta architectura d'uma belleza incontestavel.

Entre as obras mais notaveis n'este genero citaremos a egreja de Santa Maria de Belem cujo architecto, segundo uns, foi um estrangeiro Botaca, e segundo outros, um portuguez, João de Castilho.

Este templo, mandado edificar por El-Rei D. Manoel para perpetuar a grande descoberta da India, está admiravelmente executado e o espirito confunde-se ante tanta audacia das linhas geraes e ante tanto espirito d'invenção nos detalhes. Os ornatos que parecem rendilhas vaporosas correm com profusão pelas abobadas, ogivas, pilastras e capiteis sem comtudo prejudicarem o plano geral da construcção.

As capellas imperfeitas, junto do mosteiro da Batalha e cujo architecto foi Matheus Fernandes, são admiraveis de perfeição. A' elegancia geral do alçado junta-se a execução dos detalhes.

Parece incrivel como o cinzel poude traçar na pedra ornatos que parecem finas rendas envolvendo as ogivas e florões.

Os arcos ogivaes do claustro da Batalha são uma verdadeira joia. As columnas em espiral

carregadas de lavor, os entrelaços, as tranças, os delicados ornatos e por entre elles apparecendo sempre a cruz de Christo e a esphera caracteristica.

Não deixaremos em silencio o Convento de Christo em Thomar, reformado em parte, no reinado de D. Manuel, pelo architecto Ayres do Quental.

A janella da casa do capitulo encimada com a cruz e ladeada com as espheras armilares para mostrar qual era o fim dos Cavalleiros de Christo, os antigos Templarios, é uma peça admiravel. As molduras affectando a fórma de cabos, correm em anneis formando nós, para representar as amarras dos numerosos navios armados pelos cavalleiros em busca das gloriosas descobertas maritimas. Os ornatos são compostos com algas, coraes, polypos, etc.

Descrever os monumentos de estylo manuelino espalhados por todo o reino seria tarefa muito longa e difficil. Por agora limitar-nos-hemos a apresentar a photographia d'alguns exemplares d'esta architectura que nos parecem pouco conhecidos.

A fig. 13 existe em Montemór-o-Velho. São duas janellas da egreja dos Anjos.

Representa a fig. 14 uma porta lateral da egreja d'Alcobaça, construida no recinto comprehendido dentro das muralhas do Castello de Montemór-o-Velho. Estylo simples e muito elegante que faz lembrar o mourisco.

A fig. 15 é uma janella existente em Tentugal n'um predio pertencente ao snr. Dr. José Luiz Ferreira Freire. Por baixo da soleira está gravada uma inscripção em caracteres gothicos que diz:

Joha... Alvares. me fez. e seu
irmão. pedralvares. era. 1501

Fig. 15

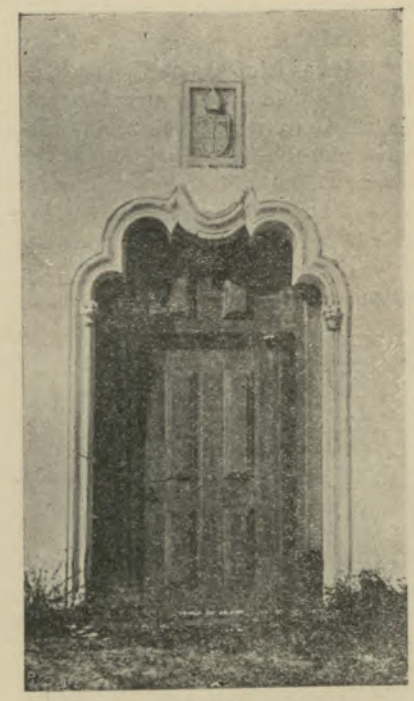


Fig. 16

A fig. 16 finalmente é um portico d'entrada da egreja de S. Marcos perto de S. Martinho d'Arvores, pertencente ao snr. Dr. Manuel Cabral.

Ceramica negra nos districtos de Coimbra e Aveiro

POR PEDRO FERNANDES THOMÁS

Entre os productos mais espalhados da olaria popular portuguesa, tornam-se realmente notaveis pela sua originalidade os objectos de louça preta que se fabricam em certas localidades do paiz.

Não se distinguem elles dos productos similares fabricados com barros d'outras côres, pelas fórmas, que são as tradicionalmente adoptadas em determinadas regiões, mas sim pela côr da sua pasta, em muitos, de um negro retinto, n'outros d'um pardo bastante escuro. Alguns d'elles apresentam uma superficie lisa e brilhante; apparece n'outros uma pasta grosseira e aspera.

Não é nossa intenção fazer indagações sobre a origem provavel d'esta louça, tam espalhada entre as classes populares, que a preferem, pela sua extrema barateza a outra qualquer, e que se encontra em certas regiões desde tempos remotos: trataremos n'estas ligeiras notas do seu fabrico, interessante sob mais de um ponto de vista.

A côr tem muita semelhança com a dos vasos de barro negro, o *buchero nero*, de que tem ap-

parecido milhares de exemplares nas necropoles Toscanas e que hoje enriquecem os principaes Museus da Europa, e certas fórmas approximam-se extremamente d'alguns productos da arte Etrusca (ornamentação á parte, já se vê).

Fig. 17

Taes são, entre outros, os vasos reprodusidos nas figs. 17, 18 e 19, muito semelhantes a alguns vasos Etruscos existentes no Museu de Bolonha, cuja reproducção photographica foi ultimamente trazida para o nosso Museu pelo illustre presidente d'esta sociedade.

O processo de fabrico parece tambem ser egual—*a fumigação.*

Visitamos algumas fabricas d'esta louça, e em todas ellas o processo da cosedura do barro é o mesmo.

O barro geralmente empregado, é uma mistura de argilla cinzenta com areia escura.

Modelados os objectos na roda, são depois de seccos, mettidos em fornos especiaes, que differem muito dos fornos adoptados para coser os objectos de barro d'outras côres pois consistem apenas n'uma grande cova circular, coberta por um telheiro, e aberta no chão.

No meio d'ella deita-se um monte de lenha, e em volta collocam-se os objectos que se desejam coser. Posto fogo á lenha cobre-se tudo com grandes lages entre as quaes se deixam algumas aberturas, para que possa affectuar-se a combustão, e deixa-se arder a lenha até estar totalmente consumida.

O fumo que por este processo se concentra dentro do forno, penetra os póros do barro enegrecendo-o completamente.

Seria este tambem já o processo empregado pelos Etruscos para o fabrico do seu *buchero nero,* processo transmittido até nós atravez dos seculos?

E' muito possivel.

Se porém o processo da cosedura do barro é egual em todas as fabricas que visitamos, ou de que temos noticia, principalmente nas dos districtos de Aveiro e Coimbra, não succede o mesmo com a forma por que são modelados os differentes artefactos. Ao passo que o oleiro da Cegonheira (Coimbra), Forcado (Poiares), Padrão (Louzã), Bujos (Espinho) e Carapinhal (Miranda do Corvo), se serve apenas d'um pedaço de panno molhado em agua, e d'um bocado de canna rachada ao meio, para a modelação dos objectos mais usuaes—cantaros, bilhas, infusas, etc.—o oleiro de Monsarros (Anadia), Arada (Aveiro), Molellos (Tondella), emprega utensilios numerosos e variados. Eis a nomenclatura d'esse material:

Acha d'alhoudas do meio para cima.—Instrumento com que modelam qualquer objecto maior—pote, barril, cantaro, etc.—do meio do vaso até á bocca.

Acha d'alhoudas do meio para baixo.—Serve, como indica a designação, para modelar o mesmo objecto do meio d'elle até ao fundo.

Acha para panellas.

Acha para frigideiras.

Acha cortadeira.—Serve para aperfeiçoar os objectos, depois de modelados.

Canna ou *acha de alisar.*—Como o seu nome indica serve para alisar os objectos depois de modelados.

Figs. 18 e 19

Para darem brilho á pasta, servem-se os oleiros d'uma pedra redonda, com que os raspam depois de seccos, mas antes de cosidos.

Existe tambem differença na maneira de modelar os objectos maiores entre os oleiros do districto de Coimbra e os de Aveiro.

Estes ultimos modelam-nos *por duas vezes*, isto é: fabricam primeiro na roda a parte inferior, e depois a superior, que lhes adaptam em seguida; ao passo que os outros os modelam por uma só vez. Apenas os grandes vasos taes como *potes* para azeite, *tarefas* para lagar, etc., são, em regra fabricados parte na roda, e parte á mão, em virtude do seu peso e tamanho.

A ceramica em Timor

POR JOÃO JARDIM

Dos reinos indigenas da ilha de Timor, sujeitos ao dominio portuguez, só trez, que eu saiba, possuem a industria ceramica relativamente desenvolvida, embora rudimentar nos processos de fabricação.

São os reinos de Baucau, a 16 leguas a léste de Dilly, e os de Vémasse e Viquéque, que se pospõem áquelle, de norte para sul, até á linha da praia da contra-costa.

Todos os demais—e, sobretudo, os reinos ricos a oeste da capital, que cultivam o café e têm com os traficantes de Makassar, de Java e da China relações ininterruptas—usam para cosinha a baixella de ferro, e para as bebidas o canudo de bambú, a que um dos nós serve de fundo.

Baucau—reino pequeno, assente n'um planalto de 300 metros de altitude—acha-se encravado no trato da ilha de formação recente, que se estende da ribeira de Laleia, ou melhor, da falda da montanha de Biraque—d'onde o cobre nativo é carreado pelas aguas de invernia—até aos ultimos contrafortes da cordilheira que de Vessilali desce para o mar.

São 15 a 20 kilometros de costa calcarea, soerguida n'um arranco de terramoto, abruptamente, onde a primitiva linha das aguas vincou fundo, em estria plana parallela á superficie do mar. Sobre esse acervo de cabeços de moderada altura—separados por valles de pendor suave—a fauna e a flora dos grandes fundos foram apodrecendo e fermentando ao sol faiscante; e, como do alto jorrassem aguas vivas, e os ventos constantes de sueste—os alisados—trouxessem da cordilheira interior os germens da vegetação, todo o terreno—coberto nos socalcos e nas depressões de humus fecundante—frondejou a arvore do pão, o bambual, a arequeira esguia, o coqueiro, a bananeira e a mandioca.

Paiz cortado d'aguas cantantes, onde a terra dá sempre arroz, sem médo ás estiagens, e a tuaqueira floresce e fructifica sem cultura, natural é que abrigue um povo docil, desconhecedor dos phrenesis de revolta que entontecem os esfaimados.

D'ahi a necessidade das pequenas commodidades da vida: uma barraca de bambú, com divisões internas, maior e mais bem feita do que as dos reinos limitrophes, e, na cosinha um *lantem*—uma especie de estrado alto de bambú ou de *palápa*—onde se arruma a baixella das refeições:—a colher de concha ou côco, com seu braço de madeira, o prato, em fórma de bandeja, talhado em folha de palmeira, a panella de barro para cosinhar, e a bilha para a agua, para o leite, e para a *tuáca*—o licôr extrahido por incisão dos coqueiros. A bilha, a panella, o prato circular, e ás vezes, raramente, a caixa de ar dos *batuques*, em fórma de tubo tronconico, com rebordos boleados e dois ou tres frizos ornamentaes, eis toda a ceramica de Baucau.

Escuso de dizer que estes escassos productos da arte timorense são do exclusivo fabrico das mulheres que, nas horas roubadas á lida da casa e ao amanho das terras, amassam, dão fórma e cosem o barro d'estas alfaias. E, porque só dedos de mulher trabalhem a argilla da baixella, não sei que simplicidade gracil se evola d'esses grosseiros utensilios.

Melhor do que a mais precisa e mais minuciosa descripção, poderia a simples inspecção dos artefactos que trouxe de Timor, e que destino a este museu, dar a ideia clara do que hesitantemente procuro expor.

Mas a difficuldade de transportes maritimos entre Marselha e Lisboa, causada pela epidemia do Porto, faz com que abolorentem, nem sei até quando, nos vastos e humidos armazens da cidade francesa, os caixotes que tanto desejava trazer commigo.

Dupla contrariedade—pela difficuldade de exposição que sente quem, como eu, desconhece a technologia da ceramica, e pela falta de interesse que deriva da incolorida descripção que vou fazendo.

Imagine-se, no entanto, para a bilha de dimensões ordinarias, um corpo espherico de 9 a

10 centimetros de raio, cortado perpendicularmente a um mesmo diametro, por dois planos, passando a 3 centimetros dos pontos diametraes extremos.

Separadas as calótes assim seccionadas, fica-nos um sólido de revolução gerado por um arco de cirulo de 270°, pouco mais ou menos, girando em torno de um eixo que coincide com o diametro acima indicado, e por duas rectas que dos extremos do arco se abaixem perpendicularmente a esse eixo.

A generatriz inferior gerou um circulo, que é a *base*, e a superior um plano tambem circular, um *tampo*, emfim, no qual se abrem de 6 a 7 furos de 3 milimetros de diametro.

Sobre esse tampo adapta-se uma especie de funil de generatriz curvilinea, interiormente convexo, e de 3 centimetros de altura. Com a excepção do bico, que é feito de um pedaço de barro rolado entre as mãos, em volta de uma pequena e delgada vara cylindrica, e que depois é posto em seu logar proprio, furando o ventre da bilha, póde dizer-se que a manipulação ficou completa. Ora tudo isto foi feito com uma porção de barro acinzentado que sahiu d'um cesto de palma, e que se foi estendendo, curvando, boleando e contornando em volta do punho esquerdo — cuja mão sustenta uma pedra lisa e arredondada — por meio de pequenas pancadas de uma pásita quasi informe, de pau-rosa ou de pau-ferro, que a mão direita applica com destreza. Dose a quinze minutos bastam para que a bilha, de todo concluida, fique exposta ao sol, esperando o grau de seccura necessario para entrar no forno improvisado.

Quanto ás panellas, parecidas na fórma — com excepção do fundo, que é convexo — com muitas que por ahi se vêem, de barro negro, nada ha a accrescentar sobre o processo de fabricação.

E' sempre a pá que bolêa, e a mão esquerda que sustenta o artefacto, em volta do punho e do ante-braço. Só quando se acha quasi finalisado, e que necessario se torna dar-lhe os ultimos toques de perfeição, é que, por um impulso brusco, o solido toma um movimento rapido de rotação, e a mão direita — segurando um pequeno cavâco — raspa e tira, aqui e alli, excessos de matéria prima e nivella deformações por demais compromettedoras da quasi symetria do conjuncto.

A caixa de ar tronconica dos batuques é creada por eguaes processos; e admira vêr — como eu vi frequentes vezes — artefactos d'estes perfeitissimos, d'uma tal correcção de fórma que, a não se presenciar a manipulação, dir-se-hia sahidos de fôrma ou de roda de oleiro.

Asseveraram-me, no entanto, que em Bruma — uma das povoações do reino situada a 3 kilometros a NE de Baucau — o *batuque* é feito pelo enrolamento do barro em volta de uma estaca apropriada, soffrendo depois um paciente e cuidadoso desgaste exterior. Não duvido da informação, que é de todo o ponto fidedigna; mas, deante de mim, na tranqueira do régulo, mulheres d'essa mesma povoação fizeram caixas de batuque pelo processo rudimentar que indiquei, e em tudo eguaes ás originarias de Bruma.

Em Viquéque, onde a fabricação, segundo me disseram, é por egual rudimentar, os artefactos produsidos não differem dos já ennumerados.

Apenas, como novidade, adquiri um vaso, com tampa, em fórma de calix, por onde bebem os principaes do reino.

A pasta de Viquéque, d'um rubro escuro, parece-me mais fina e consistente do que a de Baucau, mas a manipulação é incomparavelmente menos cuidada.

Resta-me completar esta summaria noticia com algumas palavras sobre a preparação do barro, a sua cosedura, e a ornamentação das alfaias produsidas.

A materia prima é formada com argilla cinzenta do socalco da montanha, colhida junto dos arrozaes, e com finissima areia branca da praia de Baucau. Pouco mais ou menos cada um d'estes corpos entra na proporção de cincoenta por cento na composição da pasta. Em um cesto largo, tecido de folha de palmeira, se deitam tres a quatro punhados d'argilla e a mesma quantidade de areia. Amalgamam-se bem entre si, com addicionamentos d'agua que a concha da mão gradua, até que, pelo amassamento, a pasta se torne sufficientemente ductil, macia e homogénea. Sobre a pequena porção de barro assim formado, nunca vem juntar-se mais argilla ou areia para avultar a pasta.

E' em outros cestos similhantes, e sempre em quantidades minimas, que o barro se vae

amassando, até que—depois de bem manipulado—se agglomera em um grande cesto unico, d'onde as operarias—permitta-se-me a expressão—arrancam a materia de seus labôres.

Resulta d'este processo de manipulação em pequeninas quantidades um amassamento cuidado e uma pasta fina, de densidade egual e de egual rijeza e cohesão.

Emquanto os artefactos assim creados seccam ao sol quente, por espaço não superior a duas horas, varias mulheres fazem no chão, com cavacos de arequeira e lenha do matto, bem secca, uma especie de estrado ou pyra de tres para quatro decimetros de alto. Em volta d'esta accumula-se ramos, cavacos e largas folhas verdes de coqueiro e bananeira. Trinta ou quarenta minutos antes de se dar por prompta para a cosedura a louça assoalhada, lança-se o fogo á pyra, que arde rijo e depressa, sem fumo e de chama alta, deixando um leito de brasas rubras. Sobre esse leito se acamam convenientemente as alfaias, logo cobertas dos ramos seccos que ficaram. De novo se lança o fogo, e para que os productos da combustão se não evolem rapidamente, dispersando sem utilidade o calor, as folhas de palmeira e bananeira—lentas em arder—formam como que o tecto do forno primitivo.

Quando tudo bem se consummiu, não ha senão a tirar a louça do rescaldo por meio de compridas varas de bambú. Apparecem então os artefactos com uma côr entre vermelho desmaiado e laranja, sobre a qual destacam nitidamente as ornamentações a rubro e preto.

Poucas peças—na proporção de 5 a 7 %—racharam e foram logo inutilisadas; mas as que sahiram indemnes apresentam uma pasta bem lisa, dura, friavel e quasi sempre porosa.

O desenho que as orna, e que foi riscado com taleo vermelho e preto desfeito em agua, minutos antes da cosedura, affecta de ordinario a fórma de linha quebrada ou de crusamentos symetricos. Poucas vezes, em peças de escolha, a ornamentação toma fórmas mais complicadas, como as de curvas serpeantes, folhas, flôres ou aves. Para estas tres ultimas especies de desenho forçoso é supprir pela imaginação, ou melhor, pela iniciação no symbolismo dos contornos, a deficiencia e a incorrecção do traço.

Eis o que se me offerece dizer sobre a ceramica de Timor, por agora, reservando para uma ulterior communicação—á vista das peças que recolhi—um estudo comparativo a que se prenda interesse mais intenso.

As figuras 1, 2, 3 e 4, exaradas na pedra, mostram a fórma das bilhas, panellas, caixas de ar de batuques e capas de barro a que me referi no decurso d'esta exposição; e a figura 1-A a projecção horisontal da bocca da bilha, com os furos da tampa por onde se verte a agua.

INSTRUMENTOS DE BRONZE NO CONCELHO DE VILLA REAL
(TRAZ-OS-MONTES)

Machados de bronze.—Em Bujões, freguesia de Abbaças, ha cinco annos, foram encontradas n'uma vinha sete hachas de bronze juntas na mesma valla, as quaes vieram ter á mão d'um negociante de cobre e ferros velhos, que me cedeu quatro.

D'estas, offereci uma ao *Museu Martins Sarmento,* outra ao meu velho amigo, Dr. João Vilhena, Juiz de Direito, e conservei duas.

Das tres restantes, duas estão em poder do Abbade Manuel Azevedo, d'esta villa, e outra foi offerecida por um amigo ao professor Adelino Samardã, de cujo poder desappareceu por occasião de um incendio, que ha annos lhe destruiu a casa de habitação.

São todas do mesmo typo e de dimensões quasi eguaes, muito bem conservadas e revestidas d'uma forte camada d'oxydo de cobre. As dimensões d'uma das hachas que conservo, são: comprimento $0^m,180$, largura na parte mais larga $0^m,100$ e a maior espessura $0^m,010$. Está representado, redusido proximamente a $^1/_5$, na (fig. 1).

O gume levemente convexo é formado á custa das duas faces, desengrossadas em proporção egual, sem facetas determinadas e soffreu duas pequenas fracturas, uma n'uma extremidade e outra quasi no meio.

O vertice do machado não é cortante e a sua secção transversal é um rectangulo. As duas faces do vertice e os dois bordos são abatidos, não por desengrossamento ou resultado da fórma

ou molde, mas em consequencia do choque contra o cabo da hacha ou quaesquer outros corpos com que n'ella batessem. As dimensões da outra hacha são: maior comprimento, 0m,165, maior largura 0m,090 e maior espessura 0m,010.

A configuração é semelhante á da primeira hacha.

Machado de talão.—No sitio denominado Vidual, limite de Justes ou Linhares, concelho de Villa Real, o fallecido Manoel Joaquim Alves Fontes, andando á caça, encontrou na margem d'um ribeiro um machado de talão com uma unica azelha lateral, perfeitamente conservado, o qual, depois de estar em poder d'elle uns oito annos, foi-me cedido ha pouco.

Fig. 1

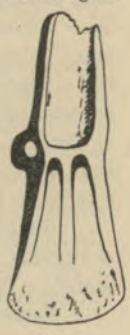


Fig. 2

A lamina do instrumento é d'uma hacha estreita com as suas duas faces e dois bordos lisos até ao meio, e d'ahi para cima até ao talão apresenta em ambas as faces dois sulcos canellados, separados um do outro por um espigão central arredondado, (fig. 2).

O gume é convexo e formado á custa das faces. No talão ha a considerar duas cavidades symetricas em fórma de cunha, cavadas n'aquelle, de profundidade decrescente, debaixo para cima, até ao vertice, uma de cada lado na direcção das faces da hacha a todo o comprimento do mesmo talão, que tem evidentemente a fórma d'uma pyramide de secção transversal hexagonal, truncada, cujos lados correspondem, dois ás faces da hacha e os quatro restantes, symetricos dois a dois, aos bordos da mesma, que se encontram divididos em duas partes eguaes por uma nervura vertical situada no meio de cada lado. Da hacha para o talão parte uma azelha cujo fim é evidente.

N'um dos lados da cavidade em cunha ha uma fractura, assim como no vertice, devida sem duvida aos golpes de corpos contundentes sobre o machado.

A materia de que este instrumento é formado parece ser bronze. As suas dimensões são: maior comprimento 0m,20, maior largura 0m,05 e maior espessura 0m,035, (fig. 2).

Machado de alvado.—No estabelecimento d'um negociante de cobre velho e estanho, encontramos o instrumento que vamos descrever muito rapidamente.

Não sabemos onde foi encontrado, mas attendendo á naturalidade dos vendedores, póde-se considerar como apparecido no concelho de Alijó, tão rico em monumentos e objectos archeologicos. É de pequenas dimensões. Tem de comprimento 0m,11, de maior largura (no gume), 0m,045 e de maior espessura 0m,035, (fig. 3).

Fig. 3

A fórma do machado é d'uma pyramide de secção transversal hexagonal, espalmada (para dar a pata do machado) desde o meio até ao gume, á altura de 0m,095 a contar da base em que se encontra um rebordo arredondado de 0m,008 de largura e 0m,003 de espessura.

Nas faces correspondentes á pata do machado nota-se uma pequena nervura longitudinal, a partir do meio para o rebordo da base, da qual nervura partem outras cinco pequenas, obliquas, formando um tecido reticulado, que além de ornar o instrumento podia servir para segurar melhor o cabo.

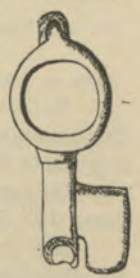


Fig. 4

Na aresta que separa as duas faces lateraes d'um dos lados do machado, logo acima do rebordo, ha uma pequena azelha, a unica do instrumento, que sem ter sido analysado chimicamente, parece não haver duvida de que seja de bronze. A parte cortante é constituida por duas faces planas, que, á medida que se afastam do corpo do machado, se vêm adelgaçando e alargando, e determinam o fio levemente convexo da parte cortante.

A parte ôca do machado, o alvão, tem a fórma d'uma pyramide recta, quadrangular, truncada, de 0m,070 de comprimento, e de 0m,022 de largura na base.

N'um dos bordos do corpo do machado ha uma falha bastante extensa devida á fractura.

Varios objectos de bronze.—Na mesma povoação de Bujões, ha annos que uma chave de bronze ou cobre (?) foi achada n'um campo por um lavrador por occasião d'uma sacha de milho.

Fig. 5

É uma chave muito simples, tendo de comprimento 0m,07, de largura (maior) 0m,028 e de espessura na haste 0m,008. Está coberta d'uma camada de patine de côr verde-escura em toda a sua superficie. O estado de conservação da chave nada deixa a desejar. Está reprodusida na escala approximada de $^1/_2$ na fig. 4.

Depois de concluida a nota relativa aos objectos referidos até esta parte, appareceram em Matheus, ao plantar-se uma vinha, seis moedas de prata (denarios) muitos tijolos, moinhos de pedra, entre os quaes um completo e os dois instrumentos de que vou dar uma descripção rapida.

1.°—É um objecto de fórma curva, com uma abertura arredondada quasi circular, de 0m,025 de diametro em cada extremidade, com a fórma do corpo de uma arrecada, de côr amarellada semelhante á do ouro, com as extremidades n'uma linha obliqua, o que me parece devido, assim como o achatamento e adelgaçamento do objecto, a ter sido este batido com um martello lá na aldeia, para se decidir se era d'ouro ou não (fig. 5). Nada vimos que se pareça com elle, a não ser os objectos que veem mencionados, um n'*O Archeologo*, II, pag. 278 e outro na *Portvgalia*, fasc. 3.°, est. XIV, fig. 203, os quaes no arco teem uma certa semilhança, o que não acontece nas extremidades, que n'este objecto são perfuradas.

Não sabemos se o instrumento está completo e se o objecto n.° 2 introdusido nas extremidades serviria para o segurar ou ser seguro por elle e teria applicação como enfeite. O que se vê é que a agulha entra perfeitamente pelos buracos do arco.

O maior comprimento é de 0m,026 e a altura no meio 0m,027 e maior espessura 0m,0035.

2.°—Este curioso objecto foi encontrado na mesma propriedade e está reprodusido com a grandeza e configuração que actualmente tem, (fig. 6).

O pé ou fundo de dois centimetros de extensão tem a fórma d'uma pyramide rectangular, terminando nos dois millimetros inferiores por uma superficie espalmada e quasi cortante; é torcida, como mostra a figura; e na parte superior acaba por um collo, em que principia a outra parte, de fórma conica, terminando em ponta aguda.

Figs. 6 e 7

Não tenho conhecimento de objecto semelhante, mas parece-me que poderá ser classificado como uma sovélla cuja base seria fixada a um cabo, ou como uma agulha. É de metal egual ao do numero primeiro.

DO CONCELHO DE VALLE PASSOS

Fig. 8

A um empreiteiro d'obras publicas d'esta villa, Joaquim Martins, devo um alfinete de bronze e uma fivella, assim como algumas moedas de cobre romanas (bronzes pequenos) achados pelo lavrador Antonio Lopes em Rio Torto, n'uma propriedade rustica, onde não são estes os primeiros objectos archeologicos que lá têm apparecido e de que se têm desfeito, por lhe não ligar importancia.

1.°—Um pequeno alfinete (?) de cobre ou bronze, incompleto, por lhe terem tirado a parte que falta para verificarem se era ouro. Tem a cabeça muito bem trabalhada, alongada e com varias molduras circulares. (Fig. 7). A parte que resta está representada com todo o rigor na figura desenhada pelo meu amigo Guilhermino Gomes, assim como a fivella.

2.°—Uma fivella de bronze (?) em perfeito estado de conservação representada na fig. 8 em tamanho e configuração naturaes. Appareceu na propriedade em que se encontrou o alfinete e as moedas a que acima me refiro e que serão descriptas n'outra parte.

Villa Real, 23 de Abril de 1902.

Henrique Botelho.

DO EMPREGO AINDA RECENTE D'UMA MÓ MANUAL

Certas pedras encontradas em varias estações neolithicas denunciam, pela depressão mediana que um prolongado attricto originou, o seu uso como utensilio rudimentar de moedura. O pilão ou triturador complementar, ordinariamente associado, os despojos ou vestigios de cereaes em alguns casos menos frequentes, o mesmo pão grosseiro inicial, tudo converge para se assignalar a esse apparelho primitivo o destino em que o investiriam para a realisação d'um alimento pouco superior, aliás, ao grão assado ou cosido.

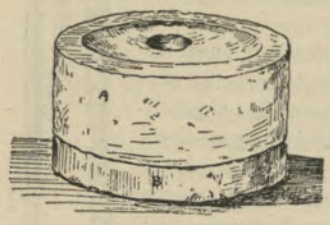


Fig. 1.—Mó manual (Castro de Guifões)

Emtanto um processo d'est'arte simplista foi o que occorreu aos povos mais diversos nos tempos e nos logares mais distantes, mercê d'aquelle asserto indefectivel, em que hoje todos assentimos, de que uma mesma necessidade promove, d'ordinario, a ideação d'um só utensilio. As duas pedras para a trituração do grão estão ainda em uso n'algumas populações arredadas na civilisação e no espaço; foi ainda mais vasto o seu emprego em epochas historicas não remotas que o descobridor surprehendeu e revelou; surgiram das ruinas mais longinquas da Chaldeia e do Egypto; exhumaram-se d'entre os escombros de Troia e de Mycenas, das terramares de Emilia e das habitações lacustres da Suissa. E o instrumento limitava-se, immutavelmente, á pedra maior, fixa ou dormente, e á mais pequena, arredondada, destinada ao movimento: [1] as troyanas, de trachyte ou basalto, ovaladas, de dois decimetros de comprimento até seis, quando muito; [2] as de Ifre, entre outras estações do sudeste de Hespanha, de pudingue e outras substancias, as mesmas dimensões das precedentes, sendo as fixas accentuadamente bem cavadas e as moveis semi-ellipsoidaes e mais pequenas; [3] est'outra, do Outeiro das Giestas, em Vallongo, hoje no Museu do Porto, de rocha quartzosa, oblonga, trinta e seis centimetros no maior diametro e a depressão accusada fortemente.

Ao que parece evolveu-se ulteriormente para as mós discoides, emparelhadas, a inferior bombeando conicamente para o alto, e a superior adaptando-se-lhe, com ou sem rebordo, e um orificio central que a atravessa, dando com um mais diminuto da inferior, que logo morre. São assim frequentemente as que se encontram nos castros, mais ou menos espessas, com a superficie conica pouco ou accentuadamente relevada, de granito, de conglomerado ou pudingue ferruginosos (Guifões) e d'outras substancias, em alguns casos mesmo com uma depressão na face superior da mó girante, como para accumular algum do grão que vae moer. (Figs. 1 e 2).

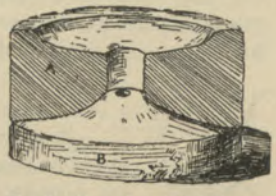


Fig. 2.—Corte da mó de Guifões

E' este o typo precisamente egual ao da mó gallo-romana [4] e que o professor Lindet julga não anterior mas derivando das latinas. Assim o romano se encontrasse na Gallia a mó discoide, leve e portatil, não construiria a sua, pesada e massiça. Talvez pela necessidade de os exercitos em campanha transportarem as suas moendas, é que, n'essa opinião peregrina e singular, a transformação lento e lento se effectua: o *catillus*, duplamente infundibuliforme, amesquinha-se; extingue-se o tronco de cone superior; o inferior deprime-se e encurta como a *meta* em que assenta e se adapta; em breve apparece a mó gallo-romana de que um typo figurado do museu de Insbrück [5] é quasi a que representamos, de Guifões!

D'esta sorte e em tal ideia o gaulez, ao tempo da invasão, ainda mantinha o methodo pri-

---

[1] MORTILLET, *Le Musée préhistorique*, fig. 587 da pl. LXI. Reinwald ed. Paris, 1881.

[2] H. SCHLIEMANN, *Ilios*, pags. 292-3. F.-Didot ed. Paris, 1885.

[3] ENRIQUE y LUIS SIRET, *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, trad. de S. Thós y Codina, pag. 113 e pl. XI em face de pag. 114. Barcelona, 1890.

[4] L. LINDET, *Les origines du moulin à grains*, in *Revue Archéologique*, pag. 31, n.º 1 da fig. 18, tom. XXXV. Leroux ed. Paris, 1899.

[5] LINDET, *Ob. cit.*, pags. 29-30 e fig. 17.

mordial do pilão ou percutor; o apparelho relativamente aperfeiçoado do romano simplifica-se, não para se obter, ao menos, egual producto, mas outro inferiormente panificavel; os recursos que á sua machina permittiam a pulverisação da farinha em vario grau são dispensados; e um apparelho grosseiro que do triturador inicial se não distancia grandemente, substitue um outro mais perfeito só porque é mais facil, á legião, o transportal-o!

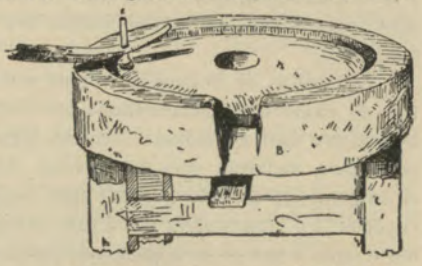


Fig. 3.—Mó de mão actual (Beiriz)

N'esse criterio como explicar ainda o mesmo typo de moenda em populações scandinavas e slavas, berberes e orientaes, barbaras d'outr'ora e ainda de hoje?

A mó manual, que no mobiliario domestico dos castros se exhibe sempre em numero, foi, naturalmente, a que succedeu ao primitivo jogo neolithico. Já na Grecia antiga o moinho de mão se compunha de duas pedras com dois pés de diametro, mais ou menos; a superior punha-se em rotação por uma manivella adaptada; e assim se pulverisava o trigo introdusido por uma abertura praticada n'esse disco — precisamente como ainda hoje nas ilhas do mar Egeu. [1]

Passou de vez quando aos animaes e á agoa se buscou a força motriz e pelas correntes se dilatou a expansão da azenha e do moinho? Em vocabularios não remotos a allusão ao movimento circular da «mó de mão» por braço de homem traduz o seu emprego, sequer ainda não de todo obliterado ou esquecido. [2] E já mais tarde se assignalava que taes moinhos, tambem cambas, picarneis ou molinheiras, não poderiam cahir em esquecimento nos casos de irregularidade dos ventos, dos excessivos calores seccarem as agoas ou de os inimigos assediarem os povos. [3]

Ora foi esta mesma rasão da estiagem que se addusia, em algumas localidades do norte do paiz, para explicar o uso ainda não olvidado das moendas de mão. Muitos adultos accionaram-as em creanças; e a despeito da adaptação de grande numero a accessorios constructivos, bastantes subsistem ainda nas casas de lavoura, ou decididamente inuteis, ou ainda apropriadas á trituração do milho maiz destinado ás aves juvenes e ás denominadas papas de milharo ou painço no banquete tradicional do sarrabulho.

Escolhendo um exemplar que facilmente possa ser observado [4] temos, em primeiro logar, um *banco* com cerca de 0^{m},7 de alto (fig. 3, c). E' sobre esta trempe que assenta um disco de granito (B) com 0^{m},7 de diametro e 0^{m},235 de espessura, mais vulgarmente chamado *pé* e ainda *pia* (Terroso) e que constitue, afinal, a mó dormente. A depressão para alojar a *andadeira* (A) origina o rebordo vertical cuja altura mede 0^{m},085 e a largura não vae além de 0^{m},1. Ao centro o pé é atravessado pela *bucha* (fig. 4, c), toro de madeira com um decimetro de diametro, se tanto, e no meio do qual passa verticalmente o *veio* de ferro (fig. 4, D) procedente da *travessa* perpendicular á face anterior do banco. Na extremidade superior d'esse espigão uma verga tambem de ferro, a *segurelha* (fig. 4), encontra, na andadeira, a ranhura onde encaixa, appendice esse cujo movimento é o mesmo da volante. O *rasgo*, por fim, é a caleira por onde a farinha sahirá.

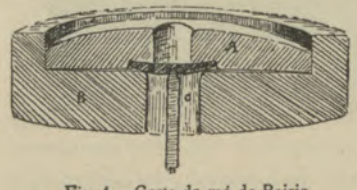


Fig. 4.—Corte da mó de Beiriz

A andadeira, com diametro e espessura mais restrictos, 0^{m},47 e 0^{m},085 para um e outra, tem lateralmente um orificio d'onde emerge o *tufo* (E) para o alto e ao qual se adapta a vara ou o *cambão* (D) com que se imprimirá o movimento rotatorio. Pelo orificio que vasa a mó girante

---

[1] E. Guhl et W. Koner, *La vie antique*, Tom. 1, *La Grèce*, pag. 266. Rothschild ed. Paris, 1884.

[2] Bluteau, *Vocab.*, voc. *Mó*, pag. 521, tom. v. Coimbra, 1713.

[3] Viterbo, *Elucid.*, voc. *Azena*, pag. 156 e voc. *Camba*, pag. 231, tom. 1. Lisboa, 1798.

[4] O A. fez transportar para o Museu municipal do Porto, com destino á secção ethnographica nacional, o exemplar sobre que incide a descripção e que está completo. Procede de Beiriz, concelho da Povoa de Varzim.

ao centro, com 0m,095 de diametro, entra o milho destinado a triturar; e como da approximação das mós dependa a finura da farinha a obter é com uma cunha, mais ou menos penetrada entre o pé e a travessa, que o veio sobe ou desce e as mós ficam mais ou menos soltas. Assim se *tempéra*, pela maior ou menor junção dos discos, o apparelho; assim se apura, como convém, a moedura.

Exaradas as dimensões d'uma mó de mão procedente de Beiriz, convém annotar que outras se exhibem, nomeadamente nos diametros, mais pequenas quasi metade da descripta, e outras houve tam avantajadas que na girante se annexavam dois tufos para, aos cambões correspondentes, andarem dois moendeiros. Em qualquer dos casos o esforço empregado para o funccionamento do moente não era tam consideravel que reclamasse, as mais das vezes, a energia superior á d'uma mulher e á d'uma creança de dose annos, destacada, para tal serviço, n'um cobêrto onde a mó se installava com outros utensilios de lavoura, (fig. 5).

Cliché de R. P.

Fig. 5.—Mó de mão actual (Nabaes)

Sobre as mós dos castros são evidentes os progressos. As denominações de *andadeira* e *pé*, a innovação da *bucha*, *veio* e *segurelha*, o *regulamento* ou *tempêro* pela cunha, constituem, como accessorios e onomastico, elementos e terminologia bem conhecidos nos moinhos. Foram imitados d'estes, adoptando posteriormente os beneficios alcançados pela experiencia do moleiro da azenha e do moente accionado a gado ou á vela, ou esses pequenos progressos successivamente passaram da mó manual para as mais complexas? É grato suppôr os aperfeiçoamentos evolvendo no moinho de mão e passando seguidamente, em grande, para os de bois e para os de agoa. Mas tambem poderiam ter subsistido parallelamente com os que foram imaginados para funccionarem com gado e depois aperfeiçoados pela observação e pelo tempo. A mó manual manter-se-hia como recurso tradicional e extremo nos agostos de calma e de seccura; mas sendo grosseiro de mais o seu producto adaptavam-se á machina rudimentar os accessorios compativeis que, nos instrumentos mais perfeitos, realisavam uma farinha tambem mais fina e supportavel.

Tanto isto é presumivel que, em alguns casos, as adaptações vão até á addição, na mó volante, da *moéga* (Beiriz), da moéga e do *quelho* (Rates), d'outras modificações architecturaes de mais relêvo. É o caso de Terroso (fig. 6) em que um homem de lavoura—como as creanças procedendo por imitação habil e candida—encostou ao angulo das paredes d'um telheiro uma mó manual que uma travessa inferior ainda ajudava a supportar. Acima ficava o tronco de pyramide invertido e aberto, a *adelha*, onde era lançado o grão que uma *calha* vertia ao meio da corredoura. Como nos moinhos um *taramello* ou *chamadoiro* mantinha ininterrupta a oscillação do quelho; e inferiormente trabalhava o cambão annexado a um ferro curvo, o qual, atravessando as duas mós, punha só a superior em movimento.

Por indagações effectuadas n'um intento de certeza incontrastavel póde-se assegurar o emprego d'esta *mola manuaria*—ainda ha cerca de 30 annos e quando menos expansão tinham os moinhos de agoa e os de vento—nas seguintes freguesias de quatro concelhos confinantes: Gondifellos, Fradellos e Cavallões (Famalicão); Santa Maria e S. Martinho de Gallegos, S. Paio do Carvalhal, Grimancellos e Macieira de Rates (Barcellos); Ballazar, Terroso, S. Pedro de Rates, Laundos, Beiriz, Amorim, Argivae, Povoa de Varzim (villa), Nabaes e Estella (Povoa de Varzim); Touguinha, Arcos e S. Christovão de Rio Mau (Villa do Conde). É de crêr que outras freguesias a adoptassem, encontrando-se ainda n'ellas a memoria do seu uso. E que a generalisação foi de grande amplitude presume-se ao considerar as noticias colhidas occasionalmente em outras localidades mais distantes: Geraz do Lima (Vianna); Cette (Paredes); Travanca e Mancellos (Amarante); Murtosa (Aveiro), até em Lindoso onde, aliás, parece que a usara um soldado do concelho de Barcellos.

Fig. 6.—Mó de mão actual (Terroso)

Nos quatro concelhos onde foi possivel, com mais individuação, fixar o emprego ainda lembrado da moenda manual não sobrevivem, tam vivazes, os vestigios da atafona. Recorda-se que em Minhotães (Barcellos) uma grande mó, sob um cobêrto, era movida por um boi; por dois uma outra em Santa Maria de Gallegos e ainda em mais freguesias do concelho; outra ainda funccionava, raramente, em Louro (Famalicão). Examinada esta, os seus elementos constructivos eram os mesmos do moinho de agoa e de vento, com a differença, relativamente ao ultimo, da inversão da *entroza* que, no de bois, ficava sob o pé. Ao lado e debaixo do mesmo telheiro que abrigava a atafona, com o seu pé e andadeira, o tremonhado, o quelho, o chamadoiro, o tempêro e o masseirão, dispunha-se uma roda de azenha que ou transmittia o movimento ao tambor d'um engenho de linho, ou, de outra banda, á moenda. Para tal os dentes da roda engrenavam nos fuseis d'um carrinho cujo eixo horisontal ligava e era eixo da entroza. Esta, dentada como é sabido, por seu turno engrenava n'um carrete vertical de ferro cujo eixo, prolongado superiormente, findava, com a segurelha, na andadeira. A passo uma junta de bois moia uma rasa de milho n'uma hora.

É para annotar que n'estas regiões se não estendia a denominação de atafona (*tafona*, em Gallegos, Esposende, etc.) aos moinhos de mão, o que parece ter succedido n'outros logares como se infere de certas narrações verbaes e d'algumas passagens litterarias já distantes. [1] Mas o que resulta, em ultima analyse, é podermo-nos affirmar contemporaneos do uso de toda a especie de força motriz applicada, até agora, á moagem: mão de homem, animaes, agoa, vento e vapor—quasi desde a domestica mó castreja até ao triturador de cylindros!

Porto, março de 1903.

ROCHA PEIXOTO.

---

[1] BLUTEAU, *Vocab.* cit., voc. *Atafona*, tom. 1, pag. 624.—VITERBO, *Eluc.* cit., voc. *Azena*, tom. 1, pag. 156.

O BASTO

Não se ignora que a Martins Sarmento se deve a descoberta de tres estatuas de guerreiros lusitanos encontradas respectivamente em S. Jorge de Vizella, nas proximidades de Santo Ovidio (Fafe) e na villa de Refojos de Basto. [1] A' excepção d'est'ultima e das duas da Galliza, acaso perdidas, todas as outras se veem figuradas: a de Vianna na grande maioria das publicações que se occupam das estatuas militares lusitanas; as de Montalegre, Vizella e Fafe ainda em mais d'uma revista ou livro; [2] por fim, n'um boletim archeologico, a descoberta pelo snr. Raphael Rodrigues e descripta pelo snr. Leite de Vasconcellos— que de todas as que appareceram no paiz é a mais incompleta e peior esculpturada. [3] Restava, pois, figurar a de Basto, inedita para quem não a visitou sobre a pequena ponte em que actualmente existe, logo á entrada da Praça.

Figs. 1 e 2

Não obstante a transfiguração a que a submetteram e a que Sarmento, em mais do que em um logar, alludiu, [4] subsistem bem patentes os caracteres das suas congeneres: saio curto, adaga larga e pequena, cinturão tri-nervado, escudo redondo e á frente do abdomen, rotulas bem visiveis e, porventura, armillas nos dois braços. Todavia as modificações que soffreu quando a mudaram, em 1892 e por deliberação da Camara de Cabeceiras, da antiga ponte onde estava para aquella em que hoje póde ser observada, taes alterações constituem o mais indouto e pittoresco dos restauros que uma edilidade d'aldeia poderia gestar e decidir! A estatua surge-nos com cabeça, barretina, musculos das pernas e pés evidentemente additados; no escudo a ornamentação é manifestamente contemporanea das deturpações; no thorax lê-se em caracteres incisos, avivados hoje a amarello sobre fundo azul, PONTE | DE S MGUEL | DE REFOYS | e logo em baixo, no escudo, completando a epigraphe, DE BASTO, em caracteres negros sobre fundo branco, sendo inclusas algumas das lettras de toda a inscripção; por fim a data 1612 revela a epocha do primeiro desvario. Estão actualmente pintadas a negro as botas, as ligas (!) e a barretina; a azul, o saial; a branco, as meias e o escudo; a amarello, os galões, a golla, os punhos e os calções! Argamassa e tintas, como se vê, fizeram, allianças, esta grotesca metamorphose! Do alto, presidindo olym-

---

[1] MARTINS SARMENTO, *A proposito das estatuas galaicas*, in *Revista Academica*, n.º 3, pags. 19-21, I, Porto, 1879, artigo reprodusido na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, pags. 181-8, IV, Porto, 1896. — *Os lusitanos*, nota da pag. 40, Porto, 1880. — *Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães*, in *Revista de Guimarães*, n.º 4, pags. 185-6, I, Porto, 1884. — *Estatuas militares no Jardim Botanico da Ajuda*, in *O Occidente*, n.º 283, pag. 246, IX, Lisboa, 1886. — M. SEPULVEDA, *Historia organica e politica do exercito portuguez*, pags. 254-71, I, Lisboa, 1896; etc.

[2] SARMENTO, *Estatuas* cit., pag. 248. — SEPULVEDA, *Ob. cit.*, pags. 254-5, 257 e 258, — J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Estatuas de guerreiros lusitanos*, in *Archeologo Português*, n.º 1, pags. 30-1, II, Lisboa, 1896. — PIERRE PARIS, *Statues lusitaniennes de style primitif*, in *Arch.* cit, n.º 1, pags. 4-5, VIII, Lisboa, 1903 (reedição das figs. da ob. cit. de Sepulveda).

[3] J. LEITE DE VASCONCELLOS, *Estatua d'um guerreiro lusitano*, in *Arch.* cit., n.º 1, pags. 24-5, VII, Lisboa, 1902.

[4] *Revista de Guimarães*. Numero especial commemorativo, pag. 85, Porto, 1900. — *Estatuas* cit., pag. 246; etc.

picamente á fraude, a municipalidade—como na architectura sacra, os conegos das sés e das collegiadas!

Já as mutilações da estatua de Vianna, inicialmente descripta por Hübner, [1] originaram, ao tempo em que apenas eram só conhecidas as de Montalegre e sobre a sua data e origem nada se estabelecera de plausivel, [2] interpretações e commentarios [3] que levaram á duvida, por momentos, alguns espiritos aos quaes o restauro impressionára. Em Hespanha mesmo varios dos additamentos, como a cruz [4] e as conchas, [5] induziram certos antiquarios a recuarem indevidamente o uso do symbolo religioso e do adorno marinho.

Breve, porém se reconheceu a mutilação e até a sua causa, [6] e para logo se desvaneceram as duvidas exhibidas; [7] indirectamente se verifica, por egual, que o asserto dos archeologos portuguezes é adoptado no paiz visinho. [8]

Ora a transformação da estatua de Basto na burlesca figura, que reprodusimos agora (figs. 1 e 2), explica-se por um motivo semelhante ao que determinou a falsificação da de Vianna: n'esta pretendeu-se representar um antigo ascendente de familia; na de Basto a do vetusto symbolo local.

Effectivamente a tradição diz que em tempos chegára a Cabeceiras um guerreiro temeroso o qual, parando no pontilhão proximo da antiga alameda, dissera: *Até aqui basto eu!* Significava d'est'arte que não carecia de auxilio para se defender dos seus perseguidores. D'ahi o nome de Basto á terra e o seu symbolo eponymo figurado na esculptura lusitana, ulteriormente aformoseada sob os dictames da esthetica municipal.

A etymologia vale o restauro, e ambos muito valem para a povoação. Por isso se conta que offerecendo Sarmento cem mil reis pela estatua, foi rejeitada altivamente a proposta: só a levariam, contava n'uma carta [9] o antiquario insigne, se lá fossem conquistal-a com o 20 de infanteria!

R. P.

---

[1] Emilio Hübner, *Estatuas gallaicas*, appendice C, datado de 1861 e tradusido por Augusto Soromenho nas *Noticias archeologicas de Portugal*, do mesmo epigraphista allemão. Lisboa, 1871.—Ainda o famoso *Corp. Inscrip. Hisp. Lat.*, II, n.os 2462 e 5611.

[2] Hübner, *Obs. cits.*—Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, I, pag. 43, col. 2.ª, voc. *Ajuda*; V, pag. 440, col. 1.ª, voc. *Montalegre*, Lisboa, 1873-5.—Julio de Castilho, *Lisboa antiga*, pags. 30-4, I, 2.ª parte. Coimbra, 1884.—Manuel Murguia, *Galicia*, pags. 37-8 e 67. Barcelona, 1888; etc.

[3] Luiz de Figueiredo da Guerra, *Vianna do Castello*, pags. 97-8. Coimbra, 1878.—*O Instituto*, pags. 141 e 143, XXVI, 2.ª serie (sessões de maio e agosto de 1878). Coimbra, 1879.

[4] Godoy Alcantara, *Iconografia de la cruz y del crucifijo en España*, in *Museo español de antiguëdades*, pags. 65-6, III. Madrid, 1874.—Rada y Delgado, *Ladrillos sepulcrales cristianos que se conservam en el Museo Arqueòlogico Nacional*, in *Museo* cit., pag. 590, VII. Madrid, 1876.

[5] Villa-Amil y Castro, *Armas, utensilios y adornos de bronce recogidos en Galicia*, in *Museo* cit. pag. 67, IV. Madrid, 1875.—Ainda do mesmo: *Adornos de oro encontrados en Galicia*, in *Museo* cit., pags. 547-8, III.

[6] Sarmento, *A proposito* cit., in *Rev.* cit., pags. 186-8.—*A estatua do Pateo da Morte*, in *O Pantheon*, pags. 382-4. Porto, 1880-1, artigo reprodusido na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* cit., pags. 189-90, IV.—Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, pag. 102, II. Clavel ed. Porto, 1882.

[7] Figueiredo da Guerra, *Estatua callaica de Vianna*, in *Pero Gallego*, pags. 3-4, n.º 15. Vianna, 1882, artigo reprodusido na *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* cit., pags. 192-4, IV.—*Exposição de arte ornamental do districto de Vianna em agosto e setembro de 1896*, pags. 8-9. Vianna, 1898.

[8] Ramón Mélida, *Idolos ibericos*, in *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, pag. 149, I, 3.ª epoca. Madrid, 1897.

[9] Sepulveda, *Ob. cit.*, nota de pag. 256.

ETHNOGRAPHIA AÇORIANA

A ALFAIA MARITIMA DA ILHA DE S. MIGUEL

Como era natural, a industria da pesca, que foi tambem uma das industrias primitivas da humanidade, existente desde as épocas mais remotas, começou a ser exercida nos Açores logo no principio da colonisação, tanto mais que, conforme o testemunho dos antigos chronistas insulanos, o peixe de varias qualidades abundava então excepcionalmente nos mares de todas as ilhas.

Um fidedigno historiador açoriano do seculo XVI, o Dr. Gaspar Fructuoso, conservou-nos, no seu precioso manuscripto, a descripção dos processos rudimentares de pesca usados pelos primeiros povoadores de S. Miguel, e uma lista das especies que elles capturavam, facil de identificar pela persistencia ethnica das denominações vulgares. Eis a parte, que especialmente nos interessa agora, da sua pormenorisada narrativa:

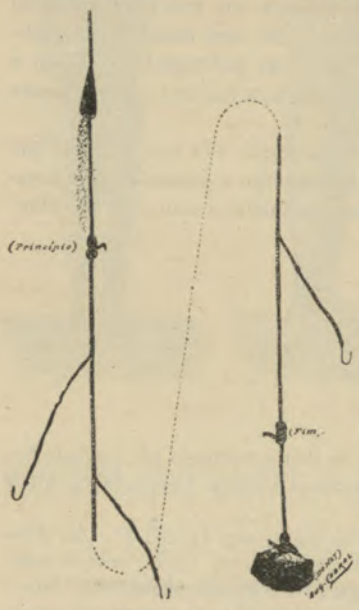


Fig. 1.—Gatoeiro

«Depois de achada esta ilha mais de cinco annos não havia homem que tivesse anzolo. Costumavam faser hua isca grande de carne amarrando a hua linha, e atando a linha a hua vara de ginja por não haver ainda cana nesta terra; d'esta maneira pescavam, e era tanto o peixe que então matavam e mais d'elle sem anzolo que agora com elle.

...«Ás vezes tomavam no principio muito peixe de toda a sorte com pregos dobrados; e outras veses sem pregos, e sem anzolos, se não somente com as mãos tomavam peixes que andavam á borda d'agoa...» [1]

Desenvolvida a pesca costeira, e, com o tempo, tendo-se tornado insufficiente o seu producto, pelo augmento da população, que succedeu rapidamente, e pelo provavel empobrecimento das margens em consequencia da sua exploração intensiva e imprevidente, iniciou-se, por sua vez, a pesca do alto. Mas, a construcção de um barco não era,—n'esse tempo,—em que a organisação social principiava a constituir-se e as relações economicas se redusiam quasi só ao escambo por falta de circulação,—simples empresa de pouca monta, nem de pequeno dispendio. Foram, por isso, as casas nobres que adquiriram as primeiras embarcações que houve nas ilhas, e que os pescadores tomavam, sob a condição de fornecerem o melhor pescado ao proprietario ou «Senhor do Barco». [2] Ainda em 1555, isto é, mais de um seculo depois de iniciada a povoação de S. Miguel, havia poucos bateis de pesca na ilha, se acreditarmos a allegação apresentada pelos proprios pescadores n'um aggravo que interposeram para a Casa da Supplicação contra um almotacé que pretendia taxar-lhes o pescado, contra o uso e parece que contra uma disposição expressa do infante D. Fernando, duque de Vizeu e mestre da Ordem de Christo, então senhoria das ilhas. [3]

Não se encontra com facilidade elementos para estudar a evolução da industria piscatoria, e a progressiva transformação da alfaia respectiva nos Açores. O que sabemos com mais segu-

---

[1] *Saudades da Terra*, liv. IV, cap. 54, no *Archivo dos Açores*, vol. XII, pag. 146.

[2] JOSÉ DE SERPA, *A industria piscatoria nas ilhas Fayal e Pico*, pag. 18.

[3] Vid. a sentença da Casa da Supplicação, que resolveu o conflicto a favor dos pescadores, no *Arch. dos Açor.*, vol. V, pag. 419 e segs.

rança é que os ilhéos se mostraram desde o começo audaciosos e afoitos na exploração do mar. De uma passagem da chronica do padre Antonio Cordeiro [1] collige-se, por exemplo, que os pescadores michaelenses se arriscavam a navegar até a visinha ilha de Santa Maria, atrevendo-se portanto a fazer um percurso de 50 milhas nos mesquinhos barcos que então seriam os d'aquelle tempo. N'estas condições é licito suppôr que o incremento das pescarias açorianas seria constante, e de facto vemos que no seculo passado ellas tinham attingido, na ilha de S. Miguel, uma grande importancia e consideravel desenvolvimento. Por alvará de 18 de junho de 1787 estabeleceu-se, entre outras providencias de intelligente e adequado fomento da pesca nacional, que fosse isento de direitos por dez annos: «todo o peixe que das ilhas adjacentes possa vir salgado a este Reino», [2] e em virtude d'essa concessão principiou a fazer-se uma valiosa exportação de S. Miguel, que se manteve durante alguns annos.

Presentemente é insignificantissima a quantidade de pescado salgado que sahe da ilha, e a industria do azeite de peixe, que ainda ha trinta annos florescia tão vantajosamente, esmoreceu tambem com a decadencia do consummo.

N'este artigo, como contribuição para o estudo da ethnographia do povo açoriano, enceto a descripção da alfaia maritima e piscatoria da ilha de S. Miguel. A «pesca da baleia», de que me não occupo agora, tem direito, pela sua natureza especial, a uma monographia independente.

Fig. 2.—Inchalavar

Decerto me não seria possivel publicar este trabalho sem a collaboração, tão intelligente como dedicada, do meu amigo e talentoso artista snr. Augusto Cabral, que não só executou os primorosos desenhos que o acompanham, e que são reproducções feitas do natural, com a mais meticulosa fidelidade; mas tambem colligiu, em Ponta Delgada, com desvelado empenho, o melhor numero das informações de que me aproveitei a respeito dos apparelhos de pesca michaelenses. Não posso, por isso, deixar de manifestar-lhe aqui, desde já, o meu vivo reconhecimento pela sua valiosa cooperação.

I.—OS BARCOS

Barco da Villa.—Este typo de embarcações parece ser caracteristico de S. Miguel. Qual seja a origem da denominação local com que são invariavelmente distinguidas, não é facil decidir hoje, porém. Seria em Villa Franca do Campo,—a Villa, por abreviatura,—que se construiu o primeiro barco de tal feitio? Villa Franca foi a segunda povoação da ilha, e teve barcos desde os mais antigos tempos, como se conclue d'esta informação de Fructuoso: «Os porcos do monte eram tantos e tão bravos que davam trabalho aos monteiros; havia infinidade d'elles além da cidade da Ponta Delgada para aquella banda de Santa Clara até a casa de Francisco Ramalho, onde os hiam montear os moradores de Villa Franca, levando mantimentos em seus bateis para alguns dias; nos quaes fasendo salga nelles se tornavam com muitos para a mesma Villa». [3] Bar-

---

[1] *Historia Insulana*, liv. IV, cap. V, pag. 145 do vol. I da 2.ª edição.

[2] *Collecções de leis sobre a Pesca desde março de 1552 até janeiro de 1891*, pag. 53 e segs. Vid. tambem o decreto interpretativo de 7 de agosto de 1790, a pag. 57-58. Por alvará de 15 de junho de 1825 foi prorogada por mais dez annos esta isenção, *loc. cit.*, pag. 73-75.

[3] *Loc. cit.*, pag. 143.

cos da Villa quem os tem é Villa Franca tambem, mas na povoação ha dois ou tres, e na Ribeira Quente egual numero. Em todo o caso, d'aqui ou d'acolá, são tudo—«barcos da Villa».

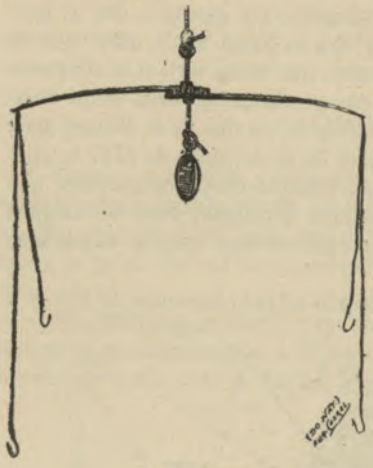


Fig. 3.—Bésta

O marquez de Folin apresentou já o croquis de um barco da Villa; [1] a nossa gravura representa outro, desenhado a um largo, com vento da *alheta*. É uma embarcação sem coberta, tendo, como dimensões regulares, 18m,30 de comprimento por 2m,60 a 3m de bocca, e tres mastros, em que se içam varas a que andam ligadas velas triangulares. A vela maior é a de avante, sendo a do meio menor e a de traz ainda mais pequena. Alguns barcos, além d'estas tres velas, usam um panno de prôa, que tem o nome de *giba*. [2] Possuem todos boas condições para o mar, e, como são muito finos, attingem marchas de 9 a 10 milhas por hora. A sua tripulação normal regula por 8 homens e 2 rapazes.

Um barco da Villa das dimensões indicadas, prompto a navegar, póde importar em 600$000 reis. [3]

Estas embarcações empregam-se na cabotagem, havendo mesmo duas ou tres d'ellas que, no verão, viajam entre S. Miguel e Santa Maria, condusindo cargas e até passageiros.

Jeques de pesca. — Os barcos de pesca, chamados vulgarmente *jeques*, são muito finos, com esplendidas entradas e sahidas de agoa, bolinando admiravelmente, e reunindo a isto outras excellentes condições para o mar. As cavernas são de cedro e o forro de pinho do norte, pregado a prego de ferro, e mais modernamente já com prego de cobre. São pintados de preto, tanto exterior como interiormente, tendo apenas os bancos pintados a azul claro. Tem um ou dois mastros, e igualmente uma ou duas varas, a que se ligam velas latinas, sendo a de avante *(traquête)* maior que a de ré *(vela grande)*. Alguns usam tambem a *giba*.

Um jeque de 30 pés (9m,15) de comprimento por 5 e meio pés (1m,68) de bocca, com todos os seus petrechos, excepto rêdes e linhas, póde custar 140 a 150$000 reis.

Os principaes pertences de um jeque são, além dos mastros e varas das velas, um leme, tres varas para armar a rêde de chicharro, um ou dois bicheiros, cabos (incluido o que serve para dar fundo, que é feito de vime, e que, com uma extensão de 24 braças e cerca de 25 millimetros de diametro se vende no mercado de Ponta Delgada por 300 reis), adriças, facão de picar engodo, lascas e outras coisas miudas. A *lasca* é um pedaço de madeira de buxo, talhado de fórma a cobrir n'uma extensão de 0m,60 a 0m,80 a borda do barco, para evitar que a linha, ao ser puchada, abra sulcos no costado da embarcação; perpendicularmente a ella ha um cabo de madeira de 0m,30 a 0m,40 de comprimento, que enfia entre a *draga* e o *forro*, ficando assim a *lasca* perfeitamente firme. Cada pescador tem a sua, que custa 1$250 reis.

Fig. 4.—Pregueiro

Cada barco tem tambem dois ou quatro remos, nunca mais de quatro. Devem poucos favores á linha recta, como se vê na gravura que os representa em planta e em al-

---

[1] Marquis de Folin, *Bateaux et Navires*, pag. 118.

[2] Sobre este e outros termos, cfr. o *Vocabulario Marujo* de Mauricio da Costa Campos.

[3] Todas as indicações de preços dadas n'este artigo são referidas em moeda açoriana, que, como se sabe, tem o augmento de 25 % sobre o seu valor legal no continente. Assim 600$000 reis insulanos representam apenas 480$000 reis na moeda portuguesa continental.

çado; mas, no mesmo caso, de resto, estão os mastros e as varas das velas, tanto nos jeques de pesca como nos barcos da Villa. O pau e a pá são de alamo. Para que o remo não torça, tem por ante-a-ré e por ante-avante do pau, e pregados a este, uns bocados de madeira de vinhatico, ou louro, que se chamam *cádos*, e teem ambos um furo em que enfia o *tolête*, que é sempre de buxo. Para «tarear o remo», como os pescadores michaelenses dizem, prega-se-lhe, muito proximo do punho, um bocado de madeira, que se denomina *sobrepôsto*, e em virtude do qual fica o remo quasi em equilibrio, porque sempre pende para o lado da pá, servindo o tolête de ponto de apoio. Cada remo para uma embarcação regular, com 6 ou 7 metros de comprimento, custa 600 a 700 reis.

A tripulação de um batel de pesca varia conforme o seu tamanho. Assim, pequenos barcos de 3 a 5^{m} de comprimento levam 2 homens, e algumas vezes simplesmentente um homem e um rapaz; barcos de tamanho regular (5 a 8^{m}) levam 8 homens e um rapaz; barcos grandes, de 8 a 10^{m}, levam 9 homens e 2 rapazes. Estes rapazes teem por missão fazer engodo, preparar isca,

Fig. 5. — Rêde de chicharro

arrumar certas miudezas do barco, etc. Ha creanças que começam a acompanhar os paes para o mar aos 5 e 6 annos!

É n'estes mesquinhos barcos de 25 a 30 pés de comprimento, e sem cobêrto, que os pescadores michaelenses se embarcam atrevidamente, e cortam, á vela ou a remos, para as paragens de pesca d'elles conhecidas, [1] já enfiados com marcas em terra, já com o auxilio da bussola, chegando ás vezes a distanciar-se tanto da costa que avistam as cumieiras das Sete Cidades e a serra da Agoa de Pau «quasi aguadas», isto é quasi rasas com o horisonte. É n'elles que se mettem para ir pescar até ao banco chamado por elles «mar da Espiga», que fica proximamamente a meio do canal entre as duas ilhas de S. Miguel e Santa Maria (22 milhas). E a taes distancias da terra, sem avistarem o fumo das chaminés dos seus bairros, da Calheta ou de Santa Clara, passam muitas vezes uma noite balançados dentro dos seus frageis esquifes.

Os pescadores das Feteiras e dos Mosteiros, os dois portos de pesca que ficam situados na ponta Oeste da ilha, são principalmente citados pelo seu arrojo e pela sua audacia.

---

[1] Os pescadores de S. Miguel conhecem differentes paragens mais ou menos abundantes de peixe a que chamam «mares». Ha os «mares de peixe de azeite», e os «mares de peixe de comer». Os principaes, entre os primeiros, são: o mar da Villa, o mar do Ouriço, o mar do Ferro, o mar Bravo, etc.; e entre os segundos: o mar da Prata, o mar da Farinha, o mar da Espiga, o mar do Porco, o mar de José Gaspar, o mar do Cruzeiro, o mar do Ramalhão, o mar da Egreja, o mar do Tambor, o mar do Cachaço, etc.

II.—AS RÊDES

TRESMALHO.—Esta rêde de cercar é o maior apparelho usado pelos pescadores michaelenses, e que elles empregam em enseadas onde os fundos sejam regulares, afim de que a rêde não pegue ao ser arrastada.

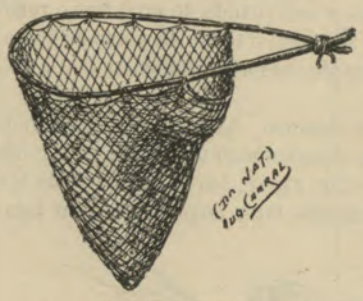


Fig. 6.—Camoeiro

Um tresmalho póde ter 15 a 20 braças de comprimento por 4 a 6 de largura, com malha de pollegada de lado e fio de 2 $^1/_2$ millimetros de diametro. Pela parte superior do panno, no sentido longitudinal, para que a rêde fluctue, ha umas cortiças de 3 a 4 pollegadas de lado com 1 $^1/_2$ de espessura, ligadas á tralha de meia em meia braça. Na tralha da parte inferior, tambem no sentido longitudinal, e egualmente de $^1/_2$ em $^1/_2$ braça, amarram-se pedras lisas de 2 a 3 kilos de peso *(pandulhos)*, que forçam a mesma tralha a conservar-se em contacto com o fundo.

O preço de um tresmalho das dimensões indicadas oscilla entre 20 a 24$000 reis, podendo durar, bem cuidado, 5 annos.

Conforme o tamanho do cerco, unem-se 6, 7 e mesmo 8 rêdes, que em tal caso tomam o nome especial de pannos, constituindo assim um tresmalho ás vezes de 160 braças de comprimento. Basta um barco para lançar esta rêde e a juncção dos pannos faz-se na propria occasião, consoante as necessidades do cerco, e dentro do mesmo barco. Este approxima-se de um ponto quasi ligado á terra, e começa por ahi a arrear os pannos; sobre remos, e remando devagar, vae descrevendo, em seguida, um arco de grande raio, até que arreado todo o apparelho, pára n'esse extremo, emquanto um segundo barco vae ligar-se ao outro. O lançamento exige apenas 2 homens, que gastam na operação 20 minutos a meia hora, sem dependencia de maré alta ou baixa. Como é grande a extensão do arco, para facilitar o levantamento do apparelho, dois ou tres barcos mais, collocados pelo lado exterior da curva, em pontos convenientes, ajudam, por meio de remos, a arrastar a rêde, emquanto as duas embarcações dos extremos a vão puchando tambem, mas em sentido envolvente. Se o fundo é bom até á borda de agoa, a rêde póde ser puchada de terra e o peixe colhido ahi mesmo; se é improprio para arrastar, aperta-se cada vez mais o cerco até deixar só a área sufficiente para que um barco possa entrar e armar a rêde de chicharro, com a qual levanta todo o peixe. Muitas vezes, depois de lançado o tresmalho, os pescadores reconhecem que ha tambem peixe miudo no sitio, e então formam nó pela parte interior com rêdes de chicharro, para não deixar escapar nada. O tempo preciso para lançar o tresmalho, fechar o seu arco, apertal-o e colher o peixe, bem como o apparelho, em condições normaes, são 2 a 3 horas, e já se tem carregado, com uma redada d'estas, tres barcos de peixe, no valor de 200 a 250$000 reis. Os tresmalhos são destinados á captura de sargos *(Sargus Rondeletii)*, salemas *(Pagellus bogaraveo)*, chicharros *(Trachurus trachurus)*, enxovas *(Temnodon saltator)*, cavallas *(Scomber scomber)*, serras *(Pelamys sarda)*, bicudas *(Sphyraena vulgaris)*, mujas e tainhas *(Mugil chelo)*, sardinhas *(Clupea pilchardus)*, etc.

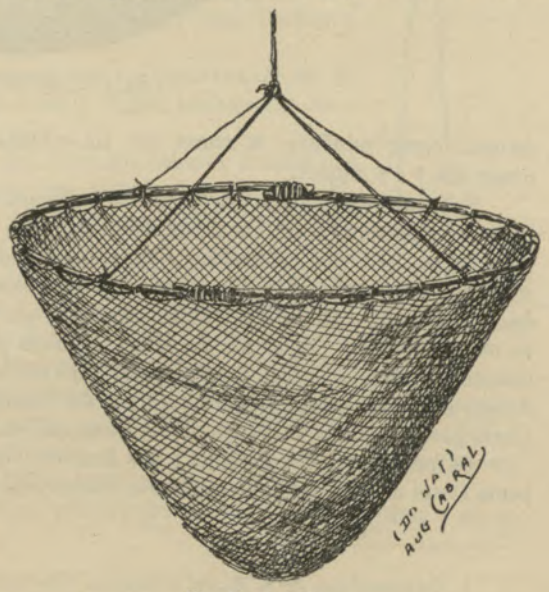


Fig. 7.—Inchalavar

Rêde de emmalhar.—Ha poucas rêdes d'este genero, e raras vezes se largam, por não se prestarem ao seu funccionamento as costas de S. Miguel.

Tem 25 braças de comprimento, com 5 a 6 de altura, malha de 4 pollegadas de lado, fio de 2 millimetros de diametro, cortiças e pandulhos como o tresmalho. É amarrada em terra e a uma boia. Lança-se á noite e levanta-se de madrugada, colhendo alguma enxova, serra e tainha.

Uma rêde d'estas póde custar 20$000 reis e é de longa duração.

Rêde de chicharro.—Esta rêde, que apesar do seu nome particular tambem se usa para a pesca da sardinha, e o inchalavar grande são as unicas que em S. Miguel se empregam no alto mar. Tem 9 a 10^{m} de comprimento por 8 de largura, malha de meia pollegada de lado, e fio de 2 millimetros de diametro. Para a armarem lançam, no sentido transversal do barco, 3 varas de 5 a 6^{m} de comprimento, tendo cada uma na extremidade um moitão, por onde enfia um cabo, cujo chicote amarra a uma vara intencionalmente arqueada, a que está ligada a tralha da rêde. Puchando os cabos até que a vara da rêde «beije» os moitões, esta sahe tambem transversalmente ao barco. A' tralha opposta á da vara ligam-se 3 ou 4 cordeis, cujos tiradores ficam dentro do barco, e que, arreados convenientemente, bem como os cabos dos moitões, manteem a rêde a 3 ou 4 braças abaixo do nivel da agoa. Nas tralhas lateraes, e a meio de cada uma, ha uns cordeis, que teem o nome de *aranhas,* os quaes são puchados de cima dos leitos do barco no acto de suspender a rêde. Mergulhada a rêde, lança-se ao mar o engodo, que póde ser de batata dôce *(Convolvulus batata)* ou ingleza, mas cosida e misturada com sardinha salgada ou fresca. Assim que ha petinga sufficiente para uma redada, suspende-se a rêde por meio dos cabos dos moitões, dos cordeis do outro lado da tralha, e das aranhas, mas de fórma que o peixe não fique em secco, tirando-o com um balde, logo, do ponto onde se accumulou, e lançando-o, acto continuo, na pequena canôa amarrada ao lado do barco, onde a petinga se conserva viva. Esta canôa, de 2 a 2^{m},5 de comprimento por 0^{m},80 a 1^{m} de largura, de cavernas, e forrada de taboas de boâna de caixaria, deixando entre uma e outra taboa 8 a 10 millimetros de junta, o que lhe permitte encher-se de agoa rapidamente, é uma construcção muito ligeira, como se vê, e que não custa mais material e mão de obra que 5 a 6$000 reis. Vae dentro do barco, á ré; no sitio em que se «descobre a isca» (carapau, petinga, boguêta, peixe miudo em somma) é lançada á agoa e amarrada ao lado do barco, prolongada com o costado. Como não é calafetada afunda-se até ficar com um palmo de borda apenas fóra de agoa.

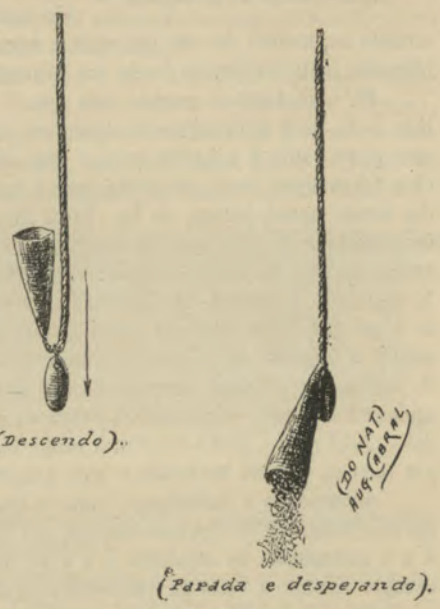


Fig. 8.—Manga

Logo que a quantidade de petinga capturada é sufficiente, recolhe-se a rêde, armam-se os remos, e o barco, rebocando a canôa onde o peixe vae vivo, trata de procurar qualquer paragem frequentada pelo dourado *(Coryphaena equisetis),* bonito *(Thynnus pelamys)* serra, etc. Para isso vae á pôpa, de pé, um pescador «experimentando o mar». Eis o processo de que se serve. Com o *camoeiro,*—que é uma pequena rêde tendo o diametro de 0^{m},30 × 0^{m},30 de altura, com malha de meia pollegada de lado e fio de um millimetro de diametro, affectando a fórma de uma pyramide e tendo a base ligada em parte a um marmeleiro, que lhe dá a fórma circular,—colhe da canôa meia dusia de peixinhos que atira ao mar. Se os bonitos andam pelas proximidades é certo que accodem immediamente ao peixe miudo.

A rêde de chicharro custa, em média, 40$000 reis, e, sendo bem tratada, póde durar quatro a cinco annos.

INCHALAVAR.—O snr. Baldaque da Silva [1] descreve (pags. 266-267) e figura (pag. 263), com o nome de «enchelevar», que suppõe uma corrupção de «encher» e «levar», um apparelho um pouco diverso do michaelense, e que não é usado propriamente como apparelho de pescar, mas sim para tirar e transportar a pescaria colhida por outros apparelhos. Em S. Miguel o inchalavar—(esta graphia é a que nos pareceu reprodusir mais fielmente a pronuncia local)—é uma verdadeira rêde envolvente de suspensão com que se pesca.

Fig. 9.—Tarrafa (ao ser lançada)

O apparelho é composto de um arco de madeira (alguns ha, mas poucos, de ferro) ao qual se liga pela tralha uma rêde de fórma conica. Dividido o arco em tres ou quatro pontos eguaes, partem d'estes pontos outros tantos cordeis, que se vão ligar a um cabo, que serve para arrear e içar o apparelho, enfiado no moitão de um pau que o barco lança pela borda fóra. Para que a rêde mergulhe facilmente mette-se-lhe no fundo um pandulho, ou pedra lisa de 4 a 5 kilos de peso.

Ha o *inchalavar grande*, que tem 3 a 3,5 metros de diametro, com malha de pollegada de lado e fio de 2 millimetros de diametro, podendo custar 8 a 10$000 reis; e o *inchalavar pequeno*, que póde valer 6 a 7$000 reis, e que differe d'aquelle tanto em ser menor o diametro do arco (2 a 2,5 metros), como na malha, que é apenas de meia pollegada de lado, sendo egual, porém, no fio. Tanto um, como outro, dura tres annos. O inchalavar grande, que se emprega ás vezes no alto mar, arria a 40 braças abaixo do nivel da agoa, demandando a sua manobra 3 homens. É destinado á apanha das cavallas *(Scomber scomber* e *Scomber colias)*, se bem que póde capturar outra qualquer qualidade de peixe. Termo médio, a quantidade de pescado obtida n'uma redada, rende 6$000 reis. O inchalavar pequeno arria a 5 ou 6 braças, e a sua manobra exige apenas 2 homens. Serve para a pesca da garoupa *(Serranus scriba)*, bodião *(Julis pavo)*, peixe-rei *(Coris julis)*, etc. Em cada lance do inchalavar (arrear, demora no fundo e içar) dispende-se meia hora.

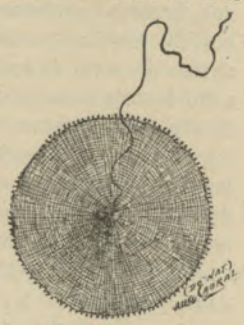


Fig. 10.—Tarrafa (como deve cahir na agua)

Acompanha o inchalavar, tanto o grande como o pequeno, um apparelho subsidiario, chamado *manga*, em fórma de pyramide conica, com 3 a 4 pollegadas de diametro e 8 a 10 de altura. É um cartucho de panno, preto ou azul para escapar melhor á vista da tintureira *(Carcharias glaucus)*, que é o grande inimigo das linhas dos pescadores, e que se liga, pelo vertice, a um cordel de 3 a 4 millimetros de diametro, e de extensão variavel conforme o fundo a que é preciso largar o engodo de batata e sardinha misturadas com que o seu recipiente está cheio. A manga desce rapidamente (em virtude de um peso de chumbo de 800 a 1000 grammas preso ao seu vertice) com a base voltada para cima; mas, quando chega á profundidade determinada, volta-se por effeito da paragem brusca do cordel, e, animada por movimento que o pescador transmitte a este, vae despejando o engodo na zona desejada.

Fig. 11.—Tarrafa (no acto de ser puchada)

Antes de se empregar a manga é costume «experimentar o mar». Para esse fim é arreado a 40 ou 50 braças um apparelho com anzoes iscados, por exemplo a *bésta*, que adeante descrevemos. Se o peixe morde, é logo preparada a manga, que desce a espalhar engodo áquella profundidade, é puchada logo que está despejada, cheia outra vez e novamente arreada, mas já a menos profundidade, e assim successivamente, conseguindo por este meio engenhoso atrahir o peixe até á altura conveniente. Alcançado isso é arreado o inchalavar,

[1] *Estado actual das pescas em Portugal*, 1891.

a 10 braças supponhamos, e a manga, na mesma linha, a 7 ou 8, de fórma que o engodo, depois de sahir do envolucro, desce para a rêde. De subito, e o mais rapidamente possivel, pucha-se então o apparelho até que o arco fique um pouco fóra d'agoa; a parte que encosta ao barco é levantada e posta sobre a borda, e com uma vara mettida entre o arco e a tralha suspende-se a opposta. Pequenos solavancos dados á rêde fazem com que o peixe venha para o lado do barco, d'onde é tirado com um balde ou á mão.

Folle.—Este apparelho, cujo arco tem 2 metros de diametro, é muito semelhante ao inchalavar. Só differe no tamanho da malha, que é de 2 pollegadas de lado, e no fio de 3 millimetros de diametro. É sempre arreado de bordo, mas bastante proximo da costa, em fundos regulares de 6 a 9 braças, sendo preferidos os de rocha, que tenham nas proximidades grutas, cavernas ou buracos, que constituem a habitação predilecta da lagosta *(Palinurus vulgaris)*, a cuja pesca é destinado especialmente, embora possam entrar n'elle garoupas, besugos *(Pagellus acarne)*, abroteas *(Motella tricirrata)*, mesmo morêas *(Muraena helena)*, etc.

O folle necessita de fundos planos, para que não fique o arco a que estão presos pandulhos, levantado de um ou outro lado, o que mais ou menos difficultaria a entrada das lagostas, ainda que ha occasiões em que ellas são em tanta abundancia que chegam a vir presas nas malhas da rêde pelo lado exterior. A isca, de morêa escalada, garoupa, sargo, qualquer peixe de pelle rija emfim, vae amarrada no fundo da rêde, e para attrahir o crustaceo ao sitio onde mer-

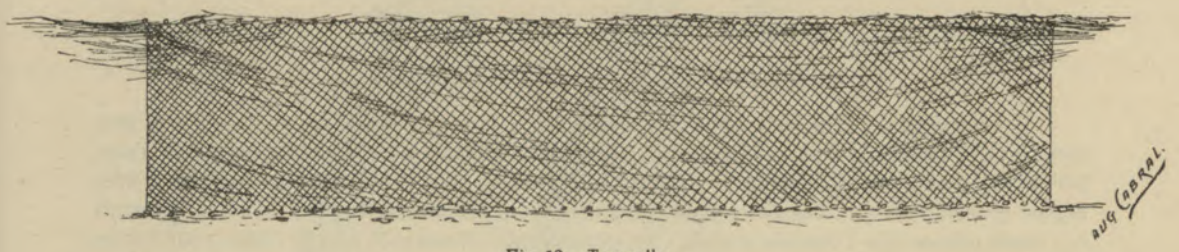


Fig. 12.—Tresmalho

gulha o apparelho os pescadores teem o habito de servir-se tambem da manga, carregada com engodo feito de sardinha, queimada na brasa «para dar cheiro». [1]

A manobra do folle exige apenas 2 homens e a sua demora no fundo, em condições regulares, dura meia hora. O barco deve estar bem firme durante a operação, para o que se lhe dá fundo a duas pontas.

O preço d'este apparelho regula por 2$500 a 3$500 reis. Um lance regular póde deixar 2$000 reis, mas tem havido raras vezes, lances de 5 a 6$000 reis.

Tarrafa.—A tarrafa açoriana, a unica rêde que em S. Miguel é lançada de terra, e quasi sempre em poços, é bastante differente do apparelho do mesmo nome usado como rêde de cerco volante na pesca da sardinha no Porto [2] e nas enseadas de Entre Cabos da Rocha e Espichel e de Setubal; [3] mas é semelhante á tarrafa usada no rio Guadiana, nas proximidades de Mertola, [4] onde, de resto, existem poucas e se usam raramente. Nos Açores é uma rêde de fórma circular, tendo de diametro 2,5 a 3 metros. Em toda a volta da circumferencia, e a distancias de palmo, estão ligados uns pequenos chumbos, que, procurando a vertical logo que a rêde cahe na agoa, obrigam a fechar-se todo o apparelho, tomando então aspecto de um cone, cujo vertice está preso

---

[1] E' o que elles chamam sardinha *soborralhada*.

[2] Carlos M. da Silva Costa, *Relatorio da capitania da cidade do Porto em 3 de julho de 1889 dcerca da industria da pesca*, pag. 12.

[3] A. A. Baldaque da Silva, *Estado actual das pescas em Portugal*, pags. 240-241.

[4] Alfredo Ghira, *Relatorio sobre a pesca maritima e fluvial e industria da pesca no districto maritimo de Villa Real de Santo Antonio*, pags. 27-28 e fig. 8 da est. v.

a um cordel de 8 a 10 millimetros de diametro, cuja extremidade fica em poder do pescador. A sua malha é de meia pollegada de lado e o seu fio de 1 a 1 $^1/_2$ millimetro de diametro.

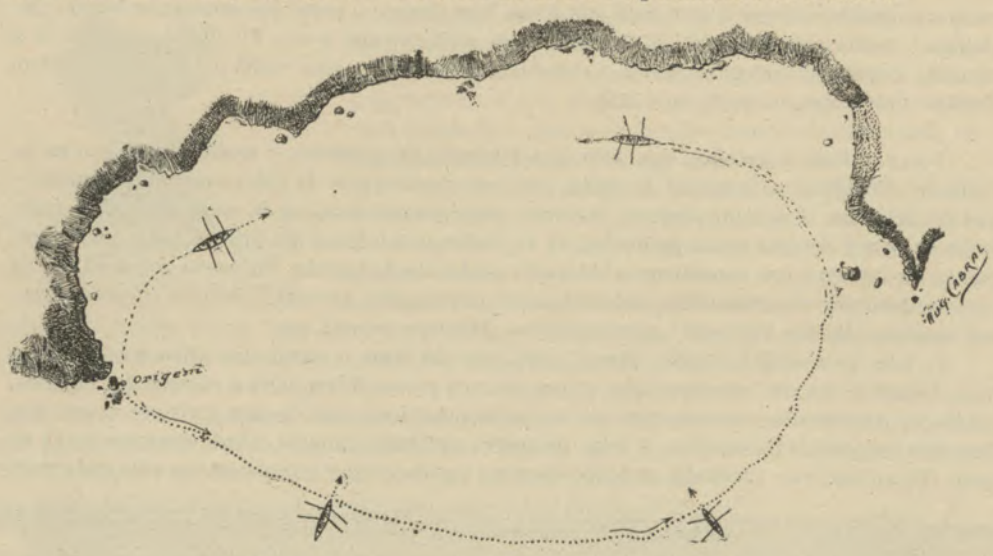


Fig. 13.—Planta de uma enseada, (barcos lançando uma rêde de cercar)

O lançamento d'esta rêde, cuja descripção foi já feita por outro auctor, [1] demanda uma certa arte, e quem não está habituado á sua manobra arrisca-se a cahir ao mar envolvido n'ella, por se lhe prenderem facilmente as malhas nos botões do fato. A' vista dos excellentes e fidedignos desenhos do snr. Augusto Cabral comprehende-se facilmente, de resto, o feitio da tarrafa e o modo porque ella é lançada e alada. Na estampa, que citamos, do snr. A. Ghira, póde vêr-se igualmente a sua posição no fundo. O custo de uma tarrafa é de 2 a 3$000 reis, e taes sejam as condições que n'um só lance ella traga peixe no mesmo valor. A sua duração é de tres annos. Serve para apanhar sargos, salemas, mujas e outros peixes miudos.

Tannagem. — As rêdes que acabamos de descrever são todas de linho fiado, e, excepto a tarrafa, devem tomar, uma vez cada anno, um banho de infusão de casca de faia *(Myrica faya)*. Em uma dorna grande ajunta-se a casca d'aquella essencia, cortada em pequenos bocados, e lança-se sobre ella agoa a ferver. Assim se deixa estar, sem se lhe mecher, durante quatro ou cinco dias, findos os quaes, e por sua vez mettida na dorna a rêde, que, depois de bem encharcada, se

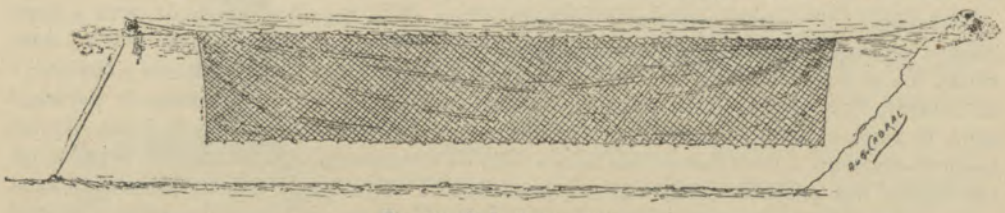


Fig. 14.—Rêde de emmalhar

tira, e estende a seccar. [2] Ao cabo de dois dias está secca, e com um tom de tijolo escuro, que é conveniente para não afugentar o peixe.

---

[1] José Candido Corrêa, *Policia da exploração das aguas*, pags. 155-156.

[2] Em Buarcos dá-se o nome de «encasque» a uma operação semelhante, que se realisa n'uma infusão de casca de salgueiro. Vid. *Portvgalia*, pag. 153.

III. — APPARELHOS DIVERSOS

Caniços. — Ha-os desde braça até 4 braças, recebendo n'este caso o nome de *cannas* ou *varejões*.

Os caniços servem para a pesca de borda de agoa, usando-se os de tamanho médio a bordo tambem; as cannas ou varejões só servem para pescar a bordo.

Para a pesca do dourado, bonito e serra, os varejões de canna da India teem 3,5 a 4,5 metros de comprimento, mantendo na ponta um marmeleiro de 1 metro de comprimento, com 8 a 10 millimetros de diametro maximo, e a cujo extremo mais delgado se liga uma linha de 2 a 2,5 braças e de 2,5 a 3 millimetros de diametro, na qual está empatado o anzol. O peixe miudo, vivo, que serve de isca, é anzolado pelo lombo; na agoa toma naturalmente varias direcções, e, para tornar mais perfeito o disfarce, um pescador em pé á prôa do barco não cessa de atirar

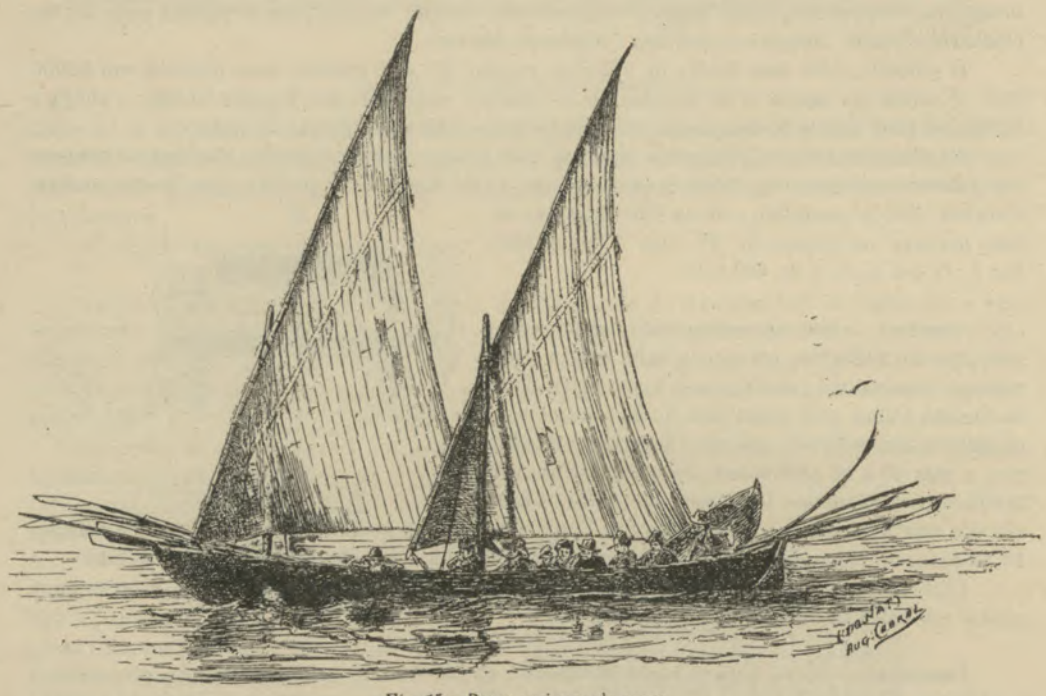


Fig. 15. — Barco ou jeque de pesca

peixe miudo ao mar com o camoeiro. N'esta pesca nunca trabalham menos de 7 cannas, e é tão ligeira que, em boas condições, póde, em uma hora, carregar-se um barco de dourados, bonitos e serras, valendo tal carregamento cerca de 100$000 reis.

Lóro. — O lóro é uma linha simples de pesca, que se usa só para a captura da albacora *(Orcynus alalonga)*. Faz-se com um cordel de 0m,90 a 1 metro de comprimento e de 3 a 4 millimetros de diametro, forrado de arame na extensão de 60 a 70 centimetros. Em um extremo prende-se um grande anzol, fabricado mesmo na terra por qualquer ferreiro habil, e cujo custo é de 120 reis; no outro extremo faz-se uma *alça*, em que se amarra a linha de pesca, de 4 a 5 millimetros de diametro. A isca faz-se com peixe vivo, chicharro, cavalla ou paxão.

Gatoeiro. — E' um apparelho de linha com grande numero de anzoes, que se usa para a pesca das quelmas *(Centrophorus squamosus?)* Compõe-se da *madre*, cordel de 5 a 6 millimetros de diametro e extensão variavel e de numerosos anzoes de 10 reis (60, em média) estorvados,

cada um de per si, e a intervalos proximamente de 3 palmos, na extremidade de uma linha de 2,5 a 3 millimetros de diametro, com 0m,70 de comprimento. Parte d'esta segunda linha na extensão de 40 a 50 centimetros a partir do anzol para a arraigada do estorvo, é forrada de arame e tem o nome particular de *lóro*. A metro e meio ou 2 metros acima do primeiro anzol está ligada á madre uma manga, que despeja o engodo, em consequencia da sua posição, parallelamente á madre do gatoeiro, de que resulta percorrer elle, na sua descensão, todos os anzoes; a cerca de um metro ou metro e meio abaixo do ultimo estorvo termina o gatoeiro por um pandulho de 3 a 4 kilos de peso, que tanto serve para fazer mergulhar o apparelho, como para o conservar na vertical. A isca para a quelma póde ser de chicharro, cavalla, albacora ou toninha *(Delphinus delphis)*.

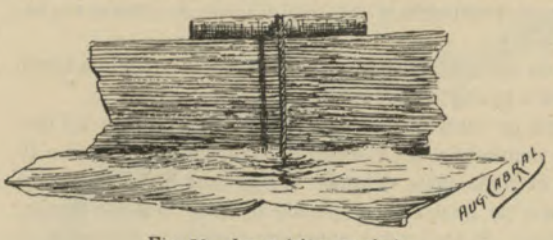


Fig. 16.—Lasca (vista exterior)

O gatoeiro, com uma madre de extensão regular (36 a 40 metros) póde importar em 4$000 reis. O cordel da madre é de algodão, de 3 cordões, importado dos Estados Unidos, e chega a S. Miguel mais barato do que o que os pescadores costumavam fabricar de linho.

Na pesca do cherne *(Polyprium cernium)* e do congro *(Conger vulgaris)* emprega-se tambem um gatoeiro especial, cujo feitio é egual, porém, ao do destinado á quelma: tem madre, manga, estorvos, lóro e pandulho, e só se differença em serem maiores os anzoes de 20 reis, e levar apenas 3. O seu custo é de 600 reis.

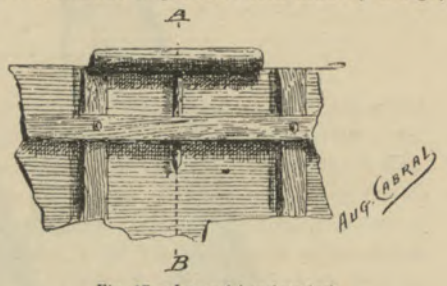


Fig. 17.—Lasca (vista interior)

Grozeira.—Este apparelho póde considerar-se um gatoeiro redusido, em que a linha madre toma o nome especial de *estralho*, mas a que estão fixos da mesma fórma, com intervallos de 50 centimetros, os *chicotes* dos estorvos, que não são forrados de arame, e tem 40 a 45 centimetros de comprimento e 2 millimetros de diametro. Os anzoes que se lhes ligam são dos que se vendem a 10 por 20 reis. Como o gatoeiro, a grozeira tem tambem a sua manga, 1m,50 antes do primeiro anzol, e finda com um pandulho a 1 e meio ou 2m abaixo do ultimo.

Uma grozeira, que conta, termo médio, 45 anzoes, póde custar 3$000 reis, e serve para pescar em todas as alturas, «peixe de comer».

Pregueiro.—Serve para a pesca do cherne, da abrotea, do congro, da moréa, etc., entre 5 e 10 linhas de profundidade. [1] E' um cordel de 4 millimetros de diametro e de 0m,40 de comprimento, tendo uma alça em cada chicote; uma d'estas, depois de enfiar na chumbada, de meio kilo de peso, e dar-lhe um nó, fica para a parte superior ligando-se á linha de pesca; á outra prendem-se, por meio de *jogadas* e *lóros*, dois anzoes de 10 reis, ficando um distante da alça cerca de 1m,40 e o outro de 0m,90. Chama-se *lóro* do pregueiro a parte forrada de arame, na extensão de 0m,40, da linha a que é empatado o anzol e *jogada* a parte não forrada da mesma linha, que liga á alça e tem 2 1/2 millimetros de diametro.

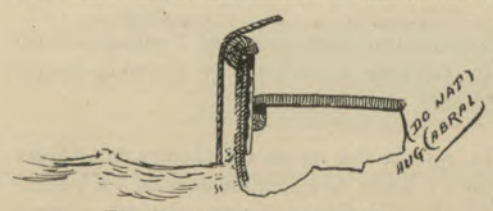


Fig. 18.—Lasca (secção em A-B)

O custo d'este apparelho regula por 200 reis.

---

[1] Entre pescadores michaelenses a *linha* constitue uma unidade de medida, que corresponde a um cordel de 24 braças de extensão, e, como a braça tem 1m,82876, segue-se que uma linha é egual a 43m,89024.

Bésta.—O principio da construcção d'este apparelho, que serve para capturar toda a qualidade de peixe de comer, desde 4 ou 5 braças até 9 ou 10 linhas, é o mesmo da barqueira de varetilha inteira do continente. O desenho respectivo representa-o perfeitamente. Compõe-se de 2 marmeleiros (varas) de meio metro de comprimento, cada um e de 7 a 8 millimetros de diametro nas partes mais grossas, por onde estão solidamente ligados. Nas pontas das varas amarram-se 4 cordeis, dois maiores (de metro) e dois menores, e uns e outros de 2 millimetros de diametro, aos quaes se ligam 4 anzoes dos que se vendem em Ponta Delgada a 6 por 20 reis. Uma

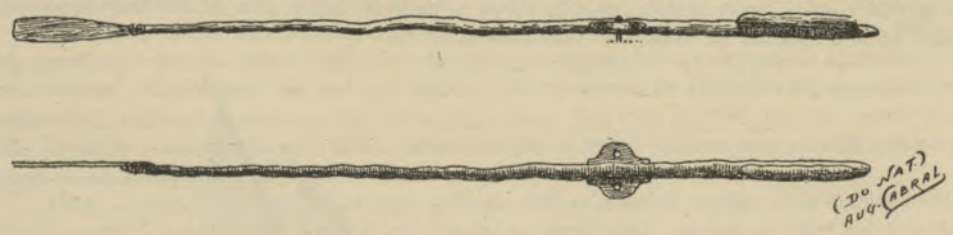


Fig. 19.—Remo (em alçado e em planta)

linha de 4 millimetros de diametro, com cerca de 0m,70 de comprimento, com uma alça n'um extremo, *aboça* na linha de pesca, depois de ter dado uma *volta de fiel* no mesmo sitio em que amarram os marmeleiros, indo o outro chicote dar volta na chumbada, ordinariamente de meio kilo de peso.

E' de 240 reis o preço de uma bésta.

Corrica.—E' uma linha de 24 braças de extensão e de 3 millimetros de diametro, a que está ligada uma verga de 1m de comprido e millimetro de diametro, que tem no extremo o anzol. Póde pescar-se á corrica tanto á vela como a remos, mas sempre de preferencia *costa-costa*, isto e, proximo e parallelamente á costa; no primeiro caso a linha vae na mão e no segundo amarrada.

A pesca á corrica faz-se em pequenos barcos, tripulados apenas por 2 homens. Pódem apanhar-se n'ella enxovas, cavallas, serras, bicudas e algum badejo.

Harpão.—Comquanto não nos occupemos n'este artigo da pesca da baleia, que demanda uma monographia especial, citamos o harpão, porque os pescadores açorianos empregam-n'o tambem na pesca da toninha, bem como na de qualquer outro peixe graudo, como, por exemplo, o peixe agulha *(Belone vulgaris)*.

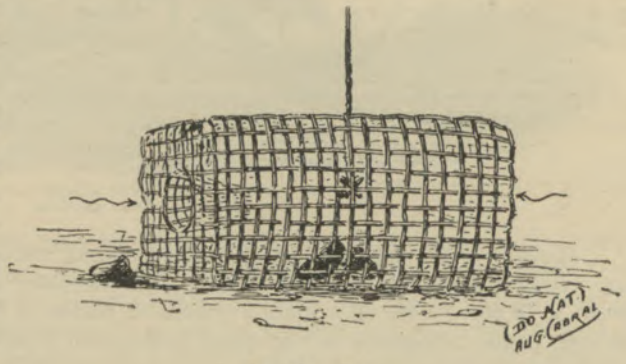


Fig. 20.—Cofre

O harpão, n'este caso, é ligado a uma *bêta* (cabo delgado de 12 a 15 millimetros de diametro) com volta dentro do barco.

Esta pesca é sempre feita á vela. A' prôa vão dois trancadores, um a bombordo e outro a estibordo, que procuram principalmente attingir os animaes da frente, que são as *guias*. «As toninhas que vem atraz estão certas, porque seguem sempre nas agoas as primeiras», dizem os nossos pescadores.

Lança.—Serve tambem para *lançar* ás toninhas quando succede ás vezes ellas virem em cardumes ter á costa, mettendo-se nas enseadas, mais habitualmente na da Calheta. N'essas oc-

casiões os pescadores fazem-lhes um cerco com o tresmalho, e como o timorato delphinido nunca ataca a rêde, fugindo, ao contrario, sempre d'ella, chegam muitas vezes a ir varar na praia, antes mesmo de ser lançadas de dentro dos barcos, ou esfaqueadas por alguns mais destemidos, que se mettem á agoa logo que o fundo o permitte.

Bicheiro.—E' uma pequena vara de 2 a 2,5 metros de comprimento, tendo em uma extremidade solidamente amarrado um gancho de ferro, que serve para fisgar *(embicheirar)* a toninha, ou qualquer outro peixe grande, quando chega á borda do barco, afim de prevenir algum accidente, como o rebentar da linha, etc. Custa 200 reis.

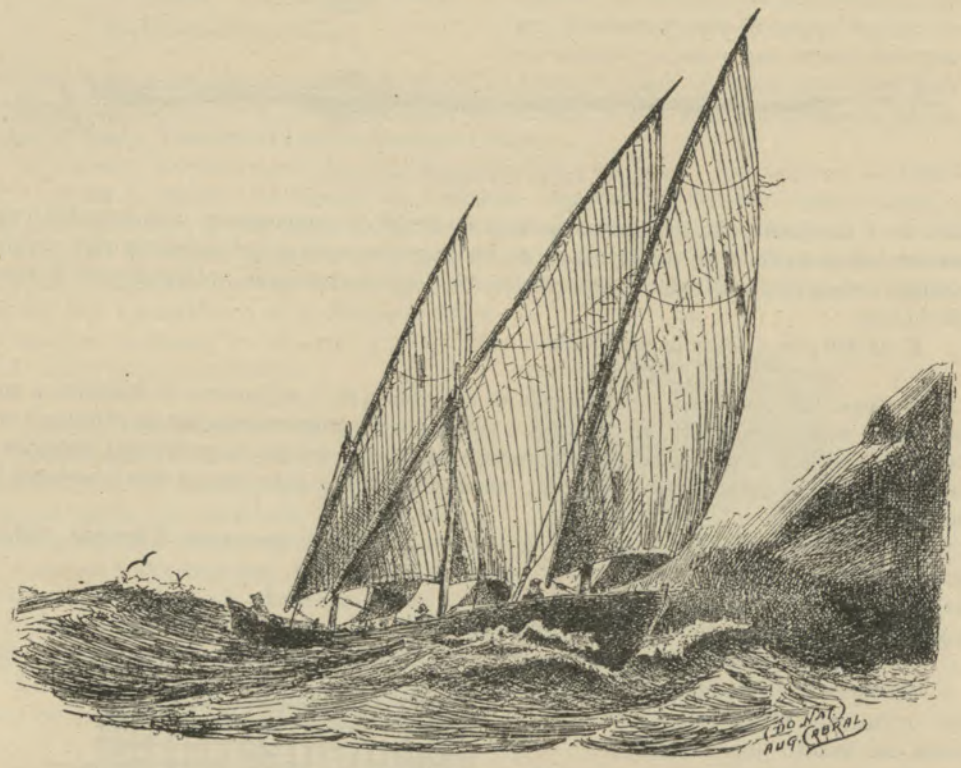


Fig. 21.—Barco da Villa

Cofre.—E' um apparelho feito de vime ou junco, com seis faces, em duas das quaes existem entradas semelhantes ás das ratoeiras. As dimensões de um cofre regular são: $1^{m},30 \times 0^{m},80 \times 0^{m},60$. O vime ou o junco é crusado de maneira a formar malhas de 2 ou 3 pollegadas de lado. Dentro collocam-se tres ou quatro pedras, não só para o fazer descer, mas tambem para o conservar firme no fundo, e liga-se a um cabo, que tem na outra extremidade uma pequena boia, que serve para indicar o sitio da immersão do apparelho, que se realisa á noite, a profundidades de 6 até 12 braças, onde se conserva fundeado até ser suspenso de manhã. A isca, que póde ser de chicharro, cavalla ou sardinha, vae dentro do cofre amarrada a um arame que tem o comprimento sufficiente para a manter a meia altura em frente das entradas, por onde pódem introdusir-se sargos, besugos, abroteas e lagostas.

Este apparelho, que póde custar 4$000 reis sendo de junco, e 2$500 reis sendo de vime, é como se vê semelhante ao côvo, ou *nasse* dos francezes, que tão vantajosamente tem sido aproveitado na pesca scientifica.

Armando da Silva.

A DEBULHA NO RIBATEJO E OUTROS PONTOS DA EXTREMADURA

A *debulha* tem por fim separar os grãos das espigas, das siliquas, das bainhas, das capsulas ou envolucros diversos, que trazem da planta originaria; mas habitualmente diz-se o *tempo das debulhas* aquelle em que se preparam os bagos de trigo, centeio, aveia, cevada a entrar nos celleiros: *vou para as debulhas,* ir assistir ás operações que vamos descrever em relação aos cereaes especificados.

Pratica-se, em geral, nas *eiras,* superficies planas de fórma circular, dispostas em sitios altos, ventosos, e de mui varias dimensões, conforme a importancia da exploração agricola de que fazem parte. Vulgarmente são de terra batida, que na epocha da utilisação das *eiras* (junho), é consolidada, regando-se abundantemente ao par e passo que uma cabrada mais ou menos numerosa, segundo o tamanho da *eira,* calca o chão durante as horas precisas para se endurecer e enxugar o solo ensopado.

Pouco a pouco, emquanto dura esta operação realisada quasi sempre n'um domingo ou dia santo e condusida pelo pessoal que ha de occupar-se na *debulha,* espalha-se sobre a eira, *moinha* ou seja residuos miudos dos envolucros do grão, fragmentos das barbas, das glumas e glumelas, do rachis com fragmentos minimos de palha á mistura, e que são arrecadados da anterior *debulha* expressamente com este fim.

Para esse dia guardam-se de proposito, durante o anno, latas inutilisadas, onde se deitam pedras, que, chocalhadas, fazem um barulho de ensurdecer sobre as cabeças das cabras que, velozes, correm sobre a *eira* em lama. Com o mesmo fim se batem matracas feitas de canna e se dão berros atroadores, que attingem o seu auge quando a vinhaça, que o lavrador manda sempre distribuir pelo pessoal, começa a perturbar os cerebros.

Esta preparação do solo das *eiras* toma sempre um caracter de festa. É o serviço, precursor d'um augmento de salarios sempre accrescidos de dois ou tres vintens diarios para os *eirantes,* para os operarios destinados ao serviço da *eira,* é um serviço em que entra o vinho como parte obrigada; e o nosso vinho é alegre.

Quando a terra já não faz lama, mas ainda está branda, retira-se o gado e o chão é batido a maço e a dorso d'enxada ou passa-se-lhe por cima um rôlo de pedra.

Não convém depois d'isto deixar a *eira* descoberta, exposta ao sol; gretaria. Acabado pois o alisamento, cobre-se o chão com as *paveias* do cereal que primeiramente será debulhado, isto é, dispõe-se o *calcadoiro* que no dia immediato ou no seguinte entrará em trabalho.

Paveia é o molho de trigo, aveia, centeio ou cevada, feito e atado com a propria palha ou com *baraço* (pequena corda d'esparto) ou com junca, no campo onde é *ceifado* para maior facilidade de recolhimento e transporte até á *eira.*

O *calcadoiro* é formado pelas *paveias,* desatadas e misturadas, esparsas pela *eira* e promptas para a *debulha.*

Começa-se sempre a debulhar pelos cereaes de qualidade mais baixa, porque nos primeiros dias de trabalho sempre fica algum grão enterrado por estar ainda a terra macia, e antes elle seja do mais inferior. Entretanto, em *eira* de terra sempre se perde grão, mesmo quando o solo está já bem secco. O nivelamento e alisamento não pódem ser perfeitos; por partes solta-se terra com a propria acção do trabalho. No primeiro caso deterioram-se muito rapidamente os instrumentos de madeira, taes como *garfos, ancinhos, forquilhas* e *burras;* no segundo caso entra no celleiro como genero uma boa percentagem de terra. Em ambas as circumstancias o serviço não é perfeito, necessitando forte somma de trabalho e de paciencia para não dar em resultado perda e ruindade de colheita para o lavrador.

A *debulha,* a não ser feita pelas grandes machinas modernas, executa-se a *trilhos,* a *pata de egua* ou a *unha de vacca.*

Para os *trilhos* compram-se, geralmente nos mercados mais proximos da epocha das *eiras,* alguns cavallos escolhidos entre os specimens mais baratos. Os animaes são atrelados a dois ou tres aos *trilhos* onde se assenta o conductor n'um carro e d'ahi dirige sobre o *calcadoiro* ou então condusem-se de fóra, á guia.

Os *trilhos* primitivos são essencialmente compostos por dois rôlos de madeira cravejados de pedras e de pedaços de ferro postos de cutello. Estes rolos giram sobre o *calcadoiro* em eixos de ferro que assentam n'uma rustica armação quadrangular de quatro madeiros, a um dos quaes se liga a corrente de tracção.

Em propriedades maiores onde ha gado charnequeiro, equino ou bovino, é simplesmente a egua ou a vacca, sem qualquer auxilio mechanico, que executa o trabalho pela acção percutante dos cascos ou unhas sobre os envolucros do grão e sobre a palha.

As eguas giram na *eira* sobre o *calcadoiro,* ajaezadas apenas com summarias e primitivas cabeçadas d'esparto, presas ás duas, tres e quatro por uma corda cuja extremidade livre está na mão do conductor o qual, de longo chicote em punho, as guia como n'um picadeiro, aos circulos em torno de si.

Condusidas á *eira,* as vaccas são, depois de laçadas pelos chavelhos com uma longa corda, amarradas pelo pescoço a uma outra corda, denominada *cóbra,* especialmente disposta com laços e nós. A cada *cóbra* prendem-se cinco a sete vaccas formando fila que passa tambem a denominar-se *cóbra.* Escolhem-se para as extremidades das *cóbras* vaccas menos ariscas e mais praticas no serviço. Dá-se o nome de *encóbrar* a esta operação.

Assim enfileiradas as vaccas percorrem a *eira* em todos os sentidos, executando a debulha. Todo este serviço é muito demorado. O gado ainda que manso é naturalmente arisco e primeiro que se consiga trazel-o á *cóbra,* leva seu tempo. Para se lograr depois obter que ande e volte com desembaraço, condusido, para cada fila, por um só homem armado de *aguilhão,* gastam-se preciosos minutos em embrulhadellas, voltas apertadas de encontro ás trincheiras, etc., occorrencias essas que dão logar a accidentes nocivos para o gado como rasgadellas, pancadas, coices...

Outro mal certo é o da perda do grão comido pelo gado, durante os descanços, que póde montar a uma somma apreciavel de alqueires.

As operações da *eira* soffrem com este systema de debulha a gado e o gado não se resente menos. É contar com um abatimento certo de peso, com muitas esfalfadellas, com desmanchos nas femeas gravidas...

Durante o trabalho da debulha propriamente dito, é o *calcadoiro* virado em geral duas vezes, com o auxilio dos *garfos,* por fórma a ficar voltado para cima a parte que contactava com o chão.

Quando o grão foi todo ou quasi todo extrahido de seus envolucros, o que leva um tempo variavel com a natureza do cereal, a rijeza do grão, o grau de humidade da atmosphera, quando a palha se apresenta bem machucada e fragmentada, *desencóbra-se* o gado e tira-se a maior camada de palha para fóra da eira por meio dos *garfos* e das *forquilhas.* Com o auxilio indispensavel do vento, dos *garfos* e dos *ancinhos,* por apuros successivos do grão, separado por gradações de palha maior, da mais miuda, da moinha e do *cacho* (espigas inteiras que escapavam), deve um *calcadoiro* de dois a tres moios de trigo, com o trabalho de cinco a seis homens, estar enceleirado ás sete, sete e meia horas da tarde.

Para juntar o grão espalhado pela superficie da eira emprega-se a *burra,* que empurrada pelo solo, arrasta adeante de si o genero.

Quando o trigo já está em monte, procede-se a uma ultima limpesa antes de medição e sua entrada no celeiro: é o grão levantado e projectado ao ar e para deante, com umas *pás* especiaes todas de madeira, é o grão *pádejado,* ao mesmo tempo que, com umas pequenas vassouras—*cónhos*—feitas de uma planta do matto, se varre levemente o monte afim d'extrahir as impurezas que porventura ainda acompanham o trigo.

Para complemento das operações na eira apenas resta medir o grão, ensacál-o e transportal-o para o celleiro.

A medida de volume, o *alqueire* da Extremadura é geralmente de 13 litros e 8 decilitros; o sacco leva seis alqueires; dez saccos ou sessenta alqueires constituem um *moio.*

D. Luiz de Castro.

AS AZENHAS DO RIO ARDILLA

É a ribeira do Ardilla um dos mais importantes affluentes do rio Guadiana. Vinda de Hespanha das proximidades de Picos de Auroche, tem um declive muito sensivel, tanto que até ás proximidades da sua foz, não longe da villa de Moura, corre sempre com corrente impetuosa quiçá torrencial.

A natureza schistosa da maior parte do seu leito e a falta de arborisação das suas vertentes determinam grandes cheias repentinas d'este curso d'agoa, que, a menos de um kilometro, a montante da ponte do Ardilla na estrada districtal attingem alguns metros acima da estiagem.

Era natural que, em rio que corre permanente, com sensivel caudal e com forte declive, se pensasse no aproveitamento das forças motrizes, embora, a contrariar semelhante intuito, se apresentasse a altitude abrangida pelas cheias.

Os povos adaptaram uma solução que merece ser registada pela ingenuidade que revela.

Depois de construirem através do rio o açude para represa das agoas e de o terem recoberto de pedras lagentas argamassadas, n'uma das extremidades da barragem assim construida, estabelecem a casa para a azenha com as aberturas competentes para a passagem da agoa que actua os rodizios. A casa é abrangida pelas agoas e até afogada inteiramente por ellas.

Moinho do rio Ardilla

N'um caso analogo, embora para outro fim, o distincto engenheiro, snr. Dr. Manoel da Terra Pereira Vianna encontrou uma solução engenhosa que expoz na Revista de Obras Publicas e Minas de 1897. [1]

Tratava-se ahi de aproveitar umas nascentes sulphuricas muito proximas do rio Douro e que se tornava indispensavel que servissem precisamente no local onde brotavam, por isso que a elevação das agoas thermaes por meio de bombas até um nivel não abrangido pelas cheias do Douro, que no local indicado attingiam de 17 a 18 metros e extraordinariamente 25 acima da estiagem, [2] lhes faria perder qualidades preciosas que se constatam embora se não saibam explicar.

O systema adoptado pelo snr. Dr. Terra Vianna teve em vista preparar o edificio para que as cheias passassem por sobre elle sem o damnificarem e ainda dispol-o de maneira que em estiagem se fizesse o esgoto naturalmente e por meio de elevação das agoas thermaes já servidas, quando as do Douro subissem a 1^{m},08 do minimo nivel e d'ahi para cima.

Esta segunda parte do problema não interessa ao nosso caso, mas já o mesmo não succede relativamente á primeira.

A cobertura do estabelecimento thermal do Moledo é formado por abobadas de beton appoiadas em vigas de duplo T (de aço) completamente embebidas em beton e postas assim ao abrigo da oxydação, escreve o snr. Dr. Terra Vianna.

«A pedra empregada nos trabalhos, continua, excepto nos muros de pedra secca, é o granito, que foi transportado de distancias bastante grandes; toda a argamassa é de cimento de

---

[1] Vid. *Revista cit.* — *Uma installação de piscinas nas Caldas de Moledo,* — numeros de julho e agosto.

[2] *Rev. cit.*, pag. 285.

Portland. Claro está que os muros, abobadas e ferros apresentam fortes espessuras para resistirem aos maiores esforços que terão logar na epocha das cheias». [1]

«No fim da estação, diz mais adeante, bastará retirar as barracas, armarios, cadeiras, portas, caixilhos e bomba e o estabelecimento poderá ser innundado sem que haja prejuizos a receiar», [2] e para comprovação d'esta affirmativa termina a sua interessante communicação com as seguintes phrases: «O inverno ultimo foi excepcionalmente rigoroso, as cheias succederam-se em grande numero e o estabelecimento das piscinas esteve quasi sempre inundado e coberto por muitos metros d'agoa animada de grande velocidade. Depois da remoção de algum lôdo que se encontrou nos pavimentos, ficou a construcção no estado anterior sem vestigios alguns das inundações». [3]

Nas azenhas que me proponho descrever, o processo de construcção varia sobremodo, embora se obtenha resultado analogo ao indicado pelo snr. Dr. Terra Vianna para as Caldas do Moledo.

As casas para a azenha são construidas de schisto lamellar travando-se cuidadosamente as pedras e preenchendo-se os instersticios com laminas de schisto que se batem a martello. Toda a construcção fica assim travada de modo que as agoas não a destroem, excepto se contra ella bater algum madeiro arrastado pelas cheias.

Sobre as paredes assim construidas assenta-se a abobada de tijolo que é argamassada e construida sem o emprego de simples, como é de uso em todo o Alemtejo. Estas abobadas são recobertas superiormente por uma camada argamassada de tijolos lambazes como aqui lhe chamam, deixando a construcção com a fórma abaúlada ou na de telhado, mas de maneira que uma das vertentes fique para o lado de montante e a outra para jusante do rio.

As aberturas para as janellas por onde se faz a ventilação, aliás insufficiente, são guarnecidas em geral de schistos travados como as paredes e boleadas de modo a darem pouca presa ao combate das agoas, de modo que as portas que fecham taes aberturas quasi nunca teem batentes.

Para economisarem o material, as paredes assim formadas não apresentam uma espessura uniforme, mas distribuem o material de maneira a formar gigantes do lado de jusante da edificação. Esta disposição do material dá uma fórma artistica ás azenhas, que muito é para notar.

Entre as que achei mais digna de registo, figura todavia, em primeiro logar a que se chama o *Moinho d'Alvarinho,* que não pude resistir a photographar e que o seu proprietario, o ex.mo snr. Visconde d'Altas Moras, judiciosamente e contra os costumes alemtejanos, se tem recusado a caiar exteriormente, de maneira que apparenta a fórma caracteristica que se póde vêr na estampa junta.

Por cima d'esta obra teem passado muitas cheias, attingindo uma relativamente recente alguns metros acima da soleira da porta da azenha, sem que a caudal e a violencia da corrente lhe causassem damno.

O *Moinho da Morgadinha,* tambem na ribeira do Ardilla, é digno de referencia em relação á maneira de distribuir o material nas paredes de jusante das azenhas, reforçando-as com gigantes e dispondo os telhados pela maneira que indico n'esta nota.

Beja, abril de 1899.

MELLO DE MATTOS.

---

[1] *Rev. cit.*, pag. 290.
[2] *Rev. cit.*, pag. 292.
[3] *Rev. cit.*, pag. 298.

USOS E COSTUMES RELIGIOSOS

OBITOS

Um dos elementos imprescindiveis para o observador, que tenha por fim reunir os materiaes para o estudo do povo, é certamente a investigação das usanças que se ligam á pratica da religião, aos actos do culto. E pesquizar esses usos e costumes entre as populações ruraes, por mais afferradas ás tradições do passado, é de preferencia o caminho aconselhado para encontrar algumas pedras, que os mestres aproveitarão para a construcção do edificio, que nos collocará ante os olhos a vida intima da grey portuguesa.

Com este intuito recolheremos algumas manifestações da vida religiosa no concelho de Guimarães, respigadas quer na tradição, quer nos archivos parochiaes que temos examinado.

São curiosos os usos, que outr'ora se praticavam e ainda hoje, em grande parte, se observam, respeitantes a fallecimentos e aos actos que acompanhavam e seguiam o enterramento.

Fallecendo um parochiano a confraria do *Sob-signo, Sub-signo* ou *Su-sino*—de todas estas fórmas se pronuncia e se encontra escripto o titulo da corporação encarregada de velar, que cada freguesia, pelos negocios religioso-administratrivos, entidade incumbida de promover que os fregueses satisfizessem *com perfeição as obrigações de bons christãos no serviço annual de Deus e perfeita caridade com o proximo,* [1] e que com tal fim elaborava os seus respectivos Estatutos *para a direcção e governo da freguesia,* como dizem os de Tagilde feitos em 1720 em reforma d'outros que o tempo consumiu—fornecia a cera para arder junto ao cadaver [2] até que fôsse sepultado e o mordomo da mesma avisava o povo da parochia para comparecer á hora designada para o sahimento.

Em geral era obrigada ao acompanhamento uma pessoa de cada casa, mas freguesias havia em que se fazia distincção entre casados, viuvos e solteiros. Para o sahimento dos primeiros deviam comparecer todos os homens e mais uma pessoa de cada casa, para o dos outros sómente uma pessoa de cada fogo ou casa. Quem faltava era multado. [3]

Durante a noite o cadaver era velado—*guardar o defuncto* ainda hoje se diz—pelos visinhos e amigos e até indifferentes, e não é raro, ainda actualmente, vêr-se que os *guardadores* para espalharem o somno se entreteem jogando a bisca, servindo-se das luzes que alumiam o cadaver.

Chegada a hora aprasada e reunido o povo na casa mortuaria fazia-se a *resa* por alma do fallecido. Um dos homens, *que seja de mais caridade,* [4] que era denominado *resador,* entoava as *orações* ás quaes os outros respondiam. Ainda hoje as Irmandades usam resar junto do cadaver um certo numero de P. N. e A. M. pelo fallecido.

O numero das orações variava nas differentes freguesias. De menos de 50 não conhecemos exemplos, mas em algumas partes attingia o numero de fogos de que se compunha a freguesia e casos havia em que os *doridos,* desejando maior numero, davam de comer ao povo. Esta refeição tinha o nome de *redonda* e constava de pão e vinho, que era repartido irmãmente pelos presentes, que então resavam mais metade das orações. Cada oração comprehendia um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

Além d'esta comida facultativa havia, e ainda hoje existe, uma refeição, que se considera obrigatoria e que tem o nome de *agasalho.* Sob este nome comprehende-se a refeição que é dada aos confrades das irmandades que accodem ao sahimento, pão e vinho como aquella outra, ac-

---

[1] Vid. *Estatutos de S. Thomé de Abbação,* in *Revista de Guimarães,* vol. x, pag. 47.

[2] O *Ritual romano,* dispõe: *Corpus de more honesto compositum, loco decenti cum lumine collocetur.*

[3] A mesma obrigação era imposta nos *Estatutos das corporações dos officios,* vid. *Revista de Guimarães,* vol. xi, pag. 182.

[4] *Estatutos de Abbação,* cit.

crescentada com uma posta de bacalhau frito, quando a irmandade é extranha á freguesia, ou quando os doridos querem ser generosos.

Os ecclesiasticos que tomam parte no sahimento e celebram os officios funebres tambem eram geralmente, e ainda hoje algures, mimoseados com a *pitança* ou *collação*: pão, vinho, queijo, dôces, mais ou menos variada consoante a riqueza ou posição do defuncto ou da familia. Em algumas freguesias constou esta collação de ovos, pão e vinho. E para remate ainda no fim dos funeraes era offerecido em casa do fallecido um jantar em que tomava parte a familia e para que eram convidados os amigos mais intimos, os que tomavam parte mais pronunciada no acto funebre, v. g. os que condusiam o cadaver, os ecclesiasticos que assistiam gratuitamente. Este jantar, ainda não inteiramente cahido em desuso, toma por vezes o caracter de lauto banquete.

O *agasalho*, herdado do paganismo, tem atravessado os seculos; arraigou-se por tal fórma nos nossos costumes que não era raro que o testador consignasse o preciso para elle. Para exemplo citamos o testamento de Maria Perez, feito em 1284, a qual, elegendo para sua sepultura o mosteiro do Souto, lega: *11 maravidis em pam e pescado quando me leuarem, e quando me soterrarem em sagrado 11 maravidis em pam e pescado;* e ainda o de Domingos Godins, clerigo, feito em 1309, no qual ha a seguinte verba: *para minha sopultura VIII libras em pam e em pescado.* [1]

De pouco têm valido os esforços da auctoridade ecclesiastica tendentes a eliminar a usança. Nem as constituições do arcebispado, que indirectamente a proscreveram, ordenando no titulo XIX, constituição I, que o agasalhado de comer e beber fosse dado sómente dous dias depois do enterramento, nem as prescripções dos visitadores, que a prohibiram formalmente como abuso gentilico, mandando dispender em suffragios por alma do fallecido as sommas deixadas para o *agasalho*, luctaram com vantagem contra a praxe vinda de tão remotas eras — o abuso, embora attenuado, mantem-se.

Com o cadaver era levada a *offerta*, que pertencia ao parocho pelo acompanhamento, variavel segundo as diversas freguesias. Em regra deveria valer um tostão e constava ordinariamente de um quarto de milho, oito ovos e uma infusa de meia canada de vinho. Algures ascendia a maior valor, um ou meio crusado, e as especies eram substituidas por moeda corrente, que, cravada em uma maçã ou limão, e estes espetados em um pau, era condusido adeante do feretro.

Para portador da offerta parochial era commummente escolhida a mulher, *que tinha errado;* uso que foi desapparecendo com a prohibição da auctoridade ecclesiastica. O facto, longe de servir para emenda das transviadas, occasionava escandalos, que convinha evitar.

Os Estatutos d'uma confraria do Sob-signo, que temos á mão, estabelecem que, emquanto houver na freguesia *mulheres solteiras ou suas filhas*, devem ellas ser as conductoras da offerta e só na sua falta se obrigarão a este encargo as casadas.

Vem a proposito dizer que, com o mesmo fim de promover a emenda das culpadas, se encontram em algumas freguesias vestigios de serem ellas obrigadas a varrer a egreja, trazer a agoa para ser benzida e lançal-a nas pias para uso dos fieis. Identica prohibição, e pelo mesmo fundamento, foi formulada.

Findando o cerimonial usado no sahimento não esqueça mencionar que, algures, ainda hoje se conserva o costume de collocar no caixão, aos pés do cadaver das creanças, a offerta destinada ao parocho, um tostão ou seis vintens.

No domingo seguinte ao enterramento de qualquer parochiano adulto faz-se o *obradorio* ou *bradorio* como geralmente se pronuncia.

Consiste este na resa de *responsorios* por alma do fallecido, acompanhada das competentes benesses ao parocho. Ao *obradorio* assistem os parentes do defuncto, ou sómente a pessoa que leva a offerta, ajoelhados junto ao arco cruseiro da egreja e sustentando a conductora da offerta, não em todas as freguesias, uma *candeinha* na mão durante a recitação dos responsorios.

Em um *canistel*, ou em açafate, coberto com toalha arrendada e atada com uma fita preta, é condusida a offerta do obradorio, que deveria valer meio tostão e composta geralmente d'uma

---

[1] Vid. *Revista de Guimarães*, vol. VII, pag. 198 e vol. VI, pag. 140.

borôa de pão, um bacalhau e uma garrafa de vinho. O *canistel* é collocado sobre a cadeira parochial emquanto se faz a resa, que é repetida por cada especie da offerta. As especies tambem são substituidas algures pela offerta de um vintem por cada responsorio.

As *orações,* que em algumas freguesias se recitavam por occasião do sahimento, como já dissemos, em outras reservavam-se para o primeiro domingo subsequente; fazia-se n'este dia o que se denominava *resa dos defunctos*.

O *resador,* reunindo o povo na egreja, começava as orações dizendo: *pela alma do nosso irmão, ou irmã F...* P. N., A. M. e repetia-se 25 vezes em algumas freguesias, 60 em outras sendo o fallecido casado e 30 sendo solteiro; algures chegava até ao numero de fogos de que se compunha a freguesia.

Fóra d'estes dous dias, enterro e domingo seguinte, encontram-se exemplos, e não poucos, de se resarem pelos defunctos em outros domingos do anno certo numero do Padre-Nossos e Ave-Marias, quer pelos fallecidos no correr do anno, quer em virtude de legados á confraria que representava a parochia; tambem não faltam exemplos de serem commutadas estas resas em um *officio de defunctos,* v. g. em 1698 na freguesia de Pinheiro.

Em Roufe, e talvez em outra parte que escapasse ao nosso conhecimento, além da resa d'um Padre-Nosso e Ave-Maria em 12 domingos pelos fallecidos durante o anno, podia resar-se um P. N. e A. M. por algum defuncto que os devotos desejassem. Esta resa excedente tinha o nome de *manda* e pagava-se por ella dez reis á confraria do Sob-signo.

O dia da commemoração de todos os fieis defunctos não era olvidado e ainda hoje o não é em algumas freguesias segundo o antigo uso. O parocho recita *responsorios* por alma dos fallecidos, segundo a incumbencia dos vivos que o desejam, e como honorario pelo trabalho recebe já moeda corrente, 20 reis por cada um, já cereaes, milho ou centeio.

Outr'ora na freguesia de Pencello, que não seria a unica, era obrigada uma pessoa de cada casa a trazer á egreja, n'este dia, em um cesto uma *obrada,* que constava d'uma borôa ou seis pães brancos, bacalhau, ovos ou posta de carne, e uma cabaça de vinho. O parocho resava *responsorios* pelos fallecidos dos offerentes; pelos pobres resava gratuitamente.

Este costume, que já desappareceu por completo em grande numero de freguesias, vae-se obliterando em outras, especialmente onde se têm construido cemiterios; adornam-se as sepulturas com flôres, corôas e luzes.

Os pobres peregrinos, que casualmente falleciam em freguesia extranha, não eram despresados pelos confrades do Sob-signo; fazer-se-lhes o enterro á custa da parochia era obra de misericordia, que os Estatutos não se esqueceram de prescrever. A mortalha, luzes, acompanhamento d'uma pessoa de cada casa e as orações, tudo lhe era concedido pelo amor de Deus, e freguesias havia, v. g. Caldellas, em que tinham sepulturas privativas. No adro da dita freguesia, junto á capella-mór, havia quatro sepulturas, duas de cada lado, denominadas dos *fieis de Deus,* destinadas á inhumação dos mendigos e pobres, que por acaso aqui falleciam.

Ahi fica o que de mais curioso colligimos em referencia aos obitos; usos relativos a outros assumptos religiosos ficam archivados á espera d'ensejo opportuno, se taes especies merecerem a acceitação do leitor.

Tagilde, 1900.

O Abbade Oliveira Guimarães.

JOGOS INFANTIS

Como innato é no homem o instincto da sociabilidade que o leva a procurar no seu semelhante um companheiro para as suas alegrias ou tristezas, assim o é tambem a tendencia que o impelle a entreter por differentes modos e feitios os ocios a que o condemna a infancia, incapaz de qualquer trabalho que demande força physica ou applicação intellectual. Por isso é que as creanças, quer reunidas, quer a sós, estão de continuo a excogitar, na sua pequenina imaginação, a maneira de, ao mesmo tempo que por impulso expontaneo procuram o desenvolvimento physico, entreterem as longas horas que não são consagradas ao repouso do corpo e d'ahi a grande va-

riedade de jogos a que se entregam. Todos nós certamente nos recordamos com infinda saudade d'essa deliciosa quadra da vida em que a innocencia da nossa alma, ainda não crestada pelo sopro gelido da experiencia, communicava a tudo quanto nos cercava umas côres verdadeiramente irisadas e porventura ainda não esquecemos o prazer com que era recebido um feriado, que nos permittia voltar aos nossos brinquedos predilectos, livrando-nos do semblante carregado, quando não da temida ferula do professor.

D'entre essa grande variedade de jogos que a phantasia infantil tem creado, vamos destacar alguns que mais se gravaram na nossa memoria e ainda se observam ahi pelas villas e cidades e especialmente na maioria das povoações rusticas da pittoresca provincia do Algarve. A sua descripção bem ou mal poderemol-a nós fazer, mas para o que nos faltam pincel e côres, é para pintar a alegria descuidada e o jubilo immenso que por então nos ia n'alma, quando sob o luar d'uma doçura inexprimivel de formosa noite de verão, ou, no seio da familia, entre amigos e conhecidos faziamos d'elles o nosso principal passatempo, emquanto o vento gemia por entre o arvoredo, como se fôra alma em penas, e a chuva cahindo em verdadeiras catadupas, convertia as ruas n'outros tantos lagos, fazendo-nos achar infinitamente agradavel o dôce conchego em que a essa hora nos encontravamos.

Seguiremos para cada um d'elles a ordem alphabetica, que a chronologia seria impossivel, visto como, na nossa mente, quasi todos se reportam á mesma epocha. [1]

ANNEL. — Estão assentados, de mãos postas sobre os joelhos e formando um circulo quantos tomam parte no jogo, com excepção de um que, de pé no meio d'elles, tambem com as mãos postas, conservando entre as palmas um annel, vae passando as suas pelas dos outros, que as abrem então, fechando-as em seguida, deixando-o a quem lhe apraz. Depois de percorridos todos, pergunta o que estava em pé a qualquer dos do jogo quem tem em seu poder o annel. Se o interrogado acerta, toma o logar do que estava em pé, que agora vae occupar o logar d'este, e faz o mesmo papel que o seu antecessor; se pelo contrario não adivinha em que mãos pára o objecto, perde uma prenda (um lenço, um relogio, um broche, etc.) e passa-se a outro, repetindo-se a operação até todos terem perdido cada um tres prendas. A isto segue-se a sentença que condemna o possuidor do objecto perdido a uma penitencia qualquer, que consiste em dar um abraço ou um beijo, n'um dos co-jogadores ou outra qualquer bagatella. E' escusado advertir que a penitencia é gostosamente cumprida, quando entre elles figuram raparigas, como geralmente acontece, e muito para divertir os rubores d'estas ou as suas renitencias em serem beijadas ou abraçadas. Sentenciadas as prendas todas, é o proprietario da ultima condemnado a ir para a *berlinda*, isto é, a sentar-se n'uma cadeira e ouvir ahi o que os outros quizerem dizer d'elle. O presidente do jogo interroga então um a um os jogadores sobre o motivo porque está aquella ou aquelle na berlinda, e estes segredam-lhe ao ouvido que é ou por ser feio ou atrevido, emfim um defeito que mais tenha notado no condemnado; vem depois dizer a este os varios motivos a que os outros attribuem o seu castigo. Então o paciente (se se lhe póde dar este nome) condemna ao mesmo supplicio, isto é, a ir para a berlinda, aquelle que publicára a seu respeito alguma coisa que menos lhe agradasse, e assim continua o jogo até que a todos tenha sido infligida egual condemnação. E' escusado advertir que muitas vezes por este processo, se descobrem namoros occultos, com grande gaudio dos espectadores e rubor das victimas.

ARREBENTA-BORRACHINHA. * — Antes de darem começo ao divertimento, escolhem os jogadores á sorte aquelle que d'entre elles ha de ficar no *coito* ou *couto*, que é o logar d'onde terá de ir em busca dos restantes. Para este effeito esconde um d'elles uma pedra n'uma das mãos postas atraz das costas e, apresentando-as depois ambas fechadas, pergunta aos companheiros, cada um por sua vez, qual d'ellas prefere. Se o interrogado acerta com a mão que tinha a pedra, fica esse livre e pelo mesmo processo a vae passando aos restantes, até ao ultimo que é então quem

[1] Dos jogos que vamos descrever, uns teem por theatro a rua, outros a casa: indicaremos os primeiros pelo signal *. Note-se tambem que para cada um d'elles ha em geral uma epocha do anno em que mais predominam.

fica no *coito*. Em seguida todos os mais se escondem e, á voz de *já póde vir*, aquelle trata de indagar o esconderijo dos companheiros e ao encontrar algum, exclama: *arrebenta Fulano*. E' este então que vae tomar o logar que aquelle occupara, fazendo o mesmo que o anterior, até que todos tenham passado pelo chamado *coito*.

Assobio. *—Estão de pé e dispostos em circulo quantos tomam parte no jogo. Um d'elles a cujas costas houve o cuidado, sem que elle désse por isso, de prender um assobio, seguro a um fio, vae para o meio e, emquanto está voltado, qualquer dos companheiros toca o instrumento. Na supposição de que este anda nas mãos dos jogadores, volta-se o do meio para vêr quem no tem, emquanto outro faz o mesmo que o antecedente, até que a victima dê pelo lôgro, porque então termina o entretenimento.

Belindro. *—E' este um dos passatempos mais em voga entre os rapazes do Algarve e, a nosso vêr, peculiar d'esta provincia e do Alemtejo. Chamam elles *belindre* ou *belindro* (provavelmente de *bola*, pela mudança do *o* em *e*, visto ser vogal protonica inicial; comparem-se *redondo* e *escuro*, de *rotundo* e *oscuro (por obscuro)* a um corpo espherico de dose millimetros, pouco mais ou menos, de diametro, que preparam da seguinte maneira: vão-se a uma pedra rija, grés ou marmore, destacam d'ella uma porção, quebram-lhe depois as arestas mais salientes com um pedaço de ferradura, por exemplo, mettem-na em seguida na extremidade d'uma canna a qual, com ambas as mãos vão fazendo girar n'uma cavidade aberta n'uma pedra de amolar até que a pedrinha n'ella contida esteja completamente lisa, semelhante a uma bolinha. No jogo procedem pela fórma seguinte. Abrem no solo uma covinha e, collocados depois a certa distancia, jogam o belindro de fórma a approximar-se quanto possivel d'aquella cavidade. Então o que ficou mais perto da covinha toma uma posição em que fica quasi de cócoras e, fixando o belindro entre o pollegar e o medio da mão direita, emquanto o minimo da esquerda se conserva no logar occupado antes por elle, e o pollegar da mesma sustenta em certo modo o da direita, com o medio d'esta dá-lhe um impulso de fórma a ir chocar um a um todos os contrarios, isto é, dos que não pertencem ao mesmo grupo ou parceria em que elles se dividem antes de encetarem o jogo. Cada um d'aquelles choques vale dois tentos, valendo por um só a queda do belindro dentro da covinha. Ordinariamente o jogo não consta mais de vinte e quatro tentos e o que primeiro os faz é o que ganha. Tambem, se faz um a mais além d'aquelles, perde o jogo.

Burro-machacaz. *—Senta-se um dos jogadores e sobre os seus joelhos vem outro descançar a cabeça, mas com a cara voltada para baixo. Sobre este que, como se deprehende, se conserva curvado, monta-se um terceiro que separa uns quantos dedos e diz ao mesmo tempo: «*Burro-machacaz, quantos dêdos ha atraz*». Se o que está debaixo acerta com a resposta, invertem-se os papeis, isto é, o que era montado, passa a montar. Ao que está sentado dão o nome de *mãe*.

Cabra-cega. *—Com um lenço vendam-se os olhos a um dos jogadores, mas de modo que nada veja, e em seguida um d'elles pergunta-lhe o que anda buscando. A' resposta d'aquelle, que procura defunctos, dá-lhe este um leve empurrão, dizendo-lhe ao mesmo tempo: «*Vae para além que ha muitos*». O dos olhos vendados, de mãos no ar, como um verdadeiro cego, esforça-se por agarrar qualquer dos companheiros, que fazem saltos e outras piruetas em volta d'elle e, ao conseguil-o, solta o termo *polguinha* (?). E' este então que passa a substituil-o, repetindo-se a scena de cada vez que um é apanhado, até que todos tenham representado o papel de *cabra-cega*.

Cavallinho da santa batalha. *—Assenta-se um dos jogadores e outro vem collocar a cabeça sobre os seus joelhos, ficando curvada e com a cara voltada para baixo. N'um logar, a pequena distancia, e que entre elles é conhecida pelo nome de *ré*, acham-se os restantes. Parte de lá um a fugir e, pronunciando as seguintes palavras: «*Cavallinho da santa batalha, se eu cahir, Jesus me valha*», vae deitar-se sobre o que está curvado. Por egual fórma procedem os demais até ficarem todos em cima uns dos outros. E' claro que os ultimos principalmente carecem de fazer grandes esforços para se equilibrarem; se algum cahe, arrastando os outros, é esse que vae occupar o logar do que os sustentava. Montados todos uns sobre os outros, diz o que está debaixo: «*mosquem-se*». Apeam-se então todos, cada um por sua vez, e com o pé esquerdo apenas, tendo o direito no ar, vão caminhando até á *ré;* mas se algum infringe este preceito, o que ge-

ralmente succede, é esse o condemnado a ir sustentar ás costas os companheiros, repetindo-se o processo descripto. Ao que está sentado dão os rapazes o nome de *mãe* do jogo.

Cortiça. *—Para este jogo juntam-se uns quantos rapazes, munidos de paus, de comprimento identico, pouco mais ou menos, ao de uma bengala, e d'um pedaço de cortiça ou, na sua falta, d'uma pequena taboa. Collocam-se dois em frente um do outro, mas a certa distancia, e n'uma pequena cova aberta aos seus pés mettem uma extremidade do pau. Então um terceiro atira a cortiça a um dos dois, este com o pau joga-a ao fronteiro, que por sua vez faz o mesmo e assim continuam, arremessando-se mutuamente a cortiça até que, com uma pancada mais forte ella vae cahir longe. Então o que primeiro a atirara corre a buscal-a e n'este meio tempo andam os dois n'um rodopio constante a mudar de logar. Se o que foi buscar a cortiça consegue mettel-a na cova em occasião que lá não estava o pau do jogador ganha, perdendo este, que passa a substituir aquelle.

Jogo da lebre.—N'este jogo são as differentes partes do corpo da lebre representadas por pessoas; um é a perna direita, outro a cabeça, este a cauda, aquelle o focinho, etc. Um que faz de caçador e preside ao jogo diz então: «*Andava o caçador á caça e saltou-lhe uma lebre, mas esta não tinha pernas*». Acode muito lampeiro o que figura de pernas a retroquir-lhe: «*Pernas tinha, o que não tinha era cabeça*». Surge-lhe logo o que tomou para si a cabeça e volve-lhe: «*Cabeça tinha, o que não tinha era orelhas*». E assim por diante até cada um ter apresentado o seu papel. A resposta deve ser o mais rapida possivel, senão o presidente exclama, *uma, duas, tres* e é uma prenda perdida. Todos perdem, porque sempre ficam muito aquem, da celeridade exigida. Procede-se em seguida ao sentenciamento das prendas por um processo identico ao que descrevemos, quando tratamos do jogo do annel.

Jogo do lencinho. *—Juntam-se uns quantos rapazes e de mãos dadas formam roda. Um só fica de fóra e, com um lenço na mão, vae percorrendo a roda, dizendo ao mesmo tempo: «*O lencinho vae á botica comprar remedios para a Chica*». Repete isto duas ou mais vezes e d'uma d'ellas deixa ficar o lenço sobre qualquer dos da roda, mas sem que este dê por tal, e continua no seu caminho, dizendo a phrase acima. Se o que tem o lenço ainda não deu por elle, dá-lhe um murro, ao chegar-lhe junto, mas, se assim não acontece, este larga a roda e assume o papel do outro. E isto successivamente.

Jogo do limão.—Assentam-se quantos tomam parte no divertimento, formando um circulo; no meio apenas fica um. Seguram-se depois um ao pulso do outro por fórma que, ficando uma das mãos occupada, a outra esteja livre. Por esta vão passando um limão, mas de modo que o que occupa o centro o não veja. Ao mesmo tempo cantam: «*Choras, Manuel? não chores. Choras, porque não tens o limão. O limão anda na roda, pergunta (=busca) pelo chão, paspalhão; elle cá não está, elle cá não passou; no meio do caminho, uma princeza o levou*». Se o do meio descobre onde pára o limão dito, vae occupar o logar d'elle o que o não soubera esconder de maneira que aquelle o não visse.

Jogo dos mudos.—Assentados todos os jogadores, diz um que faz de presidente: «*Era uma vez que não era, tres n'uma panella; um para mim, outro para ti e outro para a velha do rabo azedo, fóra eu que sou juiz e cômo carne de perdiz, fóra eu que sou jurado e cômo carne de capado, fóra eu que sou rendeiro e cômo carne de carneiro e fóra eu que sou capitão-mór(a), posso fallar a toda a hora. Quem fallou, papou e pagou*». Todos estão callados, com excepção do capitão-mór que forceja por arrancar alguma palavra a algum. Se o consegue, este perde uma prenda e assim todos quantos não guardam silencio. E' claro que, segundo o proloquio conhecido «fallador como um Algarvio», realisando-se o divertimento n'esta provincia, todos preferirão perder a soffrer tal supplicio, como para o geral d'elles é estarem callados, muito tempo. Depois que todos perderam, cada um pelo menos uma prenda, procede-se ao sentenciamento d'ellas. Para este effeito, um d'elles, com os olhos vendados, assenta a cabeça sobre as pernas do presidente e, á intimação d'este, profere a sentença que ha de ser cumprida pelo possuidor da prenda que se tirou ao acaso, o qual depois vem occupar o logar do sentenciador e assim por deante.

Padre-cura.—N'este jogo figuram de arvores ou fructos os que n'elle tomam parte e assim denominam-se este macieira, aquelle videira, um péra, outro ameixa, com excepção do presidente que representa de Padre-Cura e mais outro que lhe serve de creado e hade recolher e guardar

as prendas. Dá principio ao jogo o Padre-cura, dizendo: «*Andando o snr. Padre-cura de logar em logar, em cima da macieira foi parar*». Responde-lhe immediatamente o que tem este nome: «*Mente vossa senhoria*». Ao que o Padre-cura replica: «*Onde estavas tu?*» Torna-lhe aquelle: «*Eu estava em cima da pereira [ou mesmo do snr. Padre-cura ou outro qualquer]*». A pereira acode logo a contestar a affirmação, dizendo que se achava n'outro logar, ao ser interrogado sobre o sitio que occupava. E assim por diante. Se porventura o interpellado não responde logo ou mesmo se deixa de tratar o Padre-cura por «vossa senhoria», ainda que seja por esquecimento, perde uma prenda, continuando sempre o jogo até que cada um dos jogadores tenha perdido tres. Procede-se em seguida ao sentenciamento, cujo processo é inteiramente identico ao que descrevemos por occasião de tratarmos do jogo do annel.

Pisa-pisa.*—Toma cada um dos jogadores um pedaço de pau, a que se dá o nome de *pisa*, e vão em seguida collocal-os no chão, perpendicularmente uns aos outros, com o intervallo entre elles, pouco mais ou menos, de meio passo. Dispostas por esta fórma as *pisas*, começa o primeiro pisando-as successivamente, mas com o pé esquerdo no ar, e dizendo a cada uma: «*pisa, pisa, nada um, pisa, pisa, nada dois, pisa, pisa, nada tres*», etc. Se por acaso põe ambos os pés no chão ou deixa de pisar alguma das *pisas*, é excluido do jogo. Depois que todos fizeram o mesmo, o que deu principio ao divertimento ordena ao que se lhe seguiu que vá pôr, encostada a uma parede, a sua pisa e venha em seguida metter-se na *casola*. (Chamam assim ao espaço circumscripto por um circulo feito na terra). Pergunta então aquelle a este para que lado quer que atire a *pisa*, se para nascente, se para poente, e, conforme a sua resposta, assim a lança o mais longe que póde, servindo-se para isso da propria *pisa*. Ao mesmo tempo que isto faz, deita a correr e o outro, depois de apanhar a *pisa*, vem ao logar em que este parou. Se este já então fez na terra tres riscos, é o outro condemnado a leval-o ás costas até á *casola*, no caso contrario é aquelle que leva este. Por egual fórma procedem os restantes jogadores.

Queimado ou panninho queimado. *—Ficam no *coito* todos os jogadores, menos um que vae esconder um pedacinho de panno em sitio que não seja facil descobrir e de modo que nenhum o veja. Feito isto, diz para os companheiros: «*Já pódem vir*». Então cada um trata de procurar o *panninho queimado*, perguntando ao que o escondera *porque parte se está queimando*. Este responde-lhe que por cima da cabeça, pelos pés, etc., conforme o panninho se encontra em sitio que lhe fique perto da cabeça ou dos pés, etc. Apenas um deu com elle, fogem todos para o *coito*, sob pena de apanharem um murro do achador, que é agora o que vae esconder o *panninho queimado*.

Quem te pesa. *—Traça-se no chão um circulo que ha de servir de *coito* e em seguida, a certa distancia, assenta-se um dos jogadores, o que preside ao divertimento e tem o nome de *mãe*, sobre cujos joelhos vem outro pousar a cabeça, estando com os olhos vendados e curvado. Todos os demais fazem roda em torno d'elle. Depois um dos da roda põe as mãos sobre as costas do que se acha curvado e a *mãe* pergunta-lhe: «*Quem te pesa*». Se acerta com o nome do individuo que pousou as mãos sobre elle, este passa a substituil-o; no caso contrario, é obrigado a leval-o ás costas até ao *coito*. E assim por diante até que todos tenham ido dizer «quem é que lhe *pesa*».

Raminho.—Formam todos uma roda e um dos jogadores, dirigindo-se ao que se lhe segue, entrega-lhe um raminho, dizendo ao mesmo tempo estas palavras: «*Aqui tem este raminho, que da minha mão se offerece; não é como eu quero nem como a senhora [ou o senhor] merece*». [1] Então a pessoa que recebe o ramo chega-se ao que lh'o deu e este, ao ouvido, diz-lhe o nome d'um fulano ou fulana de que suppõe o outro gostar. Este por sua vez faz o mesmo ao visinho e assim se continua até se ter nomeado a cada um dos jogadores tres homens ou mulheres, conforme o jogo se passa entre senhoras ou cavalheiros. Feito isto, o que encetou o jogo pergunta ao immediato qual dos tres individuos que lhe indicou escolhe para lhe descalçar os sapatos, ao que este responde em voz alta: «*Escolho fulano*». E assim por diante até se ter percorrido a roda toda. Torna depois o primeiro a perguntar ao segundo qual dos dois restantes quer que lhe dispa

[1] Outra versão: «*Aqui está este raminho que lhe manda uma pessoa muito do seu agrado; se quer saber quem é, chegue-se cá para ao pé*».

a camisa; este indica o nome e os mais fazem o mesmo, até á ultima pergunta que é: qual prefere para dormir com elle e, como as outras, é feita a cada um dos co-jogadores. Com esta termina o divertimento.

Sant'Anna ou santa Batuta. *—Um dos jogadores, a que dão o nome de *mãe*, está assentado e sobre os seus joelhos descança outro a cabeça, com a cara voltada para baixo e curvado. Os restantes fazem roda. Então gritam todos ao mesmo tempo, dando, a cada phrase, uma palmada no que está curvado: «*Sant'Anna Batuta, dá-se á bruta, mim não dá, dá sem rir, dá sem chorar, pica no rabo e deita-te a voar*». Depois de cada um ter beliscado a trazeira do companheiro correm todos a esconder-se. Passado algum tempo, o sufficiente para cada um tomar o seu esconderijo, diz a *mãe* por tres vezes: «*Foge galguinho, que lá vae o galgão*». Em seguida o que até ahi estivera curvado deita-se em busca dos outros e o primeiro que apanha leva-o a substituil-o. E assim pela mesma fórma, até todos terem occupado o mesmo logar.

Zorra. *—Um dos jogadores figura de gallinha e de pintos todos os outros, com excepção d'um que faz de *zorra*. Este finge procurar no chão uma agulha, e, como não a encontre pede á zorra que lhe dê um dos seus pintos para a boda da sua filha. Recusa-se esta ao pedido, mas aquella tantas fiadas (corridas) dá que por fim consegue furtar á gallinha todos os pintos, não obstante estes andarem seguros uns aos outros e á mãe.

O mesmo nome dá Moraes [1] a outro jogo que elle descreve da maneira seguinte: «Jogo de rapazes, em que estes se collocam em roda e de pé, ficando um de fóra, no centro: os que fórmam o circulo, teem ao lado esquerdo uma pequena cova, dentro da qual devem ter em descanço a extremidade inferior de um pau de tamanho e grossura de uma bengala, em que pegam com as duas mãos e que levantam de vez em quando para dar n'uma bola, especie de carniça, que anda no meio, saltando de um para outro lado, segundo as pancadas que lhe vão dando: o que está de fóra, aproveita a occasião em que vão a dar na bola para metter o seu n'alguma das covas momentaneamente desoccupada, e, se o consegue, fica no logar do outro, e este vae por sua vez para fóra da roda e fica no centro, procurando como o primeiro, occasião opportuna para desalojar algum e occupar o seu logar, seguindo o jogo d'este mesmo modo, em grande movimento e hilaridade».

J. J. Nunes.

AS CANDEIAS

NA

INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS

Estas candeias não se apagam e, emquanto ellas dão luz, investiguemos um pouco mais o assumpto.

Antigamente era costume—e crêmos que ainda perdura nas provincias do norte—quando alguem estava moribundo, e na occasião de receber os ultimos sacramentos, para o ajudar a bem morrer, introdusir-se uma vela ou candeia na mão, resando os assistentes orações adequadas. O quadro—deve confessar-se—não era dos mais proprios a levantar o espirito abatido do enfermo e só se explica que este podesse achar algum consolo para a sua alma, influenciado o seu espirito ou por um perfume de sentimento religioso ou pelo habito de ter presenciado scenas identicas. As proprias pessoas reaes não escapavam a esta poderosa influencia. Assim morreu D. João II, que, nas ultimas horas da sua agonia, tinha *candeia na mão*, segundo refere o chronista Garcia de Resende, que assistiu á sua morte.

Gil Vicente, em cujos *Autos* se encontram os mais preciosos vestigios ácerca das tradições populares, fornece-nos elementos interessantissimos no tocante ao emprego das *candeias*, não só na hora da morte, mas ainda em outros actos da vida intima. Eis aqui uma passagem do *Auto da Lusitania*, referente ao primeiro caso:

Não somente quem o crea.
Nem sentem as creaturas
Que ha de morrer sem candea
E espirar ás escuras,
Como triste em terra alhea.

---

[1] Moraes, *Diccionario*, 8.ª edição.

Dois seculos depois de Gil Vicente, outro poeta comico, herdeiro do seu genio dramatico, o malaventurado *Judeu* (Antonio José da Silva) allude ao costume, n'uma das suas mais populares *operas, Guerras do alecrim e mangerona.* Semicupio, o gracioso creado, diz figuradamente:

«Não ha huma candeia nesta casa que se meta na mão, que estou morrendo por te vêr?»

Na mesma obra nota-se a seguinte expressão: *candeia de garavato,* como quem diz candeia de leito ou cama.

Em muitas casas conserva-se a *vela benta,* que serve n'estas occasiões solemnes e em outras ainda, como nas trovoadas, quando se invoca Santa Barbara.

Voltemos a Gil Vicente e extraiamos do velho màs immorredoiro poeta as restantes crystalisações da supersticiosa costumeira. No auto da *Mofina Mendes,* referindo-se ao nascimento do Menino, diz:

Vereis em palhas nascido,
Sem candeia e sem luar,
Suspirando.
E porque a noite he quasi meia,
E são horas que esperemos
Seu nascer,
Ide, Fé, por essa aldeia
Accender esta candeia,
Pois outras tochas não temos
Que accender.

A Fé volta com a *vela sem lume* e diz S. José:

Não vos anojeis, Senhora,
Pois estais em terra alheia,
Ser o parto *sem candeia,*
Porque as gentes d'agora
São de mui perversa veia.
Todos dormem a prazer,
Sem lhes vir pela memoria
Que por força hão de morrer,
E não querem accender
A sancta vela da gloria.

Mais adeante exclama ainda a Fé:

Sem memoria nem cuidado
Dormem em cama de flores,
Feita de prazer sonhado;
Seu fogo tão apagado
Como em choça de pastores;
E vossa divina vela,
Vossa *eterna candeia,*
Feita de cera mais bella,
Em cidade nem aldeia
Não ha hi lume para ella.

Diz ainda S. José:

Mandae-lhe accender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias;
Porque irão tirar das veias
O lume com que se accenda.
E á gente religiosa
Mandae-lhe velas bispaes,
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casaes;
E logo não porão grosa.

Por estas transcripções se verifica que vela e candeia são expressões identicas e que era costume accender-se nos dois actos mais importantes e extremos da vida—o nascimento e a morte.

O *Leal Conselheiro,* d'el-rei D. Duarte, no capitulo LR VI; «Do tempo que se deteem nos oficios da capella» vem o seguinte trecho a respeito da festa da Purificação:

«Item, o oficio da purificaçom com terça cantada, preegaçom, benzer os cirios, e processom: Quatro oras».

Aqui o termo *cirio* substitue a palavra vela ou candeia.

No Lumiar, no termo de Lisboa, a festa *Candelaria* é celebrada de um modo, que nos traz á memoria as cerimonias pagãs. Não só se distribuem rolos bentos, mas benze-se tambem o gado, que dá tres voltas á roda do templo. Ainda este anno (1902) as coisas decorreram tradicionalmente, conforme se vê da seguinte informação do *Diario de Noticias* de 3 de fevereiro:

«*A festa e feira de Santa Brigida.*—Realisaram-se hontem no Lumiar a festa de Santa Brigida e a feira annual de gado, que apesar do mau tempo esteve regularmente concorrida.

A's 10 horas fez-se a benção da cera e em seguida missa cantada a grande instrumental. Officiou o padre coadjuctor José Custodio de Lima, acolytado pelos padres Joaquim da Silva Gouvêa, Francisco e João da Costa, prégando o rev. prior Francisco Paula da Fonseca Neves.

Durante o dia houve grande romaria á capella de Santa Brigida, a quem foi offerecida muitas promessas de cera, dinheiro, trigo e milho.

Foram vendidos muitos registos e metros de pavio de cera que eram enrolados com muita devoção ao pescoço do gado.

A feira esteve muito concorrida de gado, mas não se fizeram transações de valor.

O gado antes de entrar na feira, como de costume, deu tres voltas á roda da egreja, chamando a attenção do publico, 500 ovelhas e carneiros pertencentes ao snr. conde da Guarda e 860 do snr. Carlos Costa Reculas, da Serra de Monsanto».

O nosso amigo Gabriel Pereira allude tambem a esta usança e festividade n'um dos seus interessantes opusculos intitulados *O lindo sitio de Carnide.*

SOUSA VITERBO.

EXOGAMIA EM CIBÕES NO SECULO XV

Por intermedio d'um documento de interesse particular vamos conhecer um costume antigo e interessante d'uma povoação portuguesa situada a pequena distancia da fronteira. Essa povoação era Cibões que pertencia em tempos remotos ao julgado de Regalados e hoje (?) faz parte do concelho de Terras-do-Bouro, tão cheio ainda de especialidades sociaes. Segundo o documento adeante transcripto, os moradores da terra iam casar a Galliza e ahi fixavam residencia, ao passo que os homens de lá vinham procurar esposa a Cibões onde se estabeleciam.

Em virtude d'este uso é provavel que os homens, que casavam fóra da sua terra, ficassem administrando mesmo de longe as propriedades que lhes pertenciam. A não se admittir este facto singelo, haveriamos de julgar que ou alienariam os seus bens ao mudar de estado, ou a successão se fazia na linha femininá.

A unica consequencia que podemos tirar do costume referido é a identidade anthropologica da freguesia de Cibões e da região gallega limitrophe.

O uso de procurar esposa fóra da tribu e trazel-a depois á sua respectiva chama-se *exogamia.* A differença no caso sujeito consiste em os homens irem fixar domicilio no logar em que as esposas habitavam quando solteiras, abandonando elles assim a terra da sua naturalidade e isto, talvez, em resultado do maior estado de doçura dos costumes. Esta tradição devia ser bastante antiga, anterior, mesmo, á separação de Portugal da Galliza.

O episodio que deu occasião a conhecermos o que fica descripto foi o seguinte. Martim Affonso, lavrador—e por ser morador na freguesia de Cibões devia, segundo o tal uso, ser gallego e casado com uma portuguesa—foi-se por tres vezes a Portella-do-Homem, na raia, onde trocou 21 bois por 42 novilhos. Ora, como os bois tinham sido exportados para Galliza, sem licença real, foi o referido lavrador accusado de *passador* ou como hoje diziamos de contrabandista, accusação grave a que elle respondeu homisiando-se. Fugitivo conseguiu, então no seu desespero, fazer chegar ás mãos de D. João II, ou melhor do seu Desembargo ou Conselho, uma petição na qual supplicava pela morte e paixão de Christo que lhe perdoassem a justiça real. Assim succedeu, e em 17 de abril de 1489, dia em que cahiu a sexta-feira da paixão, foi-lhe commutada provavelmente a pena, de que se passou carta em 6 de maio do mesmo anno. Esta costumeira desmoralisadora da prerogativa regia, ainda hoje se conserva com o nome de *perdões da semana santa.* O *Diario do Governo* imprime todos os annos o respectivo decreto, em que vem exposto o motivo das commutações de pena nas seguintes palavras: *em memoria das sacratissimas paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo.* Não se menciona na carta de perdão de Martim Affonso, que estudo, os pormenores do pedido, mas é provavel a supplica do lavrador ter sido appoiada por pessoas de importancia. A condição do perdão ou a commutação consistiu no pagamento de mil reaes para o cofre da Piedade, instituição que tinha por fim subsidiar as obras pias ou consideradas como taes. E' isto mais uma manisfestação pathetica da administração portuguesa. O perdão foi julgado pelos doutores Fernão Rodrigues e Rui Boto.

A seguir transcrevo das collecções do Archivo Nacional a carta de perdão e alguns trechos da memoria parochial de 1758, em que se mencionam diversos usos e circumstancias especiaes da freguesia de Cibões; não sendo, tambem, para despresar a noticia, dada pelo parocho, de que já no seculo XVIII havia na freguesia uma escola fundada pela iniciativa particular.

I. — «Dom Johã, etc. saude. Sabede que Martym Afomso, laurador, morador na freguesia de Symõez, [1] julgado de Regallados, nos Emuyou dyzer, que, dahy donde elle moraua ha Galyza, hauja hũa llegoa e mea e era custume daquella terra, os moradores della casarem em Galyza e lla yrem morar e os de Galyza virem casar no dito logar e nelle morarem, por serem todos mujto vyzinhos e de tam perto; pollo quall elle fora per tres uezes a hũa serra, que se chama a Portella de Homẽ, honde esta o estremo demarcado, e hy escanbara vinte e hũn boys seus, dando hũn por dous noujlhos, o quall permudaçam asy fezera com os moradores de Galyza e trouuera pera nosos Regnos os ditos noujlhos, que por os ditos boys ouuera, .s.: dous noujlhos per hũn boy. E agora lhe era dito, que allguas pesoas, que lhe mallqueryam, o culparam aas nosas Justyças, dizendo, que por elle asy fazer a dita permutaçom sem nosa lycencya *(sic)*, que fora por ello pasador, por o quall elle andaua amorado. Emuyando nos pydir por merçe que, a honrra da morte e payxom de noso senhor Jhu Xpo, lhe perdoasemos a nosa Justyça, se nos a ella, por que dito he, fose tjudo. E nos uendo, o que nos elle asy dizer e pidir envjou, se asy he, como elle dyz, e y mays nõ ha, e, querendo elle fazer graça e merçe, a honra e morte e payxom de noso senhor Jhu Xpo, temos por bem, e perdoamo lhe a nosa Justyça, que nos elle, por Rezom de asy troquar os ditos vynte hũn boys, era tjudo; com tanto que elle pagase mill reaes pera pyadade e, por quanto elle logo pagou os ditos dinheiros a Joham Jorge etc., segundo dello fomos certo per seu asynado e doutro de Joham Baynha, que sobre elle pos em receyta, madamos etc. Dada na Vidygeira, bj dias de mayo. El Rey o mandou pellos doutores Fernã Roiz e Ruy Boto etc. Gjl Alurez, por Fernã Gonçalluez, a fez de mill e iiij^{c} lxxxix anos». [2]

II. — «Tem no lugar de Figueyredo a Cappella de Santiago, antigua, que serue para a administração dos Sacramentos do ditto lugar, e da Lama, e da Lavada, reedificada a custa dos moradores destes tres lugares, que tem huma missa cantada no seu dia á custa dos mesmos moradores. Nesta capella se juntam os moradores desta freguezia de Ciboens a fazerem duas *rezadas* pella tençam dos moradores da mesma freguezia a saber: huma na primeyra oitava da Paschoa da resurreição, outra ao outro dia de pois de dia de Sam Bartholomeu; e, em cada huma destas *rezadas*, vay de cada caza huma pessoa *cabeceira*, e ahi rezam sete terços por cada *cabeceyro* da freguezia; onde o Juiz da Igreja os chama por rol condenando em cincoenta reis cada hum que falta, aplicado para as funçoens da freguezia, e gastasse em cada *rezada* sete cantaros de vinho que bebem os moradores que vam a *rezada;* o qual vinho levão os seis da freguezia em huns odres ás costas, pago dos rendimentos da mesma freguezia. Vam a esta capella os moradores da freguezia de Ciboens na terceyra sesta feira da Quaresma fazer hum *clamor*, onde vay o Parocho com os freguezes: e vão tambem ahi no mez de mayo os moradores dos montes da freguezia de Valdreu fazer outro *clamor*».

. . . . . .

«Tem no lugar de Cottello huma Cappella da Invocação de Sam Domingos, que instituhio ha dez annos o Brazyleyro, Domingos Pereyra Vianna, feita e redificada á sua custa; á qual pos fabrica em dinheyro, que tem em Lisboa em Padroens reaes, e nella pos hum Cappellan, a quem dá cada anno sessenta mil reis por dizer cada semana por sua alma coatro missas, entrando as dos dias santos e dar Escolla aos rapazes da freguezia e dando lhe papel para elles aprenderem e dar lhe Cartilhas etc». [3]

. . . . . .

«A calidade de seu temperamento he munto fria, sogeita a neue, *códos* e giados. [4]

. . . . . .

«Nam tem pescarias, mais que no vram pescarse com *alvitanas, barredouras* e *chumbeyras de malha meuda*, barrendo com estas as poças e de noute armando algumas redinhas, em que ás vezes de manham se acham algumas bogas, trutas ou escalos pequenos e os mayores seram de dous palmos». [5]

. . . . . .

«Esta freguezia de Ciboens he terra aspra e munto *encostada*, e roim de seruir, que nella não andão carros nem bestas; todo o serviço fazem os lavradores com feyxes e cestas ás costas, excepto o lugar de Vergaço e Cotello, que estão no alto da serra e são plainos, e ahi andão car-

---

[1] Houve aqui engano. O nome da freguesia deve ser Sibões (Cibões), orthographado nas Inquirições manuscriptas existentes no Archivo Nacional *Sibhões*. As inquirições de 1220, impressas nos *Port. Mon. Hist.* dão a fórma *Simeois* com a variante *Simeonis*. A etymologia é portanto *Simeonis*, genitivo de *Simeo*, Simeão. O engano deu-se em escrever *Symõez* em logar de *Symões*.

[2] Chancellaria de D. João II, livro 27, fl. 67 v.

[3] *Diccionario Geographico*, tom. XI, pags. 2209 e 2210. Memoria do Abbade de Cidões.

[4] *Idem*, pag. 2211.

[5] *Idem*, pag. 2212.

ros para a sua servintia; mas são lugares frigidissimos, que em, tempo de neue, passa ás vezes hum mez que não deitam o gado fora das *córtes* para o monte. Os gados que ham nesta freguezia: algumas vaccas, carneyros, não meyrinhos, mas de lan aspra de que os moradores uzam para a sua cobertura e trages do corpo, tem tambem algumas cabras e *crastoens* para a cultura de suas fazendas. Em alguns annos, como foi o anno passado, não colhem milhau, por quanto lho queima a giada». [1]

PEDRO A. D'AZEVEDO.

FOLK-LORE TRANSMONTANO

ROMANCEIRO

5. — O Soldado

(A. O. J. F.)

«Tu que tens, triste soldado,
Que tão triste andas na guerra?!
Ou te morreu pae ou mãe
Ou são lembranças da terra?!»

—Nem me lembra pae nem mãe,
Nem são lembranças da terra;
Lembra-me uma namorada,
Que lá me ficou donzella!—

«Sete annos te dou, soldado,
Para ires á tua terra;
Ao cabo dos sete annos
Tornarás a vir p'ra a guerra!»

«Aonde vaes, triste soldado,
Onde vaes triste de ti?!»
— Vou ver minha namorada,
Que ha bem ha que a não vi!—

«Tua namorada é morta,
Morta, que eu bem *na* vi!»
— Dá-me os signaes que levava
Para me eu fintar em ti!—

Os signaes, que ella levava,
Eu t'os digo já aqui:
Levava saia de nastro
E manto de carmezim!»

— Dá-me de lá um adeus
D'esses teus olhos sinceros!—
«Os olhos, com que t'os dava,
Já estão comidos da terra!»

— Venderei o meu cavallo,
Tambem me venderei a mim;
Mando-te dizer em missas
Para te tirar d'ahi!—

«Não vendas o teu cavallo,
Nem te vendas a ti;
Toda a alma, que aqui cáe
E' para seculos sem fim.

Recolhido na Louzã, em 1898.

CANCIONEIRO

34.ª
O limão é fructa azeda,
Que se *estilla* na botica;
Ama-se a quem é de gosto,
Quem não é de gosto fica.

35.ª
Algum dia por te eu ver
Dava voltas ao logar;
Agora tambem as dou,
Mas é por te não fallar.

36.ª
Algum dia por te eu ver
Ia eu de noite á fonte;
Agora só peço a Deus.
Que nem de dia te encontre.

37.ª
O' *moreirinha* do adro,
Abanada do trovão,
Se tu foras manjerico,
Eu te trouxera na mão.

38.ª
Deitei o limão correndo
A' tua porta parou;
O bem que te queria e quer
O limão o demonstrou.

39.ª
Fui á tua sepultura
Sobre ella dei um ai;
Uma voz me respondeu:
Esse tempo já lá vae!

40.ª
Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar em botão;
Que a rosa depois d'aberta
Logo perde a estimação.

41.ª
Rosa, que estás na roseira,
Deixa-te estar, que estás bem;
Estás querida, estimada
Proximo de tua mãe.

42.ª
O cravo depois de secco
Logo se põe *esmurchado;*
Este nosso bem querer
Por Deus foi determinado.

43.ª
O mentrasto é enredo,
Que entre nós se quer metter
Entre dois firmes amantes
Enredos não ha de haver.

44.ª
Lá cima na rua nova
Me obriga o amor que cante;
Já lá tens meu coração,
Acho que é prenda bastante.

45.ª
No terreiro da amoreira
Andam as pennas voando;
Todas sahem de meu peito
E eu por disfarce, cantando.

46.ª
Passarinho verde e loiro
Proprio da minha figura:
Verde é minha esperança,
Triste foi minha ventura.

47.ª
Quando os passarinhos choram,
Que não teem entendimento,
Que fará quem não tem visto
Seu amor ha tanto tempo.

48.ª
Pintasilgo delicado,
Quem te deu essa pintura?
Jesus Christo verdadeiro,
Pae de toda a creatura.

49.ª
O' trigo, que assim és de lindo,
Quem me dera a tua côr;
Entras na Hostia Sagrada,
Serves de... Nosso Senhor.

50.ª
Põe-se o sol e nasce a lua,
Já reverdecem as flores;
Eu bem queria e não posso
Ser o rei dos cantadores.

(Segue)

TAVARES TEIXEIRA.

---

[1] *Idem*, pag. 2213.

OS MORTOS

—

AUGUSTO CARLOS TEIXEIRA DE ARAGÃO

1823 † 3 de maio de 1903

Sobre a morte d'este homem a facundia dos profissionaes da apotheose na litteratura diaria que serve o publico, e lhe basta, cingiu-se exiguamente a um relato estanque. Natural. A insciencia dos informadores, desmarcadamente abaixo do que se diz, mesmo sob apparencias de exagerado aziume, explica a ignorancia d'essa recolhida physionomia de estudioso que, ao termo, legou uma obra de vivo destaque á sua patria. Com as notabilidades do dia, mesmo até á cova, mantem-se a cumplicidade no embuste. Verdade é que passam; e não será com ellas, essas centenas, mas com a ala diminuta das figuras como esta a consagrar, que se fará o balanço expressor da mentalidade portuguesa.

Teixeira de Aragão apparece nas lettras com uma novella já olvidada e remota (1846), e só alguns annos mais tarde, por occasião do certamen de 1867 em Paris, é que vem a publico a sua *Description des monnaies, médailles et autres objets d'art concernant l'Histoire portugaise du travail* (8.º, 171 pags. e v pls., Paris, 1867). N'este volume, além das referencias á nossa ourivesaria artistica, á vidraria, á ceramica e ás rendas, as moedas romanas, wisigothicas e portuguesas occupam o logar primacial e annunciam já o numismalogista que definitivamente se revela, logo adeante, com a *Descripção historica das moedas romanas existentes no Gabinete numisgmatico de... D. Luiz 1.º* (8.º, 640 pags., Lisboa, 1870). Este copioso trabalho descriptivo, com um anteloquio extenso e sabiamente elaborado, é seguido em breve pela *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis, regentes e governadores de Portugal*, em tres grossos volumes successivamente publicados em 1874, 77 e 80, occupando-se os dois primeiros, iconologicamente servidos por sessenta e duas planchas, da nummaria metropolitana, o terceiro, com quinze planchas, da India e de Moçambique, e restando para um quarto, que não veio a publico mas do qual se concluira a illustração, a numismatologia respeitante ao Brasil. E' esta a sua obra maxima, a despeito do que, por vezes, se exhibe diffuso e prolixo, marcando sobre a obra inicial de Lopes Fernandes (1856), um consideravel progresso de exacção e novidade historicas. A introducção ao quarto volume inseriu-a Teixeira de Aragão no grosso tomo que encerrava as *Memorias da Commissão portuguesa* dadas a lume por occasião do *Centenario do descobrimento da America* (Lisboa, 1891). E' uma *Breve noticia sobre o descobrimento da America* (80 pags.) que o auctor ainda desejou corrigir e ampliar mas que uma doença de então por completo impediu. N'esse tomo pertence ainda a Teixeira de Aragão o *Catalogo dos objectos de arte e industria dos indigenas da America que... a Academia Real das Sciencias de Lisboa envia á Exposição de Madrid* (44 pags.) e onde são enumeradas armas, instrumentos, tecidos, ornatos, mascaras, ceramica e varios artefactos.

A sua disposição para os assumptos historicos tentou-o á elaboração d'um bosquejo intitulado *D. Vasco da Gama e a villa da Vidigueira* (8.º, 46 pags., Lisboa, 1871) que mais tarde, por occasião do centenario da India, notavelmente ampliou (303 pags.) E ainda, sob uma mesma filiação de labor e curiosidade mentaes, apparece mais recentemente o livro *Diabruras, santidades e prophecias* (8.º, 150 pags., Lisboa, 1894) que é, a um tempo, uma contribuição historica e ethnographica de alto valor. Alguns processos da Inquisição «tam execrando tribunal, por irrisão chamado santo», fornecem ao auctor interessantissimos depoimentos, d'entre os quaes sobresahem os que alludem á inquirição das testemunhas femininas, apertadas vivamente para descreverem scenas de lascivia com toda a côr e detalhe. Curiosos esses subsidios para a pathologia do erotismo mystico! Nas prophecias e santidades ainda os vaticinios populares nas grandes angustias collectivas e o fanatismo morbido fornecem a Teixeira de Aragão elementos para, além de confirmar a sua criteriosa sagacidade historica, se denunciar excelsamente, em face da pravidade e hypocrisia religiosas, uma tam integra como saudavel consciencia.

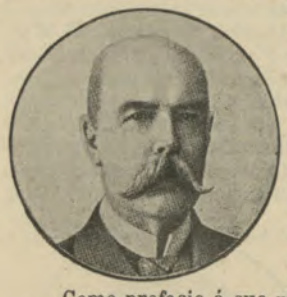
R. P.

CONDE DE FICALHO

23 de julho de 1837 † 19 de abril de 1903

O conde de Ficalho foi um agradavel homem de sciencia. De varias formas que reveste o saber em Portugal — o burocratico das escolas, o estipendiado das commissões e relatorios, o vulgarisador para curiosos de leitura — teve o estimavel escriptor um pouco, com a divergencia consideravel, emtanto, de se manifestar superiormente em todas ellas. A sua sciencia leve, oscillante entre uma Botanica suave e uma Historia documentalmente accessivel para um imaginativo e um estheta, praticou-a Franscisco de Mello com sufficiente gala de erudito e com um raro brilho de colorista. Disse muito bem coisas breves, ao contrario do que succede com os que pensam coisas grandes e que, em geral, as escrevem muito mal. E se a sua obra tam lindamente vestida o não intégra no grupo desconhecido dos que professam uma sciencia de mais alta originalidade e solidez, tam pouco o inclue na mediania lucrativa e respeitada de qualquer das tres categorias que desvanecem ainda muita ingenuidade civica.

De 1870 data o seu *Programma para o desempenho das conferencias e estudos agricolas*, seguindo-se-lhe, pouco depois, a publicação dos *Apontamentos para o estudo da Flora Portuguesa* e a *Noticia d'alguns productos vegetaes... da Africa Portuguesa*, ambos calcados sobre os herbarios de Welwitsch e insertos no *Jornal* da Academia (1875-7). Em 1880 lê perante essa instituição a sua interessante monographia, a um tempo botanica e historica, denominada *Flora dos Lusiadas*, primeiro editada nas *Memorias* d'aquella aggremiação sabia e logo n'um opusculo corrente (8.º, 99 pags., Lisboa, 1880) que estimulou numerosos imitadores, sem, aliás, o attingirem, nem no luxo sabio, nem no relévo plastico. A' obra de Capello e Ivens presta, um anno depois, a sua cooperação phytologica; e é ainda n'esta data que enceta, no *Boletim da Sociedade de Geographia* o seu trabalho summario sobre os *Nomes vulgares d'algumas plantas africanas*, ampliado largamente, em 1884, sob o titulo *Plantas uteis da Africa Portuguesa* (8.º, 279 pags., Lisboa).



Como prefacio á sua magnifica edição critica dos *Coloquios dos simples e drogas da India por Garcia da Orta* (I, 384 pags., Lisboa, 1891; II, 443 pags., 1895) publica, em 1886, o livro intitulado *Garcia da Orta e o seu tempo* (8.º, 392 pags., Lisboa) que é uma brilhante evocação historico-litteraria d'um meio e d'uma epocha. Um pittoresco e galhardo aventureiro enseja, dois annos mais tarde, as *Viagens de Pero da Covilhã* (8.º, Pereira ed. Lisboa); e por fim a sua provincia, que já promovera deliciosos quadros de paisagens e costumes no seu bello livro de contos e no antigo *Reporter*, occupa-o em grande parte quando elabora as series de artigos respectivamente intitulados *O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos* e *Notas historicas ácerca de Serpa* (in *A Tradição*, I-III, 1899-901). E' ainda do conde de Ficalho a introducção ao *Le Portugal au point de vue agricole* (pags. XI-XXXVIII, Lisbonne, 1900), memoria breve sobre as origens historicas da cultura, o regimen agricola, a sua dependencia da diversidade climatica e o seu caracter vario procedente d'uma differenciação do genio ethnico, monographia que, como todos os seus livros — excepção feita dos exclusivamente taxonomicos — avulta pela nobreza formal e faz pensar d'esse interessante mundano que elle escrevia, como se disse d'aquelle famoso naturalista do seculo XVIII, sempre com punhos de renda!

R. P.

BIBLIOGRAPHIA

LIVROS E OPUSCULOS

José Fortes. ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA, II, *Balineum Luso-romano de S. Vicente do Pinheiro.* Porto, 1902, in-8.º, 56 pags., 1 pl. e 8 figs. in texto.

EMOS presente o segundo opusculo da série de estudos archeologicos iniciados pelo Dr. José Fortes sob o titulo geral de *Archeologia portugueza.*

Não ha muito que, em fasciculo anterior, [1] sinceramente foi louvado este nosso distincto collaborador pela sua primeira monographia; cumpre agora repetir a enthusiastica saudação.

Felicito-me intimamente pelas anteriores phrases de justo louvor, muito mais pela lembrança da missão distinctamente cumprida, e ainda pela honra do publico offertorio de tam interessante monographia archeologica. Por este facto, motivo de sincero rejubilo, talvez que a critica possa julgar-se menos imparcial e de natural desvanecida. Não obstante, á parte os defeitos, de começo resalvados, que muito humanamente encontramos nos outros a quando em assento de juizes—e o humilde peccado é quasi-virtude humana e christã—fica aqui affirmado de modo cathegorico o pleno louvor que justamente merece a preciosa monographia scientifica sobre assumpto de archeologia nacional.

E', de facto, notavel para registrar o novo trabalho do nosso illustre collaborador, o qual pela sua constituição e estylo perfeitamente se adapta ao nosso plano ideal de trabalho, em materia de investigação scientifica. Está correctamente executado o estudo segundo os preceitos da sciencia, com rigor e methodo, manifestando a erudição propria do seu assumpto, que sob todos os pontos de vista fica analysado e completo; o modo de exposição apresenta feição esthetica, como deve ser em todas as producções litterarias e outras, nas quaes o homem, para bem fazer, tentará approximar-se das formulas perfeitas, como são todas as producções naturaes, naturalmente rythmicas e estheticas. A fórma didatica, por mais arido ou escabroso que pareça o assumpto, permitte sempre a sua modelagem segundo maneira harmonica e aprasivel; mais do que outras, a litteratura archeologica reclama esse contorno artistico.—A Verdade, na sua cruesa absoluta, foi incarnada em mytho ou allegoria, na fórma mais perfeita da bellesa feminina, personificação da universal esthetica da naturesa. E, em arte ou sciencia, quaesquer que sejam os meios e modos, busca-se a mesma formula final de perfeita e exacta verdade.

---

[1] *Portvgalia*, tom. I, fasc. 2.º, pags. 425 e 426.

Cuida este estudo, cuja correcção é louvada, de um *Balineum* com aspectos modestos, sito junto a uma velha nascente de agoas thermaes sulfurosas, na freguesia de S. Vicente do Pinheiro, concelho de Penafiel. De ha muito que proximamente, no local de Entre-os-Rios, um importante estabelecimento hydrotherapico explora nascentes similares de agoas medicinaes; mas só ha pouco que o snr. Agostinho Lopes Coelho descobriu estes vetustos attestados da antiquissima virtude de todos estes mananciaes.

Os romanos, que por toda a parte balisáram a sua passagem, aqui deixaram tambem um documento da sua imponente civilisação. Fôra esta, pois, a primitiva nascente, aproveitada desde centenares de annos; e junto ás ruinas do antigo balneario, outro se construe para continuar a tradição dos habitadores luso-romanos. Este, edifica-o de material novo a nova empreza; o antigo, reconstrue-o sobre velhas ruinas, com justesa e brilho, o Auctor da memoria archeologica.

Menos lucrará de certo o antiquario, muito embora mais custe e mais valha a sua obra; que os lucros são de ordem moral para o nobre edificio da sciencia: «o achado é, como diz, mais um documento authentico para a historia e ethnographia da *Gallaecia* romana». O que bastantemente justifica o valor e interesse da obra archeologica.

A exploração seguiu cuidadosamente todos os minimos vestigios do velho balneario; e a descripção precisa e correcta acompanha um plano bem elaborado, desenhado com clareza. Em alguns pontos confusos, encontrou o Auctor a interpretação feliz e verosimil; no mysterioso enredo d'estas velhas derrocadas ha sempre casos de embaraçosa solução, labyrinticos problemas que resistem ás formulas eruditas da archeographia; por isso, mais valem que planos de architectos as reconstituições de antiquarios. Sobre esta planta, cujas partes são decifradas, os materiaes classificados, tudo etiquetado segundo os componentes elementares, facil é agora, seguindo a minuciosa interpretação do nosso Auctor, prespectivar o velho estabelecimento hydro-medicinal, erguer o edificio sobre seus arruinados alicerces, restabelecendo o Balineum romano tal qual era ao tempo no seu intimo organismo. O *apodyterium* primeiro, e a seguir as diversas *cellas* segundo a trama preceitual: o *tepidarium*, o *laconicum* sobre a sua enredosa *suspensura*, o *caldarium* com o *alveus*, por ultimo as *piscinae* do *frigidarium* e a cella do *unctorium*, ligados por um systema complexo de apropriada canalisação, *fistulae, tubi, cuniculi, cloaculae*, etc., por onde transitavam as agoas, os vapores, os esgotos.

Realisa d'este modo José Fortes a interessante reconstituição, adaptando-a justamente ao «programma balnear de Galeno». E, por fim, cuida de limitar a questão chronologica. «Pelo cunho accentuadamente romano do balneario, emergente do seu arranjo intimo, da technica, do material, do mobiliario, é já evidente que foi construido e suspendeu a laboração sob o dominio do *povo-rei*. Não é, porém, menos contestavel que a construcção não seria coeva dos primeiros tempos da conquista hispanica...» e data-a dos fins do primeiro ou principios do segundo seculo da era christã, conjecturando acertadamente que a sua epocha de terminação se verificou sob o dominio romano ou que o edificio sequer lhe não sobreviveu; isto é, antes do seculo v, ou pelos seus inicios.

Desenterrados e recompostos os materiaes da velha ruina, foi restabelecido o primitivo edificio, classificado e datado. É' completo o estudo archeologico.

R. S.

Albino dos Santos Pereira Lopo. BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, 8.°, 114 pags., 26 ests. e 4 plantas. (Extracto do *Boletim da Sociedade de Geographia*, n.os 3-4, 1898-99). Lisboa, 1900.

Monographia intelligentemente concebida e realisada, não obstante o seu auctor, que é um estudioso muito esclarecido e dedicado, se adstringir aos moldes consagrados. Naturalmente a parte archeologica, em virtude das predilecções do snr. Albino Lopo, é das mais interessantes e educativas. Além da documentação conhecida através das suas communicações insertas no *Archeologo portuguez*, de que é um assiduo e prestante collaborador, ha factos de registro inedito, muito bem enlaçados. De resto todo o districto é um campo opulento de inquerito, e, a avaliar pelo que conhecemos do illustre investigador, está em boa mão.

Algumas lendas e costumes surgem d'onde a onde no texto com o realce necessario para deterem a attenção do folk-lorista e do ethnographo. Topographia, historia, administração, arte militar originam naturalmente capitulos bem organisados.

Seja-nos licito, entretanto, assignalar que a praxe de classificar os povos d'esse modo vago que se resume em chamar-lhes doceis, bondosos e hospitaleiros, não tem expressão ethnica sufficiente e caracteristica para legitimar o titulo d'um capitulo. Attribuir ainda a incuria e desmazelo dos habitantes a ausencia de industrias affigura-se-nos vêr de leve um aspecto social bem mais complexo do que as apparencias inculcam; e quanto ao bragancez ser rebelde á acceitação de inventos ou ao apartamento dos seus costumes isso está longe de ser uma peculiaridade e até um titulo que o deprima.

O snr. Albino Lopo, alludindo á resolução de a Companhia de Jesus estabelecer um Collegio em Bragança, acha que foram nobres os intuitos da cidade concorrendo pressurosamente para semelhante fundação. Queremos crêr, fazendo justiça ao discernimento e lucidez do auctor, que esta sua affirmação foi apenas um deploravel lapso.

Trabalho sensato e de elogiavel intenção, enriquecido com illustrações e mappas, enfileira honestamente na litteratura do genero. Felicitando o auctor, agradecemos-lhe, a um tempo, a penhorante gentileza com que muito especialmente nos obsequiou.

R. P.

Luis de Hoyos Sáinz. LECCIONES DE ANTROPOLOGIA. Tom. III. ETNOGRAFIA. *Clasificaciones, prehistoria y razas americanas,* 2.ª edición, aumentada y corregida, 8.°, 375 pags. Romo y Füssel eds. Madrid, 1900.

Telesforo de Aranzadi. LECCIONES DE ANTROPOLOGIA. Tom. IV. ETNOGRAFIA. *Razas negras, amarillas y blancas,* 2.ª edición, enteramente reformada, 8.°, 372 pags. Romo y Füssel eds. Madrid, 1900.

Já n'este logar alludimos ao movimento anthropologico em Hespanha, denunciado nas suas publicações avulsas e periodicas, nos seus cursos e nos seus laboratorios. Não affrouxa ou, sequer, alguns estudiosos e publicistas manteem elevadamente as tradições do impulso inicial. E n'este mesmo anno apparecem, em segunda edição, os dois volumes que mencionamos, os quaes, com a *Técnica antropologica y Antropologia fisica* de D. Luis de Hoyos e a *Etnologia* de D. Telesforo de Aranzadi constituem uma bibliotheca anthropologica de ensino e vulgarisação muito educativa, nomeadamente para peninsulares.

O trabalho de D. Luis de Hoyos occupa-se inicialmente das classificações das raças, sua historia e suas modificações successivas, exhibindo por fim a de D. Manuel Anton, o eminente professor que a exarou, explicando-a, no seu erudito e lucido *Programa razonado de Antropologia.* A prehistoria enche seguidamente uma grande parte do volume, deparando-se-nos, á sua altura, a classificação de Vilanova e Delgado, fundamentalmente inspirada no livro didatico de Mortillet. Uma e outra não offerecem divergencias radicaes com os trabalhos ordinariamente conhecidos; mas a ultima poderiamos dizel-a como que nacionalisada pela identificação das estações peninsulares com as classicas d'outros paizes que originaram a systematisação mais ou menos adoptada geralmente. Sobretudo o quadro da edade dos metaes interessa aos que não hajam á mão as monographias que dizem respeito ás localidades indicadas, podendo-se formar d'est'arte uma opinião do conjuncto e da expansão das epochas do cobre, do bronze e do ferro na peninsula.

De resto D. Luis de Hoyos enriquece copiosamente o seu trabalho com material existente e estudado na Hespanha e em Portugal, o que, accrescentado d'uma vasta citação bibliographica, mais augmenta o interesse que deve merecer-nos a sua habil e feliz compilação.

A ultima parte consagra-a o auctor á descripção summaria das raças americanas. E a proposito vem dizer que para a elaboração dos seus capitulos o illustre anthropologista hespanhol busca nos antigos escriptores do seu paiz que se occuparam da America muitas das informações esparsas n'essa opulenta litteratura do tempo. Já o snr. D. Manuel Anton dissera: «... Nos historiadores das Indias contem-se a anthropologia da America sob todos os aspectos, conforme os methodos e recursos da sciencia no seculo XVI, pois que não só estudaram e descreveram as raças attendendo ao conjuncto dos seus caracteres physicos, intellectuaes e moraes, mas por egual examinaram a sua organisação social e intentaram averiguar a sua origem». A verdade é que, apesar dos defeitos que a tres seculos de distancia podemos accusar, os subsidios dos escriptores hespanhoes para a descripção das raças americanas são notabilissimos e n'ellas fizeram abundante colheita Humboldt e d'Orbigny.

Occorre-nos, a tal proposito, a lembrança dos trabalhos do mallogrado Alexandre Rodrigues Ferreira sobre a fauna, a flora, a geologia e algumas raças americanas os quaes, ainda em manuscripto, foram pedidos pelo governo brasileiro ao de Portugal com a promessa da devolução após a impressão affiançada. Pois nem se imprimiram, nem voltaram! E do que é esse famoso trabalho poderá fazer ideia, quem quizer, com intensa magoa, pelos titulos dos manuscriptos alludidos n'um artigo inserto nos *Annaes* da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Ainda se historiará um dia este episodio!

A deliberação de colher nos antigos escriptores as noções aproveitaveis que offerecem para o estudo das raças egualmente nos occorreu ao combinarem-se os delineamentos d'esta revista. Tambem a nossa litteratura ultramarina encerra numerosos dados frequentemente seguros e certos, como se vae verificando a par e passo que as investigações modernas os corroboram. Nem só a *Ethiopia Oriental* do Fr. João dos Santos é a obra mestra da seriedade e da exacção! Destacar dos chronistas os trechos que se referem a povos, tradusil-os parallelamente e acrescentar-lhes o commentario que os conhecimentos actuaes permittem, daria tudo isto logar a que se reconhecesse no estrangeiro não só a observação sagaz dos nossos escriptores da epocha das descobertas, mas ainda a prioridade dos portugueses na descripção de povos ineditos até então para o mundo. A edição dos *Coloquios* de Garcia da Orta com o commentario do conde de Ficalho é modelar para semelhante especie de reivindicações.

Os hespanhoes, precedendo-nos, fazem uma grande e bella obra de justiça e patriotismo.

O volume subscripto pelo snr. De Aranzadi é complementar do precedente e confina-se portanto na descripção das raças negras, amarellas e brancas. A d'estas ultimas, prudente e curta, está excellentemente elaborada e constitue um dos mais felizes capitulos do livro. A assignalar

ainda o que se intitula *Las gentes del Mediodia*, incluindo o paragrapho denominado *La moreria*. Apenas, e pois que se trata d'um livro para o grande publico e para estudantes, desejariamos que a aridez dos numeros — na pag. 297, por ex. — se acantonasse em tabellas distinctas do texto.

Vemos ainda com muita satisfação que os trabalhos do nosso camarada na direcção d'esta revista, o illustre anthropometrista Fonseca Cardoso, merecem por parte dos anthropologistas hespanhoes — como está succedendo pelos franceses — a acolheita, tam honrosa para nós e tam legitima, a que dão jus as suas aptidões insignissimas.

Os dois livros a que vimos alludindo, constituem pois, como obra de vulgarisação, um opportuno e valioso serviço que mais avultaria se fosse acompanhado de gravuras. O snr. Verneau, n'uma referencia bibliographica em *L'Anthropologie*, aconselhava-os aos leitores de França que mal conhecessem o que se ha produsido áquem dos Pyrineus. Com mais rasão nos cumpre assignalal-os á attenção e curiosidade dos estudiosos do paiz, tam certa e deploravel é a nossa insciencia no que diz respeito á locubração anthropo-archeologica da Hespanha!

R. P.

A. Thomaz Pires. CANTOS POPULARES PORTUGUESES. (Recolhidos da tradição oral e coordenados por). Vol. I, 8.°, 437 pags. Elvas, 1902.

Coordenação de dez mil cantos obtidos durante quinze annos de indagações folk-loricas e directamente colhidos da bocca do povo, como affirma o estimavel collector alemtejano. Este primeiro volume comporta 2:561 quadras referentes a uma parte ainda muito limitada do plano da coordenação exarado em face da obra, ou seja as que se referem á religião, aos vestigios de algumas crenças pre-christãs não fundidas no christianismo e a varios aspectos da natureza. Cada estrophe é acompanhada da abreviatura indicativa da procedencia e, naturalmente, as duas provincias do sul são as que fornecem maior contingente.

Sobre as numerosas publicações congeneres, como o cancioneiro geral do snr. Theophilo Braga, o amoroso do snr. Leite de Vasconcellos, alguns regionaes como o minhoto do snr. Silva Vieira e o beirão, acompanhado de musicas, do snr. Fernandes Thomaz — não entrando em conta com a fraudulagem insciente e interesseira dos snrs. C. Neves e G. Campos em que ha obra deturpada do povo e exhumações do *Trovador*, da *Grinalda* ou do *Bardo* — a collectanea do snr Thomaz Pires excede-as ou na abundancia copiosa dos materiaes, ou na variedade, ou na sua systematisação, discutivel por certo, mas rigorosamente scientifica.

Tendo sido, em toda a parte, objecto da mais intensa — como da mais commoda — predilecção dos folk-loristas a colheita de trovas populares, ulteriormente vindas a esmo para publico, cabem n'este logar algumas passagens do extincto Léon Marillier, um dos insignes directores da *Revue de l'Histoire des Religions*, extractadas da sua memoria *Le Folk-lore et la science des Religions* inserta nas *Actes du Premier Congrès international d'Histoire des Religions* (Paris, 1901, Leroux ed.). «Os estudos de folk-lore foram, durante muito tempo, pouco methodicos; recolhiam-se lendas e tradições pelo prazer de recolher, annotavam-se costumes porque pareciam divertidos e singulares... Hoje, porém, os folk-loristas teem a clara consciencia do fim para que tendem e da obra para que collaboram. Escrevem com factos um dos capitulos mais importantes da psychologia social e fornecem ao estudo do desenvolvimento das instituições familiares e das diversas technicas os mais preciosos beneficios... Recolher factos authenticos, grupal-os conforme as semelhanças internas e as suas relações com os outros phenomenos psychologicos e sociaes, procurar determinar-lhes a significação, tal deve ser a tarefa essencial de folk-loristas, etc...»

Folgamos em assignalar que o snr. Thomaz Pires é dos poucos que, entre nós, envereda por esta via.

R. P.

F. de Mély. L'HISTOIRE D'UN SUAIRE. LE SAINT SUAIRE D'ENXOBREGAS, in *Revue Archéologique*, tom. XL, pags. 55-61. Leroux ed. Paris, 1902.

Como os multiplicados cravos da burrinha em que ia Nossa Senhora, como os milhares de espinhos da corôa de Jesus, como os incontaveis fragmentos do Santo Lenho, como tantos outros milhões de reliquias, tambem o verdadeiro sudario que envolveu Christo vae no numero 38. Trinta e oito verdadeiros sudarios e grande parte d'elles authenticados por principes e outros veneraveis luminares da Egreja!

O snr. Mély, n'um interessante artigo da *Rev. Archéologique*, faz a historia lendaria do nosso com os elementos colhidos nomeadamente no *Agiologio lusitano*, no *Sanctuario Mariano*, na *Historia* e na *Chronica Seraphica*. E reduz-se a isto: o imperador Maximiliano, de Saboya, mandou copiar o sudario de Turim para presentear a nossa rainha D. Leonor, fundadora da Madre de Deus; os pintores não ousaram realisar a obra; mas deixando a tela sobre o original, quando no dia seguinte iam decididos a copial-o, encontraram 2 sudarios, sem distinguirem um do outro. Um d'elles veio para Lisboa e tem sido objecto da veneração exaltada que nos contam as obras referidas e outras mais e que constitue um interessante capitulo para a historia da superstição.

O debate ácerca do sudario de Turim, que já originou cerca de tres mil especies na bibliographia do assumpto, deu ao artigo do snr. Mély uma opportuna actualidade.

R. P.

Michel' Angelo Lambertini. CHANSONS ET INSTRUMENTS. *Renseignements pour l'étude du Folklore Portugais.* 8.º, 69 pags. e VIII pls. Lisbonne (1902).

Opusculo dividido em tres capitulos. No primeiro o auctor disserta ácerca da musica popular portuguesa, das presumiveis influencias recebidas e das ignoradas origens; no segundo, annotando a escassez de dados, collige d'um *Cancioneiro* do seculo XIII os informes e os graphicos mais interessantes, exhumando assim os recursos de instrumentação musical que possuiamos; no terceiro descreve os instrumentos populares ainda em uso, indicando os que predominam, os que desapparecem lento e lento, os de introducção recente, descrevendo-os todos e marcando a cada um a expansão territorial no continente e nas ilhas.

R. P.

J. V. Barbosa du Bocage. [As suas] PUBLICAÇÕES SCIENTIFICAS. 8.º Lisboa, 1901.

Ennumeração das 177 publicações que o eminente director do Museu Zoologico da Eschola Polytechnica de Lisboa elaborou n'um periodo de quarenta annos (1857-1901). Além dos seus inolvidaveis serviços na fundação do Museu de Zoologia de Lisboa e progressos subsequentes, além ainda da influencia da sua acção, do seu ensinamento e da sua propaganda que crearam discipulos e continuadores, o seu trabalho de classificação é extensissimo, desde as memorias iniciaes ácerca dos mammiferos, aves, reptis e peixes do continente até á longa e multipla série de monographias e notas sobre os vertebrados das nossas possessões ultramarinas. Difficilmente será egualada uma tam proficua, ardua e vastissima tarefa scientifica.

O opusculo menciona ainda os trabalhos d'alguns cooperadores já extinctos—Felix de Brito Capello, Pereira Guimarães, Arruda Furtado e José Augusto de Sousa—todos naturalistas do Museu de Lisboa, e bem assim a obra de Paulino de Oliveira, director do Museu de Coimbra, a quem já alludimos n'esta publicação a proposito do seu passamento.

R. P.

Telesforo de Aranzadi. ANTROPOMETRIA, XXXV vol. dos *Manuales-Soler*, 16.º, 184 pags. com 21 gravuras, Succ. de Manuel Soler eds. Barcelona, 1903.

Faz parte este volumesinho da collecção dos manuaes que os editores M. Soler publicam em Barcelona. Segue o modelo de outras similares publicações, como os manuaes Hoepli italianos, e adapta-se ao mesmo programma de propaganda e ensino elementar das sciencias, artes e industrias. Os editores de Barcelona, como os seus confrades, acertadamente procuraram auctores de subida competencia, especialistas consagrados, que altamente valorisam a sua obra, ao mesmo tempo que lhe ampliam a area de utilisação. Não são apenas uteis em meios limitados, para o ensino escholar e profissional; aproveitam alguns a mestres e eruditos, como perfeitos compendios de muito saber e originalidade. E isto valem pelos seus auctores.

O livrinho do sabio hespanhol D. Telesforo Aranzadi é um exemplo, sob todos os pontos de vista, notavel. A' parte a materia technica, propria de um manual que se occupa de sciencia *metrica*, apresenta o illustre anthropologo curiosos e originaes factos de Portugal e Hespanha, que faz entrar na composição dos seus mappas ou quadros analyticos e comparativos. O estudioso não tem, perante este compendio de anthropometria, embaraços de escolha nos processos de investigação e methodos de trabalho. E' franco e claro, sem pretenciosa erudição que confunda; traça um caminho a seguir, para bem observar e produzir, seguindo a technica anthropometrica da eschola franceza na sua ultima e singela expressão.

O pequeno *vade-mecum*, cumpre o seu programma; por elle se aprende anthropometria.

Apenas, uma falta. Destinando-se a um publico hespanhol, cuidando de preparar estudiosos para um problema peninsular, muito aproveitaria em appenso uma bibliographia minuciosa do que ha feito em Portugal e Hespanha sobre assumpto anthropologico. A falta não é propriamente um defeito; altos e multiplos são os meritos do livrinho pelos quaes ao illustre auctor se deve muito louvor.

Demostra esta pequena bibliotheca, a *peseta e meia* o volume, um publico estudioso, um editor culto. Pensando em nós outros, no nosso paiz, magoa-me dolorosamente o commentario, em demasia cruel; e, reservanto as criticas abusivamente repisadas sobre o povo de leitores, porventura injustas no seu excesso, exporei a justissima censura que do parallelo resulta para os editores nacionaes, na generalidade incultos, por completo faltos de iniciativa. O terreno será, porventura, de aspecto sáfaro e bravio, mas a semente e o semeador teem sido no geral da mais ruim especie.

R. S.

EDITOR — RICARDO SEVERO.

SERVIÇO DE CORRESPONDENCIA E PERMUTA

COM

ACADEMIAS, INSTITUTOS, SOCIEDADES E PERIODICOS SCIENTIFICOS

As publicações recebidas em troca estão indicadas em typo italico

Allemanha . .	Berliner Gesselschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.—*Verhandlungen.*—*Zeitschrift für Ethnologie*	BERLIN.
	Königliche Bibliothek	id.
	Globus.—Illustr Zeitschrift.	BRAUNSCHWEIG.
	Centralblatt für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.	BRESLAU.
	Centralblatt für Anthropologie, Ethnologie, etc.	JENA.
	Correspondenz-Blatt der deutschen Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte	MÜNCHEN.
	Munchener Gesellschaft für Anthropologie	id.
	Internationales Centralblatt für Anthropologie und verwandte Wissenschaften	STETTIN.
Austria. . .	Anthropologischen Gesellschaft.—*Mittheilungen* etc.. . .	WIEN.
	Bibliothéque Nationale.	id.
	Zoologisch-botanischen Gesellschaft.—*Verhandlungen,* etc..	id.
Belgica . . .	Académie R. d'Archéologie de Belgique.—*Annales.*—*Bull.*	ANVERS.
	Bibliothéque Nationale.	BRUXELLES.
	Société d'Anthropologie	id.
	Société d'Archéologie de Bruxelles.—*Annales.*—*Annuaires*	id.
	Société belge de Géologie.—*Bulletins*	id.
	Société belge de Microscopie.—*Annales*	id.
	Société des Bollandistes.—*Analecta Bollandiana* . . .	id.
	Société Royale malacologique.—*Bulletins*.	id.
	Jadis.—(Périodique, recueil arch. et hist.)	SOIGNIES-HAINAUT.
Brazil . . .	Bibliotheca Nacional	RIO DE JANEIRO.
	Gabinete portuguez de leitura	id.
	Museu Nacional.—*Archivos.*—*Revista*	id.
	Pará-medico	PARÁ-BELEM.
	Eschola Polytechnica.	S. PAULO.
	Instituto historico e geographico	id.
	Museu Paulista.—*Revista*	id.
Chili. . . .	*Boletin de Hijiene y Demografia*.	SANTIAGO.
	Revista chilena de Hijiene.	id.
	Sociedad cientifica de Chile.—*Actas de la Sociedad,* etc.. .	id.
Dinamarca. .	Société Royale des Antiquaires du Nord	COPENHAGUE.
Egypto . . .	Institut Égyptien.—*Bulletins*	CAIRO.
Estados Unidos	Peabody Museum of Archaeology and Ethnology.—*Reports.*	CAMBRIDGE.
	» » » » —*Memoirs*	id.
	American Antiquarian	CHICAGO.
	The Antiquarian	OHIO.
	Anthropological Society	WASHINGTON.
	Bureau of Ethnology (Smith. Inst.)—*Annual Report.*—*Bull.*	id.
	Geological Survey (Smith. Inst.)—*Monographs.*—*Annual Report.*—*Bulletin*	id.
	Smithsonian Institution.—*Annual Report*	id.
	The American Anthropologist	id.

França. . .	Société d'anthropologie	Lyon.
	Académie des Sciences	Paris.
	Bibliothéque National	id.
	École de l'Anthropologie.—*Revue (Recueil mensuel)*	id.
	Feuille des jeunes naturalistes	id.
	Gazette Numismatique française	id.
	L'Anthropologie (Revue bi-mensuelle)	id.
	La Tradition (Revue internationale du Folk-lore)	id.
	Melusine (publ. por M. H. Gaidoz)	id.
	Musée Guimet.—*Annales* (bibliotéque d'études)	id.
	» » —*Revue de l'Histoire des Religions*	id.
	Muséum de Histoire Naturelle.—*Bulletins*	id.
	Polybiblion (Revue bibliographique universelle)	id.
	Revue Archéologique	id.
	Revue Hispanique	id.
	Société d'anthropologie.—*Bulletins et Mémoires*	id.
	Société d'ethnographie	id.
	Société de geographie	id.
	Société des Traditions populaires	id.
	Société Zoologique de France.—*Bulletins*	id.
	Société des sciences historiques et naturelles.—*Bulletins*	Sémur.
Grecia. . .	*Archaiologikè Hetairia*	Athènes.
	École Française d'Athènes	id.
	Société historique et ethnologique	id.
Hespanha. .	Asociación Artistico-Arquéologica Barcelonesa.—*Revista*	Barcelona.
	Universidad	id.
	Ateneo cientifico y litterario	Madrid.
	Biblioteca Nacional	id.
	Real Academia de la Historia —*Boletin*	id.
	Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos	id.
	Sociedad Esp. de Historia Natural.—*Actas.*—*Boletins.*—*Memorias*	id.
	Comición prov. de Monumentos historicos y artisticos.—*Boletin*	Orense.
	Revista de Aragón	Zaragoza.
Hollanda . .	Bibliothéque Royale	La Haye.
	Internationales Archiv für Ethnographie	Leide.
Hungria . .	Bibliothéque Nationale	Budapest.
	Ethnologische Mittheilungen aus Ungarn	id.
India Ingleza.	Anthropological Society.—*The Journal*	Bombay.
Inglaterra. .	Royal Irish Academy	Dublin.
	Royal Society of Antiquaries of Ireland	id.
	Society of Antiquaries of Scotland.—*Proceedings*	Edimbourg.
	Anthropological Institute of Great-Britain and Ireland.—*The Journal*—*Man* (monthly record)	Londres.
	British Archaeological Association	id.
	British Muséum	id.
	Geological Society of London.—*Abstracts of the proceedings*	id.
	Linnean Society of London.—*Proceedings*	id.
	Royal Archaelogical Institute of Great-Britain and Ireland	id.
	Society of Antiquaries of London	id.
Italia . . .	*Revista di Scienze biologique*	Como.
	Società italiana di Antropologia, Etnologia, etc.—*Archivio*	Firenze.
	Società reale	Napoli.
	Biblioteca nazionale	Roma.
	Bulletino di Paletnologia italiana	id.
	Cosmos	id.
	Museo preistorico	id.
	Reale Accademia dei Lincei.—*Notizie degli scavi di antichitá.*	id.
	Società italiana di scienze naturali.—*Atti*	id.
	Società romana di Antropologia.—*Atti*	id.

Japão	Anthropological Society of Tokyo.—*The Journal*	Tokio.
	Asiatic Society of Japan	id.
Mexico.	Museo nacional de ciencias	Cordobá.
	Instituto Geologico.—*Boletin.*	Mexico.
	Sociedad cientifica Antonio Alzate	id.
Portugal	Bibliotheca Municipal	Beja.
	Bibliotheca Nacional	Braga.
	Bibliotheca da Universidade	Coimbra.
	O Instituto.—Revista scientifica e litteraria	id.
	Sociedade Broteriana.—*Boletim.*	id.
	Bibliotheca Nacional.	Evora.
	Bibliotheca Municipal	Figueira da Foz.
	Sociedade Archeologica.—*Communicações*	id.
	Sociedade Martins Sarmento.—*Revista de Guimarães.*	Guimarães.
	Academia Real das Sciencias.—*Jornal das sciencias mathematicas, physicas e naturaes.*	Lisboa.
	Bibliotheca Nacional.	id.
	Direcção dos Trabalhos Geologicos.—*Boletim*	id.
	Museu da Eschola Polytechnica	id.
	Museu Ethnologico.—*O Archeologo Português.*	id.
	Sociedade de Geographia.—*Boletins*	id.
	Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes.—*Boletim*	id.
	Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes.—*Revista de Obras Publicas e Minas*	id.
	Sociedade pharmaceutica lusitana.—*Jornal.*	id.
	Sociedade das sciencias medicas.—*Jornal*	id.
	Bibliotheca Municipal	Porto.
	Instituto portuense de estudos e conferencias.—*Bol.*	id.
	Bibliotheca Municipal	Povoa de Varzim.
	A Tradição.—Revista de Ethnographia Portuguesa	Serpa.
	Broteria.—Revista de sc. nat. do Collegio S. Fiel	Soalheira.
Republica Argentina	Academia nacional de ciencias	Buenos-Ayres.
	El Monitor de la educacion común	id.
	Museo Nacional de Buenos-Ayres.—*Communicaciones.*	id.
	» » » » —*Anales del Museo.*	id.
	Sociedad cientifica Argentina.—*Anales*	id.
	Museo de La Plata	La Plata.
	Universidad.	id.
Romania	Societatea stiintifica si literara	Jassy.
	Société des mèdecins et des naturalistes.—*Bulletin*	id.
Russia.	Société Impériale des Amis des Sciences Naturelles, de l'Anthropologie et de l'Ethnographie	Moscow.
	Société Impériale archéologique.	id.
	Musée polytechnique	id.
	Académie Impériale des Sciences.—*Bulletin*	St. Pétersbourg.
	Comité Geologique.—*Bolletins.*—*Mémoires.*—*Bibliothèque géologique*	id
	Société des Naturalistes.—*Mémoires*	Kiew.
Suécia	*Kongl. Vitterhets Historie och Antikvitets Akademiens.*	Stockholm.
	Svenska Sällskapet för Antropologi och Geografi.—Ymer	id.
Suissa	Bibliothèque de la Ville. Société de Histoire Suisse	Berne.
	Société des Arts.—*Comptes-Rendus*	Genève.
	Société de Géographie	id.
	Société Vaudoise de sciences naturelles.—*Bulletins*	Lausanne.
	École Polytechnique.	Zurich.
	Jahrbuch für Schweizerische Geschichte	id.
Uruguay	Museo Nacional de Montevideo.—*Anales del Museo,* etc.	Montevideo.

INDICE GERAL

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO PRIMEIRO DA «PORTVGALIA»

SEGUNDO A CLASSIFICAÇÃO DO PROGRAMMA E NA ORDEM DOS AUCTORES

Prospecto e programma geral. . . . . V-VII

MEMORIAS

PALETHNOLOGIA — PALETHNOGRAPHIA — Pags.

A. Santos Rocha — *As arcainhas do Seixo e da Sobreda* (com 14 grav.) 13-22
F. Martins Sarmento — *A arte mycenica no noroeste de Hispanha* (com 12 gr.) 1-12
José Brenha — *Dolmens ou antas no concelho de Villa Pouca d'Aguiar* (com 10 gr. e 78 figs. em XVI est. lithogr.) . . . 691-706
José Fortes — *A necropole dolmenica de Salles* (Terras de Barroso) (com 14 gravuras) 665-686
M. V. Natividade — *Grutas de Alcobaça* (com 237 grav. em XXIV est.) . 433-474
Ricardo Severo — *As necropoles dolmenicas de Traz-os-Montes* . . . 687-690
— — *Commentario ao espolio dos dolmens do conc. de Villa Pouca d'Aguiar* (com 15 gravuras e 1 quadro). . 707-750

ANTHROPOLOGIA — ANTHROPOMETRIA

Fonseca Cardoso — *O minhoto d'Entre Cavado e Ancora* (com 10 gravuras, 2 graphicos e uma carta) 23-56
Fonseca Cardoso e Ricardo Severo — *O ossuario da freguesia de Ferreiró* (com 10 gravuras) 177-200

ETHNOGRAPHIA — FOLK-LORE

F. Adolpho Coelho — *A pedagogia do povo portuguès* . . 57-78, 201-226 e 475-496
José Picão — *Ethnogr. do Alto-Alemtejo* (com 5 gr.) 271-280, 535-548 e 751-756
Rocha Peixoto — *Os palheiros do littoral* (com 7 gravuras) 79-96
— — *As olarias de Prado* (com 94 gravuras) 227-270
Sousa Viterbo — *Subsidios para a formação do refraneiro ou adagiario portuguez* 513-534
Theophilo Braga — *Sobre as estampas ou gravuras dos livros populares portuguezes* (com 46 gravuras). 497-512

ARCHEOLOGIA — HISTORIA

Alberto Sampaio — *As «villas» do Norte de Portugal* . 97-128, 281-324, 549-584 e 757-806

VARIA

PALETHNOLOGIA — PALETHNOGRAPHIA

		Pags.
A. Gonçalves	— *Excavações nas ruinas de Conimbriga* (Condeixa-a-Velha) (com 2 gravuras)	359-365
A. Santos Rocha	— *A caverna dos Alqueves* (com 1 gravura)	333-338
—	— *A necropole luso-romana nos arredores de Lagos*. .	816-817
—	— *Dado romano proveniente das ruinas de Condeixa-a-Velha*	595-596
—	— *Estação luso-romana da Pedrulha* (com 1 gravura) .	593-595
—	— *Estação luso-romana da caverna do Bacelinho, na Serra de Alvaiázere*.	137-139
—	— *Estação neolithica da Ereira*	340-341
—	— *Estação romana de Formoselha* (com 2 gravuras) .	344
—	— *Lapide sepulchral de Zalamea de la Serena* . . .	600-601
—	— *Mobiliario neolithico disperso no valle inferior do Mondego e immediações, a E. do concelho da Figueira*	131-132
—	— *Mobiliario neolithico disperso no districto de Leiria* (com 1 gravura)	591-592
—	— *Mobiliario neolithico disperso no concelho de Nellas* (Beira-Alta) (com 5 gravuras).	810-812
—	— *Necropole luso-romana da Senhora do Desterro, em Montemór-o-Velho*	596-598
—	— *Nota sobre um adorno metallico existente no Museu da Figueira* (com 1 gravura)	592-593
—	— *Novo vestigio da epocha do cobre nas visinhanças da Figueira* (com 1 gravura)	341
—	— *Novos vestigios romanos no valle inferior do Mondego* (com 1 gravura)	139-140
—	— *Primeiras epochas dos metaes* (com 11 gravuras) .	342-343
—	— *Primeiros vestigios da epocha do cobre nas cercanias da Figueira* (com 3 gravuras).	132-134
—	— *Ruinas romanas de Ançã* (com 3 gravuras) . . .	814-816
—	— *Vestigios da epocha do bronze em Alvaiázere* (com 1 gravura)	135-136
Henrique Botelho	— *Instrumentos de bronze do concelho de Villa Real* (com 8 gravuras)	825-827
José Fortes	— *Lagar de Mouros* (com 1 gravura)	606-608
J. Nunes	— *Noticia sobre a necropole luso-romana nos arredores de Lagos*	817-818
P. Belchior da Cruz	— *Ruinas da Orca do Outeiro do Rato* (Beira-Alta) (com 2 gravuras)	812-813
Ricardo Severo	— *Estatueta romana de Soutello* (com 1 phototypia). .	129-130
—	— *Ex-voto de bronze da Collecção Manoel Negrão* (com 3 gravuras no texto e 1 phototypia)	325-331
Rocha Peixoto	— *A Pedra dos Namorados* (com 1 gravura). . . .	807-809
—	— *O Basto* (com 2 gravuras)	832-833
—	— *O penedo de Santa Comba*.	332
Sociedade Archeologica da Figueira . .		131-146, 333-359, 591-605 e 811-825

ANTHROPOLOGIA — ANTHROPOMETRIA

Fonseca Cardoso e Ricardo Severo	— *Nota sobre os restos humanos da caverna neolithica dos Alqueves*	338-340
—	— *Observações sobre os restos humanos da necropole de*	
—	*Nossa Senhora do Desterro*.	598-599

ETHNOGRAPHIA — FOLK-LORE

		Pags.
Armando da Silva	— *A alfaia maritima da ilha de S. Miguel* (com 21 gr.)	834-846
A. Thomaz Pires	— *Amuletos*	618-622
B. D. Coelho	— *Industria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de substancias textis no districto de Vianna do Castello* (com 13 grav. e uma est. chromolithographada)	369-378
Goltz de Carvalho	— *Amuletos de Buarcos* (com 3 gravuras).	347-349
João Jardim	— *Notas ethnographicas sobre os povos de Timor* . .	355-359
—	— *A ceramica em Timor*	823-825
J. Nunes	— *Costumes algarvios: O aguadeiro; Moinhos* . . .	384-388
—	— *Jogos infantis*	853-858
D. Luiz de Castro	— *A debulha no Ribatejo e outros pontos da Extremadura*	847-848
Mello de Mattos	— *As azenhas do rio Ardilla* (com 1 gravura) . . .	849-850
—	— *Cultura dos trigaes no Alemtejo*.	622-623
Oliveira Guimarães	— *Usos e costumes religiosos. Obitos*	851-853
P. Belchior da Cruz	— *Amphora de barro proveniente de Valencia del Cid* (com 1 gravura).	601-602
—	— *Pesos de tear* (com 3 gravuras)	378
P. F. Thomaz	— *Amuletos do concelho da Figueira*	604-605
—	— *A pesca em Buarcos* (com 10 gravuras)	147-154
—	— *A pesca fluvial* (Mondego) (com 7 gravuras) . . .	379-384
—	— *Ceramica negra nos districtos de Coimbra e Aveiro* (com 3 gravuras).	821-823
—	— *Nota sobre um grande vaso de barro existente no Museu* (com 1 gravura).	602
Rocha Peixoto	— *A origem d'uma formula magica*.	628-629
—	— *Do emprego ainda recente d'uma mó manual* (com 6 gravuras)	828-831
—	— *Os cêrcos*.	623-624
—	— *Uma iconographia popular em azulejos* (com 10 gr.)	585-590
R. Monteiro	— *Os palitos* (com 2 gravuras)	625-628
Sousa Viterbo	— *As candeias na industria e nas tradições populares portuguezas* (com 3 gravuras) .	365-368, 629-631 e 858-860
Tavares Teixeira	— *Folk-lore transmontano*	388-390, 631-632 e 862

ARCHEOLOGIA — HISTORIA

Albano Bellino	— *Habitação urbana* (com 8 gravuras).	613-618
A. Duarte Silva	— *As moedas recolhidas nas sepulturas do sitio da Egreja Velha, no Negrote*	146
Ferreira Loureiro	— *Alguns exemplares de architectura manuelina* (com 4 gravuras)	818-821
—	— *Fragmento de vidraça pintada em esmalte, proveniente do Mosteiro da Batalha* (com 1 gravura) .	344-346
—	— *Um azulejo do seculo XVII* (com 1 gravura) . . .	145-146
Goltz de Carvalho	— *Calix e relicario de prata da egreja de S. Pedro* (com 2 gravuras)	818
—	— *Delimitação das antigas villas de Buarcos e Redondos*	605
—	— *Signaes gravados em lages* (com 2 gravuras). . .	141
L. F. da Guerra	— *Uma povoação subterrada*.	609-612
P. A. d'Azevedo	— *Exogamia em Cibões no seculo XV*.	860-862
P. Belchior da Cruz	— *Arcabuzes de serpe e morrão* (com 2 gravuras) . .	603-604
P. F. Thomaz	— *Epigraphia do concelho da Figueira*	339-354
—	— *Inscripções e emblemas nos sinos das egrejas do concelho da Figueira*	141-144

NOTICIAS

		Pags.
F. Adolpho Coelho	—*Alfaia agricola portuguesa* (com 23 gr.) .	398-416 e 633-649
Ricardo Severo	—*A Sociedade Archeologica e o Museu municipal da Figueira da Foz* (com 1 gravura)	156-159
—	—*Noticia da Estação romana na Quinta da Ribeira, em Tralhariz* (com 3 gravuras)	391-398
—	—*A collecção archeologica de Albano Bellino, em Braga*	651-652
—	—*Os portuguezes segundo algumas photographias* . .	653
Rocha Peixoto	—*A «Sociedade Carlos Ribeiro»*	155
—	—*O Museu municipal do Porto*.	155-156
—	—*Commissão Archeologica do Porto*	159-160
—	—*Os archivos dos municipios*	160
—	—*A Carta geologica de Portugal*	650

OS MORTOS

Alberto Sampaio	—*F. Martins Sarmento* (com 1 retrato)	417-422
J. de Vasconcellos	—*Emilio Hübner* (com 1 retrato)	654-656
Ricardo Severo	—*Gabriel de Mortillet* (com 1 retrato).	161-162
Rocha Peixoto	—*Cecilia Schmidt Branco*	162
—	—*Eduardo Augusto Allen* (com 1 retrato)	422
—	—*Manoel Paulino de Oliveira* (com 1 retrato) . . .	423-424
—	—*Edmundo de Magalhães Machado*	424
—	—*Luciano Cordeiro* (com 1 retrato)	656
—	—*Teixeira de Aragão* (com 1 retrato).	863
—	—*Conde de Ficalho* (com 1 retrato)	864

BIBLIOGRAPHIA

Fonseca Cardoso	—*Indices cephalicos dos portuguezes*, de Alvaro José da Silva Basto	173-175
—	—*Estudo de anthropometria portugueza*, de Severino de Sant'Anna Marques	427-428
—	—*Noticia sobre uma série de craneos da ilha de Timor*, de João Gualberto de Barros e Cunha	428
—	—*Craneos portuguezes: Suturas*, de Antonio Aurelio da Costa Ferreira.	428-429
—	—*Os beirões*, de A. Gonçalves Lopes	659-660
—	—*O angulo biorbitario dos craneos portuguezes*, de Agostinho Viegas da Cunha Lucas	660
—	—*Estudos sobre a mandibula*, de Alexandre Alberto de Sousa Pinto	660
Ricardo Severo	—«*Ora maritima*». Estudo d'este poema por Martins Sarmento	163-171
—	—*Religiões da Lusitania*, de J. Leite de Vasconcellos .	172-173
—	—*A estação archeologica de Alvarelhos*, de José T. R. Fortes Junior	424-426
—	—*Medalhas do Museu municipal do Porto*, de Manoel Joaquim Pereira	426
—	—*Revista de Guimarães*	432
—	—*Antiguidades prehistoricas da Figueira*, de Antonio dos Santos Rocha.	657-659
—	—*Balineum luso-romano de S. Vicente de Pinheiro*, de José Fortes	865-866
—	—*Antropometria*, de D. Telesforo de Aranzadi . . .	869

		Pags.
Rocha Peixoto	—*L'Anthropologie et la Préhistoire en Espagne et en Portugal en 1897* e *Anuarios de bibliografia antropólogica de España y Portugal*, de D. Luis de Hoyos y Sáinz	175-176
—	—*Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*	176
—	—*Diccionario historico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*, de Sousa Viterbo	426
—	—*O dolmen da Barrosa*, de Mesquita Carvalho . . .	426
—	—*O problema agricola*, de Basilio Telles.	429-430
—	—*Estudo chimico e technologico sobre a ceramica portugueza moderna*, de Charles Lepierre	430
—	—*Materiaes para a historia da vida urbana portugueza. A mobilia, o vestuario e a sumptuosidade nos seculos XVI a XVIII*, de A. Thomaz Pires. . .	431
—	—*Collecção de elementos para a Historia do Concelho da Figueira*, de Pedro Fernandes Thomaz . . .	431
—	—*A industria portugueza (Seculos XII a XIX)*, de J. M. Esteves Pereira	661
—	—*Le Portugal*, de Varios	662-664
—	—*Bragança e Bemquerença*, de Albino Lopo. . . .	866-867
—	—*Lecciones de antropologia*, de D. Luis de Hoyos e D. Telesforo de Aranzadi	867-868
—	—*Cantos populares portuguezes*, de A. Thomaz Pires .	868-869
—	—*Le Saint Suaire d'Enxobregas*, de F. de Mély . .	869
—	—*Chansons et instruments*, de M. Lambertini . . .	869
—	—*Publicações scientificas*, de J. V. Barboza du Bocage	869

LISTA DOS COLLABORADORES LITTERARIOS

	Pags.
A. Duarte Silva	146
Albano Bellino	613-618
Alberto Sampaio	97-128, 281-324, 417-422, 549 584 e 757-806
Antonio Augusto Gonçalves	359 365
Antonio dos Santos Rocha	13-22, 131-140, 333-338, 340-344, 591-598, 600-601, 810-812 e 814 817
Armando da Silva	834-846
A. Thomaz Pires	618-622
Augusto Goltz de Carvalho	141, 347-349, 605 e 818
Balthazar Dias Coelho	369-378
F. Adolpho Coelho	57-78, 201-226, 398 416, 475-496 e 633-649
Ferreira Loureiro	145-146, 344-346 e 818-821
Fonseca Cardoso	23-56, 173-175, 177-200, 338-340, 427-429, 598-599 e 659 660
Francisco Martins Sarmento	1-12 e 165-171
Henrique Botelho	825-827
João dos Santos Pereira Jardim	355-359 e 823 825
Joaquim de Vasconcellos	654-656
José Brenha	691-706
José da Silva Picão	271-280, 535-548 e 751-756
José Fortes	606-608 e 665 686
José Joaquim Nunes	384-388, 817-818 e 853-858
Luiz de Castro (D.)	847-848
Luiz de Figueiredo da Guerra	609-612
Manoel Rodrigues Monteiro	629-628
Manoel Vieira Natividade	433-474
Mello de Mattos	622-623 e 849-850
Oliveira Guimarães	851-853
Pedro A. d'Azevedo	860-862
Pedro Belchior da Cruz	378, 601-602, 603 604 e 812-813
Pedro Fernandes Thomaz	141-144, 147-154, 349-354, 379-384, 602, 604 605 e 821-823
Ricardo Severo	129-130, 156-159, 161-162, 163-164, 172-173, 177-200, 325-331, 338-340, 391-398, 425-426, 426, 432, 598-599, 651-653, 657-659, 686-690, 707-750, 865-866 e 869
Rocha Peixoto	79-96, 155-156, 159-160, 162, 175-176, 227-270, 332, 422-424, 426, 429 431, 585-590, 623-624, 628-629, 650, 656, 661-664, 807-809, 828-831, 832-833, 863-864 e 866-869
Sousa Viterbo	365-368, 513 534, 629-631 e 858-860
Tavares Teixeira	388-390, 632-632 e 862
Theophilo Braga	497-512

LISTA DOS COLLABORADORES ARTISTICOS

	Pags.
Accacio Lino	828, 829
Albano Bellino	615
Alvaro Costa	865
Augusto Cabral	834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846
D. Aurelia de Sousa	241, 242, 243, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 265
Carlos Villares	92, 93, 95
D. Clotilde da Rocha Peixoto	247, 366, 367, 586, 587, 588, 589, 590, 832
E. Casanova	VI e 888
Ernesto Corrodi	585
Fonseca Cardoso	Des. original da est. I e II
Francisco Gil	93, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 379, 380, 381, 382, 383, 602
Francisco Loureiro	145, 346
G. B. Cristofanetti	865
Goltz de Carvalho	817, 818
G. Van Kricken	325, 425, 438
G. Vittorio Fiorentini	370, 371, 372, 374, 375, 376, 377
Hugo de Noronha	177, 395, 397, 399, 400, 401, 407, 408, 607, 683, 685, 692, 694, 696, 697, 701. Des. est. V e sep. VI a XXIX. Des. est. XXX a XXXXV
José Bielman	665
José Fortes	607
Julio Costa	807
Leopoldo Battistini	I, IV, 1, 163, 617. Chapas da capa e do frontispicio
Michelangelo Soá	9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 133, 135, 667, 668, 669, 672, 673, 675, 676, 679, 681, 682. Cop. est. I
M. Vieira Natividade	Des. originaes das est. VI a XXIX
Ricardo Severo	6, 179, 327, 329, 338, 745
Silvestro Silvestri	129, 163, 657
D. Sophia de Sousa	243, 244, 245, 248, 270

INDICE DAS ESTAMPAS E FIGURAS

N.º das estampas	Designação das estampas e figuras	Numeração das figuras
I	CARTA DA ESTATURA MEDIA DO MINHOTO. Des. F. Cardoso. Cop. M. Soá. Lith. Nacional.	
II	GRAPHICOS DOS INDICES E ESTATURA DO MINHOTO. Des. F. Cardoso. Lith. Nac.	
III	JUPITER, estatueta romana de Soutello. Frente e costas. Phototypia de E. Biel.	
IV	EX-VOTO (bronze) DE SOUTELLO DE ARNOIA. Phototypia a côr de E. Biel.	
V	TECIDOS DE VIANNA. Est. colorida. Des. Hugo de Noronha. Lith. Nacional.	
	GRUTAS DE ALCOBAÇA. Des. M. V. Natividade. Scp. H. Noronha. Lith. E. Biel.	
VI	Pontas de lança de silex	1 a 6
VII	Pontas de lança de silex	7 a 12
VIII	Pontas de flecha	13 a 27
IX	Laminas de silex trapesoidaes	28 a 39
	Nucleos de silex	40 a 42
X	Pontas de lança e de flecha partidas	43 a 50
	Buris de silex	51 a 54
	Raspadores de silex	55 a 58
XI	Facas de silex e serras	58 a 66
XII	Machados polidos	68 a 75
XIII	Machados polidos	76 a 77
	Placas de schisto com gravuras	78 a 80
XIV	Placas de schisto com gravuras	81 a 88
XV	Alfinetes de osso com corôa ornamentada	89 a 93
	Bracelete de *Pectunculus*	94
	Caninos perfurados de animaes	95 a 100
	Ponta de veado perfurada	101
	Placa de marfim com entalhas	101 *a*
XVI	Contas de ribeirite	102 a 116
	Contas de azeviche	119 a 121
	Conta de quartzo hyalino	117
	Contas de schisto	118 e 118 *a*
	Placa furada de spatho calcareo	128
	Conta de calcareo	129
	Pedaço de *Pecten*	130
XVII	*Instrumentos de osso.* — Estyletes e furadores	131 a 136
XVIII	» » » — Punhal de osso	137
	Idem — Espatulas, agulhas e furadores	138 a 149
XIX	*Ceramica.* — Vasos e fragmentos de louça ornamentada	150 a 165
XX	Idem — Fragmentos de louça ornamentada	166 a 174
XXI	Idem — Vasos completos e restaurados	175 a 182
XXII	*Armas de cobre.* — Ponta de lança	184 a 187
	» » » — Ponta de flecha	188
	» » » — Cinzel de cobre	188 *a*
XXIII	*Armas de bronze.* — Ponta de lança	189
	» » » — Pontas de flecha	190 a 198
	» » » — Estyletes	195 a 197
XXIV	*Objectos de bronze.* — Fibulas	199, 201, 203
	» » » — Anneis, etc.	200, 202, 204
	» » » — Furador	205
	» » » — Cabo de carretilha	208

N.º das estampas	Designação das estampas e figuras	Numeração das figuras
	GRUTAS DE ALCOBAÇA.	
XXV	Objecto de calcareo jurassico.	211
	Fragmentos de spatho calcareo	212 e 215
	Conta de vidro azul	213
	Cabo de instrumento, de bronze.	216
	Placas perfuradas	209, 210 e 214
XXVI	*Utensilios e armas de cobre.* — Machados	217 a 219 e 221 a 225
	» » » » » — Lamina de punhal	220
XXVII	Armillas de bronze	226 e 227
	Estatueta de bronze, representando a *Victoria*	228 e 229
	Conta de osso.	230
	Instrumento de schisto	231
	Esculptura antropomorphica de osso.	232
XXVIII	Grande machado de pedra polida	233
	Objecto de cobre, fragmento de enfeite	234
	Grande vaso. Dolio	235
	Machado de fibrolite com entalhas longitudinaes	236
XXIX	Planta da provincia archeologica de Alcobaça, 1899.	
	DOLMENS DE VILLA POUCA DE AGUIAR. Des. H. Nor. Scp. e Lith. E. Biel.	
XXX	Laminas de silex, pontas, machados de pedra polida, etc.	1 a 15
XXXI	Fragmentos de louça	16 e 17
	Pedras com insculpturas circulares, covinhas	18 a 25
XXXII	Pedras com covinhas.	27 a 30, 32, 33 *bis*
	Utensilio de gume, com covinhas	31 *bis*
XXXIII	Objectos amuleticos de pedra, perfurados	34 a 41, 46
	Diversas pedras amuletiformes	42 a 45
XXXIV	Pedras de varias formas com symbolo solar.	47 a 49
	Esculpturas zoomorphicas.	51 a 53
XXXV	Esculpturas zoomorphicas.	54 a 60
	Pingente de osso	60 *a*
XXXVI	Esculpturas anthropomorphicas.	58 a 60
XXXVII	Pedras com gravuras de animaes geminados.	61 e 62
	Objectos amuleticos com desenhos d'animaes	63 a 66 *a*
XXXVIII	Machadinha amuletica com des. de scena de caça	66 *b*
	Instrumento polido com desenho d'animal.	67 e 67 *a*
	Pedra denominada «Arca de Noé», com gravuras e esculpturas de animaes, 1.ª face.	68
XXXIX	A mesma, 2.ª face	68
XXXX	A mesma em tres posições.	68
XXXXI	A mesma em tres posições.	68
XXXXII	Bloco, gr. nat., com gravura de animal	69
XXXXIII	Bloco, gr. nat., com grav. de animaes geminados	70
	Pedra, gr. nat., com scena de caça	71
XXXXIV	Pedras com impressões e caracteres alphabetiformes	72 a 76
	Pedra com gravura de animal e marcas	75
XXXXV	Pedra furada, com caractéres alphabetiformes	77
	Instrumento symbolico com caractéres.	78

LITHOGRAPHIAS DE E. BIEL & C.ª—PORTO
C. SOUSA & FILHO—PORTO

INDICE DAS GRAVURAS INTERCALADAS NO TEXTO

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
1-2	Cabeçalho. Motivo allegorico para prospectos e cartazes. Lettra inicial E. Desenho de L. Battistini	V
3	*Pola Grey*. Sello da *Portvgalia*. Desenho de E. Casanova	VI
4	A *mulêta*, barco do Tejo. Estylisação de L. Battistini	VIII
5-6	Cabeçalho, estylisação da *Pedra Formosa* da Citania de Briteiros. Lettra inicial P. Desenho de L. Battistini	1
7-8	Tetrascelo e triscelo de Mycenas. Reprod.	2
9	Parte de triscelo. Petrographia da Citania de Briteiros	3
10	Pedra com o triscelo da *Citania*.	4
11	Insculpturas da *Citania* de Briteiros. Tetrascelo, etc.	4
12	Pedra com meios-relevos, da *Citania*: cruz e triscelo.	5
13	Objecto de Mycenas. Reprod. Des. R. S..	6
14	Pedra de padieira da *Citania* com petrogliphos. Triscelo, roseta	7
15	Idem.	8
16	Objecto de Mycenas. Reprod..	8
17	Pedra de humbreira ornamentada da *Citania*. Des. M. Soá	9
18	Desenho de uma porta de Mycenas. Reprod. Des. M. Soá	9
19	*Pedra Formosa*, fragmento. Des. M. Soá	10
20	Objecto de Mycenas. Reprod. Des. M. Soá	10
21	*Pedra Formosa*, fragmento. Des. M. Soá	11
22	Vaso de Creta. Reprod. Des. M. Soá	12
23	Plano de uma *arcainha*. Tumulus-dolmen do Seixo. Des. M. Soá.	14
24-25	Fragmentos de louça ornamentada d'estas *arcainhas*. Des. M. Soá	15
26-27	Idem	16
28-29	Idem.	17
30	Idem.	18
31	Plano de uma *arcainha* de Sobreda. Des. M. Soá.	19
32	Desenhos a traços vermelhos no supporte da *arcainha* da Sobreda. Des. M. Soá.	20
33	Raspador de silex. Des M. Soá	20
34	Vaso de argilla, de Sobreda. Des. M. Soá	21
35-36	Fragmentos de louça, id. Des. M. Soá.	22
37-38	Photographia do typo hyperdolichocephalo, do Minhoto d'Entre Cavado e Ancora	29
39-40	Photographia do typo dolichocephalo, id.	35
41-42	Photographia do typo brachycephalo, id.	39
43-44	Photographia do typo louro caracteristico, id.	45
45-46	Photographia do typo mesaticephalo-dolichoide moreno, etc., id.	51
47	Planta d'um palheiro. Buarcos	87
48	Um aspecto da Cova de Lavos. Phot. R. P..	91
49	Uma rua na Cova de Lavos. Des. C. Villares.	92
50	Palheiro junto á linha das altas marés. Des. C. Villares	93
51	Palheiro isolado com dois accessos. Phot. R. P.	94
52	Palheiro com cobertura de colmo e telha. Des. C. Villares	95
53	*Tabula votiva* da capella da Encarnação em Buarcos. Cop F. Gil	96
54-55	Cabeçalho e Lettra inicial N. Motivos de ourivesaria popular. Des. Silvestro Silvestri	129
56-57	Fragmentos de louça ornamentada do *Castro* de Brenha (Figueira da Foz). Des. M. Soá	133
58	Ponta de setta de cobre da mesma proveniencia.	134
59	Arma de bronze de Alvaiázere. Des. M. Soá	140
60	Planta de um forno metallurgico romano de Portunhos.	145

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
61-62	Signaes gravados em lages d'uma egreja de Buarcos. Des. G. de Carvalho	141
63	Um azulejo do seculo XVII. Des. F. Loureiro	145
64	Lancha poveira. Buarcos. Des. F. Gil	147
65	Barcos de pescada. Des. F. Gil	148
66 a 68	Redes de pescada, de rasca, sardinheira. Des. F. Gil	149
69	Barco de sardinha (meia-lua). Des. F. Gil	150
70	Barco *mulêta*. Des. F. Gil	150
71	Arte ou rêde da sardinha (de arrasto). Des. F. Gil	151
72	Rêde *enxalavar*. Des. F. Gil	152
73	Barcos utilisados para armazens e depositos de rêdes. Des. F. Gil	153
74	A secção de prehistoria do Museu Municipal da Figueira. Phot. R. S.	158
75	Retrato de Gabriel de Mortillet	161
76	Cabeçalho. Canga de bois. Des. de L. Battistini	163
77	Lettra inicial P. Canga de bois. Des. de S. Silvestri	163
78	Cabeçalho. Craneos de Ferreiró. Phot. R. S. Des. H. Noronha	177
79	Lettra inicial C. Des. H. Noronha	177
80	Planta da bacia do Ave. Situação de Ferreiró. Des. R. S.	179
81	Craneo, typo dolichocephalo desharmonico. Perfil. Phot. R. S.	181
82	O mesmo. Norma verticalis. Phot. R. S.	181
83	Craneo, typo brachycephalo. Perfil. Phot. R. S.	183
84	O mesmo. Norma verticalis. Phot. R. S.	183
85	Craneo, typo dolichocephalo harmonico. Face. Phot. R. S.	189
86	O mesmo. Norma verticalis. Phot. R. S.	189
87	O mesmo. Perfil. Phot. R. S.	191
88	Craneo, typo mesatycephalo. Perfil. Phot. R. S.	196
89	O mesmo. Norma verticalis. Phot. R. S.	196
90	Olaria em S. Thiago de Francellos (Prado). Phot. R. P.	237
91	Olaria e forno em Francellos. Phot. R. P.	239
92 a 100	Louça vidrada. Formas da olaria popular (Prado). Des. S. Sousa	241
101 a 108	Idem	242
109 a 113	Louça fosca. Exemplares de vasos de uso domestico. Des. S. Sousa	243
114 a 120	Idem	244
121 a 125	Louça preta. Exemplares de vasos de uso domestico. Des. A. Sousa	245
126	Ornamentação do vasilhame do Prado. Des. C. Rocha Peixoto	247
127 a 129	Louça vidrada ornamentada. Des. S. Sousa	248
130 a 132	Estatuaria zoomorphica do Prado. Des. A. Sousa	250
133 a 135	Idem	251
138 a 141	Reproducções em barro de accessorios do vestuario. Des. A. Sousa	252
142-143	Estatuaria de argilla. Iconographia domestica e rural. Des. A. Sousa	252
144 a 147	Idem	253
148	Idem	254
149 a 153	Estatuaria de argilla. Reproducção de assumptos religiosos, caricaturas e outros. Des. A. Sousa	254
154 a 157	Idem	255
158 a 161	Idem	256
162-163	Idem	257
164-165	Idem	258
166	Idem	259
167 a 169	Esculpturas de animaes geminados, combinações de animaes. Des. A. Sousa	259
170 a 172	Esculpturas de animaes imaginarios. Des. A. Sousa	260
173-174	Esculpturas de grupos com animaes e figuras anthropomorphicas. Des. A. Sousa	260
175	Idem	261
176-177	Brinquedos de argilla. Reproducções de vasilhame e outros utensilios. Des. A. Sousa	262
178 a 182	Brinquedos de argilla. Instrumentos de musica. Des. A. Sousa	263
183	Feira da loiça em Arcos de Val de Vez. Des. A. Sousa	265
184-185	Cabeçalho e Lettra inicial O. Motivo de olaria popular portugueza. Des. Van-Kricken	325
186-187	Detalhes do Ex-voto de bronze da collecção M. Negrão. Des. R. S.	327
188	Idem	329
189	Adorno de osso da caverna dos Alqueves (Figueira). Des. R. S.	338
190	Ponta de dardo, de cobre, da Cumieira	341
191 a 201	Objectos de cobre e bronze do Museu de Badajoz	342
202-203	Objectos de ferro da estação romana de Formoselha (Concelho da Figueira)	344
204	Planta dos alicerces do edificio romano do logar do Casal (Concelho da Figueira)	344
205	Fragmento de vitral do Mosteiro da Batalha. Des. F. Loureiro	346
206 a 209	Amuletos de Buarcos	348
210	Mosaico romano das ruinas de Conimbriga. Phot. J. Henriques	361
211	Idem	363
212	Candeia popular, de Mirandella. Des. C. R. Peixoto	366
213	Candeia do Porto. Des. C. R. Peixoto	366
214	Candeia de Bragança. Des. C. R. Peixoto	367
215-216	Maça e espadella para bater linho (Vianna do Castello). Des. Fiorentini	370
217 a 221	Cardas e pentes para o trabalho do linho (Vianna). Des. Fiorentini	371
222	Sarilho para formar as meadas do linho (Vianna). Des. Fiorentini	372

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
223	Dobadoura para enovellar as meadas (Vianna). Des. Fiorentini	374
224	Tear ordinario de uso caseiro (Vianna). Des. Fiorentini	375
225	Secção longitudinal do tear. Des. Fiorentini	376
226	Detalhe do tear. Des. Fiorentini	377
227	Disposição da trama e urdidura. Des. Fiorentini.	377
228 a 233	Pesos de tear cordiformes (Concelho da Figueira).	378
234	Varinos pescando (Concelho da Figueira). Des. F. Gil	379
235-236	Rêdes botirão e corôa. Des. F. Gil.	380
237-238	Rêde-nassa e rêde-folle. Des. F. Gil.	381
239	Pesca ao esteiralho. Des. F. Gil	382
240	Barco cahique. Des. F. Gil	383
241	Vista das excavações na Quinta da Ribeira em Tralhariz. Phot. R. S	393
242	Mosaico romano de Tralhariz. Phot. R. S. Des. H. Noronha	395
243	Reconstituição da parte principal do mosaico. Des. H. Noronha	397
244 a 246	Alfaia agricola portugueza. Enxada de peto, de picareta e larga. Des. H. Noronha	399
247 a 249	Enxadões (Evora). Des. H. Noronha	400
250	Enxada de ganchos (Bragança). Des. H. Noronha	401
251	Arado de Bragança. Des. H. Noronha	407
252	Charrua *labrego* de Thomar. Des. H. Noronha.	408
253	Retrato de F. Martins Sarmento. Ampliação de um clichè de R. S.	419
254	Retrato de Eduardo Augusto Allen.	422
255	Retrato de Manoel Paulino de Oliveira	423
256-257	Cabeçalho e Lettra inicial A. Motivo de rocas e fusos. Des. Van-Kricken	425
258-259	Cabeçalho e Lettra inicial R. Motivo, objectos prehistoricos nacionaes. Des. V. Kricken	433
260	Fac-similes de gravuras dos livros populares portuguezes. Da *Vida de Cacasseno*	498
261	Da *Vida de Cosme Manhoso*	498
262	Da *Historia dos Tres Corcovados*	498
263	Da *Historia da Donzella Theodora.*	499
264	Da *Historia do Touro Branco Encantado*	499
265	Da *Historia de D. Quixote de la Mancha*	500
266	Da *Historia dos Sete Infantes de Lara*	500
267	Do *Auto de Santo Aleixo*	501
268	Da *Tragedia do Marquez de Mantua.*	501
269	Da *Historia do Propheta e Santo Rei David*	502
270	Da *Vida de Santa Maria Egypciaca*	502
271	Da *Historia do Califa Cegonha*	502
272	Da *Mascara de Ferro.*	503
273	Da *Historia de Paulo e Virginia*	503
274	Da *Historia de Flores e Branca Flor*	503
275	Da *Tragedia do Marquez de Mantua.*	503
276	Da *Historia de João de Calais*	503
277	Da *Historia dos Amores de Mathilde*	503
278	Da *Historia de Gil Braz de Santilhana*	503
279	Da *Historia de D. Quixote de la Mancha*	503
280	Da *Tragedia de D. Ignez de Castro*	504
281	Dos *Contos de Fadas e Lobishomens*	504
282	Da *Historia da Imperatriz Porcina*	505
283	Da *Historia do Anão Amarello e da Ave Azul*	505
284	Da *Historia do Imperador Carlos Magno*	506
285	Da *Cornelia* ou a *Victima da Inquisição*	506
286	Do *Conselheiro dos Amantes*	507
287-288	Do *Fadinho Lisboeta*	507
289	Dos *Dois Namorados da Aldeia*	507
290	Do *Auto do dia de Juizo*	508
291-292	Do *Lunario Perpetuo.*	508
293	Idem	509
294	Do *Seringador*	509
295	Do *Borda-de-Agua*	509
296 a 303	Do *Lunario Perpetuo.* Signos do Zodiaco	510
304	Do *Auto da Padeira de Aljubarrota*	511
305	Do *Lunario Perpetuo.*	512
306	*Monte* da Maria (Concelho de Elvas). Phot. J. d'Abreu	538
307	*Monte* da Cochixolla (Concelho de Elvas). Phot. J. d'Abreu	539
308	*Monte* de Alcobaça (Concelho de Elvas). Phot. J. d'Abreu	542
309	*Monte* da Torre de Siqueira (Concelho de Elvas). Phot. J. d'Abreu	543
310	*Monte* das Algueirinhas (cencelho de Elvas). Phot. J. d'Abreu	546
311-312	Cabeçalho e Lettra inicial D. Motivo, azulejo do seculo XVII. Des. Corrodi	585
313-314	Azulejos portuguezes. Iconographia popular. Des. C. R. Peixoto	586
315-316	Idem	587
317-318	Idem	588
319 a 321	Idem	589
322	Idem	590
323	Moinho prehistorico de duas mós (Concelho de Leiria)	592

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
324	Adorno de bronze do Museu da Figueira	593
325	Tijolo da estação luso-romana de Pedrulha (Figueira)	594
326	Peça de bronze, de cinto, da Pedrulha	595
327	Amphora de barro de Valencia del Cid (Hespanha)	601
328	*Dolio* do Museu da Figueira. Des. F. Gil	602
329	Arcabuz de serpe e morrão	603
330	Detalhe do arcabuz	603
331	Planta e córtes do Lagar de Mouros. Des. J. Fortes. Cop. H. Noronha	607
332	Casa da rua de Valle de Donas (Guimarães). Phot. M. Carneiro	613
333	Casa da rua de S. Marcos (Braga). Phot. M. Carneiro	613
334	Planta da antiga rua do Souto (Braga). Phot. M. Carneiro	614
335 a 338	Typos de janellas. Des. A. Bellino	615
639	Casa da rua de S. Marcos (Braga). Phot. M. Carneiro	615
640	Casa da rua de Camões (Guimarães). Phot. M. Carneiro	517
341	Casa dos Coimbras na rua de S. João (Braga). Phot. M. Carneiro	617
342	Casa do Campo da Vinha (Braga). Phot. M. Carneiro	617
343	Os palitos. Des. L. Battistini	625
344	Fabricante de palitos. Phot. Sousa Pinto	626
345	Alfaia agricola portugueza. *Grade* de Bragança	633
346	*Ansinho* de Bragança	635
347	*Foice dentada* de Bragança	636
348	*Gadanha* para feno de Bragança	636
349	*Foice roçadoura* de Evora	637
350	*Trilho* de Bragança	641
351	*Forcado* de madeira de Evora	644
352	*Forquilha* de madeira de Evora	645
353	*Rendo* de Bragança	645
354	*Forcado* de ferro de *carregar*, de Evora	645
355 a 359	*Pás da eira* de Bragança e Evora	646
360	*Gancho de ferro, ferro de esmoitar* (?) de Beja	648
361	Retrato de Emilio Hübner	654
362	Retrato de Luciano Cordeiro	656
363-364	Cabeçalho e Lettra inicial F. Motivo, utensilios populares. Des. S. Silvestri	657
365-366	Cabeçalho e Lettra inicial S. Motivo, mosaico romano. Des. J. Bielman	665
367	Dolmen da Veiga de Mãos de Salles. Phot. J. Fortes. Des. M. Soá	667
368	Planta do mesmo	668
369	Dolmen da Veiga de Salles. Phot. J. Fortes. Des. M. Soá	669
370	Planta do mesmo	672
371	Dolmens da Veiga de Salles. Phot. J. Fortes. Des. M. Soá	673
372-373	Plantas de dolmens arruinados	675
374-375	Idem	676
376	Dolmen (2.º typo) da Veiga de Salles. Phot. J. Fortes. Des. M. Soá	679
377	Dolmen das Mourellas (Salles). Phot. J. Fortes. Des. M. Soá	681
378	Planta do mesmo	682
379	Fragmento do esteio d'um dolmen de Salles com pictographias. Des. H. Noronha	683
380	Idem	685
381	Planta do dolmen n.º I do Concelho de Villa Pouca d'Aguiar. Des. H. Noronha	692
382	Dolmen n.º I. Phot. R. S.	693
383	Planta do dolmen n.º IV. Des. H. Noronha	694
384	Dolmen n.º IV. Phot. R. S.	695
385-386	Plantas dos dolmens n.os V e VI. Des. H. Noronha	696
387	Planta do dolmen n.º VII. Des. H. Noronha	697
388	Dolmen n.º VII. Phot. R. S.	699
389-390	Plantas dos dolmens n.os VIII e X. Des. H. Noronha	701
391 a 393	Objectos amuletiformes dos dolmens do Concelho de Villa Pouca d'Aguiar. Phot. R. S.	709
394	Pedra em fórma de batrachio. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	713
395	Esculptura zoomorphica. Batrachio. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	717
396	Esculptura anthropomorphica. Mulher. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	719
397	Objecto amuletiforme com gravura de animal. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	721
398	Pedra com gravuras de animaes geminados. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	723
399	Pedra com esculpturas e insc. de animaes. *Arca de Noé*. Mesma prov. Phot. R. S.	725
400	Pedra com gravura de um animal. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	729
401 a 403	Pedras com covinhas. Phot. R. S.	737
404	Objecto symbolico com caractéres alphabetiformes. Mesma proveniencia. Phot. R. S.	739
405	Objecto symbolico perfurado, com caract. alphabetiformes. Mesma prov. Phot. R. S.	743
406	Quadro synoptico de caractéres alphabetiformes. Des. R. S.	745
407-408	Cabeçalho e Lettra inicial M. Motivo, tecidos populares de Vianna. Des. Julio Costa	807
409	A pedra dos namorados. Lage com esculptura anthropomorphica a meio relevo. Phot. R. P.	808
410	Clava de schisto, perfurada, do logar de Villar Secco, concelho de Nellas (Beira-Alta)	811
411 a 414	Instrumentos neolithicos da mesma proveniencia	812
415-416	Vasilhas de barro da *Orca do Outeiro do Rato* (Beira-Alta)	813
416	Mosaico romano de Ançã	814

Numeração geral das gravuras	Designação das gravuras e collaboradores artisticos	Pags.
418	Friso ornamentado, romano, de argamassa e estuque (Ançã)	815
419	Mosaico romano de Ançã com a cruz	816
420	Calix de prata da egreja de S. Pedro (Buarcos). Des. G. de Carvalho.	817
421	Relicario de prata da mesma proveniencia. Des. G. de Carvalho	818
422	Janellas da egreja dos Anjos (Montemór-o-Velho). Phot. F. Loureiro	819
423	Porta lateral da egreja de Alcobaça. Phot. F. Loureiro	820
424	Janella d'um predio em Tentugal, id.	821
425	Portico da egreja de S. Marcos (S. Martinho d'Arvores), id.	821
426	Vasilha de ceramica negra de Coimbra e Aveiro	822
427-428	Idem	822
429 a 431	Machados de bronze do concelho de Villa Real.	826
432	Chave de bronze de Bujões (Villa Real)	826
433	Objecto de bronze. Fibula (?) de Matheus (Villa Real)	827
434	Estylete de bronze. Mesma proveniencia.	827
435	Alfinete de cobre ou bronze de Rio Torto (Valpassos)	827
436	Fivella de bronze. Mesma proveniencia	827
437	Mó manual (Castro de Guifões). Des. Accacio Lino	828
438	Corte da mó de Guifões. Des. A. Lino	828
439	Mó de mão actual (Beiriz). Des. A. Lino	829
440	Corte da mó de Beiriz. Des. A. Lino	829
441	Mó de mão actual (Nabaes). Phot. R. P.	830
442	Mó de mão actual (Terroso). Des. C. R. P.	831
443-444	O Basto. Esculptura lusitana. Des. C. R. P.	832
445	*Gatoeiro.* Alfaia maritima da ilha de S. Miguel. Des. A. Cabral	834
446	*Inchalavar.* Idem. Des. A. Cabral	835
447-448	*Bésta* e *Pregueiro.* Idem. Des. A. Cabral	836
449	*Rêde de chicharro.* Idem. Des. A. Cabral	837
450-451	*Camoeiro* e *Inchalavar.* Idem. Des. A. Cabral	838
452-453	*Manga,* descendo e despejando. Idem. Des. A. Cabral	839
454 a 456	*Tarrafa,* ao ser lançada, cahindo n'agoa, no acto de ser puchada. Id. Des. A. Cabral.	840
457	*Tresmalho.* Idem. Des. A. Cabral	841
458	Planta de uma enseada com barcos lançando a rêde de cercar. Des. A. Cabral	842
459	*Rêde de emmalhar.* Idem. Des. A. Cabral	842
460	*Barco* ou *jeque de pesca.* Idem. Des. A. Cabral	843
461 a 463	*Lasca,* vista exterior, interior, secção. Idem. Des. A. Cabral	844
465-465	*Remo,* alçado e planta. Idem. Des. A. Cabral	845
466	*Cofre.* Idem. Des. A. Cabral	845
467	*Barco da Villa.* Idem. Des. A. Cabral	846
468	Moinho da rio Ardilla. Phot. M. Mattos.	849
469	Retrato de Augusto Carlos Teixeira de Aragão.	863
470	Retrato do Conde de Ficalho	864
471	Cabeçalho. Motivo, ferragens nacionaes. Des. A. Costa	865
472	Lettra inicial T. Mesmo motivo. Des. Cristofanetti	865
473	Sello allegorico da *Portvgalia.* — POLA GREY. Des. E. Casanova	888

PHOTOGRAVURAS DE P. MARINHO & C.ª—LISBOA
MARQUES ABREU & C.ª—PORTO

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFFICINAS DA «IMPRENSA MODERNA»
Rua Duque de Loulé n.os 101 a 107 — PORTO

ACABADO EM 24 DE OUTUBRO DE 1903

POLA
GREY

BNP
EFG0000958012